

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Fábio Monteiro

**O CINEMA DE PATRICIO GUZMÁN: HISTÓRIA E MEMÓRIA ENTRE AS
IMAGENS POLÍTICAS E A POÉTICA DAS IMAGENS**

DOUTORADO EM HISTÓRIA

SÃO PAULO
2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Fábio Monteiro

**O CINEMA DE PATRICIO GUZMÁN: HISTÓRIA E MEMÓRIA ENTRE AS
IMAGENS POLÍTICAS E A POÉTICA DAS IMAGENS**

DOUTORADO EM HISTÓRIA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em História sob a orientação da Professora Doutora Vera Lucia Vieira.

SÃO PAULO

2021

Banca Examinadora

Profa. Dra. Mariana Villaça _____

Profa. Dra. Maria Penafria _____

Prof. Dr. Fabián Nuñez _____

Prof. Dr. Urbano Nóvoa _____

Prof. Dr. Mauro Peron _____

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Processo 88887.313324/2019-00

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Code 88887.313324/2019-00

AGRADECIMENTOS

A presente pesquisa é fruto de um desejo de mais de dez anos de se pensar e fazer o cotidiano através de filmes, teorias e filosofias do cinema. Reunir os fatores práticos para a realização de uma pesquisa acadêmica requer uma dose de sorte e duas de persistência. Dentre as pessoas que tiveram protagonismo nessa alquimia estão a professora Vera Lucia Vieira que, com a sensibilidade de costume, equilibrou confiança e controle e a minha família, Sueli Cursino, George Monteiro e Jânio Giannico e Livia Sierra, esta que com seu amor e inestimável companheirismo se manteve por perto. Os meus agradecimentos ao Danilo Cursino e Nubia de Almeida pelo constante incentivo a um caminho melhor, Sérgio de Lima pela fraternidade e Natacha Scherbovsky e Silvana Mariani pelas oportunidades de um diálogo franco e próspero. Além da admiração que sempre tive pelos professores Mariana Villaça, Fabián Nuñez, Mauro Peron e Maria Penafria, deixo aqui registrado o sentimento de virtude por tê-los como companhias nessa pesquisa. Por fim, mas não menos importante, registro os meus agradecimentos ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) que deu suporte necessário à finalização dessa pesquisa.

Para a minha irmã
Nathália Monteiro

O CINEMA DE PATRICIO GUZMÁN: HISTÓRIA E MEMÓRIA ENTRE AS IMAGENS POLÍTICAS E A POÉTICA DAS IMAGENS

RESUMO:

A pesquisa analisa as interpretações históricas produzidas pela cinematografia de Patricio Guzmán. Nascido em 1941, o realizador desenvolveu uma carreira transnacional com produções no Chile, Espanha, Cuba e Paris. Renomado internacionalmente desde a sua segunda produção, *A Batalha do Chile* (1975-1979), ele ainda segue na ativa elaborando o que divulgou como sendo uma tetralogia iniciada a partir de *Nostalgia da Luz*, em 2010. A pesquisa se ancora na existência de três trilologias, a saber: *A Insurreição da Burguesia* (1975), *O Golpe de Estado* (1976) e *O Poder popular* (1979) que compõem a “A batalha do Chile”; depois *Chile, memória obstinada* (1997), *O Caso Pinochet* (2001) e *Salvador Allende* (2003) que compõem a chamada “trilogia dos testemunhos” e, por fim, *Nostalgia da Luz* (2010), *O Botão de Nácar* (2015) e *A cordilheira dos Sonhos* (2019) aqui denominada de “trilogia da imensidão íntima”. A partir desse pressuposto, a pesquisa compreende que essas obras dialogam com os avanços e limites estabelecidos pela historiografia do Chile contemporâneo ao transitarem de imagens valoradas como diretas e destinadas à denúncia política em direção a uma poética que flerta com a exegese das imagens. Em paralelo, os filmes promovem um itinerário autorreflexivo que contempla a monumentalização de sua cinematografia.

Palavras-chave: Chile; Guzmán; Salvador Allende; Unidad Popular; Concertación;

ABSTRACT

This research analyzes the historical interpretations produced by Patricio Guzmán's cinematography. Born in 1941, Guzmán has developed a transnational career making movies in Chile, Spain, Cuba and Paris. Worldwide awarded since *La Batalla de Chile* (1975-1979), he is still active developing what he calls as a tetralogy started in 2010 with *Nostalgia for the light*. The investigation is anchored in the existence of three trilogies, namely: *La insurrección de la burguesia* (1975), *El golpe de Estado* (1976) and *El poder popular* (1979) that make up the “La batalla de Chile”, then *Chile, la memoria obstinada* (1997), *El caso Pinochet* (2001) and *Salvador Allende* (2003) that make up the “trilogy of testimonies” and, finally, *Nostalgia de la luz* (2010), *El botón de nácar* (2015) and *La cordillera de los sueños* (2019) that compose the “trilogy of intimate immensity”. From this assumption, the research understands that these works dialogue with the advances and the limits established by the historiography of contemporary Chile while moving from images valued as direct and destined to poticial denunciation towards a poetics that flirts with the exegesis of images. Besides it, the films promote a self-reflective itinerary that contemplates the monumentalization of its own cinematography.

Keywords: Chili; Guzmán; Salvador Allende; Unidad Popular; Concertación;

RESUMEN:

La investigación analiza las interpretaciones históricas producidas por la cinematografía de Patricio Guzmán. Nacido en 1941, el realizador ha desarrollado una carrera transnacional con producciones en Chile, Cuba, España y París. Reconocido internacionalmente desde su segunda producción, *La batalla de Chile* (1975-1979) sigue en activo desarrollando lo que publicó como una tetralogía que comenzó con *Nostalgia de la luz*, en 2010. La investigación se basa en la existencia de tres trilogías, a saber *La Insurrección de la burguesía* (1975), *El golpe de Estado* (1976) y *El poder popular* (1979) que componen a “*La batalla de Chile*”; luego *Chile, la memoria obstinada* (1997), *El caso Pinochet* (2001) y *Salvador Allende* (2003) que conforman la denominada “*trilogía de los testimonios*” y, finalmente, *Nostalgia de la luz* (2010), *El botón de nácar* (2015) y *La cordillera de los sueños* (2019) aquí denominada de “*trilogía de la inmensidad íntima*”. A partir de estos supuestos, la tesis entiende que estas obras dialogan con los avances y límites de la historiografía del Chile contemporáneo al pasar de imágenes valoradas como directas y destinadas a la denuncia política hacia una poética que elabora una exégesis de las imágenes. Paralelamente, las películas promueven un itinerario autorreflexivo que contempla la monumentalización de su cinematografía.

Palavras-chave: Chile; Guzmán; Salvador Allende; Unidad Popular; Concertación;

ABSTRAIT:

Cette recherche analyse les interprétations historiques produites par la cinématographie de Patricio Guzmán à la lumière de l'historiographie du Chili contemporain. Né en 1941, le réalisateur a développé une carrière transnationale avec des Productions au Chili, en Espagne, à Cuba et à Paris. De renommée internationale jusqu'à sa deuxième production, *La Batalla de Chile* (1975-1979), il développe toujours activement ce qu'il a publié comme une tétralogie à partir de *Nostalgia de la luz* (2010). La recherche est ancrée sur l'existence de trois trilogies, à savoir: *La insurrección de la burguesía* (1975), *El golpe de Estado* (1976) et *El poder popular* (1979) qui composent la “*La Batalla du Chile*”; puis *Chile, la memoria obstinada* (1997), *El caso Pinochet* (2001) et *Salvador Allende* (2003) qui composent la soi-disant “*trilogie des témoignages*” et, enfin, *Nostalgia de la luz* (2010), *El botón de nácar* (2015) et *La cordillera de los sueños* (2019) qui composeraient une “*trilogie de la immensité intime*”. À partir de cette hypothèse, la recherche comprend que ces œuvres dialoguent avec les avancées et les limites établies par l'historiographie du Chili contemporain en passant d'images valorisées comme directes et destinées à la dénonciation politique vers une poétique qui flirte avec l'exégèse des images. En parallèle, les films promeuvent un itinéraire autoréflexif qui contemple la monumentalisation de leur cinématographie.

Mots clés: Chili; Patricio Guzmán; Salvador Allende; Unidad Popular; Concertación;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 01 - AMÉRICA LATINA, GUERRA FRIA E CINEMA	52
1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O NUEVO CINE LATINOAMERICANO	64
1.2 NUEVO CINE LATINO, NUEVO CINE CHILENO	73
1.2 FRANCIA, RUÍZ E LITTÍN NO VÓRTICE DE 1969	80
1.3 AS EXPRESSÕES DO CINEMA DA <i>UNIDAD POPULAR</i>	85
CAPÍTULO 02 – AS DEMIURGIAS DE A BATALHA DO CHILE	98
2.1 A <i>INSURREIÇÃO DA BURGUESIA</i> E O TOM FATALISTA DO EXÍLIO	99
2.2 O <i>GOLPE DE ESTADO</i> E A EMERGÊNCIA DAS IMAGENS HOSTIS	152
2.3 AS OBJETIVAÇÕES DO <i>PODER POPULAR</i>	195
QUESTÕES PRELIMINARES	195
CAPÍTULO 03 – AS MEMÓRIAS DA TRILOGIA DOS TESTEMUNHOS	247
3.1 AS CONTRADIÇÕES DA DEMOCRACIA PROTEGIDA	248
3.2 AS AMBIVALENCIAS DE CHILE, MEMÓRIA OBSTINADA	265
3.3 AS FRONTEIRAS DOS TESTEMUNHOS EM TORNO DO CASO PINOCHET	315
3.4 TRÊS VEZES ALLENDE	353
CAPÍTULO 04 - UMA TRILOGIA POÉTICA PARA O CHILE DO SÉCULO XXI	379
4.1 A EMERGÊNCIA DE UMA TRILOGIA DA IMENSIDÃO ÍNTIMA	386
4.2 A CONSTELAÇÃO DE PERSONAGENS GUZMANIANA	393
4.3 O QUE RESTA DO ESTADO DE EXCEÇÃO	401
CONSIDERAÇÕES FINAIS	411
BIBLIOGRAFIA	415
ENTREVISTAS REALIZADAS	442
FILMOGRAFIA	442
ANEXOS	448

INTRODUÇÃO

Em seu diário de filmagem¹ de *La Batalla de Chile*, Patricio Guzmán relata que, no dia golpe militar, 11 de setembro de 1973, ele saiu de casa pelas 8h30 da manhã com a câmera e o gravador para encontrar Federico Elton, um companheiro com quem trabalhava desde os tempos da filmagem de *El Primer Año* junto da *Chile Films*. Juntos, eles buscariam outros colegas para mais um dia da filmagem que se desenvolvia desde fevereiro daquele ano. A ostensiva presença policial pelo centro de Santiago foi relativizada, afinal “*hay disturbios todos los días*”.

Elton decidiu parar o carro e consultar um carabineiro que, sorrindo, afirmou aos jovens que haveria “*disparos, aviones y toda clase de sorpresa*”. Guzmán e seu colega pensaram que se tratava de uma piada - “*quien sabe un desfile*”, cogitou Guzmán, pois não havia “*otros sintomas de que ocurra algo*”. Mais adiante, próximos da Praça Baquedano, envolvidos num tráfego intenso, Elton recorreu a um colega motorista que tinha rádio em seu veículo e que, com um sorriso nos lábios, respondeu: “*hay golpe de Estado. Se sublevaron los militares y hay una junta de gobierno*”. A lembrança de que “o golpe começou pelos rádios” ecoou pelas décadas e emergiu nos depoimentos do jornalista italiano Paolo Hutter na apresentação do filme *Santiago, Itália*, lançado por Nanni Moretti em 2018, conforme será visto adiante.

Em sua introdução, Moretti oferece uma panorâmica da atual capital Santiago ao som de manifestações sociais. Então, a montagem se faz presente com a inserção de uma sequência de vinte segundos de uma

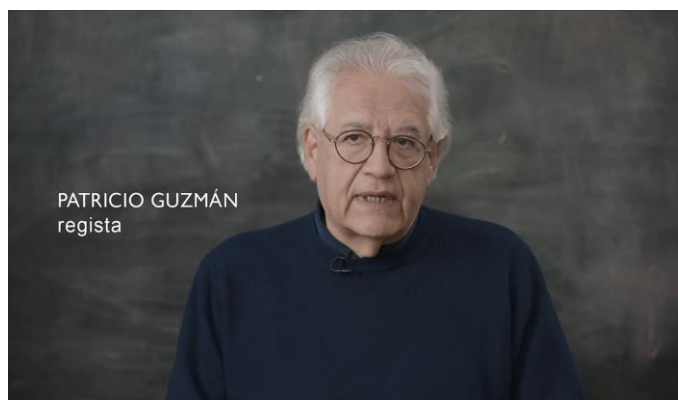


Imagem 01 - Patricio Guzmán participa de *Santiago, Itália* realizado em 2018 por Nanni Moretti

¹ GUZMÁN, P.; SEMPERE, P. *El cine contra el fascismo*. Valencia: Fernando Torres, 1977. Trata-se de um livro raro, esgotado no mercado internacional e, para a consecução da presente pesquisa, foi encomendada uma cópia original da primeira edição a fim de tornar o seu conteúdo acessível ao público latino-americano.

cena em preto e branco: estamos em 1970 e uma multidão atravessa em diagonal da direita para o primeiro plano empunhando palavras de ordem: “*a esquerda unida jamais será vencida!*”. A dimensão sonora da cena incorpora a voz de comando de Patricio Guzmán² dizendo “*sincrônico!*” à equipe, uma forma de convocação à ação, de tomada de partido diante da realidade.

Pode-se suspeitar que a assimilação do comando técnico do diretor à equipe de filmagem – “*sincrônico!*” – talvez seja o resultado de um manejo de Moretti visando reforçar uma filiação ética, isto é, política diante das imagens em devir. Visto de outra forma, a montagem das imagens cinematográficas de Guzmán junto do argumento fílmico do italiano no século XXI revela tanto as cesuras com o passado quanto as demandas por memória e reparação simbólicas que marcam a cinematografia do cineasta chileno.

Aliás, se seguirmos esse raciocínio, o que seria “contemporâneo”, senão, justamente, essa relação singular que as imagens do período da *Unidad Popular* provocam ao promoverem identificação enquanto exigem distanciamento? Isto porque, quando se assume a ótica agambeniana, entende-se como contemporâneo

aquele que não coincide verdadeiramente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo.³

Uma vez reconhecido esse horizonte temporal, a obra de Moretti ganha melhores contornos para se especular, por exemplo, porque a maioria dos chilenos depoentes nos primeiros quinze minutos do filme – artesãos, empresários e operários – registram os seus testemunhos em italiano, e não na língua nativa? Talvez um indício de como foram “*undermined by the loss of something left behind forever*”,⁴ como apontaria Edward Said em suas reflexões sobre o exílio?

Mas, o que nos interessa aqui são os depoimentos dos cineastas Carmen Castillo, Miguel Littín e Patricio Guzmán que revelam com acuidade como eram *contemporâneos* ao governo Allende. Castillo, por exemplo,

² As cenas são de *A Batalha do Chile*, como confirmado por e-mail pela produtora do filme de Moretti.

³ AGAMBEN, *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2009, p. 59

⁴ SAID, E. *Reflections on exile : & other literary and cultural essays*. New York: Granta, 2013, p. 180

ressalta no filme que vivia “*um sonho desperto, uma sociedade inteira em estado amoroso, um instante eterno em que a esperança não é amanhã, é hoje, no presente*”. Quanto a Guzmán, após ecoar a euforia de Castillo, ele se recorda daquela manhã em companhia de Elton descrita em seu diário

escutamos a primeira mensagem de Allende e ficamos bastante surpreendidos, isto é bastante sério – vai ocorrer finalmente um golpe de estado. Chegamos no ~~s~~ nosso estúdio e ouvimos mais duas mensagens de Allende e nos baixou uma sensação de assombro, perplexidade e depois de medo, as duas coisas pouco a pouco. Não tínhamos o que fazer, estávamos as cinco pessoas no estúdio e estávamos indecisos. Então, eu disse ao cinegrafista Jorge Muller, “vamos ao La Moneda pra ver o que passa, pra ver se se pode filmar”. Caminhamos cerca de duzentos metros com tiroteios por todos os lados. Nas casas, as pessoas abriam as janelas aplaudiam quando ouviam tiros. E quando os aviões começaram a passar, cada rasante era como se fosse um gol, era terrível.

Ao longo da manhã, as rádios transmitiram a declaração da Junta Militar que, apoiada pelos carabineiros, dizia que o presidente da República deveria proceder à entrega imediata de seu cargo. Ato contínuo, a população acompanhou a transmissão da resposta do presidente Salvador Allende afirmando o seu compromisso “*irrevogável de continuar defendendo o Chile*”, tal como se ouve ao final de *O golpe de Estado* (1975), de Patricio Guzmán. Por volta das 11h30, começaram os bombardeios aéreos sobre o Palácio La Moneda.

O realizador chileno foi uma das milhares de pessoas aprisionadas no Estádio Nacional já na semana seguinte ao golpe. Retomando o seu diário, ele continua dizendo que, após ter permanecido em casa junto de sua família, Paloma e duas filhas,



Imagem 02 – Prisioneiros no encarcerados no Estádio Nacional no filme homônimo de Carmen Parot, de 2001

por toda a semana, eles decidiram dar um passeio no dia de domingo. Ao retornar para casa pouco antes do toque de recolher às cinco e meia da tarde, dois carabineiros bateram à sua porta perguntando sobre o apartamento vizinho. A visita era somente um pretexto para retornarem minutos depois e levarem Guzmán ao quartel. Ao perguntar sobre as razões da condução, Guzmán ouviu que seria “*por ser amigo de Eduardo Paredes*”, ex-presidente da *Chile Films* e que havia sido fuzilado dois dias após o golpe.

Após duas semanas de confinamento, convivendo com simulações de fuzilamentos, fome, torturas psicológicas e físicas, Guzmán foi um dos que acordaram com os tremores causados pela movimentação de cinco tanques de guerra em torno do Estádio. Corria à boca pequena que iam ler uma lista de saída e Guzmán estava entre os duzentos e cinquenta nomes libertados. Pelas onze horas da manhã, os libertados foram chamados para um rito burocrático que levou cerca de duas horas: fotografias de frente e de lado e uma arenga que consistia nos seguintes dizeres

é obrigatório regressar imediatamente às suas casas. É obrigatório respeitar o toque de recolher. É obrigatório ler a Imprensa Oficial e respeitar suas indicações. É proibido falar sobre os prisioneiros do Estádio Nacional. É proibido de realizar reuniões em lugares públicos e privados. É proibido participar de qualquer atividade política.

Guzmán, então, apresenta em seu diário uma *imagem* interessante e complexa que dialoga com as narrativas fundacionais que Annette Wieviorka denominou de “*A Era dos testemunhos*”:⁵ uma vez liberados, Guzmán e mais sete colegas atravessaram uma multidão obsequiosa de notícias sobre familiares e parentes e seguiram sem direção até se sentarem na calçada para refletirem se “*seguimos todos juntos? Primeiro telefonamos às nossas casas? Vamos de ônibus? Chamamos um táxi? Nos dispersamos ou seguimos unidos?*”⁶

Perplexos e tomados por incertezas, Guzmán e um colega decidiram tomar um microônibus no qual permaneceram de pé sendo observados de soslaio pelos passageiros. Enquanto alguns baixaram os olhos, outros “*cravaram os olhos nas janelas ou seguiram lendo mecanicamente seus*

⁵ WIEVIORKA, A. *The Era of the witness*. NY: Cornell University, 2006. A imagem de desolação a que nos referimos também é afim àquela que encerra o filme *Uma noite de doze anos* de Álvaro Brechner, 2018.

⁶ SEMPERE, P.; GUZMÁN, P. Op. Cit., 1977

jornais. Ninguém fala em voz alta. O nosso aspecto chama a atenção e, de imediato, compreendemos que todos sabem de onde viemos".⁷

Ouvimos, através dessa *imagem*, o relato de Primo Levi que, ao desembarcar em solo alemão em sua viagem de retorno à casa após a libertação de Auschwitz, afirmou ter sido instado pelo forte sentimento de que

cada um [dos alemães] deveria nos ter interrogado, ler em nossos rostos quem éramos, e ouvir humildemente a nossa história. Mas ninguém olhava em nossos olhos, ninguém aceitou o desafio: eram surdos, cegos e mudos, entrincheirados entre as próprias ruínas como num fortim de desejado conhecimento.⁸

O colega de Guzmán foi tomado de conversa por uma senhora que chorou ao dizer que o seu marido também estava no Estádio há três semanas. Mesmo ainda ensombrados pelas ordens marciais e frustrados pela força negacionista dos olhares dos presentes, ele começou a contar tudo quanto tinham visto e vivido, "*sin importarle nada*", como que tomado por um senso de "dever de memória"

Dessa constatação inicial parte a presente pesquisa, ou seja, de que aquele senso de "*dever de memória*", o imperativo de que "*tínhamos algo a dizer, coisas enormes a dizer a toda e qualquer pessoa em particular: sentíamos a urgência de tirar conclusões, de perguntar, explicar e analisar*",⁹ ainda atualmente, anima a produção fílmica de Patricio Guzmán. Em 2019, ele lançou *La cordillère de songes*,¹⁰ um filme realizado com "*lentes holísticas*" e que "*investiga a montanha que cobre 80% do território nacional, divide o país e expressa a psiquê da sociedade*".¹¹ O autor se refere ao filme como uma "*carta de amor*" ao país¹² e, em suas entrevistas dedicadas às estreias internacionais,

⁷ Idem, idem.

⁸ LEVI, P. *A trégua*. São Paulo: Cia das Letras, 1997. p. 114. Escrito entre 1961 e 1962, o livro narra os 35 dias de retorno à casa do Leste Europeu à Itália e, junto com "*É isto um homem?*", tornou-se um dos paradigmas da literatura de testemunho.

⁹ LEVI, P. idem, p.114

¹⁰ O filme foi estreado na Seleção Oficial do Festival de Cannes, em maio de 2019. Vencedor do Prêmio "*L'oeil D'or*" de melhor documentário, conta com a produção de Renata Sachse, distribuição de Pyramide Distribution e estreou no Chile em abril de 2020.

¹¹ GUZMÁN, P. *I want Chile to improve through my films*. Entrevista com Rebecca Wilson para Sounds and Collors em 21/10/2019. Disponível em: <<https://soundsandcolours.com/articles/chile/i-want-chile-to-improve-through-my-films-an-interview-with-patricio-guzman-48339/>> Acessada em 02/11/2019

¹² GUZMÁN, P. Cannes 2019: *An interview with Patricio Guzmán*. Entrevista com E. Nina Rothe para a ICS Film em 27/05/2019. Disponível em: <<https://icsfilm.org/features/cannes-2019-interview-patrizio-guzman/>> Acessada em 01/11/2019

ainda é possível encontrar referências à “*pesquisa da memória do Chile sob diferentes ângulos*”¹³ ou o desejo de que “*o Chile melhore através*”¹⁴ de seus filmes, quiçá “*recuperando a sua infância e alegria*”.¹⁵

Quando se toma a *imagem* como um conceito operatório,¹⁶ as gretas e ranhuras do “*muro*”¹⁷ protagonista desse filme mais recente oferece aos nossos olhares as variadas expressões de seu estranho semblante, afinal, “*as rochas testemunhariam toda a história do Chile*”.¹⁸

Uma de nossas hipóteses é de que a sua cinematografia não apenas dialoga com a produção acadêmica historiográfica a respeito do Chile contemporâneo, mas



Imagem 3 - Cenas iniciais de *A cordilheira dos sonhos*, finalizado em 2019 e que dá margem a uma tetralogia fílmica

também a integra, atravessando os debates que buscam entender a dinâmica histórico-cultural chilena. Ademais, dialoga também com a evolução da opinião pública de seu país expressa em pesquisas quantitativas e qualitativas realizadas por diferentes institutos. Dentre eles, o *Latinobarómetro*¹⁹ que revela que, desde o período da *Concertación*, período de redemocratização do país, o posicionamento político da população chilena oscilou entre o autoritarismo e a

¹³ GUZMÁN, P. *Há uma certa depressão mental no Chile – uma depressão mental, entenda-se, que se deve à montanha*. Entrevista para Paulo Portugal na Insider 21/09/2019. Disponível em: <<http://www.insider.pt/2019/09/12/patricio-guzman-ha-uma-certa-depressao-no-chile-uma-depressao-mental-entenda-se-que-se-deve-a-montanha/>> Acessada em 02/11/2019

¹⁴ GUZMÁN, P. *I want Chile to improve through my films*. Entrevista com Rebecca Wilson em 21/10/19. Sounds and Collors idem

¹⁵ GUZMÁN, P. IDFA Guest of Honor Patricio Guzmán on chilean soul and mountains. Entrevista concedida a Emilio Mayorga na Variety, *Variety*, 19/11/2019. Disponível em: <<https://variety.com/2019/film/festivals/idfa-patricio-guzman-the-cordillera-of-dreams-1203220444/>> Acessado em 02/12/2019

¹⁶ Didi-Huberman, Georges. *Diante do tempo – História da Arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2015, p. 50

¹⁷ GUZMÁN, P. IDFA Guest of Honor Patricio Guzmán on chilean soul and mountains. idem

¹⁸ GUZMÁN, P. ‘*The Cordillera of dreams*’ director’s Patricio Guzmán discusses the new generation of documentary filmmakers. Entrevista com Elisabet Cabeza para a Screen Daily em 21/05/2019. Disponível em: <<https://www.screendaily.com/features/the-cordillera-of-dreams-director-patricio-guzman-discusses-the-new-generation-of-documentary-filmmakers/5139766.article>> Acessada em 02/10/2019

¹⁹ As pesquisas do *Latinobarómetro* estão todas disponíveis em seu portal oficial: <<http://www.latinobarometro.org/latCodebooks.jsp>> e na seção “Anexos”.

democracia. Se em 1995 era de 15% a parcela da população que acreditava que *“em algumas circunstâncias, um governo autoritário pode(ria) ser preferível”*, em 2013 encontrou seu menor índice (10%), recrudescendo a partir de 2016, para atingir 23% em 2018. Por outro lado, no mesmo ano de 1995, o índice daqueles que acreditavam que *“a democracia (era) melhor que qualquer forma de governo”* era de 52% em 2018 atingiu o patamar de 58%. Mas, o índice de pessoas que acreditavam *“na democracia como solução dos problemas”*, caiu de 46% para 40% no mesmo período.

Em relação às bússolas tradicionais herdadas da Modernidade, o índice de pessoas que afirmaram ser de *“esquerda”* caiu cerca de dois pontos percentuais, enquanto aquelas que se autodenominaram de *“direita”* subiu cerca de quatro pontos percentuais no mesmo período. Por fim, os índices de confiança interpessoal, assim como a credibilidade das instituições, também diminuíram significativamente.

De acordo com o pesquisador norte-americano Jason Brennan,²⁰ esse é um cenário fértil para o revigoramento de dois tipos de cidadãos democráticos que sempre existiram, os *“hobbits”* e os *“hooligans”*. Os primeiros seriam *“apáticos e ignorantes sobre assuntos políticos”* e teriam *“um conhecimento superficial sobre o mundo e política nacional”*, eles prefeririam *“se importam mais com seu cotidiano a investir disposição em assuntos políticos”*. Já os *“hooligans”* seriam os *“torcedores raivosos da política”*, donos de *“pontos de vista genéricos e fixos sobre quaisquer assuntos”* e com uma forte tendência a *“procurar informações que confirmam suas convicções pré-existentes”* ao mesmo tempo em que refutam ou violentam argumentos ou posições contrárias a elas.

Definidos o cenário e as personagens, o enredo histórico se tornou, talvez, mais previsível, pois o Chile novamente se mostrou um país dividido e com um capital literalmente em chamas. Mas não somente devido às grandes mobilizações sociais que ficaram conhecidas como *“estallido de octubre”*

²⁰ O livro de Jason Brennan foi publicado em 2017 em Portugal pela Gradiva. As páginas iniciais da obra, assim como diversas resenhas acadêmicas estão disponíveis na internet. Para nossos fins, além das resenhas, foi consultado o original disponível em: <<http://assets.press.princeton.edu/chapters/s10843.pdf>> Acessado em 03/10/2019

(2019-2020).²¹ Um mês antes, em onze de setembro de 2019, um grupo de sessenta pessoas deu publicidade às vozes negacionistas com um inserto no jornal *El Mercurio*²² intitulado “*El 11/09/1973 Chile se salvo de ser como es hoy Venezuela*”. O grupo de abaixo-assinados apresentou treze citações políticas dispostas em três seções contendo argumentos históricos descontextualizados que sugerem uma suposta cronologia dotada de relação causal – *Allende utilizo la violencia y la ilegalidade para imponer una Dictadura Leninista Marxista, Las Instituciones Republicanas y la Sociedad Civil Rechazaban la Agresión Totalitaria, Opiniones Posteriores al 11 de Septiembre de 1973*.

Dentre as citações que justificariam o que chamam de “contrarrevolução” em nome da “defesa da democracia”, tem-se frases de líderes de esquerda dos anos setenta afirmando que o “*Chile se transformará em um novo Vietnã histórico se a sedição pretender assenhorar-se de nosso país*”. Concomitantemente, intervenções públicas de políticos louvando a intervenção armada, a exemplo das palavras do ex-presidente Gabriel González Videla no *Te Deum* da Gratidão Nacional realizado no mesmo setembro de 2019 quando teria afirmado “*não ter palavras para agradecer as Fuerzas Armadas Chilenas de ter nos salvado do comunismo. Estávamos todos a ponto de perecer dada a organização paramilitar que eles têm organizado*”.

O informe jornalístico não foi um caso isolado, pois, na apresentação da biografia monumental do ex-ditador chileno, Amorós declara que “*o fantasma de Pinochet volta a agitar o Chile*”.²³ Intitulada “*o retorno de Pinochet*”, a apresentação enumera vários casos que denotam o mal-estar social provocado por agentes institucionais, digamos, *anti-iluministas* (“*hooligans*”, de acordo com Brennan) que insistem em negar as evidências históricas. Dentre eles, Amorós dá destaque ao protagonismo de uma jovem deputada direita Camila Flores²⁴ (do partido de extrema-direita, Renovação Nacional) que, em suas

²¹ HEISS, Claudia. Chile: entre o surto social e a pandemia. *Carolina Analysis*, Madrid, Espanha: Carolina Foundation, **18**: 1-14, 2020.

²² “El polémico inserto que afirma que el 11 de septiembre de 1973 “Chile se salvó de ser como es hoy Venezuela”, disponível em:

<<https://www.elmostrador.cl/dia/2019/09/11/el-polemico-inserto-que-afirma-que-el-11-de-septiembre-de-1973-chile-se-salvo-de-ser-como-es-hoy-venezuela/>> Acessado em 02/11/2019. O inserto está disponível na seção “Anexos” da tese.

²³ AMORÓS, M. *Pinochet, biografía militar y política*. Barcelona: Ediciones B, 2019, p. 19

²⁴ De acordo com o Wikipedia, Camila nasceu em 09/02/1987 e teria sido a sexta deputada mais bem eleita pelo Distrito 06 com cerca de 15,2 mil votos. O único deputado socialista entre os cinco primeiros

sessões públicas, dedicava “*cataratas de elogios*” ao ex-ditador, definindo-se orgulhosamente como “*pinochetista*”, declarando que ele teria sido “*absolutamente necessário*”.²⁵

Sexta deputada mais bem eleita pelo distrito de Valparaíso, ela conquistou visibilidade midiática em fins de 2019 ao rasgar fotos de vítimas da repressão policial de Piñera ao *estallido de octubre*. Atualmente na década de 2020, ela tem a sua liderança política ladeada por Pablo Kast, do Partido *Evolución Política*, filho de Miguel Kast, ex-presidente do Banco Central na ditadura pinochetista e sobrinho de José Kast, a maior expressão da extrema-direita entre os políticos mais tradicionais e derrotado pelo jovem Gabriel Boric no segundo turno das eleições de dezembro de 2021. O saldo final do pleito foi de 55,9% contra 44,1%²⁶.

Para este crescimento da direita chilena em muito continua contribuindo a imprensa, em particular um dos mais lidos jornais do Chile, o *El Mercurio*. Esse centenário jornal foi tema de uma vasta pesquisa acadêmica em 2008,²⁷ que revelou seus vínculos com a CIA de Henry Kissinger na orquestração do golpe militar, assim como no apagamento dos casos de violações dos direitos humanos durante a ditadura militar de Pinochet. Dentre os resultados da pesquisa, houve a produção do filme *El diario de Agustín*, dirigido pelo veterano Ignacio Agüero, mas conduzido pelos próprios jovens jornalistas da Universidad Católica onde foi exibido com uma significativa acolhida da imprensa santiaguina.

colocados seria Marcelo Rodríguez do Partido Socialista com cerca de 20 mil votos. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Camila_Flores>

²⁵ AMORÓS, idem, p. 20

²⁶ Conforme <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/12/19/gabriel-boric-e-eleito-presidente-do-chile.ghtml>> Acessado em 22/12/2021

²⁷ Para saber mais a respeito, sugere-se uma entrevista com Agüero disponível em: <<https://sanasideas.files.wordpress.com/2013/06/para-la-cia-agustin-edwards-era-el-mejor-de-sus-hombres.pdf>> Acessada em 02/12/2019

Essas frações revelam o estado de coisas da sociedade chilena. Quando questionado a esse respeito, Guzmán diz que acompanhou com expectativas as revoltas estudantis de 2006, também chamadas de



Imagem 4 - A chamada *revolta dos pinguins*, de 2006, pelo filme homônimo de Carlos Pronzato

“Revolta dos Pinguins”,²⁸ mas que a *“oposição chilena se mostra muito fraca e precisaria de tempo para sair da atual crise”*.²⁹ E sobre as relações entre cinema e política, o realizador continua com ares melancólicos ao afirmar que *“essa é uma tarefa muito dura”* e, hoje em dia, seria *“praticamente impossível de se fazer filmes totalmente políticos”*.³⁰

Essas seriam algumas das razões que levaram o autor a recorrer aos cientistas e artistas plásticos em seus filmes mais recentes, lançados desde *Nostalgia da luz*, de 2010. O apelo poético dessas obras afasta o cinema da agitação das ruas e do forte apelo arquivístico que teria marcado a chamada *“segunda trilogia”*³¹ e, assim, abre mais espaço para as entrevistas, para o tempo intensivo da conversa e para a contemplação.

Mas, apesar de reconhecer que Guzmán se refere ao “político”, sobretudo, pela ótica das *“narrativas totalizantes”* (LYOTARD, 1979) que comandaram o *“breve século XX”*, (HOBSBAWM, 1994) talvez seja possível confrontar o seu entendimento se agregarmos outras paisagens teóricas aos nossos olhares. Isto é, talvez seja possível operar a “política” na medida em que se tem em vista as *origens* de seu cinema, as tensões dialéticas entre as

²⁸ Esses eventos foram registrados e interpretados em dois filmes: *“La rebelión pingüina”*, de Carlos Pronzato (2008) e *“La revolución de los pingüinos”*, de Jaime Lavanchy (2013). Para saber mais <<http://sumare.edu.br/Arquivos/1/raes/10/protagonismo-juvenil.pdf>>

²⁹ GUZMÁN, P. *Há uma certa depressão mental no Chile – uma depressão mental, entenda-se, que se deve à montanha*. Entrevista para Paulo Portugal na Insider 21/09/2019. Disponível em: <<http://www.insider.pt/2019/09/12/patricio-guzman-ha-uma-certa-depressao-no-chile-uma-depressao-mental-entenda-se-que-se-deve-a-montanha/>> Acessada em 02/11/2019

³⁰ Idem.

³¹ Cf. RICCIARELLI, C. *El cine documental según Patricio Guzmán*. Santiago: FIDOCs, 2010.

imagens do passado e do presente e em como as suas fricções tornam visíveis aspectos ainda negligenciados da história chilena.

Para tanto, tem-se um diálogo com a obra de Didi-Huberman quando ele propõe uma “*dimensão de análise crítica, de reflexividade negativa, de intimação*”³² que torne legível as equivalências operadas ao longo da cinematografia de Guzmán, seus intentos memorialistas e históricos, assim como seus possíveis devires no contemporâneo. Consoante a essas considerações, ao manejar as fibras da memória, a pesquisadora Biénzobas detectou a atualidade do cinema de Guzmán ao afirmar que

De maneira recorrente, os filmes de Guzmán abordaram essas discordâncias sociais, especialmente em suas primeiras realizações que, muitas vezes, retratam-nas dedicando atenção especial aos rostos individuais de um país dividido. Cada um com suas esperanças, seus desesperos, medos, raivas, convicções, arrogâncias e determinações, anônimos ou identificáveis; nas ruas, nas fábricas, em trapos, macacões de trabalho ou fardas militares. Seria possível olhar seus documentários dos anos setenta somente se concentrando nos olhares para se sentir as paixões construtivas e destrutivas que movimentavam o Chile daquele tempo.³³

Em seu artigo elaborado por ocasião da homenagem que a seção “*Retrospectiva*” do *International Documentary Filmfestival Amsterdam* (IDFA) prestou ao cineasta, a pesquisadora fez um balanço de sua cinematografia em torno do que considerou como suas principais categorias, dentre elas “*dever de memória*”, “*resistência obstinada*” e “*esquecimento*”. Um de seus tópicos se torna particularmente interessante à presente pesquisa, “*testemunhos de uma batalha interminável*”.³⁴ Nele, Biénzobas abrevia como a realização da chamada ‘primeira trilogia’ de Guzmán, *A Batalha do Chile – A luta de um povo sem armas* (1975-1979), lançado em 1975, já demonstrava a consciência de se estar “*filmando a história enquanto ela ocorre*”, assim como a presença de suas imagens nos filmes dos anos noventa revelou, tanto a ignorância da juventude da época sobre seu passado recente, quanto a “endêmica” polarização política da sociedade.

³² DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Ed. 34, 2010, p.171

³³ BIÉNZOBAS, P. *the duty of memory in the films of Patricio Guzmán: resisting obstinate oblivion*. Disponível em: <<https://www.idfa.nl/en/article/118773/the-duty-of-memory-in-the-films-of-patricio-guzman%C3%A1n-resisting-obstinate-oblivion>> Acessado em 03/12/2019

³⁴ “*Testimonies of a Endless Battle*” no original

A história é conhecida e vale a pena considerar brevemente alguns de seus desdobramentos iniciais. Após duas semanas de encarceramento no Estádio Nacional, o autor partiu para o exílio na França e lá tentou encontrar condições de finalizar a produção daquele que originalmente se chamaria *El Tercer año*, cujas filmagens haviam sido iniciadas em fevereiro de 1973 e daria sequência aos seus projetos anteriores (*El Primer Año* e *El paro de octubre*), que abordaram os dois primeiros anos do governo Allende, ou seja, 1971-1972.

Para tanto, ele recorreu a colegas realizadores, atores e atrizes de prestígio, mas se viu sem aporte financeiro e condições materiais para levar a cabo a finalização do filme. Assim, consultou o cineasta francês Chris Marker³⁵ - com quem o filme também tinha um compromisso, como será visto mais adiante - e aceitou o convite de Alfredo Guevara, então presidente do *Instituto Cubano de Artes y Indústria Cinematográficos* (ICAIC); que, junto de Saúl Yelín, seu Diretor de Relações Internacionais, disseram que “*se tinham dificuldades, que fossem à Cuba e teriam tudo, absolutamente tudo para terminar a película*”.³⁶

Em março de 1974, o cineasta e editor Pedro Chaskel e a cientista política Marta Harnecker juntaram-se à equipe que tinha, como assessores intelectuais, os cineastas José Pino e Julio García Espinosa. A primeira parte levou um ano para ser finalizada e teve a sua estreia mundial em Volgogrado (ex-Stalingrado) no começo de maio de 1975, coincidindo com as efemérides soviéticas dos trinta anos da vitória sobre o nazifascismo. Na ocasião da exibição do filme na *Quinzena dos Realizadores* do Festival de Cannes, em 21 de maio daquele ano, Chaskel concedeu um depoimento ao jornal *Le Monde* que indicava a sedução e os desafios que tais imagens provocavam

A dificuldade de montagem surge da qualidade do material e de seu imenso valor de testemunho. Nós sofríamos cada vez que cortávamos dois fotogramas. A única posição era a de se manter um pouco à margem e deixar o material falar por si mesmo. De certa maneira, o aporte desse filme vem mais do próprio material filmado no sentido de que a montagem, antes

³⁵ Para saber mais sobre a atuação de Chris Marker na mediação das relações políticas e culturais entre a França e o governo da UP, ver a tese de doutorado de Carolina Aguiar, defendida na ECA/USP em 2013, intitulada “*O Chile na obra de Chris Marker: um olhar para a Unidade Popular desde a França*”. A sua pesquisa se dedica tanto aos documentários realizados no período da UP quanto às obras markerianas ligadas ao Instituto Cubano de Artes e Indústria cinematográficos, o ICAIC.

³⁶ SEMPERE, P. Op. cit, 93

de tudo, protegeu a filmagem. Existe algo de novo nele, uma maneira de aproveitar o som direto e todas as tecnologias do cinema atual.³⁷

A cautela de Chaskel sobre o posicionamento diante dessas imagens sugere uma reflexão interessante, pois, ao se *pôr ao lado* durante o processo de montagem, ele demonstra a preocupação de tornar os cortes, a *sutura*³⁸ do filme, tênues o suficiente para que as *emoções*³⁹ daquele momento ganhassem dinâmica, ritmo e perspectiva histórica próprias. Ou, ainda, seria possível seguir as tendências da pesquisa de Grumm que, ao dialogar com as contribuições de Lagny, destaca que o filme também se define por “*um ‘presente continuado’ ou um ‘presentismo do presente’ que se pretende como uma história que só pode falar do tempo presente em relação a um passado ainda vivo e por um futuro do qual ele já está repleto*”.⁴⁰

Percebe-se, também, que o sentimento de testemunho histórico é acentuado pelas condições tecnológicas da época, tais como a possibilidade de se trabalhar com gravadores portáteis e a mediação do som sincrônico. Um artifício que, aliás, foi extremamente valioso durante toda a filmagem, pois, ao técnico de som *Bernardo Menz*, foi solicitado “*gravar tudo*”⁴¹ para que também

³⁷ No original: “la difficulté du montage vient de la qualité du matériel filmé et de son immense valeur de témoignage. Nous souffrions chaque fois que nous coupions deux photogrammes. La seule position est de se maintenir un peu en marge et de laisser le matériel parler par lui-même. L’apport de ce film vient dans une certaine mesure du tournage plus que du montage, en ce sens que le montage a simplement abrité le tournage. Il y a là quelque chose de nouveau, une façon de profiter du son direct et de toutes les possibilités de la technologie actuelle du cinéma. Disponível em: <https://www.ccc-grenoble.fr/cineclub/blow-up/item/download/57_c8758c8701f91fa1936e6fe64db0f306.html>

³⁸ No segundo capítulo de “Reflexões sobre a montagem cinematográfica”, o editor de “*Conterrâneos velhos de guerra*” (Vladimir Carvalho, 1990) Eduardo Leone compartilha suas experiências sobre os tipos de corte. Lançado pelo UFMG em 2005

³⁹ MURCH, W. *Num piscar de olhos – a edição de um filme sob a ótica de um mestre*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 28 e 29. No quarto capítulo intitulado “o máximo com o mínimo”, Murch afirma: “encabeçando a lista de seis prioridades que definem um bom corte, está a emoção – a última coisa da qual se fala em aulas de edição: o que você quer que o público sintam? Se ele sente exatamente o que você queria durante todo o filme, você fez o máximo que poderia fazer. O que será lembrado não será a edição, a câmera, as atuações ou mesmo o enredo, mas como o público sentiu tudo isso.”

⁴⁰ GRUMM, Cristina. *Bombardeio ao Palácio La Moneda: testemunho e memória no cine documental de Patricio Guzmán*. Disponível em:

<[https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1525752939_ARQUIVO_2018-ANPUH-SP\[LaBatalladeChile\].pdf](https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1525752939_ARQUIVO_2018-ANPUH-SP[LaBatalladeChile].pdf)>. Acessado em 05/11/2019, p.20. A pesquisa de Grumm se desenvolve simultaneamente à nossa. Dessa maneira, os diálogos entre elas se apresentarão dentro de suas possibilidades de realização.

⁴¹ GUZMÁN em entrevista ao pesquisador José Carlos Avellar em 2005. Disponível nos extras da caixa de DVD da trilogia de “*A Batalha do Chile*” da Coleção Videofilmes. Citação disponível aos 14m50seg.

houvesse possibilidade de inserções - isto é, cenas de cobertura de hiatos e possíveis lapsos inerentes ao processo - durante a edição.

Essa *dimensão efetiva* das imagens que apela para o seu caráter de *evidência do real* não foi algo exclusivo dessa postura de “guerrilha” que o cinema assumiu entre os anos sessenta e setenta. Stam chama a atenção para o fato de que a teorização do cinema surgiu praticamente junto com o próprio meio e, desde então, o seu campo semântico se mostrou bastante fecundo, a exemplo do “*fuzil cinematográfico*” de Marey que evoca o potencial agressivo da câmera, assim como os termos “*shooting*” e “*tournage*” que, em comum, associam a filmagem à ideia de ‘capturar com tiros’. Outras designações tão longevas quanto essas seriam aquelas que incluem variantes de “grafo”, do grego “escritura” ou “transcrição”, dispondo os *tropos* referentes à autoria e à escritura cinematográficas.⁴²

Retornando, então, à *cinematografia de Guzmán*. A primeira parte da trilogia dos anos setenta foi intitulada *La Insurrección de la burguesía*⁴³ e abrange os eventos ocorridos entre as eleições parlamentares de 04 de março até o ensaio de golpe militar de 29 de junho de 1973, também conhecido como “*El tancazo*”.⁴⁴ Naquele primeiro domingo de março, Allende já havia cumprido



Imagem 5 - Cartaz de *A Batalha do Chile* contendo a recepção crítica. Fonte: filmaffinity

⁴² STAM, R. *Introdução à teoria de cinema*. São Paulo:

⁴³ Site de Patricio Guzmán. <<https://www.patricioguzman.com/es/peliculas/la-batalla-de-chile-i-ii-iii>> Na entrevista a Avellar citada acima, Guzmán comenta que a equipe filmava, em média, uma bobina por dia, algo equivalente a 10 minutos. Se levarmos em conta que a filmagem se estendeu por cerca de sete meses, entre fevereiro e setembro de 1973, isto nos leva a estimar um acervo composto por cerca de 35 horas de filmagens;

⁴⁴ A sublevação militar foi impedida pelas tropas legalistas leais ao Comandante-em-chefe Carlos Prats. Os registros cinematográficos do evento, incluindo as cenas da morte de Leonardo Henricksen, foram finalizadas por Eduardo Labarca na Chile Films dando origem ao curta-metragem “*Chile junio 1973*”, que será mais bem analisado em nosso terceiro capítulo. Para saber mais, pode-se conferir a recuperação dos documentos pelo domínios virtuais da Cineteca do Chile:< <https://www.ccplm.cl/sitio/documental-recuperado-sobre-el-tanquetazo/>> Acessado em 22/01/2020

com mais de dois anos e meio dos seis de seu mandato presidencial, e as eleições levariam o Chile a renovar ou não as casas legislativas, ou melhor, todo o Congresso e dois terços do Senado.

À primeira vista, a expectativa do governo era de que as eleições *referendassem* a chamada “*via chilena*” ao socialismo que, tal como o subtítulo da trilogia declara, tratava-se da “*lucha de um pueblo sin armas*” – um caminho democrático e institucional rumo ao socialismo. Quanto à oposição, as intenções eram de forte renovação do corpo legislativo tendo em vista a definição de um contrapeso à aliança política da *Unidad Popular*, base do governo Allende. Mas, o que estava em jogo, sobretudo, era a conquista de dois terços das cadeiras legislativas a fim de impedir ou fazer avançar um pedido de *impeachment* ao presidente Salvador Allende.

Intitulada *El golpe de Estado*, a segunda parte foi finalizada em seis meses e revela as orquestrações dos parlamentares e dos setores militares golpistas entre os eventos da tentativa de *putsch* de junho e sua execução em 11 de setembro de 1973. Por sua vez, a terceira parte, chamada *El poder popular*, consumiu menos tempo de trabalho - três meses de montagem – em resumo, por duas razões: primeiro, porque todo material já estava devidamente sincronizado, decupado e definido cronologicamente; e, depois, porque tem como *leitmotiv* a apresentação das diversas manifestações e movimentos sociais que sustentavam as bases da *Unidad Popular*.

Em entrevista a Avellar, Guzmán comenta que se sentiu *eufórico* ao terminar a primeira parte, *estressado* ao finalizar a segunda e *deprimido* quando finalizou a terceira. Após “*trabalhar sem parar entre 1972 e 1975*”, ele sentiu a necessidade de parar por dois anos entre a segunda e a terceira parte e, quando a finalizou, ele se deu conta de que estava

sem diálogo, sem tema, sem pátria, sem ter para onde ir, sem futuro... e que só tinha o filme... Até então, ele se sentia um exilado especial, pois todos estão deprimidos, alguns estão sofrendo, mas eu estou fazendo a história de todos eles, portanto, ninguém... Todos vão me agradecer pelo que estou fazendo, porque estou... fazendo uma boa causa. E isto te justifica para você achar que a sua vida não mudou, de que eu saí do Chile ao estrangeiro sem rupturas. Mas, quando terminei o filme, eu senti o que eles sentiram quando saíram de Chile... E caí numa profunda depressão que durou mais ou menos seis anos... Grosso modo, você perde cerca de dez anos com o exílio... Mas eu fiquei bem mal por uns quatro ou cinco anos,

sem capacidade de concentração e vivendo dos elogios da ‘Batalha de Chile’, mas sem ser consciente disso para alimentar uma nova película (...).⁴⁵

Ao longo dos anos oitenta e noventa, o autor também se dedicou a médias metragens e séries televisivas que hoje compõem a etapa de sua carreira mais desconhecida do grande público e menos estudada pela crítica especializada e pela pesquisa universitária.⁴⁶ Dentre os filmes desse período estão *A Rosa dos ventos* (1983), as produções televisivas da TVE México *Pré-colombiano* (1987) e *O Projeto ilustrado de Carlos III* (1988) e *A cruz do sul* (1992).⁴⁷

De acordo com Dávila, em linhas gerais, esse seria o momento de maior diversidade temática, porque o realizador ampliou sua abordagem da esfera latino-americana, principalmente “*pela ótica da religiosidade popular e indígena*”. Ao mesmo tempo, nessa época, Guzmán consolidava um itinerário transnacional, isto é, um caminho

marcado pela mobilidade geográfica e uma atividade densa marcada por pesquisas que transcendiam as barreiras nacionais (...) tornando-se um autor da mesma envergadura que numerosos artistas como de Pablo Picasso a Chris Marker, passando por Chas Chaplin, Milan Kundera ou Julio Cortázar.⁴⁸

Durante a redemocratização chilena, Guzmán se acercou novamente da história de seu país com uma série de filmes que retomavam os temas da primeira trilogia, tais como o ‘*exílio*’, o ‘*governo Allende*’ e o chamado ‘*dever de memória*’. Nomeada de “*trilogia da memória*” pela pesquisadora Ricciarelli, ela seria composta por *Chile, memória obstinada* (1997), *O caso Pinochet* (2001) e *Salvador Allende* (2004),⁴⁹ sendo os dois primeiros médias-metragens e o

⁴⁵ GUZMÁN em entrevista ao pesquisador José Carlos Avellar em 2005, *idem*. Citação disponível aos 23min do filme;

⁴⁶ DÁVILA, I. *Os esquecidos 1980: Guzmán e a resistência espiritual latino-americana*. IN: *Paixão de memória: Patricio Guzmán*. (org) Luis Ludmer; curadoria Laura Faerman, Luis Ludmer – São Paulo: IVH, 2017, pg. 24-36.

⁴⁷ Entre as realizações citadas, essa é a única produção disponível em seu domínio oficial do Vimeo.

⁴⁸ JOLY, J. *Le cinéma de Patricio Guzmán. Histoire, mémoires, engagements : un itinéraire transnational*. p. 24 no original: « *Patricio Guzmán, de par un itinéraire marqué par une mobilité géographique ainsi qu’une activité dense au sein d’un art marqué par l’existence de réseau dépassant les traditionnelles barrières nationales* »

⁴⁹ Dado esse recorte cronológico, ainda poderia se considerar o curta-metragem *Madri* (2002) e o média-metragem *Mon Julio Verne* (2006).

último um longa-metragem, todos eles financiados por instituições, produtores e fundos internacionais.

Dentre seus elementos de destaque estão a emergência das cenas de *A Batalha do Chile* associadas a uma narração em voz over composta, simultaneamente, de confissões pessoais e memórias sociais. Para além do valor de arquivo, as imagens daquelas “*batalhas*” irrompem no presente instâncias heterogêneas que tensionam não somente as nuances diegéticas como, em grande medida, servem à patrimonialização da própria cinematografia de Guzmán enquanto insistem em experimentar os limites da redemocratização do país.

Como exemplos, tem-se o fato de que as imagens de *A batalha do Chile* só foram exibidas pela primeira vez na televisão aberta em 11 de setembro de 2021. Dentre as razões, os entrevistados pela investigadora Natasha Scherbovsky destacam a própria censura da grande mídia,⁵⁰ além do fato de diversos agentes políticos da Democracia Cristã, do *Movimiento de Acción Popular Unitária* (MAPU) e o Partido Socialista presentes no filme ainda estarem ativos na então atual institucionalidade chilena. Assim, o filme teria o potencial de revelar alguns que estiveram envolvidos na orquestração do golpe e outros que abandonaram seus ideais revolucionários em troca de cargos no arranjo oligárquico da burocracia chilena.⁵¹

Como se pode perceber, as imagens de *A Batalha do Chile* não cessam de mostrar e dizer a respeito da história contemporânea do Chile. Mesmo quando silenciadas ou sonegadas pelos circuitos das mídias empresariais ou oficiais, aquelas imagens “*produzidas em segredo*” durante o governo da *Unidad Popular* são retomadas como *sobreviventes* em sua cinematografia dos anos noventa – e quiçá até quando.

A presente pesquisa pretende, então, investir atenção nas fricções temporais que elas provocam para se analisar como aquela “*consciência*

⁵⁰ Séries como *Los archivos del Cardenal*, estreada em julho de 2011 e *Una historia necesaria*, lançada em 2017 são exemplos disso e podem ser conferidas nas redes sociais, a exemplo de <<https://www.cntv.cl/los-archivos-del-cardenal-primera-temporada/cntv/2016-03-16/095230.html>> Acessado em 02/11/2019.

⁵¹ SCHERBOVSKY, N. *Usos y estrategias de lo real en la construcción del cine revolucionario de Patricio Guzmán: el caso del documental "la Batalla de Chile"*. Tese de mestrado defendida no Departamento de Antropología, Historia y Humanidades, FLACSO, Equador, 2016, p. 147.

histórica”,⁵² como bem defendeu o historiador Ariel Arnal, elabora interpretações sobre as contradições sociais, políticas e culturais das esquerdas chilenas, assim como sobre as tensões partidárias de ontem e hoje. Também se pergunta de que maneira os roteiros e as locuções em voz over restituíram intensidade àquelas imagens de outrora e estruturaram novas tramas diegéticas; como o valor testemunhal que as endossou - *“fundamentalmente éramos testigos de lo que estaba pasando”*⁵³ - sofre novas inclinações sociais e filosóficas à luz dos debates políticos da Concertación; que *regimes de historicidade*⁵⁴ emergem da “segunda trilogia”, que aqui passaremos a chamar de *“trilogia dos testemunhos”*; ou ainda, em diálogo com Agamben, se quer saber se as imagens da cinematografia de Patricio Guzmán, quando cotejadas com os debates historiográficos, não seriam *anacrônicas*, transversais no tempo, de modo a iluminar *“o escuro de nosso tempo como algo que nos concerne”*.⁵⁵

Atualmente, as correspondências teóricas e metodológicas entre a História e o Cinema se mostram bem consolidadas. Já se disse que *“o passado iluminado pelo cinema é como se Clio, a musa da história, além do clarim e do relógio d’água, portasse também uma lanterna, projetando sobre o passado seu foco de luz artificial”*.⁵⁶ Tem-se como princípio, então, o fato do Cinema já ter lançado luzes sobre diferentes épocas e temas históricos, assim como o reconhecimento de que a sua tradição crítica, suas categorias analíticas e desdobramentos estéticos e artísticos se encontram devidamente aportados no horizonte da historiografia contemporânea.

As afinidades entre esses campos de saberes foram cevadas desde a emergência das atividades cinematográficas: as breves doze páginas do

⁵² ARNAL, A. *La construcción de la memoria y la consciencia histórica em la Batalla de Chile*. Tese defendida na Universitat Rovira i Virgili em 2015.

⁵³ GUZMÁN, P.; SEMPERE, idem, p.83.

⁵⁴ VER HARTOG, F. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

⁵⁵ AGAMBEN, A. Op. Cit., p. 65.

⁵⁶ CAPELATO, M. [et al.]. *História e Cinema: dimensões históricas do audiovisual*. 2ª ed. São Paulo: Alameda, 2011.

manifesto de Matuszewski⁵⁷ são conhecidas por sentenças como “*um pedaço de celuloide não é somente um documento histórico, mas parte mesma da história*”, algo que “*permitiria ver o diretamente o passado*”, em suma, por atribuir o estatuto de documento histórico aos filmes, e de um objeto de estudo para as outras disciplinas acadêmicas que se estabeleciam naquele momento.

Mais adiante, os desdobramentos da Revolução Russa (1917) foram decisivos para que muitos artistas e intelectuais se debruçassem sobre as diversas formas de artes em busca de suas correlações e distinções com as especificidades cinematográficas. A respeito de Eisenstein, o teórico do cinema Andrew diz que era um dos mais inquietos dessa geração, pois encarava o ofício do cineasta equivalente ao do pintor, do compositor e do escultor, além de explorar as áreas da História, Economia, Psicologia, Antropologia para a construção de suas teorias sobre o Cinema.

De Vertov, o século XX herdou as produções do *Kino-Pravda*, uma série de realizações cujos propósitos estéticos e políticos em muitos momentos expressam a própria história da Revolução de 1917, além do longa-metragem “*Um homem com uma câmera*”, que se converteu num dos paradigmas estéticos e teóricos dos fundamentos da chamada “sétima arte”.⁵⁸ Como seus colegas russos, Pudovkin também teorizou sobre a centralidade da montagem no cinema atribuindo, a ela, a capacidade de reorganizar e apresentar as contingências históricas.

Levando em conta a relevância dos escritos de Pudovkin na formação profissional dos cineclubistas chilenos anos sessenta, e no entendimento que eles tinham a respeito das tarefas políticas do cinema, tem-se as seguintes considerações a respeito do cineasta russo

Pudovkin colocava o cineasta à mercê do plano e insistia em que a direção criativa deriva da escolha e organização apropriadas desses pedaços de realidade que já têm um poder definido. Ele afirmava que o cineasta vê através da confusão da história e da psicologia e cria uma suave sucessão de imagens que levam em direção a um completo evento narrativo. Para ele, o sentido do mundo já existe na realidade

⁵⁷ A íntegra do artigo *Uma nova fonte histórica (criação de um depósito cinematográfico histórico)* pode ser conferida em: <<https://archive.org/details/unenouvellesourc00matu/page/1/mode/2up>> Acessado em 02/03/2020.

⁵⁸ O termo foi estabelecido por Ricciotto Canudo no “*Manifesto das Sete Artes*”, de 1912.

capturada pelos planos, mas poderia ser ampliado e liberado pela montagem meticulosa.⁵⁹

Em Pudovkin, as emoções são um fator decisivo para o envolvimento do espectador com a realidade organizada pelo filme, sendo que ele visa “*esclarecer suas relações secretas*”, numa clara alusão à *práxis revolucionária* que um cineasta deveria ter

O cineasta tem meios, acreditava Pudovkin, para forçar o espectador a sentir um evento cinematográfico como se fosse um evento natural. Pode sutilmente dirigir e controlar a atenção e as emoções do espectador, já que o leva, não através da confusão do enredo, mas através da clareza de uma realidade reorganizada em filme, de modo que suas relações secretas são esclarecidas.⁶⁰

Nos anos cinquenta, o interesse das Ciências Sociais pelos potenciais das imagens cinematográficas ganhou projeção internacional com “*O Cinema ou o homem imaginário*”, publicado, em 1956, por Edgar Morin. Tendo como princípio o fato de que somos *seres imageantes*, isto é, de que as imagens são fenômenos antropológicos que construímos para lidar com o tempo e com a morte, Morin desenvolveu a reconhecida categoria do “*homo sapiens-demens*” para lidar com o cinema como um fenômeno histórico-sociológico e enfrentá-lo em seu “*duplo mistério – o da realidade imaginada do cinema e o da realidade imaginária do homem*”.⁶¹

Mas foi em meados dos anos sessenta que o campo da História sofreu uma “virada epistemológica” e passou a encampar, de maneira decisiva, a problematização com maior profundidade das fontes visuais e audiovisuais, e suas possíveis contribuições às Humanidades. Uma referência incontornável dessa “guinada em direção à imagem” é o estudo de Ferro intitulado *O filme: uma contra análise da sociedade?* publicado em 1971. Morettin considera que, dentre as principais contribuições desse estudo, estaria a consideração de que o exercício da crítica histórica ao documento cinematográfico estaria “*vinculado*

⁵⁹ ANDREW, D. *As principais teorias de cinema*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 51.

⁶⁰ Ibidem, p.52.

⁶¹ MORIN, E. *O cinema ou o homem imaginário*. Lisboa: Moraes Editores 1970, p. 13.

à tradição histórica dado o caráter das três dimensões da crítica propostas: a crítica da autenticidade, a de identificação e a analítica”.⁶²

O teórico do cinema Robert Stam considera que, a partir da década de setenta, teria havido “uma ‘academicização’ da teoria do cinema”, tendo em vista que a maioria dos teóricos passou a ter uma base universitária. Assim, a passagem da teoria clássica do cinema - representada pelos aportes de Kracauer que considerava “o cinema um instrumento científico criado para explorar alguns níveis ou tipos particulares da sociedade”⁶³ e de Bazin, cujos escritos de fundo teórico realista são diversificados e complexos - para as universidades foi acompanhada pelo avanço da semiótica sobre as Ciências Humanas e Sociais. A partir de então, a chamada “virada linguística” chegou a contribuir para o reconhecimento de uma filmolinguística, tal como indicam as contribuições dos estudos de Metz, tal como o seu clássico *A significação no Cinema*, publicado em 1968.⁶⁴

A abertura de novos cursos e departamentos e a emergência de entrecruzamentos temáticos, tal como o forte apelo que as teorias culturais e psicanalíticas exerceram sobre os estudos relacionados ao Cinema, também foram absorvidos pelos debates a respeito do documentarismo. A esse respeito, a presente investigação conta com as contribuições de Rosenstone⁶⁵ a respeito de como os filmes fabricam narrativas e interpretações históricas a partir de seus códigos discursivos e suas convenções teóricas. E margeia as considerações de Fernão Ramos quando aponta para as significativas variações de asserções feitas pelos documentários na entrada dos anos sessenta, pois a predominância da locução fora-de-campo (a voz over, voz de Deus) deu lugar a um documentário mais autoral que passou a enunciar por asserções dialógicas.

O desenvolvimento de equipamentos leves e as possibilidades de captura de som sincrônico criaram as condições para “uma tendência mais participativa do cinema direto/verdade [introduzisse] no documentário uma

⁶² MORETTIN, E. *O Cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro*. IN: CAPELATO, M. op. cit, p 49-50.

⁶³ ANDREW, D. Op. Cit., p. 95.

⁶⁴ O livro chegou ao Brasil em 1972 pela Perspectiva.

⁶⁵ ROSENSTONE, R. *History in images, history in words*. Disponível em: <<https://jan.ucc.nau.edu/~sj6/rosenstonefilmhistory.pdf>> Acessado em janeiro de 2021

nova maneira de enunciar: a entrevista ou o depoimento. As asserções continuam dialógicas, mas são provocadas pelo cineasta”.⁶⁶ Em resumo, as discussões sobre a qualidade do documentário como uma “testemunha discreta” ou sobre a “falácia da neutralidade da câmera e do gravador”⁶⁷ ganharam fôlego com a instauração de duas tendências, o *direct cinema* norte-americano e o *cinéma vérité* francês.

No rastro desse pensamento, em um *primeiro momento*, a presente pesquisa analisa as condições de montagem das imagens da trilogia *A Batalha do Chile* assumindo-as como operadoras de um cinema militante. Conforme apontou a pesquisadora Regina Egger, do cinema francês moderno herdou-se a concepção de militância como um “cinema de viés que teria como propósito desenvolver ideias, defender ou atacar uma causa, expressar suas convicções e, finalmente, convencer porque em apoio a esses argumentos há o documento irrefutável tirado sobre o vivo”.⁶⁸

O caráter militante desses filmes decorre, igualmente, do conhecimento da potência analítica que as práticas do *Cinema Direto* promoveram desde os anos 1960. Diante disso, ao reconhecer que o historiador deve suspeitar e, quando possível, “interromper, com conhecimento de causa, a história que hoje se conta, para inscrever nessa narrativa, que parece se desenvolver por si mesma, silêncios e fraturas eficazes”,⁶⁹ então, questiona-se: que relações sociais, políticas e econômicas *A Insurreição da Burguesia*, *O golpe de Estado* e *O poder popular* estabelecem com suas condições extra fílmicas? Tendo em vista que eles foram finalizados para apresentarem uma “análise política”, que interpretações ensejam sobre as tensões partidárias e institucionais que surgiram ao longo do governo Allende? O que os filmes dizem a respeito das divergências internas da *Unidad Popular*? E a respeito das tendências reacionárias da Democracia Cristã, o que eles informam?

⁶⁶ RAMOS, F. *Mas afinal, o que é mesmo o documentário?* São Paulo: Senac, 2008, p. 23.

⁶⁷ DA-RIN, S. *Espelho Partido, tradição e transformação do documentário*. Rio de Janeiro: Azougue, 2004. Caps. 07 e 08, págs. 133-167.

⁶⁸ EGGER, R. *Fotogramas operários no documentário paulistano: uma análise sobre as representações das classes populares na luta política e sindical brasileira dos anos 1970*. Tese de doutoramento defendida no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2018, p. 24.

⁶⁹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 105.

Precisamente quanto ao poder Executivo, como elas manejam a posta em cena e os discursos de Salvador Allende? Como mensurar o fato de as suas imagens terem sido coletadas dos arquivos da *Chile Films*? Elas têm a mesma dimensão temporal e discursiva, ou seja, a mesma dimensão histórica ao longo da trilogia? Por fim, quais interpretações são possíveis a respeito do *poder popular*, as forças sociais de bases que, a partir da paralisação patronal de outubro de 1972, esgarçaram a institucionalidade do governo reivindicando a radicalização da luta de classes?

Particularmente na finalização de *O poder popular*, de certa forma, realizada tardiamente em 1979, marcando um hiato de dois anos desde *O golpe de Estado*, interroga-se, também, sobre qual teria sido o papel da intelectual chilena Marta Harnecker, ex-aluna de Louis Althusser e editora da revista *Chile Hoy*, assim como do teórico e cineasta Julio García Espinosa, diretor do ICAIC, na produção dos filmes. É relevante destacar que esta investigação pode contar com as valiosas entrevistas realizadas e gentilmente cedidas pela pesquisadora Natacha Scherbovsky com os outros componentes da *Equipe Tercer Año*, tais como o técnico de som Bernardo Menz e o montador Pedro Chaskel.

Diante desses propósitos, levanta-se a hipótese de que os argumentos históricos elaborados pelos filmes de *A batalha do Chile* dialogaram intensamente com as frequências ideológicas em debate no momento corrente de suas produções. Eles também propiciam, ainda hoje, um arcabouço teórico para se compreender as contradições políticas dos programas progressistas a partir da experiência chilena, tais como o gênero, a lida com os movimentos sociais e o trato com as forças armadas.

Em um *segundo momento*, tem-se a análise da conformação de um arco narrativo iniciado em *Chile, memoria obstinada*, de 1997, pontuado por *O caso Pinochet*, de 2001, e que culmina em *Salvador Allende*, de 2003. A historiografia aponta como esse conjunto de filmes expressa os limites da redemocratização do país, o esforço de esquecimento institucional das arbitrariedades cometidas pela ditadura pinochetista, além das tensões próprias dos regimes de memória e verdade que vêm à tona em sociedades

marcadas pelas justiças de transição, como o Chile na virada para o século XXI.

Contudo, a presente pesquisa, também, pretende mostrar como esse conjunto de filmes transcende o escopo de uma “*trilogia da memória*” proposto por Ricciarelli em 2010 em entrevista com o próprio realizador, Patricio Guzmán. Afinal, é preciso se perguntar de que “memória” se está falando quando se conta com entrevistas e participações de agentes sociais, políticos, culturais e institucionais de diferentes matizes ideológicos.

Em outras palavras, esta investigação propõe nomeá-la como “*trilogia dos testemunhos*”, pois nela Guzmán se apresenta como um dos possíveis testemunhos da história chilena gerando um terreno fértil para se investigar como os seus filmes refletem os avanços e impasses gerados pelas comissões da verdade na medida em que algumas de suas personagens são nomeadas e outras não.

Isso levanta algumas questões fundamentais no campo de estudo dos testemunhos, pois alguns testemunhos valem mais do que outros? Que critérios o realizador teria usado para promover a identificação de determinadas pessoas e o anonimato de muitas outras? Em que medida essa seletividade atende às demandas pessoais do realizador – ele mesmo um entre as personagens da trilogia – e as demandas de consenso reclamado pela institucionalidade chilena naquele momento?

A problematização da “*trilogia dos testemunhos*” também revela propósitos internos ao se mostrar como um esforço de atualização daquelas imagens de *A Batalha do Chile*. Trata-se, então, de cotejar, justapor as distintas interpretações elaboradas a respeito de *A Batalha do Chile* a fim de conjugar suas temporalidades, reconhecer a sobrevivência de suas imagens nos filmes dos anos noventa e, por extensão, analisar como Patricio Guzmán opera a patrimonialização de sua própria cinematografia.

Em *Chile, memória obstinada*, aquelas imagens de *A Batalha do Chile* são confrontadas com a juventude chilena, uma geração nascida durante a ditadura pinochetista. Na medida quem é investigada como uma personagem a quem foi sonegado o direito à memória, a juventude reflete uma memória em litígio. Diante das suas imagens setentistas, que memórias são aventadas? Como a juventude chilena contemporânea lê a sua história recente? Quais

instituições escolares e acadêmicas foram visitadas e de que maneira elas influenciam os argumentos históricos em debate? Aliás, o que significa pôr em cena *A batalha do Chile* como *uma entre estas instituições* de conhecimento? A investigação então maneja os documentos oficiais das comissões da verdade, índices de pesquisas de opinião e vasculha os debates historiográficos então produzidos a fim de dimensionar e responder a estas questões.

Em *O caso Pinochet*, ao operar uma espécie de posição de quem “*filma o inimigo à distância*”, o realizador põe em cena o argumento fílmico mais sóbrio da trilogia suscitando diversas inflexões existentes na história dos testemunhos. As afinidades do argumento fílmico com as contribuições da Micro-História nos levam a questionar quem são as pessoas depoentes em neste filme? Por que, em sua maioria, mulheres? Quais teriam sido seus itinerários sociais e políticos? E suas filiações ideológicas? Em resumo, de que maneira essas pessoas foram transformadas em personagens? As contribuições de Annete Wieviorka, Jaume Blanes e Márcio Seligmann-Silva são aqui visitados tendo em vista os desdobramentos filosóficos e humanistas da política dos testemunhos encerrada pelo filme.

Quanto ao filme *Salvador Allende*, ele é cotejado com outras obras cinematográficas que se dispõem a produzir argumentos históricos sobre o golpe de 11 de setembro e, mais precisamente, sobre as personalidades históricas de Allende. Dentre eles, tem-se *Il pleut sur Santiago*, realizado em 1975 por Hector Soto e *Allende en su Laberinto*, de Miguel Littín, 2015. Em resumo, parte-se da hipótese que a manufatura dessa trilogia visou a diferentes propósitos, dentre eles um diálogo sensível com as demandas de consenso da chamada *Concertación*⁷⁰; o posicionamento de Patricio Guzmán como um interlocutor com o debate público e suas demandas pessoais de patrimonialização de sua própria cinematografia.

Em um *terceiro momento*, a análise dos filmes *Nostalgia da luz*, *O botão de nácar* e *A cordilheira dos sonhos*, realizados respectivamente em 2010, 2015 e 2019 é realizada sob o registro da “*trilogia da imensidão íntima*” em função do aprofundamento de seu veio poético e autorreflexivo junto dos

⁷⁰ A extensão histórica e conceitual do termo será problematizada ao longo da pesquisa de acordo com os diversos autores e pesquisadoras consultados;

elementais chilenos enquanto o realizador se dirige cada vez mais aos laços familiares de sua primeira infância. A investigação vem de encontro com o desejo de dialogar com a tradição filosófica e algumas de suas categorias mais contemporâneas.

Por exemplo, o recurso aos aportes teóricos do escritor e pensador francês Didi-Huberman se dá pelo fato dele ser encarado, ao mesmo tempo, como um “*historiador da Arte, um historiador das imagens e um historiador através da imagem*”.⁷¹ Levando em conta a sua postura como um *historiador das imagens* e um *historiador através das imagens*, a presente pesquisa pretende dialogar com suas contribuições na medida em que houver perspectivas fenomenológicas que favoreçam as investigações sobre os processos de montagem das imagens, em seu sentido amplo.

Isto significa acercar-se dela a fim de remanejar as imagens cinematográficas, ora avizinhand-as, ora distanciando-as, às vezes montando-as com *imagens literárias*, às vezes com imagens de outros filmes para revelar as nuances das forças históricas em choque, as suas sobredeterminações temporais e seus desdobramentos filosóficos que abram condições de novas formas de conceituação a partir do cinema de Patricio Guzmán.

As passagens filosóficas ganham outra dimensão quando a obra de Guzmán é lida em perspectiva com os escritos de Gaston Bachelard⁷², particularmente naqueles em que explora uma fenomenologia elemental lidando com as percepções sobre a água, a terra, o fogo e o ar. Nesses momentos, tem-se uma genealogia do viés ensaístico assumido por Guzmán na passagem para o século XXI que reverbera ecos de uma filosofia da natureza quando exerce uma poética do espaço territorial chileno.

Em consonância com essa poética dos elementais chilenos, Guzmán propõe a dialética da memória e do esquecimento através do exame de imensidões íntimas cada vez mais próximas dos laços familiares de sua primeira infância e, portanto, de maneira cada vez mais contemplativo. O encaminhamento dessas perspectivas históricas cada vez mais serenas e repousadas em jogos de escalas de grandeza entre os elementais nos leva a

⁷¹ BARROS, D’Assunção José. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/321016400_Apresentacao_critica_da_obra_de_Didi-Huberman_e_de_suas_concepcoes_sobre_arte_e_imagem >

⁷² Sobretudo as obras *O ar e os sonhos* (1943), *Água e sonhos* (1947) e *A poética do espaço* (1957)

suscitar as referências com o olhar nietzschiano que Byung-Chul Han⁷³ propõe para o contemporâneo. Isto porque, para se pôr brevemente o tema, a cinematografia da “terceira trilogia”, aqui chamada de “*trilogia da imensidão íntima*” se apresenta como o “*bom entretenimento*” de que fala Han ao detectar a urgência de se encontrar meios de resistência à economia da atenção e às formas de psicopolítica que regem a atualidade. Visto de outro ângulo, posto que a nossa sociedade do desempenho radica-se em uma violência sistêmica que estimula fatores pré-reflexivos; uma sociedade feita de enxames onde o “*alarido da comunicação sufoca o silêncio*”⁷⁴, a experiência da negatividade pela gratificação do encontro, do silêncio e do velamento das Artes e da Ciência apresentados nesses filmes contemporâneos não deixam de ser tarefas políticas.

Percebe-se então que, ao largo da análise fílmica e da crítica histórica, percorre-se também um esforço filosófico que almeja “*atividades de teorização*”,⁷⁵ tal como indicado por Stam. Assim, a pesquisa sonda a aferição de conceitos e categorias que possam concorrer no esclarecimento das obras de Guzmán em suas várias dimensões, tanto quanto o recurso a novas categorias que possam emergir da análise mesma de sua cinematografia.

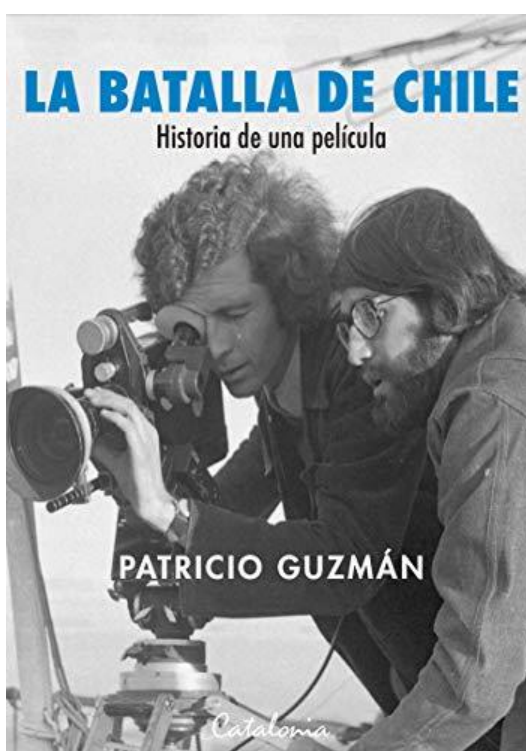


Imagem 6 - Capa do último livro de Patricio Guzmán, lançado em setembro de 2021

Dentre as fontes históricas estão livros que contêm entrevistas e artigos do próprio realizador, além de obras que se propõem a realizar um panorama de sua vida e obra. Dentre elas, tem-se a entrevista com Pedro Sempere,

⁷³ Sobretudo as obras *Psicopolítica* (2000), *Sociedade do cansaço* (2012), *A salvação do belo* (2016), *O bom entretenimento* (2019), e *Favor fechar os olhos* (2021);

⁷⁴ HAN, B. *No enxame – perspectiva do digital*. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 2018, pp.103-109

⁷⁵ STAM, R. *Introdução à teoria do cinema*. São Paulo: Papirus, 2013, p. 20.

intitulada *El cine contra el fascismo*, realizada na Espanha em 1977 e composta, também, pelos roteiros e pelo diário de filmagem de *A Batalha do Chile*.⁷⁶ A edição registra o cineasta como coautor da obra, contém os roteiros de seus primeiros filmes, um diário de filmagem de *A Batalha do Chile*, algumas notas críticas lançadas à época e, ainda hoje, segue fora de catálogo.

Lançada em 2001, o livro *Patricio Guzmán*, de Jorge Ruffinelli, coteja as produções com o contexto histórico chileno e tem, como afã, uma síntese da ‘vida e obra’ do realizador. O recorte cobre desde *El primer año* (1971) até a sua última obra até aquele momento, *El Caso Pinochet* (2001), sendo que a obra ainda oferece dois capítulos que dão voz ao próprio cineasta: o penúltimo, intitulado *Conversas con Patricio Guzmán*; e o último, intitulado *Ensayos sobre el documental*, no qual o realizador descreve e analisa os fatores que compõem o seu método de trabalho.

O mesmo texto de Jorge Ruffinelli foi atualizado e participou de uma nova coleção dedicada ao cinema, desta vez da editora chilena Uqbar. Intitulado *El cine de Patricio Guzmán: em busca de las imágenes verdaderas*, o livro foi publicado em 2008 e trouxe, como novidade, uma introdução chamada *Salvador Allende forever*, na qual Ruffinelli incluiu uma análise fílmica da cinebiografia homônima do ex-presidente chileno lançada em 2003, o primeiro filme do realizador a estrear no circuito comercial no seio das efemérides em torno dos trinta anos do golpe militar pinochetista. Com esse texto de 2001, atualizado em 2008, Ruffinelli se posicionou como um pesquisador pioneiro sobre o tema e, contando com um tom jornalístico destinado ao grande público, ele traçou sinais de uma interpretação de longo prazo a respeito da cinematografia do cineasta, como quem buscava compreendê-la como um grande arco narrativo sobre a sociedade chilena contemporânea.

Em 2010, foi a vez da pesquisadora Cecilia Ricciarelli publicar *El cine documental de Patricio Guzmán*, pelo FIDOCs, selo editorial do Festival Internacional de Documentário de Santiago, fundado pelo próprio Guzmán no ano de 1997. A longa entrevista com Guzmán traz a marca de uma conversa

⁷⁶ O renomado livro de Francesco Bolzoni *El cine de Allende* (Fernando Torres, Valencia 1974) também segue entre as nossas fontes. Na entrevista a Sempere, Guzmán afirma que seu filme não consta na obra de Bolzoni porque estava sendo realizada em segredo, cf. pg. 94.

informal sobre os bastidores e o processo de produção de seus filmes, sendo que a segunda edição foi atualizada em 2011, contendo um artigo e o roteiro do filme *Nostalgia de la luz*, lançado naquele mesmo ano. A obra registra o cineasta como coautor, sendo que a pesquisadora informa que as conversas entre eles foram iniciadas no ano de 2006, após ela ter tido contato com o filme *Salvador Allende*. Entre seus capítulos, encontram-se dois títulos que avançam em relação às interpretações até então publicadas, sendo o primeiro capítulo intitulado *El documental como práctica del conocimiento*; e o terceiro, intitulado *La trilogia de la memoria*.

A partir do caráter epistemológico proposto pelo título, Ricciarelli declara que os filmes de Guzmán “*obrigam a tomar posição, a comprometer-se, a buscar o seu ponto de vista tanto para contar a história como para construir a imagem; finalmente, o obriga a participar da realidade que descreve*”.⁷⁷ Dito de outra forma, tem-se aqui o que Nichols chamou de “*epistemofilia*”,⁷⁸ ou seja, a capacidade que o cinema documentário tem de provocar nos espectadores o encanto pelo conhecimento sobre determinadas realidades históricas. Dito de outra forma, aqui, a obra fílmica de Guzmán é tomada como se ensinasse em si as contradições sociais, econômicas e ideológicas capazes de promover condições de conhecimento e tomadas de posição acerca da realidade histórica chilena e, por extensão, internacional.

Como já se disse, outra importante contribuição da publicação é o sentido que Ricciarelli atribui à “*trilogia da memória*”, pois Ricciarelli sugere que o filme de 1997 promoveu um *turning point* na carreira do realizador, por ter ocorrido uma inflexão da posição do autor em relação ao tema sendo que, a partir de então, “*a história do país se sobrepõe naturalmente à história do homem e do realizador, e a memória coletiva, os sentimentos e as lembranças daquela geração se mesclam com a sua própria memória*”.⁷⁹ A partir de então, considerou-se que a “primeira trilogia” seria aquela composta pela *A Batalha do*

⁷⁷ Ricciarelli é doutorada em Estudos Cinematográficos pela Université de la Sorbonne, Paris 3. Na introdução de seu livro, *O cinema documental como prática de conhecimento*, ela analisa as razões que a levaram a se dedicar ao cinema de Guzmán. IN: RICCIARELLI, C. *El cine documental según Patricio Guzmán*. Santiago: FIDOC, 2011.

⁷⁸ Cf. NICHOLS, B. *introdução ao documentário*. São Paulo: Papirus, 2012. Em seu segundo capítulo, Nichols analisa os fatores que tornam os documentários diferentes de outros filmes e, dentre eles, estaria o fato de atenderem à demanda por “*nos envolver com filmes que se envolvem no mundo*”, p. 55.

⁷⁹ RICCIARELLI, C. Op. Cit., p. 52.

Chile e uma segunda composta por *Chile, memória obstinada* (1997), *O caso Pinochet* (2001) e *Salvador Allende* (2003).

A última publicação disponível⁸⁰ é o livro *Filmar lo que no se ve*, cujo subtítulo conclui *una manera de hacer documentales*, publicada em 2013 pelo selo FIDOCES, e lançada, no Brasil, pela Editora SESC em 2017. De autoria do próprio Patricio Guzmán, a obra reúne e redistribui, ao longo de seus catorzes capítulos, textos já publicados naquelas duas primeiras obras de Ruffinelli elencadas acima, em 2001 e 2008 respectivamente. O livro também reúne, na seção *artículos y reseñas*, textos publicados ao longo dos anos 1990 e início dos anos 2000, que passaram por um processo de “correção” ou “revisão” especialmente para esta edição, conforme indicam suas notas de rodapé. Pode-se dizer que o mérito desta publicação está no fato de reunir, em material impresso, os textos autorais do cineasta já publicados e distribuídos em diferentes plataformas, tanto físicas quanto digitais.

Em resumo, por ora, são possíveis algumas observações provisórias. Em primeiro lugar, pode-se dizer que existe um pequeno número de livros publicados sobre o cinema de Guzmán. E esse é um aspecto que se torna ainda mais atraente quando se tem em mente que dois livros são do mesmo autor, e três deles contêm, em grande medida, reedições do mesmo material. Outro ponto: é preciso reconhecer que a atuação de Patricio Guzmán tem transcendido a realização de filmes de maneira a acessar também as produções literárias a respeito de sua cinematografia.

Desde a primeira entrevista realizada junto de Sempere em 1977 até o lançamento de *La Batalla de Chile – história de una película* em setembro de 2021 contam-se mais de quarenta anos de uma presença editorial que criou uma espécie de *curto-circuito* em torno da recepção de seus filmes. Dito em termos mais tradicionais, em grande medida, as publicações disponíveis sobre o seu cinema transitam entre as noções de *documento* e *monumento* visando o delineamento da recepção dos filmes. Ao contorná-los como “obras autônomas” ou “peças celebratórias de efemérides”, os textos de Guzmán

⁸⁰ Patricio Guzmán lançou *La Batalla de Chile – história de una película* pela Universidad Diego Portales na ocasião dos 50 anos da *Unidad Popular*, isto é, em setembro de 2021, momento em que esta pesquisa estava sendo finalizada. Portanto, infelizmente, não foi possível incluir aqui a sua análise.

sedimentam um terreno comum, sinalizam um estatuto interno e servem de fontes de credibilidade para a leitura de seus próprios filmes.

A esse conjunto de referências literárias próprias da obra de Guzmán, soma-se o levantamento de documentos relativos aos processos sociais, econômicos e políticos da história do Chile, a exemplo do vasto “*Archivo Allende*” disponível nos domínios digitais do Partido Socialista chileno,⁸¹ e do acervo teórico da intelectual Marta Harnecker,⁸² mentora do noticiário *Chile Hoy* durante o governo Allende e uma das roteiristas dos filmes de *A Batalha do Chile*. Os resultados dos chamados *Informe Rettig* (1990) e *Informe Valech* (2003), assim como as estatísticas levantadas por institutos como o *Latinobarometro*, o *Centro de Estudios de la Realidad Contemporánea (CERC)* e o *Plaza Pública Cadem*, serão cotejados a fim de balizar a compreensão dos desafios da *Concertación* (1990-2010) e do Chile contemporâneo.

Em relação às fontes fílmicas, a cinematografia de Guzmán ocupa um lugar central ao longo da pesquisa, mas sem perder de vista, em primeiro lugar, os filmes realizados sob a égide do chamado *Nuevo Cine Latinoamericano* e aqueles finalizados durante o governo Allende (1970-1973), que já foram reconhecidos como “*El cine de Allende*”.⁸³ Desenvolvido sob o calor da politização das expressões artísticas em fins dos anos sessenta, o *Nuevo Cine Latinoamericano* é composto pelas realizações de Fernando Birri, Santiago Álvarez, Glauber Rocha, Jorge Sanjinés dentre outros, sendo que o termo ganhou uma densidade histórica que, recentemente, tem sido problematizada, tal como veremos no capítulo homônimo. Quanto aos filmes finalizados durante o “governo dos mil dias” de Allende, ele também costuma ser denominado como “*Cinema da UP*”⁸⁴ e é composto pelas obras dos cineastas Aldo Francia, Helvio Soto, Miguel Littín dentre outros, sendo suas análises envoltas em dilemas teóricos e polêmicas epistemológicas que serão cotejadas no capítulo relativo àquele contexto.

⁸¹ Disponível em: <http://www.socialismo-chileno.org/PS/sag/Documentos/textos.html> A íntegra dos discursos de Allende está disponível na seção “Anexos” da tese.

⁸² Disponível em: <http://archivo.juventudes.org/marta-harnecker/cuadernos-de-educaci%C3%B3n-popular> Acessado em 02/03/2020.

⁸³ BOLZONI, F. *El cine de Allende*. Fernando-Torres, Valencia, 1974.

⁸⁴ Cf. catálogo do Concurso do Arquivo da Cineteca Nacional do Chile disponível em: http://www.ccplm.cl/sitio/wp-content/uploads/2016/10/161005_Memorias-en-movimiento-II-Concurso-de-investigaci%C3%B3n.pdf Acessado em 02/11/2019.

Apesar da centralidade desses filmes dos anos sessenta e setenta na compreensão da formação pessoal e profissional de Patricio Guzmán, a pesquisa pretende recorrer a outras produções fílmicas – latino-americanas e mundiais – na medida em que elas contribuirão para a investigação do presente objeto de estudo, a saber as interpretações históricas ensejadas pelos filmes de Guzmán. Para tanto, foram consultados os acervos digitais da Cineteca virtual da Universidade do Chile, da Biblioteca Nacional do Chile, da Cineteca do Centro Cultural La Moneda, do Museu da Memória e dos Direitos Humanos, além de diversos domínios e foros de compartilhamentos dedicados ao cinema mundial.

Sabe-se que a forte presença de Patricio Guzmán nas publicações literárias a respeito de sua cinematografia – além do grande número de entrevistas audiovisuais disponíveis nos domínios digitais e consultadas para a pesquisa -, se mostrou um dos fatores de risco para esta investigação, pois costuma sedimentar visões autolegitimadoras sobre suas expressões artísticas, e pode obliterar o distanciamento necessário ao esclarecimento. Diante disso, a pesquisa se debruçou sobre os estudos acadêmicos nacionais e internacionais, dentre eles artigos acadêmicos, dissertações e teses defendidas em diversos departamentos.⁸⁵

Antes de apresentar o alcance desses estudos, é preciso ter em mente que o *conhecimento histórico* é ele mesmo um *problema histórico*,⁸⁶ isto é, o diálogo com artigos, dissertações e teses nacionais e internacionais pretende ser algo além do rastreamento de aproximações e distanciamentos sobre as relações entre História e Cinema. A partir da compreensão de Ricoeur e de Certeau, ele se pretende um “*lugar social*” na medida em que

o relacionamento de um produto a um lugar constitui [diz Certeau] a primeira tarefa de uma epistemologia do conhecimento histórico: considerar a história uma operação, será tentar, de um modo necessariamente limitado, compreendê-la como a relação entre um lugar (uma

⁸⁵ Cf. arguição pública de Eduardo Morettin no Simpósio Temático “História, Cinema e Televisão: lugares de disputa pela memória” no 30º Simpósio Nacional de História, em Recife/PE, junho de 2019.

⁸⁶ Para saber mais BARROS, José D’Assunção. Teoria da História Vol. I. Princípios e conceitos. Petrópolis/RJ. Ed: Vozes, 2013 e REIS, J. C. *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.

conscrição, um meio uma profissão), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura).⁸⁷

Em outras palavras, tendo como princípio que o exame da operação historiográfica desdobra-se nos momentos de *‘documentação’*, *‘compreensão’* e pela *‘fase escriturária’*, o levantamento de outros estudos acadêmicos que se dedicaram ao cinema de Guzmán tem algumas tarefas, tais como analisar o chamado *“estado da arte”* desse realizador, esclarecer as ressonâncias e as distinções entre as pesquisas já realizadas, mapear suas áreas de atuação e as categorias em jogo, os avanços e limites trazidos pelos seus fundamentos teóricos e metodológicos; assim como elucidar algumas questões já aventadas acima, partindo da premissa de que a cinematografia de Guzmán envolve a tarefa de rememoração social comprometida com uma voz fílmica pessoal que transita da política à poética filtrando as memórias sociais pela sua ótica pessoal.

Dessa maneira, em relação ao Brasil, a pesquisa, até o momento, deparou-se com três dissertações de mestrado finalizadas em departamentos de Comunicação e uma defendida nas Ciências Sociais, sendo elas a de Cláudia Lapouble (2014),⁸⁸ a de Thiago Lopes Rios (2014),⁸⁹ a de Luís Villaça (2015)⁹⁰ e a de Bruno Vilas Boas Bispo (2016).⁹¹

Intitulada *Tramas da Cordilheira: tessituras entre identidade e cinema documentário contemporâneo na região andina a partir de características estilísticas*, a pesquisa de Lapouble promove uma aproximação entre os estudos do *“estilo e da cultura”* – contando com o arcabouço teórico de Bordwell, Barbero e Canclini - para analisar *“o homem andino encenado”* e suas *“relações com a identidade latino-americana”* a partir do filme *Nostalgia da luz*, lançado em 2010. Para tanto, a autora centra-se na análise de três elementos fílmicos, a saber: a atuação dos atores, os cenários e os

⁸⁷ RICOEUR, P. *A memória, a história e o esquecimento*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2007, p. 177

⁸⁸ Dissertação defendida no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal das Minas Gerais (UFMG) em março de 2014.

⁸⁹ Dissertação defendida no Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) em abril de 2014.

⁹⁰ Dissertação defendida na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) em 2015.

⁹¹ Dissertação defendida no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 2016.

enquadramentos com o fito de compreender como a obra de Guzmán configura uma identidade latino-americana no contemporâneo.

O estudo se divide em três capítulos, sendo que o primeiro mapeia os estilos documentários já desenvolvidos na região para identificar “*certas composições cinematográficas que apontam para uma marca andina*”. Demonstrando domínio da literatura de Nichols (1995), Penafria (2009) e Ramos (2011), Lapouble traça uma continuidade entre as obras dos bolivianos Jorge Ruiz e Sanjínéz como extensões do que chama de “*filmes indigenistas*”, em busca da afirmação de um compromisso estético e político ao longo do século XX. Por sua vez, o segundo e o terceiro capítulos problematizam as possibilidades teóricas já apresentadas para, em suas palavras,

fazer um mapeamento que nos leve a identificar como o documentarista andino, vindo de uma sociedade cuja cultura é híbrida, apreende uma realidade e a partir de seu olhar e suas escolhas estilísticas a apresenta no cinema, mais especificamente no documentário”.⁹²

Em síntese, a sua análise considera que em *Nostalgia da luz*, “a narrativa é pessoal, o sujeito cineasta, sujeito latino-andino não se nega em cena, ele se coloca como interlocutor de seus semelhantes (...) portadores das marcas do violento passado da ditadura de Pinochet”.⁹³ Quanto às conclusões acerca do que considera a “*identidade andina*”, a autora busca respaldo nos estudos de Hall e Bauman para afirmar que

ao vermos em tela sujeitos dispostos a olhar para seu passado em busca de superar as marcas que esse deixou, marcas em seu corpo, em sua mente, em suas famílias” encontra-se “a construção de identidades individuais e de grupos como produto de um trabalho de bricolagem, de pequenos relatos, imagens que se associam”.⁹⁴

Dentro dos propósitos da presente investigação, resta ainda a problematização da historicidade dos regimes políticos vigentes no Cone Sul sob o signo da Operação Condor.

A dissertação de Rios se dedica à análise do que ele chama de “*gesto arqueológico*”, sendo esse um esforço de construção de “*narrativas, atos*

⁹² LAPOUBLE, C. Op. Cit., p. 64.

⁹³ Ibidem, p. 86.

⁹⁴ Ibidem, p. 97.

corporais de memórias e objetos comemorativos” que investem numa memória de resistência política. Com o título *O cinema arqueológico de Patricio Guzmán*, a análise coteja os filmes *Chile, memória obstinada* (1997) e *Nostalgia da luz* (2010), dividindo-a em três momentos, sendo o segundo capítulo mais atraente ao nosso escopo.

O título sugere uma ligação linear do realizador com as relíquias e os fantasmas de seu país para analisar como Guzmán investiu numa forma de participação mais atuante, “reflexiva” e passível de ser lida pelo viés da “*pós-memória*”. Em “*Chile, memória obstinada – uma ponte por cima da ruptura*”, Rios cita Hirsch e reconhece que a categoria para compreender a reação dos jovens às cenas de *A Batalha do Chile*

descreve, mais especificamente, o relacionamento dos filhos dos sobreviventes de um trauma coletivo ou cultural com as experiências de seus pais, experiências que eles “lembram” apenas enquanto narrativas e imagens com as quais eles cresceram, mas que são tão fortes, tão monumentais, que constituem memórias por si só.⁹⁵

Mas Rios segue adiante detectando uma espécie de teleologia entre o filme de 1997 e o de 2010 ao afirmar que o primeiro filme “*antecede vários gestos que estão presentes em Nostalgia da luz*”, sendo que a premissa do realizador nessa obra seria “*o gesto arqueológico, [uma] vontade de ativar a memória através de resquícios, ruínas e artefatos visuais, que vincula o presente a períodos históricos anteriores*”, e que se tornaria algo comum no cinema de Guzmán nos últimos anos.

Após transitar entre as categorias benjaminianas como “*experiência*”, “*transmissão*” e o seu conceito de “*história a contrapelo*”, Lopes conclui que o tal

gesto arqueológico não está apenas na estrutura do documentário, mas também nas próprias ações dos personagens (isso inclui o diretor) e dos locais explorados. São os vestígios e rastros que originam muitas vezes o discurso sobre os acontecimentos passados.⁹⁶

Diante do intuito da presente pesquisa, crê-se que seria possível problematizar com mais acuidade momentos em que noções como “*dever de*

⁹⁵ RIOS, T. Op. Cit. p. 17.

⁹⁶ Ibidem, p. 92.

memória”, algo de fundo kantiano, são aplicadas ao cinema de Guzmán, concorrendo com os estudos críticos de Beatriz Sarlo como justificativa teórica. Não seria demais reconhecer a necessidade de melhor precisão das noções de memória e história que, na obra, põe, lado a lado, os aportes de Benjamin e Halbwachs.

Se existe algo em comum entre os estudos de Lapouble, Rios e Villaça é o fato de os três pesquisadores assumirem o filme *Nostalgia da luz* como objeto de estudo e chave de interpretação da obra de Patricio Guzmán. A dissertação de Luís Villaça é intitulada *Nostalgia da luz e o filme-ensaio: uma proposta de análise a partir da trajetória cinematográfica de Patricio Guzmán*, e se propõe as seguintes questões:

como Guzmán se apropria das matérias de expressão para narrar uma história? É possível identificarmos a elaboração de um pensamento próprio através das nuances que encontramos na elaboração discursiva do filme? Em quais aspectos as escolhas que ele faz se repetem, em alguma medida, na realização de *Nostalgia da luz*, no entendimento de uma suposta inscrição audiovisual ensaística?⁹⁷

Os filmes *A Batalha do Chile III - O poder popular* (1979) e *Chile, a memória obstinada* (1997) compõem o corpus da pesquisa e emprestam seus nomes aos capítulos para que Villaça assuma *Nostalgia da luz* (2010) como um “filme-ensaio”, uma forma de síntese da evolução da cinematografia de Guzmán, ou em suas palavras, como o “*ponto de chegada formal de seu percurso, marcado por abordar assuntos relevantes da história contemporânea*”.⁹⁸ De fundo, a perspectiva teleológica de uma performance fílmica, tanto em termos temáticos quanto estilísticos, é elaborada sendo que o filme de 2010 conteria novas “*matérias de expressão*”, tais como

a concepção da imagem, as técnicas de registro documental, os modos como realiza a montagem, o uso da voice-over, a maneira como ele se apropria de imagens de arquivo, os modos de entrevista e registro de depoimentos, a escolha e a abordagem de temas e o uso do som e da imagem como elementos expressivos.⁹⁹

⁹⁷ VILLAÇA, L. Op. cit., p. 56.

⁹⁸ Ibidem, p. 12.

⁹⁹ Ibidem, p. 72.

Para Villaça, enquanto no filme de 1979 “*o nítido registro factual é um elemento predominante*”, o filme de 1997 se mostra como “*um recurso de rememoração ao projetá-lo para um grupo de pessoas e na tentativa de elaborar uma miscelânea de pensamentos sobre o passado político do Chile*”. Ato contínuo, após um intenso debate teórico sobre o conceito de “*filme-ensaio*”, Villaça encontra, em *Nostalgia da luz*, a sua expressão fílmica devido à “*a ausência de clara distinção entre o que é documentário e criação ficcional*” e “*por haver uma subjetividade pensante*”,¹⁰⁰ dentre outras razões, que serão exploradas em nosso último capítulo. Dentro dos nossos interesses, crê-se que seria possível avançar mais sobre as condições de elaboração de um “*pensamento do próprio realizador*”, algo que foi prometido ao longo da dissertação.

Em relação aos estudos de Bispo, *As imagens da utopia no cinema de Patricio Guzmán*,¹⁰¹ ele apresenta, em seus dois primeiros capítulos, um histórico do conceito de documentário e de suas expressões latino-americanas. De certa forma, o terceiro capítulo é o momento mais forte do estudo, posto que nele são desenvolvidas, com bastante interesse, as categorias de “*esperança*” e “*utopia*” extraídas da obra de Ernest Bloch e que, de acordo com o autor, serão “*referências para análise estética*”¹⁰² das representações da utopia na primeira trilogia de Guzmán. Intitulado *A batalha enquanto perspectiva de construção de mundo*, o capítulo levanta, a partir de Bloch, argumentos tais como

as representações da fantasia utópica, por sua vez, não comporiam tão somente o que já existe, mas, também, o que dá continuidade, de modo antecipatório, ao que existe nas possibilidades futuras, representações que seriam ao mesmo tempo diferentes e melhores do que o presente oferece,¹⁰³

para, ao longo de suas últimas setenta e três páginas, dedicar-se à análise fílmica da primeira trilogia de Guzmán contando com afirmações como:

as manifestações favoráveis à Unidade Popular são retratadas como uma grande festa militante. Como se o momento propiciasse a esperança no aprofundamento das mudanças

¹⁰⁰ Ibidem, p. 79.

¹⁰¹ A dissertação foi publicada em livro pela Editora Appris em 2018.

¹⁰² BISPO, B. Op. Cit., p. 47.

¹⁰³ Ibidem, p. 69.

que vinham ocorrendo no país. Tais falas claramente apontam para uma nova realidade, a concretude das palavras que se refiram ao avanço das melhorias de vida através da luta.¹⁰⁴

Ou, ainda, análise sobre as *representações* dos setores burgueses no filme que afirmam que “[como] sujeitos da conservação (...) falam a partir do passado”, são donos de uma “fala que remete a uma potência sem um sujeito que aja para sua efetivação” sendo “fotografados [até aqui] em uma expressão sisuda, grave, quase tétrica”. Enquanto, por outro lado, “sendo retratada de forma mais leve, alegre e senhora de si, há uma classe que fora historicamente expropriada e subordinada, e que, num processo de avanço de sua consciência, constrói um projeto de superação da sua subordinação”.¹⁰⁵

Nesse momento, é válido lembrar que um dos grandes riscos da análise fílmica no universo da história é precisamente a utilização dos filmes como justificativa dos substratos teóricos definidos *a priori*. Melhor dizendo, aqui se faz relevante citar as considerações fundamentais de Morettin acerca das potencialidades do filme na “construção de uma história com o cinema”. Para o historiador,

Elas só serão concretizadas se o filme for alçado ao primeiro plano. Isto significa que as questões que presidem o seu exame devem emergir de sua própria análise (...) trata-se de desvendar os projetos ideológicos com os quais a obra dialoga e necessariamente trava contato, sem perder de vista a sua singularidade dentro do seu contexto.¹⁰⁶

Em relação aos estudos internacionais,¹⁰⁷ até o momento, tem-se a tese de Juan Carlos Rodríguez (2010), a dissertação de Nora Szegvari (2013), a tese de Ariel Arnal (2015), a dissertação de Natacha Scherbovsky (2016) e a tese de Julien Joly (2018).

Orientada por Ariel Dorfman, a tese de Rodríguez analisa a construção de memórias sociais através dos filmes *Chile, memória obstinada* (1997), *O caso Pinochet* (2001) e *Robinson Crusoe* (1999), estabelecendo correlações

¹⁰⁴ Ibidem, p. 86.

¹⁰⁵ Ibidem, p. 87.

¹⁰⁶ MORETTIN, E. *O Cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro*. IN: CAPELATO, M. Op. cit, p. 63.

¹⁰⁷ Por fim, vale registrar que lançamos em 2016 o livro *A história de Salvador Allende no cinema de Patricio Guzmán* que, até o presente momento, é a única publicação em língua portuguesa sobre o cineasta. Ao tomar como ponto de partida o filme “Salvador Allende”, o livro recorre a história contemporânea do Chile, assim como analisa como o filme revela as diferentes memórias sociais comprometidas com o Governo Allende.

históricas com os impasses da transição democrática no cenário mundial neoliberal.

O filme *Nostalgia da luz* (2010) é o objeto de estudo de Szegvari para analisar como o manejo de imagens materiais e imateriais, de corpos terrestres e celestes evocam as condições ontológicas do trauma. Em comum com a pesquisa de Villaça citada acima, Szegvari assume o conceito de *filme ensaio* para compreendê-lo como um *locus* de discursos de resistência ao esquecimento e de elaboração dos entrecruzamentos de memórias individuais e coletivas.

A pesquisa de Arnal, certamente, é a que mais dialoga com o campo dos estudos históricos ao se debruçar sobre a trilogia de *A Batalha do Chile* para investigar conceitos como “*consciência e memória histórica*” tendo como princípios o conceito de “*história do tempo presente*”¹⁰⁸ de Ricoeur e o fato de “*el Equipo Tercer Año*” ter a consciência histórica a respeito do momento em que viviam.

Assim como Arnal, Scherbovsky também se dedica à “primeira trilogia” de Guzmán investigando suas “estratégias do real” tendo em vista a análise da construção de um cinema revolucionário. Assim como os outros pesquisadores internacionais já citados, os estudos de Scherbovsky contêm entrevistas de Guzmán,¹⁰⁹ mas vai além ao relatar depoimentos de militantes da época - tal como a radialista Virginia Quevedo, uma das mobilizadoras das Juntas de Abastecimento e de Preços organizadas para enfrentar a grande paralisação dos setores burgueses em outubro de 1972 - e de outros cineastas e de componentes da equipe de filmagem, a exemplo de Mario Díaz, Carlos Flores, Bernardo Menz, Pedro Chaskel, José Roman e José Bartolomé.

Por fim, conta-se com a minuciosa pesquisa de Joly intitulada *O cinema de Patricio Guzmán. Histórias, memórias e engajamentos: um itinerário transnacional*. Como o próprio pesquisador registra nas páginas iniciais, trata-

¹⁰⁸ ARNAL, A. Op. Cit., p. 11.

¹⁰⁹ É importante registrar que, desde o começo de nossas investigações a respeito do cinema de Guzmán em 2012, temos tentado sem êxito viabilizar uma entrevista com o realizador, seja através de e-mails, seja nas duas ocasiões quem tivemos a oportunidade de encontrá-lo pessoalmente. Portanto, as eventuais perguntas ainda seguem destinadas a ele e ao seu grande público através da presente pesquisa.

se de um “*projeto de pesquisa inédito*”,¹¹⁰ pois mobiliza conhecimentos de diferentes “*disciplinas científicas*”, registros escolares e acadêmicos das instituições educacionais que formaram o caráter pessoal e profissional de Guzmán, além de se propor a uma análise biográfica e fílmica que alcança o filme *O botão de nácar*, lançado em 2015.

Em resumo, os marcos metodológicos desses estudos e seus subsídios teóricos serão explorados e desdobrados ao longo de nossa pesquisa para, como já disse, atualizar o *estado da arte* do cinema de Patricio Guzmán e, além disso, criar condições de um balanço historiográfico que atue como uma referência para as pesquisas ulteriores. Não seria demais considerar que a presente investigação tem sido margeada pelos estudos de outros pesquisadores fundamentais seja no tocante às relações entre Cinema e História, como também em relação ao cinema chileno em particular e seus desdobramentos sociais, políticos e culturais.

A pesquisa está apresentada com os seguintes capítulos: no **Capítulo 01 - América Latina, Guerra Fria e Cinema**, tem-se uma introdução histórica sobre a conjuntura da Guerra Fria e a presença do Chile nesse cenário, cujas relações internacionais se mostraram cada vez mais agudizadas na medida em que a vitória eleitoral de Salvador Allende se mostrava viável. Nele, também, encontra-se a apresentação do que foi o *Nuevo Cine Latinoamericano* e de como a historiografia contemporânea tem interpretado este conceito.

Feito isso, o capítulo promove um recorte e avança com a conjuntura social, política e cultural em que Patricio Guzmán emergiu como cineasta. Para tanto, tem-se um breve percurso do cinema chileno com destaque às produções fílmicas realizadas sob o signo do governo Allende (1970-1973), posto que ainda suscitam diferentes interpretações em decorrência da heterogeneidade de seus temas, estilos e repercussões sociais.

O capítulo seguinte, intitulado **Capítulo 02 – As demiurgias de A Batalha do Chile**, realiza um balanço historiográfico e analisa como os filmes objetivam a intensificação da luta de classes durante o governo Allende. Explorando as possibilidades de categorização das *imagens demiúrgicas*,

¹¹⁰ JOLY, J. *O cinema de Patricio Guzmán. Histórias, memórias e engajamentos: um itinerário transnacional*. Tese de doutoramento defendida na Universidade de Paris 3, em junho de 2018, p. 12.

demóticas e hostis, a pesquisa coteja as produções fílmicas com uma extensa rede bibliográfica a fim de compreender como elas expressam as divergências ideológicas e partidárias, as cizânias institucionais, os impasses entre os movimentos sociais, além das ações legalistas e golpistas da caserna.

Além da historiografia, o capítulo também percorre os discursos de Salvador Allende a fim de problematizar as montagens operadas a partir deles, e dimensioná-los em função da “análise política” pretendida pela equipe de produção. A respeito dela, a pesquisa, também, reflete sobre como as perspectivas althusserianas, presentes na equipe de produção através de Marta Harnecker, contribuíram para determinar os argumentos fílmicos.

Uma atenção especial foi dada ao filme *O poder popular* tendo em vista que a sua finalização se deu tardiamente quando comparado aos dois primeiros filmes. Dessa maneira, a sua realização é posta em perspectiva à luz das publicações que ganhavam publicidade no fim dos anos setenta, além de ser examinado a partir de temas que, em grande medida, ainda são lacunas na historiografia, tal como os movimentos sociais rurais e a questão de gênero.

No **Capítulo 03 – As memórias da trilogia dos testemunhos**, tem-se uma análise fílmica da “segunda trilogia”. Dentre as razões para tal categorização, está o fato de sua análise fílmica ser cotejada com os debates históricos sobre o *Informe Rettig* (1991) e o *Informe Valech* (2003), ambas as comissões nacionais da verdade implantadas pelos governos da *Concertación*, com as contribuições dos pesquisadores dedicados às histórias dos testemunhos chilenos e, sobretudo, com as entrevistas conquistadas junto das mulheres presentes nos filmes.

Tem-se em vista o estudo de como a unidade dramática dos filmes dessa trilogia expressam as contradições históricas da *Concertación*, as tensões entre as revelações e os silenciamentos, os anseios pelas verdades políticas e os limites dados pelo consenso social forjado pela “democracia autoritária e protegida”. O recurso aos testemunhos de sobreviventes do governo Allende e da máquina repressiva do pinochetismo, assim como de familiares de detidos e desaparecidos está entre as razões que levam a pesquisa a compreender esse conjunto de filmes como “a trilogia dos testemunhos”. A hipótese, então, é a de que as tensões e contradições da *Concertación* – de um lado, o clamor pelo *Nunca Más!* e, de outro, o realismo

da “*justiça dentro do possível*” – também estão contidos na manufatura do regime fílmico dessa trilogia.

Não se pode deixar de lado o fato de que, em comum, esses filmes trazem um Patricio Guzmán que se assume, de início, como uma dentre as testemunhas oculares do governo Allende, além de sobrevivente da lógica concentracionária pinochetista. O deslocamento para uma posição auricular, isto é, como alguém que transmite experiências outras para nós é avaliado em função de um arco narrativo que culmina numa fenomenologia da memória em *Salvador Allende*, de 2003. Um filme cuja análise dialoga com outras produções que se pretendem como cinebiografias do ex-presidente, a saber *Il pleut sur Santiago* (FRA, 1975) dirigida por Helvio Soto, *La noche sobre Chile* (URSS, 1977) e *Allende y su laberinto* (VEN, 2014) de Miguel Littín.

Por fim, o **Capítulo 04 – Uma trilogia poética para o Chile do século XXI** mantém o exercício historiográfico que compõe a pesquisa ao fazer um balanço dos estudos acerca da trilogia iniciada com *Nostalgia da Luz*, em 2010. Nesse momento, a hipótese de que existe uma unidade dramática em *Nostalgia da Luz*, *O botão de nácar* (2015) e *A cordilheira dos sonhos* (2019) é mapeada a partir da análise da contemplação como um dispositivo simultaneamente estético e ético através de um diálogo com uma filosofia da natureza. Daí esse conjunto de filmes aqui ser denominado de “*trilogia da imensidão íntima*”. Além da análise das possíveis repetições presentes em sua obra e do balanço de sua constelação de personagens, todos eles íntimos ou politicamente fraternos, nota-se como infância, intimidade e contemplação compõem uma poética das imagens que assume o valor de resistência diante dos imperativos do rendimento e do esgotamento da ordem neoliberal. Feito isso, seguem as considerações finais e, na sequência, é apresentado o corpo documental na seção *Anexos*.

CAPÍTULO 01 - AMÉRICA LATINA, GUERRA FRIA E CINEMA

O presente capítulo traça um panorama geral da Guerra Fria na América Latina para contextualizar a emergência das esquerdas chilenas. Dado esse escopo global, a carreira pessoal e política de Salvador Allende é acompanhada em paralelo com a consolidação do Estado de Direito e de bem-estar social que culminaram em sua eleição em 04 de setembro de 1970. Consoante a esses aspectos, tem-se as diferenças ideológicas entre socialistas, comunistas e os chamados “miristas”, partidários do *Movimiento de Izquierda Revolucionária* e alinhados ao ideário da Revolução Cubana, a partir da escalada política dos eventos internacionais.

Feito isso, o texto avança para os debates a respeito do chamado *Nuevo Cine Latinoamericano* apresentando o itinerário profissional e intelectual de seus realizadores, as suas janelas de exibição e os desdobramentos estéticos e políticos de suas obras. Para tanto, a investigação transita entre a fortuna crítica dos cânones e as contribuições mais atuais a respeito de seus temas. De passagem, tem-se a problematização do que se convencionou chamar de *Nuevo Cine Chileno* a fim de demonstrar as condições históricas em que se formou o jovem Patricio Guzmán.

O panorama social, político e cultural do Chile dos anos 1960 e 1970 ganha densidade a partir dos reflexos práticos e teóricos dos festivais de cinema de Viña del Mar dos anos de 1967 e 1969, momento em que se entrecruzam de maneira mais significativa as tendências internacionais e os anseios dos realizadores locais. Ato contínuo, tem-se o surgimento de Patricio Guzmán como um cineasta em paralelo com as análises a respeito do chamado “*Cinema da Unidad Popular*”. Esse corpus fílmico reflete as afinidades temáticas e as divergências ideológicas próprias da *Unidad Popular* e do Governo Allende (1970-1973). Dentre os propósitos do capítulo, está a apresentação das condições históricas em que Guzmán produz a sua primeira trilogia, *A batalha do Chile* (1975-1979).

Para se ter uma ideia mais clara das relações entre as produções cinematográficas, seus manifestos teóricos e ações políticas, é preciso fazer um recuo histórico para se compreender a América Latina da Guerra Fria. Tomando como ponto de partida as impressões de Hobsbawm no calor do momento, Leslie Bethel se lembra que, em 1967, o historiador britânico afirmava que a única região fora da Europa onde o historiador se sentia totalmente em casa era a América Latina. Para Bethel, a atração de Hobsbawm pelo continente vinha de seu potencial revolucionário, mais latente após o triunfo da Revolução Cubana em 1959 - e, principalmente, a sua vitória contra os Estados Unidos nas batalhas da Playa de Girón, em abril de 1961. Sobre aquele momento, Eric escreveu

A Segunda Guerra Mundial produziu uma espécie de reação em cadeia de movimentos de libertação revolucionário (...) O movimento de libertação começou finalmente a avançar no império informal da maior e mais poderosa das potências capitalistas sobreviventes, entre os países independentes nominalmente, mas na prática, semicolônias da América Latina. Ali, os movimentos revolucionários não conseguiram se transformar em mais do que guerras civis anárquicas (como na Colômbia após 1948), nem tiveram êxito nas circunstâncias bastante excepcionais da Bolívia (1952). Porém, a vitória de Fidel castro em Cuba (1959) traria em breve o primeiro regime socialista para o continente americano e nele inauguraria uma era de agitação social que ainda não terminou.¹¹¹

Em realidade, a “*agitação social*” já se fazia presente desde a década de 1920, quando se tinha em vista o momento de fundação de vários partidos de esquerda pela América Latina, muitos deles ligados ao Partido Comunista da URSS, além da consolidação de associações de classe e organizações sindicais representativas das classes trabalhadoras. Exemplos disso foram a emergência de um projeto de Estado de bem-estar social com o governo de Juan Domingo Perón na Argentina, que durou de 1946 a 1955. Com amplo apoio de setores urbanos sindicalizados, o *peronismo* foi responsável pela

¹¹¹ BETHEL, L. (Org.) *Eric e a América Latina*. IN: HOBBSAWM, E. *Viva a revolução: a Era das Utopias*. São Paulo: Cia das Letras, p. 10.

redução da desigualdade social, pela defesa da soberania nacional e por uma diplomacia pautada pela equidistância entre EUA e URSS.¹¹²

No Brasil, os efeitos das reformas de Nikita Khrushchov na União Soviética em 1956 se tornaram presentes através de uma dissidência do Partido Comunista que deu origem ao Partido Comunista do Brasil, em 1962. Enquanto o primeiro tinha como princípio o marxismo-leninista, o segundo passou a defender a luta armada como tarefa política de suplantação do regime capitalista. Ainda, é preciso reconhecer que, no Brasil, as tensões ideológicas próprias da Guerra Fria não se restringiram às disputas entre os entes da sociedade civil e o Estado, mas que tomaram de assalto o próprio corpo burocrático¹¹³, quando, em um processo eleitoral realizado em chapas independentes, em 1961, o país elegeu o conservador Jânio Quadros (UDN) para a presidência, e o progressista João Goulart (PTB) para ser seu vice.

Essas eleições acentuaram as divergências institucionais, principalmente com a defesa de uma política externa independente, e a condecoração de Ernesto “Che” Guevara por Quadros em agosto daquele ano. Com a sua renúncia, o governo Goulart se tornou uma espécie de “*show case*” da Doutrina de Segurança Nacional norte-americana: a sua aproximação junto dos setores sindicais e a defesa das chamadas Reformas de Base acionaram o alerta vermelho dos setores conservadores que respaldaram o golpe de Estado de 01 de abril de 1964.¹¹⁴

Quanto ao Chile, assim como outros países latino-americanos, ele se tornou uma sociedade urbana e industrial ao longo das primeiras décadas do

¹¹² Para saber mais das relações entre Brasil, Argentina e a Guerra Fria ver GUIMARÃES, Saulo P. *Argentina – visões brasileiras*. BSB, IPRI, 2000. Disponível em: <http://funag.gov.br/biblioteca/download/63-Argentina_Visoes_Brasileiras.pdf> Acessado em 26 de outubro de 2019.

¹¹³ As crises institucionais brasileiras dos anos 1960, assim como os eventos em torno da ruptura democrática de 1964 têm sido reavaliados com frequência desde 2014, data em que houve efemérides em função dos 50 anos do Golpe Civil-Militar brasileiro. Não seria demais afirmar que os eventos correlatos à destituição da presidente Dilma Rousseff (agosto de 2016) e as eleições de 2018 também contribuíram para intensificar o interesse público pelo tema. Para saber mais ver NAPOLITANO, Marcos. *1964, uma história do regime militar*. São Paulo: Contexto, 2013 e GOMES, A.; FERREIRA, J. *1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a Ditadura Militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

¹¹⁴ Lançado em 2012, o filme *O dia que durou 21 anos*, de Camilo Tavares teve o mérito de ser a primeira realização a dar um tratamento cinematográfico aos documentos desclassificados pelos Estados Unidos que comprovam o seu envolvimento com o golpe civil-militar brasileiro de 1964. Para saber mais, as informações do filme em formato de série televisiva ainda estão disponíveis no domínio público da TV Brasil em <<http://tvbrasil.ebc.com.br/odiaquedurou21anos>>. Acessado em 29 de janeiro de 2020.

século XX. Porém, ao contrário de seus vizinhos – em geral marcados por constituições autocráticas -, já em 1925¹¹⁵, assistiu à elaboração de uma Constituição com um teor cívico que marcou a sua modernização social em vários sentidos, desde o reconhecimento de direitos sociais até a racionalização e conformação de uma administração pública.¹¹⁶ Apesar de seu processo constituinte ter sido marcado por intervenções militares, pelo sucessivo fechamento do Congresso e perseguições políticas característicos do governo Ibañez, de 1927 a 1932, é preciso reforçar que a nova Constituição reconheceu a fundação de uma República Federativa Presidencialista, assim como a legalidade de partidos políticos, e criou comissões consultivas. Assim, o texto constitucional de 1925 viveu por mais de quatro décadas, até ser reformulado pela Junta Militar após o golpe de 11 de setembro de 1973 e ser substituída, em 1980, pelo regime ditatorial de Augusto Pinochet.

É importante reforçar que esse foi o arranjo jurídico que sustentou as rotinas eleitorais legislativas e executivas no país, além de mediar as relações entre sociedade civil e Estado com a gradativa construção de importantes instâncias para a consolidação da soberania nacional e da ideia de bem-estar, como a criação do Banco Central e do Ministério da Agricultura em 1925, da Controladoria Geral da República em 1927, da Corporação de Fomento à Produção (CORFO) em 1940 e do Serviço de Seguridade Social em 1952, dentre outros. Da mesma maneira, serviu de esteio teórico para as gradativas reformas legais que ampliaram o corpo eleitoral e deram robustez ao regime democrático, tais como a introdução do voto feminino em eleições municipais em 1934, e em eleições presidenciais e parlamentares em 1949, a introdução da cédula única em 1958, o voto para cegos em 1969 e para os analfabetos em 1971.

¹¹⁵As Constituições da República do Chile de 1810 a 2015 se encontram sistematizadas no domínio público do Ministério do Interior e Segurança Pública em <<https://www.interior.gob.cl/media/2014/04/Constituciones1810-2015.pdf>> Acessado em 15 de novembro de 2019.

¹¹⁶ MASCAREÑO, Aldo. *La Constitución de 1925. Crisis y legitimación constitucional en perspectiva sociológica*. Disponível em: <<file:///C:/Users/F%C3%A1bio/Downloads/2017MascarenoConstitucin1925.pdf>> Acessado em 17 de novembro de 2019.

Nesse contexto, cresceu e se formou Salvador Allende Gossens, filho de uma família ilustrada provinda das camadas médias urbanas. Em sua entrevista com Debray¹¹⁷, afirmou sempre ter sido um “homem de atuação” desde os anos da Faculdade de Medicina, momento em que compartilhou leituras marxistas com seus colegas universitários que se sintonizaram com os valores laicos e humanistas do convívio familiar. Em 1932, participou da fundação do Partido Socialista, considerando que o já existente Partido Comunista parecia ser *“hermético e fechado”* e, então, considerou ser *“conveniente construir um Partido sobre uma concepção mais ampla, com independência absoluta e com táticas mais voltadas aos problemas chilenos, um partido independente de vínculos internacionais.”*

Mas o Partido Comunista chileno logo desfez as impressões de Allende, pois, já em sua Conferência de 1933, optou por formar amplas alianças políticas, uma estratégia reforçada pelo VII Congresso do Komintern. Surgiu, então, em fevereiro de 1936, a Frente Popular com a união dos partidos Radical, Socialista e Comunista, tendo em vista as eleições parlamentares de 1937 e as presidenciais de 1938 como oportunidades para as forças progressistas.¹¹⁸ A Frente Popular foi importante para a eleição do reformista Pedro Aguirre Cerda, cujo governo contou com a atuação de Allende como Ministro da Saúde, da Habitação e da Segurança,¹¹⁹ um cargo que contribuiu para a sua rápida projeção política.

Em março de 1945, dois meses antes da rendição total da Alemanha nazista na 2ª Guerra Mundial, Salvador Allende foi eleito senador da República, um cargo que ele manteve até assumir a faixa presidencial em 03 de novembro de 1970. Logo, o país sentiria os efeitos da lógica de confrontação

¹¹⁷ DEBRAY, Régis. *Salvador Allende – Conversaciones con Régis Debray*. Disponível em: <<https://www.marxists.org/espanol/allende/1971/marzo16.htm>> Acessado em 12 de outubro de 2019. O encontro do intelectual francês com o então presidente foi produzido pela Chile Films e realizado por Miguel Littín em 1971, tornando-se o filme *Compañero Presidente*.

¹¹⁸ A referência ao fato de as esquerdas chilenas terem sido as únicas na América Latina dos anos 1930 a se assemelharem às de países europeus como Espanha e França, nos quais surgiram coalizões para combater o nazifascismo, é recorrente na historiografia sobre o tema. Ver HOBBSAWM, E. *Viva a revolução: a era das utopias na América Latina*. São Paulo: Cia das Letras, 2017; AGGIO, A. *Frente Popular, radicalismo e revolução passiva no Chile*. São Paulo: Annablume, 1999 e *Democracia e Socialismo – a experiência chilena*. São Paulo: Annablume, 2002 do mesmo autor.

¹¹⁹ Debateremos esse histórico político a partir das leituras de Tito Drago, Sérgio Bitar e Joan Garcés na introdução de nosso livro *“A História de Salvador Allende no cinema de Patricio Guzmán”*, Ed. Paco, 2018.

característica da Guerra Fria, pois o Partido Comunista, que havia conquistado uma alta votação nas eleições municipais de 1947, passou a, cada vez mais, estimular ações diretas como greves, tomadas de terra e mobilizações como táticas para o avanço de pautas como a reforma agrária, a sindicalização dos trabalhadores rurais e o voto feminino.

Isso fez com que o governo do radical Gonzáles Videla se alinhasse diretamente às diretrizes macarthistas do Governo Truman: em 1948, ele restituiu o seu gabinete e baixou a Lei de Defesa Permanente da Democracia que pôs o Partido Comunista na ilegalidade, além de perseguir, desterrar e confinar seus militantes em campos de concentração.¹²⁰ Em sua monumental biografia de Allende, Amorós registra que, ao explanar os princípios de sua primeira postulação à presidência da República, em 1952, no Teatro Caupolicán, junto de setores do Partido Radical e do Comunista, ele se referiu às conjunturas nacional e internacional reafirmando que

não somos a soma de dois partidos. Somos isso e muito mais; somos um vasto setor cidadão que quer acelerar, com sentido de progresso, o processo evolutivo de nossa democracia para transformá-la em uma democracia social (...) Há anos que o mundo está em um amplo e profundo processo de transformação social que envolve o político, o econômico e o social. Nós não podemos estar à margem dele. A revolução está em marcha na consciência dos homens, na vontade dos povos. Cada país a orienta e a conforma segundo suas características próprias, geográficas, econômicas e políticas.¹²¹

Ao final de seu discurso, denunciou a Lei de Defesa Permanente da Democracia, na época também conhecida como *Lei Maldita*, exigiu a sua derrogação e defendeu a liberdade de atuação do Partido Comunista; e teria sido aplaudido ao som d'A Internacional como fechamento do encontro. Apesar da baixa votação, a candidatura de 1952 delineou o protagonismo de Allende dentre as forças progressistas e fez com que ele se projetasse como uma alternativa concreta frente à direita tradicional e à emergente socialdemocracia do Partido Demócrata Cristão.

As eleições de 1958 reeditaram a coalizão dos partidos de esquerda com a Frente de Ação Popular, a FRAP. A partir do lema *Un camino nuevo, un candidato popular y un programa de lucha*, a segunda candidatura de Allende

¹²⁰ AMORÓS, M. Op. cit., p. 114.

¹²¹ Ibidem, p. 122.

contou com um amplo apoio social dentro das esquerdas, da intelectualidade progressista e dos setores organizados dos trabalhadores.¹²²

Naquela ocasião, teve início um recurso que seria utilizado nas próximas eleições, o *Trem da Vitória*. A iniciativa consistiu em organizar um comboio ferroviário pintado com os dizeres *A todo vapor com Salvador* para percorrer o país e colocar o presidenciável em contato direto com a população.

O programa de governo defendia a reforma agrária, a nacionalização do cobre, o controle do sistema bancário e a criação de setores econômicos estatais. Todas essas medidas visavam uma transição gradual ao socialismo – algo que mais tarde, nos anos setenta, passou a ser chamado de “*a via chilena ao socialismo*”.

A vitória ficou com Jorge Alessandri, filho do ex-presidente conservador Arturo Alessandri e postulante pelo Partido Nacional, com 31,18% dos votos. Allende ficou em segundo lugar com apenas 33.417 votos de desvantagem. Para Amorós, esse conjunto de fatores – o protagonismo de Allende na concertação das esquerdas, o contato direto de seu carisma junto da população e a defesa da via legal e de uma plataforma de transição gradual para o socialismo – deu origem ao *allendismo*, um ator coletivo que transcendia os partidos políticos e que se transformou em um movimento social e político até a vencer as eleições presidenciais em 1970.¹²³

Nesse momento, retomam-se as considerações de Hobsbawm. Como foi dito no começo desse capítulo, o ano de 1959 foi crucial para o surgimento de uma “*era de agitação social*” porque, até então, os paradigmas revolucionários da esquerda eram a Revolução Russa, de 1917, e a Revolução Chinesa, de 1949, ambos os movimentos de massas capitaneadas por partidos políticos programáticos e com táticas e estratégias bem delineadas.

Pode-se afirmar que, somado ao XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, ocorrido em fevereiro de 1956, a vitória do Movimento 26

¹²² Para saber mais sobre histórico dos diferentes setores da classe trabalhadora e o seu protagonismo no Governo Allende ver CURY, Márcia Carolina. *O protagonismo popular: experiências de classe e movimentos sociais na construção do socialismo chileno (1964-1973)*. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280317/1/Cury_MarciaCarolinadeOliveira_D.pdf> Acessado em 12 de dezembro de 2019.

¹²³ O tema é explorado no Capítulo 7 “*A força do Allendismo*” da obra citada.

de Julho sobre a ditadura de Fulgêncio Batista em 1959 provocou mudanças decisivas nos rumos das esquerdas mundiais.

O primeiro por oferecer as condições de autocríticas às esquerdas a partir da análise do autoritarismo stalinista, enquanto o segundo demonstrou uma nova possibilidade revolucionária, o foquismo, uma teoria revolucionária inspirada por Ernesto “Che” Guevara e teorizada pelo francês Régis Debray. A sua premissa era pulverizar “*focos de luta armada*”, assim, através de guerrilhas, os países subdesenvolvidos teriam melhores condições de combater o imperialismo e conquistar a emancipação política.

Allende e Fidel Castro se conheceram em Cuba em fevereiro de 1959 e, a partir de então, ambos os estabeleceram vínculos pessoais e políticos com proximidade e capturaram as atenções internacionais ao longo das próximas duas décadas.¹²⁴ A vitória dos guerrilheiros cubanos sobre as tropas norte-americanas nas batalhas da Baía dos Porcos em abril de 1961 provocou o alinhamento da revolução nacionalista do Movimento 26 de julho à União Soviética. A adesão cubana ao bloco soviético agravou as relações internacionais, e levou os Estados Unidos a dar mais robustez à *Aliança para o Progresso* (APP), anunciada oficialmente em março de 1961 pelo governo JFK.

Interpretada, na época, como uma espécie de “Plano Marshall” para a América Latina, ela foi uma eficiente estratégia diplomática norte-americana para concorrer com o avanço do ideário das esquerdas no subcontinente.¹²⁵

Na prática, o governo norte-americano subsidiou linhas de crédito e investimentos ligados aos setores de saneamento, habitação e urbanização, tendo em vista a estabilização¹²⁶ das condições de trabalho, melhorias salariais e desenvolvimento de iniciativas privadas em toda a região. Dentre os propósitos estava a mitigação das tensões sociais pela inserção de amplos setores sociais, além da defesa do livre mercado.

¹²⁴ Como sinal de diplomacia, ele levou de presente da Ilha aquela que seria a “segunda cópia” da edição de “*La guerra de guerrillas*”, o livro escrito por Che Guevara no qual defende a revolução pela via armada. A referência é feita tanto na entrevista com Debray quanto na biografia de Amorós.

¹²⁵ HOBBSAWM, E. op. cit., p. 343.

¹²⁶ O tema segue bem desenvolvido em LOUREIRO, Felipe. “*Dois pesos, duas medidas: os acordos financeiros de maio de 1961 entre Brasil e EUA durante os governos de Jânio Quadros e João Goulart (1961-1962)*”. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ecos/v22n2/a09v22n2.pdf>> Acessado em 05/12/2019.

Também chamados de “*covert actions*”,¹²⁷ esses investimentos chegaram à ordem de 3,3 bilhões entre 1961 e 1968, enquanto geraram cerca de 7,1 bilhões de dólares de lucros e ganhos para os EUA. No mesmo período, a porcentagem de exportações latino-americanas no comércio mundial diminuiu de 7,5% para 5,6%.¹²⁸

Porém, os efeitos nefastos também visavam à política, pois foram acompanhados de ostensivas campanhas publicitárias e propagandas anticomunistas com forte apelo moralista e que, via de regra, associavam os valores democráticos aos do cristianismo,¹²⁹ sendo essa uma estratégia para alimentar o anticomunismo e os ressentimentos políticos ao longo dos anos 1960 e de toda América Latina.

No Chile, a APP se fez presente no ostensivo financiamento que a campanha de Eduardo Frei recebeu dos Estados Unidos para vencer Salvador Allende em 1964: cerca de 20 milhões de dólares. Mais da metade de seu orçamento total foram destinados ao democrata-cristão para vencer coalizão de esquerda.

Naquele momento, a FRAP abarcava os partidos Comunista, Socialista, Democrático Nacional, Vanguarda Nacional do Povo Radical Doutrinário e a Aliança Nacional dos Trabalhadores. Por outro lado, a candidatura de Frei encampou os ideais da Aliança para o Progresso sob o slogan *Revolução em Liberdade* e se tornou um exemplo das atuações da CIA na América Latina.

Montagens fotográficas, informações falsas e alusões à “ameaça marxista” foram centrais na adesão do eleitorado à plataforma de governo freísta de viés desenvolvimentista e que, dentre outras coisas, defendia reformas agrária, educacional e a nacionalização das minas de cobre.

Dessa vez, Allende não foi páreo para a concorrência social-cristã: Frei venceu as eleições de setembro de 1964 com 55,67% dos votos contra 38,9% de Salvador Allende.¹³⁰

¹²⁷ Uma análise intensiva e exaustiva sobre as táticas e estratégias envolvidas no golpe está em BANDEIRA, M. *Fórmula para o caos: a derrubada de Salvador Allende (1970-1973)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

¹²⁸ BANDEIRA, M. Idem, 344.

¹²⁹ Dentre os exemplos dessas estratégias estão as ações do IBAD e do IPES no Brasil, tal como analisado por FERREIRA e CASTRO (2014) e Napolitano (2018). Para saber mais sobre Acción Feminina de Chile consultar: <<http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-97163.html>>.

¹³⁰ Frei com 1.409.012 votos e Allende com 977.902.

Naquele mesmo mês, os Estados Unidos foram o primeiro país a dar legitimidade ao novo governo de Castello Branco após o golpe civil-militar no Brasil, o que fez com que vários políticos e intelectuais procurassem asilo político no Chile.¹³¹

Com efeito, a Doutrina de Segurança Nacional¹³² se fez presente no Cone Sul e logo acentuou o ritmo dos acontecimentos do “breve século XX”: em 1965, foi a vez da República Dominicana sofrer um golpe militar apoiado pelos Estados Unidos. Em 1966, Havana sediou a criação da Organização de Solidariedade pelos povos da Ásia, África e América Latina, a OSPAL, e da Organização Latino-Americana de Solidariedade, OLAS, cujo primeiro presidente foi Salvador Allende que estava em uma viagem pela Europa e Oriente. Ambos os eventos defendiam a luta armada baseada em uma aliança tricontinental, um projeto inspirado nas *juntas coordenadoras* cubanas e teorizado pelo manifesto “*Aos povos da América Latina*”¹³³ que dizia “*desenvolver uma guerra revolucionária sangrenta e prolongada que tornará o continente latino-americano o segundo ou o terceiro Vietnã do mundo.*”

Em julho de 1967, Jean-Luc Godard lançou *La Chinoise*, um filme que expressava tanto a popularidade dos ideais maoístas junto à juventude francesa quanto as contradições do ideário das esquerdas. Após a morte de Che Guevara na Bolívia em outubro de 1967, o ano de 1968 se tornou um marco internacional: em janeiro, os vietcongues imprimiram uma virada na Guerra do Vietnã com Ofensiva do Tet; o maio francês foi incendiário; em junho, mais de cem mil pessoas saíram às ruas para protestar contra o regime militar brasileiro que, em 13 de dezembro, decretou o Ato Institucional nº 5 que restringiu o Estado de Direito.

¹³¹ O premiado livro “*O dia em que Getúlio matou Allende*”, lançado pela L&PM pelo jornalista Flávio Tavares oferece uma leitura dessa conjuntura histórica com riqueza de detalhes. TAVARES, F. “*O dia em que Getúlio matou Allende*”. São Paulo: L&PM, 2004.

¹³² COMBLIN, J. *A Ideologia da Segurança Nacional – o poder militar na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. O livro segue disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=bibliotbnm&pagfis=5633> Acessado em 21/12/2019.

¹³³ A pesquisa de Izabel Pimentel da Silva oferece um excelente panorama a respeito do tema. SILVA, IZABEL. “Por ti, América”: Luta armada, internacionalismo e latino-americanismo na trajetória da *Junta de Coordinación Revolucionária*. Tese defendida no Depto. De História da UFF para obtenção do título de doutora, 2016. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1808.pdf> Acessado em 15/12/2019.

No último ano de seu governo, Frei teve que lidar com dois desafios, sendo que ambos os teriam efeitos de curto prazo. Em maio de 1969, o seu Partido da Democracia Cristã tentou evitar a evasão de setores mais progressistas descontentes com os limites de suas reformas sociais e que tensionavam uma aliança política com a FRAP, defensora do desenvolvimento pela via socialista. O resultado dessa dissensão foi o surgimento do Movimento de Ação Popular Unitária, o MAPU, cuja declaração do primeiro secretário, Jacques Chonchol,¹³⁴ na Comissão de Coordenação Nacional, reconhecia que eles nasciam na vida política

em uma hora difícil para o país, mas carregadas de possibilidades revolucionárias que não devemos frustrar. Temos uma fé profunda e a mais alta esperança na capacidade do povo para conquistar a sua unidade e assim se preparar para a conquista do poder. Por isso temos fé na revolução chilena.¹³⁵

De fato, a “hora difícil” já se mostraria mais escura logo em 21 de outubro, quando o general Viaux comandou uma sublevação militar no regime de Tacna de Santiago. Reclamando aumento de salários e melhorias na infraestrutura, em realidade, o levante militar negava o reconhecimento da ordem constitucional e, por essas razões, logo foi sufocado pelo gabinete de Frei com o apoio da liderança política de Salvador Allende e de sua *Unidad Popular*, além do apelo popular conduzido pelos partidos Comunista, Socialista e pela CUT. Depois de condenado a menos de um ano de prisão, Viaux foi posto em liberdade condicional, e René Schneider foi nomeado em seu lugar para o cargo de comandante-em-chefe. Mas não por muito tempo, pois as eleições de 1970 se mostravam cada vez mais um tema da diplomacia internacional.

Naquele momento, Salvador Allende chegava aos sessenta anos de idade e se especulava que as suas derrotas eleitorais poderiam depor contra ele, assim como a aparente aristocracia devido à sua longevidade no cargo de senador.¹³⁶ Era a primeira vez em mais de duas décadas que o Partido

¹³⁴ BOSI, A. Entrevista com Jacques Chonchol. *Estudos Avançados*, v.8, nº 21, 1994, Disponível em : <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200016> Acessado em 12/12/2019.

¹³⁵ AMORÓS, M. Op. Cit.; p. 245.

¹³⁶ Ibidem, p. 246-250.

Socialista chegava ao processo eleitoral com sérias dúvidas sobre seu candidato, algo que afetou as esquerdas de modo que os intensos debates fizeram com que *Unidad Popular* demorasse para encontrar a histórica aliança que vinha desde a Frente Popular dos anos 1930. O Partido Radical chegou a nomear o senador e economista Alberto Baltra como candidato próprio, enquanto o Partido Comunista cogitou o nome de Pablo Neruda, e o MAPU oscilou entre os nomes de Jacques Chonchol, ex-Ministro da Agricultura do Governo Frei, e o socialista Carlos Altamirano.

Em 17 de dezembro de 1969, a Unidad Popular publicou o seu programa de governo, mesmo sem saber quem o representaria nas eleições de 1970. Em todo caso, a mensagem política do programa era clara: “a única alternativa verdadeiramente popular e, portanto, a tarefa fundamental que o governo do povo tem diante de si é terminar com o domínio dos imperialistas, dos monopólios, da oligarquia latifundiária e dar início à construção do socialismo no Chile”¹³⁷

As intensas negociações tiveram fim em 22 de janeiro de 1970 com a publicação do nome de Salvador Allende como candidato à presidência pela quarta vez. Aquela foi a mais breve de suas campanhas eleitorais e, também, a mais intensa: contando com o apoio massivo de artistas, intelectuais e frentes de trabalho de diversos setores sociais - e, pela primeira vez, valendo-se da televisão como plataforma eleitoral – a campanha das esquerdas enfrentou a ostensiva máquina midiática de Jorge Alessandri, do Partido Nacional, que contou com o suporte estadunidense através de agências como a CIA e a ITT. Os Estados Unidos estavam preparados para o acirramento das disputas ideológicas no Cone Sul, pois, como afirmou Kissinger, “*eles não poderiam deixar que o Chile se tornasse comunista por irresponsabilidade de seu próprio povo*”.¹³⁸ Isto implicava em estarem preparados para deixarem de lado as “*ações encobertas*” para avançarem com as “*spoiling actions*”, as ações cívicas revestidas de legalidade e articuladas com as Forças Armadas locais a fim de desestabilizar a ordem democrática.

¹³⁷ Ibidem, p. 252.

¹³⁸ De acordo com depoimento do ex-embaixador Edward Korry no filme *Salvador Allende* (2003).

O clima de radicalização política de 1964 se repetiu e, em 04 de setembro de 1970, a *Unidad Popular* venceu em 10 das 25 províncias, consolidou seu êxito com folga nas regiões de maior concentração de trabalhadores urbanos.



Imagem 7 – Allende sendo entrevistado por Roberto Rossellini em seu filme *Com a força e a razão*, de 1971. Desde cedo, o presidente chileno se tornou uma personagem cinematográfica

Mas, no quadro geral, a vitória foi apertada: 1.070.334 de votos para Allende, enquanto Alessandri ficou com 1.031.159 votos. Tal como já havia sucedido em 1946, 1952 e 1958, diante do empate técnico, caberia à plenária do Congresso a decisão do pleito.

Porém, a lógica do “*amigo-inimigo*”¹³⁹ já havia absorvido a política latino-americana: a ascensão de Allende ao poder era vista como uma ameaça frontal à sobrevivência dos interesses estadunidenses na região. E, naquele íterim, entre o pleito e a sua decisão pelo Congresso, facções de ultradireita colocaram em prática o *Projeto Fubelt* e assassinaram o general René Schneider¹⁴⁰, defensor da ordem constitucionalista, em um sinal claro de constrangimento à iminência de Allende. A indignação política e a revolta social sublinharam o endosso parlamentar à eleição democrática de Salvador Allende e da *Unidad Popular* ao poder Executivo. A partir de então, a euforia nacional teria em contraste a constante escalada intervencionista da Doutrina de Segurança Nacional na América Latina.

1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O NUEVO CINE LATINOAMERICANO

A historiografia sobre as atividades cinematográficas que culminaram no chamado *Nuevo Cinema Latinoamericano* tem sido reavaliada nos últimos anos em função dos diferentes dispositivos que os pesquisadores acionam para

¹³⁹ HAN, B. *Topologia da Violência*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017, Cap. 04 págs. 83-137.

¹⁴⁰ BANDEIRA, L. idem, cap. V págs. 141-163.

compreender as suas afinidades e complexidades.¹⁴¹ Pode-se afirmar que, atualmente, já se encontram condições de investigação que transcendem as interpretações elaboradas pelos próprios realizadores ao longo do surgimento e desenvolvimento do tema.

Levando em conta os efeitos da Revolução Cubana sobre a América Latina, pode-se começar afirmando que o *NCL* foi abordado de maneira transversal por Villaça (2010) ao analisar a trajetória do *Instituto Cubano del Arte e Indústria Cinematográficos*, o ICAIC, fundado logo no primeiro trimestre da Revolução Cubana. Uma das facetas da pesquisa analisa as relações externas do ICAIC, isto é, seus vínculos com agentes culturais latino-americanos que compartilhavam dos princípios revolucionários comuns ao regime. Apesar dos diferentes projetos ideológicos que emergiram no ICAIC, Villaça considera que existia um consenso entre os dirigentes e intelectuais cubanos de que o país deveria ter independência em relação à União Soviética em termos políticos, econômicos e culturais. Dentre as frentes culturais em jogo, estavam também os

planos de Che Guevara como Ministro das Indústrias, a política internacionalista visando a projeção do governo cubano no “Terceiro Mundo”, a aproximação em relação à América Latina (orientação militar, apoio às guerrilhas, parcerias culturais) [que] demarcavam uma clara intenção de afirmação geopolítica de Cuba.¹⁴²

Essa “afirmação geopolítica” da Ilha revolucionária se manifestou logo nos anos 1960 com a difusão de seus ideais em manifestos estéticos e políticos e, também, com o acolhimento de projetos de cineastas como Glauber Rocha por exemplo. Mais tarde, o ICAIC proveu a formação técnica de quadros para a Chile Filmes do governo Allende e incorporou a produção e finalização de *A Batalha do Chile*, de Patricio Guzmán, como será visto adiante.

A fundação do Instituto de Cinematografia da Universidade Nacional na cidade argentina de Santa Fé, em 1956, é outro ponto de inflexão no

¹⁴¹ Tivemos a oportunidade de apresentar um balanço historiográfico dessas vertentes em nosso mestrado: as linhas de pesquisas contemporâneas, suas fontes de pesquisa, métodos e conclusões foram cotejados ao longo do primeiro capítulo “*História e Cinema na América Latina*” do livro “*A história de Salvador Allende no cinema de Patricio Guzmán*”, Ed. Paco, 2018.

¹⁴² VILLAÇA, M. *Cinema cubano – revolução e política cultural*. São Paulo: Alameda, 2010, p. 23. A importância do ICAIC para o desenvolvimento do cinema chileno em particular será retomada mais adiante.

delineamento do NCL. Também conhecida como Escola Documental de Santa Fé, ela foi criada por Fernando Birri que havia estudado no *Centro Sperimentale di Cinematografia de Roma* entre 1950 e 1953. O contato com os filmes do *Neorealismo Italiano* foram fundamentais para tornar o cinema documentário uma espécie de “dispositivo por excelência” para a revelação da “sur-realidade” latino-americana, uma linguagem que, por definição, seria capaz de “*testemunhar essa realidade.*” Após seis anos de experiência na Escola Documental de Santa Fé e da aclamação internacional do média-metragem *Tiré Dié* (1960), Birri afirma em sua *Brevísima teoría del documental social em Latinoamérica* que a função revolucionária do documental é “renegar essa sur-realidade” e, como equilíbrio, essa linguagem também cumpriria funções afirmativas ao “*motivar o espectador*”, fazê-lo “*tomar consciência da realidade*”.¹⁴³

Já no início do século XXI, contando com a longa experiência profissional, Birri relata em entrevista a Diego Riquelme que, o que na época se chamava de vanguarda era algo que os próprios realizadores não tinham um conhecimento por completo. A pesquisa de Riquelme aborda os procedimentos retóricos e ideológicos do NCL a partir de entrevistas com seus realizadores-autores dos filmes e manifestos – o que, por um lado, imprime uma visão retrospectiva sobre o NCL, mas que, por outro, tende a reforçar as leituras elaboradas desde então pelos próprios realizadores. No caso de Birri, ele relembra com apreço e precisão de sua formação profissional no berço do *Neorealismo Italiano*, mas registra que, de seu ponto de vista, poucos realizadores tinham, de fato, na época, uma visão clara sobre seus projetos estéticos e ideológicos. Ao se recordar da realização de *Tiré Dié*, ele afirma que, antes de tudo, o que estava em andamento era “*o amadurecimento da consciência de um novo cinema latino-americano*”: o projeto inicial era filmar uma ficção, porém, como os recursos financeiros e os equipamentos eram escassos, partiram para o documentário. A realização coletiva observou uma “práxis”, um tema social a partir do qual se abstraía uma teoria, uma visão de

¹⁴³ AVELLAR, J. C. *A ponte clandestina - teorias de cinema na América Latina*. São Paulo: Edusp, Editora 34, 1995, p. 41.

mundo no sentido ideológico em busca de um filme autoral sobre os problemas sociais.¹⁴⁴

No tocante às relações entre teoria e prática, entre os manifestos e as produções fílmicas, o estudo de Avellar (1995) se tornou uma referência ao cotejá-los para identificar recorrências e imbricações. Bastante próximo das leituras elaboradas pelos próprios cineastas sobre seus textos e projetos, os seis capítulos de *A Ponte Clandestina* se debruçam sobre roteiros inacabados e elaborações teóricas levando em conta que “*as palavras parecem imagens, os roteiros teoria, as teorias roteiros. Uma coisa ocupa o lugar da outra. O texto que pensa o cinema como um todo de quando em quando se mantém inconcluso como as anotações que guardam a ideia de um filme*”.¹⁴⁵ E, em diálogo com a pesquisadora Burton, Avellar reforça a urgência política do cinema daquele momento e identifica o cinema como um instrumento de intervenção social, uma tarefa política dedicada à transformação social:

É distinto o conceito de um criador que inventa uma realidade e o conceito de um cineasta que se põe frente à realidade e trata de se sincronizar com ela, que trata de entendê-la, analisá-la, julgá-la, criticá-la, expressá-la e traduzi-la em um feito, em um filme. Nesse segundo caso, a vigência da obra vai ser comprovada somente pelo tempo e espaço, isto é, pela História e Geografia. O Nuevo Cine Latinoamericano, justamente nesse desenvolvimento que temos visto nos últimos vinte anos, e em toda a sua expansão pela grande pátria latino-americana tem, de alguma maneira, dado razão àqueles que, naquele momento, nos situamos frente à realidade como porta-vozes dela. Não para inventá-la, mas para reinventá-la: para interpretá-la e transformá-la.¹⁴⁶

Um exemplo disso foi o Manifesto da *Estétyka da Fome*, escrito por Glauber Rocha em janeiro de 1965 em um voo entre Los Angeles e Milão. O texto foi apresentado no *Congresso Terzo Mondo e Comunità Mondiale* afirmando que

a carência deixa de ser obstáculo e passa a ser fator constituinte da obra, elemento que informa a sua estrutura e do qual se extrai a força de sua expressão” para concluir que “o comportamento exato de um faminto é a violência, e a violência de um faminto não é primitivismo. Uma estética da violência

¹⁴⁴ RIQUELME, Diego. *O cinema documentário na integração latino-americana: o ABC do início*. Tese de doutorado defendida no Depto de Multimeios do Instituto de Artes da Unicamp, p. 71.

¹⁴⁵ AVELLAR, J. Op. cit. p. 09.

¹⁴⁶ AVELLAR, J. Op. cit., p. 45.

antes de ser primitiva é revolucionária, eis aí o ponto inicial para que o colonizador compreenda, pelo horror, a força da cultura que ele explora. Enquanto não ergue as armas, o colonizado é um escravo.¹⁴⁷

Entenda-se que, “levantar as armas”, equivalia a transformar a câmera em instrumento de denúncia social, de revelação das desigualdades sociais e históricas e das condições de vida no subdesenvolvimento. O cinema, aqui, é entendido também em sua dimensão psicológica e em sua tarefa existencial: além da adesão à realidade e da visão autoral, tem-se, agora, o despertar, a refundação de outra consciência social, latino-americana e, portanto, libertada.

Percebem-se aqui os ecos existencialistas do libelo anticolonialista em *Os condenados da Terra*, publicado pelo psicólogo Frantz Fanon em 1961. Engajado na guerra de libertação da Argélia, ele deslocou as lutas anticolonialistas do eixo capitalismo-socialismo e registrou como os “*códigos de ordem afetivo-intelectual e psicossomáticos*” deveriam estar inseridos nas estratégias de luta pela autonomia. Ao considerar que “*a situação colonial determina, em quase sua totalidade, a cultural nacional*”, ele apostava que a tomada de consciência política seria perpassada por uma “*desopacização da consciência nacional, um reexame da opressão, uma abertura para a luta de libertação*”.¹⁴⁸

A descolonização, então, seria, na realidade, “*a criação de homens novos*”; criação essa que envolveria dimensões étnicas, linguísticas e de ordem simbólica, e consistiria na reivindicação e assunção pelo colonizado “*da mesma violência presidiu o arranjo do mundo colonial*”. E seria mais enfático ao afirmar que “*destruir o mundo colonial é, nem mais nem menos, abolir uma zona, enterrá-la profundamente no solo ou expulsá-la do território*”.¹⁴⁹

Em resumo, ao transcender o dualismo geopolítico da Guerra Fria, os argumentos de Fanon -, e, por extensão de Rocha - reconheciam a violência como algo inerente à tarefa política em questão, pois a luta contra o colonialismo envolveria a ruptura com a ordem vigente e, portanto, com a refundação de novas condições sociais e culturais.

¹⁴⁷ ROCHA, Glauber. *Eztetyka da fome*. Disponível em:

<<https://hambrecine.files.wordpress.com/2013/09/eztetyka-da-fome.pdf>> acessado em 21/12/2019.

¹⁴⁸ FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 198.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 30.

As articulações entre teoria e práxis teve longa vida no cinema latino-americano, tais como *Notas y testimonios sobre el neocolonialismo, la violencia y la liberación* e *Hacia el Tercer Cine*, publicados respectivamente em 1967 e 1969 pelos argentinos Fernando Solanas e Octavio Getino; *Por un cine imperfecto*, publicado em 1969 pelo cubano Julio García Espinosa; e a *Dialética del Espectador*, uma coletânea publicada em 1983 pelo cubano Tomás Gutiérrez Alea.

A intensa produção fílmica e teórica foi impulsionada e acompanhada pela formação de cinematecas, pela organização de atividades cineclubistas e pela sistematização de publicações dedicadas à crítica cinematográfica. Exemplos disso foram as criações da Cinemateca Uruguiaia em 1952, a Brasileira em 1956, as Cinematecas Universitárias do Chile em 1962 e a do Peru em 1965.

A esse respeito, as investigações de Nuñez são decisivas para se compreender o *Nuevo Cinema Latinoamericano* a partir de revistas cinematográficas especializadas em cinema. Em seu primeiro capítulo intitulado *O que se entende por Nuevo Cine Latinoamericano?* contém uma avaliação substancial e precisa sobre a questão que se propõe. De início, o autor alerta que “*ignora-se quando e onde foi utilizada pela primeira vez a expressão Nuevo Cine Latinoamericano (NCL)*”, mas se sabe que, a partir de 1967, o seu uso já é corrente, pois a revista que atravessa toda a década de 1960, a *Cine Cubano*, utiliza pela primeira vez o termo *NCL* por ocasião da edição especial dedicada ao Festival Viña del Mar, em 1967.¹⁵⁰ Feita a ressalva, o autor considera que, paradoxalmente, a formulação e sistematização das ideias e projetos do *NCL* como cinema subcontinental e como um projeto dotado de unidade estética e ideológica se deu consoante às interpelações da crítica e da recepção internacionais.

Nesse sentido, foi ao longo da segunda metade dos anos 1960 que os realizadores latino-americanos “*aceitaram como pressuposto que suas realizações estavam inseridas em um contexto maior (o NCL) e passaram a criar laços ideológicos e estéticos entre si*”. As atividades cinematográficas

¹⁵⁰ NUÑEZ, F. *O que é Nuevo Cine Latinoamericano – O cinema moderno na América Latina segundo as revistas cinematográficas especializadas latino-americanas*. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação de Comunicação da UFF, 2009, p. 20.

internacionais, então, vieram ao encontro da realidade chilena, pois a realização do V Festival de Cinema de Viña del Mar, em março de 1967, abrigou também o I Encontro dos Cineastas Latino-Americanos. A partir de então, *“houve a necessidade dos realizadores se conhecerem, trocarem ideias e assistirem um ao filme do outro, enfim, surgiu uma ‘cultura’ de trocas e debates em torno do que deveria ser o cinema latino-americano”*.¹⁵¹

Pode-se dizer que o protagonismo dos Festivais de Viña del Mar de 1967 e 1969 e seus desdobramentos históricos é um capítulo à parte na historiografia sobre o NCL. A renomada historiadora do cinema chileno, Jacqueline Mouesca considera que, em um primeiro momento, eles foram o coroamento das atividades cineclubistas que já se desenvolviam no país desde o final dos anos 1950. Segundo que ali se entrelaçaram as *“diferentes correntes estéticas presentes no cinema continental que, apesar de distintas, todas elas apareceram reunidas em torno de um denominador comum: a consciência de que se luta pela dignidade latino-americana”*.

Por fim, ainda seria preciso considerar que, através desses eventos, houve a *“configuração do novo quadro da atividade cinematográfica nacional representando algo como o batismo de fogo do chamado ‘Nuevo Cinema Chileno’”*.¹⁵²

Antes de se avançar sobre os desdobramentos nacionais dos Festivais de Viña, é válido registrar algumas considerações sobre os engendramentos internacionais que ocorreram em seus entornos. Ao investigar os “olhares e vozes” do brasileiro Geraldo Sarno, do argentino Raymundo Gleizer e do cubano Santiago Álvarez no NCL, a pesquisadora Cristina Beskow questionou Sarno e Sanjinés sobre os impactos de ambos os festivais. Sarno lembrou como o encontro de 1967 possibilitou a descoberta de um novo cinema continental, pois foi uma *“surpresa geral”* descobrir a *“existência de um novo cinema na América Latina (...) era muito gratificante descobrir a Bolívia através do cinema, através de um cinema militante chamado Revolução, era uma coisa deslumbrante, era muito impactante”*.¹⁵³

¹⁵¹ Ibidem, p. 21.

¹⁵² MOUESCA, J.; ORELLANA, C. *Breve historia del cine chileno – desde sus orígenes hasta nuestros días*. Santiago: LOM Ediciones, 2010. cap. VI p. 99-113.

¹⁵³ BESKOW, Cristina. *O documentário no Nuevo Cine Latinoamericano: olhares e vozes de Geraldo Sarno, Raymundo Gleyzer e Santiago Álvarez*. Tese de doutorado defendida na Escola de Comunicação e

Como foi visto no tópico anterior, o ano de 1967 foi rico em experiências políticas, e elas não passaram despercebidas pelas atividades cinematográficas: as questões ligadas à defesa da unidade tricontinental e as discussões da CEPAL sobre o desenvolvimento econômico latino-americano, por exemplo, estavam amalgamadas com os debates ocorridos durante o Festival. Na sequência, a I Mostra de Cinema Documental, ocorrida em setembro de 1968¹⁵⁴ em Mérida, na Venezuela, já foi marcada por uma curadoria comprometida com os projetos revolucionários¹⁵⁵ em andamento na região. Em entrevista à Beskow, o realizador boliviano Jorge Sanjinés lembrou de Mérida como um momento de “descoberta desses filmes latino-americanos mais comprometidos socialmente em que *“vários cineastas cubanos, brasileiros, peruanos, colombianos, venezuelanos estavam trabalhando em um cinema comprometido com a causa popular”*.¹⁵⁶ Naquele momento, os cineastas se afirmaram como *“sujeitos políticos de intervenção na realidade”*, cientes de que, apesar da pluralidade estilística, havia o sentimento comum de *“tomar o cinema como instrumento de conscientização”*, resume a autora.



Imagem 8 – Cartaz do Festival de Cinema denotando o valor político dos filmes. Fonte: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-92043.html>

Artes da Universidade de São Paulo, 2016. A pesquisadora detalha os filmes envolvidos no evento entre as págs. 49 e 54.

¹⁵⁴ Para saber mais a respeito dos impactos do ano de 1968 sobre o cinema latino-americano ver: MESTMAN, Mário. (Coord.) As rupturas de 68 no cinema da América Latina, *Revista USP*, V. 43, 46, 2016, Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/123707>> Acessado em 20/12/2019

¹⁵⁵ DÁVILA, I. Op. cit. págs. 67-69 e BESKOW, C. Op. cit. p. 52.

¹⁵⁶ BESKOW, C. Op. cit., p. 53.

A curadoria política se repetiu em novembro de 1969, quando ocorreu o II Encontro de Cineasta Latino-Americanos durante o VII Festival de Cinema de Viña del Mar. O teor da radicalização política já estava estampado no cartaz do Festival que trazia a imagem de um cineasta empunhando uma câmera tal como uma arma de fogo.

Naquele momento, as esquerdas latino-americanas já tinham seus movimentos sociais em marcha: no Uruguai, o Movimento de Libertação Nacional Tupamaros fundado em 1964 adotava sequestros e assaltos a bancos para financiar seu processo revolucionário; na Bolívia, o Exército de Libertação Nacional, fundado em 1964, era uma organização guerrilheira de inspiração cubana; na Argentina, tinha-se a organização dos Montoneros, enquanto no Chile via-se a renovação da aliança das esquerdas em torno da *Unidad Popular*, incluindo o recém-criado *Movimiento de Izquierda Revolucionária* (MIR), em nome da quarta campanha eleitoral de Salvador Allende.

Em sintonia com essa radicalização, as tensões políticas começaram a surgir devido à ascensão das diferentes tendências da esquerda no continente: enquanto as propostas do cubano Alfredo Guevara, fundador do ICAIC, estavam claramente ligadas à luta armada, outras delegações, como a chilena presidida por Raul Ruiz, pretendiam debater questões ligadas aos temas, exibição e divulgação dos filmes.¹⁵⁷ Beskow enfatiza que, enquanto o I Encontro só exibiu um longa-metragem, o *Deus e o Diabo na terra do sol* (1964), de Glauber Rocha, o II Festival contou com a presença de 110 filmes no total, entre longas e curtas metragens de 10 diferentes países, sendo que o Chile participou com 14 filmes, dentre eles, 05 longas. Ao se lembrar das diferenças entre ambos os eventos, Ruiz relembra que

em 1967, a reflexão dos realizadores chilenos foi: bom, não é tão difícil fazer cinema. Em 1969, porém, a situação era diferente porque já existiam muitos filmes e a questão não era fazer ou não fazer cinema, mas dar ou não uma imagem da América Latina, de nosso país.¹⁵⁸

Os índices de realidade do Neorrealismo italiano, os laivos existenciais em torno da realização cinematográfica como um exercício de autoria, a afirmação de um posicionamento ideológico tendo como eixo os êxitos

¹⁵⁷ Cf. DÁVILA, I. Op. Cit., p. 71 e BESKOW, C. Op. Cit., p. 55.

¹⁵⁸ Cf. MOUESCA, J.; ORELLANA, C.; Op. cit., p. 117.

revolucionários cubanos na luta pela emancipação política, todas essas foram questões comuns aos projetos estéticos, aos manifestos teóricos e aos engajamentos políticos dos cineastas latino-americanos ao longo dos anos 1960. Não seria demais reforçar que, ainda hoje, o *Nuevo Cine Latinoamericano* carece de precisão teórica, mas permanece oferecendo precisão performativa quando se trata de delinear os avanços e limites do cinema latino-americano desde os anos 1960.

Se, por um lado, o NCL ainda permanece um campo em disputa, seja pela diversidade de projetos, seja pela reafirmação da negação das críticas especializadas pelos próprios cineastas ou pela reiteração de suas entrevistas ao longo do tempo, por outro é preciso reconhecer que houve investigações que se debruçaram sobre as correspondências epistolares, sobre as recepções dos filmes em mostras e revistas especializadas que contribuíram para revelar novos aspectos do cinema latino-americano. Para os efeitos da presente pesquisa, as considerações desenvolvidas são capazes de iluminar as condições históricas da emergência do cinema de Patricio Guzmán.

1.2 NUEVO CINE LATINO, NUEVO CINE CHILENO

Apesar das polêmicas acerca da definição e legitimidade do *Nuevo Cine Chileno*,¹⁵⁹ o conceito, ainda hoje, presta auxílio na compreensão das transformações estéticas, ideológicas e políticas em andamento no país ao longo dos anos 1960. Quanto ao seu recorte cronológico, algumas pesquisas afirmam que ele teria se iniciado em meados dos anos 1950, momento de início das atividades dos cineclubes ligados ao Instituto Fílmico da Universidade Católica e ao Centro Experimental da Universidade do Chile, e teria se limitado a 1971 com a publicação do *Manifesto de los Cineastas de la Unidad Popular*, tendo em vista a institucionalização da produção cinematográfica pelo governo Allende. Entretanto, há quem considere que o termo “*Nuevo Cine Chileno*” seria adequado às produções realizadas até 1973,

¹⁵⁹ Para se aprofundar na historiografia do assunto, recomendam-se os estudos de CORTÍNEZ, V.; ENGELBERT, M.; *La tristeza de los tigres e os misterios de Raúl Ruiz*. Santiago: Cuarto Propio, 2011; GUERRERO, C.; VUSKOVIC, A.; *La música del Nuevo Cine Chileno*. Santiago: Cuarto Propio, 347 pp. 2018;

ano em que o golpe militar da Junta Militar encabeçada por Pinochet também teria iniciado um “apagão cultural” no Chile.¹⁶⁰

Antes de seguir adiante com um histórico de suas produções fílmicas, faz-se relevante um aparte em relação ao campo musical. Algumas pesquisas contemporâneas têm se esforçado em cotejar semelhanças entre o *Nuevo Cine Chileno* com as manifestações da *Nueva Canción Chilena*, pois, enquanto o *Nuevo Cine* põe como suspeita “*uma espécie de equipe mais ou menos homogênea que reconhece fontes comuns de origens e propósitos artísticos compartilhados por todos*”¹⁶¹, a *Nueva Canción* suscitaria o seguinte questionamento: “[*esse movimento*] *era somente um grupo de colaborações individuais e limitadas ou se tratava de uma relação integral entre os principais movimentos do campo fílmico e do campo musical do período?*”¹⁶²

Um exemplo de aprofundamento dessas questões é a pesquisa de Vuskovic e Guerrero que tem como propósito suprir as lacunas historiográficas que, de acordo com os autores, muitas vezes foram incrementadas pelos próprios realizadores cinematográficos que sonegavam as informações técnicas musicais tanto nos letreiros quanto nas fichas técnicas de divulgação de seus filmes.

Tal como os historiadores, eles compartilham a premissa de que o termo “*Nuevo Cine Chileno*” tem, sobretudo, uma força operativa que auxilia na compreensão das orientações estéticas e ideológicas afins às expressões da *Nueva Canción Chilena*. Nesse sentido, Vuskovic e Guerrero afirmam que ambos os “movimentos” buscavam

combinar o rigor formal e a reflexividade acadêmica, o afã experimental da vanguarda e a indagação das tradições populares. Esses intercâmbios culturais [tinham] como um denominador comum o interesse em vincular mundos heterogêneos e assim nutrir-se de outras redes e possibilidades criativas, assim como a vontade de participar ativamente do acontecer social, político e histórico.¹⁶³

¹⁶⁰ Um exemplo das políticas de esquecimento institucional é a pesquisa de Chélest acerca das mobilizações sociais chilenas através da produção de Pablo Salas. VER: CHÉLEST, A. *Ainda assim resistimos: a particularidade da mobilização social chilena através das lentes de Salas*. Dissertação defendida no Dpto. de História da PUC/SP para obtenção do título de mestre, 2017.

¹⁶¹ MOUESCA, J.; ORELLANA, C. *Breve historia del cine chileno – desde sus orígenes hasta nuestros días*. Santiago: LOM, 2010, p. 127.

¹⁶² GUERRERO, C.; VUSKOVIC, A. *La música del Nuevo Cine Chileno*. Ed. Cuarto Próprio, 2018, p. 27.

¹⁶³ GUERRERO, C.; VUSKOVIC, A. Op cit., p. 20.

Em relação à música, nomes como Violeta Parra, Víctor Jara, Tomás Lefever, Gustavo Becerra, Sérgio Ortega e os grupos Quilapayún e Inti Illimani, por exemplo, transitaram entre a música folclórica, a música popular e o erudito em busca da construção de elementos de nacionalidade com forte apelo comercial, e sem perder de vista a conscientização social como uma disposição política.¹⁶⁴

Em compasso com a música, as artes visuais - tanto as expressões plásticas quanto as gráficas e as muralistas¹⁶⁵ - também ganharam grandeza através dos diversos movimentos sociais que se assomavam às intensas transformações que ocorriam no país durante a chamada *Revolução em Liberdade* do Governo Frei.

Em linhas gerais, compartilha-se da perspectiva histórica de Vuskovic e Guerrero quando afirmam que, em grande medida, ambos os “movimentos” ganharam força porque, ao longo dos anos cinquenta, os jovens artistas tiveram um período formativo que lhes permitiram emergir em um contexto cada vez mais politizado e marcado pela exploração de novas definições do nacional e do popular. E, assim como o fazer cinematográfico foi uma escola para os músicos, o convívio com as composições musicais também teria enriquecido o repertório cultural e político dos realizadores.

Retomando o cinema. As instituições citadas acima, o Instituto Fílmico da Universidade Católica e o Centro Experimental ligado à Universidade do Chile - fundados em 1955 e 1957, respectivamente – foram os núcleos responsáveis pela formação política e profissional da geração militante do cinema do chileno. Dirigido por Rafael Sánchez, o Instituto Fílmico promovia todas as atividades, desde a produção até a exibição e circulação de revistas de crítica de cinema. Foi lá que Patricio Guzmán desenvolveu a sua cinefilia e chegou a produzir seus primeiros curtas-metragens como *Viva la Libertad*

¹⁶⁴ Para se aprofundar nas conexões transnacionais da canção engajada da América Latina. VER GOMES, C. *Quando um muro separa, uma ponte une: conexões transnacionais na canção engajada na América Latina (1960/1970)*. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP para obtenção do título de mestre em História, 2013.

¹⁶⁵ Para saber mais sobre as expressões políticas das artes plásticas muralistas VER DALMÁS, C; *Brigadas muralistas e cartazes de propaganda da Experiência Chilena 1970-1973*. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP para obtenção do título de mestre em História, 2006.

(1965) e *Electroshow* (1966), sendo esse inspirado nas colagens de *Now!*, de Santiago Álvarez, e que foi exibido no Festival de Viña del Mar de 1967.¹⁶⁶

Guzmán afirma que o sucesso de *Electroshow* teria provocado o desejo de aprofundar seus estudos de cinema, e, então, partiu para a Espanha em busca de formação profissional “*onde fosse possível*”. O êxito do curta-metragem no Festival de Bilbao teria sido importante para que ele tivesse condições de avançar no processo seletivo da *Escuela Oficial de Cinematografía*, a EOC, sediada em Madri.¹⁶⁷ Construída nos moldes do *Centro Sperimentale de Roma* - que havia formado o cubano Julio García Espinosa e que, também, serviu de referência para Fernando Birri montar o *Instituto de Cinematografía de Santa Fé*, na Argentina -, a EOC mantinha cursos de abordagens teóricas e técnicas, em grande medida dedicados aos roteiros e direção de atores. Ali, Guzmán foi o único chileno de sua geração – que contou com Carlos Saura e Víctor Erice, por exemplo – e onde ele produziu curtas e médias metragens. Dessa maneira, Guzmán permaneceu quatro anos dividindo o seu tempo entre as aulas, o trabalho na área de publicidade e a família, e veio tomar conhecimento do período de “*fundação do Nuevo Cine Chileno*” ao retornar ao seu país, em fevereiro de 1971.

Quanto ao Centro Experimental, a sua direção foi assumida em 1957 por Sergio Bravo e Pedro Chaskel com uma carta de propósitos sucinta e bem definida. De acordo com Chaskel, o Centro Experimental nasceu para “*sistematizar os estudos formais sobre cinema*” e “*atender a efervescência cultural do país*”.¹⁶⁸ Antenados com a realidade internacional, eles se dedicaram à restauração de películas, à produção de documentais marcados pela noção de um “*realismo crítico*” e à circulação de uma revista dedicada à crítica cinematográfica, a *Sétima Arte*. O protagonismo de Bravo é bem conhecido e documentado: já em 1957, ele produziu *Mimbre*, um curta-metragem sobre um artesão de vime, e cuja trilha sonora de Violeta Parra

¹⁶⁶ As relações entre a formação cinéfila de Guzmán e o contexto chileno está desenvolvida em MONTEIRO (2018). Também é possível encontrar maiores detalhes de seus primeiros curtas em Ruffinelli (2001) e (2008).

¹⁶⁷ A passagem de Guzmán pela Espanha encontra-se bem elaborada na entrevista a Salinas e Soto, em 03/01/73. Disponível em: <<http://cinechile.cl/archivos-de-prensa/entrevista-a-patricio-guzman-mas-vale-una-solida-formacion-politica-que-la-destreza-artesanal/>> Acessado em 10/11/2019.

¹⁶⁸ Diálogo com Pedro Chaskel na Asociación Argentina de Estudios sobre Cine y Audiovisual (ASAECA) 2018, Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R8OFL8BI9fM>> Acessado em 17/11/2019.

contribuiu para que se tornasse uma referência das confluências entre *Nuevo Cine* e *Nueva Canción* das produções documentais desenvolvidas no Centro Experimental.¹⁶⁹ Em 1962, Bravo participou das filmagens de *A Valparaíso*, do holandês Joris Ivens, e, em 1964, dirigiu o curta-metragem *Las banderas del Pueblo*¹⁷⁰, uma peça cinematográfica de propaganda da campanha eleitoral da FRAP de Salvador Allende às eleições presidenciais.

Por sua vez, Chaskel provinha de uma família de fotógrafos e, durante os estudos de arquitetura, trabalhou com nomes que já tinham reputação profissional à época, como Bravo e Naúm Kramarenko, além de se consolidar com colegas de sua geração como Hector Ríos, Helvio Soto e Miguel Littín, desenvolvendo diversas atividades como produtor, diretor de fotografia, câmera e montador. A sua versatilidade durante o período do Centro Experimental fez com que ele ficasse conhecido como “*el goma*”,¹⁷¹ isto é, o profissional que “faz-tudo” e está presente em diversas produções simultâneas. Seria, então, interessante dedicar algumas breves linhas à atuação de Chaskel, levando em conta que ele foi o montador da primeira trilogia de Guzmán, *A Batalha de Chile* (1975-1979).

A sua primeira profissão foi como cinegrafista de Bravo em *Parkinsonismo y cirugía* (1962), um média-metragem de quarenta minutos que aborda as técnicas clínicas para o combate de tal doença, além de entrevistas de pacientes a respeito do assunto. No mesmo ano, codirigiu com Hector Ríos *Aquí Vivieron*, um renomado relato poético sobre as escavações arqueológicas na foz do rio Loa ao norte do país. E, em 1964, trabalhou como montador do primeiro filme de seu colega Helvio Soto, egresso das artes literárias e futuro diretor do Canal 9. O curta intitulado *Yo tenía um camarada* tem um enredo com um apelo neorrealista ao acompanhar um garoto em busca de um arranjo de flores para o cortejo fúnebre de seu amigo.

¹⁶⁹ A produção cinematográfica do Centro Experimental encontra-se disponível gratuitamente no domínio público da Cineteca Virtual da Universidad de Chile .

¹⁷⁰ Sérgio Bravo era militante do Partido Comunista.

¹⁷¹ Chaskel na ASAECA 2018, Cf. citado acima.

De acordo com a Cineteca da Universidade do Chile, Chaskel teria tomado uma posição política mais clara a partir do curta *Érase una vez*, dirigido por ele em 1965. A animação¹⁷² narra a história de um poeta cujos seguidores fundam o “Partido da Primavera” e que, ao se transformar no “Exército da Primavera”, fuzila seus inimigos. A alusão à historicidade das contradições entre



Imagem 9 – Créditos finais de *Érase una vez*, de Pedro Chaskel. Os recursos de animação eram recorrentes nas produções fílmicas políticas dos anos sessenta.

massas, partidos e ideologias, expressava a atualidade dos debates políticos.

Nos anos seguintes, a carreira de Chaskel deu uma guinada em direção ao documentarismo, o que, de maneira retrospectiva, ele considera ter sido uma investigação natural devido à crença na “*veracidade e honestidade*”¹⁷³ atribuída ao gênero cinematográfico. Então, dirigiu e montou três documentários com forte teor de denúncia social: *Aborto*, em 1965, *Es usted culpable?* (1967) e *Testimonio* (1969). Em *Aborto*, o roteiro de Chaskel e Ríos dá relevo a uma questão de saúde pública com ênfase em seu teor social, e põe em evidência o tema dos métodos contraceptivos pela ótica neorrealista. A *mise-en-scène* da atriz Sara Astica,¹⁷⁴ militante do *Movimiento de Izquierda Revolucionária* (MIR) entre pessoas comuns, deu ênfase ao caráter testemunhal ao filme.

¹⁷² De acordo com a Cineteca Virtual da UC, a animação conta com desenhos de Di Girolamo e música de Gustavo Becerra, sendo reconhecida como uma das pioneiras do Chile.

¹⁷³ Briceño, V.; LARRAÍN, G.; NARANJO, R.; ROMÁN, J. *Pedro Chaskel entre el pasado y el futuro*. Entrevista disponível em: <<http://cinechile.cl/archivos-de-prensa/pedro-chaskel-entre-el-pasado-y-el-presente/>> Acessado em 12/11/2019.

¹⁷⁴ Astica ainda atuaria em *Valparaíso mi amor* (1969), de Francia, e *La Tierra Prometida* (1973), de Littín. Foi presa e torturada pela ditadura pinochetista e viveu toda sua vida no exílio em Costa Rica. Fonte: <http://www.cinetecavirtual.cl/ficharealizador.php?cod_re=59>.

O curta seguinte teve como referência o *cinema vérité*,¹⁷⁵ uma estratégia fílmica francesa que aposta na intervenção social como meio de revelação da realidade, e que teria chegado ao Chile por meio de Edgar Morin. O filme tem como princípio teórico um entrevistador que aborda transeuntes pelas ruas centrais do Chile, interrogando-os se eles seriam os culpados pelo subdesenvolvimento do país. As enquetes sobre Saúde, Educação e Moradia são justapostas a registros documentais, uma solução que contribuiu para que o filme fosse bem-sucedido no Festival de Cine de Viña del Mar em 1968.¹⁷⁶

Em fins desse mesmo ano, Chaskel foi convidado para registrar as condições de vida de pacientes do Hospital Psiquiátrico de Iquique, o que resultou em filme que, de certo modo, evoca o *cinema direto* de Frederick Wiseman em *Titicut Follies*, de 1967.¹⁷⁷ Em seus sete minutos, o dispositivo fílmico posiciona-se como um observador daquelas “*instituições de sequestro*”.¹⁷⁸

Essas breves considerações sobre o início da carreira profissional de Chaskel são capazes de revelar várias dimensões sobre o cinema chileno da época. Em primeiro lugar, pode-se notar a proficiência e a criatividade daquela geração de jovens chilenos, apesar da precariedade técnica de então. Segundo, é importante chamar a atenção para a centralidade das instituições acadêmicas no fomento da produção cinematográfica e, portanto, para a ausência do apoio estatal. E, particularmente quanto a Chaskel, ele recorda que a destreza entre as diferentes funções técnicas foi fundamental para o seu aprofundamento, nas artes cinematográficas, de seus vínculos com a

¹⁷⁵ Da-Rin recorre às palavras do próprio Morin para esclarecer a *cinema vérité*: “o ato, afinal, é a palavra; o ato se traduz através dos diálogos, das discussões, das conversas, etc. o que me interessa não é o documentário que mostra as aparências, é uma intervenção ativa para ir além das aparências e extrair delas a verdade escondida ou adormecida”. DA-RIN, S. *Espelho Partido, tradição e transformação do documentário*. Rio de Janeiro: Azougue, 2004, p. 152. As primeiras expressões desse cinema foram *Chronique d'un Été* (1961) de Jean Rouch e *Le Joli Mai* (1962), de Chris Marker.

¹⁷⁶ Disponível em: <<http://www.cinetecavirtual.cl/fichapelícula.php?cod=14>>, acessado em 01/12/2019

¹⁷⁷ Da-Rin recorre a Barnow para esclarecer as diferenças entre o *cinema vérité* francês e o *direct cinema* norte-americano: “o documentarista do cinema direto levava sua câmera para uma situação de tensão e torcia por uma crise; a versão [francesa] tentava precipitar uma; o artista do cinema direto aspirava à invisibilidade; o artista [francês] era frequentemente um participante assumido”. DA-RIN (2004), p. 150. Vale destacar que não se trata aqui de afirmar que o filme de Chaskel emula a linguagem norte-americana, mas tão simplesmente de se notar algumas recorrências de estratégias fílmicas comuns às realizações da época.

¹⁷⁸ FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2020.

política.¹⁷⁹ Uma experiência que seria decisiva para a manufatura de *A Batalha de Chile*¹⁸⁰ no exílio em Cuba, ao longo de cinco anos.

1.2 FRANCIA, RUÍZ E LITTÍN NO VÓRTICE DE 1969

Como foi visto, em 1969 o Chile foi marcado pela radicalização social e pelo surgimento de novos atores políticos, tal como o *Movimiento de Acción Unitária* (MAPU) e a renovação das esquerdas com a *Unidad Popular*. Às vésperas das eleições 1970, enquanto Allende era visto com receio pelas lideranças das esquerdas, os realizadores estavam seguros das tarefas sociais do cinema e deram origem a três obras que, para muitos, sintetizam o chamado *Nuevo Cine Chileno*: *Valparaíso mi amor*, de Aldo Francia, *Tres tristes tigres*, de Raul Ruíz, *El Chacal de Nahueltoro*, de Miguel Littín.

A vida e a obra de Aldo Francia é um capítulo à parte na história do cinema chileno. Médico de formação, o pediatra foi um pioneiro da cinefilia em Viña del Mar com a fundação de seu cineclube em 20 de agosto de 1962. Lembrado por seus colegas como “*criativo, perseverante e conciliador*”,¹⁸¹ Francia chegou ao cinema através da realização de curtas-metragens e se tornou o responsável pela conciliação das produções nacionais e internacionais através dos festivais de Viña del Mar de 1967 e 1969,¹⁸² já desenvolvidos aqui.

Seus dois únicos longas-metragens, *Valparaíso mi amor* (1969) e *Ya no basta con rezar* (1971), tornaram-se referências para se compreender os dilemas de seus momentos históricos (o *Nuevo Cine Chileno* e o governo Allende, respectivamente). O primeiro conta a história de quatro crianças órfãs que acabam à mercê das ruas após a prisão do pai. Baseado em notícias de jornais e realizado em preto e branco, o filme conta com dispositivos neorrealistas, tais como o uso de locações reais, a presença de atores e não-

¹⁷⁹ BRISEÑO, V.; LARAÍN, G.; NARANJO, R.; ROMÁN, J. Pedro Chaskel – entre el pasado y el presente. *Revista Enfoque*, Santiago, nº 11, abril de 1989 p. 16-19.

¹⁸⁰ Guzmán se recorda de Chaskel não somente como um realizador, mas “como pedagogo, roteirista, montador, técnico, cinegrafista e produtor”. IN: GUZMÁN, P. *Filmar lo que no se ve – una manera de hacer documentales*. Santiago: FIDOCs, 2013 p. 116-117.

¹⁸¹ RIQUELME, I. (Org). *Nuestro Cine – Aldo Francia, Antología*. Disponível em: <<http://www.ccplm.cl/sitio/wp-content/uploads/2015/12/antolog%C3%ADa-aldo-francia-texto-completo.pdf>> Acessado em 10/12/2019.

¹⁸² Diante do interesse em saber mais acerca de sua vida e obra, Francia lançou um livro em 1990 intitulado *Nuevo Cine latinoamericano em Viña del Mar*. Santiago: CESOC: Chile-América, 242 p.

atores e o roteiro servindo como pretexto para momentos de improvisação dramaturgica por parte do elenco.

De maneira retrospectiva, o roteirista Jose Román, que trabalhou com Francia em ambos os longas-metragens, recorda que esses recursos foram um dos aprendizados que tiveram durante o I Festival de Cine de 1967.¹⁸³ O filme, ainda, contou com Gustavo Becerra nas composições musicais (um maestro de sólida formação acadêmica que já havia trabalhado em outras produções do Centro Experimental) e teve um êxito excepcional: de acordo com a Cineteca Nacional do Chile, ele foi visto por mais de 60 milhões de pessoas mundo afora, em mais de 20 idiomas, além de ter se tornado um dos filmes chilenos mais debatidos desde então.

Em 1972, ocasião em que lançou o seu segundo longa-metragem, Francia afirmou que, dentre seus propósitos, estava o de fazer um filme inspirado em eventos reais para “*denunciar a justiça classista*” do país. Quando questionado a respeito do pessimismo do argumento fílmico, ele afirmou “*devo fazer um filme pessimista para despertar o interesse dos demais para que ajudem a mudar as coisas. Eu fiz o filme com a esperança de que as coisas iam mudar – algo importante para se entender isso é que o filme foi antes de 04/09/70 [eleição de Allende]*”.¹⁸⁴ Antes de abordar o seu segundo filme, é válido deter-se em algumas considerações sobre as obras de Ruiz e Littín.

Estreada oficialmente em novembro de 1968, o terceiro filme e o primeiro longa-metragem de Ruiz, *Tres Tristes Tigres*, foi uma livre adaptação da peça teatral de Alejandro Sieveking, lançada um ano antes. Naquele momento, Ruiz já tinha a reputação de dramaturgo com peças que flertavam com o teatro do absurdo, contava com passagens pelo teatro e televisão, além de experiências profissionais na Argentina, nos EUA e no México. O reconhecimento veio meses depois no Festival de Locarno (que, mais tarde, serviria de enseada intelectual para os realizadores chilenos no exílio) e, logo depois, foi aclamada no II Festival de Viña del Mar no mesmo ano.

¹⁸³ ROMAN, J. *Dos tiempos para la Utopía: festivales de cine latinoamericano*. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-71812010000200002>, acessado em 02/12/2019.

¹⁸⁴ FRANCIA, A. *Todo cine es un engaño*. Entrevista concedida à revista Primer Plan em 01/07/1972. Disponível em: <<http://cinechile.cl/archivos-de-prensa/entrevista-a-aldo-francia-todo-cine-es-un-engano/>> Acessado em 07/12/2019.

Apesar do apelo realista do filme, nele existiriam elementos que destoavam das produções contemporâneas marcadas pelo sentimento de urgência e pelo denunciismo, a exemplo da “*exploração da estrutura psicológica e da circunstância existencial*”¹⁸⁵ das três personagens em questão, e de cenas marcadas pelo desenquadre e sequências pela montagem descontínua.¹⁸⁶ A peça teatral de Sieveking teria sofrido aqui uma leitura de vanguarda, um corte à europeia tendo em vista a revelação dos medos, das confusões e das desesperanças fatalistas das personagens que deambulam em busca de uma “*felicidade utópica entres bares, vielas e hotéis baratos*”.

Nesse momento, é importante registrar que a maioria dos artistas chilenos se identificou com alguma das diferentes linhas da esquerda existentes no país naquele momento. Portanto, as canções, as artes gráficas e as muralistas e os cineastas também se tornaram um rico e complexo campo de batalhas ideológicas que repercutiam os matizes entre as táticas da luta armada e as estratégias da via eleitoral rumo ao socialismo.

Um exemplo disso estaria na existência de uma rivalidade tácita entre os profissionais adeptos de um cinema mais irreverente e experimental - os *ruicistas* - e aqueles mais engajados, os militantes *littinistas*.¹⁸⁷ Mesmo que não tenham chegado a configurar grupos apartados, a mera presença dessas nuances nas entrevistas com os realizadores e a sua recorrência nas pesquisas acadêmicas já são sinais suficientes para se compreender a emergência das tensões que, mais tarde, viriam à tona na institucionalização da *Chile Films* no governo Allende.

¹⁸⁵ MARYLIN. *El joven Ruiz, provocador o revolucionario?* Disponível em: <<http://www.lafuga.cl/tres-tristes-tigres/227>> Acessado em 01/12/2019.

¹⁸⁶ FRANKIN, Yanet. Resenha do livro *La tristeza de los tigres y los misterios de Raúl Ruiz*, de Verónica Cortinez e Manfred Engelbert, p. 09 Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/287395684_La_Tristeza_de_los_tigres_y_los_misterios_de_Raul_Ruiz_Santiago> Acessado em 05/12/2019.

¹⁸⁷ SILVA, Alessandro de Sousa. *A filmografia de Miguel Littín entre o exílio e a clandestinidade (1973-1990)*. 2015. 284 f. Em sua dissertação de mestrado, Alessandro Silva retoma essas questões para aprofundar a análise do cinema de exílio de Littín.

Enquanto os *ruicistas* seriam aqueles mais vinculados ao experimentalismo e a um cinema intelectual, os *littinistas* seriam os profissionais ligados àquele tido como o mais comprometido dentre os realizadores, Miguel Littín. Egresso do teatro que lhe ofereceu convívio com os

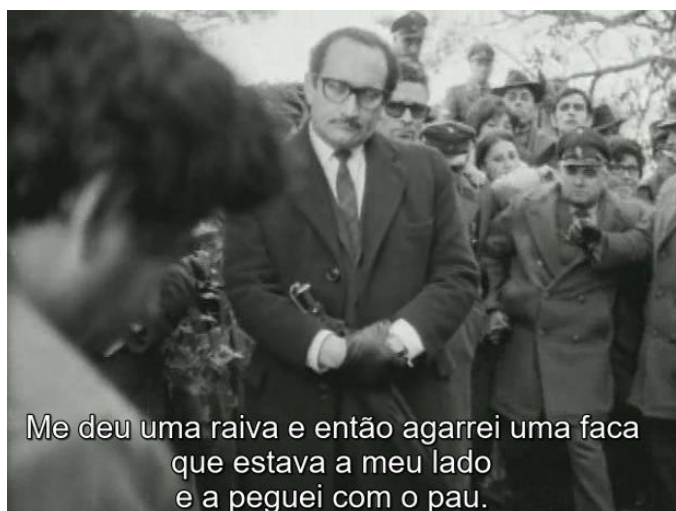


Imagem 10 – O chagal de Nahueltoro explica o assassinato aos agentes sociais diante da multidão aos 28min de filme.

movimentos sindicais, Littín foi iniciado no cinema por Helvio Soto¹⁸⁸ com quem trabalhou em três curtas antes de estrear na direção, em 1965, com *Por la tierra Ajena*, um filme de cinco minutos em que se acompanha a deriva urbana de crianças em busca de sustento.

De sólida formação política, o jovem Littín correspondeu a uma oficina proposta pelo Centro Experimental com a produção de *El Chagal de Nahueltoro*, um filme sobre a famosa tragédia da localidade homônima, em que José del Carmen Valenzuela Torres assassinou a esposa e os cinco filhos em 1960. Após dois anos e meio de pesquisas em arquivos policiais, na imprensa escrita e em entrevistas com pessoas da localidade que conheceram o “chagal”, a produção contou com uma equipe ímpar: Héctor Rios como diretor de fotografia e câmera, Fernando Ballet como assistente de direção, as composições de Sérgio Ortega, Pedro Chaskel como montador e Luís Alarcón e Nelson Villagra no elenco.

Os momentos iniciais do filme revelam o que seria o *littinismo* às vésperas da eleição de Allende. Dividida em quatro capítulos – *Infância, El Andar, Persecución y apresamiento e Muerte* – a narrativa fílmica é posta a partir de um letreiro que indicia a história a partir de eventos reais. Na sequência, o clamor popular por justiça diante da condução policial do “chagal”

¹⁸⁸ Littín atribui a Soto a sua iniciação no audiovisual. Também seria interessante registrar que Jose Román atribui a Soto o pioneirismo do que chama de “*cinema de revisão histórica*” ao abordar a Guerra do Pacífico em Caliche Sangriento (1880). O “*cinema de revisão histórica*” ainda contaria com projetos de Guzmán (1971) e Littín (1973). Cf. ROMÁN, J. Op. cit., p. 24.

é justaposto a uma voz over retrospectiva do próprio assassino que afirma “as lembranças mais antigas que tenho são de quando eu tinha, mais ou menos, seis anos de idade. E meu pai, Carlos Valenzuela, trabalhava em um latifúndio...”. Ao som de uma flauta doce, a panorâmica da paisagem rural reforça a adesão do espectador ao testemunho pessoal de José del Carmen sobre as condições de miséria e de exploração a que sua família tem sido submetida.

A partir de então, o espectador está comprometido com a visão do sujeito marginalizado que, diante da “vida nua”,¹⁸⁹ recorre à violência. Frente a esse infortúnio, sobrevém o processo disciplinar e educativo do encarceramento, a resignação e a expiação através do convívio com o padre para reforçar o caráter de um “*criminoso sem Deus nem lei*”, fadado ao pelotão de fuzilamento. Note-se que, apesar das distinções citadas, a protagonista de Littín compartilha do mesmo fatalismo¹⁹⁰ das crianças de Francia e dos “tristes tigres” de Ruiz para denunciar o caráter opressivo do subdesenvolvimento e aguçar a consciência política dos espectadores.

Em resumo, é possível reconhecer algumas estratégias fílmicas comuns a *Valparaíso mi amor*, *Tres tristes tigres* e *El Chacal de Nahueltoro*.¹⁹¹ Neles se identificam a marca do neorrealismo, como a presença de atores e não-atores; o apelo documental expresso ora nos índices de cotidianidade das imagens ora em letreiros que intercalam a diégese e, particularmente, o recurso aos registros da imprensa escrita para a manufatura dos roteiros caros a Francia e Littín.

Quanto às condições epistemológicas desses filmes, isto é, a capacidade de eles oferecem interpretações e entendimentos a respeito de determinadas conjunturas históricas, as obras de Francia e Littín se tornam mais relevantes. Nelas, tem-se a exploração de dramas de marginalizados que estão diante de uma ordem fatalista: o liberalismo e o seu regime disciplinar

¹⁸⁹ VER AGAMBEN, G. *Homo Sacer – O poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

¹⁹⁰ Arnal identifica o fatalismo como um recurso dramático comum às obras desse período em busca de vestígios para a identificação da emergência de uma consciência histórica no cinema de Guzmán. VER: ARNAL, Ariel. *LA construcción de la memoria y la consciencia histórica em La Batalla del Chile*. Tese defendida na Universitat Rovira I Virgili, 2015, p. 104.

¹⁹¹ A respeito dessa geração de cineastas, Francia considera que “o mais inteligente dos quatro é Helvio Soto; Raul Ruiz é o mais criativo e talentoso, e Littín o mais comprometido”, FRANCIA, A. *Todo cine és um engano*, p. 10.

são uma farsa, sobretudo para eles, posto que os condenam ao reino da necessidade.

O ano de 1970 ainda embalou a produção de *Venceremos*, um filme cujas memórias e análises estão invariavelmente associadas à quarta campanha de Allende. Entre aqueles que defendem que ele se trata de um claro compromisso político com a candidatura de Allende e aqueles que valorizam a autonomia da obra e sua capacidade de síntese das contradições do país,¹⁹² Chaskel revela que o projeto de Hector Ríos era fazer um “*filme de agitação*” sobre questões sociais como “*a violência do cotidiano, a miséria, a fome*” e, para tanto, ele foi “*coleccionando cenas em blocos*”. Montador do filme, Chaskel se lembra que ele foi realizado “*meio às pressas*”, o que contribuiu para a sincronia com a vitória de Allende. O recurso às composições musicais na denotação emocional do enredo e a presença das cenas noturnas da população celebrando o triunfo da esquerda estão entre os pontos altos do filme.¹⁹³

A vitoriosa campanha de Salvador Allende provocaria uma guinada na perspectiva dos cineastas militantes. A verossimilhança como prescrição, o denunciamento e a obstinação do cinema como *práxis* ganhariam projeção teórica e institucional com a *Chile Films*, ao mesmo tempo em que teriam a pluralidade política estimada pela *Unidad Popular* dentre seus desafios.

1.3 AS EXPRESSÕES DO CINEMA DA UNIDAD POPULAR

Em dezembro de 1970, cerca de um mês após Allende assumir o governo, foi publicado no jornal *el Siglo* um “manifesto político dos cineastas chilenos” que procurava demarcar novas coordenadas para a produção de então em treze pontos.

Dentre eles, afirmava-se que “*antes que cineastas, somos homens comprometidos com o fenômeno político e social de nosso povo e com a sua grande tarefa: a construção do socialismo*” e, em compasso com a perspectiva

¹⁹² Cf. Cineteca Virtual da UC, disponível em: <<http://www.cinetecavirtual.cl/fichapelicula.php?cod=4>> Acessado em 10/12/2019.

¹⁹³ Para Chaskel, o êxito do filme se deu, em termos técnicos, pelo acabamento musical: uma vez que não tinham condições de som sincrônico e captura de som direto, Ríos e Chaskel experimentaram diferentes composições durante a exibição do filme em busca da melhor denotação emocional. CHASKEL, P. (2018) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R8OFL8BI9fM>> Acessado em: 17/11/2019.

plural da *Unidad Popular*, entendiam que “o cinema revolucionário não se impõe por decreto. Portanto, não postulamos uma forma de se fazer cinema, mas sim tantas quanto sejam necessárias no transcorrer da luta”. A seguir, o manifesto abordava tanto as questões de ordem produtiva quanto outras ligadas à recepção dos filmes defendendo os espectadores como “agentes ativadores de uma ação revolucionária”.¹⁹⁴

Quinze dias mais tarde, o manifesto recebeu uma introdução que evocava uma “cultura popular, nacional e, portanto, revolucionária”, foi intitulado como *Los cineastas y el gobierno popular* e foi finalizado com o slogan político de então, “venceremos”.

Provavelmente elaborado pelos cineastas Douglas Hübner, Sergio Castilla e Miguel Littín,¹⁹⁵ o manifesto teria sido escrito em algum momento entre março e setembro de 1970, e as controvérsias a respeito de sua confecção levantaria algumas questões importantes para se compreender o chamado *Cinema da UP* – momento no qual emerge o cinema de Patricio Guzmán -, tais como: “em que medida o manifesto expressa convergências de concepções políticas tão díspares e ambíguas, a exemplo do que foi a UP? Que vínculos podem ser identificados entre o documento e o exercício cinematográfico de então? E seriam essas convergências seriam visíveis nos filmes da época?”¹⁹⁶

Com o desmembramento do estúdio de publicidade madrileno onde trabalhou por quatro anos, Guzmán retornou ao país, em larga medida, devido à “impossibilidade de fazer o cinema que desejava fora do país”. Encontrou um Chile “eufórico e em constante clima de festa”, tal como reiterou na abertura de *Santiago, Itália* de Nanni Moretti. Porém, a realidade cinematográfica do país era bem outra: a institucionalização do cinema com a reativação da *Chile Films*

¹⁹⁴ O manifesto está disponível em diferentes domínios virtuais, a exemplo do acervo Cinechile. <<http://cinechile.cl/archivos-de-prensa/manifiesto-de-los-cineastas-de-la-unidad-popular/>> Acessado em: 20/11/2019.

¹⁹⁵ De acordo com SOUZA (2015) Hübner foi ligado ao PCCh, Castilla ao PS e, apesar de defender a autonomia criativa frente aos partidos, Littín sempre teve atuação política fora dos partidos, além de sua história ter sido marcada por conflitos com os “gradualistas”, p.17.

¹⁹⁶ As análises de Marín são referências no tocante às ressonâncias sociais e políticas do Manifiesto de los cineastas da UP. VER: MARÍN, PABLO. *Texto y contexto: El Manifiesto de los cineastas de la Unidad Popular y la construcción de una cultura revolucionaria*. Disponível em: <http://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/108962/fi-marin_p.pdf?sequence=3&isAllowed=y>, Acessado em 02/12/2019.

acabou servindo como uma espécie de caixa de ressonância das tensões e contradições políticas que se acentuaram ao longo do governo Allende.

Fundada em 1941 com a proposta de centralização das políticas de industrialização do cinema chileno, a sua direção ficou a cargo de Miguel Littín, tendo em vista a organização de várias tarefas, a exemplo de oficinas de cinema, a exibição de filmes em comunidades e com a divisão de áreas de produção – informativo, documentário, didático, infantil e noticiário, sendo esses inspirados nos *Noticieros* do ICAIC.¹⁹⁷ Já nos meses iniciais, os sinais de desorganização e desentendimentos políticos surgiram e, ao cabo dos três anos do governo Allende, a *Chile Films* contou com três presidentes.

Coube à estatal ser portadora dos projetos da UP, e assim o fez em dois documentários que colocaram frente a frente o recém-eleito Salvador Allende e dois defensores das táticas de insurgência na América Latina, Regis Debray e Fidel Castro. O primeiro deles, *Compañero Presidente*, foi realizado a partir de entrevistas feitas por Debray com Allende na primeira semana de 1971, e opõe o intelectual francês como um provocador que questiona as reais condições revolucionárias da “via chilena” e o recém-eleito Allende como um político, antes de tudo, programático.

O segundo filme foi rodado durante a visita de Fidel Castro ao Chile em novembro de 1971. Realizado por Álvaro Covacevich, *El diálogo de América* conta com a participação de Augusto Olivares, assessor pessoal de Allende, como entrevistador de ambos os líderes,



Imagem 11 – O intelectual Regis Debray entrevista Salvador Allende aos 2m45s de *Compañero Presidente*, produzido pela *Chile films* em 1971

¹⁹⁷ Algumas considerações sobre a *Chile Films* foram obtidas através do encontro com Carolina Aguiar nos eventos da ANPUH 2019. A pesquisadora segue pesquisando as possíveis conexões entre realizadores estrangeiros em solidariedade ao Chile, dentre outros temas correlatos.

construindo uma *mise-en-scène* que faz o ponto de vista de Olivares coincidir com a câmera, enquanto se vê Allende e Castro lado a lado em uma mesa. A respeito de seus argumentos fílmicos, os pesquisadores Dávila e Aguiar consideram que, apesar de terem sido realizados dentro dos escopos “oficiais” da *Chile Films*, os dois filmes acabam revelando, cada qual em seu tempo, as tensões entre as vias insurrecionais e a vida democrática chilena. Em suas palavras,

Apesar do caráter oficial de *Compañero presidente* e de *El diálogo de América*, nos dois filmes subjaz uma tensão ideológica entre a via armada e a via eleitoral que se mostraria prejudicial aos interesses de Allende e de seu governo. São notórios os esforços de Littín e Covacevich para criar um discurso audiovisual que sustente a tese do mandatário chileno de que existem distintas opções válidas para alcançar um Estado revolucionário. No entanto, esses esforços não conseguem neutralizar as críticas proferidas por Debray nem as diferenças entre Allende e Castro.¹⁹⁸

Os entreveros políticos em torno da instituição também são recorrentes nas entrevistas e depoimentos de outros cineastas da época. Chaskel chegou a afirmar que

o problema do cinema chileno durante o Governo Allende foi a integração de pessoas que não tinham um verdadeiro compromisso com as obras. As técnicas tinham mudado também e os equipos com som direto tornaram mais fáceis os documentários com entrevistas, descuidando da elaboração estrutural, que ficou muito empobrecida.¹⁹⁹

Quanto a Guzmán, em entrevista com Salinas e Soto em janeiro de 1973, ele considerou que a experiência com a estatal

Desgraçadamente (...) me parecia potencialmente riquíssima foi ao diabo. E assim foi porque fomos incapazes de resistir ao primeiro embate burocrático. Se estivéssemos preparados, se tivéssemos mais disciplina, creio que tínhamos resistido a esses embates burocráticos ou sectários, chamem-no como queiram. Porque realmente tudo foi desfeito (...) houve um clima de dispersão que ainda não se superou. Hoje, por exemplo, estive em uma reunião de longa-metragistas que foi a

¹⁹⁸ DÁVILA, I.; AGUIAR, C.; *A via chilena em debate: análise de Compañero Presidente* (1971) e *El Diálogo de América* (1972). IN: Revista Significação, v. 40, nº 40, 2013 págs. 158/159.

¹⁹⁹ BRISEÑO, V.; LARAÍN, G.; NARANJO, R.; ROMÁN, J. Op. cit.

primeira realizada desde então. Lembre-se que se passou mais de um ano. Foi realmente algo catastrófico (...).²⁰⁰

Outro cineasta que lidou com os “embates burocráticos” - leia-se, divergências ideológicas - na *Chile Films*, foi Helvio Soto, próximo de Littín e que o havia levado para trabalhar no Canal 9. Soto havia realizado seu primeiro longa em 1969: com um enredo político, *Caliche Sangriento* dramatiza os questionamentos de soldados chilenos durante a Guerra do Pacífico (1880) a fim de sustentar um argumento pacifista. Egresso da literatura e do cinema ficcional, os confrontos entre Soto e a estatal eram de ordem estética e, portanto, política: ele desconfiava do caráter militante do cinema e, além disso, apostava nas intersecções da ficção com o documentário na realização de seus filmes.

Em relação ao caráter mimético dos filmes, Soto suspeitava do capital cultural da população e afirmava que o público entendia “a mínima parte das coisas que um realizador quer dizer”, não tendo ele compreensão “da



Imagem 12 – Os debates políticos contemporâneos foram deslocados para a Guerra do Pacífico (1880) por Helvio Soto no filme *Caliche Sangriento*, de 1969

linguagem cinematográfica como também dos problemas políticos”.²⁰¹ Nessas condições, Soto realizou, em 1971, *Voto+fusil*, um filme complexo realizado em diferentes cores e composto por *flashbacks*, materiais de arquivo, registros documentais e um argumento político cujo título já demonstrava as ambivalências do processo político em andamento no país. Enquanto as três protagonistas discutem acerca das condições dos focos insurrecionais e os

²⁰⁰ SOTO, H.; SALINAS, S.; *Entrevista a Patricio Guzmán: “Más vale una sólida formación política que la destreza artesanal.”* Disponível em: <<http://cinechile.cl/archivos-de-prensa/entrevista-a-patricio-guzman-mas-vale-una-solida-formacion-politica-que-la-destreza-artesanal/>> Acessado em 02/12/2019.

²⁰¹ CORNEJO, T. *Filmar a contrapelo: el cine de Helvio Soto durante la Unidad Popular*. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/262428084_Filmar_a_contrapelo_el_cine_de_Helvio_Soto_durante_la_Unidad_Popular> Acessado em 15/12/2019.

avanços e limites da via democrática chilena, há momentos em que personagens bem delineados para representar as elites chilenas decidem entre quatro paredes que

o importante é que as pessoas sigam pensando que a violência da esquerda existe. Como todos se assustam com a insegurança, este é o caminho que temos para defender a democracia. O nosso dever moral é justificar esse terror! (...) A Democracia-Cristã não aguentaria [o Chile ser uma nova Cuba], ela seguiria ao lado do dinheiro e do poder, mesmo que seja às portas do Palácio! (...) Algum de vocês tem dúvida de que é preferível trinta anos de Democracia-Cristã a trinta segundos de um governo marxista?!²⁰²

A banda sonora da conversa de bastidores é encerrada justaposta a registros documentais do ritual de rendição da guarda militar em frente ao Palácio La Moneda, em uma sequência que prenuncia a escalada da oposição civil e militar ao governo Allende logo em seus meses iniciais. Por essas e outras razões, o filme foi recebido com desconfiança pelos partidários da UP, posto que seu argumento tendia à causa mirista, ou seja, a crença de que a via eleitoral deveria ser acompanhada pela força dos fuzis.

Considerando que Soto foi um cineasta “*marcado pelo ritmo dos acontecimentos*”, Cornejo detecta que ele estaria envolvido em uma batalha comum aos cineastas: a *Chile Films* não deixava de ser uma herança burocrática da ordem republicana ao mesmo tempo em que não tinha condições de se tornar uma instituição popular e revolucionária que os cineastas, seus partidos e os movimentos sociais que representavam desejavam que ela fosse. A meio caminho entre o passado liberal e o futuro socialista almejado, a *Chile Films* esmorecia em meio a batalhas técnicas que discutiam estratégias comunicativas, circuitos culturais e formas de identificação com o público.

Cabia aos próprios cineastas, então, as respostas políticas ao seu tempo: o cinema de Soto teria promovido um deslocamento do foco narrativo a fim de construir seus protagonistas como pertencentes à classe média profissional e ilustrada que antagonizam com personagens de forte apelo verbal e ideológico. Em outras palavras, esses pares antagônicos seriam uma

²⁰² Cf. Enciclopedia Cinechile. Disponível em: <<http://cinechile.cl/pelicula/voto-fusil/>> Cenas de 17-19 e 1h19 Acessado em 10/12/2019.

solução dramática destinada à compreensão dos limites e avanços da chamada “via chilena ao socialismo”.²⁰³

Por sua vez, o envolvimento de Guzmán com a *Chile Films* se deu parcialmente, isto é, a inserção no meio cinematográfico lhe custou algum tempo quando retornou ao país. Apresentou-se ao diretor da *Escuela de Artes y Comunicación* da *Universidad Católica* e se colocou à disposição para participar de um longa-metragem composto de episódios, do qual, também, participariam Ruiz e Littín. Porém, como ambos se dedicavam a projetos pessoais, Guzmán apresentou a proposta de rodar *El primer año*,²⁰⁴ que se tornou seu primeiro longa-metragem – e que, futuramente, lhe renderia condições técnicas de realizar a trilogia de *A Batalha do Chile*.

O filme foi rodado entre maio e novembro de 1971 a partir de dois critérios: a informação cotidiana e uma reportagem sobre o país. De acordo com Guzmán, a equipe comprava os jornais diários todas as manhãs e selecionavam os acontecimentos mais interessantes, tais como as nacionalizações, as requisições e as intervenções. Quanto ao caráter de reportagem, tratava-se de abarcar os eventos contingenciais como as zonas rurais, as minas, os *pueblos*, as marchas e outras formas de reunião social. O objetivo primeiro da produção era encontrar imagens equivalentes à sucessão das notícias do ano, mesmo que, para isso, fosse necessário a reconstituição de certos temas, tais como as *tomas de tierra* pelos mapuches.

Assim, na necessidade de se registrar o “gênero fílmico” de *El Primer Año*,²⁰⁵ reconhece-se nele traços comuns às produções da época, algo que, já em 1973, Guzmán chamou de um “terceiro gênero”: uma obra que “*imprime o*

²⁰³ Cornejo considera que Soto teria desenvolvido uma trilogia composta pelos filmes *Voto+fusil* (1971), *Metamorfosis del jefe de la policia política* (1973) e *Llueve sobre Santiago* (1975), sendo os dois primeiros críticos da UP e o terceiro uma ode tardia ao Governo Allende.

²⁰⁴ A produção contou com a colaboração de Orlando Lubbert, Gaston Ancelovich, Marillu Mallet, Marta Harnecker e Mónica Castillo. Cf. MONTEIRO (2018). O filme foi exibido nas salas comerciais pela *Chile Films* e assim Chris Marker teve acesso à obra. O documentarista francês estava de passagem pelo Chile a convite da equipe do realizador grego Costa-Gavras, que filmava *Estado de Sítio* (*État de siège*), 1972. Marker então foi o responsável por reeditar a obra de Guzmán e torná-la acessível ao público europeu.

²⁰⁵ *Chile Hoy* classificou o filme como uma “*película única sobre hechos conmovedores*” (24/07/1972); *Qué Pasa* relativizou o filme considerando que foi realizado com “*exagerado critério proselitista*” (02/08/1972); *Cine por A.R.M* classificou-o como “*uma película humanista, um excelente documental*” (04/08/1972); *Ercilla* associou o desempenho do “*film-cronica*” à “*extraordinaria sensibilidad*” de Guzmán (09/08/1972); por fim, para salientar o êxito do filme em Paris, a *Chile Hoy* se valeu de uma citação clássica de Fidel Castro “*quisiera que se hiciera una película de todo esto y que se la enviaran a Nixon*” (23/04/1973).

ritmo e a construção dramática do cinema ficcional” em registros previamente concebidos como “*documentais*”. Nesse momento, é fundamental destacar que, desde então, essa seria uma marca própria, um estilo, um traço autoral de seu cinema desde então, a saber: a manufatura de um argumento fílmico que atenua as fronteiras clássicas entre o ficcional e o documental.

A finalização do filme teve que ser feita de maneira rápida e intensa em dois meses por algumas razões. Dentre elas, a pressão institucional para a entrega da demanda e que, portanto, levou a equipe a não ter “*muito tempo para refletir, pois cada reflexão era infinita. Cada acontecimento podia ser tomado por muitos diferentes ângulos e interpretado de múltiplas perspectivas ideológicas, o que naturalmente teria comprometido o resultado do filme*”.²⁰⁶

Essas considerações levantam dois temas que serão relevantes para o desenvolvimento do próximo capítulo. O primeiro deles emerge do debate se a intenção do filme era “registrar” os eventos ou realizar uma obra “politicamente didática”, isto é, dotada de práxis e, portanto, revolucionária. Diante desse dilema comum à época, Guzmán afirma que o interesse era alcançar ambas as tarefas, uma vez que tinham a “consciência histórica”²⁰⁷ de que viviam um “momento crucial”. Então, a equipe

De certo modo, tinha interesse jornalístico (mas) enquanto eles estavam registrando a nacionalização do cobre, nós, ao contrário, estávamos preocupados em como bocejavam os representantes da direita no Congresso Nacional, o qual era o plano de fundo do assunto. Então, a nossa “onda” era outra, era distinta: não queríamos apenas registrar os acontecimentos, mas também captar a atmosfera geralmente épica ou tremendamente afetiva que nos rodeava. Quando estávamos em uma marcha, não atendíamos tanto ao discurso do orador, mas, por exemplo, ao que estava ocorrendo em um canto e ali você encontrava uma sequência. E trabalhávamos quase como uma posta em cena, quase como com atores, mas não havendo posta em cena e nem atores (...).²⁰⁸

²⁰⁶ SOTO, H.; SALINAS, S.; Op. cit. Vale registrar que naquela entrevista de 03/01/1973 Guzmán afirmava que ter em mente uma temporalidade radicalmente distinta da que professa desde os anos 1990: “*personalmente soy enemigo del trabajo muy reflexivo, digamos de larga reflexión. Para mí, el ideal es que una película se filme, se monte y se exhiba en el menor tiempo posible*”.

²⁰⁷ Em diálogo com Ricouer e Koselleck, a tese de Arnal tem dentre seus princípios o argumento de que Guzmán posicionou-se como um “*protagonista de estos procesos [que se dá conta] de la excepcional trascendencia de los mismos y adquiere lo que llamamos conciencia histórica*”. Cf. ARNAL (2015).

²⁰⁸ SEMPERE, P., GUZMÁN, P., op. cit. Cap. 04.

De maneira retrospectiva, tende-se a considerar que a preocupação com o “*plano de fundo dos acontecimentos*”²⁰⁹, tornou-se a obstinação pelos “*hechos invisibles*” na realização de *A Batalha do Chile* (1975-1979), ou seja, o cuidado em pautar a realização - desde a filmagem à montagem - em eventos contingenciais que revelam o caráter ideológico dos acontecimentos históricos.

O segundo tema importante a ser extraído dessa conversa com Salinas e Soto é a autocrítica que Guzmán elabora levando em conta, tanto o resultado da obra, quanto os fatores extra fílmicos.

Algo raro em suas entrevistas e nos artigos e livros que publicou, a autocrítica é estimulada pelos interlocutores quando detectam que *El Primer Año* subestima eventos como a ascensão da oposição ao governo, e problemas de ordem econômica e parlamentar atestados pelo próprio presidente. Dadas as considerações, Guzmán reconhece as debilidades do filme, a exemplo da “*falta de maior dialética*” na montagem e, sem se eximir da responsabilidade pelo filme, declara que as atividades nas oficinas da *Chile Films* eram “*bem mais atraentes do que a produção do filme*”. E, também, traz à tona o fato de que a equipe temia pela elaboração de críticas ao governo, posto que o filme era uma demanda institucional e que, “*visto de qualquer ângulo, era um filme em favor da UP.*” Dito de outra forma, por mais que a equipe compreendesse que o filme tinha um papel funcional, “*por muito superficial que fosse*”, ela não contava com o apoio de nenhum partido *Unidad Popular*, e tinha muitos problemas de “*diversidade ideológica.*”

As contendas políticas continuaram no ano seguinte e podem ser compreendidas através da análise de duas produções, *Ya no basta con rezar* e *La respuesta de octubre*, de Aldo Francia e Patricio Guzmán, respectivamente. Em *Ya no basta...*, Francia e Román tomam como inspiração a *Encíclica Rerum Novarum* do Papa Leão XIII - que reconhecia ser necessário à Igreja “*com medida prontas e eficazes, vir em auxílio dos homens das classes*

²⁰⁹ A ideia de um *trasfondo*, em grande medida, deriva de uma noção tradicional de *ideologia* que é posta tal como “*cortina de fumaça*”. Melhor dizendo, nesse sentido tem-se em princípio uma *superestrutura* que *ilude, falseia, encampa ou camufla* uma certa *essência do real*, uma *verdade econômica*, material e concreta em que reside e onde se revelam as forças das contradições sociais. Em grande medida tributária do marxismo estruturalista, eram compartilhadas por boa parte da intelectualidade da esquerda chilena, a exemplo de Marta Harnecker, orientada por Althusser.

*inferiores*²¹⁰ – para apresentar o drama do jovem Padre Jaime cuja fé é abalada ao se ver inclinado ao engajamento político.

Ao contrário do fatalismo de seu primeiro filme realizado em preto e branco, *Ya no basta...* é filmado em cores como um meio de expressão das alternativas políticas naquele momento. Em termos narrativos, o filme contém vários elementos que contribuem para o avanço da politização do padre: a identificação da miséria através de cenas documentais de *poblaciones* de Viña del Mar, a descrença na solidariedade dos setores de classe média após desentendimentos com um magnata benfeitor – que, anedoticamente, é dono de um pastor alemão chamado “capitão”, que não permite ao padre ser bem recebido na mansão – e, por fim, o ataque violento e gratuito que ele sofre de um grupo de homens em tocaia devido aos seus vínculos com movimentos sociais - uma clara alusão à facções reacionárias, tal como a Frente Nacional.

Na ocasião da estreia do filme, Francia se mostrava otimista quanto aos rumos da UP e acreditava que o governo estaria “reunindo todos os esforços para fazer o cinema ir adiante e render frutos concretos”,²¹¹ apesar de reconhecer que isto não tinha ocorrido até então. Quanto ao



Imagem 12 – O padre Jaime se interpõe às ações policiais na periferia de Valparaíso aos 5m20s de *Ya no basta com rezar*, realizado por Francia em 1972

filme, ele dividiu opiniões: de um lado, recebeu críticas negativas de setores mais conservadores da Igreja Católica; de outro, foi visto com ressalvas pelos defensores da UP e, ademais, parte da crítica encarou o filme como uma obra

²¹⁰ A encíclica segue na íntegra em: <http://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html> Acessado em 20/12/2019

²¹¹ Francia ainda desejava fazer uma versão chilena do clássico francês *Le guerre des boutons*, de Louis Pergaud. O livro publicado em 1973 conta atualmente com seis versões cinematográficas, sendo a de 1962 dirigida por Yves Robert a melhor avaliada pela tradição crítica. Porém, o projeto foi vetado pela *Chile Films* e Francia foi viver na Europa após o golpe de 11/09/73.

demagógica.²¹² Em todo caso, o relevante aqui é insistir no potencial do cinema de revelar as contradições de seu tempo histórico, algo que o segundo longa de Francia fez ao propor um drama que apontava à militância e levava um novo elemento para o já intenso debate político das esquerdas, a saber: as ocasiões e os limites da aliança com o cristianismo.

Ya no basta... foi visto por 45 mil pessoas em Valparaíso, mas teve a sua estreia comprometida pela paralisação patronal ocorrida em outubro de 1972. O *lock out* havia sido organizado pela oposição política interna em conjunto com agências internacionais e visava asfixiar a economia chilena e levantar os setores médios contra o governo Allende. O momento foi decisivo para o recrudescimento do *poder popular* frente à experiência da *Unidad Popular*, como será visto adiante. Dentre essas respostas, estavam os *Cordones Comunales*, os *Cordones Industriales* e as *Juntas de Abastecimiento y Control de Precios*, todas elas expressões da autogestão de trabalhadores e trabalhadoras cujas táticas, a partir de então, mostraram-se uma alternativa viável às estratégias institucionais delineadas pela *Unidad Popular*, e deram mais gravidade às contradições sociais do governo Allende.

Naquela ocasião, Guzmán se dedicava, há meses, para um filme de época sobre Manuel Rodríguez²¹³ para a *Chile Films*. A equipe de produção do longa-metragem contava com o cinegrafista Jorge Müller e Guillermo Kahn como assistente. Mas, diante da paralisação patronal, a equipe propôs à estatal a realização de uma “*encuesta cinematográfica*”²¹⁴ junto dos trabalhadores. Elegeram o *Cordón Cerrillos* para produzir um filme com uma hora de duração que pudesse ser finalizado e exibido de maneira eficiente junto dos movimentos e organizações sociais do país. Assim, surgiu *La respuesta de octubre*, o seu segundo longa-metragem.

²¹² FRANCIA, A. Op. cit. *Ya no basta con rezar* estreou na abertura da UNCTAD III, em abril de 1972. Em seguida, ele foi exibido na Semana da Crítica de Cannes 1973 e, dois anos mais tarde, na Primera Semana de Cine Iberoamericano de Huelva, sendo premiado em ambos.

²¹³ Conforme já citado, Jose Román considera que houve uma tendência de “cinema de revisão histórica” durante a ascensão do Governo da UP. Soto se dedicou à Guerra do Pacífico em *Caliche Sangriento* e Littín à emergências das lutas sociais dos anos 1920 em *La Tierra Prometida*. Quanto às versões fílmicas de Manuel Rodríguez Ver: <<http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-96716.html>> Acessado em 02/01/2020.

²¹⁴ Cf. Enciclopedia Cinechile, mais tarde a equipe do filme se chamaria *Equipe Tercer Mundo* e se dedicaria às filmagens de *La Batalla del Chile*. Disponível em: <<http://cinechile.cl/pelicula/la-respuesta-de-octubre/>>, Acessado em 22/12/2019.

Em debate realizado pela revista *Chile Hoy*, a equipe de Guzmán foi confrontada com três líderes sindicais que questionaram a ausência de filmes feitos pelos e para os trabalhadores: “*y no se han hecho películas para nosotros*”, afirmou Juan Olivares, presidente do Comando Comunal de Estación Central. Ao que Guzmán constatou que “*no se tem feito filmes sobre e para a classe trabalhadora porque os cineastas não têm uma educação política adequada e sempre têm tido preocupações distintas, individuais*”.

Outra questão saliente na conversa foi a omissão do *Poder popular* também nas questões extra fílmicas, ou melhor, a negligência das instituições oficiais do governo Allende quanto aos movimentos e organizações sociais que sustentavam o cotidiano das classes trabalhadoras. Em suma, apesar de suas imperfeições técnicas, o filme foi bem acolhido pelos sindicalistas por permitir aos trabalhadores se verem como “*protagonistas históricos*”. A esse respeito, Hernán Ortega, do *Cordón Cerrillos*, afirmou que os operários

estavam cansados de sempre ouvir os políticos, de sempre ouvir o companheiro Allende; e as concentrações da UP são verdadeiras procissões. Nesse filme, o operário verá a si mesmo, e isso é importante. E o ato que teremos amanhã [a primeira grande concentração do “poder popular”] também será sem políticos: as bases dirão aos seus dirigentes o que pensam para que eles, enfim, as escutem.²¹⁵

A partir de fins de 1972, o *Poder popular* definitivamente ganhava terreno político e visibilidade nas batalhas das imagens da *Unidad Popular*. Em 14 de novembro do mesmo ano, Guzmán escreveu para Chris Marker²¹⁶ relatando como os roteiros ficcionais e os projetos dedicados junto à *Chile Films* eram “banais” diante da realidade cotidiana

Trato de elaborar vários roteiros de ficção que trouxe preconcebidos da Espanha. Também trato de escrever outros, mas me dou conta de que estão completamente superados pelo o que ocorre. Chego em minha casa – eu vivia em uma casa muito central de Santiago, a sete quadras do La Moneda

²¹⁵ O debate foi realizado em março de 1973, às vésperas da grande Assembleia do *Poder popular* realizada no Teatro Caupolicán. VER: ZERÁN, Faride. *Encuentros con el Poder Popular*. Disponível em: <<http://cinechile.cl/archivos-de-prensa/encuentros-con-el-poder-popular/>> Acessado em 22/12/2019. A revista foi produzida por Harnecker e Cardoso entre 06/1972 a 11/1973 com uma linha editorial progressista e independente. O seu acervo segue disponível em: <http://www.socialismo-chileno.org/PS/ChileHoy/chile_hoy/chile_hoy.html>.

²¹⁶ Para saber mais, ver *O cinema latino-americano de Chris Marker*, de Carolina Aguiar lançado pela Alameda Editorial em 2016.

– e aí, quando você vê passar uma marcha de trabalhadores de esquerda pelas ruas e você está escrevendo um roteiro... Você sai para admirar... Isto me acontecia constantemente. Você estava em um café no centre e, de repente, passava um piquete de trabalhadores com bandeiras vermelhas... Como filmar tudo aquilo? Por que ausentar-se da realidade?²¹⁷

Porém, as circunstâncias eram bastante adversas: em primeiro lugar, não seria possível conseguir material suficiente para rodar um documentário junto da *Chile Films* e, depois, seria preciso driblar o bloqueio econômico imposto ao país pelos Estados Unidos que retardaria a importação de película virgem em mais de um ano.²¹⁸ Marker respondeu prontamente aos pedidos de Guzmán, que seguiu adiante com uma jovem equipe composta por Federico Elton e Jorge Müller para realizar aquele que seria chamado de *El tercer año*, mas se tornou *A Batalha do Chile*. Afinal, eles começaram filmando uma revolução, mas descobriram um golpe de Estado.

²¹⁷ Cf. GUZMÁN, P; SEMPERE, P. Op. Cit., p.53 e ARNAL, A. Op. Cit., p. 145-146.

²¹⁸ RICCIARELLI, C. Op. cit., p. 104.

CAPÍTULO 02 – AS DEMIURGIAS DE A BATALHA DO CHILE

O presente capítulo apresenta a análise fílmica dos filmes de *A Batalha do Chile* (1975-1979) à luz dos debates historiográficos do Chile contemporâneo. Isso implica em reconhecer que os filmes *A insurreição da burguesia* (1975), *O golpe de Estado* (1977) e *O poder popular* (1979) serão lidos, por exemplo, a partir dos aportes teóricos, intelectuais e afetivos de personalidades como Joan Garcés, ex-assessor pessoal de Salvador Allende; Carlos Altamirano, senador e ex-secretário do Partido Socialista; Sérgio Bitar, ex-ministro da Mineração e afeito à Democracia-Cristã; o escritor Ariel Dorfman, expoentes do jornalismo como Patricia Verdugo, Patricia Politzer, Tito Drago e Catherine Lamour, dentre outros.

Em paralelo, são percorridas as pesquisas realizadas em diversos departamentos acadêmicos e que versam sobre as dimensões estéticas, políticas e culturais contidas ao longo dos três filmes, inclusive aquelas relativas aos movimentos sociais que compunham o *poder popular*.

Dentre os propósitos do capítulo, tem-se, num primeiro momento, as reflexões sobre como os argumentos fílmicos revelam as contradições que surgiram no bojo da *Unidad Popular* e os impasses que elas provocaram. O reconhecimento das montagens operadas nos discursos oficiais de Salvador Allende também dá margem para o dimensionamento dos anacronismos que existem na manufatura fílmica e que foram operados tendo em vista dar força à denúncia política no meio internacional. As reflexões sobre a aproximação dos democratas e dos cristãos junto aos setores reacionários nos momentos de agudização da crise do governo Allende também são configuradas ao longo do texto.

Esse conjunto de fatores nos leva à categorização de três instâncias de imagens, sendo elas as *imagens demóticas*, as *imagens demiúrgicas* e as *imagens hostis*. Esse esforço se soma à demonstração de que como as interpretações históricas elaboradas pelos argumentos fílmicos dialogam com as tendências historiográficas correntes na década de 1970 – e ainda soçobram nos debates contemporâneos.

2.1 A INSURREIÇÃO DA BURGUESIA E O TOM FATALISTA DO EXÍLIO

Os créditos iniciais da trilogia *A Batalha do Chile* sobre o fundo preto são acompanhados pelas troadas dos seis caças bombardeiros Hawk-Hunter que sobrevoam o Palácio La Moneda. A população civil já havia sido informada do golpe de Estado horas antes pelas rádios e, dada a resistência civil de Allende e de seu gabinete, o general Gustavo Leigh e o chefe da Marinha, almirante José Toribio Merino, avançaram com a “Operação Libra”, dedicada ao ataque do Palácio presidencial. Augusto Pinochet Ugarte, designado comandante do Exército por Allende em 23 de agosto de 1973, e promissor da legalidade até o dia anterior, posicionava-se de maneira estratégica para a declaração da Junta Militar naquela mesma noite.

Naquele momento, a arquitetura neoclássica da ex-Casa da Moeda, uma das muitas obras do renomado arquiteto Joaquín Toesca em Santiago, abrigava um expoente alternativo às esquerdas mundiais: Allende e a *via chilena* rumo ao socialismo destoavam de todas as estratégias e táticas revolucionárias internacionais empregadas até então. O traçado simétrico e proporcional, de certa maneira, expressava a aposta na via reta da legalidade rumo ao socialismo, a crença de que seria possível manejar uma revolução social dentro dos parâmetros da racionalidade administrativa herdados da modernidade liberal.

Porém, a *muñeca* de Allende e a legitimidade da *Unidad Popular* estavam bastante abaladas devido a vários fatores, tais como as divergências ideológicas entre as militâncias partidárias que esgarçaram a coalização das esquerdas e, mais ao rés das ruas, a vitalidade e o vigor das lideranças populares que tensionavam os limites da legalidade allendista através dos *Cordones Industriales* e dos *Comandos Comunales*, por exemplo. Por seu turno, a truculência castrense se fez presente intermitentemente desde o início de seu mandato, através, por exemplo, da eliminação física de dois comandantes-em-chefe legalistas das Forças Armadas, René Schneider, em 25 de outubro de 1970, e de Carlos Prats, em 30 de setembro de 1974. Ambas as ações mediadas pela intervenção estadunidense em solo latino-americano.

O fatalismo das cenas iniciais é justaposto à vozeria das multidões que tomam as ruas na ocasião das eleições parlamentares de 04 março de 1973,

momento em que a população decidiria sobre a renovação de todo o Congresso Nacional e de metade do Senado. O contraponto sonoro entre os ruídos metálicos e o calor clemente das vozes humanas dão a nota trágica da trama fílmica, pois retesam as condições das decisões políticas de Allende, assim como a dimensão pública da sua reconhecida eloquência dentro da concretude histórica de sua conjuntura.

Assim, em termos diegéticos, ou seja, narrativos, estão postos os limites entre o destino e a liberdade numa edição que remonta ao lema do brasão de armas do país oficializado em junho de 1834, que declara: “pela razão ou pela força”. Enfim, o espectador se vê comovido pela luta entre a capacidade projetiva, diretiva do progressismo revolucionário da *Unidad Popular* e o intenso, incerto e difuso jogo das contingências históricas.

Conforme já foi dito, os dois primeiros filmes da trilogia foram finalizados como partes de uma mesma vontade, de um mesmo propósito político: o desejo de denunciar, em escala internacional, a complexa realidade social e política chilena.²¹⁹

Sabe-se que, ao fim do primeiro filme, Guzmán se mostrava eufórico e percorreu festivais e mostras internacionais se dedicando à divulgação e à exibição de *La Insurrección de la burguesía*, ao passo que, ao cabo da segunda parte, *El golpe de Estado*, ele estava exausto e estressado, e chegou a acreditar na finalização da obra. Isto pode ajudar a compreender algumas semelhanças entre esses dois filmes, tal como uma apresentação com um forte tom trágico, isto é, uma posta em cena que revela o represamento das ações políticas multitudinárias e as ambivalências do enfrentamento da violência, ou como uma tarefa imbuída de liberdade ou como destino.

²¹⁹ As análises sobre a fatura e a divulgação de *La Batalla de Chile* são afins às discussões que tratam das ambivalências entre a “denúncia” e a “solidariedade” do cinema chileno produzido no exterior após o golpe de 1973. A esse respeito, ver PALACIOS, J. Montar lo invisibles: Pedro Chaskel y la Batalla de Chile. Disponível em: <https://www.academia.edu/4271167/Montar_lo_invisible_Pedro_Chaskel_y_La_Batalla_de_Chile> Acessado em 03/03/2020.

Esse teor fatalista foi reconhecido por Arnal em outros filmes produzidos sob o signo do *Nuevo Cine Chileno*, a saber *Tres Tristes Tigres*, *Valparaíso mi amor* e *el Chacal de Nahueltoro*.²²⁰

De acordo com o pesquisador, além do



Imagem 13 – A opressão militar marca o passo nas cenas iniciais de *Il pleut sur Santiago*, realizado por Helvio Soto em 1975

fatalismo social comum às personagens, esses filmes, também, teriam assimilado de seus contemporâneos a urgência por transmitir uma mensagem política, a condução da narrativa por uma voz *over* e a montagem de justaposições; sendo esta uma das principais heranças do cinema soviético, tendo em vista a provocação de consciência política nos espectadores.

Mas as interpretações fatalistas acerca das divergências e dos desafios do governo Allende transcenderam a conjuntura reivindicativa dos anos sessenta e, também, marcaram as produções fílmicas do chamado “cinema chileno de exílio”,²²¹ a exemplo das ficções *Il pleut sur Santiago* (Helvio Soto, 1975) e *Noche sobre Chile* (Sebastián Alarcón, 1977).²²²

O primeiro filme é uma produção francesa rodada em Paris e na Bulgária e que se dedica a relatar os eventos em torno do golpe militar a partir do olhar de um jornalista correspondente francês. Dentre os recursos que dão ritmo e dramaticidade ao enredo, está o relógio de parede que, logo aos três minutos do filme, indica as seis horas e quinze minutos da manhã enquanto a câmera desliza sobre as fotos da família Allende, e as rádios chamam à casa presidencial para informar as manobras militares da Marinha em Valparaíso.

²²⁰ Cf. ARNAL, A. Op. Cit., p. 103-106.

²²¹ Essa expressão tem sido intensamente debatida desde os anos oitenta. Para saber mais sobre sua historiografia, pode-se consultar PALACIOS, J. Publicado na Jump Cut em 20/11/2016 ou a bibliografia disponível nos seguintes domínios virtuais da “Memoria Chilena”: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-printer-3336.html> e <http://www.memoriachilena.gob.cl/archivos2/pdfs/MC0054484.pdf>.

²²² Para saber mais, conferir a tese de doutorado de Gonzalo Peña Barroso intitulada *La ditadura de Pinochet a través del cine documental 1973-2014* e defendida na Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED), na Espanha. Disponível em: <http://e-spacio.uned.es/fez/view/tesisuned:ED-Pg-HHAT-Gbarroso>, acessada em 28/03/2020.

Por volta dos vinte e oito minutos do filme, outro relógio é mostrado indicando as sete horas da manhã enquanto um estudante adentra a Universidade Técnica do Estado a fim de convocar os estudantes para a resistência política, dentre eles, alguns armados. E, por fim, por volta da uma hora e nove minutos, o jornalista francês - cujo protagonismo serve como um pivô para que sejam apresentadas as divergências ideológicas entre a renúncia e a resistência armada – é mostrado ansioso fitando seu relógio de pulso que marca quase dez horas da manhã, sendo esse marco cronológico rompido pelos tiroteios que dão ensejo à última parte do filme, a qual reconstrói com a ficcionalização de uma resistência armada de Allende e sua guarda pessoal ao som do tango da trilha sonora composta por Astor Piazzola.

Já a obra de Alarcón é uma produção soviética que acompanha o itinerário do arquiteto Miguel, que se vê enredado no grande drama político do onze de setembro após um militante de esquerda ter se escondido em seu apartamento. Por força das circunstâncias, ele também é preso e levado ao Estádio Nacional, uma das centenas de campos concentracionários implantados pela ditadura pinochetista. Por volta dos vinte minutos, o filme apresenta um grupo de jovens escondidos em uma oficina de automóveis assistindo a um telejornal contendo reportagens próprias da televisão chilena da época, em um recurso que já foi caracterizado como “*instruções documentarizantes*”,²²³ pois a inserção tem, como propósito, dar maior densidade histórica à ficção, e provocar mais adesão à sua capacidade de verossimilhança aos



Imagem 14 – Valdivia observa o campo de detenção e é convidado a delatar os colegas prisioneiros aos 26m30s de *Noche sobre Chile*, realizado por Alarcón em 1977

²²³ Seliprandy desenvolve uma análise dos aportes da semiopragmática de Roger Odin na definição do campo do documentário em “*Instruções documentarizantes no filme O que é isso, companheiro?*”. VER: KORNIS; M. (et. Al.) *História e Cinema*. Rio de Janeiro: FGV, 2012 p. 299-320.

eventos do golpe.

A reportagem apresenta a sedição do cordão industrial de Vickuña Mackenna - como será visto adiante, um dos maiores bastiões do Poder Popular no governo Allende – e momentos de tortura justapostos à imagem de Pinochet. Ato contínuo, a discussão em grupo tem o seguinte diálogo:

- (militante líder) E agora, o que vamos fazer?
- (militante coadjuvante) ... Eu não entendo o que estamos fazendo aqui! Deveríamos respondê-los! É preciso conseguir armas, armas!
- (militante mulher) Cale-se! Do que você precisa? Tanques, aviões?
- (militante líder) Bom, amigos... É hora de se esconder... Está tudo acabado nas fábricas e nas indústrias. Os sindicatos não conseguiram se reunir. De imediato, temos que reunir todos os documentos, principalmente os do sindicato (...).

A partir desse momento, o filme adentra a lógica do encarceramento e assume a visão do assujeitamento de diferentes tipos sociais à lógica concentracionária do estado de exceção pinochetista. Desde então, até o seu desfecho, as marcas do roteiro, tais como as simulações de fuzilamento, os ruídos e os assombros dos ritos de tortura e as ordens marciais endereçam da tragédia do golpe a um desfecho melancólico que encena um *tanquetazo* farsesco.²²⁴

Os timbres fatalistas desses argumentos fílmicos guardam relações com as ambivalências de testemunhos que, dentre seus propósitos, almejavam *denunciar* e/ou *resistir* ao golpe de onze de setembro. Em outras palavras, seria possível notar “a fragmentação política das esquerdas nas várias respostas cinematográficas”²²⁵.

Ao analisar a retórica política do cinema chileno de exílio dos anos setenta, Palacios detecta que, apesar do desejo comum de “*intervir na esfera política*”, as discussões a respeito de se fazer um *revolucionário* ou “*político*” transcenderam o umbral imposto pelo golpe de estado e ganharam novas dimensões ao longo das décadas seguintes.

²²⁴ A sensação de “*bomba relógio*” também embala a trama fílmica de *Le dernier combat du Salvador Allende*, lançado em 1999 por Patricio Henriquez a fim de reconstituir os eventos do dia 11 de setembro de 1973. Disponível em: <http://www.film-documentaire.fr/4DACTION/w_fiche_film/6648_1>.

²²⁵ PALACIOS, J. *Resistance vs exile: the political rethoric of Chilean exile cinema in the 1970's* publicado na Jump Cut em 20/11/2016 Disponível em <<https://www.ejumpcut.org/archive/jc57.2016/-PalaciosChile/index.html>> págs. 1 a 7.

Em 1979, já existiam cerca de setenta produções chilenas realizadas no exílio que, de acordo com Palacios, impunham novas questões e forçaram os cineastas a redefinirem as categorias que conheciam acerca do “político” e do “cinema”. Em suas palavras, dentre elas, estariam

Que tipos de filmes fazer? Como localizar um cineasta exilado no espaço público? Para quem destinar, endereçar os seus filmes? Como conciliar dois desejos simultâneos e contraditórios: a necessidade de se ancorar em signos culturais da terra natal enquanto incorporam elementos da cultura local em que agora estão inseridos?²²⁶

A se considerar a entrevista de Guzmán com Sempere realizada em 1977, pode-se dizer que a equipe de finalização de *A Batalha do Chile* não passou incólume a essas questões. Quando Sempere categoriza *El Primer Año* e *A Batalha...* como sendo exemplares de um “*cine político prospectivo*”, isto é, como obras que lançam luzes sobre o futuro, como filmes cujas imagens tem a força do devir, Guzmán responde de maneira mais realista e esclarece que o primeiro filme é celebratório e que sua resolução se deu “*na mesa de montagem e a cronologia foi determinante na narrativa*”, enquanto, na trilogia, ocorreu o inverso. “*Ainda que aparentemente ‘A Batalha...’ também tenha uma estrutura externa cronológica, a chave estrutural está em seu relato dialético, nas lutas dos contrários*”, conclui Guzmán.

E, no ensejo da questão “prospectiva” do filme, Guzmán afirma que a equipe sabia que tinham duas possibilidades adiante: ou “*o golpe de Estado fascista ou a guerra civil*”. E resume:

“*agora, se passássemos à guerra civil, íamos seguir filmando e, algum dia, ganhada ou perdida, se ia montar com esse mesmo critério. Porque, fundamentalmente, éramos testemunhos do que estava ocorrendo. Fazer a memória do Chile, era isso que queríamos fazer*”.

Dessa maneira, os filmes da trilogia seriam finalizados “*com um critério para dentro*”, e assim, Guzmán explica

²²⁶ PALACIOS, idem. No original: “*Exile as a historical and cultural situation—and by 1979 directors had already lived six years under it, a lapse in which they had made around seventy films— demanded new questions, forcing filmmakers to redefine both the “political” and “cinema” as they knew it. What kind of films to make? How to situate oneself as an exile filmmaker in the public sphere? Who to address in their work? How to reconcile two simultaneous and sometimes contradictory desires: the need to hang onto the cultural signs of the homeland while incorporating elements of the local culture of which they were now part?*”

Porque muitos filmes se desnaturalizam quando são feitos para a 'solidariedade internacional'. Os filmes são como tímpanos, eles têm que ressoar. Sem isso, as obras de 'exílio' não se sustentam. E a Espanha tem contribuído muito a esse respeito, positiva ou negativamente, com filmes sobre o exílio e sobre a guerra civil.²²⁷

Em resumo, percebe-se que Guzmán pretende se posicionar como um *chileno que fala do Chile para o Chile* na medida em que denuncia, internacionalmente, a tragédia de seu país. E isto é algo decisivo quando se tem em vista os debates historiográficos a respeito do cinema chileno que aqui estão sendo cotejados, a saber o fato de que as mostras e festivais de cinema mundiais se tornaram palcos de lutas entre as diferentes perspectivas de conceber a natureza política do cinema ao longo dos anos setenta.²²⁸

E isso levaria a um segundo ponto decisivo para se compreender a manufatura da trilogia, a sua finalização "*desde el punto de vista marxista-leninista*". Para o Guzmán de 1977, aqui "*radica o seu valor permanente*", isto é, o fato de o filme ter sido estruturado tendo em vista a apresentação dos três níveis da luta de classes, "*o econômico, o político e o ideológico*".²²⁹

Essa perspectiva ideológica se deveu, em grande medida, à participação da educadora popular Martha Harnecker na equipe de finalização no ICAIC. Junto com José Pino e Julio García Espinosa, Harnecker compôs a equipe de assessores políticos do filme, um grupo que serviu para "*tomar consciência do que é o politicamente correto e do que é politicamente inoportuno*".²³⁰ E, assim, preparou o material para a edição de Chaskel.

²²⁷ GUZMÁN, P.; SEMPERE, P. Op. cit. No original: "*porque muchas películas se desnaturalizan cuando están hechas para la 'solidariedad internacional'. Las películas son como tímpanos, tiene que haber algo abajo. Si no, las obras de 'exilio' no se sostienen. Y España ha aportado mucho al respecto, positiva o negativamente, con films sobre el exilio y sobre la guerra civil*", p. 84.

²²⁸ PALACIOS, J. Op. Cit. No original: "*This essay analyzes the rhetoric behind some of those polemics and declarations. I argue that the decade did not see the passage from one phase of Chilean exile cinema to another. Instead, what happened during the 1970s was a struggle between different ways to conceive of the political nature of cinema, especially under the new historical condition that exile supposed. For Chilean exile directors, this debate took place in various gatherings and film festivals, which offered spaces of interaction where filmmakers could overcome their geographic dispersion and isolation. This essay will chart a festival road map that travels from Caracas, Venezuela (1974) to Pesaro, Italy (1974), and then to Moscow, the Soviet Union (1979). I contend that in these events Chilean filmmakers enacted a rhetoric that plays out as an ideological opposition between resistance and exile*".

²²⁹ ALTHUSSER, L. *Conferência sobre a ditadura do proletariado. Lutas Sociais*, São Paulo, vol. 18 n. 33. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/download/25740/18375>> p. 56.

²³⁰ GUZMÁN, P.; SEMPERE, P. Op cit. P. 96.

Para que se compreenda melhor essa “*tomada de consciência*”, é preciso dizer que Harnecker licenciou-se em Psicologia na Universidade Católica do Chile e cursou pós-graduação na França do início dos anos sessenta, sob orientação de Paul Ricoeur e Louis Althusser. De volta ao Chile, em 1968, tornou-se uma intelectual de esquerda engajada no debate público, lecionando Materialismo Histórico e Economia Política na Universidade do Chile; e como responsável pelo diário *Chile Hoy*, cujo escritório era frequentado, diariamente, pela equipe de produção de Guzmán em busca de informações e notícias para a decupagem das filmagens diárias.

Autora de mais de oitenta livros, Harnecker publicou, em 1968, o *Conceptos Elementares del Materialismo Histórico*, uma obra fortemente amparada na visão estruturalista de Althusser, e que ganhou mais de setenta edições ao longo do tempo. Em 1971, já como integrante do governo Allende, Harnecker organizou, junto com Gabriela Uribe, a série de *Cuadernos de Educación Popular (CEP)* destinada a “*entregar de forma pedagógica e, ao mesmo tempo, rigorosa, os instrumentos teóricos mais importantes pra se compreender o processo de transformação social e poder planejar quais devem ser as características da nova sociedade que queremos construir*”.²³¹

Isto posto, tem-se que a participação de Harnecker foi além das intervenções acadêmicas e jornalísticas no cotidiano da equipe, e adensou o aporte teórico-revolucionário que Espinosa trazia da experiência da Revolução Cubana. Assim, para se dialogar com Althusser, a montagem do filme se baseou na “*teoria científica fundada por Marx que tem por objeto as leis da luta de classes na sociedade de classes*”²³², partindo do princípio de que, o que estava em questão no Chile daquele momento era a tomada do poder do Estado, a destruição do aparelho do Estado. Levando em conta que, “*enquanto aparelho ou máquina, uma estrutura e uma força próprias*”, ele poderia ser

²³¹ Os Cuadernos seguem disponíveis em domínio público, tais como em: <http://archivo.juventudes.org/textos/Marta%20Harnecker/Explotados%20y%20explotadores.pdf> Acessado em 03/04/2020. Eles foram publicados a partir de 1971 pela editora estatal Quimantú e foram utilizados e difundidos por todos os partidos da esquerda chilena, por movimentos sociais e pela CUT alcançando cerca de 130 mil exemplares até o fim do Governo Allende, uma tiragem recorde para esse tipo de publicação no mercado chileno.

²³² ALTHUSSER, L. Op. Cit. p.42.

*“detido seja por uma classe ou por outra, seja por uma aliança de classes que partilham o poder”.*²³³

Para se concluir a respeito desse aporte teórico, não seria demais relevar aqui as considerações de Althusser a respeito da atualidade do conceito *“ditadura do proletariado”*, expressas em uma conferência na Espanha em julho de 1976. Ao defender a sua centralidade na teoria marxista, o estruturalista reconheceu que o conceito não oferece, *a priori*, as condições para o seu salto histórico, isto é, a forma política de tomada do Estado: elas seriam dadas pelas correlações de força inerentes às contingências históricas. E cita o Chile como um exemplo de como o *“aparelho do Estado burguês”* compreende *“tropas de homens armados”* prontas para enfrentar e reprimir insurreições populares para, assim, reivindicar o caráter transicional e disruptivo da tomada de poder:

Pois, quando se pensa na função policial, militar, econômica, política e ideológica do Estado; quando se pensa não somente no Estado visível (as instituições políticas, a polícia, o exército, os tribunais etc.), mas também no Estado invisível, em todos os vínculos infinitamente sutis, mas sólidos da ideologia burguesa que brotam dos aparelhos ideológicos de Estado; quando se pensa que é necessário não somente dominar esse aparelho de Estado, mas transformá-lo para ir até o comunismo, neste momento, a palavra “transformar” torna-se frágil e a palavra “quebrar” começa a soar. Direi simplesmente o seguinte: entre o mundo da burguesia e o mundo do comunismo há, em algum lugar, uma ruptura (...) Não se trata de derrubar as instituições da noite para o dia, nem a fortiori abater as pessoas. A destruição do aparelho de Estado burguês é uma tarefa política que, como qualquer outra tarefa política, exige uma análise, uma estratégia e uma tática e, acima de tudo, que se reconheça o “elo decisivo” e, caso se queira agir, o momento oportuno para cada ação. Para pegar apenas um exemplo, Lênin dizia que, depois da tomada do poder de Estado, era preciso quebrar essa peça essencial do aparelho de Estado burguês que é a democracia parlamentar.²³⁴

Pode-se notar, então, as afinidades da equipe (Espinosa, Harnecker, Pino e Guzmán) com a ala tida como a mais radical do Partido Socialista chileno,²³⁵ aquela ligada à teoria marxista-leninista e que, à época, encarava o socialismo como um período de transição entre o capitalismo e o comunismo

²³³ Ibidem, p.51.

²³⁴ ALTHUSSER, L. Op. Cit., p. 56.

²³⁵ PINTO, Iván. Entrevista a Patricio Guzmán. El Angel Exterminador, nº22, jul-ago-sep, 2013. Disponível em: <<http://elangelexterminador.com.ar/articulosno.22/guzman.html>> Acessada em 02/01/2020.

em direção a uma democracia parlamentar “ativa e viva”. Enfim, a uma “*democracia até as últimas consequências*”.²³⁶

O radicalismo do Partido Socialista ganhou protagonismo no XVII Congresso realizado em 1967, que aprovou uma resolução que promoveu uma guinada em relação às análises sociais e *participações eleitorais vigentes até então. Em suas palavras,*

- [...] 1. O Partido Socialista, como organização marxista-leninista, propõe a tomada de poder como objetivo estratégico a cumprir por essa geração, para instaurar um Estado Revolucionário que liberte o Chile da dependência e do atraso econômico e cultural e inicie a construção do socialismo.
2. A violência revolucionária é inevitável e legítima. Resulta necessariamente do caráter repressivo e armado do estado de classe. Constitui a única via que conduz a tomada de poder político e econômico e a sua ulterior defesa e fortalecimento. Só destruindo o aparato burocrático e militar do estado burguês, pode-se consolidar a revolução socialista.
3. As formas pacíficas ou legais de luta (reivindicativas, ideológicas, eleitorais, etc.) não conduzem por si mesmas ao poder. O Partido Socialista as considera como instrumentos limitados de ação, incorporadas ao processo político que nos leva à luta armada.²³⁷

A resolução demonstrava um alinhamento direto do Partido Socialista com as táticas de guerrilha da Revolução Cubana, entendendo que as alianças com quaisquer setores burgueses significariam senão um retrocesso, um atraso na marcha histórica rumo ao socialismo. Assim, o Partido passou a defender a conquista do poder com o apoio dos trabalhadores rurais e urbanos e os setores médios.

A pesquisadora Elisa Borges destaca que, apesar do forte teor disruptivo, o Partido Socialista não investiu esforços práticos na defesa da luta armada, e continuou participando dos pleitos eleitorais, inclusive, durante o governo da *Unidad Popular* (1970-1973). Portanto, a sua “*estratégia programática representava mais uma retórica que se encerrava em si mesmo*”,

²³⁶ ALTHUSSER, L. Op. cit. p. 59.

²³⁷ BORGES, Elisa. *O Partido Socialista do Chile e a questão do poder popular durante o governo Salvador Allende* (1970-1973). Anais do XII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2016, Campo Grande, MS. Disponível em: <http://antigo.anphlac.org/sites/default/files/Elisa%20de%20Campos%20Borges_Anais%20do%20XII%20Encontro%20Internacional%20da%20ANPHLAC.pdf> p. 03 Acessado em 12/02/2020.

sendo que essa dualidade foi um dos fatores de grande tensão entre o presidente Salvador Allende, o Partido Socialista e o movimento popular.²³⁸

Em síntese, pode-se reverter as lentes de Sempere e sugerir que, na realidade, os filmes de Guzmán - (*El Primer Año* e *A Batalha do Chile* com o qual estamos particularmente comprometidos) elaboram uma visão política *retrospectiva*, posto que, em sua disposição tríptica, eles apresentam uma análise histórica que permite entrever os diferentes níveis das lutas de classes, assim como as tensões internas entre os projetos ideológicos dos partidos políticos e movimentos sociais que compunham a pluralidade-unidade da *Unidad Popular*.

ENTRE IMAGENS DEMÓTICAS E IMAGENS DEMIÚRGICAS

“*Estamos diante de um monstro*”.²³⁹ A reação de Chaskel ao rever as filmagens durante o processo de edição é bem conhecida. Os debates sobre como encarar e planificar o imenso “mural” feito de longos planos sequências receberam intensas análises de Arnal²⁴⁰ e de Scherbovsky²⁴¹. Diante do escopo desta pesquisa, seria preciso dizer que, em primeiro lugar, o assistente de direção, José Pino, elaborou uma cronologia dos fatos filmados para que fossem possíveis a numeração e a projeção dos copiões dos filmes. Uma vez assim organizados, houve um entendimento comum em torno de quatro pontos assim postos por Guzmán à luz dos termos althusserianos:

Percebe-se a escalada fascista financiada pelo imperialismo e pela burguesia local. Vê-se o plano insurrecional das massas;
Havia outro material que continha os conflitos do aparato do Estado burguês, ou seja, o conflito do presidente Allende com o Parlamento e com o Judiciário, por exemplo;
Por outra parte, há um material superestrutural que pertence ao presidente da República, a outros altos dirigentes tanto de esquerda como da direita;
E, finalmente, havia o material onde se vê o povo, a massa, a base, trabalhando coletivamente para solucionar os problemas de abastecimento, os problemas de produção, criando comitês de vigilância, comitês de localização, inclusive alterando as formas de produção capitalista; isto é, construindo o socialismo

²³⁸ Ibidem, p. 4.

²³⁹ GUZMÁN, P.; SEMPERE, P. Op cit. P. 94.

²⁴⁰ Cf. ARNAL, A. Op. Cit., p 147-153.

²⁴¹ Cf. SCHERBOVSKY, N. Op. Cit., p 89-123.

em algumas zonas econômicas e, ao mesmo tempo, lutando conjunturalmente a favor do processo revolucionário.²⁴²

A partir dessas constatações, Guzmán e Chaskel deram início à análise e à montagem do material, tendo em vista que o primeiro material seria um filme dedicado à *‘escalada fascista’*, isto é, aos eventos ocorridos entre as eleições legislativas de 04 de março e a tentativa fracassada de golpe militar em 29 de junho de 1973. O segundo e terceiro materiais seriam a segunda parte dedicada *‘aos aspectos superestruturais’*, isto é, aos conflitos dentro do aparato do Estado ocorridos entre o *tanquetazo* de junho e o golpe de onze de setembro. O quarto material seria destinado a complementar a primeira e a segunda parte e, eventualmente, seria um terceiro filme a respeito do *‘trabalho coletivo’*, isto é, do poder popular.

Leva-se em consideração que seria possível empenhar a análise fílmica das duas primeiras partes – *A Insurreição da Burguesia* (1975) e *O Golpe de Estado* (1976) – considerando o caráter dialético presente em duas instâncias de imagens, sendo a primeira a notória tensão entre as imagens da resistência popular e as imagens da burguesia, constantes ao que se chamará aqui de *imagens demóticas*, ou seja, as imagens difusas, ambivalentes e ruidosas capturadas na própria concretude histórica do devir dos acontecimentos. Imagens que, sendo eventos em processo, seguem abertas em busca de síntese histórica.

Em diálogo com as pesquisas dirigidas por Ossa, essas imagens formam um *“sistema visual contraditório e ambivalente”* posto que são tomadas em processo de marchas, manifestações, reuniões, assembleias, movimentos sociais e conflitos que ocupam as ruas pressionando por mudanças sociais.

Esses registros contingenciais das mobilizações populares contrapõem a *“diversidade antropológicas das multidões alçadas ao espaço público”*, a fisionomia e a cotidianidade daqueles que *“antes de se tornarem governo transitavam como anônimos sem soldo, vencidos por salários irrisórios ou como trabalhadores sindicalizados organizados em grêmios”*²⁴³ às imagens de

²⁴² Ibidem, p. 96 e 97.

²⁴³ Resultado do I Concurso de Promoción del Archivo de la Cineteca Nacional de Chile, o relatório *Memorias en Movimiento – Las batallas culturales de la imagen en la Unidad Popular*, contém análises

indivíduos dotados de discursos singularizados que expressariam a pretensa universalidade do *ethos* liberal. Esse conjunto de imagens seria cerca de “80% ou 95% do filme”²⁴⁴ registrados pela própria equipe de filmagem em grandes planos-sequência, e que a edição “*macluhanista, de baixa frequência*”²⁴⁵ de Chaskel fez questão de respeitar, tendo em vista a evidente luta de classes - “luta de contrários” - que se desenvolvia no país.

Quando avizinhas com a organização que a historiografia oferece a respeito das imagens entre poder e protesto²⁴⁶, as *imagens demóticas* então estabelecem uma espécie de “diálogo iconográfico”²⁴⁷ com a pintura *Il Quarto Stato* (1901), do pintor italiano Giuseppe da Volpedo. Vistas desse ângulo, elas remontam à tradição das lutas entre o mundo do trabalho e o capital,²⁴⁸ inscrevendo, na trilogia, a ordem de uma cotidianidade subordinada à mobilização política que reivindica a ultrapassagem da pastoral allendista.

Assim, a cada imagem eufórica que demonstra a força social da população econômica se transformando em sujeito político tem-se, ao contrário, a disposição de agentes civis comprometidos com os valores ligados à tradição, à família e à nação, e que os expressam por uma suposta racionalidade discursiva ou por uma pretensa performance gestual.

Por seu turno, é possível reconhecer que, dentre as poucas imagens de arquivo manejadas no filme, estão as imagens de discursos de Salvador Allende oriundas da *Chile Films*, aqui denominadas de *imagens demiúrgicas*, tendo em vista o seu caráter pastoral no regime fílmico. Isto é, uma vez que são dispostas a urdir a trama fílmica de modo a apresentar um Allende que “*olha e fala por todos e para cada um*”, uma imagem que singulariza um poder que se exerce sobre uma multiplicidade, uma voz “*que guia para um objetivo e serve de intermediário para esse objetivo*”, em resumo, imagens que

ricas sobre a “*cultura visual militante que tentou dar conta*” dos processos históricos do Governo Allende (1970-1973). Centro Cultural De La Moneda. Exposiciones. Disponível em: <http://www.ccplm.cl/sitio/wp-content/uploads/2016/10/161005_Memorias-en-movimiento-II-Concurso-de-investigaci%C3%B3n.pdf> Acessado em 12/11/2020.

²⁴⁴ O índice de originalidade das imagens oscila nos depoimentos de Guzmán: em entrevista a Sempere (1977: p. 84) ele avalia em 95%, enquanto na entrevista concedida a Avellar disponível no DVD produzido pela Videofilmes em 2005 ele avalia em “uns 80%”.

²⁴⁵ GUZMÁN, P.; SEMPERE, P. Op cit. P. 99.

²⁴⁶ BURKE, P. *Testemunha ocular – o uso de imagens como evidência histórica*. Ed. Unesp, 2017 Cap. 04 *Poder e protesto*, págs. 93-118.

²⁴⁷ EGGER, R. Op.cit., p. 124.

²⁴⁸ EGGER, Op. Cit., p. 138.

personificam a ‘razão de Estado’ leninista defensora da centralidade de Allende e da UP na condução da *via chilena rumo ao socialismo*, a partir da racionalidade legal e administrativa liberal.

Dessa maneira, as imagens demiúrgicas de Allende – presentes em onze ocasiões ao longo de toda trilogia -, quando justapostas às *imagens demóticas* demonstram o esforço de governança das forças políticas, de apascentamento das tensões ideológicas e de recondução da babel popular à unidade. Essas questões se expressam na temporalidade forte da eloquência verbal de Salvador Allende em contraposição ao vozerio das *imagens demóticas*.

De natureza *extra fílmica*, posto que foram selecionadas dos arquivos da *Chile Films*, as *imagens demiúrgicas* são manejadas ao longo de toda a trilogia a fim de colmar a trama fílmica com a pastoral²⁴⁹ allendista; ou melhor, de mostrar Salvador Allende em um plano próximo diante de um microfone como aquele que “*olha e fala por todos e para cada um*”. Elas singularizam um poder que pretende se exercer sobre uma multiplicidade - a diversidade ideológica dos partidos que compõem a *Unidad Popular* e o Legislativo, as correntes sindicais que ganharam cada vez mais força desde o governo Frei (1964-1970) e outras frentes institucionais constituintes, tal como o Judiciário e as Forças Armadas.

Enquanto artífices, as *imagens demiúrgicas* encarnam uma voz que “*guia para um objetivo e serve de intermediário para esse objetivo*” – a condução da chamada “*via chilena rumo ao socialismo*”. Em síntese, como “*construtora*”,²⁵⁰ elas personificam a razão de Estado leninista defensora da centralidade de Allende e da *Unidad Popular* através da racionalidade administrativa da legalidade liberal.

Dadas essas categorizações, seria relevante registrar que, das seis apresentações de Allende no primeiro filme da trilogia, três parecem *cruciais*, isto é, provocam *turning points* no arranjo do argumento fílmico, tais como i) o discurso de Allende de 24 de junho de 1973, apresentado em duas ocasiões, aos 29 e aos 34 minutos do filme, de maneira a encerrar a introdução e abrir a

²⁴⁹ FOUCAULT, M. *Segurança, território população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Aulas dos dias 8, 15 e 22 de fevereiro de 1978, págs. 155-253.

²⁵⁰ PLATÃO. *Timeu-Critias*. Trad. Rodolfo Lopes. Universidade de Coimbra, 2011, p. 40.

escalada fascista dos setores médios até o empresariado; ii) o seu discurso de 19 de abril de 1973, apresentado aos 58 minutos do filme, e que se posiciona como um guinada em direção aos confrontos civis em meio à paralisação da mina de El Teniente, em abril de 1973; e, por fim, iii) o discurso pronunciado em 21 de junho de 1973, que acompanha o encerramento dos 76 dias da ‘paralisação do cobre’ e dá ensejo às cenas fatais de Leonardo Henricksen no *tanquetazo* final.

PRIMEIRO ATO: A BURGUESIA ENTRA EM PÂNICO

A partir dessa mirada, os primeiros trinta minutos de *A Insurreição da Burguesia* põem em cena uma multidão em seu devir, tomando conta das ruas com as manifestações a favor e contra o governo Allende. A câmera do “*cineasta escafandrista*”²⁵¹ submerge e vacila entre faces, cartazes e a generalidade das massas, capturando a temporalidade contingencial das passeatas e seus gritos de guerra.

As coordenadas de tempo e espaço estão postas por uma *voz over* que, se a princípio emula a sobriedade de um comentário objetivo típico das práticas documentais institucionais nacionais,²⁵² cada vez mais se adensa como um “*ponto de vista, uma posição, uma reflexão sobre os acontecimentos*”²⁵³, ou seja, como um dos liames de tessitura do enredo fílmico. No rastro das imagens de Hellmich do bombardeio ao La Moneda, a *voz over* registra

Seis meses antes do bombardeio ao Palácio La Moneda, o povo chileno enfrenta eleições para a renovar do Parlamento. As forças políticas se apresentam divididas em dois blocos: de um lado, a oposição de centro-direita formada pelos partidos Democracia Cristã e Nacional. Do outro lado, os partidos de

²⁵¹ GAUTHIER, G. *Documentário - Um outro cinema*. São Paulo: Papirus: 2011, p.93.

²⁵² Como se sabe, a obra de Bill Nichols consiste, em grande medida, no desenvolvimento de um detalhado aporte teórico e analítico dos modos retóricos do documentarismo, seus propósitos estéticos e sociais.

²⁵³ Em capítulo intitulado, *La narración y sus voces*, Scherbovsky faz uma extensa reflexão entendendo que ela se realiza através “*de la combinación de la voz en off y las voces de los sujetos entrevistados. Entendemos que éstas se entrelazan y que tanto la mirada del narrador omnisciente (mirada del director) como los testimonios en primera persona de los sujetos fílmicos construyen la historia. En todo caso la narración es una negociación entre ambas voces y miradas*”. A pesquisadora também esclarece as diferenças existentes entre as locuções originais dos anos setenta, a de 1996, realizada por Abilio Fernández e com a qual trabalhamos, e a de 2005, realizada pelo próprio Guzmán. (2016, p. 119). Quanto a Arnal, ele considera que as operações da voz over seriam uma expressão das influências da tradição cinematográfica europeia “*abertamente interpretativa e subjetivista*” sobre Guzmán. (2015, p. 120).

esquerda agrupados na UP que apoiarão um parlamento para Salvador Allende.

Diante desse espaço dramático multitudinário, difuso e ambivalente, a equipe elabora a ancoragem de seus dispositivos fílmicos com tapas no microfone ou afirmando “*sincrônico!*”, artifícios que servem de referentes para a adesão ao enredo da ordem diegética.

Simultaneamente, a equipe recorre às enquetes na tentativa de singularizar o povo, de registrar seus tipos sociais, suas fisionomias e, sobretudo, suas expectativas ou ressentimentos sociais



Imagem 15 – A equipe *Tercer Año* entrevista um aposentado aos 5m20seg de *A insurreição da burguesia*. “*Nenhum governo tinha feito tanto por mim*”, relata o senhor em meio à multidão que constitui o devir das imagens demóticas

em torno do pleito legislativo de março de 1973. Dentre os adeptos do governo Allende, as questões “*Sra., em que vai votar?*”, “*quem vai ganhar as eleições domingo?*”, “*o que vai ser do futuro?*” e “*o que você pensa da Democracia Cristã?*” são respondidas de maneira efusiva e, geralmente, respaldadas pelos ganhos materiais decorrentes das medidas socioeconômicas em andamento

Guzmán: E o que vai ser do futuro?

Sra.: que vamos seguir lutando e que vamos conseguir cada vez mais. Na época de Frei, eu tinha um ranchinho todo caído, entrava água e com meus filhos com broncopneumonia. Eu pedi ajuda aqui e lá e nunca fui escutada. Ao contrário, agora aonde vou eu sou atendida. E, graças ao meu presidente, eu tenho uma linda casa, não tenho grandes comodidades, mas não me falta pão. (a multidão aplaude)

Aposentado: sou aposentado e nunca um governo fez o que este fez por nós .

Ao dirigir as mesmas enquetes aos opositores do governo, identificados como tais pela câmera através de seus carros, vestimentas e adereços, Guzmán insinua se elas “*acreditam na via eleitoral ou em outro caminho?*” na tentativa de revelar a presença do ressentimento como uma força política. Apesar de a pergunta ter redundado na crença da via eleitoral como uma

solução para a superação do governo Allende em quatro ocasiões, a interatividade das enquetes abriu a possibilidade para a emergência de uma senhora indignada, que assume o microfone com um depoimento que entrou para os anais do cinema como um paradigma do reacionarismo, ao clamar por um governo “*lindo e limpo*” em vez do “*degenerado, corrompido e imundo*” governo Allende. Evocando, assim, os princípios de outras “lutas” que contavam com os “*princípios da força e da saúde*”²⁵⁴ como finalidades políticas.

A tomada do território pela população anuncia o caráter épico-popular do filme, e parece fazer vibrar os limites do enquadramento, uma vez que se percebe a tentativa do cinegrafista Jorge Müller em registrar o povo pela ótica da complementaridade:²⁵⁵ o seu olhar busca, constantemente, uma decupagem

que ofereça a contemplação de um sujeito coletivo. Em contraponto aos devires político da massa, a montagem se distancia da vertigem das ruas e apresenta uma enquete com uma senhora burguesa, em seu próprio apartamento, em um registro de



Imagem 16 – A eleitora de Jarpa convida a equipe para dentro de seu apartamento aos 14m34s de *A Insurreição...* “Deve-se arrumar as coisas”, diz ela quando questionada a respeito das possibilidades de um golpe militar.

câmera que Arnal considerou como “irônico”. Posto que tem suas opiniões contrafeitas por Müller, na medida em que ele apresenta o conforto material de sua vida doméstica simultaneamente ao seu apoio às facções nacionalistas chilenas.

Nesse momento, a “*câmera que anda*” - e que causou tanto fascínio entre os admiradores do *Cinema Direto* a partir dos anos sessenta²⁵⁶ - traz à

²⁵⁴ HITLER, A. *Minha Luta*. Editora desconhecida, 1925, p. 273.

²⁵⁵ No original: “Para La batalla de Chile, quien lleva a cabo esta yuxtaposición con una sensibilidad excepcional es el cinefotógrafo y camarógrafo Jorge Müller. La ironía aparecerá de manera constante en la cámara de Müller a la hora de documentar a la burguesía, así como la complementariedad (ya no la yuxtaposición) cuando se trate de filmar a las clases populares.”. ARNAL, A. 2015, p. 132.

²⁵⁶ GAUTHIER, G. Op. cit. págs. 94 a 99.

tona uma situação única em toda a trilogia: a demonstração de um ambiente doméstico que expõe a burguesia que intitula o filme. A singularidade do registro doméstico salienta o desejo de análise política a que o filme se propõe, pois se pode dizer que é um plano-sequência que coteja uma das questões na historiografia do período, a saber, quem é e como pensam os setores médios chilenos? O que pensam e como poderiam aderir ou não às tendências do governo Allende?

Em tese, o programa político da *Unidad Popular* apostava no protagonismo das classes operárias que, ao aderirem automaticamente às suas causas seriam capazes de levar adiante as transformações sociais planejadas em seu programa de governo. O seu capítulo “*A Unidade e a ação do povo organizado*” é aberto com a seguinte sentença:

o crescimento das forças trabalhadoras em relação ao seu número, sua organização, sua luta e consciência de poder, reforça e propagam o desejo de mudanças profundas, à crítica à ordem estabelecida e o choque com suas estruturas.²⁵⁷

Porém, para Bitar, um dos erros da UP foi confundir vitória eleitoral com aliança política. Ou seja, foi apostar que as vitórias eleitorais de setembro de 1970 e as municipais de 1971 seriam, necessariamente, sinônimo de adesão dos setores médios ao projeto de transformação social.²⁵⁸

O ex-ministro de Estado, também, chamou a atenção para o fato de que o programa da UP delineava transformações econômicas estruturais, de longo prazo, em detrimento dos impactos socioeconômicos dos eventos políticos cotidianos e conjunturais. Em outras palavras, ao apostar que as classes operárias seriam uma espécie de grande dínamo da “via chilena ao socialismo”, e que as contradições e os conflitos sociais entre operários empregados, proprietários pequenos e médios profissionais seriam secundários e reguláveis ao largo do “grande conflito entre capital e trabalho”, a

²⁵⁷ No original: “el crecimiento de las fuerzas trabajadoras en cuanto a su numero, su organización, su lucha y la conciencia de su poder, refuerzan y propagan la voluntad de cambios profundos, la crítica del orden establecido y el choque con sus estructuras. En Nuestro país son más de tres millones de trabajadores, cuyas fuerzas productivas y su enorme capacidad constructiva, no podrán, sin embargo, liberarse dentro del actual sistema que solo puede explotarles y someterles”. Programa básico de la unidad popular, Chile, 1969, Acervo Memoria chilena, Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20150115022804/http://www.memoriachilena.cl/archivos2/pdfs/MC0000544.pdf>> Acessado em 25/03/2020, p. 10.

²⁵⁸ ALTAMIRANO, C. *Dialética de uma derrota*. São Paulo: Brasilense, 1979, p. 72.

coalizão da UP “*subestimou os fatores ideológicos e conjunturais*”²⁵⁹; e perdeu de vista o fato de que, justamente, essas contradições ‘secundárias’ se agravaram e que a análise dicotômica proletariado-burguesia era insuficiente, pois cobriria uma pequena porcentagem da população.

TABELA XI-4				
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO PERCEBEDORA DE RENDAS POR EXTRATO DE RENDA E CATEGORIA OCUPACIONAL, 1967 §				
(em percentagem)				
Extrato de renda	Empregadores	Autônomos	Empregados	Operários
50% mais pobres	2,7	52,4	11,1	72,7
30% intermediários	14,4	30,0	43,0	23,4
20% mais ricos	82,9	17,6	45,9	3,9
Total (%)	100,0	100,0	100,0	100,0
Número de pessoas (milhares)	37,4	568,8	641,6	1.191,8

§ Esta pesquisa exclui os inativos que percebem rendas. É o único estudo de amostragem, no Chile, sobre a distribuição da renda. Entende-se por renda, a renda pessoal líquida. A população total analisada é de 2.439.600 pessoas, mas sua classificação por categoria ocupacional é diferente da do Censo de População citado em quadros anteriores.
 Fonte: Calculado com base na pesquisa CEDEM, Universidade do Chile, 1967, em Heskia, I., 1974.

Tabela 1: Distribuição da População percebadora de rendas por extrato de renda e categoria ocupacional

Fonte: BITAR, S. *Transição, Socialismo e Democracia – Chile com Allende*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 314

Diante desses dados, as conclusões parciais de Bitar que aqui interessam dizem respeito ao fato de que, apesar da “*relativa complexidade da estrutura social chilena*”, seria possível, ao autor, afirmar que, dentre os fatores econômicos que tiveram maior influência na suscetibilidade das camadas médias, estavam

O descolamento do mercado, que afetou a situação relativa destes grupos na distribuição de renda e de consumo;
 Deficiências da política econômica;
 As manipulações, pela direita, destas condições objetivas; isto é, pelas eficazes ações ideológicas da oposição;
 Ausência de um esquema alternativo claro para contrapor aos prognósticos da oposição; ou seja, as classes médias seriam um aliado durante a ‘etapa’ de nacionalização das grandes empresas e de luta anti-imperialista.²⁶⁰

²⁵⁹ BITAR, S. *Transição, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 308.

²⁶⁰ BITAR, S. Op. cit., p. 314 A seguir, o autor considera que “*entre os diversos componentes das camadas médias, foi a pequena burguesia que representou o papel crucial. No fim do período da UP, seu repúdio era visceral e mostrava uma intransigência ainda maior do que a da grande burguesia. Sua animosidade superou todas as previsões da UP e constituiu um dos fatos que mais chamam a atenção na experiência chilena. O potencial de orientação fascista desses setores confirmou o ocorrido em outras experiências, como as europeias, e é um dos maiores riscos que corre um processo de transformações em sociedades complexas*”.

Dessa maneira, pode-se compreender a presença dessa longa enquête doméstica no começo da trilogia como uma forma de identificação de alguns dos pontos mais críticos do governo Allende: o reconhecimento das nuances entre a posição na estrutura de classe e as práticas de classe, e a vulnerabilidade social dos setores médios que foram relegados pelo projeto político-econômico de visão a longo prazo do governo. Não seria demais enfatizar que, sendo a depoente uma mulher votante do Partido Nacionalista e afeita aos seus princípios reacionários, ela, também, dá corpo e voz ao nicho eleitoral em que Allende encontrava menor ressonância política: as “*angustiadas mães de família*”²⁶¹, cujos votos foram decisivos para a vitória de seus opositores desde 1958.

O tempo morto da análise do conforto material doméstico é justaposto à vertigem das ruas, e a câmera submerge aos indícios de guerra civil em decorrência do reconhecimento dos resultados das urnas que ampliaram o apoio à *Unidad Popular*. Ao rito administrativo da assunção dos eleitos aos cargos parlamentares, a voz over enreda o argumento fílmico, revelando o espelhamento das concretudes das contradições históricas no jogo de forças do aparelho do Estado: diante da “*vontade de mais mudanças sociais*”, os “*milhões de dólares norte-americanos*” que calcinam as instituições estatais se dirigem, “*paradoxalmente*”, ao golpe de Estado, conclui a locução.

A chave leninista da análise política – as leituras a partir da “infra” e da “superestrutura” - segue a institucionalização dos conflitos em torno das JAP, as *Juntas de Abastecimiento y Control de Precios*, regulamentadas no decreto nº 112, de 3 de março de 1972, o qual criou o Departamento das JAP vinculado

²⁶¹ Márcia Cury ressalta que “a candidatura de Frei contou com o apoio organizado das mulheres no movimento nacional das Mulheres Freístas, que estampavam nos jornais a identificação com as propostas do candidato democrata cristão que ‘entendia as angústias das mães de família’. Na mensagem destinada às chilenas, a presidenta do movimento afirmava que as mulheres não temiam o termo revolução. Mas, a transgressão da ordem e o radicalismo certamente estão entre os elementos que contribuíram para a opção por Eduardo Frei entre as mulheres nas eleições de 1964 e também de 1970”. Dentre as entrevistas realizadas para a sua pesquisa sobre as experiências de classe nos movimentos sociais chilenos, tem-se o seguinte depoimento: “[votei] em Frei. Era bom o que dizia o Allende, porque o Allende ajudava, mas também desorganizava, era violento, ia pela violência [...] houve uma divisão com o Allende porque havia uns de ultra [extrema esquerda], e esses arruinavam o resto. Então a gente não gostava deles, porque quase todas as pessoas que eram do Allende eram violentas”. [Tradução da autora] CURY, Márcia. *O protagonismo popular: experiências de classe e movimentos sociais na construção do socialismo chileno (1964-1973)*. Tese de doutorado defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 2013, p. 151.

ao Departamento Nacional de Indústria e Comércio do Ministério da Economia (DRININCO).

Os problemas em torno do desabastecimento de alimentos e suas respostas no mercado ilegal tomam cerca de dez minutos. De acordo com

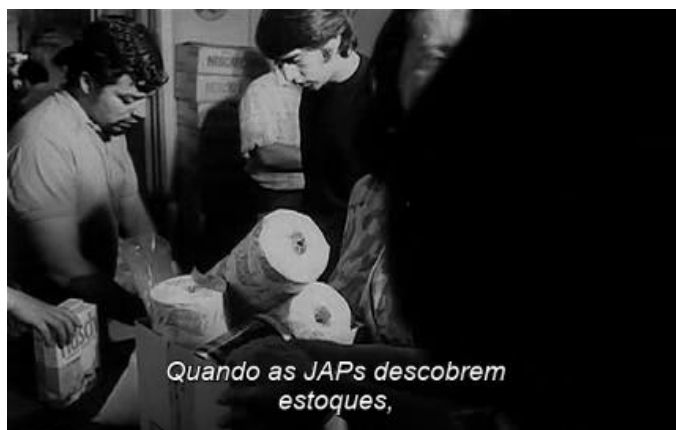


Imagem 17 – A comunidade descobre os locais de armazenamento de comida aos 22m50s de *A Insurreição...* A tática reacionária então é contornada pelo poder popular

Borges, pesquisadora dos movimentos sociais do governo Allende, o objetivo das JAP era *“ajudar na distribuição dos produtos e no controle dos preços através da mobilização popular”*.²⁶²

A exposição de um estoque de produtos de necessidade básica é seguida de enquetes de homens e mulheres sobre o funcionamento das JAP. A voz over argumenta que existiriam cerca de três mil delas pelo país, sendo que estes *“organismos vizinhos para fiscalizar a distribuição de alimentos e para denunciar especuladores”* teriam sido *“fortalecidas pelo governo”*, tendo em vista um duplo propósito: em nível nacional, a circulação das mercadorias; em nível internacional, combater *“os principais objetivos do bloqueio norte-americano”*, assim enumerados: *“i) desorganizar a entrega de alimentos; ii) esgotar os estoques de reserva; iii) e sabotar a semeadura/colheita para escassear os produtos de primeira necessidade”*.

Os temas relacionados ao chamado *Poder Popular* é uma constante ao longo dos três filmes, mas se pode dizer que recebe distintas análises e, gradativamente, mais intensas no decorrer dos argumentos fílmicos. Tendo isso em vista, é preciso dizer que o *Poder Popular* era previsto pelo Programa da UP e seria um dos desdobramentos dos *Comitês de la Unidad Popular*, articulados *“em cada fábrica, fundo, población, escritório ou escola por*

²⁶² BORGES, E. *¡Con la UP ahora somos Gobierno! A experiência dos Cordones Industriales no Chile de Allende*. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2011, p. 73.

militantes de movimientos e de partidos de esquerda e integrados por essa multidão de chilenos que desejam mudanças fundamentais”.

Quanto ao engajamento social e político dos trabalhadores e trabalhadoras de diversos setores sociais, o Programa seguia a rubrica da práxis política, reconhecendo que

Os Comitês da Unidad Popular não serão organismos eleitorais. Serão intérpretes e combatentes das reivindicações imediatas das massas e que, sobretudo, se prepararam para exercer o Poder Popular. Assim, pois, esse novo poder que o Chile necessita gestar desde já, onde quer que o povo se organize para lutar por seus problemas específicos e onde quer que se desenvolva a consciência da necessidade de exercê-lo. Esse sistema de trabalho comum será um método permanente e dinâmico de desenvolvimento do Programa, uma escola ativa para as massas e uma forma concreta de aprofundar o conteúdo político da Unidad Popular em todos seus níveis.²⁶³

Porém, apesar de, nesse primeiro momento da trilogia, esses movimentos sociais serem apresentados como sendo *“enrobustecidos pelo governo”*, é preciso dizer que os debates acerca de suas razões históricas são complexos. Por ora, seria interessante começar pela citação das memórias e análises de Carlos Altamirano, um dos fundadores do Partido Socialista.

Para ele, esse *Poder Popular* foi organizado por ativistas operários, lideranças comunitárias e sindicais que preencheram os vazios institucionais gerados pelas contradições da UP, tendo em vista a continuidade das atividades econômicas do país, tais como a manutenção das atividades industriais e dos setores de transporte urbano, a regulação dos preços e a distribuição de alimentos que abrem a primeira parte do filme.

Na avaliação de Carlos Altamirano, presidente do Partido em 1972, a experiência contrarrevolucionária de outubro de 1972 – a greve patronal de 26

²⁶³ No original: *“Para estimular y orientar la movilización del pueblo de Chile hacia la conquista del poder, constituiremos por todas partes Comités de la Unidad Popular, articulados en cada fabrica, fundo, población, oficina o escuela por los militantes de movimientos y de partidos de izquierda e integrados por esa multitud de chilenos que se definen por cambios fundamentales. Los Comités de Unidad Popular no serán organismos electorales. Serán intérpretes y combatientes de las reivindicaciones inmediatas de las masas y, sobre todo, se prepararan para ejercer el Poder Popular. Así, pues, este nuevo poder que Chile necesita debe empezar a gestarse desde ya, donde quiera que el pueblo se organice para luchar por sus problemas especificos y donde quiera que se desarrolle la conciencia de la necesidad de ejercerlo. Este sistema de trabajo comun sera un método permanente y dinamico de desarrollo del Programa, una escuela activa para las masas y una forma concreta de profundizar el contenido político de la Unidad Popular en todos sus niveles”*. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20150115022804/http://www.memoriachilena.cl/archivos2/pdfs/MC0000544.pdf>>. Acessado em 25/03/2020.

dias financiada pela CIA e pelos empresários - afluíu a “*extraordinária potencialidade criadora e organizativa do proletariado e das massas em geral*”, mas reconhece que isso agravou as tensões internas da *Unidad Popular* e os conflitos entre o *Poder Popular* e o governo Allende

Sem dúvida, esse novo poder dos trabalhadores entrava em contradição com a legalidade democrático-liberal. Sua participação na luta social – sem a qual dificilmente acontece uma autêntica revolução – superava necessariamente as estruturas jurídico-institucionais, e não poderia ser de outro modo (...).²⁶⁴

Defensor da via insurrecional, Altamirano considera que a emergência do *Poder Popular* se impôs de maneira ambivalente naquela transição de 1972 a 1973, pois ele poderia ter sido uma “*alternativa ou mesmo antagonista*” ao governo Allende. No filme, ele diz que naquele momento

A burguesia entra em pânico. Percebe imediatamente os perigos de um fenômeno social cheio de estranha vitalidade e descobre sua potencialidade revolucionária. Em conjunto, a Unidade Popular vacila: observa um vago antagonismo neste poder emergente e sabe que seu controle será difícil. Definitivamente, não assume a tarefa de orientá-lo, canalizá-lo e torná-lo consciente.

Na medida em que o governo buscava soluções para dar legitimidade às tarefas sociais dos *Comandos Comunes* e outras expressões do *Poder Popular*, o Parlamento, o Tribunal de Contas e a Corte Suprema entrincheiravam-se no aparato legal para restringir suas atribuições.

No filme, esses conflitos são revelados através das evidentes assimetrias em uma entrevista de um deputado do Partido Nacional com um líder popular de uma *JAP*, seguida das



Imagem 18 – um líder comunitário do poder popular é constrangido em reunião com o Legislativo aos 27m15s de *A Insurreição...* revelando a força da dialética proposta originalmente pela montagem

²⁶⁴ Altamirano dedica todo um extenso capítulo ao *poder popular* intitulado “*A exigência das massas*”. Op. cit., p. 102.

pressões políticas que levaram à destituição de Orlando Millas, ministro da Economia, pelo Legislativo – quando, pela força constitucional, sendo um secretário do poder Executivo, um ministro só responde aos atos do presidente da República.

A *voz over* sutura o enredo abordando como o regime legal chileno tinha se tornado um campo de batalhas a fim de constranger tanto a *muñeca* de Allende quanto o alcance das articulações políticas da bancada majoritária recém-eleita:

Dias mais tarde, a Câmara leva a cabo a votação para expulsar o ministro Millas. Por 86 votos a favor e 63 contra a oposição destitui o ministro. Em um período de 3 meses, a oposição destitui a 2 intendentes/ autoridades e 7 ministros de Allende. Isto é, um funcionário da UP do alto escalão a cada 10 dias

Salvador Allende emerge através de uma inserção, cuja duração de um minuto tende a desacelerar o ritmo do filme em função da dimensão zeladora de sua prosódia. Registrado em um primeiro plano picado, o seu excerto foi extraído do encerramento do *Primer Congreso del Partido Federado de la Unidad Popular*, realizado em 24 de junho de 1973 - ou seja, três dias após o fim da paralisação da mina de *El Teniente* por trabalhadores apoiados por setores políticos de oposição ao governo, e cinco dias antes do frustrado *tancazo* encabeçado por Roberto Viaux, evento que seria o marco cronológico divisor entre a primeira e a segunda parte da trilogia.

O anacronismo cronológico da cena atende à necessidade de se revelar as reticências das disputas políticas em torno da pessoa pública e política de Allende. Como já foi sugerido, ela é *crucial* na medida em que permitem a análise dos entrecruzamentos, dos enfrentamentos entre a razão de Estado leninista defensora da centralidade de Allende e do *Partido Federado*, e as contingências das forças políticas em jogo daquele momento.

Ao longo de mais de vinte e quatro minutos,²⁶⁵ Allende conclama à unidade política e defende a reconciliação social frente à crise econômica e às fortes ameaças da oposição. Logo no começo do discurso, ao fazer referência aos confrontos decorrentes da



Imagem 19 – De origem extra fílmica, as imagens de Salvador Allende constituem uma instância demiúrgica que gradativamente perde força ao longo da trilogia. Acima, Allende em comunicado ao Congresso aos 29m42s de *A Insurreição...*

paralisação da mina de *El Teniente*, ele reconheceu que “os trabalhadores chilenos haviam conquistado o governo, mas não ainda o poder”. E, avançando na defesa da linha programática de longo prazo, as palavras que antecedem o excerto apresentado no filme, chama a atenção dos trabalhadores para a institucionalização do Estado de Direito; e que a linha programática da luta em andamento se realizaria dentro do “*pluralismo e da liberdade da concepção democrática burguesa*” que, até então, havia sido ampliada, “mas não o suficiente” no processo de transição em marcha.

Allende segue criticando a instrumentalização dessa liberdade e do sistema legislativo pelas forças opositoras

Liberdade que os opositores desfiguram para atacar o governo. E, por certo, eles rechaçam que nós usemos as leis que eles tiveram em suas mãos e usaram contra o povo. E quando nós as usamos para defender o governo legítimo e o avanço dos trabalhadores, nasce então a resistência desses setores que têm todas as garantias da realidade que vive o nosso país.

Argumento que, então, resulta no momento que, posto em cena, individualiza o poder político na imagem de Allende, cuja presença fílmica se encarrega de encarnar a unidade diante da multiplicidade, e de acenar à soberania nacional em detrimento da soberania popular ao afirmar que

²⁶⁵ O discurso original tem 6058 palavras e sua cronometragem foi aferida através do domínio <<https://copywritely.com/pt/words-to-minutes/>>. A íntegra do discurso está disponível na seção de “Anexos” da tese.

este é um governo que não é socialista; é um governo popular, democrático, nacional, revolucionário e que deve cumprir um programa para abrir, o mais amplo e rapidamente, o caminho ao socialismo e à transformação de nossa sociedade.

Não seria demasiado reconhecer que, logo após delinear o “*marco institucional em que vivemos*”, o discurso original de Allende defende que dentro desse marco,

estão as Forças Armadas que com certeza têm se diferenciado e se diferem das de outros países; posto que não são Forças politizadas, nem são o povo em armas como ocorreram com outros processos revolucionários que chegaram ao governo e ao poder através da luta direta; uma vez que elas são tecnicamente eficientes e respeitadas da Constituição e da Lei.

Note-se, então, que a montagem quebra, reconstrói e atribui um novo sentido de unidade à realidade histórica ao privilegiar uma aproximação entre a soberania nacional e a soberania popular, na medida em que o recorte operado no discurso de Allende o traz ao rés do chão das forças populares diante do avanço dos setores reacionários. Apesar de seu extenso discurso conter críticas às distorções dos dispositivos legais e elogios ao suposto sentido cívico liberal da caserna, é a prescrição de um “*caminho ao socialismo*” que se impõe às primeiras imagens de Allende na trilogia fílmica.

Um tom nacional-popular desse mesmo discurso do dia 24 de junho, prestado no encerramento do Congresso do Partido Federado, é selecionado para encerrar essa que se considera a introdução do filme. Com registros do ambiente parlamentar, a *voz over* analisa como a alçada de Eduardo Frei para a presidência do Senado selou a conjugação da Democracia Cristã e do Partido Nacional, e pôs fim às condições de conciliação legislativa ao governo.

A partir daquele momento, as forças consensuais da Democracia Cristã aderiram aos reacionários nacionalistas e, definitivamente, polarizaram as casas legislativas. O filme, então, dá voz às enquetes com os operários que denunciam os açambarcamentos, os boicotes à produção e as péssimas condições de trabalho. E, em consonância com eles, sobrevém um desdobramento da toada allendista de quase um minuto em busca de confiança em uma governança que seja regida dentro dos parâmetros constitucionais

Se compreendemos que nesta hora o primordial, o básico é afiançar o governo político e conquistar os instrumentos fazendo com que haja permeabilidade institucional para que os opositores entendam que não podem negar a um governo aquilo que lhe é essencial: para que seja possível defender o Chile de uma realidade econômica que não emana de nossos erros – sem negar os que cometemos – mas de fatores nacionais e internacionais que pesam, sobretudo quando um governo como o nosso se enfrenta com o imperialismo e com a oligarquia latifundiária, bancária e feudal.²⁶⁶

Em resumo, tem-se, com mais clareza, como a imagem de Allende foi construída no começo da trilogia: um presidente aproximado às causas populares e adiante delas na condução do “*programa político*” e, simultaneamente, na certificação, no endosso da ordem institucional. Como já se disse, o seu tom pastoral ressoa as ânsias populares diante das adversidades históricas. Conclui-se, então, como o agenciamento dos aspectos cruciais entre as imagens demóticas e as imagens demiúrgicas contribuem para a compreensão das dimensões históricas dos filmes que compõem a trilogia de *A Batalha do Chile*.

Levando em conta esses momentos cruciais expressam a razão conflitiva entre os antagonismos entre as dinâmicas *callejeras* e a burocracia das casas legislativas, as dissonâncias entre os vozerios das forças populares e a eloquência litúrgica²⁶⁷ de Allende e, para falar a linguagem marxiana que fundou a tomada de consciência política da equipe de filmagem, os

²⁶⁶ ALLENDE, Salvador. *Palabras del presidente de la república pronunciadas en la clausura del Primer Congreso del Partido Federado de la Unidad Popular*, 24/06//1973. Disponível em: <<https://www.marxists.org/espanol/allende/1973/junio24.htm>>. Acessado em 15/10/2019.

²⁶⁷ Nesse momento, talvez seja interessante registrar algumas polêmicas sobre os discursos de Allende. No filme de Catalina disponível no DVD da Videofilmes, o realizador enfatiza que “*toda vez que Allende falava se produzia uma enorme comunicação com as pessoas. Apesar de ser um homem de terno e gravata, ele sempre provocava um respeito espetacular, as pessoas se calavam. Quanto aos outros políticos, não se passava nada. Ele tinha o dom de aglutinar as pessoas que eu não sei de onde vinha porque não falava como um proletário, ele não utilizava uma linguagem eleitoreira, ele não arregaçava as mangas, ele sempre era como era... De alguma maneira, as pessoas seguiram e acreditaram nele... E isto era parte da mágica que havia nesse momento... Uma imagem autêntica, ele nunca quis passar gato por lebre*”. Por outro lado, em entrevista coletiva junto de Guzmán na ocasião da exibição e debate daquele que seria o filme *El segundo año* que abordou o avanço do *poder popular*, um operário chegou a afirmar que “*con respecto a esto, los obreros están cansados de oír siempre a los políticos, de oír siempre al compañero Allende; y las concentraciones de la UP son verdaderas procesiones*”. Disponível em: <<http://cinechile.cl/archivos-de-prensa/encuentros-con-el-poder-popular/>> Acessado em: 15/10/2019.

antagonismos entre a vertigem dos confrontos políticos desenvolvidos nos meios de produção e suas expressões na “*superestrutura jurídica e política*”.²⁶⁸

Isso não significa deixar de lado o fato de que o processo de filmagem e de montagem do filme foram exaustivamente debatidos pela equipe de produção, e problematizados pela historiografia.

Pelo contrário, trata-se de aportar novos referenciais às afinidades existentes entre os estudos já realizados, tal como o reconhecimento de que a ideia de “*núcleos*” seria o fundamento geral da montagem dos dois primeiros filmes da trilogia. Para Palacios

se trata de filmar um problema específico e seguir toda a corrente de acontecimentos, testemunhos, discursos e ações que se desprendem e se relacionam com o problema original. A combinação dessa estrutura com a necessidade de preservar um certo cariz testemunhal no filme levam os realizadores à via dialética: uma estrutura de diálogos contrários que é imagem documental e análise política, ao mesmo tempo em que é posta em cena e encadeamento narrativo, causa e efeito dos acontecimentos do processo da UP.²⁶⁹

Arnal acresce que a decisão pela filmagem em “*núcleos*” garantiu, à equipe, a captura de conflitos locais que expressassem problemas nacionais, além de ter sido um dispositivo decisivo no traslado das intenções políticas da equipe entre o processo de filmagem e o processo de edição no exílio cubano.²⁷⁰

Avançando com esta análise, o enfoque da razão conflitiva entre as imagens demóticas e as demiúrgicas também expressam a dialética entre a *razão de Estado* e *razão de governo*.²⁷¹ Ou seja, expõem os espectadores às seguintes questões: a quem caberia o princípio de leitura daquela realidade

²⁶⁸ Na citação bem conhecida de Karl Marx, “[...] na produção social da vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência.” IN: MARX, Karl. Prefácio à Para a Crítica da Economia Política. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1996, p. 52.

²⁶⁹ PALACIOS, J. Op. Cit. No original: “se acude a filmar um problema específico, y se segue toda la corriente de acontecimientos, testimonios, discursos y acciones que se desprenden y se relaciona con el problema original. De la combinación de esta última estructura con la necesidad de preservar un cierto cari testimonial en el filme, los realizadores coinciden en la vía dialéctica: una estructura de diálogos de contrarios, que es imagen documental y análisis político, al mismo tiempo que puesta en escena del encadenamiento narrativo, causa y efecto de los acontecimientos del proceso de la UP.”

²⁷⁰ ARNAL, A. Op. cit. p. 153-156. Em Scherbovsky, esses temas são explorados nas págs. 95-97

²⁷¹ FOUCAULT, Op. cit. p. 385.

chilena: aos órgãos constituintes do ordenamento jurídico como a *Contraloría General de la República*²⁷² - que, a partir de 1972, passou a deliberar não somente sobre a probidade, mas também, sobre a “*conveniência das ações da administração pública*”²⁷³ – ou à soberania popular encarnada em Allende? Quais seriam os imperativos da condução social naquele momento: as negociações táticas (leia-se, imediatas e circunstanciais) com a liderança legislativa da Democracia Cristã que constrangiam o governo à nacionalização das empresas listadas pela oposição congressista, ou as mediações estratégicas aprofundando e aumentando os vínculos com o apoio popular, isto é, “*avanzar sin cesar*”?²⁷⁴

SEGUNDO ATO: NÃO SE PODE CONFUNDIR CONSCIÊNCIA COM PACIÊNCIA

Esses conflitos são postos em cena no segundo ato na medida em que são mostrados o avanço dos grêmios patronais e da Democracia Cristã junto aos setores reacionários entre os anos de 1972 e 1973. O princípio da “*lógica nuclear*” da montagem norteia as imagens demóticas que põem em cena a tomada das ruas por movimentos sociais declaradamente fascistas, como o *Patria y Libertad*, uma espécie de milícia paramilitar financiada pelos EUA²⁷⁵, atrelada ao Partido



Imagem 20 – A formação dos comandos paramilitares de caça aos comunistas encabeçada pelo *Patria y Libertad* aos 38min de *A Insurreição...*

²⁷² De acordo com seu domínio oficial, dentre as suas funções está a de “*velar por el cumplimiento del ordenamiento jurídico por parte de la Administración del Estado, a través de una relación colaborativa con sus organismos y con los ciudadanos, promoviendo el bien común mediante una gestión institucional eficiente en resguardo de la probidad, la transparencia y el correcto uso del patrimonio público*”. Disponível em: <<https://www.chileatiende.gob.cl/instituciones/ZC009>>. Acessado em 29/04/2020

²⁷³ BITAR, Op. cit., p. 196.

²⁷⁴ Ibidem, p. 165.

²⁷⁵ ALTAMIRANO, C. Op. cit., p. 128.

Nacional – que, também, conseguiu que setores estudantis fossem às ruas contra as reformas universitárias propostas naquela ocasião.

Nesse momento, o filme tem a oportunidade de avançar sobre outra dimensão crítica do governo da UP, qual seja a perda do apoio social de setores que orbitavam em torno do Partido da Democracia Cristã – trabalhadores por conta própria, pequenos e médios proprietários – e o consequente acirramento da polarização social. Como foi visto nos capítulos anteriores, a partir do final dos anos cinquenta, o PDC se tornou uma expressão da diplomacia da *Aliança para Democracia* estadunidense, e, assim, afirmou-se como um polo político intermediário entre os projetos das esquerdas chilenos e o Partido Nacional. Essa qualidade de agente intermediário se degradou na medida em que a UP se afirmou como um bloco sociopolítico aglutinado em torno das classes operárias.

De acordo com o ex-secretário pessoal de Allende, Joan Garcés, a deterioração do cenário político tripolar (UD, PDC e PN) se deu a partir de julho de 1971, e avançou gradativamente devido a uma complexa rede de fatores.

Em síntese, primeiro devido ao avanço de políticos ligados a Eduardo Frei em direção ao reacionarismo do Partido Nacional, e que provocou a dissidência de quadros progressistas da DC que formaram a Esquerda Cristã. Também, teria havido a inabilidade de setores da UP de promover alianças eleitorais e legislativas estratégicas com os setores moderados da DC em busca de consensos institucionais e, portanto, tendo em vista a aproximação do partido ao viés fascista do Partido Nacional. Por último, mas não menos importante, consoante a esses confrontos, havia, também, as massivas articulações financeiras e políticas norte-americanas que financiavam, passo a passo, o avanço da ala freísta do PDC em direção à ultradireita, através de campanhas eleitorais, publicidades dissuasivas e do gerenciamento do ressentimento social dos setores médios e empresariais.²⁷⁶

As polêmicas da assembleia de trabalhadores do transporte público sucedem as cenas da frente fascista *Patria y Libertad* e expressam o que as lideranças do Partido Socialista consideravam “*espontaneísmo*”, uma energia política composta pelo subproletariado que representava algo em torno de um

²⁷⁶ GARCÉS, J. *Allende e as armas da política*. São Paulo: Scritta Editorial, 1990, cap. V págs. 169-178.

quarto da população do país. Uma energia política que, de acordo com Altamirano, *“punha em evidência a imensa superioridade da vida sobre as mais brilhantes teorizações”*.²⁷⁷

O vozerio dos participantes da assembleia expõe as fissuras das bases populares da UP: um trabalhador diz um basta à postura defensiva e defende a necessidade de *“enfrentar o Estado burguês em busca de sua derrota”*. Outros clamam pela realização de um plebiscito junto ao governo, enquanto um trabalhador declara que a prioridade seria resolver as questões ligadas à mobilidade urbana, porque

sempre que precisam atacar o governo paralisam os transportes, pois estão manipulando os motoristas... a maioria dos motoristas não tem consciência de classe e não reconhecem os sindicatos... Só querem saber de porcentagem, de quanto vão ganhar... Não há reuniões sindicatos, não querem saber nada... São poucos os sindicatos que atuam nos transportes e os que fazem, fazem mal...

As cizânias entre os trabalhadores do transporte tinham razões econômicas: o controle estatal das tarifas reduziu seus lucros e os déficits da balança comercial comprometiam diretamente a reposição de peças, levando-os a adquiri-las na ilegalidade. O autor relata que, nessas condições, esses trabalhadores independentes *“dotados de uma práxis que os levavam a crer que construíram uma posição por si mesmas”* compunham um setor social crítico, e continua afirmando que

Os colégios profissionais não dispunham de um comando coordenador e sua função ficara reduzida a fiar taxas de serviços. Os mais ativistas oposicionistas do governo de Allende eram aqueles que exerciam como autônomos [para eles], a perspectiva de um modelo social equitativo ameaçava suas expectativas e seu estilo de vida. Seus valores culturais e seus padrões de consumo identificavam-se com os grandes e médios empresários [eles] sempre haviam permanecido à margem das associações gremiais dos grandes empresários, mas estes últimos conseguiram integrá-los numa frente comum, em defesa da propriedade privada.²⁷⁸

De maneira muito precisa, o filme enseja os ruídos entre os trabalhadores com a canalização dos movimentos populares pela CUT, numa passeata realizada em 23 de abril. Criada em 1957, a Central Única dos

²⁷⁷ ALTAMIRANO, C. Op. cit., p. 100.

²⁷⁸ Idem, p. 187.

Trabalhadores consolidou a institucionalização das ações operárias e foi decisiva na vitória da UP. De acordo com Cury, “com o objetivo de canalizar as forças do movimento operário em torno do projeto da UP, os partidos de esquerda tentaram apoiar-se na CUT integrando-a mais ao aparato do Estado”.²⁷⁹ Porém, essa seria mais uma das contradições existentes nas ações da UP, afinal, sendo um dos “aparatos de Estado”, a CUT vocalizava os anseios da centralização da transição gradual da política defendidas por Salvador Allende e pelo seu Partido Comunista.

Dado esse alinhamento, a CUT, também, temia a ampliação da mobilização popular fora das instituições, pois compreendiam que caberia a eles o cuidado e o fortalecimento do governo popular. Então, as dissonâncias entre as lideranças sindicais e a centralidade da CUT, prenunciados pelas cizânias da assembleia dos trabalhadores, são amplificados pelas imagens das “correntes fundacionais”²⁸⁰ do governo popular, que tomam as ruas ao som de “criar, criar, poder popular!” e “povo, consciência, fuzil, MIR, MIR!”. Ambos os brados reivindicam o desgarramento da pastoral allendista, e o aprofundamento da revolução a partir de baixo desde a luta armada, isto é, a partir do Poder Popular – sendo que esses temas só seriam analisados, como foi visto, em um (im)provável terceiro filme.

As mobilizações populares soçobram, e a soberania das ruas colide com a ordem armada do PDC: os conflitos armados promovidos pela sede do Partido às tomadas *callejeras* impõem uma nova dimensão ao regime fílmico, qual seja a presença da lógica amigo-inimigo.²⁸¹ A



Imagem 21 - A configuração da ofensiva patronal aos 54min de *A Insurreição...* Ao lado das táticas paramilitares, as estratégias de sufocamento econômico eram apoiadas pela Democracia Cristã

²⁷⁹ CURY, M. Op. cit., p. 22.

²⁸⁰ CCPLM. Op. cit., p.16.

²⁸¹ BERCOVICI, G. *Carl Schmitt e a tentativa de uma revolução conservadora*. IN: BADER, W.; ALMEIDA, J. *O pensamento alemão no século XX*, vol. 1. São Paulo: Coleção Cosac Naify, 2009 págs. 83-123.

partir de então, instalam-se as condições de guerra civil.

E elas ganham mais intensidade com as reivindicações econômicas de setores de oposição ao governo, a começar pela Convenção Nacional da Confederação de Ônibus e Táxis que, contando com 108 participantes, reuniu-se a fim de “*estudar a alta de preços e o reajuste de tarifas*” em uma conjuntura marcada por uma taxa de inflação anual estimada em cerca de 210%.²⁸² Medidas como essas estavam diretamente ligadas às ingerências norte-americanas no seio da sociedade chilena, tendo em vista a desestabilização econômica e política do governo, antes de qualquer intervenção castrista.

Conforme as pesquisas de Moniz Bandeira (2008) e Kornbluh (2013), o propósito de Nixon e de Kissinger era fazer do Chile um “*Vietnã silencioso e derrotado*”²⁸³ através do financiamento de ações reacionárias e contra insurgentes. O diagnóstico do Informe do Comitê Econômico de Ministros de maio daquele ano fez uma análise crua da realidade econômica do país, ao reconhecer que o “*nível inflacionário e potencial*”, como o que prevalecia no país, tendia a se “*auto elevar firmemente*” diante das condições de “*luta de classes*” que se impunham. Dentre as suas considerações a respeito da posição das classes mais altas, mencionava que

assume particular gravidade uma espécie de “anarquia em salários e ganhos, que adquire um significado crescente (...) é preciso ter presente também que uma inflação acelerada, como a existente, provoca nas diversas classes uma forte disposição a incluir nos reajustes de remunerações ou de ganhos, uma sobre renda que lhes permita manter sua renda real “dentro dos próximos meses”. Esta disposição, dada a situação atual de luta de classes e de grande força sindical, traduziu-se em reivindicações que, de um modo geral, tem grande êxito. Isto antecipa e acelera a subida de preços e tem ocorrido com intensidade crescente na economia.”²⁸⁴

²⁸² BITAR, S. Op. cit., p. 375 A taxa de inflação acumulada janeiro-maio deverá aproximar-se de 60%. Nesse ritmo quadrimestral, a taxa anual para 1973 se aproximará de 210%. Observam-se, no entanto, pressões e tendências capazes de gerar uma taxa inflacionária consideravelmente mais alta no restante do ano.

²⁸³ ALTAMIRANO, C. Op. cit., p. 137.

²⁸⁴ BITAR, S. Op. cit., p. 379 Uma inflação alta como a que se observa, provoca na população o desejo crescente de desfazer-se do dinheiro, que se desvaloriza rapidamente, e comprar bens materiais. O temor crescente da escassez reforça essa tendência de as pessoas gastarem mais rapidamente. Em consequência, criam-se maiores pressões de demanda sobre a oferta de bens, produzindo-se novos componentes da alta de preços. Com isso, acelera-se a inflação e o fenômeno descrito se acentua, num círculo vicioso ascendente.

As reivindicações de alta de preços, ajustes de tarifas e aumento salariais, então, foram cada vez mais subvencionadas e estimuladas por ações norte-americanas a fim de, simultaneamente, suprir o ressentimento social causado pela perda de poder aquisitivo, e robustecer a percepção social de que a desordem e a instabilidade seriam estritamente resultados da inépcia do governo.

Esses temas são vistos através da confederação dos grêmios patronais. Enquanto o dispositivo de Jorge Müller decupa as fotogenias e os detalhes das vestimentas sociais do empresariado, as lideranças gremiais evocam “*lei e ordem*”, e jargões de efeito como “*não podemos confundir a consciência com a paciência*”, além de se respaldarem no freísmo como polo de oposição ao governo, ao dizerem que

trata-se de encher as panelas, de poder resistir e subsistir e salvar nossa atividade porque com ela estamos salvando o trabalho de milhões de pessoas que (tem Frei em confiança) e sabem que é um homem de trabalho.

A voz *over* enreda a argumentação acrescentando que a decisiva atuação econômica norte-americana se operava em duas frentes: financiando os setores grevistas opositoristas ao governo, e reduzindo drasticamente as importações das *commodities* chilenas. O horizonte das imagens demóticas do segundo ato é ensejado com as mobilizações que saíram às ruas para suprir e manter o abastecimento e o transporte público. Novamente, a montagem recorre ao anacronismo a fim de escamotear a cronologia e revelar as intermitências históricas do governo Allende: as cenas se referem ao *Movimiento Patriótico de Renovación*, o MOPARE, criado junto dos setores populares com o apoio da CUT em decorrência da paralisação patronal de 26 dias em outubro de 1972.

Dessa maneira, a inércia das preleções do patronato abre espaço aos levantes populares registrados em *travellings*, cujas dinâmicas sublinham o anseio de radicalização de transformação social. “*Eu creio que nesse momento é quando o povo tem que mostrar a sua capacidade de luta que forjou durante todo este processo (...) E como você está vendo aqui não importam os sacrifícios se continuarmos a trabalhar e produzir*”, diz um senhor junto a Guzmán na caçamba de um caminhão em movimento.

As imagens demiúrgicas de Salvador Allende, extraídas da celebração do 40º aniversário do Partido Socialista, em 19 de abril de 1973, então, emergem a fim de endossar a aproximação do presidente junto ao poder popular, além de



Imagem 23 - Allende sob aplausos aos 59m30s de A *Insurreição...* Aqui, a sua demiurgia evoca o seu característico *double bind*: revolucionar, mas dentro da legalidade

reafirmar a defesa da institucionalidade. Dividido em nove tópicos,²⁸⁵ o discurso de quase dezessete minutos tem um forte teor ativo e professoral, posto que o presidente começa testemunhando ser o *“fundador e o compañero Presidente”* do Partido Socialista, cujo alcance nacional mereceria recordações

Como não se lembrar do mineiro ao pampeiro, aos ovelheiros das estâncias de magallánicas, ao professor do primário, ao operário industrial, ao carvoeiro! Como não se lembrar daqueles que nunca pediram nada, que jamais tiveram um emprego, que nunca reclamaram rendas, que são e têm sido a mais essencial e granítica força em que se baseia a moral e a vontade revolucionária do Partido Socialista!

A referência à presença de norte-vietnamitas no evento o levou a registrar as diferenças que existiriam entre a via chilena e as esquerdas mundiais, apontando que *“não se abate o capitalismo em uma única grande jornada apocalíptica”*. E isto significaria que o Chile, ainda, estava em *“campo de batalhas”*, cujas trincheiras conquistadas ele assinalava ao afirmar

recuperamos para o Chile as riquezas básicas que estavam nas mãos do capital estrangeiro. Tomamos outra trincheira da reação quando terminamos com os latifúndios. Avançamos outra trincheira quando nacionalizamos o cobre. Alcançamos trincheiras quando as indústrias estratégicas e os monopólios passaram para a área estatizada da economia. E o povo tem que apreciar isso, assim como os companheiros de meu partido. Por isso seguimos uma rota justa e seguiremos

²⁸⁵ O discurso original tem 4131 palavras e sua cronometragem foi aferida através do domínio <<https://copywritely.com/pt/words-to-minutes/>>. A íntegra do discurso está disponível na seção “Anexos” da tese.

avançando. E o faremos com base na nossa decisão irrevogável de cumprir o programa da Unidade Popular.

Os desdobramentos desse argumento e a condução na *“rota justa”* do programa da UP, compõem o excerto utilizado na primeira metade da demiurgia allendista que, ao se referir sobre o que aprendeu com o povo na defesa da independência do país, e para a conquista de dias melhores para as grandes massas preteridas, afirmou que *“à lealdade do povo responderei com a lealdade de um militante socialista e como presidente do Chile cumprirei implacavelmente o programa da Unidade Popular”*, sendo os aplausos seguidos de um *zoom out*.

Porém, a montagem acresceu à defesa do programa da UP um trecho do discurso presente sob a rubrica *“maior eficiência nas empresas da área social e mais vigilância no funcionamento das outras”*, momento em que o presidente clama pela vigilância popular dos meios de produção, assim como pelo aumento da participação popular, tendo em vista a superação da crise econômica. Daí que, na segunda metade de sua demiurgia, têm-se as seguintes palavras

Temos que produzir mais ferro, mais cobre; temos que produzir mais ouro, já que este metal tem alcançando grande valor. Necessitamos de um controle maior sobre a distribuição dos produtos. Aqueles que acreditam que às vezes vacilo que me escutem bem: temos que fortalecer o poder popular, os Centros de Mães, as juntas de Vizinhos, as JAP's, os Comandos Comunais; temos que os fortalecer. Temos que fortalecer os cordões industriais, mas não como força paralela ao governo, mas sim como forças populares junto das forças do governo de vocês, do Governo Popular.

Dessa maneira, a pastoral de Allende, que marcaria a guinada do segundo para o terceiro ato do filme, expressa uma espécie de *double bind* no regime fílmico, ou seja, ela pretende apresentar uma imagem que, na verdade, vocaliza, simultaneamente, duas mensagens antagônicas, conflitivas: um chamado de união institucional sob a batuta do programa da UP, e o fortalecimento dos poderes populares.²⁸⁶ Em perspectiva, enquanto a sua primeira aparição encarnava, de maneira mais íntegra, a *“razão de Estado”*

²⁸⁶ Seria importante registrar que esse trecho do discurso, a defesa do fortalecimento das várias expressões do poder popular era uma espécie de mote, de jargão dos discursos de Allende: ele também está presente em outros momentos dos discursos consultados somente para a análise fílmica dessa trilogia, por exemplo.

diante do caráter contingencial da “razão de governo” das mobilizações populares, essa segunda posta em cena apresenta uma pastoral que “vacila” em suas prescrições: ela encerra em si a razão conflitiva entre a soberania nacional e a soberania popular, posto que apascenta ao mesmo tempo em que aposta no levante popular.

Dito de outra forma, ao mesmo tempo em que em sua primeira metade (em que Allende é filmado à direita em ângulo baixo), ele sinaliza o forte compromisso com a transição progressiva dentro dos ritos institucionais; na segunda metade (em que Allende é filmado à esquerda em ângulo baixo, o que confere um sentido de campo-contra-campo à imagem demiúrgica), ele acena ao incremento das expressões do poder popular, cujas radicalização ultrapassava os limites institucionais.

É certo que a inserção do parágrafo seguinte a esse excerto traria outros sentidos ao filme; então, não seria demais transcrevê-la para que se possa compreender melhor as suturas das tramas fílmicas. Seguindo os aplausos, Allende continuou

Eu digo aos trabalhadores e aos militantes dos partidos, a cada homem do povo que tem um domicílio político, que além de ser um defensor da revolução e do Governo, deve ser um militante das forças do poder popular que o povo foi criando como consequência de sua própria experiência. Mas, separar o militante do Governo e do partido popular do companheiro que compõe os poderes populares formados por eles mesmos, seria opor os trabalhadores aos próprios trabalhadores, e isto anularia a força do povo. Necessitamos de mais unidade na Unidade Popular, necessitamos de mais unidade em uma linguagem revolucionária que seja entendida e necessitamos chamar a força revolucionária que não está na Unidade Popular para que conosco avancem com a responsabilidade histórica para fazer a revolução socialista, camaradas.

Sob esse ângulo, é possível reconhecer um Allende menos assertivo em seus propósitos políticos e mais preocupado com as fraturas de sua coalizão política. Apesar de eludido pela montagem fílmica, o tom conativo de seu discurso deixa claro que ele reconhece os riscos de desintegração da base social de seu governo: a possibilidade de confrontos dos “*trabalhadores contra trabalhadores*” pode não ter sido vocalizada em sua pastoral, mas compõe as imagens demóticas do terceiro e último ato do filme.

TERCEIRO ATO: SE TIVER QUE CORRER SANGUE, QUE CORRA SANGUE

O ato final do filme é aberto com uma sequência de planos próximos de uma solenidade de formação de novos cadetes da Marinha. As imagens da solenidade são compostas pela “*ironia*” detectada por Arnal no olhar de Müller, que perfila os sapatos, os detalhes dos vinhos dos uniformes dos militares, assim como os adereços de suas esposas, na medida em que a voz *over* reitera que as Forças Armadas chilenas têm recebido treinamento, suporte logístico e recursos financeiros norte-americanos, tendo em vista o avanço da “*track two*”, isto é, um eventual golpe de Estado.

De maneira retrospectiva, a sequência de quase um minuto e meio pode ser vista como uma predição do segundo filme da trilogia, *O Golpe de Estado*, que, como visto, foi pensado, planejado e decupado junto com a finalização desse primeiro



Imagem 24 - Cerimônia da Marinha abre o terceiro ato indicando a articulação entre as Forças Armadas

filme. Ao argumentar que, além do financiamento internacional, as Forças Armadas estariam dispostas a declarar autonomia “*se o governo violar a Constituição*”, a voz *over* anuncia, então, que os limites entre o Estado de Direito e o estado de exceção estariam perto da ruptura.

Ato contínuo, tem-se, novamente, uma sequência que analisa a presença social e política do *Poder Popular*, mas, dessa vez, ainda mais longa e consequente, levando em conta os seus desdobramentos. Se no “Ato I”, o *poder popular* é apresentado de maneira breve através das JAP’s, e no “Ato II” ele é posto em cena através dos conflitos em torno do transporte público; aqui, no “Ato III”, tem-se o que poderia ser considerado o momento mais nobre da presença das mobilizações do *Poder Popular*, tendo em vista a presença de enquetes que dão voz às dissidências nas classes operárias.

As imagens de uma assembleia popular dos trabalhadores da mina de *El Teniente* (reconhecida como “a maior mineradora do mundo”) são postas em cena pela voz over com as seguintes palavras

Pela primeira vez, a oposição arrasta um setor do proletariado. Na mina de El Teniente, 80 quilômetros ao sul de Santiago, declara greve por razões econômicas. Tradicionalmente bem pagos, os trabalhadores do cobre são a aristocracia operária do Chile. Para a oposição, o objetivo do conflito é paralisar a mina: 20% das divisas do Chile se produzem aqui.

Na sequência, o filme se abre para o movimento operário do *poder popular* que, como já analisado acima, era visto como a “vanguarda política” da “via chilena rumo ao socialismo”. Ou seja, as bases sociais que seriam capazes de ir além das garantias eleitorais para defender a implantação do programa político da UP. Novamente, a “*consciência histórica*”, analisada por Arnal, expressa-se, pode-se dizer, na posta em cena que os próprios operários assumem diante das câmeras quando, aos gritos de “*El Teniente unido jamás será vencido!*”, uma liderança solicita: “*Companheiros trabalhadores, além do canal 13 de televisão, a TV francesa também está conosco. Companheiros, levam a carteira de trabalho! Mostrem que estão todos os trabalhadores aqui!*”

A interação social que se segue está entre os temas mais dramáticos da história do governo Allende, pois as fraturas da “vanguarda política” expressam-se por si mesmas. Em contraponto com os brados repetidos de “*queremos solução!*”, um orador exclama: “*primeiro, vamos resolver os*



Imagem 25 – Tomada geral da assembleia de greve da mina de *El Teniente*, então a maior do mundo. A paralisação comprometeu o poder popular ao longo do último terço de *A Insurreição...*

problemas dos trabalhadores da El Teniente e, se sobrar dinheiro, podemos solucionar os problemas de todos os trabalhadores o país! Primeiro, estão os nossos representados, depois o resto do país, muito obrigado!”

A seguir, um representante sindical da *Unidad Popular* pede licença à tribuna para levar a mensagem política da pastoral allendista, ou seja, para denunciar as chances de dissidência, reclamar unidade e vocalizar a centralidade da CUT-UP diante das classes trabalhadoras. Porém, o seu discurso é entrecortado por vaia

Como trabalhadores da UP discordamos dos métodos que estão usando. Nós temos dito repetidamente que, acima de todas as coisas, está a unidade dos trabalhadores. Nós a defendemos aqui e dentro da aliança da UP. Vocês se perguntam por que estamos aqui... Estamos porque defendemos a volta ao trabalho, mas não fracionado... [vaia] Companheiros, estamos pela volta ao trabalho... [vaia] Não aceitamos essa política divisionista... (política, não! Repetidas vezes... Greve já! Repetidas vezes...).

O termo “política” é rechaçado pela assembleia que, repetidas vezes, exalta “*política, não! Greve já*”, o que pode ser compreendido tanto como uma crítica à verticalização dos mandos sindicais pelos órgãos de governo, como também, um sintoma da alienação sofrida pelos trabalhadores, pois a paralisação defendida por eles estava sendo gradativamente construída pela ingerência norte-americana e estimulada pelos meios de comunicação nacionais.

Mas, afinal, do que reclamavam os grevistas? De reajustes salariais que chegavam à casa dos 40%. Como foi visto ao longo do capítulo, uma série de medidas econômicas tomadas desde o primeiro ano de governo desembocaram na combinação de desabastecimento, carestia e ressentimento social em 1973. De maneira objetiva, para Bitar, os erros econômicos do governo resultaram da pressão em manter os objetivos estratégicos em detrimento do atendimento de medidas circunstanciais e imediatas.

As pressões legislativas que almejavam a reforma agrária e a nacionalização de setores industriais estratégicos não teriam sido acompanhadas de modernização tecnológica, do incremento do capital humano e, portanto, do aumento de produtividade necessários para atender ao aumento do poder aquisitivo dos setores mais vulneráveis da sociedade, que foram incluídos nos circuitos de consumo.

Evidentemente que, em paralelo a esses problemas da própria administração da UP, houve um forte boicote internacional ao Chile: em termos

materiais, a exportação de *commodities* sofreu uma queda abrupta, e o país se viu sem condições de repor peças e maquinários para os setores de base, tais como o cuprífero e o fabril. Em termos financeiros, o país perdeu credibilidade para repor linhas de crédito e condições de renegociação de dívidas.

Diante desse cenário, os setores oposicionistas foram hábeis na emulação de táticas que acirravam as dissidências nas classes trabalhadoras, e induziam à responsabilização cada vez maior do governo central pelos problemas nacionais. Como será visto durante a análise de *O golpe de Estado*, os meios de comunicação tiveram um papel ativo na destruição das bases populares do governo Allende, particularmente junto dos setores operários.

Inclusive, uma enquete é valiosa por reiterar a posta em cena pela própria classe trabalhadora, algo semelhante ao que Nichols, por exemplo, chamaria de uma “*abordagem reflexiva*”²⁸⁷, um momento em que o referente da imagem cinematográfica documental revela a sua própria manufatura. Neste caso, a sua própria historicidade

Vocês trabalham bem e por uma razão muito simples porque vocês chegaram filmando em um centro de trabalho que é muito importante. Mas o Canal 13, o Mercurio e todos estes visitam só Rancagua e creem que Rancagua é El Teniente, e isso é ruim. É isso que nós trabalhadores precisamos, continuar trabalhando e não em benefício pessoal, mas em nome de todos os chilenos. Vocês podem tomar qualquer trabalhador aqui e pedir a opinião deles, consultem-nos!

Localizada a quase noventa quilômetros ao sul da capital Santiago, Rancagua é a zona urbana da região que abriga *El Teniente*, localizada a cerca de 2300 metros acima do nível do mar na encosta andina. A lógica schmittiana da batalha de imagens, também, é admitida na concretude histórica das relações de trabalho

[Entrevistadora]: vocês pensam que são vocês que estão dividindo os trabalhadores de El Teniente?

[Operários]: ninguém quer isso.. É o inimigo que está nos dividindo.

[Entrevistadora]: e por quê?

[Operários]: porque querem conflito entre os trabalhadores. O próprio chefe da paralisação disse que se tiver que correr sangue, que corra sangue. Eles estão pedindo enfrentamento

²⁸⁷ NICHOLS, B. *La representación de la realidad – cuestiones y conceptos sobre el documental*. Barcelona: Paidó's, 1997, p. 93

com a gente... nós nunca quisemos dividir a classe trabalhadora.

As considerações acima foram registradas em uma assembleia de trabalhadores da indústria siderúrgica de *Caletones*, um centro de trabalho em que “750 dos dois mil funcionários estão em atividade”, informa a voz over. Enquanto a câmera perfaz o ambiente administrativo, mostrando revistas, panfletos e jornais políticos, um líder sindical vocaliza os anseios do *poder popular*

(...) as atividades industriais estão quase em normalidade. Então, amanhã ou na segunda tudo será normalizado. Aqui vale lembrar que esses setores [oposicionistas] estão lutando contra o muro e agindo sem bases legais. Inclusive a história mostra que nós operários lutamos incansavelmente contra os ianques até conseguir a nacionalização das indústrias. Agora a fábrica é do Chile, e não de um chileno em particular, mas nós temos a responsabilidade de fazê-la funcionar. Então, agora, os trabalhadores já estão tomando consciência quase absoluta, só os da oposição estão insistindo que aqui tem outros patrões. Não é verdade, pois eles mesmos [aponta para outros colegas] são da Democracia Cristã e têm representantes no Conselho Administrativo. Por isso pedimos à imprensa da esquerda, especialmente ao Canal 7, que dão pouca importância nesse momento aos trabalhadores em atividade que venham ver por si mesmos e parem de mentir.

O depoimento do líder operário deixa claro os propósitos dos trabalhadores: a tomada do poder.

À guisa de conclusão a esse respeito, talvez seja interessante levantar alguns aspectos do debate historiográfico sobre as experiências das classes trabalhadoras no *poder popular*. Retomando Altamirano, ex-presidente do PS chileno, o que mais teria surpreendido as lideranças políticas da UP teria sido a “*extraordinária lucidez das massas ao*

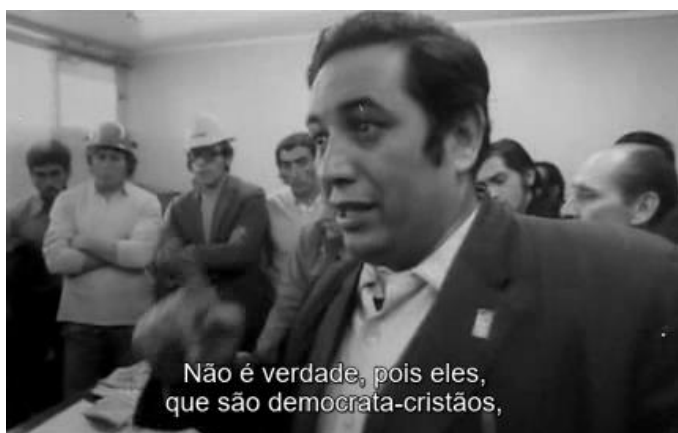


Imagem 26 – A presença da Democracia Cristã em meio aos trabalhadores é analisada pelo filme por volta de 1h07m11s

prever o fascismo".²⁸⁸ Ele deduz que as classes trabalhadoras teriam entendido que a *"institucionalidade burguesa estava contra a revolução, como também perceberam com clareza que a ditadura fascista viria como sucessora"*, justamente devido ao que está expresso no terceiro ato do filme: *"o alto grau de capacidade política e consciência revolucionária alcançado através do exercício do 'seu poder'"*.

De certa maneira, algumas de suas considerações sintetizam os conflitos surgidos no processo histórico em questão e que, na visão desta pesquisa, estão expressos na razão conflitiva presente entre as imagens demóticas e as demiúrgicas, tal como quando afirma que

A força da revolução manifestava-se em três níveis: O Governo Popular, a Unidade Popular com suas organizações políticas e sindicais e o Poder Popular. Dentro de uma linha estratégica adequada, esses três níveis deveriam atuar de forma harmônica e coerente. Para tanto, o poder popular deveria nascer na base, com o apoio do governo e sob a direção da Unidade Popular – mesmo que agisse independentemente do poder estatal. Assim, passaria a ser um poder convergente, de indiscutível autonomia, mas sob a orientação revolucionária.²⁸⁹

Contudo, tal como foi interpretado, as análises do argumento fílmico dispõem as pastorais allendistas de maneira a se tornar uma adjuvante do processo histórico, o que contribui para revelar o declínio de seu valor direcional, assim como a inépcia para lidar com a pujança das expressões do poder popular. Em consonância, a voz over galvaniza a trama histórica, registrando como as deliberações sociais, políticas e econômicas transcendiam a soberania nacional à luz da lógica schmittiana da Guerra Fria.

²⁸⁸ ALTAMIRANO, C. Op. cit., p. 106.

²⁸⁹ Ibidem, p. 109 Seguindo esse raciocínio, Altamirano estabelece algumas considerações paralelas, mas interessantes a respeito do que chama de "desvio esquerdizante" ao relacionar a experiência chilena com o processo de 1917. Em suas palavras: *"esse desvio 'esquerdizante' se consolida quando se tenta transpor automaticamente para o Chile a experiência dos soviets russos de 1917. Com efeito, os 'soviets' constituíram a forma de poder popular por excelência; como estrutura político-social, em sua criação e seu desenvolvimento, manifestam certa analogia com o fenômeno chileno. Também é verdade que surgiram como alternativa às instituições do Estado burguês encabeçado por Kerensky. Até a este ponto, a semelhança parece aceitável. Mas se o segundo poder tem plena legitimidade na Rússia de 1917, é porque o poder estatal era, em termos absolutos, instrumento da burguesia. Quando os bolcheviques lideraram a revolução sob o lema 'todo o poder ao soviets', buscavam a substituição de um Estado no qual os trabalhadores não estavam presentes. Com toda certeza, esse não era o caso do Chile. Seria um erro de imperdoável subjetivismo encarar o Governo Popular como inimigo, esquecendo que ele se tornara o principal instrumento de poder da classe trabalhadora e do campesinato.*

Em outras palavras, quando se assume a posição do *poder popular*, o filme *A Insurreição da Burguesia* põe em cena um rico exercício de paralaxe, levando em conta que, ao longo do primeiro ato, observa-se a deterioração ideológica dos setores urbanos de classe média e de seus representantes políticos a partir dos *Comandos Comunales* e das JAP's. Enquanto, no segundo ato, observa-se o recrudescimento das condutas fascistas nos setores empregadores e nos grêmios empresariais a partir dos trabalhadores dos transportes, cuja debilidade política teria sido decisiva para sua permeabilidade ao reacionarismo, em sintonia com a aproximação da Democracia Cristã à polarização social.

Sob essa ótica, um novo ângulo se apresenta no terceiro ato, na medida em que as alterações da base popular da UP são alçadas ao regime fílmico pelos seus protagonistas. Sendo assim, avança-se com a historiografia. Através das várias entrevistas realizadas com participantes dos *Cordões Industriais*, Borges pôde constatar a grande zona de mediação existente entre as direções partidárias e suas aplicações práticas, um espaço no qual “os sujeitos sociais os recebem, interpretam e ressignificam a partir de sua vivência e de seus valores cotidianos”.²⁹⁰ E, em se tratando, especificamente, do militante político, “quanto menos orgânico, mais diferenças se manifestam em relação aos conceitos utilizados pelas direções dos partidos.”

De acordo com ela, os *Cordões Industriais* e as zonas fabris se tornaram espaços de sociabilidade que refletiram essa polifonia de táticas e estratégias políticas devido às dinâmicas do processo histórico que, muitas vezes, exigiram respostas rápidas diante da radicalização política e da necessidade de manutenção da produção. A seguir, reproduz-se, no original, algumas das entrevistas realizadas pela pesquisadora a fim de que se possa garantir a leitura integral da diversidade dos testemunhos históricos

Eu creio que cada um tem uma interpretação do que significou para si e do que quería através do poder popular; porque, através dele, a maioria dos trabalhadores basicamente quería destituir, fechar o Congresso, eu creio que era isso (...) ²⁹¹
A gente pensava que o poder popular eram os trabalhadores, os estudantes, os favelados, todos unidos com consciência de

²⁹⁰ BORGES, E. Op. cit., p. 122.

²⁹¹ Guillermo Orrego – trabalhador e militante da Juventude Comunista, Cordón Maipú. Entrevista realizada pela autora em 21/11/2009 IN: BORGES, E. Op. cit., p. 123.

clase, todos preparados (...) e se supunha que todos seriam um poder muito grande. O poder popular nos fascinava, saíamos às ruas, marchávamos com o poder popular, os trabalhadores unidos nunca serão vencidos e as ideias eram bonitas, sonhávamos e eu creio que por aí ia o poder popular, tratava-se de nos unir para defender o governo (...)²⁹²

O poder popular era um slogan, eu nunca o vi. Primeiro porque o povo nunca teve a capacidade para resolver, para planejar, para tomar decisões, elas eram tomadas pela hierarquia, por um ou dois que tinham os meios (...)²⁹³

O poder popular não era nada além do que tomar o poder através de Salvador Allende e criar as condições para que o povo assumisse a responsabilidade de conduzir o país, a gente nunca viu o poder político, nós tivemos somente o poder executivo através de Salvador Allende, mas o poder jurídico e o económico não tivemos.²⁹⁴

As entrevistas revelam, então, como o “metabolismo social” da política processa ideias e elaborações conceituais bem distintas das teorizações programáticas dos partidos e dos “aparatos do Estado”. Os interstícios dos testemunhos expõem os temas mais candentes no debate a respeito do *poder popular*, tais como, se seriam uma expressão constitutiva dos arranjos institucionais do governo, ou se seriam um poder paralelo a ele; se respaldavam o carácter legalista e transitivo do programa da UP, ou se almejavam a participação radical dos trabalhadores no controle dos meios de produção. Apesar dessas dissonâncias, nota Borges que *“nenhum dos entrevistados conceituou o poder popular deslocado do Estado de Democrático, além de demonstrarem apoio ao governo popular, mesmo sob algumas discordâncias quanto à aplicação do programa da UP.”*

Nesse momento, seria interessante notar que as dissonâncias políticas expressas pelas entrevistas de sua pesquisa são afins àsquelas observadas no primeiro filme aqui analisado, mesmo que de maneira breve e circunstancial. Visto de maneira retrospectiva, pode-se afirmar que houve um comedimento na regência das imagens do *poder popular* em *A Insurreição da Burguesia*, tendo em vista que elas assumem maior dimensão e volume no seio das imagens demóticas no segundo filme, *O Golpe de Estado* – e que, praticamente,

²⁹² Antonio Bravo: trabalhador, socialista, Cordon Vicuña Mackenna. Entrevista realizada pela autora em 10/09/2009 IN: BORGES, E. Op. cit., p. 123.

²⁹³ Miguel Aravena. Trabalhador, sem filiação partidária, Cordon Cerrillos. Entrevista realizada pela autora em 05/10/2009 IN: BORGES, E. Op. cit., p. 123.

²⁹⁴ Hugo Valenzuela: trabalhador socialista, Cordon San Joaquín. Entrevista realizada pela autora em 24/09/2009 IN: BORGES, E. Op. cit., p. 124.

protagonizam o terceiro filme, *El Poder Popular*, finalizado tardiamente – tal como se verá a seguir.

Aqui, no primeiro filme, elas são postas em cena nas adjacências das imagens demiúrgicas, friccionando, então, os conflitos entre suas “razões de governo” e a “razão de Estado” encarnada em Allende. Para seguir o rastro desse raciocínio, volta-se às considerações parciais de Borges que, a partir da heterogeneidade das bases populares, levanta críticas ao governo Allende. Em suas palavras,

Os Cordones não se colocavam quanto opositores ao governo, como afirmava o PC e Allende. As diferenças estão justamente relacionadas às posições táticas e políticas de líderes de Cordones que questionavam aspectos da política do governo e da CUT, mas, na prática, não propunham ações para derrotar ou se sobrepor ao governo popular. As lideranças do Cordones tinham consciência de que necessitavam da permanência do governo popular para que pudessem avançar em direção à “revolução socialista”. Mas também isso não significava que não poderiam colocar-se enquanto críticos da forma como atuava o governo. Portanto, parece que Allende e o PC assumem uma posição um tanto extrema ao criticarem de forma tão incisiva os Cordones, hostilizando claramente qualquer possibilidade de crítica pela esquerda em relação às posições do governo e da CUT. Há, portanto, uma incompreensão do processo por parte das próprias lideranças partidárias que se envolveram nas disputas entre si, sem perceberem ou levarem em consideração as expectativas dos trabalhadores.²⁹⁵

Aproveitando a ocasião, não seria demasiado considerar que, em muitos momentos, a pesquisa de Cury toma o dilema “*as batalhas da produção versus a batalha pelo poder*” para iluminar as suas entrevistas com os participantes das mobilizações do *poder popular*. Por caminhos teóricos distintos, ela chega a conclusões parciais afins àsquelas de Borges quando identifica que, apesar de cada *comuna popular* encerrar em si o cerne dos problemas políticos e econômicos nacionais, o grau de envolvimento dos militantes variava muito de acordo com “*o estilo e a ideologia política do interventor e dos dirigentes sindicais*”; além da forma de tomada da empresa, se socializada por decreto oficial ou pela ação radical dos trabalhadores. Nesse sentido, em suas palavras, seria possível afirmar que

²⁹⁵ BORGES, E. Op. cit., págs. 126-127.

os dirigentes sindicais e partidários se encontravam em franco anacronismo em relação às formas que as lutas adquiriram naquele processo. O dinamismo assumido pelas ações práticas não mais correspondia à manutenção de uma separação entre poder político e econômico e às propostas burocráticas que disputavam a canalização das lutas dos trabalhadores para a manutenção das suas ações dentro da lógica governamental.²⁹⁶

Para a pesquisadora, isso implica em reconhecer que, principalmente, desde a paralisação patronal de outubro de 1972, as mobilizações populares correspondiam às demandas de retomadas dos meios de produção e de abastecimento reclamadas pelas instituições oficiais. Entretanto, as contrapartidas social e política desses esforços teriam permanecido como promessas

A iniciativa das lideranças sindicais de base conseguiu manter as atividades de produção, distribuição e abastecimento da população e, conseqüentemente, a dinâmica da economia nacional, ainda que não na capacidade máxima. Isso demonstrava que a “independência de classe” vai muito além das ações das suas entidades que, se por um lado agiam dentro da sua lógica de atuação conjunta com as lideranças partidárias e em defesa da proposta socialista governamental, por outro, negligenciavam em diversos momentos as práticas dos trabalhadores.²⁹⁷

Retomando o filme. As cizânias operárias das imagens demóticas se avizinham a uma nova preleção de Allende com mais de dois minutos, a mais longa desse primeiro filme, na qual ele declara ter falado com os grevistas “*como um irmão mais velho, como companheiro, com carinho e afeto*” para comunicar a eles que “*o trabalhador de cobre como o camponês da pátria têm que se unir para defender o futuro do Chile ameaçado de fora e agredido de dentro*”. Ato contíguo, a cena da explosão de uma mina endereça a trama em direção ao *tancazo* de 29 de junho de 1973. A voz over registra que os trabalhadores das minas de *Chuquicamata* e *El Salvador* demonstraram solidariedade ao governo e mantiveram a produção, aportando, assim, um dado importante para a análise das cisões nos poderes operários.

A paralisação dos grevistas de Rancagua transborda para o cenário *santiaguino*, agudizando, ainda mais, as condições de guerra civil: em um

²⁹⁶ CURY, M. Op. cit., p. 229.

²⁹⁷ CURY, M. Op. cit., p. 230.

campo, a cristalização das distintas forças da burguesia insurreta com os operários grevistas recebendo acolhida da Universidade Católica e da Juventude da Democracia Cristã; no contracampo, a massiva mobilização popular que tomou as ruas aos brados de “UP! Sem cessar!”, “Criar, criar Poder Popular!”

Tem-se, então, a última litania allendista, capturada do *Acto de Solidaridad al Gobierno* promovido pela Central Única dos Trabalhadores, em 21 de junho de 1973. Nessa ocasião, a aparição de Allende é composta de três inserções de alguns segundos, como que para pôr em cena a sua pastoral, e subsumir-se de volta ao *realismo hipostático* das imagens demóticas, isto é, ao que já foi categorizado como “*um modelo de visível que tenta tornar real cada rota de acesso da vitória popular, um ponto de chegada aos corpos dos trabalhadores transformados na substância do futuro*”.²⁹⁸

Em outras palavras, até aqui as múltiplas expressões do *poder popular* foram apresentadas *de perto*: quando o dispositivo cinematográfico não estava dentro uma JAP, ele estava intrometido em uma assembleia operária ou esboçando seu *travellings* e *panorâmicas* incorporado aos transportes urbanos daqueles que resistiam à greve patronal. Agora, nesse momento do filme, *posto à distância*, o olhar tem novas condições de legibilidade do “*obrerismo ecuménico*” em curso ao longo do “*gobierno de mil dias*” da UP. A partir desse ângulo, tem-se, simultaneamente, uma mirada allendista, como quem olha a multidão desde acima e de longe, e a grandiosidade da performance do teatro cívico em marcha.

Após os agradecimentos iniciais aos “*queridos e queridas companheiros da CUT, da CTC (Confederação dos Trabalhadores do Cobre) e da UP*”, a montagem apresentou os dois primeiros parágrafos do discurso de Allende, nos quais ele exclama a energia do popular

¡Aquí está el Pueblo! ¡Aquí late el corazón de Chile, porque es el corazón del pueblo! ¡Aquí se siente la historia! ¡Aquí estamos afianzando nuestro derecho a construir un porvenir de justicia y libertad, de abrirnos paso hacia el socialismo! Sostengo que nunca en nuestra historia hubo un acto de la magnitud, del significado y del contenido de este.

Materialmente ha habido que innovar todos los métodos, para poder tener siquiera, y aproximadamente, una dimensión de la

²⁹⁸ CCPLM. Op. cit., p. 12.

extraordinaria, combativa y enorme multitud que llena las calles Moneda, Agustinas, Amunátegui, Ahumada, Morandé, Huérfanos, Teatinos, gran parte de Alameda, parte de la Avenida Bulnes. Y todavía no ha podido llegar la columna que partiera de Tajamar, al igual que la de Vicuña Mackenna. ¡Jamás en la historia de Chile el Pueblo estuvo más combativo y presente! (Aplausos).

A seguir, originalmente em mais de vinte e oito minutos²⁹⁹, ele declara ter visitado a mina de *El Teniente*, e ter contribuído com uma conversa de “*compañero para compañero*” para a retomada da produção e, diante das várias formas de terrorismo praticados pela oposição, reiterou que ali, naquele momento, estaria a “*Pátria en el crisol esperanzado de su decisión revolucionaria*”.

Uma constante em seus discursos, as referências à “lealdade” e ao “legalismo” das Forças Armadas se repetiram com Allende sinalizando que os noticiários “*mistificavam e mentiam*” quando falavam de golpe militar. Seguido de aplausos, Allende afirmou que o Chile sabia que “*por*



Imagem 27 – A imagem demiúrgica de Allende a 1h16m25s de *A Insurreição...* momento em que o presidente se dirige à multidão como “*um irmão mais velho*”

tradição e por história, as Forças Armadas da Pátria jamais utilizariam as armas entregues pelo povo contra o próprio povo.”

Aqui, Allende fez referência à Lei de Controle de Armas aprovada pelo Parlamento quase um ano antes do discurso, em julho de 1972, que autorizava as Forças Armadas a proceder com buscas e apreensões de armamentos sem a necessidade de mandados judiciais ou autorizações do presidente. Lei esta que será inscrita na trama fílmica de *O Golpe de Estado*, a segunda parte da

²⁹⁹ O discurso original tem 6932 palavras e sua cronometragem foi aferida através do domínio <<https://copywritely.com/pt/words-to-minutes/>>. A íntegra do discurso está disponível na seção de “Anexos” da tese.

trilogia, tendo em vista a elaboração da análise histórica à luz do envolvimento das Forças Armadas.

Nota-se, assim, o grau de acuidade exercida pela montagem na seleção das pastorais allendistas que, do mesmo modo, eludiu, do discurso daquele 21 junho, uma menção forte à caserna assim expressa

Nunca como agora as Forças Armadas foram ladeadas do carinho e do respeito do povo. Eu não as elogio, primeiro porque não precisam disso e porque eu não tenho essa competência. Não estou aqui de favor, sou Presidente do Chile e, portanto, generalíssimo das Forças Armadas por mandato da Constituição e por vontade do povo.

Por fim, têm-se as cenas das *batallas callejeras* decorrentes da tentativa de golpe militar lideradas pelo tenente-coronel Roberto Souper, em 29 de junho de 1973, e que, além de encerrar a primeira parte da trilogia, também, abre a segunda, *El golpe de Estado*. Encabeçada pelo regimento blindado nº02 e composta por seis tanques, a intentona contou com o “*silêncio do Supremo, do Parlamento e das forças de oposição*”, conforme expresso pela voz over.

Em entrevista a Avellar, Guzmán comenta que estava a cerca de oitenta metros de distância de Müller e viu o militar disparando contra ele. A câmera teria sido escondida por operários numa boca de esgoto, recuperada de noite e levada para a *Chile Films*, onde as imagens foram reveladas para compor seus noticiários. Elas foram publicadas dentro e fora do país a fim de demonstrar até onde os militares iriam pelo golpe. A respeito do “estado de espírito” desse momento da filmagem, Guzmán declara que

É algo muito comum... Sentir-se protegido pela câmera... Você olha pela objetiva e portanto [acredita que] está mais longe... E ao técnico de som se passa o mesmo, você tem os fones postos e está em outro mundo... Há uma sensação de que a ação e a batalha também são tão apaixonantes que você se esquece de tudo... Você sente medo, mas há algo que te leva a estar ali no meio, é inconsciente... Antes e depois você sente medo... E antes, antes você sente muito medo, pois você se pergunta: o que vai se passar aqui?³⁰⁰

³⁰⁰ GUZMÁN em entrevista ao pesquisador José Carlos Avellar em 2005, idem. Citação disponível aos 18 min do filme.

O realizador declara, ainda, que as imagens de Müller seriam “suficientes”, na medida em que “*ele teria filmado tudo de frente e você sente na câmera quando ele toma o disparo, porque ele tenta evitar que ela caia*”. Mas, talvez, seja interessante colocar essa “suficiência” em perspectiva, por exemplo, com as proposições de Sobchack, que apontou algumas problemáticas a respeito da representação da morte, particularmente no documentário.

Levando em conta que a câmera decupa e inscreve os nossos olhares em uma realidade histórica que a transcende, ela, assim, determina um compromisso ético com as imagens: uma vez empenhados na circunscrição das

imagens do mundo, as suas fruições engajam e interpelam a dar respostas às situações propostas. Sendo assim, diante da singularidade do evento da morte, é preciso ter em mente que a filmagem de um falecimento é, paradoxalmente,



Imagem 28 - A tomada de posição de Müller diante do *tancao* de 29 de junho de 1973 nos minutos finais de *A Insurreição*...



Imagem 29 – O plano-sequência acompanha o desembarque dos militares...



Imagem 30 – ... E a tomada revela a dimensão das *imagens hostis* que serão mais frequentes nas duas últimas partes da trilogia

o fim da produção de signos, o fim da representação – por extensão, o fim das condições de epistemologia sobre seus assuntos.

Dessa maneira, dentre as formas de “*atividade visual*” oferecidas por Sobchack³⁰¹, esse momento da filmagem de Müller seria classificado como um “*olhar interventivo*”, levando em conta a sua presença nas batalhas de rua, o seu envolvimento físico e seu investimento profissional no contato direto com a tentativa de golpe militar. Enfim, - porque não? - a sua curiosidade em querer saber “*o que iria se passar ali*” naquele mundo histórico a partir de Santiago de 29 de junho de 1973.

As categorizações de Sobchack serviram de lastro para os estudos de Nichols a respeito dos “*modos do documentário*” de assumir argumentos sobre determinadas realidades históricas. Partindo das condições de subjetividade da tomada, Nichols considera que essas filmagens de Müller seriam a expressão de uma “*mirada em perigo*” ou “*ameaçada*”, levando em conta que o cinegrafista corre riscos pessoais. Ele chama a atenção para o fato de a exposição ao perigo se revelar nos “*significantes de periculosidade que compõem o enquadramento*”, tais como “*vibrações sincronizadas com explosões, instabilidade, movimentos repentinos sincrônicos aos tiros inimigos*”, dentre outros.

Essa postura ética seria, então, pautada pela valoração em si mesma, tais como a coragem e a convicção de que uma prioridade superior à própria vida engajaria o cinegrafista na tomada. A “*sobrevivência e o testemunho da câmera*” atestariam esse “*delicado equilíbrio que existe entre conservar a vida do cinegrafista e registrar os riscos que correm as outras pessoas cuja sorte está fora do âmbito da intervenção fílmica*”, resume Nichols.³⁰²

Não seria demais, por último, alinhar as contribuições de Ramos a respeito dessas dimensões éticas da prática documental, quando detecta que essas cenas de Müller fariam parte de um elenco de imagens que ele denomina de “*imagens-intensas paradigmáticas*”,³⁰³ junto dos registros da

³⁰¹ A semiótica de Vivian Sobchack segue desenvolvida por Ramos em seu artigo “*A cicatriz da tomada*”. Disponível em: <<https://hosting.iar.unicamp.br/docentes/fernaoramos/ACicatrizDaTomada.pdf>>. Acessado em 02/01/2020.

³⁰² NICHOLS, B. Op. cit., p. 124.

³⁰³ RAMOS, F. Op. cit., p. 93.

morte de Kennedy feitos por Zapruder, ou da captura instantânea dos ataques às Torres Gêmeas feitas pelos irmãos Naudet³⁰⁴, dentre outras. A singularidade desse *corpus* estaria “na dimensão da circunstância da tomada, conforme percebida e expressa pelo sujeito que sustenta a câmera”³⁰⁵ de maneira a potenciar as magnitudes de suas intensidades; e, então, as suas “*enormes reprodutibilidades técnicas*”, no que cremos que pode ser melhor compreendido aqui como ressonâncias históricas.

Diante dessas considerações, seria interessante retomar aqui o fato de que, nessa sequência final, Müller e seu dispositivo cinematográfico confrontaram o definiremos mais adiante como *imagens hostis*. Por ora, ela nos leva a reconhecer que - para falar como Sobchack e Nichols – o seu compromisso ético estaria para além de ameaçado, e em um matiz mais preciso de interação, a combatividade. A sua posta em cena, então, seria combativa dado o caráter militante da equipe fílmica em filmar, obstinadamente, uma bobina (cerca de dez minutos) por dia ao longo de sete meses; devido à postura aguerrida em querer transcender as meras descrições de *El Primer Año* e criar condições para a manufatura de uma análise histórica das condições econômicas, políticas e ideológicas (a instâncias de interpretação aportadas pelo leninismo de Harnecker). Enfim, devido ao caráter marcial que a própria câmera dispunha sobre as circunstâncias, ao disputar aquele naco do território nacional com a caserna: de maneira visceral, emerge a lógica “*amigo-inimigo*”.

Visto de outro ângulo, a postura de Müller fez justiça aos teóricos e realizadores dos anos sessenta que chegaram a valorar certas práticas documentais de “*living camera*”, sendo ela aqui entendida como uma postura

³⁰⁴ O YouTube contém excertos das filmagens originais dos irmãos Naudet, tais como <<https://www.youtube.com/watch?v=YXYCdfoz0wQ>> Acessado em 03/01/2020.

³⁰⁵ Transcrevo a citação de Balázs sugerida por Ramos: "(Essa questão) do destino do artista criativo é (...) um fenômeno novo na história cultural, específico da arte do cinema. A apresentação da realidade por meio do filme cinematográfico difere essencialmente de todos os outros modos de apresentação porque a realidade, que está sendo apresentada, ainda não se completou: ela está sendo construída à medida que se prepara a apresentação. O artista criativo (...) está presente ao próprio acontecimento e participa dele. (...) O operador da câmera se encontra, ele próprio, na perigosa situação que vemos em sua tomada e de forma alguma tem certeza de que sobreviverá para ver seu filme. Até que a fita chegue ao fim, não temos como saber se será concluída. É esse tangível 'estar presente' que confere ao documentário a tensão peculiar que nenhuma outra arte consegue produzir". O original de BALÁZS está disponível em “*Theory of the Film: Character and Growth of a New Art*”. Nova York, Dover, 1970, pág. 170/171 Disponível em: <<https://archive.org/details/theoryoffilmchar00balz>> Acessado em 10/01/2020

“sem iluminação e tripé” que torna a câmera então como “uma bazuca”, afinal “do mesmo que um fuzil é o prolongamento mortal de um olho, ela é o prolongamento de um olhar”.³⁰⁶ De maneira dialética, a caserna se vê ameaçada, digamos, pela dimensão demótica do dispositivo cinematográfico; a sua resposta às condições de denúncia pública do golpe é a morte do câmera.

Em resumo, se, ao longo do filme, a subsunção do dispositivo cinematográfico junto das imagens demóticas se preocupou em dar lugar à feição heterogênea do *poder popular* a fim de protender seus anseios e dissonâncias, nesses momentos finais, opta por uma linha de maior resistência ao ir além da escuta e da observação: ela assume um valor retentivo conforme encarna o *poder popular* e, ao duelar com a caserna, torna-se coisa morrente e indexa o tom fatalista do exílio.

2.2 O GOLPE DE ESTADO E A EMERGÊNCIA DAS IMAGENS HOSTIS

Como foi visto, logo após a finalização de *A Insurreição da Burguesia*, Guzmán se dedicou à divulgação e exibição do filme, tendo em vista a *denúncia* dos eventos relativos ao golpe militar que pôs fim ao governo Allende. Após a *euforia* causada pela finalização dessa primeira parte, a equipe dedicou outros seis meses à manufatura da parte dois, *O golpe de Estado*.

No rastro das categorizações prescritivas desenvolvidas até o presente momento, seria interessante começar dizendo que, ao contrário do primeiro filme em que a análise dialética se mostra mais intensa devido à decisão de se apresentar, simultaneamente, as ações e reações da crescente polarização social, o segundo filme avança de maneira mais distendida, operando com mais minúcia a sua análise da luta de classes em andamento no país naquele 1973.

Em outras palavras, para dialogar com as investigações de Arnal, ao se dedicar às análises rentes ao “*nível da infraestrutura*”,³⁰⁷ a montagem do primeiro filme imprime uma temporalidade mais rápida e mais engajada no encadeamento dos eventos históricos em direção ao *tancazo* de 29 de junho

³⁰⁶ DA-RIN, S. Op. cit., a citação continua “o ideal, como se vê, é o desaparecimento mesmo da câmera, do olhar, sua ausência. Se as coisas pudessem existir sozinhas, fazer-se olhar sozinhas, sem que ninguém as visse, seria perfeito. No fundo, é o ideal de uma testemunha: apagar-se, deixar-se absorver na coisa que se apresenta. Todo testemunho é um holocausto.”, p. 104.

³⁰⁷ ARNAL, A. Op. cit., p. 111.

de 1973, ocorrida no ensejo da grande greve operária de Rancagua, promovida pelas forças civis reacionárias. Contudo, aos olhos desta pesquisa, o argumento fílmico transcende o nível da “*infraestrutura*” ao apresentar as contradições inerentes aos projetos das esquerdas, e os crescentes conflitos entre a razão de Estado da pastoral allendista e a razão de governo do *poder popular* cada vez mais vigoroso.

A montagem do segundo filme provoca, então, uma dilatação da temporalidade ao abrir espaço para as imagens e os discursos de personagens que, apesar de estarem ali atuantes na realidade chilena ao longo das quatro tentativas eleitorais de Allende (1952, 1958, 1964 e 1970), até então, não estiveram presentes na ordem fílmica da trilogia.

Dentre aqueles à esquerda, podem-se citar as entrevistas e as imagens de discursos de José Tohá, componente do Partido Socialista e Ministro da Defesa à época do *tancao*; Luis Corvalán, Secretário-Geral do Partido Comunista; Alejandro Rojas, deputado pelo Partido Comunista; Jaime Gazmuri, Secretário-Geral do Partido *Movimiento de Acción Popular Unitario Obrero y Campesino*; Carlos Altamirano, Secretário-Geral do Partido Socialista; Oscar Guillermo Garretón, Secretário-Geral do Partido *Movimiento de Acción Popular Unitario*, o MAPU; Miguel Enríquez, Secretário-Geral do *Movimiento de Izquierda Revolucionaria*, o MIR; e Juan Cáceres, chefe do *Comando de Abastecimiento Directo*. Todos eles são, respectivamente, assim apresentados no filme através de legendas descritivas.

Com exceção do líder comunitário Cáceres, todas essas lideranças da esquerda estão presentes na primeira metade do filme e potencializam a instância das *imagens demóticas*, à medida em que personificam os arrivismos existentes no seio da *Unidad Popular* e disputam a demiurgia com a pastoral allendista. Assim, abreviam e, portanto, tensionam o seu papel demiúrgico na trilogia fílmica. Sob outra perspectiva, uma vez que estamos dispostos a essas novas extensões políticas, a trama de *O Golpe de Estado* ganha saliências, tornando o seu enredo mais complexo e sinuoso.

Por seu turno, as novas personagens à direita compõem, majoritariamente, a segunda metade do filme e, dentre elas, estão vários militares, como os generais Guillermo Pickering, Mario Sepúlveda e Carlos Prats, respectivamente o comandante dos institutos militares, o comandante da

guarnição do Exército de Santiago e o comandante em chefe do Exército chileno. Em comum, eles eram todos legalistas: encarnavam a ordem constitucionalista e, enquanto estiveram em seus postos de comando, serviram de obstáculo às tentativas de golpe de Estado. Já o setor golpista da caserna se faz presente de imagem e voz – sobretudo televisionados – com a autoproclamada Junta Militar³⁰⁸, responsável pelo golpe de Estado e composta pelo General Augusto Ugarte Pinochet, o Almirante José Toribio Merino, o General César Mendoza e o General Gustavo Leigh.

Aliás, isso chama a atenção para um detalhe importante que será explorado no decorrer destas investigações: *O golpe de Estado* contém imagens *pré-existent*s às filmagens, ou melhor, a sua trama fílmica conta com um maior volume de imagens produzidas por terceiros. Esse é mais um fator de distinção em relação ao primeiro filme da trilogia, *A Insurreição da Burguesia*.

Agora, quanto aos civis, o filme dá margem a Víctor García Garzena, deputado pelo Partido Nacional e proprietário do jornal “*A Tribuna*” e da rádio “*Agricultura*”; a Fernando Castillo, partidário da Democracia Cristã e reitor da Universidade Católica e a Patricio Aylwin, o líder da ala golpista do Partido da Democracia Cristã, e que acabou derrotando a ala moderada ligado a Tomic, conforme já foi analisado no capítulo anterior.

A gradativa adjacência dessas personalidades reacionárias compõe o que doravante será denominado de *imagens hostis*: dentre seus elementos fundamentais, estão o regimento de suas tomadas segundo procedimentos tradicionais³⁰⁹, ou seja, são indivíduos dentro de ambientes burocráticos, mostrados como *bustos falantes*³¹⁰ que correspondem, no mais das vezes, à instrumentalização das forças institucionais, tendo em vista a orquestração de interesses contra o governo Allende. Nesse quesito, em contraponto à natureza fílmica das *imagens demóticas*, multitudinárias, instáveis e dotadas de vozerios

³⁰⁸ Respectivamente, chefe do Exército, da Marinha, dos Carabineiros e da Aeronáutica. Conforme veremos, essas personagens retornarão no final do filme para demonstrar o avanço da solução castrense entre agosto e setembro de 1973.

³⁰⁹ As discussões a respeito das afinidades entre jornalismo e documentário vêm desde os anos 1930, cf. GAUTHIER (2008), p. 71.

³¹⁰ Da-Rin nos chama a atenção para o termo quando analisa a prática da entrevista como uma constante na história do documentário desde a realização de *Housing Problems*, de 1931. O termo “*busto falante*” então adquire um valor pejorativo na medida em que indica um olhar informativo e meramente descritivo de uma determinada realidade histórica.

prenhes de devir, as *imágenes hostis* singularizam as rivalidades à pastoral allendista em corpos e vozes em sincronia. Em geral, elas perfilam suas personagens individuais de acordo com as expectativas canônicas do regime televisivo.

Além disso, é preciso reconhecer que a agressividade dessa ordem de imagens, também, é acerada pela reiterada presença de armamentos de diversos calibres: os agentes militares armados com pistolas e fuzis, os blindados, tanques e helicópteros emergem como recursos constitutivos da trama fílmica. É certo que a repetição das cenas do *tancazo* de 29 junho que encerraram a primeira parte da trilogia logo na abertura do segundo filme é um sintoma forte que endossa a dimensão traumática dos testemunhos históricos em jogo. Mas, para além dessa repetição, os ruídos dos helicópteros estão entre os elementos que inovam a análise fílmica da trilogia: mais uma vez, apesar de já estarem ali presentes na concretude histórica do cotidiano chileno desde o primeiro trimestre de 1972, essas aeronaves aparecem somente nesse segundo filme.

Para dialogar com o filósofo e urbanista Paul Virilio, cujos aportes teóricos sobre as relações entre guerra e cinema tomam a fenomenologia como partido, pode-se compreender que a posta em cena dessas troadas, na sequência das cenas do *tancazo*, demonstram a preparação constante da guerra pela caserna. Em outras palavras, uma vez que “*o problema de saber qual é o sujeito do Estado e da guerra é exatamente da mesma natureza que o de saber qual é o sujeito da percepção*”³¹¹, seria preciso, então, interrogar-se sobre os valores que os dispositivos bélicos dessas *imágenes hostis* dispõem sobre a trama fílmica.

Essas presenças ameaçadoras em *O Golpe de Estado* determinam, logo de saída, a transformação do cenário urbano em teatro de guerra: o fato de os helicópteros serem, antes de tudo, ruídos e não imagens, impõe a insegurança como regra e o pavor como a tônica dominante do enredo. *Ouvir e não ver* as aeronaves revela como tudo estaria ao alcance do rastreamento dos aparatos da caserna e das linhas de força de suas alças de mira. Visto de outro ângulo, para falar como o grande teórico da guerra Clausewitz, em *O golpe de Estado*

³¹¹ VIRILIO, P. Op. cit., p. 17.

tem-se a gestão de recursos narrativos que demonstram a transformação das forças morais e institucionais da oposição ao governo em forças físicas, o que expressa o propósito de tornar o governo impotente cada vez mais perceptível.³¹²

Não seria demais recordar que os helicópteros, também, compõem a capa de *Los Zarpazos del Puma*,³¹³ a premiada investigação jornalística de Patricia Verdugo lançada em 1989. O seu título original faz referência às “*patadas do puma*”, sendo o nome do felino uma menção às marcas dos helicópteros utilizados nas caravanas da morte executadas logo no primeiro ano da ditadura militar pinochetista, e que mataram 72 pessoas. Ou ainda, registrar que o plano internacional clandestino, arquitetado pela Junta Militar chilena para combater o chamado “*inimigo interno*”³¹⁴ no Cone Sul, chamava-se *Operação Condor*, numa alusão ao “*majestoso comedor de carniça*” que é o pássaro nacional do Chile, tal como o retrata John Dinges.

Em seu livro *Os anos do Condor – uma década de terrorismo internacional no Cone Sul*, Dinges analisa como a coordenação das polícias nacionais do Cone Sul latino-americano com agências internacionais, tais como a Interpol, transcendeu a gestão de informações e deu uma feição operacional à Operação Condor, cabendo a ela, igualmente, sequestros e assassinatos em escala continental.³¹⁵

Esse breve ensaio fenomenológico dessas imagens animais salientam o cariz panóptico desse dispositivo militar, a partir do qual pode se compreender que as denominadas *imagens hostis* assomam uma outra “*logística da percepção*” à trilogia. Pois, para retomar Virílio, a disposição dos sons e imagens das aeronaves e dos armamentos se dá

em benefício de uma vontade de iluminação generalizada, capaz de oferecer tudo à vista, ao saber, a cada instante, em

³¹² CLAUSEWITZ, C. *Da Guerra – Livro um – Da natureza da guerra*. 1832, p. 75 Disponível em: <<http://almanaquemilitar.com/site/wp-content/uploads/2014/02/Da-Guerra-Carl-Von-Clausewitz.pdf>>. Acessado em 12/02/2020.

³¹³ Tal como presente desde a primeira edição cf. disponível em: <<http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/colecciones/BND/00/RC/RC0042159.pdf>>. Acessado em 15/02/2020.

³¹⁴ Cf. as investigações de COMBLIN, J. *A ideologia da segurança nacional – o poder militar na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

³¹⁵ DINGES, J. *Os anos do Condor*. São Paulo: Cia das Letras, 2005. Págs., 21 e 22.

qualquer lugar; versão técnica do olho de Deus que vetaria para sempre o acidente, a surpresa.³¹⁶

Dentre as conclusões iniciais, afirma-se, então, que as *imagens hostis* implicam numa “*vontade de iluminação generalizada*”, porque elas extrapolam o ordenamento dos espaços apresentados pelas outras duas regências de imagens já teorizadas: ao romperem com a mirada euclidiana, aquela humanista pautada pelo corpo a corpo da “*câmera que anda*” entre a multitude demótica e a pastoral allendista em terras firmes, elas fazem insurgir o território nacional como objeto de litígio. Parafraseando o filósofo urbanista, o *ethos* das insurreições contra Allende passa a ser, também, uma questão de ótica, pois, a partir de agora, além de vistas, as suas forças dissuasivas devem ser ouvidas e ganham cada vez mais volume.

A ATMOSFERA DE GUERRA

Os meses que se seguiram à vitória eleitoral da UP em março de 1973 foram definidos por Bitar como sendo um ambiente marcado pela “*atmosfera de guerra*”³¹⁷: o gabinete cívico-militar, protagonizado por Carlos Prats, deu sinais de desgaste e, cada vez mais, as Forças Armadas assumiam um lugar antes ocupado pelos setores moderados da Democracia Cristã; a saber, o papel de árbitro entre o governo e as forças reacionárias da oposição política.

O ex-ministro de Estado do governo Allende considera que, naquele momento, as forças governistas tinham consciência de que novas medidas econômicas eram necessárias após a greve de *El Teniente*, e de que elas tinham ares de “*último programa econômico*”.³¹⁸ Os desafios do governo não eram poucos e, dentre eles, estavam a hiperinflação, a superabundância de papel moeda em circulação, a pressão por aumentos salariais que vinha sendo articulada pelas forças opositoras junto a determinados setores de trabalhadores e empregados, além da necessidade de se estabilizar a produção e o setor de transportes.

Em linhas gerais, Bitar considera que, em termos absolutos, o governo teria sido bem-sucedido em relação aos resultados econômicos, já que a renda

³¹⁶ VIRILIO, P. Op. cit., p. 20.

³¹⁷ BITAR, S. Op. cit., Cap. 09, págs. 245-267.

³¹⁸ Ibidem, p. 259.

da população e os índices de produção e de distribuição de renda se mantiveram acima de 1970, tal como demonstram as tabelas a seguir. Dois fatores aqui seriam dignos de destaque: o aumento substancial do produto privado até agosto daquele ano, além de a distribuição de renda ter favorecido, significativamente, a metade mais pobre da população. Enquanto os 20% mais desfavorecidos aumentaram em quase 50% a proporção de renda com que contavam em 1970, os 50% mais pobre progrediram de 14,1% da renda em 1970 para 17,2% em 1973, um ganho de mais de 20%.

TABELA IX-1

**ÍNDICE DE ORDENADOS E SALÁRIOS
INCLUÍDOS BENEFÍCIOS FAMILIARES**
(Deflacionado por índice de preços do consumidor)

	Ordenados	Salários
Dezembro 1969	100	100
1970 Janeiro	111,6	107,1
Julho	104,5	101,8
1971 Janeiro	124,6	117,1
Julho	130,2	121,6
1972 Janeiro	137,3	135,3
Julho	122,2	120,8
1973 Janeiro	129,4	141,7
Julho	97,2	113,9

Fonte: Índice de Preços do Instituto Nacional de Estatística. Resto, Superintendência de Segurança Social, Banco Central. Banco Mundial, outubro 1974, Vol. III, Quadro 9.6.

Tabela 2: Índice de Ordenados e Salários incluídos benefícios familiares. (Deflacionado por índice de preços do consumidor).

Fonte: BITAR, S. *Transição, Socialismo e Democracia – Chile com Allende*. RJ: Paz e Terra, 1980, p. 260

TABELA IX-2

OFERTA E DEMANDA AGREGADAS 1970 E 1973
(Em milhões de E\$ de 1965)

	1970	1973	Crescimento 1973/70 em %
Demanda Interna Agregada	23,23	25,44	9,5
Consumo Governo	2,59	3,15	21,6
Consumo Pessoas	16,77	19,00	13,3
Inv. em Capital Fixo	3,41	2,95	-13,6
Variação de estoques	0,46	0,34	-26,1
Oferta	23,23	25,44	9,5
Gasto Produto Interno Bruto	22,70	23,54	3,7
Importações de bens e servs.	3,65	4,21	15,3
Exportações de bens e servs.	3,12	2,31	-26,0

Fonte: Fundo Monetário Internacional, 25 de maio de 1976, p. 32, Quadro 11.

Tabela 3: Oferta e demanda agregadas 1970 e 1973

Fonte: BITAR, S. *Transição, Socialismo e Democracia – Chile com Allende*. RJ: Paz e Terra, 1980, p. 260

TABELA IX-3				
DISTRIBUIÇÃO DA RENDA PESSOAL NO GRANDE SANTIAGO * 1970-73				
(junho de cada ano)				
População recebedora	1970	1971	1972	1973
50% mais pobre	14,1	15,8	17,8	17,2
(20% mais pobre)	(2,4)	(3,1)	(3,8)	(3,6)
(30% abaixo da mediana)	(11,7)	(12,7)	(14,0)	(13,6)
30% superior à mediana	24,9	27,2	28,6	27,1
15% seguintes	29,9	31,3	31,2	30,5
5% mais alto	31,1	25,7	22,4	25,2
(1% mais alto)	(11,3)	(8,1)	(6,6)	(8,7)
	100,0	100,0	100,0	100,0
Coefficiente de Gini	0,563	0,520	0,481	0,501

* Inclui inativos, recebedores e desocupados.

Fonte: Serra, J. e León, A., 1976, Quadro 11.

Tabela 4: Distribuição da renda pessoal no Grande Santiago 1970-73.

Fonte: BITAR, S. *Transição, Socialismo e Democracia – Chile com Allende*. RJ: Paz e Terra, 1980, p. 260

Essas conquistas estratégicas teriam sido possíveis com o aumento gradual dos preços dos produtos das empresas da Área Social, e com categorização dos bens de consumo entre aqueles essenciais e os supérfluos. Em um segundo momento, na tentativa de neutralizar a influência do reacionarismo da Democracia Cristã dentre os trabalhadores e empregados, o governo vinculou a política de aumento salarial à produção e à produtividade, uma medida que fez surtir efeitos ambíguos: ao mesmo tempo em que teria trazido uma sensação de disciplina trabalhista e estabilidade junto às bases sociais operárias, também acirrou suas querelas internas, dividindo a “vanguarda revolucionária” entre os militantes adeptos da “*batalha da produção*” e aqueles “*adeptos da batalha da revolução*”.

Ou melhor, para retomar o diálogo com as pesquisas de Cury sobre as experiências sociais construídas através do *poder popular*, é preciso lembrar que, em sintonia com o Partido Comunista, Allende insistia na distinção entre a ordem pública e a nova ordem social. Em suas palavras,

Ordem pública obedece a normas jurídicas, em normas legais. A ordem social implica realidades materiais, posições de classe, enfrentamento de interesses diferentes. As transformações seriam realizadas em um marco legal e jurídico para que a revolução chilena tivesse um custo social mínimo. O Partido Comunista convocava a classe trabalhadora para apoiar o processo de mudanças, e para exercer a sua criatividade, mas sempre orientados ao aumento e à garantia

da qualidade da produção, sem referências a sua atuação nos centros de poder político.³¹⁹

Então, como não poderia deixar de ser, as frentes de mobilização do *poder popular* sentiram os impactos da aceleração do tempo histórico, algo que pode ser notado através da pluralidade das vozes da esquerda que predominam na primeira metade do filme conforme será visto adiante.

No entanto, em terceiro lugar, outros dois problemas de escala estrutural persistiram de tal maneira que favoreceram o avanço da infantaria da caserna na condição de árbitra da soberania nacional: as batalhas em torno das formas de propriedade das terras e dos transportes no setor de caminhões e ferroviários. Para se compreender isso melhor, vale recapitular que, em abril de 1973, o governo havia reiterado, junto à *Contraloría*, o controle de 45 empresas classificadas como *Área de Propriedad Social*, conforme o seu programa de governo, e que havia sido boicotado pela oposição parlamentar. Para resolver esse braço de ferro, o Executivo recorreu, novamente, ao Tribunal Constitucional que, em maio, chegou a se declarar incompetente para resolver a disputa. Desde então, as reformas da APS foram feitas às avessas, isto é, os seus termos foram vencidos pela aliança reacionária entre Democracia Cristã e Partido Nacional, o que obrigou o governo a recuar em seus propósitos socialistas.

PRIMEIRO ATO: UM CHEIRO DE PÓLVORA NO AR

Retomando *O golpe de Estado*, o filme se inicia reprisando a tentativa insurrecional de 29 de junho, com a voz over enfatizando que, no prazo de uma hora, o *tancao* provocou a morte de 22 pessoas, ao passo que “*o Parlamento, o sistema jurídico e os partidos de oposição guardavam silêncio*”. Os generais Pickering, Sepúlveda e Prats são apresentados dirigindo pessoalmente as operações que sufocaram a tentativa de golpe. Junto deles está José Tohá, um nome forte do Partido Socialista que, na condição de ministro do Interior, “*personalizava a vontade de coexistência e de entendimento com a oposição*”.³²⁰

³¹⁹ CURY, M. Op. cit., p. 184.

³²⁰ GARCÉS, J. Op. cit., p. 219.

A sua nomeação como ministro da Defesa foi consoante à aglutinação da oposição política junto das soluções castrenses. Em suma, a sua imagem ladeada pelos generais dispersando as multidões ao rés das ruas é um sintoma da vulnerabilidade que o país enfrentava. De tal maneira que o filme se vale do efeito de *freeze*, um congelamento da imagem, para guardar um close no rosto de Augusto Pinochet, apresentado como a encarnação dos setores militares que ainda “*permaneciam na expectativa*”, ou seja, que estavam em compasso de espera pelo golpe militar.

A transição entre a reprise inicial e a assunção do novo argumento fílmico é feita através de Carlos Prats reclamando pelo estado de sítio como o único recurso capaz de conter a grave situação do país. Entenda-se o *estado de sítio* como um recurso às mãos de um chefe de Estado que “*possibilita a suspensão temporária dos direitos e garantias dos cidadãos, além da submissão do Legislativo e do Judiciário tendo em vista a defesa da ordem pública*”.³²¹ Em resposta a esse apelo, o filme apresenta aquela que será a última pastoral pública de Allende de toda a trilogia, o seu encontro com o povo reunido na praça da Constituição na noite de 29 de junho de 1973.



Imagem 31 – O clima de guerra após as eleições legislativas de março de 1973 dá o tom na abertura de *O golpe*...



Imagem 32 – Acima, José Tohá, ministro da Defesa, sai às ruas em busca de pacificação social

³²¹ OLIVEIRA, R. *O que se entende por estado de sítio?* JUS BRASIL, 2010. Disponível em: <<https://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/2127608/o-que-se-entende-por-estado-de-sitio-rodrigo-marques-de-oliveira>>. Acessado em 05/06/2020.

Originalmente ao longo de quase doze minutos,³²² Allende afirma ter convocado a população para que “*compreendam a tarefa que têm que cumprir desde aquele em diante*”, a saber, que o país estava vivendo os “*mesmos dias malditos vividos entre 4 de setembro e 3 de novembro de 1970 que culminaram no assassinato do Gal. Schneider*”, um legalista que defendia o reconhecimento da vitória eleitoral de Allende.

Após ter rendido homenagens àqueles falecidos ao longo do dia em função da tentativa de golpe, assim como aos setores legalistas da caserna, Allende se vale do último quarto de seu discurso para denunciar a instrumentalização da democracia, ao dizer que os setores golpistas “*usam a palavra democracia para se ocultarem e se proteger, mas atuam violando a Constituição e são antidemocráticas e pró-fascistas*”, com seus “*atos terroristas*”.

A posta em cena de Allende, com cerca de um minuto e quinze segundos, contempla os momentos finais daquele discurso, precisamente, a reiteração da defesa da “*via chilena ao socialismo*” através da caducante institucionalidade chilena. Tentando trazer a multidão para perto do peito ao tê-la por “*compañeros*”, ele afirmava

O povo já sabe o que eu tenho repetido. O processo chileno tem que marchar pelos trilhos próprios de nossa História, de nossa institucionalidade, de nossas características. Portanto, o povo deve compreender que eu tenho que me manter leal ao que já disse: faremos a revolução em pluralismo, democracia e liberdade, e isto não significará tolerância com os antidemocratas, tolerância com os subversivos e tolerância com os fascistas, camaradas!

Os aplausos foram seguidos pelos clamores públicos de fechamento do Congresso Nacional, isto é, pelo decreto do estado de sítio, uma medida que colidia frontalmente com os pedidos de “compreensão” trazidos pelo presidente. Os ditirambos populares que um dia foram consoantes à ascensão da pastoral allendista ao posto máximo da soberania nacional chilena, definitivamente, estavam ultrapassando-a no regime fílmico da trilogia. Em

³²² O discurso intitulado contém 2870 palavras e sua cronometragem foi aferida através do domínio <www.copywritely.com>. A íntegra do discurso está disponível na seção de “Anexos” da tese, assim como em:
<<https://web.archive.org/web/20150115022804/http://www.memoriachilena.cl/archivos2/pdfs/MC0000544.pdf>>.

outras palavras, o clamor das forças populares apontava em outras direções, sendo que as alternativas já teriam sido apresentadas, tais como o caminho vietnamita ou o cubano que, aos olhos daqueles tempos, demonstravam a necessidade de se cooptar as Forças Armadas tendo em vista a derrubada da legalidade burguesa.

A euforia logo foi aplacada por um grave tom plangente, quando o presidente reiterou a sua disposição ao diálogo e tratou de se explicar dizendo que

Da mesma maneira que sempre falei ao povo, eu falo nesta noite. Eu sei que é possível que o que vou dizer não agrade a muitos de vocês, mas têm que entender qual é a real posição desse governo: não vou [vaias] – escutem bem e com respeito – não vou fechar o Congresso, porque seria absurdo. Não vou fazê-lo. Mas, se for necessário, eu enviarei um projeto de lei para convocar um plebiscito para que o povo se pronuncie!

Dividida, a pastoral foi encerrada com novos pedidos para que o povo cumprisse o *“contrato de 21 de junho”*, aquele que pôs fim à grande greve mineira de Rancagua: *“recuperar as horas perdidas pela paralisação, trabalhar mais, produzir mais e sacrificar-se mais pelo Chile e pelo seu povo”*; enfim, fazer as *“usinas levantar suas fumaças para saudar a pátria livre”*. Para tanto, o presidente assinala ter recebido o apoio de *“distantes vozes fraternas”*, tais como a do líder argentino Perón, do mexicano Luís Echeverría, do cubano Fidel Castro e o *“heroísmo de milhões de homens vietnamitas”*.

Até aquele momento, a pessoa e o cargo institucional de Allende, ainda, tinham lastro suficiente para aglutinar multidões nas ruas, e, assim, encarnavam alguma possibilidade de paz social. Contudo, a partir de então, a oposição blindou as possibilidades de acordos institucionais, contou com o apoio decisivo dos EUA para agravar a crise econômica e, consequentemente,



Imagem 33 – As torrentes populares dão força ao poder popular e estimulam o pedido de estado de sítio por Allende na abertura de *O golpe...*

estimular o clima de anarquia e violência que tomaram conta do país ao longo dos meses de julho e agosto.

Nessas condições, diante do recrudescimento das condições de golpe militar, a CUT incentivou cada vez mais as bases sociais operárias a *tomar* as fábricas, indústrias e as terras na tentativa de resistir à escalada golpista. O filme segue apresentando assembleias do *poder popular* através de enquetes rápidas com trabalhadores de diferentes *cordões industriais*. O “*fortalecimento de todas as formas do poder popular em seus postos de combate*”, como resume a *voz over* em diálogo com um líder operário, é decisivo para o desdobramento do argumento fílmico. Afinal, uma vez contido o *tancao*, as centenas de meios de produção industriais tomadas pelo *poder popular* passaram a ser devolvidos pelo próprio governo, tendo em vista a incessante busca de acordos legislativos com a oposição. Porém, a medida não possibilitou entendimento em torno da realização do plebiscito e, por outro lado, agravou as relações já deterioradas do governo com suas bases populares.

As condições econômicas do país demonstravam a agudização da luta de classes: o aumento da circulação de dinheiro entre janeiro e julho de 1973 teria sido de 126,2%, com a inflação chegando a 114% no mesmo período. Quando vistos pela métrica anual, a taxa de aumento do primeiro teria sido de 287,3%, enquanto a inflação teria atingido o ápice histórico de 323% entre julho de 1972 e de 1973.³²³ Isto é, apesar das conquistas econômicas de curto prazo citadas acima, o quadro geral implicava no reconhecimento dos conflitos entre aqueles que acreditavam que estavam vivendo uma fase de um processo de transformações estruturais e aqueles que se orientavam pelos fortes impactos cotidianos de uma crise conjuntural que exigiria respostas políticas rápidas, mesmo que reacionárias.

Adentramos a casa legislativa chilena junto com um garçom que leva café aos parlamentares. A *voz over* declara que a lei de estado de sítio, requisitada por Allende por ser “*o maior instrumento legal para lidar com a situação de emergência*”, havia sido aprovada duas vezes no governo anterior, mas foi vetada pelo Legislativo, sendo 52 votos a favor e 81 contra. Ato contínuo, tem-se início à efetivação da Lei de Controle de Armas que foi

³²³ BITAR, S. Op. cit., p.259.

aprovada em julho de 1972, mas, até esse momento, não havia sido desenvolvida pelo argumento fílmico.

Essa lei permitia às Forças Armadas buscas de armas em todo o território nacional sem a necessidade de mandados judiciais. A partir de então, essas *imagenes hostis* serão intermitentes ao longo da trama fílmica, e apresentadas pela *voz over* como *allanamientos*, um termo que implica na compreensão de que as buscas, na realidade, são invasões de propriedades privadas. Essas buscas se tornaram mais frequentes ao longo do ano de 1973 e envolveram o cercamento das fábricas e das *poblaciones*, a detenção temporária e o interrogatório dos trabalhadores. Via de regra compostas por dispositivos bélicos, tais como armamentos, automóveis, tanques ou aeronaves, as suas aparições descontínuas amplificam a sensação de imediatividade da solução castrense e, simultaneamente, a vulnerabilidade do *poder popular*.

Estamos, aproximadamente, nos dezessete minutos de *O golpe de Estado* e, ao longo dos próximos trinta minutos, o filme dá voz à pluralidade da *Unidad Popular* mitigando, ainda mais, a pastoral allendista. A primeira entrevista a ser posta em cena é a de Luis Corvalán³²⁴, Secretário Geral do Partido Comunista, cujo programa político aprovado no XIV Congresso de 1969 concebia a revolução chilena como



Imagem 34 – a primeira metade de *O golpe...* dá voz a diferentes líderes da esquerda chilena. Aos 17m30s, o comunista Corvalán, defensor da via legalista, disputa a demiúrgia no argumento fílmico

O movimento da classe operária e do povo organizado que, mediante a luta de massas, derruba do poder as atuais classes governantes, elimina o velho aparato do Estado, as relações de produção que freiam o desenvolvimento das forças produtivas

³²⁴ Cf. argumentamos, ainda não foi possível saber em que momento esta entrevista foi gravada devido à ausência de resposta do realizador aos nossos e-mails.

e introduzem transformações de fundo na estrutura econômica, social e política do país abrindo caminho ao socialismo”.³²⁵

Faz-se importante somar às páginas já dedicadas às diferenças teóricas da *Unidad Popular* as considerações do historiador Julio Vallejos, estudioso dos movimentos sociais chilenos. Em seu artigo *Hacer la Revolución en Chile*, ele detalha que o Partido Comunista era grande baluarte da chamada *via gradualista*, ou seja, aquela mesma conhecida como “*via chilena ao socialismo*” e encarnada na pastoral allendista. De acordo com Vallejos, em termos teóricos, a postura gradualista continha ecos do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, realizado em 1956, além de se respaldar no “*novo cenário da política mundial*” que, a partir de então, seria caracterizado pela

Consolidação de um bloco socialista disposto a coexistir pacificamente com as sociedades capitalistas, e com o significativo incremento eleitoral das esquerdas em alguns desses países, tal como Itália e França. [Esses fatores] estimularam a liderança soviética a validar discursivamente uma via não violenta de construção do socialismo.³²⁶

Vista sob a perspectiva do marxismo-leninismo, a defesa da postura gradualista tinha suas razões econômicas, pois, diante da condição dependente do capitalismo latino-americano, seriam necessárias algumas etapas próprias da agenda democrático-burguesa para se atingir o socialismo, tais como a reforma agrária, a industrialização e a recuperação das riquezas básicas que estavam sob o jugo imperialista. Todas essas questões estiveram presentes ao longo da análise de *A Insurreição da Burguesia*. Assim, a presença de Corvalán, nesse momento, tratava, justamente, de retomar a condição subalterna do país no cenário da Guerra Fria ao dizer que

O Chile está sofrendo as ações do imperialismo norte-americano, de um setor da oligarquia que, em outubro de 1970,

³²⁵ VALLEJOS, J. *Cuando hicimos história – la experiencia de la Unidad Popular*. Santiago: LOM, 2005, p.11.

³²⁶ Vallejos intensifica seus argumentos afirmando que “para um partido tão preocupado em manter laços harmônicos com essa referência, como era o PC chileno, certamente o gesto não resultava menor. No mínimo permitia afiançar a tese da via não armada sem violar manifestamente os preceitos do marxismo-leninismo, que seguiam sendo o principal suporte conceitual de sua identidade política. E, no limite, permitia cumprir o intento, decerto revolucionário, de tentar concretizar o que em nenhuma parte havia sido feito. Isso foi, *a posteriori*, a grande aventura que se chamou *Unidad Popular*. VALLEJOS, Op. cit., p. 18.

se uniu à ITT e à CIA para derrubar este governo. Pretendem repetir uma intentona dessa natureza. Então, a luta nesse momento tem um caráter patriótico e nacional. O Chile tem o pleno direito de ser governado de acordo com a vontade de seu povo. Ao mesmo tempo, está em marcha um processo de transformações revolucionárias que tem como finalidade abrir caminho para uma sociedade socialista.

De fato, as “ações do imperialismo” eram recondicionadas a cada turno dos rápidos acontecimentos daquela “atmosfera de guerra”. Em 20 de agosto, em Washington, o Comitê Quarenta do governo norte-americano aprovou uma nova entrega clandestina de US\$ 1 milhão aos partidos e organizações privadas chilenas envolvidas na derrubada do governo Allende.³²⁷

A voz over dá continuidade ao argumento de Corvalán indicando um realinhamento de forças da esquerda interessadas em evitar “um confronto armado em condições consideradas desfavoráveis”. A sequência que se segue provoca um leve desvio no regime fílmico de toda a trilogia: trata-se de imagens de um debate televisivo entre o jovem deputado comunista Alejandro Rojas e o deputado sênior pelo Partido Nacional Victor Garcia. A natureza pré-existente dessas imagens televisivas desloca a compreensão do filme em direção ao envolvimento dos meios de comunicação no golpe de Estado, sendo esse um recurso recorrente até o fim do filme, com o televisual da Junta Militar às 21 horas de 11 de setembro, assim como estará presente na introdução de *O Poder Popular*.

Naquela ocasião, Rojas era o líder da Federação Estudantil do Chile, a FECh, e era conhecido como “La Pasionaria” em homenagem à dirigente comunista espanhola Dolores Ibárruri³²⁸, mundialmente conhecida pela sua atuação nas Brigadas Internacionais e pelos emocionados discursos políticos. É de se notar a longa duração cronológica da inserção televisiva: os seus cinco minutos expõem o alcance público das discussões ideológicas e do compromisso do Partido Nacional com o golpe militar. A última palavra é dada a Rojas que, de maneira triunfante, sobredetermina o argumento fílmico, ao responsabilizar tanto o Partido Nacional quanto a Democracia Cristã pelo golpe militar, afirmando

³²⁷ GARCÉS, J. Op. cit., p.243.

³²⁸ É possível encontrar diversos excertos de vídeos de Ibárruri no You Tube, recomenda-se: <<https://www.youtube.com/watch?v=FI3bjPJHZ5s>>.

Estes são os problemas: de onde vem os atentados contra a democracia e a liberdade? Para obstaculizar e impedir o diálogo para conduzir à guerra civil..., é disso que se trata o Sr. Victor Garcia, a pacífica pomba da paz que temos visto aqui diante das câmeras que quer instaurar no Chile uma ditadura fascista igual à de José Maria Bordaberry no Uruguai ou à do Brasil e a da Bolívia, repito aqui.³²⁹

A montagem das cenas televisivas revela o papel dos meios de comunicação como espaços privilegiados na defesa ou na oposição ao governo Allende. A partir da chave gramsciana, as pesquisas de Emmanuel Santos analisam as publicações dos jornais *El Mercurio* e *La Nación* naquele período, constatando que suas manchetes expressavam países radicalmente distintos.³³⁰ De acordo com ele, o empenho político dos dois maiores jornais do país à época teria sido marcado por “posicionamentos ambíguos e contraditórios” segundo às circunstâncias. Quanto ao *El Mercurio*, ele teria transitado “entre a lealdade à democracia e a defesa do golpismo”, enquanto *La Nación* teria



Imagem 35 – O líder estudantil Rojas confronta García, líder do Partido Nacional...



Imagem 36 – ... a respeito do silenciamento de seu partido sobre as 22 mortes ocorridas em 29 de junho na ocasião do *tancao* aos 21m de *O golpe*...

³²⁹ O governo civil de Juan María Bordaberry foi sustentado por um conclave militar entre 1972 e 1976; o Brasil viveu uma ditadura militar de 1964 a 1985, enquanto a Bolívia entre 1964 e 1982.

³³⁰ SANTOS propõe uma análise consistente do papel desses jornais em torno da paralisação patronal de outubro de 1972 em seu segundo capítulo de sua dissertação intitulada “*Imprensa e poder político no Chile: o governo da Unidade Popular e os jornais El Mercurio e La Nación (1970-1973)*”. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B2SMFN/1/dissertacao_emmanuel_final.pdf>. Acessada em 15/03/2020.

se pautado entre “o apego à institucionalidade democrática e a sombra de um projeto revolucionário de um poder popular”.

Ainda a respeito do *El Mercurio*, Santos informa que ele chegou a ter a sua circulação suspensa devido à publicação de um comunicado do Partido Nacional (encarnado pelo Sr. Victor Garcia) considerado “sedicioso e anticonstitucional” pela Justiça.³³¹ O pesquisador, ainda, informa que, mesmo que “o governo não tivesse a intenção da imediata expropriação dos meios de comunicação”, a complacência ou tentativas de aumentar verbas publicitárias para atenuar as críticas não estiveram no repertório político de Allende. Mesmo assim, o enfrentamento no nível partidário e jurídico só ganhou intensidade juntos dos meios de comunicação na virada de 1972 para 1973.

O enredo avança com Allende tentando conquistar “um acordo mínimo com a Democracia Cristã”, mas sem êxito. A oitava aparição de Allende revela um outro presidente, dessa vez, acuado dentro de quatro paredes, anunciando a renovação forçada de seu



Imagem 37 – Um momento metalinguístico ao 25min de *O golpe...* A tomada registra a grande mídia acompanhando Allende em busca de apoio com a Democracia Cristã

gabinete ministerial. O discurso realizado em 05 de julho, originalmente com pouco mais de dezesseis minutos³³², foi televisionado e se pautou pelo tom ameno de uma conversa burocrática. As considerações iniciais se destinaram à denúncia das possibilidades de “*ruptura violenta do regime institucional*”, que teriam sido evitadas pela “*tradição e lealdade das Forças Armadas à Constituição.*”

³³¹ SANTOS, E. Op. Cit., p. 135.

³³² O discurso intitulado contém 4018 palavras e sua duração temporal foi aferida através do domínio <www.copywritely.com>. O discurso está disponível em: <<https://web.archive.org/web/20150115022804/http://www.memoriachilena.cl/archivos2/pdfs/MC0000544.pdf>>.

Allende reiterou a solidariedade internacional citando os cabos que teria recebido “*de todas as latitudes do mundo*”, a exemplo de Argentina, México, Bulgária, Camboja, Cuba, Guiné, Peru, Iugoslávia, Equador e de ambos os Vietnãs, além do respaldo diplomático da “*Internacional Social-Democracia*”. Mas seria de se perguntar por que o presidente não citou o apoio da União Soviética, o arrimo da esquerda internacional naqueles tempos de Guerra Fria?

A partir de sua participação na visita de Allende à URSS no final de 1972, Bitar considera uma complexidade de fatores para respondê-la. Naquele momento, a visita ao império soviético estava acompanhada por grandes expectativas, pois o democrático líder chileno partia em busca de recursos com liquidez internacional que pudessem atender às demandas imediatas de bens primários e peças de reposição industriais.

A dimensão de seus problemas no último trimestre daquele ano pode ser traduzida em cifras: os impactos do *paro de outubro* teriam contribuído para acentuar o déficit a cerca de US\$ 500 milhões para 1973. Entretanto, o Kremlin se ofereceu, somente, para refinarçar os US\$ 80 milhões devidos, dispor US\$ 20 milhões adicionais de livre disponibilidade, além de US\$ 27 milhões como crédito de provisão de matérias-primas e alimentos.³³³ O ex-ministro reconhece que a visita à URSS “*gerou perplexidade na UP*”, pois o baluarte do marxismo-leninismo deixava a “*via chilena rumo ao socialismo*” à deriva em meio a uma América Latina devastada por golpes militares financiados pelos EUA.

Dentre as razões para o abandono soviético, estaria a incapacidade de o Chile garantir estabilidade política à sua vanguarda e, por extensão, não figurar dentre as prioridades internacionais da órbita russa, sendo elas o Vietnã, Egito e Cuba naquele momento. O autor, também, reforça o fato de o bloco socialista não ter agências internacionais de fomento econômico emergenciais, tal como a famosa *Agência dos Estados Unidos para Desenvolvimento Internacional*, o US-AID, fundado em 1961. Em decorrência dessa constelação de fatores, o flanco externo chileno ficou descoberto, o país se via cada vez mais dependente da economia, e o apelo da solidariedade internacional à via democrática chilena era, sobretudo, um recurso de retórica.

³³³ BITAR, S. Op. cit., p. 213.

Sob o “*cheiro de pólvora*” daquelas condições, o discurso de Allende recorreu ao “*fervor patriótico*”, à “*consciência revolucionária*” e à “*responsabilidade cívica*” da população que permanecia em suas casas na defesa da revolução em “*pluralidade e democracia*”, e fez questão de citar um manifesto legalista endereçado a ele pelos reitores de universidades particulares. As considerações iniciais do manifesto diziam que os reitores

tinham se reunido para apresentar a vocês, estimado Presidente e amigo, o testemunho de nossa adesão cidadã frente ao delituoso comportamento de uma fração de certa Unidade Militar. A sua ação, que comprometeu a paz pública, causou danos físicos e morais e destruiu vidas humanas e, ao cabo, serviu para evidenciar a solidez de nosso regime constitucional e a lealdade e eficiência de nossas Forças Armadas e de Ordem.

Dentre os signatários do manifesto republicano, estava Fernando Castillo Velasco, um arquiteto partidário da Democracia Cristã que, como reitor da Universidade Católica, implantou uma série de medidas progressistas que garantiram a participação do corpo discente em instâncias da administração universitária. Também, reconhecido na época pela atuação de seus filhos Cristian e Carmen junto do *Movimiento de Izquierda Revolucionaria*, o MIR.³³⁴ Castillo declinou do convite de Allende para compor seu novo gabinete. Em entrevista, o reitor argumenta contra a UP destacando o caráter arrivista da coligação, ao dizer que

quando a UP lança programas, projetos para o Chile que possam realmente significar os interesses coletivos, a UP primeira pergunta: quem supostamente ficará contra eles? E ela procura com uma lupa e, quando os identifica, apresenta-os como uma minoria. Pessoalmente, eu creio que todos os grandes projetos de transformação da nossa sociedade, eles devem ser bem explicados como mensagem e devem ser apresentados como uma força realmente crescente em relação aos objetivos de Chile. Então esta é a obrigação mais fundamental de um governo.

³³⁴ Vale lembrar que, desde fins dos anos sessenta, o MIR dava publicidade de seu ceticismo quanto à via eleitoral e sua defesa da luta armada. Logo após a eleição de Allende, em documento público de seu Secretariado Nacional de 10/1970, o partido afirmava “*sustentamos que as eleições não são um caminho para a conquista do poder. Desconfiamos que os operários e camponeses sejam governo por essa via. Estamos certos que, uma vez alcançando esse triunfo eleitoral, as classes dominantes não vacilarão em dar um golpe militar. Sustentamos que o aprendizado das massas com as experiências das eleições anteriores seja o que prepare a conquista do poder.*” VALLEJOS, Op. cit., p. 23. Como documentarista, Carmem Castillo realizou *La flaca Alejandra* (1994) e *Calle Santa Fe* (2007), dentre outros além de contribuir com o roteiro de *Salvador Allende* (2003), de Patricio Guzmán.

A presença de Castillo no filme põe fim às chances de negociação do governo com a Democracia Cristã. A partir de então, tem-se a escalada das tensões dentro da esquerda em busca de respostas à intensificação do cheiro de pólvora. Mas, antes de seguir adiante junto com o filme, é preciso fazer um breve *detour* para traçar algumas considerações sobre as relações da Democracia Cristã com a história da trilogia fílmica.

Apesar de a Democracia Cristã ter participação desde *A Insurreição da Burguesia*, é preciso reconhecer que ela ganha cada vez mais projeção ao longo das tramas de *O golpe de Estado*, seja através de imagens que duelam a pastoral allendista e flertam com aquelas *imagens hostis*, como também através das reflexões elaboradas pelo próprio argumento fílmico. De maneira mais clara, ao longo desse segundo filme, torna-se cada vez mais evidente, senão a presteza, ao menos a convivência dos quadros



Imagem 38 – À direita, Eduardo Frei encarna a impossibilidade de negociação com a Democracia Cristã aos 27min10seg de *O golpe...* Cenas como estas contribuíram para a invisibilidade dos filmes ainda no Chile do século XXI

democratas-cristãos na orquestração do golpe militar de 11 de setembro, principalmente a dos setores freístas.

Assim, torna-se digno de observação que a trilogia contém, em sua manufatura fílmica, uma outra instância de *anacronismo*, pois, ao expor o histórico reacionário de um dos principais partidos articuladores da redemocratização chilena ao longo dos anos noventa, paradoxalmente, o filme contribui para a sua invisibilidade no contemporâneo de sua terra natal. O aparecimento das imagens de *A Batalha do Chile* nos circuitos de imagens chilenos daria encarnação aos espectros reacionários dos setores na época ligados a Eduardo Frei Montalva – cujo filho, Eduardo Frei Ruiz-Tagle, foi presidente entre 1994-2000. Assim como seria capaz de friccionar a contrapelo

o seu tecido social e revelar os entrecchos do esquecimento oficial imputado ao país desde então. Ou melhor, para dialogar com as observações do jornalista Jorge Montealegre, sugeridas em entrevista à pesquisadora Scherbovsky

o problema da memória com a política de Allende, com a Unidad Popular e com A Batalha do Chile é a Democracia Cristã. É que a Democracia Cristã foi oposição a Allende (...) não é um partido que naturalmente vai render homenagens a Allende. Então, para não brigarmos com a Democracia Cristã, nós removemos tudo relacionado ao Allende. e eu creio que que isso também se passou com A Batalha do Chile.³³⁵

Em suma, como será visto ao longo dos próximos capítulos, essas considerações demonstram como, além de ser um filme sobre uma revolução que culminou em um golpe militar, *A Batalha do Chile*, também, é um filme que deve ser lido pela força de sua atualidade (e invisibilidade) em pleno século XXI.

UM MOMENTO CRUCIAL: O VOZARIO DEMÓTICO E O DUELO PELA DEMIURGIA

Retomando *O golpe de Estado*, as imagens demóticas compostas pelas discussões das esquerdas passam a tratar da viabilidade da luta armada. A primeira pastoral a disputar a demiurgia allendista é a de Jaime Gazmuri, Secretário-Geral do *Movimiento de Acción*

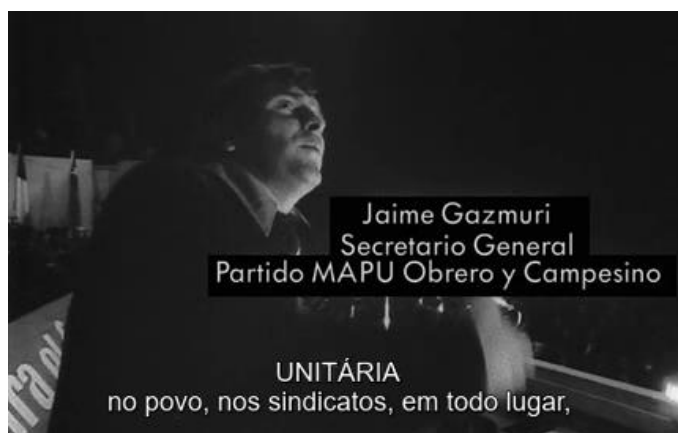


Imagem 39 – Jaime Gazmuri aos 27min50seg de *O golpe...* sinalizando a presença dos setores progressistas da direita chilena

Popular Unitário Obrero y Campesino, o MAPU/OC. Como já vimos, o MAPU nasceu em maio de 1969, a partir de uma dissidência das alas mais progressistas da Democracia Cristã, insatisfeitas com os limites do programa *Revolução em Liberdade* financiado pela *Aliança para o Progresso* dos EUA.

³³⁵ SCHERBOVSKY, N. Op. cit., p. 146.

Em 1970, o MAPU definiu o seu programa político através de dois congressos, compreendo o seu compromisso revolucionário nos seguintes termos:

orientar a sua ação política para liquidar aqueles ‘inimigos fundamentais do povo chileno’, isto é, o imperialismo, os monopólios e o latifúndio. Esses termos serão alcançados através de amplas alianças políticas que terão como bases o proletariado, mas também os setores da pequena e da média burguesia que aspiram um desenvolvimento democrático e nacional e cujos interesses eram subjugados pelo grande capital imperialista.³³⁶

As dissidências vieram logo em outubro de 1971, com a formação da *Izquierda Cristiana*, a Esquerda Cristã,³³⁷ composta por políticos que se entendiam como cristãos humanistas e que, então, absorveram novos insatisfeitos com os rumos da Democracia Cristã. As contendidas afloravam *pari passu* à desintegração do governo Allende: em seu segundo Congresso Nacional, realizado em dezembro de 1972, houve o antagonismo entre as tendências moderadas ligadas ao Partido Comunista e pró-Allende lideradas por Jaime Gazmuri, e as linhas defensoras da luta armada cujo aríete era Oscar Garretón.

Assim, em março de 1973, surgiu o MAPU/OC defensor da via gradualista allendista, cujo programa político insiste em “*apelar à sensatez e ao patriotismo de setores da Democracia Cristã*” para que

sigam as suas próprias cabeças e não sigam os ditados do Pentágono, da CIA e dos empresários para que se oponham com toda força à base do povo (...) porque se o fascismo vencer, ele não perguntará ao operário do cobre se é comunista, ou socialista, ou maputista, ou democrata-cristão para reprimi-lo.

³³⁶ O MAPU durou até 1989 quando se dissolveu e seus quadros se misturaram com o Partido Socialista e com o Partido Pela Democracia para impulsionar o avanço da Democracia Cristã no período chamado de Concertación. Disponível em:

<https://www.bcn.cl/historiapolitica/partidos_politicos/wiki/Movimiento_de_Accio%C3%B3n_Popular_Unitaria>. Acessado em: 10/05/2020.

³³⁷ Disponível em: <https://www.bcn.cl/historiapolitica/partidos_politicos/wiki/Izquierda_Cristiana>. Acessado em 05/06/2020.

A seguir, emergem os ruídos de helicópteros das *imagens hostis* que sobrevoam comunidades de *pobladores* em Valparaíso e realizam seus *allanamientos*. Como já se disse, o ouvir e ainda não ver as aeronaves acentua o aspecto georreferenciador da



Imagem 40 – As troadas de helicópteros compõem uma dimensão importante da banda sonora da trilogia a partir da segunda parte configurando as *imagens hostis*

caserna: cada vez mais, os dispositivos militares rastreiam e se acercam do *poder popular* para sequestrar suas condições táticas.

“Você crê que temos que armar o povo? O que temos que fazer para defender esse governo? E se eles vierem armados?” são algumas das perguntas dirigidas por Guzmán às mulheres *pobladoras*. É a primeira vez que o diretor se refere verbalmente à luta armada como uma alternativa factível e, diante dessas questões, as mulheres defendem-na em nome da gratidão ao governo, levando em conta que a “*sua obra ainda [estaria] em andamento.*”

Uma breve inserção de marchas *callejeras* bradando “*criar, criar, milícia popular*” dá ensejo à presença de Carlos Altamirano, cuja obra “*Dialética de uma derrota*” tem acompanhado nossas análises históricas. Emoldurado pelos



Imagem 41 – Altamirano aos 31min de *O golpe...* O líder socialista ladeado por símbolos da via revolucionária: o ícone da CUT e o cartaz associando Chile à Cuba

cartazes da CUT Chile e de Fidel Castro, o Secretário-Geral do Partido Socialista reitera a disposição de confronto, ao longo de pouco mais de dois minutos, ao dizer que

os soldados, os policiais, os marinheiros, não podem se prestar em nenhum momento e em nenhuma circunstância a assassinar trabalhadores. E, se alguns oficiais se rebelarem, os oficiais, os suboficiais e os soldados não tem obrigação de lhe prestar obediência. Ainda mais claro, não só tem o dever de não acatar as ordens que signifiquem disparar contra o povo ou participar de aventuras golpistas contra o governo dos trabalhadores, como também tem o dever de opor frontalmente a elas (...) A burguesia deve entender com clareza que não pode agir impunemente. A cada ação subversiva, a cada atentado contra o Chile e seu governo, os trabalhadores responderão invariavelmente utilizando todos os métodos e recursos que sejam necessários. Nosso partido pensa que as tomadas de empresas, fábricas e terras são respostas legítimas da classe operária e dos trabalhadores à atitude sediciosa e golpista da direita.

A participação de Altamirano é encerrada pelo questionamento frontal de um senhor operário, cujas dúvidas, em grande medida, sobredeterminam o argumento fílmico:

eu gostaria de perguntar a posição do Partido [Socialista] em relação às buscas [allanamientos] que o Exército faz em nossas fábricas procurando armas. Considero que essa é uma ação ostensiva contra a classe. Considero que, em algum momento, os trabalhadores deveriam estar armados para defender o seu governo. Então, o senhor, como advogado e jurista, poderia nos explicar quando é legal ou ilegal... Porque pra mim parece que cairíamos na ilegalidade tentando defender o governo dos trabalhadores como trabalhadores mesmo se adquiríssemos armamentos. Eu creio que o povo, para defender o seu governo, deve recorrer a todos os meios de que disponha.

É interessante notar que a réplica não é permitida a Altamirano. Assim, é de se perguntar: não seria essa a justa imagem do momento revolucionário? Isto é, ao aventar as chances da via insurrecional através da confrontação entre um operário e um militante partidário, o filme não estaria iluminando, justamente, o salto dialético cujos paradigmas eram os anos de 1917 e de 1959?

Ao deixar essas questões em suspensão, o filme evoca as inquietações da equipe de produção sobre as suas próprias condições históricas e que se tornaram um dos grandes temas em torno do golpe, a saber, quais seriam as reais condições de resistência a um golpe militar?³³⁸

³³⁸ Esse debate será retomado no terceiro quarto do filme *Salvador Allende* (2003).

Dentre as respostas oferecidas pelo filme, estão as *imagens demóticas* das marchas *callejeras* que empunham bandeiras dos cordões industriais e reforçam o clamor “*criar, criar, poder popular!*”. A segunda pastoral a disputar a demiurgia pelo *poder popular* é a de Oscar Guillermo Garretón, Secretário-Geral do MAPU. De seu púlpito, ele se dirige aos congressistas em um ginásio, defendendo o fortalecimento do *poder popular* ao dizer:

Companheiros, hoje estamos preparados para bloquear o avanço reacionário e levar adiante a formação dos cordões industriais em todo o país. Companheiros, trata-se dos líderes sindicais do país assumirem esta tarefa como prioritária. Que eles falem com outras empresas e sindicatos, que eles sejam capazes de se vincularem com os companheiros de outras quadras e fábricas. Assim, companheiros, vamos construindo essa força popular que é uma base para avançar, uma muralha para deter as intenções reacionárias.

Consoante ao espírito dialético que anima a equipe desde as fases da filmagem, o filme alterca as dissonâncias da esquerda com as *imagens hostis* dos *allanamientos*: enquanto o Exército ocupa a Central dos Trabalhadores na cidade



Imagem 42 – Garretón, líder reformista em plenária do *Movimiento de Acción Popular Unitária* aos 35min de *O golpe...*

de Osorno, ao sul do Chile, a Marinha realiza buscas em Concepción, região central do país. De maneira gradativa, a dominação territorial pelos militares, então, perfaz-se tanto pelas imagens quanto pela dimensão discursiva do filme.

Miguel Enríquez, líder do *Movimiento de Izquierda Revolucionária*, o MIR, encarna a terceira pastoral a rivalizar pela conduta da razão de governo e mapeia os clamores populares para defender a luta armada

De alto a baixo do país, ouve-se um único grito que ressoa nas fábricas, terras, favelas e escolas, os quartéis do povo. O chamado a criar, a criar, fortalecer o poder popular, o poder dos comandos comunais, o poder dos trabalhadores e camponeses. Os trabalhadores devem estender de imediato a tomada de fábricas e terras, multiplicar as tarefas de defesa e impulsionar o poder popular como poder local autônomo do

poder do Estado. Os suboficiais e policiais devem desobedecer às ordens dos golpistas. Neste caso, todas as formas de lutas serão legítimas. Então, será certo de que os trabalhadores, os soldados, os marinheiros, os policiais, os suboficiais e oficiais antigolpistas terão o direito de constituir o seu próprio exército, o exército do povo!

Como se pode perceber, *O golpe de Estado* provoca um redimensionamento das *imagens demiúrgicas* em função da emergência dessas magistraturas da esquerda que duelam pela razão governamental sobre o *poder popular*. Contudo, elas sofreram um



Imagem 43 – O mirista Miguel Enríquez, líder da frente defensora da luta armada, aos 36min de *O golpe...* Beatriz Allende, “Tati”, era associada a este movimento

deslize em relação à *Insurreição da Burguesia*, posto que de contracondutas se tornaram regimes de verdade³³⁹ encarnados que concorrem pela soberania, seja ela a soberania nacional ou a soberania popular. Dessa maneira, esses duelos pelo mando de uma comunidade de destino pelo e para o Chile mitigam as pastorais allendistas, e direcionam ao momento *crucial* do filme em que a razão tecno-administrativa da UP é questionada frontalmente pelo *poder popular* encarnado em assembleia operária.

Disposta exatamente na metade do filme, a sequência da confrontação se passa em uma assembleia do *Cordón Recoleta*, e tem algumas características particulares: ela ilumina um momento profundamente dialético do processo revolucionário chileno e, por extensão, é a mais longa de toda a trilogia, sendo um plano-sequência com quase dez minutos de duração. Essas peculiaridades, portanto, exigem uma aproximação mais minuciosa de seus temas.

A sequência é aberta com um operário representante da CUT, isto é, um porta-voz da pastoral allendista, que põe em debate os problemas das “*tomas de fábricas*”, dizendo

³³⁹ FOUCAULT, M. Op. cit., págs. 222, 266 e 364.

A CUT determinou uma comissão que vai conferir os casos das indústrias que hoje estão nas mãos dos trabalhadores. E essa comissão está estudando esses problemas através dos mecanismos que dispõem, tal como CORFO [Corporação de Fomento à Produção] e Ministério da Economia. É preciso entender bem claro, companheiros, que nem todas estão nacionalizadas e há algumas em Santiago que não poderão ser passadas à área social por diferentes razões. Ademais, quando a CUT lançou o chamado para a tomada das indústrias, em caso de intentona golpista, isso significava que, em épocas críticas, parar a ação do fascismo. Mas isso não significa que, indiscriminadamente, todos os tipos de indústria vão passar para o lado social. Porque por aí também há alguns problemas, pois existem indústrias descapitalizadas. Então, se o Estado as assumir será um peso para ele e isso não pode ser. Portanto, tudo isso foi discutido com os companheiros das respectivas indústrias.

A mensagem levada aos operários era clara: o incentivo às tomadas dos meios de produção teria sido uma *questão tática*, e não *estratégica*: desde a greve patronal de outubro de 1972, a CUT – um dos “*aparatos de Estado*” da razão allendista, de acordo com a sua terminologia marxista-leninista – defendeu a ocupação de fábricas somente para frear, temporariamente, as forças reacionárias.

Isso, então, impõe a seguinte questão: o que faria a CUT recuar das ocupações no auge da radicalização política naquele julho de 1973? A resposta estaria na decisão de aceitar as imposições da



Imagem 44 – Momento nobre na metade de *O golpe...* As tomadas da assembleia popular do Cordão Recoleta...



Imagem 45 – ... revelam como o poder popular afrontavam o allendismo e pressionavam a radicalização política

Democracia Cristã que, além da devolução das fábricas que haviam sido tomadas pelo *poder popular* como resposta ao *tancao* de 29 de junho, também exigia a assunção de militares das três Forças em postos de comando.

Em resposta ao chamado da *razão de Estado* allendista, um operário recorre a uma imagem clínica para chamar a CUT ao rés do chão, e reivindica “*uma decisão final da CUT, seja ela boa ou má, pois uma decisão final seria um anticorpo para os trabalhadores.*” A tréplica da pastoral cutista renova seus argumentos fundados em questões administrativas e diplomáticas na esperança de alcançar a compreensão tão citada por Allende em suas preleções

mas aqui há outra questão de fundo, por exemplo, as empresas de capital suíço, como funcionam? Aqui há um problema de relações internacionais. E o que isso tem a ver com o problema dos trabalhadores? Muita coisa, pois o governo suíço é um dos principais sócios do Clube de Paris onde se discute a dívida externa do Chile. E vocês sabem que depois da decisão do governo de estatizar o cobre, por exemplo, houve um boicote dos ianques, e o país não tem os créditos que tinha antes. De maneira que isto se renegocia no Clube de Paris, então o Chile tem que se manejar com muita cautela.

Como de praxe, enquanto o som avança com o enredo, a câmera de Müller perscruta o ambiente, denotando os gestuais e as feições dos operários em assembleia que medusam a demiurgia allendista encarnada no líder cutista. Daí, como foi dito, o caráter *profundamente dialético* da sequência, pois trata-se de um momento nobre em que o *poder popular* recusa ser apascentado e, além disso, reivindica a ultrapassagem do gradualismo em direção à revolução.

Outros operários avançam, afirmando que ali “*não se trata de questões internacionais*” nem mesmo de “negociações”, enquanto seu colega pôs em xeque os regimes de verdade allendistas ao dizer que

é claro que os trabalhadores de base não vão compreender isso que você está explicando sobre o âmbito internacional... Se você não der razões mais criollas [mais populares] com palavras que todos entendamos, eles podem passar por cima das lideranças da CUT.

Em diálogo indireto com a “*teoria dos dois demônios*”,³⁴⁰ o líder cutista temia que os “demônios da esquerda” provocassem o “demônio da direita”. Posto de outra forma, o respeito pela legalidade por parte das esquerdas seria o suficiente para garantir a mesma constitucionalidade das direitas. Em suas palavras,

o que posso dizer é que existem respostas mais próximas, mais chilenas, porque vocês sabem que nós, trabalhadores, através desse governo, ganhamos uma parte do poder, mas não todo poder. A reação quer que os policiais e militares partam para a luta contra os trabalhadores, caso eles decidam romper com as lideranças e façam justiça com as suas mãos e enfrentem os policiais ou os milicos. E depois acusam o governo de que aqui não há disciplina, não há autoridade. E depois acusem constitucionalmente o presidente da República, é o que querem.

Em campo e contracampo, segue exposto o conflito entre a razão de Estado allendista e a razão de governo do *poder popular*. O cariz ambivalente da sequência se revela no fato de que o poder estava tanto *ali*, quanto *além*: as assembleias populares que, até então, ou estavam subsumidas nas *multitudes callejeras* ou tomavam corpo como ornamento das cenas

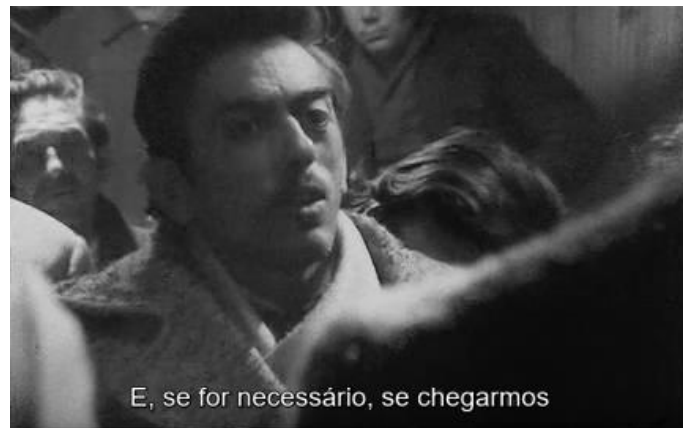


Imagem 46 – Campo: o operário distende a argumentação...



Imagem 47 – Contra-campo: ...confrontando o representante allendista aos 49min de *O golpe*...

³⁴⁰ De acordo com SAMPAIO (2018), “a teoria dos dois demônios não existiria como construção propriamente teórica, epistemológica, mas como um “conjunto de representações coletivas de ampla circulação, cujas formulações mais óbvias cristalizaram-se em alguns enunciados públicos nos primeiros anos pós-ditatoriais (...) Trata-se de construção progressiva realizada por parte dos detratores de tal pensamento, por meio de criações teóricas no sentido do questionamento e da desconstrução ou mesmo de antíteses dos dois demônios.”. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/184147>>. Acessado em 10/05/2020.

demiúrgicas de Salvador Allende, agora, ganhavam semblantes e se arrogavam condutoras da revolução. Em contrapartida, o pastoreio cutista – que, até então, teria iluminado a *“via chilena rumo ao socialismo”* – impedia a sua ultrapassagem - encarnado no sujeito de pé por detrás da mesa e emoldurado pela lousa escolar.

Encerrando em si o mesmo momento de dar passo à revolução e o momento de estancá-lo, a assembleia ganhou novas refrações quando um operário compreendeu aquele instante da maneira mais simples e o interpretou com a seguinte pergunta: *“até quando, companheiro?!”*. Em seu discurso, o tom de desabafo foi dando lugar à consciência dos limites institucionais perpetrados pelo próprio governo, e ao reconhecimento das alternativas possíveis de emancipação do caos vigente. Na íntegra, as suas palavras a seguir

Nós temos o filme bem claro, pois nos pediram organização, que organizássemos os cordões e todas as frentes. Nós nos organizamos nas frentes de favela/ periferia, nos sindicatos e nos cordões e ainda seguimos com a mesma cantilena: de que não é o momento, pois existe um poder Legislativo e um Judiciário. Pediram que nos organizássemos em todos os níveis, fizemos isso e seguem nos dizendo que tenhamos calma e que sigamos nos organizando. Qual o medo dos trabalhadores e favelados? De que façamos uma paralisação geral e peçamos para o companheiro presidente e seu poder Executivo que nos diga de uma vez por todas qual o seu plano de luta? Qual o seu plano para confrontar a direita? E, se for necessário, como exige a direita, realizar um plebiscito, nós o faremos das favelas ao nível mais alto. E ganharemos daqui a Racangua e com muita vantagem. Porque temos organização dentro das periferias, dos cordões e dos sindicatos. E a CUT continua pedindo calma porque isto pertence à rainha Elizabeth, porque isto pertence à Suíça e assim seguem inventando coisas. A verdade é que nós já estamos cansados porque isto é enrolação e estamos lutando contra a burocracia. Mas dentro de nossas organizações e sindicatos ainda existe burocracia, companheiros! Até quando?! Eu quero te perguntar, companheiro: você não tem confiança no poder popular? Você não confiança nos operários que se organizaram e foram para as ruas defender o companheiro Allende na sexta-feira? O presidente não tem confiança nas organizações que nós formamos? Os deputados não têm confiança? Eles que não fazem nada! E os senadores? Em vez de apoiar as nossas causas – e eles foram eleitos para isso – assim que a direita aparece, eles se levantam e vão embora. Chega! Nós nos reunimos por um objetivo e por isto estamos aqui: para pedir que o governo exproprie o máximo de fábricas! As indústrias que não servem deixemos para os direitistas. Deixemos para os momios [burgueses], se seriam um peso para o governo.

Vamos deixar e continuamos lutando! Vai e você verá que há de tudo no mercado negro e ainda seguem nos pedindo calma... Até quando, companheiro? A barra já está pesada.

O reclame de confiança no *poder popular*, latente no ambiente da assembleia, veio acompanhado da demonstração de que os operários tinham consciência das contradições históricas em que viviam e, sobretudo, dos papéis históricos que lhe tocavam naquele momento de agudização da luta de classes. Os anseios do *poder popular* pelos acontecimentos seguiam sendo minorados pelo discurso cutista que chamava a atenção para as disparidades entre a correlação de forças entre os civis e a caserna

por acaso vocês não conhecem a composição de classe que existe nas Forças Armadas hoje em dia, companheiros? Não sabem que a maioria da oficialidade apoia o golpe? Porque aqui o poder não se logra apenas com organização, aliás, nós temos uma boa organização. Mas precisamos de uma organização que contrape o real poder que tem a reação? É por isto que estamos falando na CUT de um Comitê de Proteção. O que eles são? Os comitês de proteção da indústria, da produção e também comitês de proteção para a guerra... São questões que não podem ser ditas assim, pois senão podemos cometer erros... Mas aqui temos que preparar os trabalhadores para trabalhar em todos os terrenos. E nesta peleja está a CUT. Que existem erros, eu aceito, companheiro. Mas os problemas começam quando existem organizações com direções paralelas aos organismos dos trabalhadores. É por aí que vão mal as coisas. E aqui, companheiros, reconheçam que existem muitos companheiros que propõem questões bem intencionados, mas que precisam ser discutidas mais profundamente. Não se pode rotular tal ou qual organização ou dirigente de certos defeitos. Porque creio que somos nós que fazemos as organizações. E que todos temos um grau de responsabilidade. E vocês tem as suas organizações para plantear estes tipos de problemas. Nós estamos de acordo que hoje precisamos encontrar soluções para os problemas que estão postos, mas não nos esqueçamos que temos um governo presidido pelo companheiro presidente Allende e que temos que seguir essa direção. Que existe um organismo que são os trabalhadores e que existem os partidos que são organismos dos trabalhadores, companheiros.

Em suma, quando se tem em vista a historiografia a respeito do *poder popular*, a longa sequência tem o potencial de lançar luzes sobre seus temas mais candentes, tais como: as discussões entre “revolução e reforma”, a “defesa da institucionalidade” ou “o recurso à luta armada”, e a leitura dos processos a partir dos “aparatos do Estado” ou das próprias organizações

populares.³⁴¹ Apesar de a trilogia se propor como um filme de “análise política”, é em momentos como esses que ela apresenta o que se poderia chamar de um recuo estratégico, e oferece espaço para que a pluralidade do *poder popular* fale por si mesma e, assim, os espectadores avancem com suas próprias leituras dos acontecimentos.

Ao sobredeterminar o argumento fílmico com a *mea-culpa* allendista e o recurso à defesa institucional, a montagem promove uma guinada e, ao longo de toda a segunda metade do filme, passa a ser composta pela análise do iminente contingenciamento do golpe militar. Em derrelição, o *poder popular* segue subsumido como um inimigo gradualmente detectado, localizado e subjugado pela constante intermitência da hostilidade dos *allanamientos* que suturam as sequências finais.

SEGUNDO ATO: A PAZ DO CHILE TEM UM PREÇO

Entre julho e agosto de 1973, os quadros democráticos e legalistas das três Forças Armadas foram afastados do governo, sendo a marginalização e eliminação dos oficiais menos graduados³⁴² seguida do reposicionamento por parte dos oficiais golpistas. Em paralelo a isso, o filme retoma o enredo com as *imagenes hostis* e, pela primeira vez, aproximadamente aos cinquenta minutos do filme, a *voz over* argumenta acerca da iminente necessidade de defesa armada do governo

No dia 19 de julho, os soldados de Infantaria fazem uma vistoria em uma fábrica em São Bernardo. Sem exceção, todos os setores da esquerda reconhecem a necessidade de preparar a defesa armada do governo. Mas a falta de uma direção única impede a formulação de um plano conjunto.

³⁴¹ Na apresentação de sua tese, Cury dedica uma atenção detalhada à historiografia sobre o tema. Diante dela, a autora argumenta que o aporte de sua obra estaria então na revelação de como “é no meio [daquelas] experiências vividas que toma forma a consciência social e, com ela, a ‘*disposição de agir como classe*’”. Assim, a sua investigação busca “*analisar as condições de trabalho e as experiências em comum, fundamentais para a formação de uma identidade de classe centrada no compartilhamento de interesses*”, indo além dos dualismos “reforma-revolução”, “instituição-organização popular”, “produção-política”. CURY, *idem*, p. 26.

³⁴² BITAR, S. Op. cit., 268.

O filme põe em cena duas personagens, diga-se, de longa duração na história chilena. Através das “missas pela paz”, realizadas pelo país afora, é apresentado o cardeal Silva Henríquez³⁴³, líder da Arquidiocese de Santiago



Imagem 48 – As missas pela paz a partir de julho de 1973 demonstram participação social da Igreja Católica

desde 1961. Ele exerceu protagonismo político durante os anos de terror da ditadura pinochetista na defesa dos direitos humanos através da *Vicaría de la Solidaridad*. Como será visto mais adiante, ambas as instituições, o cardeal Silva Henríquez e a sua *Vicaría*, retornarão ao cinema de Guzmán através dos filmes *En nombre de Dios* (1987) e *El caso Pinochet* (2001).

Intitulada *La paz de Chile tiene un precio*,³⁴⁴ a exortação pública do Comitê Permanente do Episcopado do Chile continha onze tópicos e era iniciada com os seguintes clamores:

1 – Falamos de uma hora dramática para o Chile. E o fazemos por sermos fiéis a Cristo e à nossa pátria. Falamos de nossa condição de bispos da Igreja Católica, porque acreditamos que temos uma obrigação especial de fazer um chamado extremo para evitar uma luta armada entre os chilenos. Não representamos nenhuma posição política, nenhum interesse de grupo, o único que nos move é o bem-estar do Chile e tratar de impedir que se pisoteie o sangue de Cristo em uma guerra fratricida.

2 – Todos os chilenos estamos preocupados pelas notícias insistentes de que estão armando a população civil e que existe o perigo de uma guerra civil. A pior desgraça que pode ocorrer a um país, e todos sabemos disso, é uma guerra civil. Não somente pelas sequelas de morte e miséria, mas pelo envenenamento da alma nacional e pelo ódio e rancor que torna muito difícil a sua reconstrução. Temos que fazer todo o possível para evitá-lo.

³⁴³ O caso Araya ganhou um filme por Andres Wood, *Araña* foi lançado em agosto de 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600613-filme-o-cardeal-que-resgata-a-historia-do-cardeal-silva-henriquez-depois-do-golpe-militar-no-chile-participa-do-festival-de-cannes>>. Acessado em 10/04/2020.

³⁴⁴ A íntegra do evento realizado em 16 de julho de 1973 segue disponível em: <<http://www.iglesia.cl/145-la-paz-de-chile-tiene-un-precio.htm>>. Acessado em 24/05/2020.

3 – Desde o governo e da oposição se levantam vozes para pedir cordura e concórdia. Cabe a eles e a todos que representam provas com fatos a seriedade dessas palavras.

4 – A paz do Chile tem um preço, ela exige que todos mudemos de atitude. Faltam provas de justiça. A injustiça leva à violência. Quando praticada, a justiça produz condições de paz e todos devemos criar essas condições.

A atuação pública da Igreja Católica constrangeu as lideranças democratas-cristãs, e forçou o seu presidente do Senado, Patricio Aylwin, a uma visita protocolar com Allende em fins de julho. Mais tarde, Aylwin seria um dos grandes fiadores da Constituição de 1980 no governo Pinochet, aquela que conferiu, ao ex-ditador, o cargo de senador vitalício criado exclusivamente para ele. Mais tarde, ele se tornou o primeiro presidente civil eleito democraticamente após a ditadura de Pinochet, governando o país entre 1990 e 1994.

Os termos desse encontro *proforma* já foram apresentados aqui: em nome da governabilidade, o governo se comprometia em devolver as empresas tomadas pelo *poder popular* após o *tancao* de 29 junho, e em definir um novo programa político-econômico, enquanto a Democracia Cristã defendia uma reforma constitucional aprovada pelo Parlamento.

Apesar de o acordo ser altamente desfavorável aos propósitos socialistas do Governo Allende, os quadros legislativos da DC não levaram adiante os compromissos selados naquele conclave de apelo televisivo. Pois, à espreita daquele aperto de mãos, estavam as ações milicianas orquestradas pelos fascistas *Partido Nacional*, *Democracia Radical* e *Patria y Libertad*.

O jogo reflexivo proposto pelo olhar de Müller ao cinematografar os cinegrafistas, fotógrafos e jornalistas que estavam registrando o encontro de Allende e Aylwin é subitamente cortado por sons de tiros e ruídos de sirenes, e põe em cena um olhar perturbado, cuja lente vacila na busca da distância focal precisa para a visão noturna.

A imagem ganha uma estabilidade provisória na casa dos cinquenta minutos do filme através de uma fotografia em *close* no rosto de Arturo Araya Peters, assassinado na noite de 26 de julho na varanda de sua casa, sediada em *Providencia*, Santiago. Ex-Chefe do Departamento de Relações Públicas da Marinha, Araya se tornou Assessor de Campo do presidente Allende em 1971 e, portanto, era o maior obstáculo à ascensão do golpista José Toribio Merino, egresso da *Oficina Naval de Inteligencia*, a ONI.

Dentre as repercussões imediatas do caso,³⁴⁵ estiveram a

denúncia do envolvimento de senadores e militares de alta patente com atiradores de aluguel no arranjo da emboscada que trouxera o decano até a sacada de sua janela para ser alvejado por tiros de fuzis à queima-roupa.



Imagem 49 - O velório de Araya, cerca de 50min de *O golpe...*



Imagem 50 – A terceira morte e o segundo velório da trilogia...



Imagem 51 – ... revelam a acuidade do olhar de Müller

³⁴⁵ O caso Araya ganhou um filme por Andres Wood, *Araña* foi lançado em agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt6131414/>>. Acessado em 24/06/2020.

Porém, a morte de Araya acabou se tornando mais uma das feridas abertas na luta pela verdade na jurisprudência latino-americana.³⁴⁶

A sequência que se segue está entre as mais comentadas³⁴⁷ nos estudos sobre *A Batalha do Chile*. Trata-se do acompanhamento do velório de Araya durante o olhar de Müller que examina os corpos dos oficiais da caserna. Os seus distintivos, suas patentes, seus gestos e, precisamente, os seus semblantes – conforme Mouesca, todos “*signos da traição*” - são escrutinados em planos-sequências entrecortados por closes de soldados armados nos altos dos prédios do entorno do cemitério.

Em entrevista à pesquisadora Scherbovsky, o técnico de som da equipe, Bernardo Menz, declarou que a tomada de Müller “*refletia essa atitude prussiana do Exército chileno, essa arrogância, essa prepotência, você já notava aí, era como uma advertência, uma premonição, aqui estamos nós, impecáveis.*” Aos olhos desta análise, torna-se digno de atenção o fato de esse ser o *segundo velório* da trilogia, e a terceira morte em evidência. O primeiro velório foi o do operário José Ricardo Ahumada, também localizado – coincidentemente ou precisamente - aos cinquenta minutos de *A Insurreição da Burguesia*, em fins de abril de 1973. Ao longo de dois minutos e dez segundos, o seu esquife é acompanhado, pelas ruas, por uma multidão de mais de 300 mil pessoas que bradavam “*José Ricardo Ahumada: presente!*” aos olhos de um Salvador Allende ladeado -coincidentemente ou justamente - pelo decano Arturo Araya Peters.

Como já foi visto, o segundo momento moribundo do filme foi a da *mirada combativa* de Müller em confronto com os soldados golpistas envolvidos no *tancao*. Por sua vez, com quase seis minutos de duração, o esquife de Araya é acompanhado pelos protocolos oficiais e perscrutado indiretamente, ou seja, de maneira reflexiva: enquanto se ouve a *voz over* analisar o avanço do

³⁴⁶ As investigações a esse respeito precisam ser mais fundadas. Até o momento, tem-se que o senador Victor Garzena, aquele mesmo do debate televisivo, estaria envolvido em práticas tortura para responsabilizar a GAP, o Grupo Amigo do Presidente, pela morte do decano. Também se cita que cerca de 32 pessoas envolvidas com o *Patria y Libertad* teriam sido presos e depois perdoados por Pinochet em 1981. Além disso, um domínio virtual intitulado *Proyecto de Derechos Humanos* nos informa que o filho do decano, Arturo Araya Corominas, seguiu com as investigações até meados de 2006, sendo elas inconclusas na imputabilidade da morte de seu pai. Informações disponíveis em:

<https://es.wikipedia.org/wiki/Arturo_Araya_Peeters> e em:

<https://www.memoriaviva.com/Ejecutados/Ejecutados_A/araya_peters_arturo.htm>.

³⁴⁷ A esse respeito VER: MOUESCA, 1988: 73; PALACIOS, 2013: 10; SCHERBOVSKY, 2015: 117.

golpe militar, vê-se o velório *através* das fisionomias dos militares ali presentes até ser finalizado em um *close* de José Toribio Merino, o decano golpista que assumiu o posto de Araya, e que vai compor a Junta Militar televisionada na noite do golpe que encerra o filme.

Retomando o diálogo com as contribuições de Ramos³⁴⁸ a respeito das possíveis dimensões da tomada na prática documental, pode-se compreender que, além do – surpreendente - paralelismo cronológico na ordem diegética, ambas as sequências assumem uma posição humanista que permite aos espectadores, a fruição do tempo do luto. Isto é, ao zelar pela continuidade da longa duração dos planos-sequências, a montagem intensifica o reconhecimento daqueles tempos presentes como tempos morrentes, e, assim, reforçam a magnitude negativa que marca o quarto final de ambos os filmes.

No mais, resta a pergunta: levando em conta o esquecimento institucional³⁴⁹ concertado pela redemocratização, seria demasiado aventar a possibilidade de *A Batalha do Chile* ser, também, uma *batalha* pela memória de seus mártires?



Imagem 53 – Cenas da paralisação do transporte financiada pelas elites para “estrangular” a economia da capital

O tom melancólico é precipitado pelos intermitentes *allanamientos*, cujas buscas abatem uma das artérias do *poder popular*, o Cordão Cerrillos³⁵⁰, composto por trabalhadores de cerca de 30 empresas. A voz over plantea como certa a ruptura do Estado de Direito, ao afirmar que a caserna já “*acostumou as tropas a lidarem com a população civil*”, inclusive, “*vigiando o comportamento de seus próprios soldados*.” As forças civis reacionárias, devidamente financiadas pelas agências norte-americanas, fizeram o seu papel

³⁴⁸ RAMOS, F. Op. cit., págs. 45-46, 54-55.

³⁴⁹ Para saber mais, ver CHELEST, A. *Ainda assim resistimos: as particularidades da mobilização social chilena através das lentes de Salas* (2017).

³⁵⁰ GAUDICHAD, F. *Construyendo “Poder Popular”: el movimiento sindical, la CUT y las luchas obreras en el período de la UP*. IN: VALLEJOS, Op. cit., págs. 81-105.

promovendo uma nova paralisação dos setores de transporte na primeira semana de agosto.

Na tentativa de contornar as greves patronais, o *poder popular* avança com a reposição de veículos em circulação, enquanto o governo convoca as Forças Armadas para acabar com o movimento ilegal. O gabinete cívico-militar dribla a liderança do legalista Carlos Prats e se omite diante dos fatos. Ao contrário, novamente a televisão assume protagonismo na condução do golpe: os registros produzidos pelo Canal 13³⁵¹, controlado pela oposição política, são instrumentalizados junto dos parlamentares e exibidos como prova jurídica das supostas ações ilegais do governo Allende.

Enquanto isso, uma série de explosões de setores estratégicos e de sabotagens industriais marcaram o mês de agosto: tal como nos momentos finais de *A Insurreição da Burguesia*, são postas em cena explosões de torres de transmissão de energia e de comunidades *pobladoras* para marcar o passo de guerra civil. O comandante-em-chefe do Exército Carlos Prats, que havia sido nomeado ministro da Defesa em 08 de agosto, renuncia ao posto em quinze dias, após ele e sua família serem achincalhados publicamente, em frente à sua casa, por um grupo de esposas de generais afins aos grupos fascistas, como o *Mujeres del Poder Feminino* – que, “coincidentemente”³⁵², estavam acompanhadas de equipes de rádio e televisão.

A renúncia de Prats foi seguida da do general Sepúlveda e da do general Pickering, respectivamente chefe da II Divisão e chefe dos institutos militares de Santiago. Como visto, essa trinca abriu *O golpe de Estado*, assumindo, no corpo a corpo das ruas, a responsabilidade de pôr fim ao *tancao*, encarnando, então, o setor legalista do Exército. Porém, uma vez afastados, e com Araya morto, houve a definição da trinca golpista composta pela combinação de Merino, da Marinha, e de Pinochet, do Exército, com o general Gustavo Leigh da Aeronáutica.

Às *imagens hostis* das mobilizações civis pela renúncia de Allende, é justaposta uma longa sequência de quase cinco minutos dos movimentos

³⁵¹ Para saber mais, ver SANTOS, E. disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B2SMFN/1/dissertacao_emmanuel_final.pdf> e de PACHECO; MENEZES, disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0048-1.pdf>>.

³⁵² ALTAMIRANO, C. Op. cit., p. 145.

populares que tomaram as ruas no dia 04 de setembro para celebrar os três anos da eleição de Allende. De acordo com a narração, seriam “800 mil pessoas mobilizadas, mas desarmadas” empunhando as diversas flâmulas e bandeiras políticas: estão ali encarnados o MAPU, o MIR, o PS, e o PC, encerrando, assim, a última grande expressão das imagens demóticas do filme.

E O GOLPE FOI TELEVISIONADO

Um letreiro branco com escritos em preto interrompe a ordem diegética. Nele se lê: “*mañana del 11 de septiembre/ primer comunicado del presidente Allende*”. Acossada, a demiurgia allendista se resume à fragilidade da transmissão radiofônica de sua voz que, em tom de desabafo, diz:

Aqui fala o presidente da República desde o Palácio La Moneda. Informações confirmadas assinalam que um setor da Marinha teria isolado Valparaíso e que a cidade estaria ocupada. Em todo caso, estou aqui no Palácio de Governo e aqui ficarei defendendo o governo que represento pela vontade do povo

A voz over se vale, então, de um recurso que se tornou recorrente na filmografia do golpe: a narrativa dos eventos é acompanhada pela precisão cronológica aberta junto da inserção de imagens aéreas com cerca de trinta segundos – aliás, as únicas

imagens aéreas de toda a trilogia³⁵³ - que atualiza a visão panóptica das *imagenes hostis*: definitivamente, aquilo que é percebido, já está capturado.



Imagem 54 – Os letreiros pontuam situam os espectadores em determinados temas e servem para sublinhar a mensagem política

³⁵³ Estima-se que tenham sido compradas pela equipe de produção, posto que, em entrevista a Avellar, Guzmán revelou que tinham o desejo de registrar imagens aéreas, mas não tinham orçamento e tempo hábil para tanto.

A natureza dessa imagem remete, novamente, a um breve diálogo com Virílio. Pois, a partir dele, pode-se compreender como a disposição do ponto de vista de uma *máquina de guerra*³⁵⁴ implica no reconhecimento – e,



Imagem 55 – A única tomada aérea de toda a trilogia denuncia a perda da soberania política

porque não, na denúncia – daquela “*vontade de iluminação generalizada*” subsumida no projeto iluminista moderno.

Em outras palavras, a inédita alçada da percepção acima do solo promove a reflexão sobre as possibilidades de como o reconhecimento do território nacional como a extensão do campo de batalha teriam como desdobramentos o esgotamento do tempo, a impotência dos corpos, suas mobilizações sociais e, enfim, da morte da política e a assunção da política da morte.

As curtas, mas intensas, imagens aéreas dão passagem aos rasantes dos caças que sobrevoam a capital Santiago. Retomando a narração, a sua cronologia alinha os seguintes eventos:

Às 7h30, Allende chega ao Palácio La Moneda para compartilhar as primeiras instruções. A situação é crítica, pois não existe um plano conjunto para a defesa armada do Governo. Durante a madrugada, a maioria dos oficiais constitucionistas já foi neutralizada.

Às 8h da manhã alguns aparatos da Força Aérea sobrevoam a capital Santiago.

Às 8h20, os chefes da sublevação exigiam a renúncia do chefe de Estado e lhe oferecem um avião para que abandonem o país.

Às 9h15, o presidente constitucional se prepara para combater e fala novamente pelo rádio.

³⁵⁴ VIRILIO, P. Op. cit., p. 153 Sugestivamente, o capítulo se chama “*Quem tem prioridade no tempo tem prioridade no direito*”.

Uma fotografia de um Allende³⁵⁵ com capacete militar e munido de um fuzil olhando para o alto é decupada pela montagem. Uma vez em *freeze*, os *closes* em seu rosto e seu gesto armado acompanham a radiodifusão de sua voz que diz:

As Forças Aéreas bombardearam as torres da Rádio Portales e da Rádio Corporación. Diante desses feitos, só me resta dizer aos trabalhadores: eu não vou renunciar. Colocado em um trânsito histórico pagarei com a minha vida a lealdade do povo. A história é nossa e a fazem os povos. Viva o Chile! Viva o povo! Viva os trabalhadores!

As cenas dos tanques de guerra e dos aviões cercando o La Moneda são justapostas repetidamente. A voz *over* resume a cronologia dos eventos, afirmando a morte de Allende às 14h15 e dando ensejo ao televisionamento do pronunciamento da Junta Militar, às 21h. Com duração de quase três minutos, a posta em cena dessas imagens pré-existentes encarna o golpe militar e revela um dos momentos raros da filmografia de Patricio Guzmán, um realizador que “*não filma os seus inimigos*.”³⁵⁶

Levando isso em conta, é provável que essa sequência final de *O golpe de Estado* seja equivalente, somente, às entrevistas do embaixador norte-americano, Edward Korry, no filme *Salvador Allende*, de 2003. Realizadas por Patricio



Imagem 56 – O televisionamento da Junta Militar foi filmado e pontua o fim de *O golpe de Estado*

Henriquez para o filme *Le dernier combat de Salvador Allende* (1998), nelas o embaixador declara a sua posição diante do envolvimento dos Estados Unidos no arranjo do golpe de 11 de setembro, sendo que essas afinidades serão melhor exploradas no próximo capítulo.

O pronunciamento da Junta Militar é aberto por Augusto Ugarte Pinochet, que declara:

³⁵⁵ Cf. Até o momento, a pesquisa não conseguiu rastrear as origens e a autoria dessa fotografia.

³⁵⁶ Depoimento dado no Workshop oferecido no Brasil pelo Instituto Vladimir Herzog em parceria com a Caixa Econômica Federal, em outubro de 2016.

As Forças Armadas e da ordem atuaram no dia de hoje com toda inspiração patriótica de tirar o país do caos de forma aguda em que o estava precipitando o governo marxista de Salvador Allende. A Junta manterá o poder Judiciário e a assessoria da Controladoria-Geral, as Câmaras ficarão em recesso até segunda ordem. Isso é tudo.

A seguir, o Almirante Merino:

Talvez seja triste que se tenha quebrado uma tradição democrática que era longa nesse continente. Mas, quando o Estado perde suas qualidades, existem aqueles que por mandato e por urgência devem assumir o fardo. Hoje o fazemos. Estamos seguros de que o país inteiro vai compreender o sacrifício que isto significa.

O gal. César Mendoza sequenciou:

Não se trata de esmagar tendências ou correntes ideológicas e nem de exercer vinganças pessoais. Mas, como disse, de estabelecer a ordem pública e devolver ao país o respeito à Constituição e às leis da República.

Enfim, dos quatro, o mais inflamado foi o gal. Gustavo Leigh:

Depois de suportar o câncer marxista por três anos que nos levou a um descalabro econômico, moral e social que não se podia seguir tolerando. Pelos sagrados interesses da pátria, nos vimos obrigado a assumir a triste e dolorosa missão que cometemos. Não temos medo. Sabemos da enorme responsabilidade que recairá sobre nossos ombros. Mas temos a certeza, a segurança, a convicção de que a enorme maioria do povo chileno está conosco. Está disposta a lutar contra o marxismo, está disposta a extirpá-lo até as últimas consequências.

O gal. Mendoza estava errado: o golpe militar foi catalisado pelos ressentimentos sociais e pelo desejo de traição aos valores democráticos e patrióticos. O discurso da Junta Militar atendia aos desejos dos “*hooligans*” daqueles tempos, pelo o que hoje é chamado de “*justiçamento*”³⁵⁷: tal como descrito em diário por Patricio Guzmán, a partir do dia 12 de setembro, milhares de pessoas passaram a ser perseguidas, encarceradas, torturadas e executadas arbitrariamente. Centros desportivos e zonas operárias mineiras foram transformadas em campos de concentração, enquanto as forças democráticas tentaram “*se organizar pouco a pouco na clandestinidade*

³⁵⁷ O tema foi ligeiramente debatido no filme *Os militares que disseram não* (2014), de Silvio Tendler, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6hD8JIHbu3w>>. Acessado em 22/06/2020.

adotando variadas formas de resistência”, como afirmou a voz over. As suas últimas palavras, “*A Batalha do Chile não terminou*” são coligidas com as últimas palavras textuais de Allende:

*Tienen la fuerza
Podrán avasallarnos
Pero no se detienen los procesos sociales
Ni con el crimen, Ni con la fuerza
La historia es nuestra
Y la hacen los pueblos
Sigan ustedes sabiendo
Que mucho más temprano que tarde
Se abrirán las grandes alamedas
Por donde pase el hombre libre
Para construir una sociedad mejor.*

Após cinco anos de imersão pessoal e profissional cotidiana nas densas zonas da temporalidade do governo Allende, Patricio Guzmán finalizava a sua obra mais renomada. A princípio, *A Insurreição da Burguesia* e *O golpe de Estado* encerrariam a urgência de ultrapassar a “descrição política” de *El Primer Año* e construir uma “análise política” a respeito da experiência da *Unidad Popular*.

Como foi visto, em comum, ambos os filmes demonstram o calor da oratória, a dimensão pública do verbo e a aceleração do tempo histórico quando se põe em marcha a luta de classes. Por outro lado, é preciso notar como a demiurgia de Allende minguou ao longo do enredo fílmico, sendo encerrada em quatro paredes à medida que se viu duelada pelas *imagens demóticas* desde a primeira parte e pela emergência das *imagens hostis*, particularmente, no segundo filme.

Dois anos depois, Guzmán voltou à ilha de edição para finalizar, em três meses, uma terceira parte que, de saída, não havia sido prevista. Dessa vez, o “*realismo en trance*” daria lugar a um “*coeficiente emocional*” na condução de *O poder popular*.

2.3 AS OBJETIVAÇÕES DO PODER POPULAR

QUESTÕES PRELIMINARES

Entre *O golpe de Estado* e o lançamento de *O Poder popular* há uma grande distância temporal: foram três anos de intervalo para a realização de

um filme que, como foi visto, era uma hipótese nos planos originais do projeto. Quando *montadas*, as entrevistas de Guzmán apresentam algumas diferenças quanto ao projeto de *O Poder popular*.

Reitera-se que, na entrevista a Sempere, publicada quatro anos após o golpe militar de 11/09/1973, Guzmán afirma que a equipe de produção chegou a identificar quatro diferentes materiais, sendo que o 1) a escalada fascista das massas e 2) a área de conflitos entre presidente Allende e as instituições de Estado constituiriam um filme, enquanto um outro material 3) em que aparecem, fundamentalmente, os dirigentes da esquerda e alguns da direita seriam um outro filme. Por fim, o 4) seria um material de base que ia servir de complemento para os filmes 1 e 2 e, possivelmente, para um terceiro filme.³⁵⁸

Em junho de 2010, quando questionado se já tinha ideia de que o primeiro filme seria sobre o golpe militar e o terceiro seria o mais poético, Guzmán afirmou à Ricciarelli que não tinha ideia disso, pois seu propósito era fazer um único longo filme que abarcasse todo o processo. Porém, foi nas exhibições de rotina para a apreciação de Julio García Espinosa que ele teria tido o entendimento de que, na realidade, seriam três filmes. Uma ideia logo aprovada por Chaskel e que, juntos, teriam reorganizados o material “*antes da chegada de Julio*”.³⁵⁹

Ao retomar a questão – “*então, os três filmes nasceram de uma vez?*” – Ricciarelli tem como resposta que

Quando terminamos a primeira já estavam totalmente definidas a segunda e a terceira parte. Toda obra à base de seções tem esse problema. Não se pode terminar nada até que não se defina a totalidade. Você pode rascunhar, imaginar o que será, mas não pode cortar realmente porque, às vezes, um certo elemento poderia ser melhor montado em outro lugar. Por outro lado, nos anos setenta se trabalhava somente com um negativo. E ele não poderia ser reparado quando cortado. Você o corta somente uma vez e para sempre. Portanto, tivemos que estar seguros das imagens de cada parte antes de cortar o negativo.

Mas, efetivamente, a princípio, pensava fazer um só filme longo. Claro que quando chegamos à metade e ela já durava duas horas e meia, então dizíamos “*onde vamos parar?*” [grifo da autora] finalmente, fizemos as três (...).

³⁵⁸ SEMPERE, P.; GUZMÁN, P. Op. Cit, p.98.

³⁵⁹ RICCIARELLI, C. Op.cit., p. 129 Apontam-se as incertezas sobre a realização de um terceiro filme nas págs. 94, 109 e 120.

A esse respeito, seria importante ressaltar que as investigações não encontraram documentos que informassem sobre o exato momento e por que razões Guzmán e a *Equipo Tercer Año* começaram a pensar a respeito de um terceiro filme exclusivo sobre o *poder popular*, e se empenharam nos seis meses de edição que finalizaram o filme.

Teria sido interessante propor algumas questões mais verticais ao realizador³⁶⁰, tais como: o ICAIC, o *Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos*, teria exercido alguma influência sobre a decisão de ir adiante e retomar o acervo que restava com pouco mais de quinze horas, tendo em vista produzir um filme sobre as militâncias populares chilenas? Qual teria sido o papel da ideóloga Marta Harnecker e de Julio Garcia Espinosa na composição de um filme exclusivo sobre as convulsões sociais das militâncias de base da *Unidad Popular*? Ela teria ocorrido em função de convicções políticas? Em termos mais pessoais, como teria sido o seu cotidiano durante os três anos que dividiram a segunda e a terceira parte?

Uma forma de delinear melhor essas interrogações seria promover um recuo diante do filme *O poder popular* e cotejá-lo com as condições da historiografia do governo Allende e sua *Unidad Popular* naqueles anos de transição da década de setenta para a seguinte. Esse procedimento leva a compreender como o filme se inseriu em um momento de fértil revisionismo historiográfico pautado pela superação das análises fortemente embasadas nos assuntos institucionais.

A título de conceituação, aqui se compartilha das considerações de Napolitano e Junqueira que reconhecem como legítimo e necessário o exercício do revisionismo historiográfico, sendo ele

calcado no conjunto de procedimentos que pressupõe o conhecimento: argumentação lógica, identificação de novas fontes e emprego do método, ainda que possa colocar em xeque perspectivas históricas consagradas na memória social e na historiografia. Este tipo de reinterpretação, como

³⁶⁰ Reitera-se que tentamos contato com ele por e-mail, carta e, inclusive uma rápida enquête pessoal, desde o início de nossas investigações acerca do filme *Salvador Allende* no ano de 2014. Porém, os e-mails nunca foram respondidos, as cartas enviadas contendo o nosso livro lançado em 2018 não receberam respostas e, nas duas oportunidades em que foi possível o contato pessoal, o realizador não concedeu entrevista.

mencionado, deve ser incorporado ao debate. Ele faz parte do conhecimento historiográfico e como tal deve ser encarado.³⁶¹

Diante dessas constatações, vejamos de maneira breve algumas das conclusões de Reyes³⁶², historiador chileno se dedica às relações Estado e Sociedade na História Contemporânea. Em primeiro lugar, ele indica que a grande maioria desses estudos são ensaios sociológicos ou históricos com um forte viés “*superestrutural*”, ou seja, eles partem de análises institucionais, macroeconômicas ou das ideias políticas a fim de compreender o período em questão.

Nessas condições, os projetos ligados aos setores conservadores e reacionários tomaram a dianteira no campo de batalhas das interpretações que justificariam a realidade que começaram a viver a partir de 11 de setembro de 1973. Exemplos disso seriam os livros *Anatomía de um fracasso*, de Emilio Filippi e Hernán Millas e *El experimento marxista chileno*, de Robert Moss, sendo ambos publicados em 1973 no Chile e em Londres respectivamente.

Por sua vez, as pesquisas ou posições mais progressistas vinculadas às esquerdas começaram a ganhar publicidade em fins dos anos 1970, a exemplo do renomado estudo sociológico *Análisis Coyuntural y proceso político - Las fases del conflicto en Chile 1970 – 1973*, publicado em 1978 por Tomas Moulian³⁶³ e Manuel Garretón. Os autores teriam sido pioneiros ao abandonarem as “análises superestruturais”, pois entendiam que elas, “*descuidariam das inter-relações entre crise econômica e política e, por outro lado, tendiam a subestimar o papel dos atores sociais não especificamente políticos e a análise de classes propriamente dita*”.³⁶⁴ De acordo com Reyes, as pesquisas de Moulian e Garretón teria o mérito de

³⁶¹ NAPOLITANO, M.; JUNQUEIRA, M. *Negacionismo e revisionismos: o conhecimento histórico sob ameaça*. Artigo disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5207773/mod_folder/content/0/NAPOLITANO%2C%20Marcos%3B%20JUNQUEIRA%2C%20Mary%20Anne.%20Como%20historiadores%20e%20professores%20devem%20lidar%20com%20negacionismos%20e%20revisionismos..pdf?forcedownload=1>. Acessado em 16/07/2019.

³⁶² REYES, REYES, C. *Chile 1970-1973: Las versiones oficiales interpretaciones y planteos políticos. “Avance hacia una nueva interpretación*. P. 169-190 Disponível em: <<https://revistes.ub.edu/index.php/BoletinAmericanista/article/view/13082/16369>>. Acessado em 12/07/2020.

³⁶³ Para saber mais: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye4S3.pdf>>.

³⁶⁴ REYES, C. Op.Cit., p. 174.

Expor de maneira organizada e clara as diferentes *conjunturas* [grifo do autor] pelas quais passaram a UP, além de nos brindar com uma aproximação das diversas ações e planejamentos dos atores políticos do período. Além disso, nos entregam uma observação bastante organizada dos acontecimentos e as reflexões concernentes à ultrapassagem da institucionalidade tanto dos setores populares como também das direitas.

Por outro lado, dentre as críticas, estaria o fato de

Na tentativa de submeterem tudo a uma compreensão foram dos processos, eles deixariam de lado as contradições políticas internas da UP e como elas dinamizaram tanto os processos de organização autônoma de setores das classes trabalhadoras e populares como a *tendência* [grifo do autor] de transformar a UP em um obstáculo para as novas forças sociais que ela mesma havia despertado.

Reyes, enfim, considera que essas observações formais destacam que, apesar de seus avanços teóricos, os autores ainda deixariam como lacunas o não aprofundamento das consequências da paralisação patronal de outubro de 1972, isto é, o contexto em que nasceram e se expandiram os *Cordões Industriais*, as transformações sofridas pela UP desde então, e os impactos sociais e da funcionalidade da Lei de Controle de Armas efetivamente adotada a partir de então.

A sistematização do conhecimento sobre as diversas organizações de base que compunham a UP e suas visões sobre o socialismo vieram à luz em 1979 com o livro *Sociedad y política en Chile: de Portales a Pinochet*, da socióloga argentina Liliana de Riz publicado em 1979.³⁶⁵ Para Reyes, Riz também teve o trunfo de analisar como a atuação dos militares se deu em função da aplicação da Lei de Armas³⁶⁶, pois, através dela, esses agentes teriam sido capazes de assumir o vácuo de poder institucional aberto pelas contradições da UP.³⁶⁷ Quanto aos limites do estudo, o historiador considera que de Riz tenderia a homogeneizar as Forças Armadas, deixando de lado tanto as suas divergências ideológicas internas quanto a omissão do governo

³⁶⁵ Disponível em:

<<https://www.worldcat.org/title/sociedad-y-politica-en-chile-de-portales-a-pinochet/oclc/6416180>>.

³⁶⁶ Lembrando que aprovada em 21 de outubro de 1972, e, efetivamente aplicada após o tancazo de 29 de junho, sobretudo contra o poder popular que não estava armado, ao contrário das frentes reacionárias.

³⁶⁷ REYES, C. Op.Cit., p. 177.

Allende e da UP diante das denúncias de perseguição política levadas a cabo pelos futuros golpistas.

Ao balanço historiográfico das duas obras citadas, poder-se-ia, ainda, acrescentar o minucioso corpo a corpo junto de *Allende y la experiencia chilena – las armas de la política*, publicada por Garcés em 1976; de *Dialética de uma derrota*, publicada em 1979 por Carlos Altamirano; e de *Transição, Socialismo e Democracia – Chile com Allende*, publicada por Sérgio Bitar em 1980 que percorre a nossa tese. Os limites que Reyes identificou nas duas obras lançadas em 1978 e 1979 – os desdobramentos globais do *paro de octubre*, as *divergências internas da caserna*, entre outros – estão entre os temas presentes no argumento fílmico de *O poder popular*, lançado em 1979.

Tem-se então a hipótese de que a decisão de se lançar o filme naquele ano tenha sido animada por essas questões extra fílmicas, isto é, pelo desejo de participar ativamente em um cenário de revisionismo historiográfico preocupado em deslocar as interpretações do eixo político e institucional para um olhar mais próximo ao rés do chão das fábricas, das *poblaciones* e, no caso do filme, ainda mais além, destinando-a às alianças com os movimentos sociais do mundo rural.

Visto de outro ângulo, quando justaposto ao rol de análises históricas e sociológicas publicadas na transição para os anos oitenta, o filme *O poder popular* demonstra o potencial de participação na viragem historiográfica que visou maior protagonismo das forças sociais populares na compreensão do governo Allende e da UP. Tendo como pano de fundo cronológico os desdobramentos da paralisação patronal de outubro de 1972, o filme percorre os espaços assumidos pelo *poder popular*, seus efeitos *institucionais* e as fissuras revolucionárias abertas nas ocasiões em que a propriedade privada dos meios de produção foi superada.

Em sua introdução, o filme revela as contradições internas dos grêmios patronais ao alterar os depoimentos de presidentes sindicais com a realidade do abandono de empresas por alguns patrões. Então, abre espaço para as percepções sobre a Democracia Cristã dentre as classes trabalhadoras, retoma a criação e fortalecimento dos *Cordões Industriais* como resposta ao *paro de octubre* e problematiza o respaldo que as Forças Armadas teriam entre os operários e operárias. Em seu penúltimo quarto, traz à tona um tema raro na

historiografia, a ultrapassagem da institucionalidade no meio rural para retornar aos setores industriais e dar a última palavra à “vanguarda operária”. Portanto, à luz do revisionismo historiográfico, ele se impõe como “*parte do conhecimento histórico ao provocar novas perspectivas, polêmicas e debates*”, conforme sugerido por Napolitano e Junqueira e que serão analisados a seguir.

O COEFICIENTE EMOCIONAL

Ao contrário da emotividade de Menz, Chaskel teria se mostrado mais habituado a lidar com os temas da produção da trilogia, conforme relatou Scherbovsky. Através de Chaskel³⁶⁸, ela considera que ambas as primeiras partes se caracterizariam pelo que chamou um “*realismo en trance*”, isto é, seriam filmes destinados a dar conta do dinamismo de uma realidade se movendo entre a exposição e a observação-interação do realizador em cena.³⁶⁹ A sua teorização estaria ancorada nas considerações de Chaskel sobre *A Insurreição da burguesia* e *O Golpe de Estado* terem sido marcados por um “*coeficiente de realidade*”, enquanto que, em *O Poder popular*, predominaria um “*coeficiente emocional*”. Em suas palavras,

Claro que existe uma chave emocional no ponto de vista ou na forma em que se aborda a realidade nesta terceira parte. Eu diria que existe nela uma mirada muito carinhosa. Ao contrário, nas outras a realidade é de uma força incrível que não cabe muito... ou seja, o autor desaparece bastante.

A “força incrível” daquela realidade que, inclusive, teria sobrepujado a própria autoria do filme, figurou nas linhas da renomada crítica de cinema Pauline Kael. Em artigo publicado em janeiro de 1978 na revista *The New Yorker*, ela atribuiu essas qualidades, justamente, à sensibilidade e à “habilidade técnica” de Chaskel para “*dar conta de tudo*”. De acordo com ela, “*tanto a qualidade do som como o trabalho de câmera são discretos e, sobretudo, a edição é tão suave que não chama a atenção para si mesma*”. Chaskel, então, teria “*uma imensa técnica nova de fluidez [sendo que] a parte dois teria o efeito de uma grande e contínua tomada*” através da qual seria possível notar “*a influência do Neorrealismo italiano e outras influências não*

³⁶⁸ Entrevista realizada com a pesquisadora em 04 de setembro de 2020 via zoom, coincidentemente, no mesmo dia da efeméride dos 50 anos da eleição de Salvador Allende.

³⁶⁹ SCHERBOVSKY, N. Op. Cit., págs. 94-100.

tão fáceis de se identificar – talvez os russos, através dos quais se assume a emoção sem provocar cortes abruptos” na sutura fílmica. Em resumo, em termos estéticos, Kael finaliza afirmando que a montagem de Chaskel “*teria estabelecido novos padrões*” a serem seguidos.³⁷⁰

Como foi visto, dentre os russos estudados por Chaskel estava Pudovkin, cujos princípios teóricos tinham em vista “*a condução dos efeitos psicológicos*” sobre os espectadores³⁷¹, isto é, o entendimento de que deveria existir uma “*ligação em cadeia*” entre os planos e sequências no que então ficou conhecido como “*montagem construtiva*”³⁷². Feita essa observação teórica, volta-se às considerações de Chaskel sobre como a presença da música e a composição da dimensão sonora modularam os coeficientes dramáticos da trilogia

Nas duas primeiras a realidade é tão forte... a ação da realidade é tão forte... eu creio que conversamos com Patrício sobre isso, mas a música não fazia falta. Eu creio que dramaticamente era muito mais eficaz sem a música. Pois o que a música finalmente faz? Ela impregna a imagem com um coeficiente emocional - para chamá-lo de alguma forma - e talvez também influi no ritmo, mas isso é parte do emocional. E aí, por um lado, uma vez que havia muito de som direto, não fazia falta agregar um elemento, ou seja, esta espécie de chave emocional para que o espectador saiba para onde ir, eu creio que isso debilita tudo, tira o coeficiente de realidade que as imagens já têm. Porque, obviamente, que se você está contando com os sons naturais, reais, quer dizer, o que você vê no filme, sobretudo no caso do documental, é de uma presença muito maior do que quando você maneja com música.

De certa maneira, aqui Chaskel está em diálogo com um dos fundamentos do chamado Cinema Direto norte-americano, a saber, a compreensão de que as filmagens seriam algo como *shooting for sound*³⁷³, ou seja, de que o som ambiente – sejam as vozes, os ruídos ou eventuais músicas

³⁷⁰ KAEI, P. *El cine actual: “La Batalla de Chile”*. Disponível em: <<http://cinechile.cl/archivos-de-prensa/el-cine-actual-la-batalla-de-chile/>>. 23/01/1978, Acessado em 16/08/2020.

³⁷¹ PUDOVKIN, V. *Film technique and film acting*. Disponível em: <<http://sites.uci.edu/expandedcinema/files/2017/01/AsynchronismAsAPrinciple.pdf>>. Acessado em 12/01/2020.

³⁷² CANELAS, C. *Os Fundamentos Históricos e Teóricos da Montagem Cinematográfica: os contributos da escola norte-americana e da escola soviética*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-canelas-cinema.pdf>>. Acessado em 12/06/2020.

³⁷³ DA-RIN, S. Op. Cit., Cf. Capítulo 07 Uma testemunha discreta, págs. 133-147.

ambientes ou incidentais – estaria no comando da ação e do ritmo do filme; enfim, de que ele conduziria o espectador “*aonde ir*”.

Portanto, pode-se deduzir que, diante da intensidade dos acontecimentos que compõem os dois primeiros filmes, qualquer recurso musical ou sonoro seria secundário, ou melhor, poderia desviar a atenção dos espectadores da “*análise política*” pretendida pela equipe de produção que, como foi visto, balizou-se em fundamentos teóricos e esquemas conceituais bem precisos para a finalização desses filmes.

Assim, não deixa de ser instigante cogitar o que teria levado a equipe a escolher o som de uma flauta andina para abrir e determinar o enredo fílmico de *O Poder popular*, levando em conta que esse teria sido um dos temas mais dramáticos – e ainda hoje candentes – na historiografia acerca do governo Allende e sua *Unidad Popular* (1970-1973). O instrumento musical nativo ressoando uma melodia doce e lenta sublinha a apresentação dos créditos do filme desde os segundos iniciais, e sofre uma gradativa transformação se convertendo nas aclamações populares que gritam o nome do presidente Allende, que, então, aparece em carro aberto em meio a uma parada cívica.³⁷⁴

É preciso dizer que a realidade histórica desse filme seria “*tão forte e dramática*” quanto àquelas das duas primeiras partes. Seria, então, válido questionar porque a sua manufatura não prescindiria de elementos musicais, tal como teria ocorrido nos dois primeiros filmes. Em outras palavras, pergunta-se: o recurso à flauta andina para se abrir um filme sobre o chamado *poder popular* não significaria o enaltecimento das causas ditas como “rupturistas” do processo político chileno?

Apesar de o filme registrar a diversidade ideológica que caracterizava os movimentos sociais daquele momento, o manejo de um som nativo, de forte apelo étnico e, portanto, de cariz afetivo não implicaria numa tomada de posição política por parte da equipe de roteirização da montagem da obra? Isto é, esse movimento aparentemente sutil não implicaria em um recuo diante das posições políticas institucionais e em um avanço em direção ao envolvimento

³⁷⁴ Por ora, não foi possível identificar o evento em questão. Apesar de a *voz over* dizer que estaríamos “em 1972, um ano e meio depois da eleição de Allende”, é possível suspeitar que as imagens sejam de qualquer outro evento cívico, tal como a chegada de Salvador Allende à presidência em fins de 1970.

direto com os trabalhadores e trabalhadoras, enfim, as bases sociais que empenhavam a causa da ultrapassagem da razão de Estado burguesa?

Por último, mas nem por isso menos importante, se até agora as respostas forem afirmativas, restaria, então, especular qual teria sido o papel desempenhando pelo ICAIC na formatação desse filme, tendo em vista uma trilogia. Afinal, como foi visto junto com Villaça³⁷⁵, sendo essa instituição um arrimo cultural e diplomático do modelo revolucionário cubano, os seus ideais encontravam respaldo interno nas ações dos setores à esquerda do Partido Socialista e no *MIR* (Movimiento de Izquierda Revolucionária), defensores de “ações coletivas que permitiriam a ampliação de práticas de aprofundamento das transformações políticas”, tal como apontou Cury.³⁷⁶

Alguns fatores históricos levam a trabalhar afirmativamente com essas hipóteses. Além da flauta andina marcar presença em cinco momentos ao longo do filme, é válido dizer que, apesar de o filme se dizer *O poder popular*, as sessenta e sete pessoas entrevistadas são homens, trabalhadores operários do setor mineiro, metalúrgico ou industrial. E essa é uma constatação que se desdobra em outras questões de igual importância.

Em primeiro lugar, ela deve ser vista a partir das questões ideológicas já problematizadas ao longo dessa tese, ou seja, é preciso considerar que o *movimiento de pobladores* - que lutavam por melhores condições de habitação - e a *Junta de Vecinos* idealizada pela Democracia Cristã - e largamente responsável pela distribuição de alimentos na agudização da crise social após outubro de 1972 -, não são contemplados pelo filme.

Apesar disso, as *Juntas de Abastecimiento y Precios*, os *Comandos Comunales* e as *tomas de tierra* instauram elementos importantes na narrativa, demonstrando a agudização das lutas de classes até o momento em que “os de cima não podem e os de baixo não querem”, porém, são justapostas à demiurgia das classes operárias.

Em suma, é pertinente deduzir que essas medidas se dão em nome da filiação a uma declaração de princípios que, em sintonia com os setores à esquerda do Partido Socialista, compreendia a classe operária como a

³⁷⁵ Cf. VILLAÇA, M. (2010).

³⁷⁶ CURY, M. Op. Cit, p. 295.

vanguarda revolucionária, tendo em vista a “*preparação da sociedade para a inevitabilidade do confronto*”³⁷⁷.

AS BATALHAS A PARTIR DO GÊNERO

Em segundo lugar, a constatação suscita o dimensionamento das questões de gênero dentro da experiência revolucionária chilena e, por extensão, no regime diegético de toda trilogia, assim como em seus efeitos extra fílmicos. Repetindo: dentre as 67 pessoas trabalhadoras e 03 empresários entrevistadas em *O Poder popular*, há somente quatro mulheres cujas participações serão analisadas a seguir.

Para se compreender melhor essas questões, retorna-se às investigações de Cury que demonstra a complexidade das experiências sociais das mulheres naquele momento. Ela inicia o seu histórico dos movimentos sociais chilenos apontando como as políticas reformistas freístas (Partido da Democracia Cristã) entre os anos 1964-1970 tiveram forte capilaridade junto das mulheres das *campallas* (acampamentos) e das *poblaciones* (favelas), regiões que abrigavam uma proporção de operários muito mais alta que a média da Grande Santiago. Em suas palavras,

Nos acampamentos, os operários industriais representavam 41% dos moradores, enquanto nas demais poblaciones estes atingiam a marca de 30%. Ao mesmo tempo, estes assentamentos mostravam porcentagens mais altas de trabalhadores da construção e dos serviços de baixa qualificação em relação às poblaciones; e a porcentagem de desempregados também era mais alta. Quase a metade das mulheres que exerciam atividade remunerada era empregada doméstica. Já o grau de sindicalização era equivalente em todos os setores poblacionales, em torno de 30%.³⁷⁸

O avanço das pautas mais radicais da esquerda junto dessas populações e a adesão sindical, também, teriam sido obstaculizadas pelos preconceitos ideológicos das lideranças políticas que as viam como “*lumpemproletariado*”. Precisamente quanto às condições sociais e políticas

³⁷⁷ Ibidem, p. 121.

³⁷⁸ Ibidem, p. 135 A autora ainda informa a respeito das “*interpretações pelos grupos políticos do país, que entendiam que a população das poblaciones era constituída por um lumpemproletariado. Isso ocasionou por muito tempo a exclusão destes setores dos seus projetos políticos, reproduzindo o equívoco de uma fragmentação mais teórica do que prática da classe trabalhadora a partir das suas especificidades constitutivas.*”

das mulheres: elas ainda estavam comprometidas pelas marcas estruturais da divisão sexual do trabalho, cabendo a elas a “*ampla participação na integração dos centros de mães*”³⁷⁹, sendo responsáveis pela alimentação da família, a exemplo do que foi visto através das cenas das *Juntas de Abastecimiento y Precios* no primeiro filme.

A pesquisa de Borges também se debruçou sobre essas questões³⁸⁰, a começar pela identificação dos saldos eleitorais de 1970, que revelam como a *Unidad Popular* não tinha a preferência entre as mulheres, sendo que Allende obteve 31% dos votos, contra 38% do Partido Nacional e 30% da Democracia Cristã junto do eleitorado feminino.

Já no governo Allende, as paralisações e os desabastecimentos ocorridos em 1972 fizeram surgir novos espaços de sociabilidade, as filas nos armazéns locais, que teriam fomentado as discussões políticas entre as mulheres sobre suas dificuldades, os êxitos e o futuro do governo popular. Além disso, em suas palavras,

Como o governo recrutava voluntários para ajudar no sistema de fiscalização dos armazéns nos bairros, acabou por envolver as donas de casa em um espaço que extrapolava o seu ambiente tradicional. Assim, de alguma maneira o desabastecimento contribuiu para a politização feminina, principalmente das donas de casa que, geralmente, é um setor menos propenso à atividade política. Seguel-Bocara também destaca que, não necessariamente, essa nova dinâmica se manifestava pelo fato de as mulheres apoiarem o projeto político do governo, mas, principalmente, pela existência de um problema concreto que afetava suas famílias.³⁸¹

Mais adiante, citando os testemunhos de alguns líderes sindicais do Cordón San Joaquín, Borges destaca que, “*no conjunto dos cordones praticamente não havia participação das mulheres*”, sendo que aquelas presenças mais ativas eram envidas pelos partidos políticos, o que comprometia as representações populares e as impediam de serem eleitas delegadas para a Assembleia do Cordón. E relata que, a partir da experiência do Cordón San Joaquín, seria possível dizer que, em geral, as mulheres eram

³⁷⁹ Ibidem, p. 280.

³⁸⁰ BORGES, E. Op. Cit., p. 249.

³⁸¹ Ibidem, p.77.

delegadas de seção, tais como os comitês de vigilância e de produção devido aos convênios estabelecidos pela CUT e pelo governo Allende.

O machismo naqueles ambientes de trabalho foi corroborado pelas entrevistas de Teresa Quiroz, professora da Universidade Católica do Chile e militante de base do Partido Socialista que atuava nas indústrias coordenando grupos de pesquisas. De acordo com ela, a própria dinâmica sindical afastava as mulheres da atividade política, pois, muitas vezes, as assembleias eram realizadas no período noturno e, então, concorriam com as duplas ou triplas jornadas a que estavam destinadas como donas de casa e mães de família. Ainda assim, mesmo quando participavam, eram nomeadas para secretariar as sindicâncias masculinas.³⁸²

Seria fundamental, enfim, registrar as contribuições de Marina Tedesco, dedicadas a analisar as dimensões do *Nuevo Cine Latinoamericano* a partir do gênero. Dada a envergadura de seus estudos, vale ressaltar que, em seu artigo mais recente, a pesquisadora estabelece marcos cronológicos para o tema e problematiza como os seus circuitos de crítica e recepção culturais implicaram na inviabilização de realizadoras. Em suas palavras,

As complexas dinâmicas e disputas do campo produziram um cânone exclusivamente masculino para o projeto cinematográfico subcontinental mais importante da América Latina – o qual, e este é um paradoxo, em sua segunda (e contestada etapa) foi contemporâneo do grande incremento do número de mulheres na direção de filmes na região ocorrido na década de 1970.³⁸³

Posto de outra maneira, Tedesco chama a atenção para como o forte viés “*stalinista*”, que marcava a mentalidade das esquerdas nos anos sessenta, teria contribuído para a definição dos campos da produção teórica e crítica, também, como zonas de disputas de gênero, de modo a provocar a sub-representação das mulheres em todas as áreas.

Como se pode ver, por mais que a interpretação da trilogia de *A Batalha do Chile* à luz da questão de gênero transcenda o escopo da presente pesquisa, ela não pode se furtar às seguintes constatações, mesmo que breves. Quando lida pela chave do gênero, *A Insurreição da Burguesia* levaria

³⁸² Ibidem, p. 136.

³⁸³ TEDESCO, M. *Nuevo Cine Latinoamericano: uma análise do cânone a partir do gênero*. Belo Horizonte: Aletria, 2019, 24 págs. Disponível em < <https://doi.org/10.35699/2317-2096..23945> >.

a identificar que, antes de tudo, as mulheres estão presentes como a encarnação das forças reacionárias ou conservadoras que antagonizam com o governo Allende, sendo elas, respectivamente, a senhora de óculos escuros que esbraveja contra os “*marxistas podridos*” e a dona de casa eleitora de Jarpa que tem o seu apartamento vizinho à praça Baquedano perscrutado pelas lentes de Müller. Em um segundo momento, como já foi visto, elas são as mães de família atendidas pelas *Juntas de Abastecimiento y Precios* com as suas carteiras de racionamento em mãos.

Em *O golpe de Estado*, elas *não aparecem*, isto é, as mulheres se resumem à condição conspiratória localizada por volta de uma hora e doze minutos do filme, momento em que o argumento registra a orquestração do achincalhamento do Gal Prats em paralelo com a ruptura da oposição legislativa em 22 de agosto de 1973. Conforme foi analisado, naquele momento a voz over declarou que

Um grupo de mulheres se reúne na frente da casa do comando em chefe do Exército, Gal Carlos Prats, chefe natural dos militares que representam o sistema democrático. A manifestação, da qual participa as esposas de 6 generais, é para assinalar a Prats que ele não tem mais o apoio da cúpula militar. No dia seguinte, uma junta de militares nega respaldo e Prats resolve apresentar a sua renúncia. Também renunciam Pickery e Sepúlveda, os principais mandos leais. Augusto Pinochet, que aparece como militar profissional e defensor da Constituição, se converte em novo comandante-em-chefe.

Apresentadas como *eminências pardas* ou, quando muito, amparadas pelos homens e seus movimentos sociais, a presença das mulheres ao longo da trilogia indica a necessidade de se dialogar com as contribuições de Tedesco, tendo em vista a revisão de suas imagens canônicas a partir do gênero. Em suma, posto que a aferição das questões diegéticas e extra fílmicas realizadas pelo prisma dos regimes ideológicos têm sido uma constante na historiografia de Guzmán, as questões por ora sugeridas indicam como a problematização das questões de gênero são fundamentais para o seu escalonamento a partir dos desafios do contemporâneo.

A título de conclusão, como já foi dito, tendo em vista que o pano de fundo histórico do governo Allende tem sido cotejado de maneira consistente até o presente momento, pretende-se, então, dar destaque a outras

objetivações d'O *poder popular* ao conjunto da trilogia fílmica naquele final dos anos setenta, a saber, qual a dimensão assumida por Salvador Allende, como são interpretadas as forças reacionárias, inclusive a Democracia Cristã e, sobretudo, que experiências de classe são postas em cena pelo filme.

As páginas seguintes, então, cotejam as colaborações de Borges e Cury já desenvolvidas até o momento com as pesquisas de Peter Winn e Franck Gaudichad. O primeiro foi o autor de *Tecelões da Revolução – Os trabalhadores da Yarur e o caminho*

chileno para o socialismo (1986) e *A Revolução Chilena* (2010), dentre outros livros nos quais, também, analisa as tensões entre o que chama a *revolução vinda de baixo* e a *vinda de cima*, sendo elas as divergências entre os setores sociais mais desfavorecidos - habitantes das *campallas y poblaciones* e impulsionada pelos setores mais radicais à esquerda – e os defensores da via institucional.³⁸⁴



Imagem 57 – Os quatro minutos iniciais de *O poder popular...*



Imagem 58 - ... são de uma parada cívica de Allende...



Imagem 59 - ... cuja demiúrgia desaparece nesta terceira parte

³⁸⁴ WINN, P. *A revolução chilena*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009, p.41.

Por seu turno, Gaudichad é o autor de *Chile, mil dias que estremeceram o mundo - O Governo Allende por baixo 1970-1973* (2013), uma obra que tem sido repercutida em seus artigos, nos quais analisa as discordâncias de tempos entre as lutas sociais e a dimensão institucional do governo Allende, assim como o nascimento dos *cordones industriales* e suas dinâmicas coletivas. Encerrada a análise fílmica de *O poder popular*, tem-se um fechamento a respeito dessa primeira trilogia fílmica a fim de alcançar os anos noventa.

AS RESPOSTAS DE OUTUBRO DO PODER POPULAR

Como foi dito, a flauta andina dá a nota emocional ao filme e abre espaço para um desfile cívico de Salvador Allende em carro aberto. A cena é acompanhada pelo esforço explicativo da *voz over* que silencia Allende para apresentar as conquistas e os desafios de seu governo

Santiago de Chile, 1972. Em apenas 18 meses o governo socialista de Salvador Allende conseguiu cumprir com uma parte importante de seu programa de transformação social. No transcurso de um ano e meio, ele nacionalizou as grandes minas de cobre, ferro, nitrato, carvão e cimento. Nesse período, o Estado consegue controlar a maioria das empresas monopolistas do país. Além disso, conseguiu desapropriar 6 milhões de hectares de terras inativas/ improdutivas e estatizou quase todos os bancos nacionais e estrangeiros. De sua parte, durante esses 18 meses, o governo norte-americano e a oposição interna obstaculizaram seriamente a gestão do governo. Apesar disso, Salvador Allende tem mantido o apoio de amplas camadas da população.

Essa é a décima primeira e última aparição de Allende na trilogia, sendo, também, a mais longa com quase quatro minutos. Contudo, apesar de sua duração extensiva, aqui Allende - calado, mas em evidência, de corpo aberto, perfilado na retidão da cerimônia pública - é posto como uma cifra de uma situação suspensa no transcurso histórico.

Destituído de sua demiúrgia, a atualização do governo Allende no filme de 1979 pode ser lida como um *interregno* no sentido gramsciano, isto é, um momento extraordinário em que

o quadro jurídico existente de uma ordem social perde a sua aderência e já não pode se impor, enquanto um novo quadro, feito à medida das forças recém-emergidas que geram as condições responsáveis por tornar o antigo quadro inútil, ainda

está na fase concepção, ainda não foi completamente montado ou não é suficientemente forte para ser colocado em seu lugar.³⁸⁵

Detectada como crise, a revelação da *via chilena* como um *caminho aberto, mas incompleto*, dá ensejo à rerepresentação dos eventos decorrentes da paralisação patronal de outubro de 1972, a começar por uma das variedades dos “*sintomas mórbidos*” que surgem em tempos de crise. A assembleia dos empresários do setor de transportes evoca o corporativismo e chama a uma ação unitária

“*como um só homem contando com o apoio de [suas] mulheres*”, tendo em vista “*uma paralisação geral por tempo indeterminado até as últimas consequências*”.

A paralisação patronal, um tema que já havia sido explorado no

terço final de *A Insurreição da Burguesia* e no segundo quarto de *O golpe de Estado*, é aqui retomado com as imagens dos veículos parados, sendo pontuadas com trechos de uma entrevista com o presidente da *Sociedad de Fomento Fabril*, a SOFOFA ou SFF. Frente à câmera, o presidente é um dos três empresários perfilados dentro dos primeiros quinze minutos e se apresenta afirmando que



Imagem 60 – Assembleia das elites patronais aos 8min de *O golpe...*

a indústria chilena está agrupada em torno de uma instituição chamada SFF, da qual eu sou presidente. Ela é a mais antiga do gênero na América Latina e foi fundada em 1883, até hoje teve 19 presidentes e sou o número vinte (...) nós pedimos aos industriais que aderissem ao movimento e eles assim o fizeram como pessoas. Ocorre que, em muitas partes, houve paralisação industrial porque ademais houve adesão de outros setores trabalhadores como profissionais liberais, engenheiros, bancários, profissionais da saúde, advogados, engenheiros... E, claro, comerciantes, pequenos e médios industriais... Enfim, foi um movimento que abarcou setores amplos.

³⁸⁵ Consultou-se um artigo de Bauman (2009) a respeito da categoria gramsciana, disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/inedito-o-triplo-desafio/>>. Acessado em 08/08/2020.

Se se levar em conta as considerações de Commoli acerca da *mise-en-scène* no documentário, seria possível afirmar que essa entrevista tem um grau de ineditismo dentro do conjunto da trilogia fílmica, pois ela determina a abertura de uma *escuta ao inimigo* por parte da equipe de filmagem *Tercer Año*. Explicando isso melhor, quando “rebobinamos as fitas”, passam-se em retrospectiva a disposição do microfone à irada senhora de óculos escuros,

a conversa acanhada com a dona de casa eleitora de Jarpa (Partido Nacional); as réplicas de Victor Garzena, deputado do Partido Nacional, no debate televisivo; a conversa de Fernando Castillo, reitor da Universidade Católica filiado à Democracia Cristã e; enfim, a transmissão televisiva oficial da Junta Militar que encerra a segunda parte, *O golpe de Estado*.

Porém, como se pode notar, apesar de todas essas personagens encarnarem as forças reacionárias e instituírem um devir na trama fílmica, até o presente momento, os depoimentos dos *inimigos da revolução* e, portanto, *antagonistas* do compromisso político do filme, ou foram capturados através das forças contingenciais (as mulheres já citadas) ou são imagens dotadas de uma segunda natureza, isto é, registros que foram possíveis a partir de outros dispositivos de filmagem.

Retomando Commoli. A posta em cena do empresário diante da câmera, que o apresenta através de um leve *zoom in*, demonstra as possibilidades de



Imagem 61 – O presidente da *Sociedad de Fomento Fabril* aos 11min40seg de *O golpe...*



Imagem 62 – As elites econômicas configuram o último “inimigo” a ser filmado pela trilogia após os partidários da direita e a caserna

preparação de uma relação vivida pela equipe junto do empresário para o filme e, portanto, leva a questionar qual teria sido o pacto celebrado que garantiu essa experiência compartilhada. Isto é, ao afirmar que “*a questão das alianças (qual amigo? Qual inimigo?) é uma questão diretamente política, que vai além dos temas ideológicos, afetivos e morais*”³⁸⁶, Commoli conclui que

O partis pris do cineasta –filmar o inimigo, não importa o quanto lhe custe, para combatê-la, conhecendo-a melhor – se vê confrontado com outra lógica, política, a qual pressuporia o interesse de uma aliança com aqueles mesmos atores que se deve combater, o “diabo” de ontem se metamorfoseando diante dos nossos olhos em potência política digna desse nome.³⁸⁷

Compartilhando desse entendimento, é de se perguntar, então, se a equipe *Tercer Año* teria firmado com o empresário aquele mesmo pacto feito com a moradora eleitora de Jarpa que acreditou ser uma equipe do Canal 13, uma emissora conservadora chilena. Questões como essa, também, ajudaria a compreender melhor se esses *pactos farsescos* seriam celebrados pela equipe somente junto de civis, e não com agentes castrenses, haja vista as personagens listadas anteriormente.

Apresentado pela locução como um “*representante dos interesses do grande capital nacional e estrangeiro*”, o depoimento do presidente da SFF é altercado com uma seção de enquetes, isto é, de breves perguntas e respostas junto de trabalhadores de diferentes setores produtivos que declaram

OPERÁRIO 1 – ... bem, quando soubemos que os transportadores estavam em greve pensamos que era uma manobra. Então, de imediato nos reunimos e tomamos as precauções necessárias para proteger a nossa empresa que é nacionalizada.

OPERÁRIO 2 – ... seguimos trabalhando todos os dias, como de costume.... Atrasados, mas chegamos... com caminhões, micros particulares, de alguma maneira viemos para a indústria.

OPERÁRIO 3 – ... bem, nós trabalhamos... damos todo apoio ao trabalho... Vínhamos de microônibus ou como podíamos... a pé... de qualquer coisa, o importante era chegar aqui.

OPERÁRIO 4 - ... um companheiro que trabalhava aqui e emprestou o caminhão, foi assim que viemos... não, a fábrica não parou nunca.

³⁸⁶ Ibidem, p. 152.

³⁸⁷ COMMOLI, J. *Ver e poder – a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

OPERÁRIO 5 – ... Sempre decidimos trabalhar para cooperar com o governo. Fizemos toda a nossa parte para apoiar o governo.

OPERÁRIO 6 – ... Claro, justamente... nunca faltamos por causa das paralisações... Sempre estamos aqui, firmes como madeiras...

OPERÁRIO 7 – ... é uma paralisação sediciosa... nós reagimos como sempre: trabalhando, normalmente.

OPERÁRIA 8 – ... inclusive vieram mulheres jovens, algumas com seus bebês nos braços e outras grávidas.

Note-se como as enquetes são compostas de maneira a sugerir a homogeneidade do *poder popular*, ou melhor, um sentido de unidade entre as classes trabalhadoras quando, na realidade, os movimentos sociais estavam envolvidos em contradições e rivalidades internas. É interessante reconhecer que essa primeira seção de enquetes tende a construir uma expressão da militância operária alinhada à “*batalha da produção*”³⁸⁸, aquela alinhada ao sentido da ordem pública allendista e sua via gradualista.

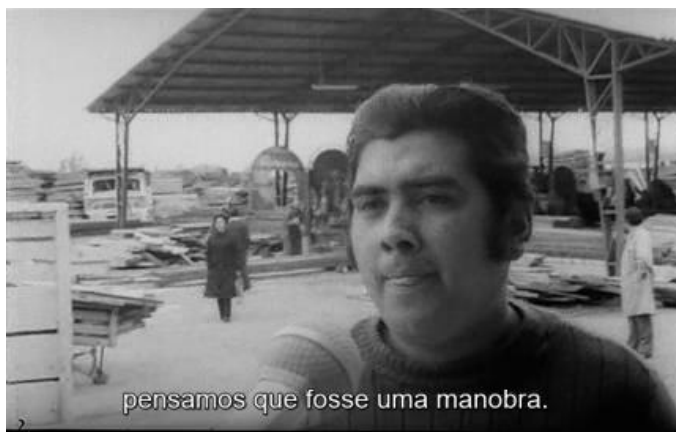


Imagem 63 – Trabalhadores engajados na “*batalha da produção*” aos 13min15seg de *O poder...*



Imagem 64 – O filme contém 78 enquetes que revelam os trunfos políticos e as contradições do poder popular

³⁸⁸ Cf. Parte 02 - A emergência das imagens hostis - Atmosfera de Guerra.

Conforme destacou Gaudichad, essa consigna lançada na conferência da CUT realizada em fevereiro de 1971 redigiu normas de participação para a integração orgânica da Central ao “aparato de Estado” allendista. A prioridade era a nacionalização dos



Imagem 65 – “Entrevistando o inimigo”. Acima, o presidente da confederação dos profissionais autônomos aos 15min30seg de *O poder...* Os autônomos compunham um expressivo setor social naquele momento

setores estratégicos em conjunto com o aumento da produção para atender à política de aumentos salariais e o incremento do poder aquisitivo dos setores mais pobres. Em resumo, os agentes da “*batalha da produção*” privilegiavam a conciliação em detrimento das lutas de reivindicação econômica e social.³⁸⁹

O espírito dialético que animou a montagem das duas primeiras partes segue vivo altercando o conjunto dos operários a uma entrevista face a face com o presidente da *Confederación Única de los Autónomos Profesionales de Chile*, aquele que poderia ser lido como um *segundo inimigo* a ser entrevistado, e o quarto empresário presente na abertura do filme. De olho na objetiva, o sindicalista declara

Atualmente, eu sou o presidente da Confederação Única dos Autônomos Profissionais de Chile que agrupa cerca de 50 mil profissionais, trabalhadores com qualificação profissional que prestam serviços a distintas indústrias ou repartições do país (...) nós temos uma grande organização de base disciplinada, consciente e responsável como mostrou a paralisação de outubro (...) tampouco creio no mito de que o operário por ser operário pode tudo.

Ambas as entrevistas são inéditas no conjunto da trilogia e juntas demonstram o jogo pesado existente entre as centrais sindicais na condução das relações entre o capital e o trabalho junto de setores compostos, em grande medida, por trabalhadores independentes. Aqueles que, como já foi analisado no *segundo ato* de *A Insurreição da Burguesia*, seriam dotados de

³⁸⁹ GAUDICHAD, F. *Construyendo “poder popular”: el movimiento sindical, la CUT y las luchas obreras em el período da la UP*. IN: VALLEJOS, J. (org), op. Cit., p. 87.

uma consciência social e política que “os levavam a crer que constituíram uma posição por si mesmos” e encaravam o projeto político allendista como uma ameaça real às suas expectativas e estilo de vida e, portanto, seria necessário “*não confundir consciência com paciência*”.³⁹⁰

A respeito do movimento sindical chileno, vale lembrar que, desde a sua criação em 1957, a CUT foi importante para a aglutinação das classes trabalhadoras chilenas e para a consolidação de uma unidade sindical. E, desde 1961 até o golpe militar, ela perdeu a sua autonomia diante da hegemonia do Partido Comunista, que a tornou uma grande “*correia de transmissão*”³⁹¹ entre os partidos até que perder dinâmica em decorrência das divergências no governo Allende.

Gaudichad retorna ao governo Frei (1964-1970) para compreender melhor essas dinâmicas institucionais. De acordo com o pesquisador, naquele momento, houve uma forte reestruturação do movimento sindical com o aumento significativo das representações institucionais chegando a configurar um aumento de 125% do número de afiliados aos sindicatos.

Porém, seria fundamental levar em conta que, em meados de 1968, os sindicatos tinham em média 155 membros, sendo que 63% deles tinha menos de 100 componentes. Isto é, o avanço no processo de sindicalização dos trabalhadores, também, foi acompanhando pela atomização da configuração institucional. Assim, Salvador Allende e a UP teriam conquistado a vitória eleitoral em 1970 tendo em mãos uma legislação trabalhista datada de 1931 para lidar com três tipos de organizações sindicais: a dos *obreros*, isto é, dos trabalhadores industriais; a dos *empleados*, profissionais autônomos e a dos trabalhadores rurais. Em suas palavras, o quadro geral do Chile naquele momento seria o seguinte

A CUT reunia oficialmente algo em torno de 700mil trabalhadores. Dentre eles, 47% pertencia à classe trabalhadora mineira e industrial, 40% são empregados e 23% camponeses, trabalhadores rurais. A grande diferença entre o setor privado, 2.566.000 assalariados no começo de 1972 e o setor público 294.976 assalariados se manteve em todo o período. Porém, teria havido uma aceleração da sindicalização

³⁹⁰ Cf. *Parte 01 – não se pode confundir consciência com paciência* .

³⁹¹ GAUDICHAD, F. Op. Cit., p. 83.

do setor privado no Governo UP, sendo que os trabalhadores industriais sempre foram os mais organizados.³⁹²

Em linhas gerais, deduz-se que a estrutura do movimento sindical chileno era capaz de conseguir a adesão de um universo que atingia cerca de 50% da massa trabalhadora que compunham estabelecimentos com até 10 operários, isto é, as pequenas e médias empresas, além daquelas ligadas aos setores têxtil, de construção e de alimentação.

Esse “*déficit de representatividade*” junto dos trabalhadores que compunham as cerca de 35 mil pequenas e médias empresas do país seria sobredeterminado pela distância entre as suas lideranças ideológicas e os problemas reais da vida diária dos trabalhadores. Somadas essas condições, as experiências cotidianas das classes trabalhadoras tinham as suas zonas de suscetibilidade aos ideais de resistência ao governo, tal como será visto a seguir.

Como se pode ver, a realização das entrevistas com os empresários e seus manejos na introdução de *O poder popular* revelam outros semblantes da “*insurreição da burguesia*”, além de encarnar, em setores civis, a orquestração do “*golpe de Estado*” naquele ano de 1979. Como afirma Commoli, daí as ambivalências de se “*filmar o inimigo*”, pois aquelas filmagens de 1973 aqui, antes de tudo, conquistam visibilidade e atualidade; mas, sobretudo, para serem combatidas pelo *poder popular*.

A DEMOCRACIA CRISTÃ EM MEIO AO PODER POPULAR

Retomando o filme. Uma nova seção de enquetes com operários de diferentes setores produtivos sugere um ar de conformidade em relação ao comando dos meios de produção, agudizando uma perspectiva da luta de classes

OPERÁRIO 9 – ... Bem, aqui os engenheiros se foram junto com os executivos da empresa. Eles abandonaram a empresa que ficou nas mãos dos companheiros dirigentes. Então, nos organizamos imediatamente e, com eles, assumimos esta responsabilidade.

OPERÁRIO 10 – ... Estamos bem, já que nossos patrões nos abandonaram e nós seguimos adiante.

³⁹² Ibidem, p. 85.

OPERÁRIO 11 – ... Eles se retiraram e nos deixaram a fábrica. E seguimos aqui trabalhando normalmente. Não, nenhum problema... Até o momento nenhum problema...

OPERÁRIO 12 – ... Acho que eles agiram mal porque não nos avisaram de nada. Mas, apesar de tudo, nos encontramos mais satisfeitos, muito melhor... E oxalá fosse possível apertar as mãos do companheiro Allende.

OPERÁRIO 13 – ... Bem, estamos perfeitamente bem assim como estamos trabalhando agora...

OPERÁRIO 14 – ... Eu creio que estamos muito bem agora com essa nova forma de indústria... Agora, estamos trabalhando com mais empenho.

Uma sucessão de planos-sequência emula os ritmos das lidas industriais, a começar por uma *plongée* que elabora uma dimensão ótica das lutas políticas em jogo: garantir a gestão do trabalho através da conquista dos meios de produção. A voz *over*, assim, sugere a existência dos *Cordones Industriales*

Nas fábricas, os operários com mais experiência passam a dirigir as principais funções. Os poucos engenheiros que simpatizam com o governo atendem várias fábricas vizinhas. Assim, um engenheiro pode resolver os problemas de 4 ou 5 empresas de uma vez. Nesses primeiros momentos, a atividade industrial não parou .

O filme retoma a participação da Democracia Cristã no arranjo da desestabilização do governo Allende com as breves e únicas cenas do Parlamento chileno. Acompanhadas pela locução que informa haver “*parlamentares da DC entre os signatários*”, recuperam-se temas já apresentados no último quarto de *O golpe de Estado*, tal como a instrumentalização da legalidade a fim de tornar inconstitucionais as medidas do Executivo e aumentar a legitimidade do governo junto à caserna e à população.

Não seria demais reiterar que todos os três filmes se dedicaram à análise da evolução política da Democracia Cristã e de seus partidários

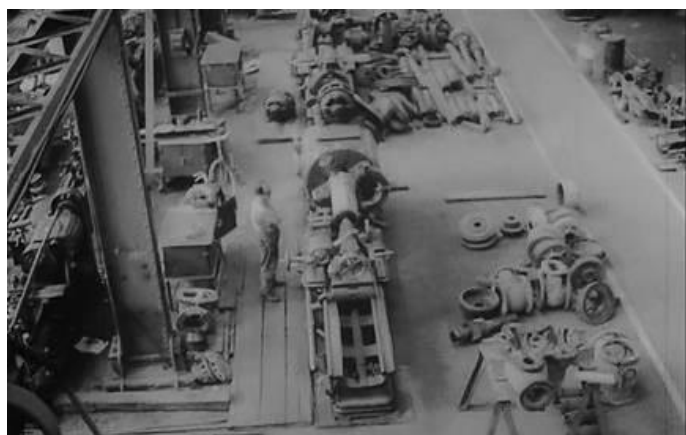


Imagem 66 – Uma *plongée* expressando a “batalha pela produção” aos 17min15seg de *O poder*...

no processo histórico do governo Allende. Aliás, não seria demais enfatizar que esse assunto já estava em pauta nas produções da *Chile Films* desde o início de suas “*atividades revolucionárias*”: já em *Voto+fusil*, de 1971, os personagens de elite de Helvio Soto já se questionavam, entre quatro paredes, se “*alguém tinha dúvidas de que seria preferível trinta anos de Democracia Cristã a trinta segundo de um governo marxista*”.³⁹³

A participação da Democracia Cristã tem sido um dos temas prestigiados ao longo desta tese. Desde a alçada de Eduardo Frei como presidente do Senado, que selou a aliança com o Partido Nacional ao final do que se considera a introdução de *A Insurreição da Burguesia* até a pressão da Igreja Católica para que o partido se reunisse com Allende em fins de julho de 1973, a presente pesquisa

destacou como a Democracia Cristã atuou para blindar o Legislativo das forças governistas, apoiou as mobilizações patronais, além de ter articulado greves de operários que reivindicavam aumentos salariais e pressionavam o governo.



Imagem 67 – A presença de mulheres nas enquetes revela a adesão de trabalhadores à Democracia Cristã aos 19min20seg: o apoio à greve comprometia a “*batalha pela produção*” em apoio ao governo

É preciso enfatizar que esse não é um tema de somenos, pois, como declarou o jornalista Jorge Montealegre à Scherbovsky, “*o problema da memória com a política de Allende e, portanto, com o filme A Batalha do Chile*” seria mesmo a Democracia Cristã. E *O poder popular* corrobora essa perspectiva ao revelar as diferentes visões que existiam dentro das classes trabalhadoras a respeito desse partido. Ora visto como traidores, ora como paternalistas, ocorria, também, de seus partidários serem considerados antes como trabalhadores que colaboram com a manutenção do sustento em detrimento de seus posicionamentos ideológicos

³⁹³ Cf. *Cap. 01 - As expressões do cinema da UP*. Até o momento, já existem 34 referências à expressão Democracia Cristã.

OPERÁRIO 15 – Veja, eu realmente acho que a Democracia Cristã nesse momento está dando um suporte aos *momios*... eu mesmo já fui partidário, mas hoje considero que estão traindo a pátria ao apoiar esta gente.

OPERÁRIO 16 – foi a burguesia quem manteve na ignorância todos os trabalhadores... Isto está claro. Por que muitos trabalhadores não têm nem ideia do que é política e se dizem apolíticos? Não sabem que tudo é política e que os trabalhadores têm que se organizar para se unir?! Estão se unindo baseados no que? As organizações têm funcionado justamente com base nos partidos políticos. E os partidos que estão com a UP são aqueles que sempre estiveram com os trabalhadores. Os partidos que estão contra os trabalhadores, como a Democracia Cristã, criaram esse paternalismo para usar os trabalhadores.

OPERÁRIA (DE COSTAS) 17 – *[Existem trabalhadores democratas-cristãos?]* Sim, existe de tudo... *[Eles criam problemas?]* Não. *[Eles também trabalham?]* Todos somos unidos, não existe nenhum tipo de problema...

OPERÁRIA 18 – *[Existem trabalhadores democratas-cristãos?]* Sim, sim.. também trabalham...

A partir de então, as seções de enquetes com os trabalhadores passam a ser montadas de maneira a relativizar a ideia de “*uma vanguarda proletária*”, pois seus arranjos revelam a pluralidade ideológica e as contradições internas presentes entre as experiências das classes trabalhadoras. Tal como indica, logo a seguir, a locução, ao afirmar que, mesmo que a greve seja organizada pela Democracia Cristã, alguns de seus partidários encaparam a “*batalha da produção*”

OPERÁRIO 19 – *[Guzmán pergunta “você não está com a UP. Com quem está?”]* Eu estou com os trabalhadores... *[Guzmán pergunta “e os trabalhadores com que estão?”]* Com a UP.

OPERÁRIO 20 – *[Guzmán pergunta “e vocês trabalharam durante a greve?”]* Claro. Porque temos consciência de trabalhador... *[Guzmán pergunta “e você veio trabalhar durante a greve? E está com a UP?”]* Sim, estou com os trabalhadores.

OPERÁRIO 21 – Porque os *momios* nunca respeitaram o governo atual... é o povo quem respeita o governo e acata todas as ordens do governo. Mas os senhores... como se chama... os senhores do dinheiro, os que estão perdendo juros, são eles que estão tocando o pito porque hoje o povo pode comprar, pode comer... E eles agora querem esconder as coisas que o povo pode consumir. E este caos que eles provocaram é para que o povo fique contra o governo.

Como já foi afirmado, ao se imiscuir no corpo a corpo das classes trabalhadoras e se abrir à escuta sensível de suas alteridades, esse filme,

finalizado em 1979, destinar-se-ia ao encontro de uma historiografia então emergente, comprometida com um balanço do que teria sido a experiência da “*via chilena ao socialismo*”. Em outras palavras, se a finalização intensiva de ambas as primeiras partes teria sido animada pela “*vontade de denúncia*” do golpe de Estado, aqui se lança a hipótese de o filme de 1979 ter sido animado pelo desejo de um revisionismo historiográfico, isto é, pela possibilidade de trazer à tona novos depoimentos, novas imagens e perspectivas antes subalternizados, e fazer avançar as perspectivas históricas já consagradas sob novas perspectivas.

Assim, a chamada “*problemática da ação popular*”³⁹⁴ teria aqui, em *O poder popular*, uma fonte de estudo privilegiada para se compreender “*as expressões da identidade de classe, as representações sociais constituídas pelos grupos sociais antagônicos, assim como as possibilidades de uma identidade coletiva também através de elementos culturais*”.³⁹⁵ Isso porque o filme trata de rever os acontecimentos já analisados a partir da ótica de diversos movimentos populares.

Retomando o filme, as imagens de filas de pessoas e de carros dirigem às respostas populares, aos *acampamientos* praticados pelos setores oposicionistas durante a greve patronal de outubro de 1972. Os açambarcamentos acentuaram a escassez de bens de primeira necessidade, e catalisaram a formação das *Juntas de Vecinos*, das JAP’s e dos *Comandos comunales* para localizar os armazéns clandestinos e garantir a distribuição segura dos produtos essenciais. Uma seção de enquetes com trabalhadores industriais a respeito do tema é manejada, tendo a produtividade como uma solução à crise

OPERÁRIO 22 – Bem, acho que estamos vivendo um momento muito crítico do país, mas creio que com a unidade de todos os trabalhadores, vamos sair desta de qualquer jeito.

OPERÁRIO 23 – [Guzmán pergunta “*companheiro, o que você acha da crise atual?*”] Bem, acho que vamos bastante grave...

Bem, é preciso pôr fim à crise e retomar o crescimento do país.

OPERÁRIO 24 – Estamos mal, companheiro... Precisamos trabalhar e produzir mais.

OPERÁRIO 25 – Na verdade, o problema é que vai indo muito mal a situação...

³⁹⁴ CURY, M. Op. Cit., p. 19.

³⁹⁵ Ibidem, p. 23.

OPERÁRIO 26 – A crise? É preciso colocá-la de lado e seguir adiante... Trabalhando mais, produzindo mais e ajudando o companheiro presidente.

OPERÁRIO 27 – Não devemos atender às provocações dos *momios* porque querem única e exclusivamente sufocar-nos, asfixiar-nos aproveitando que os norte-americanos querem pisotear a nossa dignidade de chilenos. Eles também se embarcam e nós não podemos aceitar como chilenos, como trabalhadores, como homens maduros no nosso labor de atuar conforme eles querem. Não, nem agora, nem nunca, muito pelo contrário! Sempre vamos lutar por um Chile livre econômica e politicamente.

Para reforçar o caráter socializante das iniciativas do *poder popular*, as cenas dos trabalhadores da indústria têxtil Sumar (que, juntos com os da fábrica Yarur, eram protagonistas dos *cordones industriales*³⁹⁶) vendendo diretamente seus produtos dentre os *pobladores* e as tomadas de lojas por partidários do governo são justapostas às imagens de explosões de linhas ferroviárias como uma forma de marcar um ponto de tensão na narrativa fílmica.



Imagem 68 – A mobilização do poder popular para vincular produção e abastecimento através da venda direta para as comunidades aos 24min30seg de *O poder...*

A reportagem televisiva dos ataques reacionários serve de contraponto à formação dos comitês de vigilância desenvolvidos no seio dos *cordones industriales*. A batalha da produção passava, também, pela garantia da segurança e da ordem

OPERÁRIO 29 – organizamos comitês para vigiar as fábricas dia e noite, dois comitês... os comitês vigiam a indústria para que ninguém venha tomá-la.

OPERÁRIA 30 – aqui, companheiro, temos um comitê de vigilância para resguardar sábado, domingo e todos feriados a indústria. Em nenhum momento ela fica sozinha.

OPERÁRIO 31 – queremos fazer quatro torres, uma em cada costado da companhia para ter mais vigilância da empresa hoje em dia.

³⁹⁶ Ibidem, p. 135.

OPERÁRIO 32 – [*Guzmán solicita “me conte a história desse caminhão”*] Bem, os companheiros se reuniram em uma Assembleia de trabalhadores e acordaram cooperar com o governo e a melhor maneira de enfrentar e quebrar o movimento dos transportadores seria trabalhando. E fabricando caminhões-tanque para o transporte de combustíveis em um processo acelerado de trabalho e pelo qual levamos somente uma semana para entregar ao governo dez tanques como este que vocês estão vendo.

Na sequência da enquete, a voz *over* atualiza os temas presentes no primeiro quarto de *O golpe de Estado* e afirma que a “a capacidade de organização dos trabalhadores” teria “superado todas as expectativas”. A explicação sobre o que foram os *cordões industriais* e seus êxitos é altercada com sequências de conflitos civis causados por “*bandos fascistas*”³⁹⁷, de acordo com a transmissão televisiva. A vitória das forças populares foi arrematada pelo casal de âncoras ao som leve daquela flauta andina

APRESENTADORA: A eficiente atuação dos carabineiros e a mobilização multitudinária de trabalhadores que saíram para as ruas para dar apoio ao governo constitucional fizeram fracassar os intentos fascistas de provocar hoje uma manifestação sangrenta em Santiago.

APRESENTADOR: Os grupos fascistas se dedicaram a promover uma guerrilha contra estudantes e trabalhadores que foram às ruas prestar respaldo ao governo. Houve quebra-quebra de lojas comerciais, o saqueio da Corporação de Urbanismo e trocas de tiros. A presença dos trabalhadores significou a debandada dos grupos fascistas que tentavam criar um clima de desordem na cidade. Os operários da construção e os trabalhadores das indústrias sociais/ nacionalizadas desfilavam pelas ruas para inibir os grupos fascistas.

O PODER POPULAR ENTRE AS ARMAS

23 de outubro. Chega-se ao fim da greve patronal com Allende conseguindo uma solução negociada com a Democracia Cristã: a composição de um gabinete cívico-militar encabeçado pelo Gal. Prats, um legalista de quem se esperava que agisse como uma espécie de Primeiro-ministro na condução dos assuntos entre o Executivo revolucionário e o Legislativo situacionista. A pergunta de Guzmán “o que você acha da presença de militares no governo?”

³⁹⁷ O termo “fascista” é utilizado 06 vezes em *A Insurreição da Burguesia*, 13 vezes em *O golpe de Estado* e 07 vezes em *O poder popular*.

põe em cena uma seção de enquetes com um dos temas mais polêmicos do período, o papel social dos militares no processo revolucionário.

A respeito desse tema, seria importante frisar algumas leituras já referendadas até o presente momento. A começar pela visão fatalista de Altamirano, o dirigente socialista que, em sua *Dialética de uma derrota*, conclui que a o “*caminho escolhido – político-institucional*” estaria *historicamente fadado “ao colapso do processo revolucionário”*.³⁹⁸ A sua tese é a de que o programa político da *Unidad Popular* não tinha um projeto político para as Forças Armadas, e que somente “*uma linha estratégica armada*” teria trazido alguma forma de êxito ao governo.

Bitar considera que, em última instância, a viabilidade do projeto de governo de Allende dependida da atitude das Forças Armadas. De suas análises socioeconômicas, ele conclui que teria sido “*foi a derrota política da Unidad Popular que abriu as portas para a derrota militar*”³⁹⁹, uma vez que não existiriam, entre os militares, tendências significativas favoráveis a um processo socialista.

Já o assistente pessoal de Allende, Joan Garcés, defende que havia um projeto político allendista, sendo ele baseado na manutenção de sua constitucionalidade e na sua subordinação ao comando civil. Entretanto, a



Imagem 69 – Quando questionados sobre o papel dos militares...



Imagem 70 – ... os trabalhadores revelam o anseio pelas ideias de ordem e estabilidade aos 31min de *O poder...*

³⁹⁸ ALTAMIRANO, C. Op. Cit., p. 147.

³⁹⁹ BITAR, S. Op. Cit., p. 269-270.

soberania popular e constitucional chilena teria sido subjugada pela lógica belicista da Guerra Fria e pelos ânimos rivalistas da oposição. Em suas palavras, essa *“tática político-institucional”*, que Garcés considera ter sido hegemônica no concerto político da UP, teria sido possível *“só e na medida em que a práxis tradicional do Exército continuou sendo dominante no interior deste, resistindo à pressão sem trégua proveniente dos Estados Unidos e da direita local”*.⁴⁰⁰

Os depoimentos das pessoas envolvidas no *poder popular* demonstram uma realidade diversa oscilando entre a aderência à feição constitucionalista das Forças Armadas e a recusa dos militares como agentes democráticos

OPERÁRIO 33 – Estou de acordo com a presença deles no gabinete. Porque é a única maneira de lidar com os *momios*, eles querem mão de ferro.

OPERÁRIO 34 – demoraram muito para colocá-los lá. Deveriam ter feito isso desde o começo. [Guzmán pergunta *“para quê?”*] Para solucionar todos os problemas que estão ocorrendo.

OPERÁRIO 35 – Estou de acordo com a presença dos militares, inclusive deveria haver mais militares nos ministérios. [Guzmán pergunta *“você acha que eles estão com o povo?”*] Sim, todos eles estão com o povo hoje em dia. [Guzmán pergunta *“como você sabe disso?”*] Sabemos porque as forças reacionárias não conseguiram a adesão dos militares-carabineiros. Então, temos certeza que os militares estão com o povo. Sabemos com a declaração de ontem do Gal Prats que eles deram garantia para nós.

OPERÁRIO 36 – eu nunca gostei da presença de militares no governo. [Guzmán pergunta *“por quê?”*] Pela simples razão de que o sistema democrático é alheio, não combina com os militares. [Guzmán pergunta *“e por que Allende teria recorrido aos militares?”*] Eu imagino que o momento era demasiado grave, então era necessário, por um momento circunstancial, nada mais... Para garantir sua autoridade, para manter a ordem. Mas que não seja permanente, que seja por pouco tempo.

OPERÁRIO 37 – Neste momento, eu creio que nem eu e nem ninguém pode dizer de forma bem clara se haverá enfrentamento ou não porque tudo depende, exclusivamente, das Forças Armadas. Se as Forças Armadas se mantiverem assim, leais ao povo, respeitando a ordem e a lei, não haverá enfrentamento. O governo tem dificuldades, mas seguirá...

Pode-se deduzir dos testemunhos a complexidade das percepções que os trabalhadores tinham das relações entre o governo Allende e a caserna:

⁴⁰⁰ GARCÉS, J. Op. Cit., p.227.

para uns, os militares seriam bem-vindos para garantir o processo de transição socialista; para outros, o general Prats representava o papel de fiador das funções técnicas e burocráticas que os militares teriam que cumprir dentro da lógica institucional allendista, enquanto, por fim, existiam aqueles que suspeitavam da atuação pública e política dos militares.

Como foi desenvolvido ao longo da tese, essas leituras refletem os diferentes matizes ideológicos existentes nas bases populares da *Unidad Popular*. E, além disso, poderiam, ainda, ser melhor esclarecidas quando se dialoga com o balanço que a pesquisadora Verónica Valdivia faz das atuações dos agentes militares naquele período. Com uma vasta obra dedicada ao estudo das direitas chilenas, a historiadora considera, em primeiro lugar, que o programa da *Unidad Popular* tinha, de fato, um projeto político para as Forças Armadas, e que esse não teria sido ingênuo em apostar na sua “*tradição constitucionalidade*”, como se costuma afirmar na historiografia sobre o tema.

Valdivia coloca o programa político do governo Allende em perspectiva histórica para detectar como ele atendia aos anseios de grande parte dos setores militares, tais como o desejo de participar das decisões sobre economia e soberania nacionais de que estavam alijados desde os anos 1930. Nesse sentido, o governo Allende teria tentado criar uma janela de oportunidades na onda nacional-desenvolvimentista que marcou não somente o Chile, mas toda a América Latina nos anos sessenta e setenta, para defender uma política militar baseada em dois eixos

A manutenção da subordinação militar ao mando civil, reiterando o seu caráter constitucionalista e a incorporação das Forças Armadas às tarefas de desenvolvimento nacional e ao processo de transformação econômica, social e política, sem romper o marco da subordinação, mas tratando de dar a ela uma fundamentação doutrinária relacionada com a modernização e o desenvolvimento.⁴⁰¹

Conforme essa estratégia, o governo Allende viria romper com um grande período de “*orfandade doutrinária*” que as Forças Armadas estariam vivendo, portanto, tratava-se de transformar o papel social dos agentes militares, tornando-os agentes responsáveis pelas transformações sociais e

⁴⁰¹ VALDIVIA, 180 ZARATE, Verónica. “*Todos juntos seremos la historia: Venceremos – Unidad Popular y Fuerzas Armadas*.” IN: VALLEJOS, J. (org). Op. Cit., p. 177-200.

econômicas realizadas sob o signo da soberania nacional ao mesmo tempo em que estariam submetidos ao novo arranjo institucional alavancado pelo governo.

A UP, então, teria sido o “*primeiro governo civil no século que teria dado respostas às demandas das Forças Armadas*”, tais como “*aumentos salariais, atualizações técnico-profissionais e sua inserção ativa no desenvolvimento econômico-social*” – vale dizer: o mesmo conjunto de reivindicações feitas pelo Tacnazo liderado por Viaux em 21 de outubro de 1969.

Daí, então, o aceno de alguns trabalhadores à participação dos militares como uma solução naquele último trimestre de 1972: a chamada *Doutrina Schneider*, defensora da participação da atuação técnica da caserna sob a égide da constitucionalidade, tinha expressões socioeconômicas concretas, posto que, em seus primeiros anos, dezoito meses, o governo Allende teria compartilhado a administração de diversos setores estratégicos com militares, tendo, em comum, o desenvolvimento nacional.⁴⁰²

Em suma, em decorrência de um histórico de participação efetiva nas transformações sociais e econômicas, os trabalhadores do *poder popular* teriam razões para apostar na continuidade da legalidade dos militares. As possibilidades de envolvimento de agentes das três Forças Armadas no processo de nacionalização de empresas, na garantia de distribuição de meio litro de leite por dia às crianças, na prestação de auxílio para o desenvolvimento de ferramentas e tecnologias seja para o mundo rural ou para os setores periféricos das zonas urbanas estão entre os fatores que permitem compreender a adesão de setores das bases sociais à caserna.

UM TRAVELLING SOBRE A COTIDIANIDADE DO PODER POPULAR

10 de novembro de 1972. O filme avança evocando a criação de um gabinete cívico-militar como solução, e o interpretando como “*um fracasso para os EUA e para a oposição interna*”. Afinal, se o objetivo da paralisação patronal

⁴⁰² Como foi visto ao longo da análise de *O golpe de Estado*, essa doutrina foi encarnada em Carlos Prats, líder do primeiro de cinco gabinetes cívicos-militares que surgiram como solução à “*convergência opositora*” articulada pela Democracia Cristã e Partido Nacional, ao final da paralisação de outubro de 1972. A partir de então, diz Valdivia, o arranque dos setores empresariais e financeiros em direção ao estrangulamento econômico do país contando com o aval das grandes mídias na criminalização do governo foram determinantes para que os setores golpistas se mobilizassem para combater o “*câncer marxista*”, tal como afirmou a Junta Militar em sua transmissão televisiva.

de 72 dias era derrubar o presidente Allende, ela, na realidade, teria “*servido de base para fortalecer o poder popular*”. Fortalecimento esse expresso pelo surgimento do Cordão Cerrillos que agrupou cerca de 250 empresas ao sul de Santiago. Uma rápida sucessão de *zoom in* sobre a planta de fábrica emula a chamada pública dos trabalhadores do Cordão – “*presente!*” - e deixa resquícios de um momento em que a câmera e a edição tinham mais protagonismo do que a perspectiva de análise política: na realidade, o breve plano pertencia ao curta-metragem *La respuesta de octubre* que teria sido um filme “*mais primitivo*”, de acordo com Guzmán. Em entrevista à Ricciarelli, ele recorda que se aproveitou das dinâmicas originais desse “*arquivo próprio*”⁴⁰³ para a montagem de *O golpe de Estado*.

Às *imagens demóticas* de multidões nas ruas são justapostos os registros da apresentação musical do grupo Quilapayún cantando *La Batea*, num gesto que promove uma “*ruptura*” de ordem visual e narrativa, ainda para dialogar com Ricciarelli. O recorte da canção composta por Toni Taño marca a transição para a segunda metade do filme e o faz dialogar com o universo da música de protesto da *Nueva Canción Chilena*

Ya perdieron la cordura, qué barbaridad
Sabotear la agricultura, qué fatalidad
Que chuecura las verduras
Los culpables son de Patria y Libertad.⁴⁰⁴

A letra ilumina os problemas cotidianos da sociedade a fim de identificar a verdadeira responsável pelas sabotagens da produção agrícola, o movimento reacionário *Patria y Libertad*. A jovialidade da apresentação musical ao som dos clamores públicos suspende, provisoriamente, o realismo das enquetes, e dá passagem a uma sequência que será reativada em outros filmes de Guzmán, a de um carroceiro que conduz o seu veículo em alta velocidade quase sem tocar os pés no chão.

⁴⁰³ RICCIARELLI, C. Op. Cit., p. 125.

⁴⁰⁴ O domínio virtual “Cancioneros.com” traz quatro versões para a canção, e reproduzimos a primeira ao fim do capítulo. De acordo com nossa pesquisa, a canção “La batea” prestou-se a muitas versões de protesto ao longo da história chilena. Disponível em: <<http://www.cancioneros.com/nc/788/2/la-batea-1-version-tony-tano-quilapayun>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

Ricciarelli considera que nenhum outro plano chega ao nível de seu “*apelo poético*”, já que nele “*a abstração está implícita no próprio plano sequência*”. Em resposta, Guzmán se lembra que

essa filmagem foi feita na mesma rua em que tínhamos filmado um desfile popular, mas a realizamos sem saber para que serviria; não havia nenhum sentido no momento de realizá-la. Em Santiago nós passávamos muitas vezes pela rua Bellavista perto do poente Pío Nono, onde havia uma espécie de mercado ao ar livre com frutas e verduras. Ali estavam os homens com suas carroças que baixavam pela Bellavista em alta velocidade. Um dia nós pegamos carona e seguimos uns 400 metros rua abaixo com ele... É um dos poucos planos urbanos da película.⁴⁰⁵

A referência à “escassez de planos urbanos” pode aqui ser entendida como sendo um dos assuntos que ganharia relevo na recepção crítica do filme, a de como ele expressa a cotidianidade de um processo revolucionário. Retornado às entrevistas compartilhadas por Scherbovsky com a presente pesquisa, a



Imagem 71 – O “carroceiro voador” aos 36min20seg de *O poder...* De certo ângulo, ela é uma sequência de longa duração na cinematografia de Guzmán

montagem do filme como um “grande mural histórico” dividiria opiniões, como se pode notar nas seguintes passagens. Para o jornalista Jorge Montealegre, militante da *Izquierda Cristiana*, a atividade política teria se consubstanciado na lida diária dos trabalhadores ao dizer que

Um dia durante a Unidad Popular era como viver uma semana de um momento de certa normalidade. Porque havia manifestações, porque havia marchas, porque havia muitas atividades militantes.⁴⁰⁶

A esse respeito, Sergio Navarro, cineasta e militante do MAPU diria o contrário, ou seja, ele identifica que uma das lacunas do filme *A Batalha do*

⁴⁰⁵ RICCIARELLI, C. OP. Cit., p. 128.

⁴⁰⁶ SCHERBOVSKY, OP. Cit., p. 156-158.

Chile estaria justamente na dificuldade de registrar as pessoas em seus “tempos mortos”, em seus momentos e espaços não estritamente políticos. Com efeito, o seu entendimento remete às distinções ideológicas existentes entre os intelectuais e os artistas do período da *Unidad Popular* já apresentadas no *Capítulo 01 – Guerra Fria, América Latina e Cinema*, e que culminavam em diferentes soluções estéticas. Em suas palavras, toda a trilogia

Mostraria um povo que participa do processo, que é incapaz de fazer outra coisa. E esta é uma posição política. Não se mostra a cotidianidade fora, tal como em um bar ou divertindo-se. Nas imagens do filme, parecem que todos estão tão tocados que não existe a possibilidade de fazer outra coisa, senão estar envolvido nos processos políticos. Diferentemente do cinema de Raúl Ruiz, onde se vê as pessoas indo a bares e se divertindo. Esta é uma posição política, é como uma outra face do que estava se passando.⁴⁰⁷

O debate revela a mudança da tomada de posição da equipe de filmagem em sua passagem de *El Primer Año* a vir a ser *El Tercer Año*, isto é, a transformação de um grupo de jovens preocupados em realizar um filme de propaganda do primeiro ano do governo Allende em uma equipe somada por jornalistas e intelectuais decidida a se posicionar diante dos acontecimentos de modo a decupá-los e a montá-los desde o momento das filmagens. Arnal leva em conta as intenções de Chris Marker na produção para denominar essa transformação de “*ensayo-testimonio*”⁴⁰⁸. Outro fator que corroboraria essa categorização seria o modo de realização das entrevistas pela *Equipo Tercer Año* como “*testemunhos a cargo de um juízo sobre um processo histórico*”, depoimentos esses manejados para “*reforçar o ponto de vista da equipe de produção*”.

As considerações de Guzmán em entrevista à Ricciarelli são indicativas dessas transformações. Retomando a conversa sobre o contexto da filmagem do “carroceiro voador”, ele diz que, “*na realidade*”, a equipe

não tinha tempo para filmar as cenas desse tipo [*de tempos mortos, os “planos urbanos”*]. Não tínhamos espaço para descrever a cidade. Sempre estávamos ocupados com as “coisas importantes” [*grifo da autora*]. Não tínhamos tempo para fazer essa descrição cotidiana. Como íamos gastar meio

⁴⁰⁷ Scherbovsky segue os estudos de Agnes Heller a partir de “*sobre o conceito abstrato de ‘vida cotidiana’*”.

⁴⁰⁸ ARNAL, A. Op. Cit., p. 174.

rolo para filmar essa rua, esse pôr do sol, aquela árvore? Pensávamos que daria para fazer isso depois...⁴⁰⁹

Como foi visto, as coisas ditas importantes seriam aquelas previamente decupadas junto da edição da revista *Chile Hoy*, dirigida por Marta Harnecker. Mas, além disso, é fundamental reconhecer como a “experiência ICAIC”, por assim dizer, exerceu um papel decisivo ao longo dos anos na *Equipo Tercer Año*, pois a sequência do “carroceiro voador” chegou a ser testada em *A Insurreição da Burguesia*, mas foi deixada para *O golpe de Estado* e, finalmente, “restou sozinha” em *O poder popular*.

Concluindo, não houve nem tempo para o lazer, para as conversas desinteressadas nem espaço dramático para a dimensão poética da “vida contemplativa”⁴¹⁰ como cogitou Navarro, porque o propósito das filmagens era diametralmente oposto: tratava-se de destinar os olhares aos potenciais do metabolismo social abertos durante o governo Allende.

De tal forma que a locução se sobrepõe à sequência do carroceiro para retomar às lides políticas causadas pelas condições de ultrapassagem institucional abertas pelas mobilizações do *poder popular*. Marchas e manifestações se assomam e abrem uma nova seção de enquetes que expõem as distâncias impostas pelas mobilizações populares

OPERÁRIO 41 – Eu creio que o mundo inteiro tem que compreender a gente (...) Fomos nós trabalhadores que fizemos os outros se enriquecerem. E eles não reconhecem nenhum bem-estar aos trabalhadores. Até agora eles querem nos destruir e existe uma grande perseguição contra os dirigentes sindicais, mas não estamos sozinhos. Temos o apoio dos trabalhadores e dos cordões industriais que se estendem por todo o Chile, assim somos poderosos! Eles pisaram na bola mais uma vez. Agora estamos todos organizados e conscientes. Nós trabalhadores estamos de olhos abertos e mais instruídos. Porque temos apoio, estamos mais unidos e somos mais poderosos. Porque o inimigo que temos à frente, a direita, é muito poderoso e organizado. Por que não podemos nos organizar? Por que não podemos aproveitar a maioria numérica, já que nós somos mais e eles patrões são menos? É fácil derrotá-los, mas é preciso estar organizado e unidos.

OPERÁRIA 42 – [Guzmán pergunta “o que você acha dos cordões?”] Eles são muito importantes porque creio que é o verdadeiro poder das comunidades organizadas. E todos

⁴⁰⁹ RICCIARELLI, C. idem

⁴¹⁰ ARISTÓTELES, *Política*. IN: MARÇAL, J. *Antologia de textos filosóficos*. (org.) Curitiba: SEED, 2009 págs., 58-80.

devemos ter muito claro a importância dos cordões e como conquistar seu apoio e organização.

A questão sobre as ameaças que os *cordões* representavam é respondida pelos próprios trabalhadores e trabalhadoras:

OPERÁRIA 43 - *[Guzmán propõe “você acha que eles são um poder do governo ou paralelo ao governo? Porque penso que existe muito temor acerca dos cordões industriais...”]* Sim, nós temos percebido isto... Parece temor porque parece que existe um verdadeiro temor que a comunidade participe dos serviços de utilidade pública.

OPERÁRIA 44 – *[Guzmán pergunta “você não vê nenhum perigo nos cordões industriais?”]* Mas é claro que não... Eu tenho confiança na inteligência do povo... Então, o povo organizado é inteligente... Então, qual poderia ser o temor dos organismos do povo?

Transitando das portas das fábricas para as periferias urbanas, a locução reforça como as alianças entre os *cordões industriais* com os *cordões comunais* pressionam os limites da legalidade do projeto allendista ao aglutinarem “*estudantes, donas de casa, operários, trabalhadores, favelados e camponeses*” capazes de organização e disciplina em suas reivindicações

OPERÁRIO 45 *[retoma-se a conversa de Guzmán com o senhor aqui numerado como 41 “o senhor já ouviu falar dos comandos comunitários?”]* Sim, eu já ouvi falar e são pessoas bem-organizadas. Aqui também nós temos um e estão bastante preocupados com os problemas dos trabalhadores, especialmente agora que atravessamos esse período revolucionário.

OPERÁRIO 46 – *[Guzmán pergunta “o que você pensa dos comandos comunitários?”]* Eles são criações do povo para lutar. É um poder organizado e que todos deveríamos participar, nós da classe proletária. Porque tem operário que está se desviando, se deixando levar pela conversa de que há escassez, mas esta é uma conversa da direita, do imperialismo norte-americano e da burguesia chilena porque eles não estão lutando pelo Chile. Nós estamos lutando pelo Chile, por uma igualdade para todos, para construir um socialismo que pertença à classe proletária.

OPERÁRIO 47 – Eu creio que nessa conjuntura, eles são a solução para o abastecimento e para reunir toda a classe proletária através das comunidades, das províncias. Tanto para um possível enfrentamento quanto para enfrentar o problema do desabastecimento, de higiene, da saúde e de vigilância contra a burguesia.

OPERÁRIO 48 – Então, o que faz falta aqui? A meu ver, um organismo que dê direção aos setores marginais da esquerda, os setores da periferia, pois eles são os mais explosivos, os mais mobilizados em todo o país.

Uma assembleia noturna de uma liderança do *Cordão Industrial Cerrillos* encerra a seção de enquetes reiterando a prevalência da pastoral da “vanguarda operária” sobre a pluralidade do *poder popular*

OPERÁRIO 49 – Fazemos um chamado aos favelados para que se reúnam nas organizações necessárias para que num curto prazo com a condução da classe operária, com a condução do cordão industrial Cerrillos, criemos um comando comunitário. O comando comunitário que amanhã será um poder para a classe. Um comando comunitário que não será freado pela institucionalidade burguesa e pelos reacionários. (a população clama “trabalhadores ao poder! Trabalhadores ao poder!”) Companheiros, temos chegado ao centro de Maipú porque entendemos que o instrumento para nossa tarefa é a aliança de classe. A aliança que nos permitirá derrubar o inimigo, por poderoso que seja. A aliança que nos permitirá deter a ação do imperialismo através dos fantoches que tem no Chile. A aliança que nos permitirá construir e desenvolver o *poder popular*.

A PRÁXIS RURAL MEDUSA A CIDADE

A “aliança” em andamento é expressa em planos de trabalhadores assumindo os comandos de tratores perfilados, numa sequência dotada de uma continuidade de tempo e espaço quase ficcional. Ato contínuo, uma fila de operários se destina aos ônibus, e se chega a um momento do filme pouco debatido⁴¹¹ na historiografia pesquisada, a saber, os conflitos no mundo rural e as condições da *práxis* dos trabalhadores rurais.

O avanço dessa aliança com as chamadas “*ações campesinas*” compõe uma sequência com cerca de dez minutos em que os componentes do *Cordão Cerrillos* se juntam aos trabalhadores rurais da comuna de Maipú, a sudoeste da região metropolitana de Santiago para “*desde as primeiras horas da manhã, ocupar pela força 39 propriedades improdutivas*”. Um entrevistador abre a conversa

ENTREVISTADOR - Companheiro, posso fazer uma pergunta? Como você se chama?

TRABALHADOR 50 – *Luis Gilberto Jerez. Este fundo se chama Santa Carolina. Ela foi tomada porque os patrões não cumpriram com seus trabalhadores. Eles reclamaram e então decidimos ocupar a terra. Nós estamos unidos aos nossos quatro companheiros. Estou à frente do comitê da ocupação,*

⁴¹¹ CURY, M. OP. Cit., p. 156.

sou um de seus fundadores. Eu fiz sacrifícios e quero que eles também os façam, pois temos que expulsar os patrões.

ENTREVISTADOR- E você, onde trabalha?

TRABALHADOR 51 – *Siam Di Tella, sou líder do Cordão Vicuña Mackeña. Nós entendemos que é preciso unir a classe operária com os companheiros camponeses para golpear os patrões. Entendemos que os problemas que temos são os mesmos e que temos que encontrar soluções enquanto classe. (o entrevistador interpela “e como tem resultado essa união trabalhadora aqui em Maipú?”) Eu creio que é a primeira demonstração clara do quão forte é a união operária-camponesa, pois temos 39 propriedades tomadas com o apoio do setor Cerrillos e alguns de Vicuña Mackeña.*

Seria importante destacar que os temas ligados à reforma agrária são descritos sob a insígnia da *“profundización y extension”* no programa político da *Unidad Popular*. Isto é, ao longo de seus sete tópicos, o *Programa Basico de Gobierno de La UP* reconhecia os avanços sociais decorrentes do freísmo, mas se propunha a *“acelerar o processo da reforma agrária (...) incorporar imediatamente as terras públicas abandonadas ou mal exploradas em forma de cooperativas (...) garantir propriedades fundiárias aos pequenos e médios agricultores”*, além de *“defender a integridade e ampliação da direção democrática das comunidades indígenas”*.⁴¹²

Porém, o que a historiografia revela é que, tal como no universo urbano e industrial, o governo, também, enfrentou sérios desafios no meio rural. Os relatórios econômicos de Sérgio Bitar e as entrevistas realizadas por Márcia Cury concordam em que o governo não teria conseguido ter o controle majoritário da produção agropecuária, sendo, também, minado pelas táticas de persuasão e medidas legais dos latifundiários.

Estima-se que em fins de 1972 - ou seja, na mesma conjuntura analisada pelo filme –, o governo controlaria cerca de 30% da venda dos alimentos elaborados e somente 14% da produção agropecuária.

⁴¹² Programa de la *Unidad Popular*, págs. 22-24. Disponível em: <<http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/visor/BND:7738>> Acessado em 18/10/2021.

Já os boicotes às medidas governamentais assumiriam diferentes aspectos no decorrer dos fatos. Dóris Viveros, professora primária e militante socialista atuante no movimento de *pobladores*, relata à Cury assédios como aqueles em que os trabalhadores rurais eram constrangidos pelos patrões a jogarem “*toda a produção no rio para não ter que colocá-la à venda*”.⁴¹³ Bitar saliente que os latifundiários, também, ameaçavam os trabalhadores rurais ao dizerem que as terras seriam estatizadas, quando não recorriam aos tribunais de província com petições que questionavam a legalidade das tomadas de terras.⁴¹⁴

Em geral, esses impasses acabavam empurrando os pequenos e médios agricultores à ocupação de terras que nem sempre estavam contempladas na lei da Reforma Agrária, o que acabava renovando as condições de ultrapassagem da propriedade privada no meio rural ao mesmo tempo em que testava a lealdade do governo aos



Imagem 72 – As ações do poder popular no mundo rural são introduzidas a partir de uma *mise-en-scène* aos 47’min35seg...



Imagem 73 – ... E revelam as tensões entre campo e cidade...



Imagem 74 - ... entre os anseios pela reforma agrária e os limites da legalidade allendista

⁴¹³ CURY, M. Op. Cit., p. 269.

⁴¹⁴ BITAR, S. Op. Cit., p. 161.

propósitos revolucionários.

Esse *interregno* é dado pela cena seguinte em que um sujeito identificado apenas como “*funcionário do governo*” se vê confrontado com uma assembleia de trabalhadores rurais. Renova-se o duelo em torno da pastoral revolucionária em uma montagem que induz uma legalidade allendista encarnada pelos “funcionários públicos” medusada pela legitimidade dos anseios de transformação social do coral de camponeses

TRABALHADOR 52 – [*funcionário do governo*] Em resumo, os ocupantes seguem à mercê do Poder Judiciário. Correm o risco de ordem de despejo, ordem de prisão ou juízos por crimes que não cometeram. Mas isto pode exigir certa intervenção e impedir créditos do Estado para o interventor e os camponeses.

TRABALHADOR 53 – [*dirigente camponês*] Nós não mentimos, e se um companheiro mentir, nós o descartamos. Porque se estamos pedindo 26 propriedades, é por algum motivo. Se fossem 28, seriam 28! Se eles estão criando situações, é por algum motivo, pois por duas ou três glebas a menos, não vamos aceitar! Porque nós não mentimos, creiam na gente! Se estamos pedindo 26 glebas é porque há a necessidade de pôr em trabalho esse pessoal. E não adianta mandar um funcionário do governo para tentar nos enrolar que não vamos aceitar isso! Não é maracutaia, não! Nós precisamos de 26 glebas! Dizemos que está mal explorada, então está!

A voz *over* colma a questão jurídica ao explicar o que são as *medidas precautorias*, isto é, um recurso que visa proteger a propriedade privada ao suspender o seu trâmite nos tribunais. A montagem justapõe a assembleia à explicação e segue

TRABALHADOR 54 – Companheiros, eu pergunto a vocês: qual a possibilidade de expropriar terras se todas elas tivessem medidas cautelares? Como vamos tomar posse delas?

TRABALHADOR 55 – [*um segundo funcionário do governo*] Isso não é nenhum segredo, pois existem advogados da CORA [*Corporação de Reforma Agrária*] responsáveis por defendê-la nos tribunais. Mas o problema que vocês têm que ter em mente é a luta que estamos vivendo no país! Ou seja, para a expropriação, é preciso respeitar a lei. Por outro lado, os patrões têm seus advogados e inventam suas defesas. Vocês conhecem o problema dos tribunais. Contra a medida cautelar não se pode fazer nada. Não há nada ao nosso alcance. Para responder à pergunta de maneira concreta: é possível que existam medidas cautelares contra a expropriação. Neste caso, é preciso lutar nos tribunais... [*um trabalhador responde*] O que precisamos fazer, companheiros, é expropriar todas as terras até o fim do mês.

Novamente, a intervenção da *voz over* sugere que a assembleia teria se tornado um “*verdadeiro tribunal público*” contra o funcionário do governo. Tem-se, então, a repetição de *um momento crucial*⁴¹⁵ em que os ditirambos do *poder popular* reclamam a revolução prometida, mas negada pela pastoral allendista

TRABALHADOR 56 [*o mesmo trabalhador 53*] Eu não estou aqui para perder tempo, estou aqui para trabalhar e produzir mais. Esse é o nosso lema. Não adianta ficar no escritório fumando e cuidando da papelada... eu creio que se a pessoa não for capaz o bastante, como eu já disse, é preciso que seja tirada do cargo. Eu, por exemplo, como dirigente, se eu algum companheiro me disser que não sou bom o suficiente, eu renuncio do meu cargo e entrego a alguém mais capaz. Eu creio que, como já dissemos aqui, somos honestos o bastante para assumir o que deve ser feito. E se alguém aqui criar entraves para a nossa ação, nós vamos arrumar um jeito de tirar esse companheiro do cargo. E aqui na comunidade de Maipú já não se chama mais de companheiro àquele que não ajudou a solucionar os problemas de Maipú. Como diz a notificação, nós sabemos claramente que falta batata, falta açúcar, todas essas coisas que a terra produz. Nós sabemos que há escassez e que a terra pode produzir. Está claro que nós somos um pouco a parte desse problema do abastecimento e é por isso que queremos que haja expropriação. Os verdugos [reacionários] já disseram que somos preguiçosos, e isto daqui prova o contrário: não somos nada preguiçosos! Nós estamos produzindo alimento porque sabemos que estamos defendendo esta nossa causa.

Cabisbaixos, os funcionários públicos são perscrutados pela fina ironia da cinematografia de Müller. Um trabalhador se dirige a um terceiro funcionário, que assume a palavra para fazer uma *mea-culpa*

TRABALHADOR 57 [*funcionário nomeado como “acusado”*] – Eu estou ocupando um cargo que, do ponto de vista da remuneração, ele não significa nenhum benefício para mim. Eu não quero e nem serei rico. Mas, de concreto, é que... eu aqui vou fazer minha autocrítica. Eu cometi o erro de confiar demais no trabalho da Central de Reforma. E isso é realmente uma responsabilidade que tenho que assumir. Eu tenho que assumir isto e tomar como lição, eu tenho que fazer isto diante de vocês. Por outro lado, pra mim... eu dou muita importância ao que vocês estão colocando porque eu me sinto um revolucionário... E quando um revolucionário se sente criticado por algo que pensava estar fazendo bem, mas não faz, isto tem que servir de experiência para melhorar o seu trabalho. Se

⁴¹⁵ Cf. Cap. 02 – *Um momento crucial: o vozerio demótico e o duelo pela demiurgia.*

quiserem, podemos continuar discutindo essas coisas outro dia porque acredito que vocês merecem uma explicação.

Não obstante o reconhecimento de suas faltas como “agente da revolução”, um corte sugere que o “trabalhador 54” ainda apresenta uma tréplica ao funcionário intitulado como “acusado”. A ausência de valores como engajamento e disciplina pontua o fim das cizânias entre o *poder popular rural* e a pastoral allendista, e sublinha a afeição do argumento fílmico pelo *poder popular*

[TRABALHADOR 58] – Companheiro, se me permite... Você pensa que como funcionário e agente comprometido, você não tem horário... e deveria se dedicar mais à causa camponesa, companheiro?

Em resposta à ausência de retidão política, o filme retoma as *imagens demóticas* urbanas: marchas e multidões ao som de “*Criar! Criar! Poder popular*” dão passagem aos sistemas de abastecimento diretos desenvolvidos no seio dos *Cordões comunais*. Uma nova seção de enquetes com oito trabalhadores e trabalhadoras dimensionam o funcionamento dos armazéns populares e das *JAP's* que, uma vez já analisadas no segundo quarto do primeiro filme, *A Insurreição da Burguesia*, serão abreviadas a seguir.



Imagem 75 - Avanço do poder popular sobre o meio urbano aos 54min de *O poder...*

Em meio a uma assembleia noturna, um senhor reivindica a importância social e política de cooperativas de distribuição para contornar os achaques econômicos da oposição

TRABALHADOR 59 – Como representante, criamos uma cooperativa de distribuição dos próprios pobladores para isolar os comerciantes. Porque daí saem as mercadorias para o mercado negro. Então, é nossa própria responsabilidade formar com apoio de delegados uma única cooperativa de distribuição completa para todos daqui. Para atender as

necessidades completas desse lugar, porque é disto que se trata, é por isso que temos que lutar para descartar o comerciante sem-vergonha que já cheio de dinheiro às nossas custas. Portanto, unamo-nos todos os pobladores, rua por rua, formemos uma cooperativa, e nada de comerciantes!

O trabalho voluntário e o senso de responsabilidade coletiva são a espinha dorsal da organização e planificação dos armazéns, que chegam a abastecer cerca de 300 mil familiares em torno de Santiago no início de 1973. A seção de enquetes sobre o tema é encerrada com um trabalhador sendo questionado sobre como conciliar o trabalho e o sustento

TRABALHADOR MINERADOR 66 – por exemplo, a questão das mercadorias... Nós as entregamos na sexta ou no sábado... e cuidamos da loja no sábado, que é quando eu não trabalho. E quando eu não posso ir, vai a minha companheira com as vizinhas.

[Entrevistador] O abastecimento seria o *poder popular*?

[Mineiro] Eu creio que sim, porque vemos que, com ele, estamos mais unidos às massas.

[Entrevistador] O que você acha da situação que estamos vivendo agora, companheiro?

[Mineiro] Bastante difícil por tudo que temos visto... Pelo que o governo noticiou ontem, as companhias estão pedindo que Allende tenha um pulso mais firme, mas ele não pode porque não tem maioria no Congresso... E esse é o mais grave problema dele nesse momento. Eu vou defender o nosso governo porque sabemos que é o governo do povo e temos que defendê-lo (...)

Uma melodia suave de flauta andina ganha volume em seu depoimento e traça uma linha de continuidade entre o apelo heroico de seu compromisso e as *imagens demóticas* das marchas e multidões em passeata pelas ruas de Santiago. O mineiro encerra se dizendo já decidido pela causa, pois se tiver que morrer, “*que eu morra defendendo nossa causa como operário e explorado que fomos a vida inteira*”.

AVANÇAR SEM CESSAR

As imagens demóticas das correntes *callejeras* dão ensejo à sequência final empunhando as bandeiras de *Venceremos!* e ao som de “*Criar! Criar! Poder popular!*”. A voz over informa o avanço dos “*germes do poder popular por todo país*” ao longo de 1973. O filme percorre as minas de salitre, os pátios de indústrias e as fábricas de peças de reposição.

Ainda restam onze depoimentos de mineiros e operários, dentre eles, um professor e ator que assume o papel de interlocutor entre a câmera e as classes trabalhadoras: Ernesto Malbrán, ora se afirma como um intelectual que analisa e interpreta os



Imagem 76 – Um *travelling para frente* evoca uma análise uterina das condições dos mineiros no final do filme

acontecimentos em tempo real para o filme, ora se assume como um igual entre os operários na defesa da ultrapassagem do governo Allende e sua UP.

Uma tomada acompanha em *travelling frontal* a entrada de um vagão de minério na indústria e dá passagem às andanças de Malbrán em meio aos operários. Uma série de cortes sugere um plano sequência de uma conversa com a câmera que, simultaneamente, fala pela assembleia operária

TRABALHADOR 67 - Agora, se nesse momento com o bloqueio do imperialismo, não temos nem matéria-prima e nem peças de reposição. O que temos que fazer com as indústrias? Temos que planificar a produção, organizá-la e dar uma boa administração da ferramentaria e da fundição. Sem ferramentaria, não é possível desenvolvimento industrial nesse país. A ferramentaria é o coração nesse momento... que pode manter vivo o desenvolvimento industrial. Porque os companheiros aqui fabricam repostos. Os companheiros aqui inventam os repostos que faltam, fabricam as peças de que necessitam. O trabalhador tem um pensamento concreto e não entende as abstrações universitárias. Ele já se cansou das palavras. As reclamações que eles fazem são muito sérias... Eles estão reclamando objetivos, metas da ferramentaria, eles estão pedindo racionalização, os planos de produção da ferramentaria. Não podemos seguir com pequenas oficinas em cada seção porque isso significa uma “desadministração” por um lado e dispersão de recursos. E logo toda essa mão de obra qualificada vai se cansar e vai embora, isso vai desencantar os companheiros. Aqui não há nenhum companheiro que esteja com o fascismo. São todos trabalhadores que tem consciência de trabalhadores.

Antes de avançar junto das conclusões do argumento fílmico, note-se que a afirmação de que “o trabalhador tem um pensamento concreto e não entende as abstrações universitárias” chega tarde no filme, ou melhor, trata-se

de uma postura afinada com a crença gramsciana, muito em voga naquele momento, de que os intelectuais de esquerda deveriam adotar uma função social libertária e conduzir as classes pelas lutas sociais.

Dito de outra forma, a afirmação *chega tarde*, levando em conta que ela expressa uma postura política superada pelo próprio processo histórico em análise ao longo da trilogia: após outubro de 1972, as mobilizações populares induzidas pela *Unidad Popular* adquiriram autonomia e passaram a reivindicar a radicalidade do processo revolucionário.

Visto de outro ângulo, apesar de *chegar tarde* no enredo fílmico, ela não deixa de sinalizar um dos propósitos almejados pela equipe de produção naquele ano de 1979: o de

militar em prol da ultrapassagem da razão de Estado allendista, além de abrir espaço para que as esquerdas fizessem sua autocrítica. Explicando isso melhor, uma sucessão de *zoom out* em chaminés, trens e galpões circunscreve



Imagem 77 - A assembleia dos mineradores marca o quarto final de *O poder...*



Imagem 78 - ... junto da presença intelectual de Ernesto Malbrán que racionaliza sobre os impasses políticos vividos naquele momento...



Imagem 79 - ... e é revisitado como um memorialista que viveu "a nave de sonhadores" dos anos Allende no filme *Chile, memória obstinada* de 1997

o núcleo duro da conversa: a propriedade dos meios de produção. Novamente, a câmera posta em um vagão de minério adentrando o chão de fábrica abre a “*discussão sobre os limites da via pacífica ao socialismo*”, conforme induz a voz over.

As cizânias são postas em assembleia dentro de quatro paredes com um sujeito exaltado denunciando o retardo do processo revolucionário, pois já “*transcorreram dois anos*” e, naquela empresa, ainda não haveria “*participação real e efetiva*”. A afronta à demiurgia allendista era direta e objetiva

TRABALHADOR 70 – (...) A participação dos trabalhadores é um problema político. Com a participação deles seria possível romper com a estrutura capitalista das empresas. Porque esta empresa ainda tem uma estrutura capitalista. Nós temos o governo, mas não temos o poder. E as empresas que estão dentro desse Estado, dentro desse governo também sofrem todas as contradições existentes dos processos políticos. Então, a participação é para romper com as estruturas capitalistas para que os trabalhadores criem novas organizações nesta transição rumo ao socialismo.

A reclamação de que o Comitê Departamental segue indiferente aos trabalhadores é a pauta comum dos próximos quatro depoentes. A exigência de que os sindicatos deveriam ser mais ativos na defesa dos trabalhadores é, assim, resumida por um deles “*como falar de participação dos trabalhadores se as soluções apresentadas são rechaçadas?*”. Na sequência, a defesa da tomada de controle da produção pelos trabalhadores dá ensejo para as críticas mais severas já feitas pelo *poder popular* ao governo Allende e à UP, qual seja o fato de atribuírem ao governo um viés pré-revolucionário devido à permanência de fundamentos da ordem capitalista

TRABALHADOR 75 – Quando dizemos ao companheiro que o Chile tem um estado capitalista burguês... Lembremos da Corte Suprema que processa ministros; recordemos o poder Legislativo que dita leis contra os trabalhadores; que não somente faz isso, mas está em pé de guerra contra o governo do *poder popular*. Então, qual deve ser a participação dos trabalhadores? Deve ser a planificação a economia através da participação direta e que se elejam os representantes dos trabalhadores em votação ampla e democrática. E o que devem fazer os sindicatos? O que sempre fizeram, ajudar a classe trabalhadora para que destrua o aparelho do Estado burguês para que ele seja uma ferramenta revolucionária de nossa classe.

As críticas contundentes continuam com a voz over sugerindo que as mesmas preocupações eram compartilhadas por “*dirigentes de empresas estatais*”, dentre eles, Malbrán. A sua segunda participação aprofunda a análise crítica do governo Allende e da UP reiterando o seu caráter “burguês capitalista” e acentuando a incompletude de seu caráter *processual*. As vestimentas formais e a postura diante de uma lousa dão o tom professoral à preleção

TRABALHADOR 76 Esse é um processo revolucionário, não é uma revolução. E este ainda não é um Estado proletário, é um Estado burguês capitalista. E esta é uma empresa que pertence a um Estado que não mudou. Agora, o problema para os trabalhadores daqui não é trabalhar 16 horas, é sim trabalhar 16 horas sem que as condições de poder, a capacidade de decisão tenha mudado fundamentalmente. Você pedir aos trabalhadores... pedir mais consciência... Mas pedir mais consciência é também oferecer mais respostas a eles. Mas agora apareceu ao nível do trabalhador uma questão... aqui nesta empresa... um aspecto novo... resulta que a falta de matérias-primas e de reposição ameaça o operário que pode ficar somente com o salário, pois a produção fica com o Estado. Por exemplo, o soldador, tem a função e a tarefa programada, tem a vontade de trabalho, mas não pode cumpri-la, não tem solda... a única solução que podemos dar neste momento é justamente planificar o abastecimento...

Diante dele, a mesa da sala de aula contém dois jornais perfilados por Müller: neles se lê “*conflicto explosivo entre poderes*” e “*DC busca conflitos de poderes*”. Ambas as referências, somadas à referência à conquista dos 44% nas eleições, permitem situar o encontro em meados do primeiro semestre de 1973. Em *closes*, Malbrán segue defendendo o arranque em direção à planificação político-econômica como solução aos impasses vividos pelo país naquele momento

Temos que planejar o transporte, vamos imaginar que amanhã há uma nova greve dos transportadores... Se bloqueiam o transporte de peixes de Antofagasta, perdemos o peixe porque não temos meio de transporte. Temos que planificar a distribuição e o que temos feito? Temos o controle das padarias, armazéns, cantinas, hospitais. É através deles que se distribui os alimentos. O problema é gravíssimo... Somos empresas nacionalizadas, é verdade. Podemos criar uma organização e criar linhas de distribuição, mas damos de cara com uma grande contradição: o caráter do Estado é o mesmo, não mudou. Somos empresas nacionalizadas dentro da estrutura de um Estado burguês capitalista onde os

mecanismos de dominação e opressão seguem nas mãos da burguesia. O governo deve dar uma resposta à necessidade de abastecimento para poder planificar com os meios que o governo controla. (PERGUNTA?) Mas como planejar nestas circunstâncias? (ERNESTO) não digo que vamos solucionar 100%, levantar uma alternativa de resposta ao governo... Não podemos sentar de braços cruzados e deixar o imperialismo cair de maduro. Temos que avançar e passar à ofensiva e tomar paulatinamente o poder com as massas. Não podemos continuar delegando o problema de classe aos executivos, prefeitos, ministros e parlamentares! Por que a direita tem uma vantagem tremenda: prende os executivos, acusa os prefeitos e questiona os ministros. Acabei de saber que semana passada prenderam o secretário de Estado, Aníbal Palma. Então, vamos continuar? Já temos 44%! Não existe a possibilidade mínima, de nenhum lado, de chegarmos a 60%! É impossível... É preciso aproveitar o momento de ascensão das massas para mobilizá-la pelos objetivos de classe.

Os vagões de minério em trânsito reforçam o tom de acirramento da luta de classes e *“aumenta a impaciência dos setores populares”*, como conclui a narração. Um operário sutura as argumentações de Malbrán afirmando que o *poder popular* já estaria no umbral revolucionário, e que

TRABALHADOR 77 – as instituições atuais já não nos servem, já são incapazes de cumprir suas funções. Então, nós trabalhadores estamos criando outras institucionalidades, pois o aparato de governo deve ser usado por uma classe para derrubar a outra classe, a classe que sempre nos explorou, agora vamos dar a virada, companheiros.

Enfim, a voz *over* convida as esquerdas à autocrítica, dado o *“amplo horizonte de conscientização política”* posto em marcha pelas classes trabalhadoras. Então, uma sucessão rápida de cenas evoca a dimensão uterina do debate ideológico, pois a equipe se propõe a filmar um diálogo entre Malbrán e um operário dentro de uma planta mineradora sob a cortina de pó da usina. O dilema revolucionário é aberto: ou a ruptura do *status quo* ou a tragédia anunciada.

MALBRÁN – Companheiro, o que fazer?

TRABALHADOR 78 – *o momento que vivemos é bastante difícil...é preciso fazer uma faxina grande, mas de cima pra baixo. Se o governo não desprende de certos compromissos, ele vai ser liquidado (...)*

A flauta andina ressurgiu e imprimiu um tom de promessa à conversa

(...) não existe outra maneira senão tomar as rédeas, tomar as rédeas e fazer uma limpeza em todo o país. Isto pelo interesse da pátria, a pátria fica, nós passamos. Logo vai chegar o momento tão delicado, um momento de crise.

MALBRÁN – Diga-me, você crê que é preciso pulso firme agora?

TRABALHADOR 78 - é a oportunidade, é agora ou nunca e o inimigo está muito preparado. Ele não nos dá trégua. É a hora de fazê-lo, se não for agora, não vai ser nunca. O inimigo sabe o que o espera e que, uma vez perdido, sabe que não vai recuperar nunca. É como o diabo...

MALBRÁN – Nós vamos caminhando, companheiro... Nos vemos, companheiro...

TRABALHADOR 78 - Oxalá, que sigamos adiante... É agora ou nunca...

Em resumo, a posta em cena da preleção rupturista de Malbrán, desde os sessenta e quatro minutos de *O poder popular*, apascentando os setores produtivos, indica as utopias políticas da *Equipe Tercer Año* em 1979 na defesa da ultrapassagem da ordem burguesa.

Como se viu, quando analisado de maneira autônoma, o filme *O poder popular* dialoga com os avanços e limites da renovação historiográfica sobre o governo Allende e a sua coalizão *Unidad Popular* que estava em andamento em fins dos anos 1970. Por outro lado, quando interpretado como a conclusão de um argumento fílmico de duzentos e sessenta e cinco minutos⁴¹⁶ de duração manufaturado ao longo de seis anos de produção, ele contribui para se compreender como os argumentos fílmicos da trilogia expressam complexas interpretações históricas.

É possível enxergar as contradições presentes na *Unidad Popular* e as tensões geradas a partir de seus impasses ideológicos: ao longo dos filmes, estão expressos os anseios rupturistas encabeçados pelos partidários socialistas, a radicalidade dos miristas, adeptos do ideário ligado à Revolução Cubana e, em contrapartida, os lances conciliadores dos partidários comunistas em sintonia com o que aqui denominamos de pastoral allendista.

Ora dedicando-se às questões infraestruturais, ora àquelas que já foram chamadas de “superestruturais” pela escola althusseriana que fez a cabeça de Martha Harnecker e seus leitores, a dialética que animou a montagem da trilogia também pode ser lida a partir das diferentes instâncias de imagens que ela contém, a saber as *imagens demóticas*, as *imagens demiúrgicas* e as

⁴¹⁶ 4,4 horas de duração.

imagens hostis. Este esforço de categorização contribui para se perceber melhor o recurso às imagens de arquivo – como aquelas da *Chile Films* -, a presença e o valor das imagens televisivas e a sua participação na acentuação da crise democrática, assim como na seleção das imagens de Salvador Allende e seus dimensionamentos ao longo dos três filmes. O debate sobre as questões de gênero também se mostrou igualmente valiosas ao longo da análise.

A identificação das forças reacionárias, tanto as militares quanto as civis, torna ainda o filme “anacrônico” na medida em que ele transcendeu as condições de seu próprio tempo histórico e reverberou a longo do Chile recente, seja como ausência, como espectro ou como exercício de rememoração. O próximo capítulo retoma estas questões para analisar a unidade dramática existente entre *Chile, memória obstinada* (1997), *O caso Pinochet* (2001) e *Salvador Allende* (2003).

CAPÍTULO 03 – AS MEMÓRIAS DA TRILOGIA DOS TESTEMUNHOS

O presente capítulo promove um debate sobre a redemocratização chilena a partir das contribuições de diferentes intelectuais. Dentre eles, conta-se com os aportes de Carlos Huneeus, historicamente ligado ao Partido da Democracia Cristã. Para ele, a “*transição chilena*” teria começado com a Constituição de 1980 por ter i) feito de Augusto Pinochet presidente de fato e de direito; ii) consolidado conquistas macroeconômicas e iii) institucionalizado uma coalizão suprapartidária liderada pela Democracia Cristã.

Por sua vez, o cientista social Tomás Moulian considera que a “*transição chilena*” consistiu no *transformismo* do pinochetismo em uma *situação democrática*. Assim, os *enclaves autoritários* daquela Carta Magna estruturaram uma nova racionalidade administrativa e econômica que exigiu *consenso social*.

Contemporâneo a essas controvérsias, o filme *Chile, memória obstinada* (1997) marca o retorno de Patricio Guzmán e de seu renomado *A batalha do Chile* (1975-1979) ao país natal. A historiografia o encara como uma “afronta à *Concertación*”, um exercício de “contrainformação em meio ao consenso” construído socialmente a partir do Informe Rettig (1991). A análise fílmica a seguir pretende cotejar ambas as dimensões históricas, a saber, o campo do exercício historiográfico e o balanço crítico sobre a cinematografia de Guzmán.

Dentre os propósitos, está a demonstração dos limites da *obstinação* a que sua memória se propõe através da (im) possibilidade de identificação de suas personagens. A conceituação das *imagens anadiomênicas* surge então como uma contribuição teórica para lidar de maneira crítica com a emergência da “segunda trilogia”. Isso porque, ao se propor, antes de tudo, como uma teoria crítica sobre o Chile, ela resulta, sobretudo, na construção de testemunhos de cariz afetivo, que atenua a carga ideológica dos temas políticos e delinea um lugar de monumentalização de sua própria cinematografia.

3.1 AS CONTRADIÇÕES DA DEMOCRACIA PROTEGIDA

Em 12 de junho de 1996, o ex-presidente chileno Patricio Aylwin foi convidado para abrir a Conferência Inaugural do *XIV Curso Interdisciplinario del Instituto Interamericano de Derechos Humanos*, na Costa Rica. Ao fazer um balanço dos trabalhos da *Comisión Nacional sobre Verdad y Reconciliación* (CNVR), que vigorou no Chile entre 09 de maio de 1990 e 09 de fevereiro de 1991, ele declarou que o seu governo estava ciente de que o esclarecimento da verdade sobre os acontecimentos constituía uma base indispensável para o reencontro e a reconciliação entre os chilenos. Nenhuma sociedade pode conviver pacificamente sobre a base do império da mentira e com a ferida da desconfiança recíproca entre seus integrantes. Mas, ao mesmo tempo, entendia-se que não se podia centrar indefinidamente o debate nacional no escrutínio do passado, pois isto significaria salientar divisões que queriam superar, postergar os grandes desafios no âmbito econômico e social e, ainda, pôr em risco o próprio processo de redemocratização.⁴¹⁷

Esclarecimento, reconciliação, divisões sociais e desafios econômicos. A citação de Aylwin revela alguns dos grandes temas que emergiram durante a redemocratização chilena na transição da década de 1990 para o século XXI. Conforme a introdução, a presente pesquisa é motivada pela hipótese de que a “segunda trilogia” de Patricio Guzmán, aqui denominada a “trilogia dos testemunhos”, composta pelos filmes *Chile, memoria obstinada* (1997), *O caso Pinochet* (2001) e *Salvador Allende*, (2003) é pautada por esses dilemas sociais e políticos chilenos; mais precisamente, aqueles que decorreram das publicações de ambas as Comissões Nacionais da Verdade, a saber, o *Informe Rettig* de 1991 e o *Informe Valech*, de 2003.

Seria importante, então, indicar brevemente algumas tendências desse debate historiográfico para melhor avaliação e compreensão da unidade dramática subjacente aos filmes da “trilogia dos testemunhos”. De início, vale lembrar que Patricio Aylwin iniciou a sua carreira política através de cargos no Judiciário nos anos 1940, sendo presidente do Partido da Democracia-Cristã

⁴¹⁷ AYLWIN, P. *La Comisión Chilena sobre la Verdad y Reconciliación*. Conferência realizada pelo autor em 12/06/1996 a convite da Corte Interamericana de Derechos Humanos. Disponível em: <<https://www.corteidh.or.cr/tablas/a12050.pdf>>, acessado em 12/12/2020.

em várias ocasiões desde o início da década de 1950. De acordo com Carlos Huneeus, intelectual ligado ao PDC e professor da Pontifícia Universidade Católica do Chile entre 1986 e 2004, o perfil pragmático de Aylwin somado à nova postura transigente assumida pelo partido, antes mesmo da ditadura pinochetista, teriam sido dois fatores fundamentais para a manutenção do alto grau de institucionalidade de seus partidários durante a redemocratização chilena.

Huneeus⁴¹⁸ considera que a defesa de um “caminho próprio” que marcaram os democratas-cristãos até as eleições de 1970 teria sido substituída por uma cooperação gradativa com outros partidos, tais com o Partido Radical e outros setores ainda mais à direita durante os anos do governo Allende, que a tornaram cúmplices do golpe militar de 11 de setembro de 1973 (tal como foi visto no capítulo anterior) e, sucessivamente, do regime pinochetista. Entretanto, no fim dos anos 1970, além da aliança com o Partido Radical, o PDC também se aproximou de novos grupos e associações mais à esquerda, a começar pelo Partido Socialista, cujas transformações serão vistas mais adiante. Esse pragmatismo tornou possível o *Grupo de Estudios Constitucionales* em 1978, também conhecido como “Grupo dos 24”, que deu origem à Constituição de 1980, e, por extensão, formou a *Concertación pelos Partidos del No* em 1980, sobre os quais se falará adiante.

A eleição democrática de Patricio Aylwin como primeiro presidente civil em 11 de março de 1994, portanto, teria sido um momento decisivo para a consolidação de, no mínimo, dois aspectos históricos que aqui interessam. Em primeiro lugar, para dar centralidade à Democracia Cristã e seus partidários durante a redemocratização chilena, sendo ela garantida pelas alianças suprapartidárias que defenderam determinadas pautas macroeconômicas como agenda nacional, e pela absorção e formação de intelectuais que estimularam o seu verniz conciliador dentre as elites dirigentes, também, no campo social e cultural.

⁴¹⁸ HUNEEUS, C. *Un partido con alto grado de institucionalización – el PDC de Chile*, p. 22 Disponível em: <<http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-75571.html> Acessado em 11/10/2020>, p.22.

Portanto, em segundo lugar, essa forte institucionalidade democrata-cristã teria sido a guardiã política da continuidade da “*democracia protegida e autoritária*” designada por Jaime Guzmán, secretário de assuntos jurídicos de Augusto Pinochet, e declarada pelo próprio ditador no infame evento



Imagem 80 – Registro do evento conhecido como *Acto de Chacarillas*, realizado em 09 de julho de 1977 e destinado à convocação da juventude à causa pinochetista. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/archivos2/pdfs/MC0056797.pdf>

conhecido como “*as tochas de Chacarillas*”, ocorrido em 9 de julho de 1977. Aquele discurso presidencial se deu em um evento que celebrava os soldados caídos na Batalha de Concepción, em 1882, durante a Guerra do Pacífico, e tinha, junto da audiência cativa, centenas de jovens da *Frente Juvenil de Unidad Nacional*, sendo que setenta e sete deles empunhavam tochas à maneira dos fascistas europeus dos anos trinta.⁴¹⁹

Em sua monumental “biografia militar e política” de Pinochet, Amorós destaca que aquela era a primeira ocasião em que o ditador falava publicamente sobre os prazos de duração de seu regime, e apresentava um prolongado e controlado processo de transição até o governo civil. Ao citar trechos do discurso oficial, o biógrafo registra que, naquele momento, foi traçado um itinerário cuja última questão seria

Uma nova democracia autoritária, protegida, integradora, tecnicizada e de autêntica participação social (...) sendo autoritária porque deveria dispor de uma autoridade forte e vigorosa, protegida porque assumiria como doutrina fundamental do Estado do Chile o conteúdo básico de nossa Declaração de Princípios, substituindo o Estado liberal clássico, ingênuo e inerme.⁴²⁰

⁴¹⁹ AMORÓS, M. *Pinochet, biografía militar y política*. Madrid: B, 2019, p. 457.

⁴²⁰ Idem

O retorno das Forças Armadas aos quartéis, pensado por Jaime Guzmán - que naquele momento encarnou o papel de mentor intelectual e jurídico do pinochetismo -, levaria uma década para se concretizar e se dividiria em três etapas, a de “*recuperação*”, a de “*transição*” e a de “*normalização e consolidação*”. Nas duas primeiras, haveria a gradativa absorção dos civis à institucionalidade autoritária, sendo que na última estaria a sua plena inserção, cabendo às “*Forças Armadas e de Ordem o papel de contribuir para defender as bases essenciais da institucionalidade e da segurança nacional em suas amplas e decisivas projeções modernas*”.

Em outras palavras, a Democracia Cristã e seus partidários assumiram o ideal de 1977 de uma “democracia autoritária, protegida e tecnificada” de tal maneira que perpetuaram seus dispositivos legais e administrativos através de feitos inéditos durante a Concertación. Além de elegerem dois presidentes sucessivos, Patricio Aylwin em 1990 e Eduardo Frei-Tagle em 1994, também mantiveram a hegemonia nos gabinetes ministeriais durante os três primeiros governos da redemocratização, sendo 9 de 20 cadeiras durante o Governo Aylwin (1990-1994), 12 de 21 cadeiras durante o Governo Eduardo Frei-Tagle (1994-2001) e 7 de 16 cadeiras no Governo Ricardo Lagos (2001-2006).⁴²¹

O lastro econômico de tal dimensão política foi selado por um outro evento ocorrido meses depois das “*tochas de Chacarillas*”: a primeira visita de Friedrich Hayek, o renomado economista austríaco, premiado pelo Nobel em 1974. Hayek visitou o Chile em duas ocasiões, em novembro daquele 1977 e em abril de 1981, sendo que em ambas as ocasiões se mostrou surpreso com os resultados macroeconômicos obtidos pelos *Chicago Boys*⁴²², assim como se consubstanciou na persona política do ditador chileno em função da descrença na democracia liberal.

Em suas entrevistas ao jornal *El Mercurio*, um dos porta-vozes do regime pinochetista⁴²³, Hayek disse que esperava encontrar um país menos desenvolvido. Destacou que o ditador chileno seguiu com atenção suas

⁴²¹ HUNEEUS, C. Op. Cit, p. 19.

⁴²² O filme de Carola Fuentes e Rafael Valdeavellano pode ser visto no canal do Vimeo da *La Ventana Cine* em: <<https://vimeo.com/ondemand/chicagoboy/273017570>>. Uma entrevista dos diretores pode ser vista aqui: <<https://www.youtube.com/watch?v=w6GlaTDQwlg>>. Acessados em 15/12/2020.

⁴²³ Intitulada *Imprensa e poder político no Chile: o governo da Unidade Popular e os jornais El Mercurio e La Nación (1970-1973)*, a tese de SANTOS, E. publicada em 2018 é uma referência sobre o assunto.

considerações econômicas, e procurou acalmar os chilenos esclarecendo que *“as reformas econômicas que estavam sendo praticadas poderiam parecer um tanto quanto severas, mas eram necessárias e que a economia chilena estava caminhando na direção correta”*.⁴²⁴

No momento em que ocorreram suas visitas, o país vivia uma fase de euforia econômica causada pelo crescimento anual batendo a casa dos 7% anuais, uma cifra alcançada devido à combinação da brutal repressão política com medidas historicamente inéditas como a desmobilização sindical, a demissão em massa de funcionários públicos, a privatização dos setores de prestação de serviços públicos, assim como do sistema financeiro, além do contingenciamento dos gastos públicos. A contraparte social desses experimentos neoliberais foi o crescimento expressivo do desemprego que bateu a casa dos 20% da população em 1981⁴²⁵, o aumento da desigualdade social que fez com que a diferença entre o PIB per capita entre o quinto mais rico fosse 40 vezes maior do que o quinto mais pobre da população no início dos anos noventa, além da institucionalização da violação dos direitos humanos e do terror como formas de gestão pública.

Apesar das críticas às suas declarações, Hayek empenhou a sua defesa argumentando que uma suposta elite técnica e ilustrada seria mais eficiente na defesa da democracia entendida como potencialização *“dos esforços de cada um”* do que propriamente uma democracia ilimitada tal como compreendida ao longo da história do liberalismo. Em carta ao jornal londrino *The Times* em 3 de agosto de 1978, afirmou que *“exceto nas democracias diretas baseadas em assembleias gerais, a democracia nunca é autogeradora, portanto sempre deve ser o produto da decisão de uma elite autoritária”*. Enquanto em nova entrevista ao *El Mercurio*, em abril de 1978, reiterou que as *“ditaduras poderiam ser necessárias durante um período de transição”*, enfatizando que,

⁴²⁴ JUNIOR, H.; ANGELI, E. *Hayek, Campos e a defesa do autoritarismo*, 2018, p. 6. XXI Encontro de Economia da Região Sul - ANPEC/SUL 2018. Disponível em: <https://www.anpec.org.br/sul/2018/submissao/files_l/i1-fb4e88bfd13c3a619a7f5652544e118f.pdf>. Acessado em 05/12/2020.

⁴²⁵ MOULIAN, T. *Chile actual - anatomía de un mito*. Santiago: LOM-ARCIS, 1997, p. 92 e 93. O autor destaca que, em 1973, o Estado chileno controlava 229 empresas, restando 6 em suas mãos ao final do regime.

pessoalmente, “preferia uma ditadura liberal ao invés de um governo democrático que não assegurasse as liberdades individuais de seu povo”.⁴²⁶

Como se vê, as transformações econômicas desenvolvidas pelo pinochetismo dissociaram a liberdade política da liberdade econômica, e transcenderam o período ditatorial ao produzirem a nova base moral da sociedade chilena a partir dos anos noventa. Em outras palavras, seguindo o raciocínio do prof. Safatle⁴²⁷ quando trata da gênese da concepção neoliberal dos sujeitos, é possível notar como a racionalidade neoliberal supera aqueles valores ligados ao trabalho ascético weberiano para, consubstanciada com a disciplina autoritária pinochetista, impor novas determinações do mundo do trabalho e novas formas de identidade e de reconhecimento sociais marcadas por um individualismo subjetivado pela lógica empresarial.

Moulian traduziu, com ironia, essa simbiose entre autoritarismo e nova ordem econômica dizendo que “em vez de tomar Pinochet como um seguidor de Hayek, é possível entender Hayek como um imitador de Pinochet!”⁴²⁸ Com essa anedota, o intelectual sintetiza uma das teses centrais de seu clássico *Chile Actual – anatomía de un mito*, a saber, o fato de que existem mais continuidades do que rupturas entre o Chile ditatorial e o Chile da Concertación. Moulian considera que o pinochetismo exerceu um *gatopardismo*, isto é, um “*transformismo*” a fim de garantir a continuidade da infraestrutura socioeconômica imposta em seu regime, sendo a aparente política do medo e do terror subsumida pela lógica competitiva do mercado.

Mudar para permanecer o mesmo: a revolução econômica em andamento contava com o



Imagem 81 – frame do filme *Chicago boys*, dirigido em 2016 por Carola Fuentes e Rafael Valdeavellano

⁴²⁶ JUNIOR, H.; ANGELI, E. Op. Cit., p. 6.

⁴²⁷ SAFATLE, V. *Gênese da concepção neoliberal de sujeito* – Encontros do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y58ZPd4AueE>>, acessado em 05/03/2020.

⁴²⁸ MOULIAN, T. *Chile Actual – Anatomía de un mito*. Santiago: Universidad Arcis, LOM Ediciones, 1998, p. 213.

respaldo da violência repressiva do estado de exceção para entregar as subjetividades destruídas e reconfiguradas aos critérios autoritários do mercado. Assim, a ordem neoliberal designada pelos *Chicago Boys*, a partir de 1975, encontrou o respaldo social e político com o discurso de Chacarillas em 1977, e se viu ancorada pela polêmica aprovação plebiscitária da Constituição de 1980. Com ela, surgiram os chamados “enclaves autoritários”, isto é, um tripé de artifícios jurídicos composto pelo sistema eleitoral binomial, a designação de senadores e regras rígidas para as reformas constitucionais, sendo, em conjunto, a perpetuação das bases autoritárias da democracia chilena.

Seguindo o raciocínio de Moulian, esses arranjos definiram a liberdade econômica como elemento essencial da vida social e a liberdade política como necessariamente condicionada. Assim, o neoliberalismo produziu novos regimes discursivos capazes de despolitizar os sistemas de decisões, de tal forma que criou uma transversal neoliberal suprapartidária que neutralizou o valor tradicional da política como confronto de ideias, e apostou no consenso como a nova razão contemporânea.

Em suas palavras, nessas novas condições

a norma legislativa é vista como uma decisão alheia da política, portanto alheia às configurações de forças, aos compromissos adotados em função de mobilizações, de demandas e pressões. Ela [a política] é pensada como produção técnico-científica, resultante do poder jurídico e do poder cognitivo-saber.⁴²⁹

Ao considerar que a política como “reino da razão” deveria superar a política como “reino da vontade popular” – aquela da democracia de massas analisada ao longo de *A batalha do Chile* - Moulian conduz suas conclusões na direção que interessa à presente pesquisa: a ultrapassagem do campo da política pela tecnocracia teria gerado uma forte “*tensão discursiva*”, uma espécie de “*contradição que afetou a autoexpressão de si*”⁴³⁰, isto é, dos próprios agentes políticos. Isto porque, uma vez imposta a lógica da eficiência e do êxito, a reprodutibilidade do Chile pinochetista, também, seria uma tarefa daqueles que foram adversários do ditador na medida em que, também,

⁴²⁹ Ibidem, p. 27.

⁴³⁰ Ibidem, p. 55.

participaram do “Grupo dos 24” e transigiram com as condições dadas para uma possível *Concertación* desde 1983.

Nesse sentido, o consenso demandado para o avanço da *Concertación* exerceu uma força centrífuga que cooptou, por exemplo, o Partido Socialista que tinha se dividido desde 1979 e, agora, tinha, dentre seus partidários, aqueles que marcavam seus passos ao toque da hegemonia da Democracia Cristã. A estratégia dessa *Alianza Democrática* de 1983 era formar uma frente suprapartidária capaz de conjugar as mobilizações sociais com as chances de diálogo com o governo tendo em vista a pacificação do país.

Gradativamente, esse centro, também, aglutinou outros setores da direita que tinham, em comum, a bandeira antimarxista e adesão ao “transformismo pinochetista”, sendo eles a *Unión Democrática Independiente* (UDI), o *Movimiento de Unidad Nacional* (MUN), a *Renovación Nacional* (RN) e o *Movimiento de Acción Nacional* (MAN).

O pesquisador Renato Martins⁴³¹ destaca, porém, que a principal mudança política naquele momento teria sido o reposicionamento tático e estratégico do Partido Socialista junto à Democracia Cristã, pois isso empurrou mais à esquerda aquelas personalidades ligadas ao Partido Comunista e ao MIR. Assim, ambas as agremiações se juntaram com a ala “PS-Almeyda”, de orientação ortodoxa marxista-leninista, e formaram o *Movimiento Democrático Popular* de feição confrontacionista, isto é, eram partidos que privilegiavam a mobilização social e fomentavam todas as formas de lutas contra o regime - e, portanto, restaram isolados na extrema esquerda.

Recapitulando, as breves considerações a partir da vasta historiografia sobre o Chile contemporâneo indicam a necessidade de compreender as suas raízes históricas a médio prazo, ou seja, é preciso se debruçar sobre o Chile pinochetista para, desde o regime ditatorial, compreender as causas e desdobramentos econômicos, políticos e sociais do Chile da *Concertación*.

Nesse sentido, os estudos do cientista político Huneeus defendem que a transição teria terminado, tendo em vista a hegemonia exercida pela Democracia Cristã desde os anos 1980 até o Governo Frei-Tagle (1994-2001).

⁴³¹ MARTINS, R. *Chile: a democracia e os limites do consenso*. Lua Nova [online]. 2000, n.49, pp.65-85. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452000000100005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acessado em 07/08/2020.

Para ele, o arcabouço teórico da politologia permite constatar que o grau de consenso entre as elites e a institucionalização das relações entre governo e oposição estão entre os principais fatores que permitiriam medir a passagem de um regime ditatorial para um democrático.⁴³² Portanto, dada a primazia da Democracia Cristã na construção de consensos políticos e seu pragmatismo na garantia de conquistas macroeconômicas, como os 7% anuais ao longo dos governos Aylwin e Frei-Tagle (1990-2001), a democracia chilena já estaria plenamente restabelecida.

Por outro lado, as considerações de Moulian indicam como o processo de transição, na realidade, se deu através de estratégias jurídicas e discursos de saber-poder que garantiram a perpetuação da ordem neoliberal imposta pelo pinochetismo e da arquitetura autoritária da Carta de 1980. Nesse sentido, a “democracia protegida e autoritária” implicou na destruição do Estado de bem-estar social e em práticas de terror que, na realidade, mudaram para permanecer os mesmos: travestidos de uma nova normalidade definida por subjetividades cadenciadas pela rentabilidade, tornaram-se atemorizadas pela forte sensação de insegurança econômica e social. Em tempo: insegurança essa reforçada, sobretudo, pelo esforço de “*blanqueo*”⁴³³ histórico e cultural, isto é, por redes discursivas de estímulo ao esquecimento e ao apagamento cultural em nome do avanço de uma certa unidade social.

Margeando a teoria crítica junto com Moulian, mas por outras sendas, valeria adiantar algumas pontuações do cientista político Manuel Garretón, que parte do princípio de que toda e qualquer democracia deve ser analisada a partir de três dimensões, sendo elas a constitucional, a eleitoral e a cidadã. Sendo assim, analisada sob esses três vértices, o Chile da *Concertación* viveria uma “*situação democrática*”⁴³⁴ em virtude da coexistência de dispositivos autoritários com os propósitos redemocratizantes, seria uma “*democracia incompleta*”, como será visto ao longo do capítulo.

⁴³² HUNEEUS, C. *La transición ha terminado*. Revista de Ciencia Política de la Universidad Católica, v. 16, nº.1-2, 1994. Disponível em: <<http://ojs.uc.cl/index.php/rcp/issue/view/486>>. Acessada em 06/10/2020 Vale ressaltar que a edição dedica-se, na íntegra, ao tema contemplando pesquisadores/as de diferentes matizes.

⁴³³ MOULIAN, T. OP. Cit., p. 31.

⁴³⁴ GARRETÓN, M. “La democracia incompleta en Chile: La realidad tras los rankings internacionales.” IN: *Revista de Ciencia Política*, v. 30, nº1, 115-148, 2010, p. 117. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-090X2010000100007>. Acessada em 07/10/2020.

As mudanças político-partidárias mereceram um capítulo à parte na historiografia sobre o tema, tendo em vista a lógica cruzadista pinochetista que proibiu os partidos políticos e, sistematicamente, procurou eliminar seus componentes ao longo dos anos. Dito isso, as rearticulações das táticas e estratégias dos partidos se viram persuadidas pelo espírito economicista da transição; e os agentes políticos, sobretudo aqueles outrora inimigos do pinochetismo, se viram envolvidos em assuntos jurídicos e tecnocráticos em nome do “reencontro” e da “reconciliação” de fala a citação inicial de Aylwin. O Partido Socialista se viu dividido entre setores reformistas que transigiram com as demandas do “desafio econômico” impostos pela *Concertación*, e setores confrontacionistas que, junto com os partidários comunistas e miristas, viram-se cada vez mais exilados à esquerda.

Em linhas gerais, essas são as condições históricas em que se desenvolveu a “trilogia dos testemunhos” de Guzmán: os seus temas, as suas personagens, enfim, as tomadas e retomadas operadas pelas suas imagens expressam os avanços e impasses dessa concretude histórica. Assim como os dilemas trazidos à tona pelas duas comissões nacionais da verdade, a saber, a *Comisión Nacional sobre Verdad y Reconciliación* (CNVR), finalizada em 1991, e a *Comisión Nacional sobre prisión política y tortura*, criada em 2003, em grande medida, devido às lacunas deixadas pela primeira iniciativa.

A seguir, apresenta-se um debate a respeito da primeira comissão, a *Comisión Nacional sobre Verdad y Reconciliación*, tendo em vista a conclusão da citação de Aylwin a respeito de como o esclarecimento da verdade e o escrutínio do passado foi pautado pelos avanços e limites do consenso da *Concertación*. Feito isso, adentra-se as análises fílmicas em busca de sua unidade dramática.

SILENCIAMENTOS, CONSENSOS E DENEGAÇÃO: AS MARCAS DA RECONCILIAÇÃO

A literatura sobre as justiças de transição é bastante vasta, conforme aponta a pesquisa de Renan Quinalha, intitulada “*Justiça de Transição – contornos do conceito*”. Ao elencar um histórico conceitual do termo, Quinalha revela uma perspectiva particularmente interessante aos propósitos da presente pesquisa, a saber, o fato de que todas as demandas por justiça têm

amplo grau de legitimidade, mas, dadas as contingências históricas do período de transição, elas podem sofrer de “*imediatismo*”. Ou melhor, em suas palavras, esses momentos são

particularmente conturbados e incertos, [então] é natural que os atores políticos, após décadas de repressão e falta de liberdades, transbordem, com elevada intensidade e pressa, suas demandas há tempos represadas. Daí, inclusive, a enorme e especial dificuldade de hierarquizar-se em uma agenda política ou de governabilidade reclamaos tão numerosos, tão impacientes e há tanto tempo postergados.⁴³⁵

Visto de outro ângulo, o “imediatismo” seria um fenômeno compreensível e, de certa forma, recorrente na história das justiças de transição, já que demonstra como elas são um campo de batalha de diferentes temporalidades históricas. Isto é, via de regra, a longa temporalidade das demandas de reconhecimento das violações dos diferentes níveis de direitos e suas devidas reparações históricas é adversária da curta duração dos processos jurídico-administrativos impostos pelos regimes em compasso de transição.

Nesse sentido, talvez seja importante registrar que a seguinte ordem de questões “*qual o destino das milhares pessoas detidas ilegalmente pelas forças de segurança? Quem foram as vítimas? Quais seus destinos após os sequestros? Qual foi a real dimensão da repressão? E, sobretudo, quem foram os executores*” não era uma demanda súbita da sociedade chilena. Na realidade, elas já estavam sendo reivindicadas desde os anos iniciais do pinochetismo.



Imagem 82 – Frame de *Em nombre de Dios*, realizado praticamente de maneira clandestina pela equipe de Guzmán em 1987

⁴³⁵ QUINALHA, R. *Justiça de transição – contornos do conceito*. São Paulo: Outras Expressões, 2013, p.98.

Ao contrário dos vizinhos do Cone Sul em que os golpes militares foram apoiados e endossados pela Igreja Católica, no Chile, essa instituição foi capaz de tomar uma iniciativa ecumênica junto de outras confissões cristãs a fim de montar o Comitê Pró Paz, já em 6 de outubro de 1973. Extinto, em dezembro de 1975, por pressões políticas, as suas ações humanitárias foram continuadas pela *Vicaría de la Solidaridad* que, a partir do ano seguinte, adotou uma postura bífida, pois, apesar de ter nunca ter deixado de reconhecer o regime pinochetista, especializou-se na defesa dos direitos humanos.

A sua institucionalização junto do Arcebispado de Santiago deu longevidade à assistência aos prisioneiros políticos e seus familiares, à solidariedade aos familiares de desaparecidos e mortos, além de apoio jurídico aos trabalhadores abandonados à própria sorte pela destruição do Estado de bem-estar social.

Esse arrimo político da luta pelos direitos humanos deu lastro ao “ciclo de mobilizações sociais”⁴³⁶ que marcaram o Chile entre 1983 e 1986, período marcado, também, por uma forte recessão econômica. Essas mobilizações e a ativa participação política da Igreja Católica na defesa da sociedade civil estão entre os temas de *En nombre de Dios*, um filme realizado por Guzmán em 1986, e produzido pela *Televisión Española*. Em entrevista a Alexsandro Silva, Guzmán declara que passou quatro meses hospedado em um apartamento em Santiago e, sem sair às ruas, dali coordenou a equipe chilena que saía para filmar todas as manhãs. A ideia do filme teria surgido após ter visto *Todo es ausencia*, o filme realizado Rodolfo Kuhn em 1984, a respeito da cumplicidade da Igreja Católica com a tática de desaparecimento de pessoas adotada pela ditadura militar argentina.⁴³⁷

Em *En nombre de dios*, as entrevistas com clérigos são altercadas com as filmagens das mobilizações de associações e organizações civis e, consequentemente, da brutal repressão das forças de segurança. Levando em conta o escopo da atual pesquisa, a trama fílmica ganha ressonâncias históricas quando justaposta às entrevistas de Augusto Pinochet, posto que,

⁴³⁶ MOULIAN, T. Op. Cit. p. 288.

⁴³⁷ SILVA, A. Igreja Católica e oposição à ditadura em *En nombre de Dios* de Patricio Guzmán (1986). Revista Movimento da Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/25006757/Igreja_Cat%C3%B3lica_e_oposi%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_ditadura_em_En_nombre_de_Dios_1986_de_Patricio_Guzm%C3%A1n_2012>. Acessado em 10/2016.

dentre outros temas, os clérigos questionam não só a legalidade do regime ditatorial como, também, a legitimidade do pinochetismo à luz dos valores cristãos.

Tal como qualquer ditador, Pinochet costumava repetir que o seu governo encarnava uma espécie de cruzada política do bem contra o mal, a exemplo da entrevista à revista norte-americana *Newsweek* em março de 1984, em que afirmou ser “*um homem lutando por uma causa justa: a luta entre a cristandade e o espiritualismo, de um lado, e o marxismo e o materialismo de outro. Eu tiro a minha força de Deus*”.⁴³⁸

Por seu turno, os depoimentos dos clérigos no filme revelam a urgência de se “*falar da vida em um regime que atenta contra a vida*”; ou, ainda, nas palavras do teólogo Ronaldo Muñoz

Se ser cristão e católico é se orientar pelas práticas, tal como creio e está no Evangelho, estou convencido que nossos governantes não são cristãos. Não digo que eles necessariamente não tenham boa fé... Muitas vezes eles têm fé religiosa quando dizem que creem em Deus, mas não é o Deus dos pobres, um Deus que nos olha a todos como irmãos e que se preocupa em compartilhar e entregar uns aos outros, não é esse Deus. É um Deus da autoridade, concebido como um super Pinochet do universo. Nesse Deus eu não creio.⁴³⁹

E, ainda, animado pelo lema “*uma paz verdadeira baseada em Justiça*”⁴⁴⁰ herdado do Comitê Pró Paz de 1973, o argumento fílmico de 1986 já sinalizava, em seu desfecho, as demandas de reconciliação e reparação sociais através de uma série de enquetes ao fim de uma missa com senhoras que clamam por “amor, unidade e reconciliação”, e que culminam nas palavras de Manuel Santos, arcebispo de Concepción

eu creio que a reconciliação sempre é possível. Nós, bispos, sabemos com clareza que não haverá reconciliação se não for à base da verdade e da justiça. Se quiséssemos, tal como às vezes pensam alguns cristãos, que a reconciliação fosse somente uma espécie de paz e de bom entendimento em que se ocultam as coisas, seguramente esta não seria a paz de Cristo. Pode-se dizer com dureza que o Evangelho diz que vem trazer a guerra e não a paz, no sentido de que, de saída, a

⁴³⁸ AMORÓS, M. Op. Cit., p. 320.

⁴³⁹ Disponível aos 42m52s do filme *En nombre de Dios*.

⁴⁴⁰ Cf. Testemunho de José Zalaquett em “*El Comité Pro Paz*”. *A pesar de todo, una experiencia de solidaridad y una esperanza*. Disponível em: <<http://www.memoriachilena.gob.cl/archivos2/pdfs/MC0043516.pdf>>. Acessado em 03/12/2020.

predicação poderia produzir divisões. Muitas vezes a predicação cristã também produz divisões, mas me parece que essas divisões se produziram porque alguns não querem reconhecer as coisas como foram. Estamos dispostos ao perdão e à paz, esse é o nosso dever, mas com base na paz e na justiça. Nós estamos apresentando uma causa, não estamos trabalhando em benefício próprio.⁴⁴¹

Nota-se como as demandas por verdade e justiça por parte da sociedade civil ganham mais espessura e densidade temporal quando analisadas sob a perspectiva da longa duração. Sob essa perspectiva, compreende-se como elas entraram em rota de colisão com o prazo administrativo de seis meses de funcionamento oferecidos à CNVR chilena, entre 9 de maio e 9 de novembro de 1990.

No Decreto Supremo 355 de 25 de abril de 1990, Aylwin declarou que pretendia tratar “*desse assunto delicado conciliando a virtude da justiça com a virtude prudência*”. Ao mesmo tempo, derivou para a virtude do pragmatismo – leia-se, do “imediatismo” - ao deixar claro que durante

Esse necessário exercício de justiça devemos evitar os riscos de reviver outros tempos, de reeditar as querelas do passado e de nos engolfar indefinidamente em pesquisas, recriminações e caças às bruxas que nos desviem de nossos deveres com o futuro. Considero meu dever evitar que o tempo se esvaia entre as mãos mirando o passado. A saúde espiritual do Chile exige que encontremos fórmulas para cumprir o prazo razoável dessas tarefas de saneamento moral de modo que, mais cedo do que tarde, chegue o momento em que, reconciliados, todos olhemos com confiança para o futuro e somemos esforços para as tarefas que nossa pátria demanda.⁴⁴²

Essas tensões históricas e as pressões políticas para contornar conflitos e ressentimentos sociais foram características comuns às comissões nacionais da verdade latino-americanas. De acordo com as investigações de Camacho, a análise de seus processos e resultados deve partir das conjunturas históricas de cada país, apesar do vasto arcabouço jurídico construído internacionalmente desde o Tribunal de Nuremberg, criado em 1945.

O especialista reforça que a iniciativa pioneira na Argentina com a criação da *Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas*, o CONADEP, em 15 de dezembro de 1983, foi decisiva para toda a região,

⁴⁴¹ Disponível aos 1h28m do filme *En nombre de Dios*.

⁴⁴² AYLWIN, P. Op. Cit, p. 37.

principalmente no Chile de 1990. Porém, a comissão chilena trazia uma diferença em relação à argentina, a “reconciliação”, ou seja, além da verdade, ela, efetivamente, sinalizava o consenso e a pacificação social.

Portanto, a longa e burocrática construção da “democracia autoritária e protegida” comprometeu as políticas de verdade e justiça de maneira que os valores em torno dos direitos humanos não criaram uma consciência tão ampla e majoritária junto da sociedade civil. Camacho ressalta razões históricas para tanto:

- i) A alta adesão ao pinochetismo durante a transição (é preciso se lembrar de que a continuidade do regime alcançou 43% dos votos no Plebiscito de 5 de outubro de 1988);
- ii) A desarticulação entre as organizações de direitos humanos que, geralmente, atuavam de maneira autônoma e independente, o que, então, teria comprometido o impacto de suas demandas;
- iii) O fato de determinadas organizações de direitos humanos terem, dentre seus filiados, militantes de partidos políticos que foram ativos contra a ditadura, algo que sem sempre incidia positivamente sobre a opinião pública.⁴⁴³

Esses fatores foram determinantes para dificultar a designação dos componentes da Comissão de forma a garantir a representatividade dos anseios políticos em jogo. Ao recapitular o histórico de seus oito componentes, Camacho conclui que a maioria deles procedia da advocacia, era uma equipe bastante politizada e que representava as elites do país, ou seja, tinham poucos vínculos com as organizações civis e suas lutas sociais.⁴⁴⁴

Em termos ideológicos, isso configurou uma Comissão de centro e mais à direita que, também, refletia a hegemonia de agentes administrativos e políticos no decurso do transformismo pinochetista em redemocratização protegida. Visto de outro ângulo, isso fez com que a CNVR não só investigasse

⁴⁴³ CAMACHO, F. *La construcción histórica de la represión de Argentina y Chile: las Comisiones de la Verdad como instrumentos de narración oficial*. Revista de Historia Iberoamericana, v. 07, nº1.02, 2014, p. 39. O autor destaca, por exemplo, que a *Vicaría de la Solidaridad* e a *Comisión Chilena de Derechos Humanos* estiveram compostas por membros da Democracia Cristã e do Partido Socialista, entre outros opositores de esquerda. Uma situação similar teria ocorrido com a *Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos* (AFDD) e a *Corporación de los Derechos del Pueblo* (CODEPU) que contavam com filiados ao Partido Comunista Chileno (PCCh) e ao *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR).

⁴⁴⁴ CAMACHO, Op. Cit., p. 49.

os mortos e desaparecidos da oposição à ditadura, mas também, os agentes das forças de segurança vitimados pelas organizações de resistência armada. Eis, então, o fundamento da ideia de reconciliação proposta pela Comissão: a violência não teria sido um recurso exclusivo do pinochetismo, senão, também, uma tática de seus opositores dentro de um período turbulento da história do país e do século XX. De acordo com o Informe da própria CNVR

(...) o Decreto considerou a desapareição de pessoas detidas, as execuções, as torturas com resultados de mortes cometidas pelos agentes do Estado ou pessoas a serviço desse e os sequestros e atentados contra a vida cometidas por particulares sob pretextos políticos.⁴⁴⁵

A historiografia revela que a designação dos componentes com tendência majoritária entre o centro e a direita não chegou a ser criticada, ou mesmo contestada, pelas organizações de defesa dos direitos humanos e os setores à esquerda. Porém, a equiparação dos crimes de particulares às violações praticadas de modo sistemático pelos agentes do Estado causou grande incômodo social, particularmente, entre as famílias de desaparecidos e executados políticos.

Em resumo, a busca de uma *“justiça na medida do possível”*⁴⁴⁶, encaminhou uma Comissão pautada pela *“lógica político-estatal”*⁴⁴⁷, isto é, de saída, a apresentação dos direitos humanos esteve condicionada pelos pressupostos da “democracia protegida e autoritária” cujas prioridades eram a garantia das conquistas macroeconômicas e do arranjo institucional teorizado em Chacarillas em 1977, vertebrado em 1980, e transigido com a eleição de Aylwin em 1990.

Essas são as condições históricas do Chile revisitado por Patricio Guzmán em 1997, quando realizou *Chile, memória obstinada*. Como será visto a seguir, as tensões dessa concretude histórica estão expressas em seu filme, tendo em vista, antes de tudo, a retomada das imagens de *A batalha do Chile* e

⁴⁴⁵O Informe da *Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación*, o Informe Rettig, segue disponível em: <<https://pdh.minjusticia.gob.cl/comisiones/#:~:text=El%20Decreto%20Supremo%20N%C2%B0,fuera%20en%20el%20pa%C3%ADs%20o>>. Acessado em 05/07/2020.

⁴⁴⁶ MEZZAROBBA, G. *O preço do esquecimento: as reparações pagas às vítimas do regime militar (uma comparação entre Brasil, Argentina e Chile)*. Tese de doutorado defendida em 2007 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. p. 251.

⁴⁴⁷ CAMACHO, F. Op. Cit., p. 38.

sua atualização em função dos debates sociais e políticos daquele momento. Mas, a partir delas, também, levanta-se a hipótese de que, sobretudo, Guzmán intencionou promover um debate público pautado pela “*lógica ético-simbólica*”, cujas demandas radicais envolveriam a tentativa de instauração das imagens das tensões sociais do governo Allende no regime discursivo da *Concertación*; a escuta sensível daqueles que testemunham experiências limites, como prisões, torturas, desaparecimentos e exílios, e o reconhecimento do dever de memória *per se* obnubilado pelo imperativo da eficácia e da rentabilidade impostos pelo neoliberalismo. Enfim, em uma palavra, aquelas tarefas políticas almejadas pelo *Informe Nunca más*, a saber, “*recuperar a verdade do acontecido, reencontrar o seu passado imediato e submetê-lo ao juízo da comunidade*”.⁴⁴⁸

As análises fílmicas a seguir consideram *Chile, memoria obstinada* (1997), *O caso Pinochet* (2001) e *Salvador Allende* (finalizado no mesmo ano da publicação do Informe Valech, em 2003) emulam vozes de resistência política aos esforços de construção de uma memória consensual promovidos pelos governos da *Concertación* entre 1990 e 2003, isto é, entre a publicação do Informe Rettig (1991) e do Informe Valech (2003).

Contudo, a luta contra o apagamento de determinadas demandas históricas de justiça social e a avaliação crítica da “*democracia incompleta*”⁴⁴⁹ é realizada dentro do jogo discursivo e simbólico estabelecido pela própria *Concertación*. Partindo da hipótese de que esses filmes, cada qual a seu modo, sejam a *apresentação, o desenvolvimento e a conclusão* de um mesmo argumento, percebe-se que o imperativo de “*desarquivar as utopias*”⁴⁵⁰ foi elaborado através da eliminação dos momentos de maior densidade ideológica das entrevistas e mantendo no anonimato muitos(as) dos *héroes anônimos* da *Unidad Popular*.

O capítulo dialoga com os estudos de Jaume Blanes que, no rastro das contribuições de Wieviorka sobre a historicidade dos testemunhos, afirma que, particularmente, “*quando são produzidos como parte de um grande movimento*

⁴⁴⁸ Informe *Nunca más* – Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas (CONADEP), 1984. Disponível em: <<http://www.derechoshumanos.net/lesahumanidad/informes/argentina/informe-de-la-CONADEP-Nunca-mas-Indice.htm#C1>>. Acessado em 06/07/2020.

⁴⁴⁹ GARRETÓN, M. Op. Cit., p. 117.

⁴⁵⁰ MARTINS, R. Op. Cit., p. 79.

cultural, expressam os valores de sua sociedade na medida em que relatam experiências individuais”.⁴⁵¹ Dessa maneira, à medida que os filmes são cotejados com as especificidades de suas conjunturas, também serão identificados e avaliados os fatores que permitem atribuir a esses filmes uma unidade dramática que endossam o caráter testemunhal do próprio realizador, tais como o manejo de relíquias, tais como fotografias e objetos pessoais, assim como de imagens de arquivo, sobretudo, aquelas da sua primeira trilogia; a valorização das negociações entre o realizador e os depoentes nas entrevistas, o recurso a expressões artísticas diversas como meio de persuasão de seus argumentos políticos e o forte tom afetivo da narração em primeira pessoa da locução na construção da coerência argumentativa nas três obras.

3.2 AS AMBIVALÊNCIAS DE CHILE, MEMÓRIA OBSTINADA

As imagens icônicas do ataque ao La Moneda são retomadas na abertura desse média-metragem⁴⁵² de cinquenta e cinco minutos, cujos propósitos, de acordo com Guzmán, envolviam

Questionar a memória, as recordações individuais das pessoas. Depois do golpe se produziu uma onda de autocensura de centenas de milhares de pessoas que gostariam, mas não podiam esquecer tantos anos de criatividade política, de vida cultural emocionante logo cortados por uma experiência de dor e desenraizamento.⁴⁵³

A retomada dessas imagens, portanto, indicava o desejo de provocar um debate sobre as contradições da *Concertación* e, também, a própria construção da memória social e coletiva do Chile. O recurso ao La Moneda, então, soma-

⁴⁵¹ WIEVIORKA, A. *The Era of witness*. NY: Cornell University Press, 2006, p. 12.

⁴⁵² Coprodução de média-metragem resultada da parceria entre diversas instituições, dentre elas o *National Film Board* do Canadá, fundado por John Grierson em 1938, o *La Sept Art*, um canal televisivo com finalidades educativas fundado em 1986 e a *Radio Télévision Belge Francophone*, a RTBF. O conjunto dessas condições de produção indica que o filme foi produzido tendo em vista, antes de tudo, a divulgação televisiva. Soma-se a isso o fato de ter sido finalizado com cinquenta e cinco minutos, encarada como “média” pelo circuito de divulgação cinematográfica, incluindo três momentos bem definidos de sua narrativa. Disponível em:

<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/283944/1/Pereira_VerenaCarla_M.pdf>.

⁴⁵³ BLANES, J. “*Los tiempos de la violencia en Chile: La Memoria Obstinada de Patricio Guzmán*”. IN: *Revista Alpha*, nº 28, 2009, p. 153-168, p. p. 2 Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/250372668_LOS_TIEMPOS_DE_LA_VIOLENCIA_EN_CHILE_LA_MEMORIA_OBSTINADA_DE_PATRICIO_GUZMAN>. Acessado em 08/2016.

se ao esforço de investigação e problematização das relações espaciais e cartográficas que Sadek chama de “*arqueologia documental*”⁴⁵⁴, isto é, existiria em *Chile, memória obstinada* a preocupação de mapear lugares e práticas capazes de produzir saberes e memórias que questionam a decidibilidade do conhecimento histórico oficial vigente. Retomar a história através do La Moneda implicaria em questionar as versões oficiais da história recente, além de oferecer outras perspectivas a partir da história das lutas sociais.

De tal forma que às imagens icônicas é justaposta a entrevista com Juan, apresentado como “*um dos poucos defensores do La Moneda que conseguiram sair vivos*” e cuja interlocução serve de mote para uma visita ao interior do palácio, também, para que Patricio Guzmán remonte a sua história pessoal. Tal como nos anos setenta, quando a equipe de filmagem se passava por funcionários do Canal 13 para realizar enquetes entre setores sociais conservadores, ali, em 1997, Guzmán



Imagem 83 – O mirista Juan Osses serve como “cavalo de Troia” para a equipe de Guzmán entrar no La Moneda aos 2min30seg de *Chile...* O seu passado mirista e de ex-GAP foi editado em sua entrevista para atender às demandas de consenso do filme

convida Juan para encenar a visita e, através dela, provocar uma “*guinada subjetiva*”⁴⁵⁵ em sua cinematografia. Ou seja, pela primeira vez, posicionar-se como alguém que viu e viveu a história recente do Chile. A visita ao La Moneda, então, é colmada pela argumentação da voz over da seguinte forma

Aqui, um grupo de 36 pessoas lutaram até o fim para defender Salvador Allende, um presidente socialista que tratou de fazer uma revolução pacífica, mas sem êxito. Em 1973, o país

⁴⁵⁴ SADEK, I. *Memoria espacializada y arqueología del presente en el cine de Patricio Guzmán*. Cinedocumental, nº 08, 2013, p. 4 Disponível em: <<http://revista.cinedocumental.com.ar/memoria-espacializada-y-arqueologia-del-presente-en-el-cine-de-patricio-guzman/>>. Acessado em 07/2016.

⁴⁵⁵ VALENZUELA, V. *Yo te digo que el mundo es así: giro performativo en el documental chileno contemporáneo*. Revista DOC-On Line, nº 01, 12/2006, disponível em: <<http://doc.ubi.pt/index01.html>>. Acessado 08/2012.

estava mergulhado no caos. Os militares deram o golpe e Allende morreu depois do bombardeio. O mundo se comoveu. Allende era o único chefe de Estado marxista que havia chegado ao poder mediante uma votação democrática, ele simbolizava uma maneira diferente de se fazer política. Desde então, Juan nunca deixou de recordar o embate do Palácio La Moneda, pois era o dia de seu casamento e quase o dia de sua morte. Agora, entra no Palácio como ajudante da equipe de filmagem para evocar alguns momentos. Tal como eu, é a primeira vez em vinte e três anos que ele retorna a este lugar.

Antes de seguir, é preciso lembrar que Guzmán já tinha se instalado em um apartamento em Santiago por quatro meses a partir de março de 1986 para realizar *En nombre de Dios*. Assim, não era a primeira vez *de fato* que ele, pessoalmente, retornava ao seu país natal, mas sim, era a primeira vez que ele encontrava possibilidades de exibição e discussão das imagens de *A Batalha do Chile*.

Dessa maneira, a reivindicação de uma distância a ser conquistada, o “retorno do exílio”, transcende um efeito de retórica operado por Guzmán durante a visita intestina ao palácio: não se trata somente de um “*eu falo de nós, exilados, para vocês*”, mas, sobretudo, de instaurar a sua cinematografia no seio do debate público chileno, de posicionar aquelas suas imagens de *A Batalha do Chile* como dispositivos de memórias, arquivos a serviço da retomada da história recente do Chile.

Ou, ainda, dialogando com Guimarães em suas leituras de Nancy e Mondzain, pode-se afirmar que Guzmán mobiliza e atualiza aquelas suas imagens e memórias pessoais ao longo da “trilogia dos testemunhos”, tendo em vista partilhar experiências sensíveis e constituir uma “*comunidade de cinema*”, isto é, um “*devir político*”.⁴⁵⁶ Exemplo disso está no fato de que as imagens de *A batalha do Chile* compõem cerca de 15% do regime fílmico de *Chile, memória obstinada*, e praticamente metade dos noventa minutos de *Salvador Allende*, tal como será visto adiante.

O tema do “*blanqueo cultural*” imposto pelo pinochetismo, então, vem à tona, marca a censura imposta a seus filmes e dá o tom melancólico que pautará toda a trama fílmica em torno das ambivalências entre a memória e o esquecimento e os conflitos geracionais decorrentes delas. A passos curtos e

⁴⁵⁶ GUIMARÃES, C. “O que é uma comunidade de cinema?” IN: *Revista Eco-Pós*, v.08, nº 01, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1955>. Acessado em 10/2020.

sorrateiros, Guzmán e Juan perfilam os corredores e janelas, enquanto narrador e realizador “*adensam suas superposições*”⁴⁵⁷ tanto na imagem como na narração afirmando

Nenhum de nós quer falar muito, os melhores amigos de Juan desapareceram aqui. Naquele tempo, eu vinha muitas vezes aqui e em várias ocasiões me encontrei com Juan. Ele foi um dos muitos personagens anônimos que eu filmei para realizar *A Batalha do Chile*, um documentário de longa-metragem sobre a experiência da Unidade Popular. Depois do golpe de estado, este filme foi exibido em centenas de países e conquistou muitos prêmios. Aqui, neste lugar, se havia gestado um movimento de massas impressionante que pudemos filmar por um ano, muitas vezes sem saber o que estava se passando. Entretanto, *A Batalha do Chile* até hoje nunca foi exibida no Chile. Durante a ditadura de Pinochet, ela foi um filme proibido. E, até hoje, os distribuidores não se sentem à vontade para exibi-la. Para muitos, o tema da memória é muito difícil.

Além da retomada de *A Batalha do Chile*, aqui se tem outro tema que merece destaque, pois se trata de um recurso comum à unidade dramática da trilogia, e que demonstra alguns impasses da obstinação a que se propõe o filme. A historiografia em torno dele o identifica como uma “*história a contrapelo*” (RODRÍGUEZ, 2007: p. 15),

uma produção em que “*a memória é um agente narrativo*” (BLANES, 2009: p. 157), como uma obra composta por “*elementos expressivos de arquivo para traçar uma problemática entre memória e esquecimento*” (VILLAÇA, 2015: p. 60), ou uma tomada de posição “*contra discursiva ao refletir sobre o legado da ditadura*” (SADEK, 2013: p. 31); enfim, como um “*instrumento de*



Imagem 84 – As fusões de imagens são recorrentes em *Chile...* a fim de evocar as *imagens anadiomênicas* de *A Batalha do Chile*. Aqui, o parapeito do La Moneda é encadeado com as multidões dos anos setenta aos 4min10seg do filme

⁴⁵⁷ RODRIGUEZ, I. “*Giro subjetivo en el documental político latinoamericano: el caso de Patricio Guzmán*”. IN: Revista Imagofagia, nº 02, 2010. Disponível em: <<http://www.asaeca.org/imagofagia/index.php/imagofagia/article/view/35>> Acessado em 11/2020.

contrainformação” que “*estrutura sucessivas camadas de memórias*” (FABRIS, FABRIS: 2016, p. 565).

Porém, uma análise crítica de seu processo de montagem e a investigação das condições das imagens que são retomadas e da transformação das pessoas entrevistadas em personagens podem iluminar os limites das tarefas históricas “benjaminianas” atribuídas ao cinema de Guzmán. Posto de outra forma, levando em conta que um dos esforços do filme é problematizar o exercício da memória como uma construção histórica e resultado de uma operação que envolve seleções, velamentos e disputas de interesses, é de se questionar a posta em cena das personagens do filme a partir do exemplo a seguir.

Em 1973, “Juan” era chamado de “Silvio” entre os militantes do *Movimiento de Izquierda Revolucionária*, o MIR, já tinha experiência junto dos cordões industriais de Santiago e fazia parte de um grupo de quase vinte pessoas que tinha recebido armamento e treinamento tático dos cubanos, tendo em vista a luta armada.

Assim, apesar de ser um dos três sobreviventes da equipe de escolta do *Grupo de Amigos do Presidente*, a GAP, e de seu denso histórico político, Juan é, na melhor das hipóteses, apresentado como “*um dos poucos que saíram vivos*” do brutal ataque terrestre e aéreo levado a cabo pelas forças de segurança em 11 de setembro. Isso leva a questionar a obstinação da memória a que se refere o título do filme, pois, como já aventado na introdução, haveria limites para a sua tenacidade? Sendo perseverante, por que evitou os sobrenomes das pessoas entrevistadas no filme? Levando em conta, por definição, que todo exercício de memória é seletivo e se processa a partir de suas condições presentes, a que resolução o título do filme se refere quando opera cortes e edições que, ao transformar as pessoas entrevistadas em personagens, privam-nas de seus perfis políticos e de seus históricos de lutas?

Na tentativa de lidar com essas questões, o retorno ao testemunho de Juan Bautista Osses Beltrán pode revelar aspectos importantes sobre o processo de montagem de toda a trilogia. Em seu relato concedido à *Prensa Latina* em 2003⁴⁵⁸, Osses recorda que, na manhã do golpe, foi acordado às

⁴⁵⁸ OSSES, J. *Testimonio: Juan Batista Osses*. Disponível em:

pressas pelos colegas da GAP, trocou o seu fuzil AK pelo Sig Sauer e partiram em direção ao La Moneda, antevendo colocar em prática os treinamentos que haviam tido para a resistência armada.

Em linhas gerais, de acordo com ele, Allende tinha a consciência de que o golpe poderia ser fatal e, portanto, teria enfatizado junto aos presentes no palácio: *“aqueles que não querem combater, retirem-se e deixem as armas aqui para o combate”*. Uma vez derrotados, Osses foi preso e torturado no Regimento Tacna, depois levado ao Estádio Nacional e, dali, liberado no dia 24 de setembro de 1973. Dias depois, casou-se e tentou reorganizar um grupo armado socialista na clandestinidade, mas teve que partir para o exílio; primeiro na República Federal Alemã, depois na República Democrática Alemã. Após ter se formado em Ciência do Esporte, ingressou, clandestinamente, no Chile em 1983, para *“retomar a luta”*, mas foi preso, em 1985, e encarcerado por dois anos. Depois de ser *“expulso para Alemanha”*, novamente, ele retorna ao Chile em 1987.

Ao ser questionado por que teria demorado trinta anos para dar seu testemunho a respeito da história recente do Chile, Osses afirmou

Levei trinta anos para falar da tragédia do La Moneda porque meu interesse sempre foi o de regressar quando eu fui exilado do Chile. Eu assumi a missão de, além de admitir que estava vivo por milagre, ingressar o mais rápido possível à luta. Aprendi que para ganhar haveria que tomar a condução política. Eu assumi essa linha e me mantive calado, mesmo que me incomodassem muitas declarações, livros e publicações que não representavam as coisas como realmente foram. A minha ideia era retornar ao Chile e combater.⁴⁵⁹

Posto assim, sob a ótica da memória oficial, a história pessoal de Osses revela alguns dilemas da *Concertación*, ao demonstrar o esforço em vão de inscrever um determinado histórico político nos debates públicos sobre a memória recente do país. O seu perfil mirista, a sua obstinação confrontacionista e o seu desejo de reconhecimento de que ainda existiriam tarefas políticas e coletivas em andamento destoam da semântica social e cultural produzida pelo consenso da “democracia protegida e autoritária”.

<<https://gap6.webnode.es/testimonios/juan-osses-beltran/>> e segue na íntegra na seção *Anexos*. Acessado em 11/2020.

⁴⁵⁹ Idem

O seu testemunho indica, contudo, alguns impasses presentes ao longo do *corpus* fílmico da trilogia. Afinal, a sua filiação política e seu histórico de lutas foram elididos da trama fílmica. Esse tema não passou despercebido em seu relato, pois afirmou

Sou das pessoas que assumiram a luta armada nesse país e agora somos vetados por essa democracia. Nos últimos anos, eu me preocupei em refundar a minha família. Com esse testemunho, eu me livro de um fardo. Numa certa ocasião, eu tentei revelar alguns acontecimentos junto com o documentarista Patricio Guzmán, mas eu sempre quis que não houvesse edição e que as verdades fossem ditas. Me dei conta de que existe muito protagonismo, versões e a história foi escrita de uma certa forma. Se alguns querem justificar-se ou limpar suas consciências, eu não desejo me meter nesse problema. Só me dediquei a declarar nos tribunais para fazer justiça aos meus companheiros detidos e desaparecidos.⁴⁶⁰

Do ponto de vista oficial, talvez seja compreensível a sonegação de memórias políticas tal como a de Osses, afinal, a valorização da militância e a defesa da luta armada foram temas caros ao paradigma das memórias dos exilados dos anos setenta⁴⁶¹, a década da trilogia *A batalha do Chile* e momento em que grande parte dos relatos eram publicados no exterior, junto de fotografias e arranjos gráficos que reforçavam a necessidade de combate frente à brutalidade armada do pinochetismo.

Não deixa de ser instigante, porém, pensar como a montagem proposta a partir de *Chile, memória obstinada* opera elipses capazes de restringir a identificação das personagens, além de atenuar a valência política de seus testemunhos e que, por vezes, aproxima o argumento fílmico das demandas institucionais de consenso social. Em resumo, a escolha de Juan como ponto de partida para o exercício da “contrainformação” parece ter se dado, justamente, a partir dos paradigmas de intervenção dispostos pela *Concertación*: a elisão de seu sobrenome e seu desejo de que “não houvesse edições” foram ultrapassados pela demanda de consenso e, em grande medida, pela premência de protagonismo do testemunho do próprio realizador.

⁴⁶⁰ OSSES, J. Op. Cit.

⁴⁶¹ BLANES, 2010 *Usos del testimonio y políticas de la memoria*. El caso chileno. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/autor?codigo=1941668>>. Acessado em 08/2016.

A consideração de Juan como “*um dos muitos anônimos*” eclipsa as memórias sociais e políticas dos setores mais engajados no projeto de transformação social radical, e dá margem ao paradigma visual do testemunho de Guzmán. As imagens de multidões registradas em *A Batalha do Chile* são retomadas e manejadas junto com fotografias granuladas em preto e branco em perspectiva igualada⁴⁶², em virtude do apuro de recriar o ângulo de tomada e a posição do olhar de Juan à medida em que ele observa as ruas pelas janelas e frestas do La Moneda.

Avançando no passeio que toma os primeiros cinco minutos do filme, percebe-se que ele se torna um pretexto para o aparecimento e o desaparecimento das imagens registradas pela *Equipo Tercer Año*. Para dialogar com Didi-Huberman, põe-se em cena um “*jogo anadiômeneo*”⁴⁶³, um movimento constante de imagens que emergem e submergem, provocando choques temporais e evocando um passado recente vivido como ausência. Esse

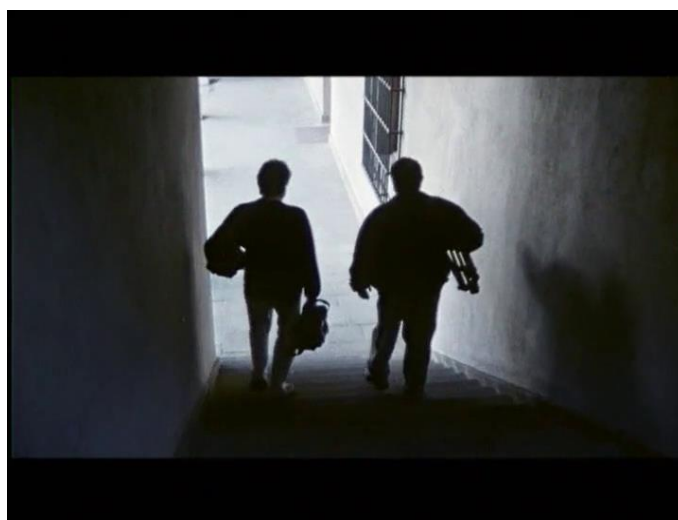


Imagem 85 – Guzmán e Juan Osses passeiam pelo La Moneda...



Imagem 86 - ... e suscitam as *imagens anadiômênicas* colocando em cena as intenções patrimoniais do realizador

⁴⁶² FABRIS, A.; FABRIS, M. “Chile (11/09/1973 - ...): A persistência da memória.” IN: ARAÚJO, D.; MORETTIN, E.; BATISTA, V. *Ditaduras Revisitadas – cartografias, memórias e representações audiovisuais*. Faro, Portugal: CIAC/Universidade do Algarve. 1ª edição. 12/2016 p. 560-578 Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/8962/4/Livro_Ditaduras%20revisitadas-3.pdf>. Acessado em 10/04/2021.

⁴⁶³ DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, p. 33. O autor desenvolve esse conceito para lidar com a ritmicidade daquilo que se dá a ver e o que se perde diante das imagens.

movimento de fluxos e refluxos, de avanços e recuos ora daquelas *imagens demóticas*, ora daquelas *imagens demiúrgicas*, desestabilizam o entendimento de uma história linear e progressista. Isto é, trazem à tona aquela perspectiva benjaminiana de que falou Rodríguez, quando identificou que essas imagens espectrais tanto questionam os monumentos como documentos de barbárie, quanto dão margem à discussão sobre as ambivalências da memória.

Na sequência, o filme dá ensejo a essa discussão através de personagens próximas de Guzmán, porém não identificadas no filme, e cujos relatos pessoais contribuem para dar coerência à trama fílmica. *“Porque a memória só armazena o que tem um valor significativo, o que tem um valor essencial”*, diz Ernesto Malbrán, protagonista de *O poder popular*; *“pois a maioria das pessoas têm coisas que não consegue recordar... E é quase impossível tratar de falar com eles e trazê-los à realidade”*, afirma o seu tio Ignacio, responsável pela salvaguarda dos rolos dos filmes em 1973. E, também, pela tibieza do *adagio ostinato* da *Sonata ao Luar* de Beethoven⁴⁶⁴, que serve de trilha sonora; *“quando há uma ferida no corpo humano, existe um tempo no qual ninguém pode tocá-la para que ela cicatrizes... Pois se for tocada, ela se infecta, sangra...”*, analisa Álvaro, o médico que travou contato com Guzmán durante os quinze dias em que esteve encarcerado no Estádio Nacional após o golpe. *“Pois quando alguém que se aproxima da dor, automaticamente ocorre a amnésia... Enquanto que, se você supera a dor, ela se transforma em outra coisa, você se lembra, ela começa a fluir...”*, relata Pablo Perelman, cineasta cujo irmão foi detido e desaparecido e evoca a perda do cinegrafista Jorge Müller.

⁴⁶⁴Cf. COELHO, J. *Uma sonata “Ao luar” deslumbrante*. Disponível em: <<http://cultura.fm.cmais.com.br/cd-da-semana/uma-sonata-ao-luar-deslumbrante>> Acessado em 10/02/2021.

Mesmo que breves, as considerações dão passo à discussão sobre os exercícios da memória e do esquecimento e, em grande medida, podem ser lidas a partir de Paul Ricoeur, quando problematiza as chances de inscrição do tratamento da memória como *páthos*, isto é, como patologia com o exercício da memória, ela como *techné*⁴⁶⁵. Assim, recorrendo ao olhar clínico de Freud, Ricoeur lembra que o principal obstáculo do trabalho de interpretação seriam os caminhos da recordação de lembranças traumáticas. Assim, sendo o recalque uma força humana, estaríamos fadados à repetição do passado, evidentemente sem o saber.

Essa inelutável ambivalência da



Imagem 87 – As fotografias icônicas de Chas Gerretsen...



Imagem 88 - ... srevem dispositivo para o *flo*u característico das pinturas de Balmes ao 8m20seg de *Chile*...



Imagem 89 – ... cujo gestual embaça a nitidez da imagem, assim como a montagem da trilogia rasura a nitidez da identificação de suas personagens

⁴⁶⁵ RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. SP: Editora Unicamp, 2007, p. 83.

rememoração entre recalque e reparo, repetição e libertação é ativado através de uma série de registros fotográficos do momento de evacuação do La Moneda. Juan se lembra de ter sido atirado para o chão junto com outros homens, onde permaneceu de braços abertos como quem indica rendição. O evento é restaurado através das pinturas de José Balmes, um catalão radicado no Chile, onde aportou junto com outros 2 mil refugiados da Guerra Civil Espanhola através da reconhecida história do navio Winnipeg, fretado por Pablo Neruda em 1939. Filho de comunistas engajados no conflito espanhol, Balmes⁴⁶⁶ foi filiado ao Partido Comunista chileno, atuou na defesa do governo Allende e retornou ao Chile em 1986, depois do exílio na França.

A partir de então, o recurso às artes plásticas como formas de conhecimento tornou-se um artifício recorrente na cinematografia de Guzmán. A presença desses profissionais sublinha uma fenomenologia da memória, ou seja, ao transitar entre Balmes, seus gestos e suas pinturas, a tomada coloca em primeiro plano, sobretudo, as suas percepções e interpretações dos acontecimentos a partir de determinadas fotografias. Acompanhada de ruídos que evocam tiroteio, Balmes afirma

Vejamos... esta pintura fez parte de um conjunto de pinturas e desenhos que eu fiz justamente depois de 1973. Aqui estão as roupas... inclusive os detalhes que me chamaram muita atenção, esta parte do detalhe do documento... pois, como tem movimento, é muito mais, muito mais *flo*, como dizem os franceses... É muito mais borrado, é muito menos claro, do ponto de vista da imagem. Então, é nessa espécie de movimento assim... Que se cria esta zona vaga e indefinida onde você não sabe onde começa a roupa, onde começa o corpo e onde começam as cabeças... existe todo um movimento muito sugestivo, muito vivo... E muito aberto.

No rastro do olhar clínico sugerido por Ricoeur, a estética de Balmes valora a rememoração como *flo*, como uma incerteza entre o que vê e o que se perde: transitando entre o todo e o detalhe, entre o conjunto e a particularidade, o exercício da memória repousa nesse movimento sugestivo, mas tenso. Nas palavras de Balmes, “*a memória e o esquecimento são*

⁴⁶⁶ Uma entrevista com o diretor do filme *Balmes, el doble exilio de la pintura* pode ser encontrado do canal do YouTube do Centro Cultural Camilo Mori. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2FSNkDB1GcQ>>. Acessado em 02/01/2021.

questões permanentes como o positivo e o negativo dentro da reflexão humana e do que o homem faz com a vida e com os acontecimentos”.

À luz do gesto benjaminiano de Didi-Huberman, as imagens, então, são postas em cena como sintomas, como ruínas e perspectivas recalçadas que demandam lugar e voz no tempo presente. Reivindicações relativamente mediadas por Guzmán quando oferece uma série de fotografias do renomado profissional Chas Gerretsen⁴⁶⁷ junto de outros sobreviventes da invasão do La Moneda no dia do golpe.

Anônimos, eles tentam se recordar dos instantes vividos na saída que o palácio oferecia à rua Morandé, 80, e que, mais tarde, foi blindada pela reforma levada a cabo pelo pinochetismo. O manejo de ruídos de tiroteio acentua o rendimento dramático do diálogo

Os militares abriram fogo e tivemos que sair arrancando... eu me senti morto por várias vezes e me dei conta que, naquele momento, eu morria também... E depois colocaram o tanque diante dos nossos companheiros que estavam no chão, apontavam o canhão dando a entender que eles matariam os companheiros se a gente fizesse algo.

A suspensão da identificação das personagens é contradita por Guzmán quando solicita as chances de reconhecimento de seus colegas presentes nas fotografias. O tiroteio abre espaço à sonata *Claire de lune*, de Beethoven, reverberando o tom patético, comovente da conversa

Eu fui um dos primeiros que saíram... Jaime, desaparecido e foi prisioneiro no La Moneda... Este é Raul, também ainda desaparecido... [Guzmán pergunta “mataram-no?”] Desaparecido... este companheiro, o Ramón... também está desaparecido (...) E levaram o Carlos que era o chefe do dispositivo... Levaram o garoto que era o chefe da viatura... Levaram o Maurício, que era o chefe da escolta; levaram o Raul, que era o chefe da nossa escolta... E não voltaram mais... Como eu disse anteriormente, todos desapareceram, exceto dois... os que apareceram, estão despedaçados...

O exercício da memória toca o tema do desaparecimento de pessoas e, de certa forma, reflete contradições semelhantes à instalação das justiças de transição. Tal como vimos anteriormente, as demandas de justiça e reparação

⁴⁶⁷ Um depoimento de Chas Gerretsen a respeito dos eventos do dia 11/09/1973 pode ser encontrado no canal do YouTube do *Museo da Memoria y Derechos Humanos* disponível aqui: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y1GrbpqsDco>>. Acessado em 11/11/2020.

exigem um complexo processo de documentação e catalogação a fim de constituir uma base de dados dos indivíduos registrados. Dentre as principais variáveis, Camacho destaca o sexo, o estado civil, a procedência geográfica, a nacionalidade, a militância política e possíveis indícios da última vez em que foi visto, quando não é possível a autópsia.

Não se trata aqui, por certo, de reivindicar essa complexidade do argumento fílmico, mas sim de compreender como a sua manufatura empreende um processo de recorte e seleção que pode potencializar ou não as relações dialéticas junto da documentação de que dispõe. Assim, posturas de esquerda historicamente antagônicas são consubstanciadas: a filiação comunista de Balmes, aquela defensora da “via pacífica e gradualista” nos anos setenta e a filiação mirista, leia-se, defensora da via rupturista, do grupo de anônimos envolvidos no escrutínio das fotografias e filmagens sofrem um *floou* ou, para falar como o próprio Balmes, são “*mais borradas, muito menos claras*” do ponto de vista da história. O deslocamento daquela política como confronto para essa “*zona vaga e indefinida*” permite transações em torno de uma chave emocional de crítica à violação dos direitos humanos e resistência ao esquecimento.

A RECORDAÇÃO DA POLÍTICA COMO PAIXÃO

A trama fílmica avança com a performance pública do hino *Venceremos!* pela Conchalí Big Band⁴⁶⁸ pelos calçadões de Santiago. Filiado ao Partido Comunista durante toda a sua vida, Sergio Ortega compôs o hino como tema da eleição do presidente Salvador Allende, assim como se tornou um nome central da *Nueva Canción Chilena*.

⁴⁶⁸ Um perfil histórico da banda pode ser encontrado no domínio da *Musica Popular*, disponível aqui: <<https://www.musicapopular.cl/grupo/conchali-big-band/>>. Assim como o filme *Um viaje interior* sobre a Big Band está disponível no YouTube em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a12E9hDOgUg>>, ambos acessados em 18/11/2020.

Ao longo de quase dois minutos, a *mise en scène* joga luz sobre os olhares surpresos dos passeantes, e promove o retorno daquelas *imagens anadiomênicas* de *A Batalha de Chile*: altercadas com as tomadas dos olhares dos jovens que conhecem aquele passado pela primeira vez, elas se tornam arquivos, no sentido de que minam versões que foram denegadas e, agora, desejam a consigna sobre a história do Chile através do paradigma visual.

A partir da entrevista de Lindeperg com Comolli, seria possível dizer que o momento instaura um “*imbricamento de olhares*”⁴⁶⁹ na medida em que as retomadas de *A Batalha do Chile* estão conscientemente investidas de alto valor



Imagem 90 – A *mise-en-scène* da Conahclí Big Band aos 14min20seg de *Chile...*



Imagem 91 – enquanto arranca aplausos de uns...



Imagem 92 - ... provoca espantos em outros

⁴⁶⁹ COMOLLI, J. Entrevista com Sylvie Lindeperg *imagens de arquivos – imbricamento de olhares*. Catálogo do Forumdoc, 2010. Disponível em: <<https://issuu.com/forumdoc/docs/forumdoc2010>>. Acessado em 20/09/2020.

simbólico e testemunhal, além de serem posicionadas como um ato de resistência à política do esquecimento institucionalizado no país, tal como relata Guzmán ao dizer “*vinte e três anos de censura e autocensura. A maioria da juventude chilena cresceu sem saber o que se passou. Em minhas malas, eu trouxe uma cópia de A Batalha do Chile.*”

São postas em cena as imagens iniciais de *A insurreição da burguesia*: o próprio Guzmán nas ruas realizando enquetes durante a polarização social em torno das eleições legislativas de março de 1973. A guerra civil decorrente do *tancao* de junho e um Allende tentando “*afiançar o governo*” assumem o primeiro plano do filme de 1997. O corte seco sugere que aquelas *imagens anadiomênicas* afluíam de um aparelho de televisão disposto a outro grupo de outra geração, pessoas que viram e viveram o governo Allende.⁴⁷⁰

Aos anônimos, exige-se reconhecimento. Guzmán diz que está realizando um filme sobre a memória e solicita a apuração de “*alguns rostos*” que estariam vendo em *A batalha do Chile*. A montagem sugere um campo e contracampo entre espectadores e a televisão, e induz a apreciação de Carmen Vivanco pelo grupo através de um close. Posta em cena ao lado da televisão que exhibe o seu perfil, Vivanco vacila diante do esforço de memória: “*tenho para mim que isso foi há anos... Pode ser que seja eu, mas tenho minhas dúvidas*”. A fusão de suas imagens de ontem e de hoje, sublinhada pelo trêmulo *adagio ostinato*, é lida por Blanes como uma espécie de

Relação dialética entre imagens presentes e passadas que se refere à conflitiva identificação da sobrevivente com sua própria imagem, multiplicada e borrada, ao mesmo tempo, pelo transcurso do tempo e pela superfície reflexiva da tela.⁴⁷¹

⁴⁷⁰ De acordo com o Alvaro Wuth, essas pessoas estavam vinculadas à *Asociación de Familiares de detenidos políticos*, a AFDD, e as filmagens foram realizadas dentro das dependências do *Archivo de la Vicaría de la Solidaridad*, em Santiago.

⁴⁷¹ BLANES, J. “Usos del testimonio y las políticas de memoria. El caso chileno”. IN: *Revista Kamtchaka*, nº 06, 2015. Disponível em: <<https://ojs.uv.es/index.php/kamchatka/article/view/7675>>. Acessado em 01/ 2016.

Vivanco se tornou uma integrante histórica da *Agrupación de Familiares Detenidos Desaparecidos*⁴⁷², a AFDD, formalizada em junho de 1975. No dia 05 de agosto de 1976, o seu marido, Oscar Ramos Garrido, e seu filho de 24 anos, Oscar Ramos Vivanco, foram sequestrados pela *Dirección de Inteligencia Nacional*, a DINA. Ambos, pai e filho, trabalhavam na editora do Partido Comunista, alvo de uma ofensiva brutal por parte da agência de repressão.⁴⁷³

Um dia antes, o seu irmão e a esposa dele, Hugo e Alicia, também militantes comunistas, já tinham sido sequestrados, tendo o mesmo se passado com o filho do casal no dia de 10 de agosto, Nicolás Vivanco, sobrinho de Carmen. Desde então, Carmen se tornou uma das faces públicas da AFDD e faleceu em outubro de 2020, aos 104 anos, sem ter informações sobre seus familiares.

Esse é o segundo dos três momentos em que o desaparecimento ganha relevo na trama fílmica. Assim como na primeira ocasião, o tema do



Imagem 93 - Carmen Vivanco aos 17min de *Chile...*



Imagem 94 – ... também expressam o esforço de autorreflexão do realizador e a sua filiação ao lema “amor, unidade e reconciliação” promovido pela AFDD

⁴⁷² Perfil público disponibilizado pelo domínio oficial de *Villa Grimaldi* em: <<https://villagrimaldi.cl/noticias/carmen-vivanco-presente/>>. Acessado em 08/09/2020.

⁴⁷³ Perfil público disponibilizado pelo domínio oficial de *Memoria Viva* em: <http://www.memoriaviva.com/English/victims/oscar_orlando_ramos_garrido.htm>, além do perfil disponibilizado pela *Villa Grimaldi* em <<https://villagrimaldi.cl/registro-interno/ramos-garrido-oscar-orlando/>>. Acessados em 08/09/2020.

desaparecimento é elaborado pelo filtro da perda individual, isto é, no caso de Vivanco, uma perda familiar elidida do fundo histórico de sua tragédia pessoal. Isso implica em reconhecer como as estratégias operadas por Guzmán se distanciam do entendimento oficial de desaparecimento forçado como sendo

Aquele cometido por agentes do Estado ou por pessoas que atuem com a autorização, o apoio ou a aquiescência do Estado, seguido da falta de informação ou da negativa em reconhecer a dita privação de liberdade ou de informar sobre o paradeiro da pessoa com o qual se impede o exercício dos recursos legais e das garantias processuais pertinentes.⁴⁷⁴

Em detrimento dessa abordagem complexa que problematiza as causas e desdobramentos do desaparecimento como uma política do estado de exceção, como foi o pinochetismo, provavelmente implicando o histórico político dos envolvidos, assim como os responsáveis pelos crimes cometidos, o argumento fílmico decide operar mais perto da compreensão apresentada por Mireya García, uma das fundadoras da AFDD, cuja categorização da pessoa desaparecida mobiliza as denúncias sociais em outra lógica, ao dizê-los como

Os nossos seres amados, nossos esposos e esposas, nossos filhos e filhas, nossos pais e mães, nossos irmãos e irmãs, avôs, tias, sobrinhos, parte de nossas famílias e da sociedade.⁴⁷⁵

O exercício da “contrainformação” e o imperativo de resistência à *“fala mecanizada do consenso”*, como propõe Richard⁴⁷⁶, avançam, mas mediados por estratégias sutis que velam a problematização da história política, tendo em vista aumentar a densidade emocional do filme. Tanto é assim que o curto testemunho de Vivanco abre passagem para a câmera de Pittard passar o olhar sobre uma série de pastas e arquivos físicos, enumerados a fim de sugerir a recorrência e a intensidade das práticas de violações humanas.

⁴⁷⁴ Convención Interamericana sobre Desaparición Forzada de Persona. Disponível em: <<http://www.oas.org/juridico/spanish/tratados/a-60.html>>. Acessado em 08/09/2020.

⁴⁷⁵ Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Agrupaci%C3%B3n_de_Familiares_de_Detenidos_Desaparecidos#cite_note-3>. Acessado em 08/09/2020.

⁴⁷⁶ FABRIS, A.; FABRIS, M. Op. Cit., p. 564.

Aqueles componentes do *Grupo de Amigos Pessoais*, a GAP, é convocada para uma *mise en scène* da guarda pessoal de Allende em desfile, abrindo espaço para a emergência das imagens de *A batalha do Chile*. A pretensão de obter eficiência dramática está no zelo com a reconstituição de detalhes, como os *closes* de suas mãos no carro, a atenção de seus olhares em direção ao público e seus passos sincronizados.

Depois da *Asociación de Familiares de Detenidos Políticos*, aquelas *imagens anadiomênicas* são postas à reflexão do GAP em um movimento que transcende a verificação de identidade de pessoas e toca as raias dos ideais e projetos políticos. A trilha de *Venceremos* da Conchalí Big Band dá

lugar a uma gaita, cujo tom sugere rememoração. Junto de seus colegas que



Imagem 95 – A reconstituição da condução de Allende pela GAP aos 18min40seg...



Imagem 96 - ... dá margem às *imagens anadiomênicas* de *A batalha do Chile*...



Imagem 97 -... e sonegam a identificação das pessoas entrevistadas e que eram próximas de Salvador Allende

ladeiam Salvador Allende em carro aberto, a *ex-empregada* de Allende recorda o legado de honra e coragem e afirma que *“dom Salvador nos deixou cheios de vida e segue vivendo em meu coração, todos os dias”*.

Os seus *“dias mais maravilhosos”* convidam outra personagem, cuja virtude, de acordo com Guzmán, também era *“viver com mais paixão que todos nós”*. Amigo de faculdade do próprio realizador e uma personagem central na condução do enredo de *O poder popular* como Diretor de Relações industriais, Ernesto Malbrán enriquece as interpretações históricas com o testemunho de quem viveu em uma *“nave de sonhadores que avançavam com um sonho coletivo que foi feito em pedaços”*. A sua posta em cena de cinco minutos é a segunda mais longa de todo o filme, só ficando atrás mesmo do regime fílmico assumido pelas próprias imagens de *A batalha do Chile*.

“Coração, dias maravilhosos, paixão e sonho coletivo”. A retórica romântica de um tempo ideal progressista marcado por ideais comuns e universais está dado para que, através de Malbrán, o governo Allende seja interpretado por uma ótica humanista capaz de atenuar os impasses históricos causados, por exemplo, pelas próprias tensões subjacentes à *Unidad Popular*. Dotado de uma pretensão cronológica, todo o seu testemunho é pautado pelo *efeito anadiomênico* das imagens de *A batalha do*



Imagem 98 – O ator Ernesto Malbrán, fundador da *Escuela Internacional de Gesto y la Imagen La Mancha...*



Imagem 99 - ... ressurge como memorialista aos 22min de *Chile...*

Chile, isto é, um efeito que consiste na retomada das imagens da primeira trilogia como se afluíssem e refluíssem em consonância com o encadeamento dos sucessivos temas na trama fílmica. Em resumo, o *efeito anadiomênico* consiste no caráter espectral daquelas imagens que evocam as inscrições de sua historicidade no regime discursivo do Chile contemporâneo.

Partindo do momento em que “*sempre sentiu que estava no meio de uma grande aventura*”, ele encontra Guzmán “*na redação do jornal*” e nos “*takes finais de A batalha do Chile*” e chega à grande paixão de sua vida, o magistério, oferecendo uma definição pessoal de memória

Eu creio que seja necessário começar a se perguntar pelo significado da voz da memória... Do vocábulo “recordar”, porque “recordar” vem de “re” e “cordar”, de coração. Então, é volver ao coração, voltar a passar pelo coração... para despertar... Agora, a meu juízo, existe uma armadilha nesta viagem de ida e volta à memória. Pois, como a memória armazena estes espelhos que refletem momentos significativos de nossa vida, a armadilha, eu creio, é que você pode ficar preso na contemplação dessas imagens. Então, este jogo de espelhos começa a crescer...

Talvez não seja o momento de problematizar, mas sim de, ao menos, pontuar uma ou duas questões: essas “*trampas de la memoria*”, isto é, as armadilhas de que fala Malbrán não seriam as mesmas alertadas por Todorov quando afirma em seu renomado estudo *Abusos da memória* que o que ela põe em jogo “*é demasiado importante para deixar à mercê dos entusiasmos ou da cólera?*”⁴⁷⁷ Ou, ainda, em termos mais recentes, não seria esse “*jogo de espelhos*” o que levaria Sarlo a propor a crítica do testemunho através da guinada do subjetivo no contemporâneo, questionando se seria possível “*relembrar uma experiência ou o que se lembra é apenas a lembrança previamente posta em discurso, e assim só há uma sucessão de relatos sem possibilidade de recuperar nada*”⁴⁷⁸ do que se pretende como objeto?

Retomando o voo na “*nave de sonhos que arrastou todo um país*”, o relato de Malbrán é cadenciado pelas imagens de *A batalha do Chile* como uma fenomenologia da memória. Sugerindo aquela “*atenção flutuante*”⁴⁷⁹ de

⁴⁷⁷ TODOROV, T. *Los abusos da memória*. Barcelona: Paidós, 2000, p. 15.

⁴⁷⁸ SARLO, B. *Tempo passado – cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2005 p. 23.

⁴⁷⁹ GAGNEBIN, J. *Limiar, aura e rememoração*. São Paulo: Ed. 34, 2014, p. 240.

quem se lembra involuntariamente, ora em movimento, ora em *closes* fixos, elas ritmam a vibração de seu gestual quando se lembra daquele “*sonho de justiça: todos teríamos direito à educação, à saúde e à moradia*”. A trama fílmica segue cifrada pela utopia na medida em que ele se dá conta de que, apesar de terem sido derrotados, não é possível “*avançar sem sonhar. Porque o sonhar é consubstancial ao entendimento que alguém tem de sua própria vida*”.

A partir da teoria crítica, o seu testemunho evoca aquilo que Moulian chamou de “*a síndrome humanista-romântica da UP*”. O autor reafirma que “*o aborto da via pacífica*” foi um evento que transcendeu a história chilena e latino-americana, sendo culminante no rol da história do marxismo mundial. Porém, as respostas de como aquele “*príncipe encantado*” teria se transformado em um “*monstro hobbesiano*”, ou porque no deserto “*não nasceram flores*” deveriam ser procuradas, antes de tudo, na própria historicidade da coalizão político-partidária do governo Allende, a *Unidad Popular*.

Em linhas gerais, os desdobramentos dos eventos analisados no primeiro capítulo são sintetizados pelo intelectual em afirmações precisas, como “*a UP desencadeou práticas revolucionárias e retóricas revolucionárias sem mobilizar os meios indispensáveis para que se produzisse esse alumbramento, o acontecimento primordial e constitutivo*”, isto é, a superação do capitalismo. Ou, ainda, “*a UP foi a combinação da vontade obsessiva de algo impossível, por parte de uns, e do realismo sem fundamento teórico, por parte de outros*”.⁴⁸⁰

⁴⁸⁰ MOULIAN, T. Op. Cit., p.158

Contudo, a tenacidade que entretece o exercício de memória proposto pelo filme toma distância de uma autoavaliação crítica das experiências das esquerdas, além de atenuar as nuances ideológicas e as identidades de suas personagens. Em realidade, a partir desse momento, ele se destina à corrosão da negação socialmente determinada junto da juventude chilena. Outrora sonhador, o professor Malbrán encerra o seu testemunho com os pés no chão e temeroso: “*o que me preocupa nesse país é que aqui foram divulgadas informações distorcidas da realidade. Há um setor da juventude que te oferece informações que foram manipuladas*”.

ENTRE NOSTÁLGICOS, DEMOCRATAS E INDIFERENTES

Guzmán prepara um telão para a emergência daquelas *imagens anadiomênicas* junto dos jovens, uma *mise en scène* que abre um longo



Imagem 100 – Jogo de cena aos 26min25seg...



Imagem 101 - ... Guzmán prepara a exibição das *imagens anadiomênicas* de *A batalha do Chile*...



Imagem 102 -... para os jovens da Universidade Finis Terrae

momento de tensão no filme. As imagens espectrais abrem espaço para aqueles que Huneeus chamou de “*nostálgicos*”, a começar pelo professor⁴⁸¹ que afirma

A melhor prova de que a CIA não participou do golpe de Estado no Chile é que, do ponto de vista das Forças Armadas, o golpe foi um êxito perfeito. Nesse sentido, as Forças foram muito mais eficientes na luta contra o marxismo e o leninismo do que as próprias Forças Armadas norte-americanas. A própria esquerda reconheceu que só morreram 2.132 pessoas em 17 anos que é a menor estatística das lutas subversivas em toda a América Latina, incluindo os Estados Unidos.

Os depoimentos dos estudantes da *Universidad Finis Terrae* são tomados individualmente e, em sua maioria, os entrevistados são homens, brancos, bem-vestidos, cujos relatos contradizem os pressupostos da transitologia, a de que o avanço do tempo depõe a favor da consolidação democrática. Ou melhor, quando cotejados com o balanço historiográfico proposto no início desse capítulo, esses depoentes dialogam com as interpretações de Huneeus que enxerga um significativo setor social que toma o regime autoritário como um ponto de referência para a avaliação de sua condição atual.

Os “*nostálgicos*”, então, seriam aqueles que não fariam a dissociação entre “*gestão de governo*” e “*regime político*”, ou melhor, esse pressuposto da teoria a respeito das transições democráticas não seria viável para a compreensão da realidade chilena, posto que, para essas pessoas, a satisfação com a democracia seria, antes de tudo, um assunto de gestão de governo e de economia pessoal. Eles se inclinariam, então, a uma avaliação positiva do passado recente do país, dado que o pinochetismo teria sido eficaz na garantia de certa segurança política e estabilidade econômica.⁴⁸²

Eu compreendo um pouco a falta de objetividade da película dado a propaganda mundial que foi feita contra o governo militar (...) por sorte, no Chile, as Forças Armadas foram mais cirúrgicas, mais eficientes... É claro que pessoas sofreram, mas

⁴⁸¹ De acordo com o cinegrafista Álvaro Wuth, as escolas e faculdades que aparecem no filme são, respectivamente, em ordem de aparição *Universidad Finis Terrae*, *Colegio Sagrados Corazones*, *Facultad de Derecho de la Universidad Católica*, *Escuela Internacional del Gesto y la Imagen La Mancha*, sendo todas elas sediadas na capital, Santiago.

⁴⁸² HUNEEUS, C. “Demócratas y nostálgicos del antiguo régimen. Los apoyos a la democracia en Chile”. IN: *Reis – Revista Espanhola de Investigaciones Sociológicas*, nº 103, 2003, p. 10 e 11 Disponível em: <<https://repositorio.uc.cl/xmlui/handle/11534/45989>>. Acessado em 17/10/2020.

bem menos do que em outros países... E o país foi salvo da guerra civil (...) Nota-se claramente porque foi necessário um golpe de Estado. Primeiro porque, o Governo Allende tinha pouco controle sobre seus partidários. Segundo, o apoio popular mostrado pela película é totalmente falso (...) eu penso que o governo militar encabeçado pelo Gal. Augusto Pinochet foi o primeiro que derrotou o comunismo no mundo, foi o primeiro que pegou de martelada e quebrou o Muro do Berlim.

Racionalidade, precisão clínica e eficiência seriam algumas das coordenadas semânticas que mobilizam a subjetividade dos “nostálgicos”, de tal maneira que o valor da

democracia como administração prevalece em detrimento da legitimidade da democracia. Ao se destinar ao universo estudantil dos secundaristas, a persistência da memória como desrecalque da “democracia protegida e autoritária” e como denúncia da *Concertación*



Imagem 103 – Jovens do *Colegio Sagrados Coraziones* aos 28min de *Chile...*

ganha mais relevo e potência. Nascidas durante o pinochetismo, as secundaristas do *Colegio Sagrados Coraziones* podem ver uma história que lhes foi sonogada

De qualquer maneira, eu creio que o golpe de Estado foi necessário, estávamos super mal, foi duro, houve feridas (...) mas matar pessoas por ideias, é chegar ao extremo (...) boicotaram para chegar ao golpe de Estado e sem chegar a uma boa solução (...) eu creio que se conversássemos com pessoas que conhecessem mortos ou torturados, nós pensaríamos de maneira diferente (...) os dois partidos estavam em grande disputa, e a Unidade Popular não levaria a lugar nenhum, decerto que estaríamos pior que Cuba.

A tomada em conjunto das meninas evoca ressonâncias daquele vozerio próprio da política como confronto de ideias e persuasão. Em grande medida, os dissensos instaurados pela retomada daquelas imagens dos anos do

governo da *Unidad Popular* expressam visões de mundo latentes na sociedade chilena. As pesquisas do *Centro de Estudios de la Realidad Contemporânea* indicam o seguinte quadro a respeito do Chile de setembro de 1996.⁴⁸³

A democracia é preferível?

Homens	61%
Mulheres	57%
Jovens entre 18 e 25 anos	58%
Em geral	62%

O autoritarismo é preferível?

Homens	15%
Mulheres	13%
Jovens entre 18 e 25 anos	11%
Em geral	14%

Dá no mesmo

Homens	20%
Mulheres	27%
Jovens entre 18 e 25 anos	27%
Em geral	22%

Mantendo em vista o recorte etário, percebe-se, então, a relativa adesão aos valores democráticos junto da amostragem envolvida no filme, da população entre 18 e 35 anos. Uma vez somados, o apoio ao autoritarismo e a indiferença ao regime de governo alcançam os 38%, um índice significativo o suficiente para desidratar os clamores de *Nunca más!* que se exige de uma sociedade recentemente marcada pela violação sistemática dos direitos humanos.

As imagens afluem e, dessa vez, são aproximadas de outro grupo de estudantes da *Universidad Católica*, reduto de intelectuais como Jaime

⁴⁸³ *Encuestas* CEP Centro de Estudios Públicos 1987-1999. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20100510091932/http://www.cerc.cl/Encuestas.htm>>. Acessado em 26/08/2020.

Guzmán⁴⁸⁴, teórico do pinochetismo e fundador da *Unión Demócrata Independiente*, a UDI, e a única instituição estudantil identificada pelo filme

Eu sinto falta de um setor político majoritário neste momento (...) falta a opinião dos donos das fábricas: o que houve com eles? Mostram uma massa de trabalhadores que se apropria de uma fábrica que não lhes pertencem (...) toda visão de uma realidade histórica é válida, pois com isto se constrói a história de um país, seja para defender o que seja (...) eu creio que nem a Democracia Cristã, nem o Partido Radical nem ninguém tinha um projeto de governo crível e coerente (...)

As críticas de ordem cinematográfica exigindo mais imparcialidade daquelas imagens, e as divergências sobre as posições políticas são pontuadas por uma mulher cujo gestual destoa da turma. Em busca de sensatez, ela indica os riscos de um revisionismo ideológico do passado recente trazido à tona, e tenta pautar o debate à luz do tempo presente

Nós somos as principais consequências desse golpe, estamos aqui discutindo isto. E acho que não deveríamos discutir quem teve ou não teve culpa, mas como nos encontramos num momento assim? Alguém tem que explicar! E creio que, como jovens que somos, deveríamos pedir isto, sejamos da esquerda ou da direita... deveríamos pedir uma explicação aos que estão no poder neste momento!

O seu reclame pelas verdades históricas é um momento forte no filme, pois a sua autoconsciência como parte de uma geração nascida durante o pinochetismo, mas carente de saber suas causas, razões e desdobramentos, demonstram um valioso senso de anacronismo de quem enxerga seu



Imagem 104 – Jovens da *Universidad Católica* aos 29min15seg

⁴⁸⁴ As prováveis ligações de Jaime Guzmán com a Colonia Dignidad podem ser aprofundadas através de notícias e reportagens, tais como <<http://chiwulltun.blogspot.com/2010/11/monica-madariaga-afirma-que-dirigentes.html> e <https://www.elmostrador.cl/noticias/pais/2014/06/12/colonia-dignidad-los-politicos-de-derecha-y-amigos-del-enclave-que-paul-schafer-mando-a-fichar/>>.

próprio tempo histórico a partir de fora. Isso a posiciona de maneira equilateral entre os “*nostálgicos*” e os “*democratas*”, para falar como Huneus, e frontalmente contra o consenso da *Concertación*, pois, ainda, permaneceria a pergunta: “*o que houve?*” E como as explicações “daqueles que estão no poder” já foram analisadas no início desse capítulo, resta saber como a sociedade chilena daquele 1997 se via entre a esquerda e a direita.

Para tanto, as pesquisas do *Latinobarometro* indicam que, em uma escala de 1 a 10, variando da extrema esquerda à extrema direita, respectivamente, 31% das pessoas entrevistadas disseram 5, ou seja, se posicionaram ao centro. Nos extremos, estariam outros 4% próximo de 1, e outros 4% próximos de 09. As séries históricas do instituto, ainda, revelam os seguintes aspectos:

Satisfação com a democracia

Muito satisfeitos	6%
Satisfeitos	31%
Não muito satisfeitos	45%
Nada satisfeitos	15%

Apoio à democracia

A democracia é preferível a qualquer outra forma de governo	61%
O governo autoritário é preferível em algumas circunstâncias	16%
A pessoas como eu, dá no mesmo um regime democrático ou não	20%

Qual o seu interesse na política?

Muito interessado	5%
Algo interessado	22%
Pouco interessado	32%
Nada interessado	40%

A democracia soluciona problemas?⁴⁸⁵

Sim, soluciona	48%
Não, não soluciona	46%

Em suma, ao centro, insatisfeitos e descrentes em relação à democracia e parcialmente indiferentes quanto à democracia ou o autoritarismo (36%). Eis, pode-se dizer, o “plano sequência” da realidade social e política que margeia as salas de aulas comprometidas por aquelas imagens dos avanços e impasses do governo Allende e do golpe militar. Cotejados com esses índices, os depoimentos daqueles que “*não viveram e pouco ou quase nada sabem*” testemunham, antes de tudo, suas próprias convicções, o anseio pelo viés de confirmação, inclinações reativas e, evidentemente, arruínam qualquer pretensão de consenso social. Ainda sob um vozerio, as estudantes secundaristas são, novamente, postas em cena e interditas pelo depoimento em primeira pessoa da professora



Imagem 105 - A professora do *Sagrados Coraziones* arremata a sequência de enquetes com os jovens estudantes aos 30min50seg de *Chile...*

[vozerio das estudantes] ...Escute, a UP tomou as terras! O povo não tinha nenhuma forma de canalizar a sua opinião (...) então, que trabalhem! (...) O governo era bom, mas era utópico (...)

[professora] Para mim, foi muito forte e emocionante voltar a esse momento, pois eu estava na Universidade, participei também... Mas não desse lado, não de direita propriamente, mas eu estava de acordo que algo deveria acontecer no Chile, as coisas não poderiam continuar como estavam... Eu me equivoquei, me enganei... E neste minuto eu penso outra coisa, pois é duro reconhecer que você estava equivocada, sobretudo quando se sabe tudo o que isto significou. E posso te dizer

⁴⁸⁵ Encuestas CEP Centro de Estudios Públicos 1987-1999 op. Cit. Destaca-se que esse fator se refere à pesquisa de 1995.

que, na manhã do golpe, naquele momento mesmo, eu estava alegre, mas porque eu não tinha a consciência do que isto significaria posteriormente. Dois dias depois, o meu ponto de vista era completamente diferente. E com o tempo, ele mudou ainda mais...

Instigantes e ameaçadoras, aquelas *imagens anadiomênicas* desestabilizam as chances de simetria e entendimento nas interlocuções e corroem as modalidades do que é visível na sociedade chilena dos anos 1990. Sem ser “propriamente de direita”, insatisfeita com o presente, incerta do futuro que queria e dona de uma alegria sem consciência, a professora sobrevivente reconhece o seu autoengano, e o seu mal-estar é absorvido pelo testemunho do próprio realizador.

A SOBREVIVÊNCIA COMO MORTE CIVIL

O *close* da fotografia de Jorge Müller dá margem ao momento mais autobiográfico do filme, uma sequência que reúne a história do Chile e a história pessoal de Guzmán. Aquelas *imagens anadiomênicas*

abandonam o viés espectral e instável para assumir protagonismo e serem retomadas em relevo no argumento fílmico.

Após terem sido mediadas como lembrança junto da geração do próprio realizador que *viu e viveu*



Imagem 106 – A fotografia icônica de Jorge Müller aos 33min de *Chile...*



Imagem 107 -... associada à fotografia da *Equipe Tercer Año*: ambos os artifícios dão margem ao auto reconhecimento do realizador

o governo Allende, e, depois de serem postas em cena junto à juventude - a geração de suas filhas a quem dedica o filme – como inscrições refratárias ao esquecimento, elas, então, ascendessem ao primeiro plano através de cineastas, um gesto de autorreflexão a fim de arrematar a trama fílmica, tal como depõe Pablo Perelman afirmando que, para Guzmán, “*filmar A batalha do Chile naquele momento não era algo excepcional para ele, mas sim a sua maneira de viver o processo... era uma maneira absolutamente privilegiada de viver o processo.*”

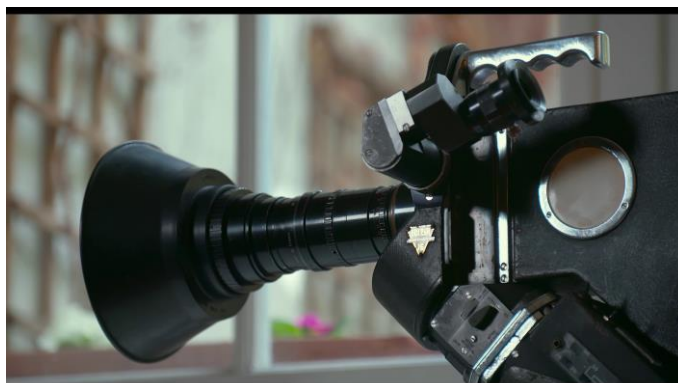


Imagem 108 - Aqui, a câmera Eclair idêntica à de Müller é posta em cena aos 25'30 de *A cordilheira dos sonhos* em 2019...



Imagem 109 -... junto de outra foto da *Equipe Tercer Año*, sublinhando o esforço de patrimonialização de sua cinematografia

Ato contínuo, Guzmán cita a detenção e desaparecimento de Müller, um caso que se desdobrou até março de 2020. Filho de um alemão refugiado do nazismo com uma chilena, Müller⁴⁸⁶ se formou em Cinema pela Universidade do Chile, engajou-se ainda jovem no *Movimiento de Izquierda Revolucionária*, o MIR, trabalhou junto com Miguel Littín, além de estar envolvido em produções do governo Allende.

Sendo o único da *Equipo Tercer Año* a permanecer no Chile depois do golpe, o cinegrafista nunca chegou a ver o filme finalizado. De acordo com o relatório final do próprio *Informe Rettig*

Em 29 de novembro de 1974, os militantes do MIR Jorge Hernán Müller Silva e sua colega de trabalho na Chile Filmes,

⁴⁸⁶ Cf. perfil disponível pelo *Memoria Viva* em <https://www.memoriaviva.com/Desaparecidos/D-M/jorge_hernan_muller_silva.htm>. Acessado em 15/08/2020.

Carmen Cecilia Bueno Cifuentes, foram presos na via pública de Santiago, quando iam para o trabalho. Segundo testemunhos, ambos foram levados para o complexo de Villa Grimaldi e depois transferidos para Cuatro Álamos, de onde desapareceram nas mãos da DINA. A Comissão está convencida de que o desaparecimento de ambos foi obra de agentes do Estado, que violaram seus direitos humanos.⁴⁸⁷

Na sequência, o cineasta Carlos Flores, diretor de *Chascones y descomedidos* (1971) e criador da *Escuela de Cine de Chile*, humaniza Müller e relativiza o seu engajamento político

Não era o perfil do militante mirista que morre em tortura no cárcere de Pinochet. Foi uma coisa muito estranha, pois ele não tinha nem o estilo, nem o gosto... ele não era um perfil político ortodoxo, tomava seus tragos, fumava seus cigarros. Entre uma manifestação política e uma praia, ele preferia a praia. Ele gostava de se vestir, algo que era malvisto numa época em que você tinha que se doar por inteiro aos projetos políticos. Os seus costumes eram malvistos, alguns aceitavam, mas era malvisto.

Alguns dos agentes de repressão envolvidos na detenção e desaparecimento de Müller e sua esposa Carmen Bueno tiveram a condenação revogada em 27 de novembro de 2015, sendo a sentença revertida em 06 de março de 2020. O relatório da acusação mandou reconstituir os seguintes eventos

Em 29 de novembro de 1974, Carmen Cecilia Bueno Cifuentes e seu marido Jorge Hernán Müller Silva, militantes do Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR), foram detidos na via pública, na rua Francisco Bilbao com a Los Leones de Santiago, por agentes pertencentes à Dirección Nacional de Inteligencia (DINA) que os introduziu em uma picape C10 e os trasladaram ao recinto de reclusão clandestino da DINA denominado “Villa Grimaldi”, situado em Lo Arrieta N° 8200, de La Reina e posteriormente ao recinto clandestino denominado “Cuatro Álamos”, situado na rua Canadá N° 3000, de Santiago, que eram custodiados por guardas armados e aos quais só os agentes da DINA; Durante a sua estadia em Villa Grimaldi e Cuatro Álamos, os ofendidos Carmen Cecilia Bueno Cifuentes e Jorge Hernán Müller Silva permaneceram sem contato com o exterior, vendados e amarrados, sendo o primeiro deles continuamente submetido a interrogatórios sob tortura pelos agentes da DINA que operavam nos ditos quartéis com o propósito de obter informação relativa aos integrantes do MIR para proceder com a detenção de seus membros; a última vez que as vítimas Bueno Cifuentes e Müller Silva foram vistos

⁴⁸⁷ Informe Nacional de la CNVR, v.1 tomo 2 p. 793.

ocorreu em um dia não determinado em dezembro de 1974, sem que exista a data, antecedentes sobre o paradeiro de ambos, encontrando-se desaparecidos até a presente data. O nome de Carmen Cecilia Bueno Cifuentes constou em uma lista de 119 pessoas, publicada pela imprensa nacional logo após ter figurado em uma lista publicada pela revista LEA da Argentina, datada de 15 de julho de 1975, na qual se dizia que Carmen Cecilia havia morrido na Argentina junto a outras 59 pessoas pertencentes ao MIR devido às rixas internas provocadas pelos seus próprios membros. Note-se que as publicações que deram por morta a vítima Bueno Cifuentes tiveram origem em manobras de desinformação efetuada pelos agentes da DINA no exterior.⁴⁸⁸

Em realidade, como já foi salientado, a detenção seguida do desaparecimento levados a cabo pelo pinochetismo almejavam tanto a destruição dos partidários das esquerdas nacionais quanto a sua aniquilação internacional sob o signo da Operação Condor. Além disso, a eficiência de ambas as táticas de terror consistia da difusão da indeterminação e de medo como políticas de Estado, tal como relata Perelman

[Müller] era o tipo de gente destinada a desaparecer, pois o seu sumiço provocava muita emoção num ambiente muito amplo, com muita capacidade de comunicação, um cineasta, um tipo muito simpático... Era um tipo destinado à desapareição, algo como que um destino para impressionar a sociedade...

Perelman assume aqui uma posição ambivalente, já que à medida em que testemunha a perda em comum com Patricio Guzmán – ele e Müller dividiam a mesma moradia -, ele, também, enluta a ausência de seu irmão, Juan Carlos, detido e desaparecido em 20 de fevereiro de 1975. Juan Carlos tinha 31 anos e guardava um tipo reservado e pouco conhecido, e trabalhou no Departamento de Investimentos da Corporación de Fomento de la Producción, a CORFO, até 1973. Assim como Müller e Pablo, Juan Carlos era filiado ao MIR e, de acordo com o relatório que consta na condenação dos autores do desaparecimento, em 1º de dezembro de 1974, ele e sua companheira Gladys Díaz começaram a viver juntos e

No dia 20 de fevereiro de 1975, encontrando-se em um [novo] apartamento, a companhia tocou por volta das 10h30 da

⁴⁸⁸ Cf. domínio oficial do Poder Judicial da Republica de Chile, disponível em: <https://www.pjud.cl/web/guest/noticias-del-poder-judicial/-/asset_publisher/kV6Vdm3zNEWt/content/ministro-hernan-crisosto-condena-a-56-agente-de-la-dina-por-el-secuestro-calificado-de-pareja-de-cineastas>. Acessado em 16/08/2020.

manhã com sujeitos civis portando metralhadoras. Eles pediram os documentos e confirmaram que ela era a Gladys Díaz intensamente procurada (...) eles foram levados detidos para Villa Grimaldi onde foram torturados juntos durante vários dias, um diante do outro.⁴⁸⁹

Depois de quatro anos de exílio, Perelman retornou ao Chile em 1979 para trabalhar com Cinema e, ao longo dos três anos das *protestas* contra o pinochetismo (1985-1987), ele elaborou suas experiências pessoais em *Imagen latente*⁴⁹⁰, uma ficção de longa-metragem produzida de maneira independente. “*Rechazada*” pelo Decreto nº679 de 1974 que proibia qualquer filme que manifestasse “*inspiração marxista ou contrária à ordem pública, à pátria ou à nacionalidade*”⁴⁹¹, a obra se tornou uma referência incontornável de sua época.

Baseado em sua experiência como um sujeito “*reprimido indiretamente*”⁴⁹², nela Perelman construiu Pedro, um protagonista fotógrafo que deriva pela cidade em busca de seu irmão, enquanto constrói reflexões emocionais tais como “*o grave é estar vivo e seguir morto civilmente*”, isto é, a “morte civil” seria uma condição existencial dada pelo “não”

Não poder amar, não poder ter uma família, não poder exercer um pensamento de alto voo, não poder desenvolver, exercer um ofício nobre... assim escondem nossos familiares e nos obrigam a matá-los em nós mesmos e caminhar pelas ruas entre os assassinos

Em suma, seria interessante recobrar uma última valoração de Perelman sobre a política do desaparecimento para a análise da pertinácia das memórias de Guzmán. Ao comentar o seu próprio filme de 1987, quando afirma que

⁴⁸⁹ Cf. perfil político disponibilizado em: <<https://villagrimaldi.cl/noticias/desaparicion-de-juan-carlos-perelman-la-justicia-dicta-condena-40-anos-despues/>>. Acessado em 11/08/2020

⁴⁹⁰ Cf. ficha descritiva disponibilizada pela Cineteca de Chile em: <<https://www.cclm.cl/cineteca-online/imagen-latente/>>. Acessado em 23/09/2020.

⁴⁹¹ VILLARROEL, L. *O país dos cineastas – cinema e identidade chilena da década de 1990-2000*. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, 2003, p. 54. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2055/000363358.pdf?...1>>. Acessado em 18/09/2020.

⁴⁹² VALENZUELA, V. *¿Qué hay de Chile en Cine? o ¿qué hay de cine em Chile?* Entrevista com Pablo Perelman, *Convergencia*, nº 16. Disponível em: <<https://biblat.unam.mx/hevila/ConvergenciaRevistadelosocialismochilenoylatinoamericano/1989/no16/12.pdf>>. Acessado em 25/09/2020.

O desaparecimento de pessoas é uma prática muito eficaz porque vai se multiplicando: afeta a família, o seu meio, a Universidade, os estudantes... ele tem o poder de expansão muito forte, rápido e eficiente. O filme se baseia nisso, em como esse método se desenvolve em um clima de medo e paralisação dos movimentos, das ideias.⁴⁹³

Tomado pelo *pathos* da “morte civil”, Carlos Flores expõe a sua impotência diante da perda de Müller, ou melhor, o seu *não poder* encarar essa perda e manter as aparências diante dela. Para dialogar com Rodríguez, seria possível dizer que os soluços e os interditos de Flores inscrevem aquela atividade historiadora que, em detrimento da narrativa que repete o que se lembra, instaura cesuras, abre-se ao que foi



Imagem 110 – dom Rodolfo, pai de Müller aos 35min de *Chile...*

esquecido e recalcado. Enfim, como registrou Gagnebin, abre-se “*àquilo que não teve direito nem à lembrança nem às palavras*”.⁴⁹⁴ Comovido, Flores relata

É claro que seria uma estupidez negar, esquecer... talvez o que esteja acontecendo agora é porque eu sempre neguei... é uma estupidez, certo? E talvez não tenha tido tempo para chorar o suficiente... talvez também não seja o momento... é uma maneira de tentar responder o que você me dizia, não?

As lágrimas e a emoção de Flores comovem dom Rodolfo, o pai de Jorge Müller, cuja participação se faz pelo silêncio e pela posta em cena de relíquias pessoais, como algumas fotografias do filho. Novamente, tomadas como arquivos no sentido derridiano, elas instauram uma repetição para destinarem nossos olhares às suas margens: assim, são fundidas com a

⁴⁹³ Uma entrevista com Perelman para o programa *Ciclo del Cine chileno* pode ser vista aqui <<https://www.youtube.com/watch?v=a2vO0g4r-Hc>>. Acessada em 02/11/2020.

⁴⁹⁴ GAGNEBIN, J. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2009, p. 55.

abstração da tomada do “*carroceiro voador*”⁴⁹⁵, pautada pela melancólica execução ao piano de Ignacio.

A dialética proposta pelo jogo de aproximação e distanciamento das imagens tomadas por Müller evoca a semântica dos sítios concentracionários do pinochetismo. A visita à Villa Grimaldi é feita com a companhia de Perelman, que a vê como “*um lugar sinistro sob todos os pontos de vista*”, pois nela, além da morte, do túmulo, também, foram deixados rastros de desumanização que persistem no contemporâneo.

Nesse momento, Perelman insinua um tema perseguido obstinadamente pela historiografia da transição chilena, mas alheio à trama fílmica, a saber, as relações estruturais entre o sistema de repressão política, sua lógica concentracionária e o arranque das conquistas macroeconômicas neoliberais. Em suas palavras,

E quando o jogo político convencional se restabelece, não conseguem superar esta barbaridade, ou seja, isto de Pinochet e dos direitos humanos, não há outra coisa... aparentemente, a economia do país vai muito bem... realmente, o que acabou com Pinochet foram as denúncias das violações dos direitos humanos, nem mais nem menos.

Postas em perspectivas com a historiografia, essas considerações implicam em compreender como a violação dos direitos humanos foi sistematizada e banalizada através de sequestros, detenções, torturas, encarceramentos e desaparecimentos *em função e para que* a revolução capitalista dos *Chicago Boys* pudesse ser implantada e consolidada. Sob a ótica de Moulian, a racionalidade estratégica da repressão conjugada à lógica concentracionária – através da DINA e da Operação Condor, por exemplo, era a contraparte da racionalidade administrativa exigida e imposta pelo neoliberalismo.⁴⁹⁶

Enfim, atualizando as palavras de Perelman, os túmulos, as sepulturas e os rastros das pessoas desaparecidas, assim como as cicatrizes, os gritos, soluços e lágrimas das que restaram seriam a *essência*, a *raison d'être*, a condição humana diante da *aparente* ordem e vitalidade da economia. A “*morte civil*” em que vivem seria, então, antes de tudo, resultado de um metabolismo

⁴⁹⁵ Cf. o tópico *Um travelling sobre a cotidianidade do Poder popular*.

⁴⁹⁶ MOULIAN, T. Op. Cit., p. 18.

social operado pelo pinochetismo, o que faria com que a denegação do consenso e a elaboração do trauma exigissem a crítica econômica, tal como sonhavam as esquerdas de quando eram jovens.

Vale ressaltar que esta crítica econômica – insistentemente teorizada e renovada pelos setores sociais e intelectuais mais engajados – é tangenciada pelos argumentos fílmicos dessa segunda trilogia e ganha mais protagonismo somente em *A cordilheira dos sonhos*, de 2019, através da participação de Jorge Baradit e Pablo Salas, como veremos no último capítulo.

O ACENTO PESSOAL DO ADAGIO OSTINATO

Temos que visto que, apesar de o filme chegar a ser interpretado como uma “*quarta parte*” de *A batalha do Chile*, a fortuna político-econômica da teoria crítica que animou a montagem das três primeiras partes é aqui cifrada pelas ambivalências da memória e do esquecimento.

Comprometida pela ótica autobiográfica que explora as nuances pessoais e profissionais, a teoria crítica de *Chile* memória obstinada emula o confronto com o consenso e o exorcismo dos espectros do pinochetismo. Contudo, ao encarar a política da detenção e

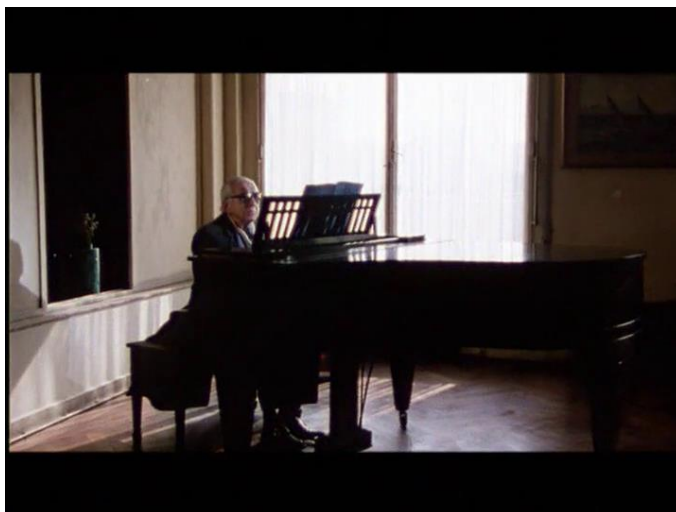


Imagem 111 – Ignácio, o tio de Guzmán responsável pela salvaguarda das bobinas de *A batalha do Chile* aos 39min...



Imagem 112 - acentuando o tom melancólico das perdas impostas pela truculência do pinochetismo

desaparecimento pelo filtro das perdas individuais e familiares⁴⁹⁷ e rasurar os acentos ideológicos dos depoentes, o argumento fílmico se inclina ao tom afetivo de seus testemunhos, muitos deles fundados através do paradigma visual.

Como exemplo, tem-se Ignacio, tio de Guzmán, que, então, aparece como o pianista responsável pelo *adagio ostinato* que cadenciou o filme. O último a ser elencado dentre as personagens afetivas, ele é apresentado por Guzmán como o “único sobrevivente” de sua família, o que reafirma o sentimento de perda familiar do próprio realizador – um dispositivo retórico que será repetido nos próximos filmes. A tibieza na execução do *adagio* ganha um acento irônico quando um *close* em suas mãos revela a marca do piano, *August Förster*, homônimo ao ditador chileno e germânico, tal como o verniz prussiano que imbuíu a formação de suas forças de segurança.

“Recordar é voltar atrás, é olhar o que passou... E a pessoa pode realmente ver”, é como Ignacio responde à pergunta de Guzmán e revela o momento mais pessoal do filme. Ignacio relata como guardou os rolos de *A batalha do Chile* em um baú e os destinou à salvaguarda da embaixada sueca – lotada, naquele momento, por Harald Edelstam, um humanista que colocou em prática inúmeras ações de solidariedade ao governo Allende e à população chilena após o golpe militar.⁴⁹⁸

“Eu sei que tinha que fazer aquilo, não somente por você, mas pelo que aquilo significava para recordar depois... Para mim, a memória histórica é recordar os feitos, especialmente aqueles relacionados ao país e, claro, a todo mundo”. O seu imperativo cívico e o dever de memória são acompanhados pelas imagens multitudinárias do governo Allende e pela mirada do *Memorial a los desaparecidos*, localizado no Cemitério Geral de Santiago.

⁴⁹⁷ BLANES, J. Op. Cit, Cap. 04, p. 243-300.

⁴⁹⁸ Liderada pelo Primeiro-Ministro Olof Palme, a Suécia jogou um papel decisivo na solidariedade internacional do Chile a partir da década de 1960. Fernando Camacho, um especialista no tema, curiosamente relata que “a imunidade diplomática de Edelstam lhe permitiu realizar façanhas espetaculares, praticamente desconhecidas na história da diplomacia até hoje em dia. Durante os três meses posteriores ao golpe, foram tão numerosas as suas ações humanitárias que resulta impossível mencioná-las todas”. Disponível em: https://www.iai.spk-berlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/Iberoamericana/2007/Nr_25/25_Camacho.pdf Para saber mais, ver PADILLA, F. *Suecia por Chile: una historia visual del exilio y la solidaridad 1970-1990*. LOM Ediciones, 2009.

A participação de Ignacio, então, endereça à detenção de Guzmán no Estádio Nacional, onde permaneceu por duas semanas. O realizador retorna ao campo concentracionário acompanhado de seu amigo Álvaro, um médico que se voluntariou a fim de *“aliviar um pouco”* a



Imagem 113 – Patricio Guzmán ressurge como personagem ao final do filme visitando o Estádio Nacional

condição dos detidos. As tomadas dos túneis subterrâneos vazios do Estádio dimensionam o *“sentimento sinistro, o sentimento de guerra”* que levaram Álvaro a *“abraçar ou tomar as mãos”* no reencontro com o jovem cineasta naquele centro de tortura e fuzilamento.

Em um gesto terapêutico, Guzmán impinge a Álvaro uma função especular ao questionar *“eu estava muito assustado?”*, sendo atendido pelo médico quando solicitou que fosse à sua casa dar tranquilidade à sua esposa. As fricções entre o cotidiano concentracionário, suas simulações de fuzilamento e o presente são provocadas através da ressurgência das imagens de Bruno Muel⁴⁹⁹ e de David Burnett.⁵⁰⁰ As tomadas de uma partida de futebol desde o ponto de vista das forças de segurança atualizam o caráter espectral da lógica “amigo-inimigo” e seu decorrente sentimento de guerra.

Monumento desportivo, documento de barbárie. Instituição de cultura e entretenimento, escombros de despojos humanos. As instâncias heterotópicas do Estádio Nacional, as zonas cinzas de suas temporalidades e a insistência de um ontem que resiste ao recalque são lidas por Malbrán como inerentes à condição humana: *“somos como um cemitério, como um campo santo onde*

⁴⁹⁹ As polêmicas em torno do filme seguem disponíveis aqui: <<http://www.iskra.fr/Septembre-chilien>>.

⁵⁰⁰ Um acervo das imagens de Burnett segue disponíveis aqui:

<<https://www.davidburnett.com/gallery.html?gallery=Chile%3A%2040%20Years%20After%20the%20Cop%20d%27Etat#/2>>, FILME <https://www.youtube.com/watch?v=I9RJwflv_ZI>, David e Daniel <<https://roadsandkingdoms.com/2013/david-and-daniel/>> e a tese: <<http://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/146379/El-Hombre-de-la-Foto.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> .

dormem todos que um dia já fomos. Mas estes que fomos, não estão mortos porque despertam ao menor conjuro cotidiano”.

A sedimentação do viés humanista e suprapartidário das violações dos direitos humanos é coroada pela posta em cena de Hortensia Bussi, a viúva de Allende, cujo corpo foi enterrado de noite em uma vala comum no Cemitério Santa Inés de Viña pelo pinochetismo.



Imagem 114 – Hortensia Bussi junto do corpo de Allende aos 46min50seg de *Chile...*

O segundo de seus três funerais⁵⁰¹ ocorreu em 04 de setembro de 1990, momento em que seus restos mortais foram trasladados para o mausoléu familiar no Cemitério Geral de Santiago, junto de uma grande cerimônia cívica. Lamentando *“tantos anos de recordações”* e *“tantos anos de entrevistas”*, Bussi dá carne e concretude à aniquilação cultural imposta pelo pinochetismo

Espero que não me pergunte sobre fotografias, pois eu não as tenho e isso me indigna também... ainda hoje não me foram devolvidas. Nem sequer os netos o conhecem... tampouco tenho algo pessoal para presentear os netos... um suéter, uma gravata ou algo assim... Nem uma só coisa, nem minha e nem dele. E isto faz falta, eu gostaria muito de recuperar... para manter comigo e com toda família. Foi um verdadeiro saqueio o que fizeram... Eu trato de dizer *eu quero viver* como uma espécie de autodefesa.

⁵⁰¹ Um terceiro funeral de Salvador Allende ocorreu ao longo do ano de 2011, pois em maio daquele ano o seu corpo foi exumado a fim de esclarecer a sua *causa* mortis, sendo então o funeral no dia 04 de setembro daquele mesmo ano, data que coincidiria com o 41º aniversário de sua eleição para presidência do Chile conforme <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/07/salvador-allende-tera-funeral-publico-em-4-de-setembro-diz-sua-familia.html>>. Acessado em 25/10/2020.

Apesar de “*não pensar muito na morte*”, Ignacio confessa que, “às vezes, *pensa para se acostumar à ideia*”, pois perdeu muitos familiares. A fragilidade das condições de razoabilidade e seus arrimos diante da iminência da morte são emulados pela angústia diante da ignorância ou do esquecimento. A ressurgência dos dois últimos minutos da segunda parte de *A batalha do Chile – O golpe de Estado* – junto de jovens é mediada pela baixa intensidade política a que se propõe o filme. Conforme analisado no capítulo anterior, as cenas finais de 1975 são de tanques de guerra tomando as cidades e as *poblaciones* colmadas pela voz over argumentando que



Imagem 115 – As *imagens anadiomênicas* de *A batalha...* ressurgem aos 49min40seg...



Imagem 116 -... junto dos estudantes da escola de dramaturgia de Ernesto Malbrán para encerrar o filme

A partir de 11 de setembro, todos os recursos do Exército chileno são utilizados para reprimir os movimentos populares com a complacência do governo norte-americano. A primeira resistência armada oferecida por alguns cordões industriais, favelas, minas e centros agrícolas é abafada rapidamente através de uma luta desigual. Centenas de pessoas perdem a vida e os principais centros desportivos se convertem em campo de concentração. A experiência democrática mais longeva da América Latina deixou de existir. Entretanto, a partir do mesmo dia 11 de setembro, as forças democráticas começam a se reorganizar pouco a pouco na clandestinidade e adotam variadas formas de resistência. A Batalha de Chile não terminou.

Vinte e dois anos depois, em 1997, esses dois minutos finais são retomados, mas subtraindo as “*resistências armadas dos cordões, favelas, minas e centros agrícolas*” e a “*reorganização clandestina das forças democráticas*”, restando, então, o seguinte argumento rasurado pelas faces comovidas dos estudantes

Centenas de pessoas perdem a vida e milhares de estádio de futebol são convertidos em campos de concentração. A experiência democrática mais longa da América Latina tinha deixado de existir. Entretanto, a batalha do Chile não havia terminado.

O silêncio e o constrangimento provocados pelas *batalhas do Chile* são expressos pelas mãos cruzadas de uns e pelos olhares desviados de outros. Os diferentes afetos e suas disposições morais têm início com a luta pelos sonhos de ontem e de hoje. Ela continua lícita, mas cifrada pela experiência individual de uma jovem

Eu, pessoalmente, tinha seis anos quando tudo aconteceu... e todas as informações que eu pude adquirir ao longo da vida foi através de outros filmes também, familiares e amigos pessoais... mas vendo tudo isso agora desta forma me faz pensar em muitas coisas e uma que me vem à tona é que eu me sinto muito orgulhosa do meu povo. É claro que fizemos muita merda, mas é preciso seguir lutando e, pessoalmente, creio que cada um tem a sua luta. Em vez de pegar uma pistola, eu prefiro lutar como estamos fazendo aqui, vindo à escola e aprendendo outras armas para lidar com isso e ver como e quando isto funciona. Mas me sinto orgulhosa de toda esta gente que lutou por um ideal, mas que, desgraçadamente... bem, durante todo o tempo do filme, eu já sabia o final, que este ideal seria massacrado, mas... creio que lícito sonhar, é muito lícito sonhar pelos sonhos pessoais.

A ira, uma inclinação acompanhada pela dor e, geralmente, pelo desejo de vingança em razão de algum despropósito conosco ou com nossas pessoas familiares, timbra os próximos depoimentos

Eu sinto que, neste momento, estou neste processo... de botar toda esta raiva, toda esta merda que tenho dentro e que segue aqui, e que segue... e eu sigo neste processo de botar esta merda para fora... o que eu sinto é muito forte...

Eu era criança e no dia onze de setembro, eu me lembro de saltar na minha cama feliz por não ter aula... e vendo isso

agora... Eu não sei como o homem pode chegar a... matar o outro por um ideal... e você tem uma família inteira que não pensa como você... é como te matarem porque você não gosta de Arte...

Tomados em conjunto, os depoimentos são perfilados com leves movimentos de câmera que desnudam os rostos desfigurados pelas lágrimas. Profundamente perturbados, os jovens perdem a pose e se expõem diretamente para a tomada; submetidos às suas paixões, eles revelam os impasses da emoção como um fator político: emocionados,



Imagem 117 – A melancolia dá lugar à indignação e à esperança no final do filme

eles lutam para superar a suspensão de referências de pensamento, para tomar distância e achar palavras e nomes que a ação exige. O niilismo da “morte civil”, de que falava Perelman, ganha concretude quando um dos jovens afirma:

Eu deixei de acreditar em tudo, nas pessoas, nos meus amigos, nos militares, na minha família, em tudo... eu não creio, eu deixei de acreditar... esta foi a vitória da ditadura: deixar de acreditar nas pessoas e nos seres humanos. Os últimos quinze anos foram muito obscuros, em todos os sentidos... em minha família, mataram o meu irmão.

Ernesto Malbrán retoma a cena e, em um gesto didi-hubermaniano, restaura o veio transformador da “e-moção”⁵⁰², compreende-a como um gesto de honestidade de quem se afirma no contemporâneo e renega a veladura do olhar que se destina ao passado e ao faz de conta do consenso presente

Eu acredito que isto foi um sonho de justiça, um sonho que se fez em pedaços. E eu me sinto feliz por ter sido um tripulante nesta nave de loucos. Mas o que quero dizer é o seguinte: é que nesta hora difícil em que caíram os modelos e as ideologias servem para pouca coisa, devemos assumir a tarefa

⁵⁰² DIDI-HUBERMAN, G. *Que emoção? Que emoção!* São Paulo: Ed. 34, 2016.

de sermos imagens viventes para que os jovens olhem para todos os lados em busca de interpretações e saibam que isto não é um naufrágio, é somente um tremor de terras, e nada mais.

Ao tomar a “e-moção” como um afeto que transcende o eu e se impõe como algo da ordem do evento, Malbrán reafirma o desejo de transformação pessoal como um devir político. Assim, por mais que o tio Ignacio se afaste da tomada a passos lentos nas cenas finais, Patricio Guzmán permanecerá como uma das “*imagens viventes*” da história chilena.

PRECEDENTES DO CASO PINOCHET: DIÁLOGOS COM SOBREVIVENTES

Em 2001, o presidente socialista Ricardo Lagos completava seu primeiro ano de governo. Empossado em 11 de março de 2000, o representante do Partido Socialista chileno havia sido eleito sob as expectativas de compromisso social com aqueles, até então, marginalizados pela continuidade do governos democratas-cristãos. Dentre eles, estariam a demanda de resolução dos conflitos em torno das terras dos mapuches, preocupações de foro ambiental e, o que aqui particularmente interessa, as investigações a respeito da sistematização da tortura como política de Estado pelo pinochetismo e as devidas medidas de reparação.

Levando em conta a série histórica das pesquisas do *Latinobarómetro*, pode-se dizer que seus desafios não eram poucos. Naquele momento, 47% da população chilena se dizia “*não muito satisfeita*” com a democracia, enquanto 24% se dizia “*nada satisfeito*” e outros 19% estavam “*satisfeitos*”. Quanto ao apoio à democracia, a sociedade, ainda, parecia dividida: enquanto 45% concordava com a afirmação de que “*a democracia é preferível a qualquer outra forma de governo*”, outros 19% reconheciam que “*em algumas circunstâncias, o autoritarismo pode ser preferível*”, e 28% estariam a par de que “*para pessoas como eu, dá no mesmo um regime democrático ou não democrático*”.⁵⁰³

O interesse pela política continuava em baixa: 53% se dizia “*nada interessado*” enquanto outros 27% estavam “*pouco interessado*”. Seguindo

⁵⁰³ As pesquisas do *Latinobarómetro* estão todas disponíveis em seu portal oficial: <<http://www.latinobarometro.org/latCodebooks.jsp>>. Para a compreensão de mais detalhes para essa pesquisa, vide também tabelas anexadas ao fim do capítulo ou do livro.

aquela escala já apresentada em que “1” significa à esquerda e “9” à direita, a amostragem indica que, enquanto 5% das pessoas entrevistadas se viam mais próximas de “1”, 27% estavam em torno do “5”, e outras 7% alinhados ao “9”.

Esse cenário sociopolítico, ainda, revelou outras dimensões culturais às pesquisas nacionais da *Corporación CERC*, dirigida por Carlos Huneeus. De acordo com as investigações do *Centro de Estudios de la Realidad Contemporánea* do intelectual democrata-cristão, em 2001, a aprovação do primeiro ano do governo Lagos teria caído quatro pontos percentuais, chegando a 53%; ao passo que as intenções de voto na UDI, *Unión Demócrata Independiente* (aquela mesma fundada por Jaime Guzmán em 1983) teria tido um aumento de dez pontos, chegando a 24%, tornando-se, então, o partido com maior adesão social.⁵⁰⁴

Ainda, de acordo com o *CERC*, a pergunta aberta sobre quem seriam os cinco políticos com mais futuro seria encabeçada por Joaquín Lavín, um “*Chicago Boy*” militante da UDI, prefeito de Santiago naquele momento e que tinha concorrido com Ricardo Lagos à presidência. Por fim, a AFDD (*Agrupación de Familiares Detenidos Desaparecidos*), ainda, figurava entre os temas da pesquisa, sendo que suas ações sociais e políticas contavam com a opinião “*muito ou bastante favorável*” de 54% das pessoas entrevistadas, e outras 37% “*pouco ou nada favoráveis*”.

Em linhas gerais, ambas as pesquisas sociais se complementam na medida em que iluminam a complexidade do Chile no começo do século XXI: a sociedade, ainda, mostrava um alto grau de desconfiança nas instituições políticas tradicionais, baixa adesão aos seus representantes partidários, insegurança quanto ao desempenho econômico do país a curto prazo e, o que mais importa a esta pesquisa, indiferença quanto ao regime de governo.

As circunstâncias, também, revelam uma forma de polarização social quando o assunto é a tomada de posição entre a esquerda e a direita ao mesmo tempo em que a UDI, herdeira direta da visão de mundo pinochetista, passa a despontar como um projeto com forte adesão social que ameaça a hegemonia da *Concertación* consensuada pela aliança PDC-PS. Vale registrar que a vitória eleitoral de Ricardo Lagos sobre Lavín em 2001 foi bastante

⁵⁰⁴ *Encuesta Nacional CERC* Abril, 2001 Disponível em: <
<https://web.archive.org/web/20070610084622/http://www.cerc.cl/Encuestas/01Abr.pdf>>.

apertada: contando com 51,3% dos votos contra 48,7% de Lavín, a diferença substancial era somente de 163 mil votos.⁵⁰⁵

Apesar dessa significativa intimidação dos pactos realizados em nome do *Nunca Más!*, a grande maioria da sociedade apoiava as reivindicações sociais, culturais e políticas da AFDD e de associações afins que se mantinham na luta pela memória e pelos direitos humanos na tentativa de cumprir as tarefas pendentes da *Concertación*. A esse respeito, é preciso se lembrar de que as narrativas de memória e verdade foram instauradas pelo *Informe Rettig* em 1991, tal como problematizados para a análise de *Chile, memória obstinada* (1997). Os seus propósitos se desdobraram na instalação da CNRR, *Corporación Nacional de Reparación y Reconciliación* que, entre 1992 e 1996, tinha como tarefa identificar as pessoas executadas como detidas e desaparecidas pelo pinochetismo. Os seus trabalhos, também, resultaram em um *Programa de Derechos Humanos* com o intuito de auxiliar os familiares com a localização dos desaparecidos e as devidas tramitações jurídicas.

Porém, conforme salientado, as iniciativas dessas medidas oficiais encontravam limites nas contradições próprias da *Concertación*: enquanto o *Informe Rettig* não tocou no assunto da tortura e, por extensão, não teve como preocupação qualquer forma de reparação às suas vítimas, os resultados das pesquisas da CNRR teriam passados despercebidos pelos meios de comunicação chilenos em 1996. Nas palavras de Roberto Garretón, advogado ligado à *Vicaría de la Solidaridad*, “os avanços judiciais nos oito primeiros anos de democracia eram tão poucos que facilmente poderiam ser contados com os dedos de uma mão”.⁵⁰⁶

Em conferência realizada pela *Universidad Diego Portales* para celebrar os dez anos da prisão de Pinochet, em 16 de outubro de 1998, Garretón relatou que os avanços dos temas ligados ao reconhecimento das violações dos direitos humanos e as devidas políticas de reparação eram tão pobres que, em seu informe elaborado para a *Human Rights Watch* enviado à corte britânica em 1999, ele se viu obrigado a reconhecer que Pinochet jamais seria julgado

⁵⁰⁵ NATALI, J. *Ricardo Lagos vence eleição no Chile*. Folha de São Paulo, 17/01/2000, disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1701200001.htm>>. Acessado em 27/09/2020

⁵⁰⁶ BRETT, S. *El efecto Pinochet – a diez años de Londres 1998*. Ed. Cath Collins, Universidad Diego Portales, Santiago, Chile, 8-10 Octubre, 2008, p. 22.

no Chile. “Na realidade, os obstáculos que impediam as cortes chilenas de julgá-lo eram políticos, e não jurídicos”, desabafou.

Foi esse Chile indiferente quanto ao seu passado recente e pessimista quanto ao futuro que foi surpreendido pela notícia da prisão de Pinochet em outubro de 1998. Em geral, a sociedade ficou perplexa com a detenção do homem que havia regido o país de maneira brutal, ordenando a morte e o desaparecimento de mais de três mil pessoas e que, até então, mostrava-se intocável em seu autodesignado cargo de senador vitalício.

Como se sabe, a literatura a respeito do “caso Pinochet” é vasta: ela se desdobra em livros de memória, em pesquisas de opinião e em pesquisas acadêmicas de diversas áreas, margeando as Ciências Sociais, a História e, claro, o Direito.⁵⁰⁷ Dado que o escopo da presente investigação é a análise de como a “trilogia dos testemunhos” de Guzmán dialoga com a historicidade da *Concertación*, aqueles estudos, então, serão cotejados na medida em que contribuirão para iluminar as densidades históricas do filme “O caso Pinochet”.

Nesse sentido, é interessante registrar que, apesar da histórica luta pela memória e pelos direitos humanos desde o início dos anos noventa, grande parte da intelectualidade e dos ativistas dos direitos humanos se mostraram céticos quanto a qualquer progresso no julgamento de Pinochet após sua prisão em Londres. Exemplo disso é o relato da especialista Cath Collins que disse ter encontrado somente uma ativista acompanhando o caso desde o início, Patricia Verdugo, mesmo com a grande imprensa chilena mediando de perto as idas e vindas de todo processo.

Enquanto diferentes setores da sociedade civil oscilavam entre a surpresa e o ceticismo, as elites político-jurídicas chilenas logo sofreram transformações significativas, a começar pelo descolamento de setores de direita que, historicamente, estavam amalgamados com o pinochetismo. Na introdução do relatório produzido pela FLACSO-Chile, a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais⁵⁰⁸, sobre os impactos do chamado “efeito Pinochet” na América Latina, os pesquisadores Stefoni e Aravena, também, chamam a atenção para as sedições internas que ocorreram na aliança

⁵⁰⁷ Para saber mais ver ARRIAZA-ROTH, N. (2005); EKAIZER, E. (2003); HUNEEUS, C. (2000).

⁵⁰⁸ ARAVENA, F.; STEFONI, C. (editores). *El “caso Pinochet” visiones hemisférica de su detención en Londres*. Santiago-Chile: FLACSO-Chile, 2001, p. 14.

partidária da *Concertación*. Afinal, naqueles momentos finais do governo Frei-Tagle, muitos políticos e juristas ligados ao Partido Socialista teriam sido mobilizados pelo governo democrata-cristão, tendo em vista a nacionalização do caso, já entendida naquele momento como mais uma oportunidade para o silenciamento e a impunidade institucionalizados no país.

Quanto às instâncias jurídicas, ambos os especialistas destacam que houve uma guinada em relação aos assuntos ligados aos direitos humanos. Tribunais e agentes jurídicos, cujas inércias haviam sido abertamente questionadas no passado, então, demonstraram um voluntarismo inédito a fim de deliberar sobre as arbitrariedades e violações perpetradas pelo pinochetismo. Voluntarismo esse que não passou despercebido pela grande mídia, pelos pinochetistas, assim como pelo olhar clínico da crítica acadêmica: ainda vigora o entendimento de que os eventos do “caso Pinochet” não teriam sido capazes de provocar grandes transformações na cultura judicial chilena; ao contrário, imprimiram novas demandas sociais e obrigações políticas à longa tradição de deferência ao Poder Executivo.⁵⁰⁹

Isso significa dizer que o abandono, por parte de determinados advogados, promotores e juízes, de uma postura principalista em nome de um ativismo jurídico pró-direitos humanos foi visto como algo que oscilaria entre o anseio de uma “*missão redentora*” na superação dos traumas históricos e o desejo do cumprimento de um “*papel de deferência*” às circunstâncias, almejando tão simplesmente resultados políticos pré-determinados, tendo em vista o carreirismo.⁵¹⁰

À margem dessas ambivalências no reino jurídico chileno, estava a jovem organização intergovernamental do Mercosul, cujos países se alinharam na defesa da soberania nacional chilena. Assim, Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina endossaram a razão de Estado chilena que se viu afrontada pela decisão da Câmara dos Lordes do Reino Unido que, acolhendo as petições da organização madrilenha *Fundación Salvador Allende*, deliberou por maioria que a lei britânica não admitiria nenhuma defesa baseada na imunidade soberana diante da alegação de graves violações dos direitos humanos. As querelas jurídicas estavam só começando e demonstravam que o clamor pelo *Nunca*

⁵⁰⁹ BRETT, S. Op. Cit., p. 30.

⁵¹⁰ Ibidem, p. 31

Más! ainda reverberaria nos anos 2000, exigindo do Chile um acerto de contas com o seu passado.

Retornando à política nacional. A medida mais ousada e controversa tomada pela *Concertación* para lidar com esse acerto de contas foi a convocação da *Mesa de Diálogo de Derechos Humanos* pelo governo Frei-Tagle, em agosto de 1999. A principal finalidade era suprir uma das lacunas do *Informe Rettig*, a saber: a busca pelas vítimas de desaparecimento forçado ou, ao menos, a identificação das circunstâncias de seus desaparecimentos. A iniciativa era ousada porque as suas 24 cadeiras foram compostas por notáveis de distintos espectros ideológicos da caserna, da vida política, religiosa e intelectual.

Tendo em vista um melhor dimensionamento da análise fílmica da presente trilogia, vale aqui um breve percurso no bojo de suas “*reflexões fundamentais*”⁵¹¹ que condenava a violência como ação política, ao mesmo tempo em que legitimava o pinochetismo enquanto visão de mundo. De acordo com o texto, a Mesa foi convocada porque “*subsistiria entre os chilenos um desencontro que dificultaria o país avançar unido ao futuro*”; desencontro este que seria uma herança dos anos 1960, momento em que o país teria sofrido uma

espiral de violência que os atores de então provocaram ou não souberam evitar. Foi particularmente sério que alguns deles teriam se valido da violência como método de ação política. Esse grave conflito social e político culminou nos eventos de onze de setembro, sobre o qual os chilenos sustentam, legitimamente, distintas opiniões.

A defesa dos direitos humanos e a postura combativa do dever memória subsumido no *Nunca Más!* seguia *pari passu* com a crença de que o Chile teria vivido, entre 1973 e 1990, um estado de exceção em que “amigo-inimigo” seriam forças proporcionais

Entretanto, existem outros eventos sobre os quais não cabe outra atitude legítima que o rechaço e a condenação, assim como a firme decisão de que não se repitam. Nos referimos às graves violações dos direitos humanos em que ocorreram agentes de organizações do Estado durante o governo militar.

⁵¹¹ Cf. domínio virtual oficial da *Mesa de Diálogo de Derechos Humanos* disponível em: <<https://pdh.minjusticia.gob.cl/mesa-de-dialogo/>>. Acessado em 07/07/2020

Nos referimos também à violência política cometida por alguns opositores do regime militar.

Depois de estabelecer a equivalência de forças entre uma suposta luta armada contra a ditadura (note-se que os partidos de oposição, assim como seus agentes, foram sistematicamente dizimados entre 1973 e 1976) e a violência arbitrária pinochetista, o *“cumprimento com o dever de paz de espírito”* junto dos familiares dos detidos desaparecidos se daria através da *“localização de seus restos mortais quando seja possível, ou que se estabeleça, em todo caso, o seu destino”*.

Reitera-se, a medida foi ousada ao envolver pessoas renomadas de diversos matizes políticos e diferentes setores militares e civis na reabertura das valas comuns, no reconhecimento de sítios de torturas e na análise científica de restos humanos com a consequente identificação das pessoas detidas desaparecidas. Ao longo de cinco meses de trabalho, agentes das Forças Armadas entregaram um relatório com 200 nomes, sendo 90% deles identificados.

Porém, a controvérsia consistia na perpetuação de um silêncio residual, na medida em que aqueles que colaborassem com a revelação de verdades sobre o passado continuariam impunes aos olhos da justiça. A esse respeito, as reflexões da Mesa declaram que

quem oculta a informação que pode ter sobre o paradeiro ou destino dos detidos desaparecidos incorre em uma conduta moralmente condenável ou antipatriótica, sem prejuízo de que ela possa ser constitutiva de acordo com a legislação vigente dos delitos de perjúrio, falso testemunho ou obstrução da justiça.

Revelar e ocultar, dizer a verdade ao mesmo tempo em que é rasurada. O recurso à ambivalência caro à *Concertación* transcenderia o efeito retórico e seguiria expressando o humor da polarização social expressa pelas estatísticas das pesquisas de opinião citadas na abertura do capítulo. Um último aspecto a respeito do papel das Forças Armadas seria aqui relevante: a *Mesa de Diálogo* adotava o princípio da presunção da inocência junto dos setores da caserna

que foram, justamente, os responsáveis pela institucionalização do “*terrorismo de Estado*”.⁵¹² De maneira protocolar, ela entendia

a afirmação do mando das Forças Armadas e Carabineiros no sentido de que suas respectivas instituições não contam atualmente com essas informações, mas estariam dispostas a colaborar com suas obtenções.

A serviço da política, a jurisprudência amparou aqueles que deram ou recolheram informações sobre as violações dos direitos humanos como sob a insígnia do “*segredo profissional*”, conforme a qual elas não estavam legalmente obrigadas a indicar suas fontes. Pelo contrário, a quebra do pacto de silêncio “*deveria ser julgada de acordo com a legislação vigente*”. Por essas e outras razões, os conferencistas reunidos no já citado evento da *Universidad Diego Portales* se dividiriam quanto aos resultados da *Mesa de Diálogo*.

Dentre seus aspectos positivos, eles destacam três pontos fundamentais: i) o fato de a *Mesa* ser o primeiro diálogo oficial entre advogados de direitos humanos e chefes militares, um feito inédito no Cone Sul; ii) a produção de uma declaração histórica das Forças Armadas e de segurança que reconheceram sua parte nas violações dos direitos humanos; e, iii) teria sido a nomeação de 60 juízes especiais pela Corte Suprema – a pedido do Executivo – para fortalecer as investigações dos casos de direitos humanos.⁵¹³

Por outro lado, a AFDD e outros agentes ligados às causas humanitárias identificavam as iniciativas da *Mesa de Diálogo* como um exercício de relações públicas, um conjunto de protocolos cujo real propósito seria continuar fazendo “justiça na medida do possível”, investigando ao mesmo tempo em que mantém a impunidade e revelando vestígios, paradeiros e nomes, mas com as devidas rasuras exigidas pela *Concertación*. Em suma, uma medida oficial que teria em vista persuadir os tribunais a abandonarem seus esforços de julgar Pinochet.

Retomando as reflexões da *Mesa*, em suas considerações finais, ela declarou compreender que seria “*injusto transmitir aos jovens os conflitos e*

⁵¹² A expressão é utilizada por Baltasar Garzón no programa Roda Viva realizado em 20 de outubro de 2008. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=UHBH1rvBG4k&t=3872s> > Acessado em 15/09/2020.

⁵¹³ BRETT, S. Op. Cit., p. 23.

divisões que têm prejudicado o país”. O espírito que a animou era o de levar “às novas gerações de chilenos uma cultura de convivência baseada na liberdade, na verdade, na tolerância e no respeito”. De certa maneira, esse mesmo “espírito animou” Patricio Guzmán na manufatura de *Chile, memória obstinada* em 1997 ao olhar de frente a atualidade daquele tempo pretérito a fim de criar zonas de elaboração dos traumas coletivos junto com a juventude chilena dentro dos limites discursivos da *Concertación*.

Já em *O caso Pinochet* de 2001, a “obstinação” pela dignidade da memória ganharia um leve deslocamento em direção à escuta sensível daquelas pessoas que clamavam pelos seus familiares detidos e desaparecidos. Dessa maneira, as condições de verdade e as chances de reconciliação social seriam filtradas pelos diálogos com esses sobreviventes, ainda que cifrados pelo tom emotivo e destituídos de seus conteúdos ideológicos.

3.3 AS FRONTEIRAS DOS TESTEMUNHOS EM TORNO DO CASO PINOCHET

Se, em *Chile, memória obstinada*, Guzmán se põe em cena como alguém que *testemunhou* o governo Allende e *sobreviveu* à repressão concentracionária do pinochetismo; em *O caso Pinochet*, a sua presença declina-se ao lugar de um *terceiro* que ouve e transmite os testemunhos de pessoas, cujos laços familiares foram destruídos pela violência pinochetista. Como sugere Seligmann-Silva, essa “*posição auricular*”⁵¹⁴, significa contribuir para que os sobreviventes de um acontecimento trágico possam encontrar um espaço para simbolização de suas perdas, para a restituição de seus laços sociais, em suma, para a elaboração de seus traumas. Sobreviver significa, então, “*subsistir muito mais além*” daquele acontecimento, manter-se nele presente e habitar nas dobras de um passado que não passa.

⁵¹⁴ SELIGMANN-SILVA, M. *O local do testemunho*. Tempo e Argumento – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, v.2, n.1, jan/jun. 2010, p. 04 Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/download/1894/1532>> Acessado em 21/09/2020.

Eis aí as marcas temporais da abertura do filme: em seus sete minutos iniciais, acompanha-se a equipe do juiz Juan Guzmán na descoberta das valas comuns e na identificação de corpos junto de uma equipe forense e dos familiares dos cadáveres e desaparecidos pela região desértica ao norte do Chile. Dentre os sessenta juízes designados pela Corte como um efeito da *Mesa de Diálogo*, Juan Guzmán ganhou protagonismo por ser um perfil conservador nomeado como responsável pelo processo contra Pinochet. Em cena, ele argumenta que



Imagem 118 – As escavações em busca de desaparecidos reconstituem o “*gesto arqueológico*” inaugurado no filme de 1997...



Imagem 119 -... Ao determinar os vínculos do espectador junto de um elemento fundador da narrativa

Cada corpo encontrado implica numa proximidade com a paz social. A maior ênfase do que estamos fazendo é promover a justiça, ver quem são os responsáveis e, ao mesmo tempo, ver de quem são os corpos. Temos viajado bastante de um lugar a outro do país e temos encontrado muitos restos, produtos da violência.

Porém, não se pode perder de vista que aquelas noções de verdade, justiça e paz social foram desviadas das reivindicações de responsabilidade penal em nome do consenso social elaborado pela *Concertación*. A esse respeito, as considerações de Jaume Blanes se mostram como referências importantes para a análise desse segundo filme dessa trilogia. Especialista na

história dos testemunhos chilenos, Blanes detecta que, na realidade, aquelas iniciativas jurídicas teriam consistido em

deslocar as demandas por justiça reclamada pelas vítimas a um novo paradigma, o da memória; um paradigma que permitia desvincular o trabalho social da dor – localizar os corpos, dignificar e honrar os mortos – da necessidade de localizar e julgar os responsáveis pela violência.⁵¹⁵

Assim, localizar as valas, identificar os corpos, nomear as pessoas desaparecidas e elaborar o luto se tornaram tarefas cada vez mais desejadas e incentivadas pelas medidas governamentais e pelos circuitos sociais e culturais, desde que estivessem aliadas de seus contornos políticos e da judicialização dos criminosos.

As observações retrospectivas do juiz Guzmán são exemplares a esse respeito. Ao ser entrevistado em 2016 sobre o seu papel no caso Pinochet, Juan Guzmán começa desabafando por ter se sentido como um *“Sidarta saindo de seu palácio e vendo a realidade”*.⁵¹⁶ Católico, formado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Chile, ele confessa que *“brindou com champanhe”*⁵¹⁷ o golpe militar de onze de setembro e, desde então, fechou os olhos à realidade em nome da carreira profissional, assim como muitos colegas juristas.

Ao “sair do palácio” e conhecer a violenta realidade factual do pinochetismo, Juan Guzmán sentiu-se *“isolado e sozinho”* durante o caso, enquanto a Corte Suprema seguia indeferindo seus processos contra o ditador, como relata ao final da entrevista:

O Tribunal nunca quis abrir o processo público, escutar os advogados, ponderar as provas (...) ao processar Pinochet, parece que eu me tornei o criminoso, me maltratavam, eu passava mais tempo informado a Corte Suprema do que desempenhando meu papel de juiz.

⁵¹⁵ BLANES, J. *Historia del testimonio chileno – de las estrategias de denuncia a las políticas de memoria*. Valência: Universitat de València, 2008, p. 316-335.

⁵¹⁶ CROXATTO, G. *Entrevista a Juan Guzmán Tapia: el juez que procesó a Pinochet*. Lecciones y ensayos, n. 96, 2016, pp. 273-286. Disponível em: <<http://www.derecho.uba.ar/publicaciones/lye/revistas/96/entrevista-a-juan-guzman-tapia-el-juez-que-proceso-a-pinochet.pdf>>. Acessado em 10/2020.

⁵¹⁷ O depoimento está presente no filme *The judge and the general*, realizado em 2008 por Patricio Lanfranco e Elizabeth Farnsworth e disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2v7yTGnb970>>. Acessado em 10/2020.

Na sequência, a antropóloga forense Isabel Reveco⁵¹⁸, proeminente em sua área de atuação desde 1989, é identificada pela legenda e, assim, delinea a continuidade de uma estratégia narrativa que ganhou longevidade na cinematografia de Guzmán: a presença de profissionais de outros campos do saber que problematizam os temas em questão e contribuem para o avanço do enredo.

Visto de outro ângulo, da mesma maneira que o artista plástico Balmes abriu a portada de uma fenomenologia da memória no filme de 1997, profissionais da área forense, jornalistas e advogados endossam tanto a historicidade dos testemunhos prestados ao filme quanto auxiliam, de maneira decisiva, para a evolução da complexa narrativa sobre as idas e vindas da prisão de Augusto Pinochet em Londres, que durou 503 dias. Manejando ossos enquanto a equipe forense lida com mais despojos humanos, Reveco detalha

Entre outubro e novembro de 1974, Dom Rosalindo chegou a este lugar e encontrou aqui dois corpos estendidos, um ao lado do outro, com as cabeças em direção ao vulcão. Eram dois homens nus. Ele os trasladou mais acima para uma pequena fossa onde pudesse enterrá-los. Agora nos dedicamos às escavações e encontramos fragmentos de ossos humanos que estão queimados. Encontramos vestígios humanos que foram levados para outro lugar. Não sabemos aonde, mas com as pesquisas podemos afirmar que estiveram aqui... Esses são fragmentos de mãos humanas...

O manuseio de restos e vestígios indica um outro dispositivo que se tornou recorrente na escrita fílmica de Guzmán, e que o pesquisador Tiago Rios chamou de “*gesto arqueológico*”, sendo ele ora um recurso de *mise-en-scène*, ora um efeito de montagem que almejaria decifrar tanto a “*singularidade concreta do rastro*”, como também, “*apresenta e busca compreender o processo muitas vezes violento de sua produção involuntária*”.⁵¹⁹

Esse gesto identificado por Rios em *Nostalgia da Luz* de 2010, na realidade, foi forjado ao longo da “*trilogia dos testemunhos*”, tendo em vista a dupla função de reconhecimento da violência pinochetista, como também, a confecção de uma fenomenologia da memória. Isso significa compreendê-lo

⁵¹⁸ Junto com Elías Padilla, Isabel Reveco compôs o GAF, *Grupo Chileno de Antropología Forense*, criado em 1989 junto da *Comisión de Derechos humanos del Colegio de Antropólogos de Santiago*. Para saber mais, conferir: <<https://www.aacademica.org/v.congreso.chileno.de.antropologia/146.pdf>>. Acessado em 15/01/2021.

⁵¹⁹ RIOS, T. Op. Cit., p. 66.

em seu sentido filosófico, pois “*arché*” seria um elemental, aquilo que mina e funda um sentido. Visto desse ângulo, o “*gesto arqueológico*” se mostra como o recurso retórico de Guzmán em atribuir a uma pessoa, um lugar ou um elemento à capacidade de ativar a sua fenomenologia da memória – e, mais tarde, a sua fenomenologia das imagens, como será visto no próximo capítulo.

Ato contínuo, três pessoas vitimadas pelo desaparecimento depõem. Tal como o deserto que compõe a paisagem em que o lá e o aqui se confundem, ou seja, um espaço onde não existe a possibilidade de identidade, elas estão anônimas e desoladas pela perda de seus familiares

eu sinto muita raiva e muito pena porque... Este era meu filho quando o vi pela última vez. Mas agora, eu vi... Eu não vi nada, e creio que não verei nada. Só creio que o melhor é que eu mantenha suas recordações (...) O único que posso dizer é que... Como diz a canção de Victor Jara “debaixo da terra, Sérgio não está dormindo... E de seu coração, vai brotar a primavera... De sua semente outra planta florescerá e nascerá a flor de um novo dia.

O terceiro homem pede a palavra e assume uma postura de confronto ao imaginário da *Concertación* ao nomear o responsável pelo trauma

eu também quero dizer algo... Isto foi um crime. Isto é o governo de Augusto Pinochet, assassina jovens de 18 anos e os deixa aqui, longe de suas famílias. E existem mais torturados e desaparecidos que se foram das formas mais horrendas. Este é o governo de Pinochet: morte, assassinato.

Melancolia, luto e raiva turvam as temporalidades dos testemunhos e endereçam à constante passagem entre o real e o simbólico, o passado e o presente, a memória e a história que compõem a tônica do filme. É nesse trânsito temporal que reside a possibilidade de identificação com os sobreviventes e a escuta atenta de seus relatos.

O *fade out* dá ensejo à outra dimensão do filme, a dos processos jurídicos e políticos em torno da prisão de Augusto Pinochet e o seu retorno ao Chile em 03 de março do ano 2000, após 503 dias de reclusão em Londres. Joan Garcés é identificado pela locução de Patricio Guzmán como um “advogado espanhol, principal conselheiro de Allende que viveu na própria pele o assalto ao *La Moneda*” e que, 23 anos mais tarde, “se converteu no principal advogado” do caso em questão.

Tal como na abertura de *Chile, memória obstinada*, aqui, também, são oferecidas fotografias como *reliquias*, isto é, como *aquilo que resta* do golpe de 11 de setembro de 1973. A lupa que manuseia sobre as fotografias (dentre elas, novamente, algumas imagens icônicas de Chas Gerretsen) ao mesmo tempo em que opera um exercício de rememoração, também, emula o procedimento de recorte, de seleção e ampliação daquela realidade histórica: trata-se de trazer ao primeiro plano o inimigo, Augusto Pinochet. Enquanto procede com um simulacro do “*gesto arqueológico*” diante das imagens, Garcés relata

Nesta série de fotos se vê a infantaria e uma série de blindados em volta do Palácio. Este é o momento no qual a escolta presidencial de carabineiros abandona o Palácio. E saíram todos os carabineiros, nenhum quis ficar e cumprir o seu dever de defender o governo. Isto já é depois do bombardeio aéreo...



Imagem 120 – O gesto de investigar fotografias inaugurado em *Chile, memória obstinada* de 1997...



Imagem 121 -... é retomado com Joan Garcés na abertura de *O caso Pinochet*, em 2001

Incêndios... Estas são sequências depois do assalto e do bombardeio, quando saem os civis da equipe do presidente. Várias pessoas foram detidas neste dia e torturadas no regimento Tacna, de Santiago, e desaparecidas depois... Desde então. Isso é o que acontece a um governo feito de soldados amotinados, em qualquer país do mundo. E esta é a residência oficial do presidente, destruída e saqueada.

A apresentação dos agentes envolvidos no caso revela uma outra linha de continuidade na cinematografia de Guzmán: as tomadas dos arquivos da *Vicaría de la Solidaridad* indicam a obstinação de uma filiação iniciada em 1987 quando, através da realização de *El nombre de Dios*, ele recorreu aos clérigos dessa instituição para retratar a resistência social à violência pinochetista. Tal como analisado no tópico anterior, o ensejo do filme de 1987, o clamor do arcebispo de Concepción por “*amor, unidade e reconciliação*” serviu de lastro teórico e conceitual para a unidade dramática da “segunda trilogia”.

Para se compreender isso melhor, é preciso se lembrar de que a *Vicaría* foi decisiva para a mobilização dos direitos humanos, como uma chave possível de protesto contra os aqueles chamados de *nostálgicos* e de *indiferentes*, enfim, como resistência ao pinochetismo. Recapitulando, isso



Imagem 122 – Os arquivos da *Vicaría de la Solidaridad* aos 10min30seg de *O caso...*

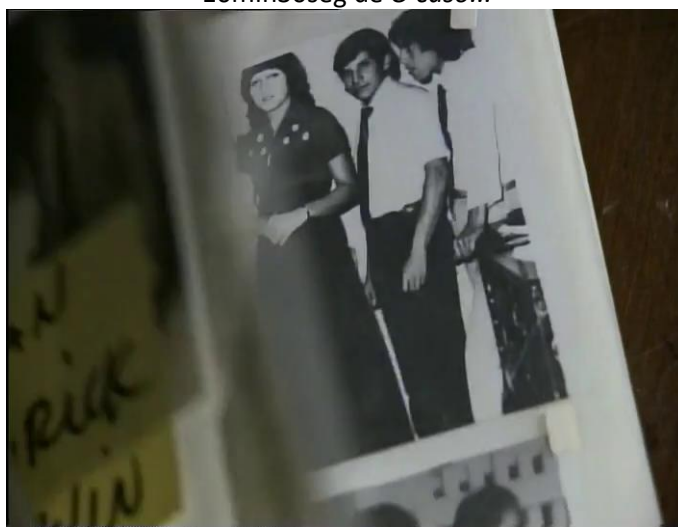


Imagem 123 -... reforçam as afinidades do argumento fílmico da trilogia ao lema de “*amor, unidade e reconciliação*” da instituição

significa reconhecer que a “*luta pela memória e pelos direitos humanos*” dotaram os setores sociais descontentes com a *Concertación* de um argumento forte, porém de baixa densidade política e ideológica para lidar de maneira crítica com suas próprias contradições.

Blanes chama a atenção para o fato de que essa estratégia seria “*uma arma de duplo fio*”⁵²⁰, pois, ao deixar de fazer menção às biografias políticas dos detidos-desaparecidos e apostar na dignidade e integridade física como insígnias de suas lutas sociais, as instituições como a *Vicaría* ganhariam uma forte adesão de vários setores sociais, porém deixavam de lado os diferentes projetos políticos e econômicos existentes na história recente do país, além de desvincularem o pinochetismo com a implantação do neoliberalismo.

Quando colocadas em perspectiva com essa trilogia, é possível notar como esse “*duplo fio*” percorre seus filmes: mesmo que não esteja dentre seus propósitos endossar a mirada da *Vicaría*, os três filmes (1997, 2001 e 2003) encampam, pode-se dizer, esse *double bind* na medida em que apostam na reconciliação social abrindo uma zona de elaboração de traumas e, inclusive, expondo suas cesuras. Mas, tal como já analisado em *Chile, memória obstinada*, mantendo um determinado recuo do passado recente quando decide deixar fora de campo as biografias políticas no processo de transformação das pessoas que entrevista em personagens.

Retomando o filme. A filiação à *Vicaría* se dá através de uma sucessão de planos próximos de seus mais de 85 mil documentos relacionados com mais de 45 mil casos. Cotejada com a leitura da ficha de um desaparecido e com a repetição de cenas de suas gavetas sendo abertas, os *closes* são altercados com o depoimento de Roberto Garretón⁵²¹, o renomado advogado que atuou emitindo *habeas corpus* junto do *Comité Pro Paz*, desde o início da ditadura.

⁵²⁰ BLANES, J. Op. Cit., p. 180. O autor indica que essa postura foi defendida também pela Anistia Internacional e pela Human Rights Watch.

⁵²¹ Roberto era irmão de Carmen, funcionária da *Vicaría*, e de Manuel, o eminente cientista social chileno.

Ele explica que, depois de serem interpeladas por agentes com documentos falsos, as pessoas desapareciam sem dar notícias aos familiares. Diante dos pedidos de garantias processuais, isto é, dos *recursos de amparo*, a administração pública, simplesmente, negava os fatos e as eventuais provas de que se tratava de uma desapareção forçada: “*nós nunca conseguimos extrair nada deles, nunca conseguimos desmascarar as mentiras oficiais, as mentiras que eles fizeram próprias*”,

relata. Garretón conclui dizendo que a prisão de Pinochet seria, então, “*o auge de um processo que iniciamos em 1973*”; o caso seria a prova de que a justiça não seria “*um invento quimérico, uma utopia; ela é uma realidade, pode-se fazer justiça*”.

Garcés, Garretón e Castresana, o jovem procurador de 36 anos que apresentou a petição junto à *Audiencia Nacional* espanhola reivindicando a aplicação dos princípios de jurisdição internacional. Assim como Garcés detalhou os eventos em torno do golpe, e Garretón narrou com minúcias o funcionamento do desaparecimento forçado, Castresana encerra o painel jurídico argumentando como as denúncias contra Pinochet foram uma extensão daquelas dirigidas contra a Junta Militar argentina, em 1996. De maneira breve, em suas palavras, ele afirma que



Imagem 124 – Garretón, irmão do cientista político Manuel Garretón, cujas análises lastreiam a presente pesquisa



Imagem 125 – Castresana, procurador que dá sequência à identificação das personagens institucionais aos 15min do filme

existem crimes que são de foro universal, eles não ofendem um só país, que não podem e nem devem ser perseguidos somente por um país. Eles são tão preciosos que a humanidade não pode encomendá-los a um só Estado. Porque ocorre algumas vezes, ou melhor, na maior parte das vezes que é justamente este Estado é o que está em piores condições para proteger estes bens jurídicos. E como estes bens jurídicos são comuns a todos, o Direito Internacional nos diz que todos devemos protegê-los, dessa maneira não cabe falar a respeito de soberania.

A argumentação não é de somenos, pois ela revela uma das dimensões mais debatidas sobre o que, de fato, seria o chamado “efeito Pinochet”: ironicamente, seria uma sinalização aos ditadores para que não saíssem de seus países?⁵²² À maneira kantiana, seria uma prova de que o Tribunal Penal Internacional teria prevalência sobre os mandos políticos nacionais?⁵²³ Em suma, até que ponto o caso Pinochet ajudaria a consolidar os processos democráticos tão custosos à América Latina?

Margeando os aportes jurídicos, a presença de Castresana, também, revela uma outra linha de continuidade na cinematografia de Guzmán: a seleção de pessoas cujas biografias estão direta ou indiretamente ligadas à Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Assim como Balmes em *Chile, memória obstinada*, Castresana é apresentado como simpático às causas humanitárias devido à infância marcada pela ditadura franquista, que serviu (e ainda serve) de inspiração aos pinochetistas.

É através dessa filiação histórica que Castresana se associa à imagem de Salvador Allende: diante da barbárie nazista, Pablo Neruda, cônsul chileno à época, conseguiu o traslado de cerca de 2,5mil espanhóis da França a Valparaíso, onde foram recebidos pelo jovem ministro da Saúde, Salvador Allende. “*Por que ele fez isso? Não havia motivo para fazê-lo, mas assim o fez por solidariedade*”, justificando a sua própria atuação no caso Pinochet.

⁵²² BRETT, S. Op. Cit., p.59-67.

⁵²³ ARAVENA, F.; STEFONI, C. (editores). Op. Cit., p. 15.

Garcés,
Garretón, Castresana e
o então juiz Baltasar
Garzón, que à época
era Magistrado-Juiz da
Audiencia Nacional e o
espanhol soberano
pelos ritos jurídicos do
caso Pinochet junto à
Corte Suprema do
Reino Unido. Em
silêncio devido à



Imagem 126 – O juiz Baltasar Garzón, posto em cena em silêncio aos 21min respeitando a configuração tradicional do retrato 3x4

condição de juiz, ele é apresentado como um homem “resoluto” capaz de um feito inédito, a validação dos crimes cometidos na Argentina e no Chile como sendo de jurisdição universal.

Guzmán, então, retorna a Garcés para apresentá-lo como um cientista social espanhol que trabalhou como assessor direto de Allende e, depois, tornou-se o advogado das vítimas no caso Pinochet. Porém, a retomada de Garcés como aquele que, sob intenso bombardeio no La Moneda, teria ouvido de Salvador Allende “*você é a única pessoa no mundo que pode contar a todos o que ocorreu por aqui*” transcende a mera personagem como advogado das vítimas, e pode ser lida como o acento de uma determinada retórica no seio da *Concertación*, a saber: o abrandamento das densidades ideológicas em nome da luta pela memória e direitos humanos.

Em outras palavras, é preciso se lembrar de que a abertura de *Chile, memória obstinada* foi composta pela edição da entrevista de Juan, filiado ao *Movimiento de Izquierda Revolucionária* e um dos componentes da guarda pessoal de Allende. Conforme salientado, Juan se queixou da maneira como Patricio Guzmán teria editado a conversa de maneira a obliterar detalhes que, de seu ponto de vista mirista, seriam valiosos para a compreensão dos eventos em torno do golpe militar.

Dessa maneira, o endosso às memórias de Garcés - teórico por excelência do *allendismo*, isto é, da via institucional, legalista e pacífica rumo ao socialismo - como “*únicas*” soa como uma tentativa de gerar uma narrativa

autêntica e fundadora sobre os fatos em debate durante a *Concertación*. Interpretação essa já desenvolvida aqui, qual seja o entendimento de que valores como *democracia, memória e direitos humanos* seriam absolutos e, portanto, as contradições internas das esquerdas e seus diferentes projetos políticos teriam de ser esmaecidos em nome do “dever de memória”.

Não seria demais antecipar uma conversa que será melhor desenvolvida no próximo tópico: o fato de a cinebiografia *Salvador Allende* (2003) cotejar as

interpretações de Garcés no tocante às possibilidades de resistência armada ao golpe. Assim como Garcés, o filme, também, aponta para a impossibilidade de se construir uma explicação lógica e com categorias políticas bem definidas a respeito do tema.⁵²⁴

Delineada a consonância da perspectiva de Garcés com a da *Vicaría de la Solidaridad* no escopo da “trilogia dos testemunhos”, ela segue legitimada como o filtro teórico e científico dos testemunhos que vêm a seguir. É o próprio Garcés quem afirma que

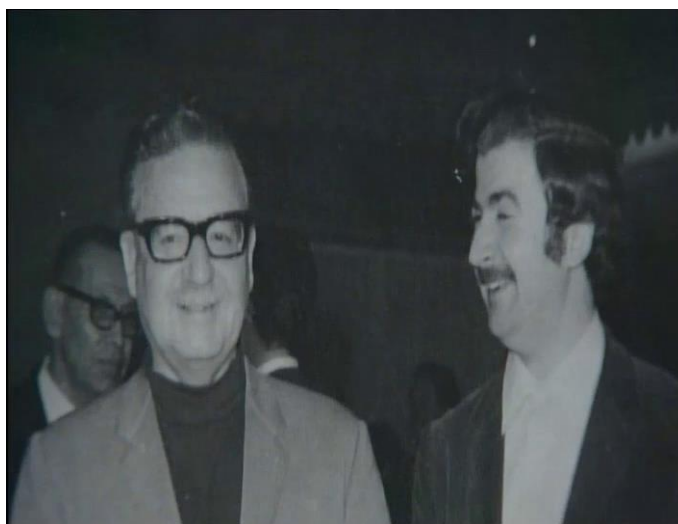


Imagem 127 – A fotografia do advogado espanho Joan Garcés junto com Allende nos anos setenta aos 23min de *O caso...*



Imagem 128 -... encerra a abertura do filme e pontua a linhagem allendista que contrasta com a formação mirista das sete mulheres personagens do filme

⁵²⁴ MONTEIRO, F. Op. Cit., p. 158.

Antes da presença diante do juiz, cada testemunho, cada documento que seria apresentado ao juiz foi objeto de nossa análise. Primeiro para calibrar a autenticidade, o valor do testemunho, e segundo a sua relação direta com os temas dos acontecimentos que aqui estavam sendo investigados. Aqueles que eram relativos aos temas ligados aos direitos internacionais, que são a tortura, o genocídio e o terrorismo.

Enquanto respalda o crivo da autenticação dos testemunhos, Garcés é altercado com a *mise-en-scène* da preparação dos relatos dos sobreviventes: em um ambiente amplo, sem mobílias e com janelas amplas, um conjunto de 23 pessoas são perfiladas como um coletivo diante da câmera. Garcés continua

Durante os 17 anos de governo de Pinochet, a tortura esteve institucionalizada. Entretanto, a partir de 1990, quando se estabelece o governo democraticamente estabelecido de Patricio Aylwin ou, a partir de 1994, com o governo de Eduardo Frei, nenhum dos dois presidentes quiseram investigar a tortura. O torturado não tinha o direito de identificar os crimes perpetrados contra grande parte da população chilena.

Devido ao caso Pinochet, um grande número de pessoas torturadas e vitimadas pelas detenções e desaparecimentos forçados teriam, pela primeira vez, um momento de escuta. A indiferença dos governos e da opinião pública não diminuiu a carga dramática dos relatos e a recompensa moral de ter a dignidade reconhecida através dos ambientes jurídicos.

Nessas condições e, em meio às malas prontas para voltar a morar em Paris, Patricio Guzmán se viu preparado “*para retornar a Santiago e filmar aqueles (as) que se levantavam contra o ditador*”.⁵²⁵ A partir desse momento, caberia ao filme filmar um país “*dividido em dois grupos inconciliáveis*”, dar lugar àqueles sobreviventes e evocar a intensidade emocional de seus depoimentos, ainda que calibradas pelas nuances do consenso social.

TESTEMUNHAR É O QUE RESTA

⁵²⁵ Conforme o *press release* disponível no domínio virtual da produtora Icarus films e, <https://misc.icarusfilms.com/press/pdfs/pino_pk.pdf> acessado em 10/2020.

Dadas essas coordenadas sociais e políticas ao longo do primeiro quarto do filme, segue-se uma relação dialética entre os testemunhos de pessoas torturadas e de familiares de detidos desaparecidos e as explicações dos impasses jurídico-políticos em torno da detenção e extradição do ditador. Uma montagem rigorosa sem trilha sonora além das vozes humanas, ora abre espaço aos testemunhos e sutura um enredo comum respeitando os dramas pessoais, ora edita de maneira minuciosa os relatos, pode-se dizer, “oficiais” sobre as tramas jurídicas.



Imagem 129 – A posta em cena das pessoas a serem transformadas em personagens aos 25min de *O caso...*



Imagem 130 -... Emulam a sobriedade e os protocolos dos retratos de identificação institucionais

Todas as oito pessoas depoentes são apresentadas somente pelo primeiro nome, sendo ele disposto em uma tela preta na abertura de seus testemunhos. Dentre elas, sete são mulheres: “Victoria”, uma senhora que perdeu seus filhos; “Nelly” Berenguer, ex-militante do *Movimiento de Izquierda Revolucionária*, o MIR, e cujo marido José Manuel Ramírez Rosales é um detido desaparecido; “Gabriela” Salazar, ex-militante do MIR e sobrevivente de torturas em Villa Grimaldi; “Luisa”, uma senhora que perdeu seus filhos em 1985; “Cecilia” Radrigán, ex-militante do MIR, sobrevivente do *Cuartel Borgoño* (a temível sede da CNI, o *Centro Nacional de Informaciones* que substituiu a DINA a partir de 1977) e cujo irmão Anselmo Osvaldo Radrigán Plaza é um

detido desaparecido; “Ofelia” Nistal Nistal, sobrevivente de tortura e cujo testemunho é acompanhado de sua filha; e “Gladys” Días Armijo, um dos nomes mais conhecidos do MIR, sendo detida pela DINA em 20 de fevereiro de 1975 e levada para Villa Grimaldi, onde permaneceu por 80 dias sob torturas.

O único homem depoente é “Santiago” Nicanor Oyarzo Pérez, militante do MIR e ativista junto da *Asociación de Fotógrafos Independientes*, a AFI, que exerceu um papel decisivo nas denúncias do pinochetismo ao registrarem o cotidiano chileno entre 1981 e 1992. Santiago, também, contribuiu com o filme *La ciudad de los fotógrafos*, finalizado em 2006 por Sebastián Moreno, e que aborda a história da AFI, tal como será visto adiante.

VICTORIA

“Eu não quero que outra geração tenha que viver o que foi imposto a nós viver. Eu perdi tudo, inclusive queimaram a minha casa, cinco incêndios. Tentaram sequestrar meus netos, tiraram todos os homens para fora de casa”, relata “Victoria”. O depoimento acerca de como o pinochetismo destruiu a sua família é ancorado por um gesto cênico que emula a sua bolsa como um baú, uma *arché* de onde mina suas intimidades, a exemplo da fotografia de seu filho, uma relíquia pessoal datada de oito dias antes de seu desaparecimento: *“aqui está, este é o meu santo. A ele, eu rezo... Este é o meu santo. Eu já corri o mundo, mas não o encontraram... Nem a justiça o encontrou...”*

O testemunho de “Nelly” segue o tom dos dramas familiares, redimensionando-o ao dizer que contabiliza *“18 ou 19 casos entre desaparecidos, executados, gente que teve que se exilar, gente que foi torturada, gente que esteve presa”* dentre seus familiares. Remetendo-se especificamente ao seu



Imagem 131 – Victoria, aos 26min30seg de *O caso...*

companheiro desaparecido em 1974, ela relata que ele teria sido detido em casa por três agentes da DINA e que, por quatro anos, manteve viva a esperança de reencontrá-lo em um campo de detenção para dar a ele uma mala com *“algumas roupas, algumas revistas que ele gostava, o seu chocolate favorito, algumas amêndoas”*.

O tempo transformou a esperança em nome do marido na luta pela confiança do filho, pois, quando suspeitou que o marido poderia estar morto, “Nelly” disse a verdade ao filho *“José Manuel, o papai não vai voltar, ele não vai chegar”*. *E eu o expliquei, numa linguagem que podia ser explicada a essa idade, o que havia passado. E eu pensei que tinha que conservar a confiança de meu filho. E para isso, eu tenho que dizer a verdade.”*

Nesse momento, o faro da crítica histórica se insinua e, com a devida cautela que lhe é própria, somos levados a questionar como a DINA chegou até o seu apartamento? Diante de tamanha tragédia pessoal – *“dezoito ou dezenove familiares desaparecidos, torturados ou exilados”* – porque remeter-se “especificamente” ao marido? Eles haviam se engajado no governo Allende? Ainda mantinha alguma forma de atividade política ou vínculos com as ações das esquerdas? Em linhas gerais, tendo em vista esclarecer as dificuldades do documentário já problematizadas por João Salles⁵²⁶, pergunta-se: qual seria a história pessoal e, eventualmente, social e política da *pessoa* Nelly que estava sendo convertida em *personagem* no rol de testemunhas que denunciavam Pinochet nesse filme de 2001?

Como já foi salientado na apresentação, a identificação dos oito depoentes, a pesquisa de suas histórias pessoais e o reconhecimento de suas possíveis filiações políticas não foi uma tarefa fácil: envolveu a varredura das listas de detidos desaparecidos e torturados com mais de 45 mil nomes; o contato por e-mail com diversas instituições oficiais, associações e organizações civis chilenas; a visualização de uma série de obras audiovisuais, nem sempre disponíveis gratuitamente na internet, além de dezenas de contatos interpessoais construídos através das redes sociais. As inúmeras tentativas de contato com o próprio realizador e sua esposa e produtora, Renata Sachse foram infrutíferas.

⁵²⁶ SALLES, J. *A dificuldade do documentário*. In: MARTINS, José de Souza.; ECKERT, Cornélia.; NOVAES, Sylvia. Cainby. *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2005. Pp. 57-71.

NELLY, NELLY BERENGUER

Após meses de pesquisa, sabe-se então que “Nelly”, na realidade, é Nelly Berenguer⁵²⁷, ativista do MIR desde 1970 onde, de início, engajou-se na formação política de populares e nas mobilizações para as *tomas de tierra* nas comunas de Renca e Quilicura, na região metropolitana de Santiago. Depois, teria permanecido nos setores de informação e comunicação do movimento devido à gravidez. Dentre os agentes envolvidos na detenção de seu marido (José Manuel Ramirez Rosales era o chefe do *Grupo Político 9* do MIR), estava Osvaldo Romo, reconhecido como o mais desumano dentre os mandos pinochetistas.⁵²⁸ A partir de então, Berenguer se integrou às iniciativas humanitárias do *Comité Pro Paz*, depois às da *Vicaría* e da *AFDD*.



Imagem 132 – Nelly Berenguer aos 28min30seg de *O caso...*

Em entrevista à presente pesquisa⁵²⁹, ela informou que o seu testemunho foi filmado no Chile e teria sido um dos mais longos da produção, com pouco mais de uma hora de duração. Não houve orientações prévias para as entrevistas, assim as pessoas teriam ficado “*à vontade para seguir com seus relatos*”. Ela, também, diz que ficou surpresa com o resultado “*magistral do filme*” e que, em seu caso, sentiu que houve um “*destaque para a parte humana*” do testemunho.

⁵²⁷ RODRÍGUEZ, N. *Uma preciosa silhueta recortada contra la montaña*. Disponível em: <<https://www.lashistoriasquepodemoscontar.cl/josemanuel.htm>>. Acessado em 10/2020.

⁵²⁸ A história de Osvaldo Romo também pode ser conhecida através dos filmes *The judge and the general* (2008) e em *La flaca Alejandra* (1994). Pode-se conferir breve relato dele em artigo de 13/03/2008 de *La Tercera* disponível em: <https://web.archive.org/web/20080313054655/http://www.tercera.cl/medio/articulo/0,0,3255_5666_280189959,00.html>.

⁵²⁹ As entrevistas realizadas por e-mail estão disponíveis na seção “Anexos” da tese.

Dada a biografia política de Berenguer, essa ênfase na “*parte humana*” é significativa o suficiente para se questionar: a revelação de seu sobrenome na legenda do filme comprometeria a adesão dos espectadores ao seu testemunho? Revelar na íntegra a sua filiação mirista⁵³⁰, em 2001, seria dar a ver alguma contradição com o protagonismo *allendista* de Joan Garcés na abertura do filme? Não se pode perder de vista que, tal como já foi analisado no Capítulo 02, a atuação do MIR contribuiu para minar a estabilidade e a unidade das esquerdas durante o governo Allende.

Por extensão, quanto à senhora “Victoria”, pedir a identificação integral de seu filho com nome e sobrenome, seja no decorrer da trama fílmica ou, no limite, em seus créditos finais, seria uma reivindicação demasiada? Essas e outras questões ganham densidade quando se coteja o depoimento de Nelly a Guzmán com o seu relato de 15 de abril de 2011 à iniciativa *Espacio de memorias*, da organização *Londres 38*.⁵³¹ A distância temporal entre seus testemunhos guarda equivalências com as diferenças de humor e de temperatura política, a começar pelas lembranças positivas do tempo de mobilização social

Sim, é claro que pensávamos que podíamos fazer tudo; eu fazia a formação política e organização das mulheres; era um entusiasmo tremendo, eu vivia 24 horas por dia no movimento; às vezes, eu dormia em qualquer rincão; [havia] muitas reuniões, atividades com as *juntas de vecino*; era uma atividade muito intensa; eu tenho um grande carinho por aquelas pessoas; o encontro com elas é muito emotivo, os laços são muito fortes.

Quanto à militância, não há arrependimentos: aos 59 anos, as perdas pessoais são sobrepassadas por uma espécie de *amor fati* que, atualizado à luz do século XXI

Como militante, se eu tivesse que fazer tudo novamente, eu faria tal e qual; foi muito marcante fazer parte do MIR; apesar do que houve com meu marido, eu faria tudo novamente; com

⁵³⁰ Ou ainda revelar essa filiação seria dar a ver alguma aproximação com a militância armada *Frente Patriótica Manuel Rodríguez*, a dissidência armada do Partido Comunista que pôs em prática uma série de atentados contra os pinochetistas nos anos 1980 e 1990, tais como o sequestro do subdiretor do jornal *La Nación*, Sebastiano Galletti em 12/1984, a intentona Carrizal Bajo de 05/1986 e a mal-sucedida Operação *Siglo XX* realizada em 09/1986?

⁵³¹ A íntegra do relato para *Londres 38* segue disponível em <<http://archivodigital.londres38.cl/index.php/expediente-de-nelly-berenguer-rodriguez>> e também na seção “Anexos”. Acessado em 10/2020.

toda dor que tenho, sinto que foi um privilégio viver aquele momento; sinto que tudo o que fizemos foi certo e correto; marcamos um feito, tínhamos um norte, uma ideia, um ideal; eu me sinto mirista pelo resto de minha vida; é quase um pouco irracional, mas sinto orgulhosa pelo que vivemos (...) A invenção dos sequestros, dos desaparecimentos forçados... conseguiram o que queriam: semear o terror. Não foi somente a minha geração que foi violada, mas também os jovens no sentido econômico, social e cultural

Eu sinto que hoje em dia falta muito para que tenhamos uma sociedade civil mobilizada... eu creio que a história dá voltas a todo momento; ela vai se repetindo, em algum momento haverá uma mudança. Não é essa a sociedade que queremos – não pode ser que o individualismo pese sobre a solidariedade, sobre o bem comum. Eu espero que assim viva a minha neta, o meu filho (...)

Está claro, então, como a manufatura de *O caso Pinochet* dialoga com a postura da *Vicaría*⁵³² que, ao longo da *Concertación*, explorou o veio da luta pela memória e pelos direitos humanos em detrimento das filiações políticas e ideológicas em meio ao debate público daqueles anos. Em outras palavras, a investigação histórica das pessoas entrevistadas para os filmes da segunda trilogia coloca em xeque a sua conceituação como uma “*trilogia da memória*”, pois, de saída, impõe a seguinte interrogação: de que memória se está falando?

Interpretado como “*trilogia dos testemunhos*”, se ela não revela um esforço de atenuação da densidade ideológica de suas obras, ao menos deixa abertas outras questões: por que o ocultamento dos nomes ou sobrenomes das pessoas entrevistadas? A elisão nos dois filmes já analisados se deu por razões jurídicas, isto é, por causa de direitos autorais? Teria havido alguma orientação prévia por parte do realizador, ou seja, alguma forma de curadoria preliminar às filmagens? Quais seriam os outros temas constantes nos longos minutos de filmagem que ficaram de fora do filme? Seria possível supor que o “*destaque à parte humana*” dos relatos não seria um critério de seleção exclusivo para o depoimento de Nelly, mas, na realidade, uma tônica dominante na composição do argumento fílmico? Enfim, por que não se encontram seus nomes e sobrenomes nos créditos finais das versões disponíveis no próprio domínio virtual do realizador?

⁵³² BLANES, J. Op. Cit., p. 185.

GABRIELA, GABRIELA SALAZAR

Como já se disse, retoma-se, então, o filme com a sensação de quem está diante de um *double bind*, isto é, de uma tarefa ambígua: ao mesmo tempo em que se está comprometido com a enunciação de traumas pessoais e familiares e



Imagem 133 – Gabrielza Salazar, aos 32min de *O caso...*

suas demandas de escuta e elaboração, segue-se carente das possibilidades de uma compreensão integral de como a concretude de cada caso expressa a totalidade da sociedade chilena.

Autora do depoimento mais longo do filme, Gabriela Salazar, também, foi uma militante do MIR aprisionada e torturada em Villa Grimaldi. De acordo com a pesquisadora Digiovanni, a singularidade de seu depoimento está na revelação de como o pinochetismo transcendeu os propósitos de docilização dos corpos e esteve nevrálgicamente associado a paradigmas misóginos.

Dentre as palavras de seu testemunho, Gabriela afirma

Curiosamente, o sujeito não estava interessado em extrair informação, mas somente em me violar; eu tive tempo de dizer a ele que eu era uma prisioneira política e eu não era para ser abusada; eu não estava para ser uma pessoa que deveria ser violada; a resposta desse homem... foi meter os seus pés em minha boca e a obrigar-me a... e disse sim, eu me defendi, disse sim eu me defendi... Então aí eu notei algo estranho, pois aquilo já não era parte do interrogatório, era parte de outra coisa, da noção de que nós não éramos pessoas (...) eles mesmo diziam “não importa mais, não importa que nos diga algo agora, eu tenho todo o tempo do mundo. Ninguém sabe onde você está... não podem te encontrar, aqui não chegam os jornalistas, não podem chegar os médicos, nós temos você em nosso poder.

Esse país é um país que nega a sua história e nega o direito à dignidade porque este... perdoe-me, eu não queria chorar aqui... eu creio que isto é o que mais dói, não? Há tanta gente que aceita e que lhe pareça bem que existam torturados, desaparecidos e mortos e que digam na sua cara: *“o único problema de Pinochet foi que não matou todos os comunistas, não? Não matou os que pensavam diferente...”* Eu creio que isto é muito mais duro, não?

Violência sexual e hipermasculinização: duas faces do pinochetismo que não foram registradas por nenhuma das iniciativas oficiais de memória da *Concertación* chilena. Interpretando o filme a partir da questão do gênero, Digiovanni, ainda, chama a atenção para o fato de o relato de Salazar⁵³³ evocar as censuras próprias do trauma no regime visual, na medida em que os testemunhos passam a ser altercados com curtas inserções de tomadas de centros de detenção. Além de amplificar os hiatos e interditos dos depoimentos, os planos próximos dos centros de repressão criam a tensão de uma narrativa paralela necessária ao avanço da trama fílmica.

LUISA

“Conte-me como seus filhos morreram”. A presença de Guzmán interpela “Luisa”, uma senhora que perdeu seus filhos no dia 29 de março de 1985: Rafael, 18, e Eduardo, 20, teriam sido amarrados e baleados na nuca, *“segundo a autópsia”*, diz Luisa. *“Portanto, você não crê na justiça local?”*, retoma Guzmán, imprimindo uma guinada que direciona a conversa às zonas cinzentas nas quais se oscila entre a justiça e a vingança. Tomada pela emoção, Luisa afirma

Não, não creio; bem, se eu pudesse falar de vingança; a minha vingança é estar viva, é ter me recobrado de novo; veja, eu que estive morta, estive realmente morta de dor. Haver me recobrado e me sentir uma pessoa, esta é a minha vingança. A minha vingança é ver como gente muito jovem com um tremendo desejo de saber, de conhecer; quem eram, o que se passou; tanta gente jovem que neste momento está organizada; eu creio que essa seja a minha vingança. Podem dizer que vocês trataram de nos eliminar, eliminar uma ideia...

⁵³³ DIGIOVANNI, L. *Modes of silence and resistance: Chilean documentary and gendered torture*.

Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/309962200_Modes_of_Silence_and_Resistance_Chilean_Documentary_and_Gendered_Torture> Acessado em 10/2020.

trataram de eliminar na raiz uma ideia social distinta, humana, mas não conseguiram porque está aí nos jovens, nas crianças.... eles vão voltar a fazer, sim. Disso estou segura...

Perdas de familiares, prisão política, tortura, sede de vingança e a busca pelo conhecimento de uma *“ideia social distinta e humana”*. Encerrada a primeira parte do filme,

o *“coro grego das vítimas do general”*⁵³⁴

dá margem ao início da sóbria explicação dos trâmites jurídicos do caso Pinochet. Ernesto Ekaiser, jornalista do *El País* e autor de *Yo, Augusto* é quem retoma o histórico



Imagem 134 - Luisa, aos 37min de *O caso...*

desde a visita do ditador a Londres em 1998, ano em que foi nomeado senador vitalício, até o decreto de sua prisão domiciliar.

Na defesa do pinochetismo, encontram-se Peter Schaad, empresário suíço cuja fraternidade com o ditador data desde 1975, quando começou seus investimentos no Chile, e quem chama Pinochet de *“uma velha raposa dura, um patriota”* que teria sido capaz de *“combater o comunismo com baixo custo humano”*; Norman Lamont, ex-chanceler de Margaret Thatcher, a ponta de lança do conservadorismo britânico interessado em demonstrar ao Chile que Pinochet *“tinha amigos”*⁵³⁵, isto é, que ele não estava sozinho na Inglaterra; e a própria *“dama de ferro”*, cuja afeição ao ditador foi materializada no suporte à Guerra das Malvinas (1982) e que, diante das câmeras de televisão, diz ter *“consciência de que ele teria levado à democracia ao Chile”*.

Por outro lado, o deputado trabalhista, Jeremy Corbyn, e o presidente da Anistia Internacional de Londres, Andy McEntee, compõem, junto com Ekaiser, a banca de defesa da extradição de Pinochet para a Espanha, tendo como

⁵³⁴A expressão utilizada pelo *press release* da produtora Icarus também é veiculada pelo artigo do *New York Times* disponível em: <<https://www.nytimes.com/2002/09/11/movies/film-review-morally-accountable-for-the-disappearances-and-the-atrocities.html>>. Acessada em 09/2020.

⁵³⁵ De acordo com o artigo *In praise of Augusto* publicado pelo *The Guardian* em 08/10/1999 disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/1999/oct/08/pinochet.chile>>. Acessado em 11/2020.

finalidade o seu julgamento. As imagens oficiais da Corte Britânica e a locução de Guzmán colmam o entendimento de que ele poderia ser extraditado.

CECILIA, CECÍLIA RADRIGÁN

A “*terapia verbal*”⁵³⁶, como a chama Ruffinelli, é retomada com o depoimento de Cecília, que relata ter sido uma presa política detida em 24 de outubro de 1981. O testemunho da tortura é permeado pela lembrança dos laços afetivos desenvolvidos através das atividades físicas e “da brincadeira do telefone” que, em diálogo com Guzmán, é rememorada da seguinte maneira

de uma cela a outra, nos chamávamos por telefone e imaginávamos que havia passado muitos anos. E começávamos a perguntar o que havia se passado por tanto tempo, se havia se casado, quantos filhos teve... falávamos alto, imitávamos os números; e estou chamando Mirian Ortega, uma das companheiras... e colocávamos a mão aqui e a companheira na outra cela pegava o seu telefone e começávamos a conversar de uma cela para outra (...) inventávamos as conversas, como se tivessem se passado muitos anos... E que a revolução havia triunfado, alguns colegas estavam ocupando cargos importantes e que estávamos construindo uma sociedade diferente.

Cecília, na realidade, é Cecília Radrigán Plaza⁵³⁷, filha de um militante do Partido Socialista e que ingressou no *Grupo Político 5* do MIR junto com o irmão, Anselmo Osvaldo, realizando trabalho de base junto dos operários do *Cordón Vicuña Mackenna*. Após o golpe de Estado, ela e sua mãe se juntaram ao *Comité Pro Paz* em busca de Anselmo, cujo nome apareceu na infame “lista dos 119”, publicada em 24 de julho de 1975 e, também, conhecida como *Operação Colombo*.

O fato teria sido decisivo para ela retomar a militância na clandestinidade, realizando trabalho de propaganda armada e planejamentos do MIR. Meses antes de sua prisão, Cecília perdeu o seu marido e a sua melhor amiga militante em enfrentamentos armados. Detida no *Cuartel*

⁵³⁶ RUFFINELLI, J. *Patricio Guzmán*. Madrid: Cátedra/ Filmoteca Española, 2001, p. 319-333.

⁵³⁷ Cf. testemunho cedido a *Londres 38* disponível na seção “Anexos” e em:

<http://archivodigital.londres38.cl/uploads/r/archivo-londres-38/f/c/0/fc07265a900fa019387034deae585d846301a9394c60cc788c0783aa8345633d/0023_CeciliaRadrigan_Ficha.pdf>. Acessado em 07/2020.

Borgoño, ela seria libertada em 1992, ou seja, dois anos após o retorno da democracia chilena.

A Miriam Ortega citada em seu relato é ninguém menos do que a dirigente sindical reconhecida como uma das militantes mais longevas do Chile, e que passou treze anos na penitenciária feminina de Santiago. A fraternidade entre elas já esteve presente no filme *La flaca Alejandra*, pois ela está à mesa junto de Ortega no momento em que Carmen Castillo⁵³⁸ a encontra no final do filme para questionar os valores em torno da militância. Nele, Cecilia aquiesce às palavras de Ortega quando afirma



Imagem 135 – Cecilia Radrigán aos 60min de *O caso...*



Imagem 136 -... E sua participação (à direita) à mesa com Carmen Castillo (à esquerda) no final do filme *La flaca Alejandra*, realizado pela diretora em 1994

Para mim, é uma questão de vida ou de morte, e a colaboração é a morte. Não é vida, ela é o revés. Quando você está na tortura, eles te oferecem a vida, mas a vida são seus valores, seus princípios, é andar pela rua, olhar o seu filho de frente e ter em mente a postura de combate em que vivíamos.

A chancela ao depoimento de Ortega em 1994 perdura em seu próprio testemunho concedido à organização *Londres 38*, em 13 de maio de 2011. Ao

⁵³⁸ Segue o relato do filme de Castillo: “Ortega é uma combatente desde sempre, eu a conheci na prisão para mulheres de Santiago onde esteve detida por 13 anos. Eu temia essa mulher de quem enalteciam o valor de militância e sua lealdade inabalável. Esperava um rechaço, longe de todos, protegida, mas ela me abraçou e soube que poderia encontrar nela a beleza do compromisso”.

ser questionada sobre qual teria sido o maior motivo para passar à clandestinidade, Radrigán afirma

Eu sempre pensei que a saída da ditadura seriam as armas, era a única forma de responder a tanta violência, seria com a luta armada; essa conversa sobre direitos humanos, eu sempre a defini como um período curto; era um parêntese e depois eu iria pra clandestinidade para participar, para lutar e organizar as formas de resistência popular; com a publicação da lista e com meu companheiro preso, eu vou pra clandestinidade.

O reconhecimento de como a violência sistemática do pinochetismo serviu aos fundamentos neoliberais, também, esteve presente no depoimento de 2011. A insegurança e o individualismo sistêmicos do Chile contemporâneo é uma extensão da quebra dos corpos e da docilização das subjetividades, no momento quando relata sobre o país com o qual se deparou ao ser libertada em 1992

[Era] diferente, [um país] super diferente! Eu queria espaço amplos, e fui até a *Plaza de Armas*, vou com uma amiga, olho as pessoas, como caminham e conversam e fico desesperada porque vejo uma normalidade em que ninguém diz nada, tudo é superficial! Mesma quando presa, você mantém contato com pessoas e organizações, eu estava num Chile com mudanças fundamentalmente comportamentais. Quando dizem que a ditadura veio para transformar a política, a economia, a sociedade e a cultura, você se dá conta das mudanças do país, você não consegue se reencontrar com seu país e você tem que continuar funcionando aqui.

A crítica socioeconômica à maneira Moulian é seguida pelo apontamento dos limites ao consenso social elaborado pela *Concertación*

Então, eu só me envolvo com as frentes ligadas aos direitos humanos e atuo naquela frente antiga; houve uma quebra [no movimento] que se dividiu na *AFDD* e na linha fundadora e vou pra esse lado porque me sinto mais identificada com seus objetivos e com o que ela planteia; veio a *Mesa de Diálogo* e outra quebra [entre] aqueles que acreditavam num resultado favorável e nós que pensávamos que a iniciativa era para dispersar ainda mais os movimentos dos direitos humanos (...) Me envolvo com movimento popular novamente. Meu compromisso é com a verdade e que não se imponha a impunidade; atuei na recuperação da *Villa Grimaldi*, de Londres 38, estou num grupo que vai recuperar o que foi *Tres Álamos*, temos um grupo que deseja recuperar o *Cuartel Borgoño*.

O ativismo político de Cecília Radrigán pode ser conhecido através do filme *La flaca Alejandra* e em seus depoimentos à instituição *Londres 38* disponíveis no YouTube⁵³⁹.

OFELIA, OFELIA NISTAL NISTAL

Junto de sua filha Manuela, o testemunho de Ofelia explora novas zonas traumáticas da trama fílmica, a começar pelas ilustrações à mão que procuram reconstituir os espaços em que sofreu tortura e sevícias sexuais. O recurso, também, pode ser visto no já citado *The Judge and the General* (2008), que reconstrói a atuação do juiz Guzmán no caso Pinochet, assim como foi retomado através de Miguel, em *Nostalgia da Luz* (2010).

Para a pesquisadora

Digiovanni, o recurso aos desenhos e ilustrações seria uma forma de recomposição daquilo que é inefável nos testemunhos, a saber: os interditos causados pelo trauma que perdura.⁵⁴⁰ Além disso, o seu relato de sobrevivente



Imagem 137 – Ofelia Nistal junto de sua filha aos 66min40seg de *O caso...* Ela foi quem mais contribuiu para com esta pesquisa.

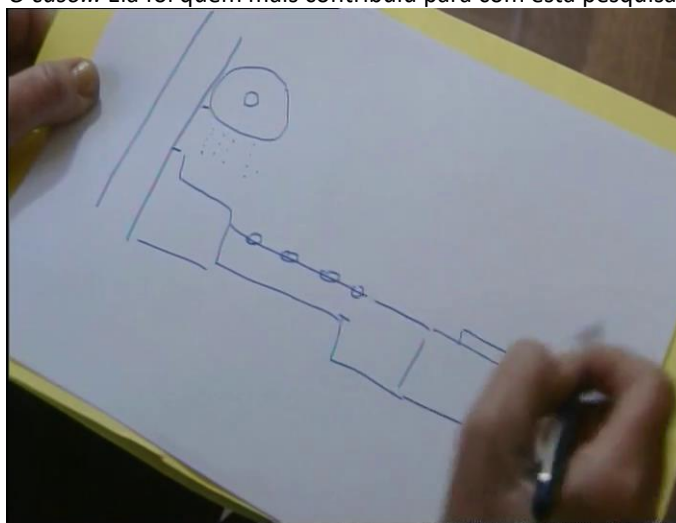


Imagem 138 – Acima, Ofelia desenha de memória o espaço da *Villa Grimaldi* onde esteve encarcerada. O recurso será retomado pelo arquiteto Miguel Lawner no filme *Nostalgia da Luz*, em 2010

⁵³⁹ Cf. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=g6vWpnNfGyc&t=8s> > Acessado em 07/2021

⁵⁴⁰ DIGIOVANNI, L. Op. Cit., p.13.

da Villa Grimaldi, também, expõe as tensões intergeracionais.⁵⁴¹ A interação de Guzmán põe em evidência o peso do passado na transmissão de memórias

[Guzmán] E você chegou a conversar sobre estes temas com a sua filha ao longo dos anos?

[Ofelia] não, nunca conversei com minha filha e nem com ninguém. Sempre mantive que não tinha me acontecido nada e... você começa a acreditar nisso... bom, eu tinha saído com vida dali e os demais haviam sido mortos. Então, eu pensava que estava contente

[Guzmán] Manuela, você nunca perguntou à sua mãe o que havia se passado?

[Manuela] não, eu nunca a perguntei... Eu não me atrevia.

[Guzmán] por quê?

[Manuela] por medo de fazer mal a ela, porque notei que não queria falar do assunto e queria viver como se não tivesse ocorrido nada e porque eu tampouco queira ouvir a respeito. Eu sabia o que haviam feito, que tinha sido torturada; sempre imagina que havia passado coisas terríveis e eu já imaginava que, sim, tinha eletrocutada e, sobretudo, o sexual que a mim me deixava muito assustada. Eu não queria saber... bem, hoje em dia, é a primeira vez que a ouço

A respeito da participação de Manuela, Ofelia relatou à presente pesquisa que

Para ela foi muito importante ter participado do filme e compartilhar essa experiência comigo. Apesar de estar longe de alcançar o que foi a nossa luta, o fato de participar diretamente de um testemunho significou que ela também era parte da história, e não somente de um relato somente meu. De fato, quando prenderam o seu pai e eu, ela tinha nove meses e, de alguma forma, sofreu a separação de seus pais. Foram os meus pais, os seus avós, que a esconderam para protegê-la e, sem dúvida, isso traumatizou a sua infância.

Nascida em outubro de 1949, Ofelia Nistal Nistal é formada em Odontologia e começou a militar no MIR aos 20 anos de idade, isto é, em um momento de plena efervescência social da América Latina e, precisamente, de euforia eleitoral nas prévias quarta candidatura de Allende em 1970. Engajada em uma *“militância muito ativa”*, ela vivia junto com seu companheiro, Héctor González Osorio⁵⁴², também integrante do MIR, e com quem se casou um mês antes do golpe. *“Deveríamos nos preparar para ter a aparência mais normal*

⁵⁴¹ Para saber mais sobre a construção e consolidação desse tema no cinema documentário latino-americano ver SELIPRANDY, F. *Documentário e memória intergeracional das ditaduras do Cone Sul*. Tese defendida na FFLCH-USP, 2018.

⁵⁴² <http://www.cedocmuseodelamemoria.cl/catalogo/libro_memorial/files/assets/basic-html/page225.html>.

possível diante da vizinhança e frente aos corpos repressivos da ditadura”, relata.

Héctor Osorio fazia parte do Comitê central do MIR e, portanto, o cargo de Nistal correspondia a manter os vínculos entre a direção central e as suas bases. Dentre as suas *“tarefas de máxima importância”*, estava a *“obtenção da infraestrutura necessária para preservar a segurança dos (nossos) militantes”*. Mesmo diante da cotidianidade da prática do desaparecimento forçado, ela e o companheiro decidiram ficar no Chile e continuar a luta, *“conscientes do que isso significava, mas queríamos ser consequentes com nosso compromisso”*.

Manuela nasceu em abril de 1974, e seus pais foram detidos em um hotel central de Santiago em 06 de dezembro do mesmo ano.⁵⁴³ Conhecido como “Nícolas”, Héctor estava entre os mais procurados pelo pinochetismo e ambos, marido e mulher, foram cruelmente torturados em troca de informações. Apesar de ser o responsável pela equipe que prendeu o casal, Osvaldo Romo não esteve presente durante o encarceramento.

Devido aos esforços de seus pais espanhóis, Ofelia Nistal conseguiu asilo político na Espanha⁵⁴⁴ para onde viajou com a sua filha em janeiro de 1975. No mês seguinte, Héctor e mais três miristas (Humberto Menanteau Aceituno, Cristián Mallo Comandari, José Carrasco Vásquez) foram forçados pela DINA a fazer um clamor público pelo cessar-fogo⁵⁴⁵ em cadeia de rádio e televisão. O discurso imposto partia de uma autocrítica: a referência às derrotas miristas e a lista com os nomes dos militantes mortos e outros supostamente exilados foi seguida de um chamado à deposição das armas.

Por sua vez, Nistal retomou contato o MIR um mês após ter chegado na Espanha, fez contatos com amigos e companheiros refugiados na França, conheceu Patricio Guzmán *“em algum momento entre 1977 e 1978”* e manteve

⁵⁴³ Cf. ficha de Jaime Luis Rojas Palomino disponível na seção “Anexos” e no domínio Memoria Viva em: <https://www.memoriaviva.com/Desaparecidos/D-P/luis_jaime_palominos_rojas.htm>. e Cf. ficha de Maria Bustillos disponível na seção “Anexos” e em: <https://www.archivochile.com/Memorial/caidos_mir/119/017bustillos_maria.pdf>. Acessados em 10/2020.

⁵⁴⁴ Cf. Decreto sem número conforme disponível na seção “Anexos” e em: <<http://www.archivomuseodelamemoria.cl/index.php/152193;isad>>. Oficialmente, ela teria sido expulsa do país em 13-19/12/1974, porém preciso saber se ela foi mantida em cativeiro sob tortura – no depoimento a respeito de Bustillos (Grimaldi), ela relata que tinha sido transferida para 04 Alamos entre 19 e 21 de dezembro do mesmo ano. Acessado em 10/2020.

⁵⁴⁵ Cf. reportagem disponível na seção “Anexos” e em: <<http://archivodigital.londres38.cl/index.php/el-mir-vive-hoy-una-situacion-de-derrota>>. Acessado em 10/2020.

atividades políticas que consistiam em “*realizar tarefas de apoio ao MIR no Chile, organizar a solidariedade e as tarefas de denúncia e difusão da situação de nosso país, além de enviar recursos materiais para apoiar a luta e assegurar a sobrevivência de nossos companheiros*”.

Nelly, Cecilia, Gabriela, Ofelia Nistal e Gladys: todas elas se conheciam desde os tempos da militância mirista em fins dos anos 1960. Ofelia Nistal conheceu Santiago Oyarzo em seus anos madrilinhos, porém só foi possível conhecer dele o que restou de atividade em seu perfil de *Facebook*, conforme será visto a seguir. Em todo caso, esse histórico pessoal entre os entrevistados faz com que o filme transcenda “o caso Pinochet” e o torne em uma espécie de celebração latente de uma fraternidade mirista, e não allendista como encarnada por Garcés, o advogado espanhol sobrevivente do La Moneda.

SANTIAGO, SANTIAGO PÉREZ OYARZO

Entre livros, fotos pessoais e um poster de Salvador Allende, o depoimento de Santiago⁵⁴⁶ serve ao detalhamento da crueldade técnica das sevícias que se tornaram rotineiras nos porões pinochetistas

Eletrocutavam-me nos olhos, na língua; eu tinha constantemente um cabo amarrado na glândula e outro cabo nos pés. Toda noite eu era conduzido a outra sala onde havia um par de verdugos que praticavam caratê na minha coluna vertebral e depois me colocavam sobre uma mesa. Um se passava de instrutor e o outro de aluno; o aluno me golpeava a coluna e o mestre dizia “esse golpe não é assim... é assim”. O submarino a seco é uma bolsa plástica e servia para eu perder a respiração. O telefone consiste num golpe violento com as duas mãos em ambos os ouvidos. A tortura era algo constante, pois se não conseguiam arrancar algo de você, te buscavam novamente para torturar um pouco mais. E foi assim que os segundos e minutos se tornaram horas e séculos, pois você fica novamente esperando que te levem novamente às barras ou para te golpear. Isso foi mais ou menos o que se passou comigo, o que me tocou viver. E o que eu recordo.

⁵⁴⁶ O seu perfil no *Facebook* esteve ativo até o momento de finalização da presente pesquisa em dezembro de 2021 conforme disponível na seção “Anexos” e em: <<https://www.facebook.com/people/Santiago-Nicanor-Oyarzo-P%C3%A9rez/1085372988>>. Acessado em 10/2020.

Santiago Pérez Oyarzo integrou o MIR⁵⁴⁷ e foi um dos fundadores da *Asociación de Fotógrafos Independientes*, cujas atividades começaram em 19 de junho de 1981 e foram até 1992. A AFI e seus profissionais se tornaram uma referência prática e teórica⁵⁴⁸ do fotojornalismo chileno, devido ao pioneirismo e competência profissional com que registraram e denunciaram o violento cotidiano pinochetista em escala nacional e internacional. Sabe-se que Oyarzo foi detido em duas ocasiões, sendo uma delas no acampamento Melinka-Puchuncaví no ano de 1975.⁵⁴⁹

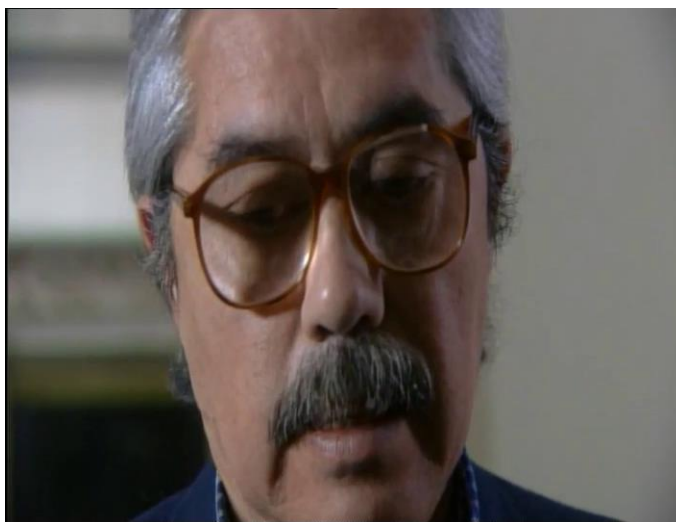


Imagem 139 – O fotógrafo de formação mirista Santiago Oyarzo aos 69min de *O caso...*



Imagem 140 -... acima, o detalhamento do cartaz de Allende em seu quarto

GLADYS, GLADYS DÍAS ARMIJO

⁵⁴⁷ Cf. artigo do blog *Imágenes para memoriar* a respeito de exposição fotográfica composta pelas obras de Santiago Pérez realizada em 05/11/2013 em Berlim disponível em:

<<https://imagenesparamemorar.com/tag/santiago-oyarzo-perez/>>. Acessado em 10/2020.

⁵⁴⁸ LEIVA, G. *Asociación de Fotógrafos Independientes (AFI) 1981-1992*. Disponível em:

<<http://centronacionaldearte.cl/glosario/afi-asociacion-de-fotografos-independientes-1981-1992/>>. Acessado em 10/2020.

⁵⁴⁹ Até o momento da finalização da presente pesquisa em 12/2021, as postagens de Santiago Pérez estavam disponíveis no grupo de *Facebook* intitulado *Corporación de Memoria y Cultura de Puchuncaví* conforme disponível na seção “Anexos” e em:

<<https://www.facebook.com/MelinkaPuchuncavi/posts/562290373963499/>>. Acessado em /102020

Nascida em 10 de julho de 1936, Gladys se tornou uma das renomadas personalidades miristas. Companheira de Juan Carlos Perelman – e, portanto, cunhada de Pablo Perelman, o cineasta que depõe em *Chile, memória obstinada* -, ela foi detida junto com ele em 20 de fevereiro de 1975 por uma equipe da DINA, composta por Pedro Espinoza Bravo, Raul Neumann e o infame Miguel Krassnoff Martchenko.⁵⁵⁰ O seu testemunho segue a tônica de Santiago



Imagem 141 – Gladys Armijo, tida como “heroína” dentre as militantes da época...



Imagem 142 -... também participou como interlocutora em um programa de rádio no filme *La flaca Alejandra*, de Castillo (1994)

Orzayo ao se pautar pela rememoração das sevícias sofridas sob o jugo de Martchenko. Nesse sentido, é importante registrar que o seu depoimento guarda muitas semelhanças com aquele destinado às iniciativas de memória da Villa Grimaldi.⁵⁵¹

Em ambos, Gladys Días relata como ela e seu companheiro foram torturados com requintes de crueldade, um diante do outro, sob o pretexto da delação de informações. Como foi visto, junto com Pablo, Juan Perelman se tornou um detido desaparecido, enquanto Días permaneceu incomunicável por

⁵⁵⁰ Personagem que também guarda centralidade na argumentação do filme *La flaca Alejandra*;

⁵⁵¹ Cf. perfil de Juan Carlos Perelman disponível na seção “Anexos” e em:

<https://www.memoriaviva.com/Desaparecidos/D-P/juan_carlos_perelman_ide.htm>. Acessado em 10/2020.

oitenta dias em confinamento na “torre” de Grimaldi.⁵⁵² Chegou a ser retirada e devolvida do cativeiro em cinco ocasiões, enquanto os registros de seu paradeiro eram extraviados a fim de despistar as iniciativas civis humanitárias.

Diante das repercussões nacionais e internacionais de seu caso, uma iniciativa da Anistia Internacional junto com a Conferência dos Sindicatos Alemães da República Federativa mediou a possibilidade de lhe conseguir um emprego na Alemanha Ocidental, onde conseguiu asilo em meados de 1976.⁵⁵³

As equivalências entre os testemunhos de Gladys Días levam a cotejá-las com um terceiro depoimento que ela prestou ao filme *La flaca Alejandra*, realizado por Carmen Castillo em 1994. Vale lembrar que “*flaca Alejandra*” foi o epíteto dado à Márcia Alejandra Merino, uma mirista que, durante a sua militância até 1973, era reconhecida como uma das mulheres mais fortes do movimento, junto com Gladys Días e Lumi Videla. Na segunda vez em que foi presa pela DINA, em 1º de maio de 1974, ela se tornou uma delatora sob o comando direto de Martchenko e sua colaboração com o sistema repressivo do pinochetismo desencadeou uma série de desaparecimentos e mortes.

Jornalista de formação e, depois, formada em Psicologia, Gladys Días reencontrou Márcia Merino pela primeira vez em novembro de 1992, quando recebeu um telefonema de Jaime Velasco, então presidente da Comissão Chilena de Direitos Humanos, pedindo que comparecesse nessa entidade sem dizer o porquê. Días relata que só a reconheceu quando Merino lhe pediu desculpas. Atônita diante daquela entrevista coletiva, Días se lembra de que

qualquer gesto que eu fizesse teria consequências enormes. Fiz um esforço tremendo para discernir o que sentia que deveria fazer. Na época, era uma consideração quase funcional. Percebi que ela tinha informações muito valiosas para nos dar e que, se eu não a aceitasse, não estaria em terreno de ninguém. Então eu me levantei e a abracei. Para ela foi um momento muito chocante. Tudo foi dito naquele abraço.⁵⁵⁴

⁵⁵² A infame “torre” se tornou um ícone do que haveria de mais desumano dentre os dispositivos de tortura da Villa Grimaldi conforme disponível em: <<http://villagrimaldi.cl/parque-por-la-paz/la-torre/>> Acessado em 10/2020.

⁵⁵³ HERNÁNDEZ, H. *Gladys Díaz Armijo*. Disponível em: <<http://www.heroinas.net/2014/03/gladys-diaz-armijo.html>>. Acessado em 10/2020.

⁵⁵⁴ MATUS, A. *Las Imperdonables*. Disponível em: <<http://www.casosvicaria.cl/temporada-uno/las-imperdonables/>>. Acessada em 11/2020.

A experiência do encontro entre as antípodas políticas se repetiu em 1994 para o filme de Castillo – que, diga-se de passagem, tornou-se uma importante conselheira do Patricio Guzmán da “trilogia do testemunho”. Ao final do filme, a voz autoral de Castillo apresentava Gladys Días em seu programa na Rádio Nacional como um *“membro da direção do MIR atrozmente torturada por sete meses em Villa Grimaldi; nunca falou nada, nunca”*.

A ênfase na austeridade da militância é seguida pelo manejo de fotografias que procuram restituir aquela perplexidade do primeiro encontro *“a mão que sustém o rosto de Márcia nesta foto é a sua; a irmandade acima de tudo; a heroína acolhe aquela que a traiu; esse gesto de amor que perturba destrói como ninguém a lógica do torturador”*. Tal como em *El caso Pinochet*, aqui, também, o testemunho de Gladys ganha fôlego e longevidade: os pouco mais de quatro minutos de conversa com Márcia revelam novas dimensões da política do testemunho.

Como quem exerce uma função especular, Merino afirma que um dia gostaria de enfrentar o seu algoz, Krassnoff: *“creio que seria o mais reparador e gratificante na minha vida; poder enfrentá-lo não como sua prisioneira, mas sim com igualdade de condições; poder acusá-lo e poder ver”*. Dessa vez, distante dos relatos minuciosos das sevícias sofridas presente em *O caso Pinochet*, Gladys cumpre duplamente, com dignidade, a demanda de reparação, ao relatar seu encontro com Krassnoff diante daquela que a delatou

Digamos que Isso foi o que a vida me possibilitou em um encontro com ele em frente ao juiz; ele começou com esse discurso *“sou parte de um Exército jamais vencido e sempre vitorioso”*, e isso é tão relativo, não? Porque de que vitória estamos falando? De homens e mulheres que estavam vendados? Que estavam com suas esposas? Que estavam detidos? Que tinham a impotência mais plena e total?

Contudo, a sensação de que eu tive foi justamente essa mesma de que você falou, no sentido de reparação, de *“que bom nos encontrar assim em igualdade de condições”*, até mesmo porque ali estava o magistrado, então ele tinha que zelar pelos protocolos e me tratar bem, tratar-me como você e não me dizer palavras feias como havia feito em Grimaldi

Mas eu também tive essas duas sensações, a de desmistificar o torturador, pois quando alguém está em condições tão debilitadas como a que eles produziram, a situação de ser prisioneira de um cárcere oculto onde você não está sequer reconhecida como detida e estar tão à mercê deles a ponto de

decidirem tudo o que vai acontecer conosco... quando você está nessas condições absolutas você tende a ver o torturador mais alto, você inclusive o imagina mais velho, forte e poderosíssimo onipotente e você se sente muito pequena. Eu descobri que sou tão alta quanto Martchenko; descobri que ele é feio, que não é loiro, que é moreno; que não tem os olhos claros, que não é atlético, que tem uma locução ruim, que não é tão inteligente; acredito que isso foi o mais reparador, descobrir que eu tão pequena sendo torturada o havia mistificado e engrandecido dentro de minha cabeça e, portanto, tinha o visto como um inimigo muito maior do que era.

No lastro da crítica histórica dos testemunhos, compreende-se, então, como, em grande medida, as suas zonas móveis exploram as condições de armazenamento de memórias e de restituições históricas ancoradas nas demandas de seu tempo presente. Ou, tal como informado na apresentação da pesquisa, o avanço da pesquisa histórica sobre os testemunhos é capaz de pôr em cena um diálogo fecundo com a histografia tradicional, além de marcar passo com as iniciativas de uma História do Tempo Presente.

Visto de outro ângulo, o cotejo das nuances testemunhais apresentadas estimula a pensar sobre as razões de suas diferenças, como, por exemplo, as demandas nas quais estiveram envolvidas, as reivindicações sociais, culturais e ideológicas que, eventualmente, enfrentaram, tal como as condições históricas nas quais emergiram suas asserções. O diálogo com a fortuna crítica de Seligmann-Silva chama a atenção justamente para isso: o estar diante da cena do trabalho do trauma exige que se saiba que nunca se pode contar com uma introjeção absoluta do evento traumático. Isso, então, implica reconhecer que, para o sobrevivente, sempre restará um estranhamento, tendo em vista seu caráter residual, isto é, o fato de ele ter morado como *“do outro lado do campo simbólico”*.⁵⁵⁵

Contudo, o reconhecimento dos limites da identificação das pessoas em *O caso Pinochet* dá chance de avançar sobre o testemunho como um “novo local fértil para a vida”, uma história dos vencidos que vá além dos afetos e recordações.⁵⁵⁶ Como foi visto, a pesquisa histórica sobre a biografia política e as chances de investigação pessoal junto das sobreviventes apontam para

⁵⁵⁵ SELIGMANN-SILVA, M. Op. Cit., p. 11.

⁵⁵⁶ BLANES, J. Op. Cit., p. 110.

estratégias de denúncia que transbordam a lógica da memória proposta pelo filme.

Transcendendo o papel de *“trabalhadoras do discurso”* de que fala Blanes ao dizer sobre o cenário da *Concertación*⁵⁵⁷, Nelly diz não ter arrependimento, vê a luta de classes como o substrato histórico e não deixou morrer a veia heroica quando reafirmou o desejo de transformação social. Aliás, na entrevista concedida a esta pesquisa, reafirmou que seria eternamente *“preta e vermelha”*, em alusão às cores da bandeira mirista.

Cecilia se viu sombreada pela condição sisífica ao tomar a luta armada como condição única de combater o pinochetismo. O anseio de luta social permaneceu a partir do reconhecimento de como a violência sistêmica pinochetista se travestiu para se perpetuar na condição neoliberal que subjetiva indivíduos amesquinados.

Por sua vez, o testemunho de Ofelia se pautou pela doação à filha: de certa maneira, a elaboração de uma trama histórica em comum entre elas foi o registro de uma reparação integral de traumas da infância, isto é, consagrou um momento de perdão. Sentimento este que, ao contrário de muitos militantes das esquerdas, esteve ao alcance das mãos de Gladys quando abraçou Merino, a sua delatora, além de ter tido condições de aquilatar o seu olhar ao de seu torturador.

Em suma, os registros de outras dimensões testemunhais indicam as possibilidades de ultrapassagem daquele sentimento de “morte cívica” declarado por Perelman no filme de 1997, e modulam formas de resistência carregadas de reivindicação ideológica e de protestos contra o tempo presente da *Concertación* e os devires por ela gestados. Sobretudo, o cotejo com esses outros testemunhos delinea, com maior precisão, a *posição auricular* assumida por Guzmán no filme de 2001, isto é, o lugar de um terceiro que compartilha um exercício de rememoração, que dialoga intensamente com determinadas coordenadas institucionais vigentes durante a *Concertación*.

O PINOCHETISMO SOBREVIVE

⁵⁵⁷ Ibidem.

Em linhas gerais, o terceiro quarto do filme começa tangenciando a sobrevivência do pinochetismo através das manifestações em prol do ditador. Organizadas pelo advogado Fernando Barros, thatcherista e líder do *Movimiento para la Reconciliación de los Chilenos*⁵⁵⁸, os reclames dos “nostálgicos” ganhou visibilidade histórica através do filme *I love Pinochet*, realizado por Marcela Said também em 2001. Nele, Barros está em cena reafirmando o pinochetismo como um mito fundador ao dizer que “*com a dor de um parto surgiu um novo país e hoje temos um novo Chile*”.⁵⁵⁹

Retomando *O caso Pinochet*, tem-se a explicação de como as decisões sobre o caso foram chaveadas do mundo jurídico para o político a fim de garantir o retorno do ditador ao seu país natal. Carmen Hertz, a advogada das vítimas, é quem avalia a instrumentalização política do caso, ressaltando que 70% da sociedade chilena acreditava que Pinochet deveria ser julgado

pelas costas da sociedade civil chilena houve uma espécie de acordo para outorgar a ele a impunidade pelo genocida que é Augusto Pinochet. O governo assumiu a posição na defesa de princípios, e não de pessoas; e segue defendendo o tema da soberania, sendo esse o único argumento contra as decisões da justiça internacional. E isto é uma barbaridade.

Isso só pode ser entendido dentro dos marcos do que foi a transição chilena que se deu num longo processo de dez anos e que custa muito para se entender; sobretudo quando o tema é a nossa memória histórica e que significou manter toda a institucionalidade da ditadura com reformas que jamais afetaram a essência desta institucionalidade... A detenção de Pinochet de alguma maneira desnudou tudo isso

Em paralelo com as pelejas jurídicas intestinas a respeito da sanidade ou demência de Pinochet para enfrentar o banco dos réus, o filme retoma o corpo a corpo com as perícias forenses do juiz Guzmán e as antropólogas que o acompanham. É através da mirada de sua pessoa jurídica que são visitados os sítios concentracionários, que se identificam os locais de tortura e que se coleta e se reúnem restos humanos, tendo em vista a identificação daquelas pessoas torturadas, detidas e desaparecidas.

⁵⁵⁸ EKAIZER, E. *Um ex colaborador de Thatcher dirige uma campaña de imagen de Pinochet*. Disponível em: <https://elpais.com/diario/1999/01/15/internacional/916354812_850215.html>. Acessado em 11/2020.

⁵⁵⁹ O sentido cruzadista do pinochetismo pode ser visto nos filmes *La muerte de Pinochet*, de Osnovikoff e Perut (2011) e *Pionchet*, de Ignacio Zegers (2012).

Novamente, uma análise fílmica comparada, ainda que breve, pode sublinhar, de maneira mais efetiva, a política da rememoração empenhada em *O caso Pinochet*. Como salientou Dávila em conversa com Chaskel⁵⁶⁰, o recurso às tomadas dos locais de tortura, ou ainda, o exercício de suas reconstituições, é tema pouco debatido pela historiografia do cinema documentário latino-americano – sobretudo, aqueles constituídos por mulheres e analisados pelo gênero, afirma Digiovanni.

A esse respeito, o filme *Estádio Nacional*, realizado por Carmen Luz Parot em 2001, é uma obra singular: ao longo de seus quase noventa minutos, 26 homens e mulheres, devidamente identificados com nome, sobrenome e profissão, são acompanhados em suas visitas aos infernos do campo de concentração que dá nome ao filme. Detalhes das sevícias, as possíveis conversas à boca pequena, as memórias das amizades afogadas, os relatos dos poucos momentos de passatempos: a riqueza dos testemunhos não envolve somente um transcurso temporal, mas também, a decisão pelo *estar-aí* no território da repressão.

Percebe-se, então, como o filme de Guzmán exerce um significativo deslocamento em relação ao de Parot: enquanto ela opta pelas tomadas diretas que convivem com os sobreviventes em seu recuo ao campo, a mirada de Guzmán toma distância para se alojar junto dos olhares institucionais que mediam as tensões entre o estado de exceção pinochetista e as sobreviventes, e, nisso reafirma o seu papel de um terceiro que opera no âmbito da lógica de memórias.

UM GESTO DE ESPERANÇA AOS QUE LUTAM

As desavenças em torno d'*O caso Pinochet* são finalizadas com o ditador sendo declarado réu e detido em prisão domiciliar, enquanto um monumento a Salvador Allende diante do Palácio La Moneda é levantado em 26 de junho de 2000. Amparada por uma lei de 1994, o monumento é filmado, tendo o Ministério da Justiça ao fundo, é apresentado como uma imagem que *“acompanhou as vítimas e deu esperança aos que lutavam”*.

⁵⁶⁰ MUÑOZ, C.; STANGE, H. *Diálogo com el realizador chileno Pedro Chaskel*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R8OFL8BI9fM>>. Acessado em 11/2020.

As palavras finais são das miristas cujas crenças na luta armada como revolução sempre ameaçaram o projeto allendista da “*via pacífica rumo ao socialismo*”. O reencontro com Nelly acentua a nota emocional do filme sob o timbre do “*apesar de tudo*”⁵⁶¹



Imagem 143 – Os participantes da produção de *O caso Pinochet* reunidos aos 68min33seg

tem sido uma história muito dura, mas seguimos vivos... creio que, apesar de tudo, não nos tiraram a possibilidade de sermos felizes... Não sei, pode parecer um pouco... Contraditório... é possível ver muita dor em nossos rostos, mas seguimos vivendo. E vamos ter algo muito importante que vocês não têm: nós podemos dizer com orgulho o que fomos, e vocês terão que se contentar com o que fizeram. Ou melhor, talvez vocês não tenham que lidar com isso, mas seus filhos sim, enquanto os nossos não...

Permeada pelo viés familiar, a emoção se converte em uma indignação que acredita na força terapêutica da escuta e se ancora na luta pela memória

Por último, se você não consegue que neste momento haja um juízo histórico, uma memória do que foi feito, dizer quem são os responsáveis... Não somente Pinochet, mas toda a gama de torturadores e de civis que apoiaram isto e que até hoje o defendem... Aos que consentiram e conciliaram, aos que hoje em dia tentam uma espécie de manto de esquecimento... O que é isto de querer que Pinochet se retire com dignidade, depois de permitir torturadores? Como eles podem se retirar com dignidade? É uma vergonha, é rir das nossas dores e não reconhecer tudo o que se passou! Eu creio que a força da memória, é algo que vai nos permitir curar... por isto, é tão importante estabelecer a memória coletiva, para poder viver o agora e construir um futuro.

A construção do futuro dessa memória coletiva passaria, então, pela elaboração da imagem de Salvador Allende. Guzmán manteria acesa a luta

⁵⁶¹ FELDMAN, I. *Imagens apesar de tudo: problemas e polêmicas em torno da representação, de Shoah a O filho de Saul*. Revista ARS, n.28, ano 14. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/124999/121903>. Acessado em 12/2020.

contra o “*manto do esquecimento*”, mas tensionando uma reflexão poética sobre o humanismo de Allende às custas dos assuntos políticos e ideológicos.

3.4 TRÊS VEZES ALLENDE OS CONTORNOS DO “*NÃO HÁ AMANHÃ SEM ONTEM*”

Em 12 de agosto de 2003, Ricardo Lagos publicou um conjunto de propostas em prol dos direitos humanos intitulado *No hay mañana sin ayer*. Dentre os propósitos das intervenções, estavam o aperfeiçoamento da busca pela verdade e justiça, os incrementos nas medidas de reparação às vítimas e a robustez institucional para que “*aquilo não volte a ocorrer nunca mais*”.⁵⁶²

Em linhas gerais, o manifesto do presidente socialista fez uma avaliação dos avanços do *Informe Rettig* e da *Mesa del Diálogo*, além de promover um balanço social e financeiro das medidas de reparação postas em prática ao longo da última década. A sintaxe institucional pró direitos humanos foi mediada pela “*dor da perda de um familiar*” e pelo anseio de “*paz social, solidaridad e de unidade de todos os chilenos*”.⁵⁶³

Esses anseios permaneciam desafiadores quando se retomavam os resultados das séries históricas promovidas pelo *Latinobarómetro*. Os sinais de polarização social e desconfiança quanto à democracia, ainda, permaneciam vivos, tensionando a ideia de *transición* democrática: enquanto 24% das pessoas entrevistadas se autoafirmavam de “centro”, 32% se diziam como politicamente “nulas”, tendo a “esquerda” e a “direita” o mesmo índice de 2%. Quanto à satisfação com a democracia, 46% se diziam poucos satisfeitos, sendo que 51% se diziam nada interessados em política, e outros 46% declaravam não acreditar na democracia como solução para os problemas do país.

⁵⁶² LAGOS, R. *No hay mañana sin ayer – propuesta del presidente Lagos sobre derechos humanos*. Disponível em: <<https://www.indh.cl/bb/wp-content/uploads/2010/10/no-hay-man%23U0303ana-sin-ayer.pdf>>. Acessado em 12/2020.

⁵⁶³ Idem, p. 2.

No tocante aos interesses da presente pesquisa, o texto de Lagos interpretou o golpe militar de 11 de setembro como questão de conjuntura que exigiria uma espécie de *mea culpa* por parte da consciência nacional. Em suas palavras, uma “ruptura institucional democrática jamais se produz como um raio súbito, sem aviso prévio”; na realidade, ela se produziria “sempre em meio a tormentas crescentes que o país e seus líderes não são capazes de controlar”.⁵⁶⁴ Diante disso, seria necessário àqueles que a viveram e tinham “responsabilidades nas distintas áreas da vida social”, que não deixassem “nunca de pensar e reconhecer, com humildade e realismo, quais foram os erros individuais e coletivos que nos levaram a um momento terrível na história de nossa pátria.” O

clamor, pode-se dizer, ao exame da consciência cívica suprapartidária foi devidamente acentuado ao dizer que “ninguém pode se declarar alheio à



Imagem 144 – Aos 102min, *O caso Pinochet* apresenta...



Imagem 145 -... uma sequência de inauguração da estátua de Allende içada em 26 de junho de 2000...



Imagem 146 -... e que gera um sentido de continuidade ao argumento do filme de 2003

⁵⁶⁴ Ibidem, p. 2.

profunda divisão que houve entre nós chilenos e que nos conduziu à catástrofe antidemocrática que todos conhecemos.”

Visto de outro ângulo, o texto de Lagos perpetuava, adentro do século XXI, a lógica do *transformismo* pinochetista de que tratou Moulian quando foi aberto o presente capítulo, isto é, a crença de que existira uma equivalência entre as deficiências político-institucionais do Estado de Direito allendista e os excessos do estado de exceção pinochetista. Reforçando: ao nacionalizar o princípio da responsabilidade pela ruptura institucional, Lagos não só responsabilizou o governo Allende pelo golpe de 11 de setembro, como também eliminou as brutais assimetrias entre as episódicas ações armadas de determinados movimentos sociais e a violência de Estado pinochetista.

No rastro da análise social e histórica que se está realizando, pode-se compreender melhor os efeitos desses discursos e iniciativas oficiais junto da sociedade civil à luz das pesquisas do *Centro de Estudios de la Realidad Contemporanea*, o CERC. Seguindo as investigações dessa corporação, percebe-se como sociedade civil e sociedade política se consubstanciavam no mal-estar diante do passado recente quando o assunto era o 11 de setembro de 1973. Questionada a respeito dos significados desse evento, a sociedade permanecia em uma zona de indecidibilidade trinta anos depois, como se nota no gráfico a seguir:

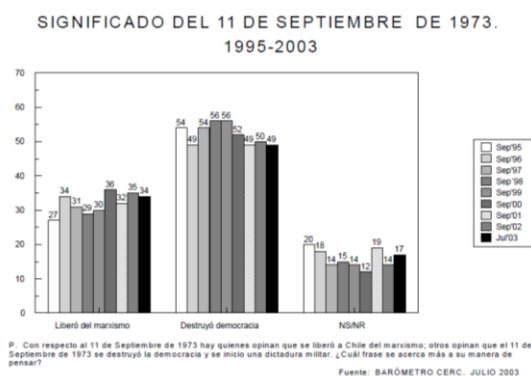


Tabela 5: O significado do 11 de setembro de 1973. 1995-2003

Posta a solicitação de uma posição se o 11 de setembro teria “*libertado o país do marxismo*” ou se teria “*destruído uma democracia e iniciado uma ditadura militar*”, os humores permaneciam polarizados com 49% acreditando

que o evento “*destruiu a democracia*”, enquanto outros 51% acreditando que ele “*libertou do marxismo e/ou não sabe opinar a respeito*”.⁵⁶⁵

Contudo, em relação aos direitos humanos – que, como se salientou, foi a tônica das políticas oficiais de memória ao longo da *Concertación* - pode-se afirmar que houve senão uma maior introjeção cívica, ao menos uma maior sensibilização pública a respeito da relevância de suas pautas.

MAGNITUD DE LAS VIOLACIONES A LOS DERECHOS HUMANOS EN EL RÉGIMEN MILITAR, 1998-2003

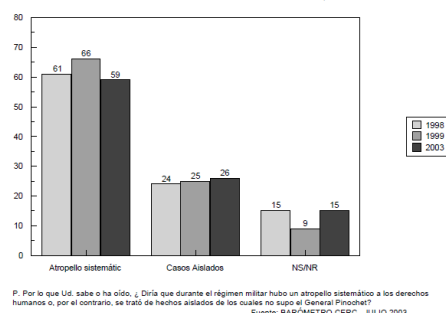


Tabela 6: Magnitude das violações dos Direitos Humanos durante o Regime Militar, 1998-2003

Relevada a insídia latente à questão - “*você diria que durante o regime militar houve um atropelo sistemático dos direitos humanos ou, ao contrário, trataram-se de caso isolados dos quais o Gal. Pinochet não tinha conhecimento?*” -, nota-se um número expressivo de pessoas: 59%, reconhecendo que houve a sistematização da barbárie, enquanto outros 26% renovaram seus votos pinochetistas.

O vislumbre de “*um horizonte de unidade moral*” e os anseios pela cicatrização das “*feridas mal curadas*” seguiam afiançados pelas lógicas de memória da *Vicaría da Solidaridad* e associações católicas adjacentes, e ganharam contornos mais bem definidos com a publicação do relatório da *Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura*, em novembro de 2004. Como foi dito no capítulo anterior, o relatório sistematizou 35.865 testemunhos de pessoas residentes no Chile e no estrangeiro, e cumpriu com o propósito de abordar o contexto em que se produziram as detenções e desaparecimentos, o reconhecimento da tortura como técnica de gestão administrativa da vida social, além de apresentar medidas de reparação no âmbito social, cultural e financeiro.

⁵⁶⁵ Encuesta Nacional CERC Abril, 2001 Disponível em: < <https://www.cepchile.cl/cep/encuestas-cep/encuestas-2000-2009/estudio-nacional-de-opinion-publica-junio-julio-2003> > Acessado em 11/2020.

Entretanto, aos olhos da presente investigação, o que chama a atenção no relatório final é, novamente, outro texto de Lagos, o seu prólogo intitulado *Para nunca más vivirlo, nunca más negarlo*. Logo em seu primeiro parágrafo, a política de memória redundava no abrandamento dos temas ideológicos como já propostos desde o *Informe Rettig*, de 1991, ao insistir que “*independientemente das ideias que cada um professe, esses compatriotas merecem o respeito de todos os chilenos*” ao referir-se às pessoas detidas desaparecidas.

Lagos apresenta um novo deslocamento nas interpretações oficiais, a saber: uma dimensão afetiva e patológica sobre os temas ligados à memória e aos direitos humanos. Salientando o viés individual da memória, Lagos considerou que o “*pano de fundo*” do Informe seriam as “*vidas quebradas, as famílias destruídas, as perspectivas pessoais destroçadas, a impotência para dar aos filhos uma vida melhor*” para cifrar a publicidade do Informe pelo desarrazoamento da violência. Diante das “*experiências estremecedoras*” dos relatos, aqueles emulados pelo filme *O caso Pinochet*, teriam restado mais perguntas do que respostas

Como explicar tanto horror? O que pode provocar as condutas humanas ali presentes? Não tenho resposta para tanto. Como em outras partes do mundo e outros momentos da história, a razão não consegue explicar certos comportamentos humanos nos quais predominam a crueldade extrema. Como explicar que 94% das pessoas detidas declararam ter sofrido torturas? Como explicar que, das 3.400 que prestaram testemunhos, quase todas assinalaram ter sido objeto de violência sexual?⁵⁶⁶

Não seria o caso aqui de se estender diante dessas questões, mas é válido reforçar que todas elas já teriam sido respondidas de maneira bastante consistente pela fortuna crítica que tem servido de arcabouço teórico à presente tese, a exemplo do *transformismo* de que fala Moulian (1998). Sobretudo, também seria possível atualizar, por exemplo, os relatos de Cecilia Radrigán e Gabriela Salazar que, cada qual ao seu modo, demonstraram ter a consciência de que a violência pinochetista serviu para refundar um projeto

⁵⁶⁶ LAGOS, R. *Para nunca más vivirlo, nunca más negarlo*. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Derechos_humanos/com_valech/gob_otros_estado/hhddgobotros0020.pdf> Acessado em 11/2020

econômico neoliberal destinado à aniquilação das redes de proteção social, incluindo um processo de subjetivação misógino.

Analisando o prólogo à luz da teoria crítica, Jaume Blanes assinala que a ausência de uma resposta social razoável aos problemas da violência do Estado e, particularmente, à sistematização da tortura como meio de gestão da vida social foi reiterado pela ausência de condições para uma denúncia política. Dito de outra forma, ao registrar que toda a história recente do Chile estaria “*por muito tempo*” envolta em um “*espesso e insano silêncio*”, Lagos perpetuava uma interpretação histórica cifrada por uma espécie de “*disfunção coletiva psicológica*”⁵⁶⁷, isto é, a ruptura institucional de 11 de setembro, a implantação de um estado de exceção, a gestão das vidas e das mortes através de procedimentos cruéis como a detenção, o desaparecimento, o extermínio em valas comuns e as torturas nos 1.168 campos concentracionários chilenos⁵⁶⁸ – todos esses temas teriam sido “*desvarios ou perda de rumo*” por parte da caserna e assim deveriam ser lidos por uma chave clínica, e não como herança dos excessos de um realismo político.

Em suma, no rastro das contribuições de Blanes, percebe-se como a poética da memória gestada desde o início dos anos noventa, gradativamente, ganhou aderência institucional até assumir um caráter oficial no *Informe Valech* em 2003. Isso significa reconhecer que as demandas de memória e de justiça foram cada vez mais pautadas em um plano humanitário em detrimento das possíveis leituras políticas e ideológicas do pinochetismo. Para o autor, a crescente centralidade social conquistada pelos sobreviventes foi decisiva para dar arranque e força às denúncias dos crimes do pinochetismo e estimular a publicidade da defesa dos valores ligados à memória, à justiça e aos direitos humanos. Contudo, o processo não teria deixado de ser acompanhado por “*estratégias de mimetização de representações emocionais*”⁵⁶⁹ que, em vez de colaborar com o esclarecimento dos processos históricos a que aludiam, eventualmente, incidiam em aspectos de maior rendimento dramático que dificultaram a compreensão do passado recente do Chile.

⁵⁶⁷ BLANES, J. Op. Cit., p. 167.

⁵⁶⁸ VER HERCEG, J. *Lugares de encuentro en los espacios de horror. Acercamiento testimonial a los centros de detención y/o tortura chilenos*. Revista Kamtchaka, 06/12/2015, págs. 651-664 Disponível em: <<https://ojs.uv.es/index.php/kamchatka/article/view/6812>> Acessado em 11/2020.

⁵⁶⁹ BLANES, J. Op. Cit., p. 168.

É preciso se lembrar, que todo esse processo teve o apoio decisivo de associações e instituições ligadas à Igreja Católica, tal como a *Vicaría de la Solidaridad*, que contribuíram para a construção de estratégias de memória e justiça consoantes ao regime do “na medida do possível” delineado pela *Concertación* desde o governo Aylwin (1990-1994). Diante dessa conjuntura, a categorização do conjunto dos filmes realizados por Guzmán em 1997, 2001 e 2003 como uma “trilogia da memória”, se mostra, enfim, insuficiente, diante de suas equivalências com a historiografia sobre a *Concertación*.

Em *Chile, memória obstinada* (1997), nota-se como o *retorno à terra natal* após décadas de exílio se mostra um recurso eficiente para se abrir uma poética da rememoração de um país que um dia foi uma “*nave de sonhadores*”. A presença do realizador como “*alguém que viu e viveu*”, definitivamente, impõem-no como um testemunho histórico em sua cinematografia. Mas, precisamente nesse filme, a “*leitura da história a contrapelo*”, tão evocada pela historiografia em torno de seu cinema, não se pautou pela mirada frontal, olho no olho, exigida pelo “anjo da História benjaminiano”: ao contrário, ali se encontra uma inclinação ao passado marcada antes pelas relações costumeiras do próprio realizador, a exemplo de Carmen Vivanco, ligada à *Vicaría* e à *AFDD*, de Pablo Perelman, Carlos Flores e aquele que um dia lhe serviu como ator, Ernesto Malbrán.

Por sua vez, em *O caso Pinochet* (2001), o recuo ao passado se deu, tal como em 1997, pelo “*gesto arqueológico*”, uma estratégia que se repetiria em outros filmes como meio de evocar as ruínas, os fragmentos, os despojos, enfim aquilo que teria restado às margens da História. Tal como no filme de 1997, os arquivos da *Vicaría-AFDD* delimitaram, por assim dizer, o recorte historiográfico e o escopo das práticas testemunhais: as denúncias das violações dos direitos humanos vêm à tona, instiladas ora pela dor individual e, portanto, humana, ora pela perda familiar e, por extensão, coletiva. É através da prevalência das sete mulheres depoentes que se acompanha um Guzmán interlocutor, que interroga e conduz a conversa fora de campo, o que implica em um deslocamento em direção àquele que “*ouviu dizer*”, isto é, alguém que transmite aquelas “*experiências estremecedoras*” e de forte carga dramática.

Além dessas ressonâncias, é preciso destacar um elemento latente à argumentação de ambos os filmes: na medida em que dialogam com os

avanços e limites das demandas de memória, justiça e reparação da *Concertación*, eles, também, tensionam as reivindicações da “*reserva de identidade*” defendida por Lagos em seu manifesto *No hay mañana sin ayer*, de agosto de 2003. Neles, a identificação das pessoas entrevistadas e a empatia com suas histórias de vida são potencializadas pela elisão de seus itinerários políticos e ideológicos.

Em outras palavras, o atendimento legítimo das demandas de rememoração, a escuta e a elaboração dos traumas individuais e sociais e a posta em cena das versões históricas das pessoas subalternizadas delineiam um esforço humanitário que abdica a revelação dos outros sonhos de memória, justiça e dignidade contidos naquelas pessoas. Exemplo disso seria a sonegação das filiações miristas dos entrevistados, que seria uma linha de continuidade de Juan Osses, na abertura do filme de 1997, até Gabriela Salazar ao final do filme de 2001 – ou melhor, até a ausência do reconhecimento dos sete senhores que debatem o governo Allende na abertura do terceiro ato do filme de 2003.

Julien Joly lembra que, nesse meio tempo, Guzmán abortou um projeto que estava em desenvolvimento desde outubro de 2001. Intitulado *Los héroes silenciosos*, ele seria uma “*empreitada artístico-memorial*” focada nos “*anônimos que foram os heróis trágicos da Unidad Popular e sua obstinação democrática*”. No mesmo capítulo, Joly considera que esse filme seria um prolongamento das descobertas ocorridas durante as filmagens das obras mais recentes e, através dela, o cineasta teria o desejo de pôr em cena “*a existência de todas as mulheres e homens que fizeram a riqueza da história chilena, mas que a ditadura apagou, marginalizou ou mesmo dessubstancializou*”.⁵⁷⁰ O escopo desse projeto abortado reforça uma das questões endereçadas à “segunda trilogia”: por que as pessoas anônimas continuaram anônimas, apesar do recorrente ‘esforço benjaminiano’ atribuído pela historiografia ao cinema de Guzmán?

Por essas e outras razões já expostas, retoma-se, então, que esse conjunto de filmes pode ser melhor compreendido como “*trilogia dos testemunhos*”, afinal, neles, ainda se tem a primazia de uma argumentação

⁵⁷⁰ JOLY, J. *Le cinéma de Patricio Guzmán. Histoire, mémoires, engagements : un itinéraire transnational*. Tese de doutorado defendida na Universidade de Paris 3 em 22/06/2018, p. 412.

comprometida com as questões históricas de seu tempo presente. Mesmo que seja com as ambivalências, recuos e avanços, declínios e narcisismos característicos às instâncias testemunhais, esses filmes demonstram a intenção de dialogar com os debates públicos de seu próprio tempo e de se inserirem no campo de batalhas que é a patrimonialização de memórias emblemáticas⁵⁷¹. Em paralelo, a sua argumentação batalha pela sobrevivência de imagens bem precisas, dentre elas, a do próprio realizador e sua cinematografia como monumentos possíveis dentre aqueles em disputa no início do século XXI.

SALVADOR ALLENDE, 2003

Levando em conta que o terceiro filme da *“trilogia dos testemunhos”* já foi motivo de análise fílmica e histórica em livro que lançamos em 2018, o propósito da presente seção é propor uma atualização daquelas contribuições, e cotejá-las com outras obras fílmicas que, direta ou indiretamente, exploram as dimensões de uma cinebiografia do ex-presidente Salvador Allende. Com isso, não se pretende esgotar o assunto sobre versões cinematográficas do ex-presidente chileno, mas sim, rastrear os Allendes possíveis no horizonte da crítica cinematográfica e fomentar futuros debates e pesquisas acerca do tema.

A cinebiografia lançada em 2003 encontrou fortes resistências dos produtores habituais de Guzmán, pois a viam como uma redundância por parte do realizador. Joly chega a dizer que os produtores a receberam com sinais de “cansaço”, posto que o realizador prolongaria os temas já desenvolvidos nos filmes anteriores e, diante disso, teve que dedicar bastante tempo e energia em busca de outras parcerias internacionais.⁵⁷²

Inserido em um momento de intensos debates públicos em torno das efemérides acerca dos trinta anos do golpe militar, o filme obteve grande êxito junto de festivais internacionais de cinema, sendo aclamado pela crítica cinematográfica daquele momento, e culminando com a sua distribuição em 19 países. Porém, apesar dessa grande repercussão internacional, e de ter sido um passo decisivo na consagração das redes profissionais transnacionais de Patricio Guzmán, o filme e o cineasta continuaram a ser sonogados pela

⁵⁷¹ JOLY, J. Op. Cit., p. 409.

⁵⁷² Ibidem, p. 426.

recepção crítica chilena. Em seu país natal, a sua obra continua reduzida ao circuito *cult*, e o cineasta permaneceria sendo visto como uma ameaça à *Concertación*, um “*agente corrosivo*”⁵⁷³ da ordem vigente então.

Conforme foi apontado em 2018, aos olhos das elites chilenas e das instituições da *Concertación* havia motivos para tanto: o filme é aberto com o próprio realizador manuseando algumas relíquias pessoais de Salvador Allende. O gesto dá margem à rasura de um muro acompanhada de uma reflexão poética que impõe o etos da rememoração, reafirmando-o como algo “perturbador”, sobretudo em um ambiente favorável a uma forma de poder que “*cultiva o esquecimento*”.

Quando montada com as aberturas dos filmes anteriores, nota-se, então, como o “*gesto arqueológico*” consolidou-se como um *tropo* na filmografia de Guzmán: assomar-se ao ponto focal de Juan Osses para, através das vidraças do La Moneda, espreitar memórias públicas; assumir-se ao lado daqueles que escavam



Imagem 147 - As mãos de “Mono” González aos 8min de *Salvador...*



Imagem 148 - ... e Ema Malig: ambos demarcam a recorrência a artistas como dispositivos narrativos

restos mortais e memórias junto com o juiz Guzmán e, por fim, escarpelar muros, um *pentimento* como analogia à rememoração de um “*passado que não passa*”. Entre esquecimentos e a nota pessoal do exílio, as filmagens de *A Batalha do Chile* ressurgem como “*memórias que vibram à flor da pele*” de um país e se cristalizam como ruínas.

⁵⁷³ Ibidem, p. 442. Inclusive, o pesquisador ressalta a ausência de jornalistas chilenos em Cannes naquela ocasião.

O recurso às artes plásticas é renovado através de Alejandro “Mono” González’ e Ema Malig, artífice de uma geopolítica da afetividade que intensifica o rendimento dramático junto à melancolia do argumento fílmico. Aquela “*terra fragmentada em muitos pedaços*” feita de “*ilhas à deriva que não se encontram*” determina uma série de entrevistas com pessoas familiares ao ex-presidente. José Balmes, que serviu de pivô para a abertura da fenomenologia da memória no filme de 1997, retorna aqui, ao fim dessa obra de 2003, evocando, novamente, não só o “*flo*”, as brumas próprias da rememoração; mas, igualmente, desdobrando-se como um ensejo, um ponto comum que encerra um ciclo narrativo.

Dentre as pessoas entrevistadas para o filme, estão Mama Rosa, cuidadora de Allende quando criança; Victor Pey, anarquista militante na Guerra Civil Espanhola e apresentado como “*amigo*” do ex-presidente; Sergio



Imagem 149 – Os senhores de Valparaíso aos 17min do filme...



Imagem 150 – ... E os “ex-militantes da UP” aos 63min: ambos grupos ainda seguem no anonimato

Vuskovic, “*amigo*” e ex-prefeito de Valparaíso durante o governo da UP; Ernesto Salamanca⁵⁷⁴, ex-militante do Partido Comunista e, no filme, “*ex-militante da UP*”; Claudina Nuñez e Anita, “*conselheiras*”; Volodia Teitelboim, ex-secretário do Partido Comunista e apresentado como “*ex-militante da UP*”. Observados à luz da pesquisa histórica, o conjunto dos entrevistados apresentam um Allende humanista, um político no sentido iluminista que chega a estar “*alinhado às causas da Revolução Francesa*”, de acordo com Vukosvic,

⁵⁷⁴ Cf. a ficha de Ernesto Morales disponível na seção “Anexos” e no domínio virtual da *Londres 38* em: <<https://www.londres38.cl/1937/w3-article-97932.html>>. Acessado em 12/2020.

enfim, um agente histórico que passa ao largo da diversidade ideológica (e das divergências) inerente à *Unidad Popular*.

Além dessas pessoas identificadas, também, existem dois grupos de homens que, ainda hoje, seguem anônimos. Sendo eles um trio de senhores apresentados como “*fundadores do Partido Socialista*” de Valparaíso, e um outro grupo de sete homens tidos como “*ex-militantes da UP*”.⁵⁷⁵ Talvez, seja interessante reiterar uma lacuna na historiografia sobre Guzmán: decerto que o momento mais fecundo para se dar visibilidade agora aos homens “*héroes anônimos*” da *Unidad Popular* é comprometido pela cifra da “*reserva de identidade*” proposta pelo *No hay mañana sin ayer*, de Lagos. Posto de maneira mais clara, não somente as pessoas entrevistadas para debater as questões ideológicas têm as suas identidades suprimidas, mas também, a própria formação e carreira política e ideológica do ex-presidente permanece latente ao veio humanista que alinhava os testemunhos.

Augusto Pinochet, ou mesmo o pinochetismo, ainda persistem como um poderoso antagonista: se, em *Chile, memoria obstinada*, ele é evocado como o fenômeno do esquecimento entre alguns e como o mito de uma cruzada moral em outros estudantes; em 2001, ele ganha carnadura como um réu da história dos vencidos para aqui, em 2003, sobreviver como um dos espectros nos depoimentos de Edward Korry, ex-diplomata norte-americano no Chile entre 1967-1971.

Visto de outro ângulo, não se pode deixar de notar uma outra obstinação em jogo durante a “*trilogia dos testemunhos*”: de maneira dialética, a tarefa do *dever de memória* a que se propõem os filmes, e que os tornaram reconhecidos aos olhos da crítica cinematográfica, está implicada na construção do ditador e do pinochetismo como vultos públicos que assombram a recente história chilena.

⁵⁷⁵ Na tentativa de reconhecê-los, acionamos diversas pessoas, dentre elas: os cinegrafistas Camila Guzmán e seu marido, Álvaro Wuth; os militantes Kena Lorenzini, Jaime Francisco Petruzzi, Cristóbal Bize Vivanco, Andrés Pascal Allende; os professores Fernando Acuña, Luiz Alberto Leite, Sergio Trabucco Ponce, Carlos Flores, Fernando Villagran Carmona; os pesquisadores Mariano Velez, Nashla Dahás, Natacha Scherbovsky, Patricio Polanco; as próprias militantes depoentes no filme *O caso Pinochet* e, inclusive, o próprio realizador e sua produtora e esposa, Renate Sachse, que nunca responderam aos nossos e-mails e cartas. Além disso, também acionamos instituições como Fundación Vicaría de la Solidaridad, Londres 38, Fundación Salvador Allende, Museo de la Memoria y de los Derechos Humanos, Asociación Fotógrafos Independientes Santiago, Chile e outras universidades chilenas. Em geral, as pessoas que nos atenderam e conheciam as pessoas do filme, não se dispuseram a reconhecê-las;

Desse ponto de vista, desde a retomada das imagens de *A Batalha do Chile*, através do filme de 1997 até a monumentalização de um determinado *Salvador Allende* em 2003, o pinochetismo sofreu mutações para permanecer o mesmo:



Imagem 151 – Cenas das “*tomas de tierras*” de *El primer año*, o primeiro longa-metragem de Guzmán aos 35min20seg. As imagens de arquivo de terceiros e as *imagens anadiomênicas* somam cerca de 45min e revelam o esforço de patrimonialização cinematográfica do realizador

seja na forma fantasmática como esquecimento, como arauto de um Chile moderno ou como um peão no tabuleiro do xadrez internacional encabeçado pelos EUA, ele permanece como um inimigo consistente em torno do qual a fenomenologia da rememoração é exercida.

Em contraponto à precisão do inimigo, a *Unidad Popular* permanece cifrada pelo *floú*: em consonância com o humanismo de Allende, a UP é posta como um projeto político acima de qualquer suspeita. Ela é lida, sobretudo, como um projeto democrático, legalista e revolucionário. Aqui, importa menos refletir sobre os impasses da UP, as contradições internas das esquerdas chilenas, as chances de resistência ao golpe; o que está em questão é a personalização de um Salvador Allende e uma *Unidad Popular* nacional, consensual, robustos o suficiente para romper “o espesso e insano manto” do esquecimento.⁵⁷⁶

Para tanto, Patricio Guzmán promove uma nova retomada das imagens de *A Batalha do Chile*, dessa vez consubstanciadas com as de outras obras fílmicas, tais como *La guerra de los momios* (1974) de Schumann e Heynowski; *Le dernier combat de Salvador Allende* (1997) de Patricio Henríquez; *El tren de la victoria* (1964) de Joris Ivens; *Le Chili: um nouveau Cuba?* (1970) de Maurice Friedland; e *De América soy hijo... y a ella me debo* (1972) de Santiago Álvarez. Assim, a categorização daquelas imagens que refluem e são remontadas à luz das contradições da *Concertación* como *imagens*

⁵⁷⁶ MONTEIRO, F. Op. Cit., p. 129.

anadiomênicas segue pertinente, levando em conta que se constituem como rastros dos testemunhos do próprio realizador.⁵⁷⁷

Em 2003, essas *imagens retomadas* chegam a constituir efetivamente 50% do tempo do regime fílmico, um indício que, somado àqueles já analisados nos filmes de 1997 e 2001, permite deduzir como a monumentalização de uma determinada memória de Salvador Allende e seu governo da UP anunciado ao final de *O caso Pinochet* se confunde com a construção de um “*lugar de memória*” para a própria cinematografia de Patricio Guzmán, um dossiê audiovisual de longa duração que amalgama suas memórias pessoais àquelas “memórias emblemáticas” do passado recente do Chile.⁵⁷⁸

Esse exercício de autocomplacência é notável no segundo ato, no momento em que o testemunho do próprio realizador sofre um significativo deslocamento em direção à primeira pessoa do plural para concluir o argumento fílmico. Enfim, retomando o diálogo com Wieviorka proposto na apresentação da pesquisa, o testemunho que, em 1997, assumiu o papel de “*supertes*”, isto é, de protagonista como quem “*viu e viveu a nave de sonhadores*”, e, em 2001, posicionava-se como um “*arbiter*”, um transmissor do “coral grego” dos testemunhos de pessoas terceiras na luta pela memória e pelos direitos humanos; agora, em 2003, assumiu a postura de um “*testis*”⁵⁷⁹, um terceiro subsumido na dimensão pública, impessoal e abstrata de um “*nós*”, que se rememora a UP como um “*ar fresco, uma profunda inspiração que nos unia uns aos outros, e nós ao mundo inteiro*”.

Em decorrência disso, o terceiro ato do filme – que foi intitulado *O passado não passa* – traduz o engajamento político dos anos setenta com evocações etéreas como “*filmávamos esse sonho brilhante com lucidez e fervor, era uma sociedade inteira em estado amoroso*” ou por uma semântica enigmática de afirmações como

Apesar de todas as dificuldades, apesar de todo o dinheiro americano, do bloqueio parlamentar, das greves patronais, do

⁵⁷⁷ Ibidem, p. 132.

⁵⁷⁸ STERN, Steve J. De la memoria suelta a la memoria emblemática: hacia el recordar y el olvidar como processo histórico (Chile, 1973-1998). In: GARCÉS, Mario et alii (orgs.). Memoria para un nuevo siglo: Chile miradas a la segunda mitad del siglo XX. Santiago: LOM, 2000, pp. 11-33.

⁵⁷⁹ PANTOJA, A. “O testemunho em três vozes.” IN: *Literatura e Cinema de Resistência*, Santa Maria, n. 32: Manifestações estéticas dissidentes, jan.-jun. 2019, pp.05-18, Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/35461/20006>>. Acessado em 12/2020.

boicote econômico, da propaganda terrorista, do ódio da direita, do pânico das classes médias, crescia o apoio a Allende. Éramos milhares que saíamos pelas ruas, conscientes e decididos, e seguíamos acreditando que era possível criar um mundo mais justo e mais livre. Esse é o mistério que ainda hoje continua nos surpreendendo.

Aqueles anos de lutas políticas “*conscientes e decididas*” permanecem sendo filtradas pela chave do “*mistério*”, de um fascínio político que encerra uma cinebiografia capaz de enredar seus espectadores em um mesmo “*horizonte de*

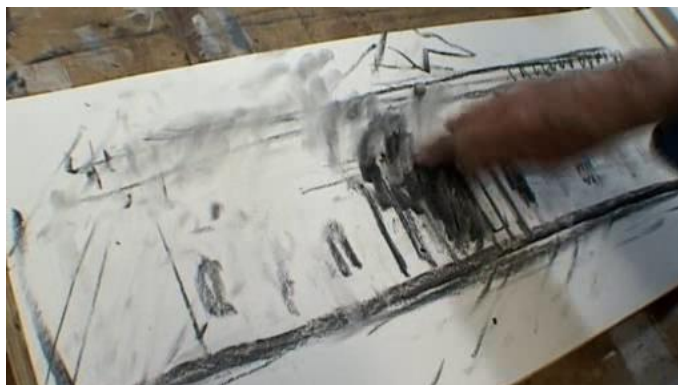


Imagem 152 – O *flo* de Balmes encerra a trilogia aos 95min de *Salvador*... O embaçamento próprio do exercício de rememoração fecha a trilogia dos testemunhos

unidade moral”, tal como almejado pelo manifesto coetâneo *No hay mañana sin ayer*. O “estado amoroso” e o “frescor social” que foram vividos nos anos Allende culminam em uma configuração afetiva que vai ao encontro de um Palácio La Moneda desfocado em chamas pelos traços em giz de carvão de Balmes.

Tocado por um “*passado que não passa*”, naquele momento, o empenho de Guzmán em torno do *dever de memória* maneja entrevistas, imagens de arquivo e recursos musicais dotados de significativas densidades políticas e ideológicas que poderiam ter sido explorados. Para se compreender melhor os contornos de seu Allende humanista, serão analisados outros dois Allendes possíveis, aquele elaborado por Helvio Soto em 1975 e o de Miguel Littín em 2014.

CHOVE EM SANTIAGO: UM SALVADOR ALLENDE DE 1975

Il pleut sur Santiago (Chove sobre Santiago) foi a primeira obra ficcional a abordar os eventos do golpe militar de 11/09/1973 após a tragédia, sendo uma coprodução franco-búlgara. Contando com um roteiro escrito em parceria com o renomado escritor francês Georges Chonchon, Helvio Soto finalizou uma obra destinada não somente a cumprir certas funções pedagógicas, como

divulgar e explicar os eventos chilenos ao grande público dos meios comerciais, mas também, a se inserir no intenso e polêmico circuito de filmes do exílio comprometidos com a solidariedade ao Chile.⁵⁸⁰

Nela, encontra-se um exemplo das observações de Rosenstone a respeito das representações históricas no cinema, quando afirma que, em geral, os filmes comerciais apelam a determinados códigos narrativos e convenções estéticas, tendo em vista o realismo a fim de “*criar um mundo no qual possamos estar em casa*”.⁵⁸¹ Desde a abertura com as notícias a respeito da tomada de Valparaíso pela Marinha até os consequentes fuzilamentos nos momentos posteriores ao golpe, o filme reconstitui as tensões políticas e o gradativo avanço do golpe de Estado através de cânones dramatúrgicos, como o avanço linear marcado por *flashbacks* que retomam momentos como o resultado das eleições de 1970, o contato de Allende com os *Cordones Industriales* ou, ainda, a greve patronal de 1973.

Apesar de contar com alguns dos maiores nomes da época no elenco⁵⁸², o filme foi recebido pela crítica com ressalvas, seja pela condução esquemática do roteiro, seja pela propaganda política a que se propunha. Dentre os astros, estavam Laurent Terzieff⁵⁸³ no papel de Calvé, o jornalista francês que conduz o nosso olhar, mediando não somente as tramas da tragédia política, como também a sua denúncia junto da solidariedade europeia. Bibi Andersson, a atriz que se tornou sinônimo do universo bergmaniano, aqui se resume ao papel de esposa do jornalista. Maurice Garrel encarna o papel de um operário disposto a uma luta sem concessões, o que o torna uma personagem ambivalente quando se tem em mente as intensas disputas ideológicas existentes no seio das classes trabalhadoras de então.

⁵⁸⁰ VER PALACIOS, J. 2015 e 2016.

⁵⁸¹ ROSENSTONE, R. “The historical film: looking at the past in postliterate age.” IN: LANDY, M. *The historical film: history and memory in media*. New Jersey, Rutgers University Press, 2001, pp.50-66.

⁵⁸² SAMPAIO, S. *Ciclo Cinema e Liberdade*. Abr-jun 2014, Centro Cultural Vila Flor, Disponível em: <https://www.academia.edu/9752814/Review_of_Il_Pleut_sur_Santiago_dir_Helvio_Soto_1975_Ciclo_de_Cinema_Liberdade_Cineclube_Guimar%C3%A3es_and_Centro_Cultural_de_Vila_Flor_April_June_2014_p_4>. Acessado em 12/2020.

⁵⁸³ Nesse momento, Terzieff já contava com mais de uma década de atuação com participações em “Kapo” (1960) de Gillo Pontecorvo e obras de Luis Buñuel como “A bela da tarde” (1967) e “A Via Láctea” (1969), dentre outros.

Salvador Allende é interpretado pelo búlgaro Naicho Petrov, porém, sempre de costas, o que pode ser lido como uma forma de acentuar a hagiografia de Salvador Allende, pois a recusa de sua ficcionalização implica



Imagem 153 - Allende se despede de Tati aos 1'18

é uma forma de despolitização que eleva o seu nome junto ao panteão dos injustiçados para o “público em geral” a que o filme se destinou. Assim, quem encarna e dá voz ao governo Allende é a personagem de Augusto Olivares, interpretada por Riccardo Cucciola.

A passagem do tempo é denotada através de referências a relógios e transmissões radiofônicas que reforçam uma perspectiva teleológica à História; ou seja, tal como em *Le Dernier Combat du Salvador Allende*, realizado por Patricio Henríquez em 1994, a associação do tempo da política ao tempo mecânico induz ao triunfo deste em detrimento do poder das mobilizações sociais diante das contingências históricas. A percepção temporal elaborada pelo filme imprime uma visão fatalista do governo Allende: premido pela omissão dos agentes da Democracia Cristã e pela traição do alto comando da caserna, aqui, Salvador Allende é construído como um herói trágico, um político que morre lutando, um mártir cuja agonia é sublinhada pelo tango de Astor Piazzolla.

No que interessa ao escopo da presente pesquisa, vale registrar que o filme de Soto se preocupou em transcender os acontecimentos do dia do golpe e apontar, mesmo que tangencialmente, para questões que, mais tarde, mereceram a atenção da historiografia, tais como as querelas internas da Democracia Cristã, a existência de militares legalistas que resistiram ao golpe castrense, além da denúncia da brutal repressão social pela chave ficcional. De acordo com as pesquisas de Bonnassiolle, dentre os méritos desse filme estavam o fato de ser uma “*homenagem à figura de Allende e à Unidad Popular*” junto do cinema do exílio, além de “*ser um relato da repressão, do*

*sofrimento e da dor do povo chileno” e de “denunciar o desaparecimento de pessoas, os sequestros e as torturas” por parte do “terrorismo de Estado”.*⁵⁸⁴

A respeito do envolvimento da Democracia Cristã no golpe, ela compõe um personagem importante logo no início do filme, sendo personificada no ex-presidente Eduardo Frei que, diante da derrota eleitoral em 04 de setembro de 1970, dirige-se ao seu Ministro do Interior pedindo para ele se tranquilizar, afinal *“reconhecer o resultado das eleições é uma coisa e deixar ouvir a voz dos marxistas é outra coisa”*, em uma clara alusão à sua adesão às medidas antidemocráticas.

Por fim, seria interessante resgatar aqui o histórico de Helvio Soto, a fim de se delinear melhor o seu Salvador Allende. Envolvido com o cinema a partir das atividades cineclubistas dos anos sessenta, Soto foi levado para trabalhar no canal 9 por Miguel Littín, chegando a ser o Diretor de Programação e Produção da Televisão Nacional do Chile, defesa de Allende.

Ele realizou o seu primeiro longa-metragem, *Caliche Sangriento*, em 1969, dramatizando os questionamentos de soldados chilenos durante a Guerra do Pacífico (1880) a fim de sustentar um argumento pacifista. Egresso da literatura e do cinema ficcional, os confrontos entre Soto e a estatal Chile Films eram de ordem estética e, portanto, política: ele desconfiava do caráter militante do cinema e, além disso, apostava nas intersecções da ficção com o documentário na realização de seus filmes.

Nesse quesito, ele destoava de seus colegas cineastas, pois ele tinha consciência de sua origem intelectual e burguesa, e suspeitava do capital cultural da população, afirmando que o público entendia *“a mínima parte das coisas que um realizador quer dizer”*, não tendo ele compreensão *“da linguagem cinematográfica como também dos problemas políticos”*.⁵⁸⁵

A sua coprodução franco-búlgara, na realidade, tinha em vista finalizar o arco narrativo de uma trilogia iniciada com *Voto+fusil*, em 1971, e que teria continuidade com *Metamorfosis del jefe de la policía política*, finalizada em

⁵⁸⁴ BONNASSIOLLE, M. *La representación de la represión, el sufrimiento y el dolor del pueblo chileno. Cine, exilio, política e historia: El caso de la película Il Pleut sur Santiago, de Helvio Soto (1975)*. MEDELLÍN, COLOMBIA. *Revista Historia y Sociedad*, n. 27 JULIO-DICIEMBRE DE 2014, p. 225 Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/hiso/n27/n27a09.pdf>>. Acessado em 12/2020.

⁵⁸⁵ CORNEJO, T. *Filmar a contrapelo: el cine de Helvio Soto durante la Unidad Popular*. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/262428084_Filmar_a_contrapelo_el_cine_de_Helvio_Soto_durante_la_Unidad_Popular> Acessado em 15/12/2019.

1972 e censurada logo em sua estreia.⁵⁸⁶ Polêmico, *Voto+fusil* se mostrou um filme complexo para a sua época, sendo realizado em diferentes cores e composto por *flashbacks*, materiais de arquivo, registros documentais e um argumento político, cujo título já demonstrava as ambivalências do processo político em andamento no país.

Enquanto o trio de protagonistas discutem acerca das condições dos focos insurrecionais e os avanços e limites da via democrática chilena, há momentos em que personagens bem delineados para representar as elites chilenas decidem, entre quatro paredes, que

o importante é que as pessoas sigam pensando que a violência da esquerda existe. Como todos se assustam com a insegurança, este é o caminho que temos para defender a democracia. O nosso dever moral é justificar esse terror! (...) A Democracia-Cristã não aguentaria [o Chile ser uma nova Cuba], ela seguiria ao lado do dinheiro e do poder, mesmo que seja às portas do Palácio! (...) Algum de vocês tem dúvida de que é preferível trinta anos de Democracia-Cristã a trinta segundos de um governo marxista?!

A banda sonora da conversa de bastidores é encerrada justaposta a registros documentais do ritual de rendição da guarda militar em frente ao Palácio La Moneda, em uma sequência que prenuncia à escalada da oposição civil e militar ao governo Allende logo em seus meses iniciais. Por essas e outras razões, o filme foi recebido com desconfiança pelos partidários da UP, posto que seu argumento tendia à causa mirista, ou seja, a crença de que a via eleitoral deveria ser acompanhada pela força dos fuzis.

Considerando que Soto foi um cineasta “*marcado pelo ritmo dos acontecimentos*”, o pesquisador Cornejo detecta que ele estaria envolvido em uma batalha comum aos cineastas de seu tempo: sendo a *Chile Films* uma herança burocrática da ordem republicana, ela não tinha condições de se tornar uma instituição popular e revolucionária que os cineastas, seus partidos e os movimentos sociais que representavam desejavam que ela fosse. A meio caminho entre o passado liberal e o futuro socialista almejado, a *Chile Films*

⁵⁸⁶ Cornejo considera que Soto teria desenvolvido uma trilogia composta pelos filmes *Voto+fusil* (1971), *Metamorfosis del jefe de la policia política* (1973) e *Llueve sobre Santiago* (1975), sendo os dois primeiros críticos da UP e o terceiro uma ode tardia ao Governo Allende.

⁵⁸⁷ Cf. Enciclopedia Cinechile. Disponível em: <<http://cinechile.cl/pelicula/voto-fusil/>> Cenas de 17-19 e 1h19 Acessado em 10/12/2019.

esmorecia em meio a batalhas técnicas que discutiam estratégias comunicativas, circuitos culturais e formas de identificação com o público.

Tendo que responder às condições políticas de seu tempo com os seus próprios instrumentos, Helvio Soto promoveu um deslocamento do foco narrativo, deixando de lado os enredos marcados pela polarização entre personagens de classe

média e intelectuais verborrágicos, que marcaram os dois primeiros filmes, para dar lugar a um Allende empunhando um fuzil no ensejo do golpe militar em *Il pleut sur Santiago*. De terno, gravata e capacete, ladeado pela guarda pessoal também armada, o seu Allende de 1975 constrói um Allende acuado, mas adepto da resposta armada ao golpe de Estado aos oitenta minutos do filme.

Ao longo dos trinta minutos restantes, o exemplo de um Allende armado sobrevive junto dos setores estudantis que resistem nas universidades diante do avanço dos tanques de guerra, e, também, no operário que, imbuído de uma convicção fidelista, abandona a família pobre para aderir à causa armada. Nas cenas finais, um ginásio esportivo emula a lógica concentracionária pinochetista, sendo o filme encerrado com os clamores públicos pelo nome de Allende durante o velório de Pablo Neruda, em fins daquele mesmo setembro de 1973. Assim, tendo em vista converter-se em um “método de



Imagem 154 – Aos 81min de *Chove...* Allende é representando de soslaio enquanto empunha uma metralhadora...



Imagem 155 -... para resistir ao golpe militar

documentação, educação, informação e denúncia”⁵⁸⁸

do que estava se passando no Chile, o filme de Soto refunda a defesa da luta armada mirista junto do velório do poeta comunista adepto do allendismo pacifista.



Imagem 156 – Quando lida pela perspectiva ideológica, a cena final de *Chove...* contém uma contradição, pois propõe encerrar o argumento fílmico defensor da luta armada junto do velório de Neruda, poeta comunista alinhado à causa pacifista e ao legalismo allendista

ALLENDE EM SEU LABIRINTO: UM ALLENDE DE 2014

A produção venezuelana de Miguel Littín foi lançada no embalo das efemérides em torno dos 40 anos do golpe de Estado. O Chile de então vivia uma “*crise de maturidade*”⁵⁸⁹ em decorrência de alguns eventos, dentre eles, as grandes manifestações estudantis que se desdobravam desde 2006⁵⁹⁰, além da crise do consenso transicional expressa na concorrência eleitoral entre Michele Bachelet (Partido Socialista) e Evelyn Matthei (Unión Demócrata Independiente). Ambas, filhas de personagens em posição de destaque no momento do golpe militar, elas renovaram a clivagem ideológica expressando, respectivamente, a defesa dos valores democráticos e a defesa das heranças autoritárias do pinochetismo.⁵⁹¹

No plano educacional, notava-se uma continuidade histórica já denunciada por *Chile, memoria obstinada* em 1997: os temas ligados ao golpe militar e à sucessiva ditadura pinochetista eram sonegados pelos currículos escolares do ensino secundário. Mesmo após a reforma escolar de 2009 ter integrado esses temas aos currículos nacionais, o seu recalçamento endossa a

⁵⁸⁸ BONNASSIOLLE, M. Op. Cit., p. 215.

⁵⁸⁹ BRODSKY, R. *Chile: 40 anos após golpe militar país vive crise de maturidade*. Especial BBC Mundo, 07/11/2013. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/09/130910_chile_golpe_jf>. Acessado em 12/2020

⁵⁹⁰ Ver os filmes “A rebelião dos pinguins” realizado em 2007 por Carlos Pronzato e “La revolución de los pinguinos”, realizado por Jaime Díaz Lavanchy em 2008.

⁵⁹¹ MENDES, R. *40 anos do 11 de setembro: o golpe militar no Chile*. Disponível em: <

https://periodicos.uff.br/revista_estudos_politicos/article/view/38811>. Acessado em 21/03/2021

constante referência a um “*esquecimento institucional*” presente na sociedade chilena⁵⁹² - e que, inclusive, manteria a vida e a obra de Patricio Guzmán às margens das fronteiras comerciais e simbólicas nacionais.



Imagem 157 – Aos 2min, o filme de Littín propõe um Allende existencial que encara seus dilemas diante de um espelho

Em termos audiovisuais, vale destacar o êxito comercial da série *Las Imágenes Prohibidas*⁵⁹³, uma minissérie documental produzida e transmitida pela Chilevisión entre agosto e setembro de 2013. Composta pelas imagens de arquivo extraídas de um acervo de mais de 300 horas de gravações de correspondentes estrangeiros, como Raúl Cuevas e Pablo Salas⁵⁹⁴, a produção recobrou o fôlego das disputas de memórias já expostas desde a série *Los archivos del Cardenal*⁵⁹⁵ que, em 2011, recorreu à ficção para reconstituir o papel histórico da *Vicaría de la Solidaridad* na defesa dos direitos humanos.

Quanto ao cinema, sabe-se que houve um ressurgimento dos temas ligados ao pinochetismo, inclusive pela nova geração de cineastas que contribuiu para a modulação de representações pautadas por um olhar afetivo e abertamente subjetivo⁵⁹⁶, tais como as obras *La muerte de Pinochet* (Osnovikoff e Perut, 2011), *El Mocito* (Said, 2011) e, mais tarde, *El pacto de Adriana*, (Lissette Orozco, 2017). Em linhas gerais, as políticas culturais da nova década demonstravam o potencial explosivo da memória, já que o passado recente do Chile persistia como uma sombra da qual a sociedade não conseguia escapar.

⁵⁹² SMICK, V. *Cómo se enseña el golpe de Pinochet en las escuelas de Chile*. BBC Mundo, 09/07/2013. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias/2013/09/130909_chile_golpe_escuelas_vs>. Acessado em 12/2020.

⁵⁹³ Cf. disponível no seguinte domínio virtual da Chile Visión: <<https://www.chilevision.cl/chile-las-imagenes-prohibidas/promos/este-miercoles-no-te-pierdas-el-ultimo-capitulo-de-chile-las-imagenes>>. Acessado em 12/2020.

⁵⁹⁴ Cingrafista que, mais tarde, estará presente como um protagonista em *A cordilheira dos sonhos*, 2019.

⁵⁹⁵ Uma espécie de *press release* da série pode ser encontrado no seguinte domínio virtual da TVN: <<https://www.tvn.cl/series/losarchivosdelcardenal/>>. Acessado em 12/2020.

⁵⁹⁶ VERDEJO, E. *Représentations de la dictature dans le cinéma chilien*. IN: VERDEJO, E.; DÁVILA, I.; KABOUS, M. *Guzmán – el botón de nácar*. Paris: Atlande, 2020, p. 88.

Nessas condições, o Salvador Allende de Miguel Littín é encarnado por Daniel Muñoz encarando o seu duplo no espelho enquanto resiste à renúncia diante dos informes do assédio econômico norte-americano. Logo aos cinco minutos do filme, o seu pano de fundo é composto pelas imagens do revolucionário Ernesto “Che” Guevara e pelas fotografias de sua filha mirista, Tati Allende, que, após o golpe, buscou refúgio na ilha cubana. De saída, tem-se um Salvador Allende mais próximo daquele construído por Helvio Soto do que daquele guzmaniano: constrangido pelas circunstâncias políticas externas e pelas traições domésticas, a inclinação à luta armada é dada pela filiação ao ideário castrista.

Ao lado dessa personalidade política, que conta com Augusto “El Perro” Olivares para marcar os momentos de maior reflexão política, tem-se, também, um “Salvador” enamorado, cuja afetuosidade ambivalente se expressa, por exemplo, quando resvala a sua cabeça no colo de sua amante Miria “Payta” Contreras, interpretada por Aline Küppenheim, enquanto a chama pelo apelido da esposa, “Tencha”.

O reconhecimento da existência de agentes militares constitucionalistas é posto de maneira sutil através da comunicação do comandante Sánchez junto ao presidente, por volta dos vinte e cinco minutos do filme. A fim de informar sobre a impossibilidade de resistência ao golpe militar, o comandante evoca a amizade pessoal entre ambos para registrar o que, aos olhos dos setores mais à esquerda da UP, teria sido um erro histórico de Allende: a Lei de Controle de Armas, aprovada em junho de 1972, teria desnitrado qualquer possibilidade de insurreição popular e, por extensão, de mobilização social e



Imagem 158 –Küppenheim como “Payta” acolhe Allende em seu colo aos 27min do filme de Littín...



Imagem 159 -... enquanto a personagem do presidente a confunde chamando-a pelo nome da esposa em uma cena que sugere o vacilo do presidente entre o revolucionário e o institucional

resistência armada a um eventual golpe de Estado. Visto por outro ângulo, o roteiro de Littín aproveita o reconhecimento de agentes legalistas para, simultaneamente, endereçar críticas ao legalismo allendista.

O bombardeio dos caças Hawk Hunter interrompe o jogo de xadrez de Allende e Olivares, um dos momentos em que o filme propõe uma revisão histórica das lutas sociais, para dar passo à segunda metade do filme. A partir de então, o *páthos* labiríntico que intitula o filme se torna cada vez presente através das andanças ziguezagueantes das personagens e de efeitos especiais e sonoros que fecham uma atmosfera de guerra sublinhada pelos guinchos de instrumentos de cordas e trompetes.

O drama entre a resistência ou desistência se sucede, tendo como ponto forte o suicídio de Olivares, uma cena que se acompanha junto da autorreflexão de Salvador Allende que, dialogando com as memórias pessoais de seu leal secretário, oferece as seguintes palavras:

[Olivares] sabe o que Neruda me disse dias atrás? Que o único que tem a razão é Miguel Enríquez e aqueles que junto dele impulsionam a luta armada. Os poderosos jamais entregaram o poder pacificamente.

[Allende a si mesmo] A via armada teria significado a guerra civil e dei a minha palavra de que isso não aconteceria, eu disse isso no Congresso, eu não alimentaria a guerra civil. E Allende cumpre a sua palavra.

[Olivares] se isso não é uma guerra, então o que seria, Salvador? Um sacrifício inútil? Um massacre? Uma mostra de dignidade e daí o que? Como segue a revolução pacífica? Espera-se até que ela chegue? O presidente se rende junto aos seus colaboradores e o sonho de justiça e liberdade quedam sepultados para sempre debaixo dos escombros da derrota.

[Allende a si mesmo] cale-se, Augusto. Cale-se!

[Olivares] estamos presos em um labirinto, Salvador. Se Allende se rende, o presidente morre. Se Allende morre sem render-se, é possível que o presidente viva. Acabou-se o seu tempo. Sei que a minha morte não foi uma resposta, mas é o único que pude fazer.

Na sequência, aos brados de “*Allende não se rende*”, tem-se o trágico desfecho da tentativa de resistência armada ao golpe e as imagens reais em cores do Palácio La Moneda em chamas encerrando o filme.

O diálogo acima deixa entrever o que foi chamado pela fortuna crítica de “*littinismo*”, conforme exposto no *Capítulo 01 – América Latina, Guerra Fria e Cinema*. Dada essa revisão, pode-se compreender como a análise das

imagens cinematográficas de Salvador Allende contribui para a crítica história do Chile contemporâneo. Em primeiro lugar, o Salvador Allende de Helvio Soto se articula dentro da sintaxe da denúncia política e das demandas por solidariedade internacional ao Chile. A partir dessas coordenadas, o enredo do filme de 1975 se desenrola pautado em dispositivos que agudizam a percepção de fatalismo histórico, restando, enfim, uma espécie de Allende mirista que apostou nas chances da luta armada.

Por seu turno, o Allende littinista se mostra, antes de tudo, como uma personagem existencialista, mediada por elementos especulares como a fotografia de Ernesto “Che” Guevara, o retrato de sua filha Tati, adepta da Revolução Cubana, o semblante da secretária e amante “Payta”, por vezes chamada pelo nome da esposa e as conversas *tête-à-tête* com o conselheiro Augusto Olivares. Ora castrista, ora legalista, ora romântico, ele morre para se tornar imortal.

Salvador Allende então se torna uma cifra potente que revela não

somentes os programas políticos que disputavam espaço institucional entre 1970 e 1973, mas também as filiações políticas de seus realizadores. Visto de outro ângulo, o Allende de Soto é desprovido de seu semblante para universalizar o seu martírio, enquanto o de Littín se mostra angustiado do início ao fim do filme dividido entre a feição da honra e a glória da luta armada.

Bifrontes como Jano, ambos encarnam as promessas de uma outra sociedade possível ultrapassando o Salvador Allende guzmaniano que sobrevive como rememoração. Dito de outra maneira, quando comparado com outros Allendes possíveis, a cinebiografia realizada em 2003 por Guzmán



Imagem 160 – Aos 77min, o argumento fílmico de Littín propõe um Salvador Allende armado...



Imagem 161 -... pronto para renunciar à vida em nome da História.

encerra a “trilogia dos testemunhos” comprometida com a “*reserva de identidade*” demandada pelas iniciativas institucionais da *Concertación*.

E quando analisado como o desfecho de uma trilogia composta por *Chile, memória obstinada* (1997) e *O caso Pinochet* (2001), o seu argumento fílmico contribuiu para se compreender esta trilogia como um lugar fecundo para as políticas testemunhais demandadas pela sociedade chilena na transição dos anos noventa para os anos 2000. Os argumentos históricos depreendidos dos três filmes também revelam o anseio pessoal do realizador pela atualização e patrimonialização de sua própria cinematografia.

Por fim, mesmo como um “*lugar de memória*”⁵⁹⁷ como proposto por Ricciarelli junto com Guzmán em 2010 e mesmo tendo a pretensão de tensionar os esquecimentos institucionais⁵⁹⁸ como reclama a historiografia tradicional, a “trilogia dos testemunhos” exige a retomada da questão original: de que “memórias” esta “trilogia da memória” trata?

⁵⁹⁷ TAPIA, C. *Allende en su laberinto*. Humo Negro, 26/03/2015. Disponível em: <<https://www.humonegro.com/cine/allende-en-su-laberinto/>>. Acessado em 12/2020.

⁵⁹⁸ BOSSAY, C. (2015) *Allende en su laberinto*. laFuga 17. Disponível em <<https://lafuga.cl/allende-en-su-laberinto/743>>. Acessado em 12/2020.

CAPÍTULO 04 - UMA TRILOGIA POÉTICA PARA O CHILE DO SÉCULO XXI

O capítulo a seguir aborda as dimensões estética, política e cultural dos últimos três filmes de Guzmán, a saber *Nostalgia da luz* (2010), *O botão de nácar* (2015) e *A cordilheira dos sonhos* (2019). Apresentada pelo próprio realizador como uma “trilogia, quem sabe uma tetralogia”, esse conjunto de filmes expressam tanto repetições como rupturas em relação à sua cinematografia.

A fim de investigá-las, recorre-se em um primeiro momento a um histórico do Chile do século XXI a fim de iluminar a historicidade dos eventos sociais com os quais os filmes pretendem dialogar. Na sequência, retoma-se o diálogo com a historiografia sobre Guzmán na tentativa de sintetizar seus esforços e avançar com novas contribuições intitulando esse conjunto de filmes como uma “trilogia da imensidão íntima”.

Dentre seus propósitos, tem-se o reconhecimento de dispositivos retóricos recorrentes em seus filmes e as novas modulações que, eventualmente, assumem. A análise da familiaridade entre as suas personagens compõe esse esforço de identificar o poderia ser chamado também de “estilo guzmaniano”.

Quanto às inovações, o capítulo se concentra nas dimensões filosóficas que seus argumentos fílmicos assumem em detrimento das análises políticas e do exercício de rememoração aos quais se dedicou em compasso com a história contemporânea de seu país. Em síntese, ao tangenciar o insondável em *Nostalgia da luz* (2010), ao retardar a auscultação de determinados elementos naturais em *O botão de nácar* (2015) e despistar a legibilidade dos artefatos que maneja em *A cordilheira dos sonhos* (2019) Patricio Guzmán exercita a radiância da contemplação poética e explora as estratégias espaço-temporais do belo⁵⁹⁹ como meio de conhecimento histórico e político.

⁵⁹⁹ HAN, B. *A salvação do belo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019, p. 44.

Tomada de estações de metrô, saques de supermercados, depredações de agências bancárias e o incêndio sede da Enel, um prédio de 16 andares da agência italiana responsável pela administração da rede elétrica. As manifestações explosivas coordenadas pelas redes sociais



Imagem 162 – Registro dos protestos sociais detonados a partir de outubro de 2019, também conhecidos como “*estallido de octubre*”. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_no_Chile_em_2019-2020#/media/Ficheiro:Protestas_en_Chile_20191022_07.jpg

Acessado em 12/2021

surpreenderam todo o Chile – e, por extensão, todos os governos latino-americanos⁶⁰⁰ - no dia 18 de outubro de 2019. O estopim dos protestos foi o reajuste das tarifas de metrô em 30 pesos, algo em torno de US\$ 0,04, divulgado pelos órgãos oficiais em um sábado, 05 de outubro.

Na semana seguinte, os protestos foram gradativos, mas decisivos para mobilizar diversos setores civis em direção às ruas, apesar da revogação do aumento por parte do governo. As manifestações revigoraram as dinâmicas de uma semântica bem conhecida na América Latina: após decretar estado de emergência e acionar o toque de recolher para tentar lidar com a escalada nacional dos protestos, o presidente Sebastian Piñera chegou a afirmar ao país estar “*em guerra contra um inimigo poderoso, implacável que não respeita nada e ninguém e que está disposto a usar a violência e a delinquência sem nenhum limite, inclusive quando significa a perda de vida humanas*”.⁶⁰¹

⁶⁰⁰ Durante o acirramento político promovido pelo governo Bolsonaro, o deputado federal chegou a cogitar publicamente, em entrevista à Leda Nagle, em 01/11/2019, que o país poderia assistir a um novo AI-5 caso “a esquerda radicalizasse”. Ao final do mesmo mês, o ministro da Economia, Paulo Guedes, (formado pela Escola de Chicago, e com passagem em universidades chilenas nos anos 1980) chegou a pedir publicamente, em 26/11/2019, que ninguém “se assuste se alguém pedir o AI-5”. O artigo de Brum é bastante esclarecedor a respeito dessas polêmicas, disponível em: <<http://elianebrum.com/desacontecimentos/o-ai-5-ja-se-instala-na-amazonia-e-nas-periferias-urbanas/>>, acessado em 25/11/2019.

⁶⁰¹ Reportagem disponível em: <<https://br.reuters.com/article/topNews/idBRKBN1X0223-OB RTP>>, acessado em 28/11/19.

A narrativa belicista comunicada pelo presidente em uma coletiva de imprensa na noite de domingo, 20 de outubro, foi respondida imediatamente pelas ruas. Já no dia seguinte, o número de participantes aumentou. A expressão *“fora, militares!”* passou a compor as palavras de ordem e a caserna, por sua vez, também, fez questão de perfilar suas interpretações junto aos meios de comunicação: o general Javier Iturriaga, autoridade máxima a cargo do estado de emergência na região metropolitana, afirmou em uma coletiva de imprensa estar

conforme com o que temos visto. Na realidade, a cidade amanheceu lentamente, em calma, em paz. Estamos muito tranquilos, mas alertas para lidar com qualquer imprevisto (...) Assim, peço a vocês que me ajudem a difundir por todos os meios tranquilidade à população, que [ela] vá trabalhar, que saia às atividades normais. Temos previstas a abertura de 16 supermercados, mais estações de serviços públicos e farmácias para que a população possa levar a sua vida da maneira mais normal possível.⁶⁰²

Quando um jornalista perguntou *“qual a instrução que o Sr. passa aos militares que estão nas ruas?”*, Iturriaga respondeu: *“veja, eu sou um homem feliz e, na realidade, eu não estou em guerra com ninguém”*.⁶⁰³

Os quadros políticos se somaram à ocasião para arrefecer, ainda mais, a popularidade de Piñera, que já declinava dos iniciais 44% em abril de 2018 para 27%. Fuad Chahin, presidente do Senado e líder do Partido Democracia Cristã (que, dentre seus fundadores, contou com José Piñera, pai do atual presidente), tuitou que Piñera cometeu uma *“enorme irresponsabilidade e imprudência”* com suas declarações. E sintetizou afirmando que *“o presidente não pode seguir alimentando este clima de polarização e enfrentamento. É o momento de atuar com liderança e firmeza, mas com prudência e humildade”*.⁶⁰⁴

A instantaneidade das mídias digitais levou, novamente, o presidente Piñera para o front discursivo para tentar contornar o forte impacto negativo de suas declarações que, inclusive, levantaram hipóteses a respeito de sua

⁶⁰² Reportagem disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TiH0wzENnw8&t=128s>>, acessado em 28/11/2019.

⁶⁰³ Idem

⁶⁰⁴ CERDA, L. *“Estamos en guerra”: amplio rechazo opositor a dichos de presidente Piñera*. La Tercera, 21/10/2019. Disponível em: <<https://www.latercera.com/politica/noticia/estamos-guerra-amplio-rechazo-opositor-dichos-presidente-pinera/870702/>>, acessado em 28/11/2019.

renúncia. No dia 22 de outubro, uma narrativa mais branda buscou conciliação, afirmando ter ouvido de maneira *“forte e clara a voz das pessoas que têm expressado problemas, dores, suas carências, seus sonhos e esperanças de uma vida melhor”*. Após pedir perdão aos seus “compatriotas” e assumir o compromisso de adotar uma agenda com medidas sociais, Piñera declarou que o momento atual se tratava de *“uma oportunidade de reencontro entre os chilenos, de olhar nos olhos e se solidarizar uns com os outros, de nos vermos e enxergar que o problema de um é o problema de todos.”*⁶⁰⁵

Após dez dias de levantes sociais e crises institucionais, as mídias deram ênfase ao saldo material: foram 78 estações de metrô e 130 agências bancárias depredadas e outros 125 supermercados saqueados.⁶⁰⁶ Porém, o saldo histórico envolve questões incalculáveis, tais como os abusos da violência institucional e violações dos direitos humanos, dentre elas, a recorrência de práticas de tortura e de violência sexual. Por parte do Estado, foram mais de 10 mil militares mobilizados, enquanto, na sociedade civil, restaram 11 mortos, mais de 1500 pessoas detidas, cerca de mil feridos por balas de borracha e outras 200 pessoas com lesões oculares e perda da visão. Esses resultados levaram o diretor do Instituto Nacional de Direitos Humanos a abrir processos contra o Estado por mortes e agressões indevidas, dentre elas, mais de 50 casos de torturas e outros 20 de violências sexuais.⁶⁰⁷

Como se pode notar, os acontecimentos contemporâneos têm revelado como as expressões de que o Chile seria um “oásis econômico”⁶⁰⁸, ou ainda, uma “Suíça”⁶⁰⁹ na América Latina são ilusões, isto é, não passam de uma

⁶⁰⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JlPfH76A_BI>, acessado em 28/11/2019.

⁶⁰⁶ CHARLEAUX, J. *Os protestos no Chile. E o histórico de reivindicações populares no país*. Nexo Jornal, 21/10/2019. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/10/21/Os-protestos-no-Chile.-E-o-hist%C3%B3rico-de-reivindica%C3%A7%C3%B5es-populares-no-pa%C3%ADs>>. Acessado em 28/11/2019 e em

⁶⁰⁷ INDH. *Uma reforma a las policías es esencial para superar bien esta crisis*. 19/11/2019. Disponível em: <<https://www.indh.cl/indh-una-reforma-a-las-policias-es-esencial-para-superar-bien-esta-crisis/>>. Acessado em 11/2019.

⁶⁰⁸ PAUL, F.; WATSON, K. *Protestos no Chile: presidente Sebastian Piñera diz à BBC que não renuncia, mas admite mudar Constituição da ditadura*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50300490>>, acessado em 28/11/2019.

⁶⁰⁹ Ao longo de 2019, tanto o presidente Jair Bolsonaro quanto seu ministro da Economia, Paulo Guedes, fizeram vários elogios à ditadura de Pinochet e seu modelo econômico neoliberal como referências de governo. Reportagem disponível em: <<https://theintercept.com/2019/10/27/chile-paulo-guedes-chicago-boys-liberalismo-crise-bolsonaro/>>, acessado em 28/11/2019.

ideologia que alimentou os propósitos neoliberais de setores sociais específicos.

AMÉRICA LATINA HOJE

Apesar do caráter inédito da dimensão das manifestações, é preciso reconhecer que o Chile tem um intenso histórico de manifestações e protestos sociais ao longo da última década.⁶¹⁰ E, de certa forma, o mal-estar social foi aferido pelo Informe Barômetro da Política, realizada pelo Instituto MORI em maio de 2019.⁶¹¹ Em linhas gerais, o Informe registra que a descrença no desenvolvimento econômico do país manteve-se como uma constante em relação às pesquisas anteriores: a percepção de que o país está na direção correta caiu de 51% em abril de 2018 para atuais 35%, enquanto a percepção de que ele está na direção errada aumentou de 38% para 58% no mesmo período. De acordo com Marta Lagos, a diretora da pesquisa, esses resultados teriam um viés ideológico, uma vez que 50% da classe alta crê que o país está na direção correta, enquanto 68% da classe baixa crê no oposto.

Os aspectos mais salientes da pesquisa estariam, então, relacionados às questões sociais e políticas, tendo em vista que os índices de confiança interpessoal e nas instituições públicas tiveram a maior queda desde a redemocratização do país: a confiança interpessoal caiu de 21% para 13% entre 2017 e 2019; a confiança nas Forças Armadas caiu de 54% para 33%; nos Carabineiros de 49% para 32%; no Judiciário de 31% para 13%; e nos partidos políticos caiu para 5%.

Em entrevista à CNN Chile, Marta Lagos⁶¹² sintetiza os resultados afirmando que *“a atual forte desconfiança nas Forças Armadas é algo inédito nos últimos trinta anos e algo grave porque, em geral, os índices de confiança têm caído gradativamente desde então”*. A respeito do quadro geral da

⁶¹⁰ Alessandro Silva propõe uma interessante reflexão a respeito da chamada “A revolução dos pinguins” e suas reverberações no Chile contemporâneo através da análise do filme homônimo de Jaime Lavanchy. Disponível em: <<http://sumare.edu.br/Arquivos/1/raes/10/protagonismo-juvenil.pdf>>, acessado em 24/11/2019.

⁶¹¹ O Instituto MORI é uma das instituições responsáveis pelo desenvolvimento do Latinobarometro, pesquisa que afere índices anuais sobre a América Latina. Disponível em: <http://morchile.cl/wp-content/uploads/2019/05/INFORME_BAROMETRO_DE_LAPOLITICA_2019.pdf>, acessado em 28/11/2019.

⁶¹² Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QRQctbRKH3I>>, acessada em 25/11/2019.

situação, ela afirma que os atuais problemas chilenos demonstram os fracassos da transição democrática e se propõe:

o que está se passando no país? Está passando que se perdeu o respeito pelos carabineiros, pela autoridade e, hoje em dia, vemos uma juventude exacerbada, desapegada e muito vandalismo porque existe um fenômeno chamado anomia, que é a falta de autoridade.

CHILE, UMA HISTÓRIA CONTÍNUA

O panorama regional oferecido anteriormente ajuda a compreender a atual situação da América Latina e oferece melhores contornos para se compreender a situação chilena. Em termos econômicos, o país fechou 2018 em alta: atingiu um índice de 4%, o maior nível em cinco anos e o dígito de US\$ 25mil de PIB per capita.⁶¹³ Porém, em consonância com a preocupação de manter a estabilidade macroeconômica desde a redemocratização, o país, ainda, mantém uma alta dependência do setor cuprífero: atualmente, o cobre responde por algo entre 7% e 10% do PIB e deixa o Chile vulnerável às oscilações do mercado internacional.

Para se ter uma ideia das questões sociais, mais da metade da população vive com cerca de US\$600 por mês. A diferença entre os menores e os maiores salários chega a ser de 30 vezes, e a parcela 1% mais rica da população manteve 26,5% da riqueza do país em 2017, enquanto 50% das famílias de baixa renda representavam apenas 2,1% da riqueza líquida.

Quanto ao polêmico sistema de previdência, hoje em dia, o país conta quase dois milhões de aposentados, sendo que 09 de cada 10 recebem menos de 60% do salário-mínimo que está em torno de US\$ 450,00.⁶¹⁴ Esse cenário

⁶¹³ FRAGA, E. *Renda no Chile, o país que inspira Bolsonaro, vai a US\$ 25 mil*. Reportagem disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/11/renda-no-chile-o-pais-que-inspira-equipe-de-bolsonaro-vai-a-us-25-mil.shtml>>, acessado em 27/11/2019. Acessado em 12/2019. O Chile está na 63ª posição dos 192 países classificados pelo FMI a partir do PIB. Para efeito de comparação, o Brasil tem um PIB per capita de US\$ 16,1mil. Segundo o “The Conference Board” norte-americano, a produtividade de um trabalhador chileno é 73% maior do que a do brasileiro e 27% superior a de um argentino. No ranking de competitividade do Fórum Econômico Mundial, o Chile está no 33º lugar, entre 137 nações. O Brasil está na 80ª posição.

⁶¹⁴ Reportagem disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=chiWVxreqhU>>, acessada em 27/11/2019. Vale registrar que o sistema chileno de previdência serviu de modelo para México, Colômbia e Peru. Ele foi revisado por Michelle Bachelet (2006-2010 e 2014-2018) em seu primeiro mandato, e recebeu novas propostas pelo governo Piñera em 2018. Em 2008, foi instituído o Pilar Solidário com a *Pensión Básica Solidaria de Vejez*, que varia entre US\$180 e US\$215 e o *Aporte*

de extrema desigualdade social e ineficiência estatal somado à grande descrença nas instituições públicas levou 87% da população a ser favorável à elaboração de uma nova carta constitucional.

Enquanto a presente pesquisa está sendo escrita, a convocação dos componentes da Assembleia Constituinte deu prevalência aos candidatos independentes em detrimento dos quadros partidários regulares: os representantes da direita obtiveram 37 assentos, a esquerda 53, enquanto as lideranças autônomas emergidas de associações civis e movimentos sociais conquistaram 65 das 155 cadeiras.

Além da paridade de gênero, a Constituinte, que tem um ano de vigência a partir de junho de 2021, também, conta com a participação inédita de representantes dos povos originários, cabendo a eles 17 cadeiras, tendo em vista uma Carta Magna representativa da histórica plurinacionalidade chilena. Dentre os temas em questão, estão as heranças pinochetistas analisadas ao longo da presente tese, tais como as chances de maior descentralização e regionalização dos processos administrativos;⁶¹⁵ os princípios relativos aos direitos dos povos originários e os papéis de instituições como o Tribunal Constitucional e o Banco Central em torno dos direitos econômicos e dos direitos sociais.

Por fim, vale destacar que as eleições realizadas em 15 e 16 de maio de 2021, garantiram à esquerda um avanço significativo no nível federativo em regiões como Maipú, Estación Central, Viña del Mar, além da conquista da prefeitura de Santiago pelo Partido Comunista. Na sequência, em 19 de dezembro do mesmo ano, a eleição do jovem Gabriel Boric renovou as esperanças pelo bem-estar social no país.

Previsional Solidario de Vejez, pago a quem ganha menos de US\$470U. Essas medidas foram decisivas para contribuir para a redução da pobreza que, de acordo com o Banco Mundial, foi reduzida de 26% no ano 2000 para cerca de 8% em 2015. A proposta de Piñera previa uma mudança gradual visando o aumento dos valores das aposentadorias, passando a contribuição de 10 para 14%, sendo a diferença será paga pelas empresas. Porém, as medidas, ainda, precisam ser aprovadas pelo Congresso.

⁶¹⁵ MONTES, R. *Chilenos castigam partidos políticos na eleição de parlamentares que decidirão nova Constituição*. El País, 17/05/2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2021-05-17/chilenos-castigam-partidos-politicos-na-eleicao-para-a-constituente.html>>. Acessado em 28/05/2021.

Nesse contexto, a cinematografia de Guzmán alia aos seus dispositivos retóricos tradicionais um novo deslocamento ao apostarem na fenomenologia da imagem como vetor de crítica social. Apelando cada vez mais à infância como um *tropo* de um Chile humanista, os filmes *Nostalgia da Luz* (2010), *O botão de nácar* (2015) e *A cordilheira dos sonhos* (2019) elaboram, através de uma poética da geografia chilena, um constante jogo de escalas de coordenadas de tempo e espaço suturados pela nostalgia, enquanto impõem a contemplação como um valor reflexivo.

4.1 A EMERGÊNCIA DE UMA TRILOGIA DA IMENSIDÃO ÍNTIMA

Nostalgia da Luz está entre os filmes mais analisados do conjunto da obra guzmaniana. Primeiro, pode-se dizer que a produção de 2010 tem o seu significado endossado por uma série de fatores extra fílmicos. A começar pela dificuldade de encontrar financiamentos devido à repetição dos temas relacionados às memórias sociais chilenas filtradas pelo testemunho pessoal do realizador, assim como pelo forte apelo poético do roteiro: o longo desejo do autor de trabalhar as relações entre o “*Chile terrestre e o Chile celeste*”⁶¹⁶ soava abstrato demais

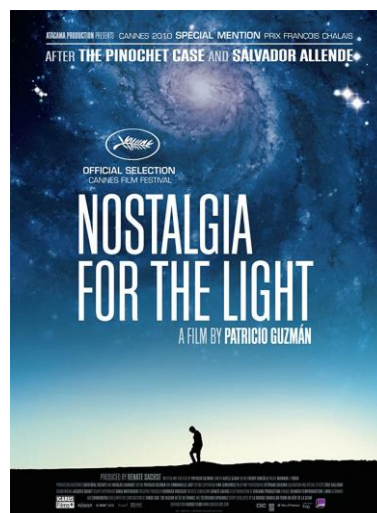


Imagem 163 – A cartazística da terceira trilogia...

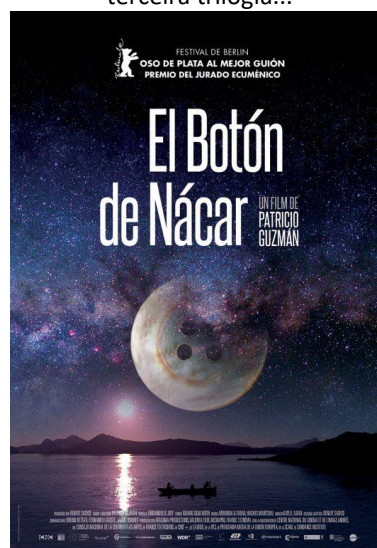


Imagem 164 –... indica o zelo com uma unidade estética...

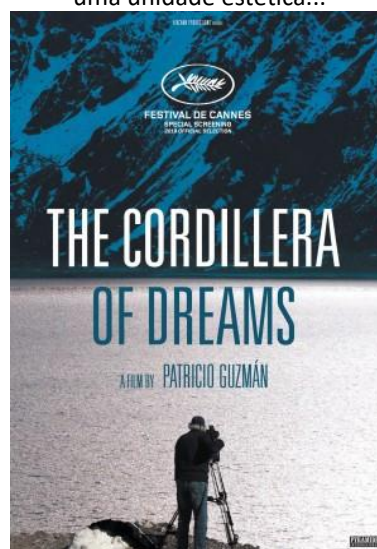


Imagem 165 –... inédita na carreira de Patricio Guzmán

⁶¹⁶ RICCIARELLI, C. Op. Cit., pp. 197-217.

diante dos apetites comerciais dos financiadores.⁶¹⁷

Após o seu lançamento junto da Seleção Oficial do Festival de Cannes em 2010, o filme foi muito bem recebido pela crítica especializada, garantindo longa vida nos circuitos de exibição, além de consagrar as redes profissionais transnacionais do realizador e reposicioná-lo junto em meio ao “*panteão cinematográfico mundial*”, como sugere Joly.⁶¹⁸ A constelação desses fatores teria sido a sua patrimonialização como um signo cultural chileno de alcance mundial, um projeto iniciado nos idos de 1997 não somente através da criação do FIDOCs, mas também, devido à retomada das imagens de *A Batalha do Chile* (1975-1979) ao longo da “trilogia dos testemunhos”.

Quanto aos termos fílmicos, Joly identifica a obra de 2010 como um “*sopro fresco no plano formal e discursivo*” que teria dilatado o imperativo memorialista de sua cinematografia ao se propor como uma “*meditação fílmica*” embalada por um “*murmúrio apaziguado*” sobre o futuro do Chile.⁶¹⁹ Os debates a esse respeito envolvem a expressão “*filme-ensaio*” como um esforço de conceituação do que haveria de novo nessa e nas obras subsequentes.

Reconhecendo os problemas em torno da expressão, a pesquisadora Nora Szegvari avançou em sua análise fílmica, compreendendo-a da seguinte maneira:

A categoria filme-ensaio ainda subteorizada, seja devido à natureza transgressiva, seja devido ao seu apelo de “não-gênero”; sendo uma forma híbrida nas intersecções do pessoal, do factual e do abstrato-universal, a concretude histórica filtrada pelo fluxo de subjetividade. Ou seja, montagens com sedimentações de tempo e espaço.⁶²⁰

Em diálogo com Weinrichter, Villaça burila as arestas “fugidias” do conceito a fim de compreendê-lo como

um conjunto de métodos que se hibridizam e através dos quais reconhecemos uma experiência e a “voz” do autor que, quase sempre, a partir de elementos históricos (ou de uma experiência pública, como ele prefere) constrói o seu próprio pensamento com imagens e sons.⁶²¹

⁶¹⁷ JOLY, J. Op. Cit., p. 467-470.

⁶¹⁸ Ibidem, p. 480.

⁶¹⁹ Ibidem, p. 477.

⁶²⁰ SZEGVARI, N. *Matter, memory and trauma in Patricio Guzmán's Nostalgia for the light*. Florida: University of South Florida, 2013, p. 21.

⁶²¹ VILLAÇA, L. Op. Cit., p. 73.

Por fim, Magali Kabous empresta da *Bibliothèque du film* uma referência que atenda, simultaneamente, às suas dimensões militante, criativa e ensaística

No cinema, o ensaio se define como uma abordagem introspectiva fortemente marcada pela personalidade/subjetividade de seu autor. O termo contém a noção de “ineditismo” e implica em uma grande liberdade por parte do (a) cineasta. O ensaio se faz como uma prova de si mesmo (a), uma experiência que tem como meta a autorreflexão, o autoconhecimento enquanto o filme se realiza.⁶²²

Em que pesem essas referências historiográficas, em primeiro lugar, a presente pesquisa tem em vista identificar que, em termos formais, essa nova trilogia, aqui entendida como “*trilogia da imensidão íntima*”, mantém determinados dispositivos constantes na cinematografia de Guzmán, tais como a recorrência a artefatos e lugares como subsídios para uma fenomenologia;

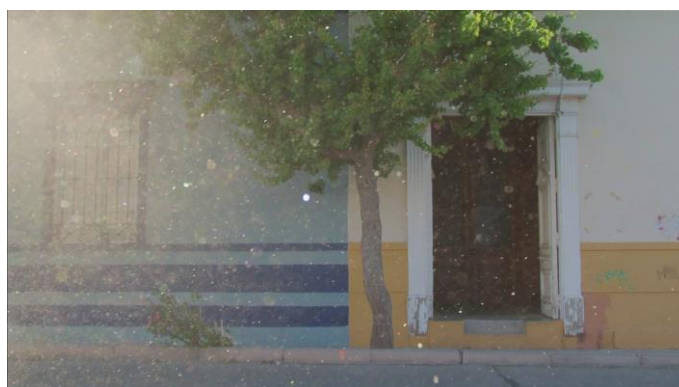


Imagem 166 – As intervenções digitais aos 5min50seg de *Nostalgia...*



Imagem 167 -... são associadas a tomadas contemplativas lançando os espectadores em direção ao inefável

o recurso a profissionais de outras áreas artísticas e científicas que suscitam reflexões sobre o tema em questão; a presença de testemunhos, de pessoas que viram e viveram junto com ele “*aquele país em que os presidentes podiam andar nas ruas sem escoltas*”, como diz na abertura de *Nostalgia da Luz*; além da clássica estrutura narrativa aristotélica sublinhada pela narração pessoal que dispõe o enredo a partir de questões pessoais do realizador,

⁶²² KABOUS, M. *Paratexte et motifs principaux de la trilogie*. IN: VERDEJO, E.; DÁVILA, I.; KABOUS, M. *Guzmán – el botón de nácar*. Paris: Atlande, 2020, p. 186.

antagonizando-as com um forte mal-estar contemporâneo. O manejo de imagens de arquivo e de uma trilha sonora melodramática seguem presentes na composição da ambiência melancólica ainda nos filmes contemporâneos.

Pode-se afirmar que as diferenças apresentadas junto desse esteio retórico derivam dos elementos naturais escolhidos e que, então, deslocam a cinematografia guzmaniana de uma fenomenologia da memória para uma dimensão heurística, sendo ela um desejo de investigação e descoberta reflexivas. De maneira mais precisa, ao realizar o antigo projeto⁶²³ de elaborar uma poética a partir do espaço geográfico chileno tomando o ar (éter), a água e a cordilheira como elementos narrativos, Guzmán atenua o valor epistemológico dos testemunhos e a valência da rememoração como um princípio ético para colocá-los a cargo de operações que esmiuçam as condições de legibilidade da história de seu país, que espreitam as tensões entre as diferentes temporalidades de sua contemporaneidade, sendo essas montagens sempre esquadrinhadas pelo crivo de sua história pessoal.

Em *Nostalgia da Luz*, esse “jogo de escalas”⁶²⁴ é posto em cena pelo lento arranjo dos telescópios que alça o olhar em direção à imensidão do cosmos, cuja infinitude, diz Bachelard⁶²⁵, implica em um estado de devaneio, de êxtase. Em vez da lupa - composta de uma única lente convergente - que rastreou e ampliou fotografias na “*trilogia dos testemunhos*”, agora se está munido de lentes duplas mirando a atmosfera (o éter) para que elas ampliem a radiação dos testemunhos e das memórias pessoais, tendo em vista novas mensurações do espectro histórico chileno.

Os dispositivos são semelhantes, mas com novos graus de intensidade e de extensão, pois as correspondências entre minúcias de ossadas e superfícies lunares, entre os astrônomos e as mulheres de Calama “*acolhem a imensidão do mundo e transformam-na numa intensidade do nosso ser íntimo*”.⁶²⁶ Isto é, fazem gravitar naquilo que os gregos chamavam de *ápeiron*, uma zona de indeterminação, cujo equilíbrio reside no movimento eterno entre opostos, os *astros* e *des-astres* da história chilena.

⁶²³ O relato de que esse seria um projeto antigo foi dado pelo prof. Dr Fabián Nuñez durante a banca de qualificação da presente tese.

⁶²⁴ KABOUS, M. Op. Cit., p. 205.

⁶²⁵ BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p.189.

⁶²⁶ Ibidem, p. 198.

Tal como no filme de 2010, os primeiros dez minutos de *O botão de nácar* (2015) expõem a água como elemento narrativo: um bloco de quartzo contendo uma gota d'água é manuseado eludindo às condições fundamentais da vida biológica e, por extensão, da reflexão sobre a mesma. O que está em jogo é a busca pela *arché*, o elemental que mina e funda o argumento fílmico – tal como o passeio uterino de Osses no Palácio La Moneda em



Imagem 168 – Acima, o realizador manuseia as relíquias pessoais de Salvador Allende em 2003...



Imagem 169 -... em um gesto que se repete na abertura do filme *O botão de nácar*, em 2010. Em ambos, o “*gesto arqueológico*” implica na busca de uma *arché*, um tema fundacional para os argumentos históricos dos filmes

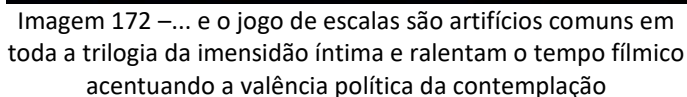
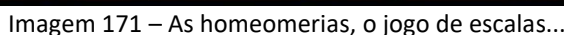
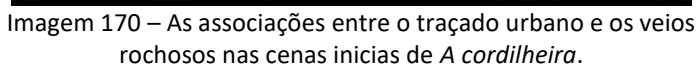
1997, as escavações do juiz Guzmán no deserto em 2001 e o manuseio de relíquias pessoais de Allende em 2003.

Contudo, aqui, tem-se uma busca de outra *arché*, dessa vez um elemento heraclítico, a água, a fim de empreender a auscultação da unidade de tensões opostas subjacente à sua aparente multiplicidade: a translucidez do bloco de granito guarda a opacidade da indiferença chilena em relação às suas fronteiras marítimas – o Chile teria “*se equivocado em sua missão ao se construir para dentro*”, e não para o mar, diz o historiador Gabriel Salazar. No nomadismo das águas doces pluviais e fluviais estão latentes os sedimentos da primeira infância do realizador e o que resta das línguas nativas; o botão de nácar redundando simultaneamente na história necropolítica que exterminou os povos originários, assim como reduziu à “vida nua” aquelas pessoas tidas como inimigas de Estado pelo pinochetismo.

Transitando entre escalas de grandeza naturais que vão de gotículas de água aos sons de torrentes, o filme elabora uma vasta perspectiva histórica

O regime fílmico de *A cordilheira dos sonhos* uma minutagem semelhante para suscitar aquele “*flo*” de Balmes que embalou a fenomenologia da memória da “segunda trilogia”. Porém, aqui, a turvação das tomadas aéreas transcende a evocação do que há de rarefeito da rememoração para desbussolar as coordenadas espaço-temporais e dar prevalência à primeira infância como *epoché*⁶²⁷, isto é, um estado de contemplação desinteressada almejada pelo realizador, uma espécie de intervalo em meio à densa gravidade de suas memórias sociais e políticas; enfim, uma cesura na qual reinaria a ‘

tal como diz ao final do filme



391

As homeomerias existentes entre as gretas das rochas e a cartografia urbana aludem às fissuras (e, por que não dizer, traumas?) do realizador quando murmura⁶²⁸ sobre o fato de sua terra natal recebê-lo com “indiferença, distância”, enfim, de não ser reconhecido nem de ali se reconhecer. O recurso às artes plásticas recorrente em sua cinematografia é retomado a partir das telas de Guillermo Muñoz que, assim como Guzmán, exilou-se na Europa e nunca retornou ao “*país de origem*”. Assim como as obras de Balmes ou de Emma Malig, as cordilheiras de Muñoz são montadas como “*chaves para se compreender o Chile de hoje*”, mas agudizando a renúncia aos anseios epistemológicos em detrimento de um argumento fílmico que apela ao instinto estético, um “*páthos da verdade*” nietzschiano que extasia.

Em suma, quando colocadas em perspectiva e cotejadas com a sua cinematografia, as aberturas dos filmes mais recentes indicam a repetição de determinadas estratégias retóricas, através das quais, agora, convida-se a interpelar novos elementos cósmicos e telúricos. Para tanto, a montagem aporta artifícios como efeitos especiais, intervenções sonoras assíncronas e fusões e encadeamentos ralentados, subtraindo os intervalos e as aparentes desproporções para recriar o jogo de escalas: assim, a poeira estelar concatena a imensidão dos astros com os *des-astres* íntimos em *Nostalgia da Luz*; o rumorejo das águas é combinado com as línguas nativas em *O botão de Nácar*; e as fissuras ancestrais da cordilheira se fundem com as trincaduras de ferros velhos e, por extensão, das próprias memórias do realizador enquanto efeito diegético em *A cordilheira dos sonhos*.

Isso põe em evidência a emergência de uma dimensão heurística no argumento fílmico da trilogia de 2010-2020: em comum, os argumentos fílmicos aludem a uma conversação com o cosmos e, para tanto, eles valorizam as longas pausas da narração autoral, exploram vez e outra uma semântica sibilina – “o ar, transparente, delgado, nos permite ler neste grande livro aberto da memória”⁶²⁹, “cada gota é um mundo à parte, é uma respiração”⁶³⁰, “a cordilheira é um mistério, ela não pode ser explicada, ela simplesmente existe”-

⁶²⁸ JOLY, J. OP. Cit., p. 409.

⁶²⁹ Cf. relato aos 9 minutos em *Nostalgia da luz*.

⁶³⁰ Cf. relato aos 26 minutos em *O botão de pérola*.

⁶³¹ -, enfim, elaboram uma reflexão poética sobre a longa história chilena a partir da imensidão íntima de Patricio Guzmán.

4.2 A CONSTELAÇÃO DE PERSONAGENS GUZMANIANA

Pode-se relacionar o argumento fílmico da “*trilogia da imensidão íntima*” com a noção frankfurtiana de ensaio ao pensar a realidade “*a partir de seus fragmentos revelando a unidade entre as suas fissuras*”.⁶³² Esta “terceira trilogia”, tal como a anterior apresenta um padrão de personagens: são astrônomos, pintores, artistas plásticos, escultores e vulcanologistas marcados pela fraternidade com o realizador ou por afinidades pessoais com a sua visão de mundo.

Contudo, aqui, a interação com esses entrevistados endossa o viés traumático e a atmosfera nostálgica suscitada pela montagem daqueles elementos



Imagem 173 – O arqueólogo Nuñez no Atacama aos 21min de *Nostalgia...*

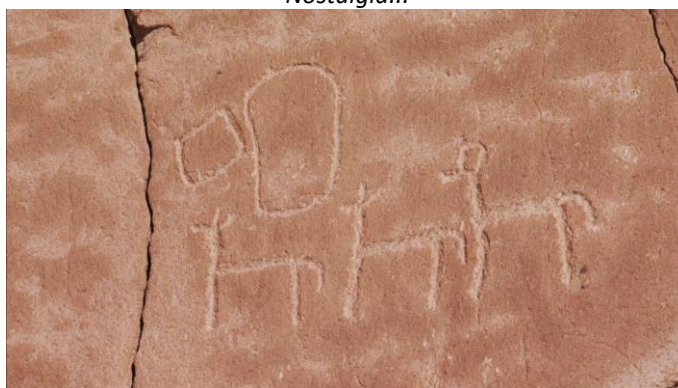


Imagem 174 – ... compõem a constelação de artistas e cientistas que orbitam a memória obstinada de Guzmán

naturais. Isso significa dizer que os artistas e cientistas (profissionais comuns em sua cinematografia) são retomados para agudizar as zonas de indecidibilidade próprias do processo traumático, tal como bem salientou Szegvari ao reconhecer que *Nostalgia da Luz* estaria “*enraizado em tempos*

⁶³¹ Cf. relato aos 9 minutos em *A cordilheira dos sonhos*.

⁶³² ADORNO, T. *Notas de Literatura*. São Paulo: Ed. 34, pp.15-47.

heteróclitos, fragmentos de experiência, ruínas temporais e uma vacilação entre múltiplos registros temporais".⁶³³

O deserto, ambivalente por definição, torna-se crucial para a argumentação de *Nostalgia da Luz*⁶³⁴, no momento em que Guzmán, ao interpretá-lo como uma “*porta para o passado*”, o arqueólogo Nuñez chama a atenção para o fato de que o clima seco é para a Arqueologia o mesmo que a transparência para os astrônomos. Assim, o deserto para ambos seria

uma porta que sabemos como entrar. Mas jamais saberemos como vamos sair de dentro dessa porta, nem com quantos conhecimentos sairemos dela que vão transformar a vida. Isso, para mim, segue sendo um mistério.⁶³⁵

O jogo de equivalências e assimetrias segue no diálogo com o astrônomo Galaz. Quando Guzmán lhe pergunta o que pensa das mulheres que perscrutam o deserto em busca dos familiares desaparecidos, Galaz afirma

Se você comparar, são duas situações completamente diferentes... Porém, é um processo parecido e similar ao de um astrônomo com uma grande diferença. Nós podemos dormir tranquilos depois de passar a noite observando o passado. Nós buscamos algo no passado que não perturba o nosso sono. Às vezes, o calor nos incomoda, mas nós dormimos bem. E, no dia seguinte, nós voltamos ao passado sem conflito, sem nada. Mas essas mulheres não devem conseguir dormir depois de procurar vestígios humanos, tentando procurar um passado que não encontram. Elas nunca podem dormir tranquilamente enquanto não encontram isso.⁶³⁶

O mesmo espaço geográfico, diferentes lugares sociais e densidades temporais. A montagem, assim, opera uma espécie de fenomenologia da expansão e da extensão: aparentemente na mesma situação, as percepções pessoais e profissionais dos cientistas exercem um valor centrífugo na trama fílmica e dilatam as noções de tempo e de espaço. Dessa maneira, a grandeza dos temas em questão – a investigação do passado, as relações entre memória e história e a dor da perda do ente familiar – progride na medida em

⁶³³ SZEGVARI, N. Op. Cit., p. 7.

⁶³⁴ As personagens são o astrônomo Gaspar Galaz, o arqueólogo Lautaro Nuñez, o advogado Miguel Lawner, o coletivo *Mujeres de Calama* representado por Vicky Saavedra e Violeta Berríos, Víctor González e Valentina.

⁶³⁵ Cf. relato aos 22 minutos em *Nostalgia da luz*.

⁶³⁶ Cf. relato aos 48 minutos em *Nostalgia da luz*.

que Guzmán interpela a intimidade de suas personagens e explora a paixão que nutre pela astronomia desde a infância.

Em *O botão de nácar*⁶³⁷, encontra-se, novamente, a artista plástica Emma Malig participando com a elaboração de uma cartografia em escala gigante da costa marítima chilena. O seu artefato é posto em cena quando Guzmán diz que o Chile teria “*perdido a intimidade com o mar*” e, então, solicita à Malig o que seria uma imagem inédita, a “*imagem completa de seu país*”.

Antes de seguir adiante, seria interessante ressaltar um importante valor poético em jogo em todo o filme, a saber: a supremacia das águas pluviais e fluviais em detrimento da água marinha: a cartografia gigante de Malig sucede tomadas de imagens marinhas valoradas por Guzmán com um misto de admiração e medo, já que um amigo de escola teria sido “*varrido pelo mar*” em sua infância, sendo ele o seu “*primeiro desaparecido*”.

A poética da água guzmaniana, aqui, reverbera a

fenomenologia bachelardiana quando o filósofo francês compreende que a água do mar teria sido fruto de uma perversão: em oposição à dimensão apolínea de Zeus que teria tomado conta do céu azul, claro e sereno, a água do mar foi habitada por Poseidon. Como resultado da tensão entre esses opostos, as águas doces assumiram a primazia da contemplação sublime, do



Imagem 175 – A equipe de Ema Malig no filme *Salvador Allende* em 2003...



Imagem 176 -... e a equipe da artista plástica aos 22min30seg de *A cordilheira*... A repetição é um valor fundamental na constituição de memória

⁶³⁷ As personagens são os nativos Martín Calderón e Gabriela Paterito, a artista plástica Emma Malig, o historiador Gabriel Salazar historiador, o poeta Raúl Zurita e o antropólogo Claudio Mercado.

devaneio natural, lidas como aquela “*que refresca e dessedenta e assim serve aos homens*”⁶³⁸, ao contrário das escuras águas marinhas.

Novamente, as afinidades filosóficas entre Guzmán e Bachelard são valiosas na medida em que auxiliam a compreensão das escolhas de suas personagens e seus papéis no argumento fílmico: sabe-se, pelos seus escritos e entrevistas, que o realizador considera a pesquisa das personagens o dispositivo mais relevante para dar arranque a um filme; sendo, inclusive, seus diálogos e interlocuções pautados por roteiros prévios.⁶³⁹ Retomando o filme a partir dessas considerações, a mega cartografia de Malig é montada com o depoimento do renomado historiador Gabriel Salazar que, dentre outras coisas, avalia que o Chile “*não soube apreciar o mar que tem, o enorme oceano pela frente*”, sendo raras aquelas pessoas que “*têm honrado o oceano, que viraram para o mar para admirá-lo. Não só para admirá-lo como para assumi-lo como um elemento de identidade*”.⁶⁴⁰

A dialética entre o medo das águas salgadas e o devir poético das águas doces contém a tensão entre barbárie e dignidade, entre civilização e o direito à memória: o antropólogo Claudio Mercado e o poeta Raul Zurita são as personagens convidadas para suturar o enredo heraclítico, acentuando essa dialética presente em toda a narrativa fílmica.

Apresentado como alguém que aprendeu com os indígenas o idioma da água, Mercado diz ter começado a “*escutar o som do rio e, de repente, comecei a ouvir uma música. Um rio soa como mil sons ao mesmo tempo*”⁶⁴¹ e, ao ensaiar a meditação e seus mantras indígenas, ele imprime euritmia à trama fílmica, gerando um ambiente receptivo à permanência dos murmúrios naturais que afluem através da montagem.

As sombras e a harmonia, a crueldade e a comunidade, o progresso e o anseio de descolonização. Eis os polos que habitam os rumores das águas, as lutas históricas latentes ouvidas em suas vozes e memórias. O poeta Zurita intensifica as tensões dessa dialética ao dizer sobre os povos originários

⁶³⁸ BACHELARD, G. Op. Cit., p. 162.

⁶³⁹ Cf. depoimento de Guzmán em conversa na I Conferência Internacional de Estudos Fílmicos: Cinema, Estética e Memória realizada pelo Laboratório de Investigação e Práticas Artísticas (LIPA) e a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 03/06/2021 e disponível em : <<https://www.youtube.com/channel/UCuNg16mdPIQoKcyYbytmvJw/videos>>.

⁶⁴⁰ Cf. relato aos 24 minutos em *O botão de pérola*.

⁶⁴¹ Cf. relato aos 26 minutos em *Nostalgia da luz*.

Essas pessoas tinham uma complexidade e uma riqueza. Seus desenhos mostram o cosmos inteiro, a maneira como pintavam seus corpos, como os transformavam. Para esse povo, as estrelas eram os espíritos de seus ancestrais. O que procuram os telescópios, as sondas espaciais? Trazer o universo para perto. Parece que todo o progresso é o produto de uma imensa nostalgia, um desejo de restaurar as coisas, coisas que já se sabia, de forma poética, que se sabia inerentemente.

Dos três filmes, *A cordilheira dos sonhos*⁶⁴² é o que contém o maior número de personagens, sendo eles: o pintor Guillermo Muñoz, o escritor Francisco Gazitúa, o escultor Vicente Gajardo, o vulcanologista Alvaro Amigo, a cantora Javiera Parra, o escritor Jorge Baradit e o cineasta Pablo Salas. Nessa obra, há uma interessante coincidência, pois, em sua maioria, os profissionais que relatam suas percepções sobre a cadeia de montanhas, também, testemunham a respeito do estado de exceção pinochetista, tal como será visto no próximo tópico.



Imagem 177 – O ateliê de Muñoz aos 7min de *A cordilheira*...



Imagem 178 -... E o de Gazitúa aos 14min20seg do filme remonta à tradição de Guzmán de recorrer às artes plásticas como solução estética - e ética - para seus argumentos fílmicos

De saída, as pinturas de Muñoz emergem da rotina suburbana dos metrô-chilenos e são montadas para escalonar uma poética da cordilheira como margem, isto é, como uma raia que integra ao mesmo tempo em que aparta, que acalenta enquanto alucina, como especula Gazitúa

⁶⁴² As personagens são os o pintor Guillermo Muñoz, os escultores Francisco Gazitúa e Vicente Gajardo, o cientista Alvaro Amigo, a artista Javiera Parra, o historiador Jorge Baradit e o cinegrafista Pablo Salas.

A cordilheira é um mistério, ela não se explica, ela simplesmente existe. Ela está sempre... em estado de alucinação, ela é uma matéria alucinada ali posta e nós estamos aqui (...) a sensação que tenho depois de viver muito tempo nos Andes é a de que você está dentro de um contêiner de pedra, uma pedra que contém tudo.⁶⁴³

O valor da cordilheira como *arché*, isto é, como uma “*grande arca*” que contém “*as leis poéticas fundamentais*” como continua Gazitúa, dispõe a cadeia de montanhas como um elemento cujas fendas e dobras devem ser decifradas. Imbuída do valor de um umbral, as rochas seguem lidas em sua ambivalência: o escultor Gajardo a vê como um signo cultural que “*protege ao mesmo tempo que me insula*”⁶⁴⁴; por sua vez, o jovem vulcanologista Alvaro Amigo ressalta as suas diferentes densidades temporais ao dizer que ali “*há reflexões de mundos mais pretéritos, mais antigos à medida que você avança pela cordilheira*”⁶⁴⁵; enquanto a cantora Javiera Parra a interpreta ora como “*protetora*”, ora como “*divisora e insuladora do mundo inteiro*”.⁶⁴⁶



Imagem 179 – Os rolos de *A batalha do Chile* aos 26min de *A cordilheira*...

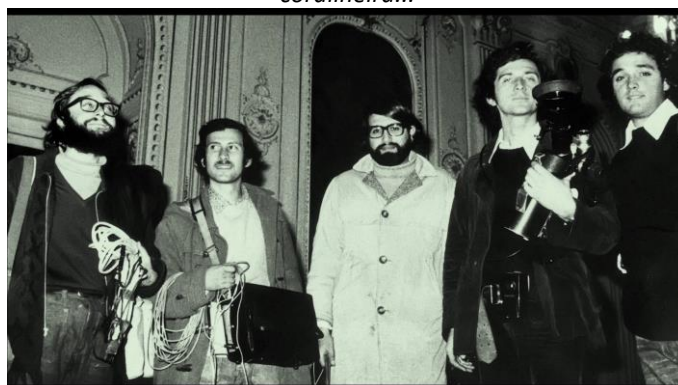


Imagem 180 -... e a inserção da fotografia da *Equipe Tercer Año* trazem ao século XXI o patrimônio cinematográfico do próprio realizador

É o escritor Jorge Baradit quem conclui essa abertura reflexiva, arrematando a “dupla condição” que a cordilheira impõe ao Chile, consolidando, então, a poética do espaço iniciada em 2010: tal como éter

⁶⁴³ Cf. relato aos 10 minutos em *A cordilheira dos sonhos*.

⁶⁴⁴ Cf. relato aos 17 minutos em *A cordilheira dos sonhos*.

⁶⁴⁵ Cf. relato aos 20 minutos em *A cordilheira dos sonhos*.

⁶⁴⁶ Cf. relato aos 22 minutos em *A cordilheira dos sonhos*.

naquele momento e a água em 2015, aqui o veio telúrico se torna um dispositivo traumático a ser elaborado para desvelar, dar a ver, pôr em movimento e fazer falar tanto os espectros sociais chilenos quanto aqueles do próprio realizador.

Encerrando o primeiro quarto do filme, Guzmán reitera um tema iniciado em 1997, a saber: a memória de sua cinematografia no Chile, ou melhor, o fato de o país ter virado as costas, ter fechado os olhos ao seu cinema, tal como o fez, e ainda faz, em relação à cordilheira. Evocando a montagem de *Chile, memória obstinada*, as imagens dos rolos de *A batalha do Chile* (1975-1979), assim como da câmera utilizada e de fotografias da equipe - incluindo o cinegrafista Jorge Müller, detido e desaparecido – ressurgem associadas às ruínas das casas em que Guzmán viveu junto do seguinte testemunho

Depois eu vivi nessa outra casa com a minha família. Aqui eu cheguei como adulto e cineasta. Nos anos 1970, quando tinha trinta anos, eu filmei aqui o documental *A Batalha de Chile*. Éramos uma equipe pequena de cinco pessoas. Filmamos tudo: primeiro o entusiasmo que nos levou ao longe e todos nós e o povo inteiro. E depois as tensões que nos empurraram ao golpe de Estado. A cada manhã partíamos daqui e, no dia do golpe, voltei pela última vez com as bobinas em mãos. Nunca imaginei que *A batalha de Chile* seguiria com vida ainda hoje, é como o espelho de um passado que me persegue.⁶⁴⁷

Jorge Baradit, a poética do *double bind* e *A batalha do Chile* como repetição. Essa montagem impõe algumas observações de ordem extra fílmica antes de seguir adiante com o encerramento da análise da trilogia da imensidão íntima. Como foi visto, a produção de *Chile, memória obstinada* em 1997 foi acompanhada da criação do FIDOCs, o *Festival Internacional de Documentales de Santiago*, uma iniciativa institucional de Patricio Guzmán junto com colegas profissionais a fim de superar “os 24 anos de indiferença chilena”⁶⁴⁸ junto da produção mundial. Em 2001, o lançamento de *O caso Pinochet*⁶⁴⁹ foi acompanhado do lançamento do livro *Patricio Guzmán*, de Jorge Ruffinelli pela Editora Cátedra com apoio da Filmoteca Española, sendo esse livro parcialmente reeditado em 2008 pelo mesmo autor, dessa vez intitulado *E/*

⁶⁴⁷ Cf. relato aos 25 minutos em *A cordilheira dos sonhos*.

⁶⁴⁸ GUZMÁN, P. *Filmar o que não se vê*. São Paulo: SESC, 2017, p. 128.

⁶⁴⁹ Filme produzido pela *Les films d'ici* em parceria com Canal + da França, Espanha e Bélgica.

cine de Patricio Guzmán, em busca de las imágenes verdaderas pela editora chilena Uqbar.

O esteio institucional extra fílmico à cinematografia de Guzmán ganhou novo fôlego em 2010, momento em que o lançamento de *Nostalgia da Luz* coincidiu com a publicação de *El cine documental según Patricio Guzmán*⁶⁵⁰, um conjunto de entrevistas realizadas por Cecilia Ricciarelli, editado pelo selo FIDOCs em junho de 2010, no marco da Retrospectiva Patricio Guzmán realizada pelo festival. Por fim, *A cordilheira dos sonhos* de 2019 foi acompanhada pelo lançamento do livro *La Batalla de Chile, historia de una película*, que reúne escritos que o próprio realizador produziu ao longo dos anos⁶⁵¹ a fim de narrar os bastidores dessa produção. Editado pela *Universidad Diego Portales*, o livro foi prefaciado pelo escritor Jorge Baradit que, também, ciceroneou o evento on-line⁶⁵², sendo preciso registrar que ele é um agente cultural onipresente na cena social e política chilena, tanto digital quanto presencial. Dentre alguns aspectos que o dimensionam, pode-se dizer da sua trilogia *História Secreta do Chile* que se tornou um fenômeno editorial com mais de 200 mil cópias vendidas⁶⁵³, além de ter sido eleito como membro da *Convención Constituyente de la República de Chile*, destinada a substituir a Carta Magna pinochetista de 1980.

Esse histórico permite redimensionar o que Joly chamou de “*patrimonialização*” de Guzmán como “*uma figura cultural chilena e transnacional de primeiro plano*”: essa monumentalização seria melhor compreendida tendo em vista os possíveis circuitos diegéticos e extra fílmicos de longo prazo. A exemplo do que foi visto, além de fatores de ordem econômica e institucional próprias do âmbito da produção fílmica, a cinematografia de Guzmán e suas atividades editoriais se pautaram pelo

⁶⁵⁰ Conforme observado na introdução, o livro foi traduzido e lançado no Brasil em 2017 pela Editora SESC.

⁶⁵¹ Biblioteca Nicanor Parra, *Libro “La Batalla de Chile. História de una película”, de Patricio Guzmán*. Disponível em: <<https://bibliotecanicanorparra.udp.cl/2020/11/02/libro-la-batalla-de-chile-historia-de-una-pelicula-de-patricio-guzman/>>. Ademais, esse foi um dos temas debatidos durante a já citada I Conferência Internacional de Estudos Fílmicos.

⁶⁵² Universidad Diego Portales, *Lanzamiento del libro “La Batalla de Chile. História de una película, de Patricio Guzmán*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=UNxtMJCTE7o>> e em: <<https://www.facebook.com/181486741928122/videos/701095004119160>>. Acessado em 11/11/2020.

⁶⁵³ Como o autor não tem um domínio virtual próprio, tomo aqui a liberdade de citar as referências disponíveis no Wikipedia assumindo-as como provisórias <https://en.wikipedia.org/wiki/Jorge_Baradit>. Acessado em 12/2020.

desejo de construção de um “*lugar de memória*”, para falar como requer a História, ou de um “*arquivo*” para falar como indica a Filosofia, ou mesmo de um “*campo*” para falar com a Sociologia.

Desse ponto de vista, a “*obstinação*” de que falava em 1997 pode ser visto como um afeto de longa duração, sendo simultaneamente a perseverança em servir como um agente da História do Tempo Presente do Chile que desbrava a memória como um gesto de resistência social e de defesa da dignidade humana (a memória benjaminiana tão recorrente em sua historiografia), e o rigor formal e discursivo para perpetuar, em seus filmes, inscrições de sua própria cinematografia. Em suma, *double bind*: ao mesmo tempo em que se preocupa com a renovação de seus elementos narrativos e inova agudizando determinadas reflexões filosóficas, a cinematografia de Guzmán, também, reitera a sua própria história.

Retomando a análise fílmica, a presença de Baradit tanto na ordem diegética quanto no campo discursivo extra fílmico, construído em torno do lançamento e da divulgação de *A cordilheiros dos sonhos*, reposiciona a historicidade da obra guzmaniana na órbita das questões atuais chilenas. Da mesma maneira que as explosões de minas marcavam a passagem para o ato final nos filmes da trilogia *A batalha do Chile*, explosões estelares, rebentações marítimas e erupções vulcânicas dão marcha aos desenlaces nos filmes contemporâneos, salientando o que resta do estado de exceção pinochetista na atualidade.

4.3 O QUE RESTA DO ESTADO DE EXCEÇÃO

A evanescência da “trilogia da imensidão íntima” ganha gravidade no último quarto dos filmes, tornando as denúncias das violações dos direitos humanos coextensivas ao tempo presente chileno. Talvez, não seja exagero reconhecer uma “estética da melancolia”⁶⁵⁴ em desenvolvimento no bojo da trilogia, no sentido de que, em seus filmes, o terrorismo de Estado, as arbitrariedades do sistema jurídico e a



Imagem 181 – A silhueta de Saavedra perscrutando o deserto acentua a sensação de investigação de um passado remoto...



Imagem 182 -... enquanto a sua visita ao observatório aproxima o seu humanismo às abstrações astronômicas aos 76min de *Nostalgia*...

suspensão dos direitos fundamentais não são detectadas como problemas específicos do pinochetismo; mas, sobretudo, como questões estruturantes da ordem neoliberal ensaiada no Chile e, hoje, vigentes em escala global.

Desse modo, a presença das ativistas Vicky Saavedra⁶⁵⁵ e Violeta Berríos⁶⁵⁶ em *Nostalgia da Luz* atualizam a tragédia de Antígona na busca pelo luto digno de seus familiares. Respaladas pelas observações do arqueólogo Nuñez, ambas as testemunham a partir dos fragmentos das ossadas encontradas ao longo de quase três décadas de pesquisa pelo deserto. Berríos lamenta que a sociedade chilena retarde a mirada da justiça “*somos um problema para a sociedade, para a justiça, para todo mundo. Nós sempre fomos consideradas como menos do que nada. Nós somos a lepra do Chile.*”

⁶⁵⁴ KEHL, M. *Ressentimento*. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 18.

⁶⁵⁵ Cf. artigo disponível no acervo digital da Biblioteca Nacional em <<http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/visor/BND:259111>>. Acessado em 12/2019.

⁶⁵⁶ Cf. perfil produzido pelo Instituto Nacional de Derechos Humanos disponível em: <<https://defensoresydefensoras.indh.cl/premio-nacional-de-ddhh/premio-nacional-2016/violeta-berrios-aguila/>>. Acessado em 12/2019.

Isso é como eu vejo as coisas".⁶⁵⁷ A montagem, então, encarrega-se de reescalonar o jogo entre as minúcias das ossadas e o cálcio dos corpos estelares à luz do fóssil de uma baleia⁶⁵⁸, cuja lógica museal permite a Guzmán fazer ver os

restos de restos dos desaparecidos da ditadura militar que ainda não foram identificados" e se perguntar "quanto tempo eles descansarão nestas caixas?". "Algum dia, serão depositados em um monumento?" "Terão direito a um museu como

a baleia ?".

"Algum dia, terão sepultura?"

⁶⁵⁹



Imagem 183 – O botão que dá nome ao filme surge aos 50min...



Imagem 184 –... para provocar um *turning point* e dar abertura aos temas relativos ao estado de exceção evocados pela turbulência das águas

O rastreamento dos campos de concentração pinochetistas, o manejo de imagens de arquivo, sejam fixas ou audiovisuais, a reconstituição do cotidiano da clausura – tal como Ofelia Nistal em *O caso Pinochet*, Miguel Lawner rascunha seus tempos de prisão -, o recurso à reabertura das valas

comuns e a escuta daquelas pessoas que restaram: eis alguns fatores que delineiam essa “estética da melancolia” como uma das dimensões da trilogia de 2010, ao denunciar como a sociedade chilena retarda o luto de seus detidos e desaparecidos, além do julgamento dos responsáveis pelas atrocidades do pinochetismo.

⁶⁵⁷ Cf. relato aos 1h09 minutos em *Nostalgia da luz*.

⁶⁵⁸ Apesar de ser um tema periférico à presente investigação, seria interessante se questionar em que medida a *mise-en-scène* não pretende dialogar com a narrativa bíblica da redenção de Jonas pela baleia

⁶⁵⁹ Cf. relato aos 1h14 minutos em *Nostalgia da luz*.

A obstinação nas acusações em torno do objeto perdido ganha uma nova transversal através do botão de nácar que intitula o filme de 2015: posta em cena próximo dos cinquenta minutos de filme, a peça de vestuário que encerra em si mesma, simultaneamente, os gestos de fechar e abrir, torna redundante a história do extermínio contra os povos originários, contada através do caso do



Imagem 185 – A doutrina de choque pinochetista é associada ao extermínio dos povos originários...



Imagem 186 -... permitindo reflexões caras ao pensamento pós-colonial

Jemmy Button, e a lógica do extermínio pinochetista dada a ver pela reconstituição da morte de Marta Ugarte.

Até aquele momento, a primeira metade do filme é dedicada à escuta de Martín Calderón, Cristina Calderón e de Gabriela Paterito⁶⁶⁰, representantes dos povos Kawésqar. Aparentemente, ainda tocado pelas reflexões cósmicas do filme anterior, Guzmán suscita questões próprias do pensamento pós-colonial e se pergunta se

terá acontecido o mesmo em outros planetas A atitude dos mais fortes terá sido igual em todo lugar? Um dos planetas da estrela Gliese, descoberta no Chile, poderia ter um vasto oceano. Terá seres vivos? Terá árvores para fazer grandes canoas? Terá sido este um planeta asilo para que os indígenas possam viver em paz? Pensar essas coisas é irreal. Mas eu me

⁶⁶⁰ Na Conferência lusitana já citada, Guzmán declara que o filho de Gabriela foi quem indicou a mão ao realizador. Como pesquisador, ele viajou até Punta Arenas e de lá partiu para a ilha onde a mãe mora com outros dois kawésqar a uma noite de viagem da costa chilena. As fotos utilizadas no filme são de Martín Gusinde, sacerdote alemão que documentou suas expedições pela Terra do Fogo entre 1918 e 1924. Elas foram encontradas em um museu na Alemanha e retratam um povo cujas pinturas no corpo com anelinas almejavam a configuração de insetos visando à transcendência. Por fim, Gumán revela que já tinha o oceano como um *leitmotiv* e que sabia dos lançamentos de corpos ao mar e também conhecia a história dos povos originários. Assim que encontrou o botão em um museu teve o *insight* para o filme

atrevo a pensá-las, porque gostaria que os povos da água não tivessem desaparecido. Hoje, restam vinte descendentes diretos. Através deles, seu idioma resistiu por séculos ou, talvez, por milhares de anos.

O registro cinematográfico do que resta da língua e do vocabulário Kawésqar⁶⁶¹, através das entrevistas com Martín, Cristina e Gabriela, põe em cena a denúncia da Modernidade como terror, reconhecendo a longa duração do estado de exceção: sendo ele o jugo da soberania, a colonização é vista como “*zonas em que guerra e desordem, figuras internas e externas da política, ficam lado a lado ou se alternam*”.⁶⁶² Por extensão, da mesma maneira que Jemmy Button personificando os povos originários - os “povos da água” - fora trocado por um botão, sendo desterritorializado, o devir contemporâneo estaria assombrado pela gestão da inimizade e de outras técnicas de detenção, desaparecimento e formas morrentes.

A acridez das águas marítimas é quem, novamente, intensifica a melancolia junto das reflexões do poeta Zurita que declara

Olhando o mar, olhando a água, está se olhando a humanidade inteira. Esta terra é tão maravilhosa quanto ensanguentada. Abraça o pior de nós mesmos. Finalmente, em um mundo de vítimas e assassinos, ambos coexistem, somos todos responsáveis por tudo, pelas vítimas e pelos assassinos. Cada ser humano, ninguém em particular. Então, quando acontecem coisas terríveis como ocorrem ao longo da história, mesmo não participando, somos todos responsáveis, como em uma família em que um filho comete um crime e toda a família é afetada.⁶⁶³

O sentimento de que vivemos “*exilados em nossa própria terra*”⁶⁶⁴, tal como Jemmy Button, ganha contemporaneidade a partir das imagens e das reflexões de Pablo Salas, apresentado por volta dos 33 minutos do filme como sobrevivente de um “milagre”; pois, desde 1982, permanece filmando ativamente o cotidiano chileno, revelando nele, sobretudo, o que resta do estado de exceção pinochetista. Iniciado no audiovisual através das atividades de sua mãe, Baby Salas, junto do Teatro Ictus, Pablo participou do grupo Teleanalysis, reconhecido como o noticiário não oficial no Chile dos anos

⁶⁶¹ Os dois primeiros capítulos de *Guzmán – El botón de nácar* (2020) são dedicados à história dos povos originários do território chileno.

⁶⁶² MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições, 2018, p. 35.

⁶⁶³ Cf. relato aos 1h13 minutos em *Botão de nácar*.

⁶⁶⁴ Cf. relato aos 1h11 minutos em *Botão de nácar*.

1980⁶⁶⁵, e atravessou as décadas produzindo imagens sobre a cotidianidade chilena.

Salas entra em cena evocando o “carroceiro voador” de *A Batalha do Chile*: pedalando diante do Estádio Nacional, a sua *mise-en-scène* mantém o apelo poético⁶⁶⁶ de quem se dirige ao passado para dar arranque ao fundo memorialista do filme. Nas palavras de Guzmán, Salas



Imagem 187 – O apelo poético do “carroceiro voador” ...



Imagem 188 -... é lembrado na posta em cena do cinegrafista Pablo Salas aos 33min de *A cordilheira*...

Talvez seja o único cineasta da América Latina e do mundo que tenha filmado a sua própria realidade. Graças às suas imagens, hoje podemos reconstruir as imagens dos anos perdidos da história chilena.

A partir de então, *A cordilheira dos sonhos* reverbera o filme *En nombre de Dios* (1987)⁶⁶⁷, na medida em que remonta as imagens de Salas no *corpus* cinematográfico guzmaniano: da mesma maneira que, em 1987, elas foram tomadas como indícios da resistência da sociedade civil com o apoio da Igreja Católica contra o terrorismo de Estado pinochetista, aqui, em 2019, elas ressurgem justapostas às mobilizações contemporâneas a fim de denunciar a violência latente à sociedade do desempenho.

As entrevistas de Salas em seu escritório abarrotado de fitas magnéticas e dispositivos audiovisuais alude diretamente a *Funes, o memorioso*, a

⁶⁶⁵ CHELEST, A. Op. Cit., p. 44-46.

⁶⁶⁶ RICCIARELLI, C. Op. Cit., p.126.

⁶⁶⁷ RICCIARELLI, C. Op. Cit., pp.157-167.

personagem borgeana que costuma se ver no fundo de um rio, onde não há senão detalhes, quase imediatos

Eu queria filmar tudo para mostrar aqui dentro, não para mostrar lá fora. Lá fora todo mundo já sabia desde o primeiro dia: os presos no Estádio, os mortos no rio Mapocho, os campos de concentração. Isso foi mostrado lá fora, mas aqui não se via. Aqui eles nos contavam o que queria contar. Então, quando começamos a produzir e mostrar as imagens, ninguém queria divulgá-las. Assim foi e quando terminou a ditadura eu me encontrei com todas essas fitas, veja... eu não posso apagá-las, apesar de ter tido que fazer isso muitas vezes... e assim produzi esse arquivo a partir do nada, a partir do desejo de mostrar o que estava passando... é no que fui metido e estou obrigado a mantê-lo... eu queria passar ao fogo em tudo isso, mas... isso tem quantos anos... tem 27 anos que acabou a ditadura pinochetista e toda vez que me mudo eu tenho eu levar uma tonelada de imagens.⁶⁶⁸

Os interstícios temporais entre passado e presente, entre o tempo do acontecimento e os eventos de longa duração são atenuados no momento em que registra como o avanço tecnológico vem redefinindo a lógica do tempo audiovisual

Essa fita durava 20 minutos... e depois, esta fita com todo esse tamanho comporta quatro horas... e assim é, eu te mostro um disco duro (*hard disk*) e ele comporta 1,2 mil horas... isso mudou nossas vidas... e a bateria, olhe essa bateria, ela dura três horas... algo impensável hoje em dia... e se era de noite, você ligava no “modo econômico” e você podia filmar ainda mais... ou seja, se naquele momento tivéssemos os recursos de hoje... de qualquer forma, eu sinto que deveria ter filmado mais, eu tive a chance, mas não o fiz... eu fiz o que pude, mas havia tanta coisa para se filmar...⁶⁶⁹

Diante da imediaticidade dos dispositivos contemporâneos, o lamento por não ter conseguido dar a ver tudo o que era necessário ser visto não implica em uma recusa o dever da memória. Ao contrário, os dez minutos de imagem que empresta à *Cordilheira dos sonhos* são suficientes para se denunciar as linhas de continuidade do passado recente e reafirmar a máxima de que, em política, enganar-se não é desculpa

não há a possibilidade de dizer que não sabia ou não se soube, ou seja, se soube de tudo no mesmo momento... há uma

⁶⁶⁸ Cf. relato aos 41 minutos em *Cordilheira dos sonhos*.

⁶⁶⁹ Idem.

semana atrás disseram “houve erros” ... corrigindo, houve “horrores” e não “erros”!

De maneira mais incisiva do que nos filmes anteriores, Guzmán dialoga com a historiografia crítica à *Concertación* que, desde os anos noventa, já denunciava a Constituição de 1980 e o sistema econômico neoliberal como sinais de triunfo dos setores pinochetistas. As críticas à ordem econômica ganham, aqui, profundidade através dos testemunhos de Salas – “eles dizem, “sim, houve erros, mas estamos felizes com nosso sistema econômico. Eles seguem abusando e abusando do sistema econômico, eles seguem enriquecendo” – e de Baradit, que depõe contra um Chile construído para ser o paradigma da liberdade coercitiva⁶⁷⁰ que rege o contemporâneo



Imagem 189 – O estúdio de Salas aos 37min45seg de *A cordilheira...*

Eu acredito que até hoje o golpe é vitorioso. É preciso se lembrar que o golpe gerou duas coisas: a instalação de um modelo econômico e a estrutura institucional que o sustenta; ou seja, o neoliberalismo e a Constituição de 1980. E isso está aí e ainda persiste... o que houve depois do golpe? Depois dele, o Chile neoliberal não é somente um sistema econômico, mas também uma cosmovisão. O que o neoliberalismo faz é instalar a ideia de rentabilidade não somente na empresa, mas também na vida, na arte, na cultura, na saúde, na educação, tudo deve ser rentável. O Chile é um país rentável para os investimentos estrangeiros. A grande oferta que fazem é que você pode se instalar aqui e ninguém vai te incomodar: não há sindicatos, não há problemas, o seu dinheiro não corre risco porque é um país estável... como ela foi possível? Desde o início de nossa República, essa estabilidade foi possível pelo uso da força.⁶⁷¹

⁶⁷⁰ HAN, B. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 30.

⁶⁷¹ Cf. relato aos 60 minutos em *A cordilheira dos sonhos*.

Pela razão da lógica da inimizade e pela força da positividade da ordem financeira, assim é traduzido o brasão das armas chilenas. Totalmente iluminada pela desregulamentação financeira, a

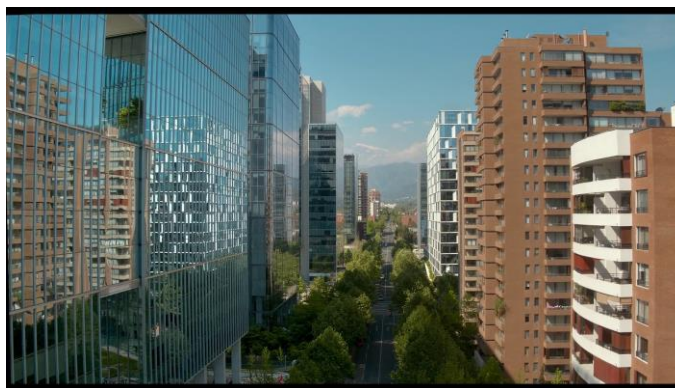


Imagem 190 – As cenas finais de *A cordilheira...* revelam uma cidade narcisista que espelha a si mesma ignorando a natureza em seu entorno.

transparência da sociedade chilena operou, simultaneamente, a opacidade de determinadas dimensões humanas ao absolutizar o trabalho como uma finalidade em si mesmo em detrimento da memória, do sentimento de pertencimento e do tempo da afetividade.

Os impactos da normatividade neoliberal, tais como a autocoação provocada pela corrosão do Estado de Direito pelas demandas financeiras e privatizantes, ganha expressão na sequência de trens fantasmas encerrados em seus curtos-circuitos

Em Chile, existem trens fantasmas que correm pela noite. Eles vêm das minas de perto da cordilheira e me lembram os velhos trens que cruzavam os Andes para ir até a Argentina. Levam os minerais aos portos a qualquer hora, especialmente de noite ou de madrugada. Todos se acostumaram ao seu trajeto sem que alguém pergunte algo, eles não têm horário e levam o cobre, o principal tesouro chileno. Às vezes, param devido ao semáforo vermelho, mas ninguém conhece seus movimentos/ horários.... esses trens invisíveis passam perto de povoados sem nomes onde também vivem homens e mulheres invisíveis. Em Chile, o que não se vê, não existe.⁶⁷²

Os trens carregados e encerrados em movimentos autocentrados evocam a subjetividade empreendedora produzida pela agenda neoliberal. A “fórmula social chilena”, como afirma Baradit, é percebida com melancolia ao ter destruído a ideia de espaço público e reduzido a sua população a vidas sem teleologia

A fórmula social chilena é triste... ontem havia partidos, praças, conselhos de vizinhos e hoje basta andar pelas cidades para

⁶⁷² Cf. relato aos 1h02 minutos em *A cordilheira dos sonhos*.

perceber como são indivíduos que caminham sozinhos em meio à multidão. Eu creio que a tristeza desse país tem a ver com... novamente te digo, não somente com o modelo econômico, mas por estar em meio a um sistema que não se parece com ele... existe um caminho, mas não se sabe aonde vai.⁶⁷³

Diante desse desamparo, até o presente momento, a terceira cinematografia de Patricio Guzmán obstina-se no valor ético da memória com a preocupação de dialogar com as novas gerações e transmitir, para elas, a esperança de *“juventude e alegria”* que um dia conheceu.

Esse *“dever de memória”* segue lastreado pelo prisma pessoal do realizador, pelo seu *“ponto de vista”*⁶⁷⁴, expresso não somente pelo registro de sua locução pessoal, cujo timbre se mostra mais ameno do que nos filmes anteriores, mas também, pela referência à própria cinematografia como um monumento da história chilena, um lugar no qual o país pode reconhecer seus trajetos, marcar suas temporalidades e, enfim, encontrar aquilo que a herança pinochetista quer esquecer.

Por sua vez, a presente análise revela como a trilogia iniciada 2010 empenha-se igualmente em evocar uma dimensão heurística, na medida em que vasculha as analogias entre os *astros* e os *des-astres*, em que ausculta a voz do terror latente nas narrativas heraclitianas, e em que dá a ver o que as dimensões telúricas de seu país escondem.

Essa guinada em direção à imensidão íntima reitera a infância como um *tropo* que contribui para a nota melancólica da trilogia: a destruição daquela “nave de loucos” que teria sido o governo Allende-*Unidad Popular*, a perda da língua nativa Kawésqar e a privação da casa materna são partes de um mesmo afeto que colmam o conjunto do argumento fílmico. É assim que, dialeticamente, Guzmán convida para contemplar a vastidão de suas contemplações íntimas e, aguçando a apreciação de elementos naturais e excitando a admiração daquilo que neles a vista não alcança, ele faz da demora na paisagem chilena uma celebração da memória e da história como tarefas políticas.

⁶⁷³ Inevitavelmente isso nos remete ao mito do Holandês Voador, do século XVII.

⁶⁷⁴ Cf a Conferência lusitana já citada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa empreendeu o esforço de analisar as interpretações históricas e seus desdobramentos filosóficos de um conjunto de filmes compreendidos senão pelo realizador, mas pela sua recepção crítica, como sendo as suas “três trilógicas”. Antes de tudo, foi possível notar como Patricio Guzmán começou a produzir em um momento em que o chamado *Nuevo Cine Latinoamericano* já contava com um conjunto de obras assim delineado também por um arcabouço teórico e circuitos de exibição nacionais e internacionais que forjaram a ideia de cinema como resistência política.

Devido à estadia na Espanha marcada pela formação universitária e pela profissionalização no campo da Publicidade, o realizador sugere que passou ao largo dos debates teóricos e práticos que tomaram conta da *Chile Films*, a estatal destinada às tarefas sociais e políticas do governo Salvador Allende e sua *Unidad Popular*.

Mediada por cineastas como Helvio Soto e Miguel Littín, a instituição se viu marcada por tensões ideológicas, crises econômicas e impasses políticos que foram refletidos pelas produções da época. Por seu turno, Guzmán realizou *El primer año* sob encomenda da estatal e chegou a planejar a produção de um filme de viés histórico-nacionalista como demandava as circunstâncias daquele momento.

Contudo, o auxílio do realizador Chris Marker (com quem rompeu mais tarde devido a impasses nas tarefas de pós-produção) foi decisivo para que Patricio Guzmán formasse uma equipe própria que contou com plena autonomia para registrar as contradições do governo Allende-UP, principalmente ao longo do ano de 1973.

A análise dos filmes de *A batalha do Chile* revela como a montagem articulou imagens de diferentes momentos históricos e cortes nos discursos de Salvador Allende produzidos pela *Chile Films* e em produções televisivas em busca de determinadas coerências diegéticas. Através de artifícios como este, tornou o que era *anacrônico* legível ao grande público e endereçou seus filmes às demandas de denúncia política e solidariedade ao Chile, além de

promoverem intensas articulações com os debates historiográficos realizados na década de 1970 sobre o Chile contemporâneo.

O cotejo com estas contribuições historiográficas contribuiu para mostrar como o filme dimensiona as contradições internas da *Unidad Popular* e as tensões sociais e econômicas geradas a partir de seus impasses ideológicos: ao longo dos filmes, estão expressas intenções de ruptura institucional encabeçadas pelos partidários socialistas, a radicalidade da luta armada e das tomadas de terras e de fábricas dos miristas, adeptos do ideário ligado à Revolução Cubana e, em contrapartida, os lances conciliadores dos partidários comunistas em sintonia com o que aqui denominamos de pastoral allendista.

Ora dedicando-se às questões infraestruturais – aquelas cotidianas e ordinárias que estão ao rés do chão como o desabastecimento de reparos industriais e de comidas, a pobreza nas periferias ou a força dos sindicatos nas manobras de paralisação econômica -, ora destinado as tomadas àquelas que já foram chamadas de “superestruturais” pela escola althusseriana da ideóloga Martha Harnecker que participou ativamente da finalização dos filmes, a dialética que animou a montagem da trilogia também pode ser lida a partir das diferentes instâncias de imagens que ela contém, a saber as *imagens demóticas*, as *imagens demiúrgicas* e as *imagens hostis*.

Este esforço de categorização contribui para se perceber melhor como a magnitude das imagens de multidões e seus devires políticos, aqui denominadas de *imagens demóticas*, tensionavam as pastorais allendistas configuradas como *imagens demiúrgicas* e de natureza extra fílmica, posto que são imagens de arquivo da *Chile Films*. Vale lembrar que estas *imagens demiúrgicas* gradativamente perdem tempo, espaço e intensidade política à medida que a trilogia é finalizada entre 1975 e 1979.

A presença e o valor das imagens televisivas, assim como as tomadas das ações da caserna, das três forças armadas, constituem o que denominamos como *imagens hostis* tendo em vista o reescalonamento de suas magnitudes entre o primeiro e o segundo filme acentuando a crise democrática que culminou no golpe de 11/09/1973. Lembrando que as análises fílmicas, históricas e filosóficas aqui empreendidas se mantiveram atentas à pertinência dos debates de gênero e à necessidade de se revisar os cânones cinematográficos à luz dos estudos do século XXI.

A identificação das forças reacionárias, tanto as militares quanto as civis, torna ainda a trilogia “anacrônica” na medida em que ela transcendeu as condições de seu próprio tempo histórico e reverberou a longo do Chile recente – a exemplo da identificação de personagens sociais e políticas outrora associados aos valores democráticos e cristãos que foram coniventes ou abertamente apoiadores do golpe.

Dessa maneira, seja como ausência, como espectro ou como exercício de rememoração, as imagens de *A batalha do Chile* ganharam um caráter *anadiomênico* ao longo da “segunda trilogia” de Patricio Guzmán, aquela composta por *Chile, memória obstinada* (1997), *O caso Pinochet* (2001) e *Salvador Allende* (2003). A crítica fílmica, histórica e filosófica desta “segunda trilogia” cotejou a historiografia da transição chilena, também conhecida como *Concertación*, e suas demandas de filtragem dos testemunhos pela dor pessoal em busca de consenso social.

Como se pode perceber, apesar de a fortuna crítica recorrer aos fundamentos benjaminianos para compreender as tarefas de rememoração a que seus filmes se propõem, essa tarefa precisa ser relativizada a partir das coordenadas culturais e simbólicas promovidas pela institucionalidade da *Concertación*. Grande parte das “*peças transformadas em personagens*” tem as suas filiações políticas e vieses ideológicos rasurados pela manufatura fílmica gerando, inclusive, situações no mínimo controversas.

Como exemplo, nota-se que em *Chile, memória obstinada* o realizador optou por eliminar da entrevista de Juan Osses os momentos em que tratou de sua filiação mirista, adepto da luta armada, assim como a necessidade que ele sempre sentiu de revelar “a verdade que viveu” sobre os últimos minutos com Allende na qualidade de integrante do *Grupo de Amigos do Presidente*, a sua guarda armada pessoal.

No tocante ao filme *O caso Pinochet*, tem-se um conjunto de testemunhos miristas, defensores da luta armada (e ainda hoje aguerridos na causa revolucionária) que dão sequência a um argumento fílmico aberto e chancelado pelo advogado espanhol e ex-assessor de Salvador Allende, Joan Garcés, legítimo defensor da causa legalista. Além da contradita, resta também aos olhos da crítica histórica a percepção de que as denegações e silenciamentos demandados pelo consenso social também deram a tônica no

conjunto do argumento fílmico da trilogia. Daí a necessidade de se recolocar esse conjunto de filmes como “*trilogia dos testemunhos*” tendo em vista a dimensão ambivalente e contraditória de seus argumentos fílmicos.

Em paralelo, os *refluxos*, as *emergências* e *submersões* daquelas imagens setentistas categorizadas como *imagens anadiomênicas* devido ao seu caráter obsedante. Gradativamente, elas abandonaram as feições espectrais que tinham no filme 1997 para assumirem praticamente metade do tempo do regime fílmico em *Salvador Allende*, em 2003. Em consequência, a cinematografia de Patricio Guzmán assumiu um veio autorreflexivo e deu margem à sua própria monumentalização enquanto os seus filmes dialogaram intensamente com o lema histórico da *Vicaría de la Solidaridad* por “amor, unidade e reconciliação” durante a transição para o Chile contemporâneo.

Dessa maneira o realizador chegou ao século XXI apostando em dispositivos já regulares em sua cinematografia, mas derivando seus argumentos fílmicos para reflexões cada vez mais filosóficas. A estrutura diegética aristotélica, o recurso ao “*gesto arqueológico*” a fim de engajar os espectadores em um tema em comum e a companhia de personagens fraternais e, no limite, familiares, assim como a sua própria narração estão dentre as estratégias tradicionais que podem constituir algo como “o estilo guzmaniano”. Contudo, a partir de *Nostalgia da luz*, 2010, essas estratégias construíram ao longo de *O botão de pérola* (2015) e *A cordilheira dos sonhos* (2019) uma poética do território chileno permeada ora pela sua intimidade, ora pela contemplação de elementais que evocam uma filosofia da natureza, definindo, então, um exercício de heurística, um jogo de aporias capaz de atribuir à contemplação uma valência política.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T. *Notas sobre Literatura*. SP: Duas cidades; Ed. 34, 2003
- AGAMBEN, G. *Homo Sacer – O poder soberano e a vida nua I*. BH: UFMG, 2007
- _____. *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009
- _____. *Estado de exceção*. SP: Boitempo, 2004
- AGGIO, A. O Chile de Allende: entre a derrota e o fracasso. In: FICO, Carlos et al. (Org.). *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. RJ: FGV, 2008
- AGUIAR, C. *O cinema Latino-americano de Chris Marker*. SP: Alameda, 2016
- AGUILERA, Y. (et. al.) *Imagens de um continente*. SP: Fundação Memorial da América Latina, 2016
- ALLOA, E (Org.). *Pensar a imagem*. BH: Autêntica Editora, 2015
- ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang (Org.). *O pensamento alemão no século XX*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. Vols. 1 e 2
- ALTAMIRANO, C. *Dialética de uma derrota*. SP: Brasiliense, 1979
- AMORÓS, M. *Pinochet, biografía militar y política*. Barcelona: Ediciones B
- AMORÓS, Mario. *Allende, la biografía*. Barcelona: Ediciones B. S. A, 2013
- ANDREW, D. *As principais teorias de cinema*. RJ: Zahar, 2002
- ARAVENA, F.; STEFONI, C. (eds.) *El “caso” Pinochet – visiones periféricas de su detención en Londres*. Santiago, Chile: FLACSO-Chile, 2001
- ARAUJO, D.; MORETTIN, E.; BAPTISTA, V. *Ditaduras revisitadas: Cartografias, Memórias e Representações Audiovisuais*. Faro, Portugal: CIAC/ Universidade do Algarve, 2016
- ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008
- ARQUEROS, C. (ed.) *Testigos de una vida de servicio público – testimonios sobre Jaime Guzmán*. Santiago: Fundación Jaime Guzmán, 2017
- AVELLAR, J.C. *A Ponte Clandestina*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- _____. *A forma do filme*. RJ: Zahar, 2002
- AUMONT, J. (et. al.) *A estética do filme*. SP: Papirus, 2012
- _____. *As teorias dos cineastas*. SP: Papirus, 2004
- BACHELARD, G. *Poética do espaço*. SP: Martins Fontes, 2008
- _____. *A poética do devaneio*. SP: Martins Fontes, 1996
- _____. *A água e os sonhos*. SP: Martins Fontes, 1998
- _____. *A psicanálise do fogo*. SP: Martins Fontes, 1998

- BAECQUE, Antoine de. *Cinefilia*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BALÁZS, B. *Theory of the Film: Character and Growth of a New Art*. Nova York, Dover, 1970, pág. 170/171 Disponível em: <<https://archive.org/details/theoryoffilmchar00balz>>. Acessado em 10/01/2020
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Fórmula para o caos – A derrubada de Salvador Allende*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BAUMAN, Z. *Globalização – as consequências humanas*. RJ: Zahar, 1988, p.56
- BAUMAN, Z. *Retrotopia*. RJ: Zahar, 2017
- BERCOVICI, Gilberto. *Carl Schmitt e a tentativa de uma revolução conservadora*. In:
- BERNARDO, J. *Labirintos do Fascismo – na encruzilhada da ordem e da revolta*. Porto: Edições Afrontamento, 2015
- BETHEL, L. (Org.) *Eric e a América Latina*. IN: HOBBSBAWM, E. *Viva a revolução: a Era das Utopias*. SP: Cia das Letras
- BITAR, Sergio. *Transição, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BLANES, Jaume Peris. *Historia del testimonio chileno – De las estrategias de denuncia a las políticas de memoria*. Valencia: Facultat de Filologia, Universitat de Valencia, 2008.
- BOLZONI, F. *El cine de Allende*. Valencia: Fernando-Torres, 1974
- BONGERS, W. *Interferencias del archivo: cortes estéticos y políticos en cine y literatura*. Santiago: Peter Lang, Universidad Católica de Chile, 2016
- BORDWELL, D. *La narración en el cine de ficción*. Barcelona: Paidós, 1985
- BOYM, S. *The future of Nostalgia*. Nova York: Basic Books, 2002
- BRENNAN, Jason. *Contra a democracia*. Lisboa: Gradiva, 2017
- BRETT, S. *El efecto Pinochet – a diez años de Londres 1998*. Santiago: Universidad Diego Portales, 2008
- BURKE, P. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. SP: Editora Unesp, 2017
- CAPELATO, M. [et al.]. – 2º ed. *História e Cinema: dimensões históricas do audiovisual*. SP: Alameda, 2011
- CHARTIER, R. *História cultura – entre práticas e representações sociais*. DIFEL
- CLAUSEWITZ, C. *Da Guerra – Livro um – Da natureza da guerra*. 1832. Disponível em: <<http://almanaquemilitar.com/site/wp-content/uploads/2014/02/Da-Guerra-Carl-Von-Clausewitz.pdf>>. Acessado em 12/02/2020
- COMBLIN, J. *A Ideologia da Segurança Nacional – o poder militar na América Latina*. RJ: Civilização Brasileira, 1978. O livro segue disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=bibliotbnm&pagfis=5633>>. Acessado em 21/12/2019

- COMMOLI, J. *Ver e poder: a inocência perdida – cinema, televisão, ficção e documentário*. BH: Ed. UFMG, 2008
- CORVALAN, L. *De lo vivido y lo peleado – memorias*. Santiago: LOM, 1997
- COUTINHO, Eduardo. O olhar no documentário – Carta-depoimento a Paulo Paranaguá. In: BRAGANÇA, Felipe (Org.). *Eduardo Coutinho: encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
- DAVILA, I. *Cámaras em trance: El Nuevo Cine Latinoamericano, un proyecto cinematográfico subcontinental*. Santiago: Editorial Cuarto Propio, 2015
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo – ensaios sobre a sociedade neoliberal*. SP: Boitempo, 2016
- DA-RIN, Silvio. *Espelho Partido – Tradição e transformação no documentário*. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.
- DELLAMORE, C. AMATO, G.; BATISTA, N. (orgs.) *A ditadura na tela – o cinema documentário e as memórias do regime militar brasileiro*. BH: Editora UFMG, 2018
- DELEUZE, G. *A imagem-tempo*. SP: Brasiliense, 2005
- _____. *A imagem-movimento*. SP: Brasiliense, 1983
- DERRIDA, J. *A farmácia de Platão*. SP: Iluminuras, 2005
- _____. *Palabra! Instantâneas filosóficas*. Santiago: Universidad Arcis, 2001
- DIDI-HUBERMAN, G. *Quando as imagens tomam posição – o olho da história I*. BH: UFMG, 2017
- _____. *O que vemos, o que nos olha*. SP: Editora 34, 2010
- _____. *Diante da imagem*. SP: Editora 34, 2013
- _____. *Diante do tempo – História da Arte e anacronismo das imagens*. BH: UFMG, 2015
- _____. *Que emoção ! Que emoção ?* BH: UFMG, 2013
- _____. *Quando as imagens tomam posição – o olho da história I*. BH: UFMG, 2017
- _____. *Remontagens do tempo sofrido – o olho da história II*. BH: UFMG, 2018
- _____. (Org.). *Levantes*. SP: Edições SESC, 2017
- DINGES, J. *Os anos do Condor: uma década de terrorismo internacional no Cone Sul*. SP: Cia das Letras, 2005.
- DORFMAN, A. *O longo adeus a Pinochet*. SP: Cia das Letras, 2003
- DRAGO, Tito. *Chile – Um duplo sequestro*. Brasília: Thesaurus, 1995a.
- DUARTE-PLON, L. *A tortura como arma de guerra*. RJ: Civilização Brasileira, 2016
- EISENSTEIN, S. *O sentido do filme*. RJ: Zahar, 2002
- _____. *A forma do filme*. RJ: Zahar, 2002

- FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. RJ: Civilização Brasileira, 1968
- FEIGELSON, K.; FRESSATO, S.; NÓVOA, J. *Cinematógrafo: um olhar sobre a História*. Bahia: EDUFBA, 2009
- FERRO, M. *Cinema e História*. RJ: Paz e Terra, 1992
- FIELD, Syd. *Manual do Roteiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001
- FICO, C.; FERREIRA, M.; ARAUJO, M.; QUADRAT, S. (orgs.) *Ditadura e Democracia na América Latina – balanço histórico e perspectivas*. RJ: Ed. FGV, 2008
- FOUCAULT, M. *Segurança, território população*. SP: Martins Fontes, 2008. Aulas dos dias 8, 15 e 22 de fevereiro de 1978
- _____. *Vigiar e punir*. RJ: Vozes, 2020
- _____. *Nascimento da biopolítica*. SP: Martins Fontes, 2008
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: _____. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas, v. 12).
- GAGNEBIN, Jean-Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- _____. *Limiar, aura e rememoração*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- _____. *História e narração em Walter Benjamin*. SP: Perspectiva, 2013
- GARCÉS, Joan. *Allende e as armas da política*. São Paulo: Página Aberta, 1990.
- GARCÍA, F.; SOLA, O. *Salvador Allende – una época en blanco y negro*. Argentina: Aguilar, 1998
- GARCÍA, M. *Las fuentes del Nuevo Cine Latinoamericano*. Ediciones Universitarias de Valparaíso, 2006
- GARRETÓN, M. *El proceso político chileno*. Santiago, Chile: FLACSO, 1983
- _____. *La posibilidad democrática en Chile*. Santiago, Chile: FLACSO, 1989
- _____. *Los partidos y la transformación política de America Latina*. Espanha: CLACSO; Santiago, Chile: FLACSO, 1993
- GASMURI, C.; ARANCIBIA, P.; GONGORA, A. *Eduardo Frei Montalva (1911-1982)*. México; Santiago: Fondo de Cultura Económica: Fundación Eduardo Frei Montalva, 1996
- GAUTHIER, G. *Documentário - Um outro cinema*. SP: Papirus: 2011
- GRENE, R.; PINTO, I (ed.). *La zona Marker*. Santiago: FIDOCs, 2013
- GUERRERO, Claudio; VUSKOVIC, Alekos. *La musica del Nuevo Cine Chileno*. Santiago: Cuarto Propio, 2018
- GUZMÁN, P.; SEMPERE, P. *El cine contra el fascismo*. Valencia: Fernando Torres, 1977.
- GUZMÁN, Patricio. *Filmar lo que no se ve*. Santiago: FIDOCs, 2013.

- HAN, Byung-Chul. *A agonia do Eros*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017
- _____. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017
- _____. *Topologia da violência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017
- _____. *O bom entretenimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019
- _____. *A salvação do belo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019
- _____. *Favor fechar os olhos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019
- HARNECKER, M. *Cuadernos de Educación Popular*. Espanha: Akal Editores, 1979. 11 Vols. Disponível em: <<http://archivo.juventudes.org/marta-harnecker/cuadernos-de-educaci%C3%B3n-popular>>. Acessado em 12/2019
- HARTOG, F. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. BH Autêntica, 2014
- HITLER, A. *Minha Luta*. 1925
- HOBSBAWM, E. *Viva a revolução: a era das utopias na América Latina*. SP: Cia das Letas, 2017
- _____. *Como mudar o mundo – Marx e o marxismo, 1840-2011*. SP: Cia das Letras, 2011
- INFORME DE LA COMISION NACIONAL DE VERDAD Y RECONCILIACIÓN. Corporación Nacional de Reparación y Reconciliación, 1998, 3 tomos
- INFORME DE LA COMISIÓN NACIONAL SOBRE PRISIÓN POLÍTICA Y TORTURA. Ministerio del Interior, Comisión Nacional sobre prisión política y tortura, 2005
- JORDA, R. *El reflejo de la dictadura en el cine chileno – investigación de la etapa entre 1973 y 2010*. Espanha: EAE, 2013
- KEHL, M. *Ressentimento*. SP: Boitempo, 2020
- KLEIN, N. *A doutrina do choque – a ascensão do capitalismo de desastre*. RJ: Nova Fronteira, 2008
- KRACAUER, S. *O ornamento da massa*. SP: Cosac & Naify, 2009
- LABARCA, Eduardo. *Salvador Allende – Biografía sentimental*. Santiago: Catalonia, 2007.
- LABAKI, A. (org.) *A verdade de cada um*. SP: Cosac Naify, 2015
- LAFER, C. *A reconstrução dos direitos humanos – um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*. SP: Cia das Letras, 1988
- LAMOUR, C. *Le Pari chilien*. Paris: Stock, 1972
- LE GOFF, J. *história e memória*. Campinas, SP: Unicamp 1990
- LEJEUNE, P. *El pacto autobiográfico y otros estudios*. Madrid: Megazul-Endymion, 1994
- LEME, C. *Ditadura em imagem e som*. SP: Editora Unesp, 2013
- LEVI, P. *É isto um homem?* RJ: Rocco, 1988
- _____. *A trégua*. SP: Cia das Letras, 1997.

- LITTÍN, M. Cine Cubano 66/67, de março de 1971. In: AVELLAR, José Carlos. *A Ponte Clandestina*. São Paulo: Editora 34, 1995
- LORENZINI, K. *Fragmentos, memorias, imágenes a 40 años del golpe*. Santiago : Museo de la Memoria y los derechos humanos, 2013
- MARCORELLES, Louis. *Une esthétique du réel, le cinema direct*. Paris: Unesco, 1964.
- MARICATO, E. [et al.] *Cidades Rebeldes*, SP: Boitempo, 2013
- MARTIN, M. *A linguagem cinematográfica*. Lisboa: DINALIVRO, 2005
- MARTINS, J. *Nossa América Nuestra – Chile*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016
- MASCARELLO, F. (org.) *História do cinema mundial*. SP: Papirus, 2006
- MAZUELA, O.; PAVONE, I. (eds.) *Archivo oral de Villa Grimaldi- Patrimonio Ciudadano de Testimonios y memorias*. Santiago: Konrad Adenauer Stiftung; Corporación Parque por la Paz Villa Grimaldi, 2020
- MBEMBE, A. *Necropolítica*. SP: N-1 Edições, 2018
- MELEIRO, A. (org.) *Cinema no mundo – indústria, política e mercado – América Latina (Vol. 2)*. SP: Escrituras, 2007
- MODAK, F. *Salvador Allende – pensamiento y acción*. Buenos Aires: Lumen, FLACSO-Brasil, CLACSO, 2008
- MONDZAIN, M. *Imagem, sujeito e poder*. Outra travessia, UFSC, 2º semestre 2016
- _____. *Homo Spectator – ver, fazer ver*. Lisboa: Orfeu Negro, 2015
- MONTEIRO, Fábio. *A história de Salvador Allende no cinema de Patricio Guzmán*. SP: Paco, 2018
- MORALES, J. *Más real que la realidad: conversaciones con documentalistas*. Santiago: FIDOCs, 2011
- MORIN, E. *O cinema ou o homem imaginário*. Lisboa: Moraes Editores 1970
- MOUESCA, J. *Plano secuencia de la memoria de Chile – Veinticinco años de cine chileno (1960-1985)*. Santiago: Ediciones del Litoral, 1988.
- MOUESCA, J.; RIERA, Carlos O. *Breve Historia del Cine Chileno*. Santiago: LOM Ediciones, 2010
- _____. *El documental chileno*. Santiago: LOM, 2005.
- MOULIAN, T. *Chile Actual – Anatomía de un mito*. Santiago: Universidad Arcis, LOM Ediciones, 1998
- _____. *Conversación interrumpida con Allende*. Santiago: Universidad Arcis, LOM Ediciones, 1998
- _____. *El deseo de outro Chile*. Universidad Arcis, LOM Ediciones, 2011
- MURCH, W. *Num piscar de olhos – a edição de um filme sob a ótica de um mestre*. RJ: Zahar, 2004

- NAPOLITANO, M.; MORETTIN, E.; KORNIS, M. (org.). *História e documentário*. RJ: fgv, 2012
- NICHOLS, B. *La representación de la realidad – cuestiones y conceptos sobre el documental*. Barcelona: Paidós, 1997
- _____. *Introdução ao documentário*. São Paulo: Papirus, 2012.
- NIETZSCHE, F. *Segunda consideração intempestiva – da utilidade e desvantagem da história para a vida*. RJ: Relume-Dumará, 2003
- NOBRE, Marcos. *Choque de Democracia*. SP: Cia das Letras, 2013
- PENAFRIA, M. *O paradigma do documentário – Antônio Campos, cineasta*. Covilhã: Labcom, 2009
- _____. (org.) *Tradição e reflexões – contributos para a teoria e estética do documentário*. Covilhã: UBI, Labcom, 2011
- PEÑA, G. *La dictadura de Pinochet a través del cine documental*. Espanha: UNED, 2018
- PINHEIRO, J. (org.) *Ler Althusser*. SP: Cultura Acadêmica, 2016
- POLITZER, P. *Miedo en Chile*. Santiago, Chile: CESOC, 1985
- POZO, J. *Rebeldes, reformistas y revolucionarios – una historia oral de la izquierda chilena en la época de la Unidad Popular*. Santiago: Ediciones Documentas, 1992
- PLATÃO. *Timeu-Crítias*. (trad. Rodolfo Lopes) Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, 2011
- QUINALHA, R. *Justiça de transição: contornos do conceito*. SP: Outras Expressões, 2012
- QUIROGA, P. *Salvador Allende Gossens – obras escogidas* 3 vols. Santiago: Ediciones Lar Castilla, 1988
- QUIROGA, Y.; ENSIGNIA, J. (eds.) *Chile en la Concertación (1990-2010) – una mirada crítica, balance y perspectivas*. Santiago: Friedrich Ebert Stiftung, 2010 Tomos I e II
- RAMOS, F. *Mas afinal, o que é mesmo o documentário?* SP: Senac, 2008.
- RANCIÈRE, J. *Figuras da história*. SP: Editora Unesp, 2018
- _____. *O destino das imagens*. RJ: Contraponto, 2012
- _____. *As distâncias do cinema*. RJ: Contraponto, 2012
- _____. *A partilha do sensível*. SP: EXO Experimental org.: Ed. 34, 2005
- RIBEIRO, M. *Do inimaginável*. Goiânia: Editora UFG, 2019
- RICCIARELLI, Cecilia. *El cine documental según Patricio Guzmán*. Santiago: FIDOCs, 2011.
- RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

RIQUELME, D. *O Cinema Documentário na integração Latino-americana: o ABC do início*. Tese de doutorado defendida no Departamento de Multimeios do Instituto de Artes da Unicamp, 2011

ROSENSTONE, R. *A história nos filmes, os filmes na História*. RJ: Paz e Terra, 2012

RUFINELLI, Jorge. *Patricio Guzmán*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001

_____. *El cine de Patricio Guzmán – En busca de las imágenes verdaderas*. Chile: Uqbar, 2008.

SAID, E. *Reflections on exile : & other literary and cultural essays*. NY: Granta, 2013

SALAZAR, G. *Villa Grimaldi – cuartel terranova, historia, testimonio, reflexión vol. 1*. Santiago: LOM Ediciones, 2013

SALLES, João Moreira. *A dificuldade do documentário*. In: MARTINS, José de Souza.; ECKERT, Cornélia.; NOVAES, Sylvia. Cainby. *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2005.

SANTOS, E. *Imprensa e poder político no Chile: o governo da Unidade Popular e os jornais El Mercurio e La Nación (1970-1973)*. Dissertação de mestrado defendida no Departamento de História da Universidade Federal das Minas Gerais, 2018

SARLO, B. *Tempo passado – cultura da memória e guinada subjetiva*. SP: Cia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007

SCHWENK, T. *Sensitive Chaos – the creation of flowing forms in water and air*. New York: Schocken Books, 1978

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura – O testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Unicamp, 2003.

SELIPRANDY, F. *Documentário e memória intergeracional das ditaduras do Cone Sul*. Tese de doutorado em História Social defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2018

SILVA, C. *Música popular e disputa de hegemonia – a música chilena inspirada nas formas folclóricas e o movimento da Nova Canção Chilena entre 1965-1970*. Dissertação de mestrado defendida no Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, 2008

SILVA, I. *“Por ti, América”: Luta armada, Internacionalismo e Latino-americanismo na trajetória da Junta de Coordinación Revolucionaria*. Tese de doutorado em História Social defendida no Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, 2016

SOBCHACK, Vivian. *Inscrevendo o espaço ético: dez proposições sobre morte, representação e documentário*. In: RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). *Teoria Contemporânea do Cinema*. São Paulo: Senac, 2005. v. 2

STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. São Paulo: Papyrus, 2013.

TELES, E.; SAFATLE, V. *O que resta da ditadura*. SP: Boitempo, 2010

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2000.

TOSI, G. (et al.). *Justiça de transição – direito à justiça, à memória e à verdade*. João Pessoa: Editora UFPB, 2014

VALLEJOS, J. (org.). *Cuando hicimos historia – La experiencia de la Unidad Popular*. Santiago: LOM Ediciones, 2005

VERDEJO, E.; DÁVILA, I.; KABOUS, M. *Guzmán – El botón de nácar*. Paris: Atlante, 2020

VERDUGO, P. *A caravana da morte*. RJ: Revan, 2001

VILARROEL, Monica; MARDONES, Isabel. *Señales contra el olvido: cine chile recobrado*. Santiago: Editorial Cuarto Próprio, 2012

VILLAÇA, Mariana. *Cinema cubano – Revolução e política cultural*. São Paulo: Alameda, 2010.

VIRILIO, P. *Guerra e Cinema*. SP: Boitempo, 2005

WEFFORT, F. (org.) *Os clássicos da política*. (Vol. 1) SP: Ática, 2011

WEINRICHTER, A. *Desvíos de lo real - el cine de no ficción*. Madrid: T&B Editores, 2005

WENDERS, Wim. A paisagem urbana. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* – IPHAN, Rio de Janeiro, n. 23, p. 174-182, 1994.

WIEVIORKA, A. *The Era of the witness*. NY: Cornell University, 2006

WITTE, B. *Walter Benjamin: uma biografia*. BH: Autêntica, 2017

XAVIER, I. (org.) *A experiência do cinema*. RJ: Ed. Graal, 1983

_____. *O discurso cinematográfico – a opacidade e a transparência*. SP: Paz e Terra, 2005

_____. *Sétima arte: um culto moderno – o idealismo estético e o cinema*. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017

ZIZEK, S. *Alguém disse totalitarismo? – cinco intervenções no (mau) uso de uma noção*. SP: Boitempo, 2013

_____. *Violência*. SP: Boitempo, 2014

DISSERTAÇÕES E TESES

ARNAL, A. *La construcción de la memoria y la consciencia histórica em la Batalla de Chile*. Tese defendida na Universitat Rovira i Virgili em 2015

GÓMEZ-BARRIS, M. *Witness Citizenship: The Place of Villa Grimaldi in Chilean Memory*. Sociological Forum, Vol. 25, Nº 1, March 2010

BARROSO, G. *La dictadura de Pinochet a través del cine documental 1973-2014*. Tese de doutorado defendida na Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED), 2016

BESKOW, Cristina Alvares. *O documentário no Nuevo Cine Latinoamericano: olhares e vozes de Geraldo Sarno (Brasil), Raymundo Gleyzer (Argentina) e Santiago Álvarez (Cuba)*, 2016 316p. Tese de Doutorado defendida na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-11012018-155955/pt-br.php>>. Acesso em 01/07/2019

BISPO, Bruno. *As imagens da utopia no cinema de Patricio Guzmán*. Dissertação defendida no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 2016.

BORGES, Elisa de Campos. *O projeto da via chilena ao socialismo do Partido Comunista chileno: nem revisionismo, nem evolucionismo, nem reformismo, nem cópias mecânicas*. 2005. 238 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História Social e da Cultura, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2297>. Acesso em: 3 jun. 2015.

CAVALCANTE, R. “*La vida de los héroes en Chile se escribe en el peligro clandestino*” – *Quilapayún e Inti-Ilumani: a Nova Canção Chilena no exílio (1973-1988)*. Dissertação defendida na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Estado de São Paulo, 2016

CARDENUTO, R. *O cinema político de Leon Hirszman (1976-1981): engajamento e resistência durante o regime militar brasileiro*. Tese de doutorado defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2014

CARRASCO, Claudiney. *Trilha musical – Música e articulação fílmica*. 1993. 131 f. Dissertação (Mestrado em Cinema) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

CASTRO, P. *Texto y contexto: el manifiesto de los cineastas de la Unidad Popular y la construcción de una cultura revolucionaria*. Dissertação para obtenção do título de Mestre em História defendida na Universidad do Chile, 2007

CHELEST, A. *Ainda assim resistimos: a particularidade da mobilização social chilena através das lentes de Salas*. Dissertação de mestrado em História defendida no Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017

CURY, Márcia Carolina. *O protagonismo popular: experiências de classe e movimentos sociais na construção do socialismo chileno (1964-1973)*. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280317/1/Cury_MarciaCarolineOliveira_D.pdf>. Acessado em 12 de dezembro de 2019

DALMÁS, Carine. *Brigadas muralistas e cartazes de propaganda da Experiência Chilena (1970-1973)*. 2006. 191 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16072007-101006/pt-br.php>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

GOMES, Caio de Souza. *“Quando um muro separa, uma ponte une”*: conexões transnacionais na canção engajada na América Latina (anos 1960/1970). 2013. 230 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013

GUIMARÃES, Saulo P. *Argentina – visões brasileiras*. BSB, IPRI, 2000. Disponível em: <http://funag.gov.br/biblioteca/download/63-Argentina_Visoos_Brasileiras.pdf>. Acessado em 26 de outubro de 2019

GRAY, D. *Placing memory: postdictatorial documentaries in the Southern Cone*. Tese defendida para o requerimento do título de Doutor de Filosofia em Filmes e Estudos de Mídia na University of California, 2015

JOLY, J. *Le cinéma de Patricio Guzmán. Histoire, mémoires, engagements : un itinéraire transnational*. Tese de doutoramento defendida na Universidade de Paris 3, em junho de 2018

LAPOUBLE, C. *Tramas da Cordilheira: tessituras entre identidade e cinema documentário contemporâneo na região andina a partir de características estilísticas*. Dissertação defendida no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal das Minas Gerais (UFMG) em março de 2014

MEZAROBBA, G. *O preço do esquecimento: as reparações pagas às vítimas do regime militar (uma comparação entre Brasil, Argentina e Chile)*. Tese de doutorado em Ciência Política defendida no Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007

MORENO, C. *El documental en Chile de Posdictadura(1991-2002): apuntes de una memoria herida*. Dissertação de mestrado em Estudos Latino-americanos defendida na Facultad de Filosofía y Humanidades Centro de Estudios Latinoamericanos da Universidad de Chile, 2005

NÚÑEZ, Fabián Rodrigo Magioli. *O que é Nuevo Cine Latinoamericano?* – O cinema moderno na América Latina segundo as revistas cinematográficas especializadas latino-americanas. 2009. 656 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. Disponível em: <http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3727>. Acesso em: 20 jun. 2015.

PACHECO, V.; MENEZES, E. *A influência da mídia na ditadura chilena: Clarín e El Mercurio sob a perspectiva dos aparelhos ideológicos de estado*. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0048-1.pdf>>. Acessado em 1 de outubro de 2019

PALOMINO, A.; CASTRO, M. *Transformaciones del discurso demócrata cristiano como pacto concertación en las elecciones parlamentarias desde 1993 a 2001*. Tese de Licenciatura em Comunicação Social defendida na Facultad de Ciencias de la Comunicación e Información – Escuela de Periodismo, Universidad Diego Portales, 2003

PAZZANESE, R. *Fotogramas operários no documentário paulistano: uma análise sobre as representações das classes populares na luta política e sindical brasileira dos anos 1970*. Tese de doutorado defendida na Faculdade

de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018

RIOS, T. *O cinema arqueológico de Patricio Guzmán*. Dissertação defendida no Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) em abril de 2014.

RIQUELME, Diego Ivan Caroca. *O cinema documentário na integração latino-americana: o ABC do início*, 2011 363 p. Tese de Doutorado em Multimeios no Instituto de Artes da Unicamp, Campinas, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_d567d05b54f2485534337826c615d030>. Acessada em 01 de julho de 2019

RODRIGUES, N. *O cinema estético-ideológico da Unidad Popular no contexto do Nuevo Cine Latinoamericano*. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo, 2009

RODRÍGUEZ, Juan Carlos. *The post-dictatorial documentaries of Patricio Guzmán: Chile, obstinate memory; The Pinochet case and Island of Robinson Crusoe*. 2007. 282 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Departamento de Literatura, Universidade Duke, Durham, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10161/203>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

SAMPAIO, Emanuel. *A presença do discurso denominado “teoria dos dois demônios” no cenário institucional brasileiro entre as décadas de 1970 a 2010 e suas consequências na inacabada justiça de transição no Brasil*. Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/184147>>. Acessado em 10/05/2020

SANTOS, E. *Imprensa e poder político no Chile: o governo da Unidade Popular e os jornais El Mercurio e La Nación (1970-1973)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B2SMFN/1/dissertacao_emmanuel_final.pdf>. Acessado em dezembro de 2019

SCHERBOSVKY, N. *Usos y estrategias de lo real en la construcción del cine revolucionario de Patricio Guzmán: el caso del documental "la Batalla de Chile"*. Tese de mestrado defendida no Depto de Antropología, História y Humanidades, FLACSO, Equador, 2016

SCHMIEDECKE, N. *“Nuestra mejor contribución la hacemos cantando”: a nova canção chilena e a “questão cultural” da Unidad Popular*. Tese de doutorado em História defendida na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual de São Paulo, 2017

SILVA, Alexsandro de Sousa. *A filmografia de Miguel Littín entre o exílio e a clandestinidade (1973-1990)*. 2015. 284 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13112015-155507/pt-br.php>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

SILVA, Carla de Medeiros. *Música Popular e disputa de hegemonia: a música chilena inspirada nas formas folclóricas e o movimento da Nova Canção Chilena entre 1965- 1970*. 2008.141 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2008_SILVA_Carla_de_Medeiros-S.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2015.

SILVA, Êça Pereira da. *Araucaria de Chile (1978-1990): a intelectualidade chilena no exílio*. 2009. 166 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30112009-150205/pt-br.php>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

SILVA, I. *Luta armada, internacionalismo e latino-americanismo na trajetória da Junta de Coordinación Revolucionaria*. Tese defendida no Departamento de História da Universidade Federal Fluminense para o título de doutora em 2016. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1808.pdf>

SZEGVARI, N. *Collecting Stardust: matter, memory and trauma in Patricio Guzmán Nostalgia for the light*. Dissertação de mestrado em Artes defendida no Departamento de Humanidades e Estudos Culturais da *University of South Florida*, 2013

TELLES, J. *Memórias do cárcere da ditadura: os testemunhos e as lutas dos presos políticos no Brasil*. Tese de doutorado em História defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011

VILLAÇA, L. *Nostalgia da luz e o filme-ensaio: uma proposta de análise a partir da trajetória cinematográfica de Patricio Guzmán*. Dissertação defendida na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) em 2015.

VILLARROEL, L. *O país dos cineastas: cinema e identidade chilena da década de 1990-2000*. Dissertação de mestrado em Comunicação e Informação defendida na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003

ARTIGOS

ACEITUNO, D. *I love Pinochet 2.0*. Com distintos acentos, Instituto de Iberoamerica, USAL, Espanha, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/38574374/I_Love_Pinochet_2_0_Con_distintos_Acentos_Instituto_de_Iberoamerica_USAL_Espa%C3%B1a_2019>. Acessado em janeiro de 2020

AGGIO, A. Lições: A experiência de Salvador Allende. In: *Teoria e Debate*. SP: Fundação Perseu Abramo. Vol 22, out, 1993. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/?q=materias/internacional/licoes-experiencia-de-salvador-allende#sthash.3Il6GJEI.dpuf>>

AGUIAR, C. Cinema e História: documentário de arquivo como lugar de memória. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 31, n. 62, p. 235-250, 2011.

_____. *Espacios cerrados transnacionales: narrativas de la izquierda tras el golpe de Chile*. Nuevos Mundos, Mundos nuevos. Imagens, memórias e sons, 2019. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/nuevomundo/76370?lang=pt>>. Acessado em junho de 2020

ALTHUSSER, L. *Conferência sobre a ditadura do proletariado*. IN: *Lutas Sociais*, SP, vol. 18 n. 33. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/25740>> Acessado em janeiro de 2020

AYLWIN, P. *La Comisión Chilena sobre la verdad y reconciliación*. Disponível em: <<https://www.corteidh.or.cr/tablas/a12050.pdf>> Acessado em janeiro de 2020

BARRENHA, Natalia Christofolletti. Herdeiros do exílio: memória e subjetividade em três documentários chilenos contemporâneos. *Doc On-line*, Covilhã/Campinas, n.15, p. 195-228, dez. 2013. Disponível em: <www.doc.ubi.pt>. Acesso em: 15 jun. 2015. 178

BLANES, Jaume Peris. Los tiempos de la violencia en Chile: la memoria obstinada de Patricio Guzmán. *Alpha*, Osorno, n. 28, p. 153-168, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/alpha/n28/art10.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

_____. *Cantar espanto. Escrituras poéticas em el universo concentracionário chileno*. *Quaderns de Filologia: Estudis Literaris XXI*: 155-172. doi: 10.7203/qdfed.21.9340 Disponível em: <<https://ojs.uv.es/index.php/qdfed>>. Acessado em janeiro de 2020

_____. Usos del testimonio y políticas de la memoria: el caso chileno. In: MORA, José Babiano (Coord.). *Represión, derechos humanos, memoria y archivos – Una perspectiva latinoamericana*. Madrid: Ediciones GPS, 2010

BONOTTO, André. Nichols fala sobre documentário: vozes e reconstituições, *Doc On-line*, Covilhã/Campinas, n. 6, p. 250-263, ago. 2009. Disponível em: <www.doc.ubi.pt/06/doc06.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2015.

BORGES, E. *¡Con la UP ahora somos Gobierno! A experiência dos Cordones Industriales no Chile de Allende*. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2011

BORGES, Elisa. *O Partido Socialista do Chile e a questão do poder popular durante o governo Salvador Allende (1970-1973)*. Disponível em: <<http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Elisa%20de%20Camp%20os%20Borges%20Anais%20do%20XII%20Encontro%20Internacional%20da%20ANPHLAC.pdf>> Acessado em 12/02/2020

BOSI, A. *Entrevista com Jacques Choncol*. *Estudos Avançados*, v.8, nº 21, 1994, Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200016> Acessado em 12/12/2019

BOSSAY, C. *Allende en su laberinto*. La Fuga, 17, 2015, ISSN : 0718-5316, disponível em: <<http://2016.lafuga.cl/allende-en-su-laberinto/743>> Acessado em janeiro de 2020

_____. *Cineastas al rescate de la memoria reciente chilena*. Imagofagia – Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual (ASAECA), nº04, 2011. Disponível em: <<http://www.asaeca.org/imagofagia/index.php/imagofagia/article/view/165>> Acessado em março de 2020

_____. *El Protagonismo de lo Visual en el Trauma Histórico: Dicotomías en las Lecturas de lo Visual Durante la Unidad Popular, la Dictadura y la Transición a la Democracia*. Comunicación y Medios, n. 29 (2014). ISSN 0719-1529 pp. 106-118.

Instituto de la Comunicación e Imagen. Universidad de Chile. Disponível em: <<https://comunicacionymedios.uchile.cl/index.php/RCM/article/view/30176>> Acessado em maio de 2019.

BRISEÑO, V.; LARRAÍN, G.; NARANJO, R.; ROMÁN, J. *Pedro Chaskel entre el pasado y el futuro*. Entrevista disponível em: <<http://cinechile.cl/archivos-de-prensa/pedro-chaskel-entre-el-pasado-y-el-presente/>> Acessado em 12/11/2019

CARMONA, D. *Chile Films dice: iniciamos el despegue con el paro de octubre*. Revista Chile Hoy, nº 44, abril-1973

CHAUVIN, I. *Una comunidad de melancólicos: cartografías afectivas en dos documentales de Raúl Ruiz y Patricio Guzmán*. Les Cahiers ALHIM, 30, 2015. Disponível em: <<http://alhim.revues.org/5314>> Acessado em março de 2020

COELHO, S. *Democracia Cristã e populismo: um marco histórico comparativo entre o Brasil e o Chile*. Revista de Sociologia e Política nº 15, 67-82, nov-2000

CORNEJO, T. *Filmar a contrapelo: el cine de Helvio Soto durante la Unidad Popular*. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/262428084_Filmar_a_contrapelo_el_cine_de_Helvio_Soto_durante_la_Unidad_Popular> Acessado em 15/12/2019

CURSINO, Adriana; LINS, Consuelo. O tempo do olhar: arquivo em documentários de observação e autobiográficos. *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 9, n. 17, p. 87-99, jan./jun. 2010.

CRISTIÁ, M. *Imágenes robadas a la represión chilena. Redes transnacionales de denuncia y cine contrainformacional durante la dictadura de Augusto Pinochet*. Historia y Sociedad, no. 37 (julio 2019): 173-200. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15446/hys.n37.74268>>. Acessado em julho de 2020

CROXATTO, G. *Entrevista a Juan Guzmán Tapia: el juez que procesó a Pinochet*. Lecciones y Ensayos, Nº. 96, 2016. Disponível em: <<https://revistas-colaboracion.juridicas.unam.mx/index.php/lecciones-ensayos/article/view/34003>> Acessado em março de 2020

DEBRAY, Régis. *Salvador Allende – Conversaciones con Régis Debray*. Disponível em: <<https://www.marxists.org/espanol/allende/1971/marzo16.htm>> Acessado em 12 de outubro de 2019.

DÁVILA, Ignacio. O conceito de “novidade” no projeto do Nuevo Cine Latinoamericano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 51, p. 173-192, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21862013000100010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 jun. 2015.

_____. Revolução desde a montanha e revolução desde a planície: duas representações cinematográficas da Unidade Popular. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História -ANPHU. Natal. 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364157683_ARQUIVO_CineUPAnpuh1_DELVALLE_FINAL.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2015.

_____. *Os esquecidos 1980: Guzmán e a resistência espiritual latino-americana*. IN: *Paixão de memória: Patricio Guzmán*. (org) Luis Ludmer; curadoria Laura Faerman, Luis Ludmer – SP: IVH, 2017

DÁVILA, I.; AGUIAR, C.; *A via chilena em debate: análise de Compañero Presidente (1971) e El Diálogo de América (1972)*. IN: *Revista Significação*, v. 40, nº 40, 2013 págs. 158/159.

DIETZ, A. Políticas de impunidad y reconciliación en la Transición y Posdictadura chilena. IN: *Revista de Derechos Humanos y Estudios Sociales*, ano IV, nº 07, Enero-Julio 2012.

DIGIOVANNI, L. *Modes of Silence and Resistance: Chilean Documentary and Gendered Torture*. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/309962200_Modes_of_Silence_and_Resistance_Chilean_Documentary_and_Gendered_Torture> Acessado em março de 2020

DITTUS, R. *El cine anti-amnesico de Patricio Guzmán*. ALAIC, 2014, Disponível em: <<http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2014/10/GI4-Rub+%C2%AE-Dittus.pdf>>. Acessado em fevereiro de 2020

DOMINGUEZ, F. *Os efeitos políticos da detenção de Pinochet*. Revista Adusp, outubro de 1999. Disponível em: <<https://www.adusp.org.br/files/revistas/18/r18a07.pdf>> Acessado em fevereiro de 2000

DONOSO, S. *When social movements become a democratizing force: the Political impact of the student movement in Chile*. Protest, Social Movements and Global Democracy Since 2011: New Perspectives Research in Social Movements, Conflicts and Change, Volume 39, 167-196

EPPS, B. (2017) *The Unbearable Lightness of Bones: Memory, Emotion, and Pedagogy in Patricio Guzmán's Chile, La Memoria Obstinate and Nostalgia de la luz*. Journal of Latin American Cultural Studies, 26:4, 483-502. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/13569325.2016.1229661>> Acessado em março de 2020

ESPINOSA, Júlio García. Por um cine imperfecto. *Revista Universitária do Audiovisual*, São Carlos, p. 1-9, set. 2010. Disponível em: <http://imágenesdelsur.cicbata.org/sites/default/files/Por%20un%20cine%20imperfecto_JG_Espinosa.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2015.

FARIÑA, I. “*Approcher l’insaisissable vérité*”: *entretien avec Pedro Chaskel autour de ses documentaires cubains*. Doc On-line, SI 2019, setembro de 2019, Disponível em: <www.doc.ubi.pt> , pp. 318-335

FELDMAN, I. Imagens apesar de tudo: problemas e polêmicas em torno da representação, de *Shoah* a *O filho de Saul*. ARS, ano 14, nº 28. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/124999>>

FERREIRA, Marieta de Moraes. [Interlocução em um debate com o diretor Eduardo Coutinho]. In: COUTINHO, E. O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade, *Projeto História*, São Paulo, n. 17, p. 165-191, 1997. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11228>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

FRANCIA, A. *Todo cine es un engaño*. Entrevista concedida à revista *Primer Plan* em 01/07/1972. Disponível em: <<http://cinechile.cl/archivos-de-prensa/entrevista-a-aldo-francia-todo-cine-es-un-engano/>> Acessado em 07/12/2019

FRANKIN, Yanet. Resenha do livro *La tristeza de los tigres y los misterios de Raúl Ruiz*, de Verónica Cortinez e Manfred Engelbert, p. 09 Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/287395684_La_Tristeza_de_los_tigres_y_los_misterios_de_Raul_Ruiz_Santiago> Acessado em 05/12/2019> Acessado em março de 2020

FRITZ, K. *El “apagón cultural” en Chile: políticas culturales y censura en la dictadura de Pinochet 1973-1983*. *Outros Tempos*, vol. 10, n.16, 2013 p. 104-129. Disponível em: <https://outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uma/article/view/285> Acessado em março de 2020

GANDARILLAS, Héctor Soto. El primer año, de Patricio Guzmán. *Primer Plano*, Valparaíso, n. 4, [n. p.], 1972. Disponível em: <<http://cinechile.cl/archivo-31>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

GARRETÓN, M. *La redemocratización política en Chile – transición, inauguración y evolución*. *Estudios Públicos*, nº 42, 1991. Disponível em: <<https://www.cepchile.cl/cep/estudios-publicos/n-31-a-la-60/estudios-publicos-n-42/la-redemocratizacion-politica-en-chile-transicion-inauguracion-y>> Acessado em março de 2020

GARRETÓN, M.; GARRETÓN, R. *La democracia incompleta en Chile: La realidad tras los rankings Internacionales*. *Revista de Ciencia Política*, V. 30, nº 01, 2010, pp. 115 -148. Disponível em: <https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-090X2010000100007> Acessado em abril de 2020

_____. *Mobilizações populares, regime militar e transição para democracia no Chile*. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, 16, Mar/1989. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/rStCX4Sn4RHcdqCNhPqn7bL/?lang=pt>> Acessado em abril de 2020

_____. *Del postpinochetismo a la sociedad democrática – ¿es posible un cambio de época en el sentido indicado?*

GARRETÓN, R. *Chile: la herencia maldita*. Revista Sin Permiso, 2013. Disponível em: <<https://www.sinpermiso.info/textos/chile-la-herencia-maldita-entrevista>> Acessado em abril de 2020

_____. *Mesa del dialogo sobre Derechos Humanos*. Centro de Estudios Miguel Enríquez, 24/09/1999. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Derechos_humanos/M_Dialogo/interv/hhddinterv0005.pdf> Acessado em abril de 2020

GARRIDO, J. A “*inmunidade soberana*” de Pinochet contestada. Lua Nova, nº 49, 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/Wcfhh4bqD3tkM5bdzynBHt/abstract/?lang=pt>> Acessado em abril de 2020

GATZEMEIER, Claudia. Con la bala em la mira: el caso de Leonard Henrichsen y su representación en diferentes contextos mediales. *A Contracorriente*, Raleigh, v. 12, n. 1, set./nov. 2014, p. 212-228. Disponível em: <<http://acontracorriente.chass.ncsu.edu/index.php/acontracorriente/article/view/>

GONZALÉZ, Mónica. Ni rendición ni avión, respondió Allende a los generales golpistas. *Archivo Chile* – Centro de Estudios Miguel Enríquez, [s. l.], p. 1-5, [1990]. Disponível em: <http://www.archivochile.com/S_Allende_UP/doc_sobre_sallende/

GRILLO, S. *Patricio Guzmán y la (est)ética del agua*. Fotocinema, Revista Científica de Cine y Fotografía. Nº20, 2020. Disponível em: <<https://revistas.uma.es/index.php/fotocinema/citationstylelanguage/get/harvard-cite-them-right?submissionId=7589>> Acessado em abril de 2020

GRUMM, Cristina. *Bombardeio ao Palácio La Moneda: testemunho e memória no cine documental de Patricio Guzmán*. Disponível em: <[https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1525752939_ARQ_UIVO_2018-ANPUH-SP\[LaBatalladeChile\].pdf](https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1525752939_ARQ_UIVO_2018-ANPUH-SP[LaBatalladeChile].pdf)> Acessado em 05/11/2019

GUERRA, S. *A ditadura superexposta: experiências do olhar sobre o passado autoritário no Brasil e em Portugal*. Revista Porto 4 (3): 122-135, 2016

GUIMARÃES, C. *O que é uma comunidade de Cinema?* Revista Eco Pós, V. 18, nº 01, 2015

GUIMARÃES, C.; GUIMARÃES, V. *Da política no documentário às políticas do documentário: notas para uma perspectiva de análise*. Revista Galáxia, São Paulo, nº 22, p. 77-88, dez. 2011

HAU, B. *Chile, una democracia consolidada luego de 27 años de luchas por la Justicia y la Verdad para las víctimas de la dictadura*. Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos, Bauru, v. 5, n. 2, p. 133-152, jul./dez., 2017. Disponível em: <<https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/525>> Acessado em abril de 2020

HERCEG, J. *Lugares de encuentro en los espacios del horror - acercamiento testimonial a los centros de detención y/o tortura chilenos*. Kamtchaka – Revista de Análisis Cultural, nº 06, 2015. Disponível em: <<https://ojs.uv.es/index.php/kamchatka/article/view/6812>>

HUNEEUS, C.; LANAS, M. *Ciencia política e historia. Eduardo Cruz-Coke y el estado bienestar en Chile, 1937-1938*. Historia (Santiago. 2002, vol. 35, pp.

151-186. Disponível em:
<https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=es&user=Kq4dWnoAAAAJ&citation_for_view=Kq4dWnoAAAAJ:NaGl4SEjCO4C> Acessado em abril de 2020

HUNEEUS, C.; BERRÍOS, F. *El congreso nacional chileno*. Disponível em:
<[https://www2.congreso.gob.pe/sicr/cendocbib/con4_uibd.nsf/07A5359C5FF5477705257A37005F6551/\\$FILE/ELCONGRESONACIONALCHILENOCarlosHuneeusyFabiolaBerr%C3%ADos.pdf](https://www2.congreso.gob.pe/sicr/cendocbib/con4_uibd.nsf/07A5359C5FF5477705257A37005F6551/$FILE/ELCONGRESONACIONALCHILENOCarlosHuneeusyFabiolaBerr%C3%ADos.pdf)> Acessado em abril de 2020

HUNEEUS, C.; MALDONADO, L. *Demócratas ey nostálgicos del antiguo régimen. Los apoyos a la democracia en Chile*. Revista Reis, Centro de Investigaciones Sociológicas, pp. 9-49, 2003. Disponível em:
<https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=es&user=Kq4dWnoAAAAJ&citation_for_view=Kq4dWnoAAAAJ:YsMSGlbcyi4C> Acessado em abril de 2020

HUNEEUS, C. *Las consecuencias del caso Pinochet en la política chilena*. Revista Austral de Ciencias Sociales, nº 23, 2012, pp. 61-82. Disponível em:
<<https://www.redalyc.org/pdf/459/45928389004.pdf>> Acessado em maio de 2020

_____. *La derecha en el Chile después de Pinochet: el caso de la unión demócrata independiente*. Kellogg Institute for International Studies, Working Papers 285, July 2001. Disponível em:
<<https://kellogg.nd.edu/documents/1602>> Acessado em maio de 2020

_____. *La autodisolución de la “Democracia Protegida” en Chile – cambios institucionales y el fin del régimen del General Pinochet*. Revista de Ciencia Política, Vol, 19, 1997. Disponível em:
<<http://ojs.uc.cl/index.php/rcp/article/view/7028>> Acessado em maio de 2020

_____. *La inauguración de la democracia en Chile – Reforma en el procedimiento y ruptura en el contenido democrático?* Revista de Ciencia Política, Vol, 8, nº 01, 1986. Disponível em:
<<http://ojs.uc.cl/index.php/rcp/article/view/6602>> Acessado em maio de 2020

_____. *La política de la apertura y sus implicancias para la inauguración de la democracia en Chile*. Revista de Ciencia Política, Vol, 7, nº 01, 1985. Disponível em: <<http://ojs.uc.cl/index.php/rcp/article/view/6626>> Acessado em maio de 2020

_____. *La transición ha terminado*. Revista de Ciencia Política, v. 16, nº 1-2, 1994. Disponível em:
<<http://ojs.uc.cl/index.php/rcp/article/view/6930>> Acessado em maio de 2020

_____. *Malestar y desencanto en Chile – legados del autoritarismo y costos de la transición*. Papeles de trabajo – Programa de Estudios Prospectivos 54, 1998/9, Disponível em:
<https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=es&user=Kq4dWnoAAAAJ&citation_for_view=Kq4dWnoAAAAJ:35N4QoGY0k4C> Acessado em maio de 2020

_____. *Los cambios institucionales al sistema económico durante la transición a la democracia em Chile – del neoliberalismo a la economía social*

de mercado. Revista Ciencia Política, v. XX, nº 2, 2000. Disponível em: <<http://ojs.uc.cl/index.php/rcp/article/view/7096>> Acessado em maio de 2020

_____. *Organización e liderazgo en los partidos políticos – um análisis comparado de Alemania, España y Chile*. Revista de Ciencia Política, Vol. XXI, nº 1, 2001. Disponível em: <<http://ojs.uc.cl/index.php/rcp/article/view/7120>> Acessado em maio de 2020

_____. *Por qué ha funcionado el presidencialismo en Chile? Factores institucionales y el liderazgo de Patricio Aylwin*. Universidad Alberto Hurtado, Facultad Ciencias Sociales, 2005. Disponível em: <https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=es&user=Kq4dWnoAAAAJ&citation_for_view=Kq4dWnoAAAAJ:RYcK_YIVTxYC> Acessado em maio de 2020

_____. *Problemas de institucionalización de los partidos políticos en una nueva democracia – el caso de Chile*. Revista Ciencia Política, v. 20, nº 01, 1999. Disponível em: <<http://ojs.uc.cl/index.php/rcp/article/view/7064>> Acessado em maio de 2020

_____. *Tecnócratas y políticos en un régimen autoritario – los “ODEPLAN boys” y los “gremialistas” en el Chile de Pinochet*. Revista Ciencia Política, v. XIX, nº 02, pp. 125-158, 1998. Disponível em: <https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=es&user=Kq4dWnoAAAAJ&citation_for_view=Kq4dWnoAAAAJ:f2lySw72cVMC> Acessado em maio de 2020

_____. *Un partido con un alto grado de institucionalización. El PDC del Chile*. Revista Christian Democracy in Latin America: electoral competition and regime conflicts, Stanford University Press, pp. 121-161, 2003. Disponível em: <https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=es&user=Kq4dWnoAAAAJ&citation_for_view=Kq4dWnoAAAAJ:08ZZubdj9fEC> Acessado em maio de 2020

_____. *Variedades de governos de coalizão no presidencialismo - Chile, 1990-2010*. Revista de Ciências Sociais, v. 55, nº 4, oct-dec 2012, pp. 887-910. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582012000400002&lng=pt&nrm=iso> Acessado em maio de 2020

IBAÑEZ, M. *La memoria obstinada. El cine documental de Patricio Guzmán y la revolución chilena de Salvador Allende*. III Congreso Internacional de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual, ASAECA, 2012. Disponível em: <http://asaeca.org/aactas/iba_ez_noelia_-_ponencia.pdf> Acessado em maio de 2020

JUNIOR, H.; ANGELI, E. *Hayek, Campos e a defesa do autoritarismo*. XXI Encontro de Economia da Região Sul - ANPEC/SUL 2018. Disponível em: <https://www.anpec.org.br/sul/2018/submissao/files_l/i1-fb4e88bfd13c3a619a7f5652544e118f.pdf> Acessado em maio de 2020

KALTWASSER, C. *Populism vs Constitutionalism ? Comparative perspectives on contemporary Western Europe, Latin America, and the United States*. The Foudantion for Law, Justice and Society, 12/12/2013. Disponível em:

<<https://www.fljs.org/populism-vs-constitutionalism-comparative-perspectives-contemporary-western-europe-latin-america>> Acessado em setembro de 2020

KUMAR, A. *From erotics to poetics of Documentary remembering: Patricio Guzmán's Battle of Chile (1979) and Chile: na obstinated memory (1997)*. Eras, Edition 13, Issue 1, Dec 2011. Disponível em: <https://www.monash.edu/_data/assets/pdf_file/0008/1672622/akshaya-kumar-erotics.pdf> Acessado em maio de 2020

LAGNY, M. *Imagens audiovisuais e história do tempo presente*. Tradução de Olívia Joffily, Fabio Macedo e Mathilde Zagala. Tempo e Argumento, Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, v.4, nº 1, p23-44, jan/jul 2012

LATTANZI, L.; OSSA, C.; TRONCOSO, V. *Memorias em Movimiento – las batallas culturales de la imagen en la Unidad Popular*. Centro Cultural La Moneda, Cineteca Nacional de Chile. Disponível em: <<https://www.cclm.cl/colecciones/memorias-en-movimiento-coleccion-up/>> Acessado em maio de 2020

LEANDRO, Anita. A voz inaudível dos arquivos. In: *Estudos de Cinema e Audiovisual SOCINE*, XIII, 2012. São Paulo. *Anais...* São Paulo: Socine, 2012. p. 27-38.

LE MOS, G.; SANTOS, C. *A contribuição de Estados Unidos e Cuba para a desestabilização do Governo Allende*. Contemporâneos, Revista de História Contemporânea, nº 1, nov-abril, 2008

LIMA, F.; FERNANDES, L. *Pelos olhos de uma criança: as ditaduras militares latino-americanas no cinema contemporâneo*. Anos 90, Porto Alegre, v. 20, nº 38, p. 411-439, 12/2013

LOUREIRO, Felipe. *Dois pesos, duas medidas: os acordos financeiros de maio de 1961 entre Brasil e EUA durante os governos de Jânio Quadros e João Goulart (1961-1962)*. Economia e Sociedade, Campinas, v.22, n.2 (48) p.547-576, ago. 2013 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ecos/v22n2/a09v22n2.pdf> Acessado em 05/12/2019> Acessado em maio de 2020

AMANN, D.; ROHT-ARRIAZA, N.; BARTON, J.; CONCHA, J.; BROTHERSTON, G.; POBLETE, J. *Entrevista Baltazar Garzón en Stanford*. Nuevo Texto Crítico, Vol. XVII-XVIII, Nº 33-36, 2004-2005, pp.27-57

MARÍN, PABLO. *Texto y contexto: El Manifiesto de los cineastas de la Unidad Popular y la construcción de una cultura revolucionaria*. Dissertação apresentada à Facultad de Filosofía y Humanidades da Universidad do Chile para obtenção do título de Mestre em História, 2007. Disponível em: <http://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/108962/fi-marín_p.pdf?sequence=3&isAllowed=y> Acessado em 02/12/2019

MARYLIN. *El joven Ruiz, provocador o revolucionario?* Revista La Fuga. Disponível em: <<http://www.lafuga.cl/tres-tristes-tigres/227>> Acessado em 01/12/2019

MASCAREÑO, Aldo. *La Constitución de 1925. Crisis y legitimación constitucional en perspectiva sociológica*. Disponível em:

<<file:///C:/Users/F%C3%A1bio/Downloads/2017MascareoConstitucin1925.pdf>>
Acessado em 17 de novembro de 2019

MELLO, Jamer Guterres de. A apropriação de imagens de arquivo na obra de Harun Farocki e Péter Forgács. *DOC Online*, Covilhã/Campinas, n. 13, p. 71-88, dez. 2012. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/13/dossier_jamer_mello.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2015.

MENDES, R. *Anticomunismo, Democracia e Geopolítica segundo Pinochet*. História Unisinos, 16 (1): 15-27, Jan-Abr 2012. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/download/htu.2012.161.02/819/8005>>

MENDES, R. *40 anos do 11 de setembro: o golpe militar no Chile*. Revista de Estudos Políticos, nº 7, 2013/02. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revista_estudos_politicos/article/view/38811/22252>
Acessado em janeiro de 2020

MONDZAIN, M. *Imagem, sujeito e poder*. Outra travessia, Revista de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, 2016/02, pp. 175-192

MONTEIRO, L. *Longa duração, análise (pós-)fílmica e o texto ainda inencontrável. Um estudo de As mil e uma noites (2015) e Canção para um triste mistério (2016)*. REVISTA PASSAGENS - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. Vol. 8. Nº 2. Ano 2017. Páginas 112-134.

_____. *O cinema existe e resiste. Longa duração, análise fílmica e espectralidade nos filmes de Lav Diaz*. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318614665_O_cinema_existe_e_resiste_Longa_duracao_analise_filmica_e_espectatorialidade_nos_filmes_de_Lav_Diaz>

_____. *Das narrativas de fundação às narrativas de dissolução. A questão da identidade nacional no cinema contemporâneo*. Revista Galáxia (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 38, mai-ago., 2018, p. 154-166.

PERRON, T. *Le cinéma militant*. Disponível em: <www.peripherie.asso.fr/mouvement-ouvrie-et-cinema/le-cinema-militant>
Acessado em agosto de 2020

QUINALHA, R. *Com quantos lados se faz uma verdade? Notas sobre a Comissão Nacional da Verdade e a “teoria dos dois demônios”*. Revista Jurídica da Presidência Brasília v. 15 n. 105 Fev./Mai. 2013 pp. 181-204

MULLALY, L. *La batalla por la memoria de Patricio Guzmán*. Amélie Florenchie; Dominique Breton. Nuevos dispositivos enunciativos en la era intermedial, 1, Orbis Tertius, pp.225-253, 2015, Disponível em: <<https://hal-u-bordeaux-montaigne.archives-ouvertes.fr/hal-02541948/document>> Acessado em fevereiro de 2020

NAPOLITANO, M.; JUNQUEIRA, M. *Como historiadores e professores devem lidar com negacionismos e revisionismos*. Síntese dos debates e posicionamentos surgidos no evento promovido pelo Departamento de História da FFLCH / USP – Universidade de São Paulo intitulado *Negacionismos e*

revisionismos: o conhecimento histórico sob ameaça. Disponível em: <<https://www.upf.br/IFCH/agenda/negacionismos-e-revisionismos-o-conhecimento-historico-sob-ameaca>> Acessado em julho de 2019

NETO, A. *O julgamento de Augusto Pinochet - Ideias sobre a relação memória-esquecimento na elaboração de traumas coletivos*. Revista Latino-americana. Psicopatologia Fundamental, IV, 3, pp. 47-60. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/RJ8tDCnDsCWzwTqMQwrQHqQ/abstract/?lang=pt>> Acessado em julho de 2020

NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares, *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

OLIVEIRA, R. *O que se entende por estado de sítio?* Disponível em: <<https://lfq.jusbrasil.com.br/noticias/2127608/o-que-se-entende-por-estado-de-sitio-rodolfo-marques-de-oliveira>> Acessado em 05/06/2020> Acessado em 10/05/2020

PACHECO, V.; MENEZES, E. *A influência da mídia na ditadura chilena: Clarín e El Mercurio sob a perspectiva dos aparelhos ideológicos de estado*. Intercom. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, junho de 2015.

PALACIOS, J. *Resistance vs exile: the political rethoric of Chilean exile cinema in the 1970's*. Jump Cut, 20/11/2016 Disponível em <https://www.ejumpcut.org/archive/jc57.2016/-PalaciosChile/index.html>

_____. *Montar lo invisible – Pedro Chaskel y La Batalla de Chile*. Disponível em: <https://www.academia.edu/4271167/Montar_lo_invisible_Pedro_Chaskel_y_La_Batalla_de_Chile> Acessado em maio de 2020

_____. *Chilean exile Cinema and its homecoming documentaries*. IN: PRIME, R. *Cinematic Homecoming – Exile and returnins transnational Cinema*. New York: Bloomsbury Academic, 2015, págs. 147-168

PINTO, Iván. Entrevista a Patricio Guzmán. Disponível em: <<http://elangelexterminador.com.ar/articulosnro.22/guzman.html>>. Acessada em 02/01/2020

RÉNIQUE, José Luis. Chile y retos de uma memória obstinada. *Archivo Chile* – Centro de Estudios Miguel Enriquez, [s. l.], p. 1-6, set. 1998. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Ceme/recup_memoria/cemememo0022.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2015.

REYES, C. *La dictadura militar en Chile frente al desempleo: alguns aspectos de la mirada política 1973-1978*. Estudos Ibero-americanos, Instituto de Historia, Pontificia Universidade Católica de Valparaíso, v. 44, nº 02, 2018. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/27199>> Acessado em outubro de 2020

_____. *Del experimento socialista a la experiencia neoliberal - reflexiones Históricas sobre Chile actual*. Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. 40, n. 2, p. 202-223, jul.-dez. 2014. Disponível em: <

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5967831>> Acessado em outubro de 2020

_____. *Chile 1970-1973: las versiones oficiales, interpretaciones y planteos políticos. Avance hacia una nueva interpretación*. Boletín Americanista, nº 55, 2005. Disponível em: <<https://revistes.ub.edu/index.php/BoletinAmericanista/article/view/13082>>

RIQUELME, I. (Org). *Nuestro Cine – Aldo Francia, Antología*. Disponível em: <<http://www.ccplm.cl/sitio/wp-content/uploads/2015/12/antolog%C3%ADa-aldo-francia-texto-completo.pdf>>. Acessado em 10/12/2019

ROCHA, Glauber. *Eztetyka da fome*. Disponível em: <<https://hambrecine.files.wordpress.com/2013/09/eztetyka-da-fome.pdf>>. acessado em 21/12/2019

RODRÍGUEZ, I. *Giro subjetivo en el documental político latinoamericano: el caso de Patricio Guzmán*. Revista Imagofagia – Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual (ASAECA) Nº 2, 2010

ROMAN, J. *Dos tiempos para la Utopía: festivales de cine latinoamericano*. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-71812010000200002>. Acessado em junho de 2020

SADEK, Isis. *Memoria especializada y arqueología del presente en el cine de Patricio Guzmán*. Cine Documental, n. 8, p. 28-71, 2013. Disponível em: <<http://revista.cinedocumental.com.ar/memoria-espacializada-y-arqueologia-del-presente-en-el-cine-de-patricio-guzman>>. Acessado em janeiro de 2019

SCHERBOVSKY, N. *La construcción política de las imágenes. Representaciones de la “lucha de clases” y del “pueblo” en La batalla de Chile*. Revista de Antropología Visual. Nº 28 - Santiago, 2020, pp. 1/22

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a Política da Memória: o Tempo depois das Catástrofes. *Projeto História – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da PUC- SP*, v. 30, p. 71-98, jun./2005. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2255/1348>> Acessado em novembro de 2020

SERRANO, J. 1973: *Año cero del capitalismo global*. Universidad Academia de Humanismo Cristiano. Tiempo Histórico. Nº6 /15-31/ Santiago-Chile. 2013. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.academia.cl/xmlui/handle/123456789/1726>> Acessado em junho de 2020

SOTO, H.; SALINAS, S.; *Entrevista a Patricio Guzmán: “Más vale una sólida formación política que la destreza artesanal.”* Disponível em: <<http://cinechile.cl/archivos-de-prensa/entrevista-a-patricio-guzman-mas-vale-una-solida-formacion-politica-que-la-destreza-artesanal/>> Acessado em 02/12/2019

TEDESCO, M. *Da esfera privada à realização cinematográfica: a chegada das mulheres latino-americanas ao posto de diretoras de cinema*. Revista Extraprensa, 5(2) 97-105. Disponível em: <

<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/77253>> Acessado em agosto de 2020

_____. *Nuevo Cine Latinoamericano: uma análise do cânone a partir do gênero*. Aletria, Belo Horizonte, ahead of print, 2019 Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/download/23945/19394/68352>> Acessado em agosto de 2020

VALENZUELA, Valeria. Yo te digo que el mundo es así: giro performativo en el documental chileno contemporáneo, *DOC Online*, Covilhã/Campinas, n. 1, p. 6-22, dez. 2006. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/01/artigo_valeria_valenzuela.pdf> Acessado em maio de 2020

VOLUSPA, Jarpa. Historia, archivo e imagen: sobre la necesidad de simbolizar la historia. *A Contracorriente*, Raleigh, vol. 12, n. 1, p. 14-29, set./nov. 2014. Disponível em: <<https://acontracorriente.chass.ncsu.edu/index.php/acontracorriente/article/view/1295>> Acessado em junho de 2020

ZERÁN, Faride. *Encuentros con el Poder Popular*. Disponível em: <<http://cinechile.cl/archivos-de-prensa/encuentros-con-el-poder-popular/>> Acessado em maio de 2020

FONTES TEXTUAIS E AUDIOVISUAIS

24.CL: “*Presidente Piñera pide perdón y anuncia paquete de 20 medidas de Agenda Social*”. 22/10/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JIPfH76A_BI> acessado em 28/11/2019

BBC BRASIL: “*Protestos no Chile: presidente Sebastian Piñera diz à BBC que não renuncia, mas admite mudar Constituição da ditadura*”. 05/11/2019 Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50300490>>, acessado em 28/11/2019

BIÉNZOBAS, P. *the duty of memory in the films of Patricio Guzmán: resisting obstinate oblivion*. Disponível em: <<https://www.idfa.nl/en/article/118773/the-duty-of-memory-in-the-films-of-patricio-guzm%C3%A1n-resisting-obstinate-oblivion>> Acessado em 03/12/2019

CADEM - *Encuesta Plaza Pública*. Disponível em: <<https://plazapublica.cl/wp-content/uploads/2019/11/Track-PP-306-Noviembre-S3-okokokokokVFC.pdf>> , acessada em 27/11/2019

CAMBERO, F. *Piñera, do Chile, tem 6% de popularidade, a mais baixa aprovação desde a volta da democracia*. 16/01/2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/01/16/protestos-no-chile-derrubam-apoio-a-pinera-cai-a-minimo-desde-volta-da-democracia.ghtml>> Acessado em 20/01/2019> Acessado em maio de 2020

CNN (Chile) Gal. Iturriaga “*Soy un hombre feliz, no estoy feliz con nadie*”. 24/10/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TiH0wzENnw8&t=128s>>, acessado em 28/11/2019

CNN CHILE “*Marta Lagos: Con la baja confianza en las instituciones estamos listos para el populismo*”. 28/05/2019. Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QRQctbRKH3I>>, acessada em 25/11/2019

Diálogo com Pedro Chaskel na Asociación Argentina de Estudios sobre Cine y Audiovisual (ASAECA) 2018, Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R8OFL8BI9fM>> Acessado em 17/11/2019

DECLARACIÓN de Principios del gobierno de Chile. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Dictadura_militar/doc_jm_gob_pino8/DMdocjm0005.pdf> Acessado em maio de 2020

EYZAGUIRRE, A. *Patricio Guzmán, Cine Documental y Memoria*. Centro Cultural La Moneda, Cineteca Nacional de Chile. Santiago: Chile, 2018

EKAISER, E. *La mediación del Vaticano en favor de Pinochet se gestó en la sede del Opus Dei en Roma*. El País, 20/02/1999. Disponível em: <https://elpais.com/diario/1999/02/21/internacional/919551606_850215.html> Acessado em maio de 2020

_____. Coluna de Ernesto Ekaiser, artigos diversos acessados ao longo do primeiro semestre de 2020. Disponíveis em: <<https://elpais.com/autor/ernesto-ekaizer/68/>>

DW Español: “*Tiempos convulsos para América Latina*”. 25/11/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aakxxzL2IKA>> Acessado em 26/11/2019

BETIM, F. “*As elites políticas são irresponsáveis aceitando tudo o que Bolsonaro diz*” – entrevista com Cristóbal Kaltwasser. El PAÍS, 16/09/2019 Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/15/politica/1568544791_745359.html>, acessada em 27/11/2019

EL PAÍS: “*Presidente do Equador decreta a militarização e o toque de recolher em Quito*”. 13/10/2019 Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/12/internacional/1570904125_657075.html>, acessada em 27/11/2019

em BBC CHILE: “*Protestas em Chile: las grietas del sistema econômico*”. 25/10/2019 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=chiWVxreqhU>> Acessado em maio de 2020

FOLHA: “*Renda no Chile, país que inspira equipe de Bolsonaro: vai a US\$ 25mil*”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/11/renda-no-chile-o-pais-que-inspira-equipe-de-bolsonaro-vai-a-us-25-mil.shtml>>, Acessado em maio de 2020

FRANCE 24 Español: “*La ola de protestas que sacude América Latina*”. Noticiário disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V3O68VaeQo>>, acessado em 27/11/2019

GIMÉNEZ, D.; GARCÉS, M.; ABDUL-MALAK, X. *Informe preliminar sobre fichas de Colonia Dignidad*. Londres 38 Espacio de Memoria, março de 2021. Disponível em: <<https://www.londres38.cl/1934/w3-article-97466.html>> Acessado em maio de 2020

INDH: “Una reforma a las policías es esencial para superar bien esta crisis”. 19/11/2019. Disponível em: <<https://www.indh.cl/indh-una-reforma-a-las-policias-es-esencial-para-superar-bien-esta-crisis/>> Acessado em 12/12/2019

LAMB, B. *Edward Said Reflections on exile and other essays*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8EvoZ7vgu0A>> Acessado em maio de 2020

LATERCERA: “Estamos en guerra: amplio rechazo opositor a dichos de Piñera”. 21/10/2019. Disponível em: <<https://www.latercera.com/politica/noticia/estamos-guerra-amplio-rechazo-opositor-dichos-presidente-pinera/870702/>>, acessado em 28/11/2019

LUDMER, L. (org.) *Paixão pela memória: Patricio Guzmán*. São Paulo: Instituto Vladimir Herzog, 2017

MINISTÉRIO DE LAS CULTURAS, LAS ARTES Y EL PATRIMONIO. *Patricio Guzmán, Cine Documental y Memoria*. Disponível em: <<https://issuu.com/consejodelacultura/docs/cuaderno-pedagogico-patricio-guzman>> Acessado em janeiro de 2019

MIRANDA, LAING. *Protestos no Chile deixam 11 mortos; Piñera diz que Chile enfrenta inimigo poderoso*. REUTERS, 21/10/19. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/topNews/idBRKBN1X0223-OBRTTP>>, acessado em 28/11/19

MONDZAIN, M. *A zona das imagens*. Curso ministrado no Museu de Arte do RJ em novembro de 2013. Aulas disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=blE6LcyR3Ps>> e em <<https://www.youtube.com/watch?v=MUcawRerlpk>> Acessadas em julho de 2020

NEXO: “A crise das esquerdas: reflexões sobre o cenário brasileiro e mundial”. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/estante/trechos/2017/06/22/%E2%80%99A-crise-das-esquerdas%E2%80%99-reflex%C3%B5es-sobre-os-cen%C3%A1rios-brasileiro-e-mundial>>. Acessado em maio de 2020

NEXO: “Os protestos no Chile. E o histórico de reivindicações populares no país”. 21/10/2019. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/10/21/Os-protestos-no-Chile.-E-o-hist%C3%B3rico-de-reivindica%C3%A7%C3%B5es-populares-no-pa%C3%ADs>>. Acessado em 28/11/2019

ROJAS, G. 11 de marzo de 1974 *Que declaración!* El Mercurio, 13/03/2019. Disponível em: <<http://www.economiaynegocios.cl/noticias/noticias.asp?id=553422>> Acessado em maio de 2020

SEMINARIO UNIDADE POPULAR. *Seminário 50 anos da Unidad Popular, diversos vídeos*. Disponíveis em: <https://www.youtube.com/channel/UCiwU0r0x_PrgcC08h0iYoIA> Acessado em novembro de 2020

THE INCERCEPT BRASIL: “Os erros liberais do Chile estão sendo repetidos aqui por Paulo Guedes”. 27/10/2019 Disponível em:

<<https://theintercept.com/2019/10/27/chile-paulo-guedes-chicago-boys-liberalismo-crise-bolsonaro/>>, acessado em 28/11/2019

TV BOITEMPO: “Entendendo o precariado – Ruy Braga – 1 Crise e agência política dos subalternos.” 14/06/2018 Reportagem disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=MRVkv2b8No8>> Acessado em 26/11/2019

UNIVERSIDAD DIEGO PORTALES. *Lanzamiento del libro “La Batalla de Chile, historia de una película”.* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UNxtMJCTE7o&t=41s>> Acessado em: novembro de 2020

ENTREVISTAS REALIZADAS

MONTEIRO, F. *O cinema de Miguel Littín - entrevista com Alexsandro Silva.* Realizada em 14/09/2021. Disponível em: <<https://youtu.be/Bs-L9BOd9EQ>>

_____. *A Nostalgia da Luz - entrevista com Luís Villaça.* Realizada em 21/09/2021. Disponível em: <<https://youtu.be/58RIJ0xoJQE>>

_____. *Revisionismos e memórias contestadas - entrevista com Natália Barud.* Realizada em 19/10/2021. Disponível em: <<https://youtu.be/i5iVBBIFGf8>>

_____. *A Batalha do Chile - entrevista com Natacha Scherbovsky.* Realizada em 05/10/2021. Disponível em: <<https://youtu.be/IS94HPyYyTo>>

_____. *Cinema, Memória e Direitos Humanos - entrevista com Marcelo Ribeiro.* Realizada em 19/10/2021. Disponível em: <<https://youtu.be/evU57d6S66Y>>

_____. *Cinema e Democracia brasileira nos anos 1970 - entrevista com Regina Egger.* Realizada em 25/11/2021. Disponível em: <https://youtu.be/i_7Q6lIRWM4>

_____. *O cinema documentário latino-americano - entrevista com Cristina Beskow.* Realizada em 14/04/2021. Disponível em: <<https://youtu.be/v4bXYdew9y0>>

_____. *Entrevista com Fernando Acuña.* Realizada em 12/03/2021. Disponível em: <<https://youtu.be/XW0REU2zQBY>>

_____. *Entrevista com Rogério Ivano.* Realizada em 12/03/2021. Disponível em: <<https://youtu.be/5pTtGGsgqY>>

_____. *Entrevista com Juan Rodríguez.* Realizada em 12/03/2021. Disponível em: <<https://youtu.be/s2ripD6fJLY>>

FILMOGRAFIA

ABORTO. Direção: Pedro Chaskel: Cine Experimental de la Universidad de Chile, 1966, 27min.

ACTION j. Direção: Walter Heynowski, 1961, 100min.

ALLENDE en su laberinto. Direção: Miguel Littín, 2014, 100min.

APUNTES sobre la tortura y otras formas de diálogo. Direção: Patricio Guzmán, 1968, 15min.

ARAÑA. Direção: Andrés Wood. 2019, 105min.

ASTRONOMOS de mi barrio. Direção: Patricio Guzmán, 2010, 14min.

JOSE Maza. Direção: Patricio Guzmán, 2010, 13min.

A Valparaiso. Direção: Joris Ivens: Cine Experimental de la Universidad de Chile, 1963, 26 min.

CALICHE Sangriento. Direção: Helvio Soto: Chile Films. 1969. 120min.

CALLE Santa Fe. Direção: Carmen Castillo, 2007, 243min.

CHE una imagen percorre el mundo. Direção: Pedro Chaskel: ICAIC. 1980. 13min.

CHILE, una galaxia de problemas. Direção: Patricio Guzmán, 2010, 33min.

CHILE, la memoria obstinada. Direção: Patricio Guzmán. [S. I.]: Les films d'Ici, ONF, Arte. 1997. 60min.

CICATRIZ. Direção: Sebastián Alarcón. Chile-Rússia, 1999

COLONIA Penal. Direção: Raul Ruiz: Chile Films. 1970. 75min.

COMPAÑERO Presidente. Direção: Miguel Littín: Chile Films. 1970. 65min.

CORDILLERA de los sueños. Direção: Patricio Guzmán, 2019, 100min.

CUBA sí. Direção: Chris Marker, 1961, 52min.

DE AMERICA soy hijo... y a ella me debo. Direção: Santiago Álvarez. [S. I.]: ICAIC, 1972. 120min.

DEATH and the maiden. Direção: Román Polanski. Francia-Gran Bretaña-EUA, 1994

DER FALL Kissinger. Direção: Wilfried Huismann. [S. I.]: Westdeutscher Rundfunk, 2001. 44min.

DER LACHENDE Mann - Bekenntnisse eines Mörders. Direção: Walter Heynowski & Gerhard Scheumann, 1966, 62min.

DESCOMEDIDOS y chascones. Direção: Carlos Flores: Cine Experimental de la Universidad de Chile. 1973. 75min.

DIÁLOGOS de exilados. Direção Raul Ruiz. 1974. 100min.

EL ASTUTO mono Pinochet contra la moneda de los cerdos. Direção: Iván Osnovikoff; Bettina Perut, 2004, 72min.

EL BOTÓN de nácar. Direção Patricio Guzmán: Atacama Productions, France 3, Mediapro, Valdivia Films. 2015. 88min.

EL CHACAL de nahueltoro. Direção: Miguel Littín: Cine Experimental de la Universidad de Chile, 1969, 94min

EL CASO Pinochet. Direção Patricio Guzmán: Yves Jeanneau. 2001. 110min.

EL CLUB. Direção: Pablo Larraín, 2015, 100min.

EL DIARIO de Agustín. Direção: Ignacio Agüero: Amazonía Films. 2008. 80min.

EL DOBLE exilio de la pintura. Direção: Paulo Novoa, 2012, 90min.

EL GOLPE blanco. Direção: Walter Heynowski e Gerhard Scheumann. [S. l.]: Studio H&S, 1975. 77min.

EL MOCITO. Direção: Marcela Said; Jean de Certeau: Icalma films. 2011. 70min.

EL MURO chileno. Direção: Mathias Meier; María Paz Salas, 2012, 26min.

EN NOMBRE de Dios. Direção: Patricio Guzmán: TV Espanha. 1987. 90min.

EL PAÍS de mi padre. Direção: Carmen Castillo, 2004, 75min.

EL PRIMER año. Direção: Patricio Guzmán. [S. l.]: Chile Films, 1972. 100min.

EL REALISMO socialista. Direção: Raul Ruiz, Valeria Sarmiento: Chile Films. 1973. 100min.

EL TREN de la victoria. Direção Joris Ivens, 1964

ENTREVISTA com Allende. Direção: Saul Landau, Haskel Wexler. 1972. 32min.

ÉRASE una vez. Direção: Helvio Soto: Cine Experimental de la Universidad de Chile, 1964, 25 min.

ESTADO de sítio. Direção: Costa-Gavras 1972. 120min.

ESTADIO nacional. Direção: Carmen Luz Parot, 2001, 100min.

FILMAR obstinadamente encontro com Patricio Guzmán. Direção: Boris Nicot, 2014, 100min.

I LOVE Pinochet. Direção: Marcela Said. 2001. 50min.

IL n'y a pas d'oubli (No hay olvido). Direção: Jorge Farardo. 1975. 100min.

IL PLEUT sur Santiago. Direção: Helvio Soto: Jacques Charrier. 1976. 112min.

IMAGEN latente. Direção : Pablo Perelman, 1987, 93min.

IMAGERIES d'un dictature. Direção: Patricio Henriquez. 2004. 56min.

JOSE Maza. Direção: Patricio Guzmán, 2010, 13min.

JOURNAL inachevé. Direção Marilú Mallet. 1982. 50min.

KOMMANDO 52. Direção: Walter Heynowski & Gerhard Scheumann, 1965, 33min.

LA BATALLA del Chile. Direção: Patricio Guzmán. [S. l.]: Equipe Tercer Año, Chris Marker, ICAIC, 1973-1979. 300min. Trilogia.

LA CIUDAD de los fotógrafos. Direção: Sebastián Moreno, 2006, 80 min.

LA CRUZ del sur. Direção: Patricio Guzmán. 1992. 80min.

LA FLACA Alejandra. Direção: Carmen Castillo, Guy Girard. Producción: France 3, L'INA, 1994, 60min.

LA FORZA e la ragione. Direção: Roberto Rossellini, 1971, 43min.

LA FRONTERA. Direção: Ricardo Larraín. Mara Sanchez; Dolores Soler, 1991, 120min.

LA GUERRA de los momios. Direção: Walter Heynowski, Gerhard Scheumann e Peter Hellmich. [S. I.]: Studio H&S, 1974. 90min.

LA GUERRA necessária. Direção: Santiago Álvarez: ICAIC. 1980. 110min.

LA HORA de los hornos. Direção: Fernando Solanas et Octavio Getino, 1968, 260min.

LA MUERTE de Pinochet. Direção: Bettina Perut, Iván Osnovikoff. 2011. 77min.

LA PRIMAVERA de Chile. Direção: Cristián Cárcamo, 2012, 103min.

LA SOLITUDE du chanteur de fond. Direção : Chris Marker, 1974, 60 min.

LA SPIRALE. Direção : Armand Mattelart, Valérie Mayoux et Jacqueline Meppiel, 1976, 138 min.

LA TELENÓVELA, Raoul Ruiz & Valeria Sarmiento. 2017. 80min.

LA TIERRA prometida. Direção: Miguel Littín: Universidad de Chile, Tercer Mundo, 120min, 1973.

LE CHILI: um nouveau Cuba? Direção: Maurice Friedland. [S. I.]: ORTF, INA, 1970. 22min.

LE DERNIER combat de Salvador Allende. Direção: Patricio Henríquez. [S. I.]: Macumba International, 1998. 56min.

LE FOND de l'air est rouge, Chris Marker, 1977, 240min.

LE JOLI mai, Chris Marker et Pierre Lhomme, 1963, 165min.

LES TRANSPLANTES. Direção: Percy Matas. 1975.

MACHUCA. Direção: Andres Wood, 2004, 121min.

MARKER 72. Direção: Miguel Angel Vidaurre, 2012, 67min.

MADRID. Direção: Patricio Guzmán. 2002. 20min.

MÁS fuerte que el fuego – Las últimas horas en La Moneda. Direção: Walter Heynowski e Gerhard Scheumann. [S. I.]: Studio H&S, 1978. 72min.

MEMORIAS del subdesarrollo, Tomas Gutierrez Alea, 1968, 104min.

METAMORFOSIS de un jefe de policía política. Direção: Helvio Soto: Chile Films. 1973. 100min.

MI Julio Verne. Direção: Patricio Guzmán. 2005. 56min

MI vida con Carlos. Direção: Germán Berger-Hertz, 2010, 80min.

NELTUME 81. Direção: Evelyn Campos, Cristian Fuentes y Andrea Sanchéz, 2012, 81min.

NERUDA. Direção: Pablo Larraín, 2016, 107min.

NO. Direção: Pablo Larraín, 2012, 117min.

NO es hora de llorar. Direção: Pedro Chaskel: Cine Experimental de la Universidad de Chile, 1971, 37min.

NOCHE sobre Santiago. Direção: Sebastian Alarcón: URSS. 1977. 92min.

NOMBRE de Guerra - Miguel Enriquez. Direção: Patricio Castilla, 1975, 45min.

NOSTALGIA de la luz. Direção: Patricio Guzmán. 2015. 90min.

NUIT et brouillard, Alain Resnais, 1956, 32min.

OF love and shadows. Direção: Betty Kaplan. 1994, 103min.

OK. Direção: Walter Heynowski, 1964, 34min.

ON vous parle du Chili. Francia. Realización: Miguel Littín, Chris Marker. Producción: Collectif SLON, 1973, 16min.

OPUS Dei, una cruzada silenciosa, Marcela Said et Jean de Certeau, 2006, 52min.

OSCAR Saa. Direção: Patricio Guzmán, 2010, 10min.

PALOMITA blanca, Raul Ruiz, 1973, 125min.

PAPÁ Ivan. Direção: María Inés Rodríguez, 2004, 55min.

PATRICIO Guzmán, une histoire chilienne, Catalina Villar, 2001, 54min.

PINOCHET. Direção: Ignacio Zegers: Corporación 11 de septiembre. 2012. 120min.

PINOCHET desnudo. Direção: José María Berzosa, 1976, 100min.

POR la tierra Ajena. Direção: Miguel Littín: Cine Experimental de la Universidad de Chile, 1965, 5 min.

POST mortem. Direção: Pablo Larraín, 2010, 100min.

PRIMERO de mayo. Direção: Luis Sanz: Cine Experimental de la Universidad de Chile, 1971, 5 min.

PUEBLO en vilo. Direção: Patricio Guzmán, 1995, 48min.

QUE Hacer! Direção Saul Landau, Raul Ruiz. 1972. 90min.

REGRESO al silencio. Direção: Naum Kramarenko. 1967. 122min.

ROBINSON 1999, Robinson Crusoe. 1999. 42min.

SALVADOR Allende. Direção: Patricio Guzmán. [S. l.]: JBA Productions, 2004. 100min.

SANTIAGO Itália. Direção: Nani Moretti, 2018, 100min.

SECRETOS. Direção: Valeria Sarmiento IFF: Spectrum, 2009, 85min

SEPTEMBRE Chilien. Direção: Bruno Muel, Théo Robichet, Valérie Mayoux., 1973, 39min

SHOAH. Direção: Claude Lanzmann, 1985, 613min.

THE judge and the general. Direção: Elizabeth Farnsworth; Patricio Lafranco, 2008, 85min.

TIRE die. Direção: Fernando Birri. 1960. 35min.

TODO es ausência. Direção: Rodolfo Khun, 1984, 110min.

TRES Miradas a la calle. Direção: Naum Kramarenko. 1957. 80min.

UN viaje interior - una jornada con Conchalí Big Band. Direção: Andrés Carrasco Garlick, 2002, 50min.

VALPARAISO mi amor. Direção: Aldo Francia. 1969. 90min.

VENCEREMOS. Direção: Pedro Chaskel, Hector Ríos: Cine Experimental de la Universidad de Chile, 1970, 15min.

VIOLETA se fue a los cielos, Andres Wood, 2011, 110min.

VOTO+Fuzil. Direção: Helvio Soto. 1971. 100 min.

YA no te irás. Direção: Marilú Mallet. 1971. 10min.

YA no basta con rezar. Direção: Aldo Francia. 1973. 90min

YO he sido, yo soy, yo seré. Direção: Walter Heynowski e Gerhard Scheumann. [S. l.]: Studio H&S, 1974. 77min.

YO tenía um camarada. Direção: Helvio Soto: Cine Experimental de la Universidad de Chile, 1964, 35min;

Z. Direção: Costa-Gavras, 1969, 127min.

ANEXOS

ANEXO 01 - TRANSCRIÇÃO E MINUTAGEM DE “A BATALHA DO CHILE – A INSURREIÇÃO DA BURGUESIA” (1975)

Direção: Patricio Guzmán

Câmera: Jorge Müller Silva

Técnico de som: Bernardo Menz

Edição: Pedro Chaskel

Colaboração: Federico Elton, José Bartolomé, Guillermo Cahn

Narração: Abilio Fernandez

Produção: Equipe Tercer Año, Chris Marker, ICAIC

3’28. VOZ OVER

Seis meses antes do bombardeio ao Palácio La Moneda, o povo chileno enfrenta eleições para a renovar do Parlamento. As forças políticas se apresentam divididas em dois blocos: de um lado, a oposição de centro-direita formada pelos partidos Democracia Cristã e Nacional. Do outro lado, os partidos de esquerda agrupados na UP que apoiarão um parlamento para Salvador Allende.

(o povo na rua grita “a esquerda unida jamais será vencida”!)

4’09. PG NAS ENQUETES

PG: Quem vai ganhar as eleições domingo?

Motorista: sou apolítico, não sei opinar.

Sra: a oposição tem que ganhar. Por quanto? Não sei, nem imagino

“Frei, Jarpa, Labbé, os três dão no mesmo!”

PG: Sra, em que vai votar?

Sra: Em Volodia Telteboim e Eliana Aranibar

PG: E o que vai ser do futuro?

Sra: que vamos seguir lutando e que vamos conseguir cada vez mais. Na época de Frei, eu tinha um ranchinho todo caído, entrava água e com meus filhos com broncopneumonia. Eu pedi ajuda aqui e lá e nunca fui escutada. Ao contrário, agora aonde vou e sou atendida. E, graças ao meu presidente, eu

tenho uma linda casa, não tenho grandes comodidades, mas não me falta pão. (Multidão aplaude)

Aposentado: sou aposentado e nunca governo fez o que este fez por nós

Sr: eu creio que a UP com o apoio dos trabalhadores tem que decidir o destino do Chile

PG: e o que você pensa da Democracia Cristã?

Sr: eu penso que a DC é um partido político que sempre defendeu os interesses de sua classe, nunca os dos trabalhadores.

PG: companheiro, quem vai ganhar domingo?

Sorveteiro: não sei o que dizer, não tenho ideia, eu não leio jornais.

PG: quem vai ganhar domingo?

Jovens: nós da UP... Com 45%... a UP vai ganhar com uma quantidade enorme de votos porque este é o governo dos trabalhadores, é o governo do povo e o povo se dá conta dos benefícios do socialismo para todos os cidadãos.

PG: Sr, qual a porcentagem para a UP?

Sr: a verdade é que a UP vai ganhar porque tem desde 1970 36% dos votos. Atualmente, com todo o nosso apoio ao companheiro Salvador Allende, nós temos assegurado de 43% para cima.

PG: Sra, em que vai votar?

Sra: Em Volodia Telteboim e Eliana Aranibar... E com mais de 40%

PG: E o desabastecimento?

Sra: eu não creio que haja desabastecimento porque não perdi nem meio quilo! (risos)

7'50. TOMADA DE CIMA DAS RUAS

8'14. ENQUETE COM A DIREITA

PG: Sr, qual sua posição sobre as eleições?

Motorista: acho que a UP sai com menos de 20%.

PG: e o futuro?

Sr: com qualquer resultado, vamos seguir ferrados.

PG: qual a sua posição sobre as eleições de domingo?

Sr: de qualquer maneira, somos a oposição. O Partido Nacional, sobretudo.... E o Chile tem que ter paz, liberdade e democracia.

PG: Sr, qual sua posição sobre as eleições?

Sr: eu creio que é um plebiscito e que domingo Chile vai decidir se quer marxismo ou liberdade.

PG: E quanto ao futuro?

Sr: a única solução é mudar o governo.

PG: Pela via eleitoral ou outro caminho?

Sr: Sim, pelas eleições

PG: Sr, qual sua posição sobre as eleições?

Sr: eu creio que vamos dar uma surra na Frente Popular que vai virar cinzas

PG: Você acredita na via eleitoral ou outro caminho?

Sr: Na via eleitoral, sempre.

PG: E quando vai ser para UP e para o PN?

Sr: 30% e 70%.

PG: E quanto ao futuro?

Sr: o Chile sempre teve um futuro promissor.

PG: Sr, qual sua posição sobre as eleições?

Sra: Jarpa e Alessandri

PG: E suas preferências pessoais?

Sra: o Partido Nacional

PG: E você acredita na via eleitoral ou outro caminho?

Sra: eu penso que é preciso uma linha firme e que nunca mais joguem com o povo.

PG: E quais as possibilidades de futuro, mais além das eleições?

Sra: Trabalhar todo o possível para reconstruir o Chile.

PG: Em que vai votar domingo?

Sr: em Jarpa

PG: Sr, qual sua posição sobre as eleições?

Sr: a oposição vai vencer, de longe... Com 65%, pelo menos... e depois das eleições o o governo tem que respeitar a maioria.

PG: E você está pela via eleitoral ou por outro tipo de caminho?

Sr: pelo caminho eleitoral, Sr.

10'53. A SRA BRAVA

Sra: que acusem constitucionalmente o presidente e que seja destituído em 21 de maio. Porque tem se corrompido! Este é um governo degenerado, senhor. Degenerado, corrompido e imundo! Comunistas asquerosos, todos têm que sair de Chile! Em 21 de maio teremos o governo mais lindo e limpo que já tivemos garantindo a democracia e tirando esses marxistas podres! Maldito sejam!

PG: Quais são seus candidatos?

Sra: Jarpa e Alessandri... O meu ideal é que vençam com 100%, mas será com algo em torno de 70% e poucos.

11'31. MULTIDÃO GRITA “TRABALHADORES AO PODER!”

PG: companheiro, quem vence no domingo?

Sr: a UP, e os momios que se danem... Porque vamos ganhar aqui e em qualquer parte do país. E o momios que morram!

PG: companheiro, qual a sua posição sobre as eleições de domingo?

Sr: lutar combativamente para tirar uma grande maioria.

Sr: para nós que temos uma ideia geral do filme, é que a única maneira de conseguir o poder, pois já temos o governo, agora nos interessa ganhar a Câmara e o Senado.

Sr: no fundo, isso significa obter um pouco mais de poder para a classe operária... mas, em todo caso, ainda não é a solução definitiva. Nós acreditamos que uma ou outra eleição a mais não vai solucionar o problema do enfrentamento. O enfrentamento (a guerra civil) é inevitável e fundamental. De qualquer maneira isso vai ocorrer porque está se polarizando cada vez mais: de um lado, a burguesia e de outro, o proletariado. E o confronto vai ter que ocorrer. (a multidão grita “aavançar sem cessar!”)

13'04. VOZ OVER

Como é habitual, as Forças Armadas garantem a ordem durante as eleições. A oposição vota com confiança no triunfo. Com 2/3 do Parlamento, ela poderá destituir o presidente Allende mediante uma acusação constitucional. Para isso, precisa de mais de 60% dos votos. Para a UP, esta é a primeira eleição com todas as forças oponentes desde o triunfo presidencial

de 1970. É também a oportunidade para medir a sua força eleitoral ao cabo de dois anos e meio de boicote econômico impulsionado por Washington e a oposição interna. No domingo, 4 de março, às oito da manhã, a votação começou.

13'45. ENQUETE NO APARTAMENTO DE CLASSE MÉDIA

(a câmera perfaz apartamento e assim se nota a vida abastada e o maço cheio de cigarros)

PG: Estamos fazendo entrevistas no edifício e queremos saber de você quem vai ganhar...

Sra: não me incomodam, não... Eu gosto do Baltra, eu votei nele... Querem entrar?

PG: Sr, boa tarde. Estamos fazendo uma entrevista para o canal 13 e queremos saber com que porcentagem vai ganhar a direita?

Sr: eu não sei, eu não voto.... Não tem nenhuma preferência? Não, nenhuma...

Sra: Ah, então a Sra. Votou em Jarpa. E a que horas? Às 11h.

PG: em que bairro?

Sra: Nuñoa, Estádio Nacional

PG: E qual a sua opinião sobre o ato de hoje?

Sra: Achei estupendo e acho que a democracia vai triunfar!

PG: E como vai ser o futuro do Chile?

Sra: tudo vai se ajeitar e vamos arrumar o Chile.

PG: Você crê que seja possível destituir o presidente ou tem que ser pela via legal?

Sra: bem, isto não pode ser, mas assim não podemos seguir.

PG: o que achou do comício de Jarpa há dois dias?

Sra: fantástico. Eu fiquei olhando daqui.

PG: foi tão bom assim?

Sra: claro, muita gente, muito entusiasmo, muita ordem. Foi estupendo e vamos ganhar de qualquer maneira.

PG: e o que você acha da aliança com a Democracia Cristã?

Sra: muito boa, eu aceito essa aliança.... acho que com isso, tudo se ajeita.

15'36. VOTAÇÃO PELA TV/ VOZ OVER

Às cinco da tarde começam a sair os primeiros resultados. Representantes de todos os partidos participam da recontagem dos votos. O ministro do Interior, Gal Prats, assegura a limpeza/ a lisura para todos os setores. Entretanto, antes de terminar a contagem, alguns meios de comunicação divulgam a vitória da oposição. Omitem que mais de 40% dos votos são da esquerda e a posição, que nunca duvidou de sua vitória, sai para as ruas para festejar o suposto fim da UP. (*carros nas ruas, buzinaço*)

PG: o que acha das eleições?

Sr: já ganhamos, estamos com mais de 60%

PG: Sra, o que achou das eleições?

Sra: um fenômeno, tínhamos que ganhar de qualquer maneira.

Sr... Sou argentino e estou feliz que Frei ganhou! Uma felicidade imensa, é preciso vários Freis no Chile.

(jovens barulhentos) PG: o que acharam das eleições?

Jovens: um triunfo... maravilhoso... grande sucesso! Um êxito, estamos encantadas!

PG: o que você acha do futuro?

Jovem: plebiscito! E então o Sr. Allende vai ter que sair imediatamente do país

PG: é a favor da deposição constitucional?

Jovem: lógico, de qualquer maneira, até logo.

PG: Sr, o que achou das eleições?

Sr: foi um triunfo democrático, o chile será sempre livre!... Não quero que aconteça nada, só quero que o Chile seja livre!

PG: Você apoia a deposição constitucional de Allende?

Casal: sim, sim

PG: você acredita que isso pode gerar uma guerra civil?

Casal: não importa, temos a maioria.

PG: Sr, o que achou das eleições?

Jovem bêbado: por fim vencemos esses bandidos.

PG: Sr, o que achou das eleições?

Sr :muito boa, magnífica.

Sr... Permita-me que eu te diga que foi uma coisa muito boa... A UP se foi pro brejo, pra não dizer outra coisa...

(jovens gritam “Frei!”)

Sr: eu sou Alfonso Carrasco, presidente dos aposentados do Banco do Chile. Considero que hoje defendemos a democracia e a liberdade do Chile... Saúdo a todos que construíram a liberdade de nosso país!

VOZ OVER

Após a meia-noite, os resultados definitivos desconcertam a oposição. O número de votos com que sonhavam se esfumam como um fracasso. Contra todos os prognósticos, o apoio à UP não diminui, na verdade ele só aumentou. Sem aceitar os resultados, um setor da oposição fala de fraude eleitoral e põe as tropas de choque nas ruas.

20'15. VOZ OVER

Dias mais tarde, o Tribunal Qualificador das Eleições (TSE) controlado pela oposição se vê obrigado a confirmar os resultados eleitorais. Os partidos oponentes ficam muito longes dos 2/3 com que sonhavam para destituir Salvador Allende. A UP sobe para 43,4% do eleitorado e aumenta o número de parlamentares. Obtém assim um apoio sem precedentes ao cabo de dois anos e meio de mandato. Para a oposição, o juramento dos novos parlamentares marca o fim do processo eleitoral.

Senhores deputados, juram guardar a Constituição do Estado e preservar no exercício de suas funções os seus verdadeiros interesses? Juramos! Estão incorporados à Casa. Terminada a ordem do dia, encerro a sessão.

De agora em diante, a oposição e a Casa Branca compreendem que os mecanismos da democracia representativa já não lhe servem mais. Os votos que obtém da coalizão de governo demonstram que os anseios de mudança social no Chile não retrocederam, apesar dos milhões de dólares investidos pelo governo norte-americano. Depois de março, a estratégia da oposição democrática será, paradoxalmente, a estratégia do golpe de Estado.

21'48. CAPÍTULO 1. AÇAMBARCAMENTO E MERCADO NEGRO

Graças à denúncia de um vizinho, aqui na comunidade 7 na Copiapó 319 foram descobertas armazenadas 20 toneladas de açúcar, 400 caixas de papel higiênico, 500 de detergentes, 100 de café, 100 de leite condensado, 50 de salmão, arroz em grande quantidade... isso vai ser vendido aqui aos vizinhos desse setor que já se reuniram aqui em grande quantidade. Seguramente isso vai levar uns três dias

22'43. VOZ OVER

O governo fortalece as JAP's ou Juntas de Abastecimento e Preços. Em teoria, as JAP's são organismos vizinhais para fiscalizar a distribuição de alimentos e para denunciar os especuladores. Quando as JAPs descobrem um açambarcamento, o governo intervém nos negócios e põem à venda os produtos.

Sra: no armazém da Sra. Rufina Moreno Dias foram encontrados os seguintes produtos: 310 pacotes de chá em duas caixas de 350g, 53 caixas de alimentos para crianças... tudo comido por ratos.

Sra: eu comprei omo e dois pacotes de chá... porque só trouxe 100 escudos e era o que dava para comprar.... eu tenho 10 filhos e perco a manhã inteira nessas filas (*sons de "Jingo Va" Santana*)

Sr: temos que acabar com o mercado negro, fechar as lojas e prender os donos. Isso é o que deve ser feito para que as pessoas fiquem com medo e parem de especular. Eu penso que há abastecimento de sobra... quantas vezes já não se disse no noticiário tantas toneladas de açúcar... tantas coisas açambarcadas...

24'12. VOZ OVER

Em março, já são 3 mil JAP's em todo o Chile. Algumas vezes, as JAP's adotam um cartão de racionamento para agilizar a distribuição e eliminar os especuladores

PG: posso ver o cartão?

Sra: este é o cartão e tenho direito a 14 rações... são 4 de caldos ou se, por acaso, chegarem mais. O nescafé e o leite também são racionados.

PG: e isto é suficiente para a senhora?

Sra: sim, se não for a gente compra outros artigos

24'50. VOZ OVER

Os principais objetivos da oposição e do bloqueio norte-americano são: i) desorganizar a entrega de alimentos; ii) esgotar os estoques de reserva; iii) e sabotar a semeadura/colheita para escassear os produtos de primeira necessidade. Em parte, esses problemas são superados com organização.

PG: tem azeite, sra?

Sra: hoje eu não sei... eu saquei há três dias.

PG: você gostaria de dizer algo a mais para alguma companheira de outra província? Estamos fazendo um filme.

Sra: eu aguentaria tudo o que se passa para que o futuro dos meus filhos seja melhor. Estou conforme com este governo... Nada mais, obrigada pela entrevista.

25'40. CAPÍTULO 2. BOICOTE PARLAMENTAR

VOZ OVER: para a oposição, os exemplos das JAP's se tornam perigosos. O Congresso inicia uma acusação contra o ministro Orlando Millas, gestor das JAP's. a oposição começa a usar a maioria simples do Congresso para desautorizar o governo/ destituir ministros. Aqui se acumulam os documentos que registram as acusações. Neste caso, para cumprir com os procedimentos regulamentares a oposição designa um de seus deputados para interrogar um vizinho membro das JAP's.

Gustavo Lorca, deputado do PN e mais tarde membro do Governo Militar: como se materializa isso das JAP's?

SR: como já te disse, é uma organização de pessoas, de favelados, trabalhadores, donas de casa que se juntam que através de uma reunião para fiscalizar se existe ou não as condições de abastecimento em um bairro.

Deputado: mas é isso que quero que me explique... me entende?... Veja, estou te orientando, mas sem induzi-lo para que me esclareça... tudo tem que estar claro, tem que ser honesto.

Sr: me parece que a função das JAP's é justamente esta: fazer com que as pessoas recebam o abastecimento necessário para toda a família.

27'26. VOZ OVER

Apesar da oposição não conseguir aprovar nada, as acusações seguem seu curso: o mecanismo se repetirá contra os altos funcionários do governo: ou os ministros renunciam ou são expulsados. Mediante as acusações, a oposição abre um conflito de poderes entre o Parlamento e o presidente da República. Em todo caso, um representante legal da esquerda vai mostrar a fragilidade jurídica das acusações.

Luis Maira, deputado pela UP – Em consequência, um ministro só responde sobre seus atos ao presidente da República. E não está submetida à qualificação ou à conveniência do parecer da maioria do Congresso. No Chile, este juízo político só é permitido ao presidente da República. No caso concreto de Millas, ministro da Economia que estamos analisando nesta acusação constitucional, não se pode usar a acusação constitucional para se decidir se é boa ou má a sua política de abastecimento que ele adota, a política de preços que ele adota ou a forma como ele entende que tem que orientar as tarefas de produção, abastecimento e distribuição geral da economia chilena.

Portanto, não só é uma acusação constitucional inválida, ineficaz e ilegítima, mas também é uma acusação constitucional que vicia, atropela e viola o terreno que a própria Constituição reconhece ao presidente da República dentro de suas prerrogativas e atribuições essenciais.

28'58. VOZ OVER

Dias mais tarde, a Câmara leva a cabo a votação para expulsar o ministro Millas. Por 86 votos a favor e 63 contra a oposição destitui o ministro. Em um período de 3 meses, a oposição destitui a 2 intendentess/ autoridades e 7 ministros de Allende. Isto é, um funcionário da UP do alto escalão a cada 10 dias.

29'41 – ALLENDE (PRIMEIRA INSERÇÃO) PÁGINA 473/ DISCURSOS DE 1973

Por certo que eles rechaçam que usemos as leis que eles têm em suas mãos e empregam contra o povo. Quando nós assim fazemos para defender o governo legítimo e o avanço dos trabalhadores, nasce então a atitude de resistência desses setores. No entanto, que tem todas as garantias, repito, quanto a realidade que vive o nosso país. Esse é um governo que não é socialista. Este é um governo democrático, nacional, popular, revolucionário que deve cumprir um programa para abrir, o mais amplo e rapidamente, o caminho ao socialismo e a transformação de nossa sociedade.

30'41. MULTIDÃO GRITA “UP” E JORNAIS SÃO FILMADOS

(Governo contra a parede – legalidade ou ilegalidade. O governo se viu obrigado a aceitar a decisão da Corte)

VOZ OVER – Pouco tempo depois, o Congresso inicia um intento de acusação contra todos os ministros do Governo. Isto significa a destituição de 15 ministros de uma só vez. Porém, a pressão popular faz um setor da oposição recuar e a manobra fracassa. Um ato de marcha convocado pela CUT repudia as ações do Parlamento

SR OPERÁRIO: e a direita é a que sempre está bloqueando o poder, ela sempre está incitando que derrubemos o governo. Mas isso não vai acontecer nunca, porque nós trabalhadores elegemos este governo e vamos defendê-lo com a nossa vida, seja como for. Se for preciso sair às ruas, sairemos. Se for preciso seguir lutando, seguiremos como trabalhadores conscientes que somos pela defesa da nossa democracia dos trabalhadores.

31'57. PARLAMENTO/ VOZ OVER

Em 17 de abril, o governo decide expropriar legalmente outras 49 indústrias que boicotam a produção. Em resposta, o Congresso apresenta uma reforma constitucional que invalida todas as expropriações feitas pelo governo até aquela data. A DC e o PN afirmam que, neste caso, o chefe de Estado não tem direito ao veto, isto é, que deve promulgar as reformas e devolver as fábricas sem discussão. Isso significa que por maioria simples, o Congresso

desejo tirar de Salvador Allende atribuições que outros mandatários chilenos tiveram.

SR OPERÁRIO: e estes senhores da direita que ganham soldos fabulosos e não fazem nada. Só fazem convulsionar o país, é isso que eles querem... e para isso pagam somas fabulosas.

Sr: e nos encontramos com uma surpresa bastante grande ao ver que nossa fábrica, nossa fonte de trabalho estava completamente desmantelada, transformada em depósito porque esses senhores praticamente roubaram seus maquinários.

Sr: nós não queremos saber nada dos patrões... porque faz tempo que estão embromando até as empresas acabarem expropriadas.

SR OPERÁRIO: está comprovado que os senhores dessa indústria/ desse setor começaram um boicote aberto à produção e nós, trabalhadores, somos contra isso.

Operário: bem, o único que peço é que se acabem logo com isso e que o governo exproprie mais indústria porque com esses patrões não dá mais para seguir trabalhando.

PG: e como chamavam esta fábrica?

Sr: de “prisão”...por causa da mentalidade feudal que tinham os nossos patrões. E outros companheiros a chamavam de “Prisão Santa Helena”

33'54. PARLAMENTO/ VOZ OVER

Em 23 de maio Eduardo Frei, da DC e ex-presidente chileno é eleito chefe do Senado. Uma de suas principais tarefas será e a de agravar o conflito de poderes. Se Allende se nega a promulgar as reformas e não devolver as indústrias, a oposição afirmará que ele violou a Constituição. E, caso aceite, o Parlamento passará a ter de fato o controle do Estado. Allende considera que este passo é ilegítimo e submete o problema ao Tribunal Constitucional

34'26 - SALVADOR ALLENDE (SEGUNDA INSERÇÃO)

Se compreendemos que nesta hora o primordial, o básico é afiançar o governo político e conquistar os instrumentos fazendo com que haja permeabilidade institucional para que os opositores entendam que não podem

negar a um governo aquilo que lhe é essencial: para que seja possível defender o Chile de uma realidade econômica que não emana de nossos erros – sem negar os que cometemos – mas de fatores nacionais e internacionais que pesam, sobretudo quando um governo como o nosso se enfrenta com o imperialismo e com a oligarquia latifundiária, bancária e feudal.

35'32. VOTAÇÃO NO PARLAMENTO/ VOZ OVER

Os senhores deputados que rechaçam a decisão levantem a mão

V.O: De agora em diante, o Parlamento busca o bloqueio definitivo do governo. Nos meses de abril, maio e junho o Congresso declara boicote a todas as iniciativas da UP.

Resultado da votação: pela afirmativa, 52 votos. Pela negativa, 81. A proposta do Executivo segue rechaçada.

V.O: a lei para castigar os delitos econômicos é vetada. A lei para criar o ministério da Família é rechaçada. A lei de reajustes dos salários e dos trabalhadores é adiada e logo despachada sem financiamentos. A lei para regular a participação dos operários nas fábricas é rejeitada. A lei para criar o ministério do Mar é vetada. A lei que criaria as empresas de autogestão é vetada. Ao longo dos próximos meses, mais de vinte projetos de lei são desidratados.

36'47. SURGIMENTO DO CCC

(Nacionalismo presente! Avante! Frente Nacional! Pátria e Liberdade!)

V.O – Estamos em frente à tropa de choque de um grupo fascista, o Pátria e Liberdade.

(Chile! Um! Chile! Grande! Chile! Livre!)

V.O – O conflito institucional por si só não é suficiente para justificar o golpe de estado. Também é necessário provocar a violência e o caos social. Este é o principal objetivo dessa organização. “Pátria e Liberdade” constitui um ínfimo

movimento de massas da extrema direita, porém a sua ideologia fascista gravita sobre alguns partidos opositores e das forças armadas.

Entre os dirigentes e ideólogos, existem antigos empresários e agentes da CIA. Seus mecenas são as grandes organizações patronais como a Sociedade Nacional de Agricultura e a Sociedade Patronal de Fomento Fabril e a maior ajuda provém do Depto de Estado norte-americano. Em 1974, alguns ex-funcionários desse departamento revelam que nesse período a CIA mantém 40 agentes de primeira classe em Chile. Muitos deles instrutores de “Pátria e Liberdade”.

39’30. CAPÍTULO 3 – ASONADA ESTUDANTIL

Em abril, a oposição encontra um pretexto para continuar a agitação social: o governo havia apresentando um projeto de reforma educacional para democratizar a velha estrutura docente. Sentindo-se ameaçada, a oposição mobiliza suas forças de choque. Pela primeira vez no Chile um grande número de estudantes se deixa manejar pelas classes mais privilegiadas. Os partidos opositores, os profissionais liberais os sindicatos dos comerciários apoiam a desordem social.

41’15. REUNIÃO OPERÁRIA

Sr: Já chega de estar na defensiva. Chega de ser fantoche nas mãos da reação. Por que, de agora em diante, companheiros, temos que lidar com a realidade e os problemas conflitantes temos que enfrenta-lo duramente. E temos que atacar quem atrapalhar. E não vamos mais brigar com os meninos da direita. A polícia e os carabineiros que cuidem deles. Nós vamos ver como enfrentar o Estado. É um estado burguês e que temos que derrota-lo.

Sr: Vimos no dia de ontem vários setores reclamando por diferentes coisas e a reação chilena utilizar alguns companheiros de classe em situações propriamente subversivas. Ou seja, o que os companheiros acham sobre a situação da distribuição, sobre a lei de reforma agrária, sobre a estatização dos monopólios de distribuição. Eu creio que são coisas fundamentais sobre as quais devemos pedir um plebiscito. Temos de pôr fim à situação como está... devemos nos mobilizar, pois já não podemos mais aceitar esta escalada dia após dia. Esta situação temos visto desde outubro e esperávamos que não se

repetisse mais. Eles estão se repetindo porque não tem como fazer diferente de outubro... E agora nós trabalhadores temos que sair definitivamente para acabar com isso de uma vez por todas e exigir do governo um plebiscito por questões fundamentais.

Sr: de que forma vamos atacar a questão da locomoção? Porque sempre que precisam atacar o governo paralisam os transportes, pois estão manipulando os motoristas... Porque a maioria dos motoristas não tem consciência de classe e não reconhecem os sindicatos... Só querem saber de porcentagem, de quanto vão ganhar... Não há reuniões sindicatos, não querem saber nada... São poucos os sindicatos que atuam nos transportes e os que fazem, fazem mal...

Sr: diante da ameaça do comércio de realizar uma paralisação nacional na próxima semana que se proceda imediatamente com a estatização dos monopólios de distribuição. Diante da ameaça de boicotar a produção, que se aprove imediatamente o pacote de expropriação das empresas que estão dentro das 90 e ainda não estão nas mãos dos trabalhadores. E que a classe operária seja imediatamente integrada ao planejamento da economia.

Sr: não resta a menor dúvida de que, nesse instante, as resoluções devem versar sobre as questões da mobilidade.

Sr: Nós, do Sindicato de Obras Públicas, cremos que, nesse momento, temos todo o pessoal disposto a marchar, a ir para frente do Congresso.

Sr: Alguém é contra?

(todos) Ao Parlamento!

Sr: Companheiros, pedimos aos colegas de Obras Públicas para podermos contar com os caminhões ou caminhonetas para transportar os trabalhadores que estão saindo das fábricas?

Sr: Sim, caminhões e ônibus... Tudo bem, podem ir.

(a esquerda unida jamais será vencida! UP sem transigir!)

45'27. VOZ OVER

Em 27 de abril, a CUT convoca um ato de marcha em apoio ao governo. Mediante a presença maciça dos operários se trata de impedir que as ruas de Santiago fiquem nas mãos dos agitadores. *“Trabalhadores ao poder! Criar,*

criar poder popular! A esquerda unida jamais será vencida! Povo, consciência, fuzil, MIR, MIR!

(46'37 – sons de tiros)

46'57. VOZ OVER

Quando uma coluna de manifestantes passa em frente à sede do PDC é atacada de surpresa. Das janelas saem disparos que vão matar um operário e deixar gravemente feridos outros seis.

Senador: os responsáveis por isto são os provocadores.

Repórter: e os mortos e feridos, senador? Onde e quantos? Há um morto e seis feridos.

Senador: e o que você crê, senhor? Que vamos deixar que venham nos pisotear?

Repórter: não é cristão matar pessoas.

Senador: quem nos protegeu aqui?

Repórter: o senhor está justificando essa morte?

Senador: o senhor está na sede do PDC e você não pode me tratar assim aqui.

Repórter: senador, por que você bateu no jornalista?

Sr: e de onde partiram os disparos?

Sr: não está claro e ainda estamos investigando. Em todo caso, isso está nas mãos do magistrado... nesse caso, a polícia e o tribunal estão nas mãos do magistrado. É o que dispõe o Código do Processo Penal.

48'36. VOZ OVER

A influência dos grupos violentos se torna evidente sobre o PDC. Juan Hamilton, senador da ala conservadora desse partido se nega a dar declarações.

49'20. MULTIDÃO NO VELÓRIO DO OPERÁRIO

(49'27 ALLENDE APARECE EM MEIO À MULTIDÃO – TERCEIRA INSERÇÃO)

“Companheiro José Ricardo Ahumada! Presente! Companheiro José Ricardo Ahumada! Presente! Companheiro José Ricardo Ahumada! Presente! Com teu exemplo... Venceremos! UP contra em momio criminal!”

51’55. VOZ OVER

No dia 30 de abril, 300 mil pessoas participam do velório do operário morto. Considerando que ainda não estão dadas as condições, a oposição dá por terminada esta fase de agitação social. As investigações para processar o responsável pela morte do operário não prosperam. A Justiça age com manifesta lentidão. Assim, a Corte Suprema garante a impunidade dos culpados

52’40. CAPÍTULO 4 – A OFENSIVA DAS ORGANIZAÇÕES PATRONAIS

(“Chile é e será um país em liberdade!”)

Novamente o sindicato chega à Assembleia da presente data convocada pelos dirigentes nacionais para analisar os referentes das taxas e preços de nossas tarifas. Em primeiro lugar, fará uso da palavra o presidente da Confederação Nacional de Ônibus e vans do Chile, Ernesto Cisterna Solís.

(“Olho por olho! Dente por dente!”)

Eu creio que esta Assembleia de pé deve dizer ao nosso ministro que nós também estamos cansados de ver tanta ignorância e tanta incapacidade para resolver os problemas!

VOZ OVER

Durante os três anos da UP, o Instituto para Desenvolvimento do Sindicalismo Livre financiado in/diretamente pela CIA orienta seus trabalhos sobre os sindicatos chilenos. Em abril, 108 dirigentes, principalmente dos transportes, recebem formação nos EUA.

Não podemos confundir a consciência com a paciência. E que a política não se confunda com as tarifas e com os sindicatos. Mas precisamos sobreviver nós temos que defender nossos interesses e, para isso, lutar como um só homem e com a nossa diretiva nacional e sair para as ruas de tal maneira que se sinta a força de um sindicato desenvolvido. Com valentia e fervor, mas acima de todas as coisas, como chileno e com dignidade, colegas!

Porque já não podemos seguir com remendos provisórios e inúteis. As máquinas se envelheceram e os empresários também, curvados por tanto peso através de tantas gerações... trata-se de encher as panelas, de poder resistir e subsistir e salvar nossa atividade porque com ela estamos salvando o trabalho de milhões de pessoas que (tem Frei em confiança) e sabem que é um homem de trabalho... e que o transportista mal-tratado, este sim é quem está construindo o país. Este sim que é revolucionário! Chegou a hora para todos os donos de ônibus, sem distinções, em uma única plataforma lançar a paralisação nacional!

VOZ OVER

Em maio, 1/3 do transporte coletivo está parado por falta de peças de reposição de origem norte-americana. Em 1973, as importações dos EUA caem para 15% do total. Para protestar contra este estado de coisas, mas também para agravá-lo, os donos de ônibus particulares declaram uma greve indefinida. Durante o evento, a empresa do Estado com somente 600 veículos deveria fazer sozinha o trabalho dos cinco mil ônibus privados de Santiago.

Para neutralizar em parte os efeitos da greve, os trabalhadores levam para as ruas os caminhões das fábricas.

56'49. PG EM ENQUETE

PG: O que você pensa dessa greve?

Sr: creio que todos devemos lutar juntos para que o governo tenha confiança graças aos trabalhadores.

Sr: temos de combater a greve.... Sendo unidos!

PG Quanto você caminhou?

Sr: cerca de 70 quadras com minhas duas filhas.

Sr: eu creio que nesse momento é quando o povo tem que mostrar a sua capacidade de luta que forjou durante todo este processo. E como você está vendo aqui não importam os sacrifícios se continuarmos a trabalhar e produzir.

PG: alguém mais quer falar?

Sr as campanhas que a todo tempo os *momios* fazem junto do capitalismo para arrochar os salários... Nós trabalhadores tem que manter a confiança e ser consciente.

Jovem: como estudante, eu acho que estão tentando paralisar o país de qualquer maneira...

57'57 VOZ OVER

Com o objetivo de fazer frente à paralisação de todo o transporte, cria-se o MOPARE, Movimento Patriótico de Recuperação, que agrupam os transportadores de esquerda. Devido à sua solidariedade ao Governo Allende, ele sofre atentados e sabotagens em nome da unidade sindical.

58'34 ALLENDE (É A QUARTA INSERÇÃO DE ALLENDE)

À lealdade do povo responderei com a lealdade de um militante socialista e como presidente do Chile cumprirei implacavelmente o programa da Unidade Popular. Necessitamos de maior e melhor controle sobre a distribuição dos produtos... Ouçam bem... Para aqueles que creem que às vezes vacilo... É preciso fortalecer o poder popular, os centros de mães, as juntas de vizinhos, as JAP's (Abastecimento e Preços), os comandos comunais. É preciso fortalecer os cordões industriais, mas não como forças paralelas ao governo, mas sim como forças populares junto às forças do governo do governo popular

59'50 VOZ OVER

Em 28 de maio os comandos da reserva enviaram uma carta pública ao presidente Allende onde afirmam que as Forças Armadas se considerarão autônomas, caso o governo viole a Constituição. Um pouco antes, o Alto Comando já havia se pronunciado contra o projeto da reforma educacional. Nessa ocasião, o contra-almirante Ismael Huerta declara: *“não podemos aceitar que os futuros soldados cheguem aos quarteis convertidos em marxistas”*.

Desde 1950, mais de 4 mil oficiais foram cursar treinamentos nos EUA e no famoso canal do Panamá. Durante os dois anos e meio de Governo Allende receberam do Pentágono 45 milhões de dólares de ajuda militar, ou seja, mais de 1/3 de toda a ajuda recebida nos últimos vinte anos.

1h01'15 CAPÍTULO 5. A GREVE DO COBRE

(VO) Pela primeira vez, a oposição arrasta um setor do proletariado. Na mina de El Teniente, 80km ao sul de Santiago, declara greve por razões econômicas. Tradicionalmente bem pagos, os trabalhadores do cobre são a aristocracia operária do Chile. Para a oposição, o objetivo do conflito é paralisar a mina: 20% das divisas do Chile se produzem aqui.

Companheiros trabalhadores, além do canal 13 de televisão, a TV francesa também está conosco.

Companheiros, levam a CLT! Mostrem que estão todos os trabalhadores aqui!

(El Teniente unido jamais será vencido!)

Primeiro, vamos resolver os problemas dos trabalhadores da El Teniente e, se sobrar dinheiro, podemos solucionar os problemas de todos os trabalhadores o país! Primeiro, estão os nossos representados, depois o resto do país, muito obrigado!

(Queremos solução! Repetidas vezes)

Pedimos autorização às lideranças sindicais para fazer uso da tribuna. Como trabalhadores da UP discordamos dos métodos que estão usando. Nós temos dito repetidamente que, acima de todas as coisas, está a unidade dos trabalhadores. Nós a defendemos aqui e dentro da aliança da UP. Vocês se perguntam por que estamos aqui... Estamos porque defendemos a volta ao trabalho, mas não fracionado... (vaides) Companheiros, estamos pela volta ao trabalho (vaides)... Não aceitamos essa política divisionista (política, não! Repetidas vezes... Greve já! Repetidas vezes...)

1h05'28 SIDERURGIA E VOZ OVER

(nesse momento, surge uma moça como entrevistadora)

Nesse mesmo dia e hora mais da metade dos 8 mil mineiros continuam em seus postos de trabalho. A maioria deles cumpre hora extra para manter as atividades básicas das minas. Caletones é um centro de trabalho que tem quase dois mil trabalhadores e hoje temos 750 trabalhadores em atividade.

ASSEMBLEIA: O que significa que as atividades industriais estão quase em normalidade. Então, amanhã ou na segunda tudo será normalizado. Aqui vale lembrar que esses setores estão lutando contra o muro e agindo sem bases legais. Inclusive a história que os operários daqui lutamos incansavelmente contra os ianques até conseguir a nacionalização das indústrias. Agora a fábrica e do Chile, e não de um chileno em particular, mas nós temos a responsabilidade de fazê-la funcionar. Então, agora, os trabalhadores já estão tomando consciência quase absoluta, só os da oposição estão insistindo que aqui tem outros patrões. Não é verdade, pois eles mesmos que são da DC tem representantes no Conselho Administrativo. Por isso pedimos à imprensa da esquerda, especialmente ao Canal 7, que dão pouca importância nesse momento aos trabalhadores em atividade que venham ver por si mesmos e parem de mentir.

ASSEMBLEIA:

Vocês trabalham bem e por uma razão muito simples porque vocês chegaram filmando em um centro de trabalho que é muito importante. Mas o Canal 13, o Mercurio e todos estes visitam só Rancagua e creem que Rancagua é El Teniente, e isso é ruim. É isso que nós trabalhadores precisamos, continuar trabalhando e não em benefício pessoal, mas em nome de todos os chilenos. Vocês podem tomar qualquer trabalhador aqui e pedir a opinião deles, consultem-nos

Entrevistadora: vocês pensam que são vocês que estão dividindo os trabalhadores de El Teniente?

Operários: ninguém quer isso.. É o inimigo que está nos dividindo.

Entrevistadora: e por quê?

Operários: porque querem conflito entre os trabalhadores. O próprio chefe da paralisação disse que se tiver que correr sangue, que corra sangue. Eles estão pedindo enfrentamento com a gente... nós nunca quisemos dividir a classe trabalhadora.

Operário: eu já tenho 43 anos... e já passei bastante tempo, isto é, 27 anos no ferro... então, logicamente eu já vinha conhecendo os governos anteriores que, digamos, já foram bastante duros com a gente.

Operário: então, como dizia o companheiro, o nosso governo tem sido muito brando, e isso porque é o governo dos trabalhadores. Mas se tivéssemos um governo contra outra tendência por certo que vários companheiros, vários de nós já estaríamos mortos e aqui não sobrariam companheiros de esquerda, mas somente os de direita.

Operário: já sofremos ameaças, outro dia bloquearam o caminho e não deixaram passar, mas mesmo assim vimos ao trabalho... Descemos a pé, de qualquer modo e seguimos trabalhando. Houve companheiros que fizeram três turnos e ficaram por aqui porque o trabalho não pode ser abandonado... depois da decisão de continuar, não se pode abandonar os dispersores, os espessadores... Esse é o trabalho de muita responsabilidade

Operário: existem muitos companheiros que não sabem porque estão parados... andam brigando contra a força pública porque um senhor dá de galo, grita e os enrola e andam seguindo-o como se fosse um Jesus Cristo. Eu creio que isto precisa ser esclarecido aos companheiros de trabalho. É isso que os nossos dirigentes precisam fazer...

Operário: essa é a real explicação das coisas...

Entrevistadora: como seria possível preparar todos rapidamente?

Operário: oras, assim como estamos fazendo agora, eu creio que, nesse momento, nós estamos agindo bem. Sou responsável pelo que faço, sou independente, não tenho partido político e trabalho pelo interesse do Chile, e não pelos meus interesses. Estou consciente de que, se tenho um bom salário, as pessoas que são pagas pelo cobre, também devem receber um bom salário.

Operário: hoje somos mais de 400... Entre 3h e 11h já são mais de 400... as coisas estão se normalizando

1h10'59 – VOZ OVER

(o tempo todo se filma as mãos dos entrevistados. O interlocutor é Guzmán?)

A assistência de operários ao trabalho sobe para 61% no dia 7 de maio.
Os trens da mina funcionam dia e noite
(Greve! Greve!)

O setor grevista apoiado pela oposição rejeita duas propostas de negociação e continuam exigindo o reajuste dos salários

Entrevistador (PG?): Por que a greve?

Operário: nós queremos os 41% que a empresa nos deve

Questão: quantos dias de greve?

Operário: já são 21 dias.

Questão: o que acha que vai acontecer?

Operário não sei o que vai acontecer, deve haver uma solução hoje ou amanhã, eu creio...

Questão: este é um movimento sindical ou político?

Operário: não, não é um movimento político porque nenhum ministro, senador ou deputado se meteu nisso... somos nós os trabalhadores que estamos defendendo nossos direitos. E creio que temos que continuar lutando porque elegemos nosso presidente para que defenda nossos interesses não para que nos critique quando estamos pedindo algo... Isso não é justo

Questão: você está com o presidente Allende?

Operário: Estou com o presidente

Questão: mas esta greve prejudica o governo...

Operário: sim, é claro que o prejudica... mas eu creio que nestes 21 dias já deveria ter saído alguma solução...

1h13 – CONFLITO ENTRE TRABALHADORES E TRABALHADORES E POLÍCIA

VOZ OVER – Para os dirigentes da greve importante que haja vítimas para acusar o governo de repressão. Por isso, as forças policiais recebem a ordem de agir com o máximo de cautela. Como apesar das pedradas, os carabineiros retrocedem, se produz um desconcerto: enquanto alguns querem continuar a briga/conflito, outros querem tomar os escritórios da mina.

1h15 – GUILLERMO MEDINA (FUTURO LIDER SINDICAL DE PINOCHET)

Companheiros, solicitei aos carabineiros que, com a mesma responsabilidade dos trabalhadores de El Teniente, mantenham também a mesma compostura. Pedi a eles o favor de guardar a mesma compostura. De tal forma que eu quero dizer aqui que a reunião que tivemos com o presidente da República no dia 19... (vaías)

1h16'28 – SALVADOR ALLENDE (QUINTA INSERÇÃO)

Eu lhes falei como um irmão mais velho.. como companheiro. Eu os fiz verem como era grave parar a produção de cobre quando precisamos de divisas, quando não temos o financiamento necessário e temos ameaçados alguns compromissos essenciais nesse instante... Sobretudo agora quando o preço do cobre atingiu níveis satisfatórios... Nesse momento paralisam a “El Teniente” que havia alcançado níveis extraordinários de superação/produção. Falei a eles como companheiro, com carinho, com respeito e afeto. Porém, os efeitos econômicos foram mais fortes e “El Teniente” está parada e isto significa que o país perderá milhões de dólares. Poderíamos ter chegado a uma solução que teria custado menos de um dia de produção. Mas teria sido um precedente funesto: um reajuste sobre reajuste com plenas vantagens. Hoje peço a eles, meus companheiros de “El Teniente” que entendam que, ser trabalhador de cobre neste país é um privilégio do ponto de vista patriótico e revolucionário. Cabe a esses trabalhadores preservar a essência da pátria. Do cobre depende que possamos comprar mais peças de reposição, matérias-primas, insumos, alimentos e remédios. Eu lhes peço aqui como companheiro revolucionário que revisem a sua atitude e que nós façamos propostas de soluções que signifiquem mais ingresso na base da produtividade. Eu sustento com consciência revolucionária e lhes digo que tenho fé no trabalhador chileno que não pode esquecer a agressão imperialista e a conspiração interna. O trabalhador de cobre como o camponês da pátria tem que se unir para defender o futuro do Chile ameaçado de fora e agredido de dentro.

1h18'34 – EXPLOSÃO DE MINA/ VOZ OVER

Em 16 de maio, os trabalhadores da mina de Chuquicamata rejeitam parar em solidariedade a “El Teniente” e o mesmo se passa na mina de El Salvador. A oposição fracassa em seu projeto de expandir a paralisação para outras minas de cobre.

Em 6 de junho o setor grevista envia uma comissão a Santiago. O Congresso, que justificou a repressão aos grevistas em governos anteriores, abre os jardins para que os mineiros recebam dinheiro e mantimentos. O Parlamento publica uma declaração, sem força legal, que dá razão aos

grevistas. Enquanto isso, seguem chegando os donativos. Para os ricos, ajudar os mineiros grevistas é uma obrigação

“Estou perfeitamente convencido de que este conflito terá repercussão internacional. Porque aqui está em jogo a firmeza dos trabalhadores para defender nossas conquistas. E, por outro lado, está a posição do supremo governo que até este instante se fez de surdo para solucionar este problema. Os únicos culpados da prolongação desses 37 dias de greve têm nome e sobrenome: isto é fruto da incapacidade dos ministros das Minas, do Trabalho e dos funcionários do governo.”

(VO) Pela primeira vez, um dirigente sindical é recebido na Universidade Católica. Quando 75% dos operários e 10% dos funcionários da El Teniente já estão trabalhando Guillermo Medina vem receber o apoio dos filhos da classe acomodada.

(“Operários e estudantes, unidos avante!” repetido várias vezes junto com “Abaixo, governo incompetente!”)

(VO) Os estudantes da Universidade Católica se convertem nos principais agitadores da paralisação.

(O povo onde está? Na rua pedindo liberdade!)

(VO) Enquanto a paralisação de El Teniente retrocede, a oposição politiza o conflito. Em Santiago, a organização “Poder Feminino” começa a coletar fundos para as esposas dos mineiros. Um amplo setor da classe média começa a somar-se, consciente ou inconscientemente, às fileiras do fascismo. *(gritos do “Pátria e Liberdade”)*

(VO) AO mesmo tempo, na cidade mineira de Rancagua, comerciantes, profissionais liberais e transportadores declaram paralisação em solidariedade aos grevistas.

1h23'29 – VOZ OVER EM CONFLITO DE RUA

Em 10 de junho a oposição toma à força a rádio emissora da cidade. Como Rancagua é pequena para detonar o conflito, já em franco retrocesso, resolvem trasladar-se à capital.

(CORTE SECO PARA TOMADA ÁEREA DE SANTIAGO)

Na manhã de 15 de junho, 3 mil grevistas chegam à sede do PDC em Santiago. Aproximadamente, constituem 25% do pessoal da mina. (gritos de *“Juventude Democrata Cristã”*).

A oposição põe nas ruas seus grupos de choque. O governo responde com a mobilização policial e a presença de seus militantes

(NOTAR O AVANÇO DO TEMPO DO PLANO SEQUENCIA: NO COMEÇO DO FILME, OS JUMPCUTS PREVALECEM, ENQUANTO AQUI ELES DÃO LUGAR AO PLANO-SEQUÊNCIA)

Brigadas de trabalhadores operam com a força pública para manter a ordem. Os agitadores provocam a polícia, depois fogem. Os trabalhadores de esquerda desarmam as barricadas. (*“limpemos as ruas, companheiros”, “até quando esses reacionários vão nos encher?”, “Apoiar, apoiar governo popular”*)

(VO) ao meio-dia, os simpatizantes da UP se reúnem na frente do La Moneda. A batalha das ruas se prolongará até a noite.

1h26' 30 (*Allende, Allende o povo te defende!*)

Sr: estou aqui companheiro porque tenho consciência de classe, vim defender o governo dos trabalhadores, ficarei aqui até a morte, se necessário.

(*criar, criar, poder popular! A esquerda unida jamais será vencida!*)

Sr: companheiro, estou aqui desde às sete da manhã. Primeiro porque tenho convicção, sou pai de doze filhos. Sei claramente que a luta desse governo não é para mim, são poucos dias que restam de luta e sacrifício. É para meus filhos!

Sr: estamos defendendo um governo constitucional, estamos contra o fascismo, , somos a favor do governo popular.

Sr: achamos que é uma luta justa o que está se dando nesse momento, então viemos defender a posição de todos os trabalhadores. Não queremos que um grupo de privilegiados como os mineiros de El Teniente crie problemas para este governo. Nós vamos defender a posição desse governo até as últimas consequências.

PG: companheira, por que está aqui?

Sra: porque sou chilena e tenho que defender o Governo Allende porque é meu governo, o governo do povo.

Jovem: porque ninguém vai aguentar mais o fascismo. Temos de detê-lo de uma vez por todas.

Sr: isto é o que povo pede aonde quer que você vá. Que se vá esses do Congresso que ganham e não fazem nada. Essa é a opinião de todos os trabalhadores, de todos os favelados. Que se aplique a mão dura contra os especuladores, que se prendam os sem-vergonha e os especuladores.

PG: Gostaria de dizer algo mais?

Sr: Estou bem com que já disse, companheiro.

(UP venceremos!)

1h28'41 – VOZ OVER

No dia seguinte, os últimos grevistas estacionam em frente à sede do PDC muitos deles voltam nesta mesma noite para Rancagua. Porém, um grupo simbólico vai até a Universidade Católica. Em El Teniente, 93% do pessoal volta ao trabalho. No dia 21 de junho, a CUT provoca uma grande demonstração de forças contra o fascismo.

(criar, criar poder popular! UP sem cessar/transigir! UP contra el momimo criminal Criar, criar milícia popular)

(cenas de multidões em movimento: transportadores, pipoqueiros e multidões nas ruas – “quem não pula é momio”)

(1H31'31 - CENA UTILIZADA NA ABERTURA DE MEMÓRIA OBSTINADA)

Através da Rádio Voz da Pátria, o primeiro trabalhador da nação se dirige a vocês, o presidente da República Salvador Allende Gossens: **(SEXTA INSERÇÃO)**

(VO) Enquanto 500 mil pessoas se reúnem no centro de Santiago, perto dali, vigiados pela força pública, os últimos grevistas vigiam os acontecimentos do teto da Universidade Católica

(ALLENDE) Afirmo que nunca em nossa história houve um ato com essa magnitude e conteúdo. Foi preciso inovar em todos os métodos para poder contar pelo menos de maneira aproximada uma dimensão da extraordinária combativa e enorme multidão que chega às ruas Moneda, Agustina, Amunategui, Ahumada, Morandé, Huérfanos, Teatino, grande parte da

Alameda e a coluna que partiu de Tamar e ainda não chegou, tal como a de Vicuña Mackenna.

Jamais na história do Chile o povo foi tão combativo e presente! Aqui se sente a História! Aqui estamos afiançando o direito de construir um futuro de justiça e liberdade de abrir o caminho ao socialismo!

1h33'47 – VOZ OVER

Uma semana mais tarde a greve do cobre terminou. Em 28 de junho, os 500 mineiros que ocupavam a Universidade Católica se retiram em pequenos grupos. No total, o conflito durou 76 dias e custou milhões de dólares ao Estado. Concluída a greve, se pode dizer que os adversários de Allende já recorreram a quase tudo para derrocar o seu governo. Só lhes falta um último recurso.

1h34'20 – CENA DE LEONARDO HENRICKSEN

No dia seguinte, 29 de junho, às 9h10 da manhã o regimento blindado nº 2 ataca o Palácio La Moneda com 6 tanques e alguns veículos de transporte. Às 9h30, o Parlamento, o Judiciário e os partidos de oposição guardam silêncio. O resto das Forças Armadas não se curva/ funde à nação.

Um pouco mais tarde, o câmara argentino, Leonardo Henricksen, filma o seu último plano. Não filma a sua própria morte, mas também registra, 2 meses antes do golpe final, a verdadeira cara de um setor do Exército chileno
(*Cuidado! Cuidado! – sons de tiroteiro*)

ANEXO 02 - TRANSCRIÇÃO E MINUTAGEM DE “A BATALHA DO CHILE – O GOLPE DE ESTADO” (1976)

Direção: Patricio Guzmán

Câmera: Jorge Müller Silva

Técnico de som: Bernardo Menz

Edição: Pedro Chaskel

Colaboração: Federico Elton, José Bartolomé, Guillermo Cahn

Narração: Abilio Fernandez

Produção: Equipe Tercer Año, Chris Marker, ICAIC

1' – SOM DE HELICÓPTERO

3' – VOZ OVER

Santiago de Chile, 29 de junho de 1973. Sem condições de destituir constitucionalmente o presidente Allende, a estratégia do governo americano e da oposição chilena passa a ser a estratégia do golpe de Estado. Após o fracasso nas eleições constitucionais de março de 1973, a oposição inicia a aplicação rigorosa de um plano insurrecional. No dia 29 de junho, um setor do exército precipita os acontecimentos. Às 9h10 da manhã, um único regimento ataca o Palácio do governo com seis tanques e alguns veículos. Pouco depois, um correspondente argentino filma a sua própria morte. Também registra, dois meses antes do golpe final, a verdadeira cara de um setor do Exército chileno.

Durante uma hora, os tanques trocam tiros com os policiais da guarda presidencial que estão dentro do Palácio La Moneda. Nestes primeiros instantes são mortas 22 pessoas. O Parlamento, o sistema jurídico e os partidos da oposição guardam silêncio. Entretanto, as forças golpistas não recebem apoio do resto das Forças Armadas. Talvez considerando que ainda não há condições para o êxito do golpe, o resto da oficialidade não adere à ação. Porém, as tropas leais iniciam o contra-ataque para romper o cerco.

(cuidado, saiam daqui! Não atirem!)

Às 10h30 são mobilizados mais soldados leais ao centro da cidade.
(avançam pela estrada pan-americana Norte 10 veículos com tropas de artilharia para a capital. A população civil deve manter a calma)

Ao cabo de um breve enfrentamento, os tanques rebeldes iniciam a retirada. O comandante-em chefe do Exército, Gal Carlos Prats dirige pessoalmente as operações. Às 11h da manhã, quando ainda se combate, o presidente da República entra no Palácio de Governo. No mesmo momento, chega uma coluna de soldados leais encabeçada pelo Ministro da Defesa, José Tohá.

(Juventude Comunista do Chile! Viva o presidente dos trabalhadores! Lutar, criar, poder popular! Allende, Allende!)

As forças começam a ser controladas, mas algumas ainda não se renderam. Durante a retirada, os tanques seguem atirando. José Tohá tenta pacificar a situação para evitar novos enfrentamentos. Neste momento, é ajudado pelo Gal Pickering.

Gal: Ministro, se não controlarmos esta gente, haverá um massacre. Por favor, ajude-me.

Gal: vão embora, por favor! Se não pode morrer alguém por aqui.

Os generais Pickering, Sepúlveda e Prats lideram os oficiais decididos a sufocar a rebelião. Entretanto, outros do alto comando permanecem na expectativa. **(7'48 – INSERÇÃO de Augusto Pinochet)** Talvez seja o caso de Augusto Pinochet, futuro chefe do governo militar e que agora está com as forças leais. Às 11h30, o Gal Prats assegura ao Ministro da Defesa, a rendição dos rebeldes e a localização de suas próprias tropas.

Prats: ao sul do La Moneda está a Escola de Suboficiais, ao norte o regimento Buin

Mas Prats considera essencial o estado de sítio para controlar a situação.

Prats: é preciso declarar o estado de sítio imediatamente... Não há outra maneira de controlar esta situação.

(Allende, Allende o povo te defende!)

Por volta do meio-dia, quando já está confirmada a derrota do levante militar, o PDC manifesta o seu apoio ao regime constitucional. O outro partido da oposição, o PN, se nega a dar declarações, enquanto o partido fascista,

Pátria e Liberdade, se refugia na embaixada do Equador confessando-se assim como o autor do quartelaç.

Às 18h, a bandeira presidencial é arreada pela guarda que defendeu o Palácio. Por duas horas, esta companhia liderada pelo tenente Pérez negou-se a entregar a sede do governo. Junto com o Gal Prats, são os heróis da jornada.

A facilidade com que foi desarmada a tentativa de golpe levanta muitas perguntas. Ela indica que uma parte da oficialidade não simpatiza com ela com medo de enfrentar outras unidades do Exército. Em consequência, Allende se apoia nos constitucionalistas e descarta as ações que podem negar o caráter legal de seu governo.

10'48 – ALLENDE (SÉTIMA INSERÇÃO)

Faremos as mudanças revolucionárias em pluralismo, democracia e liberdade. Mas isso não significa tolerância com os antidemocratas, nem tolerância com os subversivos, e jamais tolerância com os fascistas, camaradas!

(Fechar, fechar o Congresso Nacional!)

Mas vocês têm que entender qual é a real posição deste governo. Não vou fechar o Congresso por que seria absurdo... Não vou fazê-lo! Já disse que respeito... Mas, se necessário, enviarei um projeto de lei para a realização de um plebiscito para que o povo resolva esta questão!

(Momios de merda, a rua é da esquerda!)

12'14 – VOZ OVER

No dia seguinte, Allende solicita ao Congresso o Estado de Sítio. Enquanto isto, desde 29 de junho, os trabalhadores de esquerda assumiram, empresas, minas, centros agrícolas ao longo de todo o Chile.

12'38 – ASSEMBLEIA DE TRABALHADORES

Companheiros, a conclusão dos 500 trabalhadores da fábrica de embalagens é a seguinte: fortalecer os cordões industriais, fortalecer os conselhos municipais, as juntas de vizinhos, as JAP's e todos os organismos vivos da comunidade, companheiros!

Acreditamos que é preciso passar a ofensiva também para ganhar novos setores e nacionalizar mais indústrias

Nós, trabalhadores, estamos em nossos postos de combate que é a nossa fonte de trabalho construindo os elementos necessários para nos defender até o fim de qualquer tentativa de fascismo ou de outro setor das Forças Armadas que tentar derrubar o governo. Acreditamos que é preciso assegurar bem nossos postos de combate que são primeiro as indústrias

13'30 – VOZ OVER

Ao mesmo tempo se fortalecem todas as formas de poder popular em especial os “cordões industriais”. Cada cordão é um grupo de fábricas e empresas que coordenam os trabalhadores de uma mesma área. Nas principais cidades do país, foram constituídos 31 cordões, dos quais 8 pertencem a Santiago.

PG: Quem você representa?

Trabalhador: Cordão Macul

Trabalhador: Cordão Macul

Trabalhador: Cordão Cerrillos-Maipu

Trabalhador: Cordão Cerrillos-Maipu

Trabalhador: Cordão Vickuã Mackenna

Trabalhador: Cordão Vickuã Mackenna

Trabalhador: Cordão O'Higgings

Advogado: A Esquerda Cristã

Trabalhador: O Partido Radical

Com o apoio dos cordões, o governo é capaz de manter o controle sobre fábricas de setores estratégicos utilizando os mecanismos legais.

Companheiros, como sabemos grupos fascistas tentaram derrubar o governo e ainda existem ramificações deles. Portanto, ainda existe o perigo contra um processo iniciado e controlado pela classe trabalhadora. Hoje, foi resolvido o seguinte: tendo em vista que a fábrica de embalagens Alusa suspendeu a entrega de seus produtos, o que constitui um entrave à distribuição e vistos o Decreto 338 e a Lei 16.464 resolve-se: i) a utilização dos equipamentos industriais de produção e distribuição da fábrica Alusa...

15'23 – VOZ OVER

Em 2 de julho, a lei de Estado de sítio proposta por Allende é votada no Parlamento. A lei consiste em conceder ao presidente faculdades extraordinárias. Com essa lei, o presidente pode renomear, transferir ou destituir os chefes militares que julgar convenientes.

Durante os governos anteriores, o Estado de sítio foi autorizado duas vezes.

(os senhores deputados que rechaçam a proposta levantem as mãos)

O Estado de sítio, principal instrumento legal para lidar com uma situação de emergência não é autorizado.

(resultado da votação: a favor 52 votos, contra 81. É rejeitada a proposta do Executivo)

O Executivo não consegue convencer o Parlamento. Os partidos de oposição consideram injustificável conceder poderes extraordinários a Allende.

Em 2 de julho, no mesmo dia em que o Congresso rechaça o Estado de sítio, os oficiais da Armada ordenam que suas tropas façam uma busca em Valparaíso. Um ano antes, o Parlamento tinha aprovado a Lei de Controle de Armas que autorizava as Forças Armadas fazerem buscas de armamentos sem mandados judiciais/ autorização do governo.

Apesar do aumento da ação terrorista da extrema direita, até esse momento a lei não havia sido imposta pelos militares. Na busca, há o cerco das indústrias, a detenção temporária dos operários e o seu posterior interrogatório. Assim, sem sair da legalidade, alguns oficiais começam a agir contra os funcionários e empregados das fábricas. Nesta primeira busca, não são encontradas armas.

LUÍS CORVALAN – Secretário Geral do Partido Comunista

O Chile está sofrendo as ações do imperialismo norte-americano, de um setor da oligarquia que, em outubro de 1970, se uniu à ITT e à CIA para derrubar este governo. Pretendem repetir uma intentona dessa natureza. Então, a luta nesse momento tem um caráter patriótico e nacional. O Chile tem o pleno direito de ser governado de acordo com a vontade de seu povo. Ao

mesmo tempo, está em marcha um processo de transformações revolucionárias que tem como finalidade abrir caminho para uma sociedade socialista.

18'35 – VOZ OVER

Frente à ameaça do golpe de Estado, o PC e alguns partidos de esquerda concordam com as ideias de Allende. Trata-se de evitar um confronto armado em condições consideradas desfavoráveis. Para isto, estes setores estimam se apoiar nos oficiais que respeito a ordem democrática. Nesse sentido, tanto Allende como este setor pretende chegar a um acordo mínimo com a Democracia Cristã.

19'06 - ALEJANDRO ROJAS – DEPUTADO COMUNISTA

Eles têm desenvolvido toda uma campanha até hoje em dia e continuam com a sua campanha que trata de afirmar que o atual governo é ilegítimo. Eu quero perguntar ao Sr Victor Garcia Garzena qual a opinião do PN acerca dos fatos de 29 de junho, sobre o tancazo que culminou na morte de mais de 20 inocentes.

Eu quero saber a sua opinião porque o jornal “A Tribuna”, no dia seguinte ao fato, assinalava que se tratava de um show. Porque a rádio agricultura, enquanto se desdobrava o intento faccioso usou das seguintes palavras: “por fim, chegou o dia que tantos chilenos esperavam”, “por fim, as Forças Armadas atacaram este governo totalitário, marxista, enfim esses apelidos que o partido do Sr Victor Garcia costuma usar...”

Este é um delito político, é um atentado contra o nosso povo, é um atentado contra o regime constitucional que eles dizem defender da boca para fora. O Sr Victor Garcia já foi preso uma vez pelo governo da DC em 1967 por atos sediciosos em nome do PN.

SR VICTOR GARCIA, Deputado pelo PN: Boa noite, senhores telespectadores. Como vocês podem ver e ouvir, o jovem estudante me colocou como sendo sedicioso. Agora, olhem para ele e olhem pra mim. Olhem a sua vida e olhem a minha. Não sei como as câmeras não caíram de vergonha... ele dedicou a sua vida à revolução e não fez nada mais que a revolução. Diante de um homem

que durante 35 anos exerceu a sua profissão, que por 25 anos foi professor universitário, que ganhou a sua vida com esforço. O jovem estudante me olha e me diz “olhem o sedicioso”. Quer dizer, é simplesmente ridículo (...) o regime não funciona sem virtudes republicanas, esse é o meu pensamento, todos me conhecem e assim tenho praticado (...) eu não condeno os desesperados, o pobre caminhoneiro que toma uma pedrada. Também não condeno as pessoas que reclamam e protestam. Não sou partidário e nunca fui de nenhum levante, não sou partidário do golpe e nem de aventuras. Mas hoje em dia eu compreendo e entendo como um país inteiro não pode viver tranquilo quando as suas necessidades mais vitais, como acabou de dizer a dona de casa, não são atendidas.

COMUNISTA: ele se retratou de corpo inteiro. Ele mostrou o rosto sedicioso, o rosto golpista do PN. E Sr Ansietá, aqui está o principal risco da democracia constitucional que vocês dizem defender. O Sr Victor Garcia disse e vocês escutaram que ele não condena o levante de 29 de junho materializado por uma unidade traidora, sem dúvida, da tradição das nossas Forças Armadas. Não condena o assassinato de mais de 22 pessoas. Não condena, mas não foi capaz de dizer que aplaude como o fez com a sua rádio, a Rádio Nacional de Agricultura. Ou como fez o seu jornal, “A Tribuna” que, no dia seguinte, disse que era um autogolpe, um show montado pelo governo da UP

SR VICTOR: Eu não disse que apoiei o levantamento, não distorça minhas palavras... Acabo de me pronunciar claramente! Quero explicar a vocês, sr telespectadores, que o nosso sistema não é um sistema de ódio ou de luta de classes, é o que chamamos de integração nacional, é o que perseguimos. Queremos que todos nos sintamos membros de uma mesma pátria... *(Como no Uruguai, Bolívia e Brasil... Não se desespere, Sr Garcia, não seja histérico e termine, por favor)*

SR COMUNISTA: Estes são os problemas: de onde vem os atentados contra a democracia e a liberdade? Para obstaculizar e impedir o diálogo para conduzir à guerra civil..., é disso que se trata o Sr Victor Garcia, a pacífica pomba da paz que temos visto aqui diante das câmeras que quer instaurar no Chile uma

ditadura fascista igual à de José Maria Bordaberry no Uruguai ou à do Brasil e a da Bolívia, repito aqui. (23'58)

24'32 – VOZ OVER

No dia 05 de julho, Salvador Allende forma um novo gabinete para contornar a crise e criar condições de diálogo com a DC. Para tanto, trata de incluir uma personalidade desse partido.

SALVADOR ALLENDE (OITAVA INSERÇÃO) – *Eu sei perfeitamente bem que os processos revolucionários sacodem e convulsionam os povos. Mas sei também que aqui temos querido fazer algo que outros povos não têm alcançado: uma revolução por meios distintos, de acordo com a nossa história, tradição e realidade. Espero que sejamos capazes de escrever uma página a mais para mostrar que o Chile tem a sua própria vontade criadora e a sua nobre decisão de tornar a pátria cada vez maior. Agora, vamos ao juramento.*

Finalmente, quero dizer que chamei o reitor da Universidade Católica, Fernando Castillo, e pedi-lhe que fizesse parte do meu gabinete. Infelizmente, ele tinha outros compromissos que eu respeitei. Respeitei as suas razões e, apesar da boa disposição, não pude contar com a sua colaboração. Sei que o país contará com a sua colaboração porque assim está. Quero reiterar que superaremos as horas difíceis com o apoio de todos, muito obrigado.

26'16 - ENTREVISTA COM O REITOR DA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Repórter: Por que esta ruptura que não foi desejada nem pelo governo?
FC: Por que quando a UP lança programas, projetos para o Chile que possam realmente significar os interesses coletivos, a UP primeira pergunta: quem supostamente ficará contra eles? E ela procura com uma lupa e, quando os identifica, apresenta-os como uma minoria. Pessoalmente, eu creio que todos os grandes projetos de transformação da nossa sociedade, eles devem ser bem explicados como mensagem e devem ser apresentados como uma força realmente crescente em relação aos objetivos de Chile. Então esta é a obrigação mais fundamental de um governo.

27'11 – VOZ OVER

Mas, sob a influência de sua ala mais tradicional, o PDC não deseja dialogar com o governo. Mesmo assim, tanto Allende quanto um setor da UP e do PDC se esforçam para mudar a correlação de forças ante a possibilidade de um golpe de Estado.

27'35 – CONVENÇÃO COMUNISTA (CONTRA O FASCISMO TAMBÉM VENCEREMOS)

(Jaime Gazmuri – Secretario Geral Partido MAPU Obreiro e Campesino)

Companheiros, queremos fazer um chamado à sensatez e ao patriotismo de setores da DC que seguem suas próprias cabeças e não seguem os ditados do Pentágono, da CIA, dos empresários para que se oponham com toda força à base do povo, em toda parte à ofensiva fascista e reacionária.

Porque se o fascismo logra vencer, não perguntaria ao operário do cobre se é comunista, ou socialista, ou maputista, ou DC para reprimi-lo.

28'2 – VOZ OVER/ HELICÓPTERO

No dia 08 de julho, a Infantaria da Marinha faz uma busca em Valparaíso. Nesse mesmo dia, a Força Aérea ocupa um cemitério em Santiago com três helicópteros. 200 soldados revistam tumbas e nichos em busca de armamentos. Em alguns casos, não se encontram armas.

Sra: isso é uma coisa de outro mundo... Todo dia os direitistas vêm aqui perturbar os mortos... isso é um absurdo, os mortos não têm bala e em nada, como podem matar? Outro dia vieram aí e jogaram seus ossos, era o que restava... Qualquer dia mandarão aviões sobre nós, que estamos aqui indefesos.

Guzmán: você crê que tem que armar o povo?

Sra: Mas é claro, é isso que o governo tem que fazer... (pela primeira vez, o filme sugere a luta armada)

Garota... e o mais rápido possível, porque se o governo não faz, nós faremos... porque somos a força do governo. Allende é o nosso presidente porque nós o elegemos. Os ricos jamais ficariam do nosso lado e tudo o que temos devemos a esse governo de agora. Porque nós nunca tivemos nada...

Outra Sra. : Como não ser grata ao governo? Isto precisa ser explicado a algumas pessoas que ainda não entenderam nada... Tem a sua mente extraviada... E não compreendem a obra que está em andamento... Todos os dias vemos os esforços do governo pelos moradores da periferia...

Guzmán: o que temos que fazer para defender este governo?

Sra: Unirmo-nos!

Guzmán: e se eles vierem armados?

SR: Ah, nós também temos que ter como nos defender! Eu creio que esta seja a opinião de todos aqui... Ao menos aqui neste bairro operário ninguém tem arma. E sabemos que com socos e paus não se pode fazer nada, se eles vêm com armas de fogo, não se pode fazer nada.

Operário: existem organizações de defesa por parte dos trabalhadores. Existem brigadas que em determinados momentos podem ser mobilizadas, mas não existem elementos/armas populares para defender as indústrias, e nem existem elementos/armas populares para mobilizar os trabalhadores e prepará-los para o combate das lutas de rua contra alguns setores militares ou setores fascistas providos de armas

(criar, criar, milícia popular! criar, criar, poder popular!)

31': VOZ OVER

No dia 12 de julho, o Partido Socialista faz uma publicação sobre a ameaça de golpe.

Carlos Altamirano, Secretário Geral do Partido Socialista: os soldados, os policiais, os marinheiros, não podem se prestar em nenhum momento e em nenhuma circunstância a assassinar trabalhadores. E, se alguns oficiais se rebelarem, os oficiais, os suboficiais e os soldados não tem obrigação de lhe prestar obediência. Ainda mais claro, não só tem o dever de não acatar as ordens que signifiquem disparar contra o povo ou participar de aventuras golpistas contra o governo dos trabalhadores, como também tem o dever de opor frontalmente a elas.

A burguesia deve entender com clareza que não pode agir impunemente. A cada ação subversiva, a cada atentado contra o Chile e seu governo, os trabalhadores responderão invariavelmente utilizando todos os

métodos e recursos que sejam necessários. Nosso partido pensa que as tomadas de empresas, fábricas e terras são respostas legítimas da classe operária e dos trabalhadores à atitude sediciosa e golpista da direita (*por alguma razão, a câmera espiona, ela é um voyeur*) Já temos dito que a reação deve pensar cada um de seus passos.

Operário: eu gostaria de perguntar a posição do partido em relação às buscas que o Exército faz em nossas fábricas procurando armas. Considero que essa é uma ação ostensiva contra a classe. Considero que, em algum momento, os trabalhadores deveriam estar armados para defender o seu governo. Então, o senhor, como advogado e jurista, poderia nos explicar quando é legal ou ilegal... Porque pra mim parece que cairíamos na ilegalidade tentando defender o governo dos trabalhadores como trabalhadores mesmo se adquiríssemos armamentos. Eu creio que o povo, para defender o seu governo, deve recorrer a todos os meios de que disponha.

33'36 – VOZ OVER

A questão das armas passa a ser vinculada à questão da proteção das empresas. Para um setor da UP encabeçado pelos comunistas a expropriação indiscriminada de fábricas constitui um erro, pois debilita a imagem legal do governo. Entretanto, para outro setor conduzido pelo Partido Socialista a ocupação de indústrias representa uma forma útil de mobilização que ajuda a preparar e organizar a luta que se aproxima.

(Cordão Cerrillos/ criar, criar, poder popular!)

Este setor afirma que o choque armado com a direita é inevitável e que a única forma de evitar/encarar o golpe é organizando as massas fortalecendo o poder popular, em especial os cordões industriais.

34'33 – CONVENÇÃO PARTIDÁRIA

OSCAR GUILLERMO CARRETÓN – Secretário Geral do MAIPU

Hoje companheiros, estamos preparados para bloquear o avanço reacionário e levar adiante a formação dos cordões industriais em todo o país. Companheiros, trata-se dos líderes sindicais do país assumirem esta tarefa como prioritária. Que eles falem com outras empresas e sindicatos, que eles

sejam capazes de se vincularem com os companheiros de outras quadras e fábricas. Assim, companheiros, vamos construindo essa força popular que é uma base para avançar, uma muralha para deter as intenções reacionárias.

35'10 – VOZ OVER/ CENAS DE MILITARES

Em 19 de julho, o regimento Arauco ocupa a Central de Trabalhadores da cidade de Osorno. Em outro dia, o pessoal da Marinha realiza as buscas em Concepción. Em nenhum dos casos encontram-se armas. Em 12 de julho, o MIR, fora a UP define as suas posições.

MIGUEL ENRIQUEZ – Secretário Geral do MIR

Do alto abaixo do país, ouve-se um único grito que ressoa nas fábricas, terras, favelas e escolas, os quarteis do povo. O chamado a criar, a criar, fortalecer o poder popular, o poder dos comandos comunais, o poder dos trabalhadores e camponeses. Os trabalhadores devem estender de imediato a tomada de fábricas e terras, multiplicar as tarefas de defesa e impulsionar o poder popular como poder local autônomo do poder do Estado.

Os suboficiais e policiais devem desobedecer às ordens dos golpistas. Neste caso, todas as formas de lutas serão legítimas. Então, será certo de que os trabalhadores, os soldados, os marinheiros, os policiais, os suboficiais e oficiais antigolpistas terão o direito de constituir o seu próprio exército, o exército do povo!

39'10 – VOZ OVER/ CAOS

Em 19 de julho os trabalhadores do cordão industrial Vicuña Mackena ocupam a via principal de sua região.

Guzmán: por que a rua está ocupada?

Operário: isto se deve em apoio aos trabalhadores que foram expulsos da ICMETAL.

PG: Há alguma autoridade de governo vindo pra cá?

Operário: estamos esperando que venham e solucionem o nosso problema.

Um dia antes os trabalhadores do cordão Cerillos tentaram realizar uma ação similar. As paralisações são contra a intenção do governo de devolver

algumas indústrias par conseguir acordos com a DC. As contradições das estratégias da esquerda de como evitar o golpe vem a público.

(neste momento, pela primeira vez se vê as contradições inerentes à UP)

Às 11h30, o chefe da polícia ordena o desbloqueio do caminho. Os policiais conseguem chegar na primeira barricada. Depois, há mais de 4 mil operários ao largo de sete quilômetros.

Às 11h45 chega o intendente de Santiago, funcionário da UP e máxima autoridade da província. A sua missão consiste em dissolver o enfrentamento. Depois de ouvir os trabalhadores, o intendente Julio Estuardo cancela as forças policiais.

JULIO: avisem o chefe de minhas instruções, vocês não faram nada aqui e vão recuar duas quadras para trás. As forças policiais vão recuar para além da Av. Matta e comunique ao chefe que foi minha instrução.

VOZ OVER: a polícia se retira, mas o problema das fábricas tomadas segue sendo debatido com a CUT.

40'22 – ASSEMBLEIA CUT/OPERÁRIA/ CORDÃO RECOLETA

Operário palestrante: *A CUT determinou uma comissão que vai conferir os casos das indústrias que hoje estão nas mãos dos trabalhadores. E essa comissão está estudando esses problemas através dos mecanismos que dispõem, tal como CORFO e Ministério da Economia. É preciso entender bem claro, companheiros, que nem todas estão nacionalizadas e há algumas em Santiago que não poderão ser passadas à área social por diferentes razões. Ademais, quando a CUT lançou o chamado para a tomada das indústrias, em caso de intentona golpista, isso significava que, em épocas críticas, parar a ação do fascismo. Mas isso não significa que, indiscriminadamente, todos os tipos de indústria vão passar para o lado social. Porque por aí também há alguns problemas, pois existem indústrias descapitalizadas. Então, se o Estado as assumir será um peso para ele e isso não pode ser. Portanto, tudo isso foi discutido com os companheiros das respectivas indústrias.*

Operário: *como lhe disse, o que queremos é uma decisão final da CUT, seja boa ou má, pois uma decisão final seria um anticorpo para os trabalhadores.*

Operário palestrante: *mas aqui há outra questão de fundo, por exemplo, as empresas de capital suíço, como funcionam? Aqui há um problema de relações internacionais. E o que isso tem haver com o problema dos trabalhadores? Muita coisa, pois o governo suíço é um dos principais sócios do Clube de Paris onde se discute a dívida externa do Chile. E vocês sabem que depois da decisão do governo de estatizar o cobre, por exemplo, houve um boicote dos ianques, e o país não tem os créditos que tinha antes. De maneira que isto se renegocia no Clube de Paris, então o Chile tem que se manejar com muita cautela.*

Operário: *então, aqui não se trata de questões internacionais... Trata-se de nacionalizar todas as indústrias que nos interessam sem negociar com ninguém, companheiro.*

Operário: *porque isso que você está explicando sobre o âmbito internacional é claro que os trabalhadores de base não vão compreender... Se você não der razões mais “criollas”/ populares com palavras que todos entendamos, eles podem passar por cima das lideranças da CUT.*

Operário palestrante: *o que posso dizer é que existem respostas mais próximas, mais chilenas, porque vocês sabem que nós, trabalhadores, através desse governo, ganhamos uma parte do poder, mas não todo poder. A reação quer que os policiais e militares partam para a luta contra os trabalhadores, caso eles decidam romper com as lideranças e façam justiça com as suas mãos e enfrentem os policiais ou os milicos. E depois acusam o governo de que aqui não há disciplina, não há autoridade. E depois acusem constitucionalmente o presidente da República, é o que querem.*

Operário (repetido?): *companheiros, nós temos o filme bem claro, pois nos pediram organização, que organizássemos os cordões e todas as frentes. Nós nos organizamos nas frentes de favela/ periferia, nos sindicatos e nos cordões e ainda seguimos com a mesma cantilena: de que não é o momento, pois existe um poder Legislativo e um Judiciário. Pediram que nos organizássemos em todos os níveis, fizemos isso e seguem nos dizendo que tenhamos calma e que sigamos nos organizando. Qual o medo dos trabalhadores e favelados? De que façamos uma paralisação geral e peçamos para o companheiro presidente e seu poder Executivo que nos diga de uma vez por todas qual o seu plano de luta? Qual o seu plano para confrontar a*

direita? E, se for necessário, como exige a direita, realizar um plebiscito, nós o faremos das favelas ao nível mais alto. E ganharemos daqui a Racangua e com muita vantagem. Porque temos organização dentro das periferias, dos cordões e dos sindicatos. E a CUT continua pedindo calma porque isto pertence à rainha Elizabeth, porque isso pertence à Suíça e assim seguem inventando coisas. A verdade é que nós já estamos cansados porque isto é enrolação e estamos lutando contra a burocracia. Mas dentro de nossas organizações e sindicatos ainda existe burocracia, companheiros! Até quando?! Eu quero te perguntar, companheiro: você não tem confiança no poder popular? Você não confia nos operários que se organizaram e foram pras ruas defender o companheiro Allende na sexta-feira? O presidente não tem confiança nas organizações que nós formamos? Os deputados não tem confiança? Eles que não fazem nada! E os senadores? Em vez de apoiar as nossas causas – e eles foram eleitos para isso – assim que a direita aparece, eles se levantam e vão embora. Chega! Nós nos reunimos por um objetivo e por isto estamos aqui: para pedir que o governo exproprie o máximo de fábricas! As indústrias que não servem deixemos para os direitistas. Deixemos para os momios, se seriam um peso para o governo. Vamos deixar e continuamos lutando! (AQUI, ENFIM, HÁ UM CORTE NO DISCURSO DESSE OPERÁRIO) Vai e você verá que há de tudo no mercado negro e ainda seguem nos pedindo calma... Até quando, companheiro? A barra já está pesada.

Operário palestrante: por acaso vocês não conhecem a composição de classe que existe nas Forças Armadas hoje em dia, companheiros? Não sabem que a maioria da oficialidade apoia o golpe? Porque aqui o poder não se logra apenas com organização, aliás, nós temos uma boa organização. Mas precisamos de uma organização que contrapese o real poder que tem a reação? É por isto que estamos falando na CUT de um Comitê de Proteção. O que eles são? Os comitês de proteção da indústria, da produção e também comitês de proteção para a guerra... São questões que não podem ser ditas assim, pois senão podemos cometer erros... Mas aqui temos que preparar os trabalhadores para trabalhar em todos os terrenos. E nesta peleja está a CUT. Que existem erros, eu aceito, companheiro. Mas os problemas começam quando existem organizações com direções paralelas aos organismos dos

trabalhadores. É por aí que vão mal as coisas. E aqui, companheiros, reconheçam que existem muitos companheiros que propõem questões bem intencionados, mas que precisam ser discutidas mais profundamente. Não se pode rotular tal ou qual organização ou dirigente de certos defeitos. Porque creio que somos nós que fazemos as organizações. E que todos temos um grau de responsabilidade. E vocês tem as suas organizações para plantear estes tipos de problemas. Nós estamos de acordo que hoje precisamos encontrar soluções para os problemas que estão postos, mas não nos esqueçamos que temos um governo presidido pelo companheiro presidente Allende e que temos que seguir essa direção. Que existe um organismo que são os trabalhadores e que existem os partidos que são organismos dos trabalhadores, companheiros.

50´ - VOZ OVER

No dia 19 de julho, os soldados de Infantaria fazem uma vistoria em uma fábrica em São Bernardo. Sem exceção, todos os setores da esquerda reconhecem a necessidade de preparar a defesa armada do governo. **(PELA PRIMEIRA VEZ A NARRAÇÃO RECONHECE ESTA NECESSIDADE HISTÓRICA)**. Mas a falta de uma direção única impede a formulação de um plano conjunto.

(música diegética) No dia 20 de julho, diante da crescente violência, a Igreja Católica lança um chamado a favor do entendimento pacífico. A campanha foi encabeçada pelo cardeal Silva Enríquez culmina com a realização de “missas pela paz” em todo país.

(religioso) *“Pelos representantes do povo que exercem o poder público do Estado. Pela sua competência acentuada pela sabedoria e prudência que vem de Deus faça-os estar sempre a serviço da pátria para o autêntico bem das comunidades. Rezemos ao senhor. Senhor, escutai a nossa prece. Para os cidadãos de nossa pátria para que, na diversidade de opiniões e preferências, Deus ilumine as consciências, apazigue as paixões, domine os rancores sectários de modo que prevaleça o bem comum dos chilenos. Rezemos ao senhor, Senhor escutai a nossa prece.”*

52’02 – VOZ OVER

O chamado à pacificação feito pela Igreja deixa alguns chefes da Democracia Cristã em posição difícil. Por vinte dias eles negaram um diálogo com Allende. Se persistirem nesta posição, entrarão em contradição com a postura pública da Igreja. *(cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo tende piedade de nós)*

52'45 – VOZ OVER (ALWYN)

Dias depois, Patricio Alwyn, futuro presidente do Chile, **(AFIRMAÇÃO RETROSPECTIVA)** e Osvaldo Olguín, chefes máximos da DC chegam ao Palácio do Presidente para uma reunião com o primeiro mandatário. Consciente das divergências, mas convencido de suas estratégias Allende se mostra a fim de um entendimento mínimo que evite a ruptura constitucional.

A possibilidade de um acordo entre Allende e a cúpula da DC causa profunda inquietude entre os adversários mais irreconciliáveis do governo.

53'50 – TIROS (NA SEQUÊNCIA DO ACORDO PALACIANO)

Em 27 de julho, à 1h30 da madrugada, a extrema direita assassina o comandante Arturo Araya Perez, ajudante-em-ordem do presidente Allende. A violência chega a um nível que atinge um oficial vinculado ao presidente da República justamente quando a DC aceita a dialogar com o presidente Allende. Homem de confiança do presidente, Araya havia se tornado o principal laço de confiança entre o governo e os constitucionalistas da Marinha. No mesmo dia 27, os despojos do decano são levados ao La Moneda, depois é levado para Valparaíso para ser enterrado com honras militares.

(plano-sequência dos militares)

Durante 40 anos, as intervenções das Forças Militares não foram necessárias para assegurar a continuidade do sistema. Mas, em meados de 1973, com o risco do regime ser superado pelos processos revolucionários, a maioria dos oficiais parece disposta a intervir.

Meses mais tarde, em seu exílio em Buenos Aires, onde será executado **(AFIRMAÇÃO RETROSPECTIVA)**, o Gal Prats declara que uma das razões para a morte de Araya era impedir que Allende soubesse que o estava ocorrendo em Valparaíso. Ali, um setor das forças militares começa a planejar o golpe de Estado com a assessoria do governo norte-americano.

Para Raúl Monteiro, chefe da Armada e defensor da Constituição, a perda de Arturo Araya significa a perda de um de seus melhores constitucionalistas. Para Allende, este é um dos piores momentos de seu mandato. Para José Toribio Merino, mais tarde membro do governo militar **(AFIRMAÇÃO RETROSPECTIVA)** a morte do decano não muda os seus planos.

Os restos mortais do comandante Arturo Araya Peters são saudados pelo comandante-em-chefe da Guarda Nacional, almirante Raúl Montero Cornejo e por seu colega de turma, capitão de mar-e-guerra Guillermo Aldonei Hansen. Aqui no cemitério, rendem-lhes a homenagem os militares da Escola de Submarino e da Escola de Armamento. Brilhante foi a carreira do comandante-de-mar-e-guerra Arturo Araya Peters. O presidente da República, Salvador Allende, o ministro de Estado, o chefe das Forças Armadas...

59'43 – VOZ OVER E HELICÓPTEROS

As buscas por armamentos se intensificam. Em 3 de agosto, os militares cercam uma das principais fábricas do Cordão Cerrillos, em Santiago. Estas operações permitem aos militares reconhecer o terreno e estudar a reação dos trabalhadores. Por sua vez, acostuma a tropa a lidar com a população civil e vigia-se o comportamento de seus próprios soldados. No outro dia, as forças do 5º Regimento ocupam a área industrial de Punta Arenas. Até então, os militares fizeram 27 buscas pelo país sem encontrar armas. Pela primeira vez, as buscas utilizam tanques.

1h00 – EL PARO (DE QUANDO?,POIS AQUI PODE HAVER UM ANACRONISMO, JÁ QUE A PARALISAÇÃO FOI EM OUTUBRO DE 1972)

Nesta semana, os patrões do setor de transporte realizam uma paralisação por tempo indefinido. Com esta medida, os chefes querem boicotar a economia do governo e sabotar os diálogos entre Salvador Allende e a DC. Os empresários concentram seus veículos em determinados pontos estratégicos para dar impressão de força e manter a coesão interna.

Segundo revelações posteriores do New York Times **(AFIRMAÇÃO RETROSPECTIVA)** os grevistas foram financiados com US\$ 5 milhões

providos da CIA. Cada um dos 35 mil empresários recebe US\$ 4 com o valor do câmbio paralelo.

No entanto, no Congresso, tal como quando houve a greve do cobre, as mulheres dos caminhoneiros coletam dinheiro e víveres entre a população.

1h01'42 – CAMINHÕES

No dia 31 de julho, o governo decreta o fim das paralisações e envia tratores para rebocar os veículos de volta a Santiago, mas os empresários se recusam à ação e acusam o governo de atentado à propriedade privada. Os fatos são filmados pelo Canal 13 de TV que simpatiza com a greve.

Dias depois, Parlamento e jornalistas de oposição transformam o incidente em um escândalo. O Congresso pede ao Canal 13 que transmita a sua versão filmada para apreciação dos parlamentares. Avaliadas as imagens, os parlamentares conseguem retransmitir essas imagens várias vezes ao público apresentando-as como um documento de caráter oficial. Isso evidencia o poder da oposição sobre os meios informativos, assim como a liberdade de expressão tolerada pelo governo. O bloco opositor controla o Canal 13, líder de audiência em Santiago, assim como 75% da rádio e 70% da imprensa escrita. Neste caso, a apreensão dos caminhoneiros serve para alimentar uma campanha de desprestígio contra o governo.

Enquanto isto, os contatos entre Allende e a DC chegam a um ponto morto. A direção do partido impõe a Allende três condições: submeter-se à autoridade do Congresso e renunciar assim às prerrogativas que outros mandatários chilenos tiveram; recuar em suas políticas de nacionalizações e, finalmente, nomear para cargos do governo militares que têm a confiança exclusiva da DC.

Em resposta, Allende se opõe à capitulação. No mesmo dia, a DC suspende o diálogo.

1h04'10 – EXPLOSÕES EM TORRES DE ENERGIA/ COMUNICAÇÃO (É A SEGUNDA VEZ QU ESTE RECURSO É UTILIZADO. ASSIM COMO O HELICÓPTERO PARA EVOCAR A VIGILÂNCIA)

Com o fim dos diálogos, toda a oposição se soma à escalada antigovernamental. Entre julho e agosto, os grupos terroristas treinados pela

CIA realizam 250 atentados com dinamites e bombas incendiárias. Diante do crescente vazio de autoridade, Allende obtém o apoio do comandante das Forças Armadas e consegue fazer com que os militares assumam/compartilhem responsabilidades frente à situação.

1h04'40 – ALLENDE (NONA APARIÇÃO)

Um país não pode viver submetido às ameaças de desalmados. Ontem, as ruas de Santiago estavam cobertas de publicações como estas. Devemos nos perguntar quem as paga? Onde são impressas? Quais são as empresas que se prestam a isso para que se atente contra a vida nacional, contra o governo e o país?

“8 medidas para derrubar o governo”... Agem com essa desfaçatez! Esse gabinete tem que terminar com a paralisação fascista dos transportadores com a decisão de que a lei será aplicada implacavelmente. E, sabendo que conta, na realidade, com a solidariedade de imensa maioria dos chilenos que querem evitar por todos os meios a guerra civil em nossa pátria.

1h05'50 – VOZ OVER

Em 9 de agosto são incorporados ao governo os altos mandos militares. O Gal Prats, chefe maior dos oficiais leais ocupa o Ministério da Defesa. O mando do Exército recai interinamente para o Gal Pinochet considerado constitucionalista. O novo gabinete é recebido com desconfiança pela maioria dos políticos. A direita o rechaça, a DC mostra opiniões divididas e a esquerda duvida. Somente dois dias mais tarde, os partidos comunista e socialista apoiam a decisão de Allende.

(ALLENDE: Muito obrigado, está terminada a sessão)

1h06'40 – HELICÓPTERO/ VOZ OVER

Em 11 de agosto se realiza a primeira gestão do gabinete-cívico militar para requisitar os caminhões. Entretanto, as iniciativas dos altos mandos se chocam com a maioria dos oficiais que veem a paralisação com simpatia e se mostram hostis às sanções aos grevistas. Isto põe em evidência que uma parte do aparato militar também está implicada na ofensiva contra o governo.

Segundo relatos posteriores da imprensa norte-americana William Corby, ex-diretor da CIA, nunca desmentiu o apoio de seu corpo diplomático na preparação e sustentação econômica da greve quando foi interrogado pela Câmara de representantes de Washington em outubro de 1973.

(1h07'30 – tomada aérea da greve)

Em 12 de agosto, o PDC declara oficialmente seu apoio à greve. Nas fábricas, as matérias-primas começam a diminuir e no campo, escasseiam as sementes. Nessas circunstâncias, o gabinete cívico-militar fracassou.

(1h08' – trem e multidão)

Em 12 de agosto, o PDC declara oficialmente seu apoio à greve. Nas fábricas, as matérias-primas começam a diminuir e no campo, escasseiam as sementes. Nessas circunstâncias, o gabinete cívico-militar fracassou. Mas a resposta popular frente à greve continua. O governo e seus partidários mobilizam brigadas para levar seus produtos aos centros de distribuição. Diante da paralisação, uma parte da população apoia as JAP's e os chamados armazéns populares. Cada armazém popular está formado pela vizinhança de um setor que comprou os produtos diretamente do Estado e os vende a preço de custo. Em pouco tempo, metade de Santiago se beneficia com abastecimento direto.

(Abastecimento! Direto! Trabalhadores ao poder!)

Em alguns bairros, cordões industriais enviam piquetes de trabalhadores para vigiar a produção e abrir os comércios fechados. Neste momento, e pela primeira vez, o poder popular se adianta à polícia para manter a ordem pública e controlar os comerciantes.

POPULAR: porque esta não é uma paralisação de trabalhadores, é uma paralisação de empresários de caminhões. Eu não creio que haja um operário caminhoneiro que esteja paralisado. Os que estão paralisados são aqueles que têm frotas de caminhões... São eles que estão mantendo esta greve inútil.

POPULAR: Esta paralisação é claramente política e que está prejudicando a nós, favelados/ da periferia. Nós estamos todos pagando com essas filas enormes... Se os caminhões voltassem a trabalhar, acabariam as filas.

TRABALHADOR **(REPETIDO?)**: Nós, trabalhadores unidos seguimos lutando e cumprimos nossa função como trabalhadores defendendo nossa fonte de trabalho e seguimos produzindo. E carregando mercadoria pra lá e pra cá no braço para que não falte nenhum alimento para a população. Tudo isso nós mostramos aos companheiros, aos trabalhadores, ao presidente, à autoridade de governo.

1h10'08 – CAMINHÕES/ VOZ OVER

Um setor de transportadores que apoiam o governo organizam comboios para distribuir alimentos às províncias. A população também desenvolve um sistema de abastecimento por família chamado “canastra popular”/ “cesta popular”.

(“defender sem cessar a cesta popular!”)

PG: o que o Sr acha da atitude do governo frente à crise que estamos vivendo?

JUAN CÁCERES/ Chefe do Comando do Abastecimento Direto: a atitude do governo... ele tem que ter jogo de cintura, pois se você fosse o governo teria que fazer o mesmo, companheiro. Porque muitas vezes o governo tem que bailar na corda bamba. E eu creio que não é culpa do governo. Para mim, como marxista socialista desde 1932, pois eu estive na República Socialista do Governo Grove, mas que caiu depois num grande erro. Pois o povo pediu as armas e ele sendo militar, não entregou. Claro que teria sido uma matança descontrolada... Talvez teria sido assim... Porque ainda hoje nos falta muito para ter uma boa frente de resistência... Temos organizações antifascista, comitês de defesa, mas nos falta coordenação provincial e nacional para atuar como uma única frente. Mas que não aconteça aqui o que houve na Espanha, com a divisão dos partidos com os anarco-sindicalistas de um lado e os socialista de outro e o fascismo de Franco tomando o poder.

1h11'52 – SOM DE HELICÓPTERO NOVAMENTE/ VOZ OVER

Enquanto isso, um grupo da Marinha detecta uma conspiração naval e informa a vários líderes da esquerda. Estas ações descobertas pelos altos mandos, os marinheiros são encarcerados e submetidos à tortura.

Mediante um acordo na Câmara dos Deputados, a oposição rompe definitivamente com o regime constitucional em 22 de agosto. Este acordo sem força legal assinala que o governo “estaria quebrando a Constituição” e representa um chamado aberto à intervenção militar. Apoiada por maioria simples, esta decisão justifica a rebelião castrense e concede legitimidade ao golpe de Estado.

A partir desse momento, os fatos se precipitam. Um grupo de mulheres se reúne na frente da casa do comando em chefe do Exército, Gal Carlos Prats, chefe natural dos militares que representam o sistema democrático. A manifestação, da qual participa as esposas de 6 generais, é para assinalar a Prats que ele não tem mais o apoio da cúpula militar. No dia seguinte, uma junta de militares nega respaldo e Prats resolve apresentar a sua renúncia. Também renunciam Pickery e Sepúlveda, os principais mandos leais. Augusto Pinochet (**PINOCHET, SEGUNDA CITAÇÃO?**), que aparece como militar profissional e defensor da Constituição, se converte em novo comandante-em-chefe.

1h13'47 – MULHERES

Enquanto a conspiração avança, a oposição civil lança a sua última ofensiva. Em 14 de agosto, na UC, as mulheres do grupo Poder Feminino, se reúnem para apoiar a greve. *“É por isso, que esta luta dos transportadores, que já se desenvolve desde outubro, desta vez tem que ser uma batalha até as últimas consequências. Assim entendemos, nós que estamos apoiando a justa luta dos transportadores.”*

1h14'35 – GRÊMIOS VS GOVERNO/ VOZ OVER

Dias mais tarde, os opositores do governo pedem a renúncia do próprio chefe de Estado. Quase três anos de guerra econômica permitiram à Casa Branca e à oposição interna ganhar um importante setor da classe média. Aqui, os oficiais rebeldes encontram base social para continuar seus planos.

1h15'00 – CORDILHEIRA, BUZINAÇO, VOZ OVER

No dia 04 de setembro, houve o terceiro aniversário do triunfo eleitoral de Salvador Allende. Apesar da crise, os apoiadores do governo realizam uma das maiores manifestações políticas da história do país. **(ALLENDE ACENA AO POVO)**

Por volta das cinco da tarde, mais de 800 mil pessoas desfilam ante o presidente da República. Três dias depois, Allende informa seus colaboradores que pretende realizar um plebiscito para resolver, pela via democrática, a continuidade do governo. A data dada como certa para a realização do plebiscito era o dia 11 de setembro. Enquanto isto, o desfile continua. **(ALLENDE ACENA AO POVO - o maior trecho sem narração da trilogia até o momento)**

1h19'40 – CG BRANCO COM INFORME DE ALLENDE

“Aqui fala o presidente da República desde o Palácio La Moneda. Informações confirmadas assinalam que um setor da Marinha teria isolado Valparaíso e que a cidade estaria ocupada. Em todo caso, estou aqui no Palácio de Governo e aqui ficarei defendendo o governo que represento pela vontade do povo.

1h20'13 – CENAS DE ALTO MAR/ MARINHA

Em 11 de setembro a Armada desencadeia o golpe de Estado desde Valparaíso. Ao mesmo tempo, quatro destroyers norte-americanos se aproximam da costa chilena para participar da Operação Unitas e manter contato com os golpistas.

Às 7h30, Allende chega ao Palácio La Moneda para compartilhar as primeiras instruções. A situação é crítica, pois não existe um plano conjunto para a defesa armada do Governo. Durante a madrugada, a maioria dos oficiais constitucionalistas já foi neutralizada.

(A SEGUIR, O MESMO RECURSO CRONOLÓGICO É ADOTADO POR VÁRIOS FILMES, INCLUSIVE CRONOMETRANDO OS EVENTOS)

Às 8h da manhã alguns aparatos da Força Aérea sobrevoam a capital Santiago

Às 8h20, os chefes da sublevação exigiam a renúncia do chefe de Estado e lhe oferecem um avião para que abandonem o país.

Às 9h15, o **presidente constitucional se prepara para combater e fala novamente pelo rádio.** (A FOTOGRAFIA CLÁSSICA DE ALLENDE COM O CAPACETE)

“As Forças Aéreas bombardearam as torres da Rádio Portales e da Rádio Corporación. Diante desses feitos, só me resta dizer aos trabalhadores: eu não vou renunciar. Colocado em um trânsito histórico pagarei com a minha vida a lealdade do povo. A história é nossa e a fazem os povos. Viva o Chile! Viva o povo! Viva os trabalhadores!”

1h21'54 – TANQUES NA RUA/ VOZ OVER

(É provável que haja interpolação de imagens do próprio PG com as de H&S)

Ao cabo de algumas horas de resistência, os militares enviam a Salvador Allende um ultimato. Se não se render, a aviação iniciará o bombardeio. Diante disso, o primeiro mandatário dá liberdade de ação à guarda do Palácio que abandona o edifício. Com Allende, que rechaça a rendição, permanecem 40 combatentes civis, dispostos a enfrentar o ataque.

1h22'35 – CENAS DE HELMICH DO ATAQUE AO LA MONEDA

Apesar do bombardeio, os defensores do Palácio resistem três horas. Ao mesmo tempo, se produzem vários pequenos combates em Santiago e nas províncias.

Às 14h15 da tarde, o presidente Allende morre no La Moneda.

Às 21h, os chefes do levante se apresentam publicamente ao país.

(1h23'57 – A JUNTA MILITAR NA TELEVISÃO)

PINOCHET - “As Forças Armadas e da ordem atuaram no dia de hoje com toda inspiração patriótica de tirar o país do caos de forma aguda em que o estava precipitando o governo marxista de Salvador Allende. A Junta manterá o poder Judiciário e a assessoria da Controladoria-Geral, as Câmaras ficarão em recesso até segunda ordem. Isso é tudo”

ALMIRANTE JOSÉ TORIBIO MERINO – “Talvez seja triste que se tenha quebrado uma tradição democrática que era longa nesse continente. Mas,

quando o Estado perde suas qualidades, existem aqueles que por mandato e por urgência devem assumir o fardo. Hoje o fazemos. Estamos seguros de que o país inteiro vai compreender o sacrifício que isto significa.”

GENERAL CÉSAR MENDOZA – “Não se trata de esmagar tendências ou correntes ideológicas e nem de exercer vinganças pessoais. Mas, como disse, de estabelecer a ordem pública e devolver ao país o respeito à Constituição e às leis da República.”

GENERAL GUSTAVO LEIGH - “Depois de suportar o câncer marxista por três anos que nos levou a um descalabro econômico, moral e social que não se podia seguir tolerando. Pelos sagrados interesses da pátria, nos vimos obrigado a assumir a triste e dolorosa missão que cometemos. Não temos medo. Sabemos da enorme responsabilidade que recairá sobre nossos ombros. Mas temos a certeza, a segurança/ convicção de que a enorme maioria do povo chileno está conosco. Está disposta a lutar contra o marxismo, está disposta a extirpá-lo até as últimas consequências.”

1h26’40 – TANQUES/ VOZ OVER

A partir de 11/09, todos os recursos do Exército chileno são utilizados para reprimir os movimentos populares com a complacência do governo norte-americano. A primeira resistência armada oferecida por alguns cordões industriais, favelas, minas e centros agrícolas é abafada rapidamente através de uma luta desigual.

(IMAGENS ICÔNICAS – PRESENTE EM KEN LOACH 11/09/01)

Centenas de pessoas perdem a vida e os principais centros desportivos se convertem em campo de concentração. A experiência democrática mais longeva da América Latina deixou de existir. Entretanto, a partir do mesmo dia 11/09, as forças democráticas começam a se reorganizar pouco a pouco na clandestinidade e adotam variadas formas de resistência. A Batalha de Chile não terminou.

Tienen la fuerza

Podran avasallarnos

Pero no se detienen los procesos sociales

/Ni con el crimen, Ni com la fuerza

*La historia es nuestra/ Y la hacen los pueblos
Sigán ustedes sabiendo/ Que mucho más temprano que tarde
Se abrirán las grandes alamedas
Por donde pase el hombre libre/ Para construir una sociedad mejor*

Salvador Allende, 11/09/73

ANEXO 03 - TRANSCRIÇÃO E MINUTAGEM DE “A BATALHA DO CHILE – O PODER POPULAR” (1979)

Direção: Patricio Guzmán

Câmera: Jorge Müller Silva

Técnico de som: Bernardo Menz

Edição: Pedro Chaskel

Colaboração: Federico Elton, José Bartolomé, Guillermo Cahn

Narração: Abilio Fernandez

Produção: Equipe Tercer Año, Chris Marker, ICAIC

1’ – SOM DE FLAUTA ANDINA + GRITOS DE POPULARES PRÓ-ALLENDE

(imagens de uma parada, desfile de Allende. *“primeira companhia, atenção, ombros!”*)

A esquerda unida, jamais será vencida! Allende, Allende!

Santiago de Chile, 1972. Em apenas 18 meses o governo socialista de Salvador Allende conseguiu cumprir com uma parte importante de seu programa de transformação social. No transcurso de um ano e meio, ele nacionalizou as grandes minas de cobre, ferro, nitrato, carvão e cimento. Nesse período, o Estado consegue controlar a maioria das empresas monopolistas do país.

(“Allende, seguro! Contra os reações/momios têm que ser duro!”)

Além disso, conseguiu desapropriar 6 milhões de hectares de terras inativas/ improdutivas e estatizou quase todos os bancos nacionais e estrangeiros. De sua parte, durante esses 18 meses, o governo norte-americano e a oposição interna obstaculizaram seriamente a gestão do governo. Apesar disso, Salvador Allende tem mantido o apoio de amplas camadas da população.

(ALLENDE, 11º APARIÇÃO - “A MAIOR DURAÇÃO DE ALLENDE EM CENA: FOI DOS 3’ AOS 6’38”)

6’38 – TOMADA PANORÂMICA DE SANTIAGO

Ao final de 1972, o setor mais duro da oposição reafirma a sua estratégia. O PN insiste em provocar a caída do governo antes das próximas eleições parlamentares. (TOMADA DOS CAMINHÕES PARADOS). Para isso, impulsiona uma paralisação geral dos transportadores que serve de ponta de lança para o colapso geral da economia. A escassez de peças de reposição fomentada pelo Governo norte-americano cria as condições idôneas para que o PN possa controlar a cúpula desses sindicatos patronais.

7'18 – EMPRESÁRIO 1: *Nós temos os meios de mobilização para encontrar a solução adequada... Basta de artimanhas e rodeios! Por tarifas, por preços, por renovações adequadas, por justiça e menos burocracias! É isso o que viemos pedir a vocês: confiança para que esse diretório possa resolver os problemas! Nós temos que agir como um só homem, como um só transportador com sua mulher que está participando! Chegou o momento em que temos que levantar bandeira da paralisação por tempo indeterminado até as últimas consequências! Porque se vamos morrer na miséria, na bancarrota e na ruína, que seja de pé, vibrante e altivos! Porque esta é a imagem do pobre chileno que se expressa através desse grêmio! Muito obrigado.*

EMPRESÁRIO 02: Assim, senhores empresários, a diretoria da Confederação deu as instruções correspondentes a todas organizações sindicais para que, desde desta terça à meia-noite, paralise os serviços de todo Chile. Cumprimos, então, senhores empresários, com o mandato da Assembleia Nacional a diretiva dessa confederação.

9'11 – O PARO DOS TRANSPORTADORES/ VOZ OVER

Em 11 de outubro de 1972 é iniciado a primeira paralisação dos transportadores. No dia seguinte, os caminhoneiros recebem o apoio da Sociedade Nacional de Agricultura, assim como dos pequenos e grandes comerciantes que também paralisam as suas atividades.

Na noite de 14 de outubro, o PDC também decide apoiar a greve. O transporte rodoviário constitui um importante elo da cadeia produtiva. A ausência de veículos desarticula o abastecimento de matérias-primas e interrompe a distribuição em escala nacional. Segundo revelações posteriores do New York Times (**LEITURA A POSTERIORI**), o principal apoio econômico

para a greve provém do governo norte-americano. Os grandes empresários agrupados na Sociedade de Fomento Fabril também param a produção e começam a paralisação indefinida de suas fábricas. Este setores defendem a empresa privada e rechaçam qualquer tipo de socialização da economia.

PRESIDENTE DA SOCIEDADE FOMENTO FABRIL/ EMPRESÁRIO 3 – *a indústria chilena está agrupada em torno de uma instituição chamada SFF, da qual eu sou presidente. Ela é a mais antiga do gênero na América Latina e foi fundada em 1883, até hoje teve 19 presidentes e sou o número vinte.*

(VO) Historicamente, a SFF é representante dos interesses do grande capital nacional e estrangeiro. Durante a paralisação de outubro, este grupo encabeça os grandes industriais.

PRESIDENTE DA SOCIEDADE FOMENTO FABRIL/ EMPRESÁRIO 3 - *Nós pedimos aos industriais que aderissem ao movimento e eles assim o fizeram como pessoas. Ocorre que, em muitas partes, houve paralisação industrial porque ademais houve adesão de outros setores trabalhadores como profissionais liberais, engenheiros, bancários, profissionais da saúde, advogados, engenheiros... E, claro, comerciantes, pequenos e médios industriais... Enfim, foi um movimento que abarcou setores amplos.*

12'17 – RUAS/ VOZ OVER

Em Santiago, 70% dos ônibus deixam de trabalhar. **(esse tema foi explorado no terço final da parte 1 e no segundo quarto da parte 2)** As comunicações urbanas do país entram em crise. Os trabalhadores vão para as ruas com os caminhões das fábricas e improvisam uma forma de transporte mínimo. Diante da emergência, combatem a greve desde o seu começo. Respondendo ao chamado do governo, a grande maioria dos trabalhadores vai ocupar seus postos de trabalho.

OPERÁRIO 1 – *Bem, quando soubemos que os transportadores estavam em greve pensamos que era uma manobra. Então, de imediato nos reunimos e*

tomamos as precauções necessárias para proteger a nossa empresa que é nacionalizada.

OPERÁRIO 2 – Seguimos trabalhando todos os dias, como de costume.... atrasados, mas chegamos... Com caminhões, micros particulares, de alguma maneira viemos para a indústria.

OPERÁRIO 3 – Bem, nós trabalhamos... Damos todo apoio ao trabalho... Vínhamos de micro ou como podíamos... a pé... De qualquer coisa, o importante era chegar aqui.

OPERÁRIO 4 - Um companheiro que trabalhava aqui e emprestou o caminhão, foi assim que viemos... Não, a fábrica não parou nunca.

OPERÁRIO 5 – Sempre decidimos trabalhar para cooperar com o governo. Fizemos toda a nossa parte para apoiar o governo.

OPERÁRIO 6 – Claro, justamente... Nunca faltamos por causa das paralisações... Sempre estamos aqui, retos como tábuas...*

OPERÁRIO 7 – É uma paralisação sediciosa... Nós reagimos como sempre: trabalhando, normalmente.

MULHER 14'21 *OPERÁRIA 8 – Inclusive vieram mulheres jovens, algumas com seus bebês nos braços e outras grávidas.*

14'34 – RUAS DE SANTIAGO/ VOZ OVER

Enquanto isso, no centro de Santiago, os grupos de choque da oposição atacam os ônibus que ainda não aderiram à paralisação. Nos bairros residenciais, a maioria dos engenheiros, executivos e técnicos permanecem em suas casas apoiando decisivamente a greve (CARROS NAS GARAGENS).

PRESIDENTE DA CUAC/ EMPRESÁRIO 04 – *Atualmente, eu sou o presidente da Confederação Única dos Autônomos Profissionais de Chile que agrupa cerca de 50 mil profissionais, trabalhadores com qualificação profissional que prestam serviços a distintas indústrias ou repartições do país.*

VO – Este tipo de organizações sindicais supostamente apolíticas atua com estreita colaboração com partidos opositores.

15'08 EMPRESÁRIO 04 - PRESIDENTE DA CUAC – *Nós temos uma grande organização de base disciplinada, consciente e responsável como mostrou a paralisação de outubro!*

VO – (CENAS DE MUROS) Pouco a pouco, essas organizações mostram comportamentos próximos do fascismo.

PRESIDENTE DA CUAC – *Tampouco creio no mito de que o operário por ser operário pode tudo.*

APROX. 15'40

OPERÁRIO 9 – *Bem, aqui os engenheiros se foram junto com os executivos da empresa. Eles abandonaram a empresa que ficou nas mãos dos companheiros dirigentes. Então, nos organizamos imediatamente e, com eles, assumimos esta responsabilidade.*

OPERÁRIO 10 – *estamos bem, já que nossos patrões nos abandonaram e nós seguimos adiante.*

OPERÁRIO 11 – *eles se retiraram e nos deixaram a fábrica. E seguimos aqui trabalhando normalmente. Não, nenhum problema... Até o momento nenhum problema...*

OPERÁRIO 12 – *acho que eles agiram mal porque não nos avisaram de nada. Mas, apesar de tudo, nos encontramos mais satisfeitos, muito melhor... E oxalá pudesse apertar as mãos do companheiro Allende.*

OPERÁRIO 13 – *Bem, estamos perfeitamente bem assim como estamos trabalhando agora...*

OPERÁRIO 14 – *eu creio que estamos muito bem agora com essa nova forma de indústria... Estamos trabalhando agora com mais empenho (todos são de diferentes setores industriais?)*

17' - TOMADA DO ALTO DA PLANTA SIDERÚRGICA/ VO

Nas fábricas, os operários com mais experiência passam a dirigir as principais funções. Os poucos engenheiros que simpatizam com o governo atendem várias fábricas vizinhas **(aqui há uma categorização profissional em busca da adesão ou não ao governo)**. Assim, um engenheiro pode

resolver os problemas de 4 ou 5 empresas de uma vez. Nesses primeiros momentos, a atividade industrial não parou

17'55 – PARLAMENTO/ CÂMARA ALTA

Enquanto isso, na Câmara Alta, um grupo de 10 senadores emite uma declaração que afirma que o governo estaria sobrepassando a lei. Esse documento sem força legal serve para arranhar a imagem constitucional de Allende ante às forças Armadas (**esse tema foi explorado no quarto final da parte 2**). Entre os 10 signatários há parlamentares do PDC.

OPERÁRIO 15 – *Veja, eu realmente acho que o PDC nesse momento está dando um suporte aos momios... eu mesmo já fui PDC e hoje considero que estão traindo a pátria ao apoiar esta gente.*

OPERÁRIO 16 – *foi a burguesia quem manteve na ignorância todos os trabalhadores... Isto está claro. Por que muitos trabalhadores não tem nem ideia do que é política e se dizem apolíticos? Mas não sabem que tudo é política! E que os trabalhadores tem que se organizar para se unir. Em base de quê se uniram? As organizações têm funcionado justamente com base nos partidos políticos. E os partidos que estão com a UP são aqueles que sempre estiveram com os trabalhadores. Não os partidos que estão contra os trabalhadores, como o PDC. Criaram esse paternalismo para usar os trabalhadores.*

MULHER 19'17 OPERÁRIA (DE COSTAS) 17 – *Existem trabalhadores democratas-cristãos? Sim, existe de tudo... Eles criam problemas? Não. Eles também trabalham? Todos somos unidos, não existe nenhum tipo de problema.*

OPERÁRIA 18 – *Existem trabalhadores democratas-cristãos? Sim, sim.. também trabalham...*

19'47 – INTERIOR FÁBRICA/ VOZ OVER

Apesar da DC ter decidido apoiar a greve, alguns de seus militantes operários continuam trabalhando. De saída, esses trabalhadores entram em contradição com seus dirigentes. Eles se sentem mais identificados com seus companheiros de trabalho do que com seus patrões.

OPERÁRIO 19 – (PG) *você não está com a UP. Com quem está? Eu estou com os trabalhadores... (PG) e os trabalhadores com que estão? Com a UP.*

OPERÁRIO 20 – (PG) *E vocês trabalharam durante a greve? Claro. Porque temos consciência de trabalhador... (PG) e você veio trabalhar durante a greve? E está com a UP. Sim, estou com os trabalhadores. **(aqui existe um esforço de identificar uma contradição política na postura do operário que se diz pró-governo, mas não se afirma pró-UP)***

(cenas de diversas plantas industriais, tecidos, usinagem, frigorífico, comida enlatada)

OPERÁRIO 21 – (PG)... *Porque os momios nunca respeitaram o governo atual... é o povo quem respeita o governo e acata todas as ordens do governo. Mas os senhores... como se chama... os senhores do dinheiro, os que estão perdendo juros, são eles que estão tocando o pito porque hoje o povo pode comprar, pode comer... E eles agora querem esconder as coisas que o povo pode consumir. E este caos que eles provocaram é para que o povo fique contra o governo.*

21'22 – AÇAMBARCAMENTO DE PRODUTOS/ VOZ OVER

A oposição incrementa os açambarcamentos de produtos de primeira necessidade. Trata-se de criar uma situação de escassez generalizada. Em contrapartida, o governo e as organizações populares aumentam a vigilância para descobrir os locais de armazenamento clandestino. Apesar de tudo, a população encontra sérios problemas para adquirir os produtos disponíveis. **(esse tema foi explorado no primeiro quarto da parte 01).**

Diante da situação crítica, o governo declara estado de emergência na capital e em várias províncias. Isso significa que as Forças Armadas têm que cumprir funções de ordem pública. A oposição acusa o presidente Allende de usar politicamente os militares. Por sua vez, a imprensa opositora lança uma campanha para estimular a desobediência militar contra o governo.

OPERÁRIO 22 – *Bem, acho que estamos vivendo um momento muito crítico do país, mas creio que com a unidade de todos os trabalhadores, vamos sair desta de qualquer jeito.*

OPERÁRIO 23 – (PG) *Companheiro, o que você acha da crise atual? Bem, acho que vamos bastante grave... Bem, é preciso por fim à crise e retomar o crescimento do país.*

OPERÁRIO 24 – *Estamos mal, companheiro... Precisamos trabalhar e produzir um pouco mais.*

OPERÁRIO 25 – *Na verdade, o problema é que vai indo muito mal a situação...*

OPERÁRIO 26 – (ENTREVISTADO DE NOVO) *A crise? É preciso coloca-la de lado e seguir adiante... Trabalhando mais, produzindo mais e ajudando o companheiro presidente.*

OPERÁRIO 27 – *Não devemos atender às provocações dos momios porque querem única e exclusivamente sufocar-nos, asfixiar-nos aproveitando que os norte-americanos querem pisotear a nossa dignidade de chilenos. Eles também se embarcam e nós não podemos aceitar como chilenos, como trabalhadores, como homens maduros no nosso labor de atuar conforme eles querem. Não, nem agora, nem nunca, muito pelo contrário! Sempre vamos lutar por um Chile livre econômica e politicamente.*

23'52 – RUAS E DISTRIBUIÇÃO/ VOZ OVER

Enquanto isso, algumas fábricas começam a vender seus produtos diretamente à população. Os sindicatos de diversas indústrias se conectam entre si para levar os produtos aos bairros populares.

OPERÁRIO 28 – *Nesse momento, estamos atuando como inspetores voluntários... Nós seguimos com o soldo da empresa. Nós estamos atuando na coordenação das áreas de mercado de produtos de linha branca (eletrodomésticos)*

V.O. – Outras fábricas enviam piquetes de trabalhadores para abrir os comércios fechados. **(isto já foi noticiado em algum momento da parte 2)**. Esses trabalhadores cumprem o papel de inspetores a serviço do governo.

24'54 – EXPLOSÕES/ CORTE PARA A TV (NOTAR A EDIÇÃO ALIMENTANDO A TENSÃO SOCIAL)

(TELEJORNAL) Todas as lideranças das organizações dos setores ferroviários entregaram uma declaração sobre o atentado ocorrido ontem por elementos fascistas contra um trem de passageiros. E advertem que não vão tolerar novas agressões. Definem o atentado de ontem contra um trem de passageiros como um ato criminal contra os trabalhadores ferroviários e contra os passageiros cujas vidas estão nas mãos dos ferroviários.

OPERÁRIO 29 – *organizamos comitês para vigiar as fábricas dia e noite, dois comitês... os comitês vigiam a indústria para que ninguém venha tomá-la.*

OPERÁRIO 30 – *aqui, companheiro, temos um comitê de vigilância para resguardar sábado, domingo e todos feriados a indústria. Em nenhum momento ela fica sozinha.*

OPERÁRIO 31 – *queremos fazer quatro torres, uma em cada costado da companhia para ter mais vigilância da empresa hoje em dia.*

26'18 – INTERIOR FÁBRICA/ VOZ OVER

Dia após dia, os comitês de vigilância crescem nos principais pontos industriais de Santiago.

PG: Me conte a história desse caminho.

OPERÁRIO 32 – *Bem, os companheiros se reuniram em uma Assembleia de trabalhadores e acordaram cooperar com o governo e a melhor maneira de enfrentar e quebrar o movimento dos transportadores seria trabalhando. E fabricando caminhões-tanque para o transporte de combustíveis em um processo acelerado de trabalho e pelo qual levamos somente uma semana para entregar ao governo 10 tanques como este que vocês estão vendo.*

Aprox. 27' / V.O. – Em meados de outubro, a capacidade de organização dos trabalhadores supera todas as expectativas. *(Esta empresa é um centro de apoio revolucionário)*. Os trabalhadores logram manter uma produção relativamente normal, utilizando ao máximo os estoques de reserva. As indústrias conseguem criar entre si um intercâmbio real de recursos. Na prática, começam a ser criados os chamados cordões industriais. Os cordões são um agrupamento de empresas que controlam os trabalhadores de uma

mesma faina/ área. São o primeiro germe de poder popular em Chile. ***(isto já foi noticiado no primeiro quarto da parte 2, inclusive com o mesmo texto)***. Enquanto os simpatizantes do governo parecem superar a crise, os grupos de oposição tratam de criar um caos de vazio e autoridade.

28'22 – TELEJORNAL

MULHER: A eficiente atuação dos carabineiros e a mobilização multitudinária de trabalhadores que saíram para as ruas para dar apoio ao governo constitucional fizeram fracassar os intentos fascistas de provocar hoje uma manifestação sangrenta em Santiago.

HOMEM: Os grupos fascistas se dedicaram a promover uma guerrilha contra estudantes e trabalhadores que foram às ruas prestar respaldo ao governo. Houve quebra-quebra de lojas comerciais, o saqueio da Corporação de Urbanismo e trocas de tiros. A presença dos trabalhadores significou a debandada dos grupos fascistas que tentavam criar um clima de desordem na cidade. Os operários da construção e os trabalhadores das indústrias sociais/ nacionalizadas desfilavam pelas ruas para inibir os grupos fascistas.

(MUSICA ANDINA – PELA PRIMEIRA VEZ NA TRILOGIA EXISTE MÚSICA)

29'21 – GREVE PATRONAL/ VOZ OVER

Em 23 de outubro, a greve patronal começa a mostrar alguns sintomas de cansaço. Nas fábricas, a situação dos operários também é complicada, pois os estoques de reserva estão perto do esgotamento. Assim, nesta situação, Allende cria condições de entendimento com a DC. Para isso, incorpora ao governo elementos chefes do comando das Forças Armadas.

Para a criação desse gabinete cívico-militar, o presidente se apoia na figura do Gal Carlos Prats, chefe natural dos militares que respeitam o sistema democrático. ***(isto já foi noticiado no terceiro quarto da parte 2, inclusive com o mesmo texto)***. Com o aval desse setor, Allende consegue um acordo com a DC e negocia uma solução para a greve dos transportes. Um amplo setor da esquerda interpreta a presença dos militares como uma possibilidade de aplicar uma mão dura contra a oposição.

OPERÁRIO 33 – (PG) O que você acha da presença dos militares no governo? *Estou de acordo com a presença deles no gabinete. Porque é a única maneira de lidar com os momios, eles querem mão de ferro.*

OPERÁRIO 34 – *demoraram muito para coloca-los lá. Deveriam ter feito isso desde o começo. Para quê? Para solucionar todos os problemas que estão ocorrendo.*

OPERÁRIO 35 – *Estou de acordo com a presença dos militares, inclusive deveria haver mais militares nos ministérios. Você acha que eles estão com o povo? Sim, todos eles estão com o povo hoje em dia. Como você sabe disso? Sabemos porque as forças reacionárias não conseguiram a adesão dos militares/ carabineiros. Então, sabemos por demasiado que os militares estão com o povo. Sabemos com a declaração de ontem do Gal Prats que eles deram garantia para nós. **(aqui existe algo interessante porque a câmera lança um close no rosto do colega do entrevistado, pois ele demonstra um semblante de preocupação).***

OPERÁRIO 36 – *eu nunca gostei da presença de militares no governo. Por quê? Pela simples razão de que o sistema democrático é alheio/ não combina com os militares. E por que Allende teria recorrido aos militares? Eu imagino que o momento era demasiado grave, então era necessário por um momento circunstancial, nada mais... Para garantir sua autoridade, para manter a ordem. Mas que não seja permanente, que seja por pouco tempo.*

OPERÁRIO 37 – *Neste momento, eu creio que nem eu e nem ninguém pode dizer de forma bem clara se haverá enfrentamento ou não **(é a primeira vez neste filme, e a segunda na série, que se denota a possibilidade de guerra civil)** porque tudo depende, exclusivamente, das Forças Armadas. Se as Forças Armadas se mantiverem assim, leais ao povo, respeitando a ordem e a lei, não haverá enfrentamento. O governo será governando com dificuldades, mas seguirá governando.*

GUZMÁN FAZ UMA PERGUNTA PÚBLICA – O que seria preciso fazer se a greve se repetir?

OPERÁRIO 38 – *Todo o setor deve ser nacionalizado e deve ser passado para a mão dos trabalhadores. Porque sem os trabalhadores os caminhões também não podem fazer nada, somos os trabalhadores que fazemos avançar o país.*

OPERÁRIO 39 – *Agora as pessoas abriram os olhos e viram que não nos farão de bobos novamente, como queriam...*

OPERÁRIO 40 – *Eu creio que o mundo inteiro tem que compreender a parte/ o lado do trabalhador... Não só aqui em Chile, mas no mundo inteiro.*

32'54 – CENTRO DE SANTIAGO/ VOZ OVER

Em 10 de novembro de 1972, o gabinete cívico-militar consegue por fim à greve. Para o governo norte-americano e a oposição interna, trata-se de um fracasso. Ainda que causem ao país um grande dano econômico, eles não conseguem derrubar o presidente, sendo este o seu objetivo principal. Para um amplo setor dos trabalhadores, a experiência de outubro servirá de base para o crescimento do poder popular. Dias depois, num ato de massas que **celebrará o fim do conflito. (a declinação do tempo verbal já pressupõe os fatos)** desfila pela primeira vez o chamado “Cordão Cerrillos”, que não existia antes da greve e que agrupa 250 empresas ao sul de Santiago.

(Neste filme, os cordões são apresentados como um efeito direto, uma resposta popular à paralisação de outubro. É preciso conferir isto nos outros filmes, inclusive na literatura a respeito)

Trabalhadores de Cordão Cerrillos! Trabalhadores de Frensa! Sindellén! Fábrica Cerrillos! (Aqui há um efeito de zoom in em sincronia com os gritos de rua, algo não visto nos filmes anteriores.) Trabalhadores de Ralco!

34'50 – ESTÁDIO NACIONAL/ QUILAPAYUN CANTA “LA BATEA” NA ÍNTEGRA.

É a terceira ocasião neste filme em se tem a presença de uma trilha sonora, sendo a quarta em toda a trilogia se incluirmos a música de Santana, no primeiro filme. Porém aqui, temos uma música quase na íntegra e, provavelmente, seja a da apresentação no Estádio Nacional para receber Fidel Castro. Esta sequência musical também está presente em Santiago Álvarez e no filme “Salvador Allende”, de 2003.

36’08 – O “ICÔNICO” CARROCEIRO (até 37’34, ou seja, 1m26s)

Creio que esta sequência tenha sido utilizado quase uma dezena de vezes em toda obra do Guzmán. Pesquisar a respeito. Mas aqui ela é contemplada com uma flauta andina. A voz over se sobrepõe à sequência.

Após a greve de outubro, quase todos os movimentos de base estarão vinculados ao poder popular. **(o que ele está chamando de poder popular desde o começo do filme?)** Esta é uma iniciativa canalizada pelo governo, mas que não se origina no seio deste. A menudo, este poder causa uma grande inquietude em alguns partidos da esquerda que se alarmam frente a certas atitudes espontâneas da população. Depois de outubro, o lema “criar, criar, poder popular!” continuará sendo escutado em todo país.

(O filme adquire um tom dramático, meio esperançoso, meio melancólico com a trilha sonora continuando e sublinhando a narração. Gritos de “trabalhadores ao poder! Criar, criar, poder popular!”)

38’19 – PINTURAS URBANAS DE MOBILIZAÇÃO POLÍTICA

Em meados de 1973, foram criados 31 cordões industriais em várias cidades do país, dos quais 8 pertencem a Santiago. **(isto já foi noticiado no terceiro quarto da parte 2, inclusive com o mesmo texto)**. Quando surgem conflitos com os patrões, principalmente dentro das pequenas empresas, os operários recebem apoio dos cordões aos quais pertencem. Esta solidariedade permite aos sindicatos contar com a solidariedade para enfrentar os patrões.

OPERÁRIO 41 – *Eu creio que o mundo inteiro tem que compreender a parte/ o lado (É A TERCEIRA OU QUARTA VEZ QUE ESTA PERSONAGEM APARECE NO FILME COM O MESMO DISCURSO: O DE QUE OS TRABALHADORES SEMPRE ENRIQUECERAM OS DE CIMA) Fomos nós trabalhadores que fizemos os outros se enriquecerem. E eles não reconhecem nenhum bem-estar aos trabalhadores. Até agora eles querem nos destruir e existe uma grande perseguição contra os dirigentes sindicais. Mas os dirigentes sindicais não estamos sozinhos. Temos o apoio dos trabalhadores e dos cordões industriais e eles se estendem por todo o Chile, assim somos poderosos! Eles pisaram na bola mais uma vez. Agora estamos todos organizados e conscientes. Nós trabalhadores estamos de olhos abertos e mais instruídos. Porque temos apoio, estamos mais unidos e somos mais poderosos. Porque o inimigo que temos à frente, a direita, é muito poderoso e organizado. Por que não podemos nos organizar? Por que não podemos aproveitar a maioria numérica, já que nós somos mais e eles patrões são menos? É fácil derrotá-los, mas é preciso estar organizado e unidos.*

OPERÁRIA 42 – (PG) *O que você acha dos cordões? Eles são muito importantes... Porque creio que é o verdadeiro poder das comunidades organizadas. E todos devemos ter muito claro a importância dos cordões e como conquistar seu apoio e organização*

PG - *Você acha que eles são um poder do governo ou paralelo ao governo? Porque penso que existe muito temor acerca dos cordões industriais... (esta foi a pergunta mais longa já feita pelo Guzmán em toda trilogia)*

OPERÁRIA 43 – *Sim, nós temos percebido isto... Parece temor porque parece que existe um verdadeiro temor que a comunidade participe dos serviços de utilidade pública.*

PG - *Você não vê nenhum perigo nos cordões industriais?*

OPERÁRIA 44 – *Mas é claro que não... Eu tenho confiança na inteligência do povo... Então, o povo organizado é inteligente... Então, qual poderia ser o temor dos organismos do povo?*

40'48 – PORTA DE FÁBRICA NACIONALIZADA

Durante este período, os trabalhadores ocupam centenas de fábricas em todo o país. Algumas dessas indústrias podem ser expropriadas legalmente. Porém, muitas delas estão nas mãos dos trabalhadores sem nenhuma possibilidade de apoio legal. São os primeiros sintomas de que o aparato do Estado começa a ser desbordado pela realidade. ***(pela primeira vez, o filme indica as frestas da ilegalidade à esquerda, ou seja, a possibilidade de ruptura da ordem legal pelas ações da esquerda)***

41'15 – ASSEMBLEIA DE FÁBRICA

Mais tarde, começam a ser organizados os chamados comandos comunitários como outra forma de poder popular. Este comando aglutinam os mesmos componentes da mesma comunidade, isto é, estudantes, donas de casa, operários, trabalhadores, favelados e camponeses. *(creio que esta sequência de imagens já foi utilizada nas primeiras partes)*

OPERÁRIO 45 (O MESMO SENHOR, NOVAMENTE) – (PG) O senhor já ouviu falar dos comandos comunitários? *Sim, eu já ouvi falar e são pessoas bem organizadas. Aqui também nos temos um e estão bastante preocupados com os problemas dos trabalhadores, especialmente agora que atravessamos esse período revolucionário.*

OPERÁRIO 46 – (PG) O que você pensa dos comandos comunitários? *Eles são criações do povo para lutar. É um poder organizado e que todos deveríamos participar, nós da classe proletária. Porque tem operário que está se desviando, se deixando levar pela conversa de que há escassez, mas esta é uma conversa da direita, do imperialismo norte-americano e da burguesia chilena porque eles não estão lutando pelo Chile. Nós estamos lutando pelo Chile, por uma igualdade para todos, para construir um socialismo que pertença à classe proletária.*

OPERÁRIO 47 – *Eu creio que nessa conjuntura, eles são a solução para o abastecimento e para reunir toda a classe proletária através das comunidades, das províncias. Tanto para um possível enfrentamento quanto para enfrentar o problema do desabastecimento, de higiene, da saúde e de vigilância contra a burguesia.*

OPERÁRIO 48 – *Então, o que faz falta aqui? A meu ver, um organismo que dê direção aos setores marginais da esquerda, os setores da periferia, pois eles são os mais explosivos, os mais mobilizados em todo o país.*

OPERÁRIO 49 – *Fazemos um chamado aos favelados para que se reúnam nas organizações necessárias para que num curto prazo com a condução da classe operária, com a condução do cordão industrial Cerrillos, criemos um comando comunitário. O comando comunitário que amanhã será um poder para a classe. Um comando comunitário que não será freado pela institucionalidade burguesa e pelos reacionários. (“trabalhadores ao poder! trabalhadores ao poder!”) Companheiros, temos chegado ao centro de Maipú porque entendemos que o instrumento para a tarefa a que nos entregamos é a aliança de classe. A aliança que nos permita derrubar o inimigo, por poderoso que seja. A aliança que nos permita deter a ação do imperialismo através dos fantoches que tem no Chile. A aliança que nos permita construir e desenvolver o poder popular. A aliança que nos permita realizar a conquista do poder.*

44'17 – TRATORES/ VOZ OVER

Na prática, os comandos comunitários vão tomando forma real através de ações concretas. Aqui, os trabalhadores de Cerrillos e os camponeses de Maipú resolvem ocupar pela força 39 propriedades agrícolas improdutivas/ mal exploradas. Estes terrenos poderiam ser uma das principais fontes de abastecimento da capital. Cada fábrica vizinha envia um piquete para apoiar esta ação. É a primeira vez que os trabalhadores urbanos vão tomar parte de uma ação campesina. Estas ações unitárias criam as bases reais para o comando comunitário.

Desde as primeiras horas da manhã, operários e camponeses tomam parte da propriedade. O fator surpresa impede que os patrões se oponham. Os ocupantes invadem os caminhos interiores e as vias principais. Neste postos-chaves se situa uma guarda permanente.

ENTREVISTADOR- Companheiro, posso fazer uma pergunta? Como você se chama?

TRABALHADOR 50 – *Luis Gilberto Jerez, este fundo se chama Santa Carolina. Ela foi tomada porque os patrões não cumpriram com seus trabalhadores. Eles reclamaram e então decidimos ocupar a terra. Nós estamos unidos aos nossos companheiros que são quatro. Estou à frente do comitê que toma do fundo, fui um de seus fundadores. Eu fiz sacrifícios e quero que eles também os façam, pois temos que expulsar os patrões.*

ENTREVISTADOR- E você, onde trabalha?

TRABALHADOR 51 – *(Onde você trabalha?) Siam Di Tella, sou líder do Cordão Vikuña Mackeña. Nós entendemos que é preciso unir a classe operária com os companheiros camponeses para golpear/vencer os patrões. Entendemos que os problemas que temos são os mesmos/ conjuntos e que temos que encontrar soluções enquanto classe. (E como tem resultado essa união trabalhadora aqui em Maipú?) Eu creio que é a primeira demonstração clara do quão forte é a união operária-camponesa, pois temos 39 propriedades tomadas com o apoio do setor Cerrillos e alguns de Vikuña Mackeña.*

47'10 – TOMADA DE TERRAS/ VOZ OVER

O segundo passo é pôr em prática a exploração das terras. Também se criam comitês de vigilância para proteger as terras das represálias dos patrões dia e noite. Depois, os ocupantes exigem a aplicação da lei da reforma agrária e chamam os representantes do governo para estudem a situação.

TRABALHADOR 52 – FUNCIONÁRIO DO GOVERNO – *Em resumo, os ocupantes seguem à mercê do Poder Judiciário. Correm o risco de ordem de despejo, ordem de prisão ou juízos por crimes que não cometeram. Mas isto*

pode exigir certa intervenção e impedir créditos do Estado para o interventor e os camponeses.

VO - Em geral, a lei de reforma agrária permite explorar terrenos improdutivos/ mal explorados. Mas, neste caso, os prédios não reúnem as condições exigidas pela lei. Isto obriga os camponeses a defender com rigidez a validade de suas iniciativas

TRABALHADOR 53 – *Nós não mentimos, e se um companheiro mentir, nós o descartamos. Porque se estamos pedindo 26 propriedades, é por algum motivo. Se fossem 28, seriam 28! Se eles estão criando situações, é por algum motivo, pois por 2 ou 3 glebas a menos, não vamos aceitar! Porque nós não mentimos, creiam na gente! Se estamos pedindo 26 glebas é porque há a necessidade de por em trabalho esse pessoal. E não adianta mandar um funcionário do governo para tentar nos enrolar que não vamos aceitar isso! Não é maracutaia, não! Nós precisamos de 26 glebas! Dizemos que está mal explorada, então está!*

VO – Por sua vez, os patrões descobriram um recurso legal contra as expropriações. Eles se chamam “medidas precautórias”/ cautelares/ de precaução e consistem em proteger a propriedade privada durante um tempo nos tribunais. Como os tribunais estão controlados pela direita, há terra que levariam anos para serem expropriadas. Este recurso deita por terra a iniciativa dos camponeses.

TRABALHADOR 54 – *Companheiros, eu pergunto a vocês: qual a possibilidade de expropriar terras se todas elas tivessem medidas cautelares? Como vamos tomar posse delas?*

TRABALHADOR 55 – FUNCIONÁRIO DO ESTADO – *Isso não é nenhum segredo, pois existem advogados da CORA responsáveis por defende-la nos tribunais. Mas o problema que vocês têm que ter em mente é a luta que estamos vivendo no país! Ou seja, para a expropriação, é preciso respeitar a lei. Por outro lado, os patrões tem seus advogados e inventam suas defesas.*

Vocês conhecem o problema dos tribunais. Contra a medida cautelar não se pode fazer nada. Não há nada ao nosso alcance. Para responder a pergunta de maneira concreta: é possível que existam medidas cautelares contra a expropriação. Neste caso, é preciso lutar nos tribunais... (TRABALHADOR 54)

*– O que precisamos fazer, companheiros, é expropriar todas as terras até o fim do mês **(mas aqui não se vê o camponês falando isso, só se ouve de maneira muito rápida e, então, há um corte em direção à voz over. É preciso suspeitar de que isto tenha sido uma intervenção do diretor)***

VO – por outro lado, os camponeses decidem enfrentar a burocracia estatal com plena energia. Respaldados pelo poder popular, os trabalhadores levam a cabo um verdadeiro juízo popular contra um funcionário do governo.

TRABALHADOR 56 (O MESMO TRABALHADOR 53) – *Eu não estou aqui para perder tempo, estou aqui para trabalhar e produzir mais. Esse é o nosso lema. Não adianta ficar no escritório fumando e cuidando da papelada... eu creio que se a pessoa não for capaz o bastante, como eu já disse, é preciso que seja tirada do cargo. Eu, por exemplo, como dirigente, se eu algum companheiro me disser que não sou bom o suficiente, eu renuncio do meu cargo e entrego a alguém mais capaz. Eu creio que, como já dissemos aqui, somos honestos o bastante para assumir o que deve ser feito. E se alguém aqui criar entraves para a nossa ação, nós vamos arrumar um jeito de tirar esse companheiro do cargo. E aqui na comunidade de Maipú já não se diz mais companheiro, pois não ajudou a solucionar nenhum problema de Maipú. Como diz a nota/notificação, nós sabemos claramente que falta batata, falta açúcar, todas essas coisas que a terra produz. Nós sabemos que há escassez e que a terra pode produzir. Está claro que nós somos um pouco a parte desse problema do abastecimento e é por isso que queremos que haja expropriação. Como disse algumas vezes os verdugos/ reações de que somos preguiçosos, e isto daqui prova o contrário: não somos nada preguiçosos! Nós estamos produzindo alimento porque sabemos que estamos defendendo esta nossa causa.*

TRABALHADOR 57 – FUNCIONÁRIO DO GOVERNO ACUSADO – *Eu estou ocupando um cargo que, do ponto de vista da remuneração, ele não significa*

nenhum benefício para mim. Eu não quero e nem serei rico. Mas, de concreto, é que... eu aqui vou fazer minha autocrítica. Eu cometi o erro de confiar demais no trabalho da Central de Reforma. E isso é realmente uma responsabilidade que tenho que assumir. Eu tenho que assumir isto e tomar como lição, eu tenho que fazer isto diante de vocês. Por outro lado, pra mim... eu dou muita importância ao que vocês estão colocando porque eu me sinto um revolucionário... E quando um revolucionário se sente criticado por algo que pensava estar fazendo bem, mas não faz, isto tem que servir de experiência para melhorar o seu trabalho. Se quiserem, podemos continuar discutindo essas coisas outro dia porque acredito que vocês merecem uma explicação.

TRABALHADOR 58 – *Companheiro, se me permite... Você pensa que como funcionário e agente comprometido, você não tem horário... e deveria se dedicar mais à causa camponesa, companheiro?*

54'02 – RUAS DE SANTIAGO/ VOZ OVER (ESTAS IMAGENS JÁ FORAM UTILIZADAS ANTES)

O poder popular também se enfrenta com o problema do desabastecimento. Durante o ano de 1973, o boicote americano e a forte oposição interna criaram o clima ideal para que grande parte dos comerciantes se oponham ao governo. Eles obtêm maiores benefícios com as vendas ilegais de seus produtos/ mercado negro, inclusive os pequenos comerciantes preferem vender seus produtos no mercado negro. Para enfrentar o problema, os bairros populares criam os sistemas de abastecimento direto. ***(aqui vamos tratar das JAP's novamente, um tema que já foi abordado no segundo quarto da parte 01)***

TRABALHADOR 59/ DIANTE DE UMA MULTIDÃO URBANA/ NOITE – *Como representante, criamos uma cooperativa de distribuição dos próprios favelados/pobladores para isolar os comerciantes. Porque daí saem as mercadorias para o mercado negro. Então, é nossa própria responsabilidade formar com apoio de delegados uma única cooperativa de distribuição completa para todos daqui. Para atender as necessidades completas desse lugar, porque é disto que se trata, é por isso que temos que lutar para descartar*

o comerciante sem-vergonha que já cheio de dinheiro às nossas custas. Portanto, unamo-nos todos os pobladores, rua por rua, formemos uma cooperativa, e nada de comerciantes!

TRABALHADOR 60/ ASSEMBLEIA/ INTERNA – *Então, os pobladores ao constatar que o abastecimento vinha diretamente da distribuidora, neste caso a DINAC, eles viram que isso eliminava muitas coisas. Então, pedimos que o Setor D se una com o Setor C... se reúnam cada passagem e levantem as demandas que existem*

TRABALHADOR 60 – *Nós queremos um armazém popular onde existe toda as mercadorias juntas e que daí seja distribuída... ou seja, é uma espécie de supermercado o que queremos... então, é isso que queremos planejar e que nos deem uma resposta de que seja possível.*

TRABALHADOR 61 – *O fundamental é que exista a organização dos trabalhadores os armazéns populares já existem em muitas partes que são abastecidos por diferentes empresas... Aliás, com empresas do Estado...*

TRABALHADOR 62 – *É isso que viemos pedir, que exista um esforço dos trabalhadores para que sintam que puseram um grãozinho deles/ que se sintam participantes do processo. Que sintam que tenham responsabilidade, que não seja de graça, mas que custe esforço.*

V.O. – O armazém popular se caracteriza por prescindir de comerciantes. Cada bairro que decide criar um armazém designa um grupo de vizinhos que organiza as mercadorias. *(o trabalhador enumera os produtos a serem organizados e distribuídos)* os produtos são distribuídos pela Empresa Distribuidora Nacional, a DINAC, a única controlada pelo governo. Embora 70% dos negócios da distribuição estejam nas mãos dos adversários de Allende, esta empresa (DINAC) consegue resolver os problemas mais urgentes dos bairros populares. Os mesmos vizinhos alugam um caminhão para transportar os alimentos. Esta operação se realiza uma vez por semana.

TRABALHADOR 63 – *São oito da noite e vocês têm que entender que outras pessoas têm que ajudar a manter o armazém. Alguém quer dizer algo?*

TRABALHADORA 64 – *As mulheres podem ficar até à meia-noite, à uma, depois que venham os homens...* TRABALHADOR 63 – *Companheiras, me digam uma coisa, vocês estão contentes com o abastecimento direto? Sim!!! (a cena parece ter sido encenada para o filme)*

59'55 – ARMAZÉM POPULAR/ VOZ OVER

Em 1973, os armazéns populares abastecem cerca de 300 mil famílias em Santiago, mais da metade de sua população total. Nas diferentes comunidades, os armazéns distribuem de maneira organizada os produtos disponíveis.

TRABALHADOR 65 – *Maizena, caixa de fósforos, 250g de chá, 500g de talharim, 1kg de arroz, 5kg de açúcar.*

V.O. – cada grupo familiar recebe uma tarjeta para retirar os produtos. Assim, dá para planificar/ planejar a distribuição e respeitar os preços oficiais. A distribuição dos armazéns corre pelo trabalho voluntário dos coletivos de moradores.

ENTREVISTADOR (PG?) – *Como você faz para ir ao armazém popular e trabalhar ao mesmo tempo?*

TRABALHADOR 66 – *por exemplo, a questão das mercadorias... Nós as entregamos na sexta ou no sábado... e cuidamos da loja no sábado, que é quando eu não trabalho. E quando eu não posso ir, vai a minha companheira com as vizinhas. (ENTREVISTADOR) O abastecimento seria o poder popular? (TRABALHADOR) Eu creio que sim porque vemos que com ele estamos unidos mais as massas. (E) O que você acha da situação que estamos vivendo agora, companheiro? (T) Bastante difícil por tudo que temos visto... Pelo que o governo noticiou ontem, as companhias estão pedindo que Allende tenha um pulso mais firme, mas ele não pode porque não tem maioria no Congresso... E esse é o mais grave problema dele nesse momento. Eu vou*

defender o nosso governo porque sabemos que é o governo do povo e temos que defendê-lo (1h02'21 – a flauta andina recomeça enquanto segue o depoimento do minerador). Eu não voltarei atrás porque já estou decidido. Eu já disse à minha senhora: você já tem dois filhos grandes, e você vai terminar de criar estes filhos. E seu eu tiver que morrer, que eu morra defendendo nossa causa, como operário e explorado que fomos a vida inteira.

1h02'40 – TOMADA DE MANIFESTAÇÃO DE RUA/ SOM DE “CRIAR, CRIAR PODER POPULAR”/ BANDEIRA DE “VENCEREMOS!”

1H03'13 – MANIFESTAÇÕES DE RUA/ VOZ OVER (+11 TRABALHADORES CONTANDO COM MALBRÁN ATÉ O FIM)

Ao longo de 1973, os germes do poder popular se estendem por todo o país. Grande parte da população assume uma postura cada vez mais criativa para defender o governo e resistir à crise.

(imagem do deserto e zoom in em uma mina, empresa salitreira)

Por outro lado, os centros de produção que já estão nas mãos do governo aparecem outros tipos de poder popular. Nas minas de salitre, por exemplo, o problema do controle operário se converte numa forma de poder popular. Além das lutas reivindicativas, as pessoas querem mais transparência e eficácia.

1H04'25 - TRABALHADOR 67 – ERNESTO MALBRÁN – *Agora, se nesse momento com o bloqueio do imperialismo, não temos nem matéria-prima e nem peças de reposição. O que temos que fazer com as indústrias? Temos que planificar a produção, organizá-la e dar uma boa administração da ferramentaria e da fundição. Sem ferramentaria, não é possível desenvolvimento industrial nesse país. A ferramentaria é o coração nesse momento... que pode manter vivo o desenvolvimento industrial. Porque os companheiros aqui fabricam repostos. Os companheiros aqui inventam os repostos que faltam, fabricam as peças de que necessitam. O trabalhador tem um pensamento concreto e não entende as abstrações universitárias. Ele já se cansou das palavras. As reclamações que eles fazem são muito sérias... Eles*

estão reclamando objetivos, metas da ferramentaria, eles estão pedindo racionalização, os planos de produção da ferramentaria. Não podemos seguir com pequenas oficinas em cada seção porque isso significa uma “desadministração” por um lado e dispersão de recursos. E logo toda essa mão de obra qualificada vai se cansar e vai embora, isso vai desencantar os companheiros. Aqui não há nenhum companheiro que esteja com o fascismo. São todos trabalhadores que tem consciência de trabalhadores.

TRABALHADOR 68 – *Esta é uma das coisas que fizemos aqui justamente porque as importações estão bloqueadas. Aqui os companheiros estão vendo circuitos elétricos produzidos na ferramentaria. Isso também era importado, mas como vocês e todos sabem, como estamos bloqueados, é preciso fabricar as peças.*

TRABALHADOR 69/ ERNESTO ÁLBAN – *E agora que estamos nesta situação bloqueados pelo imperialismo, nós estamos certos de que cumprir o plano que tem o nosso governo de produzir mais, de buscar soluções aqui para os problemas que temos... para fabricar todas as peças que a fábrica precisar. As “machinas” são respostas que os trabalhadores dão aos problemas que surgem. Então, chamam isso de “machinas”... De duas bielas fizemos uma para uma máquina a vapor de 1928...*

1H07'15 TOMADAS DE FERROVIAS/ VOZ OVER

Tanto nas minas quanto nas fábricas estatizadas as pessoas pedem menos burocracia e mais participação. Isto abre uma discussão sobre os limites da “via pacífica” ao socialismo. Na prática, a luta pela transformação se converte numa análise da realidade.

TRABALHADOR 70 - 1º ENCONTRO NACIONAL DOS TRABALHADORES – *Agora mesmo, companheiros, já transcorreram dois anos de governo da UP. E justamente nesta empresa não tem havido participação real e efetiva. E por quê? E o que isso acarreta? A participação dos trabalhadores é um problema político. Com a participação deles seria possível romper com a estrutura capitalista das empresas. Porque esta empresa ainda tem uma estrutura*

capitalista. Nós temos o governo, mas não temos o poder. E as empresas que estão dentro desse Estado, dentro desse governo também sofrem todas as contradições existentes dos processos políticos. Então, a participação é para romper com as estruturas capitalistas para que os trabalhadores criem novas organizações nesta transição rumo ao socialismo. Os trabalhadores devem planificar, devem estudar e organizar as empresas. Participar é planificar, é conhecer, é estudar a empresa por dentro.

TRABALHADOR 71 – *Neste momento, Molino diz que seria possível moer mil vagões de nitrato por dia. Mas, infelizmente, está moendo de 700 a 800 vagões... o que não é suficiente com os planos de produção dessa seção. É um problema grave, um problema da mina, é um problema de organização. Não temos areia, não temos vagões, e resulta que temos 200 vagões parados. Segundo os trabalhadores e os comitês de produção acionados, de 03 carros queimados* se poder fazer dois. Os trabalhadores organizaram esse sistema de produção. Foi levado ao Comitê Departamental, companheiros e as respostas são negativas ou não chegam. Então, como falar de participação dos trabalhadores se as soluções que apresentam são rechaçadas?*

TRABALHADOR 72 – *eu creio que a única solução para o problema do desabastecimento, das peças que não chegam, dos salários é o controle da produção pelos trabalhadores. Nós que produzimos então temos que controlar a empresa inteira. É difícil, mas dá pra controlar, pois em várias empresas já conseguiram isso, o controle direto da produção.*

TRABALHADOR? 73 – *Temos pensado que precisamos de um Comitê de Administração por fábrica, principalmente nas fábricas grandes. O que está em questão neste momento é o tema da participação.*

TRABALHADOR 74 – *Companheiros, então eu estimo que os dirigentes sindicais devem participar porque saberá das condições econômicas da indústria. E isto seria essencial para entregar também as condições econômicas aos trabalhadores com conhecimento de causa, e para que não lutem por lutar sem saber o que está por trás de sua luta.*

TRABALHADOR 75 – *Quando dizemos ao companheiro que o Chile tem um estado capitalista burguês... Lembremos da Corte Suprema que processa ministros; recordemos o poder Legislativo que dita leis contra os trabalhadores; que não somente faz isso, mas está em pé de guerra contra o governo do poder popular. Então, qual deve ser a participação dos trabalhadores? Deve ser a planificação a economia através da participação direta e que se elejam os representantes dos trabalhadores em votação ampla e democrática. E o que devem fazer os sindicatos? O que sempre fizeram, ajudar a classe trabalhadora para que destrua o aparelho do Estado burguês para que ele seja uma ferramenta revolucionária de nossa classe.*

1h11'50 – INTERIOR DA SIDERURGIA/ VOZ OVER

A preocupação dos trabalhadores também é compartilhada por alguns dirigentes de empresas estatais, eles enfrentam as contradições dos processos de mudança do cotidiano desses funcionários.

TRABALHADOR 76 – ERNESTO – *Esse é um processo revolucionário, não é uma revolução. E este ainda não é um Estado proletário, é um Estado burguês capitalista. E esta é uma empresa que pertence a um Estado que não mudou. Agora, o problema para os trabalhadores daqui não é trabalhar 16 horas, é sim trabalhar 16 horas sem que as condições de poder, a capacidade de decisão tenha mudado fundamentalmente. Você pedir aos trabalhadores... pedir mais consciência... Mas pedir mais consciência é também oferecer mais respostas a eles. Mas agora apareceu ao nível do trabalhador uma questão... aqui nesta empresa... um aspecto novo... resulta que a falta de matérias-primas e de reposição ameaça o operário que pode ficar somente com o salário, pois a produção fica com o Estado. Por exemplo, o soldador, tem a função e a tarefa programada, tem a vontade de trabalho, mas não pode cumpri-la, não tem solda... a única solução que podemos dar neste momento é justamente planificar o abastecimento... Temos que planejar o transporte, vamos imaginar que amanhã há uma nova greve dos transportadores... Se bloqueiam o transporte de peixes de Antofagasta, perdemos o peixe porque não temos meio de transporte. Temos que planificar a distribuição e o que temos feito? Temos o*

controle das padarias, armazéns, cantinas, hospitais. É através deles que se distribui os alimentos. O problema é gravíssimo... Somos empresas nacionalizadas, é verdade. Podemos criar uma organização e criar linhas de distribuição, mas damos de cara com uma grande contradição: o caráter do Estado é o mesmo, não mudou. Somos empresas nacionalizadas dentro da estrutura de um Estado burguês capitalista onde os mecanismos de dominação e opressão seguem nas mãos da burguesia. O governo deve dar uma resposta à necessidade de abastecimento para poder planificar com os meios que o governo controla. (PERGUNTA?) Mas como planejar nestas circunstâncias? (ERNESTO) não digo que vamos solucionar 100%, levantar uma alternativa de resposta ao governo... Não podemos sentar de braços cruzados e deixar o imperialismo cair de maduro. Temos que avançar e passar à ofensiva e tomar paulatinamente o poder com as massas. Não podemos continuar delegando o problema de classe aos executivos, prefeitos, ministros e parlamentares! Por que a direita tem uma vantagem tremenda: prende os executivos, acusa os prefeitos e questiona os ministros. Acabei de saber que semana passada prenderam o secretário de Estado, Aníbal Palma. Então, vamos continuar? Já temos 44%! Não existe a possibilidade mínima, de nenhum lado, de chegarmos a 60%! É impossível... É preciso aproveitar o momento de ascensão das massas para mobilizá-la pelos objetivos de classe.

1h16 – MINAS/ VOZ OVER

Em meados de 1973, a impaciência dos setores populares aumenta. Em alguns setores produtivos mais politizados, os trabalhadores entram a discutir problemas básicos da transição ao socialismo.

TRABALHADOR 77 – *Neste momento, eu vejo que estão questionando a constituição e a legalidade. Se os trabalhadores, se o Judiciário, se a Constituição e mesmo o governo... Se estaríamos entrada na etapa de tomada do poder, pois nada disso tem mais validade. Os cordões populares, o poder popular nascente está transpassando... pois as instituições atuais já não nos servem, já são incapazes de cumprir suas funções. Então, nós trabalhadores estamos criando outras institucionalidades, pois o aparato de governo deve ser*

usado por uma classe para derrubar a outra classe, a classe que sempre nos explorou, agora vamos dar a virada, companheiros.

1h17'17 – INTERIOR DAS MINAS/ VOZ OVER

Uma das características chave do poder popular é que abre um amplo horizonte de conscientização política à marcha trabalhadora. Isso inicia um processo de crítica dentro da esquerda. Muitos intuem um final trágico ante a impossibilidade do presidente Allende seguir avançando.

(E/ ERNESTO) – Companheiro, o que fazer?

TRABALHADOR 78 – *o momento que vivemos é bastante difícil...é preciso fazer uma faxina grande, mas de cima pra baixo. Se o governo não desprende de certos compromissos, ele vai ser liquidado (a flauta andina é recomeçada), não existe outra maneira senão tomar as rédeas, tomar as rédeas e fazer uma limpeza em todo o país. Isto pelo interesse da pátria, a pátria fica, nós passamos. Logo vai chegar o momento tão delicado, um momento de crise.*

(E/ ERNESTO) – Diga-me, você crê que é preciso pulso firme agora?

TRABALHADOR 78 - *é a oportunidade, é agora ou nunca e o inimigo está muito preparado. Ele não nos dá trégua. É a hora de fazê-lo, se não for agora, não vai ser nunca. O inimigo sabe o que o espera e que, uma vez perdido, sabe que não vai recuperar nunca. É como o diabo...*

(E/ ERNESTO) – Nós vamos caminhando, companheiro... Nos vemos, companheiro...

TRABALHADOR 78 - Oxalá, que sigamos adiante... É agora ou nunca...

ANEXO 04 - TRANSCRIÇÃO E MINUTAGEM DE “CHILE, MEMÓRIA OBSTINADA” (1997)

Direção: Patricio Guzmán

Câmera: Eric Pittard

Técnico de som: Boris Herrera

Edição: Helène Girard

Música: Jorge Arriagada

Colaboração: Renata Sachse

Produção: Les Films d'Ici, National Film Board

1' – JUÁN, EX-GAP

Eu ia me casar no dia 11 de setembro de 1973, isto por volta das 9h30 da manhã. Bem, e estávamos vendo os ataques ao La Moneda desde cedo e, por volta das 9h, eu disse à Catarina, minha mulher, que a gente não podia se casar... Que havia um problema e teríamos que deixar para mais tarde. Eu me casei no dia 26 de setembro. Eu estive preso no Estádio Nacional até o dia 24 e, na noite deste dia, eu cheguei à sua casa e minha linda mulher arrumou as coisas e, rapidamente, no dia 26 estivemos nos casando.

1M38 – VOZ OVER

Juán é um dos poucos defensores do Palácio La Moneda que conseguiram sair vivos. Aqui, um grupo de 36? Pessoas lutaram até o fim para defender Salvador Allende, um presidente socialista que tratou de fazer uma revolução pacífica, mas sem êxito. Em 1973, o país estava mergulhado no caos. Os militares deram o golpe e Allende morreu depois do bombardeio. O mundo se comoveu. Allende era o único Chefe de Estado marxista que havia chegado ao poder mediante uma votação democrática, ele simbolizava uma maneira diferente de se fazer política.

Desde então, Juan nunca deixou de recordar o embate do Palácio La Moneda, pois era o dia de seu casamento e quase o dia de sua morte. Agora, entra no Palácio como ajudante da equipe de filmagem para evocar alguns momentos. Tal como eu, é a primeira vez em vinte e três anos que ele retorna a este lugar.

Nenhum de nós quer falar muito, os melhores amigos de Juan desapareceram aqui. Naquele tempo, eu vinha muitas vezes aqui e em várias ocasiões eu me encontrei com Juan. Ele foi um dos muitos personagens anônimos que eu filmei para realizar “A Batalha do Chile”, um documentário de longa-metragem sobre a experiência da Unidade Popular. Depois do golpe de estado, este filme foi exibido em centenas de países e conquistou muitos prêmios. Aqui, neste lugar, se havia gestado um movimento de massas impressionante que pudemos filmar por um ano, muitas vezes sem saber o que estava se passando.

Entretanto, a “Batalha do Chile” nunca foi exibida no Chile até hoje. Durante a ditadura do Pinochet, ela era uma película proibida. E, até hoje, os distribuidores não se sentem à vontade para exibi-la. Para muitos, o tema da memória é muito difícil.

Mais ou menos aqui neste setor... Porque aqui nós fizemos defesa... Isto aqui estava tudo destruído... Bem, o que nos coube foi buscar armamento na guarnição dos carabineiros que fica aqui na frente. E estivemos envolvidos em trocas de tiros... E nos paramos justamente neste edifício aqui em frente.

5h40 – PROFESSOR ERNESTO MALBRÁN

Porque a memória só armazena o que tem um valor significativo, o que tem um valor essencial...

TIO DE GUZMÁN

Pois a maioria das pessoas têm coisas que não consegue recordar... E é quase impossível tratar de falar com eles e trazê-los à realidade.

MÉDICO QUE SALVOU GUZMÁN

Quando há uma ferida no corpo humano, existe um tempo no qual ninguém pode tocá-la para que ela cicatrizes... Pois se for tocada, ela se infecta, sangra...

CINEGRAFISTA

Pois quando alguém que se aproxima da dor, automaticamente ocorre a amnésia... Enquanto que, se você supera a dor, ela se transforma em outra coisa, você se lembra, ela começa a fluir...

6M45 - JUAN

[J] Eu estava aí em cima, sem bala e sem nada... Estávamos com os cabelos duros, cheios de fumaça, todos sujos... bem, éramos produtos do que estávamos vivendo ali.

[PG] E você chegou a levantar as mãos?

[J] Não, eu me lembro que houve um sargento... Que parecia que ia me matar ali, mas notou que eu não tinha armas... Então, a ideia era que houvesse um escudo e, então, nos tiraram pela Morandé 80 e isto significou para mim um soco no estômago, pois era ser puxado de costas para a rua. Existe uma foto em que estão com uma pistola e estou sendo puxado de costas para a rua.

7h20 – BALMÉS, O PINTOR

[PG] O que foi este quadro? Pode nos dizer o que ele foi?

[JB] Vejamos... esta pintura fez parte de um conjunto de pinturas e desenhos que eu fiz justamente depois de 1973. Aqui estão as roupas... Inclusive os detalhes que me chamaram muita atenção, esta parte do detalhe do documento... Pois, como tem movimento, é muito mais, muito mais “flou”, como dizem os franceses... É muito mais borrado, é muito menos claro, do ponto de vista da imagem. Então, é nessa espécie de movimento assim... Que se cria esta zona vaga e indefinida onde você não sabe onde começa a roupa, onde começa o corpo e onde começam as cabeças... Existe todo um movimento muito sugestivo, muito vivo... E muito aberto.

Vejam estas... Eu tirei uma fotocópia para intervir depois... A memória e o esquecimento são questões permanentes como o positivo e o negativo dentro da reflexão humana e do que o homem faz com a vida e com os acontecimentos.

Morandé 80... Esta é a intendência... Este é Flávio (?) E este é Júlio... O que houve com eles? O Flávio (?) Flávio está vivo... Júlio está desaparecido... E este, quem é este? É o irmão da ciganinha (?) Sim, ele está desaparecido...

9m30 – ENTREVISTADOS SEM IDENTIFICAÇÃO

E neste momento, abriram fogo e tivemos que sair arrancando... Os militares se meteram pela Morandé 80... E aí se vai correndo adentro (?) A parte onde se pode ver as pessoas de pé são aquelas antes do disparo. Mire-se na forma como os militares se posicionam...

10m – JUAN

Eu me lembro que, como as balas cortavam o céu, a gente se encostava nas paredes e íamos baixando como que para evitar tomar tiros... Eu me senti morto por várias vezes e eu me dei conta que, naquele momento, eu morria também.

10m30 – ENTREVISTADOS SEM IDENTIFICAÇÃO

No meio da ação, os militares começaram a tirar os detidos e jogá-los no meio da rua e depois trouxeram um tanque. E depois colocaram o tanque diante dos nossos companheiros que estavam no chão, apontavam o canhão dando a entender que eles matariam os companheiros se a gente fizesse algo.

10m55 – GUZMÁN ENTREVISTA

[PG] Estes são vocês?

[TODOS] Sim, estes somos nós, somos os sete primeiros, para cá, bem na ponta... Eu fui um dos primeiros que saíram... Jaime, desaparecido e foi prisioneiro no La Moneda... Este é Raul, também ainda desaparecido... Também se encontrava no La Moneda... Ele quando estava sendo detido... Mataram-no? Desaparecido... Este companheiro, o Ramón... também está desaparecido.

11H55 – COMEÇA A MÚSICA DO TIO DE GUZMÁN

E tiraram o Carlos que era o chefe do dispositivo (?), tiraram o garoto que era o chefe da viatura... Tiraram o Maurício, que era o chefe da escolta, tiraram o Raul, que era o chefe da nossa escolta, tiraram o Chino?, que era uma pessoa de nossa lealdade e levaram todos eles... E não voltaram mais... E seus corpos não apareceram até o fim do ano passado, onde foram

encontrados no Pátio 29... Separados dos outros companheiros também desaparecidos...

12H29 – ENTREVISTADOS SEM IDENTIFICAÇÃO

Como eu disse anteriormente, todos desapareceram, exceto dois... E alguns que ainda não apareceram... Os que apareceram, estão despedaçados...

13m03 – JUAN BALMÉS

Não sei... A memória é algo fantástico e eu creio que ela é aquilo que nos faz morrer de muitas maneiras, mas também nos faz viver...

13m25 – MARCHA VENCEREMOS SOBRE AHUMADA

Pela primeira vez, no centro de Santiago, depois de vinte e três anos, ressoam os acordes de “Venceremos”, o hino da Unidad Popular. O seu autor, Sérgio Ortega, que vive exilado em Paris, nos enviou sua partitura e uma banda de jovens aceitou tocá-la para grande surpresa das pessoas.

14m32 – ABERTURA DA SESSÕES DE CINEMA COM JOVENS

23 anos de censura e autocensura. A maioria da juventude chilena cresceu sem saber o que se passou. Em minhas malas, eu trouxe uma cópia de “A Batalha do Chile”. *Este é um governo corrompido e degenerado, senhor. Degenerado e corrompido... Imundo! Comunistas asquerosos, todos devem sair do Chile!*

Senhor, qual a sua posição diante das eleições? Acho que a UP sai com menos de 20%... Eu creio que é um plebiscito e, no domingo, o Chile vai decidir se quer o marxismo ou a liberdade.

Se compreendemos que nesta hora, o primordial, o básico, é conquistar o que é político e dominar os instrumentos, fazendo com que haja trânsito, permeabilidade institucional para que os opositores entendam que não há como negar um governo legal...

16m05 – VOZ OVER

Estamos fazendo um filme sobre a memória, então gostaríamos de saber se reconhecem alguns rostos que estão vendo aqui. Queremos localizá-las para entrevista-las trinta anos depois. Carmen Vivanco.

[PG] Você é esta pessoa que está aí?

[CV] Tenho minhas dúvidas, pode ser que...quando estava mais jovem...

ME parece que isto tem anos!

[PG] Vinte e três anos.

[CV] Pode ser, mas tenho minhas dúvidas...

Música do tio de Guzmán

[PG] Carmen, nos diga que familiares você têm desaparecidos.

[CV] Meu esposo, Oscar; meu filho, Oscar Arturo Ramos Vivanco; meu irmão, Hugo Vivanco; minha cunhada, Alicia Herrera Benitez; meu sobrinho, Nicolas Hugo Vivanco Herrera. São cinco familiares detidos e desaparecidos.

18m13 – MISE-EN-SCÉNE DO CARRO EM GUARDA

Este é Hugo... Hugo García, meu irmão... Quem seria este?... Este sou eu... Este é um carabineiro. E este? Silvano. Aquele sou eu... Com cabelo?

19m30 – ENTREVISTA COM GAP'S

E, sobretudo, achar meus companheiros e dizer “aqui estão”. Isto seria maravilhoso, reconhecê-los, porque o que fizeram com suas vidas... Estar ao lado do presidente até a última hora... Porque foram homens de muita coragem... Eles foram até as últimas consequências, este foi o maior e o melhor exemplo que nos deixaram, este foi o maior legado. Pois a luta de Salvador não foi em vão. Dom Salvador nos deixou cheios de vida e segue vivendo em meu coração, todos os dias. Aqueles foram os dias mais maravilhosos de minha vida, até que morreu. Não é mesmo, companheiro?

21m14 – ERNESTO MALBRÁN

Ernesto, meu amigo da Universidade, sempre teve a virtude de viver com mais paixão que todos nós. Hoje em dia é professor e também é um dos personagens de “A Batalha do Chile”.

[EM] Desde criança, Patricio, eu sempre senti que estava no meio de uma grande aventura. Te juro, eu sempre senti que a vida era uma grande

aventura. E nos encontramos na redação do jornal... Eu me lembro que você tinha escrito um conto de ficção. E depois nos encontramos quando você fazia os takes finais de “A Batalha do Chile” sobre os participantes... Eu fui ao Norte, eu tinha deixado a Universidade e tinha me colocado à serviço do processo, eu era Diretor de Relações Industriais.

[EM] Os companheiros fabricam aqui as peças de reposição que faltam, eles fazem as peças de que precisam... Os trabalhadores têm um pensamento concreto, eles não entendem as ações universitárias... Os trabalhadores estão cansados de palavras.

Bem, na realidade, a paixão da minha vida era ser professor. A grande paixão da minha vida foi o magistério.

[EM] Mas agora apareceu ao nível do operário, do trabalhador, um novo aspecto, pois a falta de repostos ameaça o trabalhador e sua jornada...

Eu creio que seja necessário começar a se perguntar pelo significado da voz da memória... Do vocábulo “recordar”, porque “recordar” vem de “re” e “cordar”, de coração. Então, é volver a e coração, voltar a passar pelo coração... Para despertar... Agora, existe uma armadilha nesta viagem de ida e volta à memória, a meu juízo. Pois, como a memória armazena estes espelhos que refletem momentos significativos de nossa vida, a armadilha, eu creio, é que você pode ficar preso na contemplação dessas imagens. Então, este jogo de espelhos começa a crescer...

O propósito de fazer uma revolução, ainda que a vontade de Allende era construir o socialismo, como ele dizia, na democracia, com pluralismo e liberdade, de todas as maneiras... Neste caminho, com esta aspiração, inevitavelmente, ele chegaria a um enfrentamento armado.

A Unidad Popular era esta nave de sonhadores que avançavam com um sonho coletivo que foi feito em pedaços, mas este sonho foi capaz de arrastar todo um país, era um sonho de justiça: todos teríamos direito à educação, à saúde e à moradia. Os sonhos que não se concretizam são os que justificam este argumento: “éramos sonhadores, não vale a pena seguir lutando, os sonhos não põem à mesa”. Não, isso não é assim...

Era um sonho nobre... É muito duro quando um sonho se faz em pedaços... E quando alguém se dá conta que não pode avançar sem sonhar.

Porque o sonhar é consubstancial ao entendimento que alguém tem de sua própria vida.

Agora, bem... Fomos vencidos... Estávamos equivocados... Não se pode sacrificar os fins pelos meios! Esta é a grande lição aqui... E o que me espanta neste país, o que me preocupa neste país é que aqui foram divulgadas informações distorcidas da realidade. Há um setor da juventude que te oferece informações que foram manipuladas.

26m26 – UNIVERSIDAD FINIS TERRAE

A melhor prova de que a CIA não participou do golpe de Estado no Chile é que, do ponto de vista das Forças Armadas, o golpe foi um êxito perfeito. Nesse sentido, as Forças foram muito mais eficientes na luta contra o marxismo e o leninismo do que as próprias Forças Armadas norte-americanas. A própria esquerda reconheceu que só morreram 2.132 pessoas em 17 anos que é a menor estatística das lutas subversivas em toda a América Latina, incluindo os Estados Unidos.

[Estudante] Eu compreendo um pouco a falta de objetividade da película dado a propaganda mundial que foi feita contra o governo militar.

[Professor] Por sorte, no Chile, as Forças Armadas foram mais cirúrgicas, mais eficientes... É claro que pessoas sofreram, mas bem menos do que em outros países... E o país foi salvo da guerra civil.

[Estudante] Se vê claramente porque foi necessário um golpe de Estado. Primeiro porque, oi Governo Allende tinha pouco controle sobre seus partidários. Segundo, o apoio popular mostrado pela película é totalmente falso.

[Professor] Eu tenho respeito pelo Salvador Allende, e creio que foi conseqüente até o final, e isto para mim é fantástico.

[Estudante] El penso que o governo militar encabeçado pelo General Augusto Pinochet foi o primeiro que derrotou o comunismo no mundo, foi o primeiro que pegou de martelada e quebrou o Muro do Berlim.

28m – COLEGIO SAGRADO CORAZONES

De qualquer maneira, eu creio que o golpe de Estado foi necessário, estávamos super mal... Foi duro, mas claro... Houve feridas... Mas matar

peessoas por ideias, é como chegar ao extremo... Boicotaram para chegar ao golpe de Estado e sem chegar a uma boa solução... Eu creio que se conversássemos com pessoas que conhecessem mortos ou torturados, nós pensaríamos de maneira diferente.... Os dois partidos estavam em grande disputa, e a Unidade Popular não levaria a lugar nenhum, decerto que estaríamos pior que Cuba.

28m55 – FACULTAD DE DERECHO DE LA UNIVERSIDAD CATÓLICA

Eu sinto falta de um setor político majoritário neste momento... Falta a opinião dos donos das fábricas: o que houve com eles? Mostram uma massa de trabalhadores que se apropriam de uma fábrica que não lhes pertencem... Toda visão de uma realidade histórica é válida, pois com isto se constrói a história de um país, seja para defender o que seja...

Eu creio que, no fundo, Allende foi um tipo... (?) E creio que nem a Democracia Cristã nem ninguém tinha um projeto de governo... Nós somos as principais consequências desse golpe, estamos aqui discutindo isto... E acho que não deveríamos discutir quem teve ou não teve culpa, mas como nos encontramos num momento assim? Alguém te explicar... E creio que jovens como somos, sejamos da esquerda ou da direita, deveríamos pedir isto... Deveríamos pedir uma explicação aos que estão no poder neste momento.

30m - ESCOLA INTERNACIONAL DEL GESTO Y LA IMAGEN LA MANCHA

... O povo não tinha nenhuma forma de canalizar a sua opinião... Então, que trabalhem... Bom, o governo era bom, mas era utópico...

Pra mim, foi muito forte e emocionante voltar a esta etapa, a este momento, pois eu estava na Universidade, participei também... Mas não desse lado, não de direita propriamente, mas eu estava de acordo que algo deveria acontecer no Chile, as coisas não poderiam continuar como estavam... Eu me equivoquei, me enganei... E neste minuto eu penso outra coisa, pois reconhecer que você estava equivocado é duro, sobretudo quando se sabe tudo o que isto significou.

E posso te dizer que, na manhã do golpe, naquele momento mesmo, eu estava alegre, mas porque eu não tinha a consciência do que isto significaria

posteriormente. Dois dias depois, o meu ponto de vista era completamente diferente. E com o tempo, ele mudou ainda mais...

31m49 – SOBRE O CINEGRAFISTA JORGE MULLER

Filmar *A batalha do Chile* naquele momento não era algo excepcional para ele, mas sim a sua maneira de viver o processo...Fazer esse filme era uma maneira absolutamente privilegiada de viver o processo. Jorge Muller foi o diretor de fotografia e o cinegrafista de “ABC” e um ano depois do golpe foi detido pela polícia militar. Foi internado num centro de tortura, Villa Grimaldi e quando desapareceu, ele tinha 27 anos.

32m30 – TESTEMUNHOS DE COLEGAS

(Não?) era o perfil do militante mirista que morre e tortura, no cárcere de Pinochet... Foi uma coisa muito estranha, pois não tinha nem o estilo, nem o gosto... (Não?) era um perfil político ortodoxo, tomava seus tragos, fumava seus cigarros... Entre uma manifestação política e uma praia, ele preferia a praia... Ele gostava de se vestir, algo que era mal visto numa época em que você tinha que se doar por inteiro aos projetos políticos... Os seus costumes eram mal vistos, alguns aceitavam, mas era mal visto... Jorge era (?)

Era o tipo de gente destinada a desaparecer, pois o seu sumiço provocava muita emoção num ambiente muito amplo, com muita capacidade de comunicação, cineasta... um tipo muito simpático... Era um tipo destinado à desapareição, algo como que um destino para impressionar a sociedade...

É claro, a estupidez é negar, esquecer – talvez o que esteja acontecendo agora é porque eu sempre a neguei, é uma estupidez, certo? E talvez não tenha tido tempo pra chorar o suficiente talvez não seja o momento (fade)

34m33 – PAI DE JORGE E VOZ OVER

Dom Rodolfo, o pai de Jorge, veio da Alemanha para o Chile quando tinha 15 anos, junto de sua família fugindo dos nazistas.

(novamente a música do tio ao fundo)

(a cena da charrete)

36m23 – VILLA GRIMALDI

Villa Grimaldi... É um lugar sinistro de todos os pontos de vista, pois não só mataram muita gente, como também desumanizaram muitos por aqui... E isto é fantástico quando o jogo político convencional se restabelece... Não conseguem superar esta barbaridade, ou seja, isto de Pinochet e dos direitos humanos, não há outra coisa...

Aparentemente, a economia do país vai muito bem... Realmente, o que acabou com Pinochet foram as denúncias das violações dos direitos humanos, nem mais nem menos.

37m24 – O TIO APARECE TOCANDO PIANO PELA PRIMEIRA VEZ

Esta é a única pessoa de minha família que sobrevive, é o meu tio Ignácio que já cumpriu 80 anos e creio que tem boa memória.

[PG] Para você, o que significa “recordar”?

[TI] Voltar atrás, olhar o que passou... Você realmente vê... Eu guardei todos os rolos de “ABC” em minha casa.

[PG] Você não tinha medo?

[TI] Medo... Bem, era preciso manter aquilo, era preciso guardá-los...

(39m23 aparece o letreiro de ABC)

[TI] Pouco a pouco você levava os rolos, e assim enchemos um baú que eu tinha em casa. Eu sei que eu tinha que fazer aquilo, não somente por você, mas por aquilo que significava para recordar depois... Para mim, a memória histórica é recordar os feitos, especialmente aqueles relacionados ao país e, claro, com todo mundo. Por Deus, quanto nomes! É incrível!

Depois do golpe, você esteve preso no Estádio, mas vieram da embaixada sueca buscar o material e eu não tinha o baú pronto para ser levado. Depois, levaram o meu material de Santiago a Valparaíso, mas com grandes tropeços... A cada momento eles detidos por militares. O chofer dizia que estava com muito medo. Já em Valparaíso, os militares não queriam embarcar, pois era muito material... Felizmente, o capitão do barco desceu e se impôs e deu a ordem para subir o material dizendo que ele era diplomático. E aceitaram.

41m10 – VOZ OVER

Dois meses mais tarde, quando saí do Estádio Nacional, Frederico e eu embarcamos para Estocolmo para receber os rolos, não se perder nenhum. Depois de 23 anos, eu volto ao Estádio acompanhado de um amigo, Álvaro, um médico amigo dos prisioneiros e que levava as nossas mensagens ao mundo exterior.

ÁLVARO

Eu me lembro que ali era marcado por um sentimento sinistro, um sentimento de medo, uma sensação de guerra. Eu me ofereci voluntariamente para ir ao Estádio porque sabia que, de alguma maneira, eu teria a oportunidade de?

Havia um túnel onde havia pessoas escondidas e quando passei por eles para leva-los, as rondas disseram “esses não, por que esses serão fuzilados”. Um dia voltei ao Estádio e te encontrei. Eu estava atendendo pacientes e o próximo era você e, por um momento, eu me detive... Não me lembro se te abracei ou se te tomei pelas mãos...

[PG] Eu estava muito assustado?

[A] Não, não estava. Eu me lembro que você me disse que eu assistiria a algumas simulações de fuzilamento e que você estava numa sala com outros onde havia estas sessões de simulação. E você me pediu que fosse à tua casa para dar tranquilidade à sua mulher.

43M30 - VOZ OVER

Em 1973, milhares de pessoas passamos por aqui. O Estádio foi a primeira grande escola do terror a ser instalada.

(cenas de futebol)

46m07 – ERNESTO MALBRÁN

Somos como um cemitério, como um campo santo onde dormem todos que um dia já fomos. Mas estes que fomos, não estão mortos porque despertam ao menor sinal cotidiano.

46m40 – HORTENSIA BURSI

Tantos anos de recordações, tantos anos de entrevista...

Voz over

Hortensia Bursi, viúva de Salvador Allende, teve que esperar 17 anos para o velório oficial de seu marido. Ela e sua filha Isabel esperam recuperar um dia os objetos pessoais da família

Espero que não me pergunte sobre fotografias, pois eu não as tenho e isso me indigna também... E ainda hoje elas não me foram devolvidas... Nem sequer os netos o conhecem... Tampouco tenho algo pessoal para presentear os netos... um suéter, uma gravata ou algo assim... ? Nem uma só coisa, nem minha e nem dele. E isto faz falta, eu gostaria muito de recuperar... Para manter comigo e com toda família. Foi um verdadeiro saqueio o que fizeram...

(a música do tio é retomada)

Eu trato de dizer “eu quero viver” como uma espécie de autodefesa.

48m40 – O PIANO DO TIO/ (cenas dos arquivos da Vicaria)

Não, não penso muito na morte... Claro que, às vezes, penso para me acostumar à ideia, pois eu vi muita gente morrer. A minha família era grande, muito grande.

49m30 – CENAS DA EXIBIÇÃO COM JOVENS

Centenas de pessoas perdem a vida e milhares de estádio de futebol são convertidos em campos de concentração. A experiência democrática mais longa da América Latina tinha deixado de existir. Entretanto, a batalha do Chile não havia terminado.

50m45 – DEPOIMENTO JOVEM 01

Eu gostaria de dizer algo também... Ver estas duas partes de “ABC” ... Eu, pessoalmente, tinha seis anos quando tudo aconteceu... E todas as informações que eu pude adquirir ao longo da vida foi através de outros filmes também, familiares e amigos pessoais..., mas vendo tudo isso agora desta forma me faz pensar em muitas coisas e uma que me vem à tona é que eu me sinto muito orgulhosa do meu povo. É claro que fizemos muita merda, mas é preciso seguir lutando e, pessoalmente, creio que cada um tem a sua luta. Em vez de pegar uma pistola, eu prefiro lutar como estamos fazendo aqui, vindo à

escola e aprendendo outras armas para lidar com isso e ver como e quando isto funciona.

Mas me sinto orgulhosa de toda esta gente que lutou por um ideal, mas que, desgraçadamente... Bem, durante todo o tempo do filme, eu já sabia o final, que este ideal seria massacrado, mas... Creio que lícito sonhar, é muito lícito sonhar pelos sonhos pessoais.

52m15 – DEPOIMENTO JOVEM 02

Eu sinto que, neste momento, estou neste processo, de botar toda esta raiva, toda esta merda que tenho dentro e que segue aqui, e que segue mirando (?)... E eu sigo neste processo de botar esta merda pra fora... O que eu sinto é muito forte...

52m46 – DEPOIMENTO JOVEM 03

Eu era criança e no dia 11/09 de setembro, eu me lembro de saltar na minha cama feliz por não ter aula e... vendo isso agora... Eu não sei como o homem pode chegar a... matar o outro por um ideal... E você tem uma família inteira que não pensa como você... É como te matarem porque não gosta de Arte...

53m30 – DEPOIMENTO JOVEM 04

Eu deixei de acreditar em tudo, nas pessoas, nos meus amigos, nos militares, na minha família, em tudo... Eu não creio, eu deixei de acreditar... Esta foi a vitória da ditadura: deixar de acreditar nas pessoas e nos seres humanos. Os últimos quinze anos foram muito obscuros, em todos os sentidos... Em minha família, mataram o meu irmão

53m53 – DEPOIMENTO de MALBRÁN

Eu acredito que isto foi um sonho de justiça, um sonho que se fez em pedaços. E eu me sinto feliz por ter sido um tripulante nesta nave de loucos. Mas o que quero dizer é o seguinte: é que nesta hora difícil em que caíram os modelos e as ideologias servem pra pouca coisa, devemos assumir a tarefa de sermos imagens viventes para que os jovens olhem para todos os lados em busca de interpretações/ entendimentos e saibam que isto não é um naufrágio, é somente um tremor de terras, e nada mais.

ANEXO 05 - TRANSCRIÇÃO E MINUTAGEM DE “O CASO PINOCHET” (2001)

Direção: Patricio Guzmán

Câmera: Jacques Bouquin

Edição: Claudio Martinez

Música: Jorge Arriagada

Colaboração: Renata Sachse, Camila Guzmán

Produção: Les Films d'Ici

1' – NORTE DO CHILE

O JUIZ JUAN GUZMÁN BUSCA CORPOS DESAPARECIDOS

Cada corpo encontrado implica numa proximidade com a paz social. A maior ênfase do que estamos fazendo é promover a justiça, ver quem são os responsáveis e, ao mesmo tempo, ver de quem são os corpos. Temos viajado bastante de um lugar a outro do país e temos encontrado muitos restos, produtos da violência.

1m46s – ISABEL REVECO – ANTROPÓLOGA FORENSE

Entre outubro e novembro de 1974, Dom Rosalindo chegou a este lugar e encontrou aqui dois corpos estendidos, um ao lado do outro, em direção ao vulcão. Eram dois corpos de homens nus. Ele os trasladou mais acima para uma pequena fossa onde pudesse enterrá-los.

Nós agora nos dedicamos às escavações e encontramos fragmentos de ossos humanos que estão queimados. Encontramos vestígios humanos que foram exumados e levados para outro lugar. Não sabemos aonde, mas com as pesquisas podemos dizer que aqui estiveram. E estes setores são fragmentos de mãos humanas.

3M31S - DEPOIMENTOS

Na verdade, isto me dá um pouco de tranquilidade. Eu pedi tanta força a Ele antes de partir para cá, eu já sabia que teria que enfrentar este momento. Bem, é melhor do que a dúvida, pois não o vi. Mas ainda sinto a sua presença. Eu sinto muita raiva e muito pena porque... Este era meu filho quando o vi pela

última vez. Mas agora, eu vi... Eu não vi nada, e creio que não verei nada. Só creio que o melhor é que eu mantenha suas recordações, pois eu quero o meu filho.

Eu tenho dois, três filhos... O mais velho se chama Sérgio Joaquim, depois vem o Marco e então o Luciano. O único que posso dizer é que... Como diz a canção de Victor Jara e... É uma canção de que sempre gostei e sempre imagine que seria assim, que vai ser assim... A experiência que estou vivendo agora. Sempre disse... Já dizia a canção “debaixo da terra, Sérgio não está dormindo... E de seu coração, vai brotar a primavera. E que sua semente... De sua semente outra planta florescerá e nascerá a flor de um novo dia. É meu filho, é meu filho...

Eu também quero dizer algo... Isto foi um crime. Isto é o governo de Augusto Pinochet, assassina jovens de 18 anos e os deixam aqui, longe de suas famílias. E existem tanto mais torturados e desaparecidos que se foram das formas mais horrendas. Este é o governo de Pinochet: morte, assassinato.

7M30S: SÉRIE DE FOTOS COM JOAN GARCÉZ

Nesta série de fotos se vê a infantaria e uma série de blindados em volta do Palácio. Este é o momento no qual a escolta presidencial de carabineiros abandona o Palácio. E saíram todos os carabineiros, nenhum quis ficar e cumprir o seu dever de defender o governo. Isto já é depois do bombardeio aéreo... Incêndios... Estas são sequências depois do assalto e do bombardeio, quando saem os civis da equipe do presidente. Várias pessoas foram detidas neste dia e torturadas no regimento Tacna, de Santiago, e desaparecidas depois... Desde então. Isso é o que acontece a um governo feito de soldados amotinados, em qualquer país do mundo. E esta é a residência oficial do presidente, destruída e saqueada.

9M18S: VOZ OVER DE GUZMÁN

Em 1973, o general Augusto Pinochet deu um golpe de Estado no Chile contra o presidente Salvador Allende, iniciando uma ditadura que durou 17 anos. Com o pretexto de barrar o comunismo, Pinochet barrou todas as instituições democráticas e ficou no poder até 1990.

Nesta época, Joan Garcéz, um advogado espanhol, foi o principal conselheiro de Allende. Viveu na própria pele o assalto ao Palácio, mas conseguiu sobreviver e voltar a Madri onde 23 anos mais tarde se converteu no principal advogado do Caso Pinochet.

10M15S: ARQUIVOS DA VICARIA DE LA SOLIDARIDAD

Apesar da repressão, a oposição democrática conseguiu organizar um arquivo das pessoas torturadas, desaparecidas ou executadas. A Igreja Católica e outras instituições mantiveram este enorme arquivo da memória e do terror. Ele se chamou Vicaría de la Solidaridad e contou com uma equipe de advogados que lutaram incansavelmente pelos Direitos Humanos.

Cada vítima tinha aqui uma ficha com sua história. Este detido e desaparecido é o Manuel Hermosilla. Aqui temos a sua certidão de nascimento. Aqui temos o recurso de amparo solicitado pela sua mãe e que não foi acolhido e desemboca depois numa denúncia...

Depois, temos declarações juradas de testemunhos que estiveram juntas ao prisioneiro no centro de detenção. Esta pessoa estava viva e isto mostra que o detido está, realmente, desaparecido.

11m35: ABERTURA DOS ARQUIVOS COM ROBERTO GARRETÓN

Como se produzia o fenómeno da desapareição forçada? Chegava-se à casa da pessoa com licença falsa, identificação falsa e veículo sem patente e tomava a pessoa, a levava e nunca diziam aonde iriam. Para a família presente ou para a família que simplesmente recebia a notícia pelas ruas, tratava-se simplesmente de um caso de detenção. Nós, advogados, apresentávamos o habeas corpus, que o pedido de amparo neste caso e a resposta do Ministério do Interior: ele nunca foi detido. Continuávamos a investigação e pedimos licença para revistar em Villa Grimaldi e resposta do Ministério do Interior: "Villa Grimaldi não existe".

Seguíamos a investigação e conseguíamos o nome de um testemunho, e a resposta: "o testemunho não existe" ou mesmo ele morre. E, por último, diante de provas irrefutáveis, eles chegavam a negar a existência da pessoa. Este senhor nunca nasceu. Quanto aos tribunais, nós nunca conseguimos

extrair nada deles, nunca conseguimos desmascarar as mentiras oficiais, as mentiras que eles fizeram próprias.

E aí que, para os advogados de Direitos Humanos, que iniciaram este julgamento na Espanha nos dão uma satisfação e, até mesmo, uma certa inveja, pois estão chegando ao auge deste processo que nós iniciamos no ano de 1973, mas perdendo sempre. Perdemos todos os habeas corpus que apresentamos, jamais conseguimos liberar um preso político, nunca encontramos um detido desaparecido, jamais condenamos alguém por assassinatos, por exemplo.

Mas nada disso foi inútil, tudo isto está aqui, pois foi o resultado de um trabalho de 16 anos feito na Vicaria de la Solidaridad e aqui na nossa instituição de defesa dos Direitos Humanos. É ver que a justiça existe, ela não é um invento quimérico, uma utopia, é uma realidade, pode-se fazer justiça. E isto começaram a fazer os espanhóis.

14m:18 VOZ OVER

Em Madri, em 1996, um jovem fiscal de 39 anos, Carlos Castresana, descobriu a fórmula judicial para deter Pinochet. Castresana pensava que a justiça espanhola não podia ficar de braços cruzados diante dos crimes de Chile e Argentina. Haveria de ter uma maneira de recuperar a verdade e a memória dos vencidos.

A infância de Castresana foi marcada pela ditadura de Franco. Ele simpatiza das experiências das vítimas chilenas e argentinas porque recordavam as mesmas coisas que ele e os seus tinham vivido. Castresana não tinha amigos e nem familiares na América Latina e não conhecia nenhum desses países.

15m15: JUIZ CASTRESANA

Me pergunta se fiz isto por solidariedade. A solidariedade produz pequenos milagres. Eu conheci isto há pouco tempo, não há princípio precedente, nunca houve isto antes. Uma anedota que parece conter muito bem o círculo do que eu quero te explicar de porque essas coisas de podem fazer... Pois porque sim, por solidariedade, porque a pessoa acredita que tem que fazê-la, não porque eu espere ter um resultado concreto.

Ano de 39 e meio milhão de espanhóis saem do país em condições penosíssimas ao final da Guerra Civil pela fronteira com a França. E o governo francês os interna em campos de concentração. Meio milhão de pessoas. E, mesmo assim, há uma ação de solidariedade absolutamente gratuita por parte de alguns governos latino-americanos. O cônsul do Chile em Paris aluga um barco, o Winnipeg, e convida todos os espanhóis que querem partir que entrem no barco e nós vamos salvá-los. São 2,5 mil espanhóis e o cônsul resulta ser o Pablo Neruda, Ricardo Reis, o famoso poeta e, logo depois, o Prêmio Nobel.

Mas há algo ainda mais expressivo quem recebe os 2,5 mil espanhóis no porto de Valparaíso para dar a eles um lugar ao sol, uma nova vida? Um jovem Ministro da Saúde, Salvador Allende. Por que o Chile fez isso? Não havia motivo para fazê-lo, mas assim o fizeram por solidariedade.

VOZ OVER

Castresana estudou a Lei Orgânica do Poder Jurídico e descobriu um dispositivo nas leis espanholas que permitia à Espanha atuar em qualquer país onde haveria delitos de genocídio, terrorismo e tortura. Este achado, mais os tratados internacionais ratificados pela Espanha depois da morte de Franco, abria o caminho para fazer, ao menos, duas denúncias: uma contra golpistas argentinos e outra contra Pinochet.

Nós apresentamos denúncias contra a Juntas Militares argentinas em março de 96 em audiência nacional. Três meses depois, repetimos a experiência e apresentamos as denúncias contra a Junta Militar chilena liderada por Augusto Pinochet. Existem crimes que são de foro universal, eles não ofendem um só país, que não podem e nem devem ser perseguidos somente por um país. Eles são tão preciosos para a humanidade que a humanidade não pode encomendá-los a um só Estado. Porque ocorre algumas vezes, ou melhor, na maior parte das vezes que é justamente este Estado é o que está em piores condições para proteger estes bens jurídicos. E como estes bens jurídicos são comuns a todos, o Direito Internacional nos diz que todos devemos protegê-los, dessa maneira não cabe falar a respeito de soberania.

Eu não creio que esteja havendo uma ingerência como se diz. Isto não é um processo de colonização, isto é um processo de solidariedade. Este é um processo para que se veja como estão escandalosamente fechadas as portas

dos tribunais chilenos. Já em Argentina encontraram tribunais abertos e que estão dispostos a escutá-las e protegê-las e que estão dispostos a emitir ordens de detenção para os responsáveis pelos crimes contra a humanidade. Dessa forma, nós fizemos a nossa parte.

Castresana também descobriu que os generais chilenos e argentinos haviam copiados dos nazis os métodos para fazer desaparecer os detidos. E isto o ajudou a fundamentar as suas duas denúncias. As ordens escritas do regime nazista, as muitas leis conhecidas como a de Nuremberg que estabeleceu a segregação dos judeus, por exemplo, em concreto, aquelas que estabelecem a figura jurídica do desaparecimento, estes são os decretos “Noite e Neblina” (investigar). Estes decretos dizem coisas tais como “os detidos devem desaparecer porque seus familiares do criminoso e a população em seu conjunto devem desconhecer a sorte do que lhes ocorreram”. Isto, de acordo com XX, deve ter um efeito intimidatório porque, literalmente, entre aspas “o prisioneiro vai desaparecer sem deixar rastros”.

Isto aterroriza e paralisa a sociedade... E isto foi o que se passou em Argentina e Chile. (PG) E o que você fez? (CC) Efetivamente, o que fizemos foi propor uma denúncia em nome da humanidade, em nome da sociedade, em nome da consciência jurídica democrática sem atribuir a representação concreta de ninguém. (PG) E você conclui pedindo algo ao juiz? (CC) Sim, conclui-se pedindo um manifesto reconstitutivo pelos crimes de genocídio, pelo delito de tortura, delito de terrorismo e que, portanto, deve ser objeto de perseguição universal.

20m20: JUIZ BALTASAR GARZÓN

O juiz Garzon e seu colega aceitaram as denúncias e abriram os sumários. Logo depois, Garzon assumiu os dois processos. Conhecido na Espanha pelo seu caráter resoluto, Garzon seguiu adiante mesmo sem ninguém, e nem mesmo ele, saber onde poderia chegar uma causa deste tipo com Pinochet instalado em Chile, a doze mil quilômetros de distância.

Muito mais tarde, os onze juízes da audiência nacional ratificaram por unanimidade que os crimes de Argentina e Chile eram de jurisdição universal. E que poderiam ser perseguidos por juízes do mundo inteiro e, portanto, pelos juízes da Corte espanhola.

21m06: VOZ OVER

O outro personagem desta história foi o advogado das vítimas, Joan Garcez, nascido em Valência. Há trinta anos, ao terminar seus estudos em Paris, na Escola de Ciências Políticas, Garcez se mudou para Santiago de Chile, onde trabalhou como assessor direto do presidente Salvador Allende. Allende salvou a sua vida ao pedir que ele abandonasse o Palácio pouco antes do bombardeio. Allende disse a ele: “você é a única pessoa no mundo que pode contar a todos o que ocorreu por aqui”.

21m50: JOAN GARCÉZ

É preciso dizer que o próprio Estado chileno oficialmente reconheceu que 1198 pessoas foram detidas, torturadas e desaparecidas durante os anos do governo Pinochet. E também o Estado chileno reconheceu que, além dessas, mais de duas mil pessoas foram sequestradas por funcionários do Estado torturadas e assassinadas.

22m20: VOZ OVER

Durante 16 anos, Garcez esperou uma segunda oportunidade para voltar a encontrar Pinochet. Quando a denúncia de Castresana teve êxito, Garcez exigiu de imediato ser o advogado defensor das vítimas que, pouco a pouco, começaram a chegar na Espanha. A máquina judicial havia se posto em marcha.

22m30: MISE-EN-SCÈNE DAS TESTEMUNHAS

Vieram mais de cinquenta, sessenta testemunhas para testemunhar diante do juiz. Era importante deixar elas se expressarem, ouvi-las contar suas histórias, suas vivências e ajudá-las a organizar estes vários relatos de acontecimentos. Principalmente aqueles relatos que tivessem relevância penal para um procedimento criminal como era um julgamento como este. Este era o papel dos advogados.

Então, cada testemunho, antes de sua presença diante do juiz, cada documento que seria apresentado ao juiz foi objeto de nossa análise. Primeiro para calibrar a autenticidade, o valor do testemunho, e segundo a sua relação

direta com os temas dos acontecimentos que aqui estavam sendo investigados. Aqueles que eram relativos aos temas ligados aos direitos internacionais, que são a tortura, o genocídio e o terrorismo.

Durante os 17 anos de governo de Pinochet, a tortura esteve institucionalizada. Entretanto, a partir de 1990, quando se estabelece o governo democraticamente estabelecido de Patricio Alwyn ou, a partir de 1994, com o governo de Eduardo Frei, nenhum dos dois presidentes quiseram investigar a tortura. O torturado não tinha o direito de identificar os crimes perpetrados contra grande parte da população chilena

24m24 – RETRATO 3X4 PANORÂMICO

Todos os testemunhos tinham que ser recebidos dignamente por um juiz e eles se sentiam emocionados. A compensação moral que recebiam, sua satisfação e emoção de encontrar-se diante de um juiz que os escutava pela primeira vez na vida. Diziam que isto no Chile seria impossível, pois os juízes não os recebiam. E todos eles, invariavelmente, nesta hora ou hora e meia que durava os testemunhos, eles sofriam extraordinariamente ao recordar os momentos tão dolorosos de suas vidas. E isto era algo que fazia a gente sair das sessões dos testemunhos realmente muito afetados.

26m – VOZ OVER

Durante dois anos, as vítimas declararam diante a indiferença geral. Ninguém, nem a imprensa e nem os governos envolvidos acreditaram que um dia estes testemunhos teriam algum resultado concreto.

26m20 – VICTORIA

Eu não quero que outra geração tenha que viver o que foi imposto a nós viver. Eu perdi tudo, inclusive queimaram a minha casa, cinco incêndios. Tentaram sequestrar meus netos. Tiraram todos os homens para fora de casas, aqueles que conseguiram, os meus filhos... O meu marido morreu, morreu de pena... Ele não queria mais seguir vivendo sem os meus filhos e quando já não tínhamos casa.

As mulheres somos mais... Nós lutamos mais, somos mais sofridas. Que estranho que eu não o encontre... Aqui tenho o guarda-chuvas... Quando eu

não quero, ele aparece, quando o procuro, ele se esconde neste baú... Pois a minha bolsa é um baú porque levo meus remédios, levo minhas coisas íntimas ... Se tenho que ir a algum lugar, eu não tenho problemas. Entre todos os remédios, ele se perde..., Mas aqui eu o encontrei. Aqui está, este é o meu santo. A ele, eu rezo... Este é o meu santo. Esta foto é de oito dias antes de ele se ir... Eu já corri o mundo, mas não o encontraram... Nem a justiça o encontrou...

28m20 – NELLY

A minha família é bastante grande e foi bastante reprimida durante a ditadura e existem 19 casos entre desaparecidos, executados, gente que teve que se exilar, gente que foi torturada, gente que esteve presa. Agora, quem sabe eu devo me remeter mais especificamente ao caso do meu companheiro que se encontra desaparecido desde o ano de 1974. Ele foi detido pela DINA, por três agentes da DINA em minha casa. Entraram em meu apartamento, em meu dormitório, se instalaram aí e o levaram... Levaram-no e eu não soube nunca mais dele. Eu não o voltei a ver.

Eu tinha uma maleta cheio de coisas para levar ao meu marido quando o encontrasse. Quando eu conseguisse localizá-lo, que fosse num campo de detenção, a minha esperança era levar estas coisas. Elas eram algumas roupas, algumas revistas que ele gostava, o seu chocolate favorito, algumas amêndoas. O tempo foi passando e a maleta também foi mudando, fui mudando as coisas porque elas iam se perdendo. Bem, a minha esperança também estava morrendo...

E em torno desta maleta, também existia a esperança de meu filho de que seu pai, um dia, iria voltar, de que seu pai vai chegar. Quando ele tinha quatro anos de idade, eu tive a clareza de que isto podia não acontecer... Eu tive as primeiras notícias de que ele poderia estar morto... E eu lhe disse, eu o enfrentei e disse ao meu filho a verdade: “José Manuel, o papai não vai voltar, ele não vai chegar”. E eu o expliquei, numa linguagem que podia ser explicada a essa idade, o que havia passado. E eu pensei que o que eu tenho que conservar com o meu filho é a confiança. E para que meu filho tenha a confiança em mim, eu tenho que dizer a verdade.

31m – GABRIELA

Quando alguém se põe a correr durante muito, muito tempo, então você não consegue mais se mover... É como se seus braços, suas pernas... Você não consegue mexê-los, você está quase como um trapo, isso também se deve ao terror nesse momento... E o sujeito, curiosamente, não estava interessado em extrair informação, mas somente em me violar... Eu tive tempo de dizer a ele que, então, eu era uma prisioneira política e eu não sou para que você abuse de mim... E... Bem... Eu não estava para ser uma pessoa que deveria ser violada, eu não estava preparada... Eu não sei, a resposta desse homem... Foi meter os seus pés em minha boca e a obrigar-me a... E disso sim, eu me defendi, disso sim eu me defendi... Então aí eu notei algo estranho, pois aquilo já não era parte do interrogatório, era parte de outra coisa, da noção de que nós não éramos pessoas... Qualquer um poderia fazer qualquer coisa. E se eu era mulher, e isso seria o mais agonizante para nós, a minha história não era singular, é uma história plural. Eu não creio que eu era parte... Era tudo parte de algo... Eles mesmo te diziam “não importa mais, não importa que nos diga algo agora, eu tenho todo o tempo do mundo. Ninguém sabe onde você está... não podem te encontrar, aqui não chegam os jornalistas, não podem chegar os médicos, nós temos você em nosso poder. Este era o seu discurso, não?”

Eu... Quando voltou a democracia neste país ou o início da democracia neste país, eu comecei a não poder dormir, chorava o tempo todo... E, por sorte, em meu trabalho eu tinha... Eu tinha um colega... Um colega médico que trabalhava apoiando... Gente que havia sido afetada pela repressão. E ele me disse que... As pessoas não falam muito sobre o estar preso, salvo com quem já esteve preso...

Porque, todavia, este país é um país que nega a sua história e nega o direito à dignidade porque este... Perdoe-me, eu não queria chorar aqui... Eu creio que isto é o que mais dói, não? Eu creio que, o que se passou neste país, e há tanta gente que aceite e que lhe pareça bem que existam torturados, desaparecidos e mortos e que digam na sua cara: “o único problema de Pinochet foi que não matou todos os comunistas, não? Não matou os que pensavam diferente...” Eu creio que isto é muito mais duro, não?

Isto é mais duro porque é a continuação da ditadura em pessoas que não são militares, não? Eu me sinto capaz de viver com o passado, capaz de

viver com o passado... Entretanto, se me vêm à mente esta pergunta que as pessoas sempre te fazem, não? Não seria melhor esquecer? Não seria melhor perdoar? É preciso perdoar... Eu já escutei isto tantas vezes, é preciso esquecer... Eu creio que os únicos que podem perdoar são aqueles que sofreram, ninguém mais pode perdoar por eles.

E eu creio que uma pessoa pode perdoar se alguém lhe pede perdão. Mas se alguém está te dizendo frequentemente na cara que “está tudo bem”, e que foi bom que seu irmão tenha morrido ou que você tenha sido torturado ou que, como aconteceu a muitos de nós, que teve que ver pessoas sendo mortas ao seu lado... Creio que isto é o mais duro da tortura, é ter visto os outros serem torturados ou que alguém morra ao seu lado sem que você possa fazer alguma coisa. Essa marca, eu creio, é a que não se vai, essa não se vai, não...

36m38 LUISA

(PG) Conte-me como seus filhos morreram.

(L) (suspiros) Meus filhos... morreram... nas mãos da polícia... de Pinochet no ano de 1985. Nesse ano, o povo estava com uma força enorme tratando de safar-se desta ditadura terrível. E Pinochet deu a ordem de calar o povo, de baixar o seu perfil de luta e, nesse dia 29/03, a polícia cumpriu esta ordem matando os meus filhos. O Eduardo foi morto pelas costas e o Rafael foi ferido. Eles foram amarrados e, em seguida, meteram um balaço na nuca, e isto está demonstrado na autópsia. E está demonstrado por dois ou três testemunhos.

(PG) Que idade eles tinham?

(L) O Rafael tinha 18 anos e Eduardo tinha 20 anos, em 1985.

(PG) Portanto, você não crê na justiça local?

(L) Não... Não creio... Eu creio em... Bem, se eu pudesse falar de vingança... A minha vingança é estar viva... É estar me recobrado de novo, veja... Eu que estive morta, estive realmente morta de dor. Haver me recobrado de novo e me sentir uma pessoa... E esta é um pouco a minha vingança... A minha vingança é ver como gente muito jovem, juvenzinhos, crianças quase... quando fazemos algo para os filhos, estão aí, querem saber... Como um tremendo desejo de saber, de conhecer... Quem eram, o que se passou... Tanta gente jovem que neste momento está organizada... Eu creio que essa

seja a minha vingança. Podem dizer que vocês trataram de nos eliminar, eliminar uma ideia... Trataram de eliminar na raiz uma ideia social distinta, humana, mas não conseguiram porque está aí nos jovens, nas crianças.... Eles vão voltar a fazer, sim... Disso estou segura...

41m23 – VARREDURA DOS TESTEMUNHOS

42m54 – FOTOS DE PINOCHET

Pinochet chega em 22 de setembro de 1998 em uma viagem de lazer a Londres no aeroporto de Heathrow, Ele chega com um passaporte diplomático, mas não recebe nenhum membro do Foreign Office porque não vem em missão diplomática.

ERNESO EKAIZER – PERIODISTA DO EL PAÍS

Esta é a quinta ou sexta viagem que faz à Londres. Ele já tinha viajado para lá muitas vezes, desde 1991. Ele viajava uma vez por ano a Londres, pois gostava de comprar roupa em Londres, visitar lojas como Harrods, Fortnum and Mason.. Ele se sente como desfrutando, como um turista em um país amigo. Ele fica no Hotel Intercontinental no Parque Lane, uma região grande de Londres, muito bem situada. E, a partir daí, digamos, com amigos militares mantém visitas a cafés, vai ao Museu Madame Tussaud's, ao Museu de Cera tão famoso nesta cidade, como todos os anos.

44m03 – PETER SCHAAD

Uma vez por ano, ele é convidado para visitar Londres pela British Aerospace. Geralmente no verão, entre setembro e outubro. E foi isto que ocorreu em 1998, ele foi convidado pela British Aerospace e foi isso o que aconteceu... Numa sexta-feira 2 de outubro de 1998, nós almoçamos juntos e ele realmente bebeu pouco vinho e lhe perguntei: “General, o vinho está bom? Você quer algo mais?” Não, ele disse “está tudo bem”. Eu não me dei conta naquele almoço que tinha algo a ver com as suas costas. Mas depois ele me contou que o cirurgião disse: “escute, teremos que operar e em dez dias você já poderá voltar ao Chile”.

E eu o acompanhei quando fomos beber na casa de Thatcher em Chester Square e foi lá que ele declarou que ele seria submetido a uma cirurgia, na próxima sexta-feira. E que a sua esposa, a Sra Lucia, chegaria na próxima quarta-feira.

45m17 – EKAIZER

Contra o desejo de sua família e contra o desejo do Exército chileno, a quem ele informa, Pinochet decide permanecer em Londres e operar-se. Tanto a sua família quanto o Exército chileno não o recomendam que faça isso, e o Exército, particularmente, lhe disse que estaria disposto a fazer todo o possível para trasladar os médicos, os mesmos instrumentais e o mesmo hospital a Santiago de Chile, para fazer a operação aí em vez de fazê-lo em Londres.

45m47 – O XADREZ ENTRA EM CENA

No ano de 98, Garzon está levando adiante o procedimento e tem notícia de que Augusto Pinochet se traslada a Londres. O juiz Garzon imediatamente move uma peça que consiste pedir ao governo britânico uma petição ao Ministro do Interior para que possa interrogar a Pinochet em Londres. Quando Garzon vê que há uma corrida favorável a esta petição, e exigem dele o que mais ele gostaria de fazer, então ele “corre carreira”? e decide fazer uma ação de alcance insuspeitável e pede a detenção de Pinochet.

46m40 – JEREMY CORBIN TRABALHISTA

A Corte britânica finalmente tinha autorizado a aplicação do pedido de Baltazar Garzon de extradição e prisão de Augusto Pinochet. Isto foi transmitido naquela noite para a Scotland Yard, em Londres. Então, eles tiveram que procurar a permissão do Ministro do Interior para levar o pedido a cabo. E isto foi imediatamente autorizado e rapidamente avisaram o embaixador chileno disso. Enviaram rapidamente os agentes da Scotland para a clínica e, formalmente, prenderam Pinochet na cama da clínica de Londres.

EKAIZER

A detenção de Pinochet foi realizada por dois membros do esquadrão de extradição, o sargento detetive David Jones, que foi quem falou naquela ocasião e contou com um intérprete de inglês que a traduziu. Imediatamente, ele tirou a ordem e a leu a acusação pelas mortes de cidadãos espanhóis em Chile, apertaram os cintos e fizeram uma escolta da Scotland Yard e o resto foi feito pela política metropolitana de Londres.

SCHAAD

Bem, eu não podia acreditar... Eu ainda estou convencido de que foi um erro, de que alguém confundiu os papéis ou esqueceu de carimbá-los... Todos esperamos que isto se explicaria em uma semana. Ninguém acho que isto duraria mais de quinhentos dias.

48m28 – VOZ OVER

Desde o primeiro momento, exilados chilenos se reuniram na porta da clínica. Enquanto isto, o Parlamento Europeu apoia o pedido de extradição de Pinochet feito pela Espanha.

EKAIZER

A partir daqui, começa uma série de movimentos e jogadas cujo cenário são as leis de extradições britânicas e todas as possibilidades que uma pessoa endinheirada tem para defender-se da ação da justiça. A primeira coisa que Pinochet faz é contratar uma equipe de advogados que recorre ao Ministro do Interior para que negue a ordem de extradição. Mas ele não nega, e diz que está agindo dentro da lei. Então, a equipe de advogados de Pinochet faz um movimento devastador: apresenta um recurso ao Tribunal de Justiça britânico e este recurso consegue em poucas horas ir adiante e Pinochet é investido com todas as suas imunidades. O Tribunal diz que Pinochet havia sido Chefe de Estado e, portanto, tem direito à imunidade como Chefe de Estado. Então, não está sujeito aos objetos criminais e, então, não pode ser acusado penalmente.

49M57 - NORMAN LAMONT – EX-MINISTRO DE THATCHER

O que me interessou no caso foi a interferência sobre a formalidade da imunidade de Chefe de Estado. Eu não acredito que a diplomacia possa

funcionar num mundo onde um Chefe de Estado, ou ex-Chefe de Estado, possa ser detido. Eu realmente acredito num mundo onde um Chefe de Estado não possa ser detido.

Eu acredito que a diferença entre um Chefe de Estado e um ex-Chefe de Estado seja sutil. Vamos dizer ao presidente da China: “Bem-vindo a Londres, nós não vamos te prender hoje. Mas daqui a seis meses quando você não for mais presidente?” O mundo não pode funcionar assim...

EKAIZER

Garzón, por seu turno, pede à Vicaría de Corona, que faz de advogado de Espanha que recorra à Câmara dos Lordes, que é o Supremo Tribunal reunido, para efeitos de conseguir restringir a imunidade de Pinochet. E, finalmente, em 25 de novembro de 1998, em um pronunciamento de 3 contra a imunidade versus 2 pela imunidade, conseguem tirar a imunidade de Pinochet.

Pinochet queda inerte e está tudo preparado para a sua marcha e há uma aeronave da força aérea chilena na base de Brize Norton no dia de seu 83º aniversário. E está tudo pronto para sua partida quando o chamam e dizem que ele não tem imunidade.

SCHAAD

No dia 25 de novembro, que é seu aniversário, e o “fallo” (veredito) dos Lordes seria anunciado às duas horas da tarde e eu chegue ali por volta das 12h30, algo assim. E todos estavam lá, vestidos e prontos. O General, Marco Antônio estava vestido, estava frio, Srta Lucia estava de botas de inverno, as malas estavam lá, tudo estava pronto para partirem.

CORBIN

Eu estava sentado entre um grupo de deputados conservadores que eram apoiadores de Pinochet. E o resultado era lido como algo parecido a uma partida de pênaltis no futebol: os times vibravam com os resultados, um, dois, um dois, três, dois... E este é o resultado.

E, por um momento, o resultado era negativo para nós, e um deputado conservador me disse: “yeah, você está perdido! Ele está livre!”. Eu disse “Isto não está tão certo quanto você pensa”, e então, logo ganhamos o caso. E ele

disse “vocês ganharam, eu não acredito!”. Então, as pessoas presentes explodiram e os chilenos se abraçaram. E os chilenos são tão expressivos...

53M54S - VOZ OVER

A Câmara dos Lordes, suprema instância judicial britânica tinha terminado os seus trabalhos. Porém, uma semana mais tarde, os advogados de Pinochet descobriram que um dos juízes mantinha relações com a Anistia Internacional, isto é, com uma das partes interessadas. Para a surpresa geral de todos, pela primeira vez, em 150 anos, os juízes jogaram por terra uma decisão tomada por eles mesmos e ordenaram a repetição da votação.

Este resultado obrigou o ditador a alugar uma casa nos arredores de Londres. Uma metade do chalé estava ocupada pela polícia e o prisioneiro começou a ler as memórias de Napoleão. Por toda parte, o piquete de exilados chilenos o seguia e se instalou a 150 metros da casa.

Durante estes meses, a Espanha já havia solicitado a extradição de Pinochet, junto com França, Suíça e Bélgica. Por sua vez, a justiça dos EUA tinha enviado ao juiz Garzón alguns documentos secretos sobre a Operação Condor, um pacto militar liderado por Pinochet para liquidar dissidentes em seis países. Apesar de tudo isso, a vida na casa era monótona. De vez em quando, apareciam algumas personalidades em apoio ao prisioneiro.

55M30S – VISITA DE MARGARETH THATCHER

[MT] Eu estou bem consciente de que foi você quem levou a democracia ao Chile.

[AP] ... E começar uma nova etapa, uma nova época para o Chile.

[MT] Eu estou contente que você esteja confortável aqui. E eu sei o quanto devemos a vocês pela ajuda na Campanha das Malvinas, pelas informações que nos deu, pela comunicação e também pelo refúgio que deu às nossas tropas. Cinco meses é muito tempo para estar confinado em uma casa. Isto é um filme, então... Nos damos as mãos? Conversamos?

56M50 – VOZ OVER

Durante um tempo, Pinochet conseguiu evitar a sua aparição pública nos tribunais, mas a lei inglesa o obrigou a comparecer na Corte de Bermatch (?) Onde um juiz notificou os seus cargos.

57M10S – ANDY MCENTEE – PRESIDENTE DA ANISTIA INTERNACIONAL DE LONDRES

Há um momento, em que o acusado está no banco e ele tinha que dar o seu nome. E eu me lembro muito bem deste momento e ele disse “Augusto Pinochet Ugarte”. Neste momento, pela primeira vez, ele se submeteu a uma corte criminal por delitos de crime e, particularmente, de tortura. Para ele, provavelmente, pela primeira vez, ele estava cercado de policiais que não eram seus homens e que representavam as forças que o mantinham preso.

CORBIN

E ele saiu da Corte com um cobertor sobre a cabeça... Quando eu era criança em Londres, nós víamos na TV cenas de assassinos confessos, molestadores de crianças, pessoas como estas saindo do tribunal com uma manta sobre a cabeça. E ver Pinochet saindo do tribunal com uma manta sobre a cabeça era uma forma de justiça.

58M23 - VOZ OVER

Três meses mais tardes, os Lordes tornaram a tirar a imunidade de Pinochet, mesmo que dessa vez fosse por um número menor de delitos do que Madri solicitava. Outros tribunais se envolveram nas querelas como em Chile, Itália, Noruega, Suécia e Luxemburgo.

[SPEECH] Pelas razões que sustento em meu discurso, sustento que Pinochet não tem direito à imunidade pelas acusações de tortura e de conspirar para a tortura cometidos após esta data e aprovo a apelação.

[SPEECH] Eu opino que Pinochet pode ser extraditado para a Espanha para enfrentar as acusações de tortura e conspiração para a tortura cometidos a qualquer momento e em qualquer lugar. Portanto, eu aprovo a apelação.

[SPEECH] Eu rechaço a apelação.

[SPEECH] Eu concedo à apelação por toda a conduta que se alegue contra Pinochet e que se constitua crimes de extradição.

A maioria entende que Pinochet pode ser extraditado por crimes de tortura e conspiração para a tortura cometidos depois de dezembro de 1988 quando a Convenção contra a Tortura foi assinada pelos nossos países (Inglaterra e Chile)

1H – VOZ OVER

Em Madri, o Caso Pinochet passou a tomar os principais meios de comunicação. A esperança de um juízo provocou uma emoção cada vez maior entre as vítimas que viviam no Chile e no mundo inteiro. Os testemunhos continuavam chegando ao despacho do juiz Garzón e em suas mãos ele já tinha trinta e cinco mil folhas.

1H – CECILIA

Eu fui detida em 24 de outubro de 1981 e saí em março de 92, dois anos depois da chegada da democracia neste país. Ou seja, a democracia me manteve dois anos encarcerada. Supunha-se que seríamos libertados uma vez que a ditadura acabasse. Mas éramos um grupo grande de presos políticos que seguíamos presos mesmo após o fim da ditadura.

Lá dentro na prisão, estávamos de braços cruzados esperando os dias que se passavam. Fazíamos muitas atividades físicas dentro da prisão e conversávamos muito... Eu creio que uma das coisas que nos ajudou muito, pelo menos para as mulheres, é que fomos capazes de conversar entre nós sobre tudo o que havia se passado com a gente. O que haviam feito conosco. E apoiando umas as outras e capazes de promover bem-estar entre nós, de promover bem querer. Eu creio que tudo isto foram coisas que nos ajudaram.

Por exemplo, brincávamos de falar por telefone e, de uma cela a outra, nos chamávamos por telefone e imaginávamos que havia passado muitos anos. E começávamos a perguntar o que havia se passado por tanto tempo, já que não tínhamos nos vistos, se havia se casado, quantos filhos teve...

[PG] E como vocês falavam por telefone?

[C] Falávamos alto, imitávamos os números... E estou chamando Mirian Ortega, uma das companheiras... E colocávamos a mão aqui e a companheira na outra cela pegava o seu telefone e começávamos a conversar de uma cela para outra.

[PG] E assim se inventava a conversa?

[C] E inventávamos as conversas, como se tivessem se passado muitos anos... E que a revolução havia triunfado, alguns colegas estavam ocupando cargos importantes e que estávamos construindo uma sociedade diferente. Nós já éramos avós. Agora, eu creio que seja difícil falar do que alguns fizeram... Mesmo que tenha passado muito tempo, às vezes custa e se fala sobre generalidades... Me atiraram numa cama de metal... Me amarraram e me puseram eletricidade. Mas e os detalhes... Como lhe metiam isto na vagina... No meio dos dedos... Quando você pedia água e não te davam... Não sei... Quando você queria fazer as tuas necessidades e não te permitiam. Então, você fala de generalidades... Não sei, não sei... É muito difícil... Eu não sei se isto significa que alguém não tenha assumido totalmente o que foi a tortura ou por que não é... Não sei...

1H04 – OFELIA

Bom, em linhas gerais, a vida na Villa Grimaldi por si mesma já era uma tortura, ou seja, estávamos todos os dias vendadas, não nos davam alimentos. Eu creio que, naquele momento, éramos umas sessenta pessoas ou passamos de sessenta pessoas pela Villa Grimaldi. E em torno de quarenta desaparecidas, somente vinte saímos com vida.

Aqui estava a rua e aqui havia um portão de ferro por onde entravam as caminhonetes, os carros e aqui havia uma casa grande de dois ou três andares que eram os escritórios. E logo seguia uma espécie de pátio de galerias com algumas colunas. E aqui havia um quarto onde estavam os guardas da DINA e aqui havia um outro quarto, e este era o quarto onde eu estive. E tinha uma janela que dava pro jardim, aqui havia uma piscina e aqui havia uma porta que dava acesso a uma outra espécie de galeria. E aqui na frente, estava a sala de torturas. E na sala de tortura, aqui havia uma máquina de escrever e aqui uma cama metálica onde aplicavam as correntes e aqui tinha um retrato de Che Guevara em cobre. E aqui nós escutávamos, pois era bem perto. Escutava-se tudo o que se passava porque eles colocavam música bem alta para ocultar os gritos.

[PG] E você chegou a conversar sobre estes temas com a sua filha ao longo dos anos?

[O] Não, nunca conversei com minha filha e nem com ninguém... Nem com minha família, nem com ninguém. Sempre mantive que não tinha me acontecido nada e... Você começa a acreditar nisso, né... Bom, eu tinha saído com vida dali e os demais haviam sido mortos. Então, eu pensava que estava contente e era mais ou menos isto.

[PG] O nome da filha, você nunca perguntou à sua mãe o que havia se passado?

[FILHA] Não, eu nunca a perguntei... Eu não me atrevia

[PG] Por quê?

[FILHA] Por medo... De fazer mal a ela, porque notei que não queria falar do assunto e queria viver como se não tivesse ocorrido nada e... Porque eu tampouco queria ouvir a respeito. Acontece que você imagina que... Eu sabia o que haviam feito, que a tinham torturado, sempre imagina que havia passado coisas terríveis e eu já imaginava que, sim, a tinham torturado e que a tinham eletrocutada e, sobretudo, o sexual que a mim me deixava muito assustada. Eu não queria saber... Mas bem, hoje em dia, é a primeira vez que a ouço, então é isso...

1H07 – SANTIAGO

Me eletrocutavam nos olhos, a na língua, eu tinha constantemente um cabo amarrado na glândula e outro cabo nos pés. Toda noite eu era conduzido a outra sala onde havia um par de verdugos que praticavam caratê na minha coluna vertebral e depois me colocavam sobre uma mesa. E uma se passava de instrutor e o outro de aluno. O aluno me golpeava a coluna e o mestre dizia “esse golpe não é assim... é assim”.

Outra tortura a que fui submetido é o submarino a seco que é uma bolsa plástica e servia para eu perder a respiração. E outra foi o telefone que consiste num golpe violento com as duas mãos em ambos os ouvidos. A tortura era algo constante, pois se não conseguiam arrancar algo de você, te buscavam novamente para torturar um pouco mais. E foi assim que os segundos e minutos se tornaram horas e séculos, pois você fica novamente esperando que te levem novamente às barras ou para te golpear. Isso foi mais ou menos o que se passou comigo, o que me tocou viver. E o que eu recordo.

1H09H45 – GLADYS (A mesma aos 47'04 de “La flaca Alejandra”)

No meu caso, eu era dirigente política e era mulher. Eu creio que era dois elementos que os incomodava. Assim, eu passei bastante mal... O que me fizeram, bem... A parrilla, as colgadas, as imersões em água suja, golpes de caratê que me quebraram inteira, ainda tenho um tímpano ruim, ainda me doem as costelas quando faz frio.... Muitas drogas, me meteram muitas drogas porque pensavam que... Aquilo que eu não dizia sob tortura poderia ser dito pela pressão das drogas... É, muita tortura psicológica, muita... Eu agora quando faço uma espécie de rememoração do que eu vivi, eu sinto que o deixou mais sequelas foram as torturas psicológicas.

Colocavam-me num lugar muito estreito no qual eu não conseguia me estender, então eu tinha que ficar com os joelhos sempre colados ao corpo... Não deixavam eu me lavar, não me deixavam tomar banho... Coisas tão elementares, não é... Como, ver de que maneira eu poderia resolver os problemas da minha menstruação. Então, eu era uma pessoa que, durante os três meses em que fui submetida a tortura pelos dias e pelas noites, eu me lembro que tinha um cheiro que eu acabei me acostumando, mas... Os meus companheiros de cela diziam que eu parecia um porco caminhando e com o sangue colado no corpo... Até se sentir em condições subumanas..., mas eu creio que a incerteza sobre o que se está vivendo, a condição de objeto em que você passa a ser um pacote nas mãos deles, eu creio que esta sensação é uma das que mais causa desrazão.

1h11H54 – VISITA À VILLA GRIMALDI

Você vai se acostumando e também desenvolvendo defesas pessoais para resistir à dor. Mas, para mim, o que foi mais duro viver foi a dor dos outros. E eu sempre recordo e muitas vezes tive pesadelo com uma cena muito violenta que me obrigaram a ver que foi a lenta morte de um jovem de 21 anos que se chama Cesco, um garoto iugoslavo, que media mais de 1,90m e tinha um físico impressionante e que o mataram a correntadas. Isto significou que, diante da tremenda resistência física que ele tinha, a tortura durou muitas horas... Éramos três que fomos levados, e eu sou a única pessoa viva, para ver tudo isto como que para dizer: “isto é o que pode passar com você se não se comportar bem, pois houve uma tentativa de fuga”.

Bem, eu me lembro que nos seguramos pelas mãos e tratamos de dar-lhe ânimo, de transmitir energia, na verdade, eu creio que era para lhe dar amor... E chegou um momento em que o maior ato de amor que poderíamos fazer por aquele garoto, era desejar que morresse rápido, que morresse logo. Depois, eles nos deram o corpo e tínhamos que arrastar deixando marcas de sangue. E assim ele permaneceu moribundo por mais três dias e permaneceu consciente até o final. De todas as coisas que me custaram curar, eu creio que são os gritos dos meus companheiros...

1H14H40 – CORDILHEIRA

1H1525 – VOLTAMOS À LONDRES

Em setembro de 1999, começou a sentença de extradição no Tribunal Penal de Londres, em Bow Street. Junto ao piquete de exilados, se juntaram os simpatizantes de Pinochet, que chegaram do Chile num voo fretado pela instituição do ex-ditador. Por uma semana, a justiça inglesa escutou as duas partes para resolver se Pinochet poderia ou não ser enviado a Espanha para que a Audiência Nacional o julgasse em Madri.

1H16M33 – SCHAAD

Do que estamos falando? Estamos falando de “Será que o General Pinochet esteve pessoalmente envolvido no desaparecimento e assassinato de pessoas de seus compatriotas chilenos?” E eu estou dizendo que ele não é um assassino e que ele não seria um catalisador de assassinatos. Mas ele é uma raposa velha? Sim, ele é. Ele foi duro com seus oponentes que se organizavam tendo em vista a destruição? Sim. Ele é um patriota? Sim. Ele sentiu que estava vivendo numa espécie de guerra civil? Sim. Eu me atrevo a dizer que, quando você observa os números, bem... eu sei... Cada vida é uma vida... Mas se olha para os números e percebe o que ele fez.. Não apenas para eliminar o comunismo do seu país, você sabe, este era o nome do jogo naquela época: você lutava para manter o comunismo fora de seu país! Eu me atrevo a dizer que ele fez tudo isso com o mínimo de vidas perdidas, com o mínimo de sofrimento humano e que... Para uma minoria... Que vem e faz esta tremenda bagunça 25 anos depois, eu vejo que isto é muito, muito triste...

NORMAN LAMONT

Isto foi uma completa perversão do que a lei de extradição foi feita para cumprir... Isto aconteceu porque alguém muito esperto associou a convenção de extradição com a convenção sobre a tortura. Eu não sou advogado, mas duvido muito que a convenção contra a tortura tivesse a intenção de ser usada dessa maneira contra Chefes de Estado.

CLIVE NICHOLLS – ADVOGADO DE LA CORONA, DEFENSOR DE PINOCHET

Como advogado, eu me preocupo com o processo de extradição: havia provas suficientes para enviá-lo para a Espanha. Era muito difícil afirmar que não existiam estas provas. Tudo o que podíamos fazer era pegar alguns argumentos técnicos, como por exemplo, demonstrar se, de fato, foi demonstrada a responsabilidade dele em tais eventos que se passaram em Chile, se havia a mão dele nestes eventos.

DESENHO DO JULGAMENTO

Como se vê aqui, o acusado está ausente, mas uma relatora da Corte, uma mulher que está de frente ao juiz, lê as acusações, incluindo os trinta e cinco casos de tortura. E o juiz diz claramente que estas acusações eram as piores que ele já havia escutado, mostrando que ele realmente está levando a sério o caso e que ninguém deveria esperar algum tipo de condescendência.

RONALD BARTLE – JUIZ DA CAUSA e ALUN JONES, ADVOGADO DE LA CORONA CONTRA PINOCHET

Tínhamos acusações bem coerentes a respeito de sérios casos de tortura, alguns foram lidos e a alegação era de que Pinochet era o responsável por eles. E o juiz aceitou os argumentos em conformidade com as leis da Casa dos Lordes e tudo seguiu conforme as leis do Alto Tribunal. Eu penso que a razão do juiz ter acatado as alegações eram as evidências enviadas da Espanha. Isto era o sinal de que elas estavam de acordo com as leis, com as leis internacionais e a nossa própria lei de extradição.

CORBIN

Foi tudo muito bem feito pelos nossos advogados que foram através de casos e mais casos, e mais casos, mas de um jeito muito sutil dizendo “Sr Juiz, eu tenho este caso aqui sobre tortura... Esta pessoa sofreu tratamento de choque elétrico e assim se seguia...” Então, eu tenho um outro caso aqui... Sempre parecia que eles iam parar, mas “perdoe-me, este é um novo caso” e então, outro e outro... E isto foi devastador.

1H21H26 – MÁSCARAS DIANTE DO BIG BEN

JORNALISTAS COMENTAM O DESFECHO DO CASO

Esta é uma vitória para os direitos humanos, esta é uma vitória para todos. E estas são más notícias para o Chile e ditadores como ele. Pinochet agora pode ser extraditado para a Espanha, pois não há razões legais que impeçam isto. Pinochet quis deter o processo, mas vai ter que enfrentar os 35 casos de tortura em Madri. As pessoas estão cheias de alegria.

Isto é um sim para os direitos humanos, isto é um sim para a Espanha e estou muito contente por isto. O juiz demonstrou que se comportou muito mais como um garoto de correios do que como um juiz. Ele foi pressionado e proibido de aplicar a justiça neste caso. Ele aplicou uma lei de extradição alheia à realidade da América Latina, completamente fora da nossa mentalidade e dos nossos padrões legais.

1H24 – EKAIZER

Pinochet já não tem mais um escudo, mas há um peão que se chama “governo de Chile”. É o governo do Chile que pede ao governo britânico que examine Pinochet porque a sua saúde tinha piorado bastante nos meses de setembro e outubro. Não é Pinochet quem faz o pedido, é o governo de Chile. E isto é o que vai citar, finalmente, o Ministro Jack Straw, em 5 de novembro de 1999. Os exames médicos são realizados alguns meses depois e, finalmente, uma semana depois, o Ministro Jack Straw deu a sua decisão liminar de não extraditar Pinochet por considerar que está gagá...

1H24M55S – VOZ OVER

Cinco dias antes das eleições presidenciais chilenas, o Ministro inglês acordou a liberação do prisioneiro. Os exames médicos diziam que Pinochet tinha 16 enfermidade, que tomava 11 medicamentos por dia, que não recordava os feitos do passado, que era incapaz de concluir um juízo e tinha dificuldades para caminhar.

1H25M33 – GARCÉZ

Este momento é culminante, pois judicialmente o caso está encerrado. Este é o momento em que existe o acordo político para dizer aos juízes “basta, senhores magistrados... Saiam de férias, vão às praias... Nós, os políticos temos um acordo e vamos permitir que este senhor vá pra sua casa sem passar por um julgamento”. E é nisto que consiste a ação política.

1H26M - CASTRESANA

Era um final anunciado há muito tempo, pois o governo espanhol nunca teve realmente interessado e, digamos que, o governo britânico também esperou o momento para fazer isto com o menor custo possível porque o governo chileno tampouco estava à altura histórica das circunstâncias. Pois havia uma saída que era muito legítima para todas as partes em conflito, que era cumprir com o pedido de extradição.

A frustração, a desesperação que dava com este sentimento de que, apesar de haver ganhado, eles te roubam com um procedimento que não é legítimo, não é limpo, não é direto... Então, você disse que não havia imunidade, e não havia. Você disse que houve crimes contra a humanidade, e o foram. Você diz que era extraditável, e ele era. E, apesar de tudo isso, não vai se conceder a extradição.

1H28M35 – PANORÂMICA DOS EXILADOS RETORNO DE PINOCHET

1H30M56S – CARMEN HERTZ ADVOGADO DAS VÍTIMAS

Parecia que às nossas costas, pelas costas da sociedade civil chilena houve uma espécie de acordo para outorgar a ele a impunidade pelo genocida que é Augusto Pinochet. A posição que o governo assumiu na defesa de

princípios e não de pessoas e segue defendendo o tema da soberania, este é o único argumento contra as decisões da justiça internacional. E isto é uma barbaridade.

Agora, eu creio que a detenção de Pinochet provocou uma mudança na sociedade chilena e em todas as pesquisas de opinião que fizeram assinalavam que 70% da população diziam que Pinochet deveria ser julgado.

Esta é uma consequência que só pode ser entendida dentro dos marcos do que foi a transição da democracia Chile e que se deu num longo processo de dez anos e que custa muito para se entender, sobretudo quando o tema é a nossa memória histórica que significou manter toda a institucionalidade da ditadura com reformas que jamais afetaram a essência desta institucionalidade. Isto é o que fez a crise (?)... Há crise agora, ao final dos anos 90. E foi isto que a detenção de Pinochet, de alguma maneira desnudou.

1H33 – VOZ OVER

Em Santiago, impacientes com a lentidão da justiça, grupos de jovens se organizaram para denunciar por conta própria os ex-torturadores, profissionais da repressão que, naquele momento, ainda ocupavam cargos públicos.

Hoje cumpre-se um novo aniversário dos carabineiros chilenos, temos vindo saudar a Espartaco Sala Mercado, diretor de inteligência da instituição. Salas Mercado foi incorporado à DINA em 1974 participando dos comandos operativos ilícitos desta iniciativa criminal para prender, torturar e assassinar e fazer desaparecer centenas de chilenos.

Hoje, diretor de inteligência de carabineiros, designado pelo ex-presidente Eduardo Frei e ratificado por Eduardo Lagos. Vemos que não pode um país que se diz democrático...

1H34M25 – VOZ OVER VISITA CENTROS DE TORTURA

Enquanto Pinochet estava em Londres, o juiz Juan Guzmán assumiu as denúncias chilenas. Os familiares das vítimas apresentaram mais de duzentas queixas contra Pinochet desafiando a lei de Anistia. As pessoas perderam o medo a justiça recuperou o tempo perdido. Pela primeira vez, o juiz Guzmán pode visitar com profundidade a casa de tortura onde centenas de pessoas desapareceram

JUIZ GUZMÁN

Aqui foi utilizado para tortura, era a cozinha... Aqui havia uma parrilla, a parte inferior de uma cama onde as pessoas aplicavam eletrodos em várias partes do corpo e onde submetiam às torturas.

VOZ OVER

Para o juiz Guzmán, a anistia que os militares deram a si próprios não poderia ser aplicada às pessoas desaparecidas. Para ele, o desaparecimento de pessoas era um delito permanente que permanece no tempo e só se conclui com a aparição do sequestrado. Guzmán percorreu o país buscando provas, ouvindo pessoas e encontrando corpos.

1H37M06 – PATRICIA HERNÁNDEZ MÉDICA FORENSE

Este corpo é um garoto muito jovem e quando o mataram ele ainda estava por crescer. O crânio é feito só de pequenos fragmentos e marcados por projéteis e há fraturas por toda a parte da cabeça.

O primeiro e mais significativo foi Piságua, foram vinte corpos e dezenove identificados. O mais importante é que era verdade o que diziam de toda esta matança. O outro grande foi “pátio 29 na rua General de Santiago” exumaram vinte e cinco corpos. Depois, eu diria que foram La Serena, pois lá estava ligado ao caso das Caravanas da Morte e encontraram quinze corpos em 1990 e alguém disse que não era permitido fazer gravações ali. E agora a fossa Concepción onde encontramos garotos muito jovens, e alguns corpos tinham os nomes trocados... Bem, foram tantas coisas...

1H39 TRIBUNAL DE JUSTIÇA – VOZ OVER

Dois dias depois da chegada de Pinochet, o juiz Juan Guzmán pediu à Corte de Apelações que lhe negasse à imunidade de senador vitalício para que fosse processado. Por treze votos contra nove, os juízes despojaram Pinochet do foro parlamentar, mas, para a impaciência das vítimas, os advogados de defesa exigiram à Corte Suprema uma nova votação.

1H41 TRIBUNAL DE JUSTIÇA – VOZ OVER

Em 7 de agosto do ano 2000, num ato histórico, a Corte Suprema confirmou a expulsão de Pinochet do Parlamento. 14 magistrados votaram contra o senador e seis a favor. De acordo com a vontade desta Assembleia, o juiz Guzmán poderia contar com suas diligências.

Primeiro, o juiz submeteu o acusado a novos exames médicos, nos quais ficou claro que a saúde mental de Pinochet era normal para a sua idade. Segundo o juiz interrogou o ex-senador por meia hora e Pinochet negou a responsabilidade pelos crimes e imputou a culpa aos seus subordinados. Cinco anos depois de iniciado o sumário na Espanha, a justiça chilena estava cada mais próxima da detenção de Pinochet. Nesta mesma época, a primeira estátua de Allende foi instalada em Santiago.

Em 7 de janeiro de 2001, o Exército reconheceu que eliminou 180 partidários de Allende, muitos deles lançados ao mar. Pela primeira vez, os militares assumiam um crime depois de ter mantido um silêncio por mais de trinta anos. Salvador Allende, o Chefe de Estado traído por Pinochet foi apagado da História pelo regime militar. A sua imagem acompanho as vítimas e deu esperança aos que lutavam. Em 29 de janeiro de 2001, o juiz Guzmán solicitou a ordem de prisão de Pinochet e editou um pedido de processamento criminal. Pinochet foi declarado réu e detido em sua casa. Frente ao Palácio do Governo, a estátua de Allende foi instalada.

1H43 – NELLY

Eu creio que tem sido uma história muito dura, mas seguimos vivos... Eu creio que, apesar de tudo, não nos tiraram a possibilidade de sermos felizes... Não sei, pode parecer um pouco... Contraditório... Com tanta dor, você também pode ser feliz. A cada vez que eu tenho a chance de enfrentar alguém da DINA ou algum militar ou alguém que tenha participado como algoz, eu sempre digo “vocês não nos mataram, vocês não nos tiraram a vida.”

É possível ver muita dor em nossos rostos, mas seguimos vivendo. E nós vamos ter algo muito importante que vocês não têm: nós podemos dizer com orgulho que fomos, e vocês terão que se contentar com o que fizeram. Ou melhor, talvez vocês não tenham que lidar com isso, mas seus filhos sim, enquanto os nossos não... E isso é importante.

1H43 – GABRIELLA

Por último, se você não consegue que neste momento haja um juízo histórico, uma memória do que foi feito, de quem são os responsáveis... Não somente Pinochet, mas toda a gama de torturadores, toda a gama de civis que apoiaram isto... E que até hoje o defendem... Aos que consentiram, aos que conciliaram, aos que hoje em dia tentam que, de alguma parte, alguém tenha um poder, uma espécie de manto de esquecimento...

O que é isto de querer que Pinochet se retire com dignidade, depois de permitir torturadores, como podem eles querer se retirar com dignidade? É uma vergonha, é rir das nossas dores e não reconhecer tudo o que se passou. Eu creio que a força da memória, é algo que vai nos permitir curar... Por isto, é tão importante estabelecer a memória coletiva, para poder viver o agora e construir um futuro.

ANEXO 07 - TRANSCRIÇÃO E MINUTAGEM DE “NOSTALGIA DA LUZ” (2010)

Direção: Patricio Guzmán

Câmera: Katell Dijan

Técnico de som: Freddy Gonzalez

Edição: Patricio Guzmán, Emmanuelle Joly, Ewa Lenkiewicz

Música: Miranda & Tobar

Colaboração: Renata Sachse, Stéphane Guisard, Cristobal Vicente, Nicolas Lasnibat

Produção: Atacama Productions

4’09 – INTERNAS/ CASA

O velho telescópio alemão, que eu voltei a ver depois de tantos anos, ainda funciona em Santiago do Chile. A ele devo a minha paixão pela Astronomia. Estes objetos que poderiam ter sido os mesmos que haviam em minha casa, me recordam aquele momento longínquo quando alguém deixa de ser criança. Nessa época, o Chile era um recanto de paz isolado do mundo. Santiago dormia, ao pé da Cordilheira, sem nenhuma conexão com a Terra.

Eu amava os contos de ficção-científica, os eclipses da Lua e olhar para o Sol através de um apanhador de luz feito de pedaços de vidro. Decorei o nome de algumas estrelas e tinha um mapa do céu. A vida era provinciana. Nunca acontecia nada. E os presidentes da República caminhavam pela rua sem escolta. O presente era o único tempo que existia.

5’48 POEIRA CÓSMICA/ SOM DE TEMPESTADE

Essa vida tranquila se acabou um dia. Um vento revolucionário nos lançou ao centro do mundo. Eu tive a sorte de viver essa nobre aventura que despertou a todos. Essa ilusão que ficou gravada para sempre guardada em minha alma. Mais ou menos nessa mesma época, a ciência se enamorou do céu do Chile. Um grupo de astrônomos descobriu que as estrelas poderiam ser tocadas com as mãos no Deserto de Atacama. Envoltos pelo pó estelar, os cientistas do mundo inteiro construíram aqui os maiores telescópios da Terra. Mais tarde, um golpe de estado varreu a democracia, os sonhos e a ciência.

Apesar de viver em um campo de ruínas, os astrônomos chilenos continuaram trabalhando, com o apoio de seus colegas estrangeiros. **(toque de duduk)** Os segredos do céu foram caindo sobre nós, um a um, como uma chuva transparente. No Chile, a Astronomia é uma paixão de muitos. Eu sou apenas um entre milhares de aficionados.

8/26 IMAGEM DA TERRA/ SECURA DO ATACAMA

Nosso planeta úmido tem somente uma mancha marrom onde não existe uma mínima porção de umidade. É o imenso Deserto de Atacama. Eu imagino que em breve o homem caminhará por Marte. O solo que tenho abaixo dos meus pés é o que mais me lembra desse mundo distante. Não há nada. Não há insetos, não há animais, não há pássaros. E, ainda assim, está cheio de história.

Durante 10 mil anos, tem sido uma terra de passagem, de trânsito. Os rios de pedra serviam como caminhos naturais. As caravanas de lhamas e homens iam e vinham desde o planalto até o mar. É uma terra castigada, impregnada de sal, onde os restos humanos se modificam e os objetos permanecem congelados no tempo. O ar, transparente, delgado, nos permite ler neste grande livro aberto da memória, página por página.

10'13 INTERNA TELESCÓPIO/ RUÍDOS DOS VENTOS

Os telescópios são a porta do cosmos. Aqui começa o mistério celeste. No brilho da noite, as estrelas nos observam.

12'43 CAMINHANDO PELO DESERTO/ RUÍDOS DE VENTOS

No fundo dos lagos de areia, há peixes e moluscos petrificados. que eu posso pegar com as minhas mãos. As colinas e as muralhas dos índios se confundem. Alguém me disse que há meteoritos debaixo das pedras que alteram a bússola. Sempre acreditei que a nossa origem estava no solo, enterrada abaixo da terra ou no fundo do mar. Mas, agora, penso que as nossas raízes podem estar acima, para além da luz.

14'42 GASPAR GALAZ

De onde viemos, onde estamos e aonde vamos? "De onde viemos?" é uma pergunta muito forte. Sempre foi núcleo da cultura humana em geral. Quanto à religião... O mundo científico contemporâneo tende a separar a ciência da religião. Mas, de alguma maneira, a pergunta fundamental tem uma origem e uma motivação inicial, no ser humano, que é religiosa. Essa é a minha opinião.

Afinal, isso é, digamos, encontrar a origem do ser humano, do nosso planeta, do sistema solar... "Como se forma uma galáxia?", "como nasce uma galáxia?", "como nasce um planeta?", "como nasce uma estrela?". Todas essas perguntas sobre a origem, o nascimento, digamos, são coisas que nós, os astrônomos, tentamos responder. Então, é uma pergunta incessante. Então, a grande demanda do astrônomo é "a origem de". Eu estudo galáxias muito difusas que também não se sabe como foram formadas. "Por que são estáveis?". "Por que elas não se destroem?" Então, são essas perguntas contundentes... que tratamos de elucidar.

Assim é a ciência, nós tentamos responder a duas questões; daí, algumas vezes, conseguimos responder, outras vezes conseguimos respostas parciais, mas, aí, aparecem mais quatro perguntas. Essa é a ciência. Alguns dizem que nós não somos muito eficientes porque queremos responder a duas perguntas e aí aparecem outras quatro. Mas isso é a ciência. Assim ela é, ela não termina nunca. E eu gosto disso.

16'49 VOZ OVER

O mistério da ciência atravessa o tempo. Ao pé do céu, há outras mensagens que também vêm de longe. Estas pedras desenhadas pelos pastores pré-colombianos têm mais de 1.000 anos. Aqui, mais do que em nenhuma outra parte, eu tenho a impressão de que o deserto nos revela um segredo.

17 GASPAR GALAZ

Todas as experiências que nós temos na vida inclusive esta conversa, acontecem no passado. Acontece numa milionésima fração de segundo. A câmera para a qual eu estou olhando agora está a poucos metros de distância e, portanto, a vários milionésimos de segundo de tempo, digamos, no passado

em relação ao tempo que eu tenho em meu relógio. Porque o sinal demora um tempo para chegar. A luz da câmera ou a luz vinda de você me encontra momentos depois, numa fração de segundos. Numa fração muito pequena de segundos. Porque a luz é muito rápida.

[GUZMÁN] E quanto tempo leva a luz da lua para chegar aqui?

[GALAZ] Pouco mais de um segundo.

[GUZMÁN] E a do sol?

[GALAZ] Oito minutos.

[GUZMÁN] Então, nós não vemos as coisas no mesmo momento em que olhamos para elas?

[GALAZ] não, isso é uma ilusão. O presente não existe. Essa é a verdade. O único presente que existe, se é que existe, é o que eu tenho dentro da minha mente, dentro da minha consciência. Esse é o máximo do que nós podemos chegar perto do presente absoluto. E talvez nem isso. Porque, na verdade, quando eu penso, leva alguns segundos para o sinal viajar pelos meus sentidos. Entre eu dizer "este sou" e eu me tocar, já há um certo atraso... O passado, eu creio, que é o grande objeto dos astrônomos. Nós manipulamos o passado. Nós estamos acostumados a viver no passado.

[GUZMÁN] É bem isso. Assim como um arqueólogo que também estuda o passado.

[GALAZ] Exatamente. Um passado mais distante, porém, o mesmo. Ele tenta imaginar... Claro.

[GUZMÁN] E um historiador faz a mesma coisa.

[GALAZ] Claro. E como um geólogo também. Porque eles sabem que, quanto mais eles escavam, mais coisas antigas eles vão achar. Em Astronomia, é o mesmo. O presente é uma linha muito tênue. Um pequeno sopro a destruiria.

20'15 PINTURAS RUPESTRES/ LAUTARO NUÑEZ

Nesta rocha plana, são dois rostos humanos que representam, talvez, máscaras. que foram desenhadas pelos povos pré-colombianos que passavam por aqui. É uma rota natural para São Pedro de Atacama. O interessante é que esses desenhos são similares àqueles que estão gravados do outro lado da montanha. Nós estamos no caminho pré-histórico que vai percorrer a Arte

Rupestre. O caminho atual se superpõe ao antigo. À direita, nós podemos ver figuras de pequenas lhamas junto com pessoas.

21'35 LAUTARO NUÑEZ, ARQUEÓLOGO

Os astrônomos, através da Astronomia, criaram um telescópio gigante para aproximar duas coisas aparentemente incompatíveis: a origem de tudo... e o passado de tudo o que nós somos hoje. São duas situações diferentes... Porque eles estão recebendo hoje o passado. Mas, ao mesmo tempo, eles estão recebendo o passado mais antigo de todos, Wue é a origem de todo o sistema. Eles estudam um passado e nós estudamos outro. Eles estão no presente recordando esse passado que eles devem reconstruir. Eles têm pequenas pistas. Eles são arqueólogos como nós.

21'35 LAUTARO NUÑEZ

A pergunta é "por que alguns lugares são mais adequados para estudar o passado?". É um grande enigma. Nós nos perguntamos, "por que há arqueólogos e astrônomos vivendo no mesmo território?". A resposta é simples: "porque, nesse território, é mais fácil acessar o passado do que em outro lugar".

A transparência do céu é, para os arqueólogos do espaço, o que é o clima seco para nós, arqueólogos. Ele nos permite acessar a quantidade de evidências do passado. A transparência permite aos astrônomos elucidar melhor os enigmas do espaço. É por isso que compartilhamos o mesmo território.

[GUZMÁN] Estamos numa porta para o passado.

[NUÑEZ] Eu acredito que sim. É uma porta que sabemos como entrar. Mas jamais saberemos como vamos sair de dentro dessa porta, nem com quantos conhecimentos sairemos dela que vão transformar a vida. Isso, para mim, segue sendo um mistério.

[GUZMÁN] E, ainda assim, este é um país que não considera o seu passado. Está aprisionado por um golpe de estado que pareça imobilizá-lo.

[NUÑEZ] Eu acredito que esse é o paradoxo que mais te preocupa. Eu acredito que é aí que o problema reside. Eu acredito que é isso o que mais pesa na sua preocupação, e na sua ânsia. Eu concordo totalmente com você.

É um paradoxo. Nosso passado mais próximo é o nosso passado mais escondido. É um paradoxo enorme.

Escute bem, nós não sabemos praticamente nada sobre o século 19. Quantos segredos nós guardamos sobre o século 19! Nós nunca admitimos que nós marginalizamos os nossos índios. É praticamente um segredo de Estado. Nós não fazemos absolutamente nada para entender por que, no século 19, floresceram fenômenos econômicos vertiginosos como o salitre e hoje não há nada. Nós mantemos o nosso passado recente escondido. Nós tentamos mascará-lo. É um absurdo, nós evitamos nos aproximar dessa história recente. Como se essa história pudesse nos acusar. Isso, meu amigo, não serve. Não serve de nada. Nem à direita, nem ao centro, nem à esquerda.

27'27 CIDADE MINEIRA/ CHACABUCO

Como outros desertos do planeta, o deserto chileno é um oceano de minerais enterrados. A céu aberto, repousam os homens que morreram trabalhando. Como as camadas geológicas, as camadas de minerais e de indígenas são varridas pelo vento que não cessa nunca. Eram famílias errantes. Suas coisas, suas lembranças se encontram por aqui.

31'22 ABERTURA DO TELESCÓPIO E INTERVENÇÃO MUSICAL/ IMAGENS EM P&B

Perto dos observatórios, em meio deste imenso vazio, estão as ruínas de Chacabuco, o maior campo de concentração da ditadura de Pinochet. As ruínas do campo são, na realidade, as ruínas de uma mina. Os militares não tiveram que construir um campo porque as celas eram as mesmas casas dos trabalhadores do século 19, quando a exploração de minérios lembrava a escravidão. Os militares só tiveram que colocar o arame farpado.

32'30 LUÍS HENRÍQUEZ

Eu fui preso num campo de concentração do norte em 9 novembro de 1973 até outubro de 1974.

[GUZMÁN] Em Chacabuco, você já ouviu falar de um grupo que observava as estrelas?

[LUÍS HENRÍQUEZ] Sim, eu fazia parte desse grupo. Éramos, mais ou menos, vinte, vinte e cinco.

[GUZMÁN] A pessoa que liderava esse grupo era um astrônomo?

[LUÍS HENRÍQUEZ] Era um médico que tinha muito conhecimento em Astronomia, doutor Alvarez. Durante o dia, nós tínhamos aulas teóricas e, à noite, nós saíamos para observar as estrelas. Basicamente, o que aprendemos de Astronomia foi distinguir as constelações.

[GUZMÁN] Vocês tinham um telescópio?

[LUÍS HENRÍQUEZ] Não. Tínhamos a vantagem de poder observar um céu limpo. Por isso, realmente as estrelas eram vistas como pequenas lâmpadas.

[GUZMÁN] Como você conseguiam localizar as constelações?

[LUÍS HENRÍQUEZ] Ele nos ensinou como fabricar um aparato. Que era um tripé com um círculo em cima que indicava as horas. Em cima desse círculo, havia uma engenhoca com uma balança com uma agulha e dois fios cruzando. Que servia de visor.

[GUZMÁN] O que você sentia observando as estrelas, estando preso?

[LUÍS HENRÍQUEZ] Nós todos tínhamos um sentimento de grande liberdade. Observando o céu, observando as estrelas, nos maravilhando realmente com as constelações, nós nos sentíamos completamente livres
[LENDO AS PAREDES RASURADAS] "Nesta casa, viveram os presos políticos: 'Víctor Astudillo', 'Luís Henríquez', 'René Olivares...' 'Enrique...' Eu posso ver o "E". 'Enrique Pastorelli'". Eu me recordo bem. E acaba aqui: "Federico Quilodrán Chávez".

[GUZMÁN] Os militares proibiram o curso de Astronomia. Estavam convencidos de que os prisioneiros poderiam fugir guiados pelas constelações. A nobreza de Luís descansa em sua memória. Não pôde escapar do campo de concentração, mas, ao comunicar-se com as estrelas, conseguiu conservar a sua liberdade interior. Ele se lembra de coisas que foram apagadas, os cabos de eletricidade, as torres de vigilância. Luís é um transmissor da história.

36'28 [CROSSFADE COM POEIRA ESTELAR]

Miguel, o arquiteto da memória, é também um amante das estrelas. Passou por cinco detenções onde contemplou o céu e se serviu da sua

memória para gravar cada prisão dentro da sua mente. Quando os militares viram publicados os desenhos dos campos que eles mesmos haviam destruído, ficaram estupefatos.

1,2,3,4,5... É assim.

[GUZMÁN] Era assim que você media?

[MIGUEL LAWNER] Exatamente. Quando tomei a decisão de que precisava deixar o testemunho do que significava um campo de concentração no Chile, eu comecei a medir com precisão dessa maneira os diferentes espaços a fim de poder desenhar um dia em que saísse em liberdade.

Como caminhava todos os dias para o trabalho, eu media discretamente o campo de concentração. Ele tinha 30 metros, sendo 10 por 3 ou 5 por 6. Aí está. 30 metros. Bom, aqui falta algo importante. Ao final, havia uma solitária. Ele media 6 por 9. E aqui era separado por outro arame farpado. Havia arame farpado por todo canto. À noite, com luz de vela, eu fazia os meus desenhos. Uma vez terminado, eu rasgava os desenhos em pequenos pedaços que tinha de guardar porque, às vezes, havia rondas noturnas.

E, de manhã seguinte, eu era o primeiro a me levantar e ia até as latrinas que estavam fora da barraca para me desfazer dos desenhos rasgados. Assim eu registrava os desenhos na minha memória sem nenhum problema. E, quando cheguei à Dinamarca, eu pude redesenhá-los como se os conhecesse por toda a minha vida. Isso é a memória. Pelo menos, um arquiteto é capaz de conservar todas as dimensões em sua memória.

40'36 VOZ OVER

Miguel e a sua esposa são, para mim, como uma metáfora do Chile. Miguel é a lembrança enquanto Anita é o esquecimento porque ela sofre de Mal de Alzheimer.

41' CORTE SECO, ABERTURA DE TELESCÓPIOS/ RUÍDOS E INTERVENÇÕES SONORAS

A 5.000 metros de altitude, o radiotelescópio ALMA está sendo construído por vários países. Ele terá 60 antenas. São 60 ouvidos para escutar as ondas do céu. Ele poderá escutar os corpos cuja luz não chega à Terra. Ele registrará a energia produzida durante o Big Bang. Víctor, um engenheiro de

29 anos, será uma das raras testemunhas desse evento que, a mim, parece irreal.

[GUZMÁN] Como você chegou à Astronomia?

[VICTOR GONZÁLEZ] Minha mãe me encorajou a estudar na ESO, o observatório.

[GUZMÁN] Você nasceu na Alemanha?

[VICTOR GONZÁLEZ] Sim, nasci na Alemanha.

[GUZMÁN] Então, você é uma criança exilada do Chile.

[VICTOR GONZÁLEZ] Sou uma criança de nenhuma parte. Eu não sou nem do Chile, nem do país onde eu nasci.

[GUZMÁN] Você se sente bem aqui?

[VICTOR GONZÁLEZ] Eu me sinto chileno. Eu sou chileno. A energia que essa antena detectará foi emitida há bilhões de anos. É uma energia do passado que não está chegando até aqui hoje, mas ela pertence à história, ao passado.

[GUZMÁN] Sua mãe foi expulsa do Chile durante a ditadura. E, hoje em dia, ela ajuda os antigos prisioneiros que foram torturados. Você está consciente de que você e a sua mãe trabalham dentro do tempo passado?

[VICTOR GONZÁLEZ] A base do nosso trabalho é o passado. Nós dois tentamos tirar lições do passado, da história e, a partir disso, construir um futuro melhor.

45' VOZ OVER/ 2º METADE: TURNING POINT PARA DITADURA

Uma comissão oficial determinou que há 30.000 ex-torturados no Chile. Mas se estima que há outros 30.000 que não foram declarados. As mulheres que procuram os seus mortos exigem uma resposta... em relação à responsabilidade diante daqueles que desapareceram.

[MÃE DE VICTOR] Essas mulheres cruzam com aqueles que participaram do desaparecimento dos seus parentes nas ruas de seu povoado. Essas pessoas encontram aqueles que torturam pelas ruas de seu povoado e que caminham livremente pelas ruas. Esse tipo de situação retraumatiza as pessoas. Encontrar-se com aquele que prendeu o seu esposo ou o seu filho é

uma situação terrivelmente retraumatizante. Talvez essa seja uma das diferenças entre aqueles que buscam o passado.

48'25 GUZMÁN COM GALAZ

O que você pensa dessas mulheres que procuram no deserto os restos dos seus familiares? Elas continuam vagueando pelo deserto.

[GALAZ] Se você comparar, são duas situações completamente diferentes... Porém, é um processo parecido e similar ao de um astrônomo com uma grande diferença. Nós podemos dormir tranquilos depois de passar a noite observando o passado. Nós buscamos algo no passado que não perturba o nosso sono. Às vezes, o calor nos incomoda, mas nós dormimos bem. E, no dia seguinte, nós voltamos ao passado sem conflito, sem nada. Mas essas mulheres não devem conseguir dormir depois de procurar vestígios humanos, tentando procurar um passado que não encontram. Elas nunca podem dormir tranquilamente enquanto não encontram isso. A grande diferença é essa. Nós não podemos comparar. Eu penso.

É curioso que a sociedade deveria compreender melhor essas mulheres do que os astrônomos. Mas é o contrário. A sociedade compreende muito mais os astrônomos, em sua busca pelo passado, do que essas mulheres que procuram os seus restos. Há um certo silêncio e isso me preocupa. As pessoas dizem: "Passou tanto tempo!". É fácil dizer isso. Até encontrar aqueles que elas amam, os seus familiares, elas jamais terão paz. Eu mal consigo imaginar o tanto que elas sofrem. Eu não sei o que eu faria se uma irmã minha ou o meu irmão ou um dos meus pais que estivesse perdido em alguma parte desse deserto, dessa imensidão.

Para mim, que sou um astrônomo, eu imaginaria que a minha mãe ou meu pai se encontravam no espaço, perdidos em algum lugar da galáxia. Eu procuraria com telescópios. Eu ficaria completamente ansioso. O espaço é tão grande que encontrá-los seria quase impossível. Eu acredito que é o mesmo para essas mulheres, porque o Deserto de Atacama é gigantesco. Como vamos saber onde eles estão?

51'12 VOZ OVER

Durante 17 anos, Pinochet assassinou e enterrou os corpos de milhares de prisioneiros políticos. Para impedir que alguém encontrasse os corpos, a ditadura desenterrou os corpos, e depositou os restos em outros lugares ou jogou ao mar. As mulheres de Calama procuraram durante 28 anos, até 2002. Algumas continuam procurando, porque as vítimas seguem aparecendo. Durante a filmagem deste filme, se encontrou o corpo de uma detida desaparecida em outro lugar do deserto.

[NUÑEZ] Essas mulheres começaram a nos fornecer dados de elementos que eram vitais para nós. Enquanto procuravam pelo deserto, elas descobriram uma coisa muito curiosa. Havia como pequenos ossinhos humanos. Um experto confirmou que, de fato, eram pedaços do esqueleto humano. Mas o que é mais curioso é que esses pedaços são minúsculos. Não eram esqueletos, mas sim fragmentos do crânio, fragmentos dos pés, fragmentos de um osso grande. Então, quando elas nos levaram a esse lugar, nós, arqueólogos, constatamos que, nesse lugar, havia sido feita uma remoção de terra.

54'30 VICKY SAAVEDRA/ FRAGMENTOS DE OSSOS

Estes ossinhos que são planos, devem ser estilhaços do fêmur ou do osso de um braço. A parte exterior desses ossos é lisa. Mas, isto tem que ser a parte interior de algum osso porque é poroso. É muito mais consistente. A brancura deve-se à calcinação devido ao sol.

[GUZMÁN] E o que foi que você encontrou do seu irmão?

[VICKY] Um pé. Um pé que estava dentro do sapato dele. Uma parte da sua dentição. Recuperei parte da testa dele, do nariz dele, praticamente todo o lado esquerdo do crânio dele. Sua orelha. A parte posterior de sua orelha com uma marca de bala. A bala saiu por aqui. O que indica que ele foi morto pelas costas. Eu não sei em que posição ele estava. Eles também o acertaram com um tiro na testa. Toda esta parte da testa foi estilhaçada. Eles o atingiram duas vezes na cabeça.

Eu me lembro do seu olhar doce e tudo o que resta é isto: alguns dentes e fragmentos dos seus ossos. E um pé. O nosso último momento junto foi quando o seu pé estava na minha casa. Porque, quando se encontrou a sepultura, eu sabia que era o seu sapato e o seu pé. Naquela noite, eu me

levantei e acariciei o pé dele. E tinha... um odor de decomposição. Ainda estava dentro da meia. Uma meia vermelha, um vermelho escuro.

Eu tirei da bolsa e olhei para ele. Eu fiquei sentada na sala de estar por muito tempo. Eu tinha a mente totalmente vazia. Eu não tinha capacidade de refletir. Estava em choque total. No dia seguinte, meu marido saiu para trabalhar e eu passei a manhã com o pé do meu irmão. Nós nos reencontramos. Foi uma grande felicidade e um grande desapontamento porque, naquele momento, eu tive consciência de que meu irmão estava morto.

[NUÑEZ] Os corpos de Calama foram desenterrados com uma máquina. Uma máquina que cavava, que tinha cinco dentes. Então, esses corpos, por uma ordem dos militares, foram desenterrados. Mas pedaços dos crânios caíram pelo lado direito da máquina; e, o dos pés, pelo lado esquerdo. Então, esses corpos foram carregados por um caminhão. Fotografamos as marcas e reconstituímos todo o processo. E os corpos foram transferidos para um lugar que, ainda hoje, nós desconhecemos. O caminhão tinha um motorista, e também tinha soldados para descarregar os corpos. E, o mais importante, esse caminhão fazia parte de uma divisão, de um departamento militar dependente de ordens militares. Cabe a esses militares fornecer informações para que os nossos amigos de Calama possam enterrar os seus mortos, como lhes é de direito.

[GUZMÁN] E você vai continuar procurando?

[VIOLETA BERRÍOS] Enquanto eu tiver forças... se nós continuarmos procurando... eu vou continuar. E eu ainda tenho algumas dúvidas... e tenho algumas perguntas que eu não consigo responder. Os arqueólogos dizem que eles foram desenterrados colocados em sacos e jogados ao mar. A minha dúvida é... "eles foram atirados ao mar?". É algo que eu não consigo responder. E se eles foram atirados aqui, entre aquelas montanhas?! Nessa altura da minha vida, eu tenho 70 anos, eu custo a crer no que estão me dizendo. Me ensinaram a não acreditar. É muito difícil. Às vezes, eu tenho a impressão de que eu não passo de uma tonta porque eu nunca paro de fazer perguntas e, afinal, ninguém pode me dar as respostas que eu quero. Então, se alguém me diz que atiraram os sacos no topo daquelas montanhas, eu iria encontrar um caminho de chegar até o topo.

Não tenho a força que eu tinha há vinte anos. Não tenho a saúde que eu tinha há vinte anos. Será difícil. Mas esperança nos dá muita força. Eu já não faço ideia de quantas vezes que Vicky e eu viemos a este deserto. Nós viemos com tanta esperança, e sempre voltamos com a cabeça metida na terra. Mas nós sempre nos reerguemos, nos damos uma sacudida e nós partimos novamente na manhã seguinte com a mesma ou com mais esperança ainda e com mais vontade ainda de encontrar. Certamente, muitos diriam... "para que queremos ossos?". Eu quero!

E muitas outras mulheres também querem.

Quando eles encontraram uma mandíbula do Mário, eu disse a eles que eu não queria isso. Eu disse para a médica, Patricia Hernández: "Eu o quero inteiro. Eles o levaram inteiro, eu não quero um pedaço". E eu não estou dizendo isso apenas em relação a ele, eu quero todos os desaparecidos. Todos! Se eu o encontrar hoje e eu morrer amanhã, eu partirei feliz. Mas eu não quero morrer. Eu não quero morrer sem encontrá-lo.

Como eu te disse outro dia, eu adoraria que os telescópios não observassem somente o céu, mas também vissem através da terra para poder encontrá-los. Observar aí. Depois, um pouco ali. Seria como varrer o deserto com um telescópio. Para baixo. E depois agradecer às estrelas por nos ajudar a encontrá-los. Eu estou apenas sonhando.

1h04'10" GALAZ NO LABORATORIO/ RESSONÂNCIAS MAGNÉTICAS

As linhas que você vê na tela formam o espectro. Aqui está a impressão digital de uma estrela. Sim, é o espectro. Estas são as linhas de cálcio da estrela. Aqui é um espectro de nosso laboratório. A posição conhecida dessas linhas nos permite converter nossas observações em ondas e compreender o que nós estamos olhando. Aqui as linhas de ressonância de cálcio. O mesmo que em nossos ossos. Aqui também.

Em minhas palestras, eu sempre explico para as pessoas como se forma o cálcio que nós temos em nossos ossos. É a história da nossa origem. Uma parte do cálcio dos meus ossos foi formada um pouco depois do Big Bang. Ele sempre esteve lá. Nós vivemos entre as árvores, as estrelas e as galáxias. Nós fazemos parte do Universo. O cálcio dos meus ossos estava lá desde o início.

1h07'10" LAUTARO NUÑEZ, ARQUEÓLOGO

Se meu filho tivesse sido executado, independentemente de que tipo de ditadura, e independentemente de mim, da minha educação ou das minhas ideias, eu nunca poderia esquecer. Eu teria a obrigação ética de preservar essa lembrança. E é impossível esquecer-se dos nossos mortos. É o que os mantêm em nossa memória. A justiça deve fazer o seu trabalho, todas as organizações dos direitos humanos também, todos os envolvidos devem se defender... Tudo isso pode acontecer. Mas nós não podemos nunca esquecer uma tragédia como essa.

1h07'54" VALA COMUM PISAGÜA, JUNHO 1990

Nós devemos sempre continuar procurando. Se eles foram lançados ao mar, nós encontraremos alguma marca disso algum dia. Como antigamente, muita coisa foi soterrada pelo mar. Se os corpos foram colados dentro das minas, em algum lugar abandonado, em algum momento, nós acabaremos encontrando.

1h09'15" VIOLETA BERRÍOS

Convém que sejamos menos numerosas. Menos problemas. Porque nós somos um problema. Para a sociedade, para a justiça, para todo mundo. Nós sempre fomos consideradas como menos do que nada. Nós somos a lepra do Chile. Isso é como eu vejo as coisas. **(SUCESSÃO DE FOTOS DA AFDD AO PIANO)**

1h11'07" FOTO COLETIVA À MODA CASO PINOCHET + GIRO TELESCÓPIO

Em muitas outras cidades, há grupos de mulheres fazendo buscas: em Arica, Iquique, Pisagüa, La Serena... Colina, Paine, Lonquén, Concepción, Temuco, Punta Arenas... A busca dessas mulheres nunca se cruzou com a busca dos astrônomos que rastreavam outro tipo de corpo, os corpos celestes. Enquanto essas mulheres tocavam a matéria do deserto, os astrônomos constataram que a matéria da Terra era a mesma de todos os recôncavos do cosmos.

Há 10.000 anos, os primeiros habitantes de Atacama pegavam seixos trazidos pelo mar. Eles também conheciam as estrelas e enterravam os seus mortos durante a noite. Cientistas coletaram os restos desses homens antigos e os armazenaram meticulosamente. Eles foram estudados como as páginas de um livro raro e conservados como um tesouro.

1h14'19" FÓSSIL DA BALEIA

Quando eu era menor, a minha mãe me trazia ao museu para ver o esqueleto de uma baleia. Eu passava muito tempo debaixo desta ossada que hoje está no mesmo lugar. Eu imaginava que era o teto de uma casa onde outras baleias poderiam viver. Hoje em dia, existem outros ossos que não estão em nenhum museu. São de cálcio. É o mesmo que o das estrelas.

Mas, contrariamente, eles não têm nome. Não se sabe a que alma pertenceram. São restos de restos. Restos dos desaparecidos da ditadura militar que ainda não foram identificados. Eu me pergunto... "quanto tempo eles descansarão nestas caixas?". "Algum dia, serão depositados em um monumento?". "Terão direito a um museu como a baleia?". "Algum dia, terão sepultura?".

1h17'18" VALENTINA/ PÓS-MEMÓRIA

Valentina trabalha na principal organização astronômica instalada no Chile. Seu avô lhe ensinou a observar o céu quando ela era pequena. Ela se casou. E tem duas crianças. Em 1975, quando tinha 1 ano, foi presa com os seus avós pela polícia de Pinochet.

[VALENTINA] Eu sou filha de pai e mãe detidos e desaparecidos. A princípio, eles prenderam os meus avós. Eles ficaram presos durante várias horas. Eles eram constantemente ameaçados para que eles dissessem onde os meus pais estavam, caso contrário, eu também iria desaparecer. Sob ameaça, meus avós os conduziram até onde os meus pais viviam. Depois de deter os meus pais, eu fui devolvida aos meus avós que me criaram.

A Astronomia me ajudou, de alguma maneira, a dar uma outra dimensão à dor, à ausência, à perda. Quando a pessoa lida de maneira íntima com a dor, - esses momentos também são necessários - a dor se torna muito opressiva. E

pensar que tudo parte de um ciclo que não começou, nem vai terminar comigo, nem com os meus pais, nem com os meus filhos.

Somos todos partes de uma corrente de energia, ou de uma matéria que se recicla. Como ocorre com as estrelas. As estrelas devem morrer para que surjam outras estrelas, para que surjam outros planetas, para que surja a vida. Neste contexto, eu acredito que o que aconteceu com os meus pais e a sua ausência ganha outra dimensão. Ganha outro sentido e me liberta um pouco dessa perda, desse grande sofrimento de sentir que as coisas se acabam para sempre.

Meus avós são a minha alegria. Graças a eles, eu pude escrever a minha própria história. Não apenas de dor, também pude escrever uma história de alegria, de otimismo... Impulsionada por uma força e um desejo de seguir em frente. Meus avós tiveram a sabedoria de se sentirem sempre duplamente responsáveis. Eles encontraram uma maneira para sempre fazer dos meus pais referências importantes para mim.

Eles me transmitiram as suas ideias e a sua coragem. E, por outro lado, meus avós também foram capazes de me ensinar a superar a dor. E me criaram numa infância de alegria e saúde. Eu me sinto como um produto que vem com um defeito de fábrica, mas que não se nota. Eu acho curioso quando as pessoas comentam que eu sou filha de prisioneiros desaparecidos. Mas eu percebo que os meus filhos não têm esse defeito. Meu marido não tem e isso me deixa feliz. Estou rodeada de pessoas que não têm nenhum defeito de fabricação.

Eu fico contente em ver que meus filhos crescem assim.

1h21'52" MEMORIAL FOTOS DESAPARECIDOS

Som de cordas e piano – tema do filme

1h24'12" TELESCÓPIOS: ENCONTRO DAS MULHERES COM GALAZ

Som de cordas e piano – tema do filme; efeitos especiais poeira cósmica

Comparados à imensidão do cosmo, os problemas dos chilenos podem parecer insignificantes. Mas, se os colocarmos em cima de uma mesa, seriam tão grandes quanto uma galáxia. Fazendo esse filme, voltando-me para o passado, encontrei estas bolinhas que também me lembram da inocência do

Chile da minha infância. Nessa época, cada um de nós poderia guardar, ao fundo de nossos bolsos, o Universo inteiro.

1h26'48" SANTIAGO NOTURNA

Estou convencido de que a memória tem uma força da gravidade. Ela sempre nos atrai. Os que têm memória são capazes de viver no frágil tempo presente. Os que não a tem não vivem em nenhuma parte. Cada noite, lentamente, impassível, O centro da galáxia passa por cima de Santiago.

ANEXO 08 - TRANSCRIÇÃO E MINUTAGEM DE “O BOTÃO DE NÁCAR” (2015)

Direção: Patricio Guzmán

Câmera: Katell Dijan, Nicolas Lasnibat

Técnico de som: Alvaro Silva

Edição: Emmanuelle Joly

Música: Miranda & Tobar, Hugues Marechal

Produção: Atacama Productions (França, Chile, Espanha)

“Todos somos regatos de uma só água”

Raúl Zurita

1’25 – VOZ OVER/ BLOCO DE QUARTZO/ TELESCÓPIOS

Este bloco de quartzo foi encontrado no deserto do Atacama, no Chile. Tem 3000 anos de idade e contém uma gota d'água. O deserto chileno é o lugar mais seco da Terra. Daqui astrônomos descobrem água em quase todo o cosmos. Há água nos planetas. Há vapor d'água em algumas nebulosas. Há gelo em outros corpos celestes. Na Terra e fora dela a água é essencial para a existência de vida. A cada noite, um novo planeta é descoberto, onde, talvez, contenha água.

4’40 – VOZ OVER

Olhando as estrelas, sou atraído pela importância da água. Parece que a água veio do espaço exterior e que a vida nos chegou pelos cometas, que formaram os mares. A água, na fronteira mais extensa do Chile, forma um estuário que se chama Patagônia Ocidental. Aqui, a Cordilheira dos Andes se afunda e reaparece em milhares de ilhas. É um lugar sem tempo. Um arquipélago de chuva.

Uma parte muito distante de minha família vivia aqui. Tínhamos um teto de zinco e as gotas produziam um barulho que me tranquilizava e protegia. Esse barulho tem me perseguido por toda a vida. Quando a água se move, o cosmos intervém. A água recebe a força dos planetas, a transmite ao solo e a todas as criaturas. A água é um órgão mediador entre as estrelas e nós.

Antes da chegada do homem branco, os primeiros habitantes da Patagônia viviam em comunhão com o cosmos. Fabricavam pedras para

assegurar seu futuro. Viajavam pela água. Viviam submersos na água. Comiam o que a água proporcionava.

Chegaram há dez mil anos. Eram nômades da água. Viviam em clãs que se moviam pelos fiordes. Viajavam de ilha em ilha. Cada família tinha um fogo que ardia no centro da canoa. Existiam cinco grupos: os Kawésqar, os Selk'nam, os Aoniken, os Hausch e os Yamana. Todos andavam sobre o mar.

14'50 – MARTÍN CALDERON

[MARTÍN CALDERON] O mar... O mar é um dos lugares que eu... Como eu cresci ao lado do mar, eu gosto muito. Gostaria de voltar a navegar da maneira que fazíamos. Mas, no momento, estamos completamente restritos e não podemos, quase, usar o mar.

[PG] Por quê?

[MARTÍN CALDERON] Porque a Marinha exige muito de nós para podermos usar o mar. Eu tenho um barco feito por mim. Como é um barco pequeno, se assustam. Não estão familiarizados com barcos que navegam dessa maneira. É por isso que... Eles dizem que nos protegem, mas eu acho que não.

[PG] Me contaram que você cruzou o Cabo Horn com seu pai.

[MARTÍN CALDERON] A primeira vez que cruzamos o Cabo Horn, o tempo estava bastante ruim. O vento estava muito forte. O mar é muito grande, mas passamos bem.

[PG] Que idade você tinha?

[MARTÍN CALDERON] Doze anos. Saímos de Puma Arenas ao Cabo Horn e voltamos. Os remos eram curtos, assim, porque remávamos para baixo.

[PG] A remada era assim? O remo não era fixado no barco?

[MARTÍN CALDERON] Não, era com as mãos. E a corrente não arrastava o barco? Não.

[PG] No Cabo Horn?

[MARTÍN CALDERON] A corrente joga um pouco pra trás, mas o barco avança.

16'47' V.O. – MARTÍN ARTESÃO

Hoje, ainda, não se sabe de que maneira podiam adivinhar o clima. Calcula-se que, no século 19, haviam 8000 pessoas com 300 canoas, que se moviam neste imenso arquipélago.

[PG] Gabriela, você se sente chilena?

[GABRIELA PATERITO] Não.

[PG] Como se sente?

[GABRIELA PATERITO] Kawésqar. Eu não te contei... Uma vez, minha mãe... Estávamos em uma ilha, perto de... Perto de Natalee. Não sei exatamente onde. Me mandaram porque não tínhamos água. Não havia poço, não havia rio, não havia nada. E nós saímos para buscar água.

À frente, havia um rio. Nessa época, eu já sabia remar um pouco, não muito. Para remar, tem que se ter força. Não é fácil. Não é fácil quando há vento. O vento veio e não conseguimos chegar ao nosso acampamento. Por isso, tínhamos que saber remar, no caso de precisarmos nos salvar. Não podíamos dizer: "Eu não sei remar", "Não posso fazer". Tinha-se que fazer, à força.

Apreendi a mergulhar. Tive que aprender a mergulhar. Eu tinha 7 ou 8 anos. Eu peguei um mexilhão no meu primeiro mergulho. Aí, me disseram que eu já podia pegar mariscos para comer. Esse era nosso alimento. Claro, antigamente, era só marisco.

19'30' V.O. MEMÓRIA DE INFÂNCIA DE PG

[PG COM IMAGENS DE ARQUIVO] Para Gabriela, a água foi parte de sua família. Ela aceita tanto os perigos como o alimento que o mar oferece. Ao contrário, eu, que me sinto chileno, não convivo com o mar. O oceano me causa admiração e, ao mesmo tempo, medo. Isso tem a ver com minha infância. Durante um verão, um dos meus amigos de colégio foi varrido pelo mar. Estava pulando de pedra em pedra, em meio às ondas, que entravam como garras nos arrecifes. Seu corpo nunca apareceu. Foi meu primeiro desaparecido.

20'13" PINTURAS EMMA MALIG

[PG] Os indígenas da Patagônia foram o primeiro e único povo marítimo do Chile. Nós, chilenos de hoje, temos perdido esta intimidade com o mar. Eu

pedi a Emma Malig, minha amiga pintora, que me mostre algo que nunca vi. *(MÚSICA E RECONSTITUIÇÃO DA CARTOGRAFIA DE CHILE)* Desde que eu era criança, jamais pude ver uma imagem completa do meu país. Nas escolas, não haviam muros tão grandes, para um país tão comprido. Era necessário dividir o Chile em três partes: o norte, o centro e o sul, como se fossem três países.

23'51" GABRIEL SALAZAR HISTORIADOR

Bem, eu acho que este país se equivocou em sua missão. Temos 4200 quilômetros de costa. Provavelmente, o país que possui a maior costa do mundo. Que tem por trás uma tremenda cordilheira que o isola do resto do continente. O deserto, ao norte, que nos isola da civilização ocidental e um continente gelado, ao sul. Somos uma ilha, em um sentido geográfico, em geografia humana etc. Não temos uma tradição marítima, e fomos construindo para dentro. Mas temos um vale muito pequeno para a agricultura e, portanto, construímos nosso futuro em função de uma possibilidade econômica muito estreita e que, ao longo do tempo, tem praticamente se extinguido. Nosso país não soube apreciar o mar que tem, o enorme oceano que tem pela frente. São muito poucos os que têm honrado o oceano, que viraram para o mar para admirá-lo. Não só para admirá-lo como para assumi-lo como um elemento de identidade.

[PG] Meu país nega o Oceano Pacífico, o maior de todos. Desconfia de sua imensidão, que equivale à metade da superfície da Terra. Ao contrário, para os indígenas e os astrônomos, a água é uma ideia, um conceito que é inseparável da vida. Quanto tempo viajou o cometa que nos trouxe as primeiras gotas de água?

26' - CLAUDIO MERCADO

[PG] Cada gota é um mundo à parte. Cada gota é uma respiração. Como antropólogo, Claudio aprendeu com os indígenas o idioma da água.

[CLAUDIO] Os nativos americanos consideram que tudo está vivo. Que uma pedra está viva e tem seu espírito, que a água está viva e tem seu espírito. A água é fonte de música. Tudo que se move faz som. O universo está em movimento, então, continuamente, está soando. A mesma água cai aqui

embaixo. Dizem que a Terra tem várias partes. Três quartos de água, uma parte de terra, e o que chamamos de terra ainda é água. E nosso corpo é água, as plantas são água, tudo é água, com pedacinhos de um corpo mais sólido: terra, pedra ou osso. Mas tudo é água. O que respiramos, também, é água.

Então, não há nada de errado se os astrofísicos dizem que o universo está cheio d'água. Eu comecei a escutar o som do rio e, de repente, comecei a ouvir música. Um rio soa como mil sons ao mesmo tempo. Não podemos separá-los e escutar um e depois o outro e, de repente, escutar... e você traz aqui e depois... Você tem dois sons separados e outro... e quando você tem a cabeça com dez... É quando você passa a escutar este som que é um canto, que é um outro som.

30'54 – OCEANO/ VOZ OVER

Um oceanógrafo me ensinou que a atividade de pensar se parece com o oceano. As leis do pensamento são as mesmas da água, que sempre está disposta a se amoldar a tudo. Será esta a explicação de por que esses grupos conseguiram viver aqui durante milênios, com temperaturas polares? Viviam em uma região mais afastada, em um lugar mais despovoado. Não tinham cidades, não ergueram monumentos, mas sabiam desenhar. Um desses grupos, os Selk'nam, tiveram a ideia de desenharem em si mesmos.

Após a morte, acreditavam que podiam se transformar em estrelas. Em sua mitologia, eles mencionam a constelação de Orion e o Cruzeiro do Sul. Ainda hoje não se sabe o significado desses desenhos. Talvez, um poeta chileno, Raúl Zurita, possa nos ajudar.

34'34 POETA RAÚL ZURITA

Essas pessoas tinham uma complexidade e uma riqueza... Seus desenhos mostram o cosmos inteiro, a maneira como pintavam seus corpos, como os transformavam. Para esse povo, as estrelas eram os espíritos de seus ancestrais. Me pergunto o que estão procurando esses telescópios impressionantes do norte. Procuram, essencialmente, os ancestrais, para fazer do universo algo mais familiar. De uma forma ou de outra, quando os indígenas viam almas e espíritos dos antepassados, dos guerreiros, de uma forma

sentiam o universo como algo familiar. Sabiam que seus mortos estavam ali. Então, o que eles querem?

O que procuram os telescópios, as sondas espaciais? Trazer o universo para perto. Parece que todo o progresso é o produto de uma imensa nostalgia, um desejo de restaurar as coisas, coisas que já se sabia, de forma poética, que se sabia inerentemente.

36'07 – V.O. IMAGENS DE ARQUIVO

Em 1883, chegaram os colonos, os caçadores de ouro, os militares, os policiais, os boiadeiros, os missionários católicos. Depois de conviver por séculos com a água e as estrelas, os indígenas sofreram o eclipse de seu mundo. O governo chileno, que sustentava os colonos, declarou que os índios eram corruptos, ladrões de ovelhas e bárbaros. Muitos buscaram refúgio na Ilha Dawson, onde estava a missão principal.

Eles tiraram suas crenças, sua língua e suas canoas. Os vestiram com roupa usada que vinha contaminada com os micróbios da civilização. A maioria ficou doente e morreu em menos de 50 anos. Os outros se tornaram presas dos chamados caçadores de índios. Os fazendeiros pagavam uma libra por cada testículo de homem, uma libra por cada seio de mulher, meia libra por cada orelha de menino.

38'06 – GABRIEL SALAZAR

Esta história, eu acredito que deve ser contada e difundida muito mais, ainda. Os colonos chilenos, com apoio de colonos estrangeiros, continuaram no sul estabelecendo grandes companhias fazendeiras. Os chilenos que, oportunamente, ocuparam terras ou as conseguiram do Estado para transformá-las em fazendas de gado, iniciaram o extermínio do povo do sul, que puderam ser desmantelados e eliminados, selvagememente, da forma que se sabe.

Em nenhum desses massacres significou, em caso algum, culpabilidade para os acusados. A mãe é a água. Ela é o oceano, os canais, a chuva, tudo isso. Quando se imagina o povo aborígene da América, tendemos a pensar, como historiadores, que esse povo já estava identificado com sua terra, com

seu território, com a natureza, com a água, no caso do povo do sul. Eram os donos do país.

39'28 – V.O IMAGENS DE ARQUIVO

Os últimos grupos se afundaram na miséria e no alcoolismo. Para os colonos, se converteram em monstros. No século 16, os espanhóis também viram monstros na Patagônia. Afirmaram que haviam selvagens gigantes. Chamaram-nos 'patagones', por causa de suas grandes patas. Eu me faço uma pergunta: terá acontecido o mesmo em outros planetas? A atitude dos mais fortes terá sido igual em todo lugar?

Um dos planetas da estrela Gliese, descoberta no Chile, poderia ter um vasto oceano. Terá seres vivos? Terá árvores para fazer grandes canoas? Terá sido este um planeta asilo para que os indígenas possam viver em paz? Pensar essas coisas é irreal. Mas eu me atrevo a pensá-las, porque gostaria que os povos da água não tivessem desaparecido. Hoje, restam 20 descendentes diretos. Através deles, seu idioma resistiu por séculos ou, talvez, por milhares de anos.

42'42 - CRISTINA CALDERÓN

Uma foca. Uma baleia. Canoa. Remo. Papai. Mamãe. Criança. Sol. Lua. Estrela.

[PG] Gabriela, quero que me diga em Kawésqar:

Praia. Mexilhão. Canoa. Botão. Botão? Camisa. Chuva. Janela. Mar. Água. Tempestade. Me enganei. Homem bom. Homem mau. Deus. Não, Deus, não. Nunca tivemos isso. Polícia. Polícia... Não precisamos, também.

42'42 - CRISTINA CALDERÓN

[PG] Quando era criança, Gabriela atravessou quase toda a Patagônia, remando por 1000 quilômetros, bem uma canoa.

[PG] É verdade que, quando você era criança, fez uma longa viagem com sua família, de uma ilha até chegar a Porto Éden?

[GABRIELA] Até o Golfo Penas. Eu conheço o caminho. Eu sei chegar ao Golfo Penas, passando por Agropolina, bem perto da ilha de San Javier.

[PG] Me conte em Kawésqar.

[GABRIELA] Vou começar a contar quando estávamos perto de Cabo Tomar.

[GABRIELA] *Eu remei por todo o sul. Aquela terra era conhecida como "K'eaekces", o povo Kawésqar do sul. Não sei como se chamava em Kawésqar. Quando uma cana é estragada por crustáceos, outra é construída pelo machado. Se a nova canoa tem um furo, outra deve ser feita, imediatamente. Quando se viaja de canoa, precisa conhecer as ilhas do avesso, saber onde acampar e onde dormir. Às vezes, ficamos lá por vários dias, presos pelo vento e, se chove, às vezes, perdemos três meses esperando o mar se acalmar. Me tornei adolescente, depois adulta remando e aqui estou.*

47'22 – PAZ ERRÁZURIZ FOTOS

A primeira vez que vi Gabriela foi em uma fotografia. Também foi a primeira vez que eu vi quase todos os sobreviventes da Patagônia. Paz Errázuriz, uma grande fotógrafa de Santiago, se interessou pelo rosto desses povos muito antes dos textos de história. Durante anos, durante séculos, os fueguinos foram pessoas invisíveis. **(INFÂNCIA EM VALPARAÍSO)**

Na mesma época que Gabriela fez sua viagem de 1000 quilômetros e nadava embaixo do mar, eu estava na escola e vivia na costa. Nós, alunos, não conhecíamos nada do povo do sul. Entre Gabriela e eu havia vários séculos de distância. Naqueles anos, eu preferia ler as novelas de Júlio Verne. Nem sequer conhecia o único nativo que havia deixado sua marca na história. Seu nome é **Jemmy Button**. Foi bem tarde que conheci sua vida.

A aventura de Jemmy Button me pareceu quase uma lenda quando eu a li pela primeira vez. Mas é uma história verdadeira. No começo do século 19, um barco inglês entrou no mundo da Patagônia, sob o comando do Capitão FitzRoy. Sua missão era desenhar a imagem das costas destas terras. Ele fez os melhores mapas que se usaram durante um século. Foi o primeiro que desenhou os indígenas com rosto humano.

Ao Capitão, que tinha ideias humanistas, ocorreu um projeto insólito: levar quatro indígenas à Inglaterra com o fim de civilizá-los. Um dos nativos subiu a bordo em troca de um botão de pérola. **(50'09)** Por isso, os ingleses o chamaram Jemmy Button. Jemmy Button foi vestido com roupas de marinheiro.

Depois, com roupa inglesa. Durante mais de um ano, Jemmy Button viveu em um planeta desconhecido. Navegou da Idade da Pedra até a Revolução Industrial. Viajou milhares de anos no futuro. E depois, milhares de anos até o passado. Depois que Jemmy Button se converteu em um 'gentleman', o Capitão o trouxe de volta à Patagônia. Ao pôr o pé em sua terra natal, Jemmy Button tirou as roupas inglesas. Continuou falando metade em inglês e metade em sua língua. Deixou crescer o cabelo, mas nunca voltou a ser o que era. A partir desse momento, começou o fim do povo do sul. Os mapas de FitzRoy abriram a porta aos colonos.

52'20 – REBENTAÇÃO MARÍTIMA

Durante 150 anos, um grupo de homens brancos governou com mão firme um país silencioso. A revolução de Salvador Allende rompeu esse silêncio. Explodiu um grande movimento social que abrangeu a metade do país. Surgiram vozes que nunca antes havíamos escutado. Allende começou a devolver aos nativos as terras usurpadas nos séculos anteriores. A liberdade durou pouco.

Foi aniquilada por um golpe financiado pelos Estados Unidos. Nessa mesma época, a desintegração de uma estrela supernova foi vista por um observatório chileno. Era a primeira vez que isso ocorria tão perto da Terra. A ditadura caiu sobre o Chile e durou 16 anos.

Houve 800 prisões secretas, com 3500 funcionários, muitos deles torturadores. Em algumas regiões, os presos foram esquartejados vivos. As mulheres foram violadas na frente de seus maridos ou filhos. Homens e mulheres foram enforcados no teto. Queimaram sua pele com ácidos e cigarros. Aplicaram neles eletricidade em todo o corpo. Foram drogados. Foram degolados. Foram presos em celas de 1m³. Geralmente, a informação que queriam obter, já conheciam. Torturavam para exterminar.

55'07 - PARRILLA

Durante anos, os militares e civis envolvidos não disseram onde estavam os detidos. Dawson, a ilha onde morreram centenas de indígenas nas missões católicas, foi transformada em um campo de concentração para os ministros de Allende que foram deportados desde Santiago.

56'14 – DAWSON E FOTO PAINEL

Também em Dawson foram presos e torturados mais de 700 seguidores de Allende que moravam em Punta Arenas, capital da Patagônia.

[PG] Quero que me mostrem com as mãos onde está Dawson.

[PG] Quero que cada um me diga quanto tempo ficou na prisão.

- Um ano e meio. - Quatro anos. Quatro anos e três meses. - Seis meses. - Quatro anos. 444 dias. Dois anos e dois meses. Dois anos e meio. Dois anos e dez meses. Cinco anos e um dia. - Seis meses. - Um ano e sete meses.

Eles foram vítimas de uma violência que os indígenas já conheciam. No Chile, se acumulou uma impunidade de séculos. Dawson é só um capítulo.

58'42 – CORPO REENCONTRADO: MARTA UGARTE (DOBRAS DO MAPA DE MALIG)

Naqueles anos de chumbo, a corrente de Humboldt devolveu um corpo, na mesma região onde desapareceu meu amigo de infância. Não era o corpo de um menino. Era o corpo de uma mulher. Não se sabia quem era. As pessoas começaram a suspeitar que o oceano era um cemitério. Trinta anos mais tarde, alguns oficiais da ditadura confessaram que, talvez, algumas pessoas haviam sido lançadas ao mar. Uma delas era Marta Ugarte, a mulher da praia. O advogado da família conhece os fatos.

[ADIL BRKOVIC] As lesões são, principalmente, internas. E tem outros sinais de tortura. Ela tem algumas lacerações. Em seu rosto, o que mais me impacta, até hoje, é que está olhando. Ela está com os olhos abertos e está olhando. Curiosamente, seus olhos estão intactos, coisa que não é muito comum quando um cadáver permanece por muito tempo na água. Mas, neste caso, é assim. Me surpreende muito. Seu rosto não está inchado. E ela está olhando. A impressão que tenho é que está desperta e está olhando. **(FOTO DA CADÁVER)**

1H01': RECONSTITUIÇÃO MARTA UGARTE

Eu me pergunto qual foi a última coisa que ela viu. Viu os outros prisioneiros que estavam próximos? Eu decidi reconstruir os últimos momentos de uma vítima para poder crer. Um escritor e jornalista me ajudará.

[JAVIER REBOLLEDO] Há várias testemunhas a quem eles deram injeção. Alguns dizem que era injeção de cianureto, mas a maioria das testemunhas diz que era pentotal. Era uma maneira de assegurar a morte do prisioneiro. Se colocava um trilho na caixa torácica. Mais acima, no peito.

[PG] Quanto acha que pesa esse trilho, mais ou menos?

[JR] Este trilho deve pesar uns 30 quilos, pelo menos. O trilho vinha do regimento de Puente Alto. E a pessoa que os trazia foi assassinada pela própria DINA, por falar demais. Para terminar o empacotamento, colocavam sacos plásticos, um na cabeça, e outro a partir dos pés, para se encontrarem no centro. O outro saco plástico, aqui. E sacos de batata. Exatamente o mesmo procedimento: desde os pés e desde a cabeça, para se unirem no centro. Depois esperavam os helicópteros ou aviões que iriam lançar ao mar.

[PG] O que aconteceu com o corpo de Marta Ugarte?

[JR] O que aconteceu foi que esta prisioneira, quando estava no avião, começou a se mover. O que fizeram foi tirar isso, desamarrar, tirar de seu corpo, abri-lo, e constatar que estava viva. Então, pegaram esse mesmo arame que estava aqui e a estrangularam. O pacote ficou mal selado. Isso seria o que explica como seu corpo chegou à praia.

1H03'42 HELICÓPTERO – PANOTIPISMO/DROMOLOGIA

Segundo a justiça, as forças armadas chilenas lançaram entre 1200 e 1400 pessoas no oceano, vivas ou mortas. Fizeram com a ajuda de muitos civis. Tinham esperança que o mar guardaria o segredo do crime.

[JUAN MOLINA] Isso aconteceu em novembro de 79. Quando subo no helicóptero, o mecânico sobe pela porta lateral. Abri a porta e me dei conta de que havia dois corpos: um era de uma mulher, obviamente jovem, e o de um senhor com mais de 90 quilos. Vi sua compleição, mas não o rosto pois estava tampado com um saco. Um trilho estava amarrado ao corpo. Lamentavelmente, foi o dia mais difícil da minha carreira. Eu tinha dito, antes, que Deus ia nos castigar por isso. Que o que estávamos fazendo era crime. No meu segundo voo, que foi em Junho de 80, devia haver... julgando pelas manchas, penso que haviam 8 ou 9 corpos. Me deu a impressão de que tinham sido mortos há pouco, dado às manchas de sangue.

[PG] Nesse caso, iam mais de um civil?

[JM] Eram quatro civis. Empurravam os corpos. Se usava a escotilha que despejava carga e mais as portas laterais. O que vai no centro era mais fácil de se lançar pela escotilha, por causa do peso, que pelas portas laterais. Os próximos das portas laterais eram jogados dali. Outro pelo centro.

1H06'41 POETA RAÚL ZURITA/ HÉLICE EM DESACELERAÇÃO

Não há limite para a crueldade. Nem tiveram a piedade, a compaixão de devolver os mortos. Está escrito no mais ancestral da história: o cadáver do inimigo se devolve pois os parentes continuam a viver. Pelo luto, os corpos devem ser devolvidos para que os mortos terminem de morrer e os vivos continuem a viver. É tão... É tão brutal o que aconteceu no Chile e nestes países. A impunidade é um duplo assassinato. É matar duas vezes o morto. Condenar, encontrar o culpado não é o fim do caminho. É apenas o começo.

1H07'44 MERGULHO/ RAÚL VEGAS/ JUIZ GUZMÁN

Desde menino, Raúl Vegas mergulhava próximo aos trilhos. Quase toda a população sabia que existiam, mas tinham medo. Em 2004, o juiz Guzmán ordenou o inspetor Vignolo que os encontrasse. E foi Raúl quem mergulhou no fundo do mar. Quarenta anos depois, os trilhos estão encobertos por marcas. A água e suas criaturas entalharam estas mensagens.

Aqui estão os segredos que os corpos deixaram nos trilhos, antes de fundirem-se com a água e tomarem a forma do oceano.

1H11'15 BOTÃO DE NÁCAR NOS TRILHOS COM LUPA

Ao observar cada um dos trilhos, apareceram outros vestígios. Apareceu um botão aderido a um trilho. Este botão é a única coisa que fica de alguém que esteve aí. De Jemmy Button, na troca por um botão de pérola, liquidaram sua terra, sua liberdade, sua vida. Quando retornou à sua ilha, Jemmy Button não recuperou sua identidade. Se tornou um exilado em sua própria terra. É provável que haja muitos outros botões no oceano.

1H13 – GABRIEL SALAZAR

Portanto, nesse ponto está tudo condensado, apertado, densificado, como um buraco negro. Essa é a minha impressão, porque se pode imaginar o

trilho e rastrear sua história: os trabalhadores que o fizeram, que o cortaram, que o depositaram. Pode-se seguir a história do botão: o botão conduz a uma pessoa, a uma camisa, a uma situação. Talvez conduza à Villa Grimaldi, mesma, e a tudo que aconteceu ali. É um detalhe que se magnifica e que se amplia, ondas que vão em direções diferentes. É toda a história do Chile, de certo modo, e tudo o que ocorreu na ditadura.

1H13'52 – MAR ABERTO

Olhando o mar, olhando a água, está se olhando a humanidade inteira. Esta terra é tão maravilhosa quanto ensanguentada. Abraça o pior de nós mesmos. Finalmente, em um mundo de vítimas e assassinos, ambos coexistem, somos todos responsáveis por tudo, pelas vítimas e pelos assassinos. Cada ser humano, ninguém em particular. Então, quando acontecem coisas terríveis como ocorrem ao longo da história, mesmo não participando, somos todos responsáveis, como em uma família em que um filho comete um crime e toda a família é afetada. Então... essa parte da História associada à água, gelo, vulcões, também se associa com a morte, massacres, abuso, genocídio. É uma parte... Se a água tem memória, vai se lembrar disso. Todas as coisas conversam com todas as coisas, água, rios, plantas, recifes, desertos, pedras, estrelas... É uma longa conversa, um respeito mútuo.

1H15'49 BOTÃO-PLANETA-PEDRA CIRCULAR

Os indígenas da Patagônia acreditavam que as almas não morriam e que podiam viver de novo como estrelas. Disseram que a água tem memória. Eu creio que também tem voz. Se chegarmos bem perto, podemos ouvir as vozes de cada um dos indígenas e dos desaparecidos.

Há pouco, a uma distância enorme, se descobriu um quasar cheio de vapor d'água. Tem 120 milhões de vezes mais água que todos os nossos mares. Quantas almas errantes poderiam encontrar refúgio neste imenso oceano que deriva no vazio?

ANEXO 09 - TRANSCRIÇÃO E MINUTAGEM DE “CORDILHEIRA DOS SONHOS” (2020)

Direção: Patricio Guzmán

Câmera: Eric Pittard

Técnico de som: Boris Herrera

Edição: Helène Girard

Música: Jorge Arriagada

Colaboração: Renata Sachse

Produção: Les Films d'Ici, National Film Board

2'34 – TOMADA AÉREA DA CORDILHEIRA/ MAPAS, FENDAS, GRETAS,

Cada vez que passo pela cordilheira, eu sinto que estou chegando ao país de minha infância, ao país de minhas origens. Cruzar a cordilheira é chegar a um país muito distante no passado. Tudo me parece irreal, me sinto um pouco extraterrestre. A cidade em que eu nasci, Santiago, me recebe com indiferença. Eu sempre sinto a mesma distância, a cidade eu não a reconheço. No fundo, eu não sei onde estou. Tenho a impressão de que se passou mais tempo do que o real. Eu me lembro de um país em que me sentia mais em casa com minha família e meus amigos. Agora, os olores são outros, não se parecem com os ares que eu respirava, como se tudo tivesse desaparecido pelas fendas desse solo.

6'30 PINTURA DE MUÑOZ

Em Santiago, muita gente olha a cordilheira somente quando toma o metrô. Essas telas foram pintadas pelo meu amigo Guillermo Muñoz Vera. Ele vive na Espanha, eu na França. Nem ele nem eu voltamos a viver em nosso país. Nós dois sonhamos o Chile à distância. A cordilheira, pela sua força e caráter, é a metáfora desse sonho. Em minha juventude, eu não sentia nenhuma curiosidade pelos Andes. A minha geração estava demasiada ocupada em criar uma nova sociedade. A cordilheira não era revolucionária. Com os anos, a minha mirada se voltou para as montanhas, elas me intrigam. Talvez sejam a porta de entrada para compreender o Chile de hoje.

9' FRANCISCO GAZITÚA, ESCRITOR/ TOMADA AÉREA DE CHILE E CORDILHEIRA AO FUNDO

A cordilheira é um mistério, ela não se explica, ela simplesmente existe. Ela está sempre... em estado de alucinação, ela é uma matéria alucinada ali posta e nós estamos aqui. Às vezes, ela te dá a sensação de que você está acompanhado, é como se ela estivesse apoiada em uma cadeira.

Quando falamos da beleza da cordilheira, estamos falando de uma beleza integral trágica, maravilhosa, estamos falando de força. E estou falando de ternura também, não há nada mais terno de que seus vales, de suas poças... Da quantidade de pássaros que há aí e como se movem as gramíneas, as *llaretas*, esses pequenos montes verdes que crescem através de milhares de anos. E do vento, hoje em dia temos esse *raco*, e quando ele chega pelas seis da tarde, você sente um cheiro diferente, que é o cheiro das rocas dos primeiros cerros, que são os mais ácidos. Se alguém quer conhecer os Andes e amá-lo, tem que conhecer a origem desse vento que o atravessa e nos comunica pela sua música e pelo seu cheiro, pelo aroma do vento, pelo aroma da pedra e da vegetação, finalmente. Agora estou olhando-a e não preciso mais do que isso. Quando você começa a se envolver com os Andes se dá conta de que está metido em uma arca, em uma grande arca onde estão contidas as leis poéticas fundamentais.

Se pretendemos mostrar os Andes em sua totalidade, ali dentro estão as ravinas, os glaciais, a água pura que surge, tudo se sucede ali dentro, tudo está ali dentro. a sensação que tenho depois de viver muito tempo nos Andes é a de que você está dentro de um contêiner de pedra, uma pedra que contém tudo. Então, quando revemos aquele mapa que tínhamos em mãos, vamos observar... um grande labirinto, um grande labirinto. E aí estão as marcas, os os traços de nossos antepassados, poia nossa cultura tem 20 mil anos, não tem 500... são 20 mil anos de traços.

Temos aqui uma boa combinação entre ferro e pedra e uso pedra aqui da minha cantaria e o ferro forjado aqui mesmo também. Isso aqui é um barco, uma artesiana que tem muito a ver com a cordilheira e serve para lembrar que metade de nosso sangue vem de Valparaíso. Aqui está a rosa dos ventos (referência à Malig, novamente) que serve para reconhecer estrelas, navegar... assim chegou a outra metade de nosso sangue, chegou pelo mar.

Como escultor, a cordilheira me colocou em meu lugar, somos artistas e o artista é o guardião da beleza de seu país, um artista tem que zelar pela beleza de seu país onde quer que ele esteja. Um país que abandona 80% de seu território não é viável, não é um país confiável, os Andes são 80% do território chileno... e está abandonado. Esse país tem que tomar conta de sua cordilheira, é um país que tem que dar conta de 80% de si mesmo.

16'38 VICENTE GAJARDO ESCULTOR

Para mim, a cordilheira tem esse grande mistério de não mostrar o que é e eu digo isso por força da minha profissão: quando eu recolho ou extraio uma pedra do cerro é para abri-la e ver o que tem por dentro. A cordilheira me recorda a necessidade que eu tinha quando criança quando acompanhava o meu pai de querer saber o que havia por detrás desse cerro. E para mim sempre foi um mistério porque havia a possibilidade de cruzá-lo e bem, havia outro cerro e isso faz parte da cordilheira, a necessidade de saber o que está mais além.

A cordilheira é um grande cerco horizontal mais largo do que alto, alcançando algo como 6 ou 8 mil metros aqui no Chile, então é isso... é um referente que está sempre presente, mas mais do que físico, é um referente cultural. E isso eu não consigo definir porque é o que respiro, eu pertencço a uma paisagem com certas características. Não é um vale, eu vivo entre montanhas, entre a montanha e o mar conformando então esse espaço como ilha que me protege ao mesmo tempo que me insula.

19'07 VOZ OVER GUZMÁN

Eu sempre tive a impressão de que o tempo é mais lento no Chile, talvez por causa dessa muralha rochosa. Na medida em que avanço em direção aos cerros, sinto que o passado está mais perto de mim. Relembro de coisas que acreditava estarem perdidas.

19'46 ALVARO AMIGO/ VULCANOLOGISTA

A cidade de Santiago dá as costas à cordilheira, não a olha, não a observa, não a busca, não a compreende. Quando olho para a cordilheira, eu vejo milhões de anos expostos aí. Na medida em que você a adentra, você

descobre cerros novos que não eram vistos desde Santiago. Mas, além disso, você vai avançando no tempo e, na medida em que você avança na cordilheira o tempo é maior (texturas, dobras). Ali há reflexões de mundos mais pretéritos, mais antigos à medida que você avança pela cordilheira.

Eu cresci mirando a cordilheira e um vulcão em particular e fazendo muitas perguntas sobre esse vulcão: por que lhe faltava partes? Por que às vezes haviam raios sobre ele? Havia uma história de uma grande erupção quando os meus avós eram crianças, ou seja, sempre houve mistério em torno desse vulcão.

21'17 JAVIERA PARRA/CANTANTE

Quando criança, o meu irmão me disse uma coisa que fez todo o sentido do mundo: que a cordilheira era como a mamãe, pois você podia não vê-la, mas você sabia que estava aí. Eu a vejo como uma protetora, mas em outros momentos da vida eu a vi como divisora e insuladora do mundo inteiro

22'02 JORGE BARADIT/ ESCRITOR

Geograficamente, a cordilheira pode ser vista como um muro que nos separa do resto do mundo ou como um muro que nos protege do resto do mundo, temos essa dupla condição. Eu gosto de ver a cordilheira como um mar que nos converte em ilha, eu gosto da ideia de ilhas porque formam culturas muito fechadas e muito potentes, com muita identidade local. E uma das grandes relações quando você entra na cordilheira caminhando ou a cavalo é que há todo um país vivendo junto ao nosso. Eu alguns lugares, a cordilheira tem a mesma espessura/largura que o Chile do vale. Essa cordilheira tem duas dimensões, uma que é a sua largura e outra a sua altura. A cordilheira é como a caixa de fósforo, isto é, se alguém se empina logo acima vê a Argentina, é como uma espécie de cordilheira de utilleria*

23'30 VOZ OVER CAIXAS DE FÓSFOROS

Quando criança, a primeira imagem que tive da cordilheira estava nas caixas de fósforos, é como se o tempo não tivesse passado. São as mesmas caixas de hoje e me chamam para visitar o meu bairro.

24'03 AS CASAS EM QUE NASCEU E CRESCER

Esses muros guardam as minhas recordações, aqui eu nasci e comecei a caminhar. Aqui eu jogava e aprendi a ser eu mesmo. Depois de um tempo, quando essa casa já não era minha, alguém pintou as ruínas. Por puro milagre, aqui não foi construído nenhum arranha-céu e eu pude filmar com a minha câmera as ruínas de minha infância.

25'23 VOZ OVER

Depois eu vivi nessa outra casa com a minha família. Aqui eu cheguei como adulto e cineasta. Nos anos 1970, quando tinha trinta anos, eu filmei aqui o documental *A Batalha de Chile*. Éramos uma equipe pequena de cinco pessoas. Filmamos tudo: primeiro o entusiasmo que nos levou ao longe e todos nós e o povo inteiro. E depois as tensões que nos empurraram ao golpe de Estado. A cada manhã partíamos daqui e, no dia do golpe, voltei pela última vez com as bobinas em mãos. Nunca imaginei que *A batalha de Chile* seguiria com vida ainda hoje, é como o espelho de um passado que me persegue.

26'43 EXPLOÇÃO VULCÂNICA

O golpe foi o tremor de terra mais forte que mudou as nossas vidas para sempre. Fomos capturados por uma grande explosão. Fomos aprisionados, milhões de pessoas sentimos um medo profundo que nunca antes tínhamos conhecido. Durante anos ocultamos de nossos filhos o que passou e o que estava se passando

27'38 JAVIERA PARRA

Tenho recordações do desequilíbrio/ insegurança que uma criança sente quando se dá conta dos extravios dos adultos, inclusive isso me emociona agora... sentir a insegurança quando você percebe que seus pais estão desorientados, sentindo perigo, assustados e também perplexos... A perplexidade da violência levada ao limite e eu creio que a gente... Como criança, eu lembro de coisas, tal como vários *allanamientos* (batidas militares) pelas noites, nos levantavam das camas, os militares de capacete que entravam nos ambientes, levantavam os colchões, entravam na casa de

boneca supostamente buscando armas... Como se um músico tivesse armas em sua casa, um absurdo, não?

Eu me lembro de estar nas grades de meu Colégio Latino-Americano em Pedro Valdivia juntos com colegas vendo passar os tanques. Eu me lembro que nesse momento os adultos estavam fora de controle, então escutávamos tudo o que se passava, que Victor Jara tinha aparecido morto, que as pessoas choravam todos os dias

29'37 ALVARO AMIGO

Quando eu era pequeno, na minha escola às vezes as coisas começavam a tremer e se escutava um ruído atroz, infernal... eram aviões de guerra que davam rasantes... Nós como crianças sentíamos medo, chorávamos ao sentir o som dessa força tremenda, esse ruído surdo que passa muito perto da superfície. Daí começam as perguntas aos adultos: o que está acontecendo?

30'32 GAZITÚA

Detiveram-me em minha casa junto de minha família por quatro anos, foram quatro anos de prisão domiciliar. E as pessoas em prisão domiciliar éramos os reis da Junta... Sabíamos que, se passasse algo pelas ruas, eles chegariam junto da casa, nos levariam à Comissaria. Eu não tinha a chave da porta de casa, pois sabia que, caso a trancasse, eles a derrubariam, muitas vezes com armas e fuzis.

31'28 VOZ OVER

Eu senti um pânico profundo nos primeiros dias após o golpe. Preso em minha casa, eu me lembro que brincava com minhas filhas para que não se dessem conta do que se passava. Eu não saía às ruas e comecei a revisar meus papéis e documentos sem nenhuma ordem. Tampouco resolvi queimar minhas revistas, jornais e documentos que havia acumulado para a rodagem da minha película. Eu não sabia o que fazer. Assim se sucedeu por três ou quatro dias até que os carabineiros chegaram para me prender.

32'37 ESTÁDIO NACIONAL

Há muito tempo atrás, quando eu tinha 20 anos, aqui foi realizado o campeonato mundial de futebol e eu vim ver a partida da Itália versus Chile vencido pela Itália. Mas, alguns dias depois, houve um milagre: Chile chegou a ganhar o terceiro lugar no Mundial. Éramos o terceiro do mundo, me lembro que a festa durou vários meses. Mais tarde, eu voltei ao Estádio, mas como prisioneiro político, aqui chegamos a ser milhares. Estive preso por 15 dias sem que os militares soubessem onde estavam os rolos de meu filme. Eu recordo perfeitamente essa vista do placar. Desde aquele golpe de Estado, eu nunca voltei ao Chile, apesar de ter dedicado toda a minha carreira ao meu país.

33'52 PABLO SALAS DE BICICLETA

Assim que saí do Estádio, eu saí do país para salvar minhas bobinas. Nesse período, outras pessoas seguiram filmando, uma delas é Pablo Salas. Pablo poderia ter sido preso, torturado ou mesmo assassinado, mas por milagre nada aconteceu com ele. Sem ele, não teríamos tantas imagens de resistência a Pinochet. Por 17 anos, nunca deixou de filmar. Talvez seja o único cineasta da América Latina e do mundo que tenha filmado a sua própria realidade. Graças às suas imagens, hoje podemos reconstruir as imagens dos anos perdidos da história chilena

35'43 ENTREVISTA COM SALAS NAS RUAS

PG Quando você começou a filmar?

SALAS Em 1982 ou 1983

PG e nunca parou?

SALAS Não, eu parei em 1990 quando Aylwin chegou ao poder e eu fui passar dois anos na Bélgica e voltei em 1994. E começaram a aparecer novos diretores, gente jovem, fazendo documentários. Toda vez que há um protesto eu saio para filmar, seja pra manter como arquivo, pra realizar meu ponto de vista, vou tomar minha cerveja e deixo de me aborrecer também. Nas manifestações de hoje, você está filmando e entram os celulares te atrapalhando, entra uma garota. O único momento em que você pode filmar limpo, é quando há barricadas, gases lacrimogêneos, jatos d'água... Nesse momento, somos poucos. Nesse momento eu filmo limpo, faço panorâmicas e ninguém atrapalha.

PG o pior momento é o melhor

SALAS Sim, claro porque a imagem sai mais limpa, por que hoje em dia você filma uma marcha e todos estão se movimento e atrapalhando... Eu subo, arrumo a câmera, limpo a imagem, eu sigo o movimento, chegam os policiais, abrem o furgão, tomam os manifestantes e... os celulares entram na frente de minha câmera...

37'49 SALAS CONTA SOBRE LA VICTORIA

Chegaram pelas duas da manhã, muitos militares desceram dos carros e começaram a batida. Pelas 3 da manhã, fizeram anúncios dos megafones e começaram a revistar casa por casa, ficaram por lá até amanhecer e levaram presos todos os homens entre 15 e 65 anos, sem exceção. 20 mil pessoas presas no Estádio. Fomos filmando casa por casa e havia um triângulo vermelho nas portas, um adesivo branco com um triângulo vermelho no meio. Começamos a questionar e disseram que eles punham esse adesivo nas casas que tinham sido *allanadas*. E levaram todos os homens presos, algo impensável em qualquer parte do mundo.

Subimos e, quando chegamos no terceiro ou quarto andar, havia uma janela que dava para o Estádio. Abrimos e olhamos e estava cheio de gente. Me lembro que era alto, empunhei a câmera o mais alto que pude e comecei a filmar (tremendo). A imagem está limpa e muito bonita e se vê um monte de gente presa. Era um campo de concentração muito avançado da ditadura. Era surpreendente, filmamos e saímos rapidinho. Assim era a ditadura, ele era terrível, ou seja, os *allaniamentos* (batidas policia) aconteciam a todo momento e em todos os lugares, não somente nas *poblaciones* (favelas). Em alguns casos, mais ou menos violentas, nesse caso foi em La Victoria daí a extrema violência porque levaram todos os homens...

39'45 VOZ OVER CORDILHEIRA

Quando vejo as imagens de Pablo, me dou conta que nossas vidas tomaram um caminho diferente. Pablo é um dos que permaneceram, eu sou um dos que escaparam mas ambos temos uma coisa em comum: estamos marcados pela mesma utopia. Agora, gostaria de entrar em sua cápsula do tempo.

40'24 SALAS EM SEU ESCRITÓRIO

Eu queria filmar tudo para mostrar aqui dentro, não para mostrar lá fora. Lá fora todo mundo já sabia desde o primeiro dia: os presos no Estádio, os mortos no rio Mapocho, os campos de concentração. Isso foi mostrado lá fora, mas aqui não se via. Aqui eles nos contavam o que queria contar. Então, quando começamos a produzir e mostrar as imagens, ninguém queria divulgá-las. Assim foi e quando terminou a ditadura eu me encontrei com todas essas fitas, veja... Eu não posso apagá-las, apesar de ter tido que fazer isso muitas vezes. E assim produzi esse arquivo a partir do nada, a partir do desejo de mostrar o que estava passando... É no que fui metido e estou obrigado a mantê-lo... Eu queria passar ao fogo em tudo isso, mas... isso tem quantos anos... tem 27 anos que acabou a ditadura pinochetista e toda vez que me mudo eu tenho eu levar uma tonelada de imagens.

Essa fita durava 20 minutos... E depois, esta fita com todo esse tamanho comporta 4 horas... E assim é, eu te mostro um disco duro (*hard disk*) e ele comporta 1,2mil horas... Isso mudou nossas vidas... E a bateria, olhe essa bateria, ela dura três horas... algo impensável hoje em dia... E se era de noite, você ligava no “modo econômico” e você podia filmar ainda mais... ou seja, se naquele momento tivéssemos os recursos de hoje... De qualquer forma, eu sinto que deveria ter filmado mais, eu tive a chance, mas não o fiz... ou seja, eu fiz o que pude, mas havia tanta coisa para se filmar...

46'44 BARADIT SOBRE AS PROTESTAS

A esquerda passou a ser o inimigo número um nessa tormenta de fogo. Ser de esquerda não era considerado algo humano, a propaganda e os meios de comunicação depositaram nela todas as aberrações possíveis insensíveis, ateus, inumanos, antipatriotas, comedores de crianças, destruidores do país e das instituições, da Igreja e dos valores nacionais. Convertem-na em um demônio que precisa ser eliminado. Como tínhamos conversado, chega-se a uma lógica nazista, pois vê a sociedade como um órgão único e apresenta certos aspectos dela como enfermidade a ponto de considerar que existem chilenos que são tumores, que são um câncer a serem extirpados. O que houve no Chile foi uma guerra que pode ser chamada de arquetípica, o bem

contra o mal onde o mal eram pessoas civis, gente desarmada, crianças, jovens, uma cegueira mitológica, “estamos lutando contra demônios”, algo que permitiu a desumanização do outro e permitir as *parrillas elétricas*, cortá-los, envenená-los, mutilá-los, fazê-los gritar e desaparecer com eles... Uma espécie de fúria... E não tenho mais palavras para isso...

49’23 CICATRIZES, FENDAS, UIVO DO VENTO

Durante toda a ditadura, a cordilheira permaneceu em seu lugar. Talvez ela nos olhava sem que soubéssemos. Eu não pensei isso antes, mas creio que a montanha seja uma testemunha, ela viu coisas que as pessoas queriam esconder. Se pudéssemos traduzir o que dizem as pedras, hoje teríamos as respostas que não tivemos

50’38 SALAS

O que filmei e nós conseguimos filmar durante a ditadura não é nem 5% do que ela de fato praticou. O que a ditadura fez foi tortura, morte, exílio, amedrontamento... todas essas coisas não estão filmadas... ou seja, olhar para uma tortura, eu creio que já seja outra coisa... ou seja, com isso já podemos mostrar como a ditadura foi cruel e dá pra imaginar todo o resto... está tudo documentado na ditadura, não há a possibilidade de dizer que não sabia ou não se soube, ou seja, se soube de tudo no mesmo momento... vir a dizer vinte anos depois que “não sabia”... quando Pinochet foi preso em Londres e ainda insistiam que não havia passado nada... estamos falando dos anos 1998 e 2000... seguiam insistindo que não havia desaparecido, que não houve tortura, seguem falando que foram excessos... Há uma semana atrás disseram “houve erros”... corrigindo, houve “horrores” e não “erros”

53’22 BARADIT

Eu creio que os atores do golpe e da ditadura pensam que fizeram o correto, eles ainda vivem sob encantamento, sob o feitiço de que estavam lutando uma guerra contra um inimigo formidável que tornaria o país num caos espantoso... e seguem nesse encantamento de que viveram numa batalha épica. E os poucos com quem pude conversar que saíram desse feitiço e puderam ver o que realmente fizeram – que mataram homens, mulheres e

crianças indefesos – tomam duas opções: a angústia, a reserva e o retiro ou a negação, que é o caminho mais usual, mais cômodo e é o que te dá tranquilidade de alma. Eu creio que essas pessoas vão morrer acreditando que fizeram bem ao país, ainda estão sob esse feitiço.

PG Ou seja, a negação significa desconhecer o que se passou?

JB Sim, claro. Mas não é desconhecer-lo, mas sim reinterpretá-lo, eles o reinterpretam de um ponto de vista muito fascista: mítico, épico, mas na realidade, o que houve foi algo ordinário, banal e odioso.

Existe uma forma de continuidade entre os civis golpistas e aqueles que assumiram o poder ao longo de todo os anos noventa, eles são cúmplices. Houve um novo manto de silêncio: trasladaram o corpo de Salvador Allende, mas logo para reenterrá-lo. É uma metáfora, não? Tiram-no de uma cova e voltam a colocá-lo em outra cova. E isso nos deixou um país ignorante frente ao que ocorreu.

55'49 VOZ OVER

As pedras das ruas estão aqui há muito tempo. Estão feitos com as pedras da cordilheira. Quando era criança, eu gostava muito de pisá-los. Eu soltava as mãos de minha avó e os pisava um por um. Depois, essas pedras foram as primeiras que sentiram os tremores das botas marchando pela cidade. As pessoas começaram a conhecer os ruídos de tanques e caminhões militares. À noite, sentiam ruídos que ninguém conhecia. Pela manhã, viam pessoas que seguiam outras pessoas. Quando saíam às ruas, caminhavam com medo. Se as pedras da cordilheira pudessem falar, elas diriam sobre o sangue que correu sobre elas. Aqui estão gravados alguns nomes das vítimas.

57'50 SALAS

Existem crimes que eles nunca reconheceram e não vão reconhecer, eles chamam de “abusos”, não há uma *mea culpa* por parte deles. Isso é o pior, o mais grave que vivemos hoje por que... pedir que reconheçam seus atos... eles dizem, “sim, houve erros, mas estamos felizes com nosso sistema econômico. Eles seguem abusando e abusando do sistema econômico, eles seguem enriquecendo. Está bem, o país cresceu muito, quase não existe favelas, as pessoas pobres têm carros, celulares, as suas vidas mudaram e

estão melhores do que quando da ditadura. Mas as desigualdades sociais são impressionantes, se você vai até os cerros, ou então ao mar, ou mesmo até as casas nas montanhas de neve... Veja os lagos, eles estão todos tomados... todos os lagos chilenos são privados, não há acesso e está tudo aí, eles seguem sendo os donos... as desigualdades são brutais... eles construíram uma rodovia para seguir de seus bairros direto ao aeroporto sem passar por Santiago. É uma situação impressionante e alguns seguem vangloriando Pinochet

59'45 BARADIT

Eu acredito que até hoje o golpe é vitorioso. É preciso se lembrar que o golpe gerou duas coisas: a instalação de um modelo econômico e a estrutura institucional que o sustenta; ou seja, o neoliberalismo e a Constituição de 1980. E isso está aí e ainda persiste...

O que houve depois do golpe? Depois dele, o Chile neoliberal não é somente um sistema econômico, mas também uma cosmovisão. O que o neoliberalismo faz é instalar a ideia de rentabilidade não somente na empresa, mas também na vida, na arte, na cultura, na saúde, na educação, tudo deve ser rentável. O Chile é um país rentável para os investimentos estrangeiros. A grande oferta que fazem é que você pode se instalar aqui e ninguém vai te incomodar: não há sindicatos, não há problemas, o seu dinheiro não corre risco porque é um país estável... Como ela foi possível? Desde o início de nossa República, essa estabilidade foi possível pelo uso da força

1h01'23 VOZ OVER/ TREM FANTASMA

Em Chile, existem trens fantasmas que correm pela noite. Eles vêm das minas de perto da cordilheira e me lembram os velhos trens que cruzavam os Andes para ir até a Argentina. Levam os minerais aos portos a qualquer hora, especialmente de noite ou de madrugada. Todos se acostumaram ao seu trajeto sem que alguém pergunte algo, eles não têm horário e levam o cobre, o principal tesouro chileno. Às vezes, param devido ao semáforo vermelho, mas ninguém conhece seus movimentos/ horários.

1h02'57 Esses trens invisíveis passam perto de povoados sem nomes onde também vivem homens e mulheres invisíveis. Em Chile, o que não se vê, não existe.

1h03'21 SALAS

Você se pergunta: o que passa? Estamos enfermos! A alma de Chile está pobre! É insólito que haja tanta riqueza, tantos milionários de nível mundial em um país pobre como este que vive somente de cobre... o cobre que nos anos de Allende passou a ser 100% chileno e agora é menor do que o cobre estrangeiro, o cobre estrangeiro é maior do que a Codelco... a maior mina chilena é estrangeira, não é chilena... os militares nos sacanearam, eles nos ferraram... e a ditadura triunfou... eles triunfaram porque venderam o país

1h04'32 VOZ OVER/ MINA NA CORDILHEIRA COM NEVE

A neve cobre a paisagem da cordilheira, buscar esse lugar no mapa é quase impossível e tampouco existem caminhos públicos para visitá-los. Ninguém pode vir aqui sem autorização, esse é um território chileno que não é chileno. Em algumas províncias, 80% do território é propriedade privada.

1h05'43 TOMADA DE DRONE CENTRO ANTIGO SANTIAGO

Os arranha-céus ainda não invadiram a área de casas antigas de Santiago que parece um campo de ruínas. Para minha surpresa, um corpo militar aparece diante de minhas câmeras e dispara memórias. Quando criança, a minha avó me levava para ver os desfiles militares, algo que eu já quase tinha esquecido, a música continua a mesma.

1h07'18 VOZ OVER/ ESCRITÓRIOS PINOCHETISTAS

Essas são os velhos escritórios de Pinochet de onde ele presidiu os desfiles militares por 20 anos. Eu me interessei em entrar nesse lugar cheio de fantasmas. Posso ver as sombras dos generais caminhando e dando ordens. Aqui, Pinochet validou o programa econômico que ainda vigora no Chile e que foi trazido diretamente de Chicago. Quando eram jovens, eles aprenderam a fórmula econômica para mudar um país.

O modelo de Chicago era o mais radical que se conhecia. Em um país sem liberdade eles tiveram toda a liberdade para implantar as suas ideias. E ainda hoje seguem orgulhosos pelo Chile ter sido o primeiro país que as implantou. Pinochet os nomeou um a um ministro da Economia e das Finanças. Eles demoliram tudo, esse foi o começo do fim do país que eu amava. Hoje, outros economistas neoliberais seguem presentes nos governos chilenos. Eu tenho medo que seja um fenômeno mundial.

(1h09'39) Os carros desse cemitério são como sinais perdidos pelo caminho. Eles são inúteis. Assim como os carros, o Chile de ontem foi descartado. Pelas ruas de Santiago, as pessoas se perdem tentando se encontrarem, elas andam sem reconhecer uns aos outros. A cidade parece um labirinto.

1H10'31 BARADIT

A fórmula social chilena é triste... ontem haviam partidos, praças, conselhos de vizinhos e hoje basta andar pelas cidades para perceber como são indivíduos que caminham sozinhos em meio à multidão. Eu creio que a tristeza desse país tem a ver com... Novamente te digo, não somente com o modelo econômico, mas por estar em meio a um sistema que não se parece com ele... existe um caminho, mas não se sabe aonde vai (O UIVO DO VENTO ENDOSSA A IDEIA DE CIDADE FANTASMA)

1H11'42 SALAS NA RUA

Os direitos humanos mobilizam menos do que antes porque hoje, por exemplo, estão as mulheres, o aborto, a educação, a aposentadoria... Existem problemas reais hoje em dia... as questões ligadas à tortura, desaparecimento, à repressão já não existem... mas a injustiça segue sendo a mesma... não mudou muita coisa, não há mortos, nem desaparecidos, mas as coisas seguem igual. Eu me meti com isso, me envolvi com isso por decisão própria e não há outra coisa me interesse senão resgatar a ditadura, como vivíamos e como estamos vivendo e mostrar isso aos jovens, mas eles não querem ouvir... e você se dá conta de que eles não querem lidar com isso...

(1h14'37) O sistema de Pinochet segue vivo ainda hoje, é um sistema econômico que dá garantias aos riscos enquanto explora os pobres... se as

peessoas deixam de pagar as contas, a multa que chega é impressionante... se os ricos querem comprar um banco, eles pedem crédito... se você vai comprar um par de sapatos e paga em crédito, ele sai três vezes mais caro. E esse é o país que temos, eu não quero ir à Argentina, nem ao Brasil, eu sou daqui

1h16'42 VOZ OVER SALA DE PABLO

Os arquivos de Salas são um tesouro frágil, mas extraordinário. São testemunhos de uma página da história chilena, eles mantêm intacto e visíveis milhares de rostos da resistência popular. Graças ao arquivo de Pablo, é impossível apagara a história e dizer que aquele passado não se passou. Hoje em dia, existe muitos jovens que filmam em diversos lugares no Chile. Juntos, eles escrevem a memória do futuro.

1h17'52 CORDILHEIRA/ ESCALADA/ FINAL

Quando cheguei ao Chile, me agradou muito a ideia de explorar a cordilheira, mas logo me dei conta de que ela me escondia algo. Por detrás das pedras, existia algo. Talvez sejamos ecos do golpe de Estado e isso me evoca algo muito íntimo. Eu nunca falei da solidão que me acompanha desde aquele 11/09/1973. É uma angústia oculta, como se houvesse um colapso debaixo de meus pés, algo como um tremor de terras.

Agora, já são 46 anos que saí de meu país e durante esse tempo eu fiz 20 filmes sobre o Chile. Eu vivi mais tempo fora do que dentro. Eu me acostumei a fazer filmes à distância. Eu nunca deixei de trabalhar sozinho em meio à vida cotidiana. As cinzas/o fumo de minha casa destruída nunca abandonou a minha alma. Se fosse possível, eu gostaria de reconstruí-la e recomeçar novamente.

1h20' VOZ OVER RECONSTRUÇÃO DA CASA

Encontrei pequenos fragmentos do universo na cordilheira, eles estão preservados em alguns museus chilenos, são meteoritos, pedras que caem do céu. São pequenos pedaços de planetas que vêm de muito longe. Minha mãe me ensinou que sempre que eles caem podemos fazer um pedido que se tornará real se você guardar segredo. Mas eu quero dizê-lo: eu desejo que o Chile recupere a sua juventude e alegria.

ANEXO 10 – TRANSCRIÇÃO DOS DISCURSOS DE SALVADOR ALLENDE EM “A BATALHA DO CHILE - A INSURREIÇÃO DA BURGUESIA”

PRIMEIRA E SEGUNDA APARIÇÕES DE SALVADOR ALLENDE: AOS 29’43 E AOS 34’26, P. 412-422/ DISCURSOS DE 1973⁶⁷⁶

PALABRAS DEL PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA, COMPAÑERO SALVADOR ALLENDE GOSSENS, PRONUNCIADAS EN LA CLAUSURA DEL PRIMER CONGRESO DEL PARTIDO FEDERADO DE LA UNIDAD POPULAR, 24 DE JUNIO DE 1973.

Muy queridas compañeras y estimados compañeros delegados al Primer Congreso Nacional del Partido Federado de la Unidad Popular; Estimados compañeros representantes diplomáticos de países amigos; Compañero y amigo, senador Adonis Sepúlveda, Presidente del Partido Federado; Estimados compañeros y amigos dirigentes nacionales de las colectividades que integran la Unidad Popular:

Esta semana ha sido plena de hechos de gran significación. Presenciamos, vivimos, sentimos la presencia de un crecido número de trabajadores, que espontáneamente se reunieron el viernes 15, para afirmar y reafirmar la decisión de apoyo a su Gobierno, al Gobierno Popular. Ni la lluvia ni el frío pusieron atajo a esa ejemplar actitud, que señala claramente la firmeza del pueblo en su lucha.

El jueves 21, Chile, en diversas provincias, fundamentalmente en Santiago, fue testigo de la más extraordinaria movilización de masas que haya acontecido en nuestra historia. Al llamado de la Central Única de Trabajadores, más de un millón de chilenos, en 5 provincias y en Santiago, se movilizaron para expresar una vez más su decisión, su voluntad de lucha, su responsabilidad en el proceso revolucionario nuestro.

El viernes recién pasado, 24 horas después de esa gran manifestación, inicia su trabajo este que es el Primer Congreso del Partido Federado. Yo

⁶⁷⁶ Os discursos acima foram extraídos da Biblioteca del Congreso Nacional del Chile/ BCN disponível em:

https://www.bcn.cl/publicaciones/obtienearchivo?id=documentos/10221.1/82115/1/Libro_Allende%20.pdf

saludo, en la forma más cordial y afectuosa, a las compañeras y compañeros que integran este Congreso.

Sobre todo, saludo a aquellos que vienen de provincias, de los extremos de Chile; a aquellos que trabajan en la tierra, en las industrias, en los hospitales, en las oficinas públicas. Les expreso mi felicitación porque sé que, a través del contacto mantenido, tanto con el Compañero Adonis Sepúlveda, como con Mireya Baltra, Secretaria de este evento, ustedes han puesto empeño, empuje, serenidad en los debates, que han traído ponencias, que han dado a conocer lo que han aprendido en estos dos años y meses de lucha en localidades, comunas y provincias. El aporte de Uds., es lo que necesitamos para vitalizar el Partido Federado y tomar cabal conciencia de lo que él ha de significar en el proceso que estamos viviendo.

Ustedes tienen que saber perfectamente que los actos a que me he referido, el viernes 15 y el jueves 21, han significado la unidad entre el pueblo y el Gobierno, fundamentalmente la unidad de los trabajadores con su Gobierno y la presencia que es vanguardia de la clase obrera, en este contacto y dinámico batallar. De la misma manera que habrán podido saber y comparar la diferencia que hay entre el orden que el pueblo muestra, como sentido de su superior responsabilidad en sus actos y el desorden y la violencia que se ha desatado -fundamentalmente en estos últimos días- y que se hiciera tan evidente el viernes 15, cuando intentó realizarse una marcha no autorizada de los trabajadores que están en paro de El Teniente. Ya he dado a conocer ante el país, y no es necesario repetirlo en detalle, como en estos días la acción directa ha caracterizado nuestra vida y el empleo de la dinamita, de las bombas, es un hecho cotidiano, llegando en su insolencia hasta atentar contra casas donde laboran y viven representantes de países con los cuales tenemos íntimas y profundas relaciones, interpretando el sentimiento del pueblo chileno: Cuba y Unión Soviética. El saldo dejado por esta actitud vandálica, son siete heridos a bala, dos de ellos graves y un muerto, un joven estudiante.

Por eso también los actos realizados por los trabajadores y su actitud, son una reafirmación muy clara de su insobornable voluntad de lucha contra las hordas fascistas y fascistoides que ya apuntan casi diariamente en nuestro país.

De la misma manera que esos actos señalan la adhesión a los compañeros de El Teniente que están laborando y que el pueblo comprende las nuevas tácticas que utiliza la derecha y el sector reaccionario; las nuevas tácticas puestas en marcha como consecuencia de experiencias que adquirieron en el paro fracasado patronal y subversivo de octubre del año pasado.

Ahora se busca partir desde focos donde tienen influencias determinados partidos de oposición en sectores de trabajadores, y desde allí organizar un nuevo paro en que estarán presentes los grupos gremiales tradicionalmente adictos a la reacción de los Colegios profesionales. De allí que es importante en este evento, meditar y apreciar la realidad que confronta nuestro país, y la forma como se desarrolla nuestro proceso.

Los trabajadores en Chile han conquistado el Gobierno; no han conquistado el poder. Y el Gobierno, sin el derrumbe del aparato institucional burgués, piensa que los trabajadores necesitan comprender la importancia que tiene utilizar el poder político que implica el Gobierno para impulsar el avance revolucionario.

De la misma manera que tienen que entender que el Estado está institucionalizado, con funciones predeterminadas; que vivimos un Estado de Derecho, con tres Poderes autónomos -el Ejecutivo, el Legislativo y el Judicial- con normas ajenas al proceso que vivimos y a la realidad pujante y bullente de Chile y que reflejan la concepción democrática burguesa y que convirtieron en Leyes minorías, expresión del régimen capitalista. Que nuestra lucha, entonces, y de acuerdo con nuestra propia definición programática, se realiza dentro de una sociedad democrática -en la concepción democrática burguesa- el pluralismo y libertades que el pueblo conquistó. Pluralismo en los Partidos que apoyan al Gobierno y en la oposición, por cierto. Vía democrática que hemos ampliado -pero no lo suficiente- en este proceso de transición.

Libertades que los opositores aprovechan, desfigurándolas para atacar al Gobierno. Y, por cierto, ellos rechazan que nosotros usemos las leyes que ellos tuvieron en sus manos y que usaron contra el pueblo. Y cuando nosotros las usamos para defender el Gobierno legítimo y el avance de los trabajadores, nace entonces la actitud de resistencia de estos sectores que tienen todas las garantías de la realidad que vive nuestro país. Este es un Gobierno que no es

socialista; es un Gobierno popular, democrático, nacional, revolucionario, que debe cumplir un programa para abrir, lo más amplia y rápidamente, el camino al socialismo y la transformación de nuestra sociedad.

Y dentro de este marco -ya he reseñado la realidad institucional que vivimos- están las Fuerzas Armadas, que por cierto han diferido y difieren con las de otros países; que no son FF.AA. politizadas, ni es el pueblo en armas, como ha ocurrido en otros procesos revolucionarios que llegaron al Gobierno y al poder a través de la lucha directa; que son técnicamente eficientes y respetuosas de la Constitución y de la Ley.

Hay que comprender que, dentro de esto, que a grandes pinceladas he definido como la realidad que vivimos, aflora con fuerza la dinámica del proceso social. Los trabajadores que han conquistado el Gobierno avanzan en la consolidación de él y en la conquista del poder. Cambian, no substancial y definitivamente, pero si en gran parte la relación de producción en el campo y en las industrias. Vastos y amplios sectores nacionales toman conciencia de su ubicación de clase y el enfrentamiento que minuto a minuto se está produciendo, en todos los órdenes de la vida nacional. Y, por cierto, asistimos a una mayor organización de las masas populares. Y como consecuencia de este cambio en las relaciones de producción, como respuesta al avance de los trabajadores en la conquista del poder, y como respuesta también, no ya a la presencia sino a la intervención de los trabajadores en todos los niveles del aparato estatal, los sectores de oposición, el imperialismo, la reacción van a su vez consolidándose, superando instancias y volcándose en una actitud cada vez más agresiva, más dispuesta a negar la democracia que tanto acariciaron cuando ellos tenían el poder, a renegar de las fórmulas constitucionales y a utilizar todos los medios -inclusive la violencia fascista- para tratar de impedir el avance del proceso revolucionario y para intentar -y no lo lograrán- derrocar al Gobierno del pueblo.

Por eso es que también es indispensable que las grandes masas populares y el pueblo se empape de esta realidad, comprendan la peculiaridad que tiene el proceso chileno, la revolución chilena, *con características diferentes a otros procesos que llegaron con las armas en la mano y que a lo largo de muchos años han ido construyendo la sociedad socialista.* Es indispensable orientar a las grandes masas, fijarles metas, conducir las a través

de su concientización, para evitar precisamente la anarquía que puede producirse con las reacciones voluntaristas y espontaneístas que en esencia debilitan el proceso revolucionario.

Es indispensable entender -y quiero con dos o tres ejemplos afianzar mi razonamiento- que la dinámica rompe el mecanismo tradicional y al mismo tiempo va haciendo necesarios los cambios, aun dentro de nuestro programa que no puede ser estático, en función de las realidades que van apareciendo constantemente, por ejemplo, se ha definido el rol tradicional de las FF. AA. de acuerdo con la Constitución y valoradas como tal en el proceso nuestro y en el programa de la Unidad Popular. Sin embargo, rompimos la concepción, tradicional y estuvieron presentes en el Gobierno de la República, en momentos difíciles, compartiendo el Gabinete, en noviembre del año pasado, con los partidos populares y con representantes, si no directos, representantes de la Central Única de Trabajadores con los cargos que los trabajadores organizados en ella le otorgaron. Y lo hicieron para poner atajo al proceso subversivo y para dar, con la fuerza de un Gobierno integrado, las posibilidades que el pueblo se expresara en los comicios del 4 de marzo.

De la misma manera que nosotros no previmos, que frente a las dificultades derivadas en lo económico y en lo social, fundamentalmente cuando gran parte del capitalismo y del capital se hace especulativo, y cuando se amplían las posibilidades del mercado interno en función de la distribución del ingreso que hiciéramos, y cuando en el campo internacional se alzan los precios de los alimentos, y la tierra nuestra no produce ni siquiera el 45% de lo que necesitamos, nacen las dificultades de la distribución y el abastecimiento que indiscutiblemente llevan a considerar como una necesidad la distribución equitativa y justa, en función de las necesidades vitales y no de los ingresos, que en el fondo es que tendrá que haber un racionamiento.

De la misma manera, en el agudo problema de la vivienda; necesitamos construir 100 mil casas para paliar el déficit de arrastre, que son 600 mil viviendas en nuestro país, por el aumento vegetativo de la población. Pero la infraestructura de este país demostró que era imposible alcanzar metas como estas. Entonces se requiere la presencia del pueblo, para que, con una dimensión distinta, él vaya al mismo tiempo contribuyendo a solucionar, sea en forma de emergencia, pero como sea, los problemas de la vivienda. Y que sea

el pueblo el factor dinámico de un proceso que está limitado por una realidad que no podemos superar de la noche a la mañana, en cuanto a la producción de los implementos de la construcción para edificación de las viviendas. Este ejemplo, como muchos otros que podría poner gráficamente -la salud es uno de ellos, frente a la necesidad imperiosa y justa de proteger y defender el capital humano- muestra que nos encontramos con realidades que no podemos superar, aunque lo queremos y lo anhelamos. Todo esto es la palpitante realidad que confrontamos, que las grandes masas y el pueblo debe entender. En un país con una infraestructura que nunca se consiguió para las grandes mayorías y que, por cierto, hace crisis mucho más prematuramente donde las masas se hacen presentes en la exigencia legítima de condiciones mínimas de vida y existencia. Por eso es que el 1° de marzo enviara a los dirigentes máximos de los Partidos de la Unidad Popular una carta en donde les planteaba públicamente la necesidad de realizar este Congreso de los partidos integrantes del Partido Federado de la Unidad Popular, para rubricar que el Partido Federado no podía ser jamás una trinchera utilizada por el acto electoral; que debía ser -y tendría que ser- un paso cualitativo e importante en el proceso revolucionario chileno. Y por ello es que planteaba que era indispensable que la experiencia vivida nos hiciera comprender el error que cometimos al no darle en la etapa preelectoral, por ejemplo, al Partido Federado el peso y el contenido que debió tener.

De la misma manera que no difundimos a tiempo la renovación programática y la forma de instrumentarla; como asimismo tampoco los candidatos de los partidos de la Unidad Popular usaron un mismo lenguaje ni plantearon una táctica común. Creo que la autocrítica es justa, sin dejar de reconocer el fervor que pusieron los militantes a nombre de los partidos de la Unidad Popular para obtener lo que fue una victoria trascendente, cuando alcanzamos el 44% de los sufragios. Pero no podemos dejar de usar la autocrítica para señalar que, sin duda, habríamos avanzado un porcentaje mucho más allá; pero más que eso, habríamos logrado un pensamiento común y homogéneo y tenido la visión de las tareas que obligadamente teníamos que realizar, sobre todo después de los resultados del 4 de marzo. De allí entonces, que en la carta que aludo dijera que era indispensable este Congreso, a fin de

estudiar la manera de instrumentalizar, readecuar y ejecutar el programa, fundamentalmente a las necesidades de hoy.

Siempre sostuve, la experiencia también lo demostró a los compañeros dirigentes de los partidos de la Unidad Popular, que era indispensable una dirección única política y económica; que era una obligación de ésta dirección única superar la falta de coherencia en las tácticas que usamos; que era indispensable esta dirección única para implementar las tareas económicas y fundamentalmente para luchar contra la amenaza golpista, que de tener éxito implicará evitar el más sangriento fascismo en nuestro país. Tengo acá un documento sencillo. A mi juicio, es lo más claro para entender los métodos y los procedimientos que se están empleando y usando en nuestro país por aquellos que dicen defender los valores tradicionales -inclusive- de la democracia burguesa; de aquellos que hablan de la autonomía universitaria y que han creado un temporal de pasiones cuando el Gobierno ha hecho respetar su autoridad, tanto en el Canal 5 como en el canal 6, señalando que el canal 6 aparece subrepticamente, sigilosamente, y que en los diarios de oposición se aplaude como una maniobra increíble, por no haber sido antes apreciada por el Gobierno, como un triunfo su actitud.

La autonomía universitaria, ejercida en función de una interpretación que ellos han hecho de la ley, debió, por respeto a la propia universidad, si querían establecer un canal, hacerlo públicamente y dentro del tradicional recinto universitario, pero no fuera de él, y todavía, para entregarlo a la defensa, no al ascendiente moral de una universidad, sino de matones contratados para eso y teniendo en su local un verdadero arsenal. Esta carta a que me refiero es de un hombre a quien no conozco y va dirigida al Vicerrector Académico de la Universidad Católica y la firma un investigador: Jorge Swaneck. Es muy breve; dice así: "Señor Vice Rector: Ayer 19 de junio a las 19:15 horas, entraron violentamente al laboratorio donde yo trabajo 6 individuos con cascos, palos y una tarjeta verde, credencial de la FEUC procedieron a amenazarme para que respondiera a sus preguntas. Solicité que salieran inmediatamente y así lo hicieron de uno a uno, los seis. Quince minutos después vino al laboratorio un individuo, quién dijo llamarse Jaime Avilés, pidiendo excusas por la entrada de los seis de casco.

Avilés entro por escalamiento y no se excusó. Avilés usaba tarjeta azul y mandaba a los verdes. Me advirtió que iban a quedar 3 individuos de guardia frente a las ventanas del laboratorio que da a Marcoleta. Respondí que no podía yo autorizar la permanencia de personas extrañas en el laboratorio. Me tranquilizó mucho, cuando al retirarse gritó: "no se preocupe si algo pasa, diga que Jaime Avilés tuvo la culpa". Llamé por teléfono al Dr. Luis Vargas, Decano del Instituto de Ciencias biológicas para comunicarle los hechos. Continué trabajando y a las 19:45 entró al laboratorio un señor Correa, tarjeta azul: FEUC, a dar explicaciones amables, asustadas, para que yo comprendiera que los alumnos estaban nerviosos por la situación de algunos que llevaban días sin dormir, víctimas de su propio insomnio.

Luego llegó Rodrigo Mujica, tarjeta azul y docente. Más explicaciones. Se fueron. A las 20:50 entraron violentamente al laboratorio unos 16 individuos comandados por uno de apellido Melero, tarjeta azul. Melero dijo ser alumno y entre los otros reconocí a algunos de la primera invasión. Eran alumnos. Además, venían algunos que eran seguramente mineros; había además otros que no eran ni estudiantes ni trabajadores, pero que, en la uniformidad de cascos, palos, laques, manoplas y cartucheras, lucían esa naturalidad propia de los matones y del lumpen.

Fui conminado a salir de inmediato. Traté de explicar una negativa. Melero me insulto, golpeó el interruptor de la luz y dio la orden. No opuse resistencia. Fui llevado en vilo hasta la puerta del hospital. Fui golpeado, insultado y aparentemente identificado con los enemigos de mis buscadores. Melero tomó posesión de mi laboratorio. Destruyeron el material en mi escritorio. Recuerdo que Melero me dijo que debía agradecerle que no hubieran destrozado todo, porque ellos podrían hacerlo. Señor Vicerrector, ruego a Ud. indicarme cómo debo proceder con el objeto de continuar mi trabajo. Firma: doctor Jorge Swaneck".

No lo conozco y debo decir que es un investigador, pero creo que esta carta es lo más gráfico, lo más claro. Para que se vea que aquellos que hablan de cultura, aquellos que hablan de respeto a la Universidad, llegan y proceden, inclusive con académicos de la propia Universidad Católica, con miembros de la propia Universidad Católica.

A ello hay que agregar informaciones que esta mañana he tenido, por ejemplo, en relación con algunos sectores médicos. Y espero y anhelo no sean ciertos. Ya no solo pretenden paralizar los hospitales, sino que quieren tomárselos para impedir que los médicos que quieren seguir atendiendo al pueblo, no puedan desempeñar su labor humanitaria y técnica ni cumplir con su deber de funcionarios del Servicio Nacional de Salud. Ustedes comprenden la gravedad que esto entraña. ¿Cómo tendrá que reaccionar la comunidad? ¡Cómo están buscando el enfrentamiento! ¡Cómo no los detiene siquiera lo que representa ser médico y la obligación, que nace desde Hipócrates, de defender la salud de todos, sin distinción de apellidos políticos o posiciones doctrinarias!

Estos son los hechos que hoy día estamos viviendo. Por eso, entonces, es fundamental que este Congreso entienda lo que es la lucha en que estamos empeñados, y la real amenaza fascista que está viviendo nuestro país.

Creo innecesario dar lectura a las partes que yo planteara que, a mi juicio, debían ser encaradas por este Congreso. Yo presumo, por lo que ayer conversara con el Compañero Presidente, Adonis Sepúlveda, con la compañera Mireya Baltra y con los compañeros que tuvieron la deferencia de visitarme en representación de Uds., que estos aspectos han sido considerados. Me refiero a lo económico, lo político, lo social.

De allí entonces que quiera tan solo hacer algunas reflexiones en relación con lo que yo considero básico: lo que el Partido Federado a mi juicio representa. No es un partido único, no es un partido monolítico. Está integrado por diversas colectividades, cada una con su programa, su propia concepción doctrinaria, e ideológica, pero que confluyen a este partido, en función de la consecuencia en la apreciación de la necesidad de un programa para Chile, las tácticas que deben realizarse para convertir en realidad el proceso revolucionario teniendo una estrategia que nos una a todos. Repito, con claridad, que creo que nosotros no tenemos conciencia de que los procesos no pueden artificialmente acelerarse.

No está Chile preparado socialmente para un partido único, como los que existen en algunos países que han alcanzado el socialismo. Por otra parte, este Congreso del Partido Federado en sí mismo, no es excluyente, a mi juicio, y debe considerar a aquellos que no tienen una militancia partidaria cómo la nuestra, pero que en realidad pueden y deben estar junto a nosotros en las

tareas que levantamos como necesidad fundamental para Chile y su pueblo. Como el diálogo no puede estar limitado entre nosotros y debemos buscarlo y encontrarlo con otros grupos o fuerzas que también tienen una concepción revolucionaria, sin olvido de nuestros planteamientos y de nuestras resoluciones, pero al mismo tiempo sin el sectarismo que impida ir ganando más y más voluntades para un grande y hondo proceso, que ha de ser el que vivimos, se transforme en una auténtica revolución. Por eso es que hay que acentuar que el Partido Federado -como lo dijera hace un Instante- es un avance cualitativo de extraordinaria importancia, que permite la coherencia, la homogeneidad, dentro del pluralismo que debe existir y existe entre nosotros, pero que debe conducir a la dirección política única. Sabemos perfectamente bien que si hay algo que caracteriza y le da perfiles muy propios al proceso político chileno, es esto que constituye una alianza de partidos en torno a un programa definido y claro que se va, por la dinámica social, adecuando a las realidades que van naciendo, pero que establece el pluralismo interno, que permite, que convivan partidos y grupos revolucionarios que tienen pensamientos doctrinarios y filosofías diferentes, que la democracia interna debe llevarnos a la más amplia y profunda discusión de los problemas, de los planteamientos de principios y doctrinas, sin temor, para aceptar -por cierto- el pronunciamiento mayoritario que obligue a todos, en función de lo que es el centralismo democrático.

Pero ello de ninguna manera puede representar una superestructura que obligue a los partidos a renunciar a sus programas propios y a su propia filosofía. Y esto es muy importante no olvidarlo. Hay que tenerlo constantemente presente. Y por ello Chile marca también, con características muy propias, la presencia fraterna dentro del diálogo, el derecho de todos, de los partidos donde militan o donde viven laicos, marxistas y cristianos. Creo importante, en apretadas frases, señalar a mi juicio lo que deben ser las relaciones -y ya lo he hecho en parte- de los partidos que integran el Partido Federado de la Unidad Popular, definiendo- claramente el Partido Federado como un proceso de avance al qué tenemos que darle la fuerza organizativa y el vigor que debe tener, no en la superior estructura de Santiago, sino a lo largo de todo Chile, en las provincias, departamentos y comunas. Donde los partidos que integran el Partido Federado tienen que entender que todos nos

necesitamos, que este proceso no pertenece ni siquiera tan solo a la Unidad Popular; que le pertenece a miles y miles de chilenos que no estando en nuestros partidos, tienen la intuición de un proceso revolucionario y quieren vivirlo. Que por sobre las apetencias partidarias y las urgencias de vitalizar los cuadros de las propias colectividades, está la grande y profunda necesidad de una lealtad al pueblo y a la revolución que supere esas fronteras, sobre todo cuando de apetencias burocráticas se trata; que haya la lealtad profunda y honda y el derecho a discrepar, pero dentro de los marcos del Partido Federado, para convertirnos todos en militantes de una misma convicción, de una misma fe, de una misma voluntad revolucionaria al servicio de Chile y el pueblo.

(Aplausos).

Creo que también es conveniente precisar: ustedes han mirado acuciosamente, desde los partidos, al Gobierno, su Gobierno. Pero también creo que es conveniente que vean cómo yo miro desde el Gobierno al Partido Federado y las relaciones que deben existir entre el Gobierno y los Partidos. El Estado es el objetivo político a conquistar todavía por los trabajadores. Pero dentro del Estado se integran tres Poderes: el Gobierno, que es importante, importantísimo, y en sí mismo debe ser, y es, un medio único y vital para realizar los cambios estructurales que permitan el control del aparato estatal por los trabajadores. Partido y Gobierno no pueden identificarse en sí mismo, pero deben integrarse en la acción y respetar, Partido y Gobierno, lo que cada cual es. El Partido Federado a mi juicio constituyo el instrumento de clase. El Gobierno es -y lo he dicho- un instrumento institucional, no de clase y que tiene que actuar, como lo sostuviera ampliamente, inclusive dentro de las marcas del derecho burgués que reposa en el principio de la legalidad.

El Partido necesita al Gobierno y el Gobierno al Partido Federado. Y cuando digo Partido Federado, hablo por cierto de todos los Partidos que lo integran, ya que dije que es un paso cualitativo de importancia, de la misma manera que el Gobierno necesita a la clase obrera organizada. De allí la diferencia entre este Gobierno y los anteriores, teniendo la honradez de sostener que Chile vive en una etapa capitalista; que somos un Gobierno Popular, que, hemos dado algunos pasos, pero no los necesarios, para abrir el camino hacia el socialismo. Y este Gobierno, porque es el Gobierno de los

trabajadores, tiene también forzosamente que afianzarse en la clase obrera y en los trabajadores organizados en la Central Única de Trabajadores.

Qué respuesta más leal y que conciencia más clara, como ha quedado demostrado en los extraordinarios actos del viernes y del jueves.

Por eso es que, fundamentalmente, teniendo los partidos influencias a través de sus militantes en el campo sindical, es básico y elemental que haya una articulación correcta entre el Gobierno y el Partido Federado, en lo cual reside la fortaleza específica del movimiento revolucionario chileno.

El Partido Federado debe respetar las jerarquías y la competencia institucional del Gobierno, como el Gobierno tiene la obligación de respetar y no interferir en las competencias propias de los partidos y, por cierto, del Partido Federado. Hay que entender que el Gobierno no actúa en función del programa de cada partido, sino del programa conjunto que nos diéramos antes de la batalla de septiembre del 70 y a la readecuación de ese programa y su realización en función de los hechos sociales y económicos que van naciendo todos los días.

Por eso, creo importante que entendamos bien cada cual, cuál es el camino en que confluyen Gobierno y Partido Federado, donde cada uno tiene un rol. Y que Gobierno y Partido deben respetarse mutuamente, para, sobre todo en la coherencia de la acción, vitalizar responsablemente la acción de las masas en el proceso transformador que estamos viviendo.

Me interesa, asimismo, destacar las relaciones que debe haber entre el Partido, el Gobierno y la Administración Pública.

Algunos compañeros, equivocadamente piensan que, porque un compañero de ellos desempeña determinada función o está en determinado cargo, ese compañero debe obedecer al partido y no a la jerarquía que establece la construcción de la Administración Pública.

Yo creo que ese es un hecho que tenemos que aprender como experiencia. Que vivimos la etapa de un cuoteo que los hechos nos han obligado a superar, y que, si acaso existe, como debe existir, el sentido hondo y profundo de la unidad y la responsabilidad de ella, cada militante de cada partido debe entender que el hombre que desempeña un cargo no siendo de su partido, es un hombre del proceso revolucionario, es un hombre del Partido Federado. Y si no está en el Partido Federado, tendrá que ser un técnico

idóneo que la revolución necesita. Con lo cual estoy señalando que es indispensable que los partidos al entender el respeto a la jerarquía, a la estructura administrativa de la misma manera deben saber que es su obligación y que el Gobierno respeta, que ellos le den la fuerza y el contenido de la conciencia política revolucionaria a los militantes que destacan a la Administración Pública.

(Aplausos).

Creo que es indispensable que se entienda que yo pienso que los partidos no pueden pretender dirigir la Administración Pública. Pueden y deben dinamizarla, criticarla, afianzarla. Deben y pueden exigir su democratización. Creo que ese es el rol fundamental y esencial que le compete a los partidos, y por tanto al Partido Federado. En la realidad del proceso que vive nuestro país, no ocurre lo que ocurre en otros procesos revolucionarios, en donde el aparato del partido es la Administración Pública. Y eso hay que entenderlo claramente, porque es también una de las diferencias que nuestro país tiene. Por último, quiero señalar que a mi juicio el Partido Federado debe ser el factor más importante en la organización del pueblo. Las viejas estructuras partidarias deben ser remozadas, aun para aquellos actos tan tradicionales, como las elecciones en que siempre hemos vivido. Pero al mismo tiempo, los Partidos tienen que darse cuenta -y octubre fue una lección extraordinaria- que la fuerza creadora del pueblo, que la dinámica social lleva a crear los centros de poder de los trabajadores; lo que se ha llamado el Poder Popular.

Ya dije que es obligación fundamental la conducción única, política y económica que permitirá todo el proceso de planificación. Y las medidas de urgencia del Plan de Emergencia, frente a una realidad económica que los integrantes de este Congreso deben meditar profundamente.

Vivimos horas muy duras; horas en que la amenaza fascista apunta desde el campo propiamente político, y la amenaza contra el Gobierno, que se afianza en la realidad que vivimos económica, marcada por el desabastecimiento, en un aspecto, y por un poder inflacionario que -como dijera en la Plaza de la Constitución- si no lo controlamos puede convertirse en una inflación desenfrenada que quiebre nuestra economía, y que debilite las propias bases de sustentación del Gobierno.

No hay que olvidar que hay todavía, vastos y amplios sectores que no comprenden los valores distintos, que emergen de un proceso revolucionario; que viven la vida y la existencia en función de padrones tradicionales de una democracia burguesa, en donde el dinero y el economicismo priman para obtener lo esencial.

Y por ello no es de extrañarse que, como táctica, los opositores impulsan y fortalecen los procesos reivindicativos económicos de empleados, profesionales, obreros, trabajadores, porque saben que con ello -fundamentalmente- están socavando más y más el proceso en su aspecto fundamental, -el económico- y con ello llevando expectativas mayores a sus esperanzas de quebrar a este Gobierno Popular.

De allí entonces, que más allá de los procesos que han vivido y vivirán los partidos, está su adecuación, y más que eso, está su obligación, primero, de ser los factores de contacto entre el Gobierno y las masas, sin perjuicio de que el Gobierno cumpla esa tarea. Partiendo de que los funcionarios públicos rompan la concepción burocrática y estática que ha hecho que muchos de ellos permanezcan apoltronadamente en sus oficinas, tengan todavía como herencia las viejas maneras de los burócratas de siempre, que no se empapen en el diálogo con el pueblo, que no beban la experiencia que emana de la vida del pueblo, que no comprendan que la acción de la Administración Pública solo tendrá contenido cuando ella alcance la amplitud democrática, para que la inmensa mayoría de los chilenos se sientan incorporados a la marcha de esta Administración y el contenido revolucionario que el Gobierno les da en su actitud. Por eso es que digo que el Partido Federado debe cumplir, sobre todo a través de ustedes, los mandos medios, la gente que tiene el contacto -o debe tenerlo- con el obrero, de la industria, de la imprenta, del taller, de la escuela, del hospital; con la mujer de la población marginal o callampa y con la juventud.

Hace tantos y tantos años que estoy golpeando en la conciencia de los partidos, sobre todo después de cada aparente derrota, para señalar la preocupación básica que debían tener las fuerzas populares para incorporar, concientizar y darle a la mujer la esencia de nuestra verdad: ¡no hay revolución sin ella!

(Aplausos).

De la misma manera que hay que darle todo el apoyo a la juventud, o vamos a caer en el absurdo de repetir que ella tendrá que reemplazarnos.

No esperamos que nos reemplace. ¡Esperamos que viva con nosotros, porque no puede haber distancia de generaciones en este proceso! ¡Que la juventud lo vivirá con más pasión, con más fuerza, porque es más joven! ¡Que tendremos que comprender, inclusive, sus urgencias y sus errores! ¡Que tenemos la obligación de señalarle que no hay distancias revolucionarias entre un hombre que tenga madurez en los años y firmeza en sus convicciones, con los muchachos jóvenes! ¡Que ojalá mantengan siempre la fuerza revolucionaria que tienen hoy día en sus años juveniles!

(Aplausos).

Pues bien, si comprendemos que en esta hora lo primordial, lo básico es afianzar el Gobierno en lo político y conquistar los instrumentos, haciendo que haya permeabilidad institucional, para que entiendan los opositores que no pueden negarle a un Gobierno lo esencial, para poder vivir en defensa de Chile frente a una realidad económica que no emana de los errores cometidos por nosotros -sin negar que los hayamos cometido- sino que son los factores internacionales y nacionales los que pesan, sobre todo cuando un Gobierno como el nuestro se enfrenta con el imperialismo y con la oligarquía terrateniente, bancaria y feudal.

Por eso, repito que lo esencial, a mi juicio, en este instante, es crear el poder popular; darle fuerza a los Centros de Madres, a las Juntas de Vecinos, a las JAP, a los Comandos Comunales, a los Cordones industriales; haciendo, inclusive, que estos aspectos del poder popular se vinculen, penetren, se adentren en la Administración Pública, para que sean un factor contra la burocracia y para que le den el dinamismo y la fuerza revolucionaria que tienen que tener por labor esos organismos. Pero poder popular que no puede concebirse -y lo rechazo- como poder paralelo al margen del Gobierno o contra el Gobierno Popular.

(Aplausos).

Poe ello que al comienzo hablé de que en este proceso tan típicamente nuestro, tan original, históricamente hablando, el Gobierno es un factor vital del proceso transformador y revolucionario. Que el Partido Federado debe ser la

conciencia política para estar indicándole al Gobierno la premura en la solución de determinados problemas, y cooperar teniendo la certeza y la evidencia de que si tienen concepciones distintas en el Partido Federado, pueblo y Gobierno deben ser la misma cosa. Por eso, al terminar mis palabras quiero, con fervor agradecido expresar mi reconocimiento a la mujer, que nunca tuvo la posibilidad de leer un libro de doctrinas o de principios, pero que está en su población o en su pueblo, en su sitio de trabajo o en el seno de su hogar, viviendo la misma inquietud y el mismo anhelo de una existencia distinta y mejor.

Quiero expresar mi reconocimiento al militante anónimo, al que nunca pretendió un cargo ni siquiera dentro de su propia organización, pero que tiene esa fe que le mueve, lo estimula, lo lleva al sacrificio; hace que no le importen ni las horas de trabajo ni de turnos, ni las levantadas cuando comienza a apuntar el sol. El que pega carteles, el que saca sus pobres billetes para comprar, compañeros, la harina y el pincel. Al compañero que nunca flaqueó. Al que no tuvo otra expectativa que su vida amarga, pero que comprende que el proceso revolucionario es para dignificar la vida de los suyos. Al que sabe que la revolución no es un proceso para servir apetitos personales o partidarios; que implica renunciamento y sacrificio; que una generación, la generación revolucionaria, tiene que entender que, solo trabajando más, produciendo más, estudiando, más, podrá hacer que la otra generación tenga la existencia humana a que tiene derecho el hombre y la mujer.

Quiero agradecerle al que le da fuerza vital, con su presencia en el campo o en la ciudad; al que trabaja la tierra y suda en el surco, al que hace que la mina entregue sus riquezas. Quiero agradecerle al maestro que no deja de enseñar su lección, pero mirando más allá de las fronteras pequeñas de su propia escuela, entiende que el niño que a él le entregan será el ciudadano revolucionarlo integral de mañana.

Quiero agradecer a todos los que, a lo largo de Chile, en los pueblos silenciosos donde a veces falta la luz y el teléfono, en el litoral o en la montaña, sienten la presencia de un Chile distinto que tiene perspectivas de futuro y contenido de historia. Seamos nosotros, los integrantes del Partido Federado -y yo soy uno de sus militantes- los que tengamos el derecho a decir que hemos cumplido, con Chile, la historia y el pueblo.

(Aplausos).

TERCEIRA APARIÇÃO DE SALVADOR ALLENDE: 58'34

P. 263/271

CHILE HA MARCADO UNA ACTITUD SEÑERA CONTRA LAS PLATAFORMAS DEL IMPERIALISMO. DISCURSO DEL COMPAÑERO PRESIDENTE SALVADOR ALLENDE EN EL 40 ANIVERSARIO DEL PARTIDO SOCIALISTA, 19 DE ABRIL DE 1973.38

LA CLASE OBRERA CHILENA TIENE SU PROPIA Y DURA EXPERIENCIA Y UNA FUERTE CONCIENCIA REVOLUCIONARIA. LO SOSTUVO EL PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA, c. SALVADOR ALLENDE, EN EL ESTADIO NACIONAL, EN EL DISCURSO QUE PRONUNCIO PARA SALUDAR EL CUADRAGESIMO ANIVERSARIO DEL PS. EL TEXTO INTEGRO DEL DISCURSO ES COMO SIGUE:

Compañeras socialistas de Santiago; Compañeros socialistas de Chile:

Ustedes comprenderán la profunda y justificada emoción que tengo, al levantar mi voz en este cuadragésimo aniversario de nuestro combatiente Partido Socialista.

Yo quisiera que cada uno de ustedes se pusiera en mi lugar, para entender por qué es tan honda esta emoción. Yo también fui joven y puse mi fe y mi entusiasmo hace muchos años en el Partido Socialista. Fui fundador de él. (Aplausos). Por la voluntad, la decisión, el empuje del Partido Socialista, de la Unidad Popular, del pueblo de Chile, hablo aquí como fundador del partido y como Compañero Presidente de la República. (Aplausos).

Y yo tengo la obligación y el derecho de pedirle a esta masa que llena el estadio, que oiga mis palabras, porque creo que esta es la oportunidad en que el pueblo debe meditar, y el partido fundamentalmente, la grande y dura tarea que tiene, y la gran responsabilidad que ha asumido ante su conciencia revolucionaria, ante la historia y los revolucionarios del mundo.

Nace el partido hace 40 años, cuando en el mundo se sentía todavía con fuerza, y más en los países en vías de desarrollo, la crisis financiera de 1929 y 1930. Nace el partido cuando ya se avizoraba la amenaza del nazi fascismo, y

en nuestro país los grupos oligárquicos habían recuperado el poder y habían, como siempre, utilizado la represión frente a la justa demanda de los trabajadores. Ahí está Ranquil: represión a campesinos en la hora en que el partido empezaba a caminar por la senda revolucionaria.

38 Boletín del Comité Central N° 34-35 abril-mayo 1973 pág.2

Nace como una realidad; no nace para competir con un partido hermano que ya había escrito páginas de lucha y que era el heredero de la noble tradición de Luis Emilio Recabarren. (Aplausos). Teníamos una doctrina: éramos y somos un partido de trabajadores, fundamentalmente de la clase obrera. Un partido definido como antiimperialista y anticapitalista; un partido con una gran vocación nacional y patriótica, pero que ha mirado y mira fundamentalmente más allá de la clase obrera, para hacer realidad la tradición, como dijera Altamirano, de una América Latina independiente y unida, que levante su voz de continente frente al mundo.

Un partido que contribuye, junto con otros, a una etapa del proceso chileno que hizo posible la victoria de Pedro Aguirre Cerda en 1938. Muchos no han comprendido la etapa de este proceso y yo quiero señalar, desde luego que, siendo un avance extraordinario, la clase obrera, los trabajadores, no tenían la presencia que tiene hoy día la Unidad Popular. El Frente Popular representó la lucha de los sectores de izquierda para hacer en ese entonces la izquierda del capitalismo.

Hoy día la Unidad Popular ha llegado al poder para construir la nueva sociedad. Son los trabajadores los que tienen la hegemonía, y nuestra estrategia es construir el socialismo. (Aplausos). Somos un partido que ha tenido una vida muy intensa; hemos aplicado tácticas desafiadas a veces por la realidad; hemos sabido de las victorias y de las derrotas. De ambas hemos aprendido, y hoy, en estos 40 años, el partido está más aferrado, tiene más experiencia, está fundido en la historia de la lucha social de Chile. El Partido Socialista tiene conciencia de lo que es la Unidad Popular. ¡Hoy el partido es y será un pilar fundamental de la revolución chilena, antiimperialista, antioligárquica y antifeudal! (Aplausos).

Compañeros: 40 años de vida, 40 años de militancia. Ante ustedes lo he dicho, y debo repetirlo una vez más: todo lo que he sido y lo que soy se lo debo al partido, al pueblo, a la Unidad Popular. Y por eso es que, como Compañero

Presidente, en este aniversario vienen a mi mente los recorridos por la Patria y mi contacto con los trabajadores socialistas, con los compañeros de base del partido.

¡Cómo no recordar al minero o al pampino, al ovejero de las estancias magallánicas, al maestro primario, al obrero industrial, al hombre del carbón! ¡Cómo no recordar a aquellos que nunca pidieron nada, que no tuvieron jamás un puesto, que no reclamaron ninguna prebenda, que son y han sido la más esencial y granítica fuerza en que se levanta la moral y la voluntad revolucionaria del Partido Socialista! (Aplausos).

¡Cómo no recordar a nuestras compañeras que, luciendo sus blusas blancas y sus rojas corbatas, empezaron a organizar la Federación de Mujeres Socialistas, en horas tan duras para el pueblo y más duras para ellas! ¡Cómo yo, viejo militante, no he de rendir homenaje a los cuadros juveniles, a los muchachos del partido, aquellos que a veces le dan vida y calor por su voluntad de protesta, por su fe y su anhelo revolucionario! ¡Cómo no recordar a los militantes anónimos, y cómo no rendir homenaje a los mártires del partido, fundamentalmente a la juventud que escribió los nombres de Llanos, Bastías y Barreto, nombres incorporados a la historia de la lucha social, ejemplo de heroísmo y sacrificio! (Aplausos).

A los 40 años, el Partido Socialista forma parte del Gobierno de los trabajadores, y es el partido mayoritario de la Unidad Popular. Tiene características muy singulares y es difícil que haya, como lo dijera Carlos Altamirano, otro Partido Socialista, excepto en Norvietnam, que tenga las características y el ideal que tiene el nuestro. Y en estos 40 años, tenemos el orgullo y la satisfacción revolucionaria de que hombres representando a pueblos, a gobiernos y a movimientos populares, han venido de los cinco continentes para estar junto a nosotros.

Yo saludo en nombre del pueblo de Chile, yo saludo en nombre del Gobierno Popular, a los camaradas y amigos que alzan la palabra solidaria y fraterna de los cinco continentes del mundo. (Aplausos). Ha avanzado el Gobierno Popular hasta conquistar el Gobierno. En el mundo la fuerza socialista se ha vigorizado extraordinariamente, y por ello podemos decir también que tenemos confianza en las fuerzas populares revolucionarias; por eso, la más grande derrota del imperialismo la hemos podido vivir; y por ello, yo

rindo también el homenaje al pueblo de Vietnam y saludo con especial calor a los compañeros vietnamitas que están aquí. (Aplausos).

Y en nuestro continente los pueblos van teniendo cada vez más conciencia; la lucha por la liberación en cada país es de acuerdo con su propia realidad y va tomando contornos más definitivos. Y hoy podemos ver, es el caso de Panamá, cómo alzan la voz reclamando su independencia económica, y el pleno goce de sus riquezas. Y aquí, en América Latina, nosotros, en este aniversario, podemos decir que allá en el norte, que allá en la isla caribeña, se hizo posible la esperanza revolucionaria de Martí. ¡Saludamos a Cuba socialista de Fidel Castro! (Aplausos).

EL IMPERIALISMO, EL GRAN ENEMIGO DE AYER, DE HOY Y DE MAÑANA

En América Latina las grandes masas comprenden la etapa histórica que viven; toman conciencia del drama de los países en vías de desarrollo y saben perfectamente bien que el gran enemigo de ayer, de hoy, de mañana, aliado de las reacciones internas, es el imperialismo.

Chile, y el pueblo, deben entenderlo bien, en esta etapa en que vivimos ha marcado una actitud señera contra las plataformas del imperialismo, expresadas en la actitud de las grandes empresas transnacionales. La voz de la Unidad Popular, la voz del pueblo de Chile, la voz del Gobierno de los trabajadores, se ha levantado en la Organización de los Estados Americanos, en el Consejo Económico y Social. Se ha levantado en la III UNCTAD, se ha levantado en el más importante foro internacional, que son las Naciones Unidas.

Pero la voz de Chile ha encontrado eco y acaba de terminar el evento más importante, la Conferencia Mundial Sindical, donde los trabajadores del mundo, junto con traernos su palabra fraterna y revolucionaria, han levantado su decisión implacable de luchar contra la plataforma imperialista que representan las empresas transnacionales. (Aplausos).

Por eso, compañeros socialistas de Chile, militantes socialistas de Santiago, al cumplir 40 años de vida nuestra colectividad, y siendo pilar del Gobierno, y siendo militante del partido de ustedes el Compañero Presidente de la República, se acrecienta la responsabilidad del partido. Se hace más grande esta responsabilidad; hay que desatar la conciencia revolucionaria y

hay que entender claramente que hoy es el partido del Gobierno Popular, del Gobierno de los trabajadores. (Aplausos).

La Unidad Popular logra su victoria sobre la base de actuar frente a la realidad concreta de nuestra Patria. Esa ha sido la clave del éxito que nos ha llevado hasta el Gobierno. Es conveniente que el pueblo lo entienda: el camino de Chile es un camino distinto al que han tenido otras fuerzas que han alcanzado el poder y que han construido el socialismo.

Nosotros hemos caminado de acuerdo a nuestra tradición y a nuestra historia; estamos forjando el mañana dentro de los difíciles marcos de una democracia burguesa, y lo hacemos en pluralismo y libertad. Podemos hacerlo así, por las características de nuestro país y por hechos que tienen una connotación que el pueblo debe entender. Por ejemplo, las iglesias chilenas, la Iglesia Católica, no es una iglesia reaccionaria que no se abra a las grandes necesidades del pueblo. Las Fuerzas Armadas de Chile, son Fuerzas Armadas democráticas, es el pueblo con uniforme y lo demostraron claramente en octubre del año pasado. (Aplausos).

NO SE ABATE EL CAPITALISMO EN UNA SOLA JORNADA APOCALIPTICA

La clase obrera chilena tiene su propia y dura experiencia y una fuerte conciencia revolucionaria; dentro de esta realidad nace, para hacer victoriosa la Unidad Popular. Nuestra estrategia es construir el socialismo; nuestras tácticas, de acuerdo a las realidades que vamos confrontando. No se abate el capitalismo en una sola gran jornada apocalíptica; es como si estuviéramos frente a un campo de batalla; hay trincheras y trincheras donde el capitalismo va defendiendo sus ventajas y privilegios y nosotros hemos ido tomando esas trincheras.

Lo hicimos cuando recuperamos para Chile las riquezas básicas en manos del capital foráneo. Tomamos otra trinchera de la reacción cuando terminamos con el latifundio. Avanzamos otra trinchera, cuando nacionalizamos el cobre. Hemos alcanzado trincheras cuando las industrias estratégicas y los monopolios han pasado al área estatizada de la economía nuestra.

Y esto tiene que apreciarlo el pueblo, y esto tienen que entenderlo bien, mis queridos compañeros del partido. Por eso hemos seguido una ruta justa y

seguiremos avanzando. Lo haremos sobre la base de nuestra decisión irrevocable de cumplir el programa de la Unidad Popular.

Yo lo he dicho y lo sostengo: todo lo que el pueblo me ha enseñado está en la lealtad de hoy a la lucha por la independencia de nuestra Patria, y por la conquista de días mejores para las grandes masas preteridas: a la lealtad del pueblo responderé con la lealtad de un militante socialista, y como Presidente de Chile cumpliré implacablemente el programa de la Unidad Popular. (Aplausos).

Por eso, el pueblo y los socialistas deben ir valorizando cada paso, cada conquista, cada dificultad, cada derrota que las hemos tenido y el pueblo debe sacar experiencia de los hechos que son extraordinariamente trascendentes: el paro patronal sedicioso de octubre del año pasado y el resultado de las elecciones del 4 de marzo. Yo tengo la certeza absoluta de que nunca aprendió tanto el pueblo como en octubre del año pasado; aprendió lo que es la subversión patronal; aprendió cuáles partidos estaban con él y cuáles no; supo del desprecio de esa fuerza por el propio régimen democrático, que dicen defender; se dio cuenta de cómo se fabrica un clima falso en el campo nacional e internacional, cuando se trata de combatir un Gobierno de los trabajadores; distinguió claramente la mentira y la verdad, expresada en la prensa, en las radios, en los medios informativos.

Nunca el pueblo aprendió tanto, fundamentalmente de economía política. El pueblo supo de la importancia de los transportes, de las dificultades de nuestra infraestructura, de los puertos atochados; upo el pueblo que tenía que organizarse, entendió el pueblo que su gran barricada estaba en hacer que las fábricas no se detuvieran. Y el pueblo aprendió cuán fuerte es, y por lo tanto no se dejó provocar, cuando quisieron que el pueblo saliera a las calles para utilizar contra ellos la violencia que habría llevado a un enfrentamiento; el pueblo aprendió que si un empresario cerraba la fábrica, los trabajadores, los empleados y los técnicos leales a Chile y a la Patria, tenían que trabajar; el pueblo aprendió que industria que se cerraba, si el pueblo la tomaba para hacerla producir, era industria incorporada al patrimonio de todos los chilenos. (Aplausos).

El pueblo supo medir su poder. La importancia que tiene la clase obrera, la conciencia de los trabajadores, el trabajo voluntario de la juventud, fue un

factor decisivo en la historia. Los profesionales que organizaron el Frente Patriótico contribuyeron a dar los servicios que el pueblo necesita. Por ello, una vez más, el pueblo supo quiénes eran esencialmente partidarios de la libertad y quiénes eran adversarios de ella; quiénes auténticamente quieren profundizar y ampliar la democracia y quiénes usan esa palabra para defender sus privilegios cuando son Gobierno y abominan de ella cuando han sido derrotados, aun electoralmente.

LA GRAN LECCION DE OCTUBRE DE LA UNIDAD POPULAR: DERROTA DEL PARO SUBVERSIVO MAQUINADO POR LAS FUERZAS PROFASCISTAS Y REACCIONARIAS

Es la gran lección que nos deja octubre: la victoria popular, la derrota del paro subversivo en octubre, aplastando las fuerzas profascistas y reaccionarias. En octubre impedimos el caos económico haciendo producir la Patria; en octubre atajamos el enfrentamiento y la guerra civil. En octubre el Gobierno con las Fuerzas Armadas y de Orden y con los trabajadores, defendió a Chile y su futuro; en octubre demostramos nuestra fortaleza. ¡Vencimos en octubre y por eso también vencimos el 4 de marzo de este año! (Aplausos).

Por eso el pueblo debe meditar que fue justa la salida de un gabinete integrado por las Fuerzas Armadas, los partidos populares y representantes de los trabajadores. Ello permitió dar un plazo de 48 horas para empezar a normalizar el país; es una experiencia que ustedes no pueden olvidar y por ello es que se proyecta también por la extraordinaria importancia el 4 de marzo de este año. ¿Qué dijeron? Que iban a obtener los dos tercios. Querían, por la vía institucional, arrebatarles a los trabajadores su Gobierno, derrocar institucionalmente al Gobierno Popular, al Gobierno de ustedes. Fracasaron y seguirán fracasando.

EL 4 DE MARZO ES LA EXPRESION MAS ALTA DEL PODERIO DE LOS TRABAJADORES

Dialécticamente se entiende qué fue el 4 de marzo; porque ello es la respuesta de las conquistas alcanzadas; de la conciencia política de la mayoría de los trabajadores de nuestra Patria. El 4 de marzo, porcentualmente representa un avance extraordinario, pero cualitativamente es la expresión más

fuerte del poderío de los trabajadores y de la firmeza granítica del Gobierno Popular. 7

Por eso, ellos también, los enemigos de Chile y de ustedes, trabajadores, se pusieron en distintas y diferentes actitudes antes de la elección. Primero, acusarnos constitucionalmente, después de una aplastante derrota; pero también dijeron que si sacábamos más del 42 por 100 -y lo dijo en un documento la Sociedad de Fomento Fabril- no cabía otra salida en Chile que la guerra civil.

Por eso es que yo tengo la obligación de hacer meditar a los trabajadores de Chile que me escuchan, y señalar los peligros que nos amenazan y las horas difíciles que tendremos que pasar; peligros y amenazas que nacen de la desesperación de la reacción nacional e internacional, de los grupos oligárquicos que han perdido el Gobierno y perderán totalmente el poder; ellos pretenden provocar el caos económico y buscan el bloqueo institucional del Gobierno. Ya lo ha dicho el compañero Altamirano: proyectos fundamentales como el de Delito Económico, estancado en el Congreso; presupuestos despachados sin financiamiento; reajuste de la misma manera, lo cual constituye una palanca inflacionista que pesa extraordinariamente sobre los que viven de un sueldo y un salario.

LOS REACCIONARIOS CAMBIAN SUS TACTICAS: HOY ESTIMULAN EL ECONOMICISMO DE LOS TRABAJADORES

De allí entonces, que los trabajadores, y sobre todo los socialistas, tienen que darse cuenta de que los que propiciaron el paro patronal de octubre pasado, han cambiado sus tácticas y sus métodos. Y eso quiero advertirlo claramente frente a ustedes. Se trata ahora de estimular el economicismo de los trabajadores; se trata ahora de empujar sus reivindicaciones más allá de lo posible y de lo justo. Nosotros presentamos un proyecto de anticipo de reajuste que significa el 100 por 100 hasta los 5 sueldos vitales; ellos lo plantean para todos los sueldos. Saben perfectamente bien, que ese es un factor inflacionista extraordinario, sobre todo si no dan los recursos; y, sin embargo, levantan esta bandera porque pretenden crear más y más dificultades económicas al Gobierno Popular.

Hoy mido con inquietud las horas que podían haber significado un paro de los panificadores. He sabido de cerca lo que representaba la tentativa de hacer una huelga indefinida en la CAP. Lo que han hecho ayer tan solo en Chuquicamata; lo que quieren que se haga en El Teniente. Es decir, están buscando la manera de hacer posible que aquellos trabajadores que tienen menos conciencia política, menos conciencia de clase, puedan favorecer sus intenciones.

COMBATIR EL AUSENTISMO, LA IRRESPONSABILIDAD Y OTRAS LACRAS HEREDADAS DEL REGIMEN CAPITALISTA

Nosotros tenemos la certeza, la seguridad, de que el pueblo va a entender que la lucha que hoy día enfrentamos es la lucha contra la inflación; que el pueblo sabe que para atajar o apañar la inflación, hay que producir, hay que trabajar más. Por eso también, desde aquí yo digo que esta es una guerra contra el ausentismo, contra la falta de responsabilidad, contra la despreocupación, contra el alcoholismo, contra las lacras que han heredado del régimen capitalista, que solo una moral revolucionaria podrá superar. (Aplausos).

Por eso, a raíz del proyecto del Gobierno, importantísimo frente a la crisis educacional, de crear la Escuela Nacional Unificada, se levanta un torbellino que deforma las ideas. Se crea un clima de temor en aquellos que no tienen la cultura para entender el contenido justo de una iniciativa al servicio de Chile, y que pretenden movilizar a la Iglesia Católica contra el Gobierno de los trabajadores. Y cuando no lo consiguen, lanzan sus críticas y sus dardos contra el propio jefe de la Iglesia chilena, cardenal Silva Henríquez. Y más que eso, buscan crear la posibilidad de inmiscuirse en la disciplina de nuestras Fuerzas Armadas. Comentan deformando los hechos; mienten a través de la prensa y dan sus ataques más cobardes y envenenados contra un general de la República, que fue un gran ministro del Interior y vicepresidente, y que, como comandante en jefe del Ejército, el general Prats ha actuado dentro de la doctrina institucional de nuestras Fuerzas Armadas. (Aplausos).

SABER ENTENDER LO QUE ESTA PASANDO EN NUESTRA REALIDAD Y CUALES SON LOS INTERESES EN PUGNA

Pretenden movilizar a los estudiantes y buscan la violencia. Anda por ahí, golpeando las puertas de la reacción internacional, un conspirador, el señor Marshall que quiere todavía, desde fuera, buscar la posibilidad de lograr sus sueños subversivos, aliado con un hombre que debe estar años en la cárcel, por su complicidad con el asesinato del comandante en jefe del Ejército.

Todo esto constituye lo que el pueblo debe apreciar para reaccionar frente a estas cosas, y saber en definitiva cuál es el camino que tiene que recorrer para seguir avanzando con firmeza, con responsabilidad, sin premura y sin claudicaciones, sin afiebramiento y sin vacilaciones, camaradas. (Aplausos).

Necesitamos una mayor conciencia política para entender lo que está pasando en nuestra realidad y cuáles son los poderosos intereses en pugna. Necesitamos una menor rutina economicista; hay que entender que ha aumentado la demanda de bienes frente a una economía que no permite entregar la relación de producción con esa demanda.

Debe entender el pueblo, que necesitamos una mayor organización, y menos paros ocasionales. Debe entender el pueblo y esto no es transar, que los problemas no se solucionan tomando las viviendas de otros trabajadores, ocupando los caminos o las oficinas públicas.

Yo sé lo que es la movilización de las masas; yo sé lo que es un Gobierno Revolucionario, y la base fundamental la constituye el pueblo. Pero yo sé también lo que es la demagogia y la irresponsabilidad. Y los trabajadores de mi Patria tienen que tener conciencia de que estamos escribiendo un pedazo de la historia revolucionaria. (Aplausos).

MAYOR EFICACIA EN LAS EMPRESAS DEL AREA SOCIAL Y MAS VIGILANCIA EN EL FUNCIONAMIENTO DE LAS OTRAS

Por eso es indispensable que entendamos que es necesaria la mayor eficacia en la conducción de las empresas del Área Social y más vigilancia en el funcionamiento de las empresas que no pertenecen a este sector. La tierra tiene que producir más; el sector reformado tiene que entregarnos más alimentos. Este es el año del trigo, porque todavía importamos 1.200.000 toneladas. A los campesinos de mi Patria, a los campesinos socialistas, yo les digo que este año tenemos que hacer que la tierra produzca más trigo, porque

el trigo es el pan; el pueblo de Chile debe comer el pan de su propia tierra, con el sudor de sus propios compañeros campesinos. (Aplausos).

Tenemos que producir más hierro, más cobre; tenemos que producir oro, ya que este metal ha alcanzado gran valor; *necesitamos un mayor control en la distribución de los productos. Órganlo bien, aquellos que creen que yo a veces vacilo; hay que fortalecer el poder popular, los Centros de Madres, las Juntas de Vecinos, las JAP, los Comandos Comunales; hay que fortalecerlos. Hay que fortalecer los cordones industriales, pero no como fuerza paralela al Gobierno, sino como fuerza popular junto a las fuerzas del Gobierno de ustedes, del Gobierno Popular.* (Aplausos).

Yo les digo a los trabajadores y a los militantes de los partidos, a cada hombre del pueblo que tiene un domicilio político, que junto con ser un defensor de la revolución y del Gobierno, debe ser un militante de las fuerzas del poder popular, que el pueblo ha ido creando como consecuencia de su propia experiencia. Pero separar al militante del Gobierno y del partido popular, del compañero que forma parte de los poderes populares creados por ellos mismos, es enfrentar a trabajadores contra trabajadores; y eso es quitar la fuerza del pueblo. Necesitamos más unidad dentro de la Unidad Popular; necesitamos más unidad para usar un lenguaje revolucionario que sea entendido y necesitamos llamar a la fuerza revolucionaria que no está en la Unidad Popular, para que junto con nosotros avancen con la responsabilidad histórica para hacer la revolución socialista, camaradas. (Aplausos).

LA UNIDAD POPULAR ES EL INSTRUMENTO POLÍTICO DE LOS TRABAJADORES CHILENOS

Pero entendiendo honestamente que el instrumento político de los trabajadores chilenos es la Unidad Popular. La experiencia enseña que tenemos que tener un comando homogéneo, que necesitamos una convicción política única, que necesitamos una conducción económica también única, camaradas. Por eso yo le doy extraordinaria importancia al Congreso de la Unidad Popular, que creo debe realizarse en 30 o 40 días más. Cada militante del partido, cada núcleo del partido, cada seccional del partido, cada hombre de la Unidad Popular, cada mujer de la Unidad Popular, cada muchacho de la Unidad Popular, debe entender que en este Congreso debe salir el Comando

único, político y económico y la decisión de trabajar por el programa de la Unidad Popular, del pueblo, compañeros. (Aplausos).

Por eso, en este aniversario, reitero mi fe en el partido, fuerza fundamental e irremplazable, como integrante de la Unidad Popular. Necesitamos un partido cada vez más endurecido, con una unidad orgánica monolítica y con una unidad ideológica también monolítica; con la más amplia democracia interna una vez trazada la línea del partido; con la más absoluta lealtad al camino que voluntariamente el partido, a través de sus congresos, de sus directivas, ha trazado.

Necesitamos un Partido Socialista que sea un ejemplo de unidad para el resto de las fuerzas populares. Hemos conquistado el Gobierno. No solo los socialistas; lo hemos conquistado con la fuerza de los otros partidos, y la Unidad Popular debe ser fortalecida en entender definitivamente que, respetando, apreciando y sabiendo perfectamente bien el aporte de las otras fuerzas no marxistas, la revolución chilena se consolida, se profundiza, avanza, para que construyamos el socialismo. ¡Necesitamos que sea cada vez más sólida, más fraterna, más justa y profunda, la unidad socialistacomunista, trabajadores chilenos! (Aplausos).

Por eso afirmo, compañeros, mi fe en ustedes, como el viejo combatiente que en las horas de cansancio recibió la savia joven que entra al partido y que trae la fuerza incansable de los muchachos socialistas. Reafirmo como Compañero Presidente mi fe en mi partido y en la Unidad Popular. ¡Con la Unidad Popular vencimos, con la Unidad Popular, venceremos, camaradas! (Aplausos).

SEXTA APARIÇÃO DE SALVADOR ALLENDE: 1h31'31

(Cena utilizada na abertura de “Memória obstinada” – *“através da Rádio Voz da Pátria, o primeiro trabalhador da nação se dirige a vocês, o presidente da República Salvador Allende Gossens”*)

PÁG. 399-411

PALABRAS DEL PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA, COMPAÑERO SALVADOR ALLENDE GOSSENS, PRONUNCIADAS EN EL ACTO DE

*SOLIDARIDAD AL GOBIERNO, DECRETADO POR LA CENTRAL ÚNICA DE TRABAJADORES, 21 DE JUNIO DE 1973.*⁵⁶

Trabajadores de Chile; Queridas compañeras y estimados compañeros; Compañeros dirigentes nacionales de la Central Única de Trabajadores, y de la Confederación de Trabajadores del Cobre; Compañeros y amigos, dirigentes de los partidos integrantes de la Unidad Popular:

¡Aquí está el Pueblo! ¡Aquí late el corazón de Chile, porque es el corazón del pueblo! ¡Aquí se siente la historia! ¡Aquí estamos afianzando nuestro derecho a construir un porvenir de justicia y libertad, de abrirnos paso hacia el socialismo! Sostengo que nunca en nuestra historia hubo un acto de la magnitud, del significado y del contenido de este.

Materialmente ha habido que innovar todos los métodos, para poder tener siquiera, y aproximadamente, una dimensión de la extraordinaria, combativa y enorme multitud que llena las calles Moneda, Agustinas, Amunátegui, Ahumada, Morandé, Huérfanos, Teatinos, gran parte de Alameda, parte de la Avenida Bulnes. Y todavía no ha podido llegar la columna que partiera de Tajamar, al igual que la de Vicuña Mackenna. ¡Jamás en la historia de Chile el Pueblo estuvo más combativo y presente! (Aplausos).

Aquí no solo está la presencia física, sino la voluntad revolucionaria, responsable, consciente, de cientos de miles, de más de medio millón de santiaguinos, que como a lo largo de la Patria y en otras provincias, está diciendo en su lenguaje duro de trabajador que no permitirá que la insolencia fascista avance en nuestra Patria. Aquí ha habido lágrimas de alegría y lágrimas de trabajo y de piedra. Aquí está la Patria en el crisol esperanzado de su decisión revolucionaria.

¡Aquí estamos para decir que nada ni nadie impedirá que avancemos en el mandato histórico de hacer efectiva y real la independencia económica de Chile y su plena soberanía! (Aplausos).

Nos reunimos los que defendemos a nuestra Patria, los que construyen y seguirán haciéndolo, los que anhelan afianzar y ampliar nuestra democracia y vitalizar el proceso revolucionario nuestro. Están aquí y han parado las faenas, las industrias, las usinas, las empresas, los servicios públicos, parte de los hospitales, para expresar su solidaridad con los trabajadores de El Teniente

que están laborando en este instante, para reafirmar una vez más su decisión de lealtad al pueblo de Chile y al Gobierno Popular de ellos. (Aplausos).

Ya lo dijo el compañero Godoy: han tenido que decir que ellos también iban a pararse. Ya se los grité en octubre del año pasados ¡Solo los trabajadores, los campesinos, los obreros, los empleados y los estudiantes, fundamentalmente la clase obrera, puede parar un país y esta es la demostración que en estos instantes estamos haciendo! (Aplausos).

En su tenebrosa desesperación, en algunos titulares, de los diarios se dice también que este acto extraordinario, sin precedentes está destinado a hacer una advertencia a las Fuerzas Armadas, a las Fuerzas de Carabineros e Investigaciones de que el pueblo seguirá adelante. Se engañan. No puede ser ese el contenido de este acto. Una vez más mistifican y mienten. Chile sabe que por tradición y por historia, las Fuerzas Armadas de la Patria jamás utilizarán las armas que el pueblo les ha entregado, contra el propio pueblo. (Aplausos).

Esta es una expresión de protesta y rebeldía. Una concentración masiva como nunca antes la hubiera, contra los que buscan el caos y el desorden como táctica política, para defender el sistema capitalista que tantos privilegios y granjerías le dieran a un sector reducido de nuestros conciudadanos. Este acto es una expresión muy clara contra los fascistas y contra aquellos que, consciente o inconscientemente, colaboran con ellos.

Contra aquellos que destruyen por destruir; contra aquellos que siguen haciendo lo que empezaron antes de las elecciones presidenciales del año 1970; contra los que del cuatro de septiembre al 3 de noviembre utilizaron el ataque directo, el sabotaje, la dinamita, para impedir que el pueblo fuera Gobierno; contra los que llegaron -y hay que repetirlo y repetirlo para que se pese lo que eso significa- hasta el asesinato del Comandante en Jefe del Ejército, General René Schneider. Son los mismos. Son los de siempre. Son los que hace pocas horas atentaron contra el Edificio de la Cultura, que lleva el nombre de la gran poetisa inmortal Gabriela Mistral. Ese es el símbolo del fascismo: el odio a la inteligencia y a la cultura; son aquellos que en estos días han desatado una acción vandálica. El pueblo debe escuchar: jueves 14. Enfrentamiento con Carabineros en el Puente Maipo, tratando de hacer una marcha no autorizada, encabezada, por desgracia, por un grupo de mineros.

Un tractor cargado con dinamita. Dos vagones de ferrocarriles fueron incendiados. Ese mismo día robaron los explosivos del campamento de vialidad Embalse Alcoa para usarlos contra los trabajadores seguramente. Viernes 15. Los fascistas desatan asonadas, apedrean negocios, impiden las clases del Liceo de Niñas. En Santiago hacen lo mismo. Hay 74 heridos y un muerto a bala; un joven estudiante a cuya memoria rendimos el homenaje que merecen los mártires: Milton da Silva. Ese mismo día, ocupación de la Universidad de Chile, y allí se trató de provocar un incendio intencional. Se realizó, como lo dijera, el asalto a la UNCTAD, y además a la Corporación de Obras Urbanas.

En Antofagasta, los grupos fascistas apedrean la Intendencia. 14 detenidos.

El día sábado 16, en Linares, bombas contra el Partido Socialista.

En Calama, 300 personas intentan un desfile y atacan la Gobernación. 6 detenidos.

Melipilla. 100 fascistas bloquean el tránsito; son los mismos de Patria y Libertad. Dos socialistas heridos a bala, uno grave.

Rancagua. Bomba contra la torre de ENDESA.

El Ejército desmonta el dispositivo.

Santiago. Barricadas y avanzadas en la Alameda, Carabineros tienen que intervenir, once lesionados y doce detenidos.

Se dijo que se había usado la fuerza pública, con una violencia tal, que había más de doscientos heridos graves y cuatro muertos. No hubo un solo herido grave. No hubo un solo muerto. Y, sin embargo, las radios reaccionarias y contrarias al Gobierno propalaron insistentemente estas noticias para crear inquietud en la población.

Domingo 17. Asalto al local del Partido Socialista en Quinta Normal: 7 lesionados, un compañero socialista herido a bala, grave. Asalto al local del Partido Socialista de Barrancas, heridos a bala dos socialistas.

Bomba en el Campamento que lleva el nombre de una hija mía, -Tati Allende-. Desde un auto balean la sede del Partido Comunista de Ñuñoa. Herido a bala un joven de la JJ.CC.

Concepción. El día lunes, incidentes contra la Intendencia.

Santiago. Baleada la casa del periodista José Miguel Varas. Se destruyeron los vidrios de la pieza de la hija menor del Ministro Secretario General de Gobierno.

Osorno. Bomba en el edificio del Estanco Automotriz. Asalto en Osorno a las Sedes de los partidos Comunista y Socialista. Dos heridos a bala, comunistas, 3 socialistas.

Martes 19. La concentración auspiciada por la Democracia Cristiana, termina en incidentes. Se lanza dinamita en pleno centro. Se levantan barricadas -como siempre- en Providencia. Dos fascistas heridos con dinamita que les explotó en sus propias manos. Se vuelve a atacar el edificio de la UNCTAD.

Concepción. Heridos dos Carabineros y un soldado. El Comando Rolando Matus ataca a manifestaciones de izquierda; dos jóvenes de izquierda heridos a bala.

Rancagua. Nuevos incidentes fascistas.

Miércoles. Órganlo bien, en Valdivia, se apedrea el edificio de la Intendencia. Dos jóvenes de izquierda heridos.

Santiago. Bomba en Canal 7. Allí se encontraba un Ministro ocupando un espacio televisivo.

Jueves. Hoy, hoy en la mañana, a las dos de la madrugada, bomba en una casa de protocolo donde estuviera alojado, entre otros, Osvaldo Dorticós hace apenas unos días. A las 2,30 AM bomba en la Sede del Partido Socialista, de la Séptima Comuna.

A las 7 AM bomba en la casa del Agregado Comercial de la Embajada de Cuba. A las 7,30 AM bomba en la Oficina Comercial de dicha Embajada.

He reseñado, frente al pueblo estos hechos, ante la conciencia de Chile, para que se vea quienes desatan la violencia, el terrorismo. Quienes usan la dinamita y los explosivos. Reafirmo aquí, -como lo dijera en pleno Congreso Nacional cuando leyera la parte política del Mensaje. ¡Como Presidente de la República, como militante del Partido Socialista y de la lucha social, combatiré implacablemente al fascismo, penetraremos en sus madrigueras, aplastaremos su insolencia, defenderemos a Chile, Compañeros! (Aplausos).

Pero sepan, con la unidad combativa del pueblo, con la decisión de las Fuerzas Armadas y de Orden -que tienen que acatar por mandato histórico la

Constitución y la Ley- levantaremos una barrera infranqueable a las turbias maniobras de los fascistas y los reaccionarios que los apoyan.

Sí, Camaradas, reafirmo el grito de Uds., ¡luchando y creando Poder Popular, pero poder del Pueblo, no Poder Popular separado del Gobierno del Pueblo! (Aplausos).

Esta es una demostración contra los que buscan la Guerra Civil, contra los que colaboran con los bastardos intereses imperialistas contrarios a Chile.

Se ha dicho que este es un paro del patrón Estado, que hemos obligado a los trabajadores a venir. Como no conocen a los trabajadores, con qué derechos los injurian y los calumnian. Aquí han venido Uds., - repito- en el número más grande de concurrencia que jamás tuviera un acto público, a pesar de que la movilización colectiva particular paró, lo que ha impedido que miles y miles de compañeros y compañeras que viven en las poblaciones marginales estén aquí, en el centro de Santiago. Están lejos materialmente, pero están con Uds., con voluntad de combate dispuestos a vencer, Camaradas. (Aplausos).

Han dicho que soy responsable del orden en Santiago. Hoy día los mismos que callan los atentados que he leído, que silencian las maniobras tenebrosas del fascismo, dicen que hoy yo soy el responsable del orden. ¡Hoy día! Sí, soy el responsable del orden. Y lo soy sin tener que movilizar, un número crecido, extraordinario de las Fuerzas de Carabineros e Investigaciones. El orden lo mantiene el Pueblo, lo mantienen Uds. porque dan la señal y la demostración que nunca han entendido. El Pueblo no quiere la violencia. No la necesita. Nunca hubo un acto nuestro en que destruyéramos un vidrio, abolláramos un automóvil o nos lanzáramos contra un edificio. Pero que lo sepan: en la tranquilidad del pueblo, en su presencia responsable está la gran reserva. Que lo entiendan de una vez por todas: si desatan la violencia contrarrevolucionaria, utilizaremos las fuerzas que tiene el Estado y la fuerza de refuerzo del pueblo. ¡Utilizaremos la fuerza revolucionaria! (Aplausos).

Se reunieron el martes pasado un número cercano a 80 mil personas, ahí en la Avenida Bulnes. Autorizamos su concentración, movilizamos las Fuerzas de Orden, aunque no era necesario, para que no hubiera ninguna, provocación.

Terminado el acto, lanzaron dinamita y ya lo he dicho, atacaron por segunda vez el Edificio de la Cultura de Santiago; lo hicieron los grupos de la

alta burguesía y de la oligarquía chilena; llenaron, repletaron de autos las avenidas cercanas a las calles Bulnes. Dijeron también que se concentraban para defender la libertad de prensa y de información.

Se referían especialmente a que el Gobierno había tomado medidas para impedir que siguiera saliendo el Canal que ellos denominaban número 6. Decir que en Chile hay que defender la libertad de información y de prensa es un cinismo increíble; han abusado de esta libertad de prensa hasta convertir en un libertinaje el ejercicio de ella. Nosotros solo hemos recurrido a los Tribunales de Justicia, que por lo demás siempre han dejado en la impunidad a los mercenarios que calumnian, mienten e injurian al Gobierno del Pueblo y al propio Presidente de la República.

Pero decir que nosotros hemos vulnerado la autonomía universitaria no es efectivo. Hemos hecho respetar la autoridad del Gobierno. Además, es penoso ver como inclusive aparecen contratados como profesores universitarios cácher de profesión, matones de oficio. ¡Hasta eso hemos llegado!

Y allí, en ese Canal 6, había 20 o 30 bombas molotov, dispositivos sumamente potentes; había armas, balines, bombas, todos elementos que usa el fascismo y lo calla, a pesar de que ha salido publicado en la prensa de izquierda. Han actuado igual que como actuaron en Concepción, en el canal que llamaron 5 de la Universidad Católica.

Y allá llegaron al extremo de robarse bienes fiscales destinados a impedir que ese canal pirata saliera. Y allá llegaron hasta el asesinato de un obrero que vivía a los pies del edificio donde estaba lo que había, colocado y levantado por los Servicios Eléctricos.

No pueden protestar, porque este Gobierno no ha atropellado ni atropellará jamás la Autonomía Universitaria. Pero que lo sepan, ¡haremos respetar la autoridad, y en este país hay un Gobierno y un Presidente de la República que tiene la obligación de hacer respetar las leyes! (Aplausos).

Pero llegan, compañeros, en su audacia hasta hacer creer que la gente, que ustedes compañeras, van a "comulgar con ruedas de carreta" que ustedes se van a tragar una píldora del porte del San Cristóbal. Fíjense ¡quién es el vocero de los mineros que están en paro! El Mercurio. Ocho columnas, cinco columnas, tres columnas, ocho columnas de nuevo.

Durante dos meses ha estimulado la huelga, estimulando el paro, pidiendo solidaridad, soñando que se iban a detener las faenas de Chuquicamata, de la Andina, de la Exótica, de El Salvador. Utilizando todos los medios, ¿para qué? Para que ese paro no terminara. Diciéndole prácticamente a los obreros, equivocados algunos, errados muchos, comprometidos quizás también algunos pocos, que no aceptaran las soluciones, cinco soluciones que ha entregado el Gobierno a conocimiento de ellos, después de haber mediado la FECH, la CUT, la Confederación del Cobre. No nos hemos negado ni siquiera al dialogo con los que representan a los trabajadores en paro. Pero hay un propósito, una intención. Ellos han creído que ahora podrían empezar un nuevo paro como el de octubre del año pasado, afianzado en un sector de los trabajadores de Chile. Y este hecho hay que denunciarlo, porque buscan que se enfrenten trabajadores contra trabajadores.

Por eso compañeros, es que hay que pensar. El diario que forma parte de una empresa comercial e industrial, que pertenece a un hombre que se arrancó de Chile al día siguiente de la victoria del 4 de septiembre; a un hombre que está empleado como vicepresidente ejecutivo de la Pepsi-Cola. Buen puesto encontró, y muy apropiado a sus condiciones. (Risas).

Pues bien, esto debe entenderlo el país. Ese es el diario que día a día, minuto a minuto siembra el odio desfigurando la imagen de este Gobierno, haciendo creer que aquí las hordas marxistas son las que mandan, que el régimen es totalitario, que el Presidente de la República es un prisionero del Partido Comunista. Ni siquiera cuando estuvieron las Fuerzas Armadas en el Gabinete de noviembre dejaron de motejar a este Gobierno como Gobierno marxista, para crear una imagen distorsionada de lo que somos y lo que seremos. El Pueblo debe entender entonces que un hombre arrancado de Chile, era Presidente de un Banco, que la Contraloría General de la República tuvo que cursar el decreto de liquidación de este Banco que estafo en 7 millones de dólares a Bancos Americanos. Esa es la manera de actuar. A través de ese diario lanzan la panacea, el pensamiento, la agresividad, la lucha contra ustedes y contra nosotros.

Pues bien, que lo sepan. Nada ni nadie va a detener la fuerza consciente, disciplinada, de los trabajadores de Chile. Y si aceptamos que

procedan como lo hacen, es porque hemos dicho que somos respetuosos de la Constitución y la Ley.

Pero les advierto que no prosigan, porque bien lo dijo Godoy, desatada la violencia no van a escapar ellos al justo castigo del pueblo. Ellos pretenden la Guerra Civil. Nosotros queremos evitarla, no por temor, sino porque sabemos que la Guerra Civil destruye la economía de un país, quiebra la convivencia social, lanza amigos contra amigos, padres contra hijos, hermanos contra hermanos. No por temor, sino por conciencia, por responsabilidad, por patriotismo, por sentido humano y por convicción revolucionaria. ¡Derrotaremos a los que pretenden la Guerra Civil y aplastaremos a los fascistas! (Aplausos).

Yo estuve ayer en el Mineral de El Teniente. Fui a conversar con los técnicos, los obreros y los empleados que allí hay.

Constaté que la producción se ha mantenido en un nivel promedio de un 45% de la producción normal. Me impuse de la eficiencia y de la amenaza que puede significar que se detenga la producción, que no llega luego el petróleo, que no se envían los camiones que saquen de la fundición el metal. Constaté que no había ningún horno que no estuviera funcionando, que se está terminando la construcción del tercero. Me prometieron los compañeros allí que harían todo lo posible para que, en el mes de la Patria, en septiembre, estuviera terminado este horno que permitirá aumentar en un 12 o 15 por ciento la producción.

Pedí las cifras, que les entrego a Uds., en los tres turnos de ayer. Ayer trabajaron 4.604 obreros. En esos tres turnos, antes del paro, trabajaban 6.165 obreros.

Es decir, están trabajando ahora el 75% de los obreros. Empleados, en el día de ayer trabajaron 919; en tiempo normal trabajan 3.602 empleados. Es decir, trabaja un 25% de los empleados. En números redondos, tomando a los obreros en su conjunto, han trabajado ayer 58% de los que viven y laboran en ese mineral. Por lo tanto, queda en evidencia quienes no respetan la democracia sindical y queda claro y por desgracia, que son un grupo de empleados los que pesan fuertemente en los que están en paro, no así los obreros que en un número de 75% están entregando con calor, con fe, con energía su capacidad. Compañeros de Santiago, trabajadores de Chile: ayer no fui a sembrar el odio contra los que están en paro. Fui a ver a los que están

trabajando para entregarles a nombre de Uds., la conciencia solidaria de los trabajadores de Chile. Y recibí de ellos una gran lección, la lección de lealtad a la Patria, a la clase obrera, a la conciencia revolucionaria de un pueblo. (Aplausos).

Hay que medir la proyección que tiene el hecho de que se haya creado este problema artificial. Digo artificial porque según se ha expresado reiteradamente, nació de una interpretación legal que hace el abogado de los trabajadores en paro. Nosotros propusimos que fueran a consultar a la Contraloría, a la Junta de Avenimiento, y al Poder Judicial. La Contraloría se declaró incompetente. La Junta determinó en contra de la interpretación del abogado de los trabajadores. Y no han recurrido al Poder Judicial.

Ahora les digo, antes del Paro conversé durante casi 3 horas con los 45 dirigentes de la zonal El Teniente. Les di las razones nacionales e internacionales. Les hice ver que, a mi juicio, era un error que nombraran una comisión partidaria. Que si había dificultades yo sería el árbitro final. Les hice ver que una huelga en el cobre creaba la sensación exterior de que los propios trabajadores no entendían el proceso de nacionalización y lo que representaba lo recuperado para el pueblo y para Chile: las riquezas básicas en manos del capital extranjero. Les hice ver el perjuicio, en los momentos en que carecemos de las divisas necesarias para traer lo que Chile necesita en insumos, materias primas, medicamentos y repuestos. Argumenté como compañero frente a compañeros y fracasamos.

Por eso, hay que destacar que cinco fórmulas también han sido rechazadas. Cinco fórmulas de arreglo, y la mediación de organismos tan importantes como la Confederación de Trabajadores del Cobre. Lo que se pretende es propagar en otras empresas, en otras industrias, paros. Lo que se busca es la adhesión, ahora también de los transportistas, del comercio, de los Colegios Profesionales. Buscan un nuevo octubre; pero, afianzado -como lo dije hace un instante- en pequeños focos donde esté presente y equivocado un sector de trabajadores. Pero se equivocan, ¡Vencimos en octubre y venceremos toda tentativa de paro o todo paro que se provoque! (Aplausos).

¿Cuál es el objetivo principal? Crear las condiciones para el enfrentamiento; para la Guerra Civil. La Guerra Civil no depende tan solo de la voluntad de algunos hombres, sino que pesan, y mucho, las condiciones

materiales que arrastran la propia voluntad de mucha gente que ha estado y estaría siempre contra la Guerra Civil, como pensamiento individual.

Por eso es que ellos maniobran de tal manera. Y el pueblo debe entenderlo. Anhelan encontrar una crisis del Estado. Su primera manifestación está en proceder de tal manera, que haya enfrentamiento entre los Poderes Públicos. El Congreso, es la barricada desde donde han actuado para maniatar al Gobierno Popular e impedir que cumpla su Programa.

Reformas Constitucionales tramitadas, a nuestro juicio, con el apoyo del pasado, de la Constitución y de la Ley, tramitados inconstitucionalmente y pretenden que se promulguen como ellos han despachado. Presupuestos sin financiamiento. Ley de reajuste, de igual manera. Despachos de leyes fundamentales, como es la del delito económico, el Ministerio de la Familia, el Ministerio del Mar. Allí están durmiendo iniciativas legales inclusive.

Aparentemente dicen que las leyes no les preocupan, como aquellas destinadas a impedir las tomas en forma irregular, que muchas veces y equivocadamente algunos compañeros hacen. Pero hay que recordar que entre el 4 de septiembre y el 3 de noviembre, cuando todavía ellos estaban en el Gobierno, se ocuparon tres mil departamentos y casas.

Incluso enviamos una ley y esa ley no ha sido despachada por el Congreso. De allí entonces que se levante férreamente el bloqueo legislativo, las acusaciones contra Ministros, Intendentes, Gobernadores. Nunca antes en la historia de Chile fueron acusados más Ministros. Nunca antes se torcieron las disposiciones constitucionales que no permiten acusar a los Ministros desde el punto de vista político. Pero hay más. Se busca negar los valores cívicos e institucionales. Una sociedad está basada en el respeto a la autoridad legal, en el respeto a las atribuciones de los órganos del Estado, en el respeto a las opiniones y creencias discrepantes. Y nosotros lo hemos cumplido a cabalidad. Por eso hice referencia a la libertad de prensa que existe en Chile, y no hago referencia a nuestro respeto a las creencias que nadie ha tenido la insolencia de decir que el Gobierno del Pueblo no ha respetado y respetará el derecho de cada hombre y cada mujer chilena a tener la creencia religiosa que más se avenga con sus convicciones íntimas.

(Aplausos).

Una sociedad persiste cuando hay respeto a las resoluciones democráticas expresadas por el pueblo; cuando lo haya por la dignidad las personas, aunque se critique su acción política. Estos son los valores de la convivencia nuestra. Luchamos por que sea una realidad, pero ellos quieren vulnerarla. El Pueblo debe medir hasta dónde se ha llegado. Tengo aquí y lo voy a resumir muy brevemente, y óiganlo en silencio, una declaración, o mejor dicho un manifiesto del Partido Nacional. El titular de este manifiesto publicado en todos los diarios de oposición dice: "Don Salvador Allende ha viciado su mandato presidencial, por ilegitimidad en el ejercicio de su cargo"; parte de lo que ahí se afirma el pueblo debe escucharlo: "Quienes aún creen que el mandato del Sr. Allende no está viciado por la ilegitimidad de su ejercicio, tienen ahora la prueba definitiva de que la validez de este mandato ha terminado". Eso es sedición y sedicioso. "A la luz del derecho y la moral nadie está obligado a respetar ni obedecer a un Gobierno que deja de ser legítimo". Esto es sedicioso y tentativo de sedición. "La grave agresión de que es víctima la nación chilena por la acción desbastadora de un Gobierno totalitario e inmoral no pudo ser prevista por el poder constitucional, por el poder constituyente al dictar las disposiciones en la Carta Fundamental. Deberá llevar al Congreso Nacional a considerar la ilegitimidad de ejercicio en que, a nuestro juicio, ha incurrido, el Gobierno de la Unidad Popular". ¿Quiénes se salen de la Constitución? ¿Quiénes se salen de las leyes? ¿Quiénes impudicamente plantean la ilegitimidad de un Gobierno elegido por el pueblo, respetado por las Fuerzas Armadas y que tiene el apoyo que Uds. le dan con su calor, su voluntad y su decisión? Que lo sepan y pido desde aquí -y tengo derecho a hacerlo- porque está en juego la paz y la tranquilidad de Chile- que la Democracia Cristiana se pronuncie sobre este manifiesto. Es conveniente que sepamos todos a qué atenernos. Mientras tanto haremos un último intento; presentaremos una querella en contra de la directiva del Partido Nacional; si hay justicia en este país debe ir a la cárcel. (Aplausos).

De la misma manera, presentaremos ante los Tribunales la querella necesaria o la demanda para que Patria y Libertad sea declarada asociación ilícita. (Aplausos).

Y mientras se tramita eso ante los Tribunales, tomaremos todas las medidas administrativas y policiales para aplastar la insolencia fascista de Patria y Libertad. (Aplausos).

Además de lo que he dicho, hacen denodados esfuerzos por presentar a las Fuerzas Armadas con su disciplina quebrada; hacen lo mismo con Carabineros o Investigaciones. Que ha pasado tal cosa en el grupo 7, en el grupo 10; que hay 60 Carabineros detenidos; que hay quiebra en la autoridad de las Comisarias; han atacado y siguen atacando al General Prats por haber sido Ministro del Interior y Vicepresidente de la República. No les importó que estuvo en el extranjero cumpliendo una tarea muy importante, al igual que lo hiciera el Almirante Montero. En ausencia del General Prats lanzaron los más innobles ataques en contra del Comandante en Jefe del Ejército chileno. Esta es la actitud, así proceden los que hablan de democracia y libertad. Incitan al odio y buscan la exacerbación de los más bajos instintos. Tengo aquí a mano un documento que el pueblo seguramente no ha leído porque por higiene creo que no lee La Segunda. Aquí está: Repudio agresivo a la Unidad Popular no es un decálogo. Hay 9 puntos. Voy a leer uno, dos o tres de ellos: "En caso de producirse corte del alumbrado público, tener neumáticos para hacer encendidos e iluminar así las calles, evitando el pillaje y el terrorismo que el Gobierno y la CUT, pretenden descargar con su paro".

Pero hay un párrafo que es muy grave, y yo puedo medirlo, sobre todo, porque además de ser abuelo soy médico.

"No salir de sus casas, poniendo especial cuidado en sus niños, que no podrán jugar o permanecer en los jardines exteriores, sino en las habitaciones o patios interiores". Crear una psicosis de terror en las mentes de los niños, inculcar la idea de que el pueblo es capaz de agredir a los niños, hacer sentir miedo a los niños. Esa es la suprema cobardía que desborda el control que debo tener en mis palabras. Gente que así procede no tiene instinto de padres, debían de respetar ellos como respetamos nosotros a sus niños y no envenenarlos prematuramente contra Chile y su Pueblo. Son los mismos que dijeron antes del 53, los que lo dijeron el 64, los que lo repitieron gangosamente el 70: "si gana Allende, le van a quitar los niños a sus madres, los van a mandar a la Unión Soviética o a Cuba". Mintieron antes, mienten ahora.

Envenenan la juventud, cuando les he dicho que el pueblo y el Gobierno lo único que quiere es defender el futuro de Chile que está en los niños de la Patria, camaradas.

Piensen Uds. cómo mienten y como calumnian y como quedan en la impunidad sus mentiras y sus calumnias. Segundo: "Guardar los automóviles en el interior, preferentemente con la parte delantera hacia la calle, listos para arrancar o listos para agredir". Habría que preguntarles que pasa con los autos que tienen motores atrás. (Risas).

Fíjense en lo que dicen: "mantener la serenidad en todo momento, porque con estas medidas se entregará la ciudad muerta a los activistas y terroristas de la Unidad Popular, con lo cual se evitarán los enfrentamientos a que el Gobierno quiere obligar a la ciudadanía". Fíjense Uds., una ciudad muerta. ¿Cuándo tuvo más vida el centro de Santiago? ¿Cuándo tuvo más existencia humana? ¿Cuándo tuvo más calor de Chile y de chilenidad que ahora?

Ellos llaman una ciudad muerta, porque los trabajadores, porque las mujeres de las poblaciones marginales, porque los niños hijos del pueblo, pasan por las calles céntricas. Nunca tuvo Santiago más vida que ahora. ¡Los muertos son ellos, espiritual y moralmente, camaradas!

Buscan la crisis económica. Saben que hay factores externos poderosos, como ha sido la baja del precio del dólar, el alto nivel que tiene nuestra deuda externa, la limitación de los créditos en los bancos particulares y aun de los bancos internacionales de los cuales somos socios. Saben que hay factores internos. La falla de la infraestructura nacional, la baja producción agrícola, el hecho de que hayamos hecho una política de redistribución de Ingresos, que haya 600 mil chilenos que antes no tenían qué comprar, y que hoy siquiera pueden comer lo básico y lo mínimo. Todos lo saben. Pero buscan acentuar las dificultades que estamos viviendo y que no oculto frente al pueblo, que son graves, compañeros, por una inflación que puede ser galopante. Ya me referiré a ella en pocos segundos más.

Buscan con paros artificiales desarticular la producción, de la misma manera que lo hacen con la distribución: acaparamiento, especulación, mercado negro. Pregúntese el pueblo, ¿por qué el segundo piso de la

Universidad Católica está repleto de cajones con alimentos? ¿Por qué han desfilado camiones a Rancagua llenos de alimentos?

¿Dónde estaban esos alimentos, quien los tenía acaparados, en que bodega de la burguesía se encontraban? Ahí está la respuesta. Hemos dicho siempre que ellos han desatado una sicosis aprovechándose del proceso inflacionista, que ellos todavía tienen un espeso poder de compra, que si necesitan uno compran 10 y al día siguiente vuelven a hacerlo, porque ellos tienen dinero suficiente para hacerlo y porque el Congreso nos ha negado, entre otras cosas, una ley que castigue y sancione el delito económico con la moneda, con el acaparamiento y contra el mercado negro.

Por eso es que hay que tener conciencia, para comprender cuáles son los procedimientos y los métodos; que a veces hay que tener más paciencia que la que tienen ustedes, mujeres de mi patria, que tienen que hacer colas, que saben que faltan cosas que nosotros quisiéramos que no faltaran en el hogar de ustedes; pero, que son consecuencia de realidades de una infraestructura, de una estructura económica, de una producción hasta ayer destinada a una élite; que hoy día están agrandadas estas dificultades por los problemas internacionales que el pueblo no puede ignorar. Pero hay más, compañeros. Y esto es muy grave: primero, sinuosamente planteado, después con un tono un poco más alto, ahora descaradamente: "Chile está en peligro. La seguridad nacional amenazada. El Gobierno es el responsable. Nubarrones internacionales vuelven a apuntar, porque Chile puede caer frente a la falta de preocupación del Gobierno, en la indefensión". Respuesta nuestra. Hemos hablado de seguridad nacional, siendo esencialmente partidarios de la paz y sabiendo que Chile nunca va a agredir a ningún país vecino. Ha sido el Gobierno que presido el que ha elevado la conciencia de Chile más allá de la defensa nacional.

¿Cómo recibió mi Gobierno las Fuerzas Armadas de Chile? Quebradas en su moral después del Tacnazo; acribilladas en el dolor justo, con el asesinato del Comandante en Jefe del Ejército; con un Almirante que la Justicia Militar dice que está comprometido en ese hecho delictivo el Sr. Tirado Barros; con un General que era Jefe nada menos que de la división Central, el Sr. Valenzuela, también culpado por la justicia militar. Así recibimos nosotros, las Fuerzas Armadas. Y, ¿qué hemos hecho? Hemos hablado de su incorporación

al proceso del desarrollo. Hemos dicho que tienen que compartir una política, no partidista, no pequeña, no de una tienda determinada, sino una política al servicio de Chile y los chilenos. Hemos dicho que deben estar presentes para aprovechar su capacidad, su preparación, su lealtad, su patriotismo, en las grandes empresas que le interesan al desarrollo económico nacional y fundamentalmente en las empresas estratégicas. Estuvieron presentes en octubre, llamadas por mí, precisamente para defender a Chile. Y nos hemos preocupado de su perfeccionamiento técnico y científico; nos hemos preocupado de su dotación. Callé, por patriotismo, de cómo estaban las Fuerzas Armadas cuando llegó el Gobierno Popular, en cuanto a implementos defensivos. Pero algún día haré que el Ministro de defensa lo diga ante el Congreso Nacional.

Nunca como ahora las Fuerzas Armadas fueron rodeadas del cariño y del respeto del pueblo. No las he halagado, primero porque no necesitan halagos, porque no tengo yo capacidad de halago para nadie. No estoy aquí de prestado, soy Presidente de Chile y, por lo tanto, Generalísimo de las Fuerzas Armadas por mandato de la Constitución y por voluntad del pueblo. (Aplausos).

¿Cuándo está más seguro un país? ¿Cuándo vibra más un pueblo? Cuando la mayoría de él siente que hay una patria para todos, afianza más el sentido nacional, crece con más vigor el mandato de la historia cuando hay gente como ustedes que entienden por qué lucharon los Padres de la Patria. Nunca como ahora un pueblo estuvo más dispuesto a dar más fuerza y vigor a la seguridad nacional, que se conquista con el arado, con la pluma, movilizándolo las empresas y las industrias, elevando el nivel político y la conciencia de las masas, perfeccionando técnicamente a los hombres y a las mujeres, incorporando a la juventud a una gran tarea común y colectiva. Nunca como ahora Chile entenderá que la seguridad nacional estará presente porque estarán presente los soldados del trabajo y los soldados de la patria.

Por eso, trabajadores, hay que evitar la Guerra Civil. Para ello hay que avanzar en conquistas que permitan al pueblo, a través de su Gobierno, consolidar el programa. Hago míos los puntos desarrollados por el compañero y amigo Jorge Godoy, Presidente en ejercicio de la Central Única de Trabajadores. Desde aquí, con calma, les digo a los Parlamentarios de oposición que no pueden seguir en la tarea que están empeñados. No pueden

convertir en el Congreso el régimen presidencial en un régimen parlamentarista, negando el contenido presidencial de la Constitución que nos rige. No pueden utilizarse las atribuciones del Congreso para barrenar precisamente la Constitución. No pueden ser pétreos impermeables a las necesidades, de la realidad que Chile vive y al proceso social que está en desarrollo. Cuando hay partidos que hablan de revolución, cuando hay partidos que hablan de socialismo comunitario, cuando hay gente que honestamente dice que siente estas verdades como principios de su acción pública, yo les digo que mediten responsablemente, de la misma manera que deben ser respetuosos de la autonomía de los poderes del Estado.

Desde aquí, desde esta tribuna, reafirmo los conceptos que emitiera en una carta respuesta de la Corte Suprema. Ellos tienen que entender que el pueblo oye, aprende, establece las diferencias, compara las actitudes ¿Que explicación puede tener el hecho de haber estado 8 meses presos campesinos de Chesque y que un hombre mezclado en el asesinato del Comandante en Jefe del Ejército vaya a tener tan solo como sanción 2 años de cárcel y 5 de extrañamiento? ¿Cómo el pueblo puede entender que frente al asesinato producido en Concepción por los que impulsaron el canal 5, aun la justicia no interroga a aquellos que Undurraga, que está reo, ha dicho que actuaron junto a él, y les ha nombrado reiteradas veces? El Poder Judicial tiene que darse cuenta de que no puede ser el un factor negativo. Que las leyes de un siglo atrás no pueden aplicarse ahora, así, implacablemente. Que hay un sentido social que apunta en los códigos o en la concepción jurídica de hace algún tiempo en todos los países del mundo, y los jueces tienen que entender que las mareas de la historia no se detienen a través de códigos caducos y leyes dictadas para otra realidad.

Por eso es que planteo desde aquí, con serenidad, que frente a la amenaza que vive Chile, hay una gran responsabilidad en los otros Poderes del Estado, y fundamentalmente del Congreso, que no puede seguir dictando leyes desfinanciadas, porque es un factor más para que se acentúe el drama de la inflación, que puede ahogar a todo Chile.

Plantearemos la exigencia, de leyes que permitan ser instrumentos para poder desarrollar todo un plan económico de emergencia que Chile necesita y reclama. Y yo sé que los trabajadores van a respaldar ese plan de emergencia;

que los trabajadores han comprendido ya que de nada sirve tener billetes y billetes, si el valor adquisitivo de ellos se ha perdido fundamentalmente.

Yo sé que los trabajadores de Chile, -y lo demuestra la actitud de Uds., en las usinas, en las fábricas, en los hospitales y ahora aquí, en las calles de Santiago- saben que hay otros factores que tienen un valor mayor todavía que el dinero, el valor de la dignidad que Uds., han conquistado el valor del derecho a ser chilenos auténticamente; que Uds., a lo largo de tantos años, ahora han conseguido el valor de sentirse hombres y mujeres de una patria pequeña pero digna. Uds., tienen conciencia que el rostro de Chile es diferente, que la imagen, el perfil de nuestra patria, se ha acrecentado; que millones de seres humanos, más allá de nuestras fronteras, miran a Chile y la voluntad de ustedes de construir una sociedad distinta. Hemos roto las fronteras ideológicas; nos hemos vinculado con todos los países capitalistas industriales, con todos los países socialistas. Somos un ejemplo en América Latina por nuestro sentido latinoamericano, y junto con Cuba somos los que levantamos la voz de dignidad de este continente, más fuerte que otros todavía. (Aplausos).

Por eso, no me imagino qué intereses pequeños y bastardos puedan negarle al pueblo y a su Gobierno la posibilidad de consolidar, de avanzar en el proceso transformador, evitando el costo social y la violencia que el pueblo no necesita.

Yo sé que Uds., van a estar junto a nosotros, apoyando los puntos que ha planteado la CUT y que el Gobierno hace suyos, y afirmando el Plan de Emergencia que ampliamente y en pocos días más conocerán todos los chilenos.

Y sé que Uds. van a afianzar la disciplina; que los que militan en los partidos van a afianzar la unidad; que van a hacer más poderosa la organización sindical de los trabajadores en el campo, en las empresas. Que el proletariado industrial, vanguardia de todo proceso dinamizador de la historia, estará más que nunca dispuesto a producir más y trabajar más.

Yo sé, compañeros y compañeras de Santiago y de Chile, que ustedes también saben la responsabilidad que tienen. Yo sé que van a cumplir. Por eso también es indispensable que haya nuevas formas de organización. Ellos ya lo han hecho para apuntar las ojeras negras del fascismo. Ahí están sus

organizaciones como PROTECO, como SACO, como SOL, como los Maquis y como los Comandos.

El Pueblo debe acrecentar y crear nuevas organizaciones populares. Ya lo dije al comienzo de mis palabras: luchar y crear el poder del pueblo, pero poder del pueblo no separado del Gobierno, no contra el Gobierno. Este no es un Gobierno reformista. Este es un Gobierno de un proceso revolucionario, que terminará afianzándose en revolución, con la fuerza consciente y disciplinada de los trabajadores.

Sí, Comandos Comunales, Comandos de Vigilancia en las industrias, Comandos de Producción, miles y miles más de organizaciones de JAP, vitalizar las Juntas de Vecinos, estar en los Centros de Madres. Donde haya una organización del pueblo, ahí tienes que estar tú presente compañera, y tú también, trabajador de la Patria. Sobre todo, me dirijo a ustedes, mujeres de Chile, madres de Chile: no hay proceso revolucionario que se profundice o avance sin la presencia combatiente y combativa de la mujer, de la mujer hija, hermana, madre o esposa. Mujeres de Chile, nuestra lucha es fundamentalmente por el hijo de ustedes. Madres de Chile, defiendan su revolución que es también la semilla que permitirá que los hijos de ustedes vivan en una sociedad distinta.

No necesito llamar a la juventud. Ella está atenta en su fuerza creadora y en su propia responsabilidad. Ya vendrán marchando desde Arica, para encontrarse en Santiago con los que vienen avanzando desde el sur. Es la juventud que pica la Pampa, la tierra agrícola, la dura costra minera; es la juventud que hará que el hielo se derrita con su calor de mozo; es la juventud que lleva la claridad al pueblo para anunciar la amenaza de la guerra civil, y para decir que ellos, que más que otros tienen derecho a la vida, la van a ofrendar para defender a Chile de la guerra civil y del fascismo.

Trabajadores de mi Patria. ¿Qué puedo decirles yo a ustedes? ¿Cómo expresar mi reconocimiento a la lealtad de ustedes, a la fuerza combativa de ustedes, al espíritu de sacrificio de ustedes? El viernes, allí dentro, sentí una emoción profunda. El pueblo aquí mojado, trasminado de frío, azotado por la lluvia, tenía calor, cantaba, demostraba alegría, daba la prueba de su confianza en sus propias fuerzas. Y hoy ustedes están aquí para decirles a Chile y América que el pueblo sabe que en la unidad, en la firmeza de sus

convicciones revolucionarias, en la lealtad para discutir tácticas distintas, pero sin romper la unidad, el Pueblo entiende que formando un comando político único, centralizada la economía, movilizándose en el trabajo y en el esfuerzo está la garantía de la victoria. Gracias compañeras, juventud de mi Patria, obreros de esta tierra que tanto queremos.

¡Por ella y por Chile, venceremos camaradas! (Aplausos).

ANEXO 11 – TRANSCRIÇÃO DOS DISCURSOS DE SALVADOR ALLENDE EM “A BATALHA DO CHILE - O GOLPE DE ESTADO”

SÉTIMA APARIÇÃO DE SALVADOR ALLENDE: 10’48

PÁGINA 421-426

PALABRAS PRONUNCIADAS POR EL PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA, COMPAÑERO SALVADOR ALLENDE GOSSENS ANTE EL PUEBLO REUNIDO EN LA PLAZA DE LA CONSTITUCIÓN, 29 DE JUNIO DE 1973.58

Pueblo de Chile:

Queridas compañeras y estimados compañeros de Santiago:

He asumido la responsabilidad de convocar al pueblo para informarle. Por lo tanto, pido que me escuchen, porque es fundamental que cada uno de los que está aquí y los que me escuchan por la radio, tengan conciencia cabal de lo que ha sucedido y además comprendan la tarea que tienen que cumplir desde hoy hacia el futuro.

Por eso pido no se me interrumpa ni con aplausos, ni con gritos, ni con consignas. El momento es demasiado duro y la responsabilidad que tengo me obliga a pedir más que nunca que el pueblo comprenda cuanto espero de su serenidad y de su firmeza.

Deseo rendir homenaje a los que han caído. Fundamentalmente, rindo homenaje a las fuerzas leales del Ejército de Chile, de la Armada Nacional y de la Aviación (Aplausos) en el sargento Rafael Villana, asesinado en la puerta del Ministerio de Defensa. Trabajaba en la 2ª División del Ejército, el Cuartel General al mando del General Sepúlveda.

Rindo homenaje a 5 civiles que perdieron su vida como consecuencia de la actitud artera, antipatriota, contraria a la Doctrina de las Fuerzas Armadas,

del grupo insurgentes. A Leontina Reyes, a Victoria Sánchez Carrasco, periodista; a Leonardo Alwinsen, periodista extranjero; a Luciano Caro y a Carlos Fuentes.

Destaco que hay en la Posta Central 5 heridos graves; uno en el Hospital del Trabajador y otro en la Posta 3. En total, 7 civiles. Y hay en el Hospital Militar 11 heridos graves, pertenecientes a las filas del Ejército. Hay 14 civiles, también heridos a bala, de mediana gravedad.

Quiero que sepan, que además de informarles, los he llamado para que, con el calor y la firmeza revolucionaria del pueblo, rindan homenaje a las Fuerzas Armadas de Chile, a las fuerzas de Carabineros y de Investigaciones, que con su actitud aplastaron la tentativa sediciosa.

Ahora paso a detallar los hechos acontecidos. A las 8:55 horas fui llamado por el Subsecretario del Interior, compañero Daniel Vergara (Aplausos) quien me dijo una sola frase que lo revelaba todo: "Compañero Presidente, tenemos tanques aquí, frente a La Moneda, en la Plaza Constitución. Están disparando y se me informa que hay otros tanques rodeando La Moneda. Sepa, Presidente, que todos los que estamos aquí sabremos cumplir con nuestro deber". (Aplausos).

Minutos después, el Sargento 2° que forma parte de la Guardia de La Moneda, del grupo de Carabineros, subía a izar, junto con un Carabinero, la insignia de la Patria en medio de las balas. (Aplausos). Sus nombres: Mario Humberto Reyes, Sargento 2° y Luis Venegas Jara, Carabinero. (Aplausos) ¿Qué había ocurrido? Un grupo del Regimiento Blindado N°2, al mando del ex Comandante Souper, -que debía ser removido hoy día de su cargo y que está encarcelado y definitivamente removido (Aplausos); la Justicia Militar determinará la sanción que a él y sus cómplices habrá que aplicar (Aplausos) rodeó La Moneda.

Ayer el General Sepúlveda, Jefe de la Segunda Zona, denunció en la mañana hechos comprobados, que demostraban que un grupo muy reducido de Oficiales, había intentado en la mañana del miércoles sacar este mismo Regimiento. Su denuncia, hecha en rueda de Prensa, mereció el sarcasmo y la befa de los diarios reaccionarios y declaraciones contrarias suponiéndose y sosteniendo en esas declaraciones de los adversarios al Gobierno, que esto era una maniobra nuestra para querer evitar que se siguiera investigando el

incidente ocurrido en Costanera al General Prats, quien fuera tan burda, injusta, y torpemente criticado por radios y prensa de oposición por la actitud que había tenido.

Ahora los hechos prueban que el Gobierno no engaña ni miente. Ayer en la tarde concurrió al Senado el Ministro de Defensa y entregó los antecedentes que teníamos en nuestro poder.

En esa Sesión dijo que no se daba crédito a lo que expresaban los ministros, si bien se podía creer en lo que afirmaba el Jefe Militar. Ante esa actitud, el ministro de Defensa se retiró del Senado, dejando en claro una vez más que este Gobierno dice y dirá siempre la verdad. (Aplausos).

Siguiendo la información, debo señalar que el grupo sedicioso disparó reiteradamente contra el Palacio Presidencial. Y, además, lo hizo contra el Ministerio de Defensa. Están parcialmente destruidas las oficinas del Ministro de Defensa y varias que ocupan Generales de la República. Ellos sabían que dentro del Ministerio estaba el Comandante en Jefe de la Fuerza Aérea General Ruiz, el Comandante en Jefe de la Armada, Almirante Raúl Montero, y los Jefes y Oficiales de esa repartición. El General Prats había partido desde su casa, primero a la Escuela Militar y de allí al Regimiento Tacna.

Después relatare las medidas que tomara. Solo quiero destacar que hay extraordinarios daños en el Ministerio de Defensa. Un tanque derrumbo la puerta y se disparó dentro del Ministerio el cañón de ese tanque; hay numerosísimos impactos en el frontis del edificio. De la misma manera que hay más de 500 impactos en La Moneda. Han sido prácticamente destruidas 16 oficinas de la Cancillería y rotos más de un centenar de vidrios.

Cuando estaba ocurriendo esto, yo ya había tomado contacto con el Ministro de Defensa, con el Comandante Ruiz, con el Almirante Montero y con el Director General de Carabineros Subrogante, General Viveros. En ese momento me llamo de nuevo Daniel Vergara. Me dijo: "Presidente, hemos recibido una orden de rendirnos por parte de los amotinados. La decisión nuestra -y aquí está el Oficial de Carabineros al mando de la Guardia de Palacio- es no hacerlo". Le dije: "hay una frase histórica que va a repetir el Teniente Pérez, como respuesta a la insolencia de los sublevados. Dígale lo que le dijo la historia: La guardia muere, pero no se rinde, mierda". (Aplausos).

Rindo homenaje a la Guardia de Palacio, formada por Carabineros (Aplausos), y al joven Teniente de guardia, señor Pérez. Rindo homenaje a los Detectives de Investigaciones que estaban aquí en La Moneda y que tomaron rápidamente los sitios para combatir. (Aplausos). Rindo homenaje al personal de servicio de La Moneda: ninguno de ellos pretendió salir, al contrario, dijeron que se quedarían. La mayoría de ellos son suboficiales, de la Armada de Chile. (Aplausos).

Rindo homenaje a los pocos funcionarios y funcionarías que estaban en el Palacio Presidencial tanto en oficinas del Ministerio del Interior de la Presidencia o del Ministerio de Relaciones Exteriores. Y, rindo homenaje a una muchacha periodista, Verónica Ahumada, con quién hablé cuatro veces, y a quien instaron a que se fuera. Ella dijo: "estoy aquí para informar al presidente". (Aplausos).

Mientras sucedían estos hechos en torno al Ministerio de Defensa Nacional, a la Dirección General de Carabineros, contra la cual se disparó estando allí el Director Subrogante y General de Carabineros; mientras sucedían estos hechos -repito- el Comandante en Jefe del Ejército, junto con los Generales Pinochet, Pickering, Urbina y Sepúlveda, trazó el plan para reprimir a los subversivos, y ordenó la movilización de los Regimientos, Buin, Tacna, Escuela de Suboficiales, Escuela de Infantería, Escuela de Telecomunicaciones y Escuela de Paracaidistas. (Aplausos). Y el propio General Prats concurrió a la cabeza de la Escuela de Suboficiales. De la misma manera, que el Director General de Carabineros había movilizó el grupo especial y las tanquetas; se habían ocupado de mandar dos batallones y seis tanquetas a Tomás Moro, Casa de los Presidentes de Chile, donde estaba yo en contacto permanente. Y desde allí llamé al Pueblo dos veces por radio. Primero, para señalarles que tuvieran confianza en las Fuerzas Armadas, en Carabineros e Investigaciones, y segundo para decirles que ocuparan las empresas, las industrias; que estuvieran en los centros de trabajo, que los dirigentes y los militantes partidarios en sus centros, en sus casas políticas, y que además el pueblo se agrupara en cuatro o cinco sectores que señalé, para que estuvieran prestos y por si acaso necesitábamos su presencia para combatir junto a los soldados de Chile (Aplausos).

Llegados al centro de Santiago, por el sector de la Alameda, la Escuela de Suboficiales, de Infantería, de Telecomunicaciones, y la Escuela de Paracaidistas; avanzaba por la Estación Mapocho para hacer una indicación geográfica el Regimiento Buin, encabezado por su Comandante y dirigido por el General Pinochet.

En ese momento, también el General Pickering, Jefe de los Institutos Militares, venía avanzando con otra columna junto al Ministro de Defensa. Llegando el General Prats a la Alameda, hubo un hecho que la historia recogerá. Solo, con dos oficiales cuyas armas apuntaban al suelo, habló con cuatro de los que ocupaban los tanques sublevados y le entregaron sus armas y respetaron su alta jerarquía militar. Al llegar al quinto tanque, el Oficial que estaba allí le dijo: "no me rindo General", y pretendió usar su arma. El ayudante del General Prats, mayor Zabala, le salvó la vida al apuntar al oficial sublevado y al arrebatárle el arma. (Aplausos).

Qué gran lección para aquellos que horas antes habían motejado e injuriado al Comandante en Jefe del Ejército y en él a la institución que dirige, por la actitud que había tenido allí en la Costanera. El General Prats obtuvo solo la rendición de la mayoría de los tanques. Tres de ellos escaparon, sembraron el pánico, fueron rodeados por fuerzas al mando del General Sepúlveda en colaboración con Fuerzas de Carabineros, y fueron a entregarse al Regimiento que habían sublevado, que ya estaba en manos leales, con el General Bonilla y el nuevo Comandante señor Ramírez, a la cabeza de ese Regimiento. (Aplausos).

Vine desde Morandé con los tres Comandantes Edecanes y un grupo de Carabineros y, por cierto, con tres tanquetas, por si acaso. Llegué en los momentos en que todavía había francotiradores en el Ministerio de Hacienda. Y fui recibido en la puerta de La Moneda por el General Prats, el Director General de Carabineros y el General Pinochet. Quiero señalar también, que cuando el General Prats había ya hecho que se rindieran 5 tanques, salieron también desde el Ministerio de Defensa, para acompañarlo, en una actitud solidaria y viril, el Comandante en Jefe de la Fuerza Aérea, General César Ruiz y el Almirante, Comandante en Jefe de la Armada, Raúl Montero. (Aplausos).

Estaba saludando al General Prats y todavía sonaban algunos disparos y más de 20 dieron en La Moneda, especialmente en el sector de Teatinos.

Luego Santiago tomaba, aparentemente, el rasgo de una ciudad tranquila. Sin embargo, facciosos dinamitaron la planta transmisora de Radio Portales y la destruyeron; y civiles, coludidos e instigadores, cómplices, cobardes, están golpeando ahora puertas de las Embajadas para refugiarse y escapar de Chile. (Pifias).

Juzgue el pueblo la actitud de estos brabucones que después de tratar de barrenar -y solo lo consiguieron en parte mínima- la disciplina de las Fuerzas Armadas, después de pretender utilizarlas, cuando llega el momento de estar siquiera junto a los que se habían levantado, arrancaron, se escondieron, y ahora pretenden eludir la acción de la Justicia. Espero que no lo consigan. Como era de esperarse, la inmensa mayoría pertenece a la asociación ilícita, mal llamada Patria y Libertad. (Pifias).

Desde hoy los llamaremos la antipatria y la cobardía. El pueblo debe recordar que en el gran acto que realizáramos el jueves 21 expliqué que este país estaba potencialmente en insurrección y al borde de la guerra civil. Que los sectores de la alta burguesía y del fascismo coludidos con intereses foráneos, pretendían poner atajo a la marcha del Gobierno e impedir la consolidación en el campo económico del Gobierno Popular. Hice presente la campaña por ellos desatada, los hechos por ellos desatados y las campañas realizadas, desde el punto de vista de lo que ellos llaman pretenciosamente ideológico.

Exponiendo impudicamente sus ideas reaccionarias, sus concepciones típicamente fascistas y desatando toda una acción de calumnias, mentiras y odios, y haciendo blanco, de ello a los partidos populares, a la Unidad Popular, a las Fuerzas Armadas, al Cuerpo de Carabineros, a Investigaciones. Tratando de minar la base política del Gobierno y las instituciones fundamentales de la República. Señalé cómo querían paralizar al Estado, negándole las Leyes esenciales que se necesitan para hacer frente a la hora difícil por que atravesamos y tendremos que pasar. Hice presente que era para nosotros una preocupación básica obtener leyes que permitieran tomar las medidas para atajar el proceso inflacionista e impedir que éste cayera en una vorágine incontrolada. Y destacué el despacho de Leyes sin financiamiento y la negativa a dictar la Ley sobre delitos económicos. De la misma manera que hice un recuento de las acciones terroristas desatadas tratando de crear el pánico,

destruyendo locales partidarios, atentando contra militantes de la Unidad Popular o de la izquierda. En resumen, señalé que vivíamos los mismos días aciagos que viviéramos entre el 4 de septiembre de 1970 y el 3 de noviembre, que culminara con el asesinato del General Schneider.

Como hubieran deseado hacer lo mismo ahora. Por eso concentraron su odio en contra del Comandante en Jefe del Ejército, que fuera Ministro del Interior en los días duros de octubre, que fuera Vicepresidente de la República y que es el símbolo de un soldado leal a la doctrina de las FF.AA. de Chile, y leal al pueblo de Chile. (Aplausos).

Yo sé perfectamente bien -y lo he dicho- que no todos los opositores tienen una actitud artera, pro fascista y han querido estar junto a los golpistas. Se han negado a ello y hay que destacarlo. Otros hablan de democracia y de Constitución. Usan la palabra democracia para ocultarse y protegerse, pero actúan violando la Constitución y son antidemocracia y pro fascistas. Ya el pueblo los conoce y los seguiremos denunciando. (Aplausos).

Compañeros, ya sabe el pueblo lo que reiteradamente le he dicho. El proceso chileno tiene que marchar por los cauces propios de nuestra historia, nuestra institucionalidad, nuestras características, y por lo tanto el pueblo debe comprender que yo tengo que mantenerme leal a lo que he dicho, haremos los cambios revolucionarios en pluralismo, democracia y libertad, lo cual no significa ni significará tolerancia con los anti demócratas, tolerancia con los subversivos y tolerancia con los fascistas, camaradas. (Aplausos).

Compañeros, de la misma manera que siempre le he hablado al pueblo le hablo hoy día. Yo sé que lo que voy a decir es posible que no les guste a muchos de Uds., pero tienen que entender cuál es la real posición de este Gobierno: no voy -óiganlo bien y con respeto- no voy a cerrar el Congreso, porque sería absurdo. No lo voy hacer. Pero si es necesario, enviaré un proyecto de Ley para llamar a un plebiscito para que el pueblo se pronuncie. (Ovación).

Ahora deseo que el pueblo cumpla el compromiso que contrajo el jueves 21. Mañana de nuevo las usinas a levantar su humo para saludar a la Patria libre; de nuevo al trabajo- a recuperar las horas que significó el paro del jueves; mañana cada uno de Uds., a trabajar más, a producir más, a sacrificarse más por Chile y por el pueblo. Y enseguida, como se lo dijera también, a sacar la

experiencia, justa del paro de octubre y de la tentativa sediciosa de hoy día. Pero antes quiero señalar que desde lejos llegaron voces fraternas, parar decir que estaban junto a Chile. Hablé con el Presidente de Argentina quién me llamara para decirme que su Pueblo, su Gobierno y el General Perón estaban junto a Chile en este momento. (Aplausos). Me llamó también el Presidente de México, Licenciado Luis Echeverría, para decirme: "Presidente, el Pueblo de México y nosotros, estamos junto a su Pueblo y junto a Uds.". Y el cable y el teléfono trajeron las palabras de Cuba. (Aplausos).

El Comandante y amigo Fidel Castro estaba allí para decirme: "sé que Uds., van a vencer. El Pueblo y las Fuerzas Armadas juntas siempre triunfaran. Tenemos plena confianza en el Pueblo de Chile y en ti, Compañero Allende". (Aplausos).

Y desde lejos, desde muy lejos, interpretando el sentimiento de millones de hombres, llegó también la palabra fraterna, palabra que tiene el valor y el heroísmo. Desde Vietnam del Norte, desde allá, llegó el acento fraterno. (Aplausos).

Compañeros trabajadores de Santiago, tenemos que organizamos. Crear y crear el poder popular, pero no antagónico ni independiente del Gobierno, que es la fuerza fundamental y la palanca que tienen los trabajadores para avanzar en el proceso revolucionario.

Por eso he querido convocarlos y quiero que den una vez más una gran lección; que se retiren a sus casas, que vayan a encontrar el calor de los suyos. Yo sé que, en cada hogar modesto y humilde, en cada casa de trabajador había esta mañana una dolorosa inquietud. Yo sé que aquí en Santiago como en el resto de Chile, todos, también los trabajadores del campo, estaban con su espíritu alerta y con la decisión revolucionaria de combatir si era necesario por Chile y su destino libre.

Compañeros, todavía algunos grupos fascistas están por allí, tengan cuidado, no caigan en provocaciones. Tienen que tener confianza en el Gobierno, que ha demostrado su fuerza esta mañana y seguiremos demostrándola. Compañeros, quédense en sus casas; únanse a sus mujeres y a sus hijos en nombre de Chile. Lleven mi cariño, mi respeto, mi admiración y mi fe a cada uno de los hogares de ustedes. (Aplausos).

OITAVA APARIÇÃO DE SALVADOR ALLENDE: 24'32

p. 427-434

*PALABRAS PRONUNCIADAS POR EL PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA, COMPAÑERO SALVADOR ALLENDE GOSSENS EN LA CEREMONIA EN QUE DESIGNA MINISTROS DE ESTADO, 5 DE JULIO DE 1973.*⁶⁰

Compañeros y amigos Ministros y Subsecretarios; Señores Comandantes en Jefe de las Fuerzas Armadas; Señor Director General de Carabineros; Autoridades civiles y militares:

Hoy, en uso de mis prerrogativas Constitucionales, integraré un nuevo Ministerio. Esto acontece cuándo el país vive horas todavía de Inquietud y de zozobra, a raíz de una campaña insistentemente sostenida en contra del Gobierno, y que culminara el viernes pasado con el hecho doloroso que todos conocemos. Los trabajadores, el pueblo, como siempre, han estado desde hace meses en una actitud responsable, vigilante, comprendiendo su gran obligación de defender la convivencia democrática, impedir el enfrentamiento entre chilenos y rechazar, violentamente la tenebrosa tentativa de provocar una guerra civil entre nosotros. Ellos saben que su tarea constructiva, creadora, en el campo de la producción es la mayor garantía para asegurar la paz y el progreso del país.

Contrasta su actitud con la de aquellos otros que buscan la aventura sin medir las consecuencias, aventura que es consustancial a la destrucción, a la quiebra económica, al caos, al mercado negro. Ellas son las bases para la quiebra violenta del régimen institucional. Por eso, lo ocurrido el viernes es parte de un proceso largamente incubado. Y así comienza -como lo que ocurrió aquí ese día trágico y triste- la guerra civil. Chile tiene la tradición de sus Fuerzas Armadas y de Orden, Carabineros e Investigaciones. Por eso es que no hubo posibilidad de que se abriera paso a la guerra civil, por la lealtad de las Fuerzas Armadas a la Constitución y el acatamiento a la Ley. Y el grupo, pequeño que pretendiera quebrar la doctrina de nuestros institutos armados, encontró la respuesta, justa en la mayoría de ellos, restañando la leve herida causada a tan sólidos prestigios, que le han dado a nuestra patria, más allá de la frontera, el respeto que merecen por la solidez de sus instituciones, por la voluntad consciente de su cuerpo.

En estas horas duras se conocen a los hombres y a las instituciones, los que callaron, sentirán en su conciencia -quizás- la vergüenza de no haber hablado, sobre todo si hacen gala de la solidez de sus principios democráticos. Partidos que no están en el Gobierno, expresaron su adhesión al régimen constitucional -no todos, por cierto-. Quedaron al descubierto los que siempre actuaron en contra del Gobierno desde antes que el pueblo llegara a este recinto, la Casa de los Presidentes de Chile, para instaurarse el Gobierno Popular. Asociaciones que calificué de ilícitas amamantaron en la sombra de la noche y en la tenebrosidad de sus cómplices, la posibilidad de la participación de civiles en los actos delictuosos. Como siempre, los más responsables huyen y encuentran la tranquilidad en el asilo. Pero queda en pie lo que quisieron hacer y la historia y el pueblo ya los ha marcado como traidores a Chile, Contrasta con el silencio de algunos, la expresión solidaria que viene desde lejos: más de ciento cincuenta cables llegaron al Gobierno desde todas las latitudes del mundo para expresar su solidaridad con el pueblo y con el Gobierno Chileno. Llamaron por teléfono los Presidentes Héctor Cámpora y Luis Echeverría, de Argentina y México, en la tarde del viernes 29. Expresaron su solidaridad por cable Jefes de Gobierno como el Presidente del Consejo de Estado de Bulgaria; el Presidente del Frente Unido Nacional de Camboya; el Presidente de Corea; Fidel Castro y Osvaldo Dorticós, Primer Ministro y Presidente de Cuba, respectivamente; el Presidente de Guinea; Juan Velasco Alvarado, Presidente del Perú; el Presidente de Vietnam del Sur; el Presidente del Vietnam del Norte; el Presidente de Yugoslavia y el ex Presidente de Ecuador, Velasco Ibarra. Señalo, que la Internacional Social Demócrata se reunió especialmente y acordó su protesta y movilizar a los países del capitalismo Industrial para manifestar su apoyo al Gobierno de Chile.

Lamentablemente, y a pesar de los hechos ocurridos, las acusaciones contra los Ministros de Estado han continuado, y el Congreso negó al Gobierno la Ley que permitiera decretar el Estado de Sitio. Era conveniente, para asegurar el orden público a plenitud, pero sobre todo para poder investigar más profundamente las raíces efectivas y reales del hecho del viernes. Decreté Estado de Emergencia en la mañana del viernes para todo el país, desde la base de las Leyes 7.200 y 12.927, y se tomaron las medidas pertinentes a fin de garantizar la tranquilidad pública.

En Santiago, esa misma tarde, el pueblo se reunió convocado por mí en una manifestación extraordinaria por su número, por su fervor patriótico, por su fe en Chile y en su futuro. Además, tenía por objeto testimoniar el reconocimiento de las masas populares al acatamiento por parte de las Fuerzas Armadas a la Constitución y a la Ley y el reconocimiento también, por la actitud similar de las Fuerzas de Orden.

Creo que muy pocas veces en la historia un pueblo se ha reunido como el nuestro en forma tan masiva, con tanto fervor y con tanto entusiasmo patriótico, a la vez que sin odio diera una vez más una lección. Todavía estaba allí el olor a pólvora, y, sin embargo, ese pueblo escuchó a su Compañero Presidente; recibió las informaciones necesarias y volvió a sus hogares sin haber hecho nada, absolutamente nada, que pudiera reprocharse. Ni un vidrio roto, ni un tapabarro de un auto abollado. Nada, absolutamente nada, que fuera un hecho censurado. Solo el fervor patriótico. Solo conciencia revolucionaria. Solo alta responsabilidad cívica. ¡Qué gran lección una vez más han dado los trabajadores de este país! Es bueno que lo recuerden aquellos que se solazan en atacar a los trabajadores porque defienden lo que pertenece a este Gobierno y porque luchan por una patria mejor para todos.

Se ha especulado mucho respecto a la formación del Gabinete, especialmente se han hecho comentarios infundados. Se ha insistido y aseverado en la prensa, que el Presidente de la República habría recibido sugerencias concretas, lineamientos, cinco puntos, exigencias de las Fuerzas Armadas. Esto no ha ocurrido, no puede ocurrir. Y no ocurrirá. Hay conciencia democrática y el acatamiento de las Fuerzas Armadas al Poder Civil. Y porque yo, guste o no guste a algunos, confío en la dignidad del cargo que desempeño y sé cuáles son las atribuciones que me otorga la Constitución. He sido yo el que he resuelto formar este Gabinete civil, así como fui yo el que resolví llamar a las Fuerzas Armadas en octubre del año pasado, y el que puso término a su colaboración patriótica e histórica en marzo de este año.

Conversé con los Sres. Comandantes en Jefe, como siempre lo he hecho. Para mí, las Fuerzas Armadas no son un estanco aparte de los problemas nacionales. Por el contrario, cada día su presencia integradora en el desarrollo del país, se hace y se hará más necesaria como la forma más sólida de asegurar la seguridad nacional. Pero una cosa es que el Presidente tome la

iniciativa de escuchar en un diálogo, en que debe escuchar un Presidente con sus colaboradores. Y otra cosa muy distinta es lo que la prensa de siempre, las radios de siempre pretenden insinuar. Si alguna duda cupiera, en el día de ayer los Sres. Comandantes de las Fuerzas Armadas General Carlos Prats González, Comandante en Jefe del Ejército; Almirante Raúl Montero Cornejo, Comandante en Jefe de la Armada; General del Aire Cesar Ruiz, Comandante de la Fuerza Aérea de Chile, con el Ministro de Defensa, compañero y amigo José Tohá, me visitaron, y además de expresar verbalmente su invariable adhesión a la Constitución Política y a la Ley, me dijeron que harían una aclaración. Solo leeré un párrafo de ella, como única respuesta a la campaña tenebrosa que se pretende hacer aprovechando el hecho de que derogara la Zona de Emergencia. Y lo hice para que no se limitaran los derechos ciudadanos, para que no se limitara la libertad de prensa y la libertad de reuniones, a sabiendas que se iban a desbordar como siempre los de siempre.

Al mediodía de hoy, los Comandantes en Jefe del Ejército, de la Armada y de la Fuerza Aérea, concurrieron a La Moneda a reiterar a S.E. el Presidente de la República, el invariable respaldo de las Fuerzas Armadas al régimen constitucional, y su respeto a las prerrogativas presidenciales. Con ello esclarezco definitivamente lo acontecido. No pretendo que se callen los que nunca lo harán, pero por lo menos tengo la certeza de que la inmensa mayoría del país entenderá lo acontecido y apreciará exactamente lo ocurrido y la verdad de los hechos.

Quiero señalar que para mí ha sido también muy significativo el hecho de que, en esta emergencia, las Universidades, especialmente las no estatales entregaran una declaración que comentare y quiero señalar que también lo hicieron la Universidad de Chile y la Universidad Técnica. La Universidad de Chile con dos votos, el de mayoría y el de minoría, pero ambos afianzando el respeto a la Constitución y a la Ley.

Los señores Rectores de las Universidades no estatales hicieron una declaración en cuyos acápites dice lo siguiente: "Nos hemos reunido para presentar a Ud. estimado Presidente y amigo, el testimonio de nuestra adhesión ciudadana frente al delictuoso comportamiento de una fracción de cierta Unidad Militar. Su acción, que comprometió la paz pública, causó daños físicos y morales y destruyó vidas humanas, a la postre sirvió para evidenciar la

solidez de nuestro régimen constitucional y la lealtad y eficiencia de nuestras Fuerzas Armadas y de Orden". Firman esta declaración, Fernando Castillo Velasco, Carlos Von Plessing, Raúl Allard, Domingo Santa María Santa Cruz, William Thayer Arteaga y Miguel Campos Rodríguez.

Quiero destacar que dejará el cargo del Ministerio, el compañero, y amigo, Gerardo Espinoza Carrillo. Poco tiempo estuvo a mi lado; le correspondieron horas muy difíciles y con gran serenidad las afrontó. Dejarán también el Gabinete, entre otros, Pedro Hidalgo Ramírez en el cargo del Ministerio de Agricultura, quién básicamente iniciara la campaña de siembra para el invierno y acopio para la primavera de semillas y fertilizantes.

De la misma manera dejara el Ministerio el Compañero Jorge Tapia, que actuara previamente en Justicia, cuya labor es vastamente conocida y que tuvo en los estudios y en la difusión de la idea que mantenemos de crear la Escuela Nacional Unificada, una sobresaliente labor. El Compañero Tapia desempeñará tareas internacionales a expresa petición mía.

Dejan sus cargos por motivos políticos porque yo no he querido seguir con el enroque, como así lo denominara cuando a un Ministro suspendido lo nominaba en otro cargo, los compañeros Orlando Millas Correa, Luis Figueroa y Sergio Bitar.

El compañero Millas fue Ministro de Hacienda. Esta actualmente desempeñando el cargo de Economía. Como Ministro de Hacienda le cupo la pesada labor de estudiar el financiamiento e impulsar leyes tanto para el presupuesto, tanto para el reajuste. Pero más que nada, y como otras veces no se hizo, preparó las bases fundamentales del plan económico nacional para 1974, que será ampliamente entregado a conocimiento de los trabajadores en todos los niveles de la actividad nacional, a fin de que ellos aporten su crítica o su sugerencia constructiva. Pero básicamente para que todo Chile entienda el gran esfuerzo nacional que necesitamos.

Al compañero Sergio Bitar le tocó preocuparse, y muy seriamente, de la producción cuprífera, y tuvo magnificas iniciativas que agradecen los pequeños y medianos mineros y, sobre todo, los pirquineros. Además, tuvo que sobrellevar horas difíciles en el injusto movimiento de El Teniente.

Allí estuvo acompañado siempre por mi estimado amigo y compañero Luis Figueroa, que desempeñaba la cartera del Trabajo y que vuelve a su

cargo de Presidente de la CUT de Chile. Luis Figueroa ha estado demasiado incorporado a la historia de la lucha de los trabajadores, para que yo necesite decir algo más. Tan solo quiero destacar que pocas veces he visto un hombre más leal a su clase y tan responsable para poner precisamente en el camino de la responsabilidad revolucionaria a muchos de los trabajadores que no entienden el contenido de un proceso renovador como el nuestro y que todavía añoran caminar por las trilladas sendas del economismo, frente a un proceso que, sin descuidar los derechos del hombre en cuanto a remuneraciones, tiene valores superiores al dinero.

Deja el cargo de Defensa Nacional el Compañero José Tohá González. Fue el primer Ministro del Interior, Vicepresidente de la República, y ha sido durante años y meses Ministro de Defensa Nacional. Hace un mes y 6 días entregó su renuncia indeclinable por motivos personales, porque además y, le había insinuado que estudiara la posibilidad de preocuparse de problemas del país que a mí me preocupan seriamente y que yo he querido que sea un hombre de tanta confianza mía y de la capacidad de Tohá quien los encare. Es, junto a Martones, el Ministro que está con el Gobierno desde el primer día. Por eso es para mí una necesidad superior la que me obliga a aceptar la renuncia indeclinable de José Tohá.

Entran a formar parte del Ministerio nuevos compañeros. Será Ministro del Interior Carlos Briones Olivos, abogado, profesor universitario, que desempeña desde hace 8 años el cargo de Superintendente de Seguridad Social. Como hecho anecdótico, hace 32 años lo nombré como auxiliar administrativo -era un estudiante de leyes- de lo que era en esa época la Dirección de Previsión Social. Con ello señalo la dilatada amistad que nos une y la misma convicción ideológica.

Será Ministro de Minería Pedro Felipe Ramírez, ex Presidente de la Federación de Estudiantes de Chile, ex Diputado por Osorno, Profesor Universitario.

De Agricultura, Ernesto Torrealba Morales, Ingeniero Comercial. Ha trabajado en CEPAL y en la CORFO. Ex Jefe de Planificación del Instituto Latinoamericano de Planificación.

Será Ministro de Educación Pública Edgardo Enríquez Froedden, médico, ex capitán de Sanidad Naval. Llegó a ser Capitán de Navío. Ex rector de la Universidad de Concepción.

Será Ministro de Economía José Cademártori. Diputado en cuatro períodos y Economista distinguido. Será Ministro del Trabajo, mi estimado amigo y compañero Jorge Godoy, obrero, Presidente en ejercicio de la Central Única de Trabajadores.

Y será Ministro de Defensa Nacional, Clodomiro Almeyda Medina, Profesor Universitario, ex Canciller y ex Vicepresidente de la República.

A este Gabinete le corresponderán duras tareas en un país convulsionado, de hondas pasiones políticas, en donde indiscutiblemente el enfrentamiento social está presente minuto a minuto. En un país donde los intereses poderosos internacionales y nacionales no perdonan que se haya procedido así con ellos. En un país donde algunos hablan de democracia y no creen en ella, y otros, siendo demócratas, contribuyen diariamente a hacer posible el clima que pudiera, a los que no lo son, tratar de poner término a la democracia.

Creo que es obligación del Gobierno afianzar cada vez más su pensamiento muy definido de seguir cumpliendo con la obligación contraída frente al pueblo, de convertir en realidad el programa de la Unidad Popular. Lo haremos como siempre, en pluralismo, democracia y libertad, aunque la libertad para algunos es un verdadero libertinaje, y la democracia para otros un pretexto para conspirar.

Este Gabinete sabe perfectamente bien que es conveniente que nos esforcemos todos en lo veraz, sobre todo en la experiencia recibida el viernes, en un clima donde las discrepancias se manifiesten a nivel de las ideas y de los principios y no a nivel del ataque de las personas, en donde todos tenemos que hacer lo posible y lo imposible para higienizar un tanto el clima de decadencia moral que algunos han creado.

Es por eso que cuando los Rectores me enviaron la carta a que he hecho mención, los señores Rectores de las universidades no estatales que me acompañaron algunas reflexiones que interpretan bien mi estado de ánimo y mis convicciones, dicen ellos que formule un llamado a todos los que ejercen responsabilidades de mando, influencia en el plano político y social del país y a

buscar un cierto grado de leal consenso democrático, que no solo es posible sino que constituye un deber patriótico y es ahora, cuando debe intentarse. Sería absurdo que el propósito de ese consenso mínimo tuviera una formulación negativa, pretendiendo vanamente contradecir el proceso revolucionario que conmueve en grados diversos y con declaraciones a menudo contradictorias, no solamente a Chile sino a toda América Latina y en el mundo entero. El consenso imperativo en esta hora, no puede ser para la defensa del viejo orden social, resguardado permanentemente por la historia y por la exigencia del pueblo en ascenso hasta la plenitud de su rol como principal protagonista del destino nacional, sino para abrir un cauce vitalmente democrático a los valores e instituciones que han de vertebrar a una nueva sociedad; la batalla por la justicia, no tiene por qué librarse al precio de romper la unidad esencial de la nación o destruir los valores democráticos fundamentales.

Estas palabras de los señores Rectores, expresadas en la elevación del lenguaje propio de ellos, encierran lo que siempre este Gobierno ha querido hacer y hará; por ello las señalo como un gran aporte moral e intelectual.

Este Gabinete entonces, además de los grandes lineamientos políticos y de la firmeza en la defensa de los compromisos programáticos contraídos, tendrá que poner en marcha un Plan de Emergencia; Plan de Emergencia que dispusiera hace más de un mes a lo largo de dos sesiones en el Consejo Superior de Seguridad Nacional. Porque indiscutiblemente todo plan de desarrollo económico y todo plan de emergencia, tiene que tener el acento puesto en afirmar y afianzar nuestra seguridad nacional; punto importante de ella es la defensa nacional. Pero la seguridad es mucho más amplia. Este Plan de emergencia contempla fortalecer la autoridad política, económica y administrativa del Gobierno; asegurar el orden público y la convivencia cívica; impulsar y desarrollar las organizaciones populares para promover y garantizar el cumplimiento de las tareas económicas; imponer disciplina y austeridad económica para enfrentar el proceso inflacionario; centralizar la dirección y planificación económica; robustecimiento del Comité Económico de Ministros; unidad y verticalidad del mando económico y administrativo; subordinación estricta de los organismos inferiores a los superiores, eliminando las

interferencias negativas de sectarismos partidistas; responsabilidad personal en el cumplimiento de las decisiones gubernativas.

En este plan, debernos asegurar la idoneidad y eficiencia de los funcionarios del Estado. Es fundamental crear un organismo fiscalizador dependiente del Comité Económico de Ministros.

Hay que someter la gestión, de los funcionarios de Gobierno y del Área de Propiedad Social al control de las organizaciones populares para hacer efectiva su responsabilidad. Reconocimiento y elevación del papel y aporte de los técnicos y profesionales en la gestión de la economía. Incorporación de las organizaciones populares en la cooperación y en la actividad de la administración del Estado. Establecer la distribución programada y garantizada de los productos esenciales y de consumo popular. Aplicación inmediata del acuerdo CUT-DIRINCO para controlar la producción; distribución a partir de las fábricas; fijación de los contingentes de producción, especialización de las empresas de distribución por líneas de productos; distribución estatal básica de los productos esenciales sin detrimento del comercio detallista. Entrega de los productos esenciales bajo el control y cooperación de las organizaciones populares, cuidando que cada familia sea abastecida por un solo canal con arreglo a sus necesidades, al margen de su capacidad económica; desarrollo de las cooperativas como un canal preferente de distribución hacia los trabajadores; ampliar y racionalizar el Área de Propiedad Social y el sector reformado de la agricultura: extensión del Área de Propiedad Social, conforme a los criterios contenidos en un proyecto de Ley presentado al Congreso, prioridad en el paso al Área de Propiedad Social de las empresas relacionadas con los abastecimientos populares, aprobación inmediata de los Estatutos del Área de Propiedad Social; esfuerzo para alcanzar el autofinanciamiento y la normativa de organización financiera; expropiación de los predios por sobre 40 hectáreas y modificación para ello de la Ley, garantizando la expropiabilidad de los predios por debajo de esa cabida que estén abandonados o no explotados.

Incluso la organización de la producción a través de la aplicación generalizada de los convenios de producción en el Área de Propiedad Social; del plan de explotación de los predios agrícolas y los convenios con el sector privado, prioritariamente en lo que se refiere a la producción esencial; básicamente, entendimiento con los pequeños y medianos productores

agrícolas y las cooperativas. Restringir drásticamente los delitos contra la economía nacional, desarrollar la acción de masas y usar todos los instrumentos legales y administrativos para reprimir el mercado negro y la especulación. Sanción ejemplarizadora frente a la evasión tributaria y a la percepción ilegal de rentas. Facilitar el crédito con fines productivos e impedir que esto se desvíe a actividades especulativas. Enérgica represión contra aquellos que atentan contra la propiedad social, defender el poder adquisitivo del pueblo en el ordenamiento de la política de remuneraciones, política discriminatoria de precios en favor de los productos de consumo popular, elevando los productos no esenciales y suntuario; mantención del criterio discriminatorio en los reajustes de remuneraciones en favor de los sectores de más bajos ingresos; asegurar que los aumentos de ingresos reales guarden relación con los incrementos de producción y de productividad; aplicación rigurosa del tope de 20 sueldos vitales en remuneraciones de toda la Administración del Estado y del Área de Propiedad social, con excepción de aquellas de los técnicos, según lo establezcan los órganos superiores de dirección económica y a nivel central; ordenamiento de las remuneraciones, en función de la política económica general por la Comisión Central de Trabajo Sueldos y Salarios; ampliar la intervención y participación real y orgánica de los trabajadores en la Dirección y gestión de la economía; actualización inmediata del acuerdo CUT-Gobierno, sobre las normas básicas de participación, comprensión práctica de las nuevas formas de participación, aprovechando la discusión, aprobación y ejecución del plan económico de 1974.

Establecer un Estatuto legal que garantice la propiedad y regule el funcionamiento del sector de pequeña y mediana producción y distribución de la economía nacional; dar énfasis y probidad al esfuerzo por mejorar la organización de la producción en la agricultura, la gran Minería del Cobre, la energía y el desarrollo de los problemas urgentes de transporte y movilización colectiva. Llevar a cabo la discusión y la aprobación popular del plan económico del 74 tomando desde ya el conjunto de medidas que aseguren su cumplimiento. Anticipar los planes y tareas económicas con la exigencia de afianzar la independencia, soberanía y seguridad nacional.

Este es el plan de emergencia que estimamos fundamental, dadas las horas duras y difíciles que reiteradamente he dicho, el país ha vivido y tendrá

que vivir. Nadie ignora las causas del proceso inflacionista. Nadie ignora los factores externos e internos que han ido dificultando la marcha normal de nuestra economía. Todos tenemos la obligación de hacer un gran esfuerzo y un gran sacrificio. Este Gobierno no ha tenido los instrumentos legales para poder desarrollar su tarea y su labor, si se piensa la responsabilidad que tenemos para hacer los cambios estructurales que son fundamentales y necesarios, si se piensa que solamente tenemos una oposición mayoritaria y cerrada en el Parlamento y las dificultades administrativas con otros organismos, y aun con el Poder judicial. Se comprenderá lo duro y difícil que es continuar imperturbablemente luchando dentro de los marcos que nos fijáramos, de pluralismo, democracia y libertad. Ello ha sido posible porque la mayoría de los chilenos quiere, como nosotros, entrañablemente a esta tierra, a nuestra historia, a nuestro pasado, nuestro presente y nuestro futuro. En este momento difícil, llamo a la reflexión a muchos que no quieren entender, que el destino de nuestra patria nos obliga generosamente a actuar y a estar más allá de las apetencias personales o de las querellas partidarias sin fundamento.

Yo sé perfectamente bien que los procesos revolucionarios, lógicamente, sacuden y convulsionan a los pueblos. Pero sé también que aquí hemos querido, y tratamos de hacer, algo que otros pueblos no alcanzaron: una revolución por cauces distintos, de acuerdo a nuestra historia, a nuestra tradición y a nuestra realidad.

Espero que solos seamos capaces de escribir una página más, para señalar que Chile tiene su propia voluntad creadora y su noble decisión de hacer cada vez más grande a la Patria.

NONA APARIÇÃO DE SALVADOR ALLENDE: 1h04'40

p. 505-508

PALABRAS DEL PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA, COMPAÑERO SALVADOR ALLENDE GOSSENS, pronunciadas en la ceremonia de nominación de nuevo Gabinete. Santiago, 9 de agosto de 1973

CIUDADANAS Y CIUDADANOS; MINISTROS DE ESTADO; AUTORIDADES CIVILES, MILITARES Y DE CARABINEROS; ESTIMADAS COMPAÑERAS Y ESTIMADOS COMPAÑEROS:

La nominación de un nuevo Gabinete siempre es un hecho importante. Hoy adquiere este acto una excepcional connotación. Es Chile el que está en peligro.

He venido denunciando reiteradamente, que la subversión ha estado caminando soterrada y cínicamente en nuestro país. Bastará recordar lo que hemos vivido en estos últimos días, y lo que estamos viviendo. Sabe Chile entero que, en medio de este plan fascista, cayó ultimado el Comandante, Jefe de la Casa Militar, entrañable amigo, Capitán de Navío de la Armada Nacional Arturo Araya. Ello fue el 26 de Julio. Dos días antes, los transportistas, a pesar de haber conversado con el Ministro del Interior y de recibir de éste una respuesta positiva para estudiar sus demandas gremiales, mientras conversaban con el Ministro, decretaron el paro. Paro que venía realizándose con métodos y tácticas antes desconocidas en nuestro país. Y este paro, y la actitud de violencia y terrorismo, suman ya 4 muertos:

El día 26 de julio, Juan Bautista Ayala Orellana, chofer de INDAP, 7 hijos;

El 3 de agosto, Robinson Gutiérrez Rodríguez, 54 años, 5 hijos, Sereno del Servicio de Ferrocarriles;

El 7 de agosto, Raquel Toledo, esposa de un obrero agrícola, 5 hijos, trabajadora voluntaria;

El 7 de agosto, Felipe Núñez Fuentes, 54 años, campesino, 8 hijos ¡Veinticinco huérfanos como consecuencia de la barbarie, del terrorismo, de la ola fascista que sacude al país!

Además de estos hechos que tienen un alto significado humano y que no necesitan destacarse, Chile ha vivido acontecimientos que golpean muy fuertemente la conciencia, nacional.

El 29 de junio se quiebra la disciplina de un sector minoritario del Ejército de Chile y los tanques arremeten contra el Ministerio de Defensa y contra La Moneda. Se restablece la disciplina gracias a la lealtad y a la conciencia democrática de las Fuerzas Armadas, de Carabineros y de Investigaciones. Es un sector de derecha, fascista comprobadamente, el que actuaba para impulsar

a ese mínimo sector del Ejército. Ayer se descubren tentativas de organización celular en dos buques de la Armada Nacional. Se suponía, y con razón, que son sectores de ultraizquierda.

Una vez más se dan la mano el fascismo de la extrema derecha y sectores de ultraizquierda que no comprenden el contenido y el alcance de este proceso nuestro, que el pueblo y el Gobierno van a defender con la decisión del que manejará implacablemente la Ley, y sabiendo además que cuenta con la solidaridad de la inmensa mayoría de los chilenos, que quieren evitar por todos los medios la guerra civil en nuestra patria.

El paro de los camioneros, fatídica actitud similar a la de octubre del año pasado, representa ya 215 atentados con destrucción material increíble. Con un acto pocas veces presenciado en cualquier latitud del mundo, como es el haber destruido el oleoducto, allá en el fundo Los Cristales, cerca de Curicó, que pudo haber significado la destrucción de la ciudad.

Resultado: un muerto, 17 heridos graves. Todos son campesinos, gente modesta, gente humilde. Con la impunidad, y con la cobardía propia de ellos en la sombra de la noche, huyendo. Por suerte, creo que ya está un sujeto de éstos, detenido. Y podremos hacer que la madeja sea desenvuelta, a través de la acción de los Servicios de Investigaciones o de los Servicios de Inteligencia de las Fuerzas Armadas.

Así comienzan las guerras civiles, estimados compatriotas, si no se pone atajo a tantos desmanes. Lo que está sucediendo atenta contra, la seguridad nacional, contra la convivencia de los chilenos. Es por eso que este Gabinete, tiene una excepcional connotación histórica. Y llamo a este Gabinete, el "Gabinete de la Seguridad Nacional".

Tiene por tarea defender a Chile, impedir que se separe al pueblo del Gobierno y al pueblo de las Fuerzas Armadas.

Es por ello, que destaco el espíritu patriótico y la lealtad democrática de las Fuerzas Armadas y Carabineros que integrarán este Gabinete.

Y debo, frente a la nación, reiterar lo que siempre he dicho: En este país no habrá más Fuerzas Armadas que las que establece la Constitución y la ley. En este país no habrá ejército paralelo. En este país se mantendrá la verticalidad del mando. En este país las Fuerzas Armadas, Carabineros e Investigaciones, han escrito en la historia del desarrollo democrático, su lealtad

y su acatamiento al poder civil. Es mi obligación, como Presidente de Chile, señalar que a esa lealtad corresponde, en defensa de Chile, la respuesta que ante el país entero reafirmo una vez más.

Por eso el Gobierno rechazará toda tentativa de infiltración política –que ni siquiera merece ese nombre toda tentativa de infiltración subversiva de las Fuerzas Armadas, en Carabineros e Investigaciones. Este Gabinete, que es el de la seguridad nacional, tiene como tarea básica luchar contra la subversión. Tiene que imponer el orden político. Y lo hará. Contra los fascistas o contra cualquiera que individualmente, o por grupo, pretenda subvertir el orden. Sea cual sea su ubicación política, si es que la tiene.

Este Gabinete tiene que terminar con el paro fascista de los transportistas. Obtener sea declarada asociación ilícita toda agrupación fascista como es el caso de Patria y Libertad, que se han declarado en el clandestinaje, después del fracaso la tentativa del 29 de junio. Un país no puede vivir sometido a la amenaza de desalmados. Las calles de Santiago fueron sembradas ayer por publicaciones como ésta, que habría que preguntarse quién la paga, donde se imprimen cuáles son las empresas que se prestan para que atente contra la vida nacional, contra el Gobierno y contra el país: "Ocho medidas para derrocar al Gobierno". Con esa impudicia se está actuando. "Unirse frente al enemigo común". Enemigo es la Unidad Popular y el Partido Comunista que la dirige. "Integrarse a la protección de su sector vecinal". "Sabotear las fuentes de trabajo estatales". "Hacer justicia, castigando directamente a los violentistas de izquierda".

"Denunciar toda irregularidad que se observe de parte del enemigo solo a las Fuerzas Armadas, pretendiendo halagarlas. Solidarizar incondicionalmente con los combatientes nacionalistas". Es decir, con los fascistas de Patria y Libertad. "Anteponer las labores de resistencia ante cualquier interés personal. Solidarizar con el hombre y la mujer de trabajo que anhela, un destino claro para el país, actuando coordinadamente con los gremios". Millares y millares de estos panfletos, lanzados al rostro de Santiago por gente que tiene vehículos veloces y de alto costo. Para qué hablar lo que hacen en las sombras de la noche.

Es por eso que este Gabinete tiene que imponer el orden político. Y ya he precisado lo fundamental que tenemos que alcanzar para imponer ese orden.

Pero al mismo tiempo tenemos que imponer el orden económico. Este país está azotado por una inflación implacable, que puede llevar a un caos sin salida, y que lleve, indiscutiblemente, a la crisis económica y a la crisis política. Este Gabinete debe obtener el despacho de proyectos de Ley, que están en el Congreso desde hace mucho tiempo, para establecer las tres áreas de la economía; para amparar al pequeño y mediano industrial; para aplicar, por el cauce jurídico, la participación de los trabajadores. Y que se entienda por empresa de trabajadores, la autogestión. Este Gabinete tiene que luchar contra el agio, la especulación. Para eso debe obtenerse el despacho de la Ley contra Delitos Económicos. Debe irse, con premura, a tomar las medidas que permitan una distribución democrática y equitativa. Si acaso el drama que viven cientos y miles de chilenos ha sido y es duro, los peligros que amenazan al país, frente a su economía, a la alimentación de las poblaciones, a la actividad de las industrias, son gravísimos. En horas más, si no atacamos el paro sedicioso, podrán paralizarse el 40 o el 50% de las industrias y faltarán alimentos en muchas ciudades y pueblos de nuestra patria.

Es por eso que, junto con imponer el orden político, hay que imponer el orden económico, manteniendo la efectividad del régimen democrático e imprimiéndole un dinamismo creador.

Este Gabinete tendrá que demostrar ante el país que es posible, es necesaria, una conciencia nacional que se rebele contra los hechos trágicos que hemos vivido y seguimos viviendo.

Este Gabinete tiene la obligación de defender a Chile, amenazado en su soberanía, en su economía, en su libertad y en su democracia. Desde aquí, renuevo mi honda responsabilidad. Como Compañero Presidente me dirijo a los trabajadores de mi patria. He depositado en ellos toda la confianza que un compañero puede depositar en los trabajadores que hasta hoy han respondido con un superior espíritu, con gran patriotismo y gran serenidad.

Que entiendan –y sé que lo entenderán- el alcance de este Gabinete; las proyecciones que él tiene. Yo diría que es la última posibilidad.

Le he hablado con claridad meridiana a mis compañeros –porque nunca dejaré de ser el compañero Presidente - para decirles que el enfrentamiento, que la guerra civil no solo quebrará la convivencia de los chilenos, marcando por años y años la separación entre las familias; entre los amigos, entre los sectores, con o sin educación política. Será, además, Chile quebrado en su economía y estará en peligro la propia seguridad del país.

Por eso, desde aquí a ellos yo los llamo. Para que entiendan que es indispensable que vivamos esta etapa, que no será una etapa de retroceso, sino de ordenación y avance dentro de los cauces de la responsabilidad que tiene el proceso que dirijo.

Llamo a mis compañeros, para que expresen una vez más lo que históricamente tienen como gran responsabilidad. Y sé que contaré con su lealtad, que no es la lealtad a un hombre. Es lealtad a su clase y lealtad a Chile.

No podrán los fascistas, no podrán los que amparan la subversión separar al pueblo del Gobierno y al pueblo de las Fuerzas Armadas.

Este Gabinete es el “Gabinete de la Seguridad Nacional”, y tenemos la obligación de no fracasar, por Chile y su futuro.

Tengo fe en que VENCEREMOS

DÉCIMA APARIÇÃO DE SALVADOR ALLENDE: 1h20'13 – CENAS DE ALTO MAR/ MARINHA

p. 551-554

ÚLTIMOS MENSAJES DE SALVADOR ALLENDE AL PUEBLO DE CHILE, LOS PRIMERAS EMITIDOS POR RADIO CORPORACIÓN, EL ÚLTIMO POR RADIO MAGALLANES, 11 DE SEPTIEMBRE DE 1973. 86

7:55 a.m.

Habla el Presidente de la República desde el Palacio de La Moneda.

Informaciones confirmadas señalan que un sector de la marinería habría aislado Valparaíso y que la ciudad estaría ocupada, lo cual significa un levantamiento en contra del gobierno, del gobierno legítimamente constituido, del gobierno que está amparado por la ley y la voluntad del ciudadano. En estas circunstancias, llamo sobre todo a los trabajadores.

Que ocupen sus puestos de trabajo, que concurran a sus fábricas, que mantengan la calma y serenidad. Hasta este momento, en Santiago no se ha producido ningún movimiento extraordinario de tropas y, según me ha informado el jefe de la guarnición, Santiago estaría acuartelado y normal.

En todo caso, yo estoy aquí, en el Palacio de Gobierno, y me quedaré defendiendo al Gobierno que represento por voluntad del pueblo. Lo que deseo, esencialmente, es que los trabajadores estén atentos, vigilantes, y que eviten provocaciones.

Como primera etapa tenemos que ver la respuesta, que espero positiva, de los soldados de la Patria, que han jurado defender el régimen establecido que es la expresión de la voluntad ciudadana, y que cumplirán con la doctrina que prestigió a Chile y le prestigia por el profesionalismo de las Fuerzas Armadas.

En estas circunstancias, tengo la certeza de que los soldados sabrán cumplir su obligación. De todas maneras, el pueblo y los trabajadores, fundamentalmente, deben estar movilizados activamente, escuchando el llamado que pueda hacerle y las instrucciones que les dé el Compañero Presidente de la República.

8:15 a.m.

Trabajadores de Chile: Les habla el Presidente de la República. Las noticias que tenemos hasta estos instantes nos revelan la existencia de una insurrección de la Marina en la provincia de Valparaíso. He ordenado que las tropas del Ejército se dirijan a Valparaíso para sofocar este intento golpista.

Deben esperar las instrucciones que emanan de la presidencia. Tengan la seguridad de que el presidente permanecerá en el Palacio de La Moneda defendiendo el Gobierno de los Trabajadores. Tengan la certeza de que haré respetar la voluntad del pueblo, que me entregó el mando de la nación hasta el 4 de noviembre de 1976. Deben permanecer atentos en sus sitios de trabajo a la espera de mis informaciones.

Las fuerzas leales respetando el juramento hecho a las autoridades, junto con los trabajadores organizados, aplastarán el golpe fascista que amenaza a la Patria.

8:45 a.m.

Compañeros que me escuchan: la situación es crítica: hacemos frente a un golpe de Estado en que participan la mayoría de las Fuerzas Armadas. En esta hora aciaga quiero recordarles algunas de mis palabras dichas en el año 1971, se las digo con calma, con absoluta tranquilidad, yo no tengo pasta de apóstol ni de mesías. No tengo condiciones de mártir, soy un luchador social que cumple una tarea que el pueblo le ha dado. Pero que lo entiendan aquellos que quieren retrotraer la historia y desconocer la voluntad mayoritaria de Chile; sin tener carne de mártir, no daré un paso atrás.

Que lo sepan, que lo oigan, que se les grabe profundamente: dejaré La Moneda cuando cumpla el mandato que el pueblo me dio, defenderé esta revolución chilena y defenderé el Gobierno porque es el mandato que el pueblo me ha entregado. No tengo otra alternativa. Solo acribillándome a balazos podrán impedir la voluntad que es hacer cumplir el programa del pueblo. Si me asesinan, el pueblo seguirá su ruta, seguirá el camino con la diferencia quizá de que las cosas serán mucho más duras, mucho más violentas, porque será una lección objetiva muy clara para las masas de que esta gente no se detiene ante nada.

Yo tenía contabilizada esta posibilidad, no la ofrezco ni la facilito. El proceso social no va a desaparecer porque desaparece un dirigente. Podrá demorarse, podrá prolongarse, pero a la postre no podrá detenerse. Compañeros, permanezcan atentos a las informaciones en sus sitios de trabajo. Permaneceré aquí en La Moneda inclusive a costa de mi propia vida.
9:03 a.m.

Compañeros: En estos momentos pasan los aviones. Es posible que nos acribillen. Pero que sepan que aquí estamos, por lo menos con nuestro ejemplo, que en este país hay hombres que saben cumplir con la obligación que tienen. Yo lo haré por mandato del pueblo y por la voluntad consciente de un Presidente que tiene la dignidad del cargo entregado por su pueblo en elecciones libres y democráticas.

En nombre de los más sagrados intereses del pueblo, en nombre de la Patria, los llamo a ustedes para decirles que tengan fe. La historia no se detiene con la represión ni con el crimen. Esta es una etapa difícil que será superada. Este es un momento duro y difícil; es posible que nos aplasten.

Pero el mañana será del pueblo, será de los trabajadores. La humanidad avanza para la conquista de una vida mejor.

Pagaré con mi vida la defensa de principios que son caros a esta Patria.

Caerá un baldón sobre aquellos que han vulnerado sus compromisos, faltando a su palabra... roto la doctrina de las Fuerzas Armadas.

El pueblo debe estar alerta y vigilante. No debe dejarse provocar, ni dejarse masacrar, pero también debe defender sus conquistas. Debe defender el derecho a construir con su esfuerzo una vida digna y mejor.

9:10. a.m.

Seguramente, ésta será la última oportunidad en que me pueda dirigir a ustedes. La Fuerza Aérea ha bombardeado las antenas de Radio Magallanes.

Mis palabras no tienen amargura, sino decepción. Que sean ellas un castigo moral para quienes han traicionado su juramento: soldados de Chile, Comandantes en Jefe titulares; el almirante Merino, que se ha auto designado Comandante de la Armada; más el señor Mendoza, General rastrero que solo ayer manifestaba su fidelidad y lealtad al gobierno, y que también se ha autodenominado Director General de Carabineros. Ante estos hechos solo me cabe decir a los trabajadores: ¡No voy a renunciar!

Colocado en un trance histórico, pagaré con mi vida la lealtad al pueblo. Les digo que tengo la certeza de que la semilla que hemos entregado a la conciencia digna de miles y miles de chilenos, no podrá ser segada definitivamente. Tienen la fuerza, podrán avasallarnos, pero no se detienen los procesos sociales con el crimen ni con la fuerza. La historia es nuestra y la hacen los pueblos.

Trabajadores de mi Patria: quiero agradecerles la lealtad que siempre tuvieron, la confianza que depositaron en un hombre que solo fue un intérprete de grandes anhelos de justicia, que empeñó su palabra en que respetaría la Constitución y la ley, y así lo hizo. En este momento definitivo, el última en que puedo dirigirme a ustedes, quiero que aprovechen la lección: el capital foráneo, el imperialismo, unidos a la reacción, crearon el clima para que las Fuerzas Armadas rompieran su tradición, la que les enseñara el General Schneider y reafirmara el Comandante Araya, víctima del mismo sector que hoy estará en sus casas esperando, con mano ajena, reconquistar el poder para seguir defendiendo sus granjerías y sus privilegios.

Me dirijo a ustedes, sobre todo a la modesta mujer de nuestra tierra, a la campesina que creyó en nosotros, a la madre que supo de nuestra preocupación por los niños. Me dirijo a los profesionales de la Patria, a los profesionales patriotas que siguieron trabajando contra la sedición auspiciada por los colegios profesionales, colegios clasistas que defendieron también las ventajas de una sociedad capitalista.

Me dirijo a la juventud, a aquellos que cantaron y entregaron su alegría y su espíritu de lucha. Me dirijo al hombre de Chile, al obrero, al campesino, al intelectual, a aquellos que serán perseguidos, porque en nuestro país el fascismo ya tiene muchas horas presente: en los atentados terroristas, volando los puentes, cortando las vías férreas, destruyendo los oleoductos y los gasoductos, frente al silencio de quienes tenían la obligación de proceder. Estaban comprometidos. La historia los juzgará.

Seguramente Radio Magallanes será acallada y el metal tranquilo de mi voz ya no llegará a ustedes. No importa. La seguirán oyendo. Siempre estaré junto a ustedes. Por lo menos mi recuerdo será el de un hombre digno que fue leal a la Patria.

El pueblo debe defenderse, pero no sacrificarse. El pueblo no debe dejarse arrasar ni acribillar, pero tampoco puede humillarse.

Trabajadores de mi Patria, tengan fe en Chile y en su destino. Superarán otros hombres este momento gris y amargo en que la traición pretende imponerse. Sigán ustedes sabiendo que, mucho más temprano que tarde, de nuevo, se abrirán grandes alamedas por donde pase el hombre libre, para construir una sociedad mejor.

¡Viva Chile! ¡Viva el pueblo! ¡Vivan los trabajadores!

Estas son mis últimas palabras y tengo la certeza de que mi sacrificio no será en vano, tengo la certeza de que, por lo menos, será una lección moral que castigará la felonía, la cobardía y la traición.

ANEXO 12 – MANIFESTO DO EL MERCURIO EM 11/09/2019

Inserción

El 11/9/1973 Chile se salvó de ser como es hoy Venezuela

Allende utilizó la violencia y la ilegalidad para imponer una Dictadura Marxista Leninista

Acuerdo Político del Partido Socialista aprobado en su Congreso de Chillán:

“La Violencia Revolucionaria es Inevitable. El Proceso Político nos lleva a la Lucha Armada”

“La violencia revolucionaria es inevitable y legítima. Resulta necesariamente del carácter represivo y armado del estado de clase. Constituye la única vía que conduce a la toma del poder político y económico y a su ulterior defensa y fortalecimiento. Solo destruyendo el aparato burocrático y militar del estado burgués, puede consolidarse la revolución socialista.”

“Las formas pacíficas o legales de lucha no conducen por sí mismas al poder. El Partido Socialista las considera como instrumentos limitados de acción, incorporados al proceso político que nos lleva a la lucha armada.”

Resolución, adoptada por la unanimidad de sus integrantes, en el Congreso del Partido Socialista de Chile, celebrado en Chillán, el 24, 25, y 26 de Noviembre de 1967.

Fuente: “El Partido Socialista de Chile”, por Julio César Jobet, Editorial Prensa Latinoamericana, 1971.

1973. Miguel Enríquez, Secretario General del MIR:

“Los Revolucionarios y los Trabajadores deben extender las Tomas de Fábricas y Fondos. Todas las Formas de Lucha se harán Legítimas”

“Los revolucionarios y los trabajadores deben de inmediato extender las tomas de fábricas y fondos, multiplicar las tareas de defensa, impulsar el poder popular como gobierno local, autónomo de los poderes del estado... Todas las formas de lucha se harán legítimas.”

Fuente: Discurso de Miguel Enríquez el 17 de Julio de 1973 en el Teatro Caupolicán (Video en YouTube).

1972. Comandante Pepe, Mirista. Entrevista de Nena Ossa:

“Tiene que Morir Un Millón de Chilenos... Con Menos Muertos no va a Resultar”

“Tomamos los campos y los pueblos del sur, violentamente si es necesario, mientras en Santiago el MIR se toma la ciudad y bajan a unirse con nosotros a medio camino.”

“Claro que violentamente! Tiene que morir un millón de chilenos para que el pueblo se comprometa de la revolución y ésta se convierta en realidad. Con menos muertos no va a resultar”

Fuente: Libro “Allende Thank You”

9 de Septiembre de 1973. Senador Socialista Carlos Altamirano:

“Chile se transformará en un Nuevo Vietnam Heroico...”

“La conjura de la derecha —piensa nuestro partido— sólo puede ser aplastada con la fuerza invencible del pueblo unido a tropas, clases, suboficiales y oficiales leales al gobierno constituido.”

“Chile se transformará en un nuevo Vietnam heroico si la sedición pretende enseñorearse de nuestro país.”

Fuente: Libro “Altamirano”, Patricia Politzer, Ediciones Melquides, páginas 193 y 194.

Andrés Pascal Allende, en Restaurante Valparaíso, celebrando el Aniversario 54 de la Fundación del MIR:

“Y nos fuimos a la Embajada Cubana a decirle al Embajador... ¡Entréguenos las Armas! ... Nos habíamos robado la mitad de las Armas de Allende, del GAP”

“El 29 de julio, para el tanquetazo de Souper, (el General) Prats estaba furioso porque se le había escapado un tanque... Le dijo a Miguel (Enríquez) ‘salgan a la calle y si tienen que volar el tanque, vuelenlo’... teníamos carones sin retroceso, nos habíamos robado la mitad de las armas de Allende, del GAP. Dijimos ‘ésta es la nuestra. ¡Es el momento!’ Pero en lo que nos tomó sacar los carones de los barretines... ya estaba sofocado el tanquetazo.”

“Fidel había dicho que si había golpe nos daba las armas. Entonces agarramos las camionetas y nos fuimos a la embajada cubana a decirle al embajador — Fidel nos dijo esto — ¡entréguenos las armas!, queremos llevarnos las armas!... Total, no nos entregan las armas... nos quedamos con las 300 armas porque las sacamos después, clandestinamente... pero ya estábamos en el golpe, el partido estaba totalmente desarticulado... esas armas se transformaron en una mochila... porque había que tener casas de seguridad, barretines, etc. muchas de esas armas se perdieron, y realmente no estábamos en condiciones... de usar esas armas, como no fuera las que usó Miguel para resistir, o los enfrentamientos en Mallico y otros lugares, y algunas que usamos del 78 para adelante...”

Fuente: Intervención de Andrés Pascal Allende en Conversatorio por la Celebración del Aniversario 54 del MIR en el Restaurante Valparaíso. (Video en YouTube).

Las Instituciones Republicanas y la Sociedad Civil Rechazaban la Agresión Totalitaria

25 de Junio de 1973, Oficio de la Corte Suprema al Presidente de la República:

“Allende no Acataba los Fallos de los Tribunales”

“...los jueces han dado protección a los perjudicados ordenando la devolución de la industria, fábrica, empresa, predio, y la Administración ha resistido la orden, infringiendo con ello abiertamente la Constitución y las leyes.”

“...la Administración no puede decidir sobre la competencia del Tribunal... sino esta Corte Suprema o el Senado según que se trate de un conflicto de competencia entre las autoridades políticas o administrativas... Y ha pretendido hacerlo, sin embargo, en varias ocasiones.”

22 de Agosto de 1973. Acuerdo de la Cámara de Diputados:

“El Gobierno de Allende, desde sus inicios, se ha ido empeñando en la Conquista del Poder Total...”

“... el actual Gobierno de la República, desde sus inicios, se ha ido empeñando en conquistar el poder total, con el evidente propósito de someter a todas las personas al más estricto control económico y político por parte del Estado y lograr de ese modo la instauración de un sistema totalitario, absolutamente opuesto al sistema democrático representativo, que la Constitución establece.”

“... en la quiebra del Estado de Derecho tiene especial gravedad la formación y desarrollo, bajo el amparo del Gobierno, de grupos armados que, además de atentar contra la seguridad de las personas y sus derechos y contra la paz interna de la Nación, están destinados a enfrentarse contra las Fuerzas Armadas.”

“... también tiene especial gravedad el que se impida al Cuerpo de Carabineros ejercer sus importantísimas funciones frente a las asonadas delictuosas perpetradas por grupos violentistas afectos al Gobierno.”

6 de Julio de 1973: Presidente del Senado, Senador Eduardo Frei Montalva, en reunión con la Sociedad de Fomento Fabril:

“Nada puedo hacer yo, ni el Congreso, ni Ningún Civil”

“Nada puedo hacer yo, ni el congreso ni ningún civil. Desgraciadamente este problema sólo se arregla con fusiles... Les aconsejo plantear crudamente sus aprehensiones, las que comparto plenamente, a los comandantes en jefe de las Fuerzas Armadas, ¡ojalá hoy mismo!”

Fuente: Acta Rivero de la Audiencia de la Directiva de la Sociedad de Fomento Fabril con el Presidente del Senado, el 6 de Julio de 1973. Publicada en Revista “Economía & Sociedad” Agosto-Octubre 2017.

Septiembre de 1973, los Colegios de Abogados, Arquitectos, Bibliotecarios, Constructores Civiles, Dentistas, Enfermeras, Ingenieros, Ingenieros Agrónomos, Médico, Médicos Veterinarios, Periodistas, Practicantes, Químicos Farmacéuticos, Técnicos de Chile, Tecnólogos Médicos:

“Los colegios Profesionales de Chile se unen... para exigir el Imperio de la Constitución y las Leyes”

“... los Colegios Profesionales se unen a los llamados solemnes y apremiantes dirigidos a las autoridades para que, rectificando profundamente sus actuales procedimientos, se restablezca el imperio de la Constitución Política y de las leyes de la República...”

“No es posible continuar prescindiendo de la voluntad mayoritaria de la Nación expresada en las urnas, de la ejecución de las legítimas decisiones adoptadas por el Congreso Nacional, del obediencia y ejecución de las resoluciones judiciales...”

Fuente: El Mercurio 1º de Agosto de 1973, 3er Cuerpo, Página 22.

Opiniones posteriores al 11 de Septiembre de 1973

18 de Septiembre de 1973, el ex Presidente Gabriel González Videla, en el Tedeum de la Gratitud Nacional:

“No tenemos palabras con que agradecerles a las Fuerzas Armadas”

“No tenemos palabras con que agradecerle a las Fuerzas Armadas de Chile de habernos salvado de las garras del comunismo. Estábamos todos a punto de perecer dada la organización paramilitar que ellos tienen organizada.”

Fuente: Te Deum Gratitud Nacional 18 de Septiembre de 1973 (Video en YouTube).

Septiembre de 1973, Senador Patricio Aylwin, Presidente del Partido Demócrata Cristiano, en entrevista de la TV Española:

La acción de las Fuerzas Armadas, se Anticipó (al Autogolpe) para salvar al País de caer en una Guerra Civil o en una Tiranía Comunista”

“El gobierno de Allende había agotado, en el mayor fracaso, la vía chilena hacia el socialismo, y se aprestaba a consumar un autogolpe para instaurar por la fuerza la dictadura Comunista...”

“En estas circunstancias, pensamos que la acción de las Fuerzas Armadas simplemente se anticipó a ese riesgo para salvar al país de caer en una guerra civil o en una tiranía comunista”

Fuente: Entrevista de la Estación de Televisión Española RTVE en Septiembre 1973 transcrita en Revista “Economía & Sociedad” Agosto-Octubre 2017 (Video en YouTube).

10 de Octubre de 1973, El ex Presidente Eduardo Frei Montalva, en declaraciones al Diario ABC:

“La Guerra Civil estaba Perfectamente Preparada por los Marxistas”

“El marxismo, con conocimiento y aprobación de Allende, había introducido en Chile innumerables arsenales, que se guardaban en viviendas, oficinas, fábricas, almacenes...”

“Los militares han salvado a Chile y a todos nosotros, cuyas vidas no son ciertamente tan importantes, como las de Chile, pero son vidas humanas”

“La guerra civil estaba perfectamente preparada por los marxistas. Y esto es lo que el mundo desconoce o no quiere conocer.”

Fuente: Entrevista de Don Eduardo Frei Montalva al Diario ABC de España, citada en la Revista “Economía & Sociedad” Agosto-Octubre 2017.

Octubre 1973, El Presidente del Colegio de Abogados, Alejandro Silva Bascuñán:

“El 11 de Septiembre puso término a un Gobierno que se había convertido en ilegítimo por sus Excesos y Atrapellos ...”

“... el derrocamiento del extinto Presidente Allende fue la culminación de un proceso que, tanto en su gestación como en su desarrollo, tanto en su crisis como en su drástico desenlace, debe ser cargado a la responsabilidad del gobierno depuesto.”

“...frente a una situación realmente insoportable y ante la imposibilidad de encontrar una salida política a la encrucijada y una rápida salida jurídica al diferendo constitucional, las Fuerzas Armadas y Carabineros de Chile creyeron de su deber poner en ejercicio sus atribuciones de guardianes de la seguridad interna y externa de la Nación. El 11 de septiembre puso término a un gobierno que verdaderamente se había convertido en ilegítimo por sus excesos y atrapellos...”

Fuente, “Antecedentes Históricos Jurídicos Año 1972-1973”; “El Colegio de Abogados y el Nuevo Gobierno, páginas 183 y 185.

La tragedia de Chile ayer es la tragedia de Venezuela hoy.

Ignacio Alejandro Gutiérrez N.
Francisco García L.
Eduardo Kwas P.
Javier Leturia M.
Pedro Meneghello T.
Claudia Carralaj A.
Oswaldo Hernán Rivera R.
Nelly Riquelme A.

Glida G. Pino M.
Paulo Martínez C.
Alfonso Mujica V.
Victor Enrique López B.
Mónica Salinas R.
Hilda Rochau C.
Olga Martínez F.
Johannes Maximilian Kaller B.

Guillermo San Martín G.
Antonio Nicolás Arroyo S.
Alfonso Cortés A.
Juan Carlos Martínez Z.
Mónica Rasmussen V.
Jaqueline Barroilhet A.
José Manuel Edwards E.
Ximena Ramírez Ch.

Gerardo Jofre M.
Gabriel Ormellejo M.
Juan García-Huidobro S.
Ludolf Laussen K.
Rodrigo Mujica V.
María Teresa Infante B.
Hermígenes Pérez de Arce I.
José Luis Cox P.

Alejandro Roth N.
Felipe Ormellejo M.
Francisco Silva U.
Jorge Patricio Arancibia R.
Juan Eduardo Cox V.
Fernando de la Cueva V.
Lisandro Contreras R.
Yerko Torrejón K.

Juan Luis Lemaitre D.
Hugo Frías O.
Sergio Silva A.
Francisco Goycoolea B.
Enrique Tenorio F.
Juan Pablo Monge Z.
José Miguel Alcalde P.
Gonzalo Hevia H.

Carlos Echeverría D.
Juan Pablo Varela D.
Jorge Cheyre V.
Francisco Cerdas M.
Juan Manuel Casanueva P.
Rodrigo Gil F.
Rafael Alcalde M.
Alejso Sotomayor S.

Gonzalo Mujica V.
María Makar P.
Felipe Astaburuaga E.
Gustavo Boetisch M.

ANEXO 13 – ENTREVISTAS CONCEDIDAS POR ANDREA GUZMÁN E ALVARO WUTH ENTRE JANEIRO/FEVEREIRO DE 2021

 "Andrea J. Guzmán Urzúa" <andreaagu@gmail.com>
para mim, Álvaro ▾ qui., 4 de fev. 13:01 ☆ ↶ ⋮

🌐 Detectar idioma ▾ > português ▾ Traduzir mensagem Desativar para: espanhol x

Hola Fabio,

Gracias por escribir y disculpa la demora, estoy saturada de trabajo.. He cambiado a mi correo personal, mejor.

Al ver que Patricio no te ha respondido en 2 años (me temo que no responde a nadie nunca) y yo estoy ahora mismo distanciada de él, hemos decidido ayudarte o al menos, intentarlo, Alvaro y yo.

Copio a Alvaro aquí, es mi marido y ha sido el ayudante de dirección en "La memoria obstinada", y segundo ayudante en "El caso Pinochet". Espero que él te pueda responder la 1 y 2.

Sobre la 3, hemos comprobado que, efectivamente, no salen los apellidos de las mujeres ni siquiera en los créditos (no sé como han podido hacerlo, pero es así). Tenemos el Dvd y lo hemos revisado. Ahora Alvaro está haciendo una lista de ellas y va a intentar recordar sus apellidos o preguntar por ahí, no sé si las vamos a encontrar a todas.

Sobre tu libro de "Salvador Allende", sería muy interesante leerlo (los 2 hemos trabajado en esa película) pero imagino que está en italiano...

Te iremos contando a ver cómo os va!!

Un abrazo,
Andrea

Andrea Guzmán U.
+34 615585503
andreaagu@gmail.com

Alvaro Silva <alvarowuth@yahoo.es>
para mim ▾ seg., 8 de fev. 14:32 ☆ ↶ ⋮

🌐 espanhol ▾ > português ▾ Traduzir mensagem Desativar para: espanhol x

Hola Fabio.

Disculpa la demora en mi respuesta, pero finalmente aquí va.

Las escuelas y facultades que aparecen en "La Memoria Obstinada" por orden de aparición son:

- Universidad Finis Terrae.
- Colegio Sagrados Corazones, monjas francesas.
- Facultad de derecho de la Universidad Católica.
- Escuela internacional del gesto y la imagen, La Mancha.

Todas en Santiago de Chile.

El grupo de personas que reconoce a Carmen Vivanco, efectivamente pertenece a la Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos. Las imágenes de Carmen Vivanco, fueron hechas en las dependencias del Archivo de la Vicaría de la Solidaridad en Santiago.

En cuanto al apellido de las mujeres que aparecen dando testimonio en "El Caso Pinochet" lamentablemente no puedo ayudarte porque no guardo mis notas de aquel rodaje. Buscando en las listas del Instituto Nacional de derechos Humanos de Chile <https://www.indh.cl/wp-content/uploads/2011/10/Valech-1.pdf> es prácticamente imposible encontrarlas porque hay muchas coincidencias de nombres. La única de la que recuerdo su apellido con claridad, porque es un personaje emblemático dentro de las mujeres luchadoras en Chile es Luisa Toledo, una de las mujeres mayores que aparece en la película.

Te vuelvo a pedir disculpas por la demora en mi respuesta, espero que te sirva y si tienes mas preguntas, no dudes en escribir.

Saludos y suerte.

ANEXO 14 – PERFIL DE JUAN BAUTISTA OSSES BELTRÁN⁶⁷⁷



Se rompió un silencio de 30 años. Ex GAP de Salvador Allende que sobrevivió al bombardeo al Palacio de Gobierno de La Moneda relata por primera vez, de forma dolorosa, hechos que ocurrieron en el interior de esa sede el 11 de septiembre de 1973. Se rompió un silencio de 30 años. Juan Bautista Osses Beltrán, uno de los tres escoltas del presidente Salvador Allende (1970-73) que sobrevivió al bombardeo al Palacio de Gobierno de La Moneda relata por primera vez, de forma dolorosa, hechos que ocurrieron en el interior de esa sede el 11 de septiembre de 1973. De forma exclusiva, Prensa Latina desentierra la memoria de Silvio, su nombre de guerra y miembro del Grupo de Amigos del Presidente (GAP). Osvaldo Cardosa Samón, corresponsal de Prensa Latina en Chile, especial para Juventud Rebelde (Cuba)

SANTIAGO DE CHILE — En la residencia presidencial de Tomás Moro nos despertaron con urgencia a las 6:00 am. Nos dicen que había que ir a la sede presidencial, pues había empezado un Golpe de Estado en la Marina, ciudad de Valparaíso. Nos levantamos abruptamente y recuerdo que alguien dijo "pónganse ropa de combate", y sinceramente cuando uno escucha ahora ropa de combate piensa que sería uniforme, pero no: era vestirse con ropas cómodas. Salimos rápidamente de Tomás Moro.

Recuerdo que cuando nos dicen que hay que ir a La Moneda dejo mi fusil AK y me llevo mi SIG SAUER (suizo). Era un día oscuro y las calles estaban vacías, me llamó mucho la atención que había demasiado silencio. Nosotros bajamos por la calle Costanera. Los únicos que no sabían que había Golpe éramos nosotros, los del GAP.

⁶⁷⁷ Cf. disponible em: <<https://gap6.webnode.es/testimonios/juan-osses-beltran/>>

Llegamos a La Moneda y nos vamos al segundo piso y Aníbal Salcedo (Juan José Montiglio), quien era el jefe del dispositivo, empieza a ver cómo defendemos La Moneda. Instalamos en algunas ventanas algunas ametralladoras que no conocíamos. Nos ubicaron por sectores y junto a otros compañeros quedé al frente de la puerta Morandé 80, por donde horas más tarde pasaría el cuerpo sin vida de Allende. Recuerdo que no estuve todo el tiempo al lado del Doctor, así le decíamos los del GAP. Ese 11 de septiembre solo en dos ocasiones estuve muy cerca del Presidente en el interior de La Moneda.

Cuando empezaron los primeros disparos (aproximadamente a las 11:00 am) recuerdo que había un policía de Carabineros que decía: "me quedaré a defender el gobierno constitucional". Sin embargo, media hora después escuchamos ruidos de tanquetas afuera de La Moneda y cuando observamos vimos como el soldado se retiraba agitando un pañuelo blanco en la mano en señal de que no dispararan. Miramos hacia el lugar donde estaba el soldado y vimos que había abandonado su equipamiento de combate.

NUNCA ALLENDE ORDENÓ TAREAS FUERA DE LA MONEDA

En el furor del combate, el Doctor nos reúne a todos nosotros y nos comunica que quien no quiera combatir que se retire. En ningún momento escuché una orden para que alguien cumpliera una misión fuera de La Moneda. Confieso que todo el que se retiró fue porque no quiso defender el Palacio. A excepción de las mujeres. Digo esto, porque después de un silencio de 30 años me molesta mucho que ahora connotadas figuras en la política nacional digan que el Doctor les ordenó determinada misión, tareas. Quien se fue de La Moneda, fue porque no quiso combatir y lo veo muy humano.

Contrario a esto fue lo que pasó con Daniel Vergara, por ejemplo, quien se queda y lo único que nos comunica es que no sabe combatir y cuando cerramos la puerta de Morandé 80 y lo veo a él le entrego una UZI y le digo que lo único que tiene que hacer es mantener el cañón del fusil mirando hacia adelante.

Cuento esta anécdota porque Vergara era una gente del mundo civil, sin instrucción militar, y fue capaz de quedarse en La Moneda y demostrar tener un fuerte compromiso político y de defender con las armas el gobierno.

Desgraciadamente Vergara murió después en el exilio y otras figuras sostienen ahora que le ordenaron determinada misión. Recuerdo como si fuera ahora mismo cuando el Doctor se paró en la escalera al interior de Palacio y dijo: "Los que no quieran combatir retírense y dejen las armas acá que son para este combate". Hubo otros que después relataron que salieron de Palacio por órdenes del presidente para que comunicaran al mundo lo que estaba sucediendo en La Moneda, y yo digo que eso es mentira, porque en ese momento lo que se necesitaba eran hombres y armas. Me quedé callado por muchos años. Esto que digo demuestra la visión de un Presidente de querer combatir hasta la muerte y defender el cargo que su pueblo le entregó.

Además era una decisión que se había adoptado 15 días antes del 11 de septiembre, cuando hicimos una reunión en la residencia de descanso de Cañaveral, 15 kilómetros al este del centro de Santiago, donde Allende, entre algunos intercambios de informes políticos, nos comunica que el complot viene y que probablemente viene por la Marina, que ha sido históricamente una institución golpista en Chile. Se me quedaron grabadas aquellas palabras de Allende de que él no va a salir de La Moneda y que nunca abandonaría el país. Nos dice que la tarea nuestra es bajar a La Moneda, defender ese símbolo que es del pueblo, mientras se movilizan los trabajadores en los cordones industriales para el llamado Plan de Defensa de Santiago, porque había "un plan de defensa de la ciudad", pero nosotros éramos la única fuerza armada para defender hasta que se movilizara el pueblo.

Este era un plan acordado por los partidos de la Unidad Popular (UP) con todas las dificultades, deficiencias y discusiones, que significaba en este caso la estructura que estaba en el denominado Cordón Industrial. Trabajé en el Cordón Industrial y conocía el tema por dentro. Creamos un grupo para la defensa de las empresas, teníamos una capacidad paramilitar de este asunto, pero no como para aportar un tema de defensa.

Tengo fresco en la memoria que el Doctor nos hizo preguntas y yo le hice una a él: ¿Presidente, usted cree que nosotros vamos a ser la carne de cañón? Ese mismo día en Cañaveral nos dijo que nosotros (los del GAP) teníamos que resistir hasta que el pueblo se movilizara, "Sí, vamos a ser la carne de cañón".

Dentro de La Moneda éramos 14 y entre todo el personal, contando a los civiles, unas 30 personas, en el momento del ataque del día 11. Tengo muy

buenos recuerdos de Juanito Seoane, jefe del Servicio de Investigaciones que apoyaba el Presidente.

Cuando comienza el intercambio de disparos con los golpistas se escucha el citófono que estaba al lado de la escalera por la parte de Morandé 80 y Seoane lo toma cuando le preguntan por el Presidente y una propuesta de rendición y salida del país. Escuché decir a Allende, quien estaba con su casco y el teléfono pegado a la oreja, que no se va a rendir y que se mantendrá en La Moneda. Recuerdo que llama a los interlocutores de traidores y cuelga con rabia.

Otro incidente impactante durante esas horas en La Moneda de pólvora, humo y metralla, fue cuando en medio del combate, junto al Manque (Osvaldo Ramos), entra una persona en el lugar donde estábamos apostados gritando: "Mataron a mi hermano, vamos a morir todos, estamos cagaos".

El Manque y yo lo cogimos y lo tiramos a un rincón y seguía gritando. Le quitamos la máscara de gas para dejar de gritar. Era Carlos Jorquera (el Negro), quien cae de rodillas y se queda callado. Lo importante para nosotros era que no siguiera gritando porque atentaba contra la moral combativa. Después le colocamos la máscara y lo dejamos en el rincón, y entre sollozos decía: "el perro, el perro" y nosotros nos preguntábamos qué perro.

De repente dice el Negro: "mi hermano, Augusto "El Perro" Olivares y salgo hacia la escalera y veo una imagen que me quedó grabada para toda la vida.

En la escalera de caracol que había hasta el segundo piso hacia el comedor, "El Perro" Olivares, periodista, asesor de Allende y ex corresponsal de Prensa Latina, yacía en una camilla y recuerdo que tenía todo el pecho abierto, se estaba muriendo. Al lado izquierdo de él estaba el Doctor con una rodilla en el suelo afirmado en el AK y lo miraba. Del otro lado, estaba Danilo Bartulín, el médico de Allende, asistiendo al "Perro".

Nunca supe si en ese momento "El Perro" ya estaba muerto o se estaba muriendo. Volví después donde estaba Manque y de repente se dio una situación que casi nunca se ha revelado de forma clara.

EL CANDADO QUE PUDO CAMBIAR LA HISTORIA DE CHILE

Llegó un momento en que se buscó la posibilidad de sacar a Allende de La Moneda, antes del bombardeo que se inició aproximadamente entre las 11:00 u 11:30 am.

Se nos planteó que se estaba gestando un plan para sacar al Presidente para el Ministerio de Obras Públicas por la puerta de la calle Morandé 80 y de ahí al Banco del Estado y desde allí a la calle Bandera, donde lo esperarían autos para partir hacia las poblaciones, y juntarnos con un dispositivo militar del Partido Socialista que estaba metido en La Legua, con el objetivo de levantar focos de resistencia.

La tarea era sacarlo de Palacio y llegamos a tal punto que se armó una pequeña columna, en la cual no habría más de diez personas. Éramos pocos y al lado izquierdo del Doctor estaba yo disparando hacia el río Mapocho, hacia el norte, y del otro estaba Manque, disparando hacia la avenida Alameda.

Pensamos en correr como en diagonal y recuerdo que el Doctor estaba como dudoso, pero ya había aceptado la salida. Llegamos a estar con la puerta abierta de Morandé 80 y los fusiles listos para salir y nosotros preguntamos ¿quién neutraliza el tanque que está en la Plaza de la Constitución?

El Chino Jano se había quedado voluntario con otros compañeros para defender La Moneda y permitir la salida. Se hizo cargo del tanque desde el segundo piso para que la columna atravesara la calle resistiendo el fuego y que el Presidente llegara al Ministerio de Obras Públicas, a solo metros de la puerta de Morandé 80.

De pronto suena el citófono, que era la única comunicación que había con el exterior, y una voz dice que la puerta del Ministerio estaba cerrada con cadena y candados y no encontraban las llaves. Nos quedamos ahí. Cuando el Doctor escucha la noticia, se queda pensando por unos minutos y dice: "No, todo atrás". Pienso que fracasó esa misión por algo estúpido: increíblemente unos candados neutralizaron toda una acción que pudo haber cambiado la historia de Chile. A nadie se le ocurrió dispararle a los cerrojos.

LA CAPTURA

Cuando comienza el bombardeo contra el Palacio, después que tomamos posición en el segundo piso y arrecian los disparos, nos ordenan bajar y empezamos a sentir el silbido de los rockets (cohetes).

Nos tiramos al piso y quedé impresionado porque cuando empiezan a caer las bombas en el patio interior de La Moneda me tiré de barriga al piso y saltaba de las vibraciones. No nos pasaba nada y gritábamos si había alguien muerto y nos contestaban que no, en ese minuto no muere nadie.

Sí vemos destrucción e incendio. Recuerdo que otros dos cohetazos impactan y sentimos que el edificio se movió. A mí me tocaba cubrir la parte de Morandé 80 y recuerdo que después de la intensidad del bombardeo se me desaparece la gente. En un momento determinado baja Aníbal (Juan José Montiglio, uno de los jefes ex GAP) y nos manda a Manque y a mí al segundo piso, cerca de la oficina que nosotros ocupábamos por Morandé.

Ahí cometí un error: llevaba una canana blanca (utilizada por los Policías de Carabineros) metida en el cinturón. En ese escenario fuimos un grupo a buscar armamentos en la guarnición de Carabineros que estaba en el sótano de Palacio. Tuvimos que atravesar el patio interior. Había un pequeño arsenal que abrimos, sacamos algunos SIG SAUER (suizo), máscaras antigases, sacos de cargadores de SIG.

Ahí cae Manque (Osvaldo Ramos), hermano de Enrique Ramos. De pronto sale una ráfaga de ametralladora desde arriba de un tanque y Manque sale disparado y queda contra la pared. Lo miro y me doy cuenta que tenía el estómago afuera. Esa muerte aún la lloro.

Fue un golpe emocional bastante fuerte, porque quería mucho a Manque. Para mí: estaba muerto y no lo ayudé. En la situación que estábamos determiné no ayudarlo: pensé que estaba muerto y pagué la novatada de mis 23 años. En ese panorama de dolor me quedé sin balas y empiezo a arrastrarme para ir a buscar más al primer piso y cuando bajo me encuentro con la sorpresa que estaban los militares adentro. Habían tomado La Moneda, y un sargento me agarra y me empieza a dar patadas, ya yo no llevaba armas. Eran la 1:30 ó 2:00 de la tarde.

Entonces veo la puerta de Morandé 80 abierta y a mis compañeros amontonados afuera. Los reconocí por el brazalete blanco que nos habíamos puesto para identificarnos entre nosotros. Estoy en la puerta y me doy cuenta que la gente (otros del GAP) que estaba en el Ministerio de Obras Públicas seguía disparando y los militares no podían salir.

De repente me dice un soldado: "quítate el brazalete blanco y muévelo, y comunica que ustedes se rindieron. Lo mando a la "concha de su madre" y entonces me da una patada en la barriga y salgo de espalda de La Moneda. Afuera de Palacio caí de espalda sobre el grupo.

En ese momento no sé si el Doctor está muerto. Me entero después cuando los militares nos tiran contra la pared y empiezan a esconderse bajo nosotros.

Los compañeros apostados en el Ministerio de Obras Públicas seguían disparando. Aquello era una escena tragicómica porque los "pendejos uniformados" se escondían de las balas detrás de nosotros que estábamos con las manos en la nuca afuera de La Moneda.

Cuando me tiran de barriga quedo al lado de Raúl Valladares (jefe de la escolta presidencial), quien me mira y dice: "Silvio (ese era mi nombre de guerra), mira el Doctor ha muerto".

Sentí en esas horas la brutalidad y la violencia absoluta. Seguimos en el suelo, al lado del tanque. Luego nos hacen cruzar la vereda y nos colocan con la cabeza pegada a la pared del edificio de Obras Públicas. Pasó también algo muy duro. En esa posición pasaban militares por atrás nuestro. Estábamos piernas abiertas y manos en la nuca, y de repente uno dice: "mira este es el huevón del SIG" y me levantan la chaqueta. Yo tenía un cinturón de cuero y varios cargadores de SIG con las cananas blancas que utilizan los Carabineros.

Dije para mis adentros: si corro me aplican la ley de fuga y quedo en la esquina.

Entre groserías e insultos me meten en un camión y me dije: "cagué, me van a pegar un tiro". En ese momento escucho: "mira, pásalo a los militares del tanque para que lo maten a palos". Nuevamente pensé que iba a morir".

Agarro mi chaqueta y me quedo tranquilo. Hubo en minutos una vorágine de combate que desconcierta a los militares, pero nuevamente regresan e inspeccionan a los prisioneros.

Minutos después nos suben a buses pequeños. Me llamó la atención que cuando caminaba con los brazos en la nuca y medio cojo había tipos con cámaras de filmación y otros sacando fotos. Esas son las imágenes que aparecen en muchos documentales y que fueron recogidas por los militares.

Como estaba cojo no pude subir al bus, sino de espalda, y arriba del vehículo había un tipo con un arma que te apuntaba a la cabeza. Nos pusieron arrodillados sobre los asientos y de ahí llegamos al Regimiento de Tacna, donde nos bajaron.

A TODOS NOS IBAN A FUSILAR

En el Tacna se esperaba una situación difícil. A los prisioneros nos iban a fusilar ese mismo día 11 de septiembre en la noche, a las 12. Nos tiran en unas caballerizas y cinco de nosotros quedamos fuera de estas. Esa noche hacía un frío que pelaba y la llovizna molestaba.

Escucho como a las tres de la mañana del siguiente día que nos iban a fusilar. Llegan otros prisioneros y llegamos a unos 49 en Tacna, entre nosotros (GAP) y funcionarios de Investigaciones. Escucho conversaciones que versaban sobre que "cumplíamos tareas del gobierno. Así como cuidamos a (Eduardo) Frei, cuidamos a Salvador Allende".

Luego regresan militares y salen algunos prisioneros. Nos quedamos como 27. Llega después una orden que indica el fusilamiento para las seis de la mañana de ese día 12. Cuando empieza a amanecer llega un oficial preguntando por el Coco Paredes, director de Investigaciones, quien estaba detrás de nosotros y levanta la mano.

Coco contesta: "aquí estoy". Mientras un soldado se acerca a él y le dice a su oficial: "Mi teniente o subteniente (no recuerdo bien), este desgraciado se llama igual que mi papito. Mira a este concha de su madre y le levanta la chaqueta, la camisa y le pasa la bayoneta por las costillas". Recuerdo que el Coco pega un grito muy fuerte y el militar hace bromas de que él no podía estar ofendiendo el apellido de su familia.

Sale el sol y llegan civiles que se dedicaban a los interrogatorios. Reconocí que entre los detenidos en el Regimiento Tacna se encontraban Héctor Daniel Urrutia, Daniel Gutiérrez, Enrique Huerta, Oscar Lagos Ríos, Juan José Montiglio, Julio Moreno, Eduardo Paredes, Enrique Paris, Georges Klein, Héctor Pincheira, Arsenio Poupin, Luis Rodríguez Riquelme y Oscar Valladares. A todos se los llevan y no vuelven más, en la actualidad todos son detenidos desaparecidos.

Nos quedamos cinco compañeros (tres escoltas y dos de protección permanente del GAP) afuera de una caballeriza. El sol nos empezaba a calentar el cuerpo porque estábamos muy mojados. Por el mediodía, llega un sargento gordo y como castigo nos mete en una caballeriza con mierda de caballo y orina.

Este hecho cambió parte de mi destino. Más tarde (a las nueve de la noche) llegan nuevamente los civiles que estaban a cargo de los interrogatorios e iban sacando a nuestros compañeros. Nos ven en ese sector y nos vuelven a colocar en el mismo lugar, pero un poco más separados. Ahora estoy más separado del Chino Marcelo.

Como a la una de la madrugada del día 13 aparecen de nuevo los civiles y al primer compañero de los cinco le pregunta el nombre, y le dice al Estadio Chile (que se llama ahora Víctor Jara). Hizo esto con cada uno, hasta que me llamó a mí y me pregunta: ¿su nombre? Le digo cualquiera y el tipo se me queda mirando a los ojos y me dice: "te fuiste al Estadio Chile, huevón". No lo podía creer. Nuevamente me salvé la vida.

Nos llaman para subirnos a los buses. Se me quedó grabada la imagen de unos 25 militares que llegaron y colocan frente a los otros compañeros, GAP también, que se quedaban, unas latas de café, pan y otros alimentos ligeros y dicen: "Se van a levantar de uno para que tomen su café y pan, porque después los vamos a matar".

SÓLO CUATRO GAP VIVOS DE LOS QUE RESISTIERON DENTRO DE LA MONEDA

Después del golpe quedamos vivos cuatro de los que combatieron en el interior de Palacio: Pablo Cepeda, que volvió a Chile en 1999, Luis González, Hugo García y yo. Pero de la última escolta de Allende éramos tres: Cepeda, García y yo.

Cuando llego al Estadio Chile me encuentro con antiguos compañeros de la Universidad Técnica del Estado y ellos se quedan espantados porque sabían que era de la escolta de Allende y cómo era posible que aún estuviera vivo. Les comunico que el Doctor está muerto y me doy cuenta que no saben de esa tragedia, la magnitud del Golpe.

Estuvimos hasta el sábado siguiente y nos trasladan a todos al Estadio Nacional. En ese recinto estuvimos hasta el 24 de septiembre de 1973 que sacan a cien personas por toque de queda. Me interrogan y digo que fui detenido durante un toque.

Ahí pasó algo fortuito que también me salvó la vida. Cuando el fiscal me interroga debajo de las tribunas del coliseo, el tipo me dice: "no te creo nada" y me pasó al nivel D que era la tortura, una carnicería.

Minutos después un aviador con casco, que era quien sacaba las fotos, toma los papeles, salimos a la tribuna, me pasa un número y exige que cambie la mano y coloque el puño de la izquierda en el pecho. El tipo coloca mis papeles en la letra A, de donde se salía libre. Una vez más me salvé.

Después de mi salida del Nacional me contacté con mi familia y pasé a la clandestinidad, nos rearmamos un grupo de socialistas, pero como sabían mi nombre, salieron fotos en los diarios, tuve que irme a la antigua República Federal de Alemania (RFA), en ese mismo 1973.

Luego pasé a la ex República Democrática Alemana (RDA), donde estuve cinco años sin salir y luego partí y me detuvieron en la RFA, pero había prescrito mi búsqueda. Estudié Ciencias del Deporte en la RDA. En 1983 ingresé clandestino a Chile para continuar la lucha. En enero de 1985 caí preso hasta 1987. Me expulsan a Alemania nuevamente e ingreso al país un año después.

¿POR QUÉ ESTE TESTIMONIO ESPERÓ 30 AÑOS?

Me demoré 30 años en conversar sobre la tragedia de La Moneda porque mi interés siempre fue regresar cuando tuve que salir al exilio. Quería volver a Chile. Me puse como misión, tras admitir que estaba vivo de milagro, ingresar lo más rápido posible a la lucha. Aprendí que para ganar había que tomar la conducción política militar. Me la jugué en esa línea y me mantuve callado, aunque me molestaban mucho las declaraciones, libros y folletos sobre sucesos que no se comportaron de la forma que se relataban. Mi idea era entrar a Chile y combatir.

Soy de las personas que asumió la lucha armada en este país y ahora somos vetados por esta llamada democracia. En los últimos años me dediqué a refundar a mi familia.

Con este testimonio me quito un peso de encima. En una ocasión intenté con el documentalista Patricio Guzmán revelar algunos acontecimientos, pero siempre quise que no hubiera edición y se dijeran verdades.

Me he dado cuenta que existe mucho protagonismo, versiones y la historia se escribió de una forma. Si algunos quieren justificar o limpiar sus conciencias no deseo meterme en ese problema. Solo me he dedicado a declarar en los tribunales para hacer justicia por mis compañeros detenidos desaparecidos.

No deja de sorprenderme que a 30 años de la muerte de Allende resucita con fuerza la figura del Doctor y se empieza a valorar que está muy por encima de los partidos políticos.

Siento que la verdad histórica no está contada. La figura de Allende divide a esta sociedad desde el punto de vista de proyectos. Su presencia no dice que un mundo nuevo es posible. Allende fue un gran incomprendido de la historia, de su tiempo. Murió solo y aislado de las cúpulas políticas. Menos mal que los jóvenes de ahora lo vitorean y algún día será mejor estudiado su legado, su integridad y su intachable consecuencia.

(Nota: Agradecemos al cro. Boris del Valle, que desde Holanda nos ha enviado este material de Prensa Latina, y al cro Juan Osses, que ha autorizado su publicación en el Portal Salvador Allende.)

ANEXO 14 – PERFIL DE CECILIA RADRIGAN DISPONÍVEL EM LONDRES

38⁶⁷⁸

Número de la entrevista	0023										
Título del Testimonio	CECILIA RADRIGAN <i>Militante del MIR, Prisionera Política</i>										
Fecha	Viernes 13 de mayo 2011										
Nombre del entrevistador	Pilar Gil										
Duración	02:28:48										
Categoría del entrevistado	<table border="1"> <tr><td>☒</td><td>Familiar de detenido desaparecido.</td></tr> <tr><td>☒</td><td>Sobreviviente de centros de tortura (Londres 38)</td></tr> <tr><td>☐</td><td>Ex militante</td></tr> <tr><td>☐</td><td>Experto (Historiador, Periodista)</td></tr> <tr><td>☐</td><td>Otros:</td></tr> </table>	☒	Familiar de detenido desaparecido.	☒	Sobreviviente de centros de tortura (Londres 38)	☐	Ex militante	☐	Experto (Historiador, Periodista)	☐	Otros:
☒	Familiar de detenido desaparecido.										
☒	Sobreviviente de centros de tortura (Londres 38)										
☐	Ex militante										
☐	Experto (Historiador, Periodista)										
☐	Otros:										
Nombre del entrevistado	Cecilia Radrigán Plaza										
Fecha y lugar de nacimiento											
Edad al momento de la entrevista	88 años										
Ocupación actual	Activista en derechos humanos										
Descripción del entrevistado (ejemplo trazos de memoria)	Cecilia Radrigán, 88 años, exmilitante del MIR y activista en Derechos Humanos. Inició su militancia durante la Unidad Popular, en el GPM5 realizando trabajo de base con trabajadores en el cordón de Vicuña Mackenna. Tras el golpe de Estado, junto a su madre inicia la búsqueda de su hermano detenido, el que finalmente apareció en la lista de los 119. Tras ese hecho, decide retomar su militancia pasando a la clandestinidad para realizar trabajo de propaganda armada y planificación en el MIR. En ese contexto tiene a su hijo y cae en combate su pareja y su mejor amiga. El año 1981 ella fue detenida, torturada en el cuartel Borgoño, y cumplió condena hasta 1992. Una vez liberada, participó en organismos de derechos humanos para recuperación de centros de tortura y exterminio como espacios de memoria.										
Militancia, historia de militancia, función al interior de la estructura partidaria, militancia actual	Mirista, militó en GPM5 durante Unidad Popular y en una unidad clandestina durante la dictadura. No entrega más detalles										
Fecha y situación de la detención	Octubre de 1981, seis meses después de la muerte de su pareja en enfrentamiento y dos meses después de la muerte de su mejor amiga y militante. Ella asiste a un centro médico a buscar unos exámenes y ese mismo día va su hermano con su hijo al mismo lugar. Los agentes de la CNI estaban siguiendo a su hermano y ahí la encontraron.										
Ocupación al momento de la detención (del DD)	Militante MIR en clandestinidad, trabajo en propaganda armada y planificación.										

Ruta de centros de detención (Fechas y lugares, edad que tenía al ser detenido)	Cuartel Borgoño, Cárcel Femenina														
Centros de detención en los que estuvo (solo nombrarlos)	<table border="1"> <tr><td>☐</td><td>Londres 38</td></tr> <tr><td>☐</td><td>José Domingo Cañas</td></tr> <tr><td>☐</td><td>Tres Alamos</td></tr> <tr><td>☐</td><td>Cuatro Alamos</td></tr> <tr><td>☐</td><td>Academia de Guerra Aérea (AGA)</td></tr> <tr><td>☐</td><td>Villa Grimaldi</td></tr> <tr><td>☒</td><td>Cuartel Borgoño</td></tr> </table>	☐	Londres 38	☐	José Domingo Cañas	☐	Tres Alamos	☐	Cuatro Alamos	☐	Academia de Guerra Aérea (AGA)	☐	Villa Grimaldi	☒	Cuartel Borgoño
☐	Londres 38														
☐	José Domingo Cañas														
☐	Tres Alamos														
☐	Cuatro Alamos														
☐	Academia de Guerra Aérea (AGA)														
☐	Villa Grimaldi														
☒	Cuartel Borgoño														
País de exilio (si/no/dónde)															

⁶⁷⁸ Cf. disponible em: <http://archivodigital.londres38.cl/uploads/r/archivo-londres-38/f/c/0/fc07265a900fa019387034deae585d846301a9394c60cc788c0783aa8345633d/0023_CeciliaRadrigan_Ficha.pdf>

RESUMO ANALÍTICO DO TESTEMUNHO:

En el relato se destaca la importancia de su padre en su formación social y política, quien fue militante del Partido Socialista y sufrió persecución durante la dictadura de Ibañez. Ingresó a militar al MIR por acercamiento a través de su hermano, Osvaldo, quien la incorporó como ayudista y luego ingresó al GPM5, realizando tareas en fábricas. Se refiere al perfil de los miristas y sus dirigentes y a la postura del MIR frente a la elección de Allende y de la Unidad Popular. Señala las medidas de seguridad que tomó el partido antes del golpe de Estado y la preparación militar. Relata el día del golpe de Estado y la militancia de su hermano en clandestinidad. Él fue detenido el 12 de septiembre de 1974 en la vía pública, y tras ese hecho, inicia su búsqueda junto a su familia, renunciando a su trabajo e integrándose al Comité Pro Paz, donde reciben el apoyo moral y judicial para la búsqueda. Se acercan a varios centros de detención, tienen noticias de su hermano en Tres Alamos pero luego se lo niegan. Dentro del Comité Pro-Paz y de la Vicaría de la Solidaridad los familiares de detenidos, ejecutados y desaparecidos comienzan a organizarse para llevar a cabo en conjunto las acciones de denuncia. Relata la aparición de la lista de los 119, donde está su hermano, y ahí asume que el murió y eso la insta a volver al MIR y pasar a la clandestinidad. El año 75 su pareja también fue detenida, estuvo seis meses desaparecido y finalmente fue relegado a Talca, en uno de los permisos que tenía para venir a Santiago también pasó a la clandestinidad. Entrega detalles de la militancia en clandestinidad, habla de la muerte de Miguel y de su embarazo, tuvo a su hijo estando clandestina en un Hospital Público. También explica la Operación Retorno dando cuenta que los militantes que regresaron lo hicieron con preparación militar, siendo un aporte a la militancia que estaba en el interior.

En 1981, abril, muere su pareja en un enfrentamiento y en agosto muere su mejor amiga también en enfrentamiento. Tras ese episodio, Cecilia fue detenida por agente de la CNI en un centro médico, mientras esperaba unos exámenes.

**ANEXO 15⁶⁷⁹ – ENTREVISTA CONCEDIDA POR OFELIA NISTAL NISTAL
EM 26/02/2021 A RESPEITO DE SUA PARTICIPAÇÃO EM O CASO
PINOCHET (2001)**

El rodaje se hizo en varios países, dependiendo dónde estuvieran las personas entrevistadas.

En el caso de Santiago, Luisa y el mío, se realizó en Madrid. El de Nelly, Gladys, Cecilia, Gabriela y Victoria, se realizó en Santiago (Chile). Si no recuerdo mal, también había entrevistados en Alemania y Francia

En el caso mío el rodaje duró alrededor de tres días pues participamos en varias secuencias

Yo conocía a Patricio desde hacía varios años pues él estuvo viviendo en Madrid en 1977 o 1978 donde coincidimos y nos hicimos amigos.

Cuando decidió hacer El caso Pinochet, él ya no vivía en Madrid, pero me localizó y me pidió mi colaboración a la que accedí con gusto.

Patricio trataba que los testimonios fueran lo más libres y espontáneos posibles, respetando nuestros silencios y emociones. Por supuesto nos orientaba haciendo preguntas para dirigir la entrevista, pero no existía un guion propiamente tal, o esa impresión tengo yo.

Seguramente, al montar la película, él seleccionaba las partes más relevantes para darle una forma coherente. En mi caso, la entrevista a mi hija Manuela y a mí duró 30 o 40 minutos. Yo me sentí muy cómoda, relajada y contenta. Quedé muy satisfecha con lo que hicimos y más cuando vi la película entera. Fue un honor haber podido participar y aportar en esa denuncia.

Respecto a Manuela, para ella fue muy importante su participación en la película y compartir conmigo esa experiencia. Si bien ella está muy al tanto de lo que fue nuestra lucha, el hecho de poder participar directamente en un testimonio, le significó el entender que ella también era parte de la historia y no de un relato mío únicamente. De hecho, cuando a su padre y a mí nos detienen, ella tenía 9 meses y de alguna forma sufrió la separación de ella con sus padres. Fueron mis padres los que la escondieron para protegerla y eso significó sin lugar a dudas un trauma en su infancia.

⁶⁷⁹ A entrevista com o professor Fernando Acuña (Universidad de Valparaíso e Pontificia Universidad Católica de Chile) segue disponível em vídeo em: <<https://youtu.be/XW0REU2zQBY>>

Yo conocía a Nelly, Gladys, Cecilia y Gabriela, pues todas ellas eran militantes del MIR y nos conocíamos en Chile durante nuestra militancia allí. A Santiago lo conocí en Madrid. Él también era miembro del MIR. Santiago falleció en Chile hace algunos años.

Lamentablemente yo no tengo contacto con esas compañeras pues hace mucho que estoy fuera de Chile y se pierde contacto con la gente y sólo se mantiene con aquellos más cercanos.

Lo mismo me ha pasado con Patricio, al que he seguido su trayectoria filmográfica, pero no tengo contacto con él directamente.

Cuando se detiene a Pinochet en Londres, gracias a las gestiones del Juez Garzón en España, varios españoles que habían sido detenidos y torturados por el régimen de Pinochet fueron llamados a declarar en este juicio, entre ellos yo misma. Eso duró varias semanas pues se intentó que el máximo de personas en esta situación pudiera declarar ante el juez. Aquel acontecimiento significó un hálito de esperanza para las víctimas que durante tantos años venían luchando por hacer justicia, por los desaparecidos, por los ajusticiados, por los miles de presos políticos, por ellos mismos.

Yo tengo la nacionalidad española pues mis padres eran españoles, que lucharon en la guerra civil española y finalmente fueron acogidos en Chile, donde permanecieron hasta el año 75, fecha en que regresaron a España. Yo nací en Chile y tengo la doble nacionalidad, gracias a la cual fui expulsada de Chile rumbo a España después de mi detención en Santiago.

Biografía política

Me llamo Ofelia Nistal Nistal. Nací en Stgo de Chile en octubre de 1949 y soy odontóloga de profesión. Empecé a militar en el MIR en 1969, en plena efervescencia política, en un Chile cuya clase obrera, campesinos y otros sectores sociales empobrecidos luchaban y se movilizaban por sus conquistas sociales y políticas y hacer del país, un mundo más libre y justo.

Durante esos años tuve una militancia muy activa. Establezco una relación sentimental con un compañero también del MIR con el cual me caso un mes antes del golpe de estado, pues vivíamos juntos sin estar casados, y eso podía ser motivo de denuncia en los meses que siguieron. Debíamos prepararnos

para tener una apariencia lo más normal frente al vecindario y frente a los cuerpos represivos de la dictadura.

Fruto de esa relación, nace nuestra hija Manuela, en abril del 74 en plena represión y persecución. Se empieza a conocer la actuación de la DINA (Dirección de inteligencia nacional) y su práctica de secuestro, asesinatos y desaparición de adversarios políticos con la mayor impunidad.

Obtener la infraestructura necesaria para preservar la seguridad de nuestros militantes se convirtió en una tarea de máxima importancia, Aun así, la desaparición de compañeros se hizo algo cotidiano. Mi compañero y yo decidimos quedarnos en Chile y continuar nuestra lucha, conscientes de lo que eso significaba, pero queríamos ser consecuentes con nuestro compromiso.

Finalmente, el 6 de diciembre de 1974, la DINA nos detiene en un hotel céntrico de STGO. Habíamos dejado a nuestra hija de 9 meses con mis padres pues era imposible hacernos cargo de ella en esas condiciones. Ni siquiera teníamos una casa de seguridad dónde escondernos.

Para aquel entonces mi compañero era miembro del comité central del MIR y yo tenía un cargo en enlace entre la dirección del partido y algunas bases del mismo.

Somos conducidos vendados y amarrados a unas dependencias que la DINA utilizaba para tener a los detenidos. Se llamaba Villa Grimaldi y estaba al pie de la cordillera muy cerca de Stgo. Por supuesto eso lo sabemos ahora pues en su momento no sabíamos dónde estábamos.

Lo que allí sucedía hoy es conocido por todo el mundo, torturas, asesinatos etc. Gracias a mi doble nacionalidad chileno-española, y a las gestiones realizadas por mis padres, soy expulsada de Chile en enero de 1975 junto a mi hija a la que la embajada española facilita un pasaporte español. Mi compañero se queda allí por meses detenido y no vuelvo a tener noticias de él hasta bastante tiempo después, gracias a otros presos que lo habían visto.

Retomo contacto con el MIR en el exterior un par de meses después de mi expulsión, cosa que no fue muy fácil pues España estaba todavía bajo una dictadura y por supuesto no había refugiados ni actividades solidarias con Chile. Logro contactar a compañeros en Francia y volver a conectarme con mi partido.

Mi compañero estuvo en Villa Grimaldi hasta julio de 1975 y posteriormente expulsado a España por el hecho de estar casado con una ciudadana española.

Por diversas razones nuestra relación no continuó y el abandonó España rumbo a otro país europeo, Yo me quedé a cargo de nuestra hija.

Mi actividad política durante esos años consistía en realizar tareas de apoyo al MIR en Chile, organizar la solidaridad y tareas de denuncia y difusión de la situación en nuestro país, así como enviar recursos materiales para apoyar la lucha y asegurar la sobrevivencia de nuestros compañeros.

Permanecí en España hasta febrero de 1981, fecha en la que me traslado a París junto a mi hija, siempre continuando con mi actividad política en ese país. Allí nace mi segundo hijo, Álvaro, en 1983, fruto de una relación con otro militante del MIR

Permanezco en Francia hasta fines del 89. Ya para ese entonces, se me levanta la restricción de poder volver a Chile. Existía un listado de personas que tenían prohibido el ingreso al país. Ese listado se fue acortando con los años y con las presiones de la comunidad internacional a la dictadura. Finalmente quedó un grupo de 340 personas que todavía no podían volver entre las cuales yo figuraba. Eso se levanta en octubre del 89 permitiéndome el ingreso y vuelta a Chile.

Decido entonces regresar, en compañía de mis dos hijos, que tenían ya 15 y 9 años respectivamente. Ya para aquel entonces el MIR estaba muy desintegrado y mi actividad en Chile consistió fundamentalmente en organizarnos como retornados e iniciar, como se podía, acciones legales en contra de miembros de la FFAA culpables de asesinatos, secuestros, desapariciones y torturas

En 1995 decido regresar a España por razones de índole personal, donde me establezco hasta ahora. He seguido participando en juicios dando mi testimonio para condenar a los torturadores e intentar esclarecer el paradero de los desaparecidos.

Mi hija vive en Madrid junto a su marido e hijos y mi hijo vive en Londres junto a su esposa e hija pequeña

Espero que esto te sirva para tu trabajo. Si necesitas saber algo más házmelo saber.

Recibe un fuerte abrazo

ANEXO 16 – DECRETO DA DINA Nº 189 DATADO DE 19/12/1974 E
RELATIVO À EXPULSÃO DE OFELIA NISTAL NISTAL⁶⁸⁰ DO CHILE

REPUBLICA DE CHILE
JUNTA DE GOBIERNO
MINISTERIO DEL INTERIOR
DEPTO. DE EXTRANJERIA
Y MIGRACION

EXPULSA DEL PAIS A PERSONAS QUE INDICA.-

DECRETO Nº 189

SANTIAGO, 19 de Diciembre de 1974.-

tó hoy lo que sigue:

S.E. el Presidente de la República, Secre-

Vistos estos antecedentes y

TENIENDO PRESENTE:

Que, doña Monique DARRAGADE DACARLE, francesa; María Soledad JARA LABARCA, María Teresa SILVA MORENO, chilenas; María Carmen NEIRA FERNANDEZ, Ofelia NISTAL NISTAL, Beatriz CASTELLO MIRA y don Aranzazu PINEDO CASTRO, españoles, constituyen un peligro para la seguridad interior del Estado;

Que, la Dirección de Inteligencia Nacional por oficio (S) Nº 3530/1668, de fecha 13 de diciembre del año en caso, solicita su expulsión del país en virtud de los antecedentes señalados en el referido oficio, y

De conformidad con lo dispuesto en el artículo 2º del Decreto Ley Nº 81, de 1973, modificado por el Decreto Ley Nº 684, de 1974,

D E C R E T O :

La Dirección General de Investigaciones procederá a expulsar del territorio nacional, sin más trámites, a doña MONIQUE DARRAGADE DACARLE, francesa; MARIA SOLEDAD JARA LABARCA, MARIA TERESA SILVA MORENO, chilenas; MARIA CARMEN NEIRA FERNANDEZ, OFELIA NISTAL NISTAL, BEATRIZ CASTELLO MIRA y a don ARANZAUZ PINEDO CASTRO, españoles.

Tómese razón y comuníquese.

RAUL BENAVIDES ESCOBAR, General de División
Ministro del Interior, OSCAR BONILLA BRADANOVIC, General de División
Ministro de Defensa Nacional.

Lo que transcribo a Ud. para su conocimiento.

Saluda atentamente a Ud.

Depto. Extranjería
Investigaciones
Identificación
DINA, SENDET
E.M.D.N. DEPTO. II

EXTRACCIÓN DE DATOS
Cobertura de...

⁶⁸⁰ Cf. disponível em:

<<http://www.archivomuseodelamemoria.cl/uploads/1/5/152193/0000010000003000234.PDF>>. Em virtude do escopo da pesquisa, os desdobramentos jurídicos e políticos do caso no contemporâneo foram aqui elididos e podem ser conhecidos através do link acima.

ANEXO 17 – ENTREVISTA CONCEDIDA POR NELLY BERENGUER RODRÍGUEZ EM 01/03/2021 A RESPEITO DE SUA PARTICIPAÇÃO EM O CASO PINOCHET (2001)

01. *¿Dónde y cómo fue el rodaje de la película? ¿Cuánto tiempo duró?*

El rodaje se realizó en Santiago de Chile, en forma individual con cada testigo y un par de tomas en grupo que según recuerdo ocurrió en el Museo de Bellas Artes. Mi testimonio fue largo, más de una hora.

02. *¿Hubo algún tipo de orientación previa a las filmaciones? ¿O Guzmán deja las personas muy sueltas para hablar sobre la vida familiar, militancia política y sus memorias?*

Sólo en las tomas grupales hubo orientación, de donde colocarse y de concentración en lo que habíamos vivido al entregar nuestros testimonios. En los testimonios individuales nos hacía preguntas y luego dejaba que nos explayáramos con nuestros relatos.

03. *¿Cuánto tiempo duró su testimonio en la integra? ¿Tú crees que se quedó contenta con la edición?*

Mi testimonio duró más de una hora. Respecto de la edición, creo que fue magistral y la verdad es que quedé gratamente sorprendida del resultado. En mi caso siento que destacó la parte humana.

04. *¿Como fue participar en los tramites del Caso Pinochet desde 1998?*

Fue duro e implicó bastante trabajo previo. En primera instancia tuve que recopilar toda la información legal (recurso de amparo, querella por secuestro, querella por usurpación de propiedad y falsificación de instrumento público, querella por obstrucción a la justicia, Informe Rettig, entre muchos más). A ello, había que agregar recortes de periódicos, fotografías y un relato pormenorizado de los hechos. Luego tuve que preparar una carpeta con todos los antecedentes y enviarlos a Madrid, al abogado Joan Garcés, para que analizara el caso y decidiera si podía incorporarse al juicio contra Pinochet. Una vez aprobado mi caso, tuve que preparar un relato oral de no más de una hora que permitiera al Juez Baltazar Garzón formarse una opinión de éste.

05. *¿Y acerca de su militancia política, sería posible decirnos un poco de ese histórico? ¿Y cómo ve el Chile contemporáneo?*

Me siento privilegiada y orgullosa de pertenecer a una generación que luchó por una sociedad más justa, equitativa y solidaria, entregando incluso sus vidas en pos de estos ideales. Milité en el Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR), al igual que mi compañero y mis colores siguen siendo el rojo y negro hasta el día de hoy. Respecto del Chile contemporáneo o post dictadura, todos los gobiernos desde 1990 en adelante han profundizado el sistema capitalista y el modelo neoliberal. La rebelión de octubre de 2019 es el resultado de la rabia de la población con la desigualdad y la corrupción de la clase dominantes y de la casta política. La privatización de la salud, de la educación, del sistema de pensiones y de los recursos naturales (minerales y forestales) han profundizado las tremendas desigualdades existentes en Chile. Hoy, después del plebiscito de noviembre de 2020, en el que el pueblo decidió cambiar la Constitución con un 78% de aprobación, estamos ad portas de una elección para elegir a las personas que redactarán una nueva Constitución, pues aún se encuentra vigente la Constitución de 1980 (ilegítima) de Pinochet y reformada por Ricardo Lagos en el año 2005. Sin embargo, la clase dominante y la casta política han secuestrado el proceso para encauzarlo por los carriles institucionales habituales y realizar sólo algunos cambios de maquillaje que les permitan mantener el sistema y el modelo tal como está.

ANEXO 18 – FICHA DESCRIPTIVA DE NELLY BERENGUER DISPONÍVEL NO DOMÍNIO VIRTUAL DE LONDRES 38 ESPACIO DE MEMORIAS⁶⁸¹, DATADA DE 15/04/2011

Número de la entrevista	0009	
Título del Testimonio	NELLY BERENGUER Familiar de DD. DD. y activista en DD. HH.	
Fecha	Viernes 15 de abril 2011	
Nombre del entrevistador	Pilar Gil	
Duración	02:31:00	
Categoría del entrevistado	x	Familiar de detenido desaparecido.
		Sobreviviente de centros de tortura (Londres 38)
		Ex militante
		Experto (Historiador, Periodista)
		Otros:
Nombre del entrevistado	Nelly Berenguer Rodríguez	
Fecha y lugar de nacimiento		
Edad al momento de la entrevista	59 años	
Ocupación actual	Egresada de Ciencias Políticas y Administrativas en la Academia de Humanismo Cristiano y trabaja en el Centro de Derechos Humanos de la Universidad de Chile.	
Descripción del entrevistado (ejemplo trazos de memoria)	Nelly Berenguer, 59 años. Esposa de José Manuel Ramírez Rosales, detenido el 27 de julio de 1974 y desaparecido desde Londres 38. Ingresó al MIR en 1970, incorporándose al GPM8. Antes del golpe de Estado se traslada a tareas de información y comunicaciones debido a su embarazo. Tras la detención de José Manuel, se integró a la actividades del Comité Pro Paz y de la Vicaría de la Solidaridad, siendo parte de la Agrupación de Familiares de DD. DD. Supo tempranamente de la presencia de José Manuel en Londres 38, y viajó junto a otras mujeres a Sao Paulo a entrevistarse con Osvaldo Romo en los años 90.	
Militancia, historia de militancia, función al interior de la estructura partidaria, militancia actual	Nelly militó en el MIR desde el año 1970, en el GPM 8 de la zona de Renca, Quilicura, Quinta Normal. Su marido, José Manuel también militó en este GPM y tras la división, quedó en el GPM 9. No entrega detalles de sus tareas militantes, sólo señala que el año 1974 quedó a cargo del GPM9 debido a la detención de su jefe, el "Negro".	
Fecha y situación de la detención	Detenido la madrugada del sábado 27 de julio de 1974, lo fueron a buscar personal de Investigaciones a su casa.	
Ocupación al momento de la detención (del DD)	José Manuel era encargado del Grupo Político Militar 9	
Ruta de centros de detención (Fechas y lugares, edad que tenía al ser detenido)	Londres 38 el 27 julio de 1974 y luego fue trasladado a Villa Grimaldi. Lo último que sabe de él es que lo vieron en este último lugar el día 18 de agosto. Tenía 22 años.	

⁶⁸¹ Cf. disponible em: <http://archivodigital.londres38.cl/uploads/r/archivo-londres-38/e/b/9/eb9677098e3f6b156b2c731d443e96c71659f12a002e789e85a71554d396a528/0009_NellyBerenguer_Ficha.pdf>. Em virtude do escopo da pesquisa, os desdobramentos jurídicos e políticos do caso no contemporâneo foram aqui elididos e podem ser conhecidos através do link acima.

Centros de detención en los que estuvo (solo nombrarlos)	x	Londres 38
		José Domingo Cañas
		Tres Alamos
		Cuatro Alamos
		Academia de Guerra Aérea (AGA)
	x	Villa Grimaldi
País de exilio (si/no/dónde)	Venezuela, un año en 1978.	

RESUMIO ANALÍTICO:

La entrevistada comienza relatando su infancia y la conciencia social que adquirió en el colegio, sobre todo por la influencia de un profesor. Una vez que sale de cuarto medio, ingresa al Pedagógico donde tiene más vínculos con el MIR, partido al que ingresó a militar en 1970, tras su viaje a EEUU que realizó por una beca.

Su militancia en el MIR la realizó en el GPM8 en el sector noroeste de Santiago, haciendo trabajo en las poblaciones, tomas de terreno y en las fábricas. Da cuenta de la línea política del MIR durante la Unidad Popular y las diferencias que tenía con los otros partidos de izquierda. Se refiere a la lucha armada y las posibilidades de golpe de Estado que el MIR visualizó tempranamente.

Cuenta su historia con su pareja José Manuel Ramírez, a quien conoció dentro del MIR y con quien militó en el GPM8 hasta el año 1972 en que se casaron. Luego la estructura se dividió y quedaron trabajando en GPMs distintos. El año 1972 se casaron y el año 1973 Nelly quedó embarazada. Por esa razón, su trabajo dentro del Partido se trasladó a una estructura de informaciones.

El golpe de Estado lo vivió embarazada de seis meses, en la casa de sus padres, mientras José Manuel se trasladó a la Universidad Técnica del Estado. Ambos tenían un departamento que fue allanado en dos oportunidades después de septiembre de 1973.

Señala que, por la compartimentación del trabajo militante, ella no sabía con claridad cuáles eran las funciones que cumplía José Manuel al ser detenido, sólo que había quedado a cargo del GPM9 cuando unos meses antes había caído detenido su jefe. José Manuel fue detenido el 27 de julio de 1974, en la

mañana, en el departamento de ambos. Dentro de los agentes que lo fueron a buscar estaba Osvaldo Romo, se hicieron pasar por Investigaciones.

Al día siguiente inició su búsqueda, acudiendo al Comité Pro Paz, a Sendet, al Ministerio de Defensa, a Carabineros, entre otras entidades. Ahí inicia también su trabajo dentro de la Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos. Se enteró tempranamente que José Manuel estaba detenido en Londres 38 por dos testimonios cruzados, uno de un detenido y otro de un conscripto conocido de la familia. Ella va a la calle Londres, está frente al edificio y no se atreve a entrar, porque ya conocía la historia de una pareja que había ido a preguntar por su hijo y los habían detenido y torturado un día completo.

Desarrolla un activo trabajo en el Comité Pro Paz y junto a otros familiares interpusieron los 163 Recursos de Amparo. Recibió en ese lugar la noticia de la Lista de los 119 y reconocieron en ese lugar el montaje.

Luego en la Vicaría de la Solidaridad trabaja recopilando información sobre los centros de detenciones y los torturadores. Hasta 1981 en que se traslada a vivir a Viña del Mar por su trabajo.

Relata detalles sobre sus careos con agentes de la DINA en procesos judiciales durante la democracia, y las tres veces en que logró juntarse con Osvaldo Romo, la primera de ella en Brasil, cuando viajó junto a Magdalena Navarrete y lograron encararlo.

Explica cómo Beatriz Miranda la encontró y le contó que vio con vida a José Manuel después de su detención, agregando nuevos datos al caso. Participó de la querrela contra Pinochet en España, declaró para el Juez Garzón.

Hace un análisis de su militancia, de lo sucedido durante la dictadura, y da cuenta de las actividades realizadas para denunciar el edificio de Londres 38 como centro de tortura y para su recuperación.

CORTE TEMPORAL DO TESTEMUNHO: 1968-2010

ANEXO 19 – FICHA DE JAIME LUIS ROJAS PALOMINO DISPONÍVEL NO DOMÍNIO VIRTUAL *MEMORIA VIVA*⁶⁸²

Palominos Rojas Luis Jaime Home / 1



Fecha Detención : **07-12-1974**
Lugar Detención : **Santiago**

Edad : **23**

Actividad Política : **Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR)**
Actividad : **Estudiante Conservatorio**

Estado Civil e Hijos : **Soltero**
Nacionalidad : **chileno**

Relatos de Los Hechos

Categoría: Antecedentes del Caso

Rut.: 5.046.096, Santiago

Fecha Nacimiento.: 09-10-51, 23 años a la fecha de su detención

Domicilio: Mariano Latorre 4360 Villa Macul, Ñuñoa, Santiago

E. Civil: Soltero

Actividad: Estudiante del Conservatorio Nacional de Música

C. Repres.: Militante del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR

Fecha Detención: 7 de diciembre de 1974

SITUACION REPRESIVA

Luis Jaime Palominos Rojas, soltero, estudiante del Conservatorio Nacional de Música, militante del MIR, fue detenido el día 7 de diciembre de 1974, en la ciudad de Santiago por agentes de la Dirección de Inteligencia Nacional, y conducido hasta el centro secreto de detención y tortura, ubicado en José Arrieta 8.200, Peñalolén, y conocido como Villa Grimaldi, donde permaneció en un galpón grande, la mayor parte del día amarrado de pies y manos.

⁶⁸² Cf. disponível em: <<https://memoriaviva.com/nuevaweb/detenidos-desaparecidos/desaparecidos-p/palominos-rojas-luis-jaime/>>. Em virtude do escopo da pesquisa, os desdobramentos jurídicos e políticos do caso no contemporâneo foram aqui elididos e podem ser conhecidos através do link acima.

Aun cuando no existen testigos presenciales de la detención del afectado, su certeza y la responsabilidad que en ella le cabe a la DINA, se ve confirmada por hechos posteriores.

En efecto, el día 7 de diciembre de 1974 fue detenido por agentes de la DINA, en su antiguo domicilio de la calle Manuel de Salas 347, Dpto.21, el cuñado del afectado, Cristián Mallol Comandari, y ese mismo día, lo fue, por los mismos aprehensores, la mujer de Mallol y hermana de la víctima Eva Eugenia Palominos Rojas. Ambos testimoniarían posteriormente haber visto recluido, en el recinto de Villa Grimaldi en el mes de diciembre de 1974, a Luis Jaime Palominos, el que fue incluso careado y torturado física y psicológicamente junto a su hermana, en forma simultánea, en más de una oportunidad.

También sería confirmada, mediante el relato de los testigos, la permanencia en Villa Grimaldi, de Luis Palominos, de nombre político "Raúl" y ayudante del también militante del MIR, José Hernán Carrasco Tapia. Este último, estando detenido y obligado por sus captores, apareció en una transmisión televisiva en el mes de febrero de 1975, leyendo un comunicado, en compañía de los militantes de la su colectividad política Cristián Mallol Comandari, Héctor Hernán González Osorio y Humberto Menanteaux. Tanto Carrasco como el último de los mencionados fueron asesinados por miembros de la DINA luego de ser liberados, mientras que las otras dos personas lograron salir del país.

En declaración prestada ante Notario Público, relataría Mario Francisco Venegas Jara, haber permanecido recluido en Villa Grimaldi entre el 9 y 28 de diciembre de 1974, período durante el cual compartió con otros detenidos, entre los que recuerda particularmente a Luis Palominos Rojas, quien presentaba sus manos quemadas por brasas de cigarrillo, y a quien el testigo ayudó a sanarlas.

Por su parte, Luis Alfredo Muñoz González, declararía que fue detenido el 10 de diciembre de 1974, por un grupo de agentes de la DINA, entre los que se encontraban Osvaldo Romo Mena y Miguel Krassnoff Martchenko. Fue golpeado en la cara, con la culata de un fusil, esposado, colocándosele scotch sobre sus ojos, para ser trasladado hasta Villa Grimaldi, recinto en el que permaneció hasta el 1º de febrero de 1975, fecha en que fue trasladado a Cuatro Alamos. Recuerda el testigo que apenas fue ingresado a Villa Grimaldi

procedieron a golpearlo y a someterlo a torturas mediante aplicaciones de corriente eléctrica en todo su cuerpo, luego de lo cual fue dejado en una pieza en la que se encontraban otros detenidos, mencionando entre estos a Luis Palominos Rojas.

Continuaría señalando el señor Muñoz González, que el día 24 de diciembre de 1974, el afectado fue sacado desde Villa Grimaldi, con rumbo desconocido, junto a otros detenidos, entre los que recuerda a Washington Cid Urrutia, Guillermo Silva Camus y Anselmo Radrigán Plaza, todos los cuales permanecen desaparecidos desde entonces.

Por el relato de otros testigos se ha sabido también, que fueron sacados desde Villa Grimaldi, en la fecha señalada, permaneciendo desaparecidos desde entonces, los detenidos María Teresa Bustillos Cereceda, Alejandro Riffo Ramos, Guillermo Beausire Alonso y Carlos Terán de la Jara. Este último había sufrido una hemorragia estomacal, estaba en muy mal estado, botaba sangre por la boca, y fue sacado de la celda en estado agónico.

Ante las insistentes preguntas de su hermana Eva Eugenia -quien al 24 de diciembre de 1974 permanecía recluida en Villa Grimaldi- por el paradero de Luis Jaime Palominos, esa misma mañana un agente de la DINA le señaló que el afectado había sido trasladado, junto a otros detenidos, al Pabellón de Incomunicados de "Cuatro Alamos". Sin embargo, dos días después, Eva fue llevada hasta el recinto mencionado, donde en vano trató de localizar u obtener alguna información sobre la víctima y el resto del grupo trasladado. Ninguno de ellos había pasado jamás por "Cuatro Alamos".

Todo lo expuesto hasta el momento, se ha visto confirmado de una u otra forma, por lo declarado años más tarde por otros ex- detenidos. Entre ellos Héctor Hernán González Osorio y su esposa Ofelia Nistal Nistal, Guillermo Cornejo Díaz, Alejandra Holzapfel Picarte y María Isabel Ortega.

Es importante, además, señalar que Luis Palominos era un joven de salud frágil, que sufría de ataques epilépticos, pues en el mes de febrero de 1973 había sufrido un accidente, permaneciendo dos meses internado en el Hospital de Neurocirugía, en estado grave.

Asimismo, dos hermanos del afectado Eduardo Helmut y Erwin Edgardo Palominos Rojas, ambos empleados de LAN Chile, habían sido detenidos el 13

de septiembre de 1973, siendo liberados después de permanecer recluidos en diversos recintos.

El nombre del afectado figura en una nómina de 60 miristas chilenos, supuestamente muertos" por sus propios compañeros de lucha", en Argentina, Colombia, Venezuela, Panamá, México y Francia, publicada en la revista LEA de Buenos Aires; la que unida a otra lista de 59 chilenos, miembros del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR), dados por muertos, heridos o evadidos en un enfrentamiento con fuerzas policiales argentinas, acaecido en Salta, y publicada en el Diario O'DIA de Curitiba, Brasil, enteran un total de 119 personas. Tres periódicos nacionales: El Mercurio, La Segunda y Las Ultimas Noticias reprodujeron las noticias mencionadas, los días 23, 24 y 25 de julio de 1975 respectivamente.

Igualmente, Luis Jaime Palominos Rojas figura en una nómina de detenidos y desaparecidos desde el recinto de Villa Grimaldi, en el período comprendido entre noviembre de 1974 y febrero de 1975, que publicó el 26 de abril de 1990 el diario "Fortín Mapocho".

Particularmente ilustrativas resultan las declaraciones vertidas por un ex-prisionero, acerca de la realidad vivida por los detenidos en el interior del recinto conocido como Villa Grimaldi.

Expresa el testigo, textualmente, lo siguiente: "durante mi primer período de reclusión en Villa Grimaldi, en el mes de diciembre de 1974, los detenidos permanecíamos en una "pieza grande" con una puerta de metal, estábamos en el suelo día y noche, y la única actividad era esperar para ser llevado a la tortura o a presenciar la tortura de otro. Las mujeres estaban separadas en otra pieza. Permanecíamos con los ojos vendados todo el tiempo. Por las noches nos amarraban pies y manos juntos, por la espalda, y nos hacían acostarnos en el suelo que era de baldosas. Antes de dormir y en la mañana nos sacaban al baño, que era uno solo y quedaba al lado de la pieza de la "parrilla" (sala de torturas. La referencia a la "parrilla" es hecha a un catre metálico al que se ataba a un detenido desnudo, aplicándosele corriente eléctrica en diversas partes del cuerpo, principalmente a las más sensibles), lo que nos permitía escuchar los gritos de los que estaban siendo torturados. Eramos alimentados tres veces al día. Al desayuno, un pote de aluminio con café y un pan, a la hora de almuerzo, un plato de sopa, y lo mismo en las

noches. A veces nos desataban las manos para comer y otras veces sólo a algunos, los que debían entonces dar de comer a quien estaba al lado. Otras veces, nos hacían comer en el suelo, con las manos amarradas a la espalda, como perros, lamiendo los platos como podíamos. Esto era humillante y desesperante.

"La verdad es que en Villa Grimaldi uno convivía con la tortura, el sufrimiento y la muerte todo el tiempo, sin parar. Día y noche se sentían los gritos de hombres y mujeres siendo "parrillados", golpeados o colgados, que era otro tipo frecuente de tortura usado por la DINA. Consistía en suspender a los detenidos con las manos amarradas a una viga, o bien amarrados de manos y pies y colgados como un cordero, en la posición que los brasileños bautizaron de "pau de arara". Así, desnudos y siempre con los ojos vendados, se les aplicaba electricidad en todas partes. Cuando nos sacaban al baño podíamos escuchar los ruidos de tortura: gritos ahogados por los trapos puestos en la boca, cuerpos estremeciéndose, insultos, respiraciones jadeantes. Convivir cotidianamente con eso es horrible y hace parte del proceso de destrucción psicológica del detenido.

"Existía también un sitio conocido como la Torre, era un lugar siniestro y temido por todos, que quedaba en una parte más aislada de Villa Grimaldi y donde se llevaba a presos, que no se quería que los otros vieran y que probablemente serían torturados hasta la muerte, por lo menos esa es la imagen que todos teníamos. Ir a la Torre era como estar destinado a morir en Villa Grimaldi. Así había en este centro de sufrimiento y locura permanente, una especie de distribución territorial de la muerte, las "Casas Chile" eran área de muerte probable, las "Casas Corvi" aumentaban esa posibilidad, y La Torre la tornaba cierta".

Luis Jaime Palominos Rojas desapareció desde Villa Grimaldi el 24 de diciembre de 1974, cuando fue sacado junto a otros detenidos con destino desconocido.

ANEXO 20 – FICHA DE MARÍA TERESA BUSTILLOS CERECEDA DISPONÍVEL NO DOMÍNIO VIRTUAL CENTRO ESTUDIOS MIGUEL ENRIQUEZ⁶⁸³

BUSTILLOS CERECEDA, María Teresa

(Dossier 6 Pág. – 3 artículos)



NOMBRE COMPLETO:

María Teresa Bustillos Cereceda

EDAD al momento de la detención o muerte:

11-05-50, 24 años de edad a la fecha de detención

PROFESION U OCUPACION:

Estudiante Ciencias Sociales, U. de Chile

FECHA de la detención o muerte:

9 de diciembre de 1974

LUGAR de la detención o muerte:

Detenida en un departamento ubicado en calle San Antonio al llegar a Ismael Valdés Vergara

ORGANISMO RESPONSABLE de la detención o muerte:

Dirección de Inteligencia Nacional (DINA)

TIPO CASO de violación de derechos humanos:

Detenida Desaparecida – **(Caso de los 119)**

HISTORIA PERSONAL Y POLITICA:

Soltera, Militante del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR-Chile

SITUACION REPRESIVA

María Teresa Bustillos Cereceda, soltera, estudiante universitaria, militante del MIR, fue detenida por agentes de la DINA el 9 de diciembre de 1974, alrededor de las 08:00 horas, en un departamento ubicado en calle San Antonio al llegar a Ismael Valdés Vergara. Días antes, el 6 de diciembre, había sido detenido Héctor Hernán González Osorio, su contacto en el MIR y a quien conocía con el nombre de "Nicolás". Tras su arresto fue trasladada a Villa Grimaldi, desde donde, unos días después, fue llevada a su domicilio de la Villa Portales por dos agentes, entre ellos una mujer. Le hicieron sacar el equipo fotográfico con el cual trabajaba y algunos documentos para ser luego devuelta a Villa Grimaldi. Permaneció en ese recinto hasta el 22 o 24 de diciembre, fecha en que fue sacada alrededor de las 4 de la madrugada junto a un grupo de 3 o 4 prisioneros, desconociéndose desde entonces su paradero. Héctor Hernán González Osorio, sobreviviente de la DINA, cuenta en su testimonio haber sido detenido por dicho organismo la DINA el 6 de diciembre junto a su cónyuge Ofelia Nistal Nistal, trasladado a Villa Grimaldi en donde fue de inmediato sometido a intensos interrogatorios y torturas. Sus torturadores le encontraron

⁶⁸³ Cf. disponível em: <

https://www.archivochile.com/Memorial/caidos_mir/119/017bustillos_maria.pdf/>. Em virtude do escopo da pesquisa, os desdobramentos jurídicos e políticos do caso no contemporâneo foram aqui elididos e podem ser conhecidos através do link acima.

una llave perteneciente a una oficina ubicada en calle San Antonio, la cual era usada por él y por Cristián Mallol Comandari, detenido el 7 de diciembre. El 7 de diciembre fue llevado por los agentes hasta ese lugar siendo encontrados los "barretines" en donde guardaba sus puntos de contactos y los documentos de "Gustavo" (Cristián Mallol). En esa oficina, agrega el testigo, el 9 de diciembre, en la mañana temprano fue detenida "Claudia", que era María Teresa Bustillos Cereceda, encargada de un taller fotográfico. Por su parte, la cónyuge de González Osorio, Ofelia Nistal, expone en su testimonio que el grupo que los arrestó era el equipo de Osvaldo Romo, pero él personalmente no participó. En relación al Departamento de San Antonio, dice que en esa oficina, es detenida el 9 de diciembre María Teresa Bustillos, que era enlace de su marido, al que conocía como "Nicolás". La estaban esperando allí cuando ella llegó. Todo esto se lo dijo ella personalmente cuando se encontraron en Villa Grimaldi. La testigo fue trasladada por primera vez a 4 Alamos entre el 19 y el 21 de diciembre, fecha en que aún se encontraba en ese recinto María Teresa. Otro testigo, Cristián Mallol Comandari, detenido por la DINA el 7 de diciembre y quien al intentar huir resultó con múltiples heridas de bala, expone en su testimonio haber visto en ese recinto a la afectada durante 7 u 8 días, a fines de diciembre de 1974.

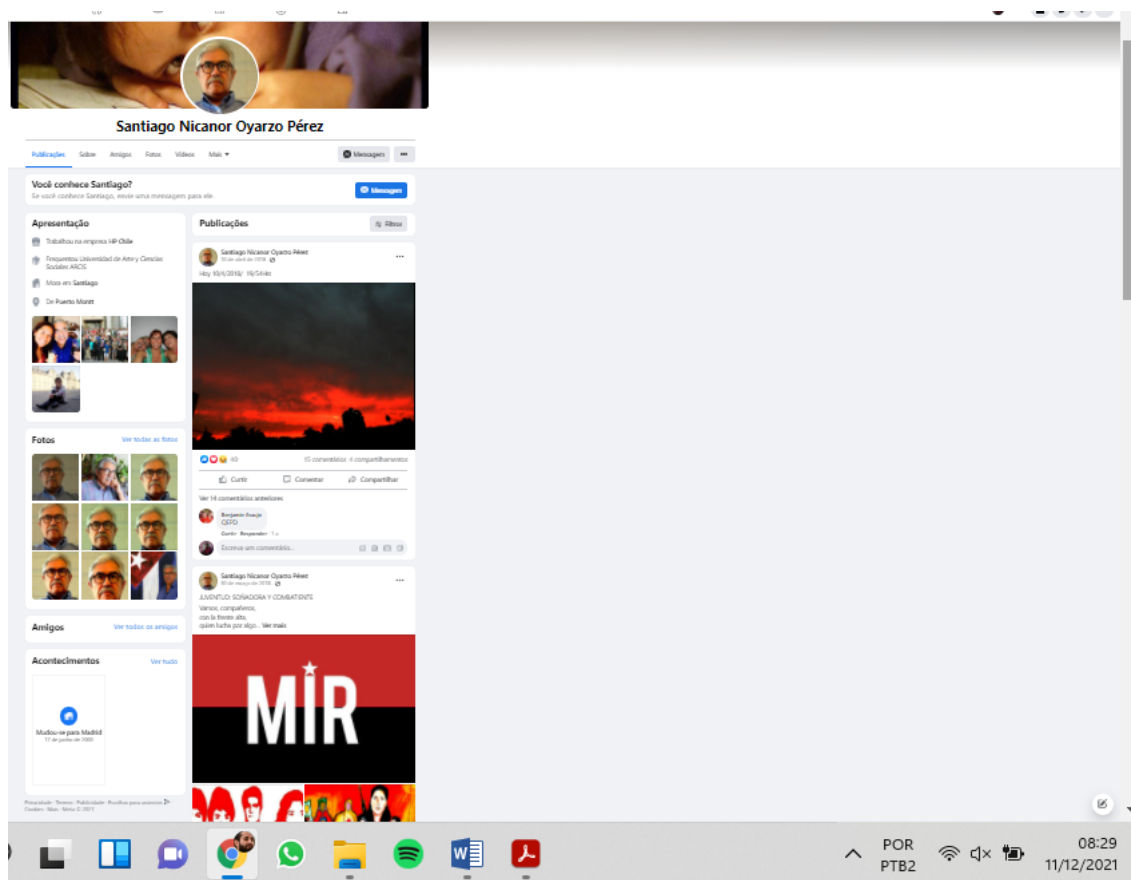
Otra testigo, Mónica Hermosilla Jordens, detenida por la DINA el 8 de diciembre, da cuenta en su testimonio haber sido trasladada a Villa Grimaldi en donde fue introducida en una pieza, vendada, en donde había otras detenidas las que fueron amenazadas para que nadie conversara con ella. Transcurridos unos 10 minutos, las otras prisioneras le dijeron que se sacara la venda, lo que hizo, pudiendo percatarse que había alrededor de 12 personas, entre ellas algunas mujeres que conocía de antes, como a Ofelia Nistal y Eva Palominos (cónyuge de Cristián Mallol). A muchas otras las fue conociendo con el correr de los días. Muy tarde en la noche sacaban a la gente para interrogarla; les llevaban de comer dos veces al día, la comida eran sobras de lo que los agentes comían, cuescos de aceituna, pedazos de pescado, espinas, etc. Una o dos veces al día les llevaban una botella de agua que debían administrar bien. En la noche siempre había ruido de fiestas o reunión alegre. Los sábados y domingos no parecía haber autoridad y entonces sacaban a las prisioneras para hacerlas participar de estas reuniones, siendo objeto de vejaciones

sexuales. Durante su estadía en esa pieza, del 8 al 24 de diciembre, recuerda a una detenida que llegó al día siguiente al que ella llegó, era la "compañera Claudia", a quien conocía de antes, se llamaba María Teresa Bustillos Cereceda. Con ella conversó mucho y dormían juntas. A María Teresa la interrogaba -según ella misma decía- Contreras en persona, aludiendo al General Manuel Contreras. Cuando le llevaban a interrogatorios, le sacaban la venda y le decían "Tú no comprendes nada gordita, yo te voy a mostrar como son las cosas". Entonces traían a "Nicolás" -vendado- y lo obligaban a entregar datos e información. Esto destruía a María Teresa, llegaba helada de estas sesiones y caía en fuertes depresiones. Le contaba estos hechos con mucho dolor. La testigo está segura, que el 22 de diciembre, tipo 04:00 horas, la afectada fue sacada de Villa Grimaldi. Estaban durmiendo juntas, la tocaron varias veces para que no se moviera al salir. Al parecer tuvo una intuición, trató de dejarle su Montgomery, pero ella no la dejó, diciéndole que hacía frío; al salir le dijo "no te olvides de mi mamá. Pídele a mi padre que no la deje abandonada" (ellos estaban separados y María Teresa sostenía a su madre). Fue la única mujer que sacaron esa noche. Iba con otros 3 o 4 hombres, sintió los grillos que les ponían y la orden que se les dio para subir a un vehículo. La testigo fue trasladada a 4 Alamos el 24 de diciembre y luego a 3 Alamos desde donde fue dejada en libertad. Iris Guzmán Uribe, Eloísa del Carmen Campos Díaz, Alejandra Holzapfel Picarte, y Jesús Clara Tamblay Flores son otras testigos, sobrevivientes de la DINA, que vieron en Villa Grimaldi a María Teresa Bustillos Cereceda.

Su familia realizó múltiples gestiones y diligencias con el fin de dar con su paradero, pero ellas no dieron resultado alguno y aún desconocen la suerte que corrió en manos de la DINA. Su padre, delicado de salud, murió poco tiempo después que ocurriera su arresto.

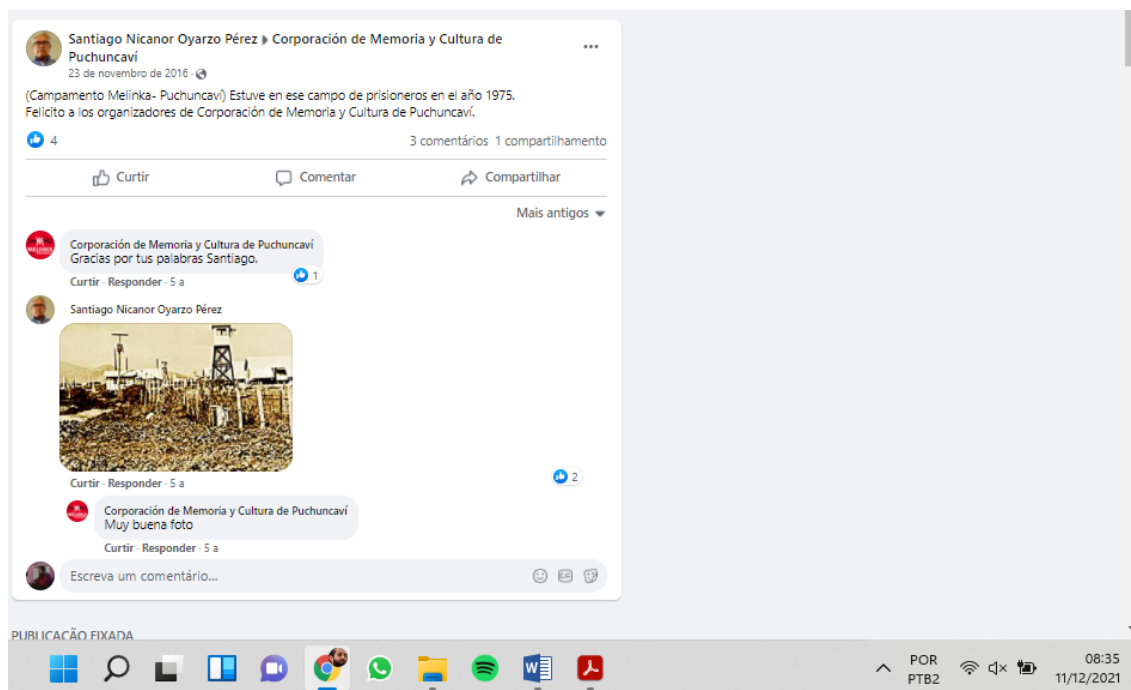
Su nombre figuró en una nómina de 119 chilenos que habrían muerto en el extranjero en manos de sus propios compañeros de lucha o en enfrentamientos con las Fuerzas Armadas Argentinas. Dicha nómina fueron dadas a conocer por las revistas LEA de Argentina y O'Dia de Brasil, publicaciones que editaron un solo número sin editor responsable y cuyas direcciones como pie de imprenta resultaron ser falsas. Los 119 nombres eran personas detenidas por los servicios de seguridad.

ANEXO 22 – PERFIL DE SANTIAGO PÉREZ OYARZO NO *FACEBOOK*, AINDA ATIVO EM DEZEMBRO DE 2021⁶⁸⁵



⁶⁸⁵ Cf. disponível em: < <https://www.facebook.com/people/Santiago-Nicanor-Oyarzo-P%C3%A9rez/1085372988> > .

ANEXO 23 – FOTOGRAFIA PUBLICADA POR SANTIAGO PÉREZ NO GRUPO DE FACEBOOK CORPORACIÓN DE MEMORIA Y CULTURA DE PUCHUNCAVÍ⁶⁸⁶



⁶⁸⁶ Cf. disponível em: < <https://www.facebook.com/MelinkaPuchuncavi/posts/562290373963499/> > .

ANEXO 24 – PERFIL DE JUAN CARLOS IDE PERELMAN DISPONÍVEL EM MEMORIA VIVA⁶⁸⁷

Perelman Ide Juan Carlos

Home / Detenid



Fecha Detención : 20-02-1975
Lugar Detención : Santiago

Edad : 31

Actividad Política : Movimiento de Izquierda Revolucionario (MIR)
Actividad : Ingeniero químico

Estado Civil e Hijos : Soltero
Nacionalidad : chileno

Relatos de Los Hechos

Categoría: Antecedentes del Caso

Rut.: 4.810.842

F. Nacim.: 07-01-44, 31 años a la fecha de su detención

Domicilio: Bilbao 2911, depto. F, Santiago

E. Civil: Soltero

Actividad: Ingeniero Químico, Economista; hasta 1973 se desempeñó en el Departamento de Inversiones de la CORFO

C.Repres: Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR)

F. Detenc. 20 de febrero de 1975

SITUACION REPRESIVA

Juan Carlos Perelman Ide, soltero, Ingeniero Químico, militante del MIR, fue detenido en las siguientes circunstancias: el 20 de febrero de 1975, a las 10:30 horas de la mañana, el afectado y Gladys Díaz -su novia- se encontraban en el departamento de calle Bilbao 2911, el que ocupaban desde hacía tan sólo 15 días. A esa hora, ocho individuos, vestidos de civil, armados

⁶⁸⁷ Cf. disponível em: < <https://memoriaviva.com/nuevaweb/detenidos-desaparecidos/desaparecidos-p/perelman-ide-juan-carlos/>> . Em virtude do escopo da pesquisa, os desdobramentos jurídicos e políticos do caso no contemporâneo foram aqui elididos e podem ser conhecidos através do link acima.

con metralletas y pertenecientes a la Dirección de Inteligencia Nacional (DINA) -uno de ellos mostró una especie de credencial en la que se leía "Dirección de Carabineros de Chile", diciendo que eran miembros de la DINA- se hicieron presentes en el domicilio. Preguntaron por él y exigieron la identificación al afectado y a Gladys Díaz, periodista y también militante del MIR.

Al enterarse los agentes de la presencia de Gladys Díaz Armijo -dijeron que ya la andaban buscando- hicieron subir al departamento a Lautaro Santiago Videla Moya, a quien traían detenido, el que les contó que la persona a la que andaban realmente buscando era a Jaime Reyes (dueño del departamento y amigo de Gladys Díaz). Enseguida, los agentes procedieron a vendarle la vista a Juan Carlos Perelman y a Gladys, los sacaron del departamento, los subieron a un vehículo y los trasladaron hasta Villa Grimaldi, recinto secreto de reclusión y tortura de la DINA. En este lugar el afectado permaneció hasta el 28 de febrero de 1975, fecha en que fue sacado con rumbo desconocido junto a otros detenidos, entre ellos Carmen Díaz, Iván Montti Cordero; Alan Bruce; Jaime Vilches; Hugo Daniel Ríos; Jaime Vásquez y Manuel Edgardo Cortez Joo. Todos ellos permanecen en calidad de detenidos desaparecidos. Cuando llevaron a Juan Carlos Perelman, Gladys Díaz -según lo testimonió en el Tribunal cuando aún se encontraba detenida en Tres Alamos- preguntó a los guardias a dónde se lo llevaban. Estos le respondieron que "algunos quedaban en libre plática y que otros eran llevados a Osorno". Respecto al significado más probable de la palabra Osorno, lo entrega el informe del Sr. Félix Ermacora, miembro de la Comisión Investigadora de la Situación de los Derechos Humanos en Chile, designada en 1980 por Naciones Unidas, en el cual se expresa que las destinaciones de los presos eran palabras en clave para indicar el futuro que esperaba a los detenidos. Así Puerto Montt significaba que se les eliminaría por tierra y Moneda que serían lanzados al mar. Además, la testigo señaló que desaparecieron de Villa Grimaldi, el 28 de febrero de 1975, las siguientes personas que permanecen desaparecidas hasta la fecha: Patricio Cerda Aparicio; Juan René Molina Mogollones; Sergio Lagos Marín y Rodrigo Ugas Morales.

Durante su permanencia en Villa Grimaldi el afectado fue visto por numerosos testigos. Gladys Díaz denunció haber sido violentamente torturada junto a Juan Carlos Perelman, obligando a ambos a presenciar los sufrimientos

aplicados al otro. Fueron sometidos a la "parrilla" (catre de fierro en el que seataba a la víctima desnuda para proceder a propinarle golpes de corriente en todo el cuerpo), golpes generalizados (a Juan Carlos le quebraron una costilla), inmersión en el agua, teléfono (fuerte golpe en los oídos), alimentación sin glucosa e insomnio organizado. Patricia Zúñiga -recluida a la fecha en Villa Grimaldi- declaró que el 26 de febrero de 1975, Gladys y Juan Carlos fueron llevados al sector conocido como "La Torre", lugar en que habían 6 celdas muy pequeñas (80 por 90 cm.) con puertas correderas de 50 cm. de alto, sin luz ni ventilación, junto a otros detenidos que también desaparecerían. Según la testigo, el afectado fue sacado de ahí el 28 de febrero junto a otros detenidos, con destino desconocido. Gladys Díaz estuvo 80 días incomunicada en Villa Grimaldi.

Por su parte, Rubén Fernando Aguilera -detenido en Villa Grimaldi en febrero de 1975- estuvo dos días, el 23 y el 24 de febrero, en la celda N°5 junto a Juan Carlos Perelman. Rosa Elvira Lizama declara que, cuando se encontraba en las "Casas- Chile"(celdas en donde había un camarote), ingresó al lugar el agente de la DINA Basclay Zapata a quien llamaban "El Troglodita", llevando a Gladys Díaz, la que ya había tenido dos paros cardíacos. Gladys le contó a la declarante que había sido detenida junto al afectado. Efectivamente en una oportunidad, Rosa Elvira Lizama vio a Juan Carlos Perelman, cuando éste entró a la pieza y saludó rápidamente a Gladys. Posteriormente, "El Troglodita" se llevó a Gladys. Otra detenida, Elena María Altieri -también recluida en Villa Grimaldi- vio a Juan Carlos Perelman alrededor del 24 de febrero de 1975 en una especie de fila para entrar al baño, logrando intercambiar con él algunas palabras. También el afectado fue visto por Oscar Hernán Angulo y Abelardo Clariana, Amalia Negrón Larré, Ingrid Zucarrat y Ricardo Froeden. Por su parte, Helen Zarour Atanacio declaró ante el Tribunal el 26 de enero de 1976, mientras se encontraba detenida. Dijo haber visto al detenido en Villa Grimaldi entre el 20 y el 24 de febrero de 1975, en dos oportunidades.

Simón Perelman -padre del afectado- señaló que al momento de la detención de Juan Carlos y de Gladys Díaz, desaparecieron los efectos personales de ambos y un furgón Citroën AK de propiedad del afectado. Además, agregó el testigo, en enero de 1975, dos individuos, que se hicieron

pasar por compañeros de la universidad de su hijo, concurrieron a su domicilio. El 20 de febrero, el día de la detención de la víctima, nuevamente dos individuos (uno de ellos ya se había presentado en enero) llegaron hasta una casa vecina. La madre de Juan Carlos escuchó cuando preguntaban por el afectado, sin embargo, los civiles se alejaron, sin dirigirse a ella.

En el mes de julio de 1975, se informó en dos oportunidades de la muerte del afectado, la que habría ocurrido en el extranjero. El 19 de julio de ese año, el Cónsul de Chile en Buenos Aires avisó telefónica y personalmente a Patricio Perelman -hermano de la víctima- que el cadáver de Juan Carlos había sido encontrado parcialmente carbonizado y con un balazo en la cabeza en Pilar, zona situada a 60 Kilómetros de Buenos Aires. La supuesta cédula de identidad del afectado la encontraron botada cerca del cuerpo de Juan Carlos. Familiares acudieron a Pilar para reconocer los restos. Sin embargo, constataron de inmediato que no se trataba del cuerpo de Juan Carlos. Peritajes posteriores confirmaron inequívocamente esta apreciación. El informe del doctor Gregorio J. Ferra, médico de la Policía de la Provincia de Buenos Aires, certificó que, por sus características físicas, el cadáver no correspondía al de Perelman. Por otra parte, el carnet estaba adulterado: contenía los datos de identidad de la víctima, pero la fotografía era de otra persona. Más aún, los análisis posteriores demostraron la adulteración de la firma y la no coincidencia de la huella digital de dicha cédula con la que constaba en el Pasaporte de Juan Carlos Perelman, el que había sido enviado desde Chile para los peritajes concernientes. El Comisario de la policía que atendió a Patricio Perelman en Argentina, le comentó que ellos sabían que se trataba de actuaciones de la Triple A (fuerza represiva argentina), que operaba en conjunto con la DINA.

Una semana antes, y en el mismo lugar, habían aparecido otros dos cadáveres carbonizados, de los que se dijo pertenecían a los detenidos desaparecidos chilenos: Jaime Robotham y Luis Alberto Guendelman. También, en estos casos, los cuerpos no correspondían a los de las víctimas.

También en julio de 1975, el nombre del afectado apareció incluido en la lista de 119 chilenos que presuntivamente habían muerto en enfrentamientos en el extranjero. Su nombre apareció en una nómina de 59 nombres en el diario "O'Dia" de Curitiba, Brasil, que fue publicado por única vez en esta oportunidad. La veracidad de este hecho jamás pudo ser comprobada, más

aún, ningún Gobierno, ni el chileno ni el argentino, lo ratificaron oficialmente. Otra publicación de similares características, la revista LEA de Argentina dio otros 60 nombres. Estas 119 personas habían sido detenidas entre los meses de junio de 1974 y febrero de 1975, y la mayoría de ellas vistas por testigos en recintos secretos de detención de la DINA. Todas se encuentran desaparecidos.

ANEXO 25 – PERFIL DE GLADYS DÍAS ARMIJO DISPONÍVEL EM *HEROÍNAS.NET*⁶⁸⁸

La periodista de radio y televisión, Gladys Díaz, nacida el 10 de julio de 1936, era una de las más conocidas personalidades del MIR. Después del golpe pasó a la clandestinidad y fue detenida el 20 de febrero de 1975 en Santiago, siendo torturada en un centro de detención secreto de la DINA. En esta primera fase de la detención, llamada “incomunicación”, los detenidos podían “desaparecer” en cualquier momento sin dejar rastro, porque las autoridades negaban tenerlos en su poder. Esta fase duraba el tiempo necesario para que los agentes de la DINA pudieran arrancarles información útil a los prisioneros, lo que podía variar desde un par de días hasta algunas semanas, pues después de este tiempo sus contactos en la clandestinidad eran advertidos y suspendían los encuentros secretos. Gladys Díaz estuvo incomunicada durante 80 días en el centro de torturas de Villa Grimaldi en Santiago.

El grupo Chile de Amnistía Internacional en Francfort del Meno (RFA1) y otros grupos de solidaridad denunciaron la situación que vivía Gladys Díaz. Uno de los recursos para detener la tortura y detención de un prisionero era conseguirle un puesto de trabajo en Alemania, lo que además era la condición para incorporar a esa persona en la iniciativa de acogida de los prisioneros políticos chilenos en la RFA. Gracias a la intermediación de Amnistía Internacional, Gladys Díaz recibió una oferta de trabajo de la “Fundación Cogestión” (Stiftung Mitbestimmung) de la Confederación de Sindicatos alemanes (DGB), que posteriormente sería la Fundación Hans-Böckler.

La embajada alemana en Santiago, a la cual se había enviado la oferta de trabajo, “estuvo facultada hasta marzo de 1976 para rechazar, sin consulta al gobierno alemán, las solicitudes de los miristas que buscaban ser incorporados en la iniciativa de acogida”, hecho que era totalmente desconocido para los grupos de solidaridad con Chile. La embajada rechazaba desde un principio a los militantes del MIR. Al parecer, la embajada se refiere a

⁶⁸⁸ Cf. disponível em: < <http://www.heroinas.net/2014/03/gladys-diaz-armijo.html> > . Em virtude do escopo da pesquisa, os desdobramentos jurídicos e políticos do caso no contemporâneo foram aqui elididos e podem ser conhecidos através do link acima.

esta selección previa cuando responde a Gladys Díaz: “por razones de seguridad” no existe “por el momento ninguna posibilidad de acogida en la República Federal de Alemania”. En la misma carta añade: la Fundación Cogestión, que había ofrecido un puesto de trabajo a Gladys Díaz para facilitar su acogida, debería “pedir información lo más detallada posible sobre el pasado de sus protegidos” a Amnistía Internacional (que impulsaba la iniciativa de acogida de la RFA para los prisioneros políticos chilenos junto a la Diakonischen Werk) y ofrecerle trabajo sólo a aquéllos que no representen un riesgo de seguridad. La embajada cataloga al MIR como una organización terrorista con más de 8.000 militantes durante el gobierno de Allende (carta de la embajada alemana al Ministerio de Relaciones Exteriores alemán del 14.5.1975, ZA (2)2 108.031).

En cambio, el Ministerio del Interior de la RFA estaba dispuesto a incluir en la iniciativa de acogida a los miristas detenidos y amenazados con la tortura y el asesinato y asumió la revisión de la seguridad. Hubo reuniones con el Ministro de Estado Hans-Jürgen Wischnewski y con el subsecretario adjunto Jürgen Schmude. Amnistía Internacional también abogó por Gladys Díaz ante el Ministerio del Interior. El Departamento 3 del Ministerio de Relaciones Exteriores apoyó los reparos de la embajada y una decisión en favor de la práctica anterior de no admitir el ingreso de miristas en la RFA. El resultado de las negociaciones fue que se realizaría una revisión caso a caso y que los miristas, a quienes se les otorgara el asilo, debían firmar una declaración y contar con una especie de garante en la RFA.

Johannes von Marré, consejero de legación en la Cancillería, revisaba durante los fines de semana “decenas de expedientes recopilando información sobre el MIR para Wischnewski, quien es repetidamente atacado por rechazar a los miristas (entre otros a Gladys Díaz)” (carta de la Cancillería a la Embajada alemana del 8.9.1975, ZA 100.786). El 27 de abril de 1976, cuando el ministro del Interior decidió autorizar el ingreso de Gladys Díaz, la embajada “recibió la noticia con sorpresa” y manifestó su temor de que se propagara el terrorismo internacional en la RFA (carta de la Embajada alemana a la Cancillería, del 31.5.1976, ZA 108.031). La extrañeza era recíproca, como lo sabe el autor por haber participado en ese entonces en las negociaciones con el Ministerio del Interior alemán. El Subsecretario adjunto Schmude consideraba que la

designación del embajador alemán en Santiago, Erich Strätling, había sido una mala elección. La DINA hacía “desaparecer” a sus detenidos sacándolos de sus centros de detención secretos y entregándolos a un comando de exterminio. Gladys Díaz fue sacada cinco veces desde el centro de detención en que se encontraba y, cada vez que eso sucedía, parecía que fuera a ser “desaparecida”. En esas ocasiones era trasladada durante horas o días a un lugar desconocido, donde no sucedía nada, y luego era devuelta al centro original. En una de esas situaciones es posible reconstruir lo ocurrido: un miembro del grupo Chile de Amnistía Internacional llamó a la embajada de Chile en Bonn y preguntó por la situación de Gladys Díaz. La respuesta fue que ella no estaba detenida. Amnistía Internacional inició inmediatamente una acción de envío de telegramas. En la DINA deben haber pensado que ciertos poderes supremos se habían conjurado en su contra y los agentes decidieron dar pie atrás y la devolvieron al centro original. Gladys Díaz se transformó en un caso emblemático. Una vez que ambos Estados comenzaron a negociar su liberación y la dictadura ya no la podía torturar, fue puesta en una celda junto a Luis Corvalán, el detenido más prominente del Partido Comunista, por cuya liberación también cursaba una campaña internacional.

Entre los “peticionarios” que abogaron por la liberación de Gladys Díaz frente al Ministerio de Relaciones Exteriores alemán se contaban el escritor Gerhard Zwerenz y su esposa Ingrid, la periodista berlinesa Vera Gasenow, los académicos Elmar Altvater, Klaus Knothe y Peter von Oertzen y la asociación de la iglesia protestante alemana Diakonische Werk.

Al igual que otros militantes detenidos del MIR, Gladys Díaz debió firmar una declaración en la que se comprometía “a abstenerse de realizar cualquier actividad política en la RFA que pudiera atentar contra el orden y la seguridad públicos o la formación de voluntad política u otros intereses importantes” de la RFA. Un pastor evangélico de Hamburgo actuó como garante. Sólo entonces fue trasladada desde la prisión hacia el aeropuerto, para volar desde allí a Hamburgo acompañada de su pequeño hijo.

Como pude constatarlo en una conversación con ella, no tenía prácticamente ningún conocimiento acerca de la RAF (Rote Armee Fraktion – Fracción Ejército Rojo³) y se mantuvo alejada de las presentaciones públicas y actividades políticas que pudieran afectar la política alemana. Para los miristas

exiliados en Alemania eran tabú los contactos con la RAF. Gladys Díaz permaneció poco tiempo en la RFA, viajó a Nicaragua y volvió a Chile tan pronto como le fue posible hacerlo. En la actualidad está finalizando estudios de sicología y sigue empeñada en la posibilidad de construir una sociedad mejor y más justa, sin militancia política.

ANEXO 26 – TABULAÇÃO DAS SÉRIES HISTÓRICAS LATINOBARÓMETRO

O Latinobarómetro é uma corporação de direito privado sem fins lucrativos com segue em Santiago, Chile, cujas pesquisas são valiosos subsídios de análise da realidade latino-americana⁶⁸⁹.



SÉRIES HISTÓRICAS DO LATINOBARÓMETRO - CHILE 1995-2018

TOTAL	1995	1996	1997	1998	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2013	2015	2016	2017	2018
Escala Izquierda-Derecha																					
Izquierda	3	4	3	0	4	5	4	2	1	2	2	2	2	3	2	1	2	3	9	3	1
1	3	3	2	4	1	3	3	2	4	3	2	2	5	3	2	3	3	3	5	1	3
2	5	5	5	5	4	4	4	5	4	3	5	4	4	4	5	5	5	7	4	6	6
3	8	8	8	9	8	9	8	7	6	8	9	10	9	7	9	8	8	8	7	10	7
4	9	9	10	11	8	10	6	6	5	7	8	9	8	9	9	11	5	10	8	9	6
5	24	20	24	31	31	31	27	26	24	26	25	28	22	27	25	23	22	16	20	15	19
6	6	5	9	6	5	4	5	4	4	7	6	7	6	6	5	5	4	6	7	8	8
7	5	3	4	6	5	7	3	4	3	2	4	5	4	5	6	5	6	4	5	4	9
8	4	4	4	5	5	3	6	5	3	5	3	4	5	3	4	4	3	4	2	2	4
9	2	2	2	4	2	2	3	4	3	2	1	2	1	1	1	2	1	1	1	2	3
Derecha	4	6	4	2	5	6	7	7	6	6	3	3	2	2	3	1	1	2	2	2	2
No sabe	3	7	2	1	2	1	2	2	1	1	3	4	4	3	5	4	4	2	0	2	2
No contesta	5	15	3	4	7	1	1	2	1	2	5	4	5	3	4	5	5	4	30	6	4
Ninguno	21	0	18	12	15	16	20	24	32	30	25	18	24	21	23	20	24	29	32	0	25
N	17946	969	921	1003	965	979	908	877	762	808	871	896	824	852	847	843	799	744	749	840	826
Media	4.8	4.9	4.8	4.8	5.2	4.9	5.1	5.1	5.2	5	5	4.8	4.9	4.7	4.7	4.9	4.7	4.5	4.1	4.4	5
Desviación típica	2.31	2.44	2.31	2.17	2.07	2.34	2.66	2.66	2.54	2.37	2.39	2.15	2.2	2.1	2.19	1.96	2.17	2.32	2.51	2.15	2.23
(N)	25194	1240	1200	1200	1183	1174	1196	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1201	1200
Satisfacción con la democracia																					
Muy satisfecho	4	5	3	6	4	6	4	3	4	3	7	4	4	5	10	5	3	5	2	5	3
Más bien satisfecho	32	28	24	31	28	27	19	24	29	37	35	38	33	35	43	52	29	35	38	28	39
No muy satisfecho	45	49	54	45	48	47	47	52	46	44	37	43	46	44	35	34	52	46	40	49	45
Nada satisfecho	14	14	15	15	17	16	24	16	18	12	14	11	14	16	7	6	13	10	13	20	19
No sabe	3	2	3	2	2	3	3	2	2	4	2	4	1	4	3	2	4	2	2	3	2
No contesta	1	1	1	0	1	1	3	1	0	1	1	2	0	0	1	1	1	2	3	1	0
(N)	25194	1240	1200	1200	1183	1174	1196	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1201	1200
Apoyo a la democracia																					
La democracia es preferible a cualquier otra forma de gobierno	50	52	54	61	53	54	45	50	57	59	56	46	51	59	63	61	63	65	53	55	58
En algunas circunstancias, un gobierno autoritario puede ser preferible	15	19	19	16	16	17	19	14	14	14	11	13	21	14	10	11	14	10	12	18	23
A la gente como uno, nos da lo mismo un régimen democrático que uno no democrático	25	25	23	20	29	26	28	30	32	26	25	26	29	30	25	22	22	21	17	25	15
No sabe	3	2	3	2	1	3	4	3	3	5	4	4	5	5	3	2	5	3	2	6	2
No contesta	1	2	1	1	1	1	4	1	1	1	1	1	0	1	0	1	4	1	0	2	2
(N)	25194	1240	1200	1200	1183	1174	1196	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1201	1200
Situación económica actual del país																					
Muy buena	1	0	1	1	0	1	0	0	0	0	1	2	1	1	1	0	4	2	0	1	0
Buena	17	16	14	18	6	7	3	8	9	15	21	25	23	17	21	25	15	30	22	11	20
Regular	50	53	51	50	44	47	36	47	44	50	50	51	52	48	58	58	49	48	56	49	56
Mala	27	24	27	26	38	38	41	34	39	29	22	20	19	28	17	15	30	16	18	34	15
Muy mala	6	5	7	5	11	7	20	11	9	6	5	2	3	7	3	1	5	2	2	5	1
No sabe	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1	1	1
No contesta	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
(N)	25194	1240	1200	1200	1183	1174	1196	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1201	1200
Preocupación de quedar sin trabajo dentro de los próximos doce meses																					
Muy preocupado	23	12	28	27	30	33	45	29	21	19	18	19	20	25	19	19	18	16	14	20	20
Preocupado	19	12	24	19	23	22	18	11	16	15	14	14	16	15	17	17	22	23	21	18	31
Poco preocupado	12	13	18	17	13	12	7	5	5	9	10	11	11	9	9	10	10	13	18	15	21
No está preocupado	9	15	24	16	8	12	10	5	4	5	7	8	7	6	5	7	7	10	9	15	8
No tiene trabajo	36	47	0	19	24	20	17	50	53	51	51	47	46	44	51	47	44	38	37	24	20
No sabe / No contesta	1	1	5	2	3	1	2	1	0	1	1	1	1	1	0	1	0	0	1	8	2
(N)	25194	1240	1200	1200	1183	1174	1196	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1201	1200
Grado de satisfacción con la vida																					
Muy satisfecho	17	11	13	19	24	17	22	24	17	11	19	11	19	17	13	16	19	22	20	13	13
Bastante satisfecho	46	33	20	44	46	45	46	46	47	52	48	49	53	49	53	49	49	49	45	50	50
No muy satisfecho	30	35	41	31	28	33	26	27	31	32	29	27	35	28	26	25	25	25	29	31	31
Para nada satisfecho	6	21	25	6	2	4	5	3	4	3	4	3	4	3	3	2	5	4	6	4	4
No sabe/no responde	1	0	0	1	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1
(N)	20358	1200	1183	1174	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1201	1200	1200

⁶⁸⁹ As pesquisas seguem disponíveis na íntegra no domínio <https://www.latinobarometro.org/lat.jsp>

TOTAL	[%152%] Chile										
	1995	1996	1997	1998	2000	2001	2003	2004	2005	2007	2009
Interés en política											
Muy interesado	5	5	3	5	6	4	3	5	6	4	5
Algo interesado	19	19	16	22	21	15	16	20	17	20	18
Poco interesado	30	30	34	32	27	27	30	30	29	25	33
Nada interesado	46	45	46	40	45	53	51	44	48	49	43
No sabe	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
No contesta	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0
(N)	15597	1240	1200	1200	1183	1174	1200	1200	1200	1200	1200

TOTAL	[%152%] Chile				
	1995	2002	2005	2008	2009
La democracia como solución a los problemas					
La democracia soluciona los problemas	46	48	43	49	45
La democracia no soluciona los problemas	44	46	46	42	45
No sabe	8	4	8	7	8
No contesta	2	2	3	2	2
(N)	6036	1240	1196	1200	1200

TOTAL	[%152%] Chile							
	1995	1996	2000	2003	2005	2009	2010	2011
Situación política actual								
Muy buena	1	3	0	0	0	1	0	0
Buena	15	19	12	15	11	18	16	22
Regular	50	45	55	57	49	46	50	45
Mala	24	22	23	21	29	25	22	17
Muy mala	6	6	6	4	5	7	4	3
No sabe	4	4	3	3	5	2	6	6
No contesta	1	2	1	1	1	1	1	1
(N)	9623	1240	1200	1183	1200	1200	1200	1200

TOTAL	[%152%] Chile					
	1995	1996	2000	2003	2005	2010
Situación política futura						
Mejor	20	18	12	35	15	15
Igual	59	60	68	50	61	60
Peor	13	15	14	8	16	15
No sabe	7	6	5	7	9	8
No contesta	1	1	1	1	0	2
(N)	7223	1240	1200	1183	1200	1200

TOTAL	[%152%] Chile									
	2000	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2013
Escala pobreza riqueza padres										
Más pobres	5	5	5	5	5	4	7	7	4	4
2	9	8	10	8	10	9	10	9	9	11
3	17	14	16	18	19	16	17	15	16	24
4	21	19	19	27	22	19	21	23	23	20
5	24	28	23	28	24	23	26	23	24	24
6	11	12	13	8	9	13	11	11	11	12
7	6	7	7	4	5	8	7	5	7	5
8	3	5	4	1	2	4	2	2	3	2
9	0	1	1	0	0	1	0	1	0	0
Más ricos	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0
No sabe	1	1	1	0	1	3	0	2	2	5
No contesta	1	1	0	0	1	3	2	1	1	3
No aplicable	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Ninguno	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
N	12784	1154	1184	1197	1174	1174	1177	1163	1162	1108
Media	4,3	4,5	4,4	4,1	4,1	4,3	4,2	4,3	4,3	4,3
Desviación típica	1,69	1,76	1,81	1,48	1,62	1,78	1,63	1,81	1,76	1,65
(N)	13183	1183	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200

TOTAL		[%152%] Chile									
		2000	2004	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2013	2018
Escala pobreza riqueza personal											
Más pobres	3	3	3	3	3	2	4	3	1	3	2
2	4	4	6	6	4	4	4	4	3	3	4
3	13	15	15	14	9	15	13	10	11	10	19
4	24	29	23	25	22	26	23	25	25	21	25
5	32	36	35	36	35	32	30	31	26	34	26
6	15	10	12	12	16	13	16	16	17	17	15
7	6	2	4	4	7	6	6	8	10	6	6
8	2	1	1	1	2	1	2	2	4	2	2
9	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0
Más ricas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
No sabe	1	0	0	0	1	0	0	1	1	1	0
No contesta	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1
Ninguno	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
N	11876	1175	1194	1195	1181	1192	1199	1192	1189	1170	1188
Media	4,6	4,3	4,4	4,4	4,7	4,5	4,6	4,8	4,9	4,7	4,5
Desviación típica	1,43	1,27	1,37	1,32	1,43	1,36	1,49	1,5	1,51	1,47	1,46
(N)	11983	1183	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200

TOTAL	[%152%] Chile															
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2013	2015	2016	2017	2018	
Aprobación de la gestión del gobierno que encabeza el Presidente																
Aprobaba	51	50	54	64	65	55	59	65	55	28	29	49	26	33	45	
No aprobaba	40	42	38	26	26	37	38	11	35	63	61	35	62	53	43	
No sabe	4	0	0	0	0	0	0	0	0	9	0	16	12	13	12	
No responde	5	8	9	9	9	7	5	5	10	0	10	0	0	0	0	
(N)	17997	1196	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1201	1200	

TOTAL	[%152%] Chile															
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2013	2015	2016	2017	2018	
Democracia puede tener problemas pero es el mejor sistema de gobierno - La frase de Churchill																
Muy de acuerdo	27	20	15	27	26	23	24	25	39	36	35	27	25	22	28	
De acuerdo	48	43	52	48	48	44	46	51	46	46	47	52	51	46	53	
En desacuerdo	14	19	20	15	13	17	19	21	14	7	6	11	15	17	12	
Muy en desacuerdo	3	4	4	2	1	3	3	2	1	2	1	3	2	5	2	
No sabe	2	0	0	0	0	0	0	0	0	8	0	7	6	10	6	
No responde	6	14	9	8	11	6	10	7	7	8	0	11	0	0	0	
(N)	17997	1196	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1201	1200	

	TOTAL															
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2013	2015	2016	2017	2018	
¿Usted y su familia han considerado seriamente vivir en el extranjero?																
Si	15	16	16	20	18	17	16	17	12	12	12	12	12	17	12	
No	84	84	84	79	81	82	83	82	87	88	86	87	88	83	88	
No sabe	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	
No responde	0	0	0	0	1	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	
(N)	17997	1196	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1201	1200	

TOTAL		2004	2005	2006	2007	2008	[%152%] Chile		2009	2010	2011	2013	2015	2016	2017	2018
País para todos o para los poderosos																
Grupos poderosos en su propio beneficio	71	70	65	68	73	71	54	60	73	75	76	88	82	74		
Para el bien de todo el pueblo	23	25	31	27	22	23	35	34	22	19	20	8	14	22		
No sabe, no responde	5	5	4	5	5	6	11	6	5	6	4	4	4	4		
(N)	15601	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1201	1200	

TOTAL		[%152%] Chile													
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2013	2015	2016	2017	2018		
Problema más importante en el país															
Bajos salarios	5	2	4	4	4	7	5	4	4	9	7	3	2	5	
Inestabilidad en el empleo	1	1	5	1	0	1	3	0	1	1	3	2	1	0	
Pobreza	6	11	6	7	9	4	5	8	5	5	2	4	4	1	
Mala Distribución del ingreso, injusticia social	5	0	4	7	11	4	3	6	5	7	4	2	4	3	
Desocupación/desempleo	15	29	23	22	11	12	22	18	10	9	8	7	12	10	
Inflación/aumento de precios	3	1	6	5	2	13	0	1	2	1	2	1	0	1	
Transporte	1	0	0	0	4	5	0	0	0	1	2	0	0	0	
Problemas energéticos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
La economía/problemas económicos/financieros	4	0	0	0	4	14	10	3	3	2	4	4	5	2	
Servicios básicos deficientes(agua, luz, etc.)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Problemas de educación	9	3	5	10	3	3	6	6	27	17	14	6	8	5	
Problemas de vivienda/habitación	0	0	0	0	0	0	1	0	2	1	0	1	0	0	
Problemas de la salud	7	6	5	7	4	3	6	8	7	9	11	8	6	5	
Problemas del medio ambiente	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	
Calentamiento global	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Contaminación	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	
Gas, combustible, escases, carestía.	0	3	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	
Falta de oportunidades para la juventud	1	1	1	0	0	1	1	1	0	0	1	0	0	0	
Violación de los derechos humanos,	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	
Falta de libertad de expresión	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Terrorismo/guerrilla	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Delincuencia/seguridad pública	24	20	26	22	30	15	24	19	21	22	17	30	24	40	
Violencia/pandillas	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	1	1	1	0	
Violencia intrafamiliar	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	
Violencia verbal	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Narcotráfico	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	1	2	
Consumo de drogas	3	4	4	3	3	3	4	6	3	3	3	1	2	2	
Discriminación racial	1	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	2	0	
Problemas limítrofes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Problemas con países vecinos	1	8	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Corrupción	3	1	2	1	3	1	1	1	0	1	3	10	10	5	
Situación política/problemas de la política	4	0	3	4	3	5	1	2	5	2	3	4	11	3	
Inmigrantes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	
Extranjeros	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Falta preocupación para la tercera edad	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	
Todo muy caro	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Mucha suciedad, falta de aseo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Problemas sociales	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	
Otros	4	4	3	4	6	3	2	7	0	6	12	11	0	2	
Ninguno	0	1	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	
No sabe	1	3	1	1	1	2	1	1	1	1	1	2	2	1	
No contesta	1	0	0	1	0	0	1	1	2	1	1	1	2	1	
(N)	15601	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1201	1200	

TOTAL		[%152%] Chile										
	2007	2008	2009	2010	2011	2013	2015	2016	2017	2018		
Es ud. Ciudadano												
Si	98	96	96	98	98	99	98	98	98	98		
No	2	2	3	1	1	1	2	2	2	1		
No sabe/No responde	1	1	1	0	1	0	1	0	0	1		
(N)	12001	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1200	1201	1200		

	TOTAL		[%152%] Chile			
		2013	2015	2016	2017	2018
Voto gobierno-oposición						
Votó por el partido en el gobierno	14	11	20	7	14	18
Votó por el partido de oposición	14	26	9	11	12	15
No sabe	15	0	0	0	75	0
No aplicable	57	63	71	82	0	67
(N)	6001	1200	1200	1200	1201	1200

	TOTAL	[%152%] Chile	
		2017	2018
¿Cree Ud. que su voto es secreto o los partidos y/o el gobierno pueden descubrir por quien votó UD.?			
Voto es secreto	67	67	66
Gobierno o partidos pueden averiguar	21	18	23
No sabe/No responde	12	14	10
(N)	2401	1201	1200

	TOTAL	[%152%] Chile	
		2017	2018
Valoración de la democracia en su país			
Una democracia plena	4	5	4
Una democracia con pequeños problemas	37	30	43
Una democracia con grandes problemas	42	43	41
No es una democracia	10	14	6
No entiendo lo que es una democracia	3	4	2
No sabe	3	2	3
No responde	1	1	1
(N)	2401	1201	1200